RIO DE JANEIRO -- 109, Rua d[illegible] Ouvidor

# Almanaque

# Brasileiro

## Garnier

PARA O ANNO DE

## 1912

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO

DE

JOÃO RIBEIRO

ANNO

X

# DROGARIA BERRINI

FUNDADA EM 1840

RIO DE JANEIRO

*Caixa do Correio N. 806*

# Freire Guimarães & C.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

de

**Drogas e Productos Chimicos dos mais acreditados fabricantes da Europa e Estados Unidos**

## 18, RUA DO HOSPICIO, 18

---

Rua da Quitanda, 90 e 92

***RIO DE JANEIRO***

# *Papelaria*

## HEITOR RIBEIRO & Ca

**Successores de Ribeiro, Macedo e C.**

***TELEPHONE 1664***

*Artigos para Escriptorio e Desenho, Papel e Livros em branco*

## IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

*Officinas de Typographia, Lithographia, Pautação e Encadernação*

64

FABRICAS :
Rua das Laranjeiras N.º 179
*Telephone N. 390*

# COMPANHIA
de
# FIAÇÃO E TECIDOS ALLIANÇA

DEPOSITO E ESCRIPTORIO :
Rua de S. Pedro Nº 41
*Telephone N. 78*

TECIDOS
de
ALGODAO
FINOS E TINTOS
***"MORIUS"***

ESPECIALIDADE
EM TECIDOS
MERCERISADOS

DIRECTORES :
***Jm C. de Olveira e Silva***
PRESIDENTE.
***A. L. Ferreira Chaves***
SECRETARIO.

Endereço Telegraphico :
**"SARPEDON"**

Caixa do Correio
**1094**
**RIO DE JANEIRO**

PREMIAD
com
MEDALHA de OURO
na
Exposição S. Luiz
1904

COM O
"GRANDE PREMIO"
na
Exposição Nacional
Brasileira de 1908

# "LE MESSAGER DE S. PAULO"
12e ANNÉE
**Organe défenseur des Intérêts Français dans l'Amérique du Sud**

Directeur-propriétaire
# E. HOLLENDER
Rua Senador Feijó, 27
**S. PAULO-BRASIL**

Prix de l'abonnement : **12$000 rs.**
Etranger : **24$000 rs.**

# GOTTA, CALCULOS, RHEUMATISMO

são **COMBATIDOS**

com bom **RESULTADO** pelos

**Saes de Lithina Effervescentes**

# LE PERDRIEL

*(Carbonato - Benzoato - Salicylato - Citrato - Glycerophosphato - Bromhydrato).*

---

Superior a todos os outros dissolventes do acido urico, pela sua acção curativa sobre a propria diathese arthritica.

O acido carbonico **NASCENTES** que d'elle se desenvolve e se combina molecularmente com a Lithina e assegura a efficacia d'esta.

*ESPECIFICAR o Nome* "**LE PERDRIEL**" *para evitar a substituição de similares inactivos, impuros ou mal dosados.*

## LE PERDRIEL, 11, Rue Milton, PARIS

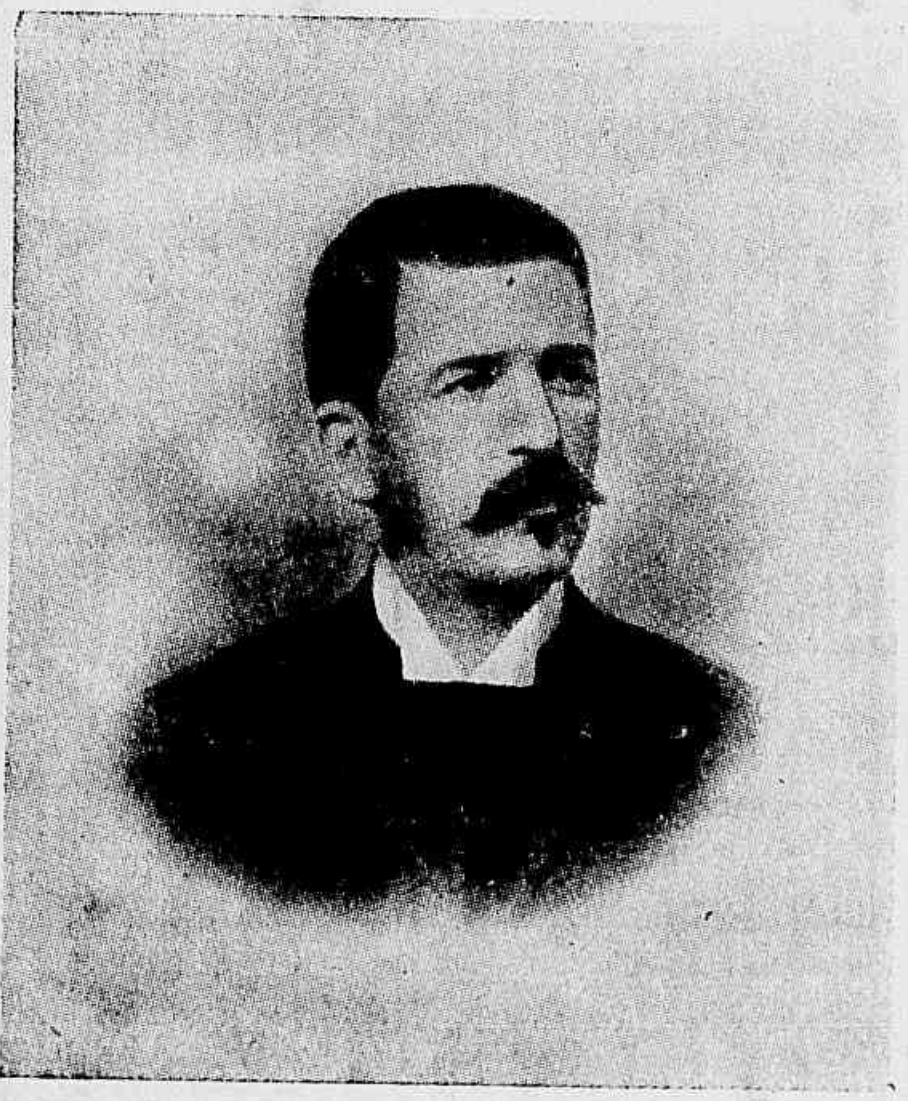
**E TODAS AS PHARMACIAS**

BIBLIOTHECA NACIONAL RIO DE JANEIRO

O Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca nasceu no R. G. do Sul a 12 de maio de 1855, sendo filho do general Hermes Ernesto da Fonseca. Sentou praça em 1871. Em 1873 era segundo-tenente. Em 1878, concluiu o curso de artilheria. Promovido a capitão em 1881, em 1890 a major por serviços militares relevantes foi a sua carreira desde então das mais brilhantes. Em 1902 teve a medalha de ouro militar. En 1903, foi chefe de policia e commandou e reformou radicalmente a Brigada policial de modo memoravel; dahi saiu para dirigir a Escola do Realengo onde prestou grandes serviços. No governo do Dr Rodrigues Alves foi chamado a commandar o 4.º districto militar onde confirmou as suas grandes qualidades de administrador e de soldado fazendo mobilizar e movimentar um corpo do exercito em exercicios e manobras, salutares deveres n'aquelle tempo esquecidos. O Dr Affonso Penna chamou-o para seu Ministro da Guerra, em cujo governo reorganizou o exercito, a convite do Imperador Guilherme assistiu ás manobras do exercito allemão, e n'essa occasião recebeu provas de apreço que muito honram o nome brazileiro. Voltou ainda á Europa em 1910 quando eleito Presidente da Republica no quadriennio actual de 1910-1914.

Marechal Hermes da Fonseca.
Presidente da Republica (1910-1914).

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R. 5185 52



Dr. Wenceslau Braz.
Vice-Presidente da Republica (1910-1914).

O doutor Wenceslau Braz, então presidente do Estado de Minas-Geraes, foi indicado pela convenção de 22 de maio de 1909 para Vice-Presidente e foi eleito por maioria na eleição de 1.º de março de 1910. Nasceu am Itajubá em 1868. Depois de curso brilhante tomou o grao de bacharel em São Paulo em 1890. Foi magistrado, deputado estadual, secretario do interior de estado de Minas (1898), deputado federal e *leader* da maioria sob o governo de Rodrigues Alves, distinguindo-se como parlamentar notavel. Foi afinal chamado a presidir o grande Estado de Minas Geraes.

# Importadores de Carvão CARDIFF

*e outras qualidades,*

Coke e ferro guza para fundição

# BELMIRO RODRIGUES & C.

DEPOSITOS

AVENIDA DO MANGUE

ILHA DE POMBEBA

MORRO DA VIUVA (Avenida Beira Mar)

## TELEPHONES

*ESCRIPTORIO 106 — DEPOSITO 1321*

ESCRIPTORIO

69, RUA 1° DE MARÇO, 69

**Endereço Telegraphico — BELMIRO @ Caixa do Correio 752**

RIO DE JANEIRO

# O ANNO DE 1912

Anno de 1912 dos Calendarios Juliano e Gregoriano começando o Juliano a 14 de Janeiro.

6625 do periodo Juliano.

5672 da era hebraica, começa a 9 de Setembro de 1910 e o anno 5672 começa a 26 de Setembro de 1911.

2635 da fundação de Roma, segundo Varrão.

1329 da héjira, calendario Turco, começa a 14 de Fevereiro de 1910 e o anno 1329 começa a 4 de Fevereiro de 1911.

120 do calendario republicano francez, começa a 24 de Setembro de 1910 e o anno 120 começa a 23 de Setembro de 1911.

48 de 76º cyclo do calendario chinez, começa a 13 de Fevereiro de 1910, e o anno 48 começa 2 de Fevereiro de 1911.

23º ánno da Proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

24º da extincção da escravidão do Brasil.

90º da Independencia Nacional.

410º do descobrimento do Rio de Janeiro.

412º do descobrimento do Brasil.

420º do descobrimento da America.

## Computo ecclesiastico.

| | |
|---|---|
| Aureo numero | 13 |
| Epacta | XI |
| Indicção | 10 |
| Letra dominical | GF |
| Cyclo solar | 17 |

## Temporas

11, 13 e 14 de Março.
10, 12 e 13 de Junho.
16, 18 e 19 de Setembro.
16, 18 e 19 de Dezembro.

## Festas religiosas moveis.

| | |
|---|---|
| Cinzas | 21 Fev. |
| Domingo de Paschoa | 7 Abril |
| Ascensão | 16 Maio |
| Espirito-Sancto | 26 Maio |
| Trindade | 2 Junho |
| Corpo de Deus | 6 Junho |
| Domingo do Advento | 1º Dez. |

## Festas religiosas fixas.

| | | |
|---|---|---|
| 1º Jan. | — | Circ. de N.-S. |
| 6 » | — | Epiphania (Reis). |
| 20 » | — | S. Sebastião (no arceb. do Rio de Janeiro). |
| 25 Jan. | — | Conv. de S. Paulo (no bisp. de S. Paulo). |
| 2 Fev. | — | Purificação de N.ª S.ª. |
| 25 Mar. | — | Annunciação de N.ª S.ª. |
| 24 Jun. | — | S. João Baptista. |
| 29 » | — | S. Pedro e S. Paulo. |
| 15 Ag. | — | Assumpção de N.ª S.ª. |
| 8 Set. | — | Natividade de N.ª S.ª. |
| 1º Nov. | — | Todos os Sanctos. |
| 2 Nov. | — | Finados. |
| 8 Dez. | — | Immaculada Conceição de N.ª S.ª. |
| 25 » | — | Nascimento de N. S. Jesus Christo. |

## ECLIPSES EM 1912

**Haverá** em 1912 3 eclipses dos quaes 2 serão do Sol e um será Lunar. O primeiro eclipse do Sol occorrerá em 17 de Abril e será visivel no Brasil do Estado de S. Paulo para o norte, elle será total no Rio-de-Janeiro e será visivel ás seguintes horas :

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1º Contacto exterior | 6 h. 20' 01'' | a. m. | T. M. do Rio. |
| Phase principal | 6 h. 46' 17'' | » | » |
| 2º Contacto exterior | 7 h. 13' 26'' | » | » |

O outro eclipse do Sol será em 10 de Outubro e tambem total, sendo visivel em todo o Brasil; as horas das diversas circumstancias d'esse eclipse serão para o Rio-de-Janeiro as seguintes :

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1º Contacto exterior | 9 h. 02' 05'' | a. m. | T. M. do Rio. |
| Phase principal | 10 h. 27' 56'' | » | » |
| 2º Contacto exterior | 11 h. 54' 38'' | » | » |

O eclipse da Lua não é visivel no Brasil.

## FESTAS NACIONAES BRASILEIRAS

**1º Jan.** — Confraternização da humanidade.
**24 Fever.** — Promulgação da Constituição federal, em 1891.
**21 Abril** — Execução de Tiradentes, em 1792.
**3 Maio** — Descobrimento do Brasil, em 1500.
**13 Maio** — Extincção da escravatura, em 1888.
**14 Julho** — Commemoração da Republica, da liberdade e da independencia dos povos americanos.
**7 Set.** — Independencia do Brasil, em 1822.
**12 Out.** — Descobrimento da America, em 1492.
**2 Nov.** — Commemoração geral dos mortos.
**15 Nov.** — Proclamação da Republica, em 1889.

## FESTAS ESTADUAES

| | | |
|---|---|---|
| **Amazonas** | 13 Mar. | — Promulgação da Constituição estadual. |
| | 1º Jul. | — Installação do Congresso Constituinte. |
| | 10 Jul. | — Libertação dos escravos. |
| | 5 Set. | — Creação da provincia do Amazonas. |
| | 21 Nov. | — Adhesão á Republica. |
| **Pará** | 22 Jun. | — Promulgação da Constituição estadual. |
| | 15 Ag. | — Adhesão á independencia (1823). |
| | 16 Nov. | — Adhesão á Republica. |

| | | | |
|---|---|---|---|
| Maranhão | — 28 Jul. | — | Promulgação da Constituição estadual. |
| | 18 Nov. | — | Adhesão á Republica. |
| Piauhi | — 24 Jan. | — | Adhesão á independencia do Brasil em 1823. |
| | 13 Jun. | — | Promulgação da Constituição estadual. |
| Ceará | — 25 Mar. | — | Redempção dos captivos no Ceará. |
| | 12 Jul. | — | Promulgação da Constituição estadual. |
| | 16 Nov. | — | Adhesão á Republica. |
| R. G. Norte | — 19 Mar. | — | Installação do governo republicano em 1817. |
| | 7 Abril | — | Promulgação da Constituição estadual. |
| | 12 Jun. | — | Execução do frei Miguelinho, em 1817. |
| Parahiba | — 20 Jul. | — | Promulgação da Constituição estadual. |
| | 5 Ag. | — | N. Sra. das Neves, padroeira do Estado. |
| Pernambuco | — 27 Jan. | — | Restauração de Pernambuco do dominio hollandez, 1654. |
| | 6 Mar. | — | Revolução republicana de 1817. |
| | 17 Jun. | — | Promulgação da Constituição estadual. |
| | 24 Jul. | — | Proclamação da republica do Equador, em 1824. |
| | 10 Nov. | — | 1º brado da republica por Bernardo V. de Mello, 1710. |
| Alagôas | — 15 Mar. | — | Installação da 1ª assembléa provincial. |
| | 11 Jun. | — | Promulgação da Constituição estadual. |
| | 16 Sept. | — | Creação da provincia de Alagôas. |
| Sergipe | — 18 Maio | — | Promulgação da Constituição estadual. |
| Bahia | — 2 Jul. | — | » » » |
| | 7 Nov. | — | Revolução de 1837 (Sabinada). |
| Esp.-Sancto | — 2 Maio | — | Promulgação da Constituição do Estado. |
| | 23 Maio | — | Povoamento do territorio do Estado. |
| | 12 Jun. | — | Execução de Domingos José Martins, em 1817. |
| | 25 Ag. | — | Festa de N. Sra. da Penha. |
| | 25 Dez. | — | Natal. |
| R. Janeiro | — 9 Abril | — | Promulgação da Constituição estadual. |
| Dist. Feder. | — 20 Jan. | — | Fundação da cidade do Rio de Janeiro. |
| | 20 Set. | — | Lei organica municipal. |
| S. Paulo | — 25 Jan. | — | Fundação da capital. |
| | — 8 Jul. | — | Installação do Congresso Constituinte. |
| | 14 Jul. | — | Promulgação da Constituição estadual. |
| | 15 Dez. | — | Restauração da legalidade. |

| | | | |
|---|---|---|---|
| **Paraná** | — | 7 Abril | — Promulgação da Constituição estadual. |
| | | 19 Dez. | — Installação da provincia em 1853. |
| **S. Catharina** | — | 11 Jun. | — Promulgação da Constituição estadual. |
| | | 17 Nov. | — Adhesão á Republica. |
| **R. G. do Sul** | — | 14 Jul. | — Promulgação da Constituição estadual. |
| | | 20 Set. | — Revolução de 1835. |
| **Minas** | — | 15 Jun. | — Promulgação da Constituição estadual. |
| **Goiaz** | — | 1° Jun. | — » » » |
| | | 13 Jul. | — Reforma constitucional. |
| | | 16 Dez. | — Adhesão á independencia. |
| **Mat. Grosso** | — | 15 Ag. | — Promulgação da Constituição estadual. |
| | | 9 Dez. | — Adhesão á Republica. |

## FESTAS NACIONAES DOS PRINCIPAES PAIZES ESTRANGEIROS

| | |
|---|---|
| **Allemanha** | — 27 Jan. (ann. natalicio do imperador); 2 Set. (ann. de Sédan). |
| **Argentina (Rep.)** | — 25 Maio (dia da Constituição); 9 Jul. (juramento da Constituição). |
| **Austria-Hungria** | — 18 Ag. (ann. natal. do imperador). |
| **Belgica** | — 21, 22 e 23 Jun. (ann. da ascenção de Leopoldo I ao throno e da proclamação da independencia). |
| **Bolivia** | — 6 Ag. (primeiro Congresso — 1825, — e proclamação da independencia). |
| **Chile** | — 18 Set. (proclamação da independencia). |
| **China** | — Anno Bom — O deus da cozinha (7 dias antes de Anno Bom) — Festas das lanternas (15 do 1° mez) — Festa dos dragões (5 do 5° mez) — Festa do outomno (15 do 8° mez). |
| **Colombia** | — 27 Jul. (independencia); 28 Out. (ann. de Bolivar). |
| **Costa-Rica** | — 15 Set. (independencia); 12 Out. (descobrimento da America). |
| **Dinamarca** | — 8 Abr. (ann. natal. do rei); 5 Jun. (Constituição — 1849). |
| **Equador** | — 10 Ag. (independencia); 9 Out. (independencia de Guaiaquil). |

| | |
|---|---|
| Estados-Unidos | — 22 Fev. (ann. natal. de Washington); 4 Março (posse do presidente, de 4 em 4 annos); 30 Maio (decoração dos tumulos); 4 Jul. (independencia); 1ª segunda-feira de Set. *(labor-day);* um dia de Nov. (acção de graças). |
| França | — 14 Jul. (tomada da Bastilha). |
| Grã-Bretanha | — 3 Junho (ann. natal. de Jorge V). |
| Grecia | — 25 Março/6 Abr. (independencia). |
| Guatemala | — 15 Março (posse do presidente); 30 Jun. (revolução liberal); 15 Sept. (independencia). |
| Haiti | — 1 Jan. (independencia); 1 Maio (Festa da lavoura). |
| Hespanha | — 2 Maio (ann. de 1808); 17 Maio (ann. natal. de Affonso XIII); 21 Jul. (ann. natal. da rainha Maria Christina); 12 Out. (ann. do descobrimento da America). |
| Honduras | — 15 Set. (independencia — 1821). |
| Italia | — 1º domingo de Jun. (dia da Constituição); 20 Sept. (entrada das tropas em Roma); 11 Nov. (ann. natal. de Victor-Manuel III). |
| Japão | — 11 Fev. (ascensão ao throno do primeiro imperador Jimmu); 3 Nov. (ann. natal. do imperador Mutsuhito). |
| Mexico | — 5 Fev. (publicação da Constituição); 5 Maio (ann. da batalha de Puebla); 16 Set. (independencia — 1810). |
| Montenegro | — 23 Abr./6 Maio (festa de S. Jorge); 25 Set./8 Out. (ann. natal. do principe Nicolau). |
| Nicaragua | — 11 Jun. (começo da guerra civil — 1893); 15 Sept. (proclamação da independencia). |
| Noruega | — 3 Ag. (ann. nat. do rei). |
| Paizes-Baixos | — 31 Ag. (ann. natal. da rainha); 2 Ag. (ann. natal. da rainha-mãe). |
| Paraguay | — 15 Maio. (dia da independencia); 25 Nov. (dia da Constituição). |
| Perú | — 28 Jul. (ann. da independencia — 1821). |
| Portugal | — 5 Out. (proclamação da Republica). |
| Rumania | — 14/27 Março. (ann. da proclamação do reino); 10/23 Maio (ann. da corôação do rei Carlos). |

| | |
|---|---|
| **Russia** | — 6/19 Maio (ann. natal. do imperador); 14 Maio (ann. da sagração do soberano); 25 Maio. (ann. da sagração do soberano); 25 Maio Out. (ascensão ao throno do imperador Nicolau). |
| **Salvador** | — 29 Abr. (ann. da revolução de Gutierrez — 1894); 15 Set. (ann. da independencia — 1821). |
| **São Marinho** | — 5 Fev. (independencia); 3 Sept. (festa de S. Marino, padroeiro da Republica). |
| **Serbia** | — 15/28 Jul. (festa commemorativa dos guerreiros mortos pela Fé e pela Patria). |
| Suecia | — 16 Junho (ann. natal. do rei). |
| **Suissa** | — O 3° domingo de Setembro (dia da prece publica). |
| **Turquia** | — 16 Chaban (8 Dez., ann. natal. do sultão); 1 Moharram (30 Abr., festa de Anno Bom); 11 Djumadi-el-auual (31 Ag., ann. natal. do principe). |
| Uruguay | — 3 Fev. (ann. da batalha de Montecaseros); 18 Jul. (juramento da Constituição; 25 Ag. (proclamação da independencia da Republica). |
| Venezuela | — 5 Jul. (ann. da independencia). |

## FESTAS OFFICIAES OBSERVADAS NAS LEGAÇÕES E NOS CONSULADOS ESTRANGEIROS

| | | |
|---|---|---|
| Jan. | 21 | — Suecia — Anniversario do rei Oscar II. |
| » | 27 | — Allemanha — Anniversario do imperador Guilherme II. |
| Fev. | 7 | — Rep. de S. Domingos — Anniversario da independencia. |
| Abril | 6 | — Grecia — Anniversario da independencia. |
| » | 8 | — Dinamarca — Anniversario do rei Christiano IX. |
| » | 8 | — Belgica — Anniversario do rei Alberto I. |
| Maio | 15 | — Paraguay — Anniversario da independencia. |
| » | 17 | — Hespanha — Anniversario do rei Affonso XIII. |
| » | 19 | — Russia — Anniversario do tsar Nicolau II. |
| » | 25 | — Rep. Argentina — Anniversario da independencia. |
| Junho | 3 | — Grã-Bretanha — Anniversario do rei Jorge V. |

Julho 4 — E. U. da America do Norte — Anniversario da independencia.
» 5 — Venezuela — Anniversario da independencia.
» 14 — França — Festa nacional da Republica.
» 27 — Colombia — Anniversario da independencia.
» 28 — Perú — Idem.
Agosto 1 — Suissa — Anniversario da fundação da Confederação.
» 6 — Bolivia — Anniversario da independencia.
» 10 — Equador — Idem.
» 18 — Austria-Hungria — Anniversario do imperador Francisco José.
» 25 — Uruguay — Anniversario da independencia.
» 31 — Hollanda — Anniversario da rainha Guilhermina.
Set. 18 — Chile — Anniversario da independencia.
Out. 5 — Portugal — Anniversario da Republica.
Nov. 11 — Italia — Anniversario do rei Victor Manuel III.

## Bençãos matrimoniaes

Prohibem-se as bençãos matrimoniaes desde quarta-feira de Cinzas até ao primeiro domingo depois da Paschoa, e desde o primeiro domingo do Advento até ao dia de Reis.

## Ferias forenses

Além dos domingos e dias de festa nacional, são feriados na Justiça Federal e no Districto Federal os dias 1º de Fevereiro a 31 de Março.

Antiga Casa MOREIRA

JOALHERIA, RELOJOARIA E BRONZES

Casa de compras em Paris
RUE DE PROVENCE, 51

Importação Directa

Oscar Machado

RUA DO OUVIDOR 101 E 103

*Antigo 67 e 67 A*
Canto da Travessa do Ouvidor

*Endereço Telegraphico*
"AGEMO"
RIO DE JANEIRO

# COMPREM

ROUPAS E ARTIGOS PARA HOMENS

na Casa

# Carnaval de Venise

*136, Rua do Ouvidor*

RIO DE JANEIRO


# Agencia Financial de Portugal

**RUA GENERAL CAMARA**

Sobre-loja do edificio da

**Associação Commercial do Rio de Janeiro**

*CAIXA POSTAL* :
**N. 818**

*Endereço Telegraphico* :
« **FINANCIAL** »

Continúa aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel, nos termos da legislação vigente; e bem assim a emmissão de

## Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL, (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ), em todas as capitaes de districto e nas sédes dos concelhos no continente e ilhas adjacentes.

O AGENTE FINANCEIRO

**ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS**

# Commissão em Livraria

## PARA O ESTRANGEIRO

# H. MELLIER

2, Rue Mignon (7, Rue Danton)

## * PARIS *

(VI^e ARRONDISSEMENT)

SERVIÇO RAPIDO

DE

TODAS AS OBRAS

FRANCEZAS E ESTRANGEIRAS

ASSIGNATURAS EM

TODOS OS JORNAES E PERIODICOS

## CORRESPONDENTES

*em*

***todos os grandes centros da America do Sul***

# CALENDARIO PERPETUO

**Válido desde sexta-feira 15 de Outubro de 1582 até domingo 31 de Dezembro de 2000**

O quadro AA indica os *seculos*. Os quadros CC: os *annos correntes*, de 1 a 50 á esquerda, e de 51 a 100 á direita. Assim, para termos 1926, tomamos 1900, em AA, e 26 na 5.ª columna do quadro C. Seguindo perpendicularmente a columna que contém 1900 e horizontalmente a que contém 26, vamos encontrar, no quadro B, e na interseçcão d'ellas, a letra R. Querendo saber que dia da semana será 25 de Maio de 1926, procure-se, no quadro de Maio, o numero 25, e siga-se horizontalmente a columna até ao encontro da columna vertical R, no quadro emmoldurado de preto, e encimado pelo nome de **Christo**. Na intersecção destas duas columnas encontra-se a designação 3.ª, que quer dizer *terça-feira*. O dia 25 de Maio de 1926 será, por conseguinte, terça-feira.

Para os annos bissextos, as letras do quadro B não servem senão a partir do 1º de Março. Para Janeiro e Fevereiro, toma-se a letra á direita da que é encontrada pelo methodo que fica dito. Exemplo: «Achar o dia, que corresponde a 12 de Fevereiro do 1896».

O quadro B dá a letra I na intersecção da columna vertical 1800 com a columna horizontal 96. Como o anno é bissexto, e o mez o de Fevereiro, entrar-se-ha no quadro **Christo** com a letra S, que fica immediatamente á direita. E assim, achar-se-ha, que o dia 12 de Fevereiro de 1896 foi uma *quarta-feira*.

| A | = SECULOS = | | | | | A |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1600 | — | 1700 | — B | 1800 | — | 1900 1500 |
| C | H | R | I | S | T | O |
| O | C | H | R | I | S | T |
| T | O | C | H | R | I | S |
| S | T | O | C | H | R | I |
| I | S | T | O | C | H | R |
| R | I | S | T | O | C | H |
| H | R | I | S | T | O | C |

| C | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 6 | — | 17 | 23 | 28 | 34 | — | 45 |
| — | 7 | 12 | 18 | — | 29 | 35 | 40 | 46 |
| 2 | — | 13 | 19 | 24 | 30 | — | 41 | 47 |
| 3 | 8 | 14 | — | 25 | 31 | 36 | 42 | — |
| — | 9 | 15 | 20 | 26 | — | 37 | 43 | 48 |
| 4 | 10 | — | 21 | 27 | 32 | 38 | — | 49 |
| 5 | 11 | 16 | 22 | — | 33 | 39 | 44 | 50 |
| — | — | — | — | — | — | — | — | — |
| 51 | 56 | 62 | — | 73 | 79 | 84 | 90 | C |
| — | 57 | 63 | 68 | 74 | — | 85 | 91 | 96 |
| 52 | 58 | — | 69 | 75 | 80 | 86 | — | 97 |
| 53 | 59 | 64 | 70 | — | 81 | 87 | 92 | 98 |
| 54 | — | 65 | 1 | 76 | 82 | — | 93 | 99 |
| 55 | 60 | 66 | — | 77 | 83 | 88 | 94 | — |
| — | 61 | 67 | 72 | 78 | — | 99 | 95 | 100 |

| JANEIRO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |
| 2 | 9 | 16 | 23 | 30 |
| 3 | 10 | 17 | 24 | 31 |
| 4 | 11 | 18 | 25 | — |
| 5 | 12 | 19 | 26 | — |
| 6 | 13 | 20 | 27 | — |
| 7 | 14 | 21 | 28 | — |

| FEVEREIRO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| — | 5 | 12 | 19 | 26 |
| — | 6 | 13 | 20 | 27 |
| — | 7 | 14 | 21 | 28 |
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |
| 2 | 9 | 16 | 23 | — |
| 3 | 10 | 17 | 24 | — |
| 4 | 11 | 18 | 25 | — |

| C | H | R | I | S | T | O |
|---|---|---|---|---|---|---|
| D | S | 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª |
| 2.ª | D | S | 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª |
| 3.ª | 2.ª | D | S | 6.ª | 5.ª | 4.ª |
| 4.ª | 3.ª | 2.ª | D | S | 6.ª | 5.ª |
| 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª | D | S | 6.ª |
| 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª | D | S |
| S | 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª | D |

| MARÇO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| — | 5 | 12 | 19 | 26 |
| — | 6 | 13 | 20 | 27 |
| — | 7 | 14 | 21 | 28 |
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |
| 2 | 9 | 16 | 23 | 30 |
| 3 | 10 | 17 | 24 | 31 |
| 4 | 11 | 18 | 25 | — |

| ABRIL | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 30 | 2 | 9 | 16 | 23 |
| — | 3 | 10 | 17 | 24 |
| — | 4 | 11 | 18 | 25 |
| — | 5 | 12 | 19 | 26 |
| — | 6 | 13 | 20 | 27 |
| — | 7 | 14 | 21 | 28 |
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |

| MAIO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| — | 7 | 14 | 21 | 28 |
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |
| 2 | 9 | 16 | 23 | 30 |
| 3 | 10 | 17 | 24 | 31 |
| 4 | 11 | 18 | 25 | — |
| 5 | 12 | 19 | 26 | — |
| 6 | 13 | 20 | 27 | — |

| JUNHO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| — | 4 | 11 | 18 | 25 |
| — | 5 | 12 | 19 | 26 |
| — | 6 | 13 | 20 | 27 |
| — | 7 | 14 | 21 | 28 |
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |
| 2 | 9 | 16 | 23 | 30 |
| 3 | 10 | 17 | 24 | — |

| C | H | R | I | S | T | O |
|---|---|---|---|---|---|---|
| D | S | 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª |
| 2.ª | D | S | 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª |
| 3.ª | 2.ª | D | S | 6.ª | 5.ª | 4.ª |
| 4.ª | 3.ª | 2.ª | D | S | 6.ª | 5.ª |
| 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª | D | S | 6.ª |
| 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª | D | S |
| S | 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª | D |

| JULHO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 30 | 2 | 9 | 16 | 23 |
| 31 | 3 | 10 | 17 | 24 |
| — | 4 | 11 | 18 | 25 |
| — | 5 | 12 | 19 | 26 |
| — | 6 | 13 | 20 | 27 |
| — | 7 | 14 | 21 | 28 |
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |

| AGOSTO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| — | 6 | 13 | 20 | 27 |
| — | 7 | 14 | 21 | 28 |
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |
| 2 | 9 | 16 | 23 | 30 |
| 3 | 10 | 17 | 24 | 31 |
| 4 | 11 | 18 | 25 | — |
| 5 | 12 | 19 | 26 | — |

| SETEMBRO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| — | 3 | 10 | 17 | 24 |
| — | 4 | 11 | 18 | 25 |
| — | 5 | 12 | 19 | 26 |
| — | 6 | 13 | 20 | 27 |
| — | 7 | 14 | 21 | 28 |
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |
| 2 | 9 | 16 | 23 | 30 |

| OUTUBRO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |
| 2 | 9 | 16 | 23 | 30 |
| 3 | 10 | 17 | 24 | 31 |
| 4 | 11 | 18 | 25 | — |
| 5 | 12 | 19 | 26 | — |
| 6 | 13 | 20 | 27 | — |
| 7 | 14 | 21 | 28 | — |

| C | H | R | I | S | T | O |
|---|---|---|---|---|---|---|
| D | S | 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª |
| 2.ª | D | S | 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª |
| 3.ª | 2.ª | D | S | 6.ª | 5.ª | 4.ª |
| 4.ª | 3.ª | 2.ª | D | S | 6.ª | 5.ª |
| 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª | D | S | 6.ª |
| 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª | D | S |
| S | 6.ª | 5.ª | 4.ª | 3.ª | 2.ª | D |

| NOVEMBRO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| — | 5 | 12 | 19 | 26 |
| — | 6 | 13 | 20 | 27 |
| — | 7 | 14 | 21 | 28 |
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |
| 2 | 9 | 16 | 23 | 30 |
| 3 | 10 | 17 | 24 | — |
| 4 | 11 | 18 | 25 | — |

| DEZEMBRO | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 31 | 3 | 10 | 17 | 24 |
| — | 4 | 11 | 18 | 25 |
| — | 5 | 12 | 19 | 26 |
| — | 6 | 13 | 20 | 27 |
| — | 7 | 14 | 21 | 28 |
| 1 | 8 | 15 | 22 | 29 |
| 2 | 9 | 16 | 23 | 30 |

# JANEIRO — 31 dias

**1. SEGUNDA-FEIRA** Circumcisão — *Festa nacional consagrada á confraternisação dos povos.*

1874 — Inauguração do cabo electrico submarino, entre o Brazil e a Europa.

**2. TERÇA-FEIRA** Santo Izidoro.

1865 — Tomada de Paysandú pelo general Menna Barreto.

**3. QUARTA-FEIRA** Santo Anthero.

1320 — A povoação de Morro Queimado, no Estado do Rio de Janeiro, é elevada a villa com a denominação de Nova Friburgo.

**4. QUINTA-FEIRA** S. Gregorio.

1837 — Nasce na Barra de S. João, Estado do Rio de Janeiro, o poeta Casimiro de Abreu.

**5. SEXTA-FEIRA** S. Simeão Estellita.

1868 — Fallece Antonio Peregrino Maciel Monteiro, barão de Itamaracá, poeta e diplomata.

**6. SABBADO** Os *Santos Reis Magos.*

1869 — Fallece em Assumpção o general Andrade Neves, barão do Triumpho.

**7. DOMINGO** S. Theodoro.

1890 — Separação da Egreja e do Estado.

**8. SEGUNDA-FEIRA** S. Lourenço.

1872 — Falleco Joaquim José Rodrigues Torres, visconde de Inhaúma, emerito estadista.

# JANEIRO — 31 dias

## 9. TERÇA-FEIRA S. Julião.

**1822** — D. Pedro I, recebe da camara municipal a petição do povo para não regressar a Portugal e responde a José Clemente Pereira : « Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico. »

## 10. QUARTA-FEIRA S. Paulo.

**1817** — Fallece o cardeal, conde Lourenço Caleppi, 1.º nuncio apostolico, na càsa da rua do Nuncio, canto da do Hospicio.

## 11. QUINTA-FEIRA Santo Hygino.

**1894** — O general federalista Gumercindo Saraiva, invade o Estado do Paraná pela fronteira do Rio Grande do Sul.

## 12. SEXTA-FEIRA S. Satyro.

**1831** — Fallece D. Damiana da Cunha, que abnegadamente se entregara á cathechese dos indios.

## 13. SABBADO Santo Hilario.

**1825** — E' arcabuzado em Pernambuco, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

## 14. DOMINGO S. Felix de Nole.

**1880** — Fallece Augusto Leverger, barão do Melgaço, official de marinha e geographo.

## 15. SEGUNDA-FEIRA Santo Amaro.

**1865** — Fallece Antonio de Menezes Vasconcellos Drummond, diplomata. Foi amigo de José Bonifacio, com elle processado e desterrado para França.

## 16. TERÇA-FEIRA S. Marcello.

**1891** — Fallece o barão de Macahubas, fundador do Collegio Abilio.

# JANEIRO — 31 dias

## 17. QUARTA-FEIRA Santo Antão.

**1910** — Falleceu em Washington o embaixador Joaquim Nabuco (da Acad.).

## 18. QUINTA-FEIRA Santa Prisca.

**1867** — Fallece Angelo Moniz da Silva Ferraz, barão de Uruguayana, estadista. Assistiu com o Imperador á rendição de Uruguayana.

## 19. SEXTA-FEIRA S. Canuto.

**1861** — Falleceu João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, Presidente da provincia do Alto Amazonas.

## 20. SABBADO S. Sebastião. — *Feriado no Districto Federal.*

**1567** — Men de Sá lança os fundamentos da cidade do Rio de Janeiro.

## 21. DOMINGO Santo Epiphanio.

E' creado pelo decreto **n.º 496**, o Conservatorio de Musica.

## 22. SEGUNDA-FEIRA S. Vicente.

*Feriado em Matto Grosso.*

**1891** — Fallece Benjamin Constant Botelho de Magalhães, o fundador da Republica.

## 23. TERÇA-FEIRA S. Ildefonso.

**1875** — Fallece Candido José de Araujo Vianna, marquez de Spucahy, politico e litterato.

## 24. QUARTA-FEIRA S. Thimotheo.

*Feriado no Piauhy.*

**1784** — Fallece em Lisboa Frei José de Santa Rita Durão, poeta, autor do poema *Caramurú*.

# JANEIRO — 31 dias

## 25. QUINTA-FEIRA Santo Ananias.

**1899** — Fallece o visconde de Taunay, autor da *Retirada da Laguna* (da Academia).

## 26. SEXTA-FEIRA S. Polycarpo.

**1583** — Fallece na Bahia a legendaria *Paraguassú*.

## 27. SABBADO S. João Chrisostomo.

*Feriado em Pernambuco.*

**1833** — Fallece D. José Caetano da Silva Coutinho, 8.º bispo do Rio de Janeiro, senador e deputado á Constituinte.

## 28. DOMINGO S. Cyrillo.

**1805** — Fallece D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castello Branco, bispo do Rio de Janeiro.

## 29. SEGUNDA-FEIRA S. Francisco de Salles.

**1714** — O governador de Minas Geraes, D. Braz Balthazar da Silveira, cria as villas do Principe (Serro) e Nova da Rainha (Caeté).

**1905** — Morre no Rio José do Patrocinio (da Academia).

## 30. TERÇA-FEIRA S. Hippolyto.

**1867** — Fallece D. Manoel de Assis Mascarenhas, escolhido senador pelo Rio Grande do Norte.

## 31. QUARTA-FEIRA S. Pedro Nolasco.

**1856** — Por deliberação da Camara Municipal, passa a denominar-se Sete de Setembro a rua do Cano.

## EXAME DE DOUTRINA

Examinava um sargento a uns soldados de doutrina christã, e perguntou a um d'elles:

— Diga-me você Rodrigues, quantas são as pessoas da Santissima Trindade?

— Tres: Padre, Filho e Espirito Santo.

— Oiça você, replicou o sargento: e *Amen* não é ninguem?

# FEVEREIRO — 29 dias

## 1. QUINTA-FEIRA Santa Brigida.

**1863** — E' apresentado o dr. Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, em substituição ao conde de Irajá.

## 2. SEXTA-FEIRA *Purificação de Nossa Senhora.*

**1849** — Morre Nunes Machado, um dos implicados na revolução praieira, de Pernambuco.

## 3. SABBADO S. Braz.

**1852** — Derrota de Rosas, em Monte Caseros.

## 4. DOMINGO *Septuagesima.*

**1866** — Chega ao Rio de Janeiro, de volta á sua excursão no Amazonas, o sabio Agassiz.

## 5. SEGUNDA-FEIRA Santa Agueda.

**1667** — Decreto regio determinando que os criminosos que merecessem pena de degredo, sejam sentenciados para Maranhão e Pará, afim de povoarem aquellas capitanias a ali servirem como soldados.

## 6. TERÇA-FEIRA Chagas de Christo.

**1818** — Coroação e acclamação de D. João VI.

## 7. QUARTA-FEIRA S. Romualdo.

**1884** — Fallece o marquez de Itajubá, Marcos Antonio de Araujo, diplomata.

## 8. QUINTA-FEIRA S. João da Matta.

**1862** — Fallece José Francisco de Paula Cavalcanti, diplomata.

# FEVEREIRO — 29 dias

**9. SEXTA-FEIRA** Santa Apolonia.

**1867** — Morre em S. Gabriel o general João Procopio Menna Barreto, barão de S. Gabriel.

**10. SABBADO** Santa Escholastica.

**1901** — Morre no Rio Urbano Duarte (da Academia).

**1906** — Fallece o dr. Luiz Monteiro Caminhoá, abalisado botanico.

**11. DOMINGO** *Sexagesima.*

**1894** — Fallece na Lapa, Estado do Pará, o general Gomes Carneiro.

**12. SEGUNDA-FEIRA** Santa Eulalia.

**1864** — Fallece Pedro de Alcantara Bellegarde, notavel geographo.

**13. TERÇA-FEIRA** S. Gregorio.

**1879** — Morre o Barão de Cotegipe, senador e consumado estadista.

**14. QUARTA-FEIRA** S. Valentim.

**1872** — Fallece o Engenheiro Mariano Procopio Ferreira Lage, que fôra director da Estrada de Ferro.

**15. QUINTA-FEIRA** Trasladação de Santo Antonio.

**1870** — Morte do visconde de Jequitinhonha Francisco Gê de Acaiaba Montezuma, diplomata estadista e grande orador.

**16. SEXTA-FEIRA** S. Porfirio.

**1861** — Fallece D. Antonio Joaquim de Mello, 1.º bispo de S. Paulo.

# FEVEREIRO — 29 dias

## 17. SABBADO S. Faustino.

1830 — Fallece o maestro Marcos Portugal, autor da musica do hymno da Independencia.

## 18. DOMINGO *Quinquagesima.*

1875 — Morte de Fagundes Varella, inspirado poeta do *Evangelho nas Selvas.*

## 19. SEGUNDA-FEIRA *Carnaval.*

1878 — Fallece José Antonio Pimenta Bueno, Marquez de S. Vicente, jurisconsulto, diplomata e politico.

## 20. TERÇA-FEIRA S. Eleuterio.

1827 — Batalha de Ituzanigo.

## 21. QUARTA-FEIRA *Cinzas.*

1861 — Fallece em Conceição do Serro, Minas Geraes, o poeta Aureliano José Lessa.

## 22. QUINTA-FEIRA Santa Margarida.

1846 — Fallecem o conego Januario da Cunha Barboza e o poeta Antonio Francisco Dutra e Mello.

1903 — Morre o pintor Victor Meirelles (Rio)

## 23. SEXTA-FEIRA S. Pedro Damião.

1844 — Fallece Martim Francisco Ribeiro de Andrade.

## 24. SABBADO S. Mathias (Feriado. — *Promulgação da Constituição Federal*).

1839 — Fallece o Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, fundador do Instituto Historico

# FEVEREIRO — 29 dias

**25. DOMINGO** S. Cesario.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

**1652** — O governo geral do Estado de Maranhão é dividido em duas capitanias independentes : do **Maranhão** e do Pará.

**26. SEGUNDA-FEIRA** S. Torquato.

.....

.....

.....

.....

.....

**1845** — Fallece o padre Francisco de Brito Guerra, senador pelo Rio Grande do Norte, escolhido pelo regente Diogo Feijó.

**27. TERÇA-FEIRA** S. Leandro.

.....

.....

.....

.....

.....

**1890** — Fallece o barão de Tautphœus, professor.

**28. QUARTA-FEIRA** S. Romão. —

.....

.....

.....

.....

.....

**1873** — Morre em Nictheroy o erudito dr. Joaquim Caetano da Silva.

**29. QUINTA-FEIRA** S. Nymphas.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

## LAMARTINE E OS BRASILEIROS

Os brasileiros tiveram uma feliz lembrança: e que demonstra quanto a gloria litteraria é hoje cosmopolita e popular. Offereceram a M. de Lamartine um album cuja capa é de madeiras incrustadas do Brasil, e de varias côres, e contém mais de 1,500 cartões de visita com o nome dos subscriptores do *Curso de Litteratura.*

Já antes Lamartine, sabendo do acolhimento que tivera a sua obra no Brasil, dirigira á redacção do *Diario do Rio de Janeiro* a seguinte carta :

« Paris, 24 de Maio de 1856. — Senhor — Recebi com intimo reconhecimento a favoravel, e tão inesperada, nova do acolhimento feito pelos brasileiros á minha obra e ao meu nome. Eu não tinha titulo algum a seu interesse, a não ser o meu respeito por uma nação que soube transplantar a poesia de Camões, a honra do velho mundo, para um mundo novo.

« O theatro em que os portuguezes do Brasil exercem agora seu heroismo e seu espirito de conquista moral e commercial, bem como o seu genio litterario, é mais vasta e mais esplendidamente decorado pela natureza que sua antiga patria européa. Grandes destinos, felizmente começados, ahi os esperão. Esses destinos erão devidos aos filhos da nação que abrio á Europa sábia e industrial os portos da India e da China. A elles cabe agora poetisar o novo continente.

« Um dos meus desejos mais ardentes foi sempre ir visitar uma vez esse *Eden* da America meridional, que se chama Rio de Janeiro! as vicissitudes da vida, que me tornão livre, me permittem embalar-me algumas vezes com esta esperança!. .

» Segundo o que me escreveis, Senhor, eu não seria ahi unicamente um viajante, mas um concidadão intellectual d'esse povo : agradecei-lhe em meu nome essa naturalisação dada ás minhas obras, e continuai a fazer-me lido.

« Não tenho senão um mérito na minha vida litteraria e politica : semeei no meu caminho a amizade, e faço uma colheita de amigos em todo o universo. — *Lamartine.* »

# MARÇO — 31 dias

## 1. SEXTA-FEIRA Santo Albino.

1870 — Termina a guerra do Paraguay.
1881 — Fallece Candido Mendes de Almeida, senador, geographo e historiador.

## 2. SABBADO S. Januario.

1839 — Fallece o Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, fundador do Instituto Historico.

## 3. DOMINGO Santa Cunegundes.

1863 — Fallece Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, senador.

## 4. SEGUNDA-FEIRA S. Lucio.

1698 — Representação da camara e povo de S. Paulo, pedindo ao governo da côrte a creação de um governo independente do do Rio de Janeiro.

## 5. TERÇA-FEIRA S. Rogerio.

1862 — Fallece Conrado Jacob de Niemeyer, geographo.

## 6. QUARTA-FEIRA S. Basilio.

1909 — Fallece o sabio J. Barbosa Rodrigues.
1881 — Fallece Luiz da Cunha Feijó, visconde de Santa Isabel, director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

## 7. QUINTA-FEIRA S. Thomaz de Aquino.

1825 — Decreto concedendo amnistia aos que tomaram parte, na provincia das Alagôas, na revolução da republica do Equador.

## 8. SEXTA-FEIRA S. João de Deus.

1867. — Fallece o almirante Joaquim José Ignacio, visconde de Inhaúma.

# MARÇO — 31 dias

**9. SABBADO** S. Cyrillo.

**1819** — Fallece em Nictheroy o conde das Galvêas, que fôra ministro de D. João VI.

**10. DOMINGO** S. Militão.

**1854** — Fallece José Clemente Pereira, consumado estadista.

**11. SEGUNDA-FEIRA** S. Candido.

**1827** — Fallece Clemente Ferreira França, senador pela Bahia.

**12. TERÇA-FEIRA** S. Gregorio.

**1867** — Fallece o dr. Joaquim Pinto Netto dos Reis, 1.º barão de Carapabuá. Foi o 1.º promotor publico de Campos.

**13. QUARTA-FEIRA** S. Rodrigo.

**1853** — Fallece o conego José Antonio Marinho, jornalista, educador e politico.

**14. QUINTA-FEIRA** Santa Mathilde.
(*A serração da Velha*).

**1893** — Fallece José Ribeiro de Sousa Fontes, visconde de Sousa Fontes, medico.

**15. SEXTA-FEIRA** Santo Henrique. — *Feriado em Alagôas.*

**1860** — Morre José de Alencar, grande romancista, auctor do *Guarany*.

**16. SABBADO** Santo Hilario.

**1557** — Dá fundo na bahia do Rio de Janeiro, junto ao forte de Coligny (hoje Villegaignon), a expedição de Bois-le-Conte.

# MARÇO — 31 dias

## 17. DOMINGO S. Patricio.

1825 — São enforcados, na Prainha, Ratchiff Joaquim da Silva Loureiro e João Metrowich.

## 18. SEGUNDA-FEIRA S. Gabriel.

1894 — Fallece Ladislau Netto, illustre botanico.

## 19. TERÇA-FEIRA S. José. — *Feriado no Rio Grande do Norte.*

1876 — Lançamento da pedra fundamental do novo matadouro de Santa Cruz.

## 20. QUARTA-FEIRA S. Martinho.

1855 — Fallece Domingos Borges de Barros, visconde da Pedra Branca, senador.

## 21. QUINTA-FEIRA S. Bento.

1891 — Fallece D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará.

## 22. SEXTA-FEIRA S. Benevenuto.

1833 — Revolta militar em Ouro Preto, contra o presidente Manoel Ignacio de Mello e Souza, que é, afinal, deposto.

## 23. SABBADO S. Felix.

1869 — E' elevado a duque o marquez de Caxias, em recompensa de serviços prestados.

## 24. DOMINGO S. Marcos.

1876 — Decreto reorganizando o Archivo Publico Nacional.

# MARÇO — 31 dias

## 25. SEGUNDA-FEIRA *Annunciação de Nossa Senhora.*

**1854** — Começa a illuminação a gaz na cidade do Rio de Janeiro.

## 26. TERÇA-FEIRA S. Ludgero.

**1662** — Ruy Vaz de Sequeira toma posse do governo do Maranhão.

## 27. QUARTA-FEIRA Santa Lydia.

**1843** — Chega ao Rio de Janeiro, na fragata *Belle Poule*, o Principe de Joinvelle.

## 28. QUINTA-FEIRA S. Alexandre.

**1866** — Morre a bordo do *Tamandaré*, no Alto Paraná, o commandante Mariz e Barros.

## 29. SEXTA-FEIRA S. Bertoldo.

**1858** — Inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II.

**1889** — Fallece Theophilo Dias, poeta das *Fanfarras* e da *Comedia dos Deuses*.

## 30. SABBADO S. Quirino.

**1862** — Inauguração da estatua de D. Pedro I, no largo do Rocio.

## 31. DOMINGO *RAMOS.*

*Semana santa.*

**1866** — Os voluntarios paulistas que se bateram na guerra contra o Paraguay, marcham para a margem do Paraná.

**Não saiba a esquerda**
**o que faz a direita.**

Demolio-se em Pariz um chafariz feito no tempo de Luiz XIV em Paris. Tinha na base esta linda inscripção, feita por Santeuil, um dos mais primorosos poétas d'aquelle tempo :

*Quæ dat aquas saxo latet hospita nympha sub imo ;]*
*Sicut, cum dederis, dona latere velis :*

inscripção que assim foi traduzida por Bosquillon :

*La nymphe qui donne cette eau*
*Au plus creux du rocher se cache ;*
*Suivez cet exemple si beau,*
*Donnez sans vouloir qu'on le sache.*

# ABRIL — 30 dias

## 1. SEGUNDA-FEIRA Santa Theodora.

**1680** — Carta de lei abolindo a escravidão dos indigenas.

## 2. TERÇA-FEIRA S. Franc. de Paula.

**1697** — Arthur de Sá e Menezes, toma conta do governo da capitania de S. Paulo.

## 3. QUARTA-FEIRA S. Ricardo.

**1849** — E' elevada a cidade a villa de Bananal, no Estado de S. Paulo.

## 4. QUINTA-FEIRA Santo Izidoro.

**1831** — Sedição militar na Bahia.

## 5. SEXTA-FEIRA *Paixão.*

**1864** — Fallece o dr. Francisco de Paula Candido, notavel medico.

## 6. SABBADO *Alleluia.*

**1838** — Fallece José Bonifacio, o patriarcha da Independencia.

## 7. DOMINGO *Ressurreição. — Paschoa.*

**1623** — Natalicio de Gregorio de Matos.
**1905** — Failece o padre Corrêa de Almeida, popular poeta satyrico.

## 8. SEGUNDA-FEIRA Santo Amancio.

**1875** — Elevação a cidade da villa de Batataes, em S. Paulo.

# ABRIL — 30 dias

**9. TERÇA-FEIRA** S. Prócoro.

**1831** — Acclamação do Imperador D. Pedro II.

**10. QUARTA-FEIRA** S. Ezequiel.

**1907** — Fallece o dr. Alexandre José Teixeira de Mello, poeta, ex-director da Bibliotheca Nacional.

**11. QUINTA-FEIRA** S. Leão I, Papa.

**1882** — Fallece o dr. Joaquim Manoel de Macedo, litterato, autor da *Moreninha*, do *Moço louro*, etc.

**12. SEXTA-FEIRA** S. Romeu.

**1657** — Thomé Corrêa de Alvarenga, toma conta.

**13. SABBADO** S. Hermenegildo.

**1851** — Fallece no Rio de Janeiro o general Bento Corrêa da Camara.

**14. DOMINGO** S. Tiburcio.

**1832** — Commoção revolucionaria em Pernambuco, denominada *abrilada*.

**15. SEGUNDA-FEIRA** S. Anastacio.

**1827** — A vanguarda do exercito argentino, sob ordens de Oribe, occupa a povoação, hoje cidade de Bage.

**16. TERÇA-FEIRA** Santa Engracia. —

**1826** — Creação da Ordem Honorifica de D. Pedro I, para commemorar o reconhecimento da independencia.

# ABRIL — 30 dias

**17. QUARTA-FEIRA** Santo Aniceto.

**1866** — Batalha de Passo da Patria, no Paraguay.

**18. QUINTA-FEIRA** S. Galdino.

**1830** — Fallece o padre José Mauricio Nunes Garcia, notavel maestro.

**19. SEXTA-FEIRA** S. Hermogenes.

**1890** — Creação do Ministerio da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos.

**20. SABBADO** Santa Ignez.

**1866** — As forças alliadas passam para o territorio paraguayo.

**21. DOMINGO** S. Fortunato. — *Feriado nacional.*

**1792** — E' suppliciado o alferes J. Silva Xavier, cognominado o *Tiradentes*.

**22. SEGUNDA-FEIRA** S. Sotero.

**1884** — E' elevada a cidade a villa de S. José dos Campos, em S. Paulo.

**23. TERÇA-FEIRA** S. Jorge.

**1860** — Inauguração da Estrada de Ferro de Cantagallo.

**24. QUARTA-FEIRA** S. Sabas.

**1856** — E' elevada a cidade a villa de Lorena, em S. Paulo.

# ABRIL — 30 dias

## 25. QUINTA-FEIRA S. Marcos.

**1821** — Embarque de D. João VI para Portugal.

## 26. SEXTA-FEIRA S. Basilio.

**1863** — Fallece João Francisco Lisboa, emerito jornalista maranhense.

## 27. SABBADO S. Canisio.

**1809** — Fallece no Rio de Janeiro o notavel pintor Manoel da Cunha.

## 28. DOMINGO S. Paulo da Cruz.

**1878** — Fallece Carlos Carneiro de Campos, visconde de Caravellos, senador e professor de direito.

## 29. SEGUNDA-FEIRA S. Hugo.

**1625** — Os hollandezes apresentam as condições com que entregaram a cidade da Bahia.

## 30. TERÇA-FEIRA Santa Sophia.

**1854** — Inauguração da E. F. de Maúá, 1.ª que trafegou no Brazil.

## O BUSCA VIDA

Estando prêso na cadeia de S. João d'el-Rey, pelo crime de furto em 1858 certo individuo por alcunha — o *Busca-vida* — fez o seguinte requerimento ao Ouvidor da Comarca :

O *Busca-vida* está prêso;
Senhor, mandai-o soltar;
Que elle solto busca a vida,
E prêso como a buscar?

Teve este despacho :

Se o *Busca-vida* está prêso,
Prêso se deixe ficar ;
Pois na cadeia não furta,
E solto póde furtar.

(1858) P.e *José Joaquim Corrêa d'Almeida.*

Ouvi um dia caminhando, e não era elle menos que a um chapado recoveiro (veja-se que engeitei os philosophos, para citar estes auctores) em fim ouvi-lhe, que — « *Deus o guardasse de mula que faz him, e de mulher que sabe latim.* » O riso, e gosto com que lhe escutei esta engraçada sentença me faz agora lembrar d'ella ; não se julgue por indecente, se é proveitosa. O ponto está em que o latim não é o que damna ; mas o que comsigo traz de outros saberetes envolto aquelle saber. (*D. Francisco Manoel de Mello.* — « Guia de cazados »).

# MAIO — 31 dias

**1. QUARTA-FEIRA** S. Sigismundo.

**1850** — Fallece Bernardo Pereira de Vasconcellos, jornalista e senador.

**2. QUINTA-FEIRA** Santa Mafalda.

**1860** — Combate do Chaco, acima de Humaytá.

**3. SEXTA-FEIRA** S. Theodulo. *Festa nacional.*

**1500** — Descoberta do Brazil.

**4. SABBADO** S. Silvano.

**1617** — Carta régia declarando parte integral do Brazil, o Estado de Maranhão, afim de receber degredados.

**5. DOMINGO** Santo Angelo.

**1831** — Movimento militar em Pernambuco.

**6. SEGUNDA-FEIRA** S. João Damasceno.

**1829** — Fallece Frei Francisco de S. Carlos, poeta e orador.

**7. TERÇA-FEIRA** Santo Augusto. — *Feriado em Matto Grosso.*

**1880** — Fallece o Duque de Caxias.
**1868** — Fallece Euzebio de Queiroz, senador, autor da lei que aboliu o trafico de escravos.

**8. QUARTA-FEIRA** S. Miguel Archanjo

**1867** — Os paraguayos são desalojados do Chaco.

# MAIO — 31 dias

## 9. QUINTA-FEIRA S. Gregorio.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

**1748** — Carta regia elevando o territorio de Matto Grosso á categoria de capitania independente, desannexada de S. Paulo.

## 10. SEXTA-FEIRA Santo Antonino.

.....

.....

.....

.....

.....

**1808** — Creação do logar de intendente geral de policia, provido em 1.º logar por Paulo Fernandes Vieira.

## 11. SABBADO S. Fabio.

.....

.....

.....

.....

.....

**1602** — Diogo Botelho, 8.º governador geral do Brazil, toma posse do cargo na Bahia.
**1901** — Morre o dr. Castro Lopes, escritor.

## 12. DOMINGO S. Flavio.

.....

.....

.....

.....

.....

**1837** — Fallece Evaristo Ferreira da Veiga, jornalista da *Aurora Fluminense*.

## 13. SEGUNDA-FEIRA S. Peregrino.

*—Feriado nacional.—Abolição dos captivos.*

.....

.....

.....

.....

.....

**1820** — Abre-se a Praça do Commercio do Rio de Janeiro.

## 14. TERÇA-FEIRA S. Bonifacio.

.....

.....

.....

.....

.....

**1830** — Fallece, no Jardim Botanico, Monsenhor Pizarro, eminente chronista.

## 15. QUARTA-FEIRA S. Mauricio.

.....

.....

.....

.....

.....

**1891** — Fallece Joaquim Norberto de Souza e Silva, litterato, presidente do Instituto Historico.

## 16. QUINTA-FEIRA *Ascensão.*

.....

.....

.....

.....

.....

**1818** — Decreto estabelecendo a colonia Suissa do Morro Queimado, hoje cidade de Fuburgo.

# MAIO — 31 dias

**17. SEXTA-FEIRA** S. Bruno.

**1842** — Rebellião em Sorocaba, Estado de S. Paulo.

**18. SABBADO** S. Venancio. — *Feriado em Sergipe.*

**1777** — D. Pedro Ceballos sahe de Montevidéo com o fim de atacar a colonia do Sacramento.

**19. DOMINGO** S. Ivo.

**1847** — Fallece Joaquim Gonçalves Lédo, politico evidente nas luctas da independencia.

**20. SEGUNDA-FEIRA** S. Pautilla.

**1898** — Fallece em Lisboa o poeta Luiz Guimarães, autor dos *Corymbos* e dos *Sonetos* e *Rimas*.

**21. TERÇA-FEIRA** S. Synesio.

**1823** — E' preso no acampamento do Pirajá o general do exercito pacificador Pedro Labatut.

**22. QUARTA-FEIRA** Santa Rita de Cassia.

**1532** — Sahem de S. Vicente com destino a Portugal, os navios de Martim Affonso de Souza, sob o commando de Pedro Lopes e seu irmão.

**23. QUINTA-FEIRA** S. Basileu. — *Feriado no Espirito Santo.*

**1792** — Embarcam para o desterro na náu N. S. da Conceição de Portugal, os réus da Inconfidencia mineira.

**24. SEXTA-FEIRA** Santa Afra.

**1866** — Batalha de Tuyuty.

# MAIO — 31 dias

**25. SABBADO** S. Bonifacio.

**1859** — Falleceo Miguel de Frias e Vasconcellos, militar.

**26. DOMINGO** *Pentecoste. — Espirito-Santo.*

**1865** — Falleceo Candido Baptista de Oliveira.

**27. SEGUNDA-FEIRA** Santa Maria Magdalena.

**1895** — Fallece Joaquim Saldanha Marinho, senador.

**28. TERÇA-FEIRA** S. Germano.

**1827** — Fallece na villa do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, o general visconde de Pelotas.

**29. QUARTA-FEIRA** S. Maximo.

**1851** — Alliança do Brazil com Urquiga contra Oribe.

**30. QUINTA-FEIRA** S. Fernando.

**1843** — Celebra-se em Napoles o casamento do Imperador D. Pedro II com a Princeza de Duas Sicilias.

**31. SEXTA-FEIRA** Santa Petronilla.

**1873** — Fallece Gabriel Mendes dos Santos, senador pela provincia de Minas Geraes.

## EPITAPHIO D'UMA FALLADORA

A uma dama castelhana, grande falladora, poz um discreto e que de sobra a conhecia, o seguinte epitaphio :

Aqui yaze sepultada la mas que noble señora, que en su vida, punto ni hora tuvo la boca cerrada : Y es tanto lo que habló, que aunque mas no ha de hablar, nunca llegará el callar, aonde el hablar llegó.

# JUNHO — 30 dias

**1. SABBADO** S. Simeão.

**1838** — Fallece Cypriano José Barata e Almeida, um dos grandes propagandistas da independencia.

**2. DOMINGO** S. Marcellino.

**1868** — Fallece Francisco Muniz Barreto, poeta repentista.

**3. SEGUNDA-FEIRA** S. Laurentino.

**1876** — Fallece Francisco de Salles Torres Homem, visconde de Inhomerim.
**1908** — Morre o Cons. Tristão A. Araripe.

**4. TERÇA-FEIRA** S. Quirino.

**1608** — Lançamento da pedra fundamental do convento de Santo Antonio.

**5. QUARTA-FEIRA** S. Marciano.

**1640** — Toma posse do cargo de Vice-Rei do Estado do Brazil, D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão.

**6. QUINTA-FEIRA** *Corpo de Deus.*

**1886** — Fallece o conselheiro Josino do Nascimento Silva, deputado e presidente da provincia.

**7. SEXTA-FEIRA** S. Roberto.

**1842** — Batalha de Venda Grande, em Minas Geraes.

**8. SABBADO** S. Salustiano.

**1711** — Perdão real aos envolvidos na guerra dos Mascates.

# JUNHO — 30 dias

**9. DOMINGO** S. Primo.

.....

.....

.....

.....

.....

**1828** — Revolta das tropas estrangeiras no Rio de Janeiro.

**10. SEGUNDA-FEIRA** S. Mauricio.

.....

.....

.....

.....

.....

**1842** — Revolução em Minas, suffocada por Caxias.

**11. TERÇA-FEIRA** S. Bernabé. — *Feriado em Santa Catharina e Alagôas.*

.....

.....

.....

.....

.....

**1865** — Batalha naval do Riachuelo.

**12. QUARTA-FEIRA** S. Fortunato. — *Feriado em Rio Grande do Norte e Espirito Santo.*

.....

.....

.....

.....

**1707** — Reunião na Bahia, do 1.º Synodo diocesano effectuado no Brazil.

**13. QUINTA-FEIRA** S. Cyrino. — *Feriado em Piauhy e Matto Grosso.*

.....

.....

.....

.....

.....

**1645** — Revolução em Pernambuco para expulsão dos hollandezes.
**1765** — Natal de José Bonifacio.

**14. SEXTA-FEIRA** Santo Eliseu.

.....

.....

.....

.....

.....

**1857** — E' inaugurado no salão de honra do hospicio D. Pedro II, o busto de José Clemente Pereira.

**15. SABBADO** S. Modesto. — *Feriado em Minas Geraes.*

.....

.....

.....

.....

**1808** — Alvará elevando á primazia de capella real a egreja do Carmo e creando-a parochia do Paço Real.

**16. DOMINGO** Santa Justina.

.....

.....

.....

.....

.....

**1556** — Naufragio da nau em que ia da Bahia para Lisboa, o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, que foi, com seus companheiros, devorado pelos indio-sahétes.

# JUNHO — 30 dias

**17. SEGUNDA-FEIRA** S. Manoel. — *Feriado em Pernambuco.*

1850 — E' elevada a cidade, a villa de S. João da Barra, no Estado do Rio de Janeiro.

**18. TERÇA-FEIRA** S. Leoncio.

1865 — Passagem de Mercedes pela esquadra brazileira.

**19. QUARTA-FEIRA** S. Gervasio.

1880 — Fallece o conselheiro Antonio Pereira Rebouças.

**20. QUINTA-FEIRA** S. Silverio.

1842 — Restabelece-se a paz na cidade de Corocaba, em S. Paulo.

**21. SEXTA-FEIRA** S. Luiz Gonzaga.

1817 — Fallece no Rio de Janeiro o conde da Barca, creador da Academia de Bellas Artes.
1839 — Natal de Machado de Assis.

**22. SABBADO** S. Paulino. — *Feriado no Pará.*

1551 — Chegada do 1.º bispo D. Pedro Fernandes Sardinha.
1908 — Morre em Paris L. Cruls.

**23. DOMINGO** Santa Aggripina.

1865 — Cae ao mar, dos estaleiros do arsenal, o couraçado *Tamandaré*, o primeiro navio dessa especie construido no Rio de Janeiro.

**24. SEGUNDA-FEIRA** *S.J.Baptista.*

1855 — Fallece Junqueira Freire, poeta das *Inspirações do Claustro.*

# JUNHO — 30 dias

**25. TERÇA-FEIRA** S. Guilhermina.

**1874** — Revolta dos Mukers no Rio Grande do Sul.

**26. QUARTA-FEIRA** S. Virgilio.

**1889** — Fallece Tobias Beneto, jurisconsulto e poeta.

**27. QUINTA-FEIRA** S. Ladisláu.

**1763** — E' nomeado o conde da Cunha, 1.º Vice-Rei do Brazil.

**28. SEXTA-FEIRA** S. Irineu.

**1862** — Inauguração do serviço de barcas entre o Rio de Janeiro e Nictheroy.

**29. SABBADO** *S. Pedro.*

**1878** — Fallece Francisco Adolpho Varnhagen, grande historiador e diplomata.

**30. DOMINGO** Santa Lucia.

**1831** — Convocação da Assembléa Legislativa para eleger o tutor dos filhos do 1.º Imperador do Brazil.

## A CONSTITUIÇÃO DO IMPERIO

A Constituição que nos rege foi formulada por 10 conselheiros, que a concluiram e assignaram em 11 de Dezembro de 1823, no curto espaço de 15 dias.

Esses conselheiros foram :

João Severiano Maciel da Costa (depois Marquez de Queluz).

Luiz José de Carvalho Mello (Visconde da Cachoeira.)

Clemente Ferreira França (Marq. de Nazareth).

Marianno José Pereira da Fonseca (Marquez de Maricá).

João Gomes da Silveira Mendonça (Marquez de Sabará).

Franscísco Villela Barbosa (Marquez de Paranaguá).

Barão de Santo Amaro (Marq. do mesmo titulo).

Antonio Luiz Pereira da Cunha (Marquez de Inhambupe).

Manoel Jacintho Nogueira da Gama (Marquez de Baependy.)

José Joaquim Carneiro de Campos (Marquez de Caravellas.)

Em 1848 morreu o Marquez de Maricá, o unico dos signatarios da Constituição, que ainda existia nessa quadra.

Cunhou-se em Paris em 1824 uma medalha commemorativa do juramento da Constituição, tendo no verso o busto de Pedro I e em volta o distico *D. Pedro I Imperador*, no reverso o fumo e café, e no centro o distico *Constituição do Brazil, 1824 ;* essa medalha em fórma de caixa contem em papelinhos arredondados, presos entre si, toda a Constituição do Imperio.

# JULHO — 31 dias

**1. SEGUNDA-FEIRA** S. Theodorico. — *Feriado no Amazonas.*

.....

.....

.....

.....

.....

**1891** — Silva Jardim é tragado pela cratera do Vesuvio.

**2. TERÇA-FEIRA** Santa Izabel. — *Feriado na Bahia.*

.....

.....

.....

.....

.....

**1840** — Lançamento da pedra fundamental no novo edificio do Hospital da Misericordia.

**3. QUARTA-FEIRA** S. Jacintho.

.....

.....

.....

.....

.....

**1789** — E' encontrado morto na prisão, o inconfidente Claudio Manoel da Costa.

**4. QUINTA-FEIRA** Santo Innocencio.

.....

.....

.....

.....

.....

**1879** — Fallece Firmino Rodrigues Silva, senador por Minas Geraes.

**5. SEXTA-FEIRA** Santa Philomena.

.....

.....

.....

.....

.....

**1878** — Fallecimento, em Paris, de D. Vital, bispo de Olinda.

**6. SABBADO** S. Izaias.

.....

.....

.....

.....

.....

**1847** — Fallece José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo, 1.º presidente do Instituto Historico.

**7. DOMINGO** S. Claudio.

.....

.....

.....

.....

.....

**1827** — Bulla separando de Portugal a Congregação de S. Bento estabelecida no Brazil.

**8. SEGUNDA-FEIRA** S. Procopio. — *Feriado em S. Paulo e Sergipe.*

.....

.....

.....

.....

.....

**1702** — Posse do governador do Maranhão, D. Manoel Rolin de Moura.

# JULHO — 31 dias

**9. TERÇA-FEIRA** S. Nicolau.

**1871** — Lançamento da pedra fundamental do cemiterio de S. Francisco da Penitencia.

**10. QUARTA-FEIRA** S. Januario. — *Feriado no Amazonas.*

**1862** — Fallece Justiniano José da Rocha, jornalista.

**11. QUINTA-FEIRA** S. Cypriano.

**1711** — Carta regia elevando á categoria de cidade, a villa de S. Paulo.

**12. SEXTA-FEIRA** S. Paulino. — *Feriado no Ceará.*

**1770** — Inauguração solemne da egreja do Carmo.

**13. SABBADO** Santo Anacleto. — *Feriado em Goyaz.*

**1811** — Fallece Frei José Mariano da Conceição Vellozo, sabio naturalista.

**14. DOMINGO** S. Boaventura. — *Festa nacional.* — *Queda da Bastilha.*

**1861** — Posse de D. Antonio Macedo Costa, bispo do Pará.

**15. SEGUNDA-FEIRA** Santo Ignacio.

**1866** — Fallece o visconde de Uruguay.

**16. TERÇA-FEIRA** Santo Eustachio.

**1866** — Ataque ao entrincheiramento de Rojas, pelo exercito alliado.

# JULHO — 31 dias

## 17. QUARTA-FEIRA Santo Aleixo.

**1842** — Lançamento da pedra fundamental do templo da Gloria.

## 18. QUINTA-FEIRA S. Frederico.

**1890** — E' elevada a cidade a villa de Santa Maria Magdalena, no Estado do Rio de Janeiro.

## 19. SEXTA-FEIRA S. Vic. de Paulo.

**1617** — Posse de Ruy Vaz Pinto, na administração da capitania do Rio de Janeiro.

## 20. SABBADO S. Elias.

**1847** — E' creado o cargo de Presidente do Conselho de Ministros.

## 21. DOMINGO Santa Praxedes.

**1564** — Fallece em Lisboa Martins Affonso de Souza, 1.º donatario e fundador da capitania de S. Vicente, hoje S. Paulo.

## 22. SEGUNDA-FEIRA S. Meneleu.

**1635** — Supplicio de Domingos Fernandes Calabor.

## 23. TERÇA-FEIRA S. Liborio.

**1901** — Fallece o conselheiro Gaspar da Silveira Martins, chefe da revolução federalista.

## 24. QUARTA-FEIRA Santa - Christina. — *Feriado em Pernambuco.*

**1840** — Formação do primeiro ministerio organisado por D. Pedro II.

# JULHO — 31 dias

## 25. QUINTA-FEIRA S. Thiago.

**1868** — As forças brazileiras occupam a fortaleza de Humaytá.

## 26. SEXTA-FEIRA Sant'Anna.

**1733** — Gomez Freire Andrade assume o governo da capitania do Rio de Janeiro.

## 27. SABBADO S. Pantaleão.

**1823** — Entra no Maranhão o almirante Cochoane. A junta federal entrega-lhe a praça e adhere á independencia.

## 28. DOMINGO S.Innocencio. — *Feriado no Maranhão.*

**1813** — Primeira viagem a vapor pelo rio Amazonas.

## 29. SEGUNDA-FEIRA Santo Olavo.

**1822** — Combate do Funil na ilha de Itaparica.

## 30. TERÇA-FEIRA S. Rufino. — *Feriado em Parahyba.*

**1887** — Fallece o barão de Villa da Barra medico e poeta.

## 31. QUARTA-FEIRA Santo Ignacio de Loyola.

**1795** — Falleceu José Basilio da Gama, poeta do *Uruguay*.

### TENHO VENENO NOS VERSOS

*(Traducção do Allemão de H. Heine)*

Tenho veneno nos versos!...
Pois que menos póde ser?
Era eu quasi uma creança, quando m'o déste a beber.

Tenho veneno nos versos!...
Pois seja! veneno tem.
Tambem tenho serpes n'alma e a ti, amada, tambem.

*Antonio Gonçalves Dias.*

# AGOSTO — 31 dias

**1. QUINTA-FEIRA** S. Menandro.

1646 — Chega ao Recife a frota hollandeza em soccorro da praça, sitiada pelos brazileiros.

**2. SEXTA-FEIRA** Santo Estevam.

1826 — Lavra-se no Senado, a acta de reconhecimento do herdeiro do throno, o senhor D. Pedro II.

**3. SABBADO** Santa Lydia.

1867 — Combate de S. Solano, no Paraguay.

**4. DOMINGO** S. Domingos.

1881 — Abertura da Bibliotheca Publica da Bahia, creada pelo conde dos Arcos.

**5. SEGUNDA-FEIRA** S. Cantidio. — *Feriado no Parahyba.*

1868 — Rendição da fortaleza de Humaytá.

**6. TERÇA-FEIRA** S. Thiago.

1661 — Conclusão da paz entre Portugal e a Hollanda.

**7. QUARTA-FEIRA** S. Caetano.

1891 — Fallece Monsenhor Costa Honorato, historiador.

**8. QUINTA-FEIRA** S. Cyriaco.

1882 — Fallece em Montevidéo o almirante Francisco Manoel Barrozo da Silva, barão do Amazonas.

# AGOSTO — 31 dias

## 9. SEXTA-FEIRA S. Romão.

**1834** — E' creada a freguezia da Gloria, independente da de S. José.

## 10. SABBADO S. Lourenço.

**1632** — Fallece Martim de Sá, nascido no Rio de Janeiro e filho de Salvador Corrêa de Sá, o velho.

## 11. DOMINGO Santa Suzana.

**1827** — Inauguração dos cursos juridicos no Brazil.

## 12. SEGUNDA-FEIRA Santa Clara.

**1886** — Fallece o visconde do Bom Retiro, Luiz Pedreira do Couto Ferraz.

## 13. TERÇA-FEIRA Santa Helena.

**1897** — Fallece o dr. Joaquim José Menezes Vieira, conceituado educador.

## 14. QUARTA-FEIRA Santo Euzebio.

**1840** — Fallece Balthazar da Silva Lisboa, chronista, auctor dos Annaes do Rio de Janeiro.

## 15. QUINTA-FEIRA Annunciação de Nossa Senhora. — *Feriado no Pará e em Matto Grosso.*

**1909**. — Assassino de Euclydes da Cunha.
**1867** — Passagem do Curupaity, pela esquadra brazileira.

## 16. SEXTA-FEIRA S. Joaquim.

**1869** — Batalha do Barreiro, no Paraguay.

# AGOSTO — 31 dias

**17. SABBADO** S. Mamede. — *Feriado no Amazonas.*

1867 — Fallece o marquez de Itanhaeu, senador por Minas Geraes.

**18. DOMINGO** Santo Agapito.

1838 — E' apresentada na Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional a proposta creando o Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

**19. SEGUNDA-FEIRA** S. Luiz.

1651 — Antonio Galvão toma posse do governo interino da capitania do Rio de Janeiro.

**20. TERÇA-FEIRA** S. Samuel.

1835 — Fallece José da Silva Lisboa, visconde de Cayurú.

**21. QUARTA-FEIRA** S. Umbelina.

1899 — Fallece o dr. Domingos José Freire notavel bactereologista.

**22. QUINTA-FEIRA** SantoThimoteo.

1901 — Fallece o dr. Ferreira de Araujo, redactor da *Gazeta de Noticias*.

**23. SEXTA-FEIRA** S. Liberato.

1863 — Fallece Agrario de Menezes, advogado e dramaturgo.

**24. SABBADO** S. Bartholomeu.

1863 — Fallece João Caetano dos Santos, notavel actor brazileiro.

# AGOSTO — 31 dias

## 25. DOMINGO S. Luiz.

.....

.....

.....

.....

.....

**1872** — Fallece o dr. Candido Borges Monteiro, visconde de Itaúna.

## 26. SEGUNDA-FEIRA S. Constancio.

.....

.....

.....

.....

.....

**1875** — Inauguração da Estrada de Ferro de Campinas a Mogy-Mirim.

## 27. TERÇA-FEIRA Santa Euthalia.

.....

.....

.....

.....

.....

**1849** — Fallece o general Menna Barreto.

## 28. QUARTA-FEIRA S. Agostinho.

.....

.....

.....

.....

.....

**1865** — Fallece o almirante Luiz da Cunha Moreira, 1.º visconde do Cabo Frio.

## 29. QUINTA-FEIRA Santo Adolpho.

.....

.....

.....

.....

.....

**1825** — Portugal reconhece a independencia do Brazil.

## 30. SEXTA-FEIRA SS. Coraçãode Maria. — *Feriado no Espirito Santo.*

.....

.....

.....

.....

.....

**1823** — Publica-se o tratado da independencia do Brazil.

## 31. SABBADO S. Raymundo Nonnato.

.....

.....

.....

.....

.....

**1861** — Morre no Recife o mestre de campo Henrique Dias, commandante dos homens pretos.

## EPIGRAMMAS

» *Duenas nocher. cabelleros...* «
*Y eran todos rapateros*

## DESCULPAS

Um empregado faltou uns poucos de dias á repartição. Afinal appareceu.

— Por que não veiu?

— Porque a neve está tão escorregadia, que dá a gente um passo para diante e dous para traz, de fórma que, querendo, chegar ao fim da minha rua, fui dar commigo... no fundo da cama.

# SETEMBRO — 30 dias

**1. DOMINGO** S. Gedeão.

.....

.....

.....

.....

.....

**1780** — Lançamento da primeira pedra da egreja da Cruz dos Militares.

**2. SEGUNDA-FEIRA** Santo Elpidio.

.....

.....

.....

.....

**1810** — Natal de Joaquim Caetano.
**1866** — No bombardeamento do forte de Curugú a explosão de um torpedo põe a pique o couraçado *Rio de Janeiro*.

**3. TERÇA-FEIRA** S. Aristeu.

.....

.....

.....

.....

.....

**1866** — Occupação de Curuzú, pelas forças alliadas.

**4. QUARTA-FEIRA** Santa Rosa.

.....

.....

.....

.....

.....

**1862** — Canta-se pela primeira vez, no Theatro Lyrico, a opera *Noite no Castello*, do maestro Carlos Gomes.

**5. QUINTA-FEIRA** S. Macario. — *Feriado no Amazonas.*

.....

.....

.....

.....

.....

**1850** — E' elevada á categoria de provincia a comarca do Amazonas, portencente ao Pará.

**6. SEXTA-FEIRA** Santa Libania.

.....

.....

.....

.....

**1893** — Revolta-se na bahia do Rio de Janeiro parte da esquadra, no proposito de depôr o vice-presidente da Republica, o marechal Floriano Peixoto.

**7. SABBADO** Santa Regina. — ***Festa Nacional.***

.....

.....

.....

.....

.....

.....

**1822** — Independencia do Brazil.

**8. DOMINGO** Natividade de N. S.

.....

.....

.....

.....

.....

**1836** — Fallece José Joaquim Carneiro de Campos, marquez de Caravellas, senador pela Bahia.

# SETEMBRO — 30 dias

## 9. SEGUNDA-FEIRA S. Sergio.

.....

.....

.....

.....

.....

**1909.** — M. em Pariz Guimarães Passos (da Acad).
**1632** — Toma posse da prelaria do Rio de Janeiro, D. Lourenço de Mendonça.

## 10. TERÇA-FEIRA S. Nicolau.

.....

.....

.....

.....

.....

**1808** — Começa a publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, 1.º jornal apparecido no Brazil.

## 11. QUARTA-FEIRA S. Jacintho.

.....

.....

.....

.....

.....

**1846** — Fallece Francisco Villela Barbosa, 1.º marquez de Paranaguá.

## 12. QUINTA-FEIRA Santa Auta.

.....

.....

.....

.....

.....

**1711** — Entra no Rio de Janeiro a expedição de Duguay-Trouin.

## 13. SEXTA-FEIRA Santa Eugenia.

.....

.....

.....

.....

.....

**1830** — Fallece Frei Francisco de Sampaio, poeta e orador.

## 14. SABBADO S. Cornelio.

.....

.....

.....

.....

.....

**1831** — Sublevação da tropa estacionada em Pernambuco (Recife).

## 15. DOMINGO S. Nicomedes.

.....

.....

.....

.....

**1821** — Começa a publicar-se no Rio de Janeiro o *Reverbero Constitucional Fluminense*, redigido pelo conego Januario da Cunha Barboza e Joaquim Gonçalves Lédo.
**1909** — Tragica morte de Euclides da Cunha.

## 16. SEGUNDA-FEIRA Santa Lucia.

*Feriado nas Alagôas.*

.....

.....

.....

.....

**1848** — Fallece o marquez de Maricá, illustre pensador.
**1896** — Fallece no Pará o maestro Carlos Gomes.

# SETEMBRO — 30 dias

## 17. TERÇA-FEIRA Santa Comba.

**1645** — Os hollandezes que se achavam na fortaleza de Porto Cabo, capitulam.

## 18. QUARTA-FEIRA Santa Sophia.

**1865** — Rendição de Uruguayana.
**1888.** — Fallece Franklin Tavora.

## 19. QUINTA-FEIRA S. Januario.

**1837** — Diogo Feijó apresenta renuncia do cargo de regente.

## 20. SEXTA-FEIRA Dôres de N. S. — *Feriado no Districto Federal e no Rio Grande do Sul.*

**1835** — Rompe a revolução do Rio Grande do Sul, capitaneada por Bento Gonçalves.

## 21. SABBADO S. Matheus.

**1861** — Inauguração do Dique Imperial, na Ilha das Cobras.

## 22. DOMINGO S. Mauricio.

**1719** — Fallece o celebre jesuita Belchior de Pontes.

## 23. SEGUNDA-FEIRA S. Lino.

**1534** — Foral passado a Pedro de Campos Tourinho, confirmando-lhe a doação da capitania de Porto Seguro.

## 24. TERÇA-FEIRA S. Geraldo.

**1834** — Fallece o 1.º Imperador D. Pedro.
**1889** — Fallece Francisco Belisario, illustre financeiro.

# SETEMBRO — 30 dias

**25. QUARTA-FEIRA** S. Firmino.

**1855** — Fallece Aureliano de Souza de Azevedo Coutinho, visconde de Sepetiba.
**1908** — Fallece Machado de Assis, o primeiro presidente da Academia.

**26. QUINTA-FEIRA** Santo Euzebio.

**1778** — E' nomeado vice-rei do Brazil D. Luiz de Vasconcellos.

**27. SEXTA-FEIRA** S. Cosme.

**1867** — Fallece Herculano Ferreira Penna, senador pelo Estado do Amazonas.

**28. SABBADO** S. Wenceslau.

**1871** — Promulgação da lei n.º 2040, conhecida por *lei de ventre livre*.

**29. DOMINGO** S. Miguel Archanjo.

**1857** — E' elevada a cidade, a villa de Vassoura, no Estado do Rio de Janeiro.

**30. SEGUNDA-FEIRA** S. Jeronymo.

**1810** — Toma posse do governo da capitania da Bahia, D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos.

## VERSOS EM ESPERANTO

Entregamos á apreciação dos leitores um trecho de Esperanto, a mimosa poesia de Arnault, *La Feuille*, vertida em Esperanto, segundo a traducção portugueza de João de Deus.

*Folha cahida.*

### DEFALINTA FOLIO

De trunketo disigita,
Vi malgaja, sekigita
Kien iras, folieto?
« Vento kverkon ruinadis,
Kiu min sur si tenadis;
Tiam, tute fordonanta
Min al vento forfluganta
Mi trakuras en momento
Valon, monton, kun la vento;
Kaj en tiu-ci movado
Mi vojaghos sentimado
Kun folio de la rozo,
Kaj folio de la lauro
En la tuta vivodauro! »

(Trad. Costa e Almeida).

# OUTUBRO — 31 dias

## 1. TERÇA-FEIRA S. Remigio.

1868 — Os couraçados *Bahia*, *Barroso*, *Tamandaré* e *Silvado*, forçam as baterias de Angustura.

## 2. QUARTA-FEIRA S. Nilo.

1857 — E' elevada a cidade a villa de Cantagallo no Estado do Rio de Janeiro.

## 3. QUINTA-FEIRA S. Candido.

1816 — Combate de S. Borja, entre o coronel José de Abreu, depois barão do Ferro Largo, e o caudilho argentino André Artigas.

## 4. SEXTA-FEIRA S. Franc. de Assis.

1879 — Fallece o general Ozorio, marquez do Herval.

## 5. SABBADO S. Placido.

1865 — Fallece o marquez de Abrantes.

## 6. DOMINGO S. Erothides.

1831 — Sedição na Ilha das Cobras.

## 7. SEGUNDA-FEIRA S. Marcos.

1831 — Levante do corpo de artilharia da Ilha das Cobras e das demais de Bona.
1905 — Morre em Florença o pintor Pedro Americo.

## 8. TERÇA-FEIRA Santa Brigida.

1758 — E' concedido a Gomes Freire de Andrade o titulo de conde de Bobadella.

# OUTUBRO — 31 dias

**9. QUARTA-FEIRA** S. Dionysio.

**1821** — Convenção em Beberibe, que restabelece a paz em Pernambuco.

**10. QUINTA-FEIRA** S. Luiz Beltrão.

**1874** — Inauguração do dique Santa Cruz, na Ilha das Cobras.

**11. SEXTA-FEIRA** S. Nicacio.

**1901** — Fallece o dr. Francisco de Castro, professor da Faculdade de Medicina.

**12. SABBADO** S. Cypriano — *Festa Nacional.* — *Descoberta da America.*

**1835** — Toma posse da regencia do Imperio, o padre Diogo Antonio Feijó.

**13. DOMINGO** S. Gabriel.

**1711** — Deixa as aguas do Rio de Janeiro a esquadra de Duguay-Trouin.

**14. SEGUNDA-FEIRA** S. Gaudencio.

**1844** — Fallece Manoel Caetano de Almeida Albuquerque, senador por Pernambuco.

**15. TERÇA-FEIRA** Santa Thereza de Jesus.

**1827** — E' creado o Observatorio Astronomico.

**16. QUARTA-FEIRA** S. Martiniano.

**1645** — Combate de Salinas em Santo Amaro, guerra hollandeza.

# OUTUBRO — 31 dias

## 17. QUINTA-FEIRA S. Mariano.

1869 — Fallece Theophilo Ottoni, senador, jornalista da *Sentinella do Serro*.

## 18. SEXTA-FEIRA N. Sr.ª dos Remedios.

1860 — Fallece Casimiro de Abreu, poeta das *Primaveras*.

## 19. SABBADO S. Pedro de Alcantara.

1739 — E' queimado, pela Inquisição, o poeta Antonio José.

## 20. DOMINGO S. João Cancio.

Fallece Pedro José da Costa Barros, senador pelo Ceará.

## 21. SEGUNDA-FEIRA Santa Ursula.

1885 — Fallece Felicio dos Santos, mineiro illustre, redactor de *Jequitinhonha*.

## 22. TERÇA-FEIRA S. Maria Salomé.

1908 — Morre Arthur Azevedo (da Academia).

1845 — Manifesto do Brazil contra o *bill aberdeen*, promulgado pelo parlamento inglez.

## 23. QUARTA-FEIRA S. Romão.

1846 — Fallece o conselheiro Manoel do Nascimento Castro e Silva, senador pelo Ceará.

## 24. QUINTA-FEIRA S. Raphael. — *Feriado em Sergipe.*

1877 — Fallece em Porto Alegre o marechal Victorino José Carneiro Monteiro, barão de S. Borja.

# OUTUBRO — 31 dias

## 25. SEXTA-FEIRA S. Chrispim.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

**1825** — A Republica Argentina declara guerra ao Brazil.

## 26. SABBADO S. Evaristo.

.....

.....

.....

.....

.....

**1886.** — Morre José Bonifacio (o sobrinho).
**1908** — Fallece em Bello Horizonte o presidente João Pinheiro.

## 27. DOMINGO Santo Elesbão.

.....

.....

.....

.....

.....

**1735** — Provisão regia mandando erigir o seminario de S. José.

## 28. SEGUNDA-FEIRA S. Simão.

.....

.....

.....

.....

.....

**1890** — E' elevada a villa com o nome de Itaocára, a freguezia de S. José de Leonissa, no Estado de Rio de Janeiro.
**1906** — Morre no Rio o Barão de Loreto (da Academia).

## 29. TERÇA-FEIRA Santa Bemvinda.

.....

.....

.....

.....

.....

**1888** — Fallece Joaquim Serra, poeta e jornalista, natural do Maranhão.

## 30. QUARTA-FEIRA S. Serapião.

.....

.....

.....

.....

.....

**1801** — Entrega o coronel Manoel Marques de Sousa, depois de pequeno fogo, a fortaleza de Ferro Largo.

## 31. QUINTA-FEIRA S. Quintino.

.....

.....

.....

.....

.....

**1769** — Chega ao Rio de Janeiro o marquez do Lavradio.

**O ESTYLO.** — Como hão de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas e muito claras. E nem por isso temais que seja o estylo baixo : as estrellas são muito distinctas e muito claras, e altissimas. O estylo póde ser muito claro e muito alto : tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender n'elle os que sabem.

O rustico acha documentos nas estrellas para a sua lavoura, e o mareante para a sua navegação, e o mathematico para as suas observações e para os seus juizos. De maneira que o rustico e o mareante, que não sabem ler nem escrever, entendem as estrellas e o mathematico que tem lido quantos escreveram, não alcança o entender quanto n'ellas ha.

*Vieira* (Serm.)

# NOVEMBRO — 30 dias

**1. SEXTA-FEIRA** *Todos os Santos.*

1890 — Fallece Julio Ribeiro, philologo.

**2. SABBADO** *Finados. Festa Nacional.*

1738 — Fallece Sebastião da Rocha Pitta, historiador.

**3. DOMINGO** S. Malaquias.

1864 — Morre em naufragio, perto do Maranhão, o poeta Gonçalves Dias.

**4. SEGUNDA-FEIRA** S. Carlos Borromeu.

1887 — Morre o dr. João Vicente Torres Homem, medico de nomeada.

**5. TERÇA-FEIRA** S. Zacharias.

1826 — E' constituida a Academia Nacional de Bellas Artes.

**6. QUÁRTA-FEIRA** S. Leonardo.

1836 — Proclamação da Republica de Piratiny.

**7. QUINTA-FEIRA** S. Hilarião. — *Feriado na Bahia.*

1837 — Começa na Bahia a revolução conhecida pelo nome de *Sabinada*.

**8. SEXTA-FEIRA** Patrocinio de N. S.

1900 — E' elevada a villa a colonia Conde d'Eu, do Rio Grande do Sul, com o nome de Garibaldi.

# NOVEMBRO — 30 dias

**9. SABBADO** S. Theodoro.

**1843** — Fallece o padre Diogo Feijó, antigo regente do Imperio.

**10. DOMINGO** S. Tiberio. — *Feriado em Pernambuco.*

**1822** — São entregues ao exercito e á armada as primeiras bandeiras do Brazil.

**11. SEGUNDA-FEIRA** S. Martinho.

**1864** — O dictador Lopes aprisiona o vapor *Marquez de Olinda.*

**12. TERÇA-FEIRA** S. Diogo.

**1890** — Fallece o dr. Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro.

**13. QUARTA-FEIRA** S. Eugenio.

**1864** — O ministro do Brazil em Assumpção, Vianna de Lima, protesta contra o aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda.*

**14. QUINTA-FEIRA** S. Clementino.

**1864** — Rompimento de relações diplomaticas com o Paraguay.

**15. SEXTA-FEIRA** Santa Gertrudes. *Festa Nacional. — Proclamação da Republica.*

**1891** — Fallece o poeta Ezequiel Freire, autor das *Flôres do Campo.*

**16. SABBADO** S. Valerio. — *Feriado no Piauhy e Ceará.*

**1889** — O governo provisorio da Republica marca o praso de vinte e quatro horas para o Imperador D. Pedro II deixar o territorio nacional.

# NOVEMBRO — 30 dias

**17. DOMINGO** S. Alpheu. — *Feriado em Santa Catharina.*

**1889** — Embarca para o desterro a familia imperial.

**18. SEGUNDA-FEIRA** S. Romão. — *Feriado no Maranhão.*

**1724** — Fallece em Toledo Bartholomeu de Gusmão, o *Voador*, inventor dos aerostatos.

**19. TERÇA-FEIRA** S. Ponciano.

**1833** — Fallece João Severiano Maciel da Costa, marquez de Queluz, senador pelo Parahyba e magistrado.

**20. QUARTA-FEIRA** S. Felix. — *Feriado no Espirito Santo.*

**1823** — São deportados os tres irmãos Andradas, presos no dia 12 em seguida á dissolução da Constituinte.

**21. QUINTA-FEIRA** S. Demetrio — *Feriado no Amazonas.*

**1847** — Fallece o major Julio Frederico Kœller, fundador de Petropolis.

**22. SEXTA-FEIRA** Santa Cecilia.

**1892** — Fallece o dr. José Pereira Rego, barão do Lavradio, conceituado medico.

**23. SABBADO** S. Clemente.

**1909.** — M. Lucio de Mendonça (da Acad.).
**1892** — Revolta da esquadra e subsequente renuncia do presidente marechal Deodoro da Fonseca.

**24. DOMINGO** S. Estanislau.

**1631** — Os hollandezes incendeiam a cidade de Olinda.

# NOVEMBRO — 30 dias

## 25. SEGUNDA-FEIRA S. Catharina.

.....

.....

.....

.....

.....

**1823** — O governo concede ao almirante Cochane o titulo de marquez de Maranhão, pelos serviços prestados á independencia do Imperio.

## 26. TERÇA-FEIRA S. Belmiro.

.....

.....

.....

.....

.....

**1624** — Fundação da fortaleza de Lage, na bahia do Rio de Janeiro.

## 27. QUARTA-FEIRA Santa Margarida de Saboya.

.....

.....

.....

.....

.....

**1833** — Chega a Cuyabá o bispo D. José Antonio dos Reis.

## 28. QUINTA-FEIRA S. Herculano.

.....

.....

.....

.....

.....

**1861** — Naufraga em Mocahé e perece Manoel Antonio de Almeida, romancista autor das *Memorias de um sargento de milicias*.

## 29. SEXTA-FEIRA S. Saturnino.

.....

.....

.....

.....

.....

**1869** — Passa a ter a denominação de Praça Duque de Caxias, o Largo do Machado.

## 30. SABBADO Santo André.

.....

.....

.....

.....

.....

**1559** — Chega á Bahia o capitão-mór Bartholomeu de Vasconcellos, para expulsar os francezes do Rio de Janeiro.

## A TORTO E A DIREITO

D. Thomaz de Noronha, natural de Alemquer e fallecido em 1651, foi um poeta satyrico muito apreciado no seu tempo. A um advogado rabula, casado com uma mulher, que soffria de estrabismo, fez elle a seguinte decima :

Mata o senhor advogado
Com *direito*, que não sabe;
A mulher, não porque a gabe
E' *torta*, mata de olhado.
Pelo que tenho alcançado,
Que pois matam d'este geito,
Bem se póde, ao que suspeito,
Com muita razão dizer :
Que este marido e mulher
Matam a *torto e a direito*.

A respeito da pratica de fazer *barretadas*, como signal de cortezia, lê-se o seguinte no *Vocabulario* de Bluteau : — « Dizem que, entre as pragas, que os turcos rogam, uma d'ellas é esta — *Faça-te Deus como o chapéo de um christão* ; porque o movimento perpetuo dos nossos chapeus parece aos turcos uma especie de tormento, comparado com a constante immobilidade dos seus turbantes ».

Tambem Rodrigues Lobo, na sua *Côrte na aldeia* escreveu a seguinte tirada: — « O que me a mim cança é tirar o chapéo, que me fazem de despeza as boas correspondencias, em forros e caireis, afóra os damnos do feltro, o que Deus sabe, e eu sinto. »

# DEZEMBRO — 31 dias

## 1. DOMINGO *Advento.*

**1847** — Fallece o padre Luiz Gonçalves dos Santos, chronista.

## 2. SEGUNDA-FEIRA Santa Bibiana.

**1858** — Fallece Frei Francisco de Monte Alvorne, notavel prégador.

## 3. TERÇA-FEIRA S. Francisco Xavier.

**1870** — A villa de S. Fidelis, no Estado do Rio de Janeiro, é elevada á categoria de cidade.

## 4. QUARTA-FEIRA Santa Barbara.

**1810** — Decreto de D. João VI, creando a Escola Militar.

## 5. QUINTA-FEIRA S. Geraldo.

**1887** — Fallece Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, litterato. Traduziu o *Inferno*, de Dante.

## 6. SEXTA-FEIRA S. Nicolau.

**1889** — E' elevada a cidade, com o nome de Itaperuna, a villa de José do Amaby, no Estado do Rio de Janeiro.

## 7. SABBADO Santo Ambrosio.

**1848** — Fallece Luiz Carlos Martins Penna, comediographo.

## 8. DOMINGO *Conceição de N. S.*

**1866** — Batem-se no Arsenal de Marinha, as cavilhas dos monitores *Pará*, *Rio Grande*, *Alagôas*, *Piauhy* e *Ceará*, mandados construir especialmente para a campanha do Paraguay.

# DEZEMBRO — 31 dias

## 9. SEGUNDA-FEIRA Santa Leocadia.

*Feriado em Matto Grosso.*

**1639** — E' transferida de Alagôas para Maceió a capital do Estado de Alagôas.

## 10. TERÇA-FEIRA S. Melchiades.

**1892** — Fallece Francisco Corrêa Vasques, popular actor comico.

## 11. QUARTA-FEIRA S. Damaso, Papa.

**1826** — Fallece a Imperatriz D. Leopoldina, mãe de D. Pedro II.

## 12. QUINTA-FEIRA S. Justino.

**1889** — E' elevada a cidade a villa do Carmo, no Estado do Rio de Janeiro.

## 13. SEXTA-FEIRA Santa Luzia

**1868** — Fallece em Munich o sabio naturalista dr. Martins, que escreveu a *Flora Braziliensis*.

## 14. SABBADO Santo Agnello.

**1831** — Levante de Pinto Madeira, no Ceará.

## 15. DOMINGO Santo Euzebio. — *Feriado em S. Paulo.*

**1883** — E' preso e enviado para Paquetá, José Bonifacio, tutor do Imperador.

## 16. SEGUNDA-FEIRA Trasladação de Santa Maria Magdalena.

**1809** — Abertura da Bibliotheca de Marinha.

# DEZEMBRO — 31 dias

## 17. TERÇA-FEIRA S. Lazaro.

**1851** — Passagem do Tonelero pela esquadra brazileira.

## 18. QUARTA-FEIRA Nossa Senhora do O'.

**1865** — Fallece Francisco Manoel da Silva, maestro, auctor do Hymno Nacional.

## 19. QUINTA-FEIRA Santa Fausta.

**1634** — Capitulação da fortaleza de Cabedello, na Parahyba, occupado pelos hollandezes.

## 20. SEXTA-FEIRA S. Domingos de Sylos.

**1828** — Tratado de commercio e amizade entre o Brazil e a Hollanda.

## 21. SABBADO S. Thomé.

**1825** — O vice-almirante Rodrigo José Ferreira Lobo, declara bloqueados os postos orientaes e argentinos.

## 22. DOMINGO Santo Honorato.

**1866** — O almirante Tamandaré, passa o commando da esquadra em operações no Paraguay, ao vice-almirante Joaquim José Ignacio, depois visconde de Inhaúma.

## 23. SEGUNDA-FEIRA S. Servulo.

**1665** — Carta regia de D. Affonso VI, doando a Ilha Grande de Joannes, ao Secretario de Estado Antonio de Sousa Macedo.

## 24. TERÇA-FEIRA S. Gregorio.

**1869** — Fallece José Joaquim Fernandes Torres, senador por Minas Geraes.

# DEZEMBRO — 31 dias

**25. QUARTA-FEIRA** *Natal.*

**1562** — Morre, em consequencia de ferimentos recebidos na defeza de S. Paulo, Martim Affonso de Mello (Tebyriça), chefe dos Guayanezes.

**26. QUINTA-FEIRA** Santo Estevam.

**1864** — Fallece Bento da Silva Lisboa, eminente publicista.

**27. SEXTA-FEIRA** S. João Ap. Evang.

**1889** — E' elevada a cidade a villa de Maricá, no Estado do Rio de Janeiro.

**28. SABBADO** Os S. S. Innocentes Mm.

**1877** — Fallece Zacarias de Góes e Vasconcellos, senador e grande estadista.

**29. DOMINGO** S. Thomaz.

**1879** — Fallece Manoel de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo, poeta, auctor do poema *Colombo*.

**30. SEGUNDA-FEIRA** S. Sabino.

**1869** — Fallece o dr. Roberto Jorge Haddock Lobo, medico.

**31. TERÇA-FEIRA** S. Silvestre.

**1601** — Fundação de um collegio em Cannéa, pelos padres jesuitas.

## O MENTIROSO

Quem mente ha de fallar pouco, para não ser facilmente convencido. O nadador, e o mentiroso se abrirem muitas vezes a bocca; ir-se-hão a pique.

PADRE MANOEL BERNARDES.

## A OCIOSIDADE

E' engano cuidar ninguem que se encurtam os annos com o trabalho. O mimo e a ociosidade são a lima surda que os corta e abrevia. — (*Fr. Luiz de Sousa*).

# GEOGRAPHIA - ESTATISTICA

BIBLIOTECA NACIONAL RIO DE JANEIRO

## BRASIL

Republica federativa composta de 20 Estados e um Districto Federal. Constituição de 24 de Fevereiro de 1891. O Senado compõe-se de 63 representantes, sendo 3 por cada Estado e outros 3 pelo Districto Federal, renovando-se o Senado pelo terço triennalmente. A Camara dos Deputados compõe-se de 212 representantes (um por 70.000 hab.), eleitos mediante suffragio directo por tres annos. O presidente e o vice-presidente da Republica são eleitos por 4 annos e tambem por suffragio directo. E' eleitor todo o Brasileiro maior de 21 annos que se alistar na forma da lei.

Aos 20 Estados acima referidos accresce o chamado territorio do Acre, que pelo decreto n. 5188, de 7 de Abril de 1904, foi dividido em tres zonas ou departamentos administrativos com estas denominações : *Alto Acre*, *Alto Purús* e *Alto Juruá*. Cada um d'elles é administrado por um prefeito de nomeação do presidente da Republica, havendo em Manaus um delegado do Governo Federal para centro de informações e transmissão de ordens. Todo esse territorio constitue uma comarca com um juiz de direito e trez juizes de districto.

Ao Franziskaner
BAR E RESTAURANT
AVENIDA CENTRAL * 152 A 156
FIGUEROA & WERNER
RIO DE JANEIRO
Telephone 989
Caixa do Correio 396

— Area, 8.525.055 kls. qs., comprehendida a permuta de territorios estipulada pelo recente tratado de Petropolis. — População (segundo o recenseamento de 1890) 14.333.915 hab.; presume-se que a actual não seja inferior a 18.000.000 e ha quem com boas razões a eleve a 21.000.000. Um estudioso de estatisticas faz os calculos seguintes a respeito da população :

**A população do Brasil em 1906** (**estimativa exagerada**).

| | ESTADOS | AREA EM klms. QUADRADOS | POPULAÇÃO | HABTS. por KLM. Q. |
|---|---|---|---|---|
| 1 | Alagôas | 58.491 | 937.920 | 16,03 |
| 2 | Amazonas | 1.897.020 | 288.000 | 0,15 |
| 3 | Bahia | 426.427 | 2.802.000 | 6,57 |
| 4 | Ceará | 104.250 | 1.200.000 | 11,41 |
| 5 | Districto Federal | 1.394 | 876.000 | 62,80 |
| 6 | Espirito Sancto | 44.839 | 241.920 | 5,39 |
| 7 | Goyaz | 747.311 | 408.000 | 0,54 |
| 8 | Maranhão | 459.884 | 792.000 | 1,72 |
| 9 | Matto-Grosso | 1.379.651 | 188.400 | 0,13 |
| 10 | Minas-Geraes | 574.885 | 5.132.880 | 8,05 |
| 11 | Pará | 1.149.712 | 782.880 | 0,69 |
| 12 | Parahyba | 74.731 | 716.200 | 9,59 |
| 13 | Paraná | 221.319 | 432.000 | 1,95 |
| 14 | Pernambuco | 128.395 | 2.507.400 | 19,50 |
| 15 | Piauhy | 301.797 | 510.000 | 1,68 |
| 16 | Rio Grande do Norte | 57.485 | 488.640 | 8,51 |
| 17 | Rio Grande do Sul | 236.553 | 1.620.000 | 6,84 |
| 18 | Rio de Janeiro | 68.972 | 1.560.000 | 22,60 |
| 19 | Santa Catharina | 74.156 | 486.960 | 6,86 |
| 20 | São Paulo | 290.876 | 3.024.000 | 10,39 |
| 21 | Sergipe | 39.090 | 540.000 | 13,81 |
| | Total | 8.337.218 | 25.534.200 | 3,85 |

Para o calculo do presente quadro serviu de base o organisado pelo Dr. Antonio de Toledo Piza, para 1900, admittindo-se augmento de 20 °/° nos seis annos desde então decorridos, acrescimo correspondente á duplicação observada do numero de habitantes em trinta annos. Comtudo, a população mais provavel para 1911 será de 18 a 20 milhões de habitantes.

Este calculo que no pareceu exaggerado em 1906 e' em 1912 perfeitamente aceitavel, no conjuncto; comtudo, ainda nos parece excessiva a população attribuida aos estados do Norte entre Bahia e Pará (J. R.)

**Limites.** — Confina ao *Norte* com as Guyanas Franceza, Hollandeza e Ingleza, e as republicas de Venezuela e Estados-Unidos da Colombia; a Oeste e SO. com as republicas do Perú, da Bolivia, do Paraguay e Argentina; ao S. com a Republica do Uruguay; a SE, E. e NE. com o Oceano Atlantico, tendo por pontos extremos :

Ao *Norte*, na serra Roruima, a nascente do rio Cotingo, aos 5° — 9′ — 40″ lat. N. e 17° — 34′ — 20″ long. O. do Obs. do Rio de Janeiro ou 60° — 44′ — 41″15 O. de Greenwich.

A *Leste*, Ponta de Pedras, na costa de Pernambuco, aos 7° — 37′ — 30″ lat. S. e 8° — 22′ — 01″,15 long. E. dos Obs. do Rio de Janeiro ou 34° — 48′ — 02″ O. de Greenwich.

Ao *Sul*, a barra do arroio Chui, no Oceano Atlantico, aos 33° — 45′ — 00″ lat. S. e 10° — 21′ — 27″,10 long. O. do Obs. do Rio de Janeiro ou 53° — 31′ — 48″,25 O. de Greenwich.

A *Oeste* (actualmente) a nascente do Rio Jaquirana, aos 7° — 11′ — 48″,10 lat. S. e 30° — 37′ — 23″,35 long. O. do Obs. do Rio de Janeiro ou 73° — 47′ — 44″,50 O. de Greenwich, ponto commum ao Brasil, Perú e Bolivia.

A sua maior extensão entre os pontos terminaes, na linha *Norte-Sul*, é de 4.310 kilometros, e na linha *Este-Oeste* de 4.300 kilometros.

**Aspecto physico, serras e chapadões.** — A maior parte do paiz consta de um planalto de 300 a 1000 metros de altura, limitado ao N. e a O. pelas grandes depressões continentaes do Amazonas e do Paraguay, quasi unidas por meio do valle do Madeira e de seu tributario o Guaporé. Comprehende tambem parte do planalto da Guyana, a maior parte da depressão do Amazonas e a parte superior da do Paraguay. A estas quatro divisões ainda ha que juntar uma região maritima, que occupa uma estreita facha entre o Oceano e a beira oriental do grande planalto brasileiro.

Embora representem-n'o geralmente como montanhoso, o planalto brasileiro consta em grande parte de chapadões profundamente excavados pelos valles de numerosos rios. As verdadeiras montanhas, — as que são devidas ao solevamento — existem principalmente a Leste e no centro, e podem considerar-se como constituindo duas cadeias quasi separadas pelos altos chapadões da bacia do S. Francisco e da do Paraná.

A cadeia oriental ou maritima acompanha a costa do Atlantico a pequena distancia do littoral, desde as proximidades do cabo de S. Roque, e vai quasi até aos limites meridionaes do paiz.

A cadeia central ou goiana occupa uma parte do Sul de Goiaz, parte do Estado de Minas a Oeste do S. Francisco, e junta-se á cadeia oriental por uma lombada transversal que se extende para Oeste atravez do Sul de Minas. Esta lombada transversal faz parte da grande divisoria das aguas do continente, extendendo-se na direcção E. O., e á qual geralmente chamam Serra das Vertentes, denominação impropria, porque uma parte consideravel da divisoria das aguas não é precisamente montanhosa.

As montanhas do systema oriental formam uma zona longa e comparativamente estreita, de cêrca de vinte leguas na sua maior largura, nos Estados ao Sul do Rio de Janeiro, de quatro ou cinco vezes mais no Sul de Minas-Geraes, de cincoenta ou sessenta leguas a Leste do rio S. Francisco.

Nos Estados do Paraná, S. Paulo, Rio de Janeiro, Espirito-Santo e no S. E. de Minas-Geraes, onde esta cadeia chega ao seu maior desenvolvimento, ha duas divisões parallelas bem definidas : a serra do Mar e a serra da Mantiqueira, que se extendem de S. O. para N. E. Os pontos culminantes são : os picos dos Orgãos deante da bahia do Rio de Janeiro

(2232 m.), na serra do Mar; e o Itatiaia (2994 m.), o mais elevado do Brasil, na serra da Mantiqueira, no angulo dos tres Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas-Geraes.

Ao Norte do parallelo do Rio de Janeiro, a linha culminante da cadeia passa da serra da Mantiqueira, que continúa na direcção de N. E., para um ramal que, sob o nome de serra do Espinhaço, encaminha-se para o Norte ao longo da margem oriental da bacia do S. Francisco. Os pontos mais elevados d'esta serra são os picos de Itacolumi (1750 m.), e Caraça (1955 m.), proximo a Ouro-Preto, Piedade (1787 m.) junto a Sabará, e Itambé (1817 m.) na região de Diamantina. As montanhas d'esta cadeia oriental tornam-se mais baixas ao Norte e ao Sul dos Estados mencionados, e ao Norte do S. Francisco são representadas por pequenas serras e cabeços isolados.

A cadeia central ou goiana consta pelo menos de duas divisões distinctas : a das serras da Canastra e Matta da Corda, que se extendem em direcção geralmente septentrional desde as cabeceiras do S. Francisco até á margem meridional da bacia do grande affluente occidental, o Paracatú, e a das montanhas do Sul de Goiaz, que se extendem na direcção de N. E. entre as cabeceiras das bacias do Tocantins-Araguaya e do Paraná.

A primeira destaca-se da lombada mencionada, que da serra da Mantiqueira se extende atravez do Sul de Minas-Geraes. Seu ponto culminante é a serra da Canastra, onde nasce o S. Francisco, com a elevação de 1282 metros.

Da segunda ainda não se póde traçar com precisão nem a extensão, nem os limites, pois os conhecimentos que se possuem da geologia e topographia d'aquella região não permittem distinguir as verdadeiras montanhas, devidas a solevamento, das que são devidas á denudação de estratos horizontaes. E' assim impossivel estabelecer até que ponto as várias divisorias das aguas que irradiam de Goiaz devem classificar-se com as suas montanhas e determinar se formam ou não um systema distincto.

*(Orv. Derby).*

CASA PIERRE DUCHEN

70, Rua de São Bento, 70

CAIXA 497 — SÃO PAULO — TELEPH. 429

IMPORTAÇÃO DE VINHOS, MOLHADOS FINOS E AGUAS MINERAES

Deposito dos excellentes biscoutos da fabrica ANCIENS ÉTABLISSEMENTS DUCHEN

## Altitude dos principaes pontos culminantes do Brasil

| | Metros |
|---|---|
| **Amazonas** | |
| Pico de Roraima | 2.600 |
| **Maranhão** | |
| Mangabeiras | 720 |
| **Ceará** | |
| Serra Ibiapaba (ponto culminante) | 1.020 |
| Serra de Maranguape | 920 |
| Serra de Maruóca | 850 |
| Serra do Aratanha | 780 |
| Serrote do Joá | 620 |
| **Parahiba** | |
| Cordilheira de Borborema | 900 |
| **Pernambuco** | |
| Amaro | 1.223 |
| Serra do Gigante | 921 |
| Serra de Garanhuns | 845 |
| Serra do Exú | 631 |
| **Alagôas** | |
| Garganta da serra do Olho de Agua de Paula | 301 |
| Jatobá | 299 |
| **Sergipe** | |
| Serra de Itabaiana | 860 |
| **Bahia** | |
| Pico das Almas | 1.300 |
| Morro de Commandatuba | 600 |
| Monte Paschoal | 536 |
| Cimo da Serra-Grande | 500 |
| Serra de Itiúba | 436 |
| **Espirito-Santo** | |
| Serra de Itapemirim | 2.100 |
| Serra de Itabapoana | 1.430 |
| Morro Mestre-Alvares | 980 |
| **Rio de Janeiro** | |
| Serra dos Orgãos, Pedra Assú | 2.232 |
| Serra dos Orgãos, pico medido por Liais | 2.011 |
| Serra das Almas, tres Picos do Matheus | 1.880 |
| Frade de Macahé | 1.750 |
| Serra do Tinguá | 1.650 |
| Morro do Frade (Mambucaba) | 1.640 |
| Serra da Onça | 1.400 |
| **Districto federal** | |
| Pico de Andarahi | 1.025 |
| Pico do Corcovado | 700 |
| Paineiras (Corcovado) | 464 |
| Pão de Assucar | 385 |
| Antiga Caixa da Carioca | 209 |
| **Minas-Geraes** | |
| Itatiaia (Agulhas Negras) | 2.994 |
| Itatiaia (Pyramides) | 2.500 |
| Pico do Passa-Quatro (Serra da Mantiqueira) | 2.252 |
| Serra do Caraça | 1.955 |
| Pico do Itambé | 1.817 |
| Alto da serra da Piedade em Sabará | 1.787 |
| Pico de Itacolomi (Ouro-Preto) | 1.750 |
| Pedra-Branca, junto á cidade de Caldas | 1.710 |
| Pico de Itabira do Campo | 1.520 |
| Morro da Moeda | 1.455 |
| Alto da Serra na estrada de Barbacena | 1.288 |
| Serra do Ouro-Branco, ao Sul de Ouro-Preto | 1.260 |
| **S. Paulo** | |
| Lapa do Picú (Mantiqueira) | 2.200 |
| Pico do Tembé | 2.000 |
| Serra do Macuco | 1.400 |
| Serra de S. Roque | 900 |
| **Paraná** | |
| Paranápiacaba | 1.668 |
| Serra da Ribeira | 1.000 |
| Guarapuava | 1.095 |
| Curitiba | 899 |

| SANTA-CATHARINA | Metros |
|---|---|
| Serra do mar | 1.232 |
| Lages | 987 |

| RIO-GRANDE DO SUL | |
|---|---|
| Alf. Chaves | 858 |
| Ant. Prado | 770 |
| Caxias | 805 |
| Lagoa Vermelha | 800 |
| S. Franc. Paula | 922 |

| MATTO-GROSSO | Metros |
|---|---|
| Serra dos Parecis | 900 |
| Serra de Maracajú | 618 |
| Nioac | 220 |

| GOIAZ | |
|---|---|
| Chapada dos Veadeiros | 1.600 |
| Serra dos Pyreneus | 2.310 |
| Serra da Tabatinga | 880 |

## Rios principaes, com a sua extensão approximada:

BACIA DO AMAZONAS

| | Kms. | | Kms. |
|---|---|---|---|
| Amazonas | 5.400 | Guaporé | 1.716 |
| Madeira | 3.240 | Negro | 1.551 |
| Purús | 3.000 | Içá | 1.452 |
| Tocantins | 2.640 | Jutahi | 1.056 |
| Araguaya | 2.627 | Teffé | 990 |
| Tapajoz | 1.992 | Javari | 660 |
| Xingú | 1.980 | Coari | 594 |
| Juruá | 1.980 | Branco | 560 |
| Japurá | 1.848 | | |

BACIA DO RIO DA PRATA

| | Kms. | | Kms. |
|---|---|---|---|
| Paraná | 4.390 | Iguassú | 1.320 |
| Paraguay | 2.078 | Tieté | 1.122 |
| Uruguay | 1.650 | Paranahiba | 957 |
| Grande (Minas) | 1.353 | Paranapanema | 660 |

BACIA DO S. FRANCISCO

| | Kms. | | Kms. |
|---|---|---|---|
| S. Francisco (Liais) | 2.900 | Paracatú | 627 |
| Rio das Velhas (navegavel) | 1.135 | Preto (affl. do Paracatú) | 528 |
| Verde Grande (40 kms., navegavel) | 792 | Urucuia | 501 |

BACIAS SECUNDARIAS

| | Kms. | | Kms. |
|---|---|---|---|
| Parnahiba (do Piauhi, navegavel até á foz do Canindé) | 1.716 | Gurupi | 800 |
| Itapicurú (do Maranhão) | 1.650 | Parahiba do Sul | 792 |
| Mearim (do Maranhão) | 1.095 | Pardo (Bahia) | 792 |
| Jequitinhonha | 1.082 | Rio de Contas (Bahia) | 550 |
| Doce | 977 | Vasa-Barris (Sergipe) | 530 |
| Canindé | 858 | Mucuri | 528 |
| | | Paraguassú (Bahia) | 520 |

## Distancia em milhas do Rio de Janeiro a Manaus e Porto-Alegre

### Para o Norte

| | Milhas |
|---|---|
| Rio de Janeiro á Bahia..... | 734 |
| Bahia a Maceió..... | 270 |
| Maceió a Recife..... | 120 |
| Recife a Parahiba..... | 70 |
| Parahiba a Natal ..... | 78 |
| Natal á Fortaleza..... | 260 |
| Fortaleza a S. Luiz..... | 360 |
| S. Luiz a Belém..... | 250 |
| Belém a Breves..... | 146 |
| Breves a Gurupá..... | 123 |
| Gurupá a Porto de Móz..... | 48 |
| Porto de Móz a Prainha..... | 96 |
| Prainha a Montalegre..... | 41 |
| Montalegre a Santar ..... | 60 |
| Santarem a Obidos..... | 68 |
| Obidos a Villa-Bella..... | 95 |
| Villa-Bella a Itacoatiara..... | 137 |
| Itacoatiara a Manaus..... | 110 |

---

| | |
|---|---|
| Rio de Janeiro á Bahia..... | 734 |
| Rio de Janeiro a Recife..... | 1.124 |
| Rio de Janeiro á Fortaleza. | 1.532 |
| Rio de Janeiro a S. Luiz.... | 1.892 |
| Rio de Janeiro a Belém..... | 2.142 |
| Rio de Janeiro a Manaus.... | 3.066 |

### Para o Sul

| | Milhas |
|---|---|
| Rio de Janeiro a Santos..... | 202 |
| Santos a Paranaguá..... | 142 |
| Paranaguá a Antonina..... | 15 |
| Antonina a S. Francisco..... | 29 |
| S. Francisco a Florianopolis. | 65 |
| Florianopolis a Rio-Grande. | 349 |
| Rio-Grande a Pelotas..... | 27 |
| Pelotas a Porto-Alegre..... | 106 |

---

| | |
|---|---|
| Rio de Janeiro a Santos..... | 202 |
| Rio de Janeiro a Paranaguá | 344 |
| Rio de Janeiro a Antonina. | 359 |
| Rio de Janeiro a S. Francisco ..... | 388 |
| Rio de Janeiro a Florianopolis ..... | 453 |
| Rio de Janeiro a Rio-Grande | 802 |
| Rio de Janeiro a Pelotas.... | 829 |
| Rio de Janeiro a Porto-Alegre ..... | 935 |

---

De Montevidéu a Cuiabá..... 2.091

## Administração, Presidentes, Governadores, Prefeitos

O Brasil divide-se em 20 estados, um Districto Federal e um territorio — o do Acre.

Os estados são administrados por *governadores* ou *presidentes* eleitos pelo povo, sendo que nos estados do Norte, do Amazonas até a Bahia, predomina o uso e titulo de *governadores*, excepto quanto ao Ceará, Paraiba do Norte e Sergipe que tem *presidentes;* os estados do sul são governados por *presidentes*, excepto o de Santa Catharina que o é por um *governador*. (Eucl. Freitas).

O Districto Federal é governado por um *Prefeito*, nomeado pelo Presidente da Republica, mediante approvação do Senado; e por autoridades municipaes.

Os estados, segundo as leis que os regem, estão divididos em municipios autonomos entre si, os quaes são administrados respectivamente por um *Intendente* ou *Prefeito;* mas a origem e as denominações de taes funccionarios variam muito em todo o paiz.

## Forças militares

Segundo a ultima reorganisação do Exercito e lei do serviço militar obrigatorio (Janeiro de 1908), a força publica compõe-se de :

*Arma de infantaria :*

15 regimentos ou 45 batalhões de linha ; 12 batalhões e 13 companhias de caçadores ; 5 companhias de tres secções de tres metralhadoras e 12 secções de tres metralhadoras.

*Arma de cavallaria :*

9 regimentos de linha de quatro esquadrões ; regimentos independentes de quatro esquadrões ; 5 regimentos, para serviço das brigadas de infantaria, de dous esquadrões ; 5 pelotões de estafetas e exploradores das brigadas de infantaria ; e 7 pelotões de estafetas e exploradores para outras unidades.

*Arma de artilharia :*

5 regimentos de tres grupos de tres baterias de quatro peças de artilharia montada ; 5 baterias de obuzeiros de seis peças cada uma ; 3 grupos de artilharia a cavallo de tres baterias de quatro peças ; 2 grupos de artilharia de montanha de tres baterias de quatro peças ; 3 batalhões de artilharia de posição de seis baterias ; 6 batalhões de artilharia de posição de duas baterias ; 6 baterias de artilharia de posição independentes ; 5 parques e 15 columnas de munição.

*Arma de engenharia :*

5 batalhões de quatro companhias das brigadas de infantaria e 17 pelotões de engenharia.

E o trem composto de

5 esquadrões, sem constituirem arma especial ; seus officiaes e praças pertencem á cavallaria ;

Creando 13 regiões de inspecção, assim distribuidas :

« 1ª. Amazonas e Territorio do Acre ; 2ª. Pará e Aricary ; 3ª. Maranhão e Piauhy ; 4ª. Ceará e Rio Grande do Norte ; 5ª. Parahyba e Pernambuco ; 6ª. Alagôas e Sergipe ; 7ª. Bahia e Espirito Santo ; 8ª. Rio de Janeiro e Minas ; 9ª. Districto Federal ; 10ª. S. Paulo e Goyaz ; 11ª. Paraná e Santa Catharina ; 12ª. Rio Grande do Sul ; 13ª. Matto Grosso » ;

Dividindo o territorio brasileiro em 21 regiões de alistamento, correspondentes aos Estados e ao Districto Federal, subordinadas a inspectores permanentes ;

Estabelecendo o serviço militar obrigatorio, conforme os artigos abaixo :

« Art. 1º. Todo o cidadão brasileiro, desde a idade de 21 a de 44 annos completos, é obrigado ao serviço militar, na fórma do art. 86 da Constituição da Republica e de accôrdo com as prescripções desta lei.

Art. 2º. Não podem servir no exercito :

*a)* Os individuos que antes da data legal de sua incorporação ao

serviço, hajam soffrido condemnação por crime previsto no paragrapho unico do art. 46 do codigo penal da armada ;

*b)* Os que forem privados dos direitos de cidadão brasileiro, na fórma das leis em vigor. (Constituição da Republica, art. 71.)

## Navegação

Várias companhias de navegação fazem o serviço costeiro, umas subvencionadas pelo Estado, outras com recursos exclusivamente seus, a saber entre as mais importantes :

*Novo Lloyd Brasileiro*, que mantem as seguintes :

*Linhas de navegação.* — Entre o Rio de Janeiro e Manáes, com escalas pelos portos de Victoria, Bahia, Maceió, Pernambuco, Parahiba, Natal, Ceará, Maranhão, Pará, Obidos e Santarém.

Entre o Rio de Janeiro e New-York (Est. Unidos).

Entre o Rio de Janeiro e Rosario de Santa Fé, com escalas por Santos, Paranaguá, Antonina, S. Francisco, Itajahi, Florianopolis, Rio-Grande, Montevidéu e Buenos-Aires.

Entre o Rio de Janeiro e Porto-Alegre, com escalas por Santos, Cananéa, Iguape, Paranaguá, Antonina, S. Francisco, Itajahi, Florianopolis, Rio-Grande e Pelotas.

Entre o Rio de Janeiro e Maceió, com escalas por Ponta d'Arêa, Caravellas, Bahia, Estancia, Aracajú e Penedo.

Entre o Rio de Janeiro e a Bahia, com escalas por Cabo-Frio, Itapemirim, Piuma, Benevente, Guarapari, Victoria, Santa-Cruz (Espirito-Santo), Barra e Cidade de S. Matheus, Viçosa, Caravellas, Alcobaça, Prado, Porto-Seguro, Santa-Cruz (Bahia), Canavieiras e Ilhéos.

Entre o Rosario de Santa Fé e Cuiabá, com escalas por Paraná, La Paz, Goyaz, Bella Vista, Corrientes, Cerrito, Humaitá, Pilar, Villa Franca, Assumpção, Rosario, Conceição, Foz do Apa, Olympo, Coimbra, Albuquerque e Corumbá.

Entre os portos de Santa-Catharina.

Entre os portos da Bahia e entre o Rio-Grande e Porto-Alegre.

Existe mais uma linha especial para cargas entre o Rio de Janeiro, Porto-Alegre e o Pará.

*Companhia Nacional de Navegação Costeira* (do Rio de Janeiro a Pernambuco e a Porto-Alegre) ;

*Empresa Esperança Maritima* (do Rio de Janeiro a Laguna e ao N. até Aracajú ;

*Empresa de Navegação* (do Rio a Ilapemerim, Benevente, Victoria, Bahia, Aracajú ;

*Empresa de Sal e Navegação* (Norte e Sul) ;

*Navegação do Alto Uruguay*, R. Argentina e R. G. do Sul (Oeste).

*Serviço maritimo Joaquim Garcia* entre Santos, Angra dos Reis e Antonina.

*Comp. S. João de Barra e Campos*, portos do Rio Parahyba e dos Estados do Rio e Espirito Santo.

*C. navegação bahiana*, entre os portos de Bahia, Sergipe, Alagoas, e Pernambuco.

*Comp. pernambucana* de Pernambuco para o sul até Tracajú, para o N. até Camocim; para a ilha de Fernando de Noronha.

*Comp. maranhense* de S. Luiz a Fortaleza e a Belem por portos intermediarios.

*Amazon Steam Navigation Co.*, a maior empreza fluvial do paiz; nos portos do Rio Amazonas e na Costa entre Belem a Montenegro (Oyapoc).

*Navegação fluvial.* Em varios rios do paiz, mórmente no curso inferior, existem regulares communicações a vapor realisadas por pequenas emprezas : no Itapicurú (Maranhão) no Parnahyba (Piauhy), da *Viação do S. Francisco* (Satrohina, Boa Vista; Pernambuco), *Baixo S. Francisco* pela Cª Pernambucana (Alagoas, entre Penedo e Piranha; 190 kil.); do rio *Cotinguiba* (Sergipe); de Paraguacu (Bahia), da *V. S. Francisco* (de Pirapora a Joázeiro, com 12 vapores); do rio *Fieté*, 94 kil.; do *Piracicaba*, 126 kil. *Ribeira de Iguape e affl. 320 kil.* (S. Paulo); rio *Iguaçú* e rio *Negro* (Paraná e S. Catharina).

COMPANHIAS INTERNACIONAES OU ESTRANGEIRAS :

| | | |
|---|---|---|
| *Messageries Maritimes*, Rio de Janeiro a Bordéus..... | 5139 | milhas |
| *Transports Maritimes*, Rio de Janeiro a Marselha..... | 5384 | — |
| *Chargeurs Réunis*, de Santos ao Havre..... | 5289 | — |
| *Royal Mail*, do Rio a Southampton..... | 5313 | — |
| *Pacific Steam Navigation*, do Rio a Liverpool..... | 5671 | — |
| *Liverpool-Brasil and River-Plate Steamers*, do Rio de Janeiro a Liverpool..... | 5671 | — |
| *Prince Line*, de Santos a Nova-York e Nova-Orléans..... | 4146 | — |
| *La Veloce*, do Rio a Genova..... | 4991 | — |
| *Navigazione Generale Italiana*, do Rio a Napoles..... | 4991 | — |
| *La Ligure Brasiliana* (Santos-Genova) | | |
| *Hamburg-America Linie* (Hamburgo-Santos ; New-York). | | |
| *Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft*, de Santos a Hamburgo..... | 5719 | — |
| *Robert M. Sloman et Cº* (Hamburgo-Nova-York-Brasil)... | | |
| *Norddeutscher Lloyd Bremen*, de Porto-Alegre a Bremen... | 6673 | — |
| *Lloyd Austr. e Real Hung. Adria*, de Santos a Trieste..... | 6600 | — |
| *Lloyd italiano*, Rio a Napoles..... | 5100 | — |
| *Società di Navegazione* (Genova)..... | 4991 | — |
| *Companhia Real Ungara* (Rio e Fiume)..... | 5700 | — |
| *Lamport Holt*, N. York Buenos-Aires..... | 4800 | — |
| *Companhia Italia*, Genova-Santos..... | 5450 | — |
| *Penyllos Esquierdo* e Cª, Genova-Buenos-Aires..... | 5600 | — |

*Sociedad anonima* (espanhola) *de navegacion* entre Vigo e o Brazil.

*Novo Lloyd brazileiro ;* entre o Brazil e New-York e entre o Rio e Europa.

Calcula-se que o Amazonas e os seus tributarios possuem 64.360 kilometros de aguas navegaveis.

O seu grande valle comprehende 4.165.498 kilometros quadrados; o valle do Mississipi tem apenas 1.916.098 kilometros quadrados. O Rio Madeira, affluente do Amazonas, é só por si um segundo Mississipi pelo seu volume de agua e bacia.

O Amazonas, durante um percurso de quasi 3.200 kilometros, mantem uma profundidade de 21 a 63 metros. E' um verdadeiro mediterraneo, tendo em muitos pontos cerca de 64 kilometros de largura.

Entre Belem e Manáos navegam mais de 100 grandes vapores e são já numerosissimos os pequenos vapores e embarcações de todo o genero que cortam este enorme systema fluvial.

## Climas do Brasil

*Altura de chuva, temperaturas média, maxima e minima de varios pontos do Brasil.*
(Dr H. Moritze).

| LOCALIDADES | Latitude Sul | Altitude | Temperat. média annual | Temperat. maxima observada | Temperat. minima observada | Altura de chuva |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | m | c | c | c | mm |
| S. Luiz do Maranhão ..... | 2º 31 | 43 | 27º 4 | 33º 8 | 21º 1 | 2455 |
| Belém do Pará ..... | 1 27 | | 27 36 | 34 5 | 22 0 | 3087 |
| Manáos ..... | 3 8 | 40 | 26 53 | 35 0 | 19 8 | 2229 |
| Fortaleza (Ceará) ..... | 3 44 | | 26 60 | 30 6 | 23 1 | 1500 |
| Quixeramobim ..... | 5 16 | | 29 3 | 33 6 | 24 8 | |
| Amarante ..... | 6 13 | | 26 2 | 35 5 | 18 0 | 790 |
| Recife ..... | 8 4 | 3 | 26 2 | 37 3 | 16 3 | 2970 |
| Colonia da Victoria ..... | 8 9 | 161 | 25 1 | 39 0 | 11 6 | 1050 |
| Colonia Isabel ..... | 8 45 | 229 | 23 7 | 35 5 | 11 5 | 1037 |
| S. Bento das Lages ..... | 12 37 | 30 | 24 8 | 35 0 | | 2053 |
| Bahia ..... | 12 58 | 64 | 26 0 | 31 5 | 21 0 | 2163 |
| Cuyabá ..... | 14 48 | 205 | 26 25 | | | 1166 |
| Queluz (Minas) ..... | 20 40 | | 19 9 | 32 4 | 1,0 | 1461 |
| Barbacena ..... | 21 10 | 1000 | 17 9 | 30 2 | 4,0 | 1342 |
| Ribeirão Preto ..... | 21 10 | 520 | 20 0 | 34 0 | 0,0 | 600 |
| Casa Branca ..... | 21 47 | 740 | 23 5 | 36 0 | 9,0 | 1000 |
| Nova Friburgo ..... | 22 19 | 876 | 17 2 | 29 0 | 1,0 | 1314 |
| Rio de Janeiro ..... | 22 54 | 66 | 23 5 | 37 5 | 10,2 | 1126 |
| Santa Cruz ..... | 22 56 | 26 | 22 45 | 36 6 | 10,2 | 1700 |
| S. Paulo ..... | 23 33 | 730 | 16 8 | 33 1 | —1,0 | 1500 |
| Tatuhy ..... | 23 34 | | 19 0 | 42 5 | +1,0 | 1376 |
| Curytiba ..... | 25 27 | 900 | 17 9 | 38 0 | —4,4 | |
| Colonia Blumenau ..... | 26 55 | | 21 4 | | | 1542 |
| St. Ant. da Palmeira ..... | 27 54 | 578 | 18 0 | 34 0 | —1,0 | |
| Passo Fundo ..... | 28 28 | 628 | 17 1 | 34 4 | 0,0 | |
| Pelotas ..... | 31 16 | | 17 2 | 37 5 | —0,5 | 1066 |
| Rio Grande do Sul ..... | 32 0 | 16 | 18 8 | 32 4 | 1,0 | 912 |

# LIMITES DO BRASIL

## Limites e navegação na lagôa Mirim e rio Jaguarão (1910)

Foi concluido a 30 de Outubro de 1909 o tratado que entretanto nãs poude ser approvado no mesmo anno por falta de tempo, tendo sido apresentado sómente nos ultimos tres dias que precediam o encerramento do Congresso (31 de dezembro).

Apresentado de novo em 1910 foi possivel discutil-o sem precipitação.

TEXTO EM VERNACULO.

*Tratado entre os Estados Unidos do Brasil e a Republica Oriental do Uruguay, modificando as suas fronteiras na lagôa Mirim e rio Jaguarão e estabelecendo principios geraes para o commercio e navegação nessas paragens.*

A Republica dos Estados Unidos do Brasil e a Republica Oriental do Uruguay, no proposito de estreitar cada vez mais a sua antiga amizade e de favorecer o desenvolvimento das relações de commercio e boa visinhança entre os dous povos, resolveram, por iniciativa do Governo Brasileiro, rever e modificar as estipulações relativas ás linhas de fronteira na lagôa Mirim e rio Jaguarão e tambem, como propunha o Governo Oriental desde Dezembro de 1851, as relativas á navegação na mesma lagôa e rio, estipulações essas contidas no Tratado de Limites de 12 de Outubro de 1851, no de 15 de Maio de 1852 e no Accôrdo de 23 de Abril de 1853, assignados, o primeiro, na cidade do Rio de Janeiro, e os dous outros, na de Montevidéo ;

E para esse fim nomearam Plenipotenciarios, a saber :

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, o Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos do Rio-Branco, seu Ministro de Estado das Relações Exteriores ; e o Presidente da Republica Oriental do Uruguay, o Sr. Rufino T. Dominguez, seu Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario no Brasil ;

Os quaes, depois de haverem trocado os seus plenos poderes, que acharam em boa e devida fórma, convieram nos artigos seguintes :

Artigo 1º —A Republica dos Estados Unidos do Brasil cede á Republica Oriental do Uruguay :

1º — Desde a bocca do arroio de S. Miguel até á do rio Jaguarão, a parte da lagôa Mirim comprehendida entre a sua margem occidental e a nova fronteira que deve atravessar longitudinalmente as aguas da lagôa, nos termos do artigo 3º do presente tratado ;

2º — No rio Jaguarão, a parte do territorio fluvial comprehendida entre a margem direita, ou meridional, e a linha divisoria determinada adeante, no artigo 4º.

Artigo 2º. — A cessão dos direitos de soberania do Brasil, baseados, a principio, na posse que elle adquirio e manteve, desde 1801, das aguas e navegação da lagôa Mirim e rio Jaguarão, e, depois, estabelecidos e confirmados solemnemente nos pactos de 1851, 1852 e 1853, é feita com as seguintes condições, que a Republica Oriental do Uruguay aceita :

1ª. — Salvo accôrdo posterior, sómente embarcações brasileiras e

orientaes poderão navegar e fazer o commercio nas aguas do rio Jaguarão e lagôa Mirim, como adeante, em outros artigos, está declarado.

2ª. — Serão mantidos e respeitados pela Republica Oriental do Uruguay, segundo os principios de Direito Civil, os direitos reaes adquiridos por brasileiros ou extrangeiros nas ilhas e ilhotas que por effeito da nova determinação de fronteiras deixam de pertencer ao Brasil.

3ª. — Nenhuma das Altas Partes Contratantes estabelecerá fortes ou baterias nas margens da lagôa, nas do rio Jaguarão, ou em qualquer das ilhas que lhes pertençam nessas aguas.

Artigo 3º. — Principiando na fóz do arroio de S. Miguel, onde se acha o Quarto Marco Grande, ahi collocado pela Commissão Mixta demarcadora de 1853, a nova fronteira atravessará longitudinalmente a lagôa Mirim até á altura da ponta Rabotieso, na margem uruguaya, por meio de uma linha quebrada, definida por tantos alinhamentos rectos quantos sejam necessarios para conservar a meia distancia entre os pontos principaes das duas margems ou, se o fundo fôr escasso, por tantos alinhamentos rectos quantos sejam necessarios para acompanhar o canal principal da referida lagôa.

Da altura da citada ponta Rabotieso, a linha divisoria se inclinará na direcção do noroéste o que fôr preciso para passar entre as ilhas chamadas do Taquary, deixando do lado do Brasil a ilha mais oriental e os dous ilhotes quo lhe ficam juntos ; e dahi irá alcançar, nas proximidades da ponta Parobé, tambem situada na margem uruguaya, o canal mais profundo, continuando por elle até defrontar a ponta Muniz, na margem uruguaya, e a ponta dos Latinos, ou do Fanfa, na margem brasileira.

Desse ponto intermedio, e passando entre a ponta Muniz e a ilha brasileira do Juncal, irá buscar a fóz do Jaguarão em que se acham, á margem esquerda, ou brasileira, o Quinto Marco Grande de 1843, e, á margem direita, ou uruguaya, o Sexto Marco intermédio.

Artigo 4º. — Da fóz do Jaguarão, subirá a fronteira pelo talvégue desse rio até á altura da confluencia do arroio Lagoões, na margem esquerda.

Desse ponto para cima, a linha divisoria seguirá a meia distancia das margens do Jaguarão, depois, a meia distancia das do Jaguarão, Chico ou Guabiiú, em cuja confluencia está o Sexto Marco Grande, de 1853, e, finalmente, subirá pelo alveo do arroio da Mina, assignalado pelos Marcos intermédios Setimo e Oitavo.

Artigo 5º. — Uma Commissão Mixta, nomeada pelos dous Governos no prazo de um anno contado do dia da troca das ratificações do presente tratado, levantará a planta da parte da lagôa Mirim que se extende ao sul da ponta do Juncal, e tambem a planta do rio Jaguarão desde a sua fóz até a do arroio Lagoões, effectuando as sondagens necessarias, além das operações topographicas e geodesicas indispensaveis para a determinação da nova fronteira, e balisando-a na lagôa segundo os processos mais convenientes.

Artigo 6º. — A navegação da lagôa Mirim e do rio Jaguarão é livre para os navios mercantes das duas nações ; e para os orientaes é tambem livre o transito, entre o Oceano e a lagôa Mirim, pelas aguas brasileiras do rio S. Gonçalo, lagôa dos Patos

e barra do Rio Grande de S. Pedro, ficando sujeitos, os navios brasileiros, e orientaes, nas aguas jurisdiccionaes de cada uma das duas Republicas, aos regulamentos fiscaes e de policia que ellas tenham estabelecido ou venham a estabelecer, e obrigados os navios orientaes em transito ás mesmas taxas que os brasileiros.

Os navios de commercio empregados nessa navegação só poderão no outro paiz communicar-se com a terra, salvo caso de força maior ou licença especial nos lugares em que haja postos aduaneiros ou estações fiscaes e de policia.

Artigo 7º. — Fica entendido e declarado que na liberdade de navegação para o commercio entre os dous paizes se não comprehende o transporte de mercadorias de porto a porto do mesmo paiz, ou commercio de cabotagem, o qual continuará sujeito em cada um dos dous Estados ás suas respectivas leis.

Artigo 8º. — Dentro do prazo de seis mezes, contado da troca das ratificações do presente tratado, cada uma das Altas Partes Contratantes declarará á outra qual o porto ou quaes os portos habilitados ou que pretenda habilitar para o commercio no rio Jaguarão e na lagôa Mirim ; e quando posteriormente resolva habilitar mais algum ou alguns, informará disso a outra Parte com a antecedencia de seis mezes, afim de serem adoptadas as medidas convenientes para evitar o contrabando.

Artigo 9º. — Os navios de guerra orientaes poderão transitar livremente pelas aguas brasileiras entre o Oceano e a lagôa Mirim, e navegar, como os brasileiros, o rio Jaguarão e a dita lagôa, ou estacionar em suas aguas.

Salvo circumstancias extraordinarias, de que darão aviso prévio uma a outra, as duas Altas Partes Contratantes obrigam-se não manter na lagôa Mirim e seus affluentes mais de tres pequenas embarcações de guerra, ou armadas em guerra, devendo ser objecto de ajuste especial o porte, armamento e guarnição das mesmas,

Artigo 10º. — Os dous Estados ribeirinhos no intuito de facilitar a navegação da lagôa Mirim, compromettem-se a manter alli as balisas e signaes que forem precisos na parte que a cada um corresponda.

Artigo 11º. — As Altas Partes Contratantes concluirão no menor prazo possivel um Tratado de Commercio e Navegação baseado nos principios mais liberaes, tendo em vista proteger do modo mais efficaz o commercio licito pelas fronteiras fluviaes e terrestres.

Os regulamentos fiscaes e de policia de que acima se fala deverão ser tão favoraveis quanto seja possivel á navegação e ao commercio e guardar nos dous paizes a praticavel uniformidade.

Artigo 12º. — O presente tratado, mediante a necessaria autorisação do Poder Legislativo em cada uma das duas Republicas, será ratificado pelos dous Governos e as ratificações serão trocadas na cidade do Rio de Janeiro ou na de Montevidéo no mais breve prazo possivel.

---

Em fé do que nós, os Plenipotenciarios acima nomeados, firmamos o presente tratado em dous exemplares, cada um nas linguas portugueza e castelhana, appondo em ambos o signal dos nossos sellos.

Feito na cidade do Rio de Janeiro, aos 30 dias do mez de Outubro de 1909.

L. S. — Rio-Branco.

L. S. — Rufino T Dominguez.

# 1910

# Demarcação de fronteiras entre a Republica Argentina e o Brasil

A 4 de Outubro de 1910 no Rio de Janeiro pelo Barão do Rio Branco, nosso ministro do Exterior, e o ministro argentino Dr Julio Fernandez, foi assignada a acta que declara por menor a demarcação de fronteiras entre o Brasil e a Republica Argentina. Eis o seu teor :

« Na cidade do Rio de Janeiro, aos quatro dias do mez de Outubro de mil novecentos e dez, reunidos no Palacio Itamaraty os Senhores Dr José Maria da Silva Paranhos do Rio-Branco, Ministro de Estado das Relações Exteriores dos Estados Unidos do Brasil, e Dr. Julio Fernandez, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Republica Argentina, devidamente autorizados, convieram nos seguintes artigos declaratorios;

Art. 1.º O Governo da Republica dos Estados Unidos do Brasil e o Governo da Republica Argentina confirmam a approvação que, após attento exame dos documentos, cada um, separadamente, já deu a todas as Actas de conferencias, Termos de inauguração de marcos, Carta geral da linha divisoria entre os dous paizes, Plantas parciaes da mesma linha e de todas as ilhas e ilhotas, e. em geral, a todos os trabalhos executados, desde tres de Novembro de mil e novecentos até seis de Outubro de mil novecentos e quatro, pela Commissão Mixta Brasileira-Argentina em cumprimento da Decisão Arbitral de cinco de Fevereiro de mil oitocentos e noventa e cinco, do Tratado de Limites de seis de Outubro de mil oitocentos e noventa e oito e das Instrucções de dous de Agosto de mil e novecentos.

Art. 2.º Conseguintemente, fica aceita a demarcação effectuada em toda a extensão da fronteira demarcada, demarcação que começou na bocca do rio Quarahim (Cuareim), margem esquerda ou brasileira do Uruguay, e em um ponto situado em frente á dita bocca, na margem direita ou argentina do mesmo Uruguay, segundo os Termos de inauguração dos dous primeiros marcos principaes, em quatro de Abril de mil novecentos e um, e a Primeira Acta principal, de dezoito de Junho de mil novecentos e quatro, continuando pelo talvégue dos rios Uruguay e Pepiry-Guassú, pelo mais alto do terreno entre a cabeceira principal deste e a do Santo Antonio e, depois, pelo talvégue do Santo Antonio e do Iguassú até á confluencia deste no Paraná.

Art. 3.º Pela demarcação feita, de accôrdo com o artigo quarto do Tratado de seis de Outubro de mil oitocentos e noventa e oito, e, segundo as tres Actas principaes, descriptivas da linha divisoria, assignadas pela Commissão Mixta em dezoito de Junho, quinze de Julho e oito de Agosto de mil novecentos e quatro, e, bem assim, segundo as Plantas parciaes e a Carta geral a que se refere a Acta da oitava conferencia em seis de Outubro de mil novecentos e quatro, pertencem aos Estados Unidos do Brasil ou á Republica Argentina as seguintes ilhas e ilhotas no rio Uruguay, desde a altura da confluencia do Quarahim (Cuareim) até á bocca do Pepiry-Guassú :

AO BRASIL :

---

---

*Japejgú* (Yapeyú, como escrevem os Argentinos). Ilha. A sua ponta superior está situada cerca de dous kilometros abaixo da confluencia do Ibicuhy, no Brasil, e a ponta inferior quasi em frente á povação argentina de San Martin. Ha uma ilhota no canal brasileiro.

A ilha tem marco, inaugurado no dia primeiro de Junho de mil novecentos e dous.

*Da Cruz*. Ilha e ilhota. A ilha tem um marco, inaugurado no dia primeiro de Junho de mil novecentos e dous, e, com a ilhota, que fica entre ella e a margem brasileira, está situada perto do arroio da Cruz, no Brasil, entre a confluencia do Ibicuhy, tambem no Brasil e a povoação argentina de La Cruz.

---

---

*Palomas*. Ilha. Cerca de seis kilometros acima de Itaquy e Alvear, perto da margem brasileira e abaixo da boca do arroio Pintado Pequeno, no Brasil.

Nãa tem marco.

A' ARGENTINA :

*Pacú*. Ilha. Situada tres kilometros aguas abaixo de Uruguayana.

Tem marco, inaugurado aos quatorze de Setembro de mil novecentos e um.

*Ilha Grande da Saudade*. Ilha. Dividida por um canal secundario em duas partes, fórma de facto duas ilhas, tendo de cada lado uma ilhota.

A chamada Ilha Grande da Saudade demora quatro kilometros acima de Paso de los Libres, na Argentina, e a seis de Uruguayana, no Brasil.

Ha dous marcos, um em cada ilha, inaugurados no dia primeiro de Junho de mil novecentos e dous.

---

---

*Chaparro*. Ilha. Uns cinco kilometros á montante do porto argentino de La Cruz e aguas abaixo de Itaquy (Brasil) et Alvear (Argentina).

Tem marco, inaugurado no dia primeiro de Junho de mil novecentos e dous.

*Aquapehy*. Ilha, em frente á boca do rio dese nome, um pouco abaixo do Itaquy e Alvear.

Não tem marco.

---

---

---

*Quadrada*. Ilha. Pouco acima do Passo das Pedras e abaixo do arroio Pirayú affluente da margem argentina.

Tem marco, inaugurado a trinta e um de Maio de mil novecentos e dous.

*Butuhy Grande* e *Butuhy Pequena*. Ilhas, na confluencia do Butuhy. A Butuhy Grande é formada pela bifurcação de rio Butuhy, vindo a ser um delta cuja margem septentrional segue o alinhamento da margem esquerda do Uruguay.

Na ilha Butuhy Pequena, situada entre essa e a margem argentina, ha um marco, inaugurado a dez de Novembro de mil novecentos e dous. Da ponta inferior da Batuhy Grande á ilha Quadrada ha obra de seis kilometros.

---

---

---

---

*Murciélagos* (Morcegos). Ilha. Situada junto á margem argentina, cerca de mil e seiscentos metros acima da ilha brasileira de Palomas e abaixo da boca do arroio Pintado Pequeno, no Brasil.

Não tem marco.

*Tacuaras Inferior*. Ilha. Dezesete kilometros acima de Itaquy e Alvear, sete da ilha de Murciélagos e pouco acima da boca do arroio Pintado Grande, no Brasil.

Tem marco, inaugurado a trinta e um de Maio de mil novecentos e dous.

---

---

*Del Vado* (do Váo). Ilha. Uns quatro kilometros acima da boca do Butuhy.

Tem marco, inaugurado a quatro de Fevereiro de mil novecentos e tres.

*Ilhota del Tigre*. Acima da precedente uns quatro kilometros.

Não tem marco.

*Ilha del Quay*. Em frente á boca do arroio Quay, na Argentina, e a tres kilometros da precedente.

Não tem marco.

*Ilha de Santa Ana*. Pouco abaixo do Passo de Sant'Anna. A sua ponta superior dista uns vinte kilometros de S. Borja, no Brasil, trinta e tres proximamente de Santo Tomé, na Argentina, e nove da ilha del Quay.

Tem marco, inaugurado a cinco de Dezembro de mil novecentos e dous.

*Santa Luzia Inferior*, ou *Oriental* em hespanhol, Santa Lucia Inferior, ou Oriental). Ilha, menor que a Santa Lucia Superior (Argentina). Está acima do Passo de Sant'Anna et do arroio Santa Lucia, no Brasil, e uns quatorze kilometros abaixo do porto brasileiro de São Borja, ou Passo de S. Borja, e do porto argentino de Hormiguero.

Tem marco, inaugurado a cinco de Dezembro de mil novecentos e dous.

---

---

---

---

---

*Mercedes*. Uma ilha e duas ilhotas. Situadas cerca de seis kilometros abaixo da Volta de Mercedes e do Passo das Mulas, e cerca de trinta kilometros da ilha de San Mateo (S. Matheus).

Na ilha ha um marco, inaugurado a quinze de Dezembro de mil novecentos e dous.

---

*Santa Lucia Superior*, ou *Occidental* (em portuguez, Santa Luzia Superior, ou Occidental). Esta ilha é maior que a Santa Luzia Inferior. Está acima do Passo de Sant'Anna e do arroio Santa Luzia, no Brasil, doze kilometros abaixo do porto argentino de Hormiguero e do porto brasileiro de S. Borja, ou Passo de S. Borja.

Tem marco, inaugurado a cinco de Dezembro de mil novecentos e dous.

*De Vargas*. Ilha. No mesmo alinhamento da margem argentina e della separada por um canal. Dista dous mil e duzentos metros do porto argentino de Hormiguero e do brasileiro de S. Borja.

Não tem marco.

*San Mateo* (S. Matheus). Ilha Situada acima da boca do arroio Pariopá, na Argentina, e abaixo do Passo de S. Matheus (San Matheo). A ponta inferior da ilha está a uns dez kilometros do porto argentino de Santo Tomé.

Tem marco, inaugurado a quinze de Dezembro de mil novecentos e dous.

*Sarandy*. Grupo de quatro ilhotas, situado acima do arroio Ibirocahy e abaixo do Yloasá, ambos na Argentina. Dista quinze kilometros aguas acima da ilha de San Mateo e vinte e seis e meio, mais ou menos, do porto argentino de Santo Tomé.

Não tem marco.

---

*Ilha Pequena.* Abaixo da ilha Grande, argentina, acima da boca arroio de São Lucas, no Brasil, e uns quinze kilometros acima da Volta de Mercedes.

Tem marco, inaugurado a quinze de Dezembro de mil novecentos e dous.

— — — — — —

*Dos Garruchos.* Grupo de quatro ilhotas acima do Passo dos Garruchos, uma dellas perto da margem argentina. A meridional, que é a maior está mil e trezentos metros acima do Passo dos Garruchos, onde se acham, na margem esquerda, a povoação brasileira de Garruchos, e na direita, o porto argentino do mesmo nome.

Na ilha maior ha um marco, inaugurado a vinte de Dezembro de mil novecentos e dous.

— — — — — — —

*Sãa Lucas Pequena*, ou *ilha do Cordeiro.* Ilha e ilhota. Situadas uns quatro mil e oitocentos metros acima da ilha argentina de S. Lucas Grande, e entre o Passo dos Garruchos e a boca do Piratinin.

Ha um março, na ilha, inaugurado a vinte e seis de Dezembro de mil novecentos e dous.

*Ilha das Taquaras Superior* ou *de Cima* e ilhotas visinhas. Demora este grupo cinco kilometros, mais ou menos, acima da ilha brasileira de S. Lucas Pequena e abaixo da boca do arroio Capibary, na Argentina, e da do rio Piratinin, no Brasil.

Ha um marco, na ilha, inaugurado a vinte e seis de Dezembro de mil novecentos e dous.

— — — — — —

*Ilha Grande.* Dous kilometros acima da Ilha pequena, brasileira, e sessenta e oito acima do porto argentino de Santo Tomé. E' a primeira ilha aguas abaixo do Passo dos Garruchos.

Tem marco, inaugurado, a vinte de Dezembro de mil novecentos e dous.

— — — — — —

*San Lucas Grande.* Ilha. Situada pouco acima de Barra Concepción, porto argentino onde chegam hoje, em aguas médias, os vapores que navegam no Alto Uruguay. A ponta inferior da ilha, perto da qual ha duas ilhotas, está a dez kilometros, pouco mais ou menos, do Passo dos Garruchos.

Na ilha ha um marco, inaugurado a vinte e seis de Dezembro de mil novecentos e dous.

— — — — — —

— — — — — —

— — — — — —

*Piratinin ou Piratini.* O grupo compõe-se de quatro ilhas e uma ilhota. As tres ilhas mais orientaes e a ilhota pertencem ao Brasil. Dessas tres, a mais meridional fica em frente á barra do Piratinin, no Brasil, distando a sua ponta inferior uns trinta e cinco kilometros do porto argentino de Garruchos e do brasileiro do mesmo nome.

Nessa ilha brasileira mais meridional ha um marco, inaugurado a seis de Janeiro de mil novecentos e tres.

— — — — — —

*Santo Izidro.* Grupo de ilhotas, composto de tres maiores e varias outras menores, situado na cachoeira desse nome, pouco acima do Passo de Santo Isidro, ou da Conceição. Todas essas ilhotas, menos uma das maiores, perto da margem argentina, pertencem ao Brasil.

Não tem marco.

— — — — — —

*Santa Maria.* Grupo de tres ilhas maiores, — uma das quaes, a de baixo, dividida em tres partes, — e de diversas ilhotas, na cachoeira do mesmo nome.

Na mais occidental das tres ilhas maiores ha um marco, inaugurado a seis de Janeiro de mil novecentos e tres.

*Cerrito.* Ilha. Abaixo da boca do rio Piratinin, no Brasil e pouco acima da do Capibary, na Argentina. A sua ponta inferior dista uns trinta e dous kilometros do Passo dos Garruchos.

Tem marco, inaugurado a dous de Janeiro de mil novecentos e tres.

— — — — — —

*Piratini* uma das quatro ilhas desse nome, a occidental e mais proxima da margem argentina. Está um pouco acima da boca do rio Piratinin no Brasil, e a sua ponta inferior dista trinta e seis kilometros e meio, pouco mais ou menos, á montante, do porto argentino de Garruchos e do brasileiro do mesmo nome.

Tem um marco, inaugurado a seis de Janeiro de mil novecentos e tres.

— — — — — —

*San Izidro.* Uma das tres ilhotas maiores do grupo deste nome, situada a uns noventa metros da margem argentina, juntamente com duas ilhotas menores que ficam perto da ponta inferior da maior. Estão defronte das que pertencem ao Brasil.

Não tem marco.

— — — — — —

Essa ilha está uns cinco kilometros acima do precedente grupo de Santo Izidro e, approximadamente, seis mil e seiscentos metros aguas abaixo da confluencia do rio Ijuhy, na margem brasileira do Uruguay.

— — — — — —

— — — — — —

*Ilha Itacaruaré Grande* e seu grupo.
A ilha maior está tres kilometros acima da ilha argentina de Itacaruaré Chica, doze kilometros abaixo do antigo Passo de S. Xavier e dezeseis abaixo do porto argentino do mesmo nome (San Javier).
Na ilha maior ha um marco, inaugurado a seis de Janeiro de mil novecentos e tres.

*São Xavier (San Javier).* Tres ilhotas perto da margem esquerda ou brasileira, acima do serro Pellado, no Brasil, e do antigo Passo de S. Xavier, e abaixo da povoação de S. Javier na Argentina.
Não têm marco.

— — — — — —

*Cumandahy.* Grupo de tres ilhas e diversas ilhotas e bancos na correderia do mesmo nome, uns dous mil e quatrocentos metros aguas acima do arroio del Monje, na margem argentina, e pouco abaixo da confluencia do rio Cumandahy, na margem brasileira.
Na ilha maior que é a segunda do grupo descendo o rio, ha um marco, inaugurado a quatorze de Janeiro de mil novecentos e tres.

*Grande* ou *Comprida* (chamada *Larga* pelos Argentinos). Está acima da boca do arroio Ferreiro, na margem brasileira, ficando a sua ponta superior, ou occidental, a sete kilometros e meio, mais ou menos, abaixo do arroio Once Vueltas, ou del Toro, na margem argentina.
Tem marco, inaugurado a onze de Janeiro de mil novecentos e tres.

*Ijuhy.* Duas ilhotas perto da margem argentina, um pouco acima da confluencia do Ijuhy, na margem brasileira.
Não têm marco.

*Itacaruaré Chica.* Ilha. Em frente do arroio Itacaruaré, na Argentina, e oito mil e quinhentos metros acima das ilhotas do Ijuhy.
Tem marco, inaugurado a seis de Janeiro de mil novecentos e tres.

— — — — — —

— — — — — —

*San Javier (São Xavier).* Ilhota. Situada acima das tres brasileiras de S. Xavier, e junto á margem direita do Uruguay, perto da povoação argentina de San Javier.
Não tem marco.

— — — — — —

— — — — — —

— — — — — —

*Do Rocandor.* Recifes na cachoeira desse nome, junto á margem brasileira, dous kilometros acima do grupo de Chico Alferes e abaixo do arroio dos Bugres.
Não têm marco.

*Do Bure ou dos Bugres.* Ilha com tres ilhotas perto da sua ponta superior. Está situada tres kilometros acima do arroio dos Bugres, affluente da margem brasileira, e sete kilometros, mais ou menos, abaixo do arroio de Selva Quemada ou Iyoazá Guasú, affluente da margem argentina.
O marco, na ilha, foi inaugurado no dia quatro de Janeiro de mil novecentos e tres.

— — — — — —

*Biguá.* Ilha, no rapido do mesmo nome, tres kilometros mais ou menos abaixo do Canal Torto (em hespanhol Canal Tuerto). Um pouco abaixo desta ilha ha uma ilhota junto á margem brasileira.
Não têm marco.

— — — — — —

*Jacaré (Yacare,* como escrevem os Argentinos). Ilha. Esta pequena ilha está situada no rapido do mesmo nome, um kilometro, pouco mais ou menos, da boca do rio Santa Rosa. Acima da metade superior da ilha, e até meia largura do rio Uruguay, encontram-se diversas ilhotas, baixas e alagadiças, cobertas de sarandys, e tambem pertencentes ao Brasil.
Não ha marco.

*Chico alferez.* Grupo de ilhotas e recifes na corredeira do mesmo nome, tres kilometros acima da boca do arroio Boa Vista, no Brasil.
Não têm marco.

— — — — — —

— — — — — —

*Del Borracho.* Grupo de quatro ilhotas situadas junto á margem argentina, como se vê na Carta Geral da Commissão Mixta, entre o arroio Selva Quemada e a corredeira Murciélogos (Morcegos). Essas quatro ilhotas não foram mencionadas na Acta Geral de dezoito de Junho de mil novecentos e quatro.
Não têm marco.

— — — — — —

*Canal tuerto* (em portuguez Canal Torto). Pequenas ilhotas na cachoeira do mesmo nome, junto á margem argentina, entre a boca do Pirai Guazú e a do Piral Mini, na mesma margem.
Não têm marco.

— — — — — —

*Saltinho* (*Saltiño*, em hespanhol). Ilhotas e recifes na cachoeira desse nome, acima da boca do rio Santa Rosa e da do arroio das Tres Pedras, ambos no Brasil, e dous kilometros abaixo da do arroio de Saltiño, na Argentina.

Não têm marco.

---

*Mouricá*. Duas ilhas pequenas e varias ilhotas, como se vê na planta parcial, situadas nas corredeira de Buricá, tres kilometros acima da boca do rio desse nome, no Brasil.

Não têm marco.

---

---

*Chafariz*. Duas ilhas e varias ilhotas na cachoeira do mesmo nome, abaixo do rio Buricá ou Mburicá, no Brasil, e doze kilometros abaixo das ilhas brasileiras de Buricá. A mais alta das duas ilhas do Chafariz é a menor, que fica aguas acima e está muito abaixo da margem brasileira.

Não têm marco.

---

*Puxa Para Atrás*. Ilhota muito baixa, alagadiça, no pequeno rapido desse nome, onde existe redemoinho.

Não ha marco.

*Dino* ou *Náo*. A extremidade inferior desta ilha fica em frente á boca do arroio São Francisco, no Brasil, e dous kilometros e meio acima da Colonia militar brasileira do Alto Uruguay e da povoação argentina de Monte Agudo.

Tem marco inaugurado a vinte e oito de Novembro de mil novecentos e dous.

*Pepiri-Guazú* (Pepiry-Guassú). Ilhota alagadiça, perto da ponta argentina da boca do rio Pepiry-Guassú (Pepiri-Guazú). Não mencionada na Acta Geral, mas representada na Carta Geral e na Planta parcial da boca do Pepiry-Guassú (*in* « Situação Topographica dos Marcos Principaes).

No tem marco.

E no rio Iguassú, da confluencia do Santo Antonio para baixo :

AO BRASIL :

*Pesqueiro*. Ilha situada dous kilometros abaixo da boca do rio S. Francisco, affluente da margem esquerda, ou argentina, do Iguassú.

Tem marco inaugurado a vinte e cinco de Julho de mil novecentos e tres.

A' ARGENTINA :

*Ilhotas das Taquaras.* Grupo situado pouco mais de oito kilometros á jusante da boca do arroio Bello, affluente da margem direita, ou brasileira, e a oito kilometros dos sarandys que assignalam o lugar das ilhotas. Quatro Irmãs, mencionados nos Diarios e plantas dos demarcadores portuguezes e hespanhóes do XVIII seculo. A parte inferior da ilhota maior está uns sete kilometros á montante do Salto Irene. O grupo tem a extensão de kilometro e meio.

Nessa ilhota maior ha um marco, inaugurado a vinte e quatro de Agosto de mil novecentos e tres.

---

*Ilhas, ilhotas e recifes que precedem as cataractas do Iguassú* e estão proximas da margem direita ou brasileira.

Não têm marco.

*Ilha Grande.* Grupo de quatro ilhas e uma ilhota, tendo a maior, que dá o nome ao grupo, uns quatro mil e duzentos metros de comprimento. Ficam abaixo do recife das Antas, tendo todo o grupo a extensão de nove kilometros.

Na grande está um marco, inaugurado a dezoito de Agosto de mil novecentos e tres.

---

*Ilha de San Agustin* ou *Sola.* Está situada um kilometro abaixo do Salto Irene.

Tem marco, inaugurado a trinta de Agosto de mil novecentos e tres.

*Ilhas, ilhotas e recifes que precedem as cataractas do Iguassú* e estão do lado da margem esquerda ou argentina.

Não têm marco.

*Cataractas do Iguassú.* — Como declaram o Termo de dous de Outubro de mil novecentos e tres e a Acta principal de oito de Agosto de mil novecentos e quatro, o talvégue do rio Iguassú, na parte superior ás cataractas, vulgarmente chamadas Salto grande do Iguassú, esta situado no Salto União. Por ahi passa, portanto, a linha divisoria e, na parte inferior, começa no sopé do referido Salto União e continùa deixando do lado argentino as outras quédas, até transpôr a Garganta do Diabo.

Art. 4.º Além dos marcos nas ilhas do Uruguay e do Iguassú, mencionados no artigo anterior, ficaram estabelecidos outros em terra firme, nas margens desses rios ou ao longo da linha divisoria que liga a nascente do Pepiry-Guassú á do Santo Antonio, e são os seguintes :

1.º Marco principal brasileiro, no angulo formado pela margem direita do Quarahim e pela esquerda do Uruguay. Inaugurado a quatro de Abril de mil novecentos e um.

Latitude sul : trinta gráos, onze minutos e dous segundos. Longitude : cincoenta e sete gráos, trinta e cinco minutos e quarenta e oito segundos, oéste do meridiano de Greenwich, a que estão igualmente referidas todas as longitudes adiante declaradas.

2.º Marco principal argentino, em uma barranca da margem direita

do Uruguay, no Rincão de S. Pedro e quasi na linha norte sul da boca do Quarahim. Inaugurado a quatro de Abril de mil novecentos e um.

Latitude : trinta gráos, dez minutos e dezenove segundos. Longitude : cincoenta e sete gráos, trinta e cinco minutos e trinta segundos.

3.º Marco principal argentino na barra do rio Pepiry-Guassú, junto á margem direita deste e á margem direita do Uruguay. Inaugurado a vinte e seis de Setembro de mil novecentos e dous.

Latitude : vinte e sete gráos, nove minutos, cincoenta e seis segundos e quatro decimos. Longitude : cincoenta e tres gráos, cincoenta minutos, dezenove segundos e cinco decimos.

4.º Marco principal brasileiro na barra do rio Pepiry-Guassú, sobre a margem esquerda deste e a direita do Uruguay. Inaugurado a vinte e sete de Setembro de mil novecentos e dous.

Latitude : vinte e sete gráos, nove minutos, cincoenta e seis segundos e quatro decimos. Longitude : cincoenta e tres gráos, cincoenta minutos e quinze segundos.

5.º Marco principal commum aos dous paizes, na cabeceira principal do rio Pepiry-Guassú. Inaugurado a dous de Julho de mil novecentos e tres.

Latitude : vinte e seis gráos, quatorze minutos e quarenta e sete segundos. Longitude : cincoenta e tres gráos, trinta e oito minutos, trinta e sete segundos e cinco decimos.

6.º Primeiro Marco secundario commum aos dous paizes, levantado na linha da fronteira entre as cabeceiras dos rios Pepiry-Guassú e Santo Antonio. Inaugurado a vinte e cinco de Agosto de mil e novecentos e tres.

Latitude : vinte e seis gráos, doze minutos e vinte e cinco segundos. Longitude : cincoenta e tres gráos, trinta e oito minutos, quarenta e nove segundos e cinco decimos.

7.º Segundo Marco secundario commum aos dous paizes, entre a cabeceira do Pepiry-Guassú e a do Santo Antonio. Inaugurado a vinte e sete de Julho de mil novecentos e tres.

Latitude : vinte e seis gráos, dez minutos e onze segundos. Longitude : cincoenta e tres gráos, quarenta minutos e trinta segundos.

8.º Terceiro Marco secundario commum aos dous paizes, entre a cabeceira do Pepiry-Guassú e a do Santo Antonio. Inaugurado a dous de Setembro de mil novecentos e tres.

Latitude : vinte e seis gráos, oito minutos e cincoenta e dous segundos. Longitude : cincoenta e tres gráos, quarenta e dous minutos e seis segundos.

9.º Marcos terciarios (pilastras) communs aos dous paizes, entre a cabeceira do Pepiry-Guassú e a do Santo Antonio. São em numero de quarenta e cinco. Inaugurados a vinte de Setembro de mil novecentos e tres e erigidos, como os secundarios, na linha divisoria das aguas.

10.º Marco principal, commum aos dous paizes, na cabeceira principal do rio Santo Antonio. Inaugurado a nove de Julho de mil novecentos e tres.

Latitude : vinte e seis gráos, seis minutos, e cincoenta e quatro segundos. Longitude : cincoenta e tres gráos, quarenta e quatro minutos, vinte e dous segundos e cinco decimos.

11.º Marco principal argentino, na barra do rio Santo Antonio, mar-

gem esquerda deste e esquerda do Iguassú. Inaugurado a quatorze de Julho de mil novecentos e tres.

Latitude : vinte e cinco gráos, trinta e cinco minutos e dez segundos. Longitude : cincoenta e tres gráos, cincoenta e nove minutos e tres segundos.

12.º Marco principal brasileiro na barra do rio Santo Antonio, margem direita deste e esquerda do Iguassú. Inaugurado a quatorze de Julho de mil novecentos e tres.

Latitude : vinte e cinco gráos, trinta e cinco minutos, oito segundos e sete decimos. Longitude : cincoenta e tres gráos e cincoenta e nove minutos.

13.º Marco principal argentino na confluencia do Iguassú com o Paraná, junto á margem esquerda dos dous. Inaugurado a vinte de Julho de mil novecentos e tres.

Latitude : vinte e cinco gráos, trinta e cinco minutos, trinta e cinco segundos e sete decimos. Longitude : cincoenta e quatro gráos, trinta e cinco minutos, trinta segundos e cinco decimos.

14.º Marco principal brasileiro, na confluencia do Iguassú com o Paraná, junto á margem direita daquelle affluente e á esquerda deste rio principal. Inaugurado a vinte e tres de Julho de mil novecentos e tres.

Latitude : vinte e cinco gráos, trinta e cinco minutos, dezenove segundos e cinco decimos. Longitude : cincoenta e quatro gráos, trinta e cinco minutos, vinte e oito segundos e cinco decimos.

Art. 5.º Os dous Governos interessados darão ás suas autoridades na fronteira noticia particularizada da repartição das ilhas do Uruguay e do Iguassú, feita pelos demarcadores, tal como é especificada na presente Acta, e, depois de sessenta dias contados de hoje, quatro de Outubro de mil novecentos e dez, cada uma das duas Republicas poderá proceder á occupação administrativa de qualquer das ilhas e ilhotas que lhe pertençam e de que não esteja ainda de posse.

Em fé do que, os dous Plenipotenciarios, no dia e lugar acima declarados, firmam e sellam com os seus respectivos sellos esta Acta em quatro exemplares, dous em portuguez e dous em castelhano, para que no Ministerio das Relações Exteriores do Brazil e no da Argentina fiquem conservados dous exemplares, um em cada idioma. — *L. S. Rio Branco.* — L. S. JULIO FERNÁNDEZ.

## Via-Ferrea do Rio ao Extremo sul

(1911)

São estas as distancias em kilometros dos cinco pontos principaes do Estado do Rio Grande do Sul, destinados ao percurso da linha ferrea daquelle Estado á cidade do Rio de Janeiro, cuja inauguração deve realizar-se no dia 31 de Outubro vindouro :

Porto Alegre ao Rio de Janeiro, 2.752 kilometros; Rio Grande ao Rio de Janeiro, 2.966 kilometros; Uruguayana ao Rio de Janeiro, 2.738 kilometros; Santa Maria ao Rio de Janeiro, 2.364 kilometros; Uruguay ao Rio de Janeiro, 1.826 kilometros.

Distancias de alguns pontos do mesmo Estado ás cidades de Curytiba, S. Paulo e Rio de Janeiro :

Porto Alegre a Curityba, 1.759 kilometros; a S. Paulo, 2.470 e ao Rio de Janeiro, 2.966.

Rio Grande a Curityba, 1.973 kilometros; a S. Paulo, 2.470 e ao Rio de Janeiro, 2.966 kilometros.

Uruguayana a Curityba, 1.745 kilometros; a S. Paulo, 2.242 e ao Rio de Janeiro, 2.738 kilometros.

Santa Catharina a Curityba, 1.371 kilometros; a S. Paulo, 1.868 e ao Rio de Janeiro, 2.364 kilometros.

Cruz Alta a Curityba, 1.210 kilometros; a S. Paulo, 1.707 e ao Rio de Janeiro, 2.203 kilometros.

Passo Fundo a Curityba, 1.015 kilometros; a S. Paulo, 1.512 e ao Rio de Janeiro, 2.008 kilometros.

Uruguay a Curityba, 833 kilometros; a S. Paulo, 1.330 e ao Rio de Janeiro, 1.826 kilometros.

Distancias parciaes :

De Porto Alegre a Santa Maria, 388 kilometros.

Rio Grande a Santa Maria, 602 kilometros.

Uruguayana a Santa Maria, 374 kilometros.

Distancias parciaes a percorrer nos diversos Estados a partir de Santa Maria :

Rio Grande do Sul—Santa Maria a Cruz Alta, 161 kilometros; Cruz Alta a Passo Fundo 195 kilometros e Passo Fundo ao Uruguay, 182 kilometros; total, 538 kilometros.

Santa Catharina—Uruguay ao Porto da União, 379 kilometros

Paraná—Porto da União a Ponta Grossa, 263 kilometros; Ponta Grossa a Jaguariahyva, 154 kilometros e Jagariahyva a Itararé, 98 kilometros; total, 516 kilometros.

S. Paulo e Rio de Janeiro—Itararé a Faxina, 66 kilometros; Faxina a Aracassú, 71; Aracassú a Itapetininga, 72; Itapetininga a Tatuhy, 43; Tatuhy a Baitura, 22; Baitura a S. Paulo, 162 e S. Paulo ao Rio de Janeiro, 486; total, 932 kilometros.

Para ir a Curityba toma-se em Ponta Grossa o ramal com 191 kilometros.

Tempo de viagem do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro :

De Porto Alegre a Santa Maria 380 kilometros, a 32 kilometros por hora, 12 horas.

De Santa Maria ao Uruguay, 538 kilometros, a 27 kilometros por hora, 20 horas.

Do Uruguay a Ponta Grossa, 642 kilometros, a 25 kilometros por hora, 26 horas.

De Ponta Grossa a Itararé, 252 kilometros, a 25 kilometros por hora, 10 horas.

De Itararé a S. Paulo, 436 kilometros, a 30 kilometros por hora, 16 horas e de São Paulo ao Rio de Janeiro, 496 kilometros, a 40 kilometros por hora, 12 horas.

Tempo de viagem, 96 horas, em quatro dias de viagem ininterrupta.

# Viação ferrea da Republica dos Estados Unidos do Brasil

## (1910)

### I. — De propriedade e administração da União.

| Designação das entradas | Em trafego | Em construcção | Com estudos approvados | Total |
|---|---|---|---|---|
| | Kilometros | | | |
| **CENTRAL DO BRASIL :** | | | | |
| Central a Pirapóra | 1.005.940 | — | — | 1.005.940 |
| Ramal de S. Paulo | 387.880 | — | — | 387.880 |
| » de Santa Cruz | 34.443 | — | — | 34.443 |
| » de Porto Novo | 63.764 | — | — | 63.764 |
| » de Ouro Preto | 42.446 | — | — | 42.446 |
| » de Santa Barbara | 76.502 | — | — | 76.502 |
| » de Bello Horizonte | 14.343 | — | — | 14.343 |
| » de Paracamby | 8.304 | — | — | 8.304 |
| » da Maritima | 2.002 | — | — | 2.002 |
| » de Jockey Club | 1.303 | — | — | 1.303 |
| » da Penha | 1.225 | — | — | 1.225 |
| » de Ttacurussá | 28.000 | — | — | 28.000 |
| Linha Auxiliar | 165.561 | — | — | 165.561 |
| Ramal de Deodoro | 2.800 | — | — | 2.800 |
| Rio de Ouro | 131.589 | — | — | 131.589 |
| **OESTE DE MINAS :** | | | | |
| Sitio a Paraopeba | 601.580 | 30.000 | — | 631.580 |
| Ramaes de Ribeirão Vermelho, Itapecerica, Pitanguy e Mattosinhos | 89.516 | — | — | 89.516 |
| Ribeirão Vermelho a Formiga | 143.892 | — | — | 143.892 |
| Ribeirão Vermelho a Bom Jardim | 136.000 | 65.000 | — | 201.000 |
| Barra Mansa a Cedro | 51.950 | 50.000 | — | 101.950 |
| Barra Mansa ao tunnel da Serra | 82.790 | 25.000 | — | 107.790 |
| Ramal de Claudio | 28.000 | — | — | 28.000 |
| Ramal de Aguas Santas | 14.000 | — | — | 14.000 |
| Bello Horizonte ao Kilometro 48 da E. F. de Goyaz | 108.000 | 178.000 | — | 286.000 |
| Lorena a Piquete | 20.000 | — | — | 20.000 |
| Cruz Alta a Santo Angelo | 30.000 | 19.405 | 51.548 | 100.923 |

### II. — De propriedade da União e arrendados.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Madeira-Mamoré | 175.000 | 185.000 | — | 360.000 |
| São Luiz a Caxias e ramal | — | 207.000 | 186.726 | 393.726 |
| **RÊDE CEARENSE :** | | | | |
| Baturité, prolongamento e ramaes | 392.739 | 31.000 | — | 423.739 |
| Sobral e prolongamento | 304.970 | 31.030 | 323.666 | 659.666 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **CENTRAL DO RIO GRANDE DO NORTE :** | | | | |
| Natal a Angicos | 128.252 | 103.159 | — | 231.411 |
| **GREAT WESTERN :** | | | | |
| Natal a Independencia | 171.197 | — | — | 171.197 |
| Conde d'Eu | 163.753 | 30.000 | — | 193.753 |
| Timbaúba ao Pilar | 39.230 | — | — | 39.230 |
| Recife ao S. Francisco | 124.739 | — | — | 124.739 |
| Sul de Pernambuco e ramal | 193.908 | — | — | 193.908 |
| Central de Pernambuco | 244.813 | 41.372 | — | 286.185 |
| Central de Alagôas e ramal | 150.000 | — | — | 150.000 |
| Ribeirão a Cortez | 28.657 | — | — | 28.657 |
| Paulo Affonso | 115.853 | — | — | 115.853 |
| Ramal de Campina Grande | 80.196 | — | — | 80.196 |
| Bahia a Alagoinhas | 123.310 | — | — | 123.340 |
| Alagoinhas a Propriá | 112.564 | 220.000 | 94.773 | 427.337 |
| **SÃO FRANCISCO :** | | | | |
| Alagoinhas a Joazeiro | 452.310 | — | 100.281 | 552.591 |
| Central da Bahia e ramaes | 316.670 | — | 304.960 | 721.620 |
| **PARANÁ :** | | | | |
| Paranaguá a Curityba | 110.387 | — | — | 110.387 |
| Prolongamento e ramaes | 305.995 | — | — | 305.995 |
| D. Thereza Christina | 116.340 | — | — | 116.340 |
| **COMPAGNIE AUXILIAIRE :** | | | | |
| Santa Maria a Margem | 261.924 | — | — | 261.924 |
| Margem a Neustadt | 93.642 | — | — | 93.642 |
| Santa Maria a Uruguayana | 374.320 | — | — | 374.320 |
| Cacequy a Bagé | 207.596 | — | — | 207.596 |
| Ramal de Santa Cruz | 30.311 | — | — | 30.311 |
| Ramal de Paredão | 3.292 | — | — | 3.292 |
| Porto Alegre a Taquará | 88.458 | — | — | 88.458 |
| Santa Maria ao Uruguay | 535.097 | — | — | 535.097 |
| Rio Grande a Bagé e ramaes | 302.440 | — | — | 302.440 |
| Montenegro a Caxias | 117.348 | — | — | 117.348 |
| Saycan a Sant'Anna do Livramento | 156.309 | — | — | 156.309 |
| Itaquy a S. Borja | 23.000 | 61.000 | — | 84.440 |
| Itapura a Corumbá *(a)* | 150.000 | 226.000 | 469.386 | 845.386 |
| Formiga a Goyaz e ramal de Uberaba | 125.731 | 54.127 | — | 179.858 |
| **RÊDE SUL-MINEIRA :** | | | | |
| Cruzeiro a Montebello *(b)* | 360.435 | 74.700 | — | 435.135 |
| Ramal da Campanha | 85.970 | — | — | 85.970 |
| Ramal de Alfenas | 7.578 | — | — | 7.578 |

*(a)*—Em trafego de Porto Esperança a Miranda.
*(b)*—Em construcção até Guaxupé.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Passa Tres a Barra do Pirahy *(c)*..... | 40.859 | — | — | 40.859 |
| Barra do Pirahy a Carvalhos *(c)*..... | 174.966 | — | — | 174.966 |
| Soledade a Sapucahy *(c)*..... | 269.529 | — | — | 269.529 |
| Soledade a Carvalhos *(c)*..... | 72.000 | — | — | 72.000 |
| **III. — Concedidas pela União com garantia de juros.** | | | | |
| Alcobaça a Praia da Rainha..... | 50.940 | 11.400 | 121.860 | 184.200 |
| Caxias a Cajazeiras..... | 78.000 | — | — | 78.000 |
| VICTORIA A MINAS : | | | | |
| Victoria a Suassuahy..... | 378.152 | 66.928 | 57.000 | 502.080 |
| Curralinho a Santo Hyppolito..... | 38.900 | 108.696 | — | 147.596 |
| LEOPOLDINA RAILWAY : | | | | |
| Prolongamento da Barão de Araruama | 51.440 | — | — | 51.440 |
| Central de Macahé *(d)*..... | 42.614 | — | — | 42.614 |
| Santo Eduardo a Muniz Freire..... | 92.669 | — | — | 92.669 |
| S. PAULO-RIO GRANDE : | | | | |
| Linha de Itararé..... | 883.287 | — | 105.800 | 989.087 |
| Linha de S. Francisco..... | 100.000 | 275.190 | — | 375.190 |
| NOROESTE DO BRASIL : | | | | |
| Baurú a Jupiá..... | 460.000 | — | — | 460.000 |
| MOGYANA : | | | | |
| Jaguára a Araguary..... | 281.104 | — | — | 281.104 |
| Quarahim a Itaquy..... | 175.597 | — | — | 175.597 |
| Pelotas a S Lourenço..... | — | — | 135.590 | 135.590 |
| Minas a S. Jeronymo..... | — | — | 149.000 | 149.000 |
| SOROCANA E ITUANA : | | | | |
| Capão Bonito a Salto Grande..... | 217.966 | — | — | 217.966 |
| Tatuhy a Itararé..... | 250.007 | — | — | 250.007 |
| **IV. — Concedidas pela União sem garantia de juros.** | | | | |
| Caxias — — 182.720 182.720 a Araguaya..... | | | | |
| GREAT WESTERN : | | | | |
| Recife a Limoeiro e Timbaúba..... | 141.055 | — | — | 141.055 |
| LEOPOLDINA RAILWAY : | | | | |
| Porto Novo a Saude..... | 369.768 | — | — | 369.768 |
| Ramal de Vista Alegre a Leopoldina... | 12.456 | — | — | 12.456 |
| Ramal do Sumidouro..... | 91.931 | — | — | 91.931 |
| *Carangola :* | | | | |
| Campos a Porciuncula..... | 169.079 | — | — | 169.079 |
| Murundú a S. Eduardo..... | 20.627 | — | — | 20.627 |
| Itaperun a Poço Fundo..... | 33.536 | — | — | 33.536 |
| Praia Formosa a Entroncamento..... | 48.966 | — | — | 48.966 |

*(c)*—Estas linhas reverterão para a União findo o prazo de arrendamento da rêde.

*(d)*—De Entroncamento a Glicerio.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| *Caravellas :* | | | | |
| Cachoeiro ao Alegre..... | 48.642 | 98.020 | — | 146.662 |
| Mattosinhos a Castello..... | 21.425 | — | — | 21.425 |
| *Sul do Espirito Santo :* | | | | |
| Moniz Freire a Mathilde..... | 80.330 | — | — | 80.830 |
| Mathilde a Victoria..... | 79.267 | — | — | 79.267 |
| Corcovado ..... | 3.760 | — | — | 3.760 |
| Capital Federal a Petropolis..... | — | — | 57.000 | 57.000 |
| Botafogo a Angra dos Reis..... | — | — | 193.340 | 193.340 |
| União Valenciana..... | 63.368 | — | — | 63.368 |
| Bananal ..... | 28.000 | — | — | 28.000 |
| Rezende a Bocaina..... | 38.810 | — | — | 38.810 |
| PAULISTA : | | | | |
| Rio Claro a Araraquara..... | 127.486 | — | — | 127.486 |
| Ramal de Jahú..... | 143.211 | — | — | 143.211 |
| Baurú a Pederneiras..... | 38.120 | — | — | 38.120 |
| MOGYANA : | | | | |
| Ribeirão Preto a Jaguára..... | 191.475 | — | — | 191.475 |
| Ramal de Caldas..... | 76.887 | — | — | 76.887 |
| Mogymirim a Santos..... | — | — | 265.120 | 265.120 |
| SOROCABANA e ITUANA : | | | | |
| Prolongamento para Santos..... | — | — | 183.000 | 183.000 |
| Santos a Jundiahy.. ..... | 139.000 | — | — | 139.000 |
| Taubaté a Amparo..... | — | — | 72.000 | 72.000 |
| Minas de São Jeronymo..... | 20.000 | — | 375.000 | 395.000 |

## V. — Estadoaes.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ESTADO DO PARÁ | | | | |
| *Bragança :* | | | | |
| Linha principal..... | 248.000 | — | — | 248.000 |
| Ramal de Pinheiro..... | 21.000 | — | — | 21.000 |
| » de Benjamin Constant..... | 17.000 | — | — | 17.000 |
| » do Prata ..... | 21.000 | — | — | 21.000 |
| » de Bemfica ..... | 9.000 | — | — | 9.000 |
| ESTADO DE PERNAMBUCO : | | | | |
| Ribeirão a Barreiros..... | 57.000 | — | — | 57.000 |
| Recife a Caxangá..... | 25.430 | — | — | 25.430 |
| Recife a Olinda e Beberibe..... | 12.726 | — | — | 12.726 |
| ESTADO DA BAHIA : | | | | |
| Nazareth a Santa Ignez *(a)*..... | 158.929 | 99.500 | — | 258.429 |
| Ramal de Amargoza..... | 26.735 | — | — | 26.735 |
| Santo Amaro ao Jacú..... | 36.200 | — | — | 36.200 |
| Bahia e Minas..... | 376.270 | — | — | 376.270 |
| Centro Oeste da Bahia..... | 52.120 | — | 44.700 | 96.820 |
| Ilhéos a Conquista *(b)*..... | 36.000 | 14.000 | — | 50.000 |

*(a)*—Em construcção de Santa Ignez a Jequié.
*(b)*—Em trafego até Almada.

**ESTADO DO RIO DE JANEIRO :**

*Leopoldina Railway :*

*Linha de Cantagallo*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Nitherohy a Macuco..... | 178.823 | — | — | 178.823 |
| Ramal de Macahé ..... | 146.387 | — | 54..160 | 200.547 |
| Ramal Ferreo de Cantagallo..... | 77.645 | — | — | 77.645 |

*Linha de Imbetiba a Miracema :*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Imbetiba a Campos..... | 95.803 | — | — | 95.803 |
| Campos a Miracema..... | 145.145 | — | — | 145.145 |

*Linha de Araruama :*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Araruama a Triumpho..... | 40.075 | — | — | 40.075 |
| Ramal de Magdalena..... | 27.225 | — | — | 27.225 |

*Linha de S. Sebastião :*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Campos a Santo Amaro..... | 38.378 | — | — | 38.378 |

*Linha Campista :*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Entroncamento a Atafona..... | 38.762 | — | — | 38.762 |
| Martins Lage a Colomins..... | 13.562 | — | — | 13.562 |

*Linha de Grão Pará :*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Mauá a S. José do Rio Preto..... | 91.809 | — | — | 91.809 |
| Areal a Entre Rios..... | 25.743 | — | — | 25.743 |
| Entre Rios a Ponte do Parahybuna..... | 13.481 | — | — | 13.481 |
| Rio das Flôres..... | 53.000 | — | — | 53.000 |
| Maricá ..... | 61.000 | — | — | 61.000 |
| Therezopolis ..... | 33.520 | — | — | 33.520 |
| Agricola de Quissamã..... | 34.000 | — | — | 34.000 |
| Usina Barcellos a S. Bento..... | 22.730 | — | — | 22.730 |
| Usina das Dôres a S. Sebastião..... | 11.000 | — | — | 11.000 |
| Ramal do Porto da Madama..... | 2.218 | — | — | 2.218 |

**ESTADO de S. PAULO :**

*Paulista :*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Jundiahy a Descalvado..... | 223.646 | — | — | 223.646 |
| Ramal de Santa Veridiana..... | 38.952 | — | — | 38.952 |
| Ramal no Rio Claro..... | 16.792 | — | — | 16.792 |
| Araraquára a Barretos..... | 205.463 | — | — | 205.463 |
| Ramal de Agua Vermelha..... | 63.105 | — | — | 63.105 |
| » de Ribeirão Bontio..... | 40.415 | — | — | 40.415 |
| » de Agudos ..... | 121.000 | — | — | 121.000 |
| » de Mogy-Guassú ..... | 93.200 | — | — | 93.200 |
| » de Santa Rita..... | 26.916 | — | — | 26.916 |
| » Descalvado..... | 13.617 | — | — | 13.617 |

*Mogyana :*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Campinas a Ribeirão Preto..... | 317.340 | — | — | 317.340 |
| Ramal de Amparo..... | 48.220 | — | — | 48.220 |
| » de Socco ..... | 31.458 | — | — | 31.458 |
| » de Itàpira ..... | 50.060 | — | — | 50.060 |
| » do Pinhal ..... | 37.000 | — | — | 37.000 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| » de Vargem Grande..... | 20.000 | — | — | 20.000 |
| » de Mocóca ..... | 71.930 | — | — | 71.930 |
| » de Guaxupé ..... | 44.339 | — | — | 44.339 |
| » de Santos Dumont..... | 27.000 | — | — | 27.000 |
| » de Sertãosinho ..... | 33.367 | — | — | 33.367 |
| » de Santa Rita do Paraizo..... | 156.335 | — | — | 156.335 |
| » de Serra Negra..... | 41.000 | — | — | 41.000 |
| » de Cravinhos ..... | 21.000 | — | — | 21.000 |
| Sub-ramal de Jandaia..... | 16.000 | — | — | 16.000 |
| *Sorocabana e Ituana :* | | | | |
| S. Paulo a Baurú..... | 438.439 | — | — | 438.439 |
| Ramal de Boituva a Tatuhy..... | 21.624 | — | — | 21.624 |
| » de Cerquilho a Tieté..... | 8.069 | — | — | 8.069 |
| » de Pirajú ..... | 26.041 | — | — | 26.041 |
| » de Porto Martins a Araquá..... | 36.960 | — | — | 36.960 |
| Mayrink a S. Pedro..... | 226.953 | — | — | 226.953 |
| Ramal de Jundiahy..... | 43.100 | — | — | 43.100 |
| » de João Alfredo..... | 17.428 | — | — | 17.428 |
| » do Rio Pardo..... | .23.890 | — | — | 23.890 |
| *S. Paulo Railway :* | | | | |
| Campo Limpo a Bragança..... | 51.548 | — | — | 51.548 |
| *S. Paulo a Goyaz :* | | | | |
| Bebedouro a Monte Azul..... | 30.642 | 40.000 | — | 74.642 |
| *S. Paulo e Minas :* | | | | |
| Bento Quirino a Serrinha..... | 39.000 | 18.000 | — | 57.000 |
| *Itatibense :* | | | | |
| Louveira a Itatiba..... | 20.097 | — | — | 20.097 |
| Araraquára ..... | 142.318 | 100.000 | — | 242.318 |
| Araraquára a Itabitinga..... | 8.000 | 38.000 | — | 46.000 |
| *Dourado :* | | | | |
| Ribeirão Bonito a Ibitinga..... | 128.000 | 46.000 | — | 74.000 |
| Ramal Ferreo Campineiro..... | 41.444 | — | — | 41.444 |
| Funilense ..... | 25.263 | — | — | 25.263 |
| Santo Amaro..... | 16.172 | — | — | 16.172 |
| Ibitirama a Monte Alto..... | 9.000 | — | — | 9.000 |
| ESTADO DO PARANÁ» : | | | | |
| Curityba a Rocinha..... | 44.476 | — | — | 44.476 |
| ESTADO DE SANTA CATHARINA : | | | | |
| Blumenau a Hansa..... | 69.648 | — | — | 69.648 |
| ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL : | | | | |
| Porto Alegre a Tristeza..... | 11.250 | — | — | 11.250 |
| ESTADO DE MINAS : | | | | |
| *Leopoldina :* | | | | |
| *Linha do Centro* | | | | |
| Ramal de Pirapetinga..... | 31.246 | — | — | 31.246 |
| Ponte Nova a Bicudos..... | — | 50.930 | 80.346 | 131.276 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| *Ramal de Muriahé :* | | | | |
| Recreio a Santa Luzia | 149.010 | 40.000 | 80.000. | 269.001 |
| Cysneiros a Paraokena | 17.708 | — | — | 17.708 |
| Entroncamento a S. Paulo | 17.674 | — | — | 17.674 |
| Patrocinio a Poço Fundo | 1.857 | — | — | 1.857 |
| *Ramal de Cataguazes :* | | | | |
| Cataguazes a Mirahy | 35.260 | — | — | 35.260 |
| Senero a João Pinheiro | 12.614 | — | — | 12.614 |
| *Ramal de Serraria :* | | | | |
| Entroncamento da Grão Pará a Ligação | 137.060 | — | — | .137.060 |
| Guarany a Pomba | 27.454 | — | — | 27.454 |
| Furtado de Campos a Rio Novo | 6.841 | — | — | 6.841 |
| Sub-ramal de Mar de Hespanha | — | 24.000 | — | 24.000 |
| *Ligação da Grão Pará ao Ramal de Serraria :* | | | | |
| Ponte do Parahybuna ao Entroncamento do ramal de Serraria | 18.637 | — | — | 18.637 |
| Juiz de Fóra ao Rio Novo | 58.101 | — | — | 68.101 |
| Paraopeba | 12.000 | — | 455.690 | 467.690 |
| Palmyra a Livramento | 26.544 | — | 147.756 | 174.300 |
| Ramal de S. José do Paraizo | 22.000 | 30.000 | — | 52.000 |

**RESUMO**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Linhas administradas pela União | 3.271.830 | 367.405 | 51.548 | 3.690.783 |
| Linhas arrendadas e fiscalizadas pela União | 7.331.708 | 1.264.828 | 1.479.792 | 10.076.328 |
| Linhas concedidas pela União com garantia de juros | 3.100.676 | 462.214 | 569.250 | 4.133.140 |
| Linhas concedidas pela União sem garantia de juros | 1.987.199 | 98.020 | 1.328.180 | 3.413.399 |
| Linhas estadoaes | 6.086.239 | 500.430 | 862.652 | 7.449.321 |
| TOTAL | 21.777.652 | 2.692.897 | 4.291.422 | 28.761.971 |


# J. AUMAITRE

## Pannos, Casimiras, Fórros, etc.

PARIZ — LONDRES

DEPOSITO

Nº 4 — Rua da Quitanda — Nº 4

= S. PAULO =

***Caixa do Correio, 632***

# POPULAÇÃO DO BRASIL

E' sempre (e não sabemos até quando o será) um difficil problema o conhecimento da população do paiz.

Orecenseamento de 1872 deu o seguinte resultado :

| | |
|---|---|
| Minas Geraes | 2.102.689 |
| Bahia | 1.379.616 |
| Pernambuco | 841.539 |
| S. Paulo | 837.354 |
| Rio de Janeiro | 819.604 |
| Ceará | 721.686 |
| Rio Grande do Sul | 446.962 |
| Parahyba | 376.226 |
| Maranhão | 360.640 |
| Alagôas | 348.009 |
| Pará | 275.237 |
| Municipio Neutro | 274.972 |
| Sergipe | 234.643 |
| Rio Grande do Norte | 233.979 |
| Piauhy | 211.822 |
| Goyaz | 160.395 |
| Santa Catharina | 159.802 |
| Paraná | 126.722 |
| Espirito Santo | 82.137 |
| Mato Grosso | 60.417 |
| Amazonas | 57.610 |
| Total | 10.112.061 |

E' este um numero insignificante se considerarmos o arrolamento de 1810 que achou por estimativa a população de 4 milhões. Pouco mais que duplicou em 60 annos (1810-1872) e se fossemos adoptar essa relação não teriamos ainda 17 milhões em todo o Brasil, admittida a intensidade crescente da immigração.

Até que se estabeleçam calculos mais fundamentados, consideramos exaggerada a estimativa de 20 e ainda 25 milhões attribuidos ao Brasil em 1906. Acreditamos que 17.000.000 são já para o anno de 1906 uma estimativa optimista para o lento crescimento numerico da população.

# POPULAÇÃO DE MINAS GERAES

(CARLOS SANZIO)

**Primeiro recenseamento da Capitania**

Um periodo de 134 annos separa o proximo recenseamento geral da Republica, marcado para 31 Dezembro futuro, do primeiro arrolamento mais ou menos regular que se fez da população de Minas Geraes, então Capitania. Velho e precioso livro historico, manuscripto, que perfilha estas notas recúa, de facto, para o anno de 1776, esse primeiro ensaio de censo, praticado no hoje mais populoso dos nossos Estados.

A Capitania de Minas Geraes, compunha-se naquelle tempo de quatro comarcas e de um territorio chamado das Minas Novas de Avassuahy, que fôra desmembrado da Capitania da Bahia em 1751, mas que, entretanto, sem que se saiba o motivo, deixou de ser contemplado no inquerito censatorio, não figurando, por isso, como não podia figurar, no respectivo resultado.

A população total encontrada na apuração foi de 319.769 habitantes, pertencendo 99.576 á comarca do Rio das Velhas, 82.781 á do Rio das Mortes, 78.618 á de Villa Rica e 58.794 á do Serro Frio.

As discriminações ou individuações do arrolamento haviam comprehendido tão sómente o sexo, a côr e a condição de livre ou servil dos recenseados, o que ha de convir-se, era mais que bastante para os intuitos ou interesses de uma estatistica demographica em tempo de absolutismo colonial, como aquella.

Sob os dous primeiros desses pontos de vista, porque, não nos apraz ponderar o ultimo, constituia-se a população verificada de 199.641 homens e 120.128 mulheres, sendo daquelles 41.677 brancos, 40.793 pardos e 117.171 pretos; e destas 28.987 brancas 41.317 pardas e 49.824 pretas.

A comarca do Rio das Mortes foi a que recenseou maior numero de brancos — 29.926; e a de Villa Rica a que recenseou o menor — 12.679. Mas aquella em que a proporção dellas baixou ao minimo foi a do Rio das Velhas que apresentou 14.394 brancos contra 85.182 mestiços e pretos ou apenas 14,3 0/0 da população total, A do Serro Frio ficou no meio, com 13.665 brancos, embora fosse a de menor população.

Destes algarismos, os que se referem ao resultado total do recenseamento e á sua distribuição por comarcas podem ter-se reproduzido e, portanto confirmados, nas *Memorias Historicas do Rio de Janeiro e das Provincias annexas*, vol. IX, pag. 257 — pelo illustrado chronista Monsenhor Pizarro de Araujo; e na *Revista* do Instituto Historico do Brasil, de 1852, pelo Desembargador José João Teixeira Coelho.

Os nascimentos e os fallecimentos occorridos no anno do arrolamento fizeram parte delle, registrando-se os primeiros com a cifra total de 8.974 e os ultimos com a de 6.844 ou menos 2.130 em favor do augmento da população.

Distribuiram-se os nascimentos da maneira seguinte: 2.795, na comarca do Rio das Mortes; 2.501, na do

Rio das Velhas ; 1.914, na de Villa Rica, e 1.734, na do Serro Frio. Quanto aos fallecimentos, couberam 2.270 á comarca do Rio das Velhas, 1.839 á de Villa Rica, 1.660, á do Rio das Mortes e 1.075 á do Serro.

* * *

**Tentativas de recenseamento pelos juizes de paz da provincia.**

Em 1838, 1847, 1852, 1854 e 1856 realizaram-se tentativas officiaes de recenseamento da população da Provincia por intermedio dos Juizes de Paz, a quem o Governo commetteu o encargo de arrolarem os habitantes dos respectivos districtos. Se não poucas dessas autoridades se indifferentaram por completo á importante missão e nenhum arrolamento prepararam, e outras apenas contribuiram com trabalhos deficientissimos, cheios de defeitos e de lacunas, algumas no emtanto, e por maioria em alguns daquelles annos, effectuaram quasi verdadeiro recenseamento nas circumscripções de sua jurisdição.

Sobre a base desses arrolamentos parciaes, supprindo os dos districtos faltosos e completando os dos lacunosos pelos melhores meios possiveis e mais approximativos da verdade, o Major Luiz Maria da Silva Pinto, que se dera desde annos a estudos dessa natureza a respeito da Provincia, levantou os seguintes computos :

| | População |
|---|---|
| Anno de 1838 ..... | 800.059 |
| Anno de 1847 ..... | 908.816 |
| Anno de 1852 ..... | 1.000.000 |
| Anno de 1854 ..... | 1.081.909 |
| Anno de 1856 ..... | 1.219.272 |

* * *

**Recenseamento regular do provincia.**

O unico recenseamento regular da população de Minas Geraes, a que se procedeu durante o Imperio, não foi particular da provincia ou circumscripto a ella, foi apenas parte do que se estendeu a todo o paiz, realizado em 1 de Agosto de 1872, por determinação do decreto n. 4.856, de 30 de Dezembro de 1871.

Comprehendia a então provincia 360 parochias, das quaes foram recenseadas 344, e deixaram de o ser as restantes em numero apenas de 16.

Com as informações obtidas, a que de certo se não podia attribuir exactidão rigorosa, apurou-se uma população de 2.009.023.

Essa somma reunida á das parochias não informantes, devia dar, pelo menos com muita probabilidade, a população total da provincia.

Foi o que se fez. Calculado proporcionalmente para as 16 parochias não arroladas o augmento de 89.289 habitantes, obteve-se o resultado de 2.098.312 almas para toda a provincia no anno de 1872.

Commentando estes algarismos, observou o saudoso mineiro Commendador José Pedro Xavier da Veiga, vulto de destaque entre os seus contemporaneos e jornalista muito sabido, erudito mesmo, nas cousas de sua terra, que « figurou no referido recenseamento a população escrava de 366.574 almas e que, entretanto, mais tarde se verificou ser ella muito

**PIANOS RITTER,** *adoptados pela Casa IMPERIAL de ALLEMANHA e pela Côrte de RUMANIA.*
**Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.**

maior, conforme o relatorio do Barão de Camargos, Vice-Presidente da Provincia. »

Desse facto accrescentou elle póde-se tirar a conclusão de que, applicando-se proporcionalmente á população livre a differença constatada na escrava ou servil, elevar-se-ha seguramente a população da provincia á cifra redonda de 2.300.000 habitantes.

* * *

Não se póde negar a estes dados e notas pelo menos o interesse de curiosidade. Em verdade, entretanto, elles devem saber o apreço que representam para um confronto com o resultado do recenseamento demographico do grande prospero Estado no dia 31 de Dezembro deste anno.

Para não mais do que isto ahi os deixamos nestas despretenciosas linhas

# FESTA DAS ARVORES

O PLANTIO DA « HEVEA ». BELLO E PEQUENINO DISCURSO DO DR. J. HUBER

Em Fevereiro de 1910 celebrou-se em Manáos, a *festa das arvores*, pelo plantio da *hevea* cuja destruição pelo commercio e industria da borracha é já sensivel. Foi n'essa occasião que o dr J. Huber, o notavel naturalista que tantos serviços tem prestado ao nosso paiz pronunciou o seguinte discurso que resumia admiravelmente os intuitos e o sentimento d'aquella festa.

Exmos. Srs. coronel governador do Estado e superintendente de Manáos e illustres collegas do Congresso Commercial Industrial e Agricola. Foi uma lembrança feliz a do nosso illustre hospede Sr. W. Pearson, redactor da importante revista *India Ruber World*, e presidente do Americano Rubber Club, de convidar, por intermedio da directoria da Associação Commercial, as pessoas mais altamente collocadas nesta cidade e os membros do congresso a mostrarem, por este acto da plantação de algumas arvores de « Hevea » no centro magno desta populosa capital, o interesse que tinham no movimento em favor do plantio desta arvore, á qual este paiz deve a sua prosperidade.

Poderiam dizer que pouco adianta plantar uma duzia de arvores, e com effeito, poucas são as seringueiras que plantamos, mas temos a esperança que cada uma dellas signifique pelo exemplo que dá, ao menos um milhão de arvores plantadas neste e nos proximos annos. Parece-me que nada seja capaz de prender o seringueiro tanto ao sólo, como de elle plantar arvores de borracha e tratal-as, na espera do tempo em que ellas possam dar o seu precioso leite. Mas o plantio da arvore tem ainda uma significação mais profunda. Elle ensina ao homem a sua verdadeira posição no meio do mundo vegetal, elle signi-

fica o primeiro passo para formar a sua soberania sobre a natureza. Quem planta a arvore que lhe deve dar proveito, não é mais o escravo da natureza, mas o seu senhor.

E os cuidados que uma arvore plantada exige, tal qual uma criança fraca, dão a entender ao homem que ella é um ser vivo como elle, sensivel ao amor e ao cuidado que se lhe dispensa. Amar as arvores é amar a terra, é uma das mais bellas manifestações de patriotismo.

Quero crer que esta ceremonia singela, pela sua alta significação, tenha uma influencia feliz sobre o desenvolvimento futuro deste bello paiz, que venero como a minha segunda patria.

# RIQUEZAS DO BRASIL

## *O OURO DE LAVRAS*

Regressando recentemente de uma excursão á America do Sul, emprehendida em serviço da Central News, creio que serão de interesse algumas informações sobre as minas de ouro, extraordinariamente ricas, exploradas nos districtos de Lavras e S. Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, no sul do Brasil.

Empreguei dous mezes estudando cuidadosamente o districto de Lavras e verifiquei que a zona, que tem mais de 100 milhas quadradas, é altamente aurifera.

Durante e minha pratica de mais de 20 annos em minas de ouro, nunca atravessei uma zona que offerecesse tantas facilidades como as que offerece Lavras.

A prospera cidade de Lavras foi quasi que inteiramente fundada e mantida pela mineração de ouro, embora a procura nos alluviões tenha sido feita até então sem ordem e sem methodo de pesquiza.

Todo o campo aurifero de Lavras é agora explorado por uma companhia ingleza « The Brasilian Goldfields Co., Led. » — uma bem dirigida empreza com um pequeno capital de £ 160.000, das quas julgo cerca de £ 20.000 estão reservadas para trabalhos de exploração.

A Brasilian Goldfields Led. possue approximadamente 24 milhas quadradas de terras mineraes contendo veios de ouro, prata e cobre em

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

toda a direcção. A terra é livre e todos os mineraes são de propriedade dos seus occupantes, livres de taxa ou impostos de qualquer natureza. Não ha nenhuma condição de trabalho referente á mineração e todo o mechanismo de mineração é importado livre de direitos, com excepção de 2 % *ad valorem* que são impostos para as Obras do Porto do Rio Grande.

Um exemplo frisante do desejo do Governo em auxiliar a industria de mineração está manifestado pela extensão das communicações telegraphicas directas a Lavras, que foram estabelecidas com o intuito de favorecer a Brasilian Goldfields Co.

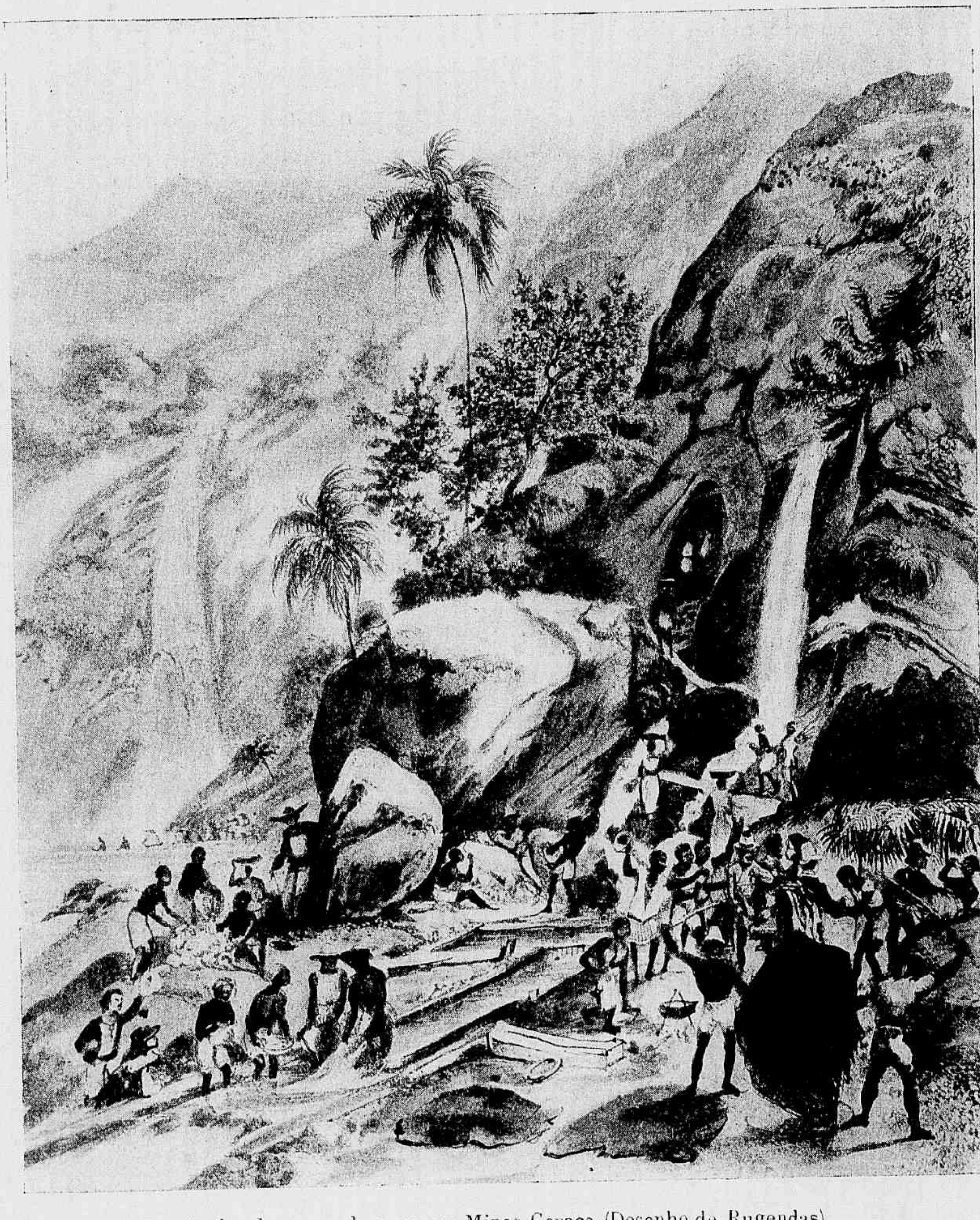
Lavras está situada dentro de um percurso de 30 milhas do tronco da estrada de ferro que vai, em boa linha, até S. Sebastião que dista 200 milhas do porto do Rio Grande.

O custo de transporte do porto ás minas por estrada de ferro ou carruagens, é de cerca de £ 3 por tonelada e o frete approximadamente £ 2.10 s. Uma sufficiente e boa mão de obra é avaliada em, mais ou menos, 5 shillings por dia. Ver-se-ha, pelo que ficou dito, que as condições de exploração barata e proveitosa para as minas são tão boas o quanto podem ser e quando eu accrescentar que o pessoal dirigente em Lavras é composto de uma duzia de moços correctos e homens energicos e praticos em experiencia, a maior parte dos quaes é de graduados pela « Royal School of Mines », de Londres, e alguns delles membros do Instituto de Mineração e Metallurgia, será então de admirar se um grande successo não fôr alcançado pela Brasilian Goldfields Co. Neste sentido deve-se um voto de louvor ao Sr. Andre Griffiths (o engenheiro constructor) e ao seu socio Sr. E. O. Mannheim (o gerente geral no Brasil) pelo bom desempenho que deu á inauguração da exploração da Companhia.

Além da prosperidade de differentes pontos do Estado, nada menos de cinco valiosas minas estão em curso de desenvolvimento. Estas minas são : Aurora, Mato Feio, Eldorado, Potrevio e Vaccacahy e além disso, a Companhia tem um grande interesse na Brasilian Golden Hill, Led. e possue uma bem valiosa propriedade de alluviões, chamada Lagôa da Nação. Durante a minha visita, esta propriedade me foi mostrada pelo Sr. T. H. V. Bower, M. I. M. E. que estimou o seu valor acima de £ 80.000.

A propriedade principal do grupo é a mina da Aurora, com 300 acres. explorada sob opção de uma companhia escosseza The Brasilian Development Syndicate. Alguns trabalhos importantes foram ahi executados sob as vistas do Sr. R. S. Botsford, A. R. S. M. A. I. M. M. Abriu-se em uma galeria um solido filão de mineral bruto, medindo cerca de 2 pés de lagura e umas 300 toneladas de calháos, avaliados em cerca

de 20 onças por tonelada, que foram extrahidos partidos. Alguns calháos desta mina são avaliados em £ 200 por tonelada e para maior segurança o Sr. Botsford resolveu não quebral-os sem requisital-os para o tratamento. Um segundo filão deu um resultado acima de



Antiga lavagem de ouro em Minas Geraes (Desenho de Rugendas).

**A casa VACHERON e CONSTANTIN obteve o UNICO primeiro 1º premio no**

**CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS**

1 onça sobre uma largura de 2 pés e delle se verificou um comprimento de cerca de 300 pés.

Muitos outros « achados » de caracter valioso foram feitos pela Aurora, que parece destinada a figurar entre as grandes minas do futuro.

A segunda mina é a Mato Feio, possuida sop opção, pela « Brasilian Mato Feio Syndicate », de Londres. Esta mina, que se acha sob a direcção do Sr. W. Hildred, é uma farta propriedade de quartzo cujo veio (filão) mede cerca de 1 pé de largura numa distancia de 800 pés, mais ou menos. Extrahiram-se della alguns calháos bem ricos que deram resultados acima de 40 onças e podem ser aceitos seguramente por 1 onça por tonelada de minerio. A rocha alli é diorito e granito e o facto muito satisfactorio é que, quanto mais os filões se aprofundam, tanto mais valor têm.

A terceira mina é a Eldorado, recentemente descoberta e que é intelligentemente dirigida pelo Sr. Heath. Um dos mais formosos e melhores veios que tenho visto, existe nella. Um filão de 2 pés por 300 de comprimento, a uma profundidade de 10 pés, deu uma avaliação de 13 dwt (cerca de 19 grammas) por tonelada. Alguns resultados foram valiosos e parte alguma do filão deixou de dar resultados. Este filão augmenta em largura e valor á proporção que se aprofunda e calculou-se ter uma extensão de 3.000 pés. Observei este facto como muito importante. Este filão poude ser explorado tão facil e tão pouco dispendiosamente que um termo médio de 13 dwt (cerca de 19 grammas) por tonelada daria bons lucros.

Um filão semelhante foi tambem descoberto na mina Eldorado, do qual se determinou uma distancia consideravel sob uma média de 2 pés e que deu bons resultados.

A terceira mina é a Vaccacahy, situada em S. Gabriel, a 20 milhas de Lavras. O seu principal fruto foi um filão de bonito aspecto de 5 a 6 pés de largura. Extrahiram-se dessa mina alguns calháos extraordinariamente ricos e cuja analyse demonstrou um rendimento de 100 onças.

A quinta do grupo, a Potervio, é considerada como uma mina de grande futuro. O seu principal filão é de mais de 4 pés de largura e deu bons resultados, mas tinha sido pouco explorado durante a minha visita.

Além das cinco propriedades enumeradas, ha a Golden Hill, que foi fundada pelo Sr. A. E. Thomas, a qual tem grandes possibilidades, e a mui rica Lagôa da Nação, que produzirá uma grande quantidade de ouro logo que fôr installado o seu machinismo de beneficiamento.

DAWSON A. VINDIN.

# Como o sertanejo prevê as chuvas [1]

(F. CAVALCANTI)

O Senador Pompeu em sua *Memoria sobre o clima e seccas do Ceará*, clima que é geralmente o mesmo de toda a grande zona devastada, referindo o apparecimento das chuvas e das seccas, assim se exprime :

As chuvas começam no Ceará depois do solsticio de Dezembro, excepto algumas trovoadas de Outubro, chamadas *chuvas de cajú*, que cahem com mais abundancia no valle do Cariry (Araripe), e pelo littoral, que os indios chamavam *pyroaba;* mas a estação regular das chuvas, de que estas são precursoras, começa em Janeiro e ás vezes em Março, pelo equinoxio, para terminar em Maio ou Junho.

Os sertanejos, quando não chove em Dezembro por Santa Luzia, appellam para o anno bom, principio de Janeiro, e depois para S. José, a 19 de Março.

Se até então não tem começado o inverno, tem-se por declarada a secca.

Parece que a marcha do sol ou rotação da terra exerce notavel influencia no apparecimento das chuvas entre nós, como em todos os paizes intertropicaes, pela direcção que imprime ás correntes aereas.

Assim é que no solsticio de Dezembro, antes ou logo depois, começam; quando não é no equinoxio de Março; e até no solsticio de Junho de ordinario reapparecem as chuvas do fim do inverno. sempre fataes aos criadores, porque fazem apodrecer os legumes e pastos já maduros, que elles não colhem dos campos.

Tal é o « rythmo singular com que se desencadeia o flagello ».

Ora, por que não prestar toda a attenção a esses factos para estabelecer a observação scientifica instituindo-se um sabio systema meteorologico nas regiões flagelladas?

Citam-se nos sertões muitos factos de observadores intelligentes e perspicazes haverem-se precavido das consequencias de seccas, por previsões acertadas. Assim uns accumulam forragens, outros retiram seus gados para regiões abrigadas, outros emfim delles se desfazem.

Recorda-se o autor destas linhas, de em sua infancia, passada nos

(1) De uma interessante communicação de Frederico Cavalcanti, ácerca do clima do norte.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

sertões da Parahyba, ter ouvido contar que o padre Bernardo, Vigario da villa do Teixeira, intelligente e observador, previo com muita antecedencia a grande secca de 1877-79, e aconselhou parentes e amigos a se desfazerem dos seus gados. Os que o ouviram nenhum prejuizo tiveram.

A simples previsão das seccas e invernos, se possivel (e quem garantirá que não seja mais dias menos dias?), seria justificação bastante para o que se pudesse tentar nesse sentido. Mas outras consequencias da observação meteorologica, especialmente da pluviometrica, são do mais positivo resultado para certos fins, e não deve haver vacillação em a tornar a mais extensa possivel já e já. O autor, como deputado estadual pela Parahyba, fez quanto em si pôde, incluindo no projecto de organização do serviço agronomico do Estado, hoje transformado em lei e em via de execução, a creação de estações thermo-pluviometricas, assim concorrendo para a realização do que tem aconselhado o sabio americano Orville Derby, chefe do serviço geologico do Brasil.

---

# RIQUEZAS DO BRASIL

## *A QUINA*

A cultura da quina no Brasil data de 1861, porém, a sua verdadeira acclimatação data de 1868. Nessa época o conselheiro Lopes Netto enviou do Pacifico uma remessa de excellentes sementes de *Cinchona calisaya* para o ministerio da agricultura que o Sr. Henrique José Dias recebeu e plantou em Therezopolis, na Barreira do Soberbo, e onde até em 1881 nascia espontaneamente e fructificava de um modo espantoso.

Segundo informações seguras, ali havia em 1881 cento e vinte mil pés em plantações regulares e mais de cem mil nascidos por diversos pontos, onde não foram plantados.

As «Cinchonas» dão-se muito bem entre nós nos terrenos humidos e pedregosos de differentes altitudes ; notando-se apenas que quando ha « humus » em excesso a planta é victimada pela « polyanchia » e pela « polycarpia » (a primeira é caracterizada pela super-abundancia de flores até a morte dos galhos, e a segunda, pela super-abundancia incessante de frutas, pelo gretamento successivo e dissecamento até a

morte da planta), notando-se que as que foram plantadas na serra dos orgãos sómente as que soffreram desse mal foram as que ficaram plantadas a léste, nada soffrendo as outras.

O desenvolvimento das arvores, era ; em 1881 de cinco a seis metros de altura, e os dois especimens do primeiro ensaio de 1861 e portanto, os mais antigos e da primeira remessa, attingiam, naquella época a sete metros; todas ellas começaram a florescer ao cabo de tres annos.

A espessura das cascas que tinham sido extraidas em 1880 era de dois millimetros apenas, porém, eram riquissimas em *quinina* e *chinchonina*, segundo as analyses que foram procedidas pelo Dr. Mello de Oliveira, da Escola Polytechnica.

Segundo elle, obteve-se de uns 23 por 1.000 de sulphato de quinina ou 5 % de alcaloides.

A acclimação de quina entre nós, foi, pois, uma realidade auspiciosa que, infelizmente, ficou olvidada.

E' bem de lastimar que esse ramo de industria florestal não seja regenerado e coadjuvado entre nós, mesmo pelos particulares.

Além de humanitario esse emprehendimento, a cultura da *Chinchona* é uma fonte inexhaurivel de riqueza commercial, e as quinas que existem no mundo são insignificantes para attender ás necessidades pharmaco-therapicas.

O consumo das alcaloides da quina e do pó dessas cascas, para os diversos usos therapeuticos, é quasi incalculavel e centuplica-se dia para dia.

A quina prospera em todo o Brasil de um modo admiravel, abaixo mesmo dessas altitudes de 1.000 metros.

O. Exmo. Sr. ministro da agricultura (Dr R. Miranda), espirito incentivador, operoso e cheio de boa vontade, como vai dando sobejas provas na sua feliz gestão, bem podia mandar syndicar especialmente do estado em que jaz no abandono essa preciosa e util cultura, promovendo novamente os meios necessarios para sua regeneração e progresso e creando naquellas excelsas alturas uma floresta especial de « Cinchonas » afim de fornecer mais tarde, sementes para a sua cultura em maxima amplitude em todo o paiz. — *Paschoal de Moraes.*

---

R
REX
X

**pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa esta habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.**

R
REX
X

# Terras aridas do Brasil

(ANNIBAL AMORIM)

---

A physionomia do Ceará é talvez a mais caprichosa de toda a vasta zona equatorial brasileira. Sujeito ás vicessitudes de um clima que, além de inconstante, é quente e humido, aquelle Estado vem preoccupando de longa data a attenção dos homens de sciencia, assim nacionaes como estrangeiros.

Os cyclos das grandes seccas abrem-se ali como subordinados ao regimen de uma lei natural que ainda não se conhece perfeitamente.

O senador Thomaz Pompeu observou que, no Ceará, as épocas dessas calamidades se repetiam quasi nos mesmos annos, depois do decurso de um seculo. Comparem-se estas datas : 1710-1809, 1723-1284, 1736-1837, 1744-1844, 1777-1877.

Essa coincidencia ou lei cosmologica determina previsões seguras sobre o apparecimento do terrivel flagello no Ceará.

Coincidencia, por certo. Porque o regimen climatico dos Estados do nordeste está sujeito a desordenados agentes physicos e a perturbações rigorosas, uriundas unicamente dos accidentes geographicos.

Junte-se a isso, como corollario inevitavel, o desequilibrio constante das correntes aereas, determinado pela monção do nordeste, que, na época do estio, é ajudada, nas ribas do norte, pela propria disposição physiographica da terra.

Falta ao Ceará uma alta cadeia de montanhas, que, correndo parallelamente á borda do Atlantico, se constituisse um condensador dos vapores marinhos.

A terra, sendo bastante inclinada para a vertente maritima, determina o regimen torrencial, que já se observa na razão de 1/500.

Dahi os rios e os corregos ephemeros, correndo á feição dos declives, se precipitam no mar, depois de haverem rolado sobre leitos impermeaveis.

A floresta, que tambem favorece o phenomeno da condensação, não existe no Ceará.

Na translação para o mundo vegetal, o que ali se vê é uma flora agonizante, servindo de vestidura a uma terra abrazada.

Se vêm os mezes de chuva, a vegetação se reanima. E' um tempo de festas para a natureza. Mas a alegria do seu traje vai desapparecer com os éstos do estio, que requeima o sólo e os ares, com a bafagem que se levanta das areias adurentes dos sertões exsicados.

Quem percorre os pequenos bosques de nordeste não vê aquella ancia de luz e de infinito que é caracteristico das arvores.

Ellas ali são pequenas, humildes e ridiculas. Parece olharem, constantemente, paras as nuvens, na solicitação de um pingo d'agua.

Eis ahi toda a angustia de uma flora moribunda, cujos especimens penetram baldamente as suas raizes nas areias, á procura de uma pouca da humidade que o calor tellurico evapora.

E' uma lucta titanica, entre a vida e a morte.

No Ceará a primavera não tem tres mezes como no sul do Brasil,

Talvez não tenha nem mesmo tres semanas. Porque a terra, absorvendo avidamente os aguaceiros do inverno fugidio, não dá margem a que a flora torturada possa arreiar-se da vestidura verde das suas folhas e da alegria das suas corollas.

Aqui são os cajueiros de porte insignificante. Ali são os bromeliaceas em cujas espathas o passaro e o homem vão dessedentar-se, na travessia dos sertões adustos.

Mais além são os pequenos tufos de arbustos que repontam na aridez dos terrenos arenaes. Esses tufos ás vezes reverdecem, quando os attinge de passagem algum enxurro dos aguaceiros ephemeros.

A macambira vale por um veio de agua. Da mesma fórma os gravatás e os ananazes sylvestres, cujas folhas condensam os vapores d'agua que vão até aquellas paragens, impellidos pelos ventos.

São magnificas fontes vegetaes que a previdencia da natureza proporcionou ao homem mal servido na partilha dos seus bens.

Talvez que uma dessas arvores do nordeste transplantada para o clima temperado do tropico, morresse á falta dessa actividade que é o seu melhor estimulo para a lucta contra uma terra inimiga.

Porque o que se observa com relação aos homens, tambem se observa com relação aos vegetaes. O homem que não conta adversarios (muitas vezes anonymos e gratuitos), não tem energias para luctar. E' um homem morto. Um inimigo é o melhor estimulo para o trabalho.

Mas ha uma arvore que, no Ceará, conserva, por longos annos, ainda na secca mais ardente, o verde das suas folhas : é o joazeiro.

O solo em derredor calcina, as soalheiras escaldam, os incendios devoram a flora circumstante, os meios-dias recrestam os alecrins e os heliotropios, tudo em torno esbrazeia : só o jaozeiro, altivo, soberbo,

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

triumphal, eleva naquelles ares a copa densa e escura da sua folhagem. E' uma excepção.

Algumas especies existem que procuram de preferencia os terrenos asperos e ardentes.

Só ahi é que pódem viver e prosperar.

São os chique-chiques (cactus peruviana). São os mandacurús (cereus jaramacarú).

São os melocactos da fórma elipsoidal.

Mais adiante, na expansão do deserto, que requeima, é a silva horrida de Martius.

# AS ORCHIDEAS

Ha um par de annos que a zona mimosense era constantemente visitada por collectores de orchideas que procuravam cercar o negocio de certo mysterio para que ninguem soubesse os altos proventos da sua rendosa industria.

Mas, essas viagens se tornaram tão repetidas que começaram a despertar certa curiosidade. Os proprietarios acabaram por não consentirem mais na invasão das suas florestas para a collecta de orchideas. Um velho collector, que commerciava com todas as estufas da Europa e se dedicava á floricultura ha 45 annos, conhecendo perfeitamente a parte technica e venal das orchideas calculou que só em duas fazendas, as plantas collectadas e exportadas representaram o valor de dous mil contos de réis!

E o velho orchidologo apontava com o index os pontos das serras, onde deveriam medrar o maior numero de exemplares, dizendo que naquelle limitado espaço existia mais valor em epiphytas do que as duas fazendas com trezentos mil pés de café em plena producção!

Elle bem sabia que certas Catleyas e Loelias valiam ouro nas estufas da Europa; que a Cattleya Labiata Warneri, de flôr tão bella, era a predilecta das parisienses que se orgulhavam de levar ao collo tão encantadoras filhas das selvas tropicaes.

Ninguem sabia que plantas tão simples aso olhos indifferentes do sertanejo fossem disputadas a ouro pelos fidalgos, que não mediam sacrificos para possuil-as.

E esses collectores eram agentes de ricos horticultores, aos quaes mandavam caixas e mais caixas de orchideas.

A Loelia grandis Tenebrosa com suas flores elegantes produziu sensação na Europa, e ordens immediatas foram dadas aos agentes para collectarem o maior numero possivel de exemplares.

Um agente, empenhado em achar a zona propria dessa preciosidade florestal, depois de ter em vão percorrido varios Estados, pagou um conto de réis ao feliz descobridor dos extensos depositos da Loelia Tenebrosa, só para lhe mostrar o logar de seu « habitat ».

O premio que offereceu foi prodigamente compensado pelo enorme lucro que produziu logo á primeiras remessas exportadas.

E quanta orchidea nova não se occulta ainda, nas alterosas serras do Caparaó, este planalto mysterioso tão

elevado, que parece tocar no céo, com seus riachos de areia aurifera e pedras preciosas?

Essa massa granitica de éra primitiva serve de pouso a milhares de orchideas, de bellas flores, de variegados matizes.

O que não guardarão os Aymorés, essa cordilheira magestosa, que traça a linha divisoria entre Minas e Espirito Santo, ostentando, toda a grandeza cyclopica de suas arvores colossaes?

As serras das Torres, das Fructeiras, de Monte Christo, dos Pontões, da Chibata, etc., no Espirito Santo, devem possuir ainda alguma especie nova que daria fortuna ao seu feliz descobridor.

As variedades albas, tão bem cotadas, devem existir por esses sitios esplendorosos e outros.

A Cattleya Schofieldiana, cruzando com a sua parente a Cattleya Harrisonia, da um producto hybrido de uma magnificencia extraordinaria; e a Labatia Warneri com a Loelia Tenebrosa, outra hybrida, de uma belleza descommunal.

E, assim, tantas especies, já de si tão bonitas, na mestiçagem, reforçam o conjuncto esthetico, dando maior corpulencia e realce ás flores.

Eu quizera confabular com este colibri azul, visitante assiduo do reino das epiphytas, muitas vezes nas penedias abruptas, sobre as flores, cujos labellos vai oscular.

Pedir-lhe-ia, então, que me indicasse o pousio das mais brilhantes deidades das florestas para eu collectar ao menos um exemplar.

Devem ser muitas as especies novas de grandes flores, intensamente coloridas, que vivem nas brenhas dos Aymorés e que ainda não foram sequer tocadas pelo homem.

Perguntem a Uruçu' e a Mandaçaia pelas rainhas das florestas, que ellas irão mostral-as uma por uma, até a mais desbotada Aspasia Lunata.

Se fosse dado ao homem amador conhecer tanta preciosidade occulta nas quebradas das montanhas, elle morreria contente, depois de admirar o perfeito trabalho e as maravilhas sem conta de uma natureza verdadeiramente prodigiosa. Ha umas orchideas que apresentam as côres do marmore, como as Stanhopeas, que vivem nas mattas sombrias e que mais se parecem uma obra de algum mago do Oriente do que propriamente um producto das selvas.

Como comprenhender desenhos tão nitidos em tecidos tão delicados e côres tão vivas, desabrochando de uma planta tosca?

Onde está o laboratorio para as combinações chimicas, dando compostos tão bellos, que vão colorir tão diversamente o trama cellular?

E' um mysterio que o homem em vão procura desvendar pela sciencia quasi sempre impotente para descobrir as maravilhas da natureza.

Esta Cattleya Veutina, tão aromatica, retém no seu tecido floral a mais pura essencia que rescende pela matta.

E' um vidro de extracto superfino aberto na floresta.

E os Oncidium, Epidendrum, Catasetum, Burlingtonia, Cattleya, Loelia, Coryantes, Gongora, Houlletia, Ionopsis, Miltonia, Sophronitis, Schomburckia, Stanhopeas, Lycaste, Maxillaria, Zigopetalum, Leptotis, Trichocentrum Warcewiczeila, Brassavola, Aspasia, Cyrtopodium, etc., só me re-

**ESPINGARDA STANDARD,** é de summa precisão, grande alcance, solidez, segurança, pouco peso e facil manejo .

***Clubs, Casa Standard.* — *93, Ouvidor, 95. RIO.***

ferindo aos generos, sem tocar nas especies.

Não é mais poetico cuidar-se de orchideas e outras flores que prosperam facilmente, encontrando no sólo e no clima do Districto Federal ás condições necessarias para o seu desenvolvimento do que se atirar ao jogo e aos prazeres deleterios que tanto abatem o physico e compromettem o moral?

Junto á esposa e aos filhos, fazendo floricultura nas horas vagas, é um bem para a familia, cuja dedicação mutua mais se accentúa ao lado de flores tão bellas, que representam a candura, o melhor dom divino.

A sua innocencia e candidez se transmittem ás pessoas que as tratam com amor e dedicação.

Estas flores exquisitas e cheias de encanto condensam em si a pureza da creação, espargindo a felicidade e o verdadeiro amor por onde passam.

J. R. Monteiro da Silva.

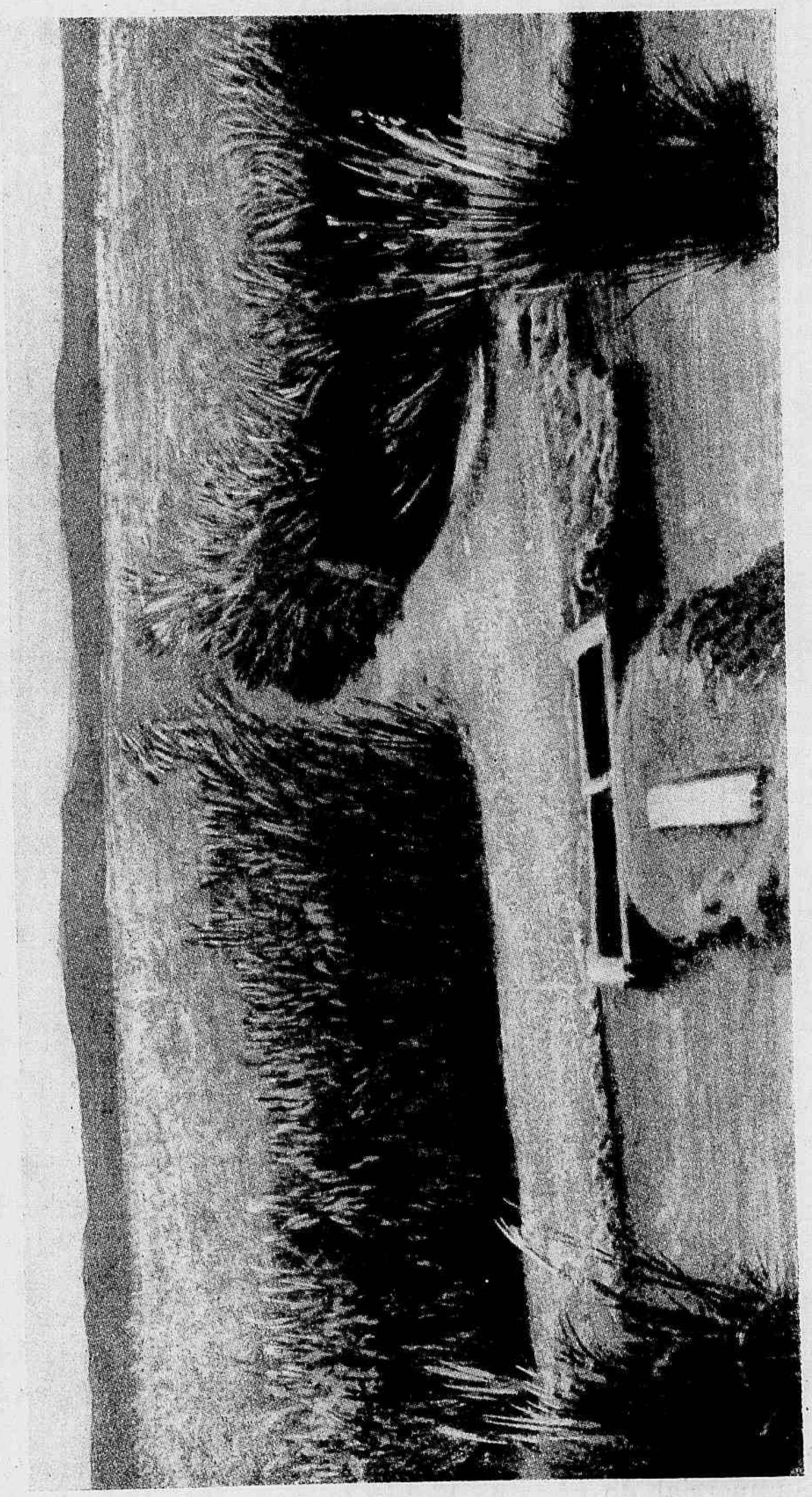
# O ARROZ EM S. PAULO

Não ha muitos annos o excesso e abuso da monocultura tinha deixado lamentavelmente extinguir-se a cultura do arroz, entre outras inprescindiveis á alimentação.

Desde logo o governo do adiantado estado de S. Paulo que já importava aquelle cereal tomou acertadas medidas para reviver a producção assim descurada.

Arrozal pelo processo de irrigação — Itú (S. Paulo).

Já em 1902 S. Pauloproduzia cerca de 14 milhões de litros, em 1904 cerca de 101 milhões, em 1908 attingiu a producção a 130.800.000 li-



Um canal de alimentação d'arrozaes.

tros e já então era notavel a exportação do producto que, havia pouco, importavam.

Se a exportação ainda se não faz para o estrangeiro, é todavia muito volumosa e importante para os outros estados da federação.

# A CULTURA DO ANANAZ

(Dr J. Carlos Travassos)

Aquelles que por ignorancia de matéria não comprehendem o alcance da importante cultura do *ananaz* que constituirá um grande ramo de exportação de nossas fructas, dirão talvez, vendo a insistencia com que della nos occupamos, que bem poderiamos nos dedicar a melhor assumpto.

Com effeito, isso podia dar-se com aquelles cujos horisontes intellectuaes não vão além dos horisontes visuaes.

Para se julgar e avaliar-se o que é a producção do *abacaxi* em todas as regiões tropicaes do mundo, á excepção da California Meridional, cujo clima corresponde ao do Rio Grande do Sul, a 30 gráos de latitude, e que por essa rasão, não é dos melhores para essa cultura, basta dizer-se que sómente as ilhas de Cat, Eleuteria, Abaco, defronte a Florida, e todas as outras ilhas das Antilhas, exportam billiões desses fructos durante as estações proprias, e outros tantos em conservas nos intervallos das mesmas, dispondo para esse fim de uma verdadeira frota de frigorificos.

Essas exportações fazem-se para os Estados Unidos e principalmente para a Inglaterra, onde só a cidade de Londres, consome por dia, na estação apropriada, mais do que produz o municipio fluminense de S. Gonçalo durante o anno.

E' muito provavel que, devido a essa grande producção e exportação, que o valor commercial do *abacaxi*, em todo o mundo rivalise com o da exportação do nos so café.

Mas, então porque não acompanhamos esse movimento mundial, se possuimos terras superiores e principalmente as melhores condições climatericas para o plantio desse fructo?

Para que ficarmos eternamente adstrictos á ignorancia dos conhecimentos da fructicultura, só plantando para se comer e pagando por productos, preços mais caros do que aquelles por que se compram hoje nas principaes capitaes da Europa, productos com certeza inferiores?

Por essas razões é que vamos insistir nos ensinamentos da cultura desse precioso fructo.

O ananaz vulgar e as suas numerosas variedades, ou melhor, as suas transformações, conhecidas pelo generico de *abacaxi*, é uma planta hermaphrodita da familia das *Bromeliaceas*, denominação provindo do genero *Bromelia*, que póde ser considerado como typo.

As *Bromelias* são plantas da America tropical.

Alguns autores querem dar por força, as Antilhas, como a patria do *Ananaz*, quando, como já provámos, com uma monographia, é elle oriundo do Maranhão, onde ainda existe em seu estado primitivo, com o nome de *Ananaz Victoria*.

Do Maranhão foi transportado para as Antilhas, para a Asia, Africa e para todos os lugares cujos climas lhe permittiram viver ao ar livre.

Nos paizes temperados á ainda objecto de culturas artificiaes, cuja importancia vai diminuindo sensivelmente á proporção que a rapidez das communicações facilita a sua importação.

Como já tivemos occasião de dizer, as nossas diversas variedades de *abacaxis*, que muito pouco differem entre si, são produzidas pelos climas em que são cultivados e aos processos de cultura mais ou menos racional.

Por occasião de uma das nossas viagens á capital Paulista, alli tivemos por diversas vezes, occasião de vêr os afamados *abacaxis* de Itú e os do riquissimo municipio de Araraquara que, como já dissemos, será, se os seus pomicultores quizerem, a *Terra da Promissão* paulista da fructicultura. Porém ultimamente, quando a honroso convite de adiantados e intelligentes agricultores daquella zona fertilissima que nos deixou sorprendentes impressões que brevemente divulgaremos, fomos visitar as suas propriedades agricolas, lá tivemos occasião de ver confirmadas as informações que tinhamos sobre esses deliciosos abacaxis, e foram desses bem desenvolvidos fructos que o adiantado fructicultor o Sr. Paulo Alimonda, remetteu, apezar de perfeitamente bem acondicionados, para Buenos Aires e lá chegaram, devido ao máo trato, em estado lastimoso.

Na propriedade do Sr. Leão Pio de Freitas, que dentro de pouco tempo será um dos principaes fructicultores do Estado de São Paulo, vimos pés de abacaxis tão desenvolvidos que occupavam o espaço de dous metros quadrados cada um, com volumosos fructos de tres kilos cada um, porém puxando todos mais para a variedade do *ananaz* do que a do *abacaxi*.

Porém é precizo que se faça justiça a quem a tiver. Esses volumosos e bem desenvolvidos fructos, não supplantaram pela doçura os bons e saborosos abacaxis de Guaxindiba no municipio de S. Gonçalo do Estado do Rio, quando intelligentemente bem cultivados, plantados em terrenos inferiores, e principalmente os de Pernambuco, plantados em terrenos cretaceos, de formação marinas, e, ainda sobretudo, não supplantarão jámais, os bonitos, os aromaticos, os adocicados, e os menos acidos talvez de todo o mundo : os da ilha de Itaparica, de terreno tambem cretaceo ; essa perola bahiana ou esse diamante ainda bruto que, quando um dia fôr lapidado pela sciencia agronomica, brilhará como estrella de primeira grandeza no firmamento da fructicultura.

« Nas ilhas Lucayas, segundo a — *Tropical Agriculture* — plantam-se 50.000 pés por hectare, isto é, quasi cinco pés por metro quadrado ; na ilha da Jamaica, a terra do *gengibe* e do *ananaz*, planta-se apenas 10.000 por hectare, ou um pé por metro quadrado, que mais ou menos devem produzir, no fim de 12 a 14 mezes 10.000 fructos que a preço de 60 centavos, dão um resultado bruto de 60.000 francos.

Tivemos occasião de ver no proprio municipio de Nitherohy, uma cultura de *abacaxis* em uma montanha um pouco ingreme, cuja extensão não attingia a um hectare, e onde o seu cultivador, muito ancho de si, garantiu-nos que alli existiam 40.000 pés.

Acreditamos na informação, pois

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

a côr amarellada nos indicava que com effeito alli estavam 40.000 famintos que, disputavam um pouco de alimento em um terreno já por elles exhausto.

São essas culturas que produzem esses pequenos fructos que são comprados pelos atravessadores á razão de 100 réis cada um, quando não são ao preço de 6 a 8 mil réis o cento, como refugos.

Se em vez de 40.000 pés, tivesse plantado um por metro quadrado, em linhas desencontradas, fazendo nesses intervallos de um metro de largura, em toda a extensão, pequenas vallas, horizontaes, como quem planta mandioca, afim de reter as aguas das chuvas que se infiltrariam no terreno, produzindo assim uma especie de irrigação, poderia colher fructos de regular qualidade que jámais seriam considerados refugos.

A cultura dos *abacaxis* nas regiões citadas, onde encontrem o seu *habitat*, constituirá para as mesmas uma riqueza a explorar.

Sel-o-ha, por exemplo, para os municipios de Nitherohy e para todos os que com elle confinam, quando o Governo desse Estado, alli estabelecer, para essa cultura, como para a das laranjeiras e outras, uma Estação Agronomica de fructicultura que ensine o seu plantio racional. Só assim, de *visu* poderão os cultivadores do *abacaxi* aprender e a cuidar com esmero dessa cultura, apresentando nas Exposições annuaes creadas para esse fim, productos de primeira ordem, na espectativa de obter os grandes premios que forem de ante-mão estabelecidos pelo Governo.

Para isso, é precizo, porém, como já dissemos, quando tratámos das *laranjas*, refrescar o sangue dos mesmos fazendo vir da Jamaica a bella variedade que alli se cultiva para substituir os nossos *abacaxis* já muito alterados pelas diversas lybridações.

— Existe a crença erronea de que a cultura dos *abacaxis* dispensa qualquer irrigação, por guardarem elles nas exilas das folhas agua das chuvas para com ellas se alimentarem em caso de necessidade. E' um engano completo. A quantidade de agua das chuvas armazenadas nas folhas das *Bromelias* comestiveis, além de muito insignificante, é promptamente evaporada. Existem entretanto, *Bromelias* como as *Billberaias Leopoldi*, a *Fillandria splendens*, a *Gusmannia* e outras, cujas disposições axilares e envaginadas de suas folhas, permittem guardar por muito tempo, certa quantidade dessa agua.

Nos pequenos depositos de agua limpida logo após as chuvas, escondem-se as traiçoeiras Tarantulas, (*aranhas carangueijeiras*) espreitando os pequenos passaros que nelles vão se desalterar.

Esses mesmos depositos folhas das *Bromelias*, alterando-se com o tempo, dão nascimento a legiões de pequenos mosquitos pintados de branco que constitue o tormento daquelles que frequentam as mattas virgens aonde abundam as variedades de *Bromelias* ou *Caraguatas*.

Foi por desconhecer-se a procedencia desses mosquitos nos lugares onde não existem pantanos, que o julgaram a principio provenientes de madeiras em decomposição.

Para se julgar quanto é difficil a cultura e principalmente a exportação desse fructo que constitue uma des maiores riquezas dos paizes tropicaes, vamos fazer um pequeno esboço do modo pelo qual se póde

realizar essa cultura e sua exportação.

Suppunhamos, por exemplo, que um dos agricultores das margens da Estrada Central, no Estado do Rio, ou melhor ainda, da zona superior da Estrada Leopoldina, chamada Matta, onde encontramos esses saborosos *abacaxis*, de que já fallámos em artigo antecedente, pequenos, cultivados quasi que a lei da natureza, na beira dos carriadores, resolvesse fazer um ensaio dessa cultura para exportação, melhorando ou transformando esses fructos quasi agrestes, em desenvolvidos productos adocicados, rivalizando com os melhores de outras localidades, por meio de uma selecção intelligente e uma cultura adiantada.

Teria de principiar por tomar um terreno de um hectare mais ou menos, em um lançante de pequeno declive, o qual depois de limpo e aradado profundo e transversalmente, deixando nesse estado, com as ondulações proveniente do arado, para reter as aguas pluviaes, dispensando a gradiação.

Cercado todo a terreno, fazia nelle dormir durante uns 20 dias todo o seu gado para estrumal-o, findo o qual plantaria as mudas já bem desenvolvidas dos *abacaxis* tiradas dos viveiros.

Por essa fórma, com certeza, colheria o agricultor, fructos de primeira ordem, comtanto que os protegesse do sol ainda verdes, não com rodilhas de capim como fazem os plantadores de S. Gonçalo, mas sim com pequenas peneiras quadradas de 50 por 50 centimetros, feitas de taquaras, em fórma de jogo de damas, com os espaços de uma pollegada e sustentada por dous pequenos postes, collocada elle muito acima do fructo, de modo que os raios solares alternadamente penetrassem no fructo com intervallos de luz e sombra. Por esse systema os fructos não ficarão queimados pela persistencia continua dos mesmos raios sobre o fructo.

Essas pequenas esteiras, pixadas a quente poderão durar para muitas colheitas.

As linhas ou as ruas entre as carreiras dos *abacaxis* deverão ficar sempre na direcção da marcha do sol, isto é, de leste a œste, não só para os raios solares actuarem sobre as ruas e absorver o terreno a maior quantidade de calorias que a planta requer para o seu desenvolvimento, como para a planta absorver pelo seu apparelho folhudo a maior quantidade de luz que fôr possivel, porque da *luz depende o adoçamento do fructo.*

**Livraria Garnier**

DICCIONARIOS EM TODAS AS LINGUAS

**PIANOS** Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes.

**RITTER** **CLUBS CASA STANDARD,**

**93, Ouvidor, 95, RIO.**

# O GUARANA

A grande curiosidade scientifica que nos ultimos tempos têm despertado os successos therapeuticos do guaraná, concorreu grandemente para o augmento da sua popularidade, pelo que julgamos util e instructivo procurar resumir, para conhecimento do publico, o que ha de essencial a respeito desse interessante producto indigena.

Cultivado por descendentes directos dos primitivos habitantes do Brasil, o naranazeiro é a planta que serve á confecção do guaraná, que mais não é do que uma preparação das sementes daquella arvore, praticada pelos povos da proximidade da tribu dos Maués, por um processo, cujo segredo os indigenas transmittiram aos seus descendentes, que ciosa e avaramente o guardam.

E' bastante conhecido no Brazil, o valor do guaraná, principalmente nos Estados de Matto Grosso e Amazonas, onde o seu uso corrente, como refresco e substituto do café, é grandemente apreciado pelas suas propriedades tonicas, anti-dyspepticas, refrigerantes e aperitivas. Um producto de tão assignalados meritos desperta sempre a attenção dos observadores, e, por isso, o guaraná ha muito foi exportado para a Europa e observações rigorosamente scientificas vieram demonstrar que o empyrismo do aborigene, tinha legado á civilização, um presente regio e estimavel.

Entre outros alcaloides e principios therapeuticos heroicos, encontram-se no excellente producto brazileiro, dois de valor real : a cafeina e a guaranina, ambos grandemente aproveitaveis pela medicina, que desde logo proclamou a grande descoberta e tratou de aproveital-a.

Assim, depois de cuidadosas experiencias, o guaraná foi considerado um alimento de poupança incomparavel e revigorador dos asthenicos; a sua acção benefica ao organismo classificou-o entre os mais preciosos medicamentos da hodierna therapeutica : é notavel o bem estar geral que o seu uso determina, elle refresca, salutar e beneficamente o organismo, revigora todos os systemas, compensa as perdas, suaviza o calor do corpo, traz bem estar, alegria e jovialidade, facilita a eliminação das toxinas organicas, normalizando os batimentos cardiacos, em uma palavra : remoça e prolonga a vida dos individuos combalidos e decadentes.

Uma série interessante de lendas indigenas tem sido revelada sobre o guaraná, que era a arvore sagrada dos indios Maués e a sua referencia levar-nos-hia longe. Segundo o Dr. Luiz Pereira Barreto, o guaraná é superior á coalhada, tão preconizada pelo professor Metchnikoff. como meio de realizar a desinfecção dos intestinos e, por consequencia, equilibrar harmonicamente as multiplas funcções do corpo, trazendo o prolongamento da vida e das energias da mocidade.

Para consagração definitiva do guaraná, dois factos importantes devem ser relembrados, sendo o primeiro, o de o reputarem os modernos tratadistas superior á kola africana, pois a nossa planta contem mais cafeina que aquella, e o segundo, o de estar augmentando grandemente a sua procura nos mercados europeus, dos quaes os principaes são Londres e Hamburgo, a ponto de ir-se tornando deficiente e carissima a producção, e para esta circumstancia chamamos a attenção do honrado e patriota ministro da agricultura, pedindo o amparo de tão humanitario trabalho, exercido com grande facilidade, desde que o governo o auxilie, por tribus e povos quasi incultos do nosso paiz.

Eis o que ha de primordial sobre essa curiosidade da nossa flora que é o

guaraná; cumpre aos industriaes profissionaes guiar a opinião publica sobre o seu uso e sobre particularidades que lhe são attributos peculiares; aos clinicos estudar detidamente a questão no ponto de vista medico e aos patriotas examinal-a, apurando o que d'ahi poderá resultar em beneficio da communidade social.

## Mineraes das Minas Geraes

Apenas alguns annos haviam decorrido sobre a descoberta do Brasil e já o enorme territorio do interior, que hoje é conhecido como Estado de Minas Geraes, se tornára famoso pela sua riqueza em ouro e pedras preciosas, que alli se encontravam com relativa facilidade. A attenção dos aventureiros voltou-se naturalmente para o « El-Dorado », e durante muitos annos Minas Geraes foi o centro de uma activa industria de mineração.

De facto, durante os primeiros seculos da colonização do Brasil, os immigrantes, que se estabeleciam em Minas Geraes, entregavam-se exclusivamente á extracção das riquezas mineraes do solo. Embora os methodos primitivos de mineração ainda sejam usados em alguns pontos do Estado, póde-se dizer que hoje o grosso da industria está sendo explorada por companhias que dispõem de machinismos modernos, e os dias do mineiro, que fazia a exploração por conta propria, estão passados. Ultimamente têm apparecido na imprensa européa muitas informações exageradas ácerca da riqueza mineral de Minas Geraes, sendo, portanto, conveniente publicar os seguintes dados officiaes que mostram que a exportação total do ouro em barra do Brasil (a maior parte do qual vem de Minas) é relativamente pequena :

| | Grammas de ouro | Valor esterlino |
|---|---|---|
| 1905 ..... | 3.878.698 | £ 405.612 |
| 1906 ..... | 4.547.940 | £ 459.336 |
| 1907 ..... | 3.779.839 | £ 407.207 |
| 1908 ..... | 4.165.017 | £ 450.863 |

Mas a verdadeira riqueza mineral de Minas Geraes não consiste em ouro e em p'edras preciosas, mas sim em minerios de ferro e de manganez, que existem em grandes depositos descobertos recentemente.

Têm-se feito varias tentativas para explorar os depositos do minerio de ferro; mas o resultado obtido é quasi nullo, sendo muito exigua a

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

quantidade de minerio exportada até agora. Em 1905, apenas se exportou 3.280 kilos; em 1906 e 1907 a exportação foi nulla; e em 1908 o total exportado passou de 89.560 kilos. A principal causa do insuccesso desta industria tem sido a falta absoluta de meios de transporte baratos.

A exploração do manganez tem dado melhores resultados, embora a quantidade inferior comparativamente com os enormes depositos existentes no interior do paiz. Mas, neste caso, a falta de meios de transporte economicos tambem tolhe todo o desenvolvimento da industria. Segundo as estatisticas officiaes, o manganez exportado em 1905 montou a 224.377 toneladas; em 1906 a 121.331 toneladas, em 1907 a 236.778 toneladas e em 1908 a 166.122 toneladas.

Até agora, a difficuldade de obter meio de trazer esses minerios até o porto de embarque com um dispendio moderado foi, como dissemos, a principal barreira ao desenvolvimento desses importantes ramos da mineração.

Urge, pois, resolver este problema. (*Economist.*)

---


Casa Especial de Conservas e Salchicharia

**CASA HEIM** TELEPHONE N. 800

TEM SEMPRE NESTE ESTABELECIMENTO DE 1ª ORDEM

Grande Sortimento de Conservas Alimentares

CONSERVAS EM VINAGRE

Vinhos Bordeaux, Bourgogne, etc.

Licores Fines

CONSERVAS RÖDEL

E

Philippe & Canaud

SORTIMENTO DE

Salames, Toucinho, Presuntos, Salchichas frescas e Murcellas todos os dias

*Comidas frias para pic-nics e viagens*

Choucrout, Manteiga fresca

e todas as qualidades de queijos

RESTAURANT A LA CARTE (Cosinha de Primeira Ordem)

**J. ARTHUR WRAUBEK**

Rua da Assembléa, 117 e 119 = RIO de JANEIRO

# ABELHAS DO BRASIL

(Henrique Silva)

Que esta minguada contribuição para o conhecimento dos nomes indigenas, costumes, habitos de vida e cortiços de varias especies de *Meliponidas* e *Trigonas* do Brasil Central possa a um tempo e por igual corresponder ao desejo nosso de divulgar novas fontes de riqueza do paiz e aos incitamentos do eminente director do Museu Paulista quando disse, não ha muito, que os nomes vulgares dos animaes do Brasil « são de summo valor para investigação biologica, dando indicações preciosas que os naturalistas não podem nem devem deixar de aproveitar ».

Mas é necessario dizer de começo que, tanto sob o ponto de vista da flora como da fauna brasileiras, o que nos resta não é estudar os caracteres exteriores ou anatomicos dos especimens quer do reino vegetal quer do reino animal—mas unicamente aproveital-os, possuirmos o conhecimento pratico ou melhor, a pratica da botanica applicada, da zoologia agricola, bem como o aproveitamento das muitas novas industrias correlactas ou dellas derivadas.

E por outro lado nada mais facil do que provar-se que o estado actual dos nossos conhecimentos da fauna do Brasil não nos habilita de modo algum a comprehender, primeiramente e como era mister, a sua innegavel importancia no subido problema da nossa vida economica. Tal é o caso das nossas abelhas sociaes, as quaes até aqui só têm solicitado a attenção de massudos entomologistas, alheios a toda outra idéa que não a da technologia scientifica, e extranhos completamente ás questões especulativas.

O Apis mellifiora da Europa, já acclimado no Brasil, ondo só o que é exotico tem importancia—é sem contestação mais apreciado em toda a parte pelo mel e a cera que fabrica do que pela curiosidade que aos naturalistas e amadores offerece a sua mysteriosa vida intima, sob as paredes das colmeias.

Tudo está assás indicando que num paiz florejante como este, a apicultura não poderá deixar de ser uma industria vantajosamente remuneradora, quando explorada methodicamente e pelo aproveitamento da materia prima que possuimos. Releva dizer que além do mel e da cera, que variam em sabor e consistencia, produzem as nossas abelhas uma materia dura e inflammavel—o retame, cuja utilidade nas industrias é já reconhecida. Tratando da cera das nossas abelhas, disse Saint-Hilaire : « Em Goyaz tive occasião de conhecer um individuo que a branquava per-

**SMITH VISIVEL** ***tem o maior invento*** em machinas de escrever : ***Articulações com Espheras.***

feitamente bem e cujo segredo consistia apenas em derretel-a, escumal-a e depois dividil-a em pequenos pedaços e expol-os ao sol. Elle repetia esta operação até seis vezes, o que levava dous ou tres mezes, e no fim desse tempo a cera ficava tão clara como as das nossas abelhas domesticas. » Este insuspeito naturalista reconhecia a superioridade do mel das nossas abelhas sobre o das da Europa, dando disto conhecimento á França, onde algumas tentativas se fizeram no sentido de acclimar as melhores abelhas do Brasil.

Da abundancia de abelhas no interior do Brasil, poder-se-ha fazer uma idéa pela seguinte passagem do livro de viagens de Couto Magalhães : « Vi ahi (margem do Araguaya) uma quantidade tão grande de abelhas que só póde idear quem as vio. Umas construiam suas casas pelo centro das rochas, outras na superficie, outras entranhavam-se pelo chão, outras finalmente faziam-n'as sobre as arvores ou no ôco dos páos. A quantidade destes insectos era tão grande, que não nos bastavam as mãos para defender a boca, os olhos, o nariz e ouvidos, e os cabellos, por entre os quaes elles penetravam em multidão suffocadora. »

Estampando estas linhas, trasladadas das nossas notas de viagem pelo interior do Brasil e referentes ás abelhas, vespas ou « cabas » que de experiencia conhecemos nos sertões de Goyaz—algumas dellas sem duvida ainda não determinadas scientificamente, sobre obedecermos o que foi dito de começo, o nosso intuito não excede, todavia, ás raias de bem entendida modestia.

Escusado se nos afigura accrescentar que os nomes vulgares de muitas especies de que nos occupamos foram, pelos nossos que primeiro picaram o vasto sertão, traduzidos litteralmente da chamada lingua geral—como por exemplo caga-fogo, que corresponde ao *tataira* ou, *citatá* dos abiri-genas.

Igualmente nos dispensamos de trazer para aqui equivalentes e sáfaras conjecturas de pretendidos descobridores do mel de páo nisto de etymologias de vocabulos indigenas—na maioria tão levianamente interpretados pelos jesuitas nos tempos coloniaes como pelos philologos em nossos dias, pois o mesmo zoologo allemão atraz alludido assevera com o seu profundo estudo destas cousas, que o etymo de taes vocabulos exige, muitas vezes, « conhecimentos exactos da vida dos respectivos animaes e estes conhecimentos em muitos casos não temos nem pela litteratura os podemos obter ».

Com effeito, a etymologia dos nomes indigenas dos nossos animaes não se acha de conformidade nem com os caracteres exteriores, nem com a biologia delles, quando é certo que os nossos incolas, conhecedores profundos que eram dos representantes da fauna brasileira, os distinguiam pelos nomes os mais caracteristicos.

Quanto a este assumpto, ainda outra reflexão passageira : tudo quanto possuimos na litteratura scientifica é nada mais que uma lamentavel confusão. E nisto já estão de accôrdo todos os naturalistas conscienciosos.

Pois bem : o que sabemos pela experiencia e aprenderamos *in-sita*— quanto aos nomes vulgares e tambem quanto á biologia dos interessantes hymnópteros que tanto contribuem para a economia domestica dos habitantes do interior, para aqui trasladamos sem alterar numa linha, numa só virgula, a fórma synthetica de nossos apontamentos de viagem ainda recente pelos sertões desse tão grande quanto desconhecido Goyaz.

Seja, antes, dicto de passagem, que dessa vastissima região do paiz a litteratura zoologica apenas menciona os nomes vulgares (aliás mal graphados) de 18 especies de abelhas que o naturalista inglez G. Gardner citara accidentalmente em seu classico livro de viagem— especies estas, diz elle, pertencentes ao genero *Meliponida*, que comprehende as nossas abelhas sociaes propriamente ditas.

Da presente lista A. de Saint-Hilaire só conheceu em suas longas excursões pelo Brasil (Goyaz inclusive) os nomes vulgares ou indigenas de 13 especies—e o viajante inglez J. W. Willes apenas se refere a uma especie em seu volumoso e informativo trabalho—3.000 *miles Throug Brasil, From Rio de Janeiro to Maranhão*, e não é outra que a abelha de cupim, que elle acredita venenosa, consoante ás superstições dos sertanistas.

Assim, pois, a relação de abelhas e vespas que vai em seguida, vem a ser a mais completa de todas quantas se ha publicado dentro e fóra do nosso paiz.

* * *

*Vavá* ou *Tiuva* — E' uma abelha grande, toda rajada, que faz o ninho em ôcos de páo, de preferencia nas mattas; mel exellente e abundante. Deve pertencer ao genero *Trigona*, por uma allusão que lhe faz o Sr. Herman von Ihering.

*Mandaguai* ou *Mandaguari* — Outra especie que se aninha em ôcos de páo, nas florestas; pequena, preta, com o abdomen rajado, mui brava quando se lhe assanham : mel de agradavel sabor, mas um tanto acidulado. Dá muito mel, formando ás vezes cinco, seis e mais colmeias numa só arvore, que vem a ser de preferencia o angico (*dicorenya paraensis*). Sua determinação scientifica vem a ser *Ihering Friése*, se não ha ahi equivoco devido ás diversas denominações vulgares em varias localidades do paiz parauma ou mais especies de animaes indigenas.

*Beijni* — Preta, pequena, mansa; mel apreciavel.

*Jatahi* — De duas qualidades—uma amarella e a outra preta. Esta ultima costuma fazer o ninho nos cupins, e a primeira, mais abundante no Brasil, o faz mais commumente ao pé dos páos-terra (*Lualea*), nos cerrados ou campos do interior. Ambas estas especies de legitimas *Meliponas* produzem excellente, saborosissimo mel que despede perfumes das nossas

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

mais delicadas flôres sylvestres ou campesinas. Em alguns Estados dão-lhe o nome de Jati.

*Marmellada* — Amarella, pequena, e como a precedente, mansa e productora de mel superior; não nos parece ser conhecida dos naturalistas, que, pelo menos, não lhe mencionam o nome que lhe dão os sertanejos.

*Iratim.* — Preta, miuda, mansa, mel de sabor commum; faz a casa em páos ôcos, quer na matta, quer nos cerradões.

*Borá* — Amarella, tamanho médio, brava, mel azedo e com muita *samóra*, produz muito mel, mas um tanto drástico e por isso fazendo as vezes de laxativos no interior. Faz a colmeia no ôco dos páos.

*Tataira* ou *Cagafogo* — E' uma cuba avermelhada, pequena e mui brava; é como o chamado mosquito polvora : quando poisa na pelle de um individuo deita uma especie de liquido causticante. O seu mel é apreciavel—mas não vale apena bulir com ella, dizem os caipiras.

*Moça-branca* — Pequena. brava, amarello-clara, mel saboroso, aninha-se nos ôcos de páos.

*Urucú* — Abelha amarella, com o abdomen rajado, grande e mais ou menos brava, fazendo o ninho quer no ôco de páo, quer no chão. Dá muito mel, e bom.

*Sanharão grande* ou *Sanharáa* — Caba preta, grande, mordedora : mel apreciado. Ambas estas vespas costumam fazer as casas nas cavidades das rochas. Para se lhes extrahir o mel é mister o auxilio do fogo, que as afugenta.

*Mombuca* — Abelha prêta, pequena, é de todas a que produz maior quandidade de mel. Constróe a casa no ôco de páos. Segundo o Sr Ihéring ha mais de uma especie de *Trigona* com este nome de mombuca—sendo que uma das que elle conhece faz o ninho no chão e, portanto, não é a de que tratamos.

*Arapuá* — Preto, grande, mui bravo, mel de sabor enjoativo; constróe o ninho em fórma de cupim, nas grimpas das arvores.

Chamam-lhe tambem de *Torce-cabello* pelo costume que têm de se entranhar pelos cabellos das pessoas que lhes assanham, produzindo então um zumbido incommodo.

*Achupé* — Preta, grande e mui brava; mel ordinario mas abundantissimo tanto quanto a cera, que é de boa qualidade.

Couto Magalhães, grande conhecedor das nossas causas, comparou a casa dessa vespa a uma pera voltada para baixo, do comprimento de uma braça e da largura de cinco palmos. Dir-se-ha um tatú trepado numa arvore, visto ao longe.

*Cupicira* — Amarella, pequena, brava; dá bom mel nos ninhos que constróe nos cupins. Ha uma outra variedade ou especie differente, que tambem habita nos cupins—mas esta é preta, e o seu mel é nocivo, como dizem os sertanistas.

*Inxú* — Zebrada, pequena, esta vespa brava, só teme o fogo; produz mel supimpa. Sua moradia assemelha-se a uma casa de maribondos e ella o constrôe tanto nos galhos de páo como chão. O mel desta vespa chega

a assucarar, de tão consistente. Maribondo, na accepção vulgar, é como a devemos considerar.

*Mandaçaia* — Abelha vermelha, pequena, mansa, bom mel. O ninho ella o faz em ôcos de páo.

*Frexeira* — Uma minuscula abelha verde, que se aninha nos páos e poucos favos de mel.

*Janimbú* — Preto, grande, bravissimo : faz o ninho na casca dos páos e fabrica muito pouco mel; a casa desta vespa lembra a da achupé.

*Tiquira* — Preta, pequena, mansa; bom mel e cera superior.

*Rotim* ou *sete portas* — Esta originalissima abelha constróe seu ninho de maneira que a gente o reconhece á primeira vista sete tubos de betume que se conservam sempre abertos, quer ao dia, quer á noite. Mel excessivamente drastico.

Ha ainda, no Brasil Central, muitas outras especies ou variedades apenas de abelhas e vespas, como sejam as conhecidas pelo nome generico de maribondos, que tambem produzem excellente mel, porém. em menor escala, como a *Manduri*, a *Uruçáboi*, a *Tiuba*, a *Macaco*, a *Guira*, a *Mosquitinho*, o *Cassununga*, o *Mala-carallos* e mais, cuja enumeração seria longa e a não comportavam os estreitos limites desta noticia e pelo que fazemos ponto final.

(*Extr.*)

**DUPRAT & C^IA**

**Casa fundada em 1850**

Fabrica de Livros em branco e de Carimbos de borracha.
Secção especial de Clichés em Zincographia, Autotypia, Stereotypia e Galvanoplastia.
Trabalhos em Trichromia, etc., etc.
Artigos para Escriptorio.
*Dezenho, Pintura e fantasia*, Carteiras e Cadernos escolares.
*Importação directa de todos os artigos concernentes ao nosso ramo de negocio.*

o o o o PAPELARIA
o o TYPOGRAPHIA
o o o DOURAÇÃO
o o o o PAUTAÇÃO
ENCADERNAÇÃO

**OFFICINAS E DEPOSITO : Rua 25 de Março, 40**
**PAPELARIA : Rua Direita, 14**

***Telephone, 78*** **SÃO PAULO** ***Caixa Postal, 52***

*Endr. Telegr. :* ***" INDUSTRIAL "***

**CLUBS DA CASA STANDARD,** ***Ouvidor, 93-95, RIO.***

***Vendas a Prestações sem Augmento de Preço.***

# NICTHEROY

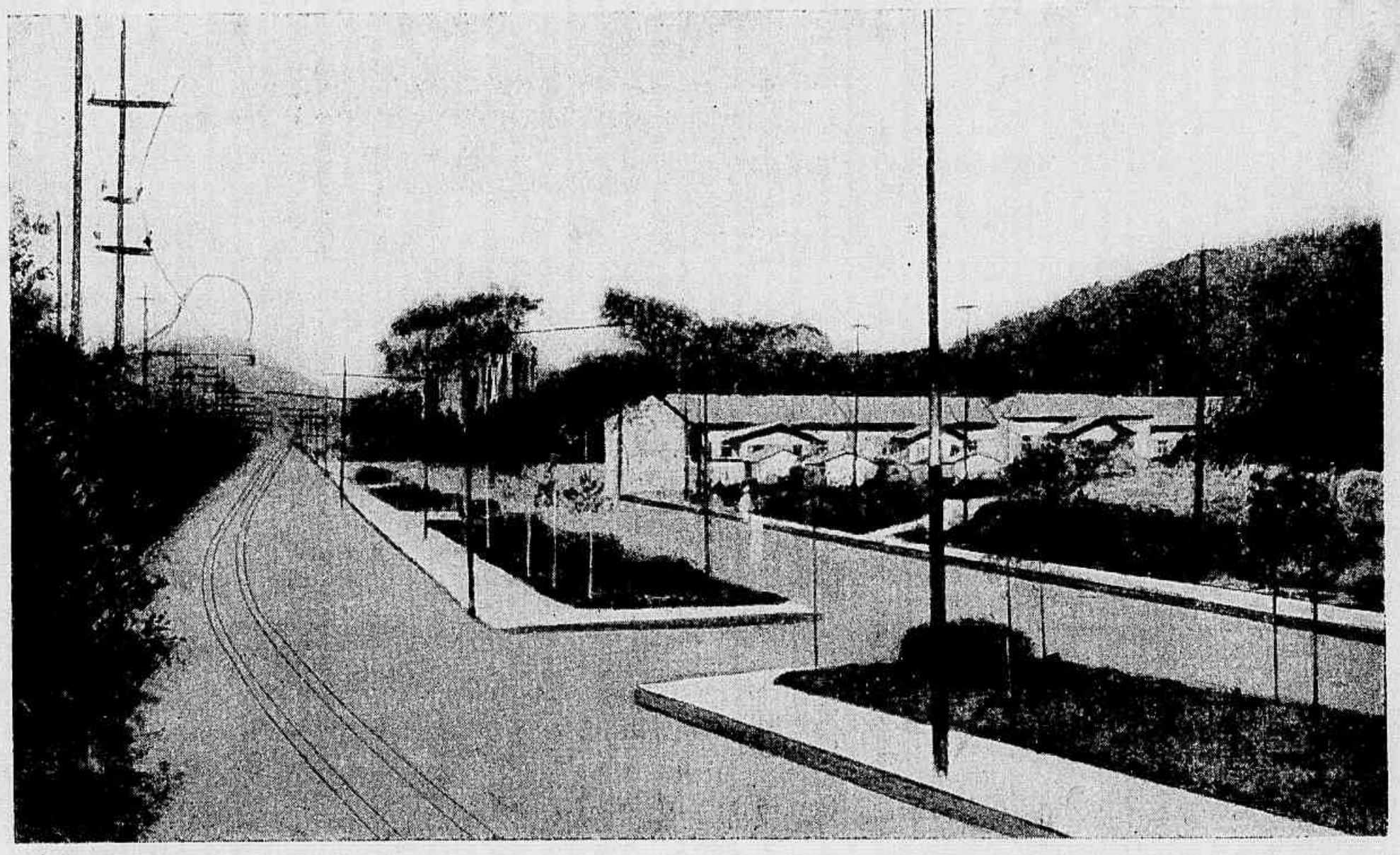
N'estes ultimos annos a capital do Estado do Rio, fronteira á capital federal, procurou acompanhal-a em varios melhoramentos que desde muito se impunham.

Não ha muitos annos Nictheroy era uma das cidades mais descuidadas e sem embargo das bellezas naturaes de alguns dos seus arredores não chamava a attenção nem era buscada como hoje por forasteiros e pela população do Rio.

NICTHEROY, capital do Estado do Rio de Janeiro. — Panorama observado do Morro da Armação

A sua edificação e população tem crescido enormemente : e uma vez realisados certos serviços hygienicos já adiantados, será Nicterohy um dos mais bellos e frequentados arredores do Rio, como já o é em parte. Foi sob a administração, tão agitada, do presidente Dr. Alfredo Backer, e sob a administração do prefeito Dr João Pereira Ferraz que se realizou a enorme e complexa transformação da velha cidade, agora rejuvenescida e brilhante. Muitos foram os melhoramentos com verdadeiro tino e bom gosto realizados atravez de mil difficuldades politicas.

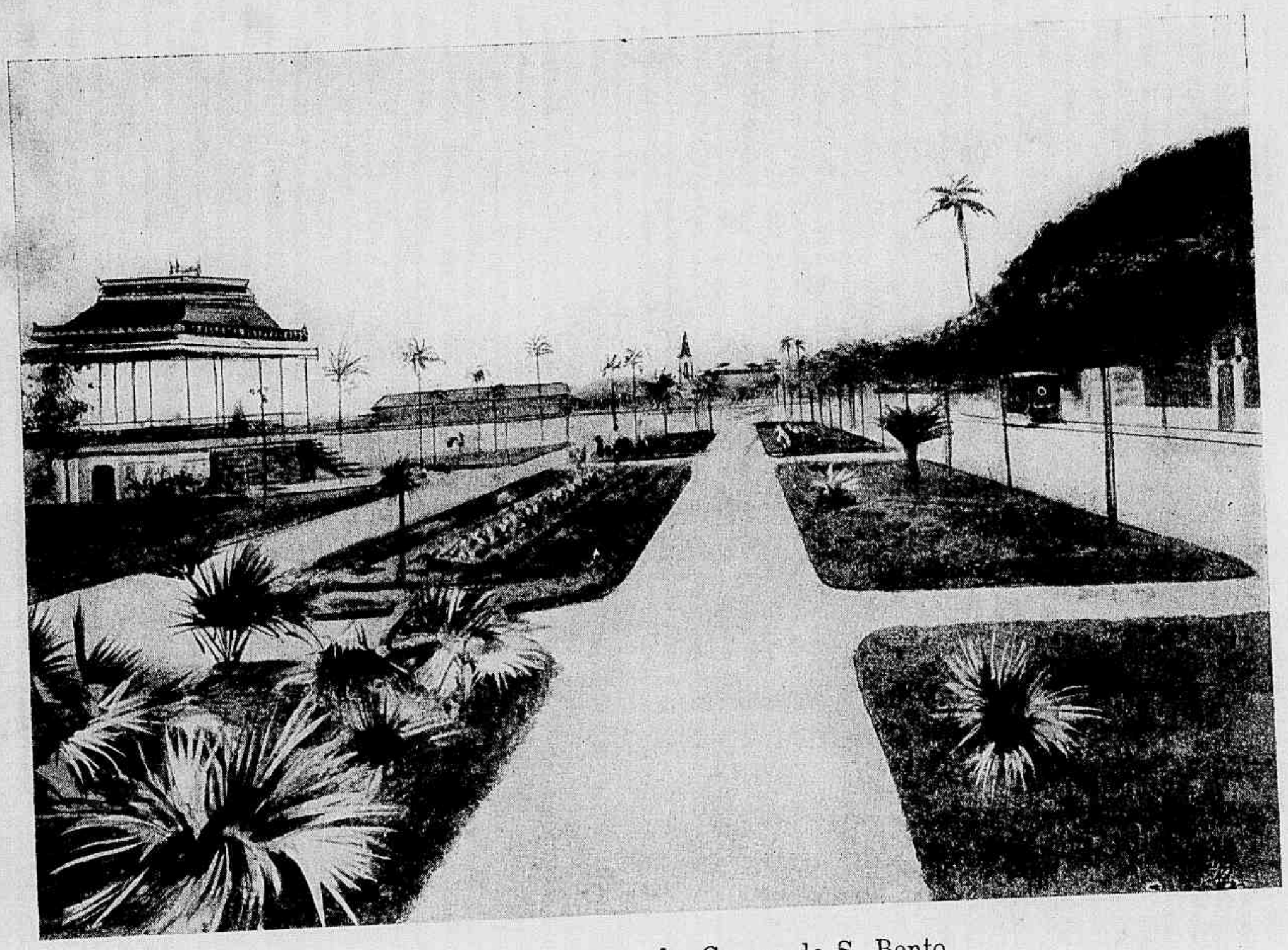
Entre elles recordamos aqui a construcção dos bellos cáes de Icarahy e Gragoatá transformados em lindas avenidas ajardinadas; o formoso parque do Campo de S. Bento, em Icarahy; a megestosa Alameda de S. Boaventura que será uma das mias bellas do Brazil com o



NICTHEROY. — Alameda S. Boaventura. Golpe de vista do principio da Alameda.

progresso das edificações marginaes; o alargamento das ruas Conceição e Marquez do Paraná; a abertura e nivelamento da rua Tiradentes, ligando entre si os bairros de Icarahy e S. Domingos; os melhoramentos da Ponta d'Areia e do largo do Barreto; a solida construcção do

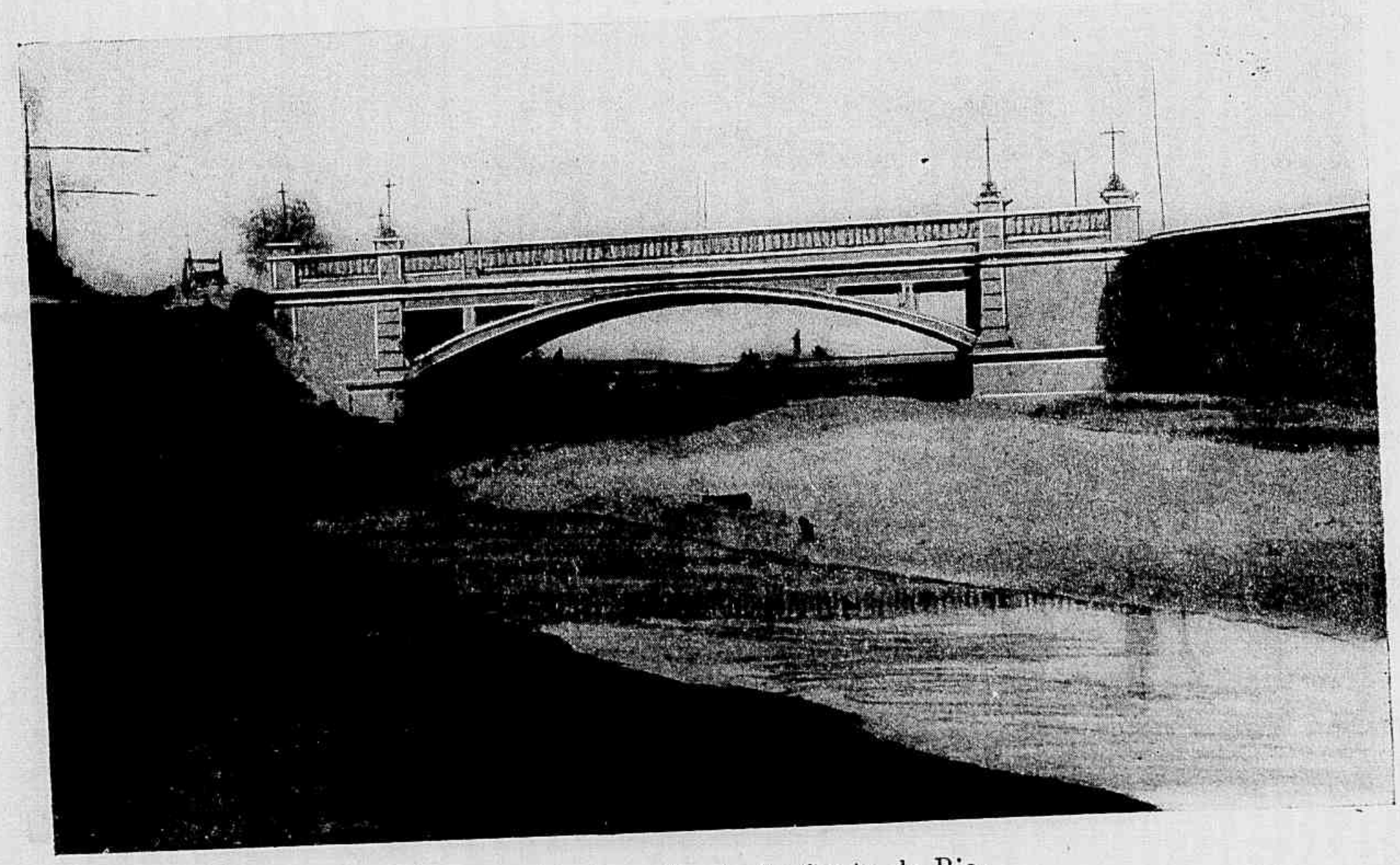
NICTHEROY. — Lago do Campo de S. Bento.



NICTHEROY. — Parque do Campo de S. Bento.

elegante edificio onde já funcciona a Prefeitura; a linda Ponte do Canto do Rio; o calçamento das ruas Visconde do Rio Branco, Conceição, Marechal Deodoro, S. Lourenço, etc .

As nossas gravuras representam varios aspectos da capital do Es-



NICTHEROY. — Ponte do Canto do Rio.

tado, nos lugares onde se consumaram as transformações, mais notaveis.

O caes do Gragoatá, e semelhança da Avenida beira-mar do Rio, constitúe um lindo jardim na extensão de 636 metros.

O *Parque de São Bento* occupa uma area total de 60.000 m.2.

A *Avenida de Icarahy* tem 1.226 metros de extensão. A *Alameda São Boaventura*, a de maior vulto, no bairro do Fonseca, tem o enorme desenvolvimento de 3.200 metros com a largura de 33 metros; em grande parte do seu eixo corre por cerca de 2 1/2 kilometros um canal ladeado de banquetas ajardinadas; os passeios lateraes arborizados da alameda são de tres metros. O canal recebe aguas do rio Vicencia e affluentes.

Digna de nota é a ponte do *Canto do Rio* construida sobre o rio Icarahy, pela belleza, simplicidade e elegancia. O *Parque de São Bento* com o seu grande tanque de 4.000 m2 de superficie, com rochedos artificiaes nas margens, com as suas pontes rusticas, embora ainda sem a vegetação desenvolvida, é já um dos pontos predilectos de passeio e diversões.

D'esta arte, rivaliza Nicterohy com a cidade fronteiriça no seu remodelamento abrindo largas ruas, enfeitando-se com os seus jardins, e attrahindo o excesso da população da capital para o remanso mais quieto e tranquillo de Boa Viagem, de Icarahy e de outros seus formosos suburbios.

Em poucos annos foi esse milagre realisado, e é bem provavel que não seja o unico.

## Eu e o Mar

Isto, é loucura Mar; isto, é mania Oceano,
Quereres conhecer o meu viver á fundo!
Assemelhas, assim, ao mais torpe tyranno
Que tenha dentro em si o abysmo mais profundo.

Batalhas, varonil, com tal ardor insano,
Pareces tão brutal, e, ages tão iracundo!
Como se fosses tu um coração humano,
Como se fosses Mar, o Imperador do Mundo!

Emtanto, pela vida, eu passo bem tranquillo,
Sem dôr, sem ambição, vivendo desolado
Dentro de um velho ideal qu'e é o meu melhor azilo!

Vivo longe de Ti, de tua dor immensa;
Vivo qual guerrilheiro altivo, acastelado
No Castello feudal da humana indifferença.

Ceará 1910. LUIZ DE CASTRO.

## Ballada do Olhar

Gentil senhora potentada,
Dona de todo o meu amor;
Loura visão sempre cantada
Por teu querido trovador...
Por ti, de amores embriagado,
Sempre a soffrer, a delirar,
Vive minha alma acorrentada
A' doce luz do teu olhar.

Tú alma é ilha afortunada
A attrahir o conquistador...
Pois, p'ra fazel-a conquistada
Eu me farei de remador :
— Sólto o batel de encontro á irada
Procella, e... eis-me em pleno mar.
Tendo por bussola—a alvorada
Da doce luz do teu olhar.

Busco essa região abençoada,
Sonhando um porto encantador...
Mas, tu—graciosa enamorada,
Que espinhos tens em cada flor, —
Escondes-me a ilha imaginada
Que eu, qual Colombo ando a sonhar...
Tens poder magico de fada,
Pois tudo vences com o olhar.

Minha alma vive acorrentada,
O teu amor a mendigar...
Dá-lhe senhora potentada
A doce luz do teu olhar!

ULYSSES LINS DE ALBUQUERQUE.

ARMAZEM
DE
FAZENDAS
POR
ATACADO

Fornecimentos Militares

Luiz MENDONÇA

*Rua da Alfandega n. 118*

RIO DE JANEIRO

## Aves de arribação

D'aguas barrentas corre entre calháos e areia,
Torva lympha caudal do rio que transborda.
Sertão. Inverno em flôr. A Natureza accorda
Plena de almo florir e de perfumes cheia...

De passaros gazis ligeira e triumphante horda
Pela eminencia azul da matta curvet'eia!...
Fugitivos do Céo que livres da cadeia,
— Uma recova audaz de emigrantes recorda.

Passaros que se vão, adiante, espaço á fóra,
Em demanda do Sol, em procura d'Aurora,
Levai tambem ao Azul minha musa doentia!

E, lá, no alto torreão do Deus desconhecido,
Dae-lhe seiva, calor, dai-lhe o vital prurido
Da luta, do prazer, do Gozo, da Alegria!...

Ceará-1910. LUIZ DE CASTRO.

## Il passa...

Il passa, j'aurais dû sans doute
Ne point paraître en son chemin ;
Mais ma maison est sur la route
Et j'avais des fleurs dans la main.

HELENA VACARESCO.

*Elle passou...* na quadra d'eleitoza,
Em que a esperança se transforma em crença...
E o seu genio sublime, em luz intensa,
Aureolava-lhe a fronte glorioza!

*Falou-me...* n'uma estrophe harmonioza,
Que infiltrou em meu peito a dita immensa...
Docil ao som d'essa voz, e assim propensa,
Eu deixei-me enlevar, a rir vaidoza!...

*Amou-me...* Amemos! E esse amor tão puro
— Estrella d'alva em tela colorida
Era o astro gentil do meu futuro!...

*Partiu!...* Partiu-me o coração! Sentida,
Immersa em dor, no meu viver obscuro,
Busco inda a luz, que me encantou a vida!...

FRANCISCA IZIDORA.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

# O BRASIL DO FUTURO

## O FUTURO HABITAT

I

Engastada no centro da America do Sul, banhada abundantemente pelas vertentes das amplas bacias amazonica e platina, uma rejião eziste, uberrima e riquissima de produtos naturais quanto erma e izolada dos nucleos civilizados do paiz.

Abranjendo o planalto acidentado do extremo norte, onde quazi se congraçam, num assomo de fraternidade, os indecizos cursos d'agua do Paraguai e Guaporé aqui, e os do Tapajóz e Cuiabá ali ; arrebanhando os inumeros riaxos coleantes das escarpas, galgando os chapadões e alastrando-se pelos vales que se esparrimam pela Bolivia e pelo Paraguai, essa faixa de terreno brazileiro que outra França e outra Belgica constituiria, só espera o resfolegar da locomotiva e o traço de união da eletricidade para se incorporar á vasta esféra produtiva da nação.

Repozitorio ineztimavel de riquezas minerais e vegetais, desde o ferro ao oiro, desde o espato ao marmore ; da mica ás ardozias e aos porfiros ; da baunilha á hevea ; onde abundam as gemas mais cobiçadas e raras á sombra virjem das florestas opulentas em oleos, seiva medicinal e madeiras de lei ; onde quazi se rezumem todas as fontes da industria extrativa do Brazil, só lhe falta a iniciativa fecunda de uma éra de explorações para chamal-o ao circulo da vida economica nacional.

Data de 1680 a primeira investida contra o dezconhecido nesta parte do sólo brazileiro, aventura que o paulista Manoel de Campos, em busca de um veeiro prodijiozo, não trepidou realizar e levar arrojadamente avante até a maloca dos Bonorós, localizada nas encostas do planalto central, donde manam, contravertendo, os dois sistemas potamografidos por excelencia no continente sul-americano. Antes disto, porem, os espanhóes, em suas explorações pelo Perú e Bolivia, haviam-n'a contornado pelo lado meridional e oeste, transpondo-a pelo Paraguai.

Mais tarde, quando da terra devassada por invios caminhos, a trexos cortados e substituidos pelas torrentes não menos invias e sinuozas, brotou a fartura dezlumbrante e estonteadora dos minerais translucidos, uma cidade começou e surjir de seio augusto da selva, — cheia de grandeza mistica para dizer-se tropical, resplendente de suave beleza para chamar-se equatorial, — e a vitoria do progresso pareceu sorrir áquelas parajens extremas do nosso territorio, na éra de 1752.

Nascera da febre alucinante do oiro esse povoado, então Vila Bela, hoje Mato Grosso, á margem do Guaporé que, no seu eterno fluir da farta corixa ao lonje 250 quilometros, vinha beijar-lhe as plantas, remansozo, adensado já com as aguas claras do Alegre. Efemero tornou-se-lhe o sorrizo da Fortuna, essa trefega e inconstante fada dominadora do futuro dos povos, para logo conquistar os fóros de « cidade maldita », na fraze apocalitica do dr. Severiano da Fonseca.

Os cursos superiores dos rios prin-

cipais da grande rejião continuavam nas brumas do dezconhecido no prefigurar do maravilhozo na imajinação, incendida dos exploradores, quando em 1742 o aventureiro Manoel de Lima enfrentou os mistérios que velavam os extremos da patria e desceu, em montaria, desde a fóz do Alegre, ao sabor da torrente submissa do Guaporé, adiante avolumada pelo Mamoré e Beni, além transpondo a vertijem dos saltos e o fragor das caxoeiras, até lançar-se na impetuoza torrente do Madeira livre e caudalozo, alcançar mais tarde o labirinto de ilhas do mar doce e por fim alvorecer um dia na vastidão oceanica do Atlantico.

O eminente geologo Elisée Reclus, na sua precioza obra cientifica, referindo-se ao povoamento daquela rejião, lembrou que a imigração far-se-ia para o planalto dominador dos cursos do Paraguai e do Amazonas, pelo lado meridional, isto é pela Republica Arjentina.

Entre as razões que de certo dezconhecemos, em que se estribou o saudozo geografo, julgamos predominar a da estreiteza relativa das vertentes paraguaias, já em parte povoadas pelos povos do Pacifico. A evolução social, porem, virá talvez mui breve dezviar esse conceito, porque, indubitavelmente, com os meios de comunicação projetados, a imigração irromperá pelo norte e éste, isto é, pelo Madeira, Tapajóz e Tocantins.

E' o que tentaremos provar no decorrer destes artigos.

A imigração pelos cursos do Prata já teve sua época de atividade e incitamento nos aureos tempos das bandeiras paulistas, a começar por Manoel de Campos, Pedro Vaz, Bartolomeu Bueno na conquista dos escravos (1), Pascoal Leme, Miguel Subtil, Bartolomeu Paes na alucinante exploração de fartos veeiros ; Nobre e Preto no cindir as florestas abrindo rota para a colonização e a estacionar em Manoel de Lima, o dezcobridor da grande via fluvial (2) que veiu ligar os extremos norte do paiz, e em João de Azevedo, o lendario navegador do Tapajóz.

Durante quarenta anos sucessivos, por aquela estrada dezcoberta pela audacia desse « flibusteiro do sertão », na fraze de Humboldt, fez-se a imigração para as terras mineiras de Mato Grosso. Por ela perlustraram, em longas jornadas, os capitães-mores, os governadores e os missionarios da antiga capitania. Sulcaram-n'a as « monções » dos aventureiros do norte e as tropas marciais da metropole. Pelas suas caxoeiras estrugidoras vararam-se os pezados canhões de grosso calibre dos fortes de Coimbra e Principe da Beira e os materiais de construção e de guerra. Foi durante um seculo a arteria por onde circulava a seiva vital do povoamento do araxá matogrossense (3).

Por outra face por onde se encare o problema da colonização do planalto, é ainda a exploração nacional que se

(1) Trafico que o governo aboliu em 1755.
(2) O Madeira, em 1742.
(3) Ao Redor do Brasil, tomo II.

REX

***pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança póde tocal-a***

CLUBS, CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.

nos aprezenta mais apta e expedita para sua conquista.

A gloria do dezcobrimento do alto Paraguai devemos ao sertanista Inacio de Leão. Muito contribuiram os indios bororós para que as suas expedições, rumando em todas as direções, alcançassem as provincias de Chiquitos.

Os deztemidos mineradores de 1740 arrojaram-se pelos sertões do vale paraguaio na febre de dezvendar o dezconhecido, indo esbarrar-se nas missões castelhanas de além. Quando os espanhóes tentaram irromper pelos cursos do Guaporé, nos atribulados tempos da guerra da Espanha com a metropole, foi ainda o embate da onda dos aventureiros nacionais que os recuou, impedindo-os de colonizar aquele trexo do solo brazileiro.

Pelo lado cientifico, aquelas rejiões uberrimas do extremo norte começaram a ser exploradas pela época da guerra do Paraguai. Penetraram-n'a pelo territorio nacional os brazileiros Ricardo Franco, Taunay, Leverger, Silva Pontes, Couto de Magalhães e o alagoano Dr. Severiano da Fonseca, que legaram á imigração ineztimaveis roteiros de propaganda e conhecimentos vastos da rejião. Estes proclamaram o quanto de valiozo rezultou da geografia eroica dos bandeirantes.

Não é sem interesse que fazemos estas breves considerações : queremos frizar bem que só pelo lado nacional se tem povoado aqueles remotos sertões. Embora estacionaria, quiçá decadente em certo periodo de ajitação do paiz, a imigração para estas parajens — que constituem o coração da America do Sul — recomeçará num lapso de tempo mais proscimo do que supunhamos.

Como a erozão de uma torrente que vai lenta e persistentemente minando as anfratuozidades das rochas, é assim a lei natural do progresso e da expansão de um povo. O que se vai operando atualmente na administração do Territorio do Acre, não é outra coiza senão a ação evolutiva da nacionalidade brazileira para a colonização das suas terras incultas. Como que mantendo ainda a éjemonia no dezbravamento, S. Paulo levantando a carta topografica do seu territorio, riscou do mapa as « rejiões dezconhecidas ». E esse ezemplo aliado ao processo de americanizar o trabalho, vem em apoio aos largos melhoramentos que se planéjam nesta parte do paiz.

E esse movimento, se bem compreendemos, evolutivamente iniciou-o Mato Grosso, quando em 1895 mandou ocupar a fóz do Gy-Paraná e S. Antonio, no Madeira. Recentemente a estrada de ferro, em construção, que partirá da cidade da Formiga, em Minas, e terminará na de Leopoldina, em Goiaz e a de Catalão, no mesmo Estado, para Cuiabá, encurtarão a distancia a vencer para o araxá ou planalto.

O maior estorvo, porem, dessa via de comunicação, são as caxoeiras do Madeira, estorvo aliás que será vencido pela Madeira-Mamoré. A muito tél-o-ia dezaparecido se outra orientação e patriotismo tivessem norteado a companhia de Navegação do Madeira e Mamoré.

Church, o engenheiro americano, quando em 1869 ante o maravilhozo dessa creação estupenda da natureza concebeu o plano de transpor esses obstaculos quer por um canal ou por uma via ferrea, teve a intuição da raça yankee aliada ao adensamento futuro de nucleos coloniais para o cobiçado planalto setentrional.

Severiano da Fonseca, na sua « Viajem ao Redor do Brazil », lastimando os deztroços dessa empreza de caminhos de ferro, confia ao futuro a realização dessa obra utilissima para aqueles sofredores povos rejionais.

Com o evoluir dos anos, o que prenunciou o cientista brazileiro vem realizar na atualidade o Tratado de Petropolis.

Pela soberba estrada do dezventurado Manoel de Lima, novo Magalhães da geografia sul-americana, antevemos já a eficaz torrente imigratoria. Pelo Tocantins e Tapajóz não será menos aceitavel. Não considerando as viajens de reconhecimento daquelle possante curso dagua, desde 1673 até 1746, custeadas pelos governos do Pará, Maranhão e Goiáz, com o fim de fomentarem o comercio e a industria levando o influxo da população do litoral ao centro de paiz, nem tendo em conta as repetidas explorações dos garimpeiros do sul, ahi temos o ezemplo do infatigavel Couto de Magalhães, quando prezidente do Pará e Mato Grosso, sucessivamente, explorando o Tocantins e o Araguaia e transportando de Cuiabá o vapor que deu o nome áquele afluente.

O ilustre autor d' «O Selvajem», praticando a navegação nos trexos não encaxoeirados daquela grande arteria, foi o propagandista mais valorozo da imigração para os sertões goianos e matogrossenses.

No Tapajóz, pelo Arinos, varias vezes foi tentada a comunicação com a cidade de Cuiabá. Vararam-se igarités e canhões dos afluentes deste para os do Cuiabá. Praticaram-se varadoiros, tentaram-se abrir canais.

A Companhia Estradas de Ferro do Brazil projeta levar seus trilhos ás marjens do Araguaia, vencendo deste modo, como a sua conjenere do Mamoré, os reputados insuperaveis obstaculos do curso do Tocantins. Apenas o negro Tapajóz dorme indiferente na melancolia indefinida de suas aguas ao progresso da nação brazileira.

## II

Silvio Romero, tratando com a sua costumada largueza de vistas da influencia d' « O meio fizico brazileiro como fator social » dá-nos como causas do tardio povoamento das zonas centrais do paiz-o mar e a vastidão do territorio. E cita a pinturesca referencia de cronista Frei Vicente sobre os incolas que durante dois seculos « andaram arranhando a costa como carangueijos ».

A extensão do paiz, escreveu o apreciado critico, produzindo as grandes distancias, foi a causa determinante não só de sua primitiva divizão territorial, que o Imperio e a Republica não se atreveram a mudar, e ficou como a baze da divizão politico-administrativa, como ainda da formação lenta da vida social e juridica.

Por muito tempo estabeleceu-se o « habitat » brazileiro nas marjens dos caudalozos rios que rasgavam as florestas diretamente para o mar, quando a faze mineira, guiando o

BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

homem para a conquita dos sertões, abriu os cursos do Iguassú, Paraná-Panema, Tieté, Rio Grande, o das Montes e Paraná. Fatores sociais da colonização das zonas setentrionais, são na atualidade os rios do Territorio do Acre, como aqueles o fôrão nos seculos XVIII e XIX.

Aos do vale amazonico coube agora a sua vez de contribuir para o povoamento das terras do norte. Não fossem os governos tão apegados ao problema de colonizar o sul, nomeadamente S. Paulo, Rio Grande e S. Catarina ; e voltassem suas vistas tambem para o extremo norte, e outras seriam as condições dos povos que abitam abnegadamente as rejiões extremas das vertentes do vale amazonico.

A historia da colonização deste Territorio é tão recente que dizpensa pormenorizar. Purás e Juruá são atualmente os pontos em evidencia para onde converjem os influcsos da torrente da imigração. E fazendo simile com as arterias da sua ampla rêde potamografica, hão de transbordar bem cêdo o seu contijente social para as terras incultas do planalto. A linha telegrafica de Cuiabá a S. Antonio e dahi ao Cruzeiro do Sul, já em construção, a Madeira-Mamoré e a Tranzacreana do futuro, serão os veiculos pelos quais se fará o povoamento da zona dominadora dos nossos manadeiros do norte.

« As estradas de ferro, escreveu o major Gomes de Castro, referindo-se ás fronteiras norte da Republica, a par dos melhoramentos dos cursos dagua, não devem ter ahi outro escopo que não o de corrijir os senões e superar os obstaculos que se depararam á atividade humana na utilização de tão comodos e preciozos meios de transportes. »

Corroborando esta opinião, Euclides da Cunha, ao lançar o plano da Tranzacreana pela imprensa, adiantou :

« Assim, desde que se ultime a Madeira-Mamoré, esta a atrairá (*a Tranzacreana*) irrezistivelmente, para o levante, realizando-se o fenomeno vulgarissimo de uma captura de comunicações. Então ella transporá o Acre indo buscar o Madeira na confluencia do Abunã, ou em Villa Bella, extinguindo, de golpe, todos os inconvenientes de tres navegações contorneantes e longas. Ao mesmo tempo, no outro extremo, dilatando-se para oeste, perlongando o Môa e indo transmontar os serros abatidos de Contamena, alcançará o Ucaiale, deslocando para S. Antonio do Madeira parte da importancia comercial de Iquitos-Então a Tranzacreana modestissima, de carater quazi local, feita para combater uma disposição hidrografica, se transmudará em estrada internacional de extraordinarios destinos. »

Resaltam destes conceitos expendidos ao correr da pena e sujeridos pela marcha sociolojica que a diretriz dos ultimos governos republicanos tem traçado aos magnos problemas da nação, que não pelas vertentes meridionais que se povoará a rejião feracissima do araxá brazileiro.

Ninguem deixará de entrever a influencia ineztimavel do Acre, do novo territorio, que será a grande porta aberta á imigração que um dia irá povoar a nova Canaan de Elisée Reclus, a « rejião capaz de acolher cem milhões de habitantes...

QUINTELA JUNIOR.

# A Bandeira Portugueza

## (Parecer da Commissão official)

O problema da fixação da bandeira nacional, que, visto a uma luz superficial, parece coisa bem simples, é, no entanto, uma questão demasiado complexa, porque esse consagrado symbolo patriotico tem de synthetizar por uma fórma impressiva, eloquente, summaria e viva, o significado social do povo que representa. Ha de conter a sua alma, o seu idéal, o seu caracter, a sua tradição, a sua historia. Essa prodigiosa objectivação, pela linha e pela côr, que as differentes nações têm religiosamente erguido, na sequencia dos seculos e á frente das suas melhores aspirações, como um emblema sagrado, á affirmação do seu direito á vida no grande conflicto universal, é a expressão integral, perante o mundo, da sua vitalidade, da sua expansão, da sua riqueza, do seu progresso, da sua força. Ha de ser, por isso, um traslado archeologico e ethnico perfeito, ha de resumir a vontade nacional. Tem de exprimir as idéas de independencia, de dominio, de constituição social, de regimen politico. Tem de ser ao mesmo tempo a evocação lendaria do passado, a imagem fiel do presente e a figuração vaga do futuro.

Até que ponto realizava estes elementares preceitos representativos, nas côres e nos symbolos empregados, a bandeira da extincta monarchia portugueza?

Vamos primeiro ás suas duas grandes côres fundamentaes : o branco e o azul. O branco não ha duvida que deve, em todas as hypotheses, ter representação na nova bandeira. Elle symboliza, como tão expressivamente o disse Guerra Junqueiro, « a innocencia, a candura unanime, a pureza virgem » ; e a alma portugueza é, no fundo, sonhadora e ingenua. Além disso, para accrescentar a esta feição emotiva, as considerações de pura ordem sentimental, temos ainda o argumento da tradição, temos a razão historica. E' sob a côr branca, salpicada pelas quinas, das signas e pendões das hostes fieis a Affonso Henriques, que se ferem as primeiras rijas batalhas pela lusa nacionalidade, e é á sua protectora sombra que se cabouca o solido e fumegante alicerce da nossa independencia. Depois, é a mesma côr branca que, avivada de enthusiasmo e de fé pela cruz vermelha de Christo, assignala o cyclo epico das nosas descobertas maritimas; é ella que, triumphal e radiosa, alveja na India. A côr da bandeira portugueza, desde os inicios da monarchia até ao seculo XV, e deste ao primeiro quartel do seculo XIX, foi sempre branca. Esta foi a côr dos navegantes portuguezes : a que Vasco da Gama levou á India, a que Cabral arvorou no Brazil ; aquella que no mesmo Brazil nos estimulou nas luctas contra a usurpação hollandeza. E' a côr fun-

**SMITH VISIVEL,** *a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.*

**Clubs Casa Standard.**

damental que se encontra nos varios « postularos » e mais documentos contemporaneos das referidas épocas. Quer decorado pelas quinas, quer pela cruz de S. Thiago, quer pela esphera armilar, o fundo essencial da bandeira portugueza era inalteravelmente branco. Da bandeira da Republica Portugueza não póde, pois, desapparecer o branco, bella côr fraternal, em que todas as outras se fundem, côr de singeleza, de harmonia e de paz, em cuja palpitação clara e tranquilla, a nossa alma lyrica vê como que um amoroso bater de azas candidas.

E o azul?... Este é uma côr doce, attenuada, suave, que em certo modo se casa com as voluptuosas dolencias da alma portugueza. E' uma côr que lembra os dois grandes elementos constitutivos da nossa preferente predilecção ancestral e da nossa mais bem vincada fatalidade historica — o céo e o mar. Mas tirante esta analogia puramente objectiva, a côr azul nada mais de notavel, de basilar, de caracteristico ou necessario representa perante a nossa tradição ou a nossa historia. Historicamente, a côr azul, junta com a branca, sómente apparece na composição fundamental da bandeira portugueza a partir de 1830, em que um decreto da regencia mandou que a bandeira portugueza fosse « bipartida verticalmente em branco e azul ». Não se quiz symbolizar nessa nova côr um heroico movimento de revolta, mas alliar á idéa de Patria o culto da Senhora da Conceição. Era um preito ao carimbo catholico da padroeira official do reino, e juntamente o penhor publico da éra de corruptas branduras que ia seguir-se. De sorte que aquella pretendida aproximação physica, erigida em symbolo, tem redundado, para o caracter portuguez, em uma acção nociva, dissolvente ; como a união entre parentes demasiado velhos, a qual acaba por determinar o definhamento e a extincção da raça. As sociedades modernas não querem branduras ; reclamam estimulos. E seguramente, muito ha contribuido para o depressivo marasmo, o servilismo resignado, a inercia imbecil, tão assustadoramente progressivos, da grande maioria da sociedade portugueza nos ultimos oitenta annos, a continuidade de acção deslaçante e molle, pelos olhos coada até á consciencia, dessa tonalidade ardilosa, socegada, que tão á justa, aliás, ficou exprimindo as hypocritas ficções, as corruptoras blandicias e as suaves torpezas do chamado periodo constitucional. Portanto, para nós, historica e moralmente, o azul é uma côr condemnada.

Agora, em vantajoso contraste, note-se que quando a nação portugueza entra na verdadeira comprehensão do seu destino, á medida como os nossos « homens bons » do aureo periodo ensaiavam azas para o vôo da sua formidavel acção mundial, é quando começa a apparecer na nossa bandeira o vermelho. Adoptamos então, pela primeira vez, esta côr, no instinctivo sentimento de que a sua tonalidade forte e alacre seria a mais pura representação da nossa força. A bandeira heraldica de João II é branca, rodeada por uma larga orla vermelha. O vermelho e o branco são ainda as duas côres que, na sua rota triumphal pelos hemispherios, illuminam e illustram o passo das maiores figuras da nossa historia. E de então até hoje, o vermelho tem-se conservado sempre, mais ou menos, na bandeira nacional. O vermelho é a côr combativa, quente, viril por excellencia. E'a côr da con-

quista e do riso. Uma côr cantante, ardente, alegre, a mais propria para exprimir a globulinea riqueza de uma energia que se affirma, ou de uma nação que desperta. Lembra o sangue e incita á victoria. E' um grito de clarim chromatisado. E' a sugestiva mancha do delirio, a unica côr capaz de dar-nos o incendio dos grandes enthusiasmos e de nos erguer á maxima devoção por um dever sagrado. E tão intimamente ligado anda o vermelho com as manifestações vitaes da lusa nacionalidade, que elle figurou ainda durante a dominação de Castella e a maior parte do dominio brigantino ; acontecendo que o mesmo estandarte imperial de Pedro IV é semeado de castellos em campo vermelho.

Por ultimo, ainda agora em nossos dias, nas memoraveis jornadas de 3, 4 e 5 de outubro, foi com os olhos confiadamente postos no vermelho e em uma côr nova — a côr da esperança — que esses lendarios heróes de hoje, dignos dos mais gloriosos termos da lusa epopéa, conseguiram, a poder de pertinacia, dedicação, fé e inquebrantavel temeridade e coragem, alcançar a emancipação social e a redempção moral da sua patria querida.

Quanto a côr verde — a côr que, segundo Augusto Comte, « mais convém aos homens do porvir » — parecerá que ella não tem ainda raizes tradicionaes que bastantemente a consagrem perante a consciencia nacional. A sua adopção como a divisa de uma legitima e sagrada aspiração patriotica, entre nós, data de ha vinte annos.

Além disso, não é feliz, nem dispõe de um grande poder irradiante, a justaposição do verde ao vermelho. Parece, portanto, á primeira vista, repetimos, que o verde, como côr fundamental, não deveria, logicamente na nova bandeira substituir-se ao branco. Mas acima de tudo impõe-se-nos a consideração de que foi ella uma das côres que preparou e consagrou a revolução. Brotou do espontaneo instincto popular. Presidiu a esta deslumbrante e formidavel transformação social ; e semelhante acontecimento assegurou-lhe logo um logar primacial na representação symbolica da patria. Mais forte do que a logica raciocinada dos homens é a eloquencia espontanea dos factos. Faltava á côr verde a tradição nacional? Pois essa tradição — que não é mais do que a definição da nossa attitude em presença da vida — alcançou-a de salto, a nova côr, no momento decisivo em que, sob a inflammada reverberação da bandeira revolucionaria, o povo portuguez fez chispar o relampago redemptor de uma alvorada dos podridos destroços de um throno. Neste abençoado momento, o amor, a adoração por aquellas duas côres, rompeu de um jacto da alma popular, simultaneo com a libertadora vibração desse movimento triumphante — cataclismo e ruina para o passado, redempção e aurora para o presente, sonho e promessa para o futuro. E este soberano instincto, fundamentalmente justo, porque é sinceramen-

BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

te sentido, de consagração collectiva prevalece sobre todas as primazias ancestraes, zomba de todas as deducções historicas.

Portanto, as duas grandes côres fundamentaes da bandeira da nova republica devem ser, bipartindo-a no sentido vertical, o vermelho-escarlate e o verde-mar ; o verde junto á haste, o vermelho fluctuando na sua palpitação triumphal pelo espaço.

O patriotico receio — tão louvavelmente formulado por Bruno, em um artigo recente da « Patria » — de que a mudança das côres fundamentaes da bandeira possa excitar a desconfiança do negro, com grave risco do nosso dominio colonial, não nos parece razão bastante para deixar de banir o azul.

A esta hora, no nosso vasto dominio ultramarino, já o indigena deve ter começado a familiarizar-se com o vermelho da bandeira revolucionaria. E aquella natural primeira desconfiança e estranheza hão de saber obviar o zelo e a propaganda intelligente dos funccionarios da nova republica.

Resta vestir as duas côres fundamentaes por alguns emblemas que fechem um conjunto quanto possivel harmonioso e simples e que sejam formados, não por quaesquer fantasiosos « motivos » decorativos, mas por objectos que logicamente se fundam com a vida secular da nação e cujo significado allegorico seja de facil comprehensão ao povo.

Ora, destes, o primeiro, o maior, o que logo naturalmente se impõe, é o padrão eterno do nosso genio aventureiro, da nossa existencia sonhadora e épica — a esphera armillar.

Ninguem será capaz de contestar que a epopéa maritima portugueza seja o feito culminante, essencial da nossa vida collectiva, o motivo dominante a bordar na silva heraldica de nossas glorias. E, entretanto, delle não havia, na bandeira do proscripto regimen monarchico, o mais insignificante vestigio, a mais apagada ou tenue referencia. A esphera deve ser « manuelina », e occupar o centro da bandeira, com o eixo na linha divisoria das duas côres fundamentaes, tendo as armillas e todo o seu desenho estructural em amarelo de ouro, assentando sobre as duas côres agora consagradas pela revolução e, portanto — repetimos — com pleno direito a affirmarem-se no symbolo sacrosanto da Patria.

Vista a olhos superficiaes, poderá a adopção deste symbolo parecer que se aproxima do grande globo que ornamenta a bandeira dos Estados Unidos do Brazil ; mas não ha, entre um e outro, a menor analogia. Não ha esphera armillar sem armillas, ou circulos ; e a esphera azul, desenhada no losango amarelo brazileiro, não tem signal algum que lhe dê relevo : é um simples circulo azul, cortado por uma faixa branca com uma legenda. e semeado de estrellas. Quer dizer, pelo desenho e pela fórma, a esphera brazileira é uma bella composição allegorica ; a esphera portugueza figura a concepção cosmogonica do mundo, de que nós fomos senhores. A disparidade é bem palpavel. Mas ainda quando maiores aproximações ou analogias houvesse, justificavam-se bem entre os symbolos patrioticos de dois povos ligados por tão velhas, profundas e intimas afinidades.

Sobre a esphera armillar, no coração da bandeira, deve destacar um outro symbolo lendario, primacial, da nossa historia : o escudo branco com

as quinas azues. E nós adoptámol-o, não porque elle seja representativo da velha usança medieval da prestação dos « maravedis », ou porque figura um pretendido milagre, de supersticiosa invenção ; mas porque perpetua e consagra esse outro milagre humano de positiva bravura, tenacidade, diplomacia e audacia, que conseguiu atar os primeiros élos da affirmação social e politica da lusa nacionalidade.

De ha seculos que na bandeira portugueza apparecem, ligados invariavelmente com as quinas, os castellos. Elles tornam-se um attributo heraldico nacional, a partir do rei Diniz. E por que? Conhecem-se para explicação do facto duas hypotheses, ambas ellas aceitaveis, nenhuma, porém verificada plenamente. Segundo uns, os castellos teriam apparecido na bandeira portugueza, simplesmente como representando o reino do Algarve, cuja conquista Sancho II deixára já muito adiantada, mas, cuja plena posse, por banda de Portugal, sómente ficou assegurada pelo nascimento do infante Diniz, filho de Affonso III de Portugal e D. Beatriz, infanta de Castella ; pois, segundo uma clausula do respectivo contrato de casamento, o sogro do nosso monarcha, e que era Affonso X de Castella, obrigou-se, « para quando deste casamento resultasse um filho » a restituir então « as villas de Serpa, Moura, Aroche e Arecena, e o reino do Algarve ». Mas, os reis de Castella já eram então poderosamente influenciados pelas suas seculares ambições hegemonicas na peninsula ; dahi, e esta á a segunda versão, por outro contrato feito e firmado entre os mesmos reis Affonso X de Castella e Affonso III de Portugal, ter-se-hia obrigado este, em cambio daquelle reconhecimento da posse do Algarve, a fornecer ao primeiro, em caso de guerra, cincoenta lanças durante a sua vida, e a espargir de castellos a bandeira portugueza. Comprehende-se: era o altivo e astuto rei castelhano querendo conservar, em certo modo ao Algarve, o caracter de feudo, embora virtual.

Como quer que fosse, quer essa bellica sementeira tenha sido filha de uma arbitraria disposição real, quer haja tomado origem em qualquer disfarçada imposição de condominio, como sucedeu aos castellos do escudo do reino de Leão e dos antigos duques de Anjou, o certo é que, depois, João II reduziu o numero desses castellos a sete, enquadrando-os definitivamente no escudo patrio como um emblema de independencia e de força. Desde então, elles ficaram assim constituindo um dos symbolos mais decorativos e mais energicos da integridade e da independencia nacional. Eis o motivo pelo qual entendemos dever rodear o escudo branco das quinas por uma facha carmezim, com sete castellos.

Nas bandeiras das differentes unidades militares, sellos, moedas e mais emblemas officiaes, a esphera armillar será rodeada por duas vergonteas de louro, — o symbolo triumphal, — tendo as hastes ligadas por um laço branco onde, como legenda immortal,

**A casa VACHERON e CONSTANTIN,** de GENÈVE, tem 123 annos.

**Unico representante no Brasil: Casa STANDARD.**

se inscreverá o formoso verso camoneano :

« Esta é a ditosa patria minha amada. »

Quanto ás dimensões da nova bandeira, o seu comprimento deve ser vez e meia a altura da tralha. A divisoria entre as duas côres fundamentaes deve ser feita de modo que fiquem dois quintos do comprimento total occupados pelo verde e os tres quintos restantes pelo vermelho. O emblema central deve assentar em metade sobre o verde e metade sobre o vermelho ; occupando a altura de dois terços da tralha, e não ficando equidistante das orlas superior e inferior da bandeira ; porém distante, respectivamente, da orla superior, um nono e da orla inferior, dois nonos, da altura da tralha.

A orla dos jaques será verde e de largura igual a um quinto de tralha. As flammulas serão verdes e vermelhas.

Eis o projecto da bandeira que a commissão nomeada por decreto de 15 do corrente approvou unanimemente, e temos a honra de propor ao governo provisorio da Republica Portugueza, para ser a bandeira nacional até á reunião das proximas Côrtes Constituintes, as quaes definitivamente compete pronunciarem-se sobre o assumpto (1). »

(1) A commissão, autora d'este parecer, compunha se de João Chagas, Columbano, Bordallo Pinheiro, capitão da marinha Ladislau Ferreira, capitão do exercito José Palla, e o escriptor Abel Botelho.

A bandeira foi consagrada a 1.º de dezembro, anniversario da restauração (1640) e primeiro feriado da Republica.

Guerra Junqueiro não gostou d'este projecto e defendeu a conservação das antigas côres, azul e branco.

COMPANHIA MANUFACTORA FLUMINENSE

Fiação, Tecelagem, Tinturaria,
Branqueamento, e Estamparia de Algodão

SÉDE :

61, Avenida Central -- Rio de Janeiro

Fabricas no Barreto == Nictheroy == Estado do Rio

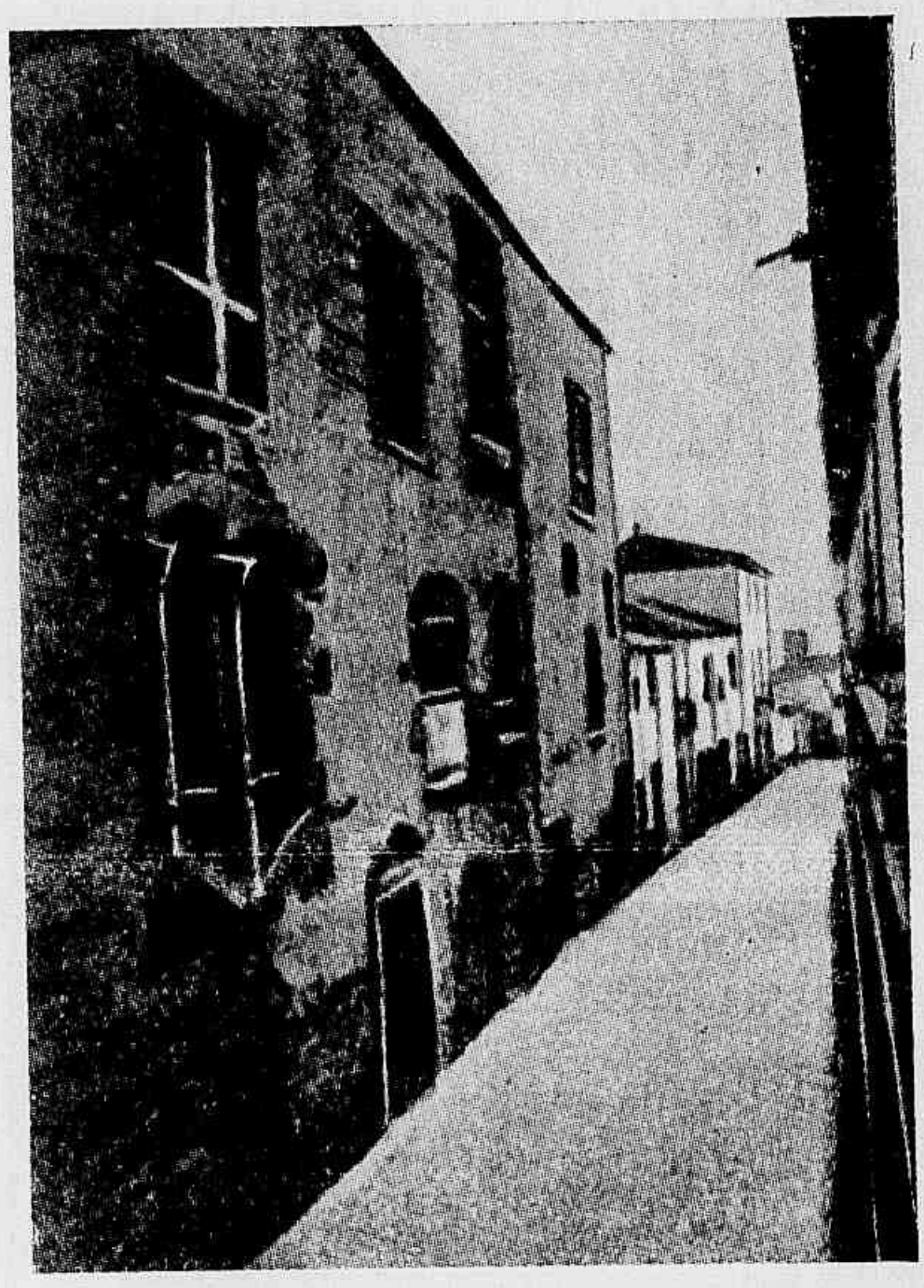
ENDEREÇO TELEGRAPHICO : "CALICOT"

# A CASA DE COLOMBO

Em 1878 foi demolido no Funchal o historico e velho solar do opulento genovez Jean Esmerault, onde, segundo a tradição, viveu por algum tempo o homem que mais tarde devia descobrir o vasto e fertil continente americano.

Em seu logar ficou uma ruela triste e pouco frequentada, que denominaram de *Christovão Colombo* — e que serve de ligação entre as ruas do Sabão e do Esmeraldo.

Casado com a filha do primeiro donatario da visinha Ilha do Porto Santo, Christovão Colombo, que ahi por 1474 se entregava, em Portugal, á cópia de roteiros e cartas e ao fabrico de agulhas de marear, desejoso de conhecer de perto as primeiras ilhas descobertas pelos portuguezes, embarcou para a Madeira em companhia de seu cunhado que aqui vinha reivindicar os seus direitos á capitania do Porto Santo que a mãe alienara durante a sua menoridade.



A casa de Colombo (Funchal — Ilha da Madeira).

Jean Esmerault, que então vivia no Funchal, alegre e generosamente hospedou o seu illustre compatriota.

Já então germinara no cerebro de Colombo a ideia de chegar á India por caminho differente d'aquelle que levara o Gama.

E diz-se que fôra alli naquella casa, duma architectura de transição entre o gothico e a renascença, que mais se radicaram as suas ideias. Alli interrogou elle os velhos marinheiros que porventura aportavam á Madeira, colhia informações e punha em ordem os seus apontamentos. D'alli contemplou elle, melancholico e pensativo, as aguas do Oceano que devia ser muda testemunha das suas esperanças e dos seus receios, das suas glorias e das suas desventuras.

O nome do possuidor do solar foi-se apagando a pouco e pouco, e o povo começou a designal-o por *casa de Christovão Colombo*.

O tempo, irreverente, roeu-lhe as frontarias e o camartello demolidor, que não respeita a tradição, lançou por terra o historico edificio que noutro paiz seria preciosamente conservado como uma reliquia sagrada do passado.

(*Madeirense.*)

# CONCURSOS LITTERARIOS DA ACADEMIA

## PREMIOS DE 2:000$000

A Academia Brasileira de Lettras, tendo acceitado a incumbencia de conferir á melhor obra litteraria do anno, o premio de dous contos de réis, instituido pelo arrendatario do Theatro Municipal, na conformidade do respectivo contracto (1) resolveu firmar as seguintes bases para o concurso e o julgamento das obras :

I. O praso da inscripção é de 1 de janeiro a 31 de dezembro.

II. Só são admittidos ao consurso o romance, a collecção de contos a collecção de ensaios litterarios, a obra de critica litteraria, a collecção de ensaios de critica litteraria, o poema, o livro de poesias.

III. E' condição preliminar para a admissão a declaração do auctor da obra ou obras, feita por meio de carta ao 1° secretario da Academia, de que deseja concorrer ao premio.

IV. Só é acceita a obra publicada dentro do periodo de cada anno, em 1ª edição, na fórma de livro.

V. O auctor concurrente ao premio deverá, ao inscrever-se para o concurso, remetter ao 1° secretario da Academia dez exemplares de obra ou obras, com que concorrer.

VI. O estudo das obras concurrentes incumbe a uma commissão de 5 membros da Academia, eleita annualmente.

VII. A' commissão é fixado o praso de 1 de janeiro a 30 de abril para o desempenho de sua incumbencia.

VIII. Cada um dos membros da commissão dará o seu parecer escripto sobre todas as obras concurrentes.

IX. O julgamento da melhor obra será dado pela Academia, á vista dos pareceres da commissão de estudo, os quaes serão lidos e discutidos na 1ª sessão ordinaria do anno seguinte.

X. No caso de não haver accordo na 1ª sessão sobre a escolha da melhor obra litteraria, será a materia adiada para outra sessão préviamente marcada, e sufficientemente espaçada para permittir aos academicos estranhos á commissão a leitura das obras sobre as quaes haja divergencia de voto.

XI. São excluidos do concurso os membros da commissão.

(1) Além d'este premio, ha o de 3:000$000 reis para o autor da melhor peça dramatica nacional.

### Premio Medeiros e Albuquerque

Fica instituido um premio de 500$ para a melhor poesia inedita de assumpto geral, social ou philosophico, que fôr apresentada á Academia até o dia 1° de maio de 1911.

A extensão póde variar entre o minimo de 100 e o maximo de 200 versos. A poesia deve ser rimada; mas não em metrificação uniforme, nem em estrophes regulares. Haverá além do premio pecuniario, duas menções honrosas. Os concurrentes devem até 1° de maio de 1911 enviar os originaes em duplicata, assignados por um pseudonymo. Igual pseudonymo deve vir do lado de fóra de um envolucro fechado, dentro do qual esteja o nome do auctor. Os envolucros, que possam ser abertos mesmo no caso dos auctores não terem sido premiados, devem ter pelo lado de fóra a menção : « póde ser aberto ». Só os que tiverem essa menção ou os dos auctores premiados é que serão abertos. A Academia reserva-se, porém, o direito de publicar quaesquer poesias, que lhe tenham sido enviadas.

## BOCAGE E LERENO

Por seu orgulho demasiado tornou-se Bocage inimigo de todos os socios da Arcadia.

D. Caldas Barbosa, o poeta brasileiro e mulato, foi uma das suas victimas.

A Arcadia reunia-se em casa do conde de Pombeiro, o Mecenas do poeta mulato. O pobre e innocente conde havia de expiar amargamente essas honras litterarias que recebia.

Effectivamente a boa harmonia que reinára até ahi entre Caldas e Bocage, chegando os dois poetas a ser até amigos intimos, não tardou a romper-se. O motivo da discordia foi a Arcadia. O abbade de Almoster, ferido por algumas criticas malignas de Bocage, que era implacavel, vibrou ao grande poeta um soneto vingativo que principiava :

Ha junto do Parnaso um turvo lago
Aonde em rãs existem transformados
Etc.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

Bocage esbravejou, e, não podendo saber quem era o auctor, vingou-se vibrando tiros a toda a Arcadia. Foi uma hecatombe, em que tinha comtudo um dos primeiros logares Domingos Caldas Barbosa como o chefe visivel da sociedade poetica. A immolação foi feita no celebre soneto que principia :

Contra Elmano Sadino urrando avança

e que termina com o terceto cujo primeiro verso é o seguinte :

Porém se a *corja renovar o ataque*...

Não foi necessario que o ataque se renovasse. Bocage não ficára satisfeito com a primeira investida. Um novo soneto veiu atacar mais directamente o pobre conde de Pombeiro, e o Caldas, epigrammatisado como poeta, como mulato, como cantor de modinhas, como familiar dos grandes. É o soneto, que descreve uma supposta sessão da Nova Arcadia, e que principia da seguinte forma :

Preside o neto da rainha Ginga
A' corja vil, aduladora, insana,
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Por copos desiguaes se esgota a pinga.

Trazem manteiga e chá, tudo á catinga,
Masca farinha a turba americana,
E o escarnado saguim a banza abana
Com visagens e gestos de mandinga.

A execução era completa e o neto *da rainha Ginga* estamos convencidos que mil vezes preferiria voltar para a colonia do Sacramento, a ser assim escorchado em vida pelo implacavel escalpello do seu adversario. Elle procurava luctar, timidamente, é certo, principalmente com modestia, e essa era a sua grande vantagem sobre o seu orgulhoso rival, mas ás vezes encontrava algumas notas acertadas, que deviam maguar profundamente a susceptivel epiderme de Elmano. O seguinte epigramma está bem afiado :

De todos sempre diz mal
O impio Manoel Maria,
E se de Deus o não disse
Foi porque o não conhecia.

E' verdade que Bocage não lhe ficou a dever nada, e respondeu-lhe logo, mas com mais brutalidade que primor :

Dizem que o Caldas glotão
Em Bocage afferra o dente
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente.

# POETAS CEARENSES

A' brilhante geração intellectual em que proeminaram em poesia, no Ceará, Antonio Salles, Frota Pessôa, Livio Barretto, Themistocles Machado, Antonio de Castro, Alvaro Martins e alguns outros, vae succedendo actualmente nova pleiade de artistas vigorosos que em nada desmente os créditos da sua terra, excedendo mesmo, em parte, á sua predecessôra em plasticidade de fórma e pureza idiomatica. A differença está apenas no numero das publicações de livros, que naquella phase assumiu proporções extraordinarias e nesta escasseou deploravelmente, em virtude das consecutivas crises climatericas e da carencia absoluta de edictores.

Aquella épocha, que o influxo de novas tendencias esthéticas agitou, ficou bem caracterizada em meia duzia de obras fulgurantes, moldadas pelo parnasianismo francez; a épocha actual, por seu turno, resume o aspécto geral do lyrismo brazileiro contemporaneo, reflectido, plástico e, algumas vezes, pessimista.

Comtudo, são ainda os procéssos da esthética parnasiana que predominam com maior relevo na parte meramente formal da nossa poesia, orientados por uma intuição mais de accordo com o nosso evoluir artistico, no qual entram elementos de diversas procedencias, entre os quaes os factores ethnológicos.

Os nossos melhores poetas já adquiriram a convicção de que o lyrismo, — não o lyrismo melancólico e derriçoso da escóla romantica, — mas um lyrismo robusto e vibrante, é o genero de poesia que mais se coadúna com a alma sentimental do nosso povo. Dahi a feição da actual poesia cearense.

Entre os mais notaveis sacerdotes da « divina arte », neste momento litterario, sem mencionar os nomes consagrados de Oscar Lopes, Bruno Barboza, Thomaz Lopes e alguns mais, podemos citar os seguintes, que caracterizam brilhantemente a intellectualidade cearense contemporanea :

Alf. Castro, que enfeixou ultimamente em volume as suas poesias sob o titulo *De sonho em sonho*, é um poeta á feição de Paulo de Arruda, com quem tem flagrantes affinidades artisticas. A seguirmos o méthodo adoptado por Mello Moraes Filho (1), classifical-o-iamos entre os « poetas de transição ».

Seus versos possúem bastante plasticidade, revelam grande poder de evocação, maximé nas ultimas poesias avulsas que há publicado, vasadas numa fórma sensivelmente differente da que presidiu á composição do seu livro de estréia. A versão de alguns sonetos de Heredia são próvas dessa promissora modificação technica. Exemplifiquemos, porém, o nosso pensar com uma producção original, o *Pomo de Asphaltite* :

Pobre de ti! Jámais o cobiçado fructo
Has de, alegro no galho, que balança,
Alta é a fronde que o tem, velludoso e impolluto,
E és pequeno de mais. Tua mão não o alcança!

(1) *Poetas Brasileiros Contemporaneos.*

**CHRONOMÈTRE ROYAL,** ***Vacheron e Constantin,*** ***de GENÈVE.***
O 1º relogio do Mundo.
*** CLUBS, CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO. ***

Não poderes crescer e avultar num minuto
Para tiral-o! — Em vão, que a viridente França
Ha de crescer tambem e — oh desespero e luto! —
Há de o pomo fugir á tua mão que avança.

Mas podesses colhêl-o... Em breve, quando fôsses
Mordêl-o, em tua bocca anciosa, que o reclama,
Prelibando o sabor dos seus gomos tão doces,

Esse fructo, de pelle em sangue e ouro embebìda,
Desfazendo-se em fel, desfazendo-se em lama,
Havia de amargar por toda a tua vida!

Americo Facó é um parnasiano robusto, de grande faculdade representativa, sabendo combinar admiravelmente a belleza sevéra da fórma com a elevada idealização, em que excelle o poeta : esse detalhe é, ao nosso ver, insignificante para deixarmos de classifical-o entre os parnasianos.

A poesia de Americo Facó, rica de plasticidade e de colorido, evóca a musa incomparavel de Alberto de Oliveira, que muito impressionou ao poeta cearense.

Até o presente, não há publicado obra alguma, limitando-se a escrever em diversas revistas e jornaes; possúe na pasta um extraordinario livro *Terra da Luz*.

O soneto seguinte, *A' hora extrema*, define magnificamente a sua força creadôra :

Eis-nos sós outra vez e, inda outra vez, a custo
Dizendo o mesmo adeus que dissemos outr'ora!
E o meu rosto viril e o teu rosto venusto
O mesmo pranto amargo inda nos banha agora!

Num outro abraço egual inda te cinjo o busto,
Beijo o teu labio e beijo a tua face-embora
Encha-me o coração o doloroso susto
De não mais ver-te o olhar que por meus olhos chora...

Partes hoje de novo! e me sinto na triste,
Funda desolação de inhabitavel ermo
— Corpo morto a que tu, minha vida, fugiste!

Porem, se me trouxer-te, acaso, um dia, a sorte,
Ah, meu amôr, serei, desta saudade ao termo,
Um homem que escapou duas vezes á morte!...

Antonio Thomaz, (Padre) poeta de admiravel espontaneidade, é cultor dum lyrismo original e simples. Não possúe a sua poesia a opulencia da fórma da esthética do Parnaso; falta-lhe mesmo certo colorido, esse tom agudo e sóbrio que caracterìza a moderna poesia brazileira, — o que denuncìa no poeta a despreoccupação ou o antagonismo á theoria da arte pela arte. Leiamos *Branco e Vermelho* :

No topo do Calvario ajoelhada,
Perto da cruz, a Magdalena chora;
E sobre os pés da Victima adorada
O triste labio em osculos enflora.

Ella chorara assim tambem prostrada
No chão da sala do banquete, outr'ora,
Roçando a trança loura e perfumada
Nas mesmas plantas que ella beija agora!

Então corria o pranto chrystalino
Das lindas faces que a tristeza véla
Sobre os pés de sympathico Rabbino :

Vivo contraste agora se revela :
Escorre o sangue em fio purpurino
Dos pés de Christo sobre as faces della!

Irineu Filho, poeta ha muito pouco apparecido, manêja o verso com maravilhoso talento; possúe poemetos bellisimos, talhados pelos moldes parnasianos. Não tem tambem obras publicadas collaborando, porém, em diversas revistas de Fortalêza.

*O Sahára*, de que abaixo transcrevemos alguns trechos, dá uma medìda exacta da fórma do poeta, alliada ao seu grande poder de idealização :

Na africana região do norte se excaucára
Sinistramente grande o Dezerto do Sahára!
— Vasto oceano de areia, intermina planicie
Esteril e combusta em cuja superficie
Ha pobres vegetaes e recantos de alfombra
Que não dão, a fartar, nem frescura, nem sombra,
Tudo mais é desnudo e sáfaro e candente...
Bate-lhe em cheio o Sol desapiedadamente!
O seu sólo desprende um fulgor de centêlha :
Sua ardente athmosphera é asphixiante e vermelha!...

Parece que o Deserto estorce-se... parece
Que do seio arrancando um abafado grito
E implorando piedade, interroga o Infinito :
— « Ai! porque é que assim sou? ai! porque, Natureza,
Tu voltas para mim toda a tua aspereza?...
Ai! porque não me dás, como a todas as terras,
A sensação ideal de travar essas guerras
Renhidas e febris contra o Rude que explora
(Desde o chegar do dia até o dia ir-se embora)
Os sitios em que a Terra é uberrima e fecunda :
Onde o Sol é melhor do que o Sol que me inunda :
Sol que aquece, mas não como o Sol que me abraza?!

Olha como isso é triste e limpo. Nem uma aza
De um passaro veloz estende sobre mim
Sua sombra gentil... Que solidão sem fim!...
O Simun infernal pelos ares galopa
A bufar e rugir qual mil feras em tropa!
Nem o canto de uma ave escuto em meu degrêdo,
Nem das lymphas a voz, nem a voz do arvorêdo!
Nem a copa, sequer de uma arvore frondosa
Alteia-se em toda esta amplidão arenosa!
Nunca poder ouvir o tôrvo murmurio
Tonitroante e brutal de um candaloso rìo
A percorrer-me todo, arrastando á passagem
O que encontra em caminho estorvando-lhe a viagem!
Nunca experimentar esse goso superno
Que aos outros campos dão as caricias do Inverno!
Não conter dentro em mim muita seiva e raìz!
Como sou infeliz! Como sou infeliz!
E não ter muito fructo e não ter muita flôr!

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

— Mulher que não sois mãe, comprehendo a vossa dôr!
E, jámais vi a Flóra, a Primavera e a Ceres,
Não conheço essas trez tão faladas mulheres!...

.....O Sol prosegue em seu officio
Rude, perverso, atroz, de morder-me, morder-me!
E não posso fugir-lhe! e não posso esconder-me!
Quanto mais me escapar ao seu olhar desêjo,
Mais terrivel no Céo, fatidico o entrevejo
Como aéreo vulcão que, explodindo na Esphera,
Voltasse para mim a incendida cratéra!
E por mais que declame e brade enfurecido,
Nem um som repercute o som do meu gemido!
E eu ardo ao Sol e clamo ao Céo pedindo orvalho,
Mas, debalde chorar! mas, perdido trabalho!
— Eu — terra amaldiçoada ! — eu — verdadeiro Inferno!
Hei de, eterna, existir sob esse fogo eterno! »

— O' velho Sahára nú, o teu clamor acalma,
Que outro deserto assim alguem traz dentro d'alma...

Julio Maciel, poeta novo, filiado á escola parnasiana, é um eximio artista do verso. Ainda não se affirmou a sua personalidade litteraria dum módo bem pronunciado, mas a sua intuição artistica paréce-nos revelar muitas proméssas, a julgar pelas producções até agora publicadas. O soneto que se ségue, *Jacarecanga*, inspirado numa bellissima lenda cearense, evidencía um talento magnifico :

Rebelde e forte, aqui, outr'ora, se implantava
A taba indiana : aqui, onde a alma lua cheia,
Prodiga, derramando em cachões a luz flava,
— Agora a estes casaes a fachada clareia.

Quanta vez som de inubia, entrechocar de clava
Não vibrou pelo azul que sobre mim se arqueia !
Praia! o tropel da tribu em correria brava,
Quanta vez não sentiste a sacudir-te a areia!

E embora tu, Passado, a lenda antiga escondas,
Eu sei que amôr tambem floriu aqui : no threno
Da aragem, no marulho eloquente das ondas,

Parece-me, inda escuto em meio a noite clara :
O selvagen rumor dos beijos de Moreno
E as falas de paixão da meiga Tabajara!

Mario Linhares é um poeta espontaneo, cultor dum lyrismo quasi romántico. A sua poesia, pôsto que meticulosamente trabalhada, com inexcedivel precisão technica, resente-se de certa debilidade nas imagens e na expressão; nos seus ultimos trabalhos, porém, já se evidencìa mais plásticidade e colorido.

O poeta possúe inédicto um volume de poesias — *Bulcões*. A sua actividade mental é extraordinaria : na critica, na poesìa, na prósa, tem-se exercitado com vigor. Comtudo, preferimos o poeta ao crìtico.

Leiamos o *Artista*, que revéla a ultima feição da sua esthética :

Lucta extenuante e vã, improfiquo tormento,
O do artísta a buscar no tórculo da rima
O molde lapidar com que fielmente exprima
A sincera expressa do humano sentimento.

E — bloco de esculptura — a Idéa e o Pensamento,
A alma nervosa e em febre, entalha, corta, lima;
Na augustia desse afan sente a cada momento
Que, em fremitos de triumpho, o estro a Forma sublima.

A arder á combustão incandescente da Arte,
O cerebro abre á luz o rutilo estandarte
Do Verso e da Emoção como um pallio estrellado.

Infeliz Prometheu! Infeliz Pygmaleão :
— Jámais conseguirás talhar o coração
Sob os ferreos grilhões da Tristeza esmagado!

Rodrigues de Andrade, setario do *dilettantismo universalista* (1), é um artista de incontestavel valor. Não possúe obras publicadas, mas collabóra em diversas revistas nacionaes. Como poeta, a sua individualidade não está ainda rigorosamente definida. Seus symbolos tèm alguma cousade humano e palpavel, sem a nebulosidade dos symbolistas modernos; setario, ao que nos paréce, das novas theorias atomicas de Le Bon, o poeta assim se exprime : *No Azul :*

Homem! tu passarás pela Terra inclemente,
Exposto á chuva, ao sol, ao vento, á dor, ao luto,
E exposto ao odio vil dos maus constantemente,
Pagando á Vida assim um barbaro tributo.

Após, transpondo o val de lagrymas, ardente,
Combalido cairás no seio esconso e bruto...
E, quer na Crença, quer na Duvida impotente,
Aqui nunca fruirás o teu Sonho impolluto.

E que terás colhìdo alem do desconforto
Da Terra-mãe, que, alem, no seu, ventre maldicto,
Te fará pó subtil, quando tombares morto?

— Nada! Tudo! Quem sabe! A sonhar te concito!
A' evolução do Ser-Ether, verás, absorto,
O seu Sonho, talvez, nesse Azul Infinito!...

Soares Bulcão é um artista másculo, possuidor duma bella intuição artistica; a fórma do seu verso é plástica e tersa. Possúe inédicto diversos volumes (*Helianthus* e *Meu Filho)*, já se achando nos prélos, em Lisbôa, o magnifico volume das *Paremias*, prefaciado pelo Conde de Affonso Celso.

O soneto seguinte, que vale uma profissão de fé artistica, denota a exhuberancia verbal do poeta, a par de uma sólida orientação litteraria. *Artista :*

Ardas de febre, emfim, mas que teu plectro nunca
Sintas desfallecer ante o fulgor de Marte;
Jámais conserve a fórma a construcção que a trunca
E a rìma jámais fuja ás exigencias d'arte.

Descreva o templo sacro ou falle da espelunca,
Erga teu estro altivo o bellico estandarte,
Tudo o que a mente sonda e que o universo junca,
Celébre victoriosa a estrophe em toda parte.

Trabalhe e eleve o Artista o estylc alto e preclaro,
Em cada simples phrase em que medite e escreva,
Ponha a opulencia astral de um rico escrinio raro;

(1) Sylvio Roméro. — *Novos Estudos de Litteratura Contemporanea.*

**CHRONOMÈTRE** VACHERON e CONSTANTIN, de GENÈVE.
☞ **ROYAL,** RIO. Ouvidor, 93-95, ***Clubs Casa Standard.***

Mas nunca occulte á estatua a quem seu verso anima;
A plastica nudez que a immortaliza e eléva,
Com os requintes da Fórma e os ouropeis da Rima.

E' necessario attendermos á quantidade de espaço de que dispômos, e deixarmos cahir o ponto final a estas ligeiras nótas. Antes de fazêl-o, porem, reléva lembrar ao leitor que apenas mencionámos aqui, com absoluta selecção, os nomes dos poetas mais em evidencia nesta hora da intellectualidade cearense, omittindo os daquelles que apenas vão se evidenciando agora nas revistas e jornaes.

Quanto ás producções citadas, é mistér considerar que as colhemos ao acaso, em publicações avulsas, — o que impórta dizer que não presidiu um criterio seguro á sua selecção, facto este que maior valor imprime aos poetas aqui contemplados.

E depômos a penna.

Rio, 1909. C. O.

# BIBLIAS EM PORTUGUEZ

Correm hoje em profusão muitos exemplares de varias edições, mais ou menos correctas, de *Biblias* em lingua portugueza, principalmente por influxo das sociedades acatholicas que as distribuem a preço vil.

E' util, pois, conhecer as edições antigas e mais autorizadas da Biblia segundo o que escreveu. A. Pimentel com os subsidios que lhe prestou o insigne bibliographo portuguez Innocencio.

Temos em portuguez trez versões regulares da Biblia : 1º A de João, Ferreira A. de Almeida, cuja publicação, como a de todas, começou pelo *Novo Testamento*, traduzido do original grego, e impressa ainda em vida do traductor. Amsterdam 1681 in 4.º — Houve segunda edição revista e emendada, Batavia 1693 in 4.º — a qual é hoje rarissima, e anda no Manual de Brunet citada em 40 florins. — Terceira edição, Amsterdam 1712, 4.º. — Quarta edição, Trangambar 1760, 2 vol. in 8.º gr. — Quinta edição, Batavia 1773. 8.º (que passa entre todas por mais correcta e legivel.) E não se conhecem mais edições até o fim do seculo XVIII. Isto quanto ao *Novo Testamento*.

Do *Velho Testamento* publicou-se postumo o tomo 1, Batavia, 1748, in-8.º — e o tomo II, ibi, 1753, in 8.º — Haviam, porém, já sahido impressos em separado : *Os livros historicos do Velho Testamento*. Trangambar, 1738, in 4.º — Depois *Os cinco livros de Moysés*, etc. ibi. 1757, in 4.º — E o *Livro dos Psalmos*, ibi, 1740, in 8.º e 1749, tambem in 8.º (*1*)

No presente seculo tem sido toda a *Biblia* varias vezes reimpressa pelas Sociedades Biblicas de Inglaterra e da America. D'estas posso apontar sómente (por ter exemplares á vista) uma de Londres, 1819, in 8.º gr. — e outra de New-York, 1850, 8.º gr. — 2.ª versão, a do P. Antonio Pereira de Figueiredo, feita sobre a vulgata latina. D'esta sahiu primeiro, á luz em 1772 o *Novo Testamento*, em 6 volumes de 8.º, a que se seguiram os *Psalmos*, em 1782, 2 vol.; e depois o *Genesis* e mais livros do *Testamento Velho*, terminado o ultimo vol. em 1790, impresso tudo em Lisboa, Regia

(1) As traducções de João Ferreira de Almeida são classicas no sentido da vernaculidade, mas o traductor era protestante.

Officina Typographica. Logo se começou segunda edição revista e retocada pelo autor, sob o titulo *Biblia Sagrada*, etc., feita na mesma officina, 1791 a 1803, e depois o *Testamento Novo*, ibi, 1803 a 1805; ao todo 23 tomos no formato de 8.°, tudo com prefações, e notas e lições varias, etc.

*Terceira edição*, novamente revista, e acompanhada do texto latino, Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1794 e seguintes. 7 vol in folio.

Modernamente appareceu em nova edição a *Biblia Sagrada*, Lisboa, Typographia de Sousa Neves, 1852 a 1857, 3 vol. de folio com gravuras; foi editor Silva e Sousa.

Pelo mesmo tempo se publicou em Lisboa outra edição no mesmo formato, tambem com estampas, de que foi editor J. C. de Aguiar Vianna. — Não a tenho presente.

Afinal imprimiu-se em Paris, no anno de 1864, a expensas do editor Garnier do Rio de Janeiro uma nova e bella edição d'esta versão da *Biblia Sagrada*, em 2 vol. de 4.° maximo, com gravuras em aço, novas annotações, e o typo latino etc.

Afora estas ha não sei quantas edições, feitas pelas Sociedades Bibli-cas, das quaes só aponto as de Londres 1821 — e 1860, e vi tambem outra feita em Lisboa, na Typographia Universal, 1825, in 4.° — Tanto a esta como á de 1860, faltam os livros biblicos que os protestantes não reconhecem como canonicos.

3.° Versão — a de Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento. D'esta publicou-se primeiro o Novo Testamento com o titulo : *Historia Evangelica, etc.* Lisboa, na Regia Officina Typographica, 1777 e 1778, em 8 tomos de 4.° — E em seguida toda a Biblia (trazendo o texto latino) tendo por titulo : *Historia Biblica etc* Lisboa, 1778 e seguintes, diversas, officinas, 44 tomos de 4.°

É uma traducção paraphraseada, e todos os livros são acompanhados de notas prefacios, reflexoes illustrativas, com um *Diccionario historico-etymologico dos nomes proprios etc.*

Consta-me que ultimamente se fizera no Porto uma reimpressão, em não sei quantos volumes : d'ella não sei dizer mais cousa alguma.

4.° De Fr. Joaquim de N. S. de Nazareth, Bispo que foi do Maranhão e de Coimbra, ha tambem : *O Novo Testamento de N. S. Jesus-Christo conforme a Vulgata, traduzido e annotado* (*com o texto*) — Maranhão, em diversas Typographias 1845 — 1847 — 3 tomos de folio.

N. B. Vi ainda uma versão *anonyma* que faz alguma differença de todas as indicadas. Tem por titulo : *O Velho Testamento revisto e reformado segundo o original hebraico* seguido do *Novo Testamento revisto e reformado segundo o original grego*, Lisboa, na Typographia Universal, 1869. Um grosso volume no formato de 8.° pequeno.

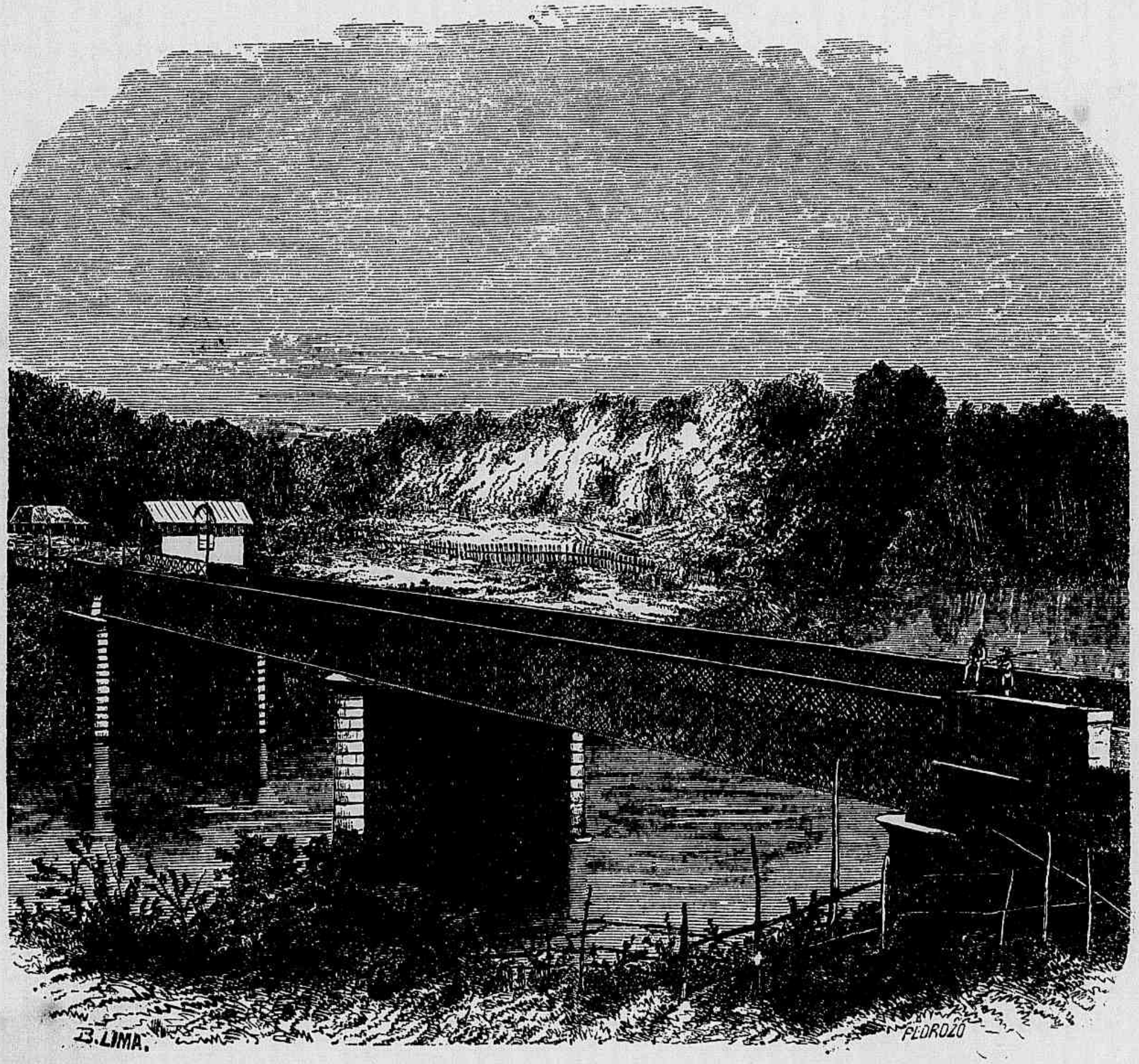
**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

# BRASIL ANTIGO

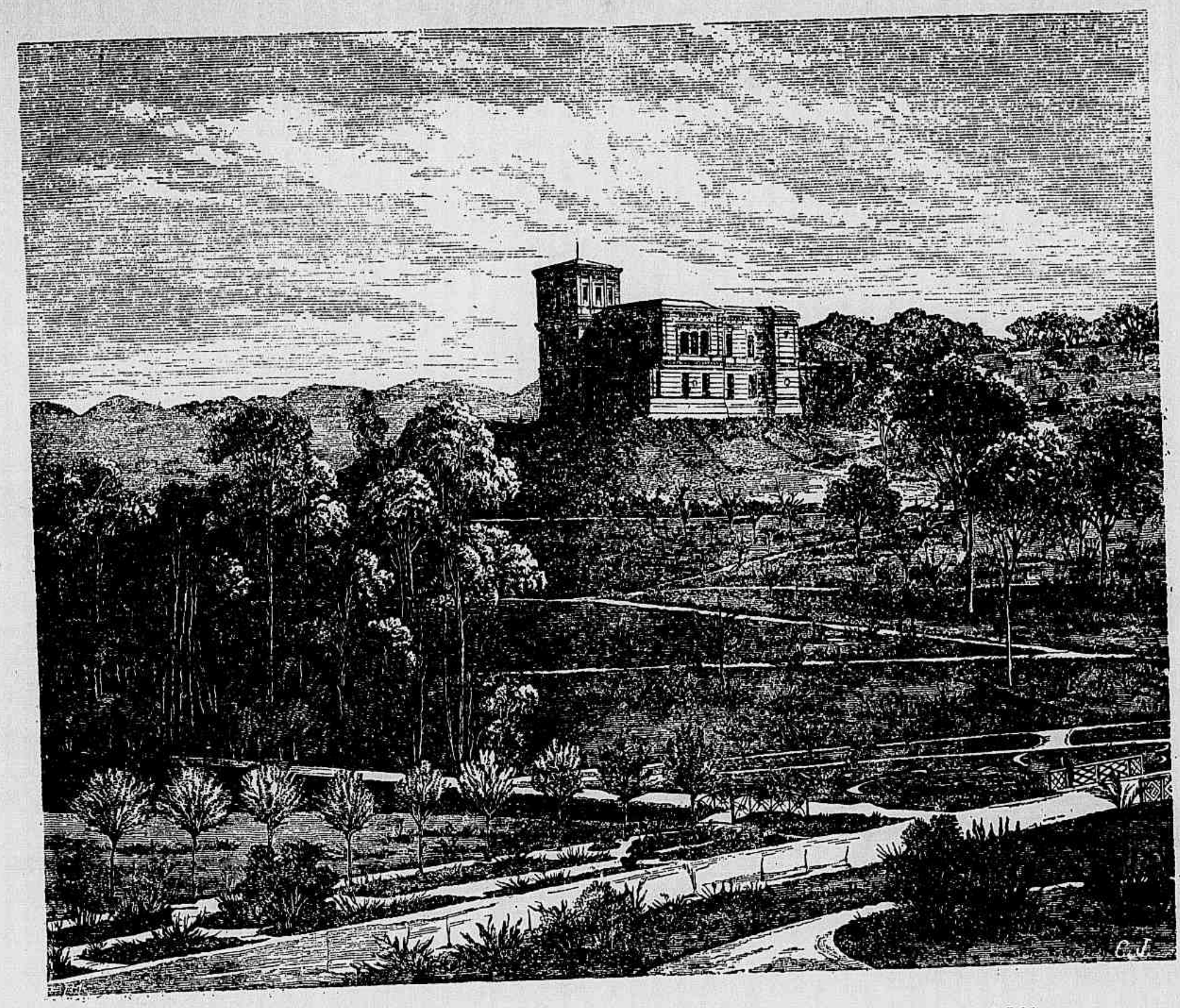
## Estrada União e Industria (1861)

A propozito da estrada de automoveis entre Rio e Petropolis de que falaremos em outro lugar d'este annuario, lembremos aqui um pouco do passado. As gravuras que reproduzimos, datam quasi de meio-seculo e reprezentam varios pontos da grande *Estrada de rodagem*

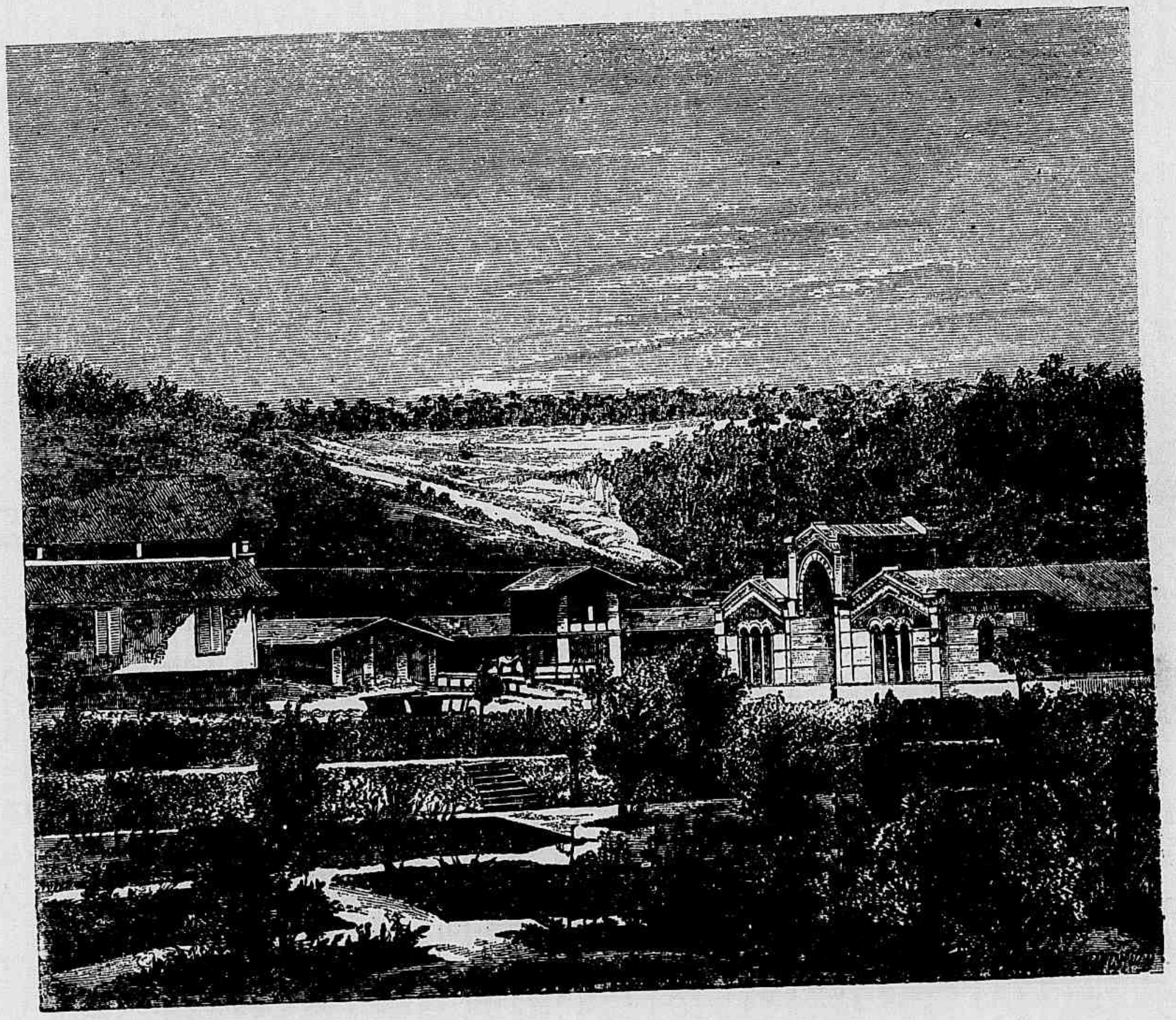



Estrada União e Industria. — Ponte americana ou de Carlos Gomes (1861).

aberta entre Petropolis e Juiz de Fóra e entregue ao transito publico em 1861. No tempo, foi um commettimento de excepcional importancia, quando ainda eram invias e difficies as communicações com as Minas Geraes, e já florecia a grande industria dos Cafezaes na antiga provincia do Rio de Janeiro e na parte limitrophe de Minas. A estrada foi construida pela *Companhia União e Industria*, cujo presidente Mariano Procopio Ferreira Lage deixou perenne memoria no Brasil como exemplo de labor e actividade.



Estrada União e Industria. — Palacio e quinta do Snr. Ferreira Lage (1861).



Estrada União e Industria. — Estação principal ou do Juiz de Fóra (1861).

# O primeiro dos nossos musicos

(OLIVEIRA LIMA)

---

O espirito musical desenvolvera-se aliás sufficientemente na colonia americana de Portugal para que o famoso Marcos Portugal, mestre de capella do Rei, membro do Instituto de França e compositor cujas operas se representavam com grande exito em todos os palcos italianos da época, alli pudesse encontrar, no Rio de Janeiro — onde a côrte de Lisboa, se viera estabelecer em 1808, por occasião da invasão da Peninsula pelas tropas napoleonicas — um digno emulo. Chamava-se este José Mauricio Nunes Garcia, era padre e nascera no Brasil : sua musica sacra, procedente dos grandes mestres allemães, é, porém de uma altissima inspiração e de uma realização verdadeiramente notavel.

Foi precizamente uma das maravilhosas sonatas de Haydn — o extraordinario artista cujo centenario celebramos por meio deste Congresso Internacional de Musica, e a quem seu contemporaneo brasileiro collocava acima de Haendel e de Mozart e a par de Bach — o primeiro trecho de musica que o padre José Mauricio teve a honra de tocar diante da real familia de Bragança e na presença do celebre « maestro Portogallo ». Executou-a elle com um transporte e uma virtuosidade admiraveis, a julgarmos pelas paginas commovidas dos « Estudos Criticos », nos quaes o illustre escriptor e apaixonado amador de musica, igualmente brasileiro, Escragnolle Taunay, evoca tão curiosa recordação.

Permitti que vos leia estas poucas linhas a esse respeito.

« José Mauricio, porém, nada via, estava todo com Haydn. No andante deu tal melancolia ao thema dominante, fez por tal fórma realçar a phrase melodica que nas composições de Haydn perpassa insistente, cosmo indecisa chamma, por sobre torrentes de harmonias encadeadas, arrancou do piano vozes taes, tão plangentes e novas — as lagrimas de que falla Mozart — que por toda a sala e contra as regras da etiqueta circulou um sentido bravo.

Continha-se, porém, o arbitro supremo de quem tudo dependia; mas quando José Mauricio atacou o « presto », final e, sem discrepar uma nota, com a nitidez de magistral execução, destrinçou os motivos que aos quatro e cinco se travam intimamente naquelle estylo fugado de pasmosa riqueza e exuberáncia, Marcos Portugal não teve mais

mão em si, poz-se, talvez, máo grado seu, de pé, e ao morrerem as ultimas e vigorosas notas da sonata, precipitou-se para aquelle que de repente se constituira seu igual e, no meio dos applausos dos principes e da côrte, apertou-o nos braços com immensa effusão ».

O pintor brasileiro de immenso talento que é Henrique Bernardelli, fixou por sua vez numa das suas mais bellas télas aquella tradição artistica que, pelo que se vê, é cara ao nosso sentimento collectivo.

José Mauricio (1767-1830) é assim o representante por excellencia entre nós da musica classica, a qual foi sobretudo divulgada por um discipulo de Haydn, considerado mesmo seu discipulo preferido. Chamava-se Segismundo Neukom (1778-1858) e residio no Brasil de 1816 a 1821.


# CASA DE SAUDE
## Dor EIRAS
Rua Marquez d'Olinda (BOTAFOGO)

BOND-HUMAYTA

Acreditado e antigo estabelecimento em sitio saudavel, no meio de vegetação, gozando de optimo panorama sobre a bahia de Botafogo.

E' dividida em duas partes, **INTEIRAMENTE SEPARADAS.**

Uma para o tratamento de alienados, subdividida em pavilhões, com secções de electricidade, duchas, etc. Outra, distante da primeira, denominada **CHALET OLINDA** e destinada a operações, molestias geraes, etc. N'esta secção não se aceitão alienados.

* FAQUEIROS COMPLETOS * LONDRES
DE MAPPIU ET WEBB
CLUBS DA CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.

## Versos de Quintino Bocayúva

O *Jornal do Commercio* da sua edição da tarde, ha pouco tempo, divulgou uma poesia de Quintino Bocayuva escrita em lingua castelhana vae para quazi sessenta annos. Eil-a :

Yo no tengo una esperanza
Que me caliente em mi vida,
Soy como la hoja secca
Y del arbol desprendida.

Tuve, es cierto, en otros tiempos
Dentro, de mi corazon,
Una imajen hechicera
Que me dió inspiracion,

En el jardin de mi pecho
Brotó la flor del amor
De ella tengo un recuerdo
Prendida a mi cruel dolor.

Tuve mis suenos de nino,
Tuve tambien ilusiones,
Soné amores del cielo,
Fuéron mentidas visiones.

Huieron todas y sólo
De la vida en el desierto,
Me dejaron como estatua
Sobre la tumba de un muerto.

Sin padre, madre, ni amor.
Amo el sol y las mananas;
Toda mi vida se encierra
En ellos y en mis hermanas.

Sólo y triste en el mundo
Todo yo soy un misterio,
Hasta que llégue la muerte
Y me lleve al cementerio.

(S. Paulo) — (1853).

RIO DE JANEIRO

Unicos depositarios dos afamados relogios "LA MAISONNETTE"

**Relojoaria, Bijouteria e Joalheria**

**A' PENDULA BRAZIL**

Officina de Concertos de Relogios e Joias

**Eduardo, Clerc & C.ª**

Rua da Quitanda n. 149 *(Antigo 123)*

*(Esquina da Rua de S. Pedro)*

# NOTULAS

Os artistas e escriptores francezes deram recentemente um jantar a Rodin e convidaram para elle o dramaturgo inglez Bernard Shaw.

Este escreveu em muito bom francez uma carta agradecendo o convite. Eis o que disse o escriptor inglez : « Considero este banquete superfluo. Já tomei as minhas medidas para garantir-me a immortalidade associando o meu nome com o de Rodin. Encontrareis de futuro em todas as encyclopedias : « Bernard Shaw : assumpto de um busto de Rodin, fóra disto desconhecido. » Se o busto se perder ou se estragar, tanto melhor para mim; toda gente fallará então do perdido Bernard Shaw de Rodin como se falla da perdida Athenéa de Phidias.

As mais bellas estatuas são aquellas que nunca foram vistas. Desse modo estou associado aos vossos banquetes; sois apenas os amphytriões de Rodin, como Philemon e Baucis; eu, tenho a honra de ser seu modelo. Festejar Rodin parece-me um pouco presumpçoso. E' como se Adão, depois dos sete dias da creação, offerecesse a sua boceta de rapé ao Omnipotente com esta observação :

« Minhas congratulações! E' excellente! » Eu não ouso. Rodin, porém, perdoar-vos-ha. A sua patria já lhe deu muitas cousas que elle póde perdoar, e portanto, elle já está habituado a isso. Sinceramente vosso G. Bernard Shaw. »

* * *

Na *Academia Mineira* de Letras trata-se de um diccionario de brasileirismos.

Ao academico Costa Senna, presidente da commissão elaboradora de um diccionario, foi presente pelo academico Carlos Góes, relator, o plano geral de systematização do alludido lexicon.

O relator divergiu da primitiva idéa de um diccionario da lingua portugueza e opinou por um Diccionario Brasilico-Mineiro, dividido em 7 secções, a saber : o *provincialismo* ou *giria* regional : o *folk-lore* regional; a *historia* mineira; a *chorographia* mineira; a *flóra* mineira: a *fauna* mineira; a *geologia* mineira.

* * *

Albino Mendes, condemnado no Rio, a oito annos de prisão, por crime de moeda falsa, em Dezembro de 1907, compoz no carcere um livro de sonetos.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

Dedicou os seus versos ao Sr. Dr. Esmeraldino Bandeira, então Ministro do Interior, enviando o livro a S. Ex.

Os versos, equivalem mais ou menos ás suas moedas, causa da sua desgraça, mas como ellas com alguma habilidade podem passar; são mesmo muito melhores que as suas moedas em alguns casos como n'este :

Se alguem pudesse avaliar ao certo
Quantas estrellas tem o firmamento,
Ou quantos grãos d'areia espalha o vento
Quando passa a rugir pelo deserto...

Se da campa sombria alguem desperto
Nos pudesse fallar por um momento,
Ou se algum dia o nosso pensamento
Pudesse ler num livro nunca aberto...

Se passasse um instante á Eternidade,
Pudesse haver riqueza sem cubiça,
Ou coração de mãi sem amizade...

Só assim poderia a humanidade
Possuir neste mundo uma Justiça
E saber definir o que é a Verdade!...

* * *

## Livros brazileiros excommungados.

Quas são elles?

« O arcebispo da Bahia teve uma ideia luminoza : rezolveu excommungar um livro recente do Dr. Almachio Diniz, intitulado : « A carne de Jesus. »

Sem ter ainda lido esse pequeno volume de um autor aliaz recomendavel por muitos titulos, uma couza se pode desde logo invejar-lhe : o excelente réclame feito pelo arcebispo.

O réclame — dirão — só servirá para os incréus e com esses não se preocupa aquelle sacerdote. Mas é um engano. Muitos dos fiéis abrirão as pájinas do livro maldito. A curiozidade será mais fórte... Depois, no confissionario, pôr-se-ão de novo em bôa harmonia com o céu...

A propozito pode notar-se um fato : o numero de livros brazileiros incluidos no Index Librorum Prohibitorum é insignificante. A lista pode ser dada aqui, sem ocupar muito espaço :

As Biblias Falsificadas pelo Christão Velho.

Historia da franc-maçonaria (1846).

O cazamento civil por Kornis de Totvarad (1850).

Elementos de direito ecleziástico e Compendio de Teolojia de Monte Rodriguez de Araujo (1869).

A luz e as trevas, sermão prégado em Jundiahy, pelo padre Joaquim do Monte Carmelo (1876).

A nevroze mistica por Americo Rapozo (1895).

Ganganelli, a Igreja e o Estado por Saldanha Marinho (1876).
Defeza do Racionalismo por Pedro Amorim Vianna (1866).
O invento Abel Parente por Francisco de Castro (1895).

Na edição de 1900 do Index são esses os unicos livros brazileiros prohibidos. Apenas dois tem algum valor : o de Saldanha Marinho e o do Dr. Francisco de Castro sobre a famoza questão Abel Parente.

Vê-se bem como a propria igreja é a primeira a sentir a inutilidade de suas excomunhões... »

Esta curiosissima noticia é de *M. A.* que assim nos dá uma informação, cremos, ainda ignorada dos brazileiros.

* * *

Este soneto — a *Sulamita* — é de Anthero do Quental e inspirado no *Cantico dos Canticos :*

Quem anda lá por fóra, pela vinha,
Na sombra do luar meio encoberto,
Subtil nos passos e espreitando incerto,
Com brando respirar de criancinha?

Um sonho me acordou... não sei que tinha...
Pareceu-me sentil-o aqui tão perto...
Seja alta noite, seja no deserto,
Quem ama até em sonhos adivinha...

Moças de minha terra, ao meu amado
Correi, dizei-lhe que eu dormia agora,
Mas que póde ir contente e descançado,

Pois se tão cêdo adormeci, conforme
E' meu costume, olhai, dormia embora,
Porque o meu coração é que não dorme...

* * *

## Academias...

Candidatos que não logrem um lugar na Academia não devem por isso ficar desconsolados.

Lembrem-se de que sempre terão excellentes companheiros na historia de todos os cenaculos de literatura.

Um exemplo. Pierre Ch. Roy, poeta francez, n. em Paris no anno de 1683 e m. em 1764. Dedicando-se desde muito novo ás letras ganhou nove premios na academia dos jogos floraes e tres na Academia franceza. Apre-

BICYCLETTES
STAR
de Star Cycle Co.
CLUBS
A machina mais veloz e mais segura
CASA STANDARD

sentando-se candidato a uma cadeira d'esta ultima corporação não foi admittido, sendo-lhe preferido o conde de Clermont o que deu causa a que o poeta se vingasse com o seguinte epigramma :

Trente-neuf joints à zéro
Si j'entends bien mon numero,
N'ont jamais pu faire quarante,
D'où je conclus, troupe savante,
Qu'ayant à vos cotês admis
Clermont, cette masse pesante,
Ce digne cousin de Louis,
La place est encore vacante.

A academia não admittiu Roy porque elle a tinha censurado n'uma allegoria satyrica intitulada a *Carroça* e segundo refere Palissot o epigramma que acima transcrevemos custou a vida ao auctor, porque Clermont encarregou um preto de o vingar e este agente do novo academico de tal modo se houve no desempenho d'essa missão que á paulada deixou o poeta em tal estado que falleceu d'ahi a pouco.

Os potentados como Clermont, graças ao plebeismo de hoje, não podem encommendar sovas de pau, limitam-se a não tirar o chapéo á gente.

* * *

**Abide with me...**

E' o titulo do hymno favorito de Eduardo VII.

O medico brasileiro, dr. J. G. Rocha, residente em Londres fez d'aquelle famoso hymno a seguinte tradùcção :

Commigo habita, oh Deus! A noite vem
As trevas crescem; eis, Senhor convem
Que me soccorra a tua protecção!
Oh vem fazer commigo habitação!
Depressa encontrarei o fim mortal,
Desapparece, o goso terreal;
Mudança vejo em tudo, e corrupção,
Commigo faze eterna habitação!
Vem revelar-te a mim, Jesus, Senhor,
Mestre divino, Rei, Consolador;
Meu guia forte, amparo em tentação
Vem, vem commigo fazer habitação,
Presente estás em trevas, ou na luz,
Não ha perigo onde estiver Jesus;
A morte e a tumba não aterrarão
Onde meu Deus fizer habitação
Oh morte! Em Christo existe redempção
Sepulchro, o pó verá resurreição!
No Reino além não ha perturbação,
Herdo com Deus perenne habitação!

* * *

## O Brasil e os Pedros...

Descobriu o Brasil um *Pedro* (Alvares Cabral); a primeira noticia da região foi de outro *Pedro* (Vaz de Caminha); o primeiro chronista *Pedro* (de Magalhães Gandavo); o primeiro imperador e o ultimo foram *Pedros* (I e II); o primeiro bispo foi *Pedro* (Fernandes Sardinha).

## Anecdota literaria

Em 1847, o grande escriptor e poeta Antonio de Castilho, desgostoso de Portugal, onde alguns literatos lhe faziam invejosa opposição e injustas criticas, partiu, para os Açores e em Ponta Delgada fundou uma imprensa onde se imprimiu um jornal de que foi redactor principal, o *Agricultor Michaelense*. Alli residiu tres annos e alli escreveu e imprimiu *A Felicidade pela agricultura*, livro admiravel pela belleza do estylo e a alteza das considerações, *Ou eu ou elles* um dos seus violentos pamphletos, as *Noções rudimentaes para uso das escolas*, os *Primeiros exercicios de leitura*, o *Hymno dos lavradores*, e o *Camões* drama fundado sobre uma mediocre peça franceza transformada n'uma joia pelo imitador liberrimo. N'essa peça figurava o *Auto das boas estreias* que se representara diante de D. Sebastião, e que o poeta attribuia ao seu antepassado Antonio de Castilho, classico quinhentista, pouco conhecido aliás, fóra do circulo dos bibliographos e estudiosos da lingua. É um *pastiche* esplendido dos autos do seculo XVI, com a differença porém que n'esse seculo nem se metrificava com tanto primor, nem se coloria com tanto brilhantismo o estylo. Essa brincadeira litteraria não se podia pois tomar a serio, quando o auto foi enviado para um jornal de Lisboa, como se tivesse sido encontrado n'um manuscripto da ilha. Comtudo José Maria da Costa e Silva caiu no logro, e no seu *Ensaio biographico-critico dos melhores poetas portuguezes* transcreve todo o auto como obra posthuma de Antonio de Castilho, fazendo-lhe os maiores louvores, louvores que decerto não dispensaria a Antonio Feliciano de Castilho, de quem era litterariamente, inimigo figadal. Assim se castigam e se podiam castigar muitos dos criticos contemporaneos.

COMPANHIA DE SEGUROS
Maritimos e Terrestres

Capital Social
4.000:000$000
Capital Emittido
2.000:000$000

CONFIANÇA
Fundada em 1872

DEPOSITO
no
Thesouro
200:000$000

Sinistros pagos até ao presente : 5.800 cont.

Rua General Camara, 21 RIO DE JANEIRO

# O selvagem perante o direito (1)

(INGLEZ DE SOUZA)

« Proponho que o Instituto represente ao Congresso Nacional sobre o imperioso dever e alta conveniencia de regularizar no Direito Nacional a situação dos aborigenes do Brasil, quer aldeiados, quer errantes ou nomades, de modo a protegel-os efficazmente contra as violencias e depredações de que são victimas e a incorporal-os ao organismo economico do paiz como força productora, decretando legislação apropriada a esse duplo fim, em bem dos sentimentos de humanidade e dos interesses da civilização. »

Sala das sessões do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, em 15 de Junho de 1889. — *H. Inglez de Souza.*

Ao seguir o caminho do exilio, depois da dissolução violenta da Constituinte, José Bonifacio de Andrada e Silva levava o projecto que pretendera apresentar á Assembléa Geral Legislativa sobre a abolição do trafico de africanos e emancipação gradual da escravatura, o qual, com o regulamento da civilização geral dos Indios, considerava de maior interesse para a prosperidade futura do nascente Imperio.

Após a acção decisiva que tivera na proclamação da nossa independencia politica e que, a justo titulo, o sagrou seu Patriarcha, José Bonifacio propunha-se resolver, com a lucida visão do futuro da patria e perfeito sentimento de suas mais frementes necessidades, o problema ainda hoje indeterminado da irmanação das raças que povoam o nosso solo e da homogeneidade nacional.

« E' da maior necessidade, dizia, ir acabando tanta heterogeneidade physica e civil : cuidemos em combinar desde já, em combinar sabiamente, tantos elementos discordes, e em *amalgamar* tantos metaes diversos, para que saia um todo homogeo e compacto, que se não esfarele ao pequeno toque de qualquer nova convulsão politica. »

Terminando a sua eloquente Representação á Assembléa Constituinte, exclamava, com admiravel intuição do momento politico e social, o autor principal da independencia, no dia seguinte ao glorioso facto : « Sem a abolição do infame trafico da escravatura africana e sem a emancipação successiva dos actuaes captivos, nunca o Brasil firmará a sua independencia nacional e segurará e defendará a sua liberal Constituição ; nunca aperfeiçoará as raças existentes, e nunca formará, como imperiosamente o deve, um exercito brioso e marinha florescente. Sem liberdade individual não póde haver civilização nem solida riqueza ; não póde haver moralidade e justiça e sem estas filhas do céo não ha nem póde haver brio, força e poder entre as nações. »

Com estes profundos conceitos, traçando o roteiro de uma nacionalidade pela cohezão consciente dos elementos da população, despedia-se da patria o grande Andrada, em quem Pedro I vira um anarchista e desordeiro, e a intriga dos politicantes um despota orgulhoso, inimigo da liberdade ; e a obra projectada, que os seus inimigos não podiam comprehender, parava, tolhida pela colligação dos interesses, e mais de sessenta

(1) Conferencia do Dr Inglez de Souza no Instit. dos Advogados.

annos foram precizos, largo tempo de lutas, de hesitações, de hypocrisias, de desespero e de infamias sem nome, para que a torrente do abolicionismo, vencendo todos os obstaculos, rompendo todos os diques, destruindo todas as opposições, sacrificando todos os interesses legaes — menos os da humanidade e da justiça, produzisse a luz resplendente de 13 de Maio e levasse a Princeza D. Isabel a subscrever, entre sorrisos de sublime leviandade, a lei que abria espaço á propaganda activa, enthusiastica e decisiva com que da Garganta de Jabaquara, um dos lugares santos do abolicionismo, o verbo de Silva Jardim, lava candente, abalava o throno dos Braganças.

Cumpria-se assim, após mais de 60 annos, uma parte do programma de José Bonifacio. Os papa-peculios, os malsinados receptadores e ladrões de negros, os *sem vintem*, os doidos, os que queriam levar o paiz á ruina, atacando a propriedade, venciam os ricos e poderosos, arrastando os Governos apavorados e hesitantes.

Que foi feito, porém, do outro projecto que o Patriarcha da Independencia reputava necessario á grandeza da Patria?

Os projectos de remodelação do nosso direito civil não se occupam dos selvagens, que em numero ainda consideravel vagueiam nas florestas de Mato-Grosso e do Amazonas, de Goyaz e de S. Paulo. O Governo da Republica deixou-os em abandono até agora. Sómente após vinte e dous annos da abolição do elemento servil cogitou da civilização dos indios e de extinguir-lhes o captiveiro.

A muita gente, isso que acabo de dizer de captiveiro e de indios dará a impressão de estar ouvindo cousas da época do Marquez de Pombal. Pois ainda se captivam indios?

Para os que vivem nos centros populosos, nas capitaes e cidades mais adiantadas, a questão que de longe em longe levanta algum sonhador, é, com effeito, causa de indignação e sorpreza. Fallar de escravidão no Brasil depois de 13 de Maio de 1888 parecerá parto de imaginação doentia, fantasia de poeta buscando emoções ou soffrimentos, ou ainda alguma cousa dessa morbida benevolencia brasileira que, á força de repetida, se transformou em axioma, embora desmentida por factos quotidianos.

Aos que se occupam de materias graves, de problemas sérios de politica, economia, finanças, industria, saude publica, póde parecer inopportuno, talvez impertinente, o assumpto que os força a encarar de face uma das chagas mais feias desta requintada civilização de que nos gabamos, pois que, em regra, só nos convém conhecer aquillo que outras nações podem mostrar, para nos não supporem inferiores ao typo commum do grupo occidental. Finanças avariadas, politica medieval de oligarchias locaes, agricultura sem braços, contradictoriamente complicada de excessos de producção, corrupção do funccionalismo, preconicio e falseamento de systemas eleitoraes, são males communs aos paizes do velho e do novo

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

mundo, e que, longe de nos envergonharem, servem para recheio de manifestos, relatorios e *plataformas*, e para os politicos se jogarem uns aos outros como inoffensivos limões de entrudo, conforme se revezam e succedem nos Conselhos do Governo ou nas agruras da opposição. Mas nem todas as desgraças da nossa terra se resumem em erros politicos, defeitos administrativos, molestias mais ou menos transitorias, que a mudança do regimen nos trouxe ou aggravou por imprevidencia, ou por serem manifestações fataes do organismo em desequilibrio. Crises economicas e financeiras, vasta e profunda corrupção administrativa, avassalamento da justiça, o empenho dispondo a bel prazer dos cargos publicos, tem-n-os visto e atravessado os mais adiantados povos da terra, se é que não constituem vicios elegantes de gente civilizada. Muito mais doloroso é o soffrimento que punge a consciencia nacional, quando se offerece a segurança de padecerem os horrores de uma perseguição deshumana centenas de milhares de patricios nossos, um milhão talvez, antigos donos desta terra, acossados como feras pelos invios sertões onde se refugiaram, ou abatidos e dominados como escravos nas aldeias onde a nossa cobiça os recolheu. E' uma desgraça vergonhosa que exige a attenção das classes dirigentes, despertando por todos os modos a opinião publica. Não se continue a fingir ignorancia desse estado de cousas que nenhum Brasileiro deixará de lamentar, ainda que lhe peze a confissão da culpa. Desta tribuna, neste recinto em que tantas vezes, forte, convicta, eloquente se fez ouvir a voz dos mais autorizados cultores do direito, eu de novo a publico e proclamo, essa ignominia da nossa civilização bastarda, na convicção de que, concorrendo para tornal-a patente, o Instituto, a que tenho a honra de pertencer, contribue para a obra do saneamento moral do paiz.

A escravidão dos indios é mal antigo que, parece, só se extinguirá quando lhe faltar o alimento e do territorio nacional houver desapparecido o ultimo aborigene. A historia do Brasil colonial, em grande parte consiste na luta entre os colonos, agindo em nome das necessidades da lavoura, e os jesuitas, protectores dos indios em nome da humanidade e da religião, tal como nos ultimos annos do 2º reinado se travou o combate entre os grandes fazendeiros de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro e a phalange abolicionista que forçou a promulgação da lei de 13 de Maio. Menos felizes, porém, do que os seus companheiros e substitutos no trabalho servil, os indios não encontraram o seu Euzebio de Queiroz, o seu Paranhos, o seu Joaquim Nabuco; não tiveram parceiros como Luiz Gama e José do Patrocinio, um contrabandista audaz da liberdade como Antonio Bento, nem para elles as jangadas, deslizando sobre os verdes mares, abriram as grandes vellas como lábaros libertadores. Ao passo que a luta pela alforria do negro foi rapida, brilhante, decisiva, terminando por uma simples lei votada, sanccionada e promulgada entre applausos, flores, abraços e alegrias, a situação dos caboclos permaneceu inalteravel diante da geral indifferença, erguendo-se apenas, de longe em longe, alguma voz isolada, logo acoimada de fantasista e romanesca, para lamentar a sorte dos infelizes abandonados á

exploração e á cobiça dos brancos, sujeitos a duros trabalhos incompativeis com as suas aptidões naturaes ou deixados á degradação do embrutecimento.

Porque da analogia da situação das duas raças inferiores, uma que os conquistadores encontraram dominando a terra, e outra que os piratas negreiros aqui despejaram, nasceu essa diversidade de tratamento e de interesse em detrimento daquella gente que a poesia de preferencia idealizou? Talvez porque os negros povoaram a costa ou as zonas proximas, aos olhos do extrangeiro que gostamos de lisongear, ao passo que vagando pelos sertões ou nas cabeceiras dos rios interiores, os indios só despertavam a curiosidade scientifica de algum explorador europeu ou americano ; ou, quem sabe, porque a escravidão do negro estava escripta na lei e a dos indios é costume e facto, e a nossa hypocrisia se contenta com o invocar o direito para honra da civilização, pouco valendo que a lei se execute ou cesse por desuso. Dir-se-ha que se trata de uma raça inferior, indigna de interesse e que deve ser esmagada se a concurrencia vital, segundo a theoria darwinica que Von Ihering, o jurisconsulto imperialista, pretendeu implantar no terreno do direito?

Entre os primeiros colonizadores foi grande questão se o selvagem brasileiro devia ser tratado como homem ou como besta. Segundo o Padre Simão de Vasconcellos, não só os *idiotas* como os *lettrados* chegaram a ter para si que os indios da America não eram verdadeiramente homens racionaes nem individuos da verdadeira especie humana, pelo que cada qual podia tomal-os para si e servir-se delles da mesma maneira que de um camello, de um cavallo ou de um boi, feril-os, maltratal-os, matal-os, sem injuria alguma, restituição ou peccado.

Tão arraigada andava essa convicção no animo dos novos senhores da terra sul americana que nada menos foi precizo para abalal-a do que uma bulla do Papa expedida a 9 de Junho de 1537 depois de larga discussão no Tribunal do Summo Pontifice, *ouvidas as informações de uma e outra parte*, e na qual se determinava que os indios eram homens racionaes e livres por natureza. Mas a sentença pontificia, se tirou o pretexto a uma ignorancia visivelmente affectada por incompativel com as luzes do seculo do Renascimento, não impedio que os nossos avós se aferrassem á escravidão dos indios, oppondo uma resistencia tenaz e invencivel aos esforços dos Padres da Companhia e de alguns estadistas, que afinal cediam á grita levantada pelos colonos, dando-nos esse espectaculo de actos de successiva contradicção e antagonismo, em que ora se attendia aos clamores dos jesuitas, ora, a bem da colonização e da agricultura se autorizava a guerra, a destruição e a escravidão dos indios, como ainda no principio do seculo XIX as cartas régias de 13 de Maio — ironia das datas! — 5 de novembro e 2 de Dezembro de 1808 e de 1 de

PRATARIA "PRINCE" egual á Prata
DE MAPPIU & WEBB — LONDRES
Casa Standard

Abril de 1809 mandavam declarar guerra aos botucudos de Minas Geraes e aos bugres de S. Paulo e levantar bandeiras contra os habitantes do sertão, visto que *não havia meio algum* de civilizar povos barbaros senão ligando-os a uma *escola severa* que os faça conhecer os bens da sociedade. « Que todo o *miliciano* ou *qualquer morador que segurar alguns desses indios poderá consideral-os por* 15 *annos como prisioneiros de guerra, destinando-os ao serviço que mais lhe convier* ».

Perdigão Malheiros, no 2º volume do monumental ensaio historico-juridico-social que escreveu sobre a escravidão no Brasil, compendiou os principaes episodios da luta pela liberdade dos aborigenes e os actos legislativos referentes ao assumpto. Entre esses sobresahe a lei de 20 de Março de 1570, em que, apezar da influencia do christianismo e do anathema lançado por Paulo III, se fazem concessões ao captiveiro dos indios comquanto, em principio, se lhes reconheça a liberdade. Essa lei foi logo seguida de uma carta régia que a annullou, mandando manter o antigo systema de resgate. Vieram depois a lei de 11 de Novembro de 1595, que regulou a guerra ao gentio ; a de 30 de Julho de 1609 que declarou livres os indios do Brasil e confiou a cathechese delles aos jesuitas ; a de 10 de Setembro de 1611 que voltou atrás ; a de 6 de Julho de 1755 em que Pombal por odio aos jesuitas, proclamou a liberdade dos indios, sem conseguir que se tornasse em facto.

Depois da proclamação da nossa independencia politica, o espirito liberal reagio contra a perseguição, como prova o projecto de José Bonifacio.

A lei de 27 de Outubro de 1831, do immortal Governo da Regencia, libertou os indios da escravidão. O acto addicional de 19 de Agosto de 1834 deu ás assembléas provinciaes o direito de promover cumulativamente com a Assembléa Geral e o Governo a cathechese e civilização dos selvagens. Era a liberdade de direito, mas o systema adoptado para a cathechese por meio dos aldeamentos foi a escravidão disfarçada, disciplinada e regulada pelo decreto de 24 de Julho de 1845, que nunca foi revogado.

O decreto de 1845 creou em todas as Provincias um Director Geral de Indios, nomeado pelo Imperador, encarregado de examinar o estado em que se achavam as aldeias, a occupação dos indios, suas inclinações e profissões, seu desenvolvimento industrial, a população originaria e mestiça, e as causas que influiram no seu progresso ou decadencia ; de indagar os recursos que offerecem para a lavoura e commercio, o lugar da situação das aldeias e modo por que os indios grangeam as terras que lhe são dadas. O Director Geral devia mandar proceder a um arrolamento de quatro em quatro annos dos indios aldeiados, e enviar aos errantes missionarios que lhes prégassem a religião de Jesus Christo e as vantagens da vida social, isto é, do adeiamento, onde se promoviam os casamentos com pessoas de outras raças e onde, como no *mir* russo e nos *allmends* suissos se faziam plantações em commum. O Director era incumbido, emfim, de attrahir os indios á religião, de vaccinal-os, protegel-os, dirigil-os, animal-os, evitando que fossem constrangidos a serviços particulares ou vexados com serviços militares, ou ainda aberta e desabridamente constrangidos nos seus habitos

e costumes ; mas tambem o decreto fiscalizava-lhes as rendas, applicava-lhes os dinheiros, organizava ou mandava organizar as tabellas dos jornaes que deviam ganhar no serviço das aldeias ou em qualquer serviço publico.

Era a *reducção* civil, em que só faltava que, como nas missões do Paraguay a campainha do Jesuita marcasse as horas das refeições, do amor e do trabalho.

Os resultados desta imitação dos processos jesuiticos por homens sem aptidão nem gosto, nem tempo para o officio, vejam-se na obra de Perdigão Malheiros :

« Os fructos não têm correspondido á expectativa comquanto não hajam sido de todo perdidos o trabalho e a despeza. Algumas altêm-se mantido embora a custo ; tal é a miseria em outras que nem vestuario ou roupa tinham os indios, sendo necessario ordenar-se que v. g. se repartisse com elles a de uma colonia militar e pagar-lhes vestuario em valor de 450$ como succede com a colonia annexa á militar Urucu '. Actualmente contam-se mais ou menos 67 aldeias com uma população india de vinte e duas mil almas. Outras têm sido abandonadas pelos indios que se confundem na massa geral da população, e assim se tem já declarado officialmente, dando-se por extinctas as aldeias, ou fogem para o sertão, para os seus mucambos' preferindo a vida selvagem de inteira e primitiva liberdade aos commodos da vida civilizada, que para elles são verdadeiros incommodos, vexames e constrangimento. »

Quanto aos Directores « cuidam principalmente de tirar delles o maior proveito possivel, não em bem dos mesmos indios, das aldeias, do paiz, mas seu proprio ; pouco, ou nada, se importam com o bem estar desses infelizes, seu desenvolvimento, civilização e progresso ; enlevam-se nas honras militares que lhes dá a graduação conferida pelo regimento em discutir se devem ter o tratamento de senhoria ou excellencia e em outras futilidades semelhantes. Abusam, além disso, contra os indios, retendo-os presos correccionalmente mais de seis dias permittidos no regulamento, pretendendo que não possam elles recorrer ao *habeas-corpus*, sendo necessario que o Governo decidisse que este remedio tambem era extensivo, ainda em tal caso, aos indios...

O interesse que o Governo parecia tomar pela civilização dos indios não impedia que a escravidão delles continuasse e que o mesmo Governo della tivesse pleno conhecimento, bem como das hostilidades que os não aldeiados soffriam de particulares e das autoridades. A circular de 9 de Agosto de 1845 dava algumas providencias para que não fossem comprados nem escravizados os seus filhos.

O aviso de 15 de Junho de 1850 reprovava as hostilidades praticadas pelo Presidente de Mato Grosso contra os indios selvagens, que se iam procurar ás matas para os exterminar. Na Bahia foram perseguidos atrozmente em 1864 e no anno seguinte os Chavantes em S. Paulo soffreram verdadeira caçada, que se renova ainda hoje de quando em quando

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

Para evitar que na Comarca de Coritibanos, Santa Catharina, se désse batida ao bugres, teve de usar de meios energicos o então Juiz de Direito Dr. Antonio Ferreira de Souza Pitanga, appellando para o Codigo Penal, de que se julgavam escapos os trucidadores dos indios. E quanto aos indios do Amazonas a dura sujeição em que vivem os que trocam a liberdade das selvas pela *civilização* do branco, a compra e venda de tapuyos e todos os horrores da verdadeira escravidão são factos que se não podem seriamente contestar. Ainda ha poucos annos regressando do Amazonas, traçava o Major Gomes de Castro em côres carregadas, mas verdadeira, a situação do aborigene naquellas paragens. « E' no Uapés que na época do fabrico os seringueiros do Rio Negro vão recrutar os productores da tão disputada gomma elastica. A troco de miseraveis e illusorias retribuições, os pobres indios são indigna e covardemente explorados por essa gente desalmada que a mais torpe ganancia embrutece. E' um resto de escravidão da peior especie que ainda perdura no desventurado Brasil e o avilta criminosamente. Não se póde imaginar o espantoso numero de indios que annualmente as molestias e miserias de toda a sorte dizimam nessas forçadas incursões pelos pantanosos seringaes e dentro na brutal faina do fabrico da borracha. E nem se diga que a conducta dos indefesos e infelizes patricios possa de algum modo explicar esse atroz e revoltante banditismo. Ao envez disso, como constatamos *de visu*. são elles dotados de indole pacifica e hospitaleira, e só aggridem em defesa dos seus lares assaltados pelos occidentaes. As barbaras scenas de sangue, como por exemplo a do recente exterminio dos infortunados jauaperis, que teve por triste protagonista o proprio Governo do Estado, não têm tido em regra outra origem. »

O insuccesso comprovado das tentativas da catechese era geralmente attribuida ao regulamento de 1845, o qual, segundo declarou á sua Camara o Deputado paraense Dr. Leitão da Cunha, discutindo o orçamento da Agricultura, tem dous defeitos capitaes : « O primeiro é que toda a attenção do legislador voltou-se para o aldeamento, isto é, para um estado em que o selvagem já vive em contacto com a gente civilizada, quando precizamente a solicitude do legislador, todos os esforços por elle empregados, deveriam procurar de preferencia tirar o selvagem do meio em que vive, e do estado de barbaria em que se acha. O segundo está em que o systema de aldeamento contraria de frente aquillo que o indigena mais aprecia, isto é, a sua liberdade, a vida errante dos bosques, fazendo-o passar sem transição desse estado para um regimen de sujeição em que mais se especula com a sua actividade do que se cuida da sua civilização. »

Mas, apezar das reclamações contra tão deploravel erro de methodo no aproveitamento do selvagem não tratou da reforma desse decreto e só agora tentam os poderes publicos alguma cousa no sentido da catechese mais compativel com a natureza ethnologica, politica e economica do problema.

Não é um typo anthropologico inferior o selvagem brasileiro. descendente directo dos mongoloides americanos que fizeram a civilização mexicana, peruana e amazonica. Percorrendo as gravuras, que ornam a obra

de August Hamilton sobre a Coréa, encontram-se photographias de crianças do povo que dão a illusão perfeita de coromins brasileiros, e retratos antigos do Marechal Yamagata e do Marquez Hirobumi Ito, do bello livro de viagens de Felix Regamey, mostram a identidade dos caractères de raça em homens principaes desse povo que assombrou o occidente europeu pela sua intelligencia e pela sua energia.

Quer na contribuição que o indio brasileiro deu pela mestiçagem para a formação de alguns individuos contados entre os mais intelligentes e moralizados da nossa sociedade, quer no esforço directo que alguns têm posto ao serviço de certas industrias, se demonstra quanto e de que valor será o prudente e avisado aproveitamento de um tal elemento na economia da Nação, além de pôr fim ao espectaculo degradante do aviltamento de uma raça em nome da sciencia e da civilização.

Para isso se tem mostrado improprios e inserviveis os antigos processos, a catechese pelo aldeamento obrigatorio, religioso ou civil, dirigido por padres capuchos ou por tenentes-coroneis de indios, vistosamente fardados e notoriamente incompetentes, inconscientes mesmo da importancia da sua missão. A passagem do estado nomade para o aldeamento fixo não se póde operar facilmente, sem o estimulo de vantagens apreciaveis de prompto, e menos ainda com sujeição ao regimen de escola ou de quartel que equivale para o selvagem a uma escravidão odiosa. Para permanecer num sitio e estabelecer moradia effectiva, o selvagem preciza de ser attrahido por alguma cousa que lhe falle ao gosto aventureiro, que as ladainhas da missão, a regularidade, a monotonia das occupações impostas contrariam, assim como o despotismo, as injustiças e os máos tratos do administrador repellem dos centros da civilização esses homens simples e acostumados á liberdade e á independencia. Do modo de entender a catechese nas missões e aldeamentos não provem sómente a desproporção entre o resultado obtido e os sacrificios de dinheiro, de tempo, de trabalho, mas um grande mal que é o augmento da antipathia do selvagem á catechese, sentimento que o transforma em hostilidade ao branco e ao mesmo indio aldeado.

O Dr. Antonio Pitanga, no seu excellente trabalho com que sob o aspecto americano commemorou ha cerca de 11 annos o centenario da Descoberta do Brasil, condemnando o systema até agora seguido pelo Governo na catechese e civilização de indios, e mostrando inexequivel o projecto positivista de federação impirica das hordas fetichistas esparsas pelo territorio da Republica, indica algumas medidas que lhe parecem faceis de pôr em pratica senão para a solução completa do problema, ao menos para crear um « modus vivendi » com que se possa operar a civilização gradual do selvagem. A primeira medida a adoptar é o reconhecimento legal do territorio

**Casa Vacheron e Constantin. — GENÈVE**

***Primeiro logar*** no Grande Concurso do conservatorio de Kew-Londres ou 94 1/2 pontos sobre 100; 1 1/2 ponto mais que qualquer outro fabricante.

necessario á existencia dos indios pela delimitação de sesmarias correspondentes ás terras por elles actualmente occupadas, respeitando-se-lhes a posse e o uso e goso das riquezas naturaes alli existentes. Esta tarefa incumbe aos Estados. pois que lhes pertencem as terras chamadas devolutas e as das extinctas aldeias que já a lei de 20 de Outubro de 1887 transferio ás provincias. Mas logo se decretem penas contra as invasões á mão armada das sesmarias indigenas quer para hostilizar o selvagem quer mesmo para exploração dos productos naturaes, e se declarem applicaveis os artigos do Codigo Penal ás violencias commettidas contra a vida, a liberdade, a honra e a propriedade do indio, ainda que isso pareça á primeira vista excusado, porque a verdade é que elle até agora tem sido considerado fóra da lei. Aconselha ainda o Dr. Pitanga a creação de escolas de linguas indigenas e tabas ou aldeias livres, aldeamentos voluntarios, em que se acolham de preferencia os velhos, os invalidos, as crianças e os adolescentes pacificamente chamados, e que virão a ser centros de attracção e approximação das tabas circumvizinhas desde que o respeito severo da vida, da liberdade e da propriedade do selvagem tenha feito desapparecer a desconfiança oriunda de perseguições tradicionaes.

Expondo as condições em que poderia aceitar o encargo que lhe confiara o Sr. Ministro da Agricultura de chefiar os serviços que agora e por iniciativa do mesmo Ministro o Governo da Republica vai felizmente iniciar em beneficio dos selvicolas, o abnegado Tenente-Coronel Rondon aduzio ponderações muito judiciosas que, partindo embora de um ponto de vista diverso do que ditou as palavras do Desembargador Pitanga, consistem essencialmente no respeito aos direitos do selvagem, em uma protecção intelligente que lhe garanta a liberdade de acção, sem pretender forçal-os á civilização e á regra, nem a deveres incompativeis com a sua indole e systema de vida mas « procedendo sempre com constancia, amizade e soffrimento, conforme as palavras do velho José Bonifacio, Patriarcha da nossa Independencia. »

Quaesquer medidas que os competentes proponham não podem ficar desacompanhadas de uma legislação civil apropriada que regule as relações de direito privado entre os aborigenes, selvagens ou já catechisados, e a gente civilizada, e tambem as suas relações de familia,

A desejada approximação dos indios, a sua catechese, a progressiva incorporação á sociedade brasileira não podem deixar de crear laços e relações diarias, sobretudo em materia de propriedade e de locação de serviços, que carecem ser regulados pelo direito civil, não pelo canon imposto á generalidade dos Brasileiros, mas por disposições especiaes que attendam ao gráo de capacidade civil, aos preconceitos arraigados em sentimentos de justiça primitiva, á simplicidade de habitos e a profunda ignorancia das leis em que se acham e ainda por muito tempo se hão de encontrar os aborigenes, mesmo que se amontoem codigos sobre codigos e para o direito brasileiro se transplantem todo o saber juridico da Allemanha e da Italia.

O nosso direito actual attende essa necessidade mas de modo imperfeito e incompleto. No glorioso periodo da

Regencia, a lei de 27 de Outubro de 1831 mandou considerar como orphãos os indios até então em servidão e os entregou ao juizes de orphãos para lhes applicarem as providencias da Ord. do liv. 1, tit. 88. No mesmo sentido foi expedido o decreto de 3 de Junho de 1833, pelo qual foram os referidos juizes encarregados da administração dos bens dos indios, emquanto a Assembléa Geral não désse outras providencias a tal respeito. O decreto de 15 de Março de 1842 confirmou aquella disposição. Os indios equiparados aos orphãos gosam das excepções que no direito civil beneficiam os incapazes, instituições de assitencia e amparo de que não pode prescindir a justiça social, sob pena de se implantar a iniquidade no terreno da jurisprudencia. Certo as numerosas medidas tomadas no antigo regimen em beneficio dos indios, quer selvagens quer em caminho da civilização pelo aldeamento forçado ou voluntario, eram o fruto de idéas erroneas sobre a verdadeira natureza do problema impiricamente proposto e resolvido; mas attestavam nobre preoccupação da sorte desses infelizes Brasileiros, de que só agora parece querer cuidar a Republica; e a não ser a cogitação dos positivistas no seu projecto de Constituição, ou alguma voz isolada, sem autoridade official, é de crer que os estadistas e homens publicos consideram extincta a raça dos primeiros habitantes do nosso territorio, ou os restantes individuos inteiramente inadaptaveis á nossa civilização, adiantamento e progresso. Por isso á semelhança daquelles estadistas do Imperio, que queriam resolver a questão do elemento servil não cogitando della, Governo e legisladores republicanos prescidem desse milhão de homens selvagens, sem fallar dos semi-catechisados, ou indios mansos, e passa por elles, como se para todo e sempre houvessem desapparecido do scenario em que brancos e negros se agitam.

« O projecto do Codigo Civil, approvado pela Camara dos Deputados e em discussão no Senado, termina pela revogação das Ordenações, alvarás, leis, decretos, resoluções, usos e costumes, relativos ás materias do direito civil por elle regulados; mas, como o projecto não inclue os indios entre os incapazes, segue que desapparece o direito de excepção que até certo ponto os amparava e protegia, e agora, mais do que nunca, a escravidão do indio vai prosperar e crescer até que de toda se extingua essa raça que tantos e tão assignalados serviços prestou á nossa patria.

Que cousa é, com effeito, senão pôr o indio manso ou bravo inteiramente fóra da lei e do direito, sujeital-o ao canon infalivel da civilidade moderna, que já tão abstruza e pesada se torna para o operario das cidades e para as populações ruraes? A legitimidade da familia e os direitos successorios dependendo das solemnidades legaes do casamento, a propriedade jungida ás complicações de um registro estabelecido na séde da comarca, a obrigação irretractavel, vinculando a actividade humana até ao

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

ponto de a inutilizar de todo, importam para o indio na armadilha a que elle não póde escapar sem perder a liberdade. Em taes condições, a vida civilizada é a escravidão, a miseria, a exploração torpe do indigena, consagrada no Codigo em nome da sciencia adiantada da Allemanha e da Italia.

Esgote-se o Thesouro publico em despezas de immigração de Calabrezes e Canarinos, formem-se ligas contra a escravidão das Polacas e Austriacas introduzidas por Judeus, rufiões, em torpe sociedade, para o alimento dos alcouces ; mas desse milhão de Brasileiros, forçados a escolher entre o nomadismo e a escravidão, ninguem se occupa delle, não cogita o legislador, como de materia vil que, após haver dado ao romantismo de Gonçalves Dias, Alencar e Araripe Junior assumpto para fantasias fóra da moda, melhor é que desappareçam antes que da sua sobrevivencia se convença a Europa, para desdouro nosso. Entretanto, os immigrantes europeus, homens e mulheres, que nos chegam para collaborar comnosco em toda a sorte de progresso, trazem do seu paiz o conhecimento da vida civil e nos centros populosos, em que vêm estabelecer-se, encontram o apoio de instituições policiadas, todas as garantias de vida e de propriedade que uma Constituição generosissima lhes outorga tão completamente como aos nacionaes, sem fallar na situação privilegiada que lhes assegura a protecção especial dos seus Governos, vindo através do Atlantico por Ministros e Consules que muitas vezes mais se assignalam pela impertinencia ou exagero das reclamações do que pela sympathia com que nos distinguem ; ao passo que o indio, posto longe da protecção do Governo, sem ligas nem associações que por elle se interessem, sem um direito que o tutele, para escapar á tyrannia do branco, não tem outro recurso senão o abrigo das profundas florestas de ignotos sertões, bem distante dessa civilização ingrata que o persegue e mata.

Não se dirá de grande sabedoria politica e menos de politica humanitaria esse modo de encarar o problema do indianismo, se é que elle se desvenda aos nossos estadistas como questão a resolver. Mas, ao menos, para o ponto de vista especial que deve occupar o Instituto da Ordem dos Advogados, o direito do selvagem é de natureza a merecer a attenção dos que pretendam vasar em moldes novos a reforma da legislação civil. Não se fará obra completa, mas falha e imprevidente se ficar essa lacuna no Codigo, aggravando a situação do indio, pela revogação das leis que, embora mal, o protegem, e deixando perpetuar-se a grande miseria desse abandono quiçá mais doloroso do que a iniquidade dos nossos antepassados. »

# NIDIFICAÇÃO

E' a arte de construir ninhos, propria dos passaros e hoje muito estudada pelos ornithologos. No Brasil ha poucas aves que sejam notaveis n'esta habilidade, mas algumas são realmente muito dignas de nota. Uma grande injustiça (fala um dos nossos estudiosos) commetteu Burmeister quando disse que no Brasil ha, entre as aves, poucos nidificadores notaveis. Goeldi cita, na sua obra, como notaveis, o ninho do *andorinhão*, dos *bem-te-vis*, do *João-tenéné*, dos *rhynchocyclos e Lachmias*. O *andorinhão* brasileiro aloja-se numa bella bolsa de paina amarella, aberta para baixo, contendo uma saliencia lateral para deposito dos ovos.

O ninho do *Rhynchocyclus olivaceus* é um perfeito barril que possue uma torneira virada para baixo, correspondendo aliás ao tubo da entrada. O *João-tenéné* (marrequito dos brejos, em Minas) constróe uma legitima retorta chimica, com o bojo que é o ninho propriamente dito e tubos — que são as galerias da entrada. Já não falamos do nosso tão conhecido João de Barro, do qual disse um poeta:

*Constróe elle a casinha na embaúba*
*A mais alta que encontra no caminho,*
*Na qual algum garoto nunca suba.*

*E o que ha na casa do operariosinho?*
*— Fóra, uma crosta, em fórma de uma cuba;*
*— Dentro, um ninho de amor, vida e carinho!*

*(Extr.)*

IMPORTAÇÃO DE FAZENDAS E AVIAMENTOS PARA ALFAIATES

PARISOT & CANARIO

SUCCESSORES DE

PARISOT, SANTOS e CANARIO

99, RUA DO HOSPICIO, 99

RIO DE JANEIRO

TELEPHONE 3024

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

## Uma Carta de Anthero do Quental (1)

Villa do Conde, 9 de Janeiro (1889).

Ex^mo Snr.

Quizera ter vinte annos de menos, para ler os seus versos como elles devem ser lidos, isto é, com o calor d'uma imaginação e d'um sentimento sympathicos. Mas os annos, e mais do que os annos, tanta miseria vista e sentida, tamanho diluvio de prosa por esse mundo fóra, tem-me entorpecido e não sei até se manchado a imaginação, e é só através d'uma especie de nevoeiro que vejo as bellas e simples cousas da mocidade. Ainda assim, através d'esta minha nevoa, pude apprehciar o que ha de luminoso, de juvenil e casto na sua poesia, e com ella me senti commovido. Vibra nos seus versos-uma nota sã, de delicada e natural sensibilidade, de sincera commoção, que bastaria, a meu ver, para dar ao seu livro um logar distincto no meio de quasi tudo quanto tem apparecido durante os ultimos annos. O nosso Junqueiro, no ardor do seu belicoso apostolado, convida-o a deixar as abençoadas regiões do idyllio e a descer armado á arena onde se combate. Eu, por mim, dar-lhe-hei antes o conselho opposto. A sua Musa casta é feita para a intimidade; dar-se-hia mal, quer-me parecer, com aquelles arrogantes tumultos. E, se a região do idyllio é aquella que naturalmente lhe apraz, porque a hade abandonar? Na Vida, o systema e o proposito valem mais que tudo; mas na Arte é só a espontaneidade, a vocação e o natural pendôr que devemos seguir.

Receba pois, meu caro Poeta, com os meus agradecimentos pela sua amavel offerta, os meus parabens pelo seu encantador livrinho.

E sou de V. Ex^a.

(1) Dirigida a Queiroz Ribeiro.

**Companhia Progresso Industrial do Brazil**

=DIRECTORIA:=

M. A. DA COSTA PEREIRA

JOA FERRER

F. FERREIRA REAL

FABRICA DE FIAÇÃO DE ALGODÃO: TECELAGEM E ALVEJAMENTO PARA PRODUCÇÃO DE ALGODOÈS: MORINS E CHITAS

ESTAÇÃO DE BANGÚ — E. F. C. DO BRAZIL

*Escriptorio* : Rua Theophilo Ottoni (18 moderno) (Esquina Rua 1º de Março, 113)

Caixa do Correio: Nº 1003
End. Telegraphico: BANGU

## Alpheu e Arethusa

Alpheu, o joven caçador intrépido,
Um dia em que num bosque socegado
Folgava nos seus jogos favoritos,

A'fresca sombra de frondoso plátano
Viu a bella Arethusa que dormia
Sobre a relva esmaltada de açucenas...

A' distancia parou, tolhido, estático...
Jamais seus claros olhos tinham visto
Belleza assim radiante e desvendada!

Completamente nua, ao lado a clámyde,
Ella sorria, seus cabellos de ouro
Entre as hervas e as flores se espargiam

Arfavam-lhe de leve os seios túmidos...
Ella, toda volupia, repousava
No abandono feliz de quem se entrega...

Perdido de desejos, como um sátyro,
Alpheu se arroja allucinadamente
A'quelle corpo, inveja de Aphrodite.

A nympha accorda espavorida e tremula :
Debate-se, resiste, ergue-se, lucta,
Clama e por fim se desvencilha e corre...

Não corre tão veloz a corça de Hercules
Com as ageis patas do mais duro bronze,
Nem, certo, conseguira propassal-a,

No ardor extremo da carreira célere,
Hippómene, o astucioso e afortunado
Vencedor da invencivel Atalanta!

Persegue-a o afoito caçador; os musculos
Reteza na corrida — bem parece
Não desejar perder tão linda caça...

Por densos bosques, por montanhas ingremes,
Prados, outeiros, correntosos riachos,
Ambos se lançam desvairadamente...

Fraqueia a nympha! Eis que lhe ouvindo as supplicas
Accorre Diana arrebatada em zelos!
E, para a virgindade, assegurar-lhe,

**A casa Vacheron e Constantin de GENÈVE**

no ultimo concurso do Conservatorio de Genève obteve os **3 primeiros premios** de **CHRONOMÈTRES**

Transforma-a numa fonte. clara e múrmura,
Num rochedo de Ortygia, ilha mimosa,
Acariciada pelas ondas salsas.

Prorompe Alpheu em tão sentidas lagrimas
Que a propria Diana, a rancorosa Diana,
Se commoveu com a dor do desgraçado!

E o transformou tambem, num rio limpido.
Mas, para que elle não se unisse á fonte,
Collocou-o a distancia respeitavel :

Nos longes cimos das montanhas da E'lida!
Nem assim lhe apagou a chamma viva
Da violenta paixão que antes recresce.

Alpheu, já rio, corre ainda mais rapido,
Em certo ponto afunda-se no solo,
Atravessa-o e assim as salsas ondas,

Sem nellas confundir-se, ganha Ortygia,
E então em longos beijos se mistura
A'fonte de Arethusa agora doce...

ARNALDO DAMASCENO VIEIRA.

---


# Hotel Avenida

**O MAIOR E MAIS IMPORTANTE DO BRASIL**

**OCCUPANDO TODO O QUARTEIRÃO**

Elevadores e telephones electricos em todos os andares

**220 QUARTOS**

Magnificas accommodações. Salões para visitas, leitura e banquetes

**Diaria de 9$000 para cima**

## SOUZA, CABRAL & C.

Telephone 2873

*AVENIDA CENTRAL, 152 a 162*

Ponto de todos os bonds

**RIO DE JANEIRO**

# Manuscripto Perdido

Onde pára um precioso manuscripto do Padre José Monteiro de Noronha? Eis uma questão que talvez possa ser resolvida por algum dos amigos do *Almanaque*.

Aquelle illustre sacerdote, nasceu em Belem, capital do Pará, em novembro de 1723, era filho de Domingos Monteiro de Noronha, que lhe mandou dar uma esmerada educação no collegio de Santo Alexandre dos padres jesuitas. Estes procuraram attrahil-o para a companhia, mas José Monteiro nem mesmo abraçou desde logo o estado ecclesiastico, seguiu a carreira da advocacia, foi vereador do senado de Belem, e serviu interinamente de juiz de fóra. Em 1754 porém, tendo enviuvado, teve com isso tal desgosto que vestiu a batina sacerdotal, tomando ordens de presbytero.

Nomeado vigario da immensa comarca do Rio Negro pelo bispo D. Fr. Miguel de Bulhões, percorreu-a em todos os sentidos, e prestou á religião e á civilisação relevantissimos serviços, occupando-se zelosamente da conversão dos indios, e aproveitando as suas largas e constantes viagens pelo sertão para escrever um *Roteiro da provincia do Pára*, que ficou manuscripto, mas de que felizmente se tiraram numerosas copias.

O bispo D. Fr. João Evangelista de Noronha, nomeou o padre Monteiro de Noronha vigario geral do Pará. Então n'uma vida mais repousada entregou-se á parenetica, prégando muitos sermões, que lhe adquiriram a justa reputação de notavel orador sagrado. Infelizmente todos os seus sermões se perderam, menos um que tambem se conserva manuscripto e que elle prégou na abertura do hospital fundado por D. Fr. Caetano Brandão.

Por varias vezes foi tambem o padre José Monteiro de Noronha vigario capitular do bispado do Pará, e m. cercado da estima de todos os seus conterraneos, no dia 15 de abril de 1794.

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

# Poeta portuguez excentrico (1)

(LATINO COELHO)

« Era o padre José Fernandes um professor á Tolentino com a differença de que para elle o latim era o mundo inteiro, ao mesmo tempo industria e distracção, enxada bruta e enleve espiritual. Era um d'estes typos de erudito, que vão escasseando em nossos dias ; um d'estes sobrios litteratos, cujo estreito horizonte expira na ultima pagina de um auctor de predilecção. Horacio era quasi toda a sua sciencia, e apostamos que havia mais contadas as folhas do seu poeta favorito do que as rubricas do Missal Romano, nos dias *duplex e semi-duplex* do Breviario em que rezava. Posto que o não favorecesse um talento privilegiado, a sua musa, nos passeios ideaes a Tibur, aprendera a imitar as odes horacianas. As odes de fr. Fernandes, reflexo de uma poesia vigorosa e original, não deshonravam o engenho do seu auctor.

Era natural da Aldeia de Conce, e, a avaliarmos por este nome, era a terra prosaica demais para que o berço do padre José Fernandes fosse embalado pelas camenas, excepto se pela razão de analogia o Pézago andára retroçando por aquellas beirôas regiões.

Não havia em Coimbra n'aquelle tempo um homem tão original como o morador de Sobripas.

No mesmo quarto, onde a affectuosa Maria Telles, descendo sobre-saltada do seu leito, havia sido apunhalada pelo esposo, tinha o padre José Fernandes instituido a sua modesta aposentadoria. Sobre o pavimento transudando memorias sanguinolentas e exhalando o perfume sinistro da tragedia, erguia-se prosaicamente o catre escolastico, onde somnos epicureos, dormidos de um só trago, e sonhos eburneos da madrugada tinham habituado o padre a ser no aspecto jubiloso a mais irrespondivel ironia ao cothurno e ao punhal.

Se o padre José Fernandes era todo elle uma ode de Horacio. regrada e correcta como as sabia limar o vate romano, o velho aposento de Maria Telles era, sob o seu presente locatario, uma verdadeira ode pindarica pela desordem da sua contextura, e pela absoluta ausencia de transições. Já hoje se observam rarissimos exemplos d'estes penetraes de litteratura, onde o chaos parece estar circumdando o escriptor, se desentranhar da phantasia as suas mais ordenadas e harmoniosas creações. Vai-se affrouxando este laço, que estreitava a vocação litteraria e o desalinho dos poetas. Os cultores das musas accrescentaram em nossos dias ás cathegorias fundamentaes da esthetica transcendente, ao bello e ao sublime, uma entidade mais mundana, que com um anglicismo, hoje quasi naturalisado, dizemos modernamente o *confortavel*, assim como os estoicos da republica expirante e da nascente monarchia dos Cesares, discreteavam abnegação em triclinios marchetados, e possuiam como Seneca palacios

(1) Refere-se Latino Coelho ao poeta Padre José Fernandez de Oliveira Leitão de Gouveia, poeta horaciano e professor de latim em Coimbra onde se tornou popular pela excentricidade dos seus habitos. Publ. as *Rimas* 1806-1807, hoje esquecidas.

Foi intimo amigo de Castilho (Antonio).

sumptuosos, como Cicero deliciosas *villas* e diversorios monumentaes. Bofetes de talhas artificiosa, contadores da India, estantes que são miniaturas de cathedraes, esculpturadas em pau santo, fogões mais ou menos sumptuosos, reposteiros graciosos, *corbeilles* pendentes do apanhado das cortinas, alcatifas preciosas, bustos, paineis, espelhos e candelabros ornam mesmo em Portugal o sacrario dos mais somenos escriptores. Apollo, que tantas vezes adormeceu feliz nos estabulos de Admeto, trocaria hoje o seu pobre Parnaso, aberto a todos os ventos, e propicio ás mais pertinazes catharráes, pelo gabinete, apenas esteirado, do mais obscuro folhetinista dos nossos dias. O *confortavel* invadia as mais humildes habitações. Calafetou as fendas, onde o ar exemplificava de inverno uma extensa monographia. Accendeu a cepa nas chaminés artisticamente trabalhadas. Temperou a luz meridiana com a verdura artificial dos transparentes nas janellas. Sophismou a dureza das poltronas com os estofos economicos, e democratisando o luxo e parodiando muitas vezes a opulencia, tirou ao lar domestico o caracter de uma verdadeira penitenciaria.

Mas o padre José Fernandes nem conhecia a palavra *confortavel*, nem presentia ao menos que podesse haver uma idéa que precisasse d'este nome.

A alcova servia ao mesmo tempo de salão, de gabinete de trabalho, e os emblemas e attributos d'estas encontradas entidades confundiam-se na modesta vivenda do feliz horaciano. Aqui sobre uma arca chapeada com calção de meia em amigavel intimidade com um Horacio na algibeira, no chão ao pé do leito uma bota divorciada e entre ella e a consocia mediando uma ode que esperava para os ultimos primores a hora da inspiração. Os magros honorarios do professor mostravam sobre uma banca de primitiva constructura os seus ultimos tostões de envolta com os despojos opimos de uma renhida batalha gastronomica, porque o padre José Fernandes não esquecia no Parnaso horaciano as horas de sua copiosa, mas singela refeição. Tinha o padre José Fernandes na falta absoluta de domesticos, inventado um systema admiravel de prover ao alinho e nitidez do seu anarchico cenobio. Em dias de ventania, as janellas espaçosas deixavam livre entrada ao ar dos campos. Eolo suppria gratuitamente os officios mercenarios do classico servente. Aquelle occeano de livros dispersos, de papeis soltos, e de utensilios antinomicos, era arrojado pelo vento até á porta do dormitorio. Ali o padre José Fernandes, como um archeiro de sentinella, armado da sua vassoura previdente, sustava na *avalanche* os objectos que ainda queria aproveitar : uma ode, uma folha perdida de um poeta, um fugitivo lenço de assoar.

A sua excentricidade encantava os que a viam a cada passo compro-

CASA STANDARD
CLUBS
DE FAMA MUNDIAL

vada com uns chistosos lances e engraçadas anedoctas. Não era a excentricidade calculada e sombria de um inglez, assoberbado pelo *spleen*, era a excentricidade de um homem infantil, ameno, candido e descuidado dos amargores da vida e aspirando n'um facil e quasi innocente epicureismo tudo o que o mundo pode offerecer de honesta deleitação. Era frequente e mavioso tocador de flauta. Apraziam-lhe os passeios nocturnos *per amica silentia lunæ* áquelles sitios deliciosos que circumdam a cidade universitaria, a Santa Clara, á Quinta das Lagrimas, á romantica Fonte dos Amores.

A's vezes pela calada da noite, quando as aguas do Mondego se espelhavam com as lantejoulas prateadas do mar, ouviam-se ao longe as notas suavemente melancholicas de uma flauta. Era o padre José Fernandes que cavalgava quietamente na jumenta, socia das suas innocentes aventuras, buscando algum sitio campesino onde soltar as redeas á sua festiva imaginação. Para allumiar os passos pelo escuro da noite. levava pendente de uma bota uma lanterna, que no seu frouxo bruxulear dava ao jovial horaciano o aspecto de uma apparição extravagante.

Contavam-se infinitas anedoctas da sua ingenuidade e distracção habitual. »

## CARTA GEOLOGICA DO BRASIL

Da carta geral geologica do Brasil não é ainda possivel senão dar um sboço, attenta a insufficiencia de dados, de estudos e de observações que só se conhecem nas regiões cortádas de estradas de ferro. Assim, a carta ou esboço publicado pela Directoria de Etatistica representa de *modo geral* o que está mais conhecido ou averiguado n'esta materia. Reprozindo-a temos a certeza de que será apreciada pelos nossos numerosos leitores que cetamente a não conhecem. Ajuntamos como illustração, da mesma fonte, o quadro dos terrenos, systemas a que se filiam e as localidades do nosso territorio onde existem.

**Mario de Carvalho & C.**

Successores de A. L. FERREIRA DE CARVALHO e FILHO

**IMPORTADORES DE FAZENDAS**

Telegrammas "ALFO" — Caixa Postal 117

***107, Rua 1.° de Março, 107***

Telephone N° 3372 — **RIO DE JANEIRO**

## Estructura geologica do Brasil

| TERRENOS | SYSTEMAS | LOCALIDADES |
|---|---|---|
| Archeano ou primitivo | laurenciano | Serras do Mar e da Mantiqueira, e Estados do Rio de Janeiro, S Paulo, Paraná, Minas Geraes e Bahia. |
| | huroniano | Serras do Espinhaço, da Canastra, Matta da Corda, montanhas de Goyaz, sul das serras da Mantiqueira e do Mar, Alto Paraguay, e Estados de Matto Grosso, Minas Geraes e Bahia. |
| Paleozoico ou primario | siluriano | Minas Geraes, Bahia, serra da Mantiqueira, sul de S. Paulo Paraná, Amazonas, Pará e Territorio do Acre. |
| | devoniano | Chapadão da bacia do Paraná, Minas Geraes, Matto Grosso, chapadão, Amazonico, Bahia, Pará e Territorio do Acre. |
| | carbonifero | Chapadão da bacia do Paraná, S. Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Matto Grosso, chapadão Amazonico, Bahia, Para e Territorio do Acre. |
| Mezczoico ou secundario | triasico | Bacia do Paraná, Santa Catharina, S. Paulo e Rio Grande do Sul. |
| | cretaceo | Estados de Pernambuco, Bahia, Alagôas, bacia do Parnahyba, Ceará, Alto Amazonas e os demais Estados da Bahia para o norte, ilhas e margens da Bahia de Todos os Santos. |
| Cenozoico ou terciario | eoceno | Alto Parahyba, alto Tieté (em S. Paulo), e em diversos pontos entre as montanhas de Minas Geraes, Amazonas, baixo Paraguay, littoral desde o Rio de Janeiro até á embocadura do Amazonas. |
| | mioceno | |
| | plioceno | |
| Moderno ou quaternario | diluviano | Terras baixas do Amazonas e baixo Paraguay. |
| | actual | |

BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

# JOAQUIM NABUCO

## (Trecho de um discurso)

(AFFONSO CELSO)

O outro heroe, de pugnas differentes, foi Joaquim Nabuco, a quem se pode applicar a phrase biblica, referente ao imperterrito Machabeu : *Flevernnt eum omnis populos Israel planch: magno, et lugebant dies multos.*

A palavra oral ou escripta eis a espada ennobrecida por Joaquim Nabuco.

Ao recipiendario da antiga cavallaria entregava-lhe o seu padrinho um gladio virgem, dizendo : « Toma esta espada, exerce com ella o vigor da justiça; o que jazer por terra, levanta-o; o que houvéres levantado, conserva-o; o que é injustiça no mundo derriba-o; o que é consoante á ordem, fortifica-o. » Este bella e completa formula do dever social, Nabuco adoptou-a e compriu-a.

Foi um ser extraordinario, une genuino super-homem. Extraordinario, pelos predicados physicos, — a altura, que valeu a Saul ser acclamado rei; extraordinario, pela cultura; extraordinario, pelos serviços aos grandes ideaes; extraordinario, pela seducção que delle emanava sobre quantos se lhe avizinhavam.

Extraordinarios, por outro lado, certos factos de sua biographia : suggeriu talvez a Leão XIII a lembrança da Encyclica sobre os escravos; sentou-se e falou n'um parlamento estrangeiro; mereceu encomios de Georges Sand, Taine et Renan; um notavel critico parisiense suppoz que o nome d'elle fosse um pseudonymo de um eximio escriptor francez e comparou-lhe o estylo ao de Chateaubriand; gosou sempre de popularidade que não arrefeceu, nem ante os revezes diplomaticos; recebeu o gráo de doutor em famosa universidade norte-americana, onde realisou magnificas conferencias; teve em Washington exequias de uma pompa e significação alli jamais vistas; o arcebispo de Baltimore designou um capellão especial para acompanhar-lhe o corpo á Patria; veio esse corpo em possante vaso de guerra, dos Estados-Unidos, comboiado pelo « *Minas-Geraes* » que, prestando essas excepcionaes honras funebres, desempenhou a sua primeira commissão.

De Nabuco orador, de Nabuco escriptor, de Nabuco parlamentar, de Nabuco jornalista, de Nabuco embaixador, de Nabuco historiador, philosopho, poeta, paladino da abolição, da federação, da amizade, norte-americana; de Nabuco sob multiplos e variegados aspectos politicos, sociaes, moraes, immenso terá que dizer quem, com tempo e cuidado, lhe quizer estudar a peregrina individualidade. Cada uma dessas feições forneceria material a uma bella monographia.

« Ha gerações, escreveu alguem, ás quaes assiste o direito de se queixarem do destino : sómente conheceram as tristezas, as amarguras, as decep-

ções da decadencia; não viram a aurora radiosa, mem o meio-dia fulgurante das grandes jornadas. Nabuco não só assistiu ás magnas festas da Patria, como foi nellas personnagem de destaque, maximé na da abolição do captiveiro.

Privou com elle o orador nessa inolvidavel occasião.

Nabuco volvera, não muito antes, ao Parlamento, havendo derrotado nas urnas o prestigioso ministro do Imperio Conselheiro Machado Portella.

Demosthenicos seus discursos de então : soberbas imprecações do Direito, potentosas reinvindicações da liberdade.

A 13 de Maio de 1888, atulhado de povo se ostentava o paço da cidade, hoje Repartição Geral dos Telegraphos, onde a Princeza Imperial Regente ia sanccionar a lei emancipadora. Tão premida se achava a Condessa d'Eu pela multidão jubilosa que mal poude traçar o seu nome.

E sua Alteza chorava, porque, além da commoção do momento, assustadoras noticias recebera de Milão sobre a sáude de D. Pedro II, moribundo, ao que corria.

Assignado o documento redemptor, José do Patrocinio,louco de enthusiasmo, arremessou-se ao pés da Princeza, tentou beijal-os e, de joelhos, proferiu palavras que a todos arrebataram, produzindo lagrimas e ovações.

Joaquim Nabuco fendeu a custo a turba delirante. Para annunciar a grande nova, acercou-se de uma janella, das que deitam para o mar.

A vasta praça, as ruas circumvisinhas, coalhava-as frenetica multidão.

Quando no peitoril assomou o avantajado porte de Nabuco, um augusto silencio se alastrou. Oh, instante sobrenatural!

A tarde era linda. Por sobre a extraordinaria mó de gente desdobrava-se um trecho da bahia incomparavel : o lençol de esmeralda, as ilhas risonhas, os navios garbosos, e, ao longe, os pincaros fantasticos, sustendo o sumptuoso firmamento.

Pareceu que tudo, — povo, mar, céo, natureza inteira — tudo quedou em extases para escutar Nabuco.

Aureolava-lhe o sol a fronte sobranceira, magestatico o gesto, a voz teve um clangor de aço e de bronze proclamando a victoria.

Foi rapido e estupendo.

Correu-nos o arrepio do sublime, como ante uma celeste apparição...

Nabuco disse uma feita de si proprio que, na torrente dos homens e dos factos, não passara de uma gotta d'agua sobre a qual incidira, em fragmento infinitesimal do tempo, o clarão des supernos ideaes.

Na gotta d'agua ha um mundo.

R
REX
X

***Com o piano automatico Rex todo o mundo é pianista.***

CLUBS, CASA STANDARD 93, Ouvidor, 95, RIO.

Nessa crystallina e pura, encontrava-se, como no radium, calor, luz, electricidade, uma parcella mysteriosa e dominadora das altas cousas de Além.

Quando o oradar volta os olhos da recordação pelo seu passado politico, acode-lhe ao espirito, evocando Nabuco, a imagem de uma columna de marmore hellenica, branca e esbelta, em meio de, na mór parte, pesadas e escuras construcções.

Emquanto os mais solidos edificios se esboroam, permanece a columna erecta, solitaria, soberana, attestando a cultura de uma raça e gloria de uma época.

Perante ella, desfilam reverentes as gerações, nella enxergando uma sagrada amostra das divinaes nobreza e formosura.

---

# ACADEMIA BRASILEIRA

A Academia Brasileira de Lettras, encarregada do julgamento de peças ineditas de autores nacionaes, para o Theatro Municipal, entendeu que se áchavam no caso de ser levadas á scena na época official de 1911, as seguintes peças :

*O conto sem palavras*, em tres actos, de Roberto Gomes ;
*Não matarás*, em tres actos, Julia Lopes de Almeida.
*Expiação*, em um prologo e tres actos, de Adelina Lopes Vieira.
*O Sacrificio*, em tres actos, de Carlos Góes;
*Flor obscura*, em um acto, de Lima Campos.

***

Academicos novos, eleitos em 1910 : Paulo Barreto, Dr. Pedro Lessa, General Dantas Barreto, Afranio Peixoto.

***

Começou a ser publicada em julho de 1910 a *Revista da Academia Brazileira* (editor Jacintho R. dos Santos).

Apparece trimestralmente em fasciculos de 250 a 300 paginas. Tem publicado alguns ineditos interessantes e contribuições para a formação do diccionario de brasileirismos.

---

# Floriano e Deodoro

(Dantas Barreto, *da Academia*).

---

O Marechal Floriano Peixoto era um desses homens que por uma extranha fatalidade resumem todos os factos preponderantes de uma phase social, como já ficou exemplificado em linhas anteriores.

Concentrado na vida serena de um engenho de assucar que ainda não continha os inventos de avantajada e facil producção ; no retiro silencioso das florestas de sua terra formosa, por onde erraram bellos exemplares de tribus guerreiras, na liberdade quasi primitiva do paiz selvagem ; ahi foram-no buscar na ultima phase da monarchia vencida e começaram a dar-lhe posição administrativa, politica e de commando militar. E quando as rajadas de 89 deitaram por terra o edificio mal architectado da realeza que se gastara nas intrigas da sua côrte sem brilho, nas tramas silenciosas dos meios com que se devia lançar o golpe de morte sobre o Exercito nacional, que detestava com o rancor de inimigo irreconciliavel, já elle, o General, tinha proporções para decidir da sorte politica de seu paiz. Esteve nas suas mãos, como por assim dizer, nas mãos de Lamartine, em 1848, a Casa de Orleans, na França ; esteve nas suas mãos a sorte da Familia imperial brasileira, no dia 15 de Novembro d'aquelle anno afortunado. Conhecia de vespera o incendio que devia lavrar nos paços de S. Cristovão para integralização da liberdade americana ; facil, portanto, lhe fôra isolar as chammas que se iam alteando, e por tal fórma tornar-se o elemento salvador, prodigioso dessa construcção em perigo. Não tinha mais que se contrapôr, com o prestigio da sua autoridade realçada por um valor incontestado, ás manobras ainda em sigillo do Marechal Deodoro, que não se poude conter ao grito de desespero do Exercito flagellado, em vesperas de dissolução affrontosa. E teria sido o primeiro Barão da monarchia agradecida, como em 1894 foi o primeiro cidadão da Republica vingada.

***

Soldado, essencialmente soldado o Marechal Deodoro da Fonseca vencia como Ney pela bravura, mas pouco lhe importavam os effeitos da victoria nas lutas intestinas. Ia direito ao seu objectivo, attingia-o sempre e se tinha feito algum mal que não calcu-lara, penalizava-o isso até ás lagrimas quentes, que lhe subiam do coração generoso e bom. Se no dia 15 de No-

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

vembro lhe apparecesse o Imperador appellando para a fidalguia do seu caracter sem jaça, abatido e humilhado nos salões do Itamaraty, não teria resistido : devolver-lhe-hia o throno que arrebatara num accesso de raiva para vingança dos seus camaradas, a quem o Monarcha detestava com o mais frio desprezo. E nem ao menos acautelar-se-hia da vindicta immediata, que seria de certo a morte infamante, ou o desterro perpetuo por um assomo de imperial clemencia. Tinha a sinceridade dos espiritos despreoccupados de ambições tumultuarias para ser um politico activo e tinha uma alma aberta a todos os sentimentos affectivos para não se penalizar dos infortunios que determinam crises desoladoras. No auge da colera allucinadora dos seus arrancos violentos transformar-se-hia de repente, como criança que satisfaz um desejo caprichoso, as attracções de um rosto lindo de mulher faceira, que lhe apparecesse sorrindo. E, se ás vezes deixava-se dominar de uma severidade que fazia lembrar o maior tyranno de Roma, tinha, porém, a fragilidade romantica de Marco Antonio e como este seria capaz de depôr aos pés de uma Cleopatra moderna o mais cobiçado imperio do mundo. Leal e valente até ao abandono de si proprio, não conhecia as explosões torpes da perfidia, as urdiduras occultas da traição e entregava-se com a confiança dos fortes ao acaso das situações vagas, das trevas. Empenhado durante a melhor parte da sua existencia nas coisas mais praticas da profissão que o empolgara por completo, parece não ter, assim, desviado sua actividade intellectual para os apparelhos das novas combinações politico-militares, que fazem o successo de um General moderno. E, talvez por isso, não lhe fosse dado cair da montanha a cujo vertice o levaram os acontecimentos de 89 com o ruido estrondoso que transporia mares e oceanos para se perpetuar vigorosamente na historia dos grandes successos continentaes americanos. Collocado, porém, na época em que mais se destacara, ainda no regimen passado, podia-se considerar dos primeiros entre os seus pares.

Quando o Marechal Floriano o substituiu no Governo da Republica, com o restabelecimento da legalidade triumphante, em vez de uma orientação firme na politica e na administração do paiz, encontrou o sussurro amotinador, ambicioso, dos que pretendiam aproveitar o momento confuso da desordem, para as aventuras da fortuna.

Pensavam apanhal-o de surpresa para joguete dos seus calculos vellados e encontraram um estadista sagaz, observador, capaz de todas as energias para manter illesa a soberania da Patria, a feição integral de sua nacionalidade em avanço.

Era com esse homem que enfrentavam os revoltosos de 93. Quando se aperceberam de que se tinham enganado e que a um General vencido pela doença e pelo coração, substituira outro General que aprendera nelles proprios—nas suas tendencias anarchicas e na sua vaidade ferida o meio seguro de dominal-os, de contel-os nas suas investidas á muralha do poder, já não lhes era dado recuar e se homens de notoria responsabilidade moral e intellectual não ficaram perdidos para sempre nessa audaciosa aventura, é porque a generosidade tradicional da nossa raça domina todas as classes no Brazil.

# UM GRANDE DIAMANTE

(Orville A. Derby)

O diamante que estes ultimos dias (dezembro de 1910) tem feito certa figura nas columnas dos jornaes e ao qual o meu nome ficou de algum modo ligado pela méra casualidade de eu ter acompanhado os donos na visita que entenderam fazer ao Ministro da Agricultura, no intuito de lhe mostrar tão notavel amostra da riqueza mineral do paiz, merece realmente o titulo de « grande », quer sendo comparado com os seus congeneres do paiz de sua origem, quer sendo com os do mundo inteiro. Entre os definitivamente conhecidos do primeiro grupo, tomando em conta o seu pezo tão sómente, está positivamente no segundo lugar. e entre os utimos proximamente, no vigesimo segundo.

O termo « grande » applicado ao diamante, é, como em muitas outras cousas, mal definido, mas conforme o uso mais generalizado póde ser restringido ás pedras de 100 quilates (20 1/2 grammas) para cima. Refere uma das melhores autoridades sobre o assumpto, que, entre joalheiros, diamantes lapidados de dimensões excepcionaes são conhecidos pelos nomes de — solitarios, *nonpareils*, e *paragons*, sendo o primeiro destes termos applicado aos de mais de 50 quilates, dando-se o titulo de « majestosos » aos de mais de 100 quilates.

Como termo de comparação podemos dizer que um diamante lapidado de 50 quilates seria quasi completamente coberto por uma das pequenas moedas de nikel de 100 réis, e um de 100 quilates por uma das moedas antigas do memo valor.

Estes termos de joalheria não se applicam aos diamantes brutos, mas de algum modo justificam o limite mini-

mo de 100 quilates para a denominação de « grande », visto que ordinariamente não se obtem na lapidação um solitario de 50 quilates com uma pedra original de muito menos do dobro deste peso ; isto é, sem a perda de metade, e muitas vezes mais da sua substancia.

O mais recente e autorizado tratado sobre pedras preciosas, o do professor Max Baner, da Universidade de Marburgo, dá a lista dos « paragons »

R
REX
X

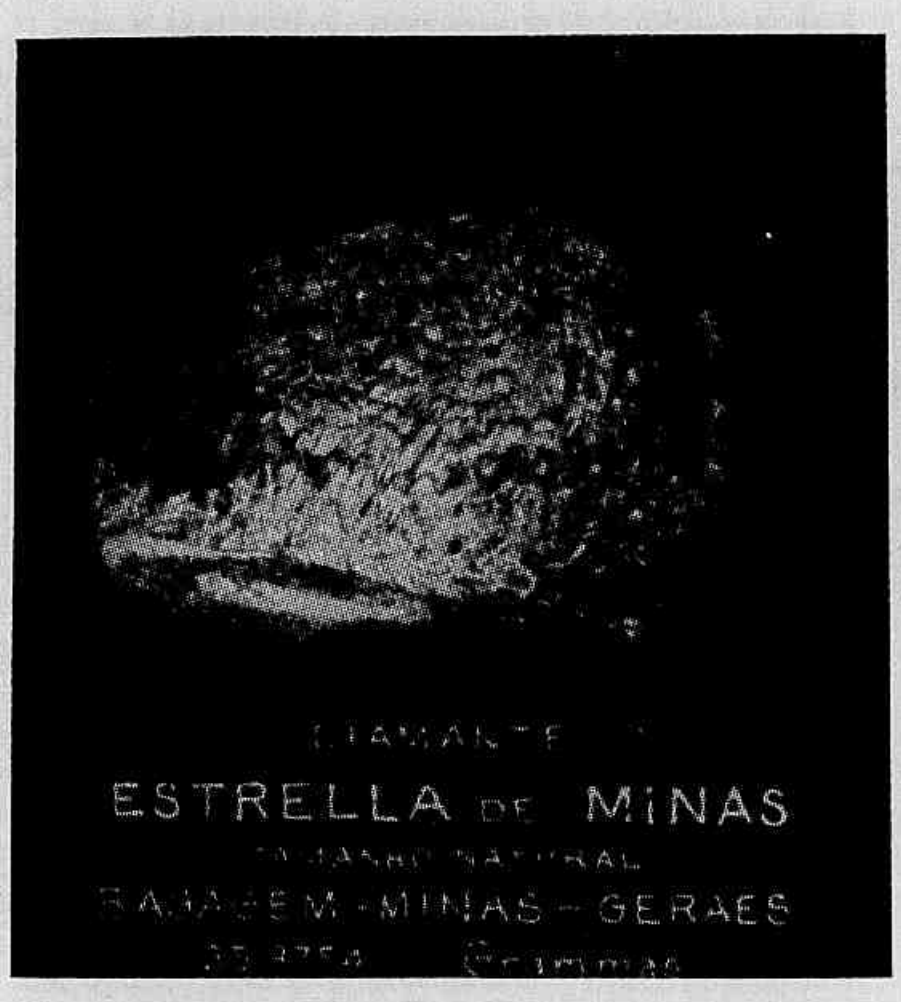
E Sempre o Piano

R
REX
X

R
REX
X

definitivamente conhecidos, em numero de 34, dos quaes 25 provém da India (4 destes tem o peso inferior por causa da côr ou outra particularidade novatel), 7 da Africa Austral e 2 do Brasil. Este ultimo algarismo deve agora ser elevado a 3, visto que o diamante aqui considerado dará inquestionavelmente um « paragon » quando lapidado.

Contando os diamantes grandes tão sómente, o numero para o Brasil deve ser elevado a 4, para incluir uma pe-




dra de 133 1/2 quilates encontrada no tempo colonial no rio Abateté, que ao que parece, era demasiado defeituosa para ser lapidada. Deve-se dizer, porém, que é relativamente enorme a producção nas minas africanas de diamantes grandes que não produzem « paragons », e que por isto não figuram na lista acima citada, cujo autor declara que quasi não passa um dia em que não apparece uma pedra de 50 a 100 quilates.

Em toda a parte do mundo em que se tem minerado diamantes, a grande maioria das pedras extrahidas approxima-se mais ao peso de 1 quilate (proximamente o tamanho de uma ervilha), do que a qualquer multiplo desta unidade. De facto, o peso médio da producção total, seria provavelmente mais chegado a 1/4 ou quando muito a 1/2 quilate, do que a um quilate inteiro.

No Brasil sempre foram considerados como excessivamente raros os diamantes de uma oitava (unidade de peso geralmente empregada no Brasil no commercio em metaes e pedras preciosas. Applicada ao diamante é equivalente a 17 1/2 quilates dando uma pedra approximada em tamanho a uma avellã grande), tanto que se premiava com a liberdade o trabalhador escravo que tivesse a fortuna de encontrar uma pedra deste, ou de maior peso.

Durante a administração official das lavras do districto de Diamantina, em Minas Geraes, de 1772 a 1830, só foram registrados 80 diamantes que alcançaram ou excederam este peso. Faltam completamente elementos para a estimativa do numero de diamantes semelhantes, roubados ou obtidos por particulares durante este periodo, mas certamente era bastante inferior a este algarismo.

Tomando este dado official como base de uma estimativa do numero de diamantes de uma oitava ou mais, encontrados neste districto, desde o comeco dos trabalhos regulares de lavras em 1728, podemos tomar como provavel que o numero total havia de cahir entre 300 e 400. Nada consta a respeito do peso maximo dos diamantes maiores do districto de Diamantina, mas ha forte presumpção que este houvesse oscillado entre 30 e 50 quilates. Esta hypothese é de algum modo confirmada pela circumstancia que os diamantes maiores officialmente registrados durante o periodo colonial provinham do districto do rio Abaeté e entre estes o do peso de 138 1/2 quilates era considerado excepcional. Ao que parece esta pedra nunca foi lapidada, e não se sabe que fim levou.

Este ultimo districto tem tido sempre a fama de produzir em certa abundancia diamantes maiores (de uma oitava para cima), mas, infelizmente, em regra geral, estes são de tal modo

defeituosos, que não dão brilhantes de dimensões notaveis e por esse motivo não se tem conservado noticias certas do seu numero e peso.

E' bem provavel que o acima mencionado não seja o unico aqui encontrado que excede o peso de 100 quilates e talvez que não seja o maior entre elles.

A região diamantina do Estado da Bahia, conhecida pelo nome de Chapada, tem produzido em pouco mais de meio seculo de mineração, uma quantidade de diamantes, proximamente igual á do districto muito mais antigo de Diamantina, em Minas Geraes, mas aqui tambem são excepcionaes os de mais de uma oitava.

Indagando de um dos mais velhos e intelligentes residentes de Santa Isabel do Paraguassú, que desde menino tinha acompanhado, na qualidade de mineiro e negociante de diamantes, o desenvolvimento da mineração na região, só obtive noticia de cerca de uma duzia de diamantes deste peso e entre estes o maior era de 87 1/2 quilates.

De outro lado a Chapada Bahiana tem se tornado celebre pela producção do typo especial de carbono crystallizado, conhecido pelos nomes de « diamante preto » ou « carbonado », que pela sua falta de trasparencia e brilho é absolutamente sem valor como ornato de luxo; mais pela sua extrema dureza e outras qualidades tem applicações industriaes que o tornam não sómente infinitamente mais util como tambem mais valioso, contado por unidade de peso, do que o verdadeiro diamante.

Assim, por exemplo, um carbonado de 1 quilate, se vende actualmente por maior preço que dous diamantes do mesmo peso cada um, mas esse mesmo carbonado de 1 quilate valerá apenas metade de 2 quilates de diamante reunidos em uma só pedra, de primeira agua. Entre os carbonados são bastante frequentes pedras de dezenas e centenas de quilates, e uns poucos tem apparecido que excedem o pesc de 1.000 quilates, cousa que até 5 annos era inteiramente desconhecida entre os diamantes verdadeiros. Assim se citava entre os carbonados da Bahia, um de 1.700 quilates e outro de 3.167 (650 grammas). Este peso extraordinario era considerado absolutamente impossivel entre os diamantes transparentes até 1905, quando a descoberta do famoso Diamante Cullinan, na Mina Primier do Transvaal, elevou de um pulo gigantesco, o peso maximo de 971 3/4 quilates a 3.025 3/4, quasi equiparado ao do maior carbonado conhecido.

A historia dos grandes diamantes brasileiros susceptiveis de darem « paragons », começa com a descoberta, em meiados do seculo passado, de diamantes no districto de Bagagem, na parte occidental do Estado de Minas Geraes, na antiga estrada de S. Paulo para Goyaz.

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

Com a costumada rapidez creou-se logo depois da primeira descoberta, na margem do rio Bagagem, um activo centro de mineração e de commercio que tomou o nome do rio e que logo ganhou fama pela qualidade superior e pelas dimensões avantajadas dos diamantes produzidos. Entre estes appareceu em 1853 o que tomou o nome de Estrella do Sul, do peso de 254 1/2 quilates no estado bruto (125 quilates lapidado), que até hoje é o maior diamante conhecido produzido nas lavras brasileiras. Poucos mezes depois foi encontrado outro do peso de 119 1/2 (76 1/2 lapidado (quilates que ficaram conhecidos pelo nome de um dono temporario o Sr Dresden e que até á recente descoberta gozava da fama do segundo diamante do Brasil, collocação esta que agora pertence á pedra aqui considerada que pesa 175 quilates (de 205 milligrammas que parece ser a unidade adoptada na obra de onde vêm citados os algarismos acima) ou 35, 8.754 grammas.

E precizo, porém, constatar que, conforme informações que parecem fidedignas, foi destruido ha uns cinco ou seis annos um diamante bruto bastante maior do que a famosa Estrella do Sul. Em fins de 1905 ou principios de 1906 circulavam nos jornaes noticias vagas de um grande diamante descoberto num garimpo nas margens do rio Verissimo, no sul de Goyaz, e submettido em Catalão á prova de dureza de batel-o sobre uma bigorna com um malho. Passando eu em Abril de 1906 em Araguary tive occasião de ver em mãos de um lapidario syrio, alli estabelecido, uma parte do resultado desta operação e de recolher informações a respeito. Foi-me mostrada uma parcella de pó e pequenos fragmentos de diamantes do peso de pouco mais de 100 quilates que tinha sido adquirida por um negociante de Araguary pelo preço de 2.500 $. Entre os fragmentos maiores houve uns tres ou quatro aproveitaveis que estavam sendo lapidados, dando o maior um brilhante de 8 1/2 quilates. O lapidario tinha se empenhado em colher as noticias mais fidedignas possiveis a respeito da pedra e me informou que, segundo as suas indagações, esta não foi pesada antes de ser submettida á referida prova, mas que era quasi certo que tinha muito approximadamente a fórma e dimensões de uma caixa de phosphoros e que sobre esta base elle calculava o seu peso em mais de 600 quilates. Effectivamente, um diamante, tendo o volume de uma caixa de phosphoros (dos maiores de madeira), teria um peso excedente de 600 quilates, e assim é quasi certo que o diamante estupidamente destruido tinha entre duas e tres vezes o peso do Estrella do Sul.

Consta-me que a este novo diamante será dado o nome de Estrella de Minas. A sua fórma é proximamente a de um meio semi-ellipse, podendo ser representada toscamente (bem como o seu tamanho) por um ovo de gallinha cortado pelo meio, segundo o eixo maior e depois aparado no mesmo sentido de um lado quasi até o meio. As suas principaes dimensões exactas são : maior comprimento 33 mm., maior largura 22 mm., maior altura 23 mm.

As quatro faces limitrophes são planas, com algumas irregularidades em fórma de escada, em dous lados, e suavemente curvadas nos outros dous. Os lados curvados têm todo o aspecto de faces crystallo-graphicas correspondentes ás de um dodecahedro rhombico, que é uma das fórmas mais frequentes e caracteristicas nos diamantes bem crystallizados. Os lados planos, têm o aspecto de faces de clivagem, mas sómente um crystallographo muito experimentado poderia dizer se esta é ou não a interpretação verdadeira a ser dada a elle. Todas as faces estão cobertas de pequenas depressões que dão á superficie, especialmente nas faces curvadas, um aspecto chagrinado

ou escamoso como o da pelle de uma cobra. Nas faces planas estas depressões affeitam fórmas rectangulares dando linhas como as das telhas num tecto. Entre as figuras assim produzidas ha uma maior que forma uma depressão triangular de cerca de 5 mm. de cada lado e outro tanto de fundo, que apresenta o aspecto de ter sido produzido por um outro crystal encostado ao diamante na occasião da sua formação. E', porém, duvidoso que esta seja a sua verdadeira significação.

A fórma geral do « Estrella de Minas » é muito parecida com a do « Estrella do Sul » no seu estado bruto e, ao que parece, á do diamante Dresden tambem, que, conforme as descripções, era tão semelhante áquella que se aventurou a hypothese que os dous eram fragmentos de clivagem de uma só pedra original de fórma elliptica. E' realmente digna de nota a circumstancia que os tres maiores diamantes brasileiros conhecidos fossem encontrados proximamente no mesmo lugar e que apresentem a mesma fórma, dando a impressão de ser cada um a metade de um grande crystal dodecahedrido rachado pelo meio.

O Estrella do Sul foi estudado no estado bruto pelo eminente mineralogista francez Dufrenoy, que interpretou as suas faces curvas como as de um dodecahedro rhombico e a achatada como uma face de clivagem, ou mais provavelmente de assentamento sobre a rocha matriz. As pequenas depressões octahedricas existentes em diversas das faces foram interpretados como impressões de diamantes menores que se tinham formado em contacto frouxo com o maior.

A pedra presente offerece elementos para contestar esta interpretação na parte relativa ás faces chatas e ás impressões que caracterizam este e outros diamantes grandes. A questão é da maxima importancia no estudo do modo de genesis do diamante, no qual importa muito determinar se os maiores se formam, como os pequenos, livremente, no meio da matrix, ou adherente a uma outra pedra, seja esta um outro diamante, seja qualquer outro elemento da matrix. Ao mesmo tempo a questão é uma das mais in-

trincadas da crystallographia e por isto muito fóra do seu alcance. Seja-me, porém, permittido, aventurar timidamente as seguintes observações :

As figuras superficiaes acima notadas produzidas por pequenas depressões sobre as faces do nosso diamante, são muito semelhantes ás chamadas « de corrosão », produzidas sobre as faces de um crystal qualquer pela acção lenta de um reagente capaz de dissolver a sua substancia. Sobre o diamante se tem obtido taes figuras pelo começo da combustão numa corrente de oxygeneo, mas não se conhece outro meio de as produzir e difficilmente se póde admittir que nas condições em que o

**CLUBS DA CASA STANDARD** *93, Ouvidor, 95* **RIO**

***Todo o Mundo Conhece.***

diamante se apresenta na natureza pudesse ter havido uma acção corrosiva sobre elle. Parece muito mais razoavel considerar estas figuras como um phenomeno da crystallização do mineral. Se assim fôr o nosso diamante que apresenta com igual nitidez as figuras sobre as faces planas e as curvadas, devia ter-se formado em condições de ter todas as suas faces igualmente livres á acção da mysteriosa força crystallizadora. Isto quer dizer que as faces planas não podem ser as de adherencia a um outro mineral, nem devidas a uma clivagem posterior á formação de um diamante maior. Este é um assumpto para ser estudado por quem disponha de profundos conhecimentos de crystallographia e de abundante material para as necessarias comparações. Até ser feita uma investigação séria a respeito, parece mais acertado considerar as faces planas que caracterizam os grandes diamantes brasileiros aqui considerados, bem como os dous gigantes africanos, o Excelsior e o Culliman, como feições originaes ainda não bem explicadas.

## Camillo Castello Branco e Theophilo Braga

Devem saber que, se ha odios litterarios, eram os que ha muitos annos separavam Camillo Castello Branco de Theophilo Braga.

A menor offensa que um ao outro se tinham dirigido era chamarem-se idiotas e rapinantes com todas as lettras.

Este rancor excedia por vezes os limites litterarios e invadia profundamente o caracter pessoal dos dous grandes escriptores.

Mais tarde, porem, Theophilo Braga perdeu com um intervallo de dous mezes os seus dous queridos filhos.

Camillo, comprehendendo a immensidade d'aquella dôr de pai, pôz de parte todas as suas dissidencias litterarias, e pegando da pena escreveu sob o titulo de — *A maior dôr humana* — estes versos sentidos, que, se não são a obra prima do seu espirito, são os mais nobres rasgos do seu coração :

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora.
Que amargas condições o escravisaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus. A Fé implora.
E o céo que respondeu? As mãos baixaram
Para o corpo abraçar da filha morta

Depois, um pai que em trévas vai sonhando,
E apalpa as sombras d'elles onde os viu
Nascer, florir, morrer!...
Desastre infando!

Ao teu abysmo, pai, não vão confortos.
E's coração que a dôr impederniu,
Sepulchro vivo de dous filhos mortos.

27 de Junho de 1887.

D'ahi por diante, o odio dos dois escriptores emmudeceu e um não teve mais para o outro senão palavras de carinho.

---

## Alma Varia

(Affonso Celso)

Uma só alma? que engano!
Muitas almas todos têm;
Muda-se a alma de anno em anno,
Morrem umas, outras, vêm

Tive uma alma côr de arminho,
Pura assim nunca se viu;
Mas essa alma... Passarinho,
Bateu as asas, fugiu.

Tive uma alma ardente e bella
Como o sol jámais brilhou;
Mas essa alma... Pobre vela,
Zuniu um vento e a apagou.

Hoje, esta alma que me habita
Donde veiu? Quem m'a deu?
— E' como estranha visita,
Mais velha e triste do que eu.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

# NOTULAS LITERARIAS

### Para a historia do theatro brasileiro. Era em 1883.

Achando-se em Paris o saudoso Arthur Azevedo, lembrou-se de traduzir *O Droit de Seigneur*, lindo vaudeville então em pleno successo, o que não levou a effeito, apezar de insistir com elle um emprezario nosso, que lhe offereceu por isso 300$000.

Comtudo, trouxe a peça para o Brasil. Aqui Aluizio, sabendo do facto, solicitou para si e traduzio a operetta, fazendo-lhe uma pequena adaptação. Annunciada a primeira representação no antigo theatro Sant'Anna, para onde passára a companhia Heller, compareceu ao espectaculo a familia imperial e a sua côrte, enchendo-se o theatro a transbordar.

Em certa altura da peça porém, na adaptação que lhe intromettera Aluizio, um personagem, tendo de referir-se ao *Seigneur* que andava a requestar por meios violentos a *Flor de Lys*, sua vassalla, dizia :

« Tal qual o Sr. D. João V, quando ia ás freiras de Odivellas!... »

Foi um escandalo, aquella allusão historica. O imperador com a sua familia retirou-se immediatamente, e o espectaculo acabou frio. Logo, grande alvoroço no seio do Conservatorio Dramatico, que então existia e era presidido pelo Dr. Ataliba de Gomensoro. O emprezario foi convidado a comparecer á pólicia, de que era chefe o famoso Ludgero, celebre pelos seus colossaes collarinhos.

O Dr. Ludgero propoz a retirada da phrase. O emprezario, porém entendeu que isso ia desmoralizar a sua empreza e julgou melhor não a representar mais, tomando a precaução de o não declarar ao publico. A *Flor de Lys* estava annunciada para esse dia em segunda. O annuncio não foi revogado; mas ás 7 da noite, á porta do theatro, um aviso dizia ao publico que por adoecimento da actriz principal não havia espectaculo.

E nunca mais se fallou na *Flor de Lys* por cuja traducção um emprezario dera 300$, dos quaes apenas conseguio reembolsar 30$ da primeira noite, pois tinha 10 % de direitos de traducção.

### Premios literarios.

A Academia Brasileira de Lettras, tendo aceitado a incumbencia de conferir á melhor poesia inedita de assumpto tirado do primeiro seculo da Historia do Brasil (1500-1559) o premio de 500 $, intituido pela *Gazeta de Noticias*, resolveu concordar com as seguintes bases apresentadas pela doadora, para o concurso e o julgamento das obras :

I. O prazo da inscripção findará no dia 1 de Maio de 1911.

II. O numero de versos será de cem, no minimo .

III. A poesia deve ser rimada, mas não em metrificação uniforme, nem em estrophes regulares.

IV. Os concurrentes devem enviar os originaes em duplicata, assignados por um pseudonymo. Igual pseudonymo deve vir do lado de fóra de um envolucro fechado, dentro do qual esteja o nome do autor. Os envolucros que possam ser abertos mesmo no caso dos autores não terem sido premiados, devem ter pelo lado de fóra a menção : « Póde ser aberto ». Só os que tiverem essa menção ou do autor premiado é que serão abertos.

V. A Academia reserva-se o direito de publicar quaesquer poesias que lhe tenham sido enviadas. »

Ha, pois, actualmente varios premios literarios propostos e que devem ser. conferidos annualmente a autores brasileiros o do THEATRO (3:000 $ 000), o de LITERATURA, prosa (2:000 $ 000), o de POESIA Medeiros e Alburquerque (500 $ 000) e o de POESIA *Gazeta de Noticia* (500 $ 000). Todos serão conferidos pela Academia Brasileira.

## COISAS E LOISAS

### O estouro da boiada.

Já viste explicar o estouro da boiada?

Vae o gado na estrada mansamente, rota segura e limpa, chã e larga, batida e tranquilla, ao tom monotono dos eias! dos vaqueiros. Caem as patas no chão em bulha compassada. Na vaga doçura dos olhos dilatados transluz a inconsciente resignação das alimarias, oscillantes as cabeças, pendente a magrem dos perigalhos, as aspas no ar em silva raseira por sobre o dorio da manada. Dir-se-ia a paciencia em marcha, abstrata de si mesma, ao tintinar dos chocalhos, em pachorrenta andadura, espertada automaticamente pela vara dos boiadeiros. Eis senão quando, não se atina porque, a um accidente minimo, um bicho inoffensivo que passa a fugir, o grito de um passaro na capoeira, o estalido de uma rama no arvoredo, se sobresalta uma das rezes, abala, desfecha a correr, e após ella se arremessa, em doida arrancada, atropeladamente, o gado todo. Nada mais o reprime. Nem brados, nem aguilhadas o detem, nem tropeços, voltas eu barrancos por d'avante. E lá vae, incessantemente, o panico em desfillada, como si os demonios o tangessem, leguas e leguas, até que, exhausto o alento, esmorece e cessa, afinal, a carreira, como começou, pela cessação do seu impulso. Eis o estouro da boiada. Assim o movimento politico de Maio : um baque, um susto, uma fuga, um esparramo e a desordem geral no mundo politico surprehendido.

RUY BARBOSA.

## *EPIGRAMMA*

« Sim : seu marido (um medico dizia)
Tem asthma, tem doença prolongada.
Tem muito que soffrer. » — Pobre coitado!
(Lhe responde a mulher). Mas bem podia,
Senhor doutor, cural-o de maneira,
Que o depenne depressa, e no céo posto
Eu de o vêr padecer forre o desgoto,
E elle de assim viver forre a canceira.

FILINTO ELYSIO.

APPARELHO de SEGURANÇA
É'
**A navalha de barba mais util e mais perfeita**
STANDARD

# A GOTTA D'AGUA E AS NUVENS

(Coelho Netto)

Os pastores mais velhos juravam não haver, em memoria d'homem, lembrança de tão rigorosos sóes, queimando aquelles ferteis lugares, como os do abrasado verão que passava, lento e suffocante.

De tantos rebanhos que pasciam nas achadas e pelos verdes reconcavos alegrando, com as suas vozes, o agreste silencio, poucas ovelhas restavam, essas mesmas entresilhadas, balando tristemente no fundo das grotas seccas.

Mantendo-se o ceu sempre azul, sumindo-se, chupados pela terra, os derradeiros fios d'agua, quasi todos os zagaes abandonaram as pasturas montesinas descendo á planicie com o fato dizimado.

Na serra ficaram apenas dois moços resistindo ao flagello, esperando que se rompessem as nuvens que atravessavam o ceu, fartas d'agua, rolando além dos cimos remotos.

Um dos moços preguiçoso e desanimado, depois dum dia de penoso andar por fraguedos e balsas, á cata de fonte ou arroio, tornou ao seu tugurio descorçoado e, sem pensar no rebanho que ia, aos poucos, ficando reduzido, resolveu entregar-se á Providencia, certo de que ella o havia de soccorrer.

O outro, mais activo e corajoso, metteu-se ao matto, invadiu cavernas, desceu a grotões a vêr se encontrava um broto d'agua a saltar da terra ou toalha espumante a alagar penedo porque não lhe parecia possivel que aquellas rochas, sempre tão copiosamente lavadas, seccassem dum momento para outro.

Ao cabo de muita fadiga viu um escasso lacrimal instillando d'alteroso alcantil e, contente, partiu a levar a noticia ao companheiro.

Encontrou-o deitado á sombra, lamentando a sua miseria e, em torno delle, os magros animaes esfalfados, ávidos, baliam baixinho como em queixa triste.

Sem conter a alegria deu parte da sua fortuna, descrevendo o sitio acceitoso e fresco em que encontrára agua.

— Rio ou fonte? perguntou o lerdo pastor.

— Nem rio nem fonte : é uma lagrima lenta que pinga da pedra.

Pareceu ao outro tão minguada a ração que nem se quiz fatigar descendo ao sitio sombrio.

— Mana gotta a gotta o manancial que encontraste e que é isso para a sêde dos animaes? Não será com gottas d'agua que hei de salvar o pouco que me ficou do rebanho. Se se tratasse de fonte ou corrego onde os pobresinhos bebessem até á saciedade, eu desceria comtigo supportando o sol que abrasa; mas por tão pouco não quero aggravar o soffrimento com o cançaço.

— Mas se houvesse fonte ou corrego nós não lamentariamos a inclemencia do sol e a serra estaria animada, como dantes, com todos os pastores nos seus ranchos e todos os pastos cobertos de gado. E' justamente por ser a epocha de tão apertada miseria que me alegro com o achado que fiz. Vem!

— Não, disse o outro; as nuvens enegrecem e incham a mais e mais annunciando as desejadas chuvas. Com um só dia de aguaceiro as fontes rebentarão de novo e as aguas desfiarão das rochas.

— E emquanto não chove?

O moço encolheu os hombros com indifferença.

Vendo que o não decidia, o outro partiu levando aos hombros duas urnas.

Logo que chegou ao alcantil procu-

rou aproveitar as duas gottas que manavam das arestas da pedra e, vendo que cahiam nas urnas lentamente, a espaços longos, sahiu a reunir o seu pequeno rebanho.

Os animaes, sem alegria, abatidos, estiravam-se na relva queimada, arquejando.

O ceu quente estava todo doirado e, por toda a serra, cantavam cigarras. As folhas seccas estalavam sob os pés do pastor e subia de todos os pontos um cheiro acre e morno de rescaldo.

Pacientemente, vagarosamente foi o moço conduzindo ovelhas e borregos, guiando-os, por escolhidos caminhos faceis, para o sitio amavel e, quando lá chegou, antes mesmo de procurar um ponto resguardado onde se agazalhasse, correu a vêr as urnas e descobriu no fundo d'ambas a agua que subia e brilhava, tremendo com insistente e vagaroso gottejar.

Anoiteceu com luar e o moço, deitado na palha, sem somno, pensava em noites iguaes áquella, nos tempos ferteis, quandos todos os pastores juntos discorriam, cantavam em torno de lumes, ouvindo o rolar das aguas beneficiadoras.

E o companheiro? Elle, ao menos, buscára aquella gotta d'agua, soubera descobril-a ouvia-lhe o soìdo pausado certo de que, ao clarear da manhan, teria com que desedentar-se e ás ovelhas... E o outro? Lá estava á espera das nuvens que passavam no ceu, sombrias, levando agua para outras regiões mis felizes.

Pastor e gado adormeceram.

Ao romper d'alva, com o canto jocundo dos passarinhos e o murmúr da brisa nas folhas, o moço, acordando e ouvindo o lepido ruido do estellicidio, correu ás urnas e achou-as quasi cheias.

Alegre, reunindo o pequenino rebanho e o rafeiro que o guardava, abeberou-os com a agua duma das urnas e, aproveitando a da outra, regou a terra no sitio em que pretendia ficar e logo sentiu a gratidão das hervas desalteradas : como que acordaram do torpor estival em que jaziam respondendo, com o viçor, ao beneficio inesperado.

Tornaram as urnas ás gottas do alcantil e o rebanho, contente e reanimado, poz-se a correr no bosque catando as folhinhas tenras.

Passaram-se dias e dias. As nuvens não se desfaziam em chuva, a mais e mais as hervas serranas mirravam esturricadas, mas o alcantil não negava o seu pouco e já o pastio reverdecia á volta do rancho de palha do moço activo e o rebanho e o cão refaziam-se saciados.

Lembrou-se, então, o moço do companheiro e subiu a vêl-o no tugurio da serra.

Caminhando notava pelas trilhas a devastação da secca. Planaltos que seus olhos avistavam, planaltos outr'ora viçosos, eram pardos e arrasados taboleiros de resequidos gravetos; os leitos dos corregos eram vallos pedregosos e longe, nas chans avelludadas, nem um filete d'agua luzia.

Ao sahir numa clareira viu um esqueleto de ovelha, outro adiante, ainda outro; os corvos haviam-se fartado nos miseros animaes. Seguia e, num fosso, descobriu o cão de pastoreio que o outro tanto estimava. E o dono? achou-o tambem.

Estava estendido, como morto, junto a uma arvore, os olhos semi-cerrados, a boca entreaberta. Ajoelhou-se e, tomando a borracha que levava a tiracollo, chegou-a aos labios do desfallecido.

Logo que sentiu o refresco o desgra-

BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

çado abriu os olhos e, fitando-os no companheiro, sorriu tristemente :

— E Deus! murmurou. E Deus que nos abandona! As nuvens passam, todos os dias, carregadas d'agua, passam devagar, como zombando do nosso soffrimento, e vão despejar longe, talvez no mar. Essa é, então, a misericordia divina? Vi morrerem, uma a uma, todas as minhas ovelhas, hoje seria a minha vez se não viesses em meu soccorro. Achaste por ahi algures fonte ou corrego... Eu bem sabia que nem todos haviam estancado. De mim não se compadeceu o Senhor. Tambem... quem sou eu para merecer a compaixão de Deus!?

— Não blasphemes, disse o pastor : se chegaste a tal extremo de ti sómente te deves queixar, que não procuraste remedio contra o flagello. Deus não quer inertes nem desalentados : o preguiçoso e o pusillanime são inuteis para o mundo e fracos perante Deus. Sem iniciativa e coragem, actividade e esforço, nada se consegue.

Eu, procurando, achei as gottas do alcantil e, perseverando pacientemente com ellas, salvei-me e salvei o que era meu e ainda revigorei as plantas quasi mortas e vim a tempo de chamar-te á vida.

Confiavas demasiadamente em Deus. Deitado e rezando delle esperavas tudo contando com as nuvens do espaço. Se houvesses imitado o meu exemplo não terias soffrido tanto. Eu aproveitei o pouco e, todas as noites, ajuntando as gottas, achava, de manhan, com que abeberar o gado e regar o pasto ; e tu, com os olhos nas nuvens carregadas d'agua que passavam no ceu, ias acabando entre as ovelhas mortas de sêde.

Eu nunca confiei nas illusões: achei mais seguro o pouco do rochedo do que a abundancia que, todos os dias, passava entre o sol e a terra.

As nuvens eram mais copiosas, não nego, mas estavam tão longe e é tão incerto desfazerem-se... e a gotta pingava sempre da pedra enchendo as urnas.

Foi o teu mal, e esse é o mal de muitos : deixar o pequeno bem, que é certo, pelas illusões immensas que vagam na altura.

*(Apologos.)*

## INGREZIA

O vulgo chama *ingrezia* ou *ingrizia* a qualquer machina ou apparelho de mechanismo complicado, que elle não comprehende bem e que lhe desperta ou causa sempre admiração ; e d'ahi, por similhança, o chamar tambem *ingrizia* a qualquer cousa complexa (especialmente de natureza mechanica), que attribue sempre ser obra de *inquilez*, isto é, *de gente das outras terras*...

*Ingrezia* ou *ingrizia* não será, pois, corruntela de *inglezia* (dando-se ahi a permuta do *l* pelo *r*), que quer dizer cousa *de inglez* ou feita por *inglez*, que é gente das outras terras? Aulete dá *ingresia* no sentido de bulha, barulho, etc... (1)

Ou não virá de *engrezar*, *engrazar*=*engrenar*...?

Si não fôr... que o leitor queira, por obsequio, destrinçar essa *ingrizia* sem *bulha* nem *matinada*, que eu, de outra forma, não posso...

Camocim. JULIO C. MONTEIRO.

(1) Mais propriamente o portuguez mal pronunciado ou falado mal por individuo inglez.

## CONCURSO LITERARIO

# REQUINTADO (1)

(CONTO PREMIADO)

**Ensaio de psychologia morbida.**

— Salve, mestre! disse Elysio Breno transpondo o limiar do gabinete de Flavio Albano. Venho apreciar as *Illusões perdidas*, esse lindo esmalte que ficastes de concluir hoje.

O eminente estatuario e esmaltador estudava, mergulhado no cone de claridade que descia do lucivelo roseo d'uma lampada de aseite. Ergueo a cabeça, onde se encaracolava uma juba negra, e n'um intenso esforço da visão, os olhos myopes obumbrados, fitou o moço. Estremeceo involuntariamente, e na sua face macilenta passou um relampago de purpura :

— Assim o desejava, Breno, mas seria uma imprudencia arriscar-me ao trabalho deante do forno de reverbero, com a elevada temperatura ambiente de hoje... Demais, é uma chapa que reclama muita attenção e delicadesa, já pelas suas dimensões, já pela especie do esmalte : sabes, é uma combinação do asul-turquesa, do verde-esmeralda e d'esse raro vermelho que é a gloria dos eximios artistas indianos de Benaréz, Djeïpur e Lauknau, e dos medievos mestres de Limoges... Leonardo Limousin assignaria esse esmalte, disseste arroubado pelo teu incorregivel e infantil enthusiasmo que se não cança de vêr obras-mestraes ahi onde só deparo bosquejos, escorços, academias. E' um ineffavel symptoma este : a crença céga n'aquillo a que dedicamos a vida, o socego dos nossos dias e a paz da nossa velhice! O talento inicia-se pela adoração, porque a mocidade é essencialmente religiosa, apaixonada e optimista. Lembras-te, a este respeito, do terso apophtegma de Stendhal : « Todo o homem distincto foi, nos seus primeiros passos na vida, um enthusiasta ridiculo ou um desditoso » ?... Os demolidores precoces, aristarchos buffões, os que só enxergam deficiencias e falhas nas feituras dos mestres, nas dos seus juvenis camaradas, eunuchos que maldisem a formosura das mulheres por incapases de gosar, sam os sem-fé que a serena poeira do esquecimento vestirá e apagará. Admiro-te, moço, e tenho commigo que serás amanhã, na arena luminosa da Arte, um semideos, o feliz possuidor do segredo de vitalisar o Inanimado, o Inerte, o Rigido e o Aspero...

— Mestre, cuidado : sou immen-

(1) Conto premiado no Concurso literario do *Almanaque*. Veja a noticia no lugar proprio.

**O vibrador Electrico de Massagem "ARNOLD"**

Aformoseia a pelle e activa a circulação do Sangue.

samente vaidoso e a vossa bondade perde-me... objectou Breno, n'um sorriso que era um môrno.

— Não, rogo-te que penses d'outro modo ; não é bondade, porque sou incapaz de arriscar aquillo que não é convicção minha, e convicção profunda Detesto a parolise : e não me solicitaste, acerca da tua pessoa, conceito de qualquer especie.

— Perdoae-me si vos magoei : creio bem na espontanea sinceridade das vossas palavras, que tenho como oraculares.

E dando outro rumo á palestra, afim de se eximir a um assumpto que lhe era, irritante, doloroso, quasi odiento :

— Sabeis que hontem estive piegas de sentimentalismo? ... Como o dia era varrido de asul, autumnal e macio, de uma suavidade hellenica, fui correr os campos, onde ainda se encontram flores..., e lindas, bastante lindas... Levava commigo Ruskin, « the ethereal Ruskin » como o qualificou Carlyle..., *Mornings in Florence*, e depois de muito deambular sem destino, procurei a caricia de uma sombra. Internei-me pela matta... Oh ! não sei que accesso de loucura me tomou asinha : cahi de joelhos deante dos troncos seculares, quasi a chorar, n'um extasis de adoração, dissolvendo a minha alma nas coisas immortaes que celebram o infinito esplendor do mundo, das coisas que morrem n'um queixume que é oblata soberana. As brisas fluiam, acarinhando-me, aromalmente meigas, os cabellos, e perdendo-se na rala densidade farfalhante da folhagem : e eu era um coração sem manchas, deserto de odios ou de ironias, um sêr repleno de tranquillo amor e de doçura inexhaurivel. Ergui-me d'essa ablução de embriagador pantheismo como de um renascimento... Regressei ao meu solitario atelier e puz-me a trabalhar, sacudido por novas e desconhecidas energias, até que as horas se escoaram dentro da noite, a luz invasora da madrugada esmaeceo a luz da minha candeia, e desmoronei, exgottado no leito. Uma febre phantastica comburia-me o espirito : tinha a intuição de que laborava em prol de algo muito insueto e elevado : da Arte que se nutrisse das quintessencias de uma Arte mais que humana. Abençoaria a morte que me sorprehendesse e condusisse no transe d'esse sonho delicioso.

— E ainda na tua alma perduram essas emoções bemditas? indagou, solicito, Flavio Albano.

— Apenas como uma reminiscencia que enfraquece e se tolda, perdendo as linhas da constructura, a guisa de fumaça errante. Produsio-se uma reviravolta, cá-dentro, nos areanos da sensibilidade : essas mesmas expressões das forças cosmicas, que venerei genuflexo, desvairado por um rustico e ingenuo mysticismo, sem os cumplices do desassocego que os meus nervos afroixa e acobarda, das chammas que alastram e se derramam na minha carne espantadiça, requeimando-a toda. E não posso amal-os, aos meus queridos idolos florestaes, porque me fallece a piedade, me fallece a mansidão, me fallece o respeito, e a besta, intolerante e cruel como todas as bestas inundadas de luxuria, avassalla e estrangula, amordaça e suffoca os nobres e generosos impulsos de meu coração. Ha em cada creatura melindrosa e fragil um motivo de amor, um centro attractivo de beijos devorantes, uma presa onde se farte a fome carnivora

dos sentidos erethisados que reclamam na exigencia de um milhão de boccas... Mestre, tenho medo : todos os sêres franzinos, formosos e impuberes, eu fito com desconfiança, inquieto, acomettido pelo desespero da féra que espreita o inerme e receios o anho, as entumecidas pupillas escancaradas, as narinas a latejarem, saibos de sangue a correrem-lhe a gorja, prestes a saltar aos flancos da victima indefeza. E o mesmo visumbre de desconfiança, de receio e de favor, um favor e um receio que exprimem apettites de queda, eu percebo nas pobres, acorrentadas aos caprichos d'uma fatalidade impres-criptivel...

A voz queixosa de Elysio Breno estreceo e cessou, desfeita na melancholica e extranha confidencia. E Albano sussurrou, no ambito de um inebriamento, as palpebras descidas e quietas :

— Virgindades ha que se debatem, contorcem e imploram compaixão, mas ao mesmo tempo hostilizam a candura da mão protectora e ficam, devoradas de hysterismos, mudamente a pedir violencias que as dilacerem, as cruciem, dês por favor lhes concedam a esmola de ser conspurcadas. Os corações em.phrenesi se arremessam ás ascuas, gemendo de dôr, e osculando, em amplexos sensuaes, o fogo que os incendeia. Todos querem perecer, banhados no precioso sangue do seu sacrificio, embora essa onda purpurea jorre, cascateante, das chagas que succedem á ruptura do que ha de mais suspceptivel e puro, brando e estremecido...

Feneceo a palavra do mestre na indecisão d'um morzando. A tepidez lenta d'um silencio diffundio-se no recinto, cheia de cautellas, contaminando as estatuetas, os quadros, os livros, que pareciam mais inerrantes e quedos, O discipulo rasgou a mudez com a sentenciosa inflexão do seu vocabulo :

— Enganadora convulsão de um segundo que abrange o sem limites de uma eternidade : a ideia antecipada de um desdobramento de gerações e gerações, como a vaga revolucionaria do mar alto que vae rolando, rolando, crescendo, em buscada praia mysteriosa onde se ampliará n'um estendal de escumas !... Dulcerosa epilepsia de um momento que é o élo aureo a enlaçar a cadeia que se prende ao obscuro tormentoso de preterito, emanando de remotos fatalismos, á cadeia que enfia pela idade vindoira, fugindo para tredos fatalismos !... Horrorisa-me ás veses a obtusa estupidez da Naturesa, porque em proveito de uma funcção trivial e imbecil, depois de nivelar-me aos brutos, me extorque os fecundos vigores que só a Arte serenissima tem o direito de exigir...

— Mas a esthesia sexual, mesmo exacerbada, é a castalia inexgotavel d'onde derivam as inspirações formosas. Sem a sua predominancia, as forças creadoras do espirito não poderiam existir... A paixão dóe :curva-te á sua majestade captivante !

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

— Ella é egoista, mestre ; endoidece-nos com a sua faceirice, o seu perfume, o seu engodo ; absorve-nos inteiramente e, quando menos esperamos, larga-nos cheios de tedio, enervados, imbelles, sem prestimos para a lucta. Temo a sua perfidia, e refugio-me na Arte, a amante fidalga, peregrina, irresistivel...

— Tudo reside em saber dirigil-a, Breno, pelos tramites adequados, visando aproveital-a em bem do Ideial, que d'outra maneira, na verdade, ella é um perigoso empecilho. Eu... eu a adoro, cá a meu modo ; e n'ella encontro um esteio para a minha fé. Afinei-a, desbastando-lhe as arestas e burilando as rudesas, como si fôra um bloco de marmore virgem ; e é hoje para mim tam imprescindivel e querida como uma elaboração do meu cerebro. Desculpa-me a banalidade da phrase : mas o amor é um grande mysterio, o efficiente primordio de todos os enygmas que sam e serão o millenar desespero das metaphysicas. Tenho por elle um culto de levita, Breno. Seja o amor que se desafogue n'uma linda esterilidade, ou o amor-que, como uma arvore fructifera sacudida, na sazão opima, se desmanche em espheras d'oiro e rubras, sejam quaes forem as modalidades por que se apresente, é sempre veneravel e bom. Acato-o sob o primeiro aspecto, -o esteril-e elle me ebria e transporta como um taça de licôr capitoso ou vinho exquisito. Pasmas?... E'isto uma blasphemia, uma hediondez, o resultado d'um superlativo cynismo?... Não, que nada de impuro n'elle distingo : é uma pertinaz actividade que nos dirige na vida, e cumpre obedecer as suas direcções multiplas. Não ha recalcitrar : é vão o resistir, vão e louco. Olha Flaubert, na *Tentation de Saint-Antoine*, pela bocca de Hilarião : «... *a luxuria nos seus furores assume as proporções do devotamento*». Penso que as suas aberrações, ás veses, sam estigmas d'um subtil refinamento quando em homens de uma cultura mental superior. A medida que nos espiritualisamos, despimos a ganga nativa que nos empanava o brilho, e vamos adormecendo a agudesa dos instinctos, o que põe em destaque o incola : a esthesia sexual ordena requintes que, « sob os olhos dos barbaros », parecem morbidas, hediondas e repulsivas anomalias... E' uma velha convenção que urge dissipar.

Flavio Albano calou-se..., mas, de repente, ergueo-se, n'um alvoroço, e os olhos repletos de erradias interrogações, examinou o discipulo. Na sua face o diluculo de uma augustia dealbava. Depois recahio na poltrona, serenou, e, exaltando-se, disse :

— A estatua impeccavel de marmore e olhos penserosos de onyx, que perpetúa a diaphana, magnifica, divina bellesa do favorito Antinoüs, recolhida,-para o eterno deslumbramento da humanidade que se estiola e abastarda,-a um museo de legados grego-romanos verteo-me no espirito a febre paraphronica de uma hallucinação. A memoravel vez primeira que contemplei essa materialização artistica de uma formosura para o sempre desvidvida, do « ephebo em flor » que as aguas do rio egyptano envolveram n'um mortifero abraço de volupia, a alma ancestral da Hellade rugio-me dentro do peito, em éstos de fanatismo, e o grego corrupto, affavel, aristocrata da decadencia fallou-me, com a magnetica insuancia velludosa da sua palavra antiga. Escutei, persuadi-me, inclinei a fronte, e obedeci... Amei o calcareo insculpturado como se ama

uma entidade real, quando se ama. A obsessão cingia-me a cabeça no seu decrescente e espinecido cilicio circular de ferro : a insistencia feroz atordoava-me ; parecia um absurdo a cura. Busquei o esquecimento, a ultima esperança a fluctuar no pelago da loucura onde eu afundava, como uma náo de casco rôto. Parti para a solidão das agoas oceanicas, e deixei-me embeber de nostalgia e saudade, sem derroteiros preestabelecidos, a esmo. A paixão foi-se delindo, em calmos esbatimentos, esmorecendo, té que a agonia adormeceo n'uma blandicia, a gostar um somno de creança dolorida, entrecortado de abalos, anceios, suspiros. E ainda hoje a enorme cicatriz d'essa tragica ferida me arde no coração : antes d'ella se cerrar a vida escorreo em caudal, e temo que agora, vulneravel, ella se rasgue e o resto fuja. Não me lastimo ; quando me recordo d'esses tempos vesanos, invade-me e alaga um subitaneo e grato sedativo, a enlevadora bebedice que dá uma injecção de morphina, e não me queima a cara a mancha de fogo de uma viltança, ferreteada pelo zorrague impiedoso de um escrupulo ethico. A minha alma é uma flor sonora desabrochada em petalas de cantares, e nos recessos da corolla reside a epopeia de um orgulho : o de ser um homem, unico talvez, que descortinou na rigidez artistica das formas, que sam as immortalisações de vidas exhaladas, o que a vulgaridade tamaninha sómente delucida no tosco, no tangivel e no transitorio : — a maneira segundo a qual a paixão amorosa póde ser intellectualmente exercida !

Elysio Breno scismava, embevecido, meio-dormente, a beber o opio da convicta apologia de tam exoticos e tentadores sentimentalismos. Os escholios abundantes e inquietos do mestre entornavam-se no seu espirito, ora como uma alluvião de emblemas obscuros, ora como uma chuva tropical de estrellas cadentes, e elle ia, ia, embalado ao rhythmo da phrase trepida, ondeante e abemolada. E, no vario d'uma suspensão do extenso discurso, entresachou o obice acanhado de uma replica :

— Mestre, não temeis que essa monstruosa demasia de sonho, essa exorbitancia orgiaca de contemplação vos prejudiquem?... Sam incontaveis os preciosos talentos que assim se eclypsaram, ou, melhor, se apagaram. Disendo isto nada mais faço que repisar as vossas palavras, ao dardes com a insaravel tristesa que boia nos meus olhos...

— Ora, meu querido Breno, isto não me intimida... O que chamas de excessiva phantasia é uma deserção da sensibilidade apurada, objectivando um puro mysticismo, alto e sublime, mais alto sempre, que me escapa e foge para além dos céos, a proporção que avanço e tento n'elle me transfundir, desparzindo-me como uma bruma pequenina na luz. Arremetto, e elle retrocede, engastando-se no asul da immensidade, remotisa-se, a scintillar fascinações, n'um aceno.

**Sem o Apparelho de Segurança Standard**

ninguem poderá barbear-se **a vapor**.

***Casa Standard*, 93, Ouvidor, 95, RIO.**

Esforço-me cada vez mais por me absorver, diluir, evaporar nas abstracções impossiveis. Sabes que peço ao echo aquillo que o som inicial não me pode conceder ; que amo o luar porque é uma claridade que se desfolha toda em suggestões, a rapsoda que surdina retalhos dos poemas pomposos do Sol ; que procuro no lume fatuo das coisas defunctas a sensação primordial da vida ? !..... Sabes ?..... O mundo palpavel, esse que todos nós cremos affirmar com as nossas percepções, é um estorvo, uma brutalidade que me deixa desattento e frio : recúo sempre para a mansão do que passou e está mudo no seu repoiso. Abebero-me do nectar incitante da emoção na saturnal das catacumbas : a minha copa de conviva é possivel seja um alvacento craneo. Que me importa a symphonia na sua intensidade maxima, no seu escravisante momento de supremo brio ! Aguardo o esmorecimento das ondulações sonoras que se espraiam, mais fracas, mais lentas, menos nitidas, e quando sam apenas diluencias, um tremulo nevoeiro prestes a transpôr as fronteiras do silencio, corro no seu encalço, detenho-as, e frúo esse vinho ethereo, no espasmo de uma embriaguez, sobrehumana. E' a incuravel enfermidade do Ideial! Si leio as creações dos poetas, abandono-me ao sabor das rhymas, tonto de harmonias, não me lembrando de comprehender, como um baixel desgovernado sobre um rio de fluido crystal em alvéo de oiro brunido, marchando para o orientalismo opiparo de um occaso ou a illusão allegorica de uma alvorada.

Commove-me a obscuridade mysteriosa, e é só quando vejo claro. Não entendo as mundanas coisas rotineiras, que me perturbam e desconcertam. Superna ventura seria o ermar n'um paiz de sombras, vacuidade, remotismos, em que o rumorejo das fontes, a musica dos violinos, a côr dos objectos, o ar, a alma, as creaturas fossem repercussões, echos, resonancias, imagens virtuaes. Um paiz como os que os vidros inconscientes dos espelhos retratam : suspenso, calmo, illusorio, incompleto, absurdo... Paiz da fuga, do silencio e da morte !

— A vossa Arte, a vossa concepção esthetica,.... ia fallando Elysio Breno, arrebatado.

— A minha concepção esthetica, a minha Arte, interrompeo Albano quasi delirante, é, para a myope superficialidade de certos juisos, um paradoxo, uma negação formal do que preceitúo e ensino. Ella deriva do intoxicamento emotivo que me consome : é como o gusano tithymalo que se alimenta de flores venenosas das euphorbiaceas, e mais tarde é um polychromo velludo alado, uma borboleta que toda a gente admira e cubiça. « Pode-se pensar o que se quiser da minha arte : o que eu sei é ella verdadeiramente minha ». E' de Courtable a altiva declaração. E' minha... Oh ! anceio por vaporisar o marmore quero o polido seja tam eurhythmico, sedoso, perfeito, que exactamente simule transparencia ; que o gesto seja tam natural e humano que, na sua eterna fixidez, desperte a ideia de um dynamismo incessante ; que uma asa seja tam asa que, perto d'ella, se *sinta* um sacudir de pennas e a deslocação das camadas aereas, como si realmente tatalasse, na soffreguidão de remigios. Devora-me as energias possantes o anceio de procrear o imponderavel, o fugidio,

o tranquillo, o fluidico. Sam acabadas e correctas aquellas obras que se paleam á visão causando a ideia da fragilidade, levesa e brandura intransiveis.

Quero os profanos fitem a minha esculptura, varados de receios, temendo desmoronal-a a um golpe de vista mais brusco e irreflectido ; a alma alheia se embebéde sorvendo a sua bellesa inaudita, como um clarissimo hydromel fragrante ; o pentelico e o carrara finjam a volubilidade insubmissa de um ether ; o bronze origine uma sensação de massa gasosa que se desmancha, suave, lenta, muito leve, sem peso, sem viscosidade, sem attrito, que, immovel, arreme de uma carreira desatinada, illuduido o olhar estactico e medroso. Pois a belleza é um conjuncto de rhythmos que se exercem na espiritualidade da harmonia. E si alma fôr mister para tanto conseguir, si tosco e impotente resultar o buril, que a minha se esphacele, se pulverise, que para outra coisa não a quero nem quero a vida !....

O artista abandonou violentamente a poltrona, e ficou-se a passeiar no espaço delimitado pelas estantes, a grenha negra revolta, os olhos accesos no fundo das orbitas encovadas e violetes. Elysio Breno, do seu logar, seguia-lhe os movimentos, parado n'uma infinita expressão de ternura e de religiosidade.. E, n'um arranco, a sua voz, vibrou, argentina e tremula :

— E' uma inenarravel felicidade, é a felicidade, o ter-se um minimo logar no opulento universo que creastes, é um ledo encanto o estar-se sob o dominio das vossas impressões, mestre amado, vós que tam alto vos alcandoraes na vida. Aquelle coração que escolhesseis entre os varios d'este mundo, seria o mais venturoso e invejavel dos corações.

E que valeriam codigos, peias, embustes, artificios, todos os prejuisos que vêm enredando e tolhendo os homens, desde a tribu, desde o berço onde vagio a extrema meninice das civilizações, si basta uma parcella da vossa existencia serena e livre para resgatar, erguer e intermittir os que resvalaram e cahiram, embora taes successos occasionassem a total conspurcação da honra quebradiça !... Como o Sol, que quando desdobra a imponencia do seu manto sumptuoso, não indaga si a Terra é semeada de rosaes ou de esterquilinios, de oceanos ou de marneis, de puresa ou de corrupções, mas tudo adereça e exalsa em pompas, a victoriosa grandesa do vosso espirito divinisa todas as coisas que se acolham sob a sua égide, confiantes.....

— Assim pensas, alma generosa ?... Tens acompanhado, com a fina perspicacia dos tews nervos superiores, a genese das minhas obras mais recentes ?... Ha cerca de um anno que nos prende uma quasi quotidiana camaradagem : vieste, impulsionado por uma franca e embevecida admiração de neophyto. E sou bem pouco mais avançado na vida que tu, meu charo Breno. Sabias que exiguo

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

era o numero dos ensaios dos meus tormentos estheticos. Mas, depois que partecipaste do meu triste atelier, cresceram-me as energias, os meus trabalhos multiplicaram-se de um modo que me assombra, a execução depurou-se, o aereo creou asas, porque de luz, de inspiração e de amor uma atmosphera te acompanha.

Sê, pois, bemdito, ó mensageiro da sympathia, da doçura e da bonança! Essa emanação sublime que de ti se desata, entra-me na intelligencia, ahi demora largos prasos, aquecendo-se e aquecendo, para d'ella romper, esparsa em concepções, em crenças, em universal encanto. Irradias, perenne e mansamente a graça, como esses loiros vagalumes que lentejoilam, nemorosos, as noites brasileiras, sem de longe suspeitar que minusculas estrellas voejantes sam, manancias de casto enlevo. Penetraste n'esta casa de soffrimento, como um clarão n'uma tenebra, deslumbrando mesmo as menores e humildes coisas, que sorriram, enleiadas, mas a te agradecerem a presença gloriosa e amiga...

— Não exaggereis, mestre!... O esto nervoso oblitera-vos as faculdades de julgamento. Boiaes n'um extasis que não acaba... Disei antes que o respeito, constituindo o fundo do meu caracter extremamente calmo, quasi apathico, que o meu respeito se excerce carinhosamente sobre o que me assiste, propinando-lhe bondade. Isto não me envaidece, porque me não commove o que me é innato, e eu não obtive com o suor da minha fronte e o desespero das minhas vigilias.

— Oh! Breno : não é apenas a bondade respeitosa, mas a elegancia suavissima dos teus actos a harmonia sem fadiga, o encanto da tua physionomia meio-feminina, onde uma longinqua virilidade alvoréce que mais attrahente e linda a tornam... Não passas de uma creança, uma vacillação de desoito annos que se sexualisa, precocemente desequilibrada pelos excessos do talento artistico. És mimoso : não ha sonho meu em que a tua pessoa não esteja presente, como o perfume n'uma corolla. As horas da labuta augustiante desmisam ligeiras, variegadas, mellisonas, quando ao teu lado. Contaminando de adoração, os revigoramentos irrompem de ti, a sanar desanimos. A obra do meu ideial ampliou-se, sorridente e lauta, desde que a minha alma se reconforta nas gentis immanencias que procedem da tua alma. Sabes o que, ás veses, me faz scismar-sabes ?... (*E a voz do mestre tornou-se franzina.*) E' doloroso. Que acórdas no meu coração, mais intenso e vivaz, o mesmo sentimento que nasceo outr' ora, á vista da marmorea estatua, de olhos penserosos de onyx, que eternisa a impeccavel formosura do bithynio Antinoüs...

A confissão estacou brutalmente sopeada. Elysio Breno ergueo-se, sobresalto, e interrogou silenciosamente Albano. Teria enlouquecido o estatuario ? Depois recahio, n'um voluntarioso e completo abandono, sobre a poltrona fôfa. As lagrimas estillavam, gota a gota, dos refolhos do seu atormentado coração, onde, entre revoltas e desalentos, uma lucta espectaculosa se travara, e ficavam dos longos cilios suspensas, dos cilios que ensombravam as suas palpebras de tysico incipiente, demoravam um pouco nas concavidades arroxeadas das orbitas, como brilhantes em escrinios de amethysta, e esvaiam-se,

esvaiam-se, lentas e amargas, crystallinas e eternas. Flavio Albano, os olhos arrasados de pranto, estadeava n'uma religiosa adoração. Reproduzia-se a velha e terna historia, tantas veses contada, de Miguel-Angelo Buonarotti e Tommaso Cavalieri. Variavam apenas as circumstancias de tempo, de meio e de idiosyncrasia.

*Porto-Alegre, Riogrande do Sul, XII-MCMX.*

CESAR DE CASTRO

## Fio d'Agua

Num recanto de bosque, entre pedras, occulto,
Aos guais, sem que o cair das folhas o atropele,
Triste e só, pela selva escondendo seu vulto,
Ròla, tristonhamente, um fio d'agua imbelle.

Si por vezes, nesse ermo, ao luar — nova Cybele —
As arvores, o vento açoita em tredo insulto,
Elle, em seu pranto, o ultraje, é por bem que revele
Ao luar, do lodaçal do petreo solo inculto.

De um coração bem sei, sem que fuja ao declive
Da angustia, do pesar, perpetuamente vive
Dentro da propria dor, dentro da propria magua...

E provando da sorte o amargurado pomo,
Tambem passa chorando occultamente, como
Occultamente chora aquelle fio d'agua!...

Recife, 1907.

SILVA LOBATO.

## O Brigue

Sob a vasta extensão do vasto firmamento,
Na hora triste em que o sol vae présto a se occultar,
Ora arrojado e altivo ora calmo, ora lento,
Segue ó brigue a vencer a immensidão do mar.

Vendo-o partir assim, me acóde ao pensamento
Uma idéa exquisita, extranha e singular...
Quantos tambem nessa hora, amplas véllas ao vento,
Que bem como elle hão de ir para não mais voltar

**PIANOS RITTER,** *adoptados pela Casa IMPERIAL de ALLEMANHA e pela Côrte de RUMANIA.*
Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

Vendo-o ao largo, a transpôr o oceano indefinido,
Penso que hade levar longos dias e mezes,
Sósinho, a atravessar a equórea solidão...

Só hade andar por longe, ignorado e esquecido,
Assim bem como em nós temos as mais das vezes,
Um sonho unico a errar dentro no coração!...

Ulysses Sarmento.

---

## Lá Baixo...

(Mario Pederneiros)

Lá baixo, do meu caminho,
Quando eu te vi, tu seguias
Por essa estrada de linho
Que vae ter ás alegrias.
Olhar em sol, riso franco,
Vestida toda de branco.

Das aves a turba louca
A cantar foi despertando,
Eras tu que ias passando
Com a Primavera na bocca,
Levavas p'ra quem te amasse
Verões de rosas na face.

Seguiste, toda carinhos
O rumo da Mocidade,
Deixando pelos caminhos
A triste fiôr da saudade.
Que Deus te guie, querida,
Na triste Estrada da Vida

---

## Inedito

(Affonso Lopes Vieira)

A pobreza vae segura
pelo caminho a andar,
não leva alforge nem bolsa,
ninguem a pode roubar.

A Pobreza morre em paz
e sem fazer testamento
nem parentes nem cunhados
disputam seu rendimento.

A Pobreza apenas quer
pão, agua, amôr natural,
e se chega alguem de fora
— mais uma pedra de sal.

*(De Jacopone de Tobi, poeta do seculo XIII)*

---

## Prece

(Arnaldo Vieira)

A Deus, em meu desvario
Roguei-lhe me conceder
O milagre de um navio
Para que te fosse eu ver.

Ergo os olhos e, imprevisto!
Com vergas e mastaréos
Um formoso barco avisto
Feito de nuvens nos céos!

O' minha adorada Ausente!
Somos réos de culpa atroz,
Para que Deus tão clemente
Se ponha a zombar de nós.

## Nostalgia

(Mario Pinto de Souza)

Filho de Portugal, muitas vezes sósinho,
Nestas noites de inverno, em que o vento esfusia
Lá fóra e a chuva cáe, lantejoulada e fria,
Tu te pões a pensar nas aldeias do Minho.

E aconchegado ao leito, entre os lençóes de linho,
Sonhas que vai chegando o declinar do dia...
— Na soleira, de pé, tua dôce Maria
Te espera, sobraçando um cantaro de vinho.

Chegas. Feres a luz da lampada. Esfumeia,
Entre brôas de milho, a sala perfumando,
Farta de caldo verde, uma velha sopeira,

E ah! como é bom jantar, á noitinha, na aldeia,
Ao lado da mulher, ouvindo, quando em quando,
O surdo crepitar do fogo na lareira!


# LIVRARIA de H. GARNIER

## 109, Rua do Ouvidor, 109

LIVROS PORTUGUEZES, FRANCEZES,
INGLEZES, ALLEMÃES, HESPANHOES,
ITALIANOS, LATINOS, ETC.

*Endereço telegraphico* : HERMANOS

CAIXA DO CORREIO : 618

Telephone 1068

Globos. — Atlas e Mappas geographicos

LIVROS COLLEGIAES

**Compendios adoptados e de accoado**
**com o programma de exames**

# A GRANDEZA DO BRASIL (1)

(Aug. Padtberg S. J.)

Então, será verdade que o Brasil perdeu nada menos que um territorio equivalente ao da Espanha?

O novo *Atlas do Brasil* pelo exc. sr. Barão Homem de Mello ahi está a proclamal-o. Em vez dos 8 565 506 km² consignados ainda no mappa I, em vez dos numeros pouco inferiores de todas as indicações modernas, assombra-nos á pag. 55 ss. um novo calculo planimetrico do Brasil pelo funesto resultado de

*8 061 260 km²*

tão sómente! Perdemos pois 1/2 milhão de km², uma área quasi igual á da Espanha, França ou Allemanha, e isto não por uma guerra ou arbitragem infeliz, mas sim por um calculo pacifico, effectuado pelo geographo francez *Eug. Letot* sobre as cartas do novo Atlas! E diz-se ser feito este calculo « com o maior rigor possivel », corresponder elle ao « desejo de fixar um dia para sempre as areas do Brasil, resolvendo assim definitivamente a questão de sua grandeza territorial », e apresenta-se ao Paiz esta « nova superficie do Brasil » como o « resultado mais proximo da verdade »! Parece pois irreparavel a perda!...

Comprehende-se que os autos d'uma expropriação tão para sobresaltar demandam a mais rigorosa revisão possivel. E nós julgamo-nos com algum direito ou até dever para isso. Ha dois annos apenas, publicamos um « *Estudo critico e calculo planimetrico do Brasil e seus Estados* » [1]) (no *Relatorio do Gymnasio Conceição em S. Leopoldo* 1907, com 58 pag. e um quadro lithographico), obra onde, com o auxilio da mais extensa literatura e do melhor material cartographico possivel, tratamos de elucidar e resolver a questão, quanto isto hoje em dia é dado, pelos processos d'uma critica imparcial e da mais escrupulosa planimetria scientifica.

O resultado d'este estudo foi na primeira parte a prova da insufficiencia e até falsidade das áreas brasileiras até então consignadas. Quanto aos dados officiaes, base de quasi todos os outros, fizemos até a pasmosa descoberta de serem elles o simples producto da multiplicação de velhas e inexactas avaliações em leguas quadradas por um coefficiente constante 28,74273. Repitamos aqui a nossa conclusão final que lá pronunciamos após 24 paginas de pesquisas e argumentações ás vezes aridas (*Estudo critico* etc, pag. 34 s.):

« O resultado da nossa longa investigação critica é a negação. *Não ha avaliações certas da área dos Estados do Brasil. O pretendido « primeiro calculo planimetrico da área discriminada de cada uma das provincias e do Municipio Neutro », trabalho attribuido á Commissão da Carta Geral em 1873 e « premiado na Exposição de Vienna » nunca se fez; pois, o que se fez, foi só um computo summario do Brasil com arbitraria subdivisão de suas partes. Jámais, quanto nos consta, para os Estados do Brasil, entrou em actividade o planimetro, conforme os methodos rigorosos da sciencia. O primeiro calculo planimetrico da área dos Estados está ainda por fazer* ».

E foi este o trabalho que emprehendemos na segunda parte. Depois de escolhidos 33 d'entre os melhores mappas ou atlas do Brasil e seus Es-

(1) Com autorização do autor.

(2) V. a noticia sobre este livrinho nas *Vozes de Petropolis*, II, pag. 502. Lembramos que a paginação da impressão em separado deve ser augmentada por 6 (p. ex. pag. 13 = 19).

tados, depois de examinados todos os factos da mais exacta medição possivel, experimentado o optimo planimetro ao nosso uso e assentado o mais rigoroso, embora complicadissimo « methodo proporcional » de medição, demo-nos ao trabalho immenso de medir *duas vezes todos os Estados no seu conjuncto e mais uma vez pelo menos cada Estado em separado*, garantindo ainda a exacção das tres ou mais avaliações totaes para cada Estado por numerosas precauções e contraprovas. Obtivemos assim após mezes d'um labor insano tres series independentes de resultados, expostos minuciosamente no nosso *Estudo critico*. Ante as discordancias, devidas á differença e imperfeição de todos os nossos mappas, impõe-se por ora *como unico expediente razoavel* apurar d'esses differentes valores umas medias prudentemente arredondadas com indicação das differenças provaveis para mais ou para menos. E' o que fizemos, apresentando o seguinte quadro de resultados praticos :

| ESTADOS POR ORDEM DE GRANDEZA | KILM.os QUADR.os | DIFFERENÇA PROVAVEL p.a mais ou menos |
|---|---|---|
| 1. Amazonas . . . . . | 1.850.000 | 20.000 |
| 2. Matto Grosso . . . | 1.500.000 | 75.000 |
| 3. Pará. . . . . | 1.250.000 | 30.000 |
| 4. Goyaz . . . . . | 690.000 | 30.000 |
| 5. Minas Geraes . . . | 600.000 | 18.000 |
| 6. Bahia . . . . . | 560.000 | 5.000 |
| 7. Maranhão . . . . . | 340.000 | 10.000 |
| 8. Rio Grande do Sul. | 283.000 | 1.000 |
| 9. São Paulo . . . . . | 250.000 | 10.000 |
| 10. Piauhy . . . . . | 240.000 | 15.000 |
| 11. Paraná (1). . . . . | 175.000 | 5.000 |
| 12. Ceará . . . . . | 160.000 | 5.000 |
| 13. Santa Catharina (1). | 113.000 | 3.000 |
| 14. Pernambuco . . . . | 100.000 | 3.000 |
| 15. Parahyba . . . . . | 56.000 | 4.000 |
| 16. Rio Grande do Norte | 52.000 | 3.000 |
| 17. Espirito Santo. . . | 44.000 | 500 |
| 18. Rio de Janeiro. . . | 43.500 | 1.000 |
| 19. Alagôas . . . . . | 23.500 | 1.000 |
| 20. Sergipe . . . . . | 25.000 | 1.500 |
| Districto Federal . . . | 1.215 | » |
| Acre. . . . . | 191.000 | 6.000 |
| BRASIL. . . . . | 8.550 (215) | 12.000 |

(1) Attribuiu-se a Sta. Catharina o Territorio contestado de 50.000 km² + 1.000.

O resultado total de 8 550 000 km² em numero redondo condizia perfeitamente com os melhores calculos preexistentes em relação a todo o paiz, abonando isto sobremodo o rigor da nossa medição. No fim porém lamentavamos mesmo a impossibilidade de apresentar por ora valores absolutamente exactos e definitivos, calculaveis só depois de acabada a triangulação exacta do Brasil inteiro, já tão auspiciosamente iniciada.

E agora, quasi immediatamente depois de nosso Estudo, eis o novo Atlas do Brasil com outro calculo planimetrico, em aberta contradicção com os nossos resultados! A verdade só pode ser uma : ou um ou outro errou por 1/2 milhão de km², extensão d'um possante Estado, quasi como o da Bahia!

Os Editores (pois são elles que encommendaram o novo calculo, nem os auctores parecem ter parte nelle) referem honrosamente o nosso *Estudo critico* (pag. 56 ss.), sem comtudo adoptar-lhe resultados. E porque não?

Achámos só uma phrase justificativa d'esta recusa : « Sentimos — dizem os Editores — que o resultado d'esse trabalho não esteja de accordo com o nosso, mas não podia ser outro, *visto o Pe. Padtberg haver extrahido medias de trabalhos anteriores, nos quaes reconhece a difficuldade de fixar com precisão os limites dos Estados.* » Sim, accentuamos esta difficuldade, mas só para resolvel-a criticamente, quanto possivel fosse, pelas novas convenções limitrophes, e avaliar o gráo de incerteza, forçosamente resultante das variantes em longitude. *E esta incerteza a respeito da posição astronomica dos limites persiste ainda em toda a sua força de seu desprezo não pode tornar o calculo mais certo nem fidedigno.* O mesmo vale da reprovação das « medias extrahidas de trabalhos anteriores » ou melhor independentes segundo varios mappas dos mais exactos. E' verdade, re-

sultados, com algarismos determinados até as unidades, aparentam maior exacção e inspiram talvez mais confiança, do que numeros arredondados com cifras nas ultimas casas. Para só fornecer aquelles, podiamos contentar-nos com uma unica medição de cada Estado e furtar-nos ao difficil e longo calculo e cotejo de tantas cartas medidas. Podiamos ainda offerecer como taes os resultados exactos de cada uma das tres series independentes de medições, deixando a escolha ao gosto particular. Mas, para que fingir uma exactidão que não existe nem se pode conseguir? Preferimos mil vezes a realidade ainda incerta a uma certeza não real. Repetimos com insistencia : é engano e utopia querer já apresentar as areas brasileiras até a ultima unidade; a sciencia sobria e reflectida deve contentar-se ainda por muito tempo com numeros medios, mais ou menos verisimeis, unicos por emquanto de algum valor objectivo.

Já se vê, os nossos resultados, sem serem examinados devidamente, foram substituidos por outros, acceitos estes tambem sem o competente exame previo. Pois uma revisão algo attenta do calculo Letot devia revelar a insufficiencia notoria do methodo e a falsidade palpavel dos resultados. E' o que vamos provar.

No nosso *Estudo critico* (pag. 43-48) referimos os varios methodos de medição planimetrica, applicaveis a cartas geographicas. Mas confessamos, não nos lembráramos do methodo tão simples do sr. Eug. Letot. Ouçamos :

« Empregamos o methodo que consiste em substituir por um contorno polygonal os limites dos Estados e em calcular a area do polygono assim formado, depois de tel-o decomposto em triangulos » (Atlas, pag. 55 s.).

Basta alguma intuição natural, para adivinhar sem mais nada a infidelidade d'esse methodo. Os erros inevitaveis já na substituição das irregularissimas curvas limitrophes pelas rectas, como no traçado das linhas e na medição das bases e alturas dos triangulos têm que multiplicar-se monstruosamente pelos varios milhões da escala correspondente. E quem conhece as mil anomalias das projecções, as influencias variantes do estado do papel, os muitos factores por observar nos instrumentos e as precauções por tomar no acto da medição, não pode deixar de admirar a quasi ingenuidade de querer medir exactamente um paiz gigantesco como o Brasil, na miniatura de seus mappas, por um methodo tão tosco e primitivo, nem siquer mencionado na cartometria scientifica! Vejamos, porém, uma applicação particular, conforme lá se continúa á pag. 56 :

« Assim, tomando por exemplo o territorio do Acre, substituimos os limites naturaes d'esse territorio por linhas rectas e assim obtivemos um polygono. No interior d'este traçamos rectas, juntando seus vertices, e d'essa forma constituimos uma serie de triangulos. Em seguida, com auxilio da escala kilometrica da carta, i. é, da relação entre as dimensões verdadeiras do terreno e as da sua representação reduzida na carta, relação que no caso do Acre é 1/4.055.470, avaliamos os lados dos triangulos e calculamos a superficie de cada um d'elles. A somma de todas as superficies parciaes obtidas d'esse modo nos deu a superficie do territorio do Acre. »

Ainda bem, não se tomou por base neste exemplo a escala marcada no proprio mappa (1 : 4.000.000), visto não haver que fiar nella[1]). Antes, deve ella ser determinada na propria carta pela rede geodesica. Nisto, porém, ha de attender-se á irregularidade de todas as projecções planas. E com effeito, varias medições escrupulosas sobre o proprio mappa 1 (do Acre) forneceram-nos *valores differentes*. Pelos meridianos p. e. achamos a escala de

(1) V. *Estudo critico*, pag. 46.

1 : 4.030.000, pelos parallelos a de 1 : 3.940.000 e pela grande obliqua a de 1 : 3.953.500 mais ou menos. Ora, como o Acre se extende mais na direcção dos parallelos ou da obliqua, *devia ser tomada uma escala proxima aos ultimos numeros.* Em todo o caso *a supposição arbitraria de 14.500.470 deve induzir erros notaveis, agravados pelos defeitos intrinsecos do methodo.*

Para evidenciar esses erros, escolhamos os Estados, ou o calculo deu resultados mais divergentes. Já de antemão podiamos predizer que, pelo encolhimento ordinario do papel. pelo desfalque geralmente observado da escala e pela tendencia *truncativa* do methodo (na *rectificação* dos limites curvos!), os resultados do sr. Letot, por via de regra, deviam ficar inferiores á realidade. E assim aconteceu de facto.

E' em primeiro logar o Estado do *Amazonas.* O calculo Letot dá-lhe sómente 1 672 987 km², i. é, 177 013 km² menos que o nosso. Para reconhecer onde está a verdade, basta olhar o mappa do Amazonas, nº 2. Lá apresentam-se-nos, formados pela rede cartographia, muitos *quadrilateros de dois graos de lado*, comprehendidos ou total parcialmente na area do Estado. Ora, sabe-se exactamente a superficie de cada um d'esses quadrilateros ou antes *trapezios esphericos*, valor fixado pelo proprio globo terrestre. Para as latitudes do Amazonas é na media de 49 100 km². Contemos agora d'um modo bastante primitivo os quadrilateros abrangidos pelo Estado, desprezando generosamente quaesquer sobejos menores ou duvidosos. Assim obtemos pelo menos 35 quadrilateros que *por certo* pertencem ao Estado. Só isto já forma uma superficie innegavel de 35×49000=1 718 500 km², i. é quasi 50 000 km² acima do calculo Letot, assim solemnemente desmentido pelo proprio mappa que lhe servira de base!

Mais claramente se deprehende ainda o mesmo na carta do Pará, medida por Letot com o resultado de 1 033 600 km², numero inferior ao nosso pela enormidade de 216.400 km². E assim é que basta uma contagem ainda mais liberal que no Amazonas, para verificar como indubitaveis 22 ou 23 d'esses quadrilateros de dois graos de lado, perfazendo já 1 080 200 ou 1 129 300 km², i. é, muito mais do que o total de Letot. E aqui, como no Amazonas, ficam ainda por calcular as numerosas sobras desattendidas, explicando e completando o que falta, para chegar ao nosso resultado.

*O Rio Grande do Norte* indica-se apenas com 41 246 km². Ora, pelo mappa respectivo, torna-se evidente que este Estado encerra ao menos quatro trapezios de *um* grao de lado, formando já assim uns 49 km²!

O *Rio Grande do Sul* [1]) sahiu com 239 187 km², apoucado por conseguinte de quasi 44.000 km2 para menos do que nós lhe vindicamos por meio de seis medições independentes sobre as melhores cartas. Tambem aqui o proprio mappa do novo Atlas vem revelar o erro, e isto até de dois modos evidentissimos. Primeiro, uma avaliação superficial correspondente dá com facilidade 25 quadrilateros de um grao de lado, cada um dos quaes de 10 700 km2 na media. E assim já temos a somma innegavel de 267 500 km²! Em segundo lugar, que a area do Estado fica bastante acima de 250.000 km², prova-se ainda intuitivamente pela experien-

(1) Além do *Estudo critico*, p. 49 s., veja-se tambem o nosso artigo particular « *Qual a extensão territorial do Estado do Rio Grande do Sul?* » no *Annuario do Estado do Rio Grande do Sul*, pag. 281 ss.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

cia seguinte : Tome-se um quadrado ou caixilho, cujo lado represente, conforme a escala do mappa, 500 km (neste Atlas pois o lado deve ser de 19 1/4 cm) ; a area coberta por elle será de $500 \times 500 = 250\,000\ km^2$. Ora, applicando o tal caixilho sobre o mappa do Estado, com um lado parallelo á costa, vê-se que o *cobre quasi todo*, compensando o appendice no sul sobejamente a unica lacuna ao norte e *sobrando ainda largos espaços* para a banda do rio Uruguay e S. Catharina!

Dos poucos casos emfim, onde o calculo Letot accusa resultados superiores aos nossos, vamos referir os dois mais discordantes. São o *Maranhão* (390 660 km²) e o *Paraná* (190 277 km²), com o excesso de 50 660 ou 15 277 sobre nós. Ora, si na verdade esses dois Estados tivessem as areas indicadas, deveriam abranger por inteiro 32 ou 17 de seus respectivos trapezios de um grao de lado. Impossivel, porem, se patenteia isto perante as verdadeiras dimensões dos mappas em questão, por benigno que seja o modo de computar os restosinhos nas fronteiras.

Assim, por onde quer que se examine, *mostra-se illusoria a pretensa exactidão do calculo Letot*. Longe de ser elle, comos e diz, « o calculo do territorio resultante de sua nova representação graphica «, longe de estarem seus resultados « de accordo como novo Atlas », acham-se antes em flagrante contradicção com elle ; as proprias cartas que lhes deram origem, servem para refutal-os ineluctavelmente. Pelo exame attento que fizemos, pelo modesto conhecimento de causa que nos deu uma rigorosa pratica scientifica, podemos até assegurar que os mappas do novo Atlas, medidos conscienciosamente segundo o optimo « methodo proporcional » por nós exhibido, accusariam valores approximadissimos aos nossos. Pois não achamos nessa obra nada de importante, quanto á presente questão, que ainda não fosse por nós considerado e aproveitado, ou que pudesse modificar sensivelmente os nossos resultados, assentos sobre bases das mais largas e firmes. Julgamos por isso superflua uma nova medição segundo o Atlas, visto que nem elle pode requerer credito absoluto.

Bem sabemos, quer-se provar o affirmado « rigor e escrupulo posto no trabalho » do sr. Letot pela allegação que um segundo calculo independente, após meses de intervallo, importou apenas um minimo excesso, para a Bahia de 3 e para Maranhão de 5 km². No emtanto, tal approximação inaudita e impossivel (1/268 000!) só revela ao perito que o segundo computo seguiu os mesmos trilhos rotineiros do primeiro, repisando os mesmos erros e desvios.

Terminamos lamentando que, pela adopção do tal pseudo-calculo planimetrico, se hajam de propagar, a uma com o novo Atlas, aliás tão recommendavel, erros peiores em parte que os das áreas officiaes, enraizando-se assim ainda por decennios! Consola-nos, porem, a certeza de que *a diminuição consideravel assacada ao nosso Brasil, carece de fundamento, verdade que afinal ha de romper victoriosamente!*

## Mirandinha

I

O nome de quem se estima
Sempre nos sae em poesia,
No verso formando rima,
A' prosa dando harmonia.

II

Mirandinha, Mirandinha,
Que lindo nome era o teu,
Faz parte da ladainha
Que eu reso junto com o meu.

III

Meu coração ficou cheio
Das dez letras que elle tinha,
Tirei as cinco do meio
Ficaste assim sendo minha.

IV

Foi no teu nome a cantar
Pelas horas do sol-pôr,
Que eu aprendi a rezar
O Padre-nosso do amôr.

V

Quatro syllabas eu digo
Quando chamo Mirandinha,
Mas meu coração comsigo
Repete só duas : Minha.

VI

Nas dez letras de teu nome
Foi que eu aprendi a lêr,
De cinco fiz um pronome
Que me deu todo o saber.

VII

Muitas vezes me concentro
Soletrando Mirandinha,
Esqueço as letras do centro
Soletro somente : — Minha.

VIII

Com dez letras se escreve
Teu nome : — Trago-o de cór,
Querendo fazel-o breve
Tirei cinco, eil-o maior.

IX

Gravei teu nome na areia
Para matar a saudade,
Mas, á noite, a maré cheia
Passou levando a metade.

X

Quando o sol vinha nascendo
Fui vêr o que estava lá,
Vi cinco letras disendo :
M. I. N. H. A.

XI

Foi teu nome o meu rosario
De dez continhas, risonho,
Rezei nelle o novenario
Da capella do meu sonho.

XII

Fiz de minha alma ermidinha
Do coração fiz altar,
Do nome de Mirandinha
O santo para adorar.

XIII

Fiz-me Padre e me ajoelhei
Ante esse altar de justiça,
Foi nelle que celebrei
A minha primeira missa.

XIV

Do coração fiz sacrario
Para o teu nome lá pôr,
Teu nome, que era o hostiario
Das hostias brancas do amôr.

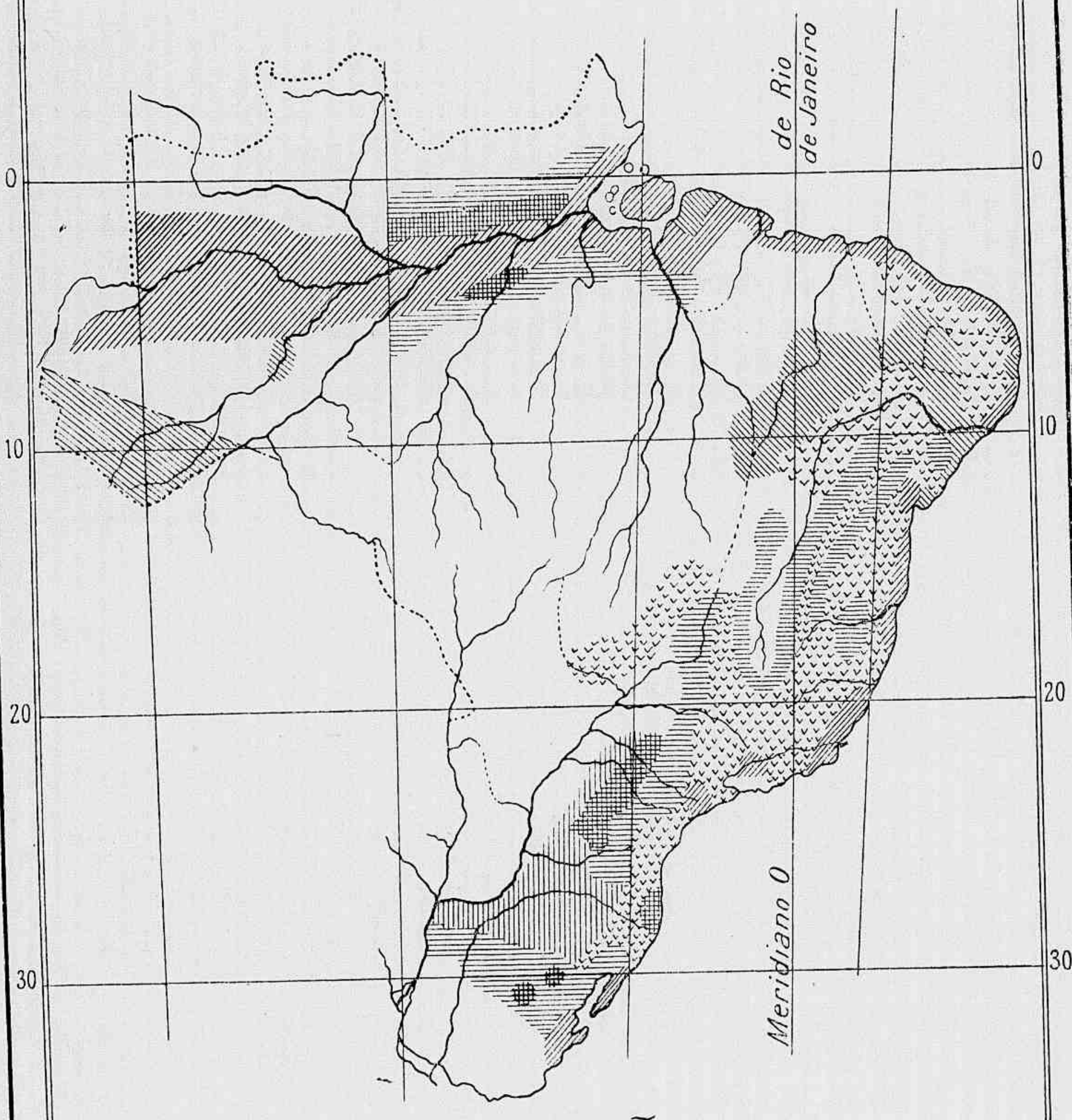
**A casa VACHERON e CONSTANTIN obteve o UNICO primeiro 1º premio no**

CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS

70 60 50 0 40

# ESBOÇO
# DA CARTA GEOLOGICA DO BRAZIL

*com as alteraçoês resultantes do*
Tratado de Petropolis




## Convenções

- *Terreno Archeano* {*Laurenciano* / *Huroniano*}
- *Terreno Triasico (?)*
- « *Palaezoico* {*Siluriano* / *Devoniano* / *Carbonifero*}
- « *Cretaceo*
- « *Carbonifero*
- « *Terciario e Quarternario*

# A REPUBLICA EM PORTUGAL

A proclamação da Republica no pequenino e glorioso Portugal foi sem duvida o facto politico de maior sensação no anno de 1910.

Para os que não andavam sufficientemente informado da situação a que havia chegado a politica portugueza apoz uma já longe e afflictiva crise, pareceu uma sorpreza ou um golpe de aventura, pouco explicavel.

O Dr. THEOPHILO BRAGA, chefe do governo provisorio.

Mas a verdade era outra. O povo depois de rudes provações parecia aniquilado em profunda apathia e só se agitavam na superficie os personagens politicos que prepararam a queda do antigo regimen.

Poucos, de certo, acreditavam na republica, mas ninguem acreditava mais na monarchia. Como quer seja, um remedio impunha-se a esse estado critico que ameaçava extinguir o paiz das mais gloriosas tradições da historia moderna.

Desde o seculo XVI do apogeo de sua gloria nos mares, no antigo e no novo mundo, Portugal parecia afundar-se em progressiva decadencia, parecendo-nos difficil explicar tamanha queda de energia do povo outr'ora o mais energico e o mais cioso das suas tradições.

De repente, a revolução de 4 de Outubro de 1910 chamou a attenção do mundo, e vibrou como uma ressurreição de forças que apparentavam extinctas. De sob as apagadas cinzas

Palacio Real das Necessidades.

irrompeu e reverberou com extranha intensidade o clarão das antigas glorias, guardadas apenas na memoria do povo e gravadas na epopéa de Camões.

Repetiram-se os mesmos lances do heroismo e da abnegação pela patria e um punhado de homens, representando o pensamento e as aspirações populares, consumou o grande feito de 4 de outubro remodelando sob novas instituições o velho Portugal monarchico.

Sem embargo de dissidencias explicaveis, a Republica foi proclamada no meio de jubiloso triumpho e da adhesão da terra portugueza e das suas colonias.

A noticia da revolta (escreve um jornalista inglez) foi communicada ao Rei na terça-feira de manhã cedo. D. Manoel estava no Palacio das Necessidades, que alguns supersticiosos dizem ser fatal aos seus moradores. Foi nelle que morreu, em 1853, a Rainha D. Maria II. Alli falleceram pouco

depois os seus tres filhos e foi tambem alli que soltou o ultimo suspiro a Rainha D. Estephania. Em 1841, no dia de Natal, o Principe D. João jazia moribundo no Palacio das Necessidades e as autoridades, temendo que succedesse o mesmo a D. Luiz I, mandaram-lhe uma deputação, rogando-lhe que se retirasse do fatidico palacio, pedido ao qual elle annuio.

Na terça-feira, 4 de Outubro, os conselheiros do Rei affirmaram-lhe que as forças realistas esmagariam a revolução e o Presidente do Conselho telegraphou para as provincias dizendo que a insurreição estava quasi suffocada. Em um telegramma subsequente mandou pedir reforços e as tropas aquarteladas em Santarem puzeram-se em marcha. Marchavam devagar, porque os sargentos e muitos soldados eram republicanos, e, em vez de chegar a Lisboa dentro em cinco horas, levaram no caminho quatorze horas, juntando-se aos republicanos á entrada da cidade

O Rei D. Manoel II.

O Principe D. Affonso Henriques.

Na noite de terça-feira a guarnição do « D. Carlos », dividio-se, metade em favor da Republica e metade em favor do Rei. Os monarchistas foram para ré e os republicanos para a prôa. Estes fecharam o paiol da polvora até que um rebocador cheio de gente armada se approximou, pedindo licença para entrar. Os realistas recusaram, e fizeram fogo, mas. com a ajuda dos republicanos, os recemchegados abordaram o navio, e capturaram-n-o. Assim passou o « Dom Carlos » para as mãos dos republicanos.

Em terra o fogo foi incessante durante a noite de terça para quarta-feira. Mas logo de manhã o regimento

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

Dr Antonio José de Almeida,
Ministro do Interior.

de caçadores 5, que estava postado no Rocio, passou-se para os republicanos.

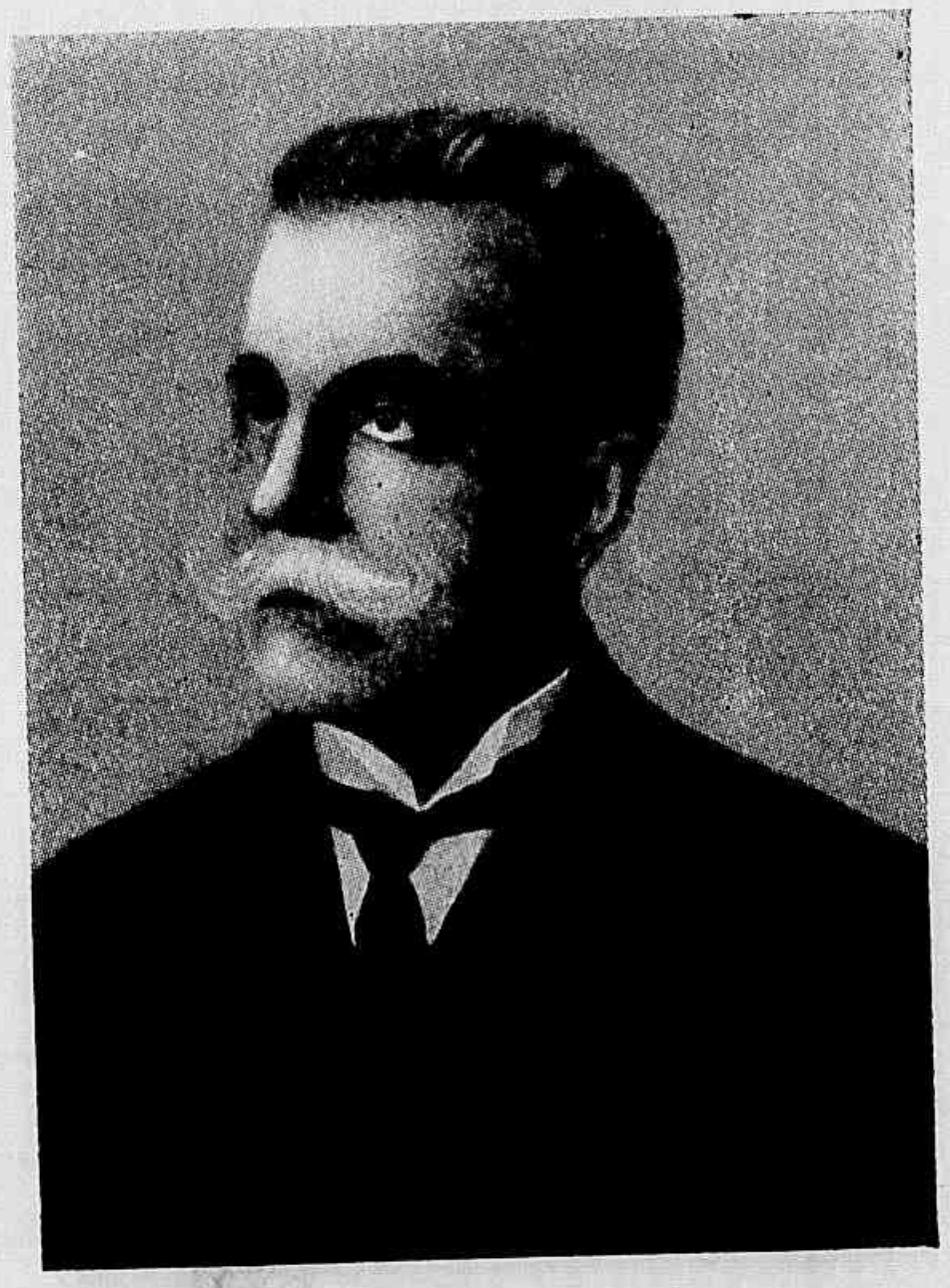
O castello de S. Jorge, que fôra tambem bombardeado nessa noite, içou a bandeira branca na manhã de quarta-feira, indo a sua guarnição engrossar as fileiras republicanas. Todo o exercito abandonára o Rei, á excepção da Guarda Municipal. Mas por volta das nove horas tambem ella mandou um soldado com a bandeira branca ao campo revolucionario. Um official republicano perguntou-lhe o que desejava. O soldado respondeu que a Guarda Municipal estava prompta a depôr as armas. Os milhares de paizanos que alli estavam e que se lembravam bem da brutalidade com que os guardas municipaes tratavam o povo quando havia alguma perturbação da ordem, responderam-lhe : « Sem armas, viestes ao nosso campo, onde todos estamos bem armados. Pois bem, vamos mostrar-vos que temos mais humanidade de que vós. A Guarda Municipal está morta. »

Assim terminou a luta. Com a rendição da Guarda Municipal a sorte da dynastia estava decidida.

A vida do Rei nunca correu o menor perigo. Antes da revolução rebentar, em uma longa conversa que tive com os chefes republicanos, alludi ao mal que faria á causa da republica qualquer tentativa contra a vida do Rei ou de algum membro da familia real. A resposta que me deram foi a seguinte :

« A pessoa do Rei será inviolavel e haverá apenas o derramamento de sangue que se não puder evitar. »

Apenas se deu o levante na noite de segunda para terça-feira, os chefes republicanos fizeram saber a D. Manoel que seriam conniventes na sua fuga. Promptificavam-se a deixar-lhe livre a estrada do norte, mas chamavam-lhe a attenção para as graves consequencias que resultariam se elle



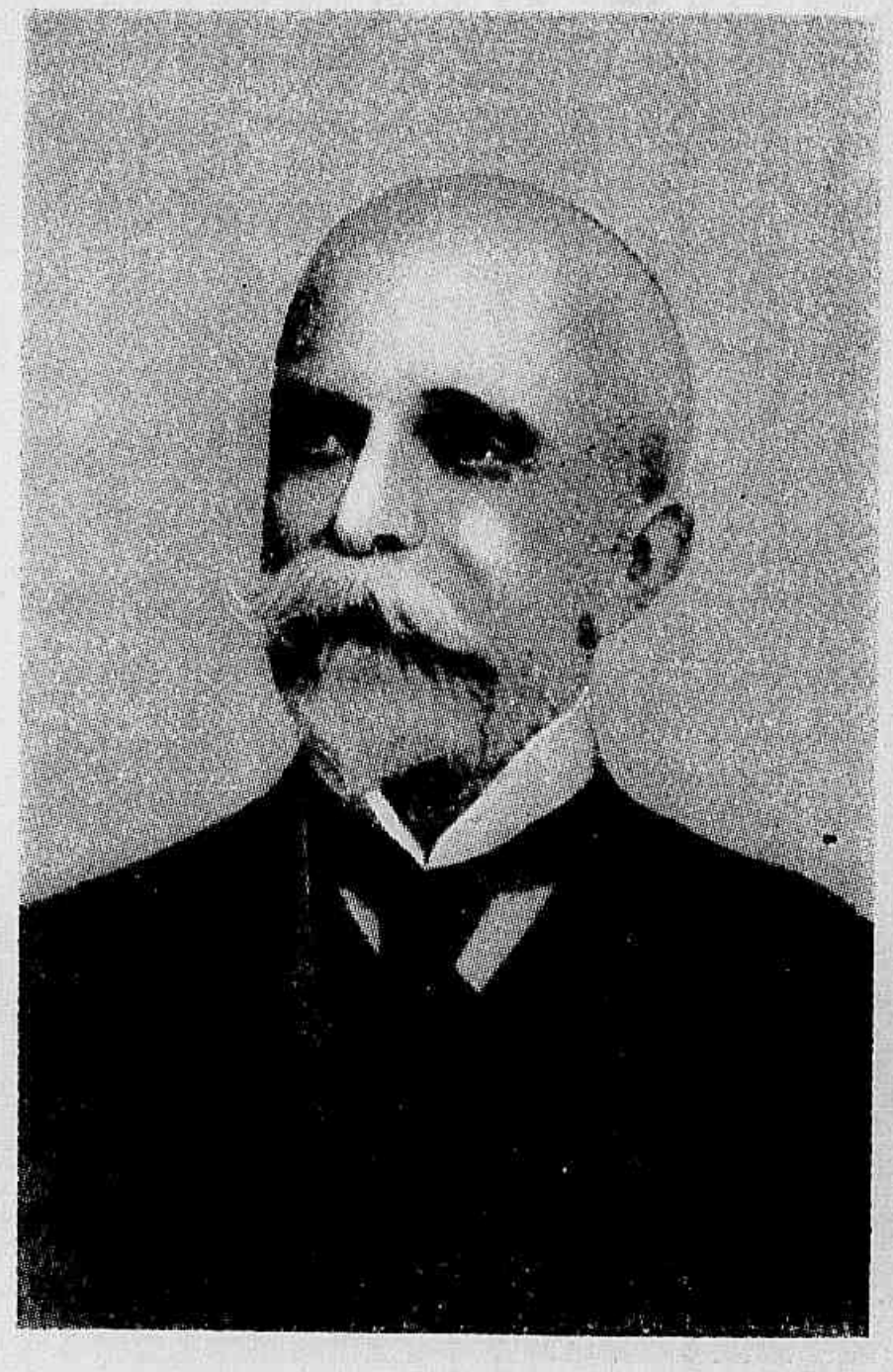
Dr Magalhães Lima.

se fosse pôr á testa de forças monarchistas e viesse combater contra a Republica. Tambem disseram que a Rainha D. Maria Pia poderia ficar em Portugal, onde ninguem a molestaria. »

A familia real embarcou na Ericeira para Cadix donde alguns dias depois tomou novos rumos.

A republica organizou o seu governo provisorio de que foi escolhido chefe o grande escriptor *Theophilo Braga*, republicano irreductivel e cuja vida de immensa actividade e de singela e honesta pobreza, foi logo um motivo de forte sympathia da opinião e um penhor inquebrantavel das intenções do novo regimen.

No Brasil os portuguezes, cultivavam o *lealismo* a' monarchia porque n'ella symbolisavam a patria distante; era, pois, natural que não recebessem com enthusiasmo nem acolhessem com unanime applauso a revolução portugueza. Mas esse conservantismo, que é alias uma virtude assim considerado, exprime em verdade um equivoco que dentro de pouco o tempo facilmente dissipará. Não são os ausentes os mais habilitados a sentir e a julgar os governos e as instituições.



Dr Bernardino Luiz Machado,
Ministro das Relações Exteriores.

Dr Antonio Luiz Gomes,
O Primeiro Ministro da Republica no Brazil.

Entretanto sempre houve no Brazil sensivel numero de portuguezes republicanos, agora accrescido pelo exito do novo regimen.

O Brazil e a Argentina foram os primeiros paizes que reconheceram officialmente a Republica portugueza.

Em outro lugar, damos a descripção e a figura de bandeira adoptada pelo Governo provisorio.

Proclamada officialmente a Republica em Portugal, em 5 de Outubro do anno passado, da sacada do edificio

**SMITH VISIVEL** ***tem o maior invento*** em machinas de escrever : ***Articulaçoes com Espheras.***

Dr Affonso Augusto da Costa,
Ministro da Justiça.
Foi o principal chefe do movimento revolucionario.

da Camara Municipal de Lisbôa, immediatamente foi organisado o Governo provisorio, que ficou assim constituido : Dr. Theophilo Braga, Presidente; Dr. Antonio José d'Almeida, Ministro do Interior; Dr. Affonso Costa, Ministro da Justiça; Dr Bernardino Machado, Ministro dos Estrangeiros; Coronel Antonio Xavier Corrêa Barreto, Ministro da Guerra; Bazilio Telles, Ministro da Fazenda Dr. Antonio Luiz Gomes, Ministro das Obras Publicas; Capitão de Fragata Azevedo Gomes, Ministro da Marinha.

Uma nota interessante, e que se liga aos acontecimentos da revolução, foi a das festas de Gôa a 25 de Novembro commemorativas do 4.º centenario do imperio lusitano nas Indias; tinham apenas decorrido vinte dias da proclamação da republica; e assim escreveu um correspondente do *Times* :

E' curioso que a revolução portugueza tivesse tido lugar apenas algumas semanas antes da data do quatrocentesimo anniversario do estabelecimento do poderio portuguez na India. Foi em Gôa, que constitue hoje a capital dos pequenos dominios que Portugal ainda alli possue, que Affonso de Albuquerque firmou o imperio dos reis portuguezes. Em 17 de Fevereiro de 1510, o intrepido e patriotico Affonso de Albuquerque effectuou sem difficuldade a captura de Gôa; mas seis mezes depois era expulso dalli pelo Sultão de Bijapur, que doze annos antes estabelecera o seu dominio sobre Gôa. Tendo, porém, recebido reforços de Portugal Affonso, de Albuquerque aproou de novo para Gôa, com uma frota de vinte e oito navios e mil e setecentos homens de desembarque. Em 25 de Novembro, Albuquerque effectuou um desembarque e depois de um sanguinolento combate, em que pereceram dous mil soldados mahometanos do Sultão de Bijapur, conseguio tomar posse de Gôa.

Dr Miguel Bombarda,
Notavel medico, assassinado em Lisboa poucos dias antes da revolução.

Ha muitos mezes que se estavam fazendo os preparativos para a celebração do quarto centenario desse glorioso feito de armas; mas quando sobreveio a revolução e a subsequente proclamação da Republica em Portugal, houve receios de que a commemoração não fosse levada a effeito. Estes receios, porém, eram inteiramente infundados. As festas projectadas foram realizadas em Gôa com a maior solemnidade, tendo tido um caracter principalmente ecclesiastico. Uma grande procissão, em que tomaram parte os altos funccionarios do Governo e os grandes dignitarios da Igreja, encaminhou-se para a capella de Santa Catharina que foi construida á beira de uma estrada, onde se deu um terrivel encontro entre as tropas musulmanas e os intrepidos invasores portuguezes. Em seguida houve uma missa solemne na Cathedral de Gôa e á tarde o povo divertio-se com regatas e jogos athleticos.

Vice-Almirante Carlos Candido dos Reis,
Organisador da Revolução,
Suicidou-se no dia da victoria.

No dia immediato, 26 de Novembro, começou a exhibição das reliquias de S. Francisco Xavier, que se acham na Igreja do Bom Jesus, na Velha Gôa. Esta exhibição continuou até ao dia immediato, tendo attrahido a Gôa milhares de catholicos de todas as partes da India e até mesmo de outros paizes. S. Francisco Xavier, o mais illustre dos missionarios catholicos que, segundo dizem, conseguio converter ao Christianismo cento e vinte mil pessoas na India, no Japão, em Java e em outras partes da Asia — durante o breve lapso de dez annos que duraram os seus infatigaveis trabalhos apostolicos no Oriente — morreu em Malaca em 1552. O seu corpo foi transportado para Gôa e alli sepultado na Igreja de S. Paulo; mas a sua canonização só teve lugar em 1624, quando os restos do Apostolo das Indias foram transferidos para a Igreja do Bom Jesus, onde foram depositados na Capella de São Francisco Borgia e mais tarde levados para a capella de S. Francisco Xavier. Até o anno de 1782 era costume exhibir annualmente as reliquias de S. Francisco Xavier; mas essa pratica foi abolida por causa dos conflictos que se davam devido ao desejo da população de se apoderar das reliquias do seu santo predilecto. De 1782 para cá apenas quatro vezes foram os restos de S. Francisco Xavier expostos aos olhos curiosos da multidão.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

# A Maior Fabrica

de

## ✻ RÊDES ✻

do

# Estado de Ceará

de

# MANOEL FRANCO

***Praça Caio Prado, nos 5 e 7***

**FORTALEZA**

E'a unica fabrica que executa trabalhos de rêdes em linha bordando no proprio teçume. Suas rêdes Pano-avesso, Fustão rozae e canella, Marcada a crivo e bordada, Tapueirana, Maqueira tecido todo aberto em forma de tella e Branca a 2 mamucabas, e muitas outras qualidades.

E'a fabrica que mais vantagem offerece a seus freguezes. Facilitando os seus pedidos, por intermedios de seus representantes em quasi todos os Estados ; a saber :

**Manáos**. — Cosme Alves Ferreira, rua Dr. Moreira, 43.

**Rio de Janeiro**. — Narcizo de O. Maia, Invalido, 88.

**Victoria**. — A. Prado e Ca, rua do Commercio, 22.

**Pernambuco**. — João Alves de Magalhães.

**Ceará**. — A Fabrica, Praça Caio Prado, 5 e 7.

**Piahuy**. — Arthur Matto e Ca.

**Maranhão**. — Azir Farah e Ca, rua Grande, 13.

**Pará**. — José Bret, rua João Alfredo, 7.

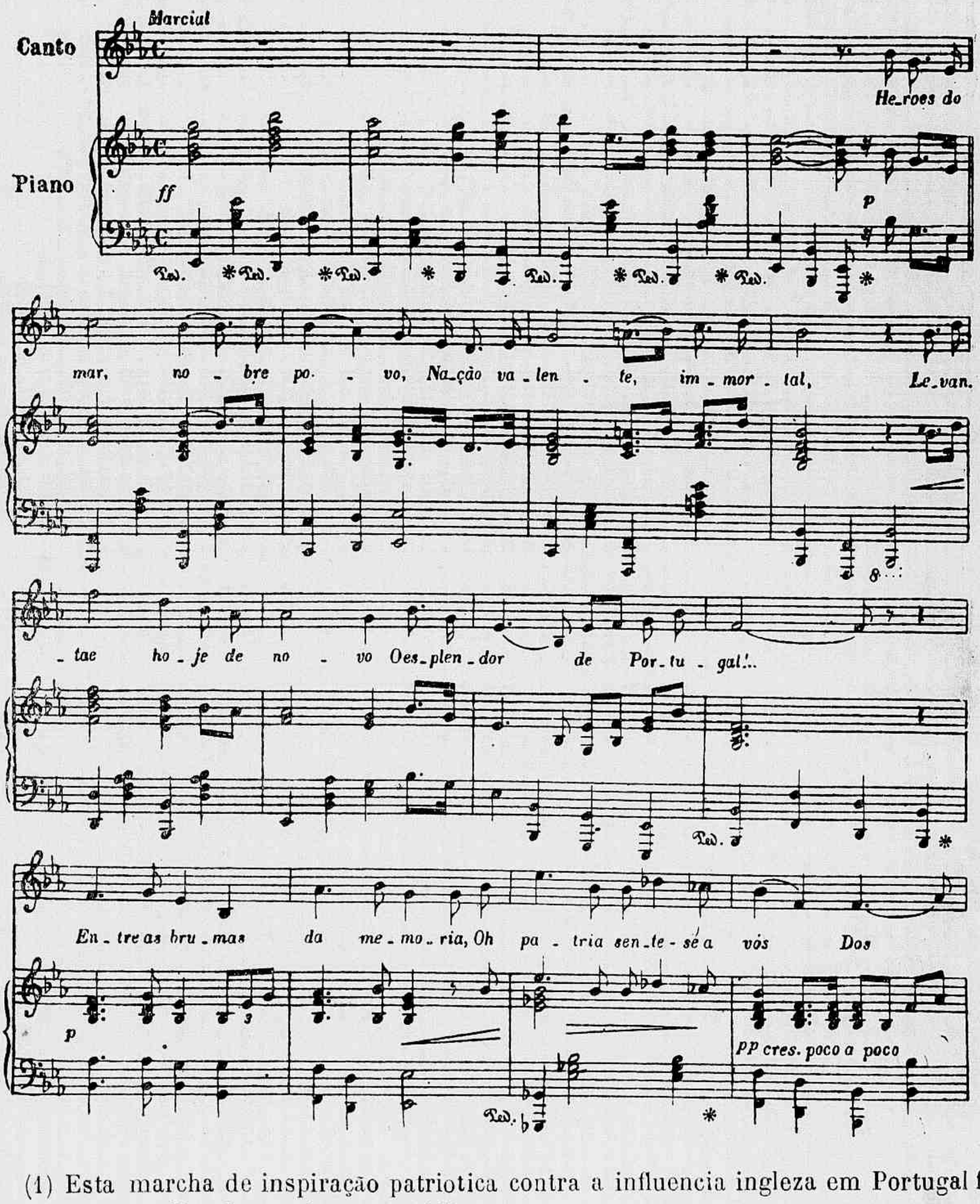
**Torentins**. — João Macario.

**Itacoatiava**. — João Rocha.

**Jaragua-alagôas**. — Manoel Gomes.

# A PORTUGUEZA (1)

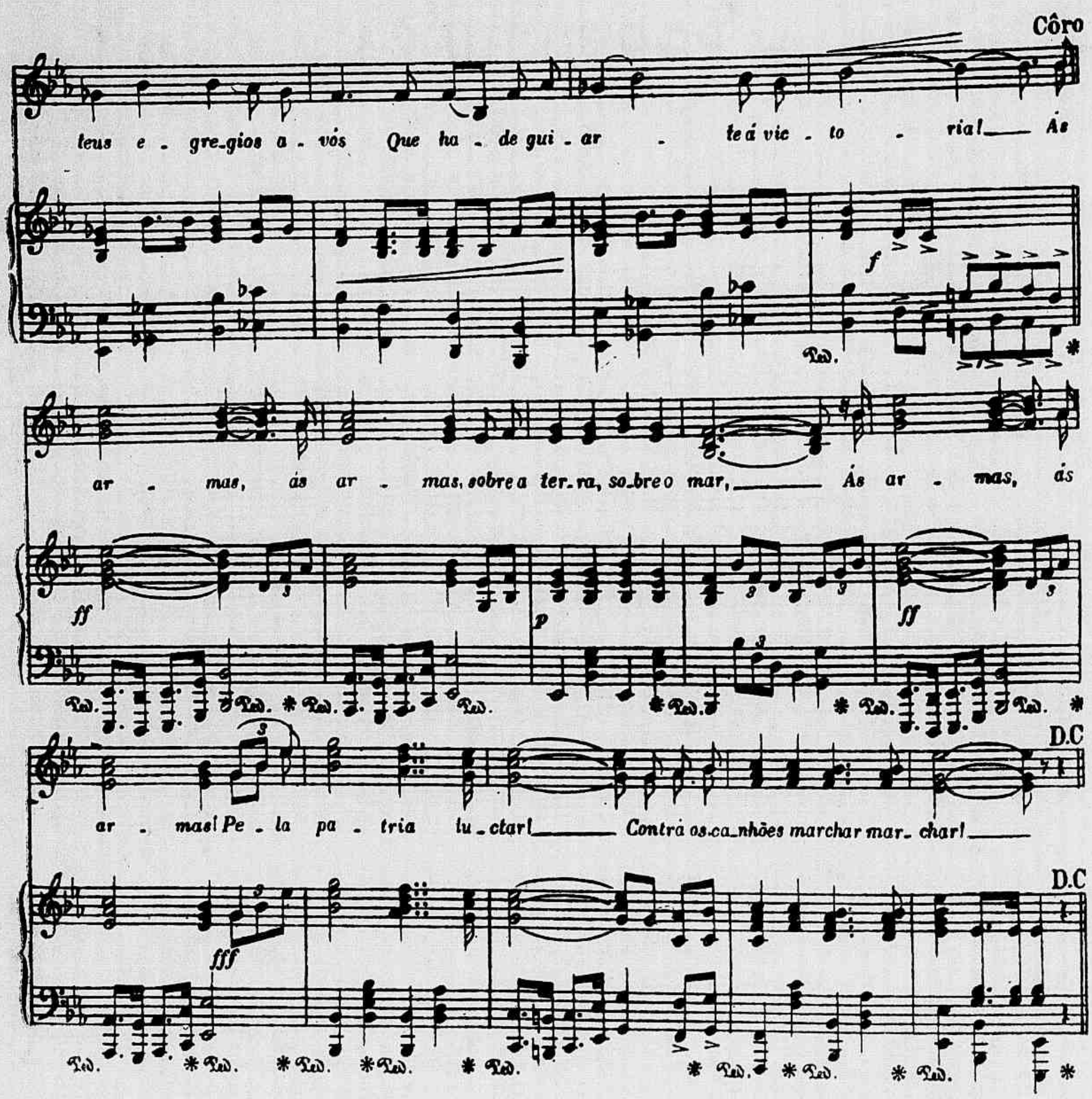
*Poesia de H. Lopes de Mendonça* *Musica de A. Keil*




(1) Esta marcha de inspiração patriotica contra a influencia ingleza em Portugal foi relembrada nos dias da revolução republicana.

---

**R**
**REX** pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota. **R**
**REX**
**X** **X**




2

*Desfralda a invicta bandeira*
*Á luz viva do teu céo!*
*Brade a Europa á terra inteira*
*Portugal não pereceu!*
*Beija o sólo teu jucundo;*
*O Oceano, a rugir d'amor.*
*E o teu braço vencedor*
*Deu mundos novo ao mundo!*

*Ás armas! sobre a terra, sobre o mar,*
*Pela patria luctar!*
*Contra os canhões marchar!*

3

*Saudae o sol que desponta*
*Sobre um ridente porvir;*
*Seja o echo de uma affronta*
*O signal do resurgir.*
*Raios d'essa aurora forte*
*São como beijos de mãe,*
*Que nos guardam, nos sustêm,*
*Contra as injurias da sorte*

*Ás armas! sobre a terra, sobre o mar,*
*Pela patria luctar!*
*Contra os canhões marchar!*

## Tempos idos...

Quando, acaso, recordo os momentos felizes
Dessa antiga affeição para sempre hoje morta,
A dôr, como um punhal, o meu seio recorta
E deixa dentro em mim profundas cicatrizes.

Não calmam desta magua as convulsivas crises
Que meu peito, em delirio, acremente supporta,
Pois a mim já nem mais uma palavra dizes
Como alento á afflicção que o sêr me desconforta.

Por isso, hoje, tenho a alma espedaçada; fez-m'a
Assim a angustia atroz e iniqua dessa mesma
Estupida paixão com que tu me assassinas.

E nem lanças sequer sobre os meus crueis pezares
Um furtivo clarão dos teus fulvos olhares
Como um raio de luar sobre um castello em ruinas!

II

Ainda tenho a sangrar o coração; affige-o
A brusca sensação da tua indifferença;
Da mais profunda dôr, da mais brutal descrença
Fizeste-me subir ao supremo fastigio.
Ainda assim vivo; entanto a tua alma nem pensa
Que do teu desamor trago o fatal vestigio;
E o meu ser arrojaste ao sorvedoiro estigio
Da mortificação dessa tortura immensa.

Abateste o fulgor do meu affecto herculeo
E encravaste-me n'alma o penetrante aculeo
Do desengano mais exacerbante, torvo.

E no tedio sem fim do meu infinito ermo,
Sempre a sombra augural dessa magua sem termo.
A espalmar sobre mim suas asas de corvo!

Recife. 1910

Mario Linhares.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

# CAMONEANA

As fontes literarias da magna epopéa portugueza, agora exploradas pela critica, constituem objecto de investigações deleitosas.

E alguns apontamentos a lapis, que encontrámos sobre a mesa de Alberto Faria, reflectem esse goso de labor intellectual.

Trasladamol-os de seguida, com uma indiscreção só perdoavel a seccionista em apuros...

Lê-se nos LUSIADAS, c. III, est. 141, p. p. :

> E pois se os fortes peitos enfraquece
> Um inconcesso amor desatinado,
> Bem no filho de Alcmena se parece,
> Quando em Omphala andava transformado.

O que ha digno de nota no trecho, — de intelligencia facil a despeito do verbo reflexivamente empregado por outro (*parece*, em vez *mostra*, cf. c. IX, est. 85), — é a feliz applicação a Hercules da theoria do amor platonico.

Nenhum tão « forte peito » houve, a quem amor « enfraquecesse », tomando-se a ficção mythologica pela realidade humana.

Aquella theoria era como que inherente á poetica do autor, apparecendo em composições de genero diverso.

Depara-se-nos até na comedia, v. g. FILODEMO, a. III, sc. IV, v^os^ 34-5 :

> E ha de ser quem me tem
> Todo transformado em si.

Porém é expressa com mais frequencia no Parnaso.

Reparem.

Ecl. II. v^os^. 324-25 :

> Está um triste amante se transformando
> Na vontade daquella que tanto ama.

Ecl. IV, v^o^ 224 :

> Vontade que em ti estava transformada.

Canç. XI, v^o^ 14 :

> Noutro ser me tiveram transformado.

No son. X, pelo qual devemos interpretar o XXXV e a ode VI, acha-se exposta assim :

> Transforma-se o amador na coisa amada,
> Por virtude do muito imaginar :
> Não tenho logo mais que desejar,
> Pois em mim tenho a parte desejada.
>
> Se nella está minh'alma transformada,
> Que mais deseja o corpo alcançar ?
> Em si sómente póde descansar,
> Pois com ella tal alma está liada.
>
> Mas esta linda e pura semidéa,
> Que como o accidente em seu sujeito
> Assim com a alma minha se conforma,
>
> Está no pensamento como idéa,
> E o vivo e puro amor de que sou feito,
> Como a materia simples busca a fórma.

O decasyllabo inicial approxima-se muito do 162 do cap III do TRIONFO D'AMORE, de Petrarca :

> L'amante nel amato se transforme,

vernaculisado na traducção attribuida a Camões :

> O amante se transforma no amado.

E os seguintes áquelle representam uma explanação, meio gangorica, do commentario ao verso peregrino, lançado pelo transplantador :

« ... porque assim se lhe imprime no coração e nos espirtos (do amante) a fórma que ardentemente ama, que, quanto a elle, a sua fica desfeita e apagada. »

Independentemente desta consideração, affirmou Joaquim Nabuco, em 1872, que o poeta portuguez, no

soneto acima transcripto, « desenvolvera o pensamento do italiano », na passagem do TRIONFO D'AMORE supra mencionada.

Mas o cantor de Catharina talvez fosse apenas suggestionado pelo de Laura, porquanto bem podia conhecer de outro logar a expressão synthetisadora do affecto idéal.

Na IMAGEM DA VIDA CHRISTÃ, dial. da rel., cap. III, edição conforme á de 1563, encontra-se isto :

« São Dionysio diz que *o amor transforma o amante no amado.* »

do que

L'amante nell'amato se transforme

parece traduzido.

Releva assignalar : 1º) que o prosista fr. Heitor Pinto, não era extranho á literatura profana, tendo invocado Pretrarca varias vezes na citada obra, a outros propositos ; 2º) nem o vate seu compatriota, classico da mesma idade, o era á sacra, consoante attestam muitissimas producções suas de inspiração biblica.

Em abono da these modesta, que vimos esboçando, cumpre-nos juntar exemplos.

Nos LUSIADAS, c. IV, est. 80, *in fin.*, apparece :

Por vós, o rei, *o espirito, e a carne, é prompto.*

como reproducção, menos clara, do fecho do son. CCXXI :

Nem basta á *carne enferma espirito prompto.*,

o qual se afigura trasladado de Petrarca, termo do son. CLIV :

Lo spirte é pronto, ma la carne stanca.,

ou TRIONFO DELLA MORTE, cap. II, vº. 53 :

La carne inferma e l'anima pronta,

Entretanto, não duvidamos que ambos se tivessem valido igualmente do Evangelho de S. Matheus, cap. 16

« Spiritus promptus est, caro vero infirma ».

Latino Coelho escreveu :

« Tão subido era em Camões o culto de Petrarca, que por um verso mui notorio do son. XXXVI do poeta italiano,

Tra la spiga e la man qual muro é messo

terminou o épico portuguez nos seus LUSIADAS a est. 78 do c. IX ».

Todavia, fazendo-o na parte relativa á Ilha dos amores, para cuja elaboração consultou o ORLANDO FURIOSO, na que se refere aos jardins de Alcina, agiu provavelmente suggestionado por Ariosto, imitador do patricio.

No celebre poema da cavallaria, c VII, est. 25, *in. fin.*, achamos :

Teme di qualque impedimento spesso
Che tra il frutto e la man non gli sia messo

As situações das personagens, descriptas pelos dois quinhentistas, têm muito de identicas.

Cremos, pois, que o primeiro caso é da mesma natureza do ultimo.

Demais, nem sempre se póde *affirmar* a origem exacta de uma idéa ou imagem engastada em verso : si o autor a colheu na limpida nascente, ou em cristallina derivação...

**ESPINGARDA STANDARD,** é de summa precisão, grande alcance, solidez, segurança, pouco peso e facil manejo .

***Clubs, Casa Standard.* — *93, Ouvidor, 95, RIO.***

Nos LUSIADAS, c. V, est. 55, vemos :

Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

Esses decasyllabos impressionaram a numerosos engranzadores de rimas, na successão dos seculos, como o demonstram as copias infra.

Gabriel de Castro, ULYSSÉA, c. VI est. 55 :

Que topar-se vieram fronte a fronte,
Qual se um monte topara n'outro monte

Sousa Macedo, ULYSSIPO, c. XIII, est. 60 :

Junto a sua corrente (qual penedo
De que as aguas nasciam) mudo e quedo.

Abbade de Jazente (Paulino Cabral), son. IX :

E então estupefacto, mudo e quedo,
. . . . . .
Qual junto de um penedo outro penedo.

Id., son. CIX :

E, posto aqui ao pé deste rochedo,
Não sou mais, em tão muda soledade,
Que junto de um penedo outro penedo.

Fr. Santa Rita Durão, CARAMURU, c. II, est. 81 :

Pára um vendo o outro mudo e quedo,
Qual junto de um penedo outro penedo.

Pe. J. Agostinho de Macedo, ORIENTE, c. IV, est. 69 :

Como a par d'um rochedo outro rochedo,
Insensiveis, está no alpestre monte
Cada qual delles taciturno e quedo.

Quem teria dado o molde ao modelo de tantos?

Alguem indicou Ariosto, no ORLANDO FURIOSO, c. X, est. 34 :

Or si ferma s'un sasso e guarda il mare;
Ne nem d'un vero sasso, un sasso pare.

Porém, não estamos tolhido de acreditar que Camões se inspirou directamente em Ovidio, HEROIDAS, X, vos. 49-50 :

Ant mare propiciens in saxo frigida sedi.
Quam lapis sede tam lapis ipsa fui.

E sirva tudo, — que no assumpto nada é, — de lição aos pecuinhentos, para quem argüe ladroice quanto outr'ora denunciava cultura.

O lapis do collega quebrou a ponta, num golpe de revés dos pretenciosos caçadores de plagios, já marcados com o ferrete do ridiculo por Anatole France, na questão Maeterlink-Daudet

MARCOS TUIM.

## *LASCIATE OGNI SPERANZA*

**(Versão do inferno do Dante)**

Por mim se desce á estancia dolorosa,
e de prantos á tétrica cidade,
e dos proscriptos á mansão penosa;
Dos fundamentos meus a immensidade
poz-m'a um Deos implacavel na vingança.
precedeo-me sómente a eternidade.
Como ella a mão do tempo não me alcança,
e tenho escripto — « ó filhos da maldade,
entrae; aqui findou toda a esperança! »

MENDES LEAL.

# CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Reproduzindo no *Almanaque Garnier* o retrato da grande escriptora C. M. de Vasconcellos não julgamos prestar um vão preito a uma das personalidades mais eminentes do nosso tempo.

E' um dever do Brasil como de Portugal essa homenagem perenne ao espirito gentil que consagrou toda a intensidade de suas forças ao estudo e á evocação do Portugal antigo, explicando e illuminando-o aos nossos olhos com a magia da erudição, da sciencia e da mais delicada perfeição do gosto.

A essa eminente escriptora é que devemos, como n'uma resurreição pompeana, quasi tudo o que sabemos da cidade antiga, do espirito *gensor* da cultura intelectual dos velhos trovadores, gloriosos antecedentes da alma e do lyrismo portuguez.

Com a sua erudição assombrosa, com o seu alvião infatigavel, poz sob um céo luminoso os antigos horizontes já soterrados e esquecidos.

A vida medieval cavalheresca e os seus Trovadores até a grande epopéa dos *Lusiadas*, intrincada de indecifraveis problemas, é hoje uma estrada relativamente facil e transitavel.

Para a realização d'esse escopo não bastava, apenas a mera aptidão literaria do historiador, a qual seria sempre falha e deficiente. Era de mister a educação philologica, a erudição archeologica, o rigor do methodo, os vastos horizontes que só a ascenção do saber abre aos criticos e aos estudiosos do passado.

A bibliographia dos trabalhos parciaes, contribuições e das obras de Carolina Michaëlis, em lingua allemã e em portuguez, conta muitos e consideraveis numeros; a relação que juntamos é ainda incompleta.

No Brazil, o nome de Carolina Michaëlis era, até ha poucos annos, inteiramente desconhecido e as suas obras ainda são quasi inteiramente ignoradas. E' verdade que ella não escreve para o publico numeroso das obras de genero leve ou de ficção e não quiz nuca adoptar esse *tom medio* que por vezes adoptaram Gaston Paris e outros eminentes eruditos, por aproveitar um circulo de raio maior entre os leitores quotidianos.

Encerrada no seu mundo pouco lhe importam os applausos e as homenagens profanas, de que esta é uma impertinente amostra, e que sem duvida offendem a sua modestia e recato.

A respeito da escriptora transcrevemos um bello ensaio de Silva Bastos onde algumas notas intimas caracterizam a sua vida laboriosa e digna (1).

(1) *Perfis de intellectuaes*, *Lisboa*, 1908, pag. 227 e segu.

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

Menendez y Pelayo, prestando a devida homenagem, em frase sonora e fidalgamente hespanhola á senhora D. Carolina Michaëlis, chama-lhe uma « fada benefica que a Alemanha enviou a Portugal para ilustrar gloriosamente as letras peninsulares ». O elogio tem um cunho madrigalesco, o que poderia implicar pinta de exagero : mas, se se tiver ao menos uma superficial idéa do labor produzido por a ilustre escritora, sem duvida o cerebro mais potente que se apaixonou pela investigação portuguêsa no campo da literatura, verá em cada uma das palavras do elogio que a Hespanha lhe endereçou pela boca de um dos seus mais cotados intelectuaes, a expressão de um conceito cheio de justiça.

Quando lemos ha tempo um dos trabalhos firmados pela senhora D. Carolina Michaëlis, a imaginação compoz um tipo bem ao avêsso do que a realidade nos ofereceu. Escritora que veiu da Alemanha e fez o seu ninho em Portugal? Deve ser isto : alta, esguia, angulosa, rosto seco e duro, oculos fortes e categoricos, modos solemnes e imperativos; desdem pela ignorancia dos outros, consciencia do proprio merecimento exorbitando para um orgulho olimpico : sommatorio insuportavel.

Afinal de contas, a benefica realidade dissolveu, num pronto, a imagem que haviamos formado no nosso desconfiado engenho. Meanzinha, cabelo loiro-trigo, um riso afavel para todos, frescura juvenil num rosto ainda cheio de vida, graça no dizer com esse ligeiro sotaque de pronuncia por onde algumas vezes se trai o berço estrangeiro, o que quer que seja de uma figulina de Saxe — sommatorio atraente. Nada mais antipoda de um Mommsen... de saias!

Pois essa figulina de Saxe é a senhora que mais problemas tem estudado, aprofundado e criticado, durante bons trinta annos, dia a dia, minuto a minuto, no ciclo da nossa literatura, e com tanto amor, com tanta dedicação, com tanto orgulho, como se houvera recebido a primeira luz em terra portuguêsa!

Que, a bem dizer, nada importa á nossa gloria o facto da senhora D. Carolina Michaëlis haver nascido debaixo do ceu germanico. E' nossa. Muito nossa : porque ainda muito nova, já na posse do idioma de Camões, o grande poeta a que dedicaria o mais exhaustivo dos seus estudos, mereceu o ser escolhida em Berlim, sua terra natal, para interprete do governo alemão nas suas relações com a chancelaria portuguêsa. Nossa : porque no intenso do seu labor consagrado á filologia romanica, á glotologia, ás literaturas italianas e hespanhola, a que devemos um estudo bibliografico sobre o *Romancero del Cid* — edição Brockhaus, 1871, a mais completa coleção dos romances do Cid, — a foi encontrar o sr. Joaquim de Vasconcellos, vendo em carne e osso aquela por quem sentira uma grande admiração e uma dessas simpatias que decidem do destino de um homem, fazendo-a sua esposa, ficando unidas as duas excecionaes organisações de investigadores das letras portuguêsas, que constituem a mais elegante lição do que é e o que vale o trabalho.

Para se fazer uma idéa aproximada da capacidade investigadora, do immenso material com que a senhora D. Carolina Michaëlis trabalha ha quasi quarenta annos, bastará abrir ao acaso qualquer dos seus livros menos volumosos — *A infanta D. Maria de Portugal e as suas damas*, por exemplo. Pense-se bem no enorme cabedal de obras nacionaes e extrangeiras, cujo manuseio, paciente consulta e acurado cotejo as respectivas notas nos fazem prevêr; multiplique-se este, já de si enorme esforço, por cada um dos livros com que a ilustre escritora tem enriquecido a nossa literatura; e a nós mesmos perguntaremos como é possivel que uma creatura, delicada, franzina, sempre immersa no estudo, minada annos a fio pela meditação, de mais a mais obrigada a ga-

nhar a vida pelas letras escrevendo artigos para as revistas mais sérias do estrangeiro, tenha podido produzir tão espantosa somma de trabalho?!

A explicação do fenomeno está na persistencia corajosa com que certas na-

**PIANOS RITTER** Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes.
**CLUBS CASA STANDARD,**
**93, Ouvidor, 95, RIO.**

turezas de tempera bem rija levam a cabo a tarefa que imposeram á propria vontade; ou melhor ainda : no metodo aturado, na dignidade profissional, na seriedade de disciplina peculiares aos alemães. Não foi só para nós uma fortuna que o ceu nebuloso da Germania enviasse ao limpido ceu peninsular tão ilustre cultora das nossas letras : dobrada fortuna é o metodo do trabalho que ela nos trouxe, é o exemplo da espantosa somma de labor que pode sahir de um cerebro humano, quando, com o dobar de um dia nos deitamos com a convicção de que na gaveta ficou bem acamado e ordenado o fruto de um numero fixo de haras. E, se com a disciplina ferrea no estudar se conjuga o amor profissional, mais rico e intensivo será o resultado da canceira.

E' um espectaculo interessante, quasi comovente. o da senhora D. Michaëlis á sua mesa de trabalho. O papel é para ela mais do que um amigo : acaricia-o, como se ahi sentisse os cabelos finos e loiros de uma cabecita de anjo; parece sorrir-lhe, como pedindo-lhe previamente desculpa do fatal contacto da penna. A mão irá pousar delicada; e traçará depois os caracteres com uma cuidada suavidade, como quem teme abrir um rasgão na epiderme de pessoa que lhe é cara. E é de vêr então a harmonia e a graça nos caracteres e nos arabescos iniciaes! Vistas de relance, dir-se-iam letras de um alfabeto exotico, fantastico e bisantino. Sempre a mesma ordem, ponderação e metodo que são os caracteristicos de uma verdadeira personalidade. A cada folha escrita, deitará ultimos olhares, a vêr se as linhas traçadas no papel erguem algum protesto, alguma censura, se realmente traduzem ou não o amor de quem as escreveu com o respeito de si-mesma levado á categoria de um culto, sabendo que o trabalho é uma neccessidade do temperamento, uma força e uma fonte de encantos para o espirito.

***

A senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos entrou para o campo da investigação, do saber que abrange os mais vastos problemas da filologia romanica, trazendo uma cultura excecional, mórmente se a compararmos á escassa erudição dos nossos mais cotados pensadores. Apetrechada com o conhecimento do sanscrito, do grego e latim, arabe e hebraico, além do saber que já possuia nas linguas germanicas e slavas, quem melhor do que a *fada benefica* que a Alemanha nos enviou e que do nosso torrão fez a sua segunda patria, poderia atacar denodadamente e com mais firmeza os mais intrincados problemas que as literaturas oferecem aos investigadores? Estudos folkloricos, comentarios de textos hespanhoes e italianos, estudos de literaturas comparadas e sobre os nossos melhores prosadores e poetas, interpretações de textos duvidosos ou enigmaticos — tudo tem passado pelo crisol da sua análise, da sua ponderada critica, do seu engenho subtil, sobrando-lhe ainda tempo e solicitude para preparar seu filho a cursar uma universidade aleman ensinando-lhe, sabem o quê? Todos os preparatorios requeridos á matricula daqueles estabelecimentos.

Tomemos como ponto de partida, pelo que particularmente nos interessa, a sua lida applicada á historia da nossa literatura, sem deixarmos de reconhecer a valia dos seus trabalhos anteriores — *Antologia* da poesia hespanhola do seculo XV a XVIII; *Fiori della Poesia italiana; Tres flores del Teatro antiguo español;* o *Romancero del Cid*, e os trabalhos de colaboração na *Enciclopedia Brockhaus Meyer* (Leipzig) na parte relativa a assumtos de Portugal e Hespanha na *Encyclopédie de Paris* e em muitas outras revistas extrangeiras de critica filologica e literaria. Esse ponto de partida será

a edição critica, assombrosa e colossal, das *Poesias de Sá de Miranda*, que foi, como é sabido, o introdutor da escola italiana, no nosso pais e o precursor de Camões. O alto valor de tão grande serviço consiste no facto de uma pesquiza meticulosa feita nos textos das poesias de Sá de Miranda (1594 e 1614) em confronto com todos os manuscritos existentes em Evora e Lisboa, com o do visconde de Juromenha e os de F. Denis. Nessa edição critica revela-se todo o poder de investigação e comparação, de esmiuçação paciente e consciensiosa que a senhora D. Carolina Michaëlis, doutor *honoris causa* pela Universidade de Friburgo, tem applicado aos textos de nosso patrimonio literario. Dahi, varios trabalhos de grande monta como os que se lhe devem sobre : *Camões, Lusiadas e Rimas; Vida de Camões;* sobre o *Condestavel de Portugal*, sobre *D. Leonor de Portugal*, sobre *Pedro de Andrade Caminha*, entrando em linha de conta, naturalmente, valiosos estudos ácerca dos nossos cancioneiros — o comentario ao *Cancioneiro da Ajuda* é uma prova valiosissima da perspicacia com que a auctora estudou a civilisação e vida intelectual dos nossos antepassados —, e ácerca do nosso romanceiro popular, estudando na mesma ordem de idéas as lendas e superstições do povo português.

***

Se não fôra mesmo o facto do seu casamento com o sr. Joaquim de Vasconcellos e a sua permanencia de quasi quarenta annos em Portugal, para nós seria como portuguêsa desde que estudasse com tão grande criterio a nossa velha literatura, apurando-a pelo seu crivo intelectual com tanta sciencia e particular escrupulo e meticulosidade que o nosso patrimonio literario se acha notavelmente engrandecido. De facto o está pela exactidão restituida aos seus textos, á sua verdadeira redação e ao seu sentido definitivo, após uma laboriosissima consulta e interpretação de centenas de obras nacionaes e extrangeiras, nas linguas romanicas, nas linguas classicas e nas de grupos ainda extranhos áquelas duas categorias. Não admira que sabios extrangeiros, com todos os seus escrupulos no tocante á publicação de assumtos concernentes á peninsula hispanica e á literatura portuguêsa, em particular, recorram ao saber e conselho da senhora D. Carolina Michaëlis, que se não cança de estudar, de investigar, de dar caça a uma chusma de erros que formigam nos nossos textos, pois que, tão boa patriota, como se houvera nascido sob a caricia do ceu lusitano, está sempre álerta para canalisar, em nosso favor, as glorias de que outrem pretenda esbulhar-nos. Assim acontece com um estudo relativo a romances de cavalaria que a auctora traz em elaboração sobre o *Palmeirim de Inglaterra*, sendo o seu principal empenho querer reivindicar essa gloria para nós, em contrario da pretensão dos hespanhoes. A ilustre escritora tem egualmente em preparação : o 3.º volume do *Cancioneiro da Ajuda;* uma edição critica dos *sonetos* de Camões para a *Sociedade Luigi Camoens*, acompanhada da tradução dos mesmos sonetos, para italiano, feita por Cannizaro; um estudo ácerca do condestavel Nun'-Alvares. E vem a proposito lembrar que foi a senhora D. Carolina Michaëlis quem descobriu que um poema intitulado *Menospreso do mundo* (1498),

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

aparecido no *Cancioneiro de Resende*, e atribuido falsamente ao Regente — nesse erro cahiu tambem Oliveira Martins nos *Filhos de D. João I* — foi escrito pelo filho do Condestavel e não pelo pai, como erradamente se supoz muito tempo. Outros erros intrometidos na nossa historia literaria foram criticados e desterrados para bem longe, graças, á investigação paciente e perseverante de tão ilustre dama, especialmente na obra de Camões. Ali encontrou estrofes apócrifas, por exemplo, nos sonetos, redondilhas, eclogas e versos que já estavam no *Cancioneiro de Resende*. Até versos de Garcilazzo de la Vega se introduziram ali, não se sabe por que burlas de mistificadores ou inadvertencia de ignorantes. A' perspicacia da auctora não escaparam egualmente erros importantes de que estava inçada a historia portuguêsa, apontando-os com a devida execução, num capitulo sobre apócrifos portuguêses que a erudita investigadora escreveu para a *Enciclopedia das linguas romanicas*, importantissima publicação dirigida por Grober, professor de Strasburgo, destinada aos estudantes alemães, e na qual collaboram os principaes sabios da Europa.

Que admira que a casa de Cedofeita onde a ilustre escritora reside, no Porto, esteja pejada de publicações relativas á Peninsula e que lhe são enviadas de toda a parte? E que labor immenso, acumulado dia a dia, têm produzido nessa tranquila habitação o sr. Joaquim de Vasconcellos e sua mulher! Ambos educados na Alemanha trouxeram de lá o amor, o respeito, o culto do trabalho. Por toda a parte livros, até nas escadas! por toda a parte manuscritos, gravuras, miscelaneas, edições minusculas, edições turgidas — aquilo a que em linguagem academica se chama *calhamaços*. Concentradas as preocupações dessas duas individualidades num filho que hoje é engenheiro e professor da Politecnica da capital do norte, os carinhos extendem-se agora aos descendentes no segundo grau. O sorriso familiar vem iluminar, de quando em quando, esse centro de intelectualidade, e dar maior coragem, se é possivel, aos dois beneditinos do saber, afastados sistematicamente das mundaneidades e vaidades frivolas, pondo acima de tudo a consciencia do dever cumprido e encontrando na labuta ardua das lettras o segredo do proprio encantamento. No prefacio d'*A Infanta D. Maria de Portugal e as suas damas* escreveu a senhora D. Carolina Michaëlis estas significativas palavras : « A verdadeira cultura, excluindo ostentações pedantescas, obriga a uma longa e ardua iniciação, e leva-nos a esquecer o nosso pequenino eu. Quem estuda a serio já se não preoccupa demasiadamente, num egoismo acanhado, com a sua pessoa e com o seu gosar. Quem estende a vista pelo universo, sente dilatar-se não só o seu intellecto, mas tambem o coração, e fica mais apto a comprehender tanto a humana pequenez como os deveres sociaes, e a cooperar na solução dos magnos problemas que agitam o mundo. »

A auctora retratou-se aqui, ou antes retratou nestas solemnes palavras a sua inteligencia e o seu coração. No estudo, na meditação, na pesquisa da verdade estão, para a nossa adotiva compatriota, o principal prazer e o grande encanto da sua existencia. Sabe ela, por experiencia, que no nosso paìs não alcança a melhor nomeada quem desdenha as superfluidades de um brílho mais ou menos ilusorio, sendo facil ás mediocridades lograr reputação com uma bagagem literaria, tão vazia de fundo como superficial na forma. Mas sabe tambem que a hora da justiça vem na sazão propria e que o que é realmente solido, fructo do estudo, da analise, do saber, acaba por impôr-se a todos, deixando em plano inferior a obra que lograra uma aceitação transitoria, e na ignorancia alcançara um favor ou uma gloria immerecida... Se a caricia da popularidade, quantas vezes falaz! não vae bafejar aquele doce recolhimento de Cedofeita, a da justiça que é mais forte, mais impressiva não lhe tem faltado por parte do escol da

Intelectualidade, em Portugal como no extrangeiro, e, no decorrer dos tempos levantará o devido monumento a um labor tão grande como proficuo para o saber português!

BIBLIOGRAPHIA. Podemos organizar de momento esta lista de producções de Carolina Michaëlis, e está longe de completa, sendo muito esparsa a sua colaboração em revistas e periodicos europeus, nem sempre accessiveis.

1. — GESCHICHTE *der portugiesischen Litteratur*. Na 3ª p. da encycl. (*Grundriss*) philologica romano de Gröber.

2. — *Der portug. Infinitiv* (Roman. Forschungen, VII).

3. — *Zur Cibdareal-Frage* (Rom. Forsch. VII).

4. — Romanzenstudien. Gesch. e. alten Cidromanze (Z. f. r. Philol).

5. — Zum Liederbuch des Königs Denis (id).

6. — Portug. Litteratur. 1891-1894. (Volmöller, rom. Jahresbericht IV).

7. — « Recuerde el alma dormida ». — (Rev. hisp. VI).

8. — Uma obra inedita do Condestavel D. Pedro de Portugal.

9. — Nota aos sonetos anonymos (*Rev. hips.* VII).

10. — RANDGLOSSEN zum altportug. Liederbuch. (De 1896 por diante). *Z. f. r. Phil.*

11. — STUDIEN zur romanischen Wortschöpfung. *Leipzig*, 1876.

12. Estatinga estantiga? (separ. da *Tradição*) 1899.

13. — « Sette annos de pastor Jacob servio » *Porto*, 1889 (Circulo camoneano).

14. Palmeirim de Ingleterra. (*Z f. r. Philol.* VI).

15. — Luis de Camoens, Sämmtl. Ged. — deutsch von W. Storck. (*Z f. r. Phil.*)

16. — Lucius Andreas Resendius (separ. do *Instituto*). Coimbra, 1905.

17. — GARCI-SANCHEZ de Badajoz. *Madrid*, 1897. (*Rev. crit. de hist. y literat.*)

18. — Zum Sprichwörterschatz des Don Juan Manuel. *Halle*, 1905.

19. — D. Maria de Portugal e as suas damas.

20. — Contribuições para o futuro diccionario Etimologico das linguas hispanicas. I (Separ. da *Rev. lusit.*) *Lisboa*, 1908.

21. — POESIAS DE Francisco de Sá de Miranda. Ed. feita sobre 5 manuscriptos inéditos. *Halle*, 1885.

22. — CANCIONEIRO DA AJUDA. Edição critica e commentada. I e II vol. *Halle*, 1904.

23. — W. STORCK. Vida e obras de L. de Camões : versão anotada por C. M. I vol. *Lisboa*, 1897.

24. — Tausend portug. Sprichwörter. *Braunschew.* 1905.

---

**CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 93-95, RIO.**

***Vendas a Prestações sem Augmento de Preço.***

25. — Nuevas disquisiciones acerca de Juan Alvares Gato. *Lisboa*, 1902.

26. — Observ. sobre textos lyricos peninsulares, 1902 (Rev. lus.)

27. — Etymologias portuguezas (*id.*) 1887-89.

28. —Ein portug. Weihnachtsauto. (Pratica dos tres pastores). *Arch. t. n. Sprachen LXV.*

Esperamos que qualquer dos nossos collaboradores possa completar esta rezenha das obras da illustre escriptora, tal o interesse que naturalmente nos deve despertar; e pode talvez servir esta bibliographia ás nossas bibliothecas brasileiras, em geral muito desprovidas de obras serias e verdadeiramente indispensaveis.

I

## CANHENHO LITTERARIO

A imitação do *echo* na poesia portugueza data de Gil Vicente. Depois d'elle, achou varios interpretes mais ou menos felizes. A poesia jocosa e burlesca d'ahi tirou effeitos comicos nas farças e entremezes. Um exemplo moderno temos n'esse *Improviso* de Bernardo Guimarães :

Traga d'ahi esse almoço, Moço;
Não faça como a indigente Gente,
Que traz em vez de pipote Pote,
E bebem com grande magua Agua.
Eu gósto bem de cerveja Veja.
Tambem tomo com deleite Leite,
Se tambem houver maçãs Sãs;
E toda fructa madura, Dura;
Traz já qualquer quitanda, Anda.
Semelhante gulodice. Disse.

Parece-nos um dos melhores n'esse genero aliás pouco interessante.

II

## POETA BRASILEIRO ESQUECIDO

Quasi já ninguem sabe hoje o nome de um poeta inteiramente esquecido, Thomé Joaquim Gonzaga Neves, que entretanto gozou de alguma nomeada. Nasceu no Rio de Janeiro na freguezia de Nossa Senhora da Candelaria a 20 de abril de 1738. Era filho de Feliciano Gomes Neves e de sua mulher D. Lourença Filippa Gonzaga. Cursou na sua patria as aulas de instrucção secundaria, mostrando muito talento e muito estudo, e veio para Portugal formar-se em Coimbra na faculdade de leis. Depois de tomado o grau de bacharel, foi despachado auditor do 2.º regimento de infanteria da Bahia. Por decreto de 14 de outubro de 1783 foi transfe-

rido para o reino para o regimento de cavallaria do Cáes, e graduado no posto de capitão. Mostrou sempre no desempenho d'estes serviços grande inteireza de animo, muita intelligencia e muito saber. Em Lisboa accumulou com as suas funcções de auditor o exercicio da advocacia nos auditorios da côrte, e grangeou com isso grande reputação. Em 1789 publicou uma traducção do *Pastor fido* de Guarini, obra da sua mocidade, mas que é verdadeiramente primorosa, tanto pela belleza dos versos e correcção da linguagem como pela fidelidade da traducção. Aconteceu com esta obra um facto curioso. Foi permittida pela censura, mas o tribunal encarregado de examinar e deixar correr os livros reconsiderou depois, e mandou-a supprimir, apprehendendo todos os exemplares que estivessem á venda. Quando a Meza Censoria foi supprimida em 1794, passaram os exemplares d'este livro para a Bibliotheca Publica e conta Innocencio que ainda em 1830 ou 1831 lhe não deixaram ler um exemplar n'esta Bibliotheca, por ser livro prohibido. Só depois de 1838 se restituiram estes exemplares aos herdeiros de Gonzaga Neves, que os venderam á casa Rolland.

Gonzaga Neves escreveu muitas mais poesias, mas todas ficaram manuscriptas, excepto as suas traducções dos *librettos* de operas que se representaram em S. Carlos. Gonzaga Neves era muito enthusiasta de theatro lyrico, frequentava-o muito, e por isso encarregou-se espontaneamente e por favor de traduzir em verso quasi todos os librettos das operas que se cantaram em S. Carlos, desde a abertura do theatro de S. Carlos até 1807. Nenhuma d'essas traducções vem assignada, mas distinguem-se das outras pelo primor e correcção dos versos. Innocencio suppõe que são d'elle indubitavelmente as versões da *Lodviska*, *Furbo contra al Furbo*, *Zaira*, *Morte de Clepoatra*, *Merope*, *Pulcella di Rab*, *Ginevra di Scozia*, *Il conte dil Saldagna*.

Thomé Joaquim Gonzaga foi casado duas vezes, primeiro com D. Francisca Xavier Salema de Lacerda e Vasconcellos, filha do inspector do arsenal da marinha, depois com D. Balbina Fortunata Jansen, filha do mestro de campo Agostinho Jansen. De nenhum d'esses casamentos teve filhos; já era bastante velho quando casou pela segunda vez, e pouco tempo depois, victima de longas enfermidades que o foram a pouco e pouco definhando, veio a morrer na sua casa da rua Augusta (Lisboa), no dia 21 de dezembro de 1819, tendo 81 annos de idade.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

***SMITH VISIVEL,*** *a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.*

***Clubs Casa Standard.***

## III

## LUSIADAS

No tempo da guerra peninsular viveu e combateu um poeta portuguez MAIO E BRITO de todo esquecido n'aquelle como n'este tempo.

Escreveu um poema curioso. Os PEQUENOS LUSIADAS, que ficou inédito, sendo a impressão prohibida pela mesa Censoria em 1816, por ser o poeta omisso quanto aos inglezes que foram os alliados dos portuguezes n'aquellas guerras contra Napoleão e eram o assumpto do poema.

De MAIO E BRITO é conhecida esta glosa a um quartetto de Bocage :

Não mais, ó Téjo meu sereno e brando,
A margem fertil de gentis verdores,
Terás d'alta Ulisséa um dos cantores,
Suspiros no aureo plectro murmurando,

GLOSA

Se em mais ditosos, mais serenos dias
Risonho o rosto meu, ó Téjo viste;
Se lá no fundo aquoso adormecias
Da minha lyra ao som já frouxo e triste;
Se o curso teu ás aguas suspendias,
Por ouvir versos meus, quaes nunca ouviste;
Quando esperas o mesmo, outra vez quando?
Não mais, ó Téjo meu sereno e brando.

Não mais esperes vêr-me, ufana a frente
Com grinaldas de myrthos e de rosas,
Cantar de Marcia o nome docemente
Entre o côro das Tagides mimosas;
Marcia, cuja figura traça a mente
Com, tanto ao vivo, tintas engenhosas.
Qu'inda cuido lograr com elle amores
A margem fertil de gentis verdores.

Inda cuido jazer nos braços d'ella
A' margem tua, ó rio afortunado,
Inda cuido beijar-lhe a face bella
Em ardentes desejos inflammado;
Mas hoje que mudou a minha estrella,
Que o mesmo amor não quer, nem quer meu fado,
Não mais em mim, nos teus, e entre os melhores
Terás d'alta Ulisséa um dos cantores.

A harmonia d'estes versos deixa entrever que os PEQUENOS LUSIADAS seriam talvez uma producção de bastante merito.

## IV

## UM POETA BRASILEIRO DO SECULO XVIII

João Mendes, advogado, poeta de merito, pae do desditoso *Antonio José*, o Judeu, é hoje um nome inteiramente esquecido. As suas obras poeticas ficaram inéditas e naturalmente so perderam se não foram inutilisadas pelo seu terrivel inimigo, o Santo Officio. Conhecem-se estas estrofes, que aqui publicamos, de quando esteve encarcerado por ordem da Inquisição e como reó de judaismo. Preso, incommunicavel, era a poesia a sua unica confidente na solidão.

Aconteceu que em certa madrugada ouvisse cantar um passarinho mui maviosamente, e ainda que o não vio, começou por dirigir-lhe esta copla :

Passarinho, que cantais
N'esse raminho de flores,
Cantai vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem amores.

E logo em seguida escreveu esta glosa, em que ha sentimento e mimo :

Doce habitador do vento,
Que sois, no volatil coro,
Não só musico sonoro,
Mas tambem lindo instrumento;
Suspendei o doce accento
Com que a todos alegrais;
E se attendeis a meus ais,
Que nascem de ancias crueis,
Eu prometto que choreis,
*Passarinho, que cantais!*

Vós n'esse enfeite de Flora,
Louvais, com doce descante,
Ao sol que parece infante
Nos braços da bella aurora :
Contrarios somos agora;
Vós contente, e eu com dores;
Eu, n'este centro de horrores,
Estou sem cessar penando.
Vós brandamente cantando
*N'esse raminho de flores.*

Vós sois o mimo do fado,
Eu da fortuna o despreso;
Vós sois livre a eu sou preso,
Vós feliz, eu desgraçado.
Ai! quão differente estado
A fortuna hoje nos deu!
E assim, passarinho meu,
Com affecto differente,
Eu misero, vós contente,
*Cantai vós... chorarei eu.*

Sem duvida, de outra ave
Namorado estais, que amante
A festejais cada instante
Com melodia suave.
Pobre de quem n'este grave
Tormento, sente rigores!
Cantai vós de amor favores,
Que eu chorarei meus azares,
Que assim faz quem tem pezares,
*Que assim faz quem tem amores.*

Das poesias de João Mendes fala Barbosa Machado e outros repetiram a menção do blibliographo portuguez. João Mendes nasceu como tambem o seu glorioso filho no Rio de Janeiro.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

Varios historiadores da literatura excluem da brasileira o poeta *Antonio José, o Judeu*, e este João Mendes, pae do primeiro. A exclusão é injusta ou pouco fundada. Ambos aqui nasceram e viveram algum tempo e d'aqui sairam *coagidos e obrigados* pois que, suspeitos de judaismo, deviam ser fiscalizados pela Inquisição. Contra a vontade deixaram o Brasil. Porque, pois, arrancar-lhes este titulo?

Se as obras d'estes dois poetas são *portuguezas*, o mesmo acontece a todas ou quasi todas do periodo colonial, anteriores ás primeiras manifestações de autonomia.

V

## A GUERRA DO PARAGUAY E AS CHARADAS...

Não ha quem já não tenha notado nas folhas periodocas e nos almanaques uma numerosa especie de charadas laconicas feitas de uma linha em prosa precedida de numeros que indicam as syllabas.

Estas charadas chamadas *novissimas* constituem uma pequenina invenção brasileira que alcançou grande exito que ainda perdura entre os seus affeiçoados e amadores.

Foram inventadas durante a guerra do Paraguay por nosso bravo official Tiburcio de Sousa, como um dos lazeres da afanosa lucta do sul em um dos intervallos das operações militares.

A primeira charada feita por este systema, ou pelo menos, uma das primeiras, foi a seguinte :

1-1-1. Isolado alli na corda deve morrer.

A decifração é *Solano* (So-la-nó) um dos nomes do tyranno paraguaio, Francisco Solano Lopes.

D'entre em pouco, as charadas novissimas se divulgaram no paiz, em Portugal e nas colonias portuguezas, por intermedio do *Almanaque de Lembranças* de Castilho, uma das publicações mais populares no genero.

A invenção era realmente engenhosa; poupava o estro dos máos poetas a elles e a todos e da mesma prosa não exigia mais que breve sentença ou curto aphorismo.

X...

---

No tempo da guerra da Cisplatina eram populares e corriam em Montevidéo estes versinhos :

Qual es el gobierno peor?
Lecor.
Quién dirije su carrera?
Herrera.
Quièn respira tirania?
Garcia.
Ridicula fantasia!
Pretenden esclavizarnos
Já todos asi engañarnos
Lecor, Heerrera, Garcia.

## BRASIL ANTIGO

# O Pará ha sessenta annos

Assim o descreveu a *Illustração luso-brasileira* de 1856; quando o Pará era apenas um decimo (ou certamente menos do que isso) comparado á grande e rica metropole do extremo norte :

« A cidade de Belem do Gran-Pará fica assentada na bahia de Guajará margem oriental do rio Tucantins.

« Este rio, que é designado pelo nome de Pará na parte inferior do seu curso, nasce na provincia de Goiazes, e communica com o Amazonas por um canal, cujas aguas, segundo diz Ferdinand Denis, são salobras. A largura do rio é mui desegual. Dois são os rios que o formam : o Tucantins, propriamente dito, e o rio Grande ou Araguay. Tem numerosas ilhas no seu leito, que demorando a corrente facilitam a navegação, e a sua foz é egual á do Maranhão.

« Belem foi fundada pelos fins do seculo XVII. Eleva-se em planicie, que se prolonga quasi a distancia de vinte e cinco leguas do mar, e apesar da sua posição é uma das mais sadias do Brazil. Tem um passeio, que foi mandado plantar pelo conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, e que constando de varias arvores, se distingue especialmente pelo seu grande numero de mangueiras.

« Esta cidade é consideravel pelo seu commercio, e notada nos autores que tem fallado d'ella, pelo genio philantropico dos habitantes, que prestam adjutorio e protecção ao europeu ali chegado.

« Entre o Tucantins e o Maranhão, eleva-se na embocadura do Amazonas a ilha de Marajo, que tem vinte e sete leguas portuguezas de norte a sul, e trinta e sete d'éste a oeste. Muitos rios a banham, em quasi toda a extensão, e o seu terreno é feracissimo, por causa da sua excellente terra vegetal que o curso dos dois rios ali tem réunido nos destroços que arrastam na corrente.

« Esta ilha é propriamente o celleiro da cidade de Belem, e famigerada pela abundancia de gados, que n'ella se propagaram rapidamente.

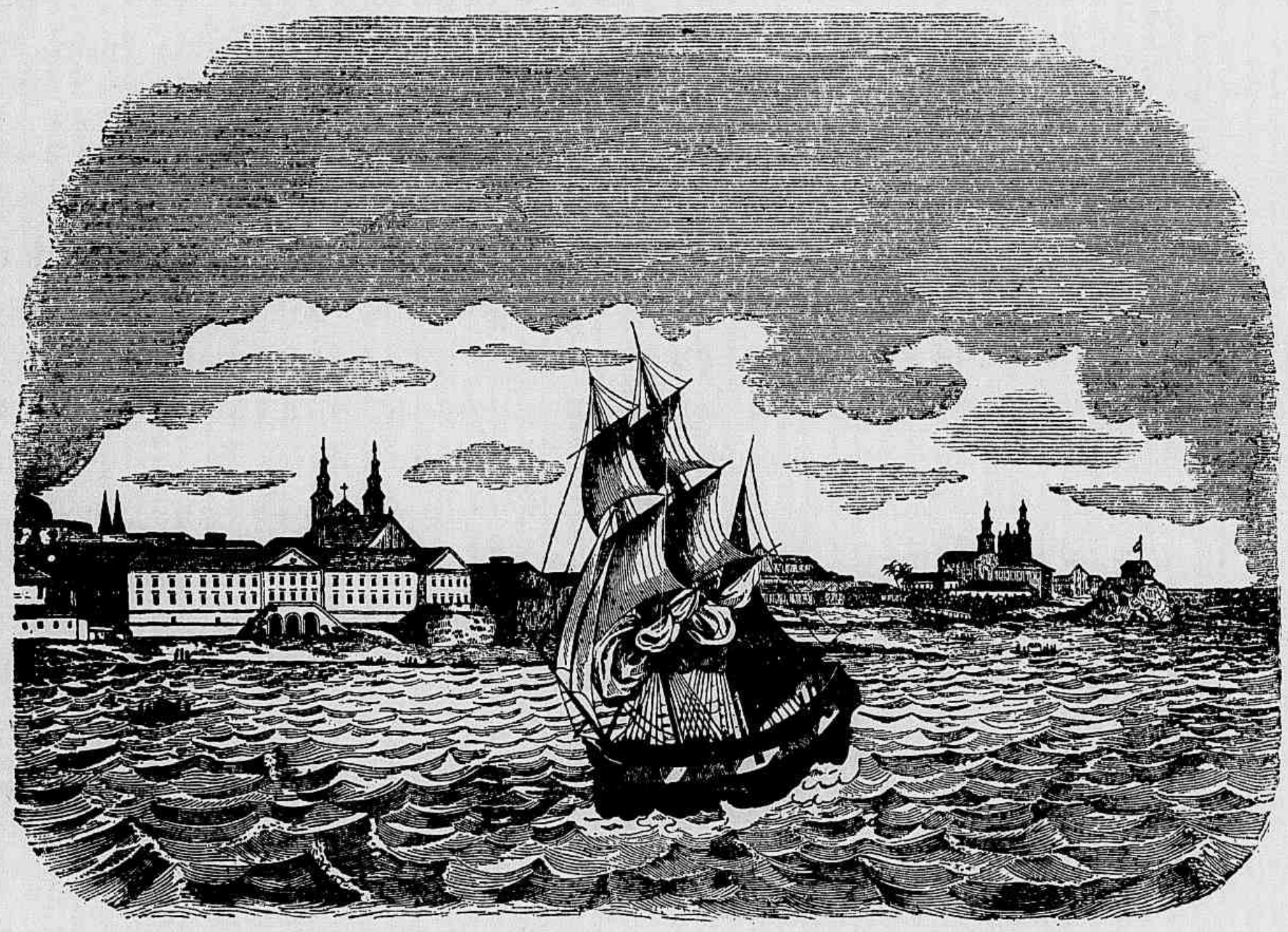
« Na vasta embocadura do rio Pará succede um phenomeno que

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

varios autores mencionam, e que merece relatar-se, por ser n'este sitio entre Macappa e o cabo do Norte que assume um caracter mais grandioso do que em nenhum outro rio. Os indios dão a este phenomeno o nome de *Pororoca*.

« Quando chegam os tres dias precursores da lua nova ou cheia, que é a epoca das maiores marés, corre de praia a praia uma vaga de quinze pés de altura, com pavoroso arruido. A esta onda segue-se segunda, terceira e ás vezes quarta, que se precipitam na praia com



O Pará (segundo uma gravura de 1855).

tal impeto, que derrubam quanto se lhe oppõe. A maré, em logar de gastar seis horas em encher, chega em um ou dois minutos á sua maior altura.

« Aquelle arruido feito pela vaga, e que se ouve a duas leguas de distancia, é a que os indios dão o nome de *Pororoca*.

« Foi na ilha de Marajo que o insigne padre Antonio Vieira, o nosso maior orador sagrado, pregou e converteu a maior parte dos indios que a habitavam. Eram elles da nação *nhengahyba*, e tinham o titulo de *igaruanas*, ou canoeiros, porque da navegação faziam a principal occupação da sua vida selvagem.

« Usavam estes indios umas canoas a que chamavam *maracatim*, que se formava da palavra *maracata*, nome do instrumento sa-

*grado* dos Tupinambas, e de *tim*, que significa bico de passaro. Ligavam o maraca a uma vara comprida, que atavam á prôa d'aquellas canoas de guerra, e um indio era encarregado de fazer soar continuamente este sagrado instrumento, por meio de uma corda.

« Era assim que as suas armadas seguiam ao longo das costas levando a guerra ás tribus com que andavam desavindos.

« Uma das industrias do Pará é o fabrico da manteiga feita dos ovos das tartarugas, as quaes acodem em cardume ás margens do rio, e na areia põem os ovos. A postura começa em geral ao pôr do sol, e termina com o crepusculo da manhã. Cada tartaruga deixa na areia pelo menos sessenta e um ovos, e cento e quarenta ao maximo. Depois abandona a praia.

« Feita a colheita pelos habitantes das aldêas visinhas que ali acodem, accumula-se este grande numero de ovos em montões de quinze a vinte pés de diametro, com uma altura proporcionada; deitam-se os ovos em barcos calafetados cuidadosamente, quebram-se com forcados de madeira, e cálcam-se com os pés até ficarem reduzidos a uma massa amarella, sobre a qual se lança agua, e se deixa depois exposta ao sol. O calor attrahe á superficie a parte oleosa que se tira com colheres feitas de conchas, e deita-se em caldeiras, que se expõem sobre um fogo lento. Pouco a pouco esta especie de gordura se clarifica, e adquire a consistencia e a côr da manteiga derretida. Em arrefecendo guarda-se em panellas de barro, que se tapam com folhas de palmeira.

« Outra industria tambem propria do Pará é o *cautchuc*, ou gomma elastica. Esta gomma é obtida d'uma arvore do genero euphorbias. O trabalho é feito nos quatro mezes de maio a agosto, praticando-se cortaduras transversaes nas sobreditas arvores. Ata-se por baixo d'estas cortaduras ou fendas um pequeno vaso de greda, que dentro em vinte e quatro horas fica cheio d'aquelle liquido. O succo é vasado em moldes de greda, segundo a forma que se quer, e que são untados muitas vezes com o proprio liquido que se acaba de recolher. Para que o cautchuc, ainda fresco, se não corrompa, expõem-se os moldes ao fumo da palmeira *uassu*. Esta fumigação é que lhe dá a côr preta. Quebram-se os moldes quando as camadas de gomma teem adquirido sufficiente consistencia. »

---

**REX**

***pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança póde tocal-a***

CLUBS, CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.

## Janella em ruinas

Quem hoje a fita, em horas de sol posto,
Sempro fechada e emmudecida ao vento,
Na alma prova por certo um desalento,
E a sombra imperecivel de um desgosto.

Fôra da morta o predilecto encosto!
Era ali que ella vinha o pensamento
Espairecer, o olha num livro, attento,
E as mãos franzinas a apoiar o rosto.

Era ali que ella vinha entre fulgores
Na hora em que o sol a terra inunda e banha,
Dizer á agua da fontes os seus amores.

E presa a uma alegria alada e estranha,
D'ali é que ella vinha ver as flores,
O mar, o rio, e as aves da montanha...

Ulysses Sarmento.

---

## Cançoneta

Tao tristonha eu andava na villa
Que meu pae, que é de extrema bondade,
Rezoluto me disse : — Dalilla,
Este mez vaes passear na cidade.
Ao entrar no comboio, percebo
Que um janota que fica ao meu lado,
Quer troçar-me, e eu lhe digo : — mancebo,
*O senhor não se faça engraçado!*

Fui morar para Santa Thereza,
Numa caza pequena e garrida!
Todo o dia era aquella certeza :
Um passeio por toda a Avenida!
De cinêmas tomei um regalo,
E indo de aúto as corridas do Prado,
Disse a um jovem que estava a cavallo :
*O senhor não se faça engraçado!*

De uma feita eu subi ao mirante,
Para vêr um francez que voava
Num biplano, e alli mesmo o tratante,
Para mim, o olho esquerdo piscava!
Eu fiquei com uma raiva tremenda.
Que em sabendo elle haver regressado,
Fui-lhe ao encontro com esta parlenda :
*O senhor não se faça engraçado!*

Indo eu assistir, numa ilha,
De uma prima o feliz cazamento,
Disse um moço a meu pae : sua filha
Nunca mais sahe do meu pensamento!
Meu velhinho contou-m'o, em segredo,
E mostrou-me um rapaz aloirado.
Mas lhe eu disse, tremendo de medo :
*O senhor não se faça engraçado!*

Esse medo, porem, mal sabia,
Era o amôr, que com força e denodo,
O meu peito de moça invadia,
Como as chammas de um lúgubre fôgo!
O que é certo, porem (que tolice),
E' que em menos de um mez, meu noivado,
Ajustou-se com aquelle a quem disse :
*O senhor não se faça engraçado!*

As meninas solteiras, querendo
Arranjar com presteza um marido,
Afugenten-os todos dizendo
Que elles têm o seu tempo perdido!
Mas (aqui para nós lhes avizo),
Quando virem o gajo enlaçado,
O atormentem com o termo precizo :
*O senhor não se faça engraçado!*

Adherbal de CARVALHO.

---

## O Sahára [1]

Na africana região occidua se escancára,
Sinistramente grande, o Deserto de Sahára!
— Vasto oceano de areia, intermina planicie
Esteril e combusta em cuja superficie
Ha pobres vegetaes e recantos de alfombra
Que não dão, a fartar, nem frescura, nem sombra.
Tudo o mais é desnudo e safaro e candente!
Bate-lhe em cheio o Sol desapiedadamente!
O seu sólo desprende um fulgôr de centêlha :
Sua ardente athmosphera é asphixiante e vermêlha!...

(1) Era destinada ao *Concurso literario*, mas só nos chegou ás mãos quando já se havia esgotado o prazo. — *N. da R.*

**A casa VACHERON e CONSTANTIN, de GENÈVE, tem 123 annos.**
**Unico representante no Brasil: Casa STANDARD.**

Quando — ao findar da tarde — o crepusculo desce,
O Deserto parece, estorcer-se... parece,
Que do seio arrancando um abafado grito,
E implorando piedade, interroga o Infinito :

— « Ai! porque é que assim sou? Ai! porque, Natureza,
Tu voltas para mim toda a tua aspereza?...
Ai! porque não me dás, como a todas as terras,
A sensação ideal de travar essas guerras
Renhidas e febris contra o Rude que explora
(Desde o chegar do dia até o dia ir-se embora)
Os sitios em que a Terra é ubérrima e fecunda,
Onde, o Sol é melhor do que o Sol que me inunda :
— Sol que aquece, mas não como o Sol que me abraza?!...

Olha como isso é triste e limpo. Nem uma aza
De um passaro velóz estende sobre mim
Sua sombra gentil... Que solidão sem fim!...
O Simun infernal pelos ares galopa
A bufar e rugir, qual mil féras em tropa!...
Nem o canto de uma ave escuto em meu degrêdo,
Nem de lymphas a voz e nem voz de arvorêdo!
Nem a copa, sequer, de uma arvore frondosa
Alteia-se em toda esta amplidão arenosa!...
Nunca poder ouvir o torvo murmurio
Tonitroante e brutal de um caudaloso rio
A percorrer-me todo, arrastando á passagem
O que encontra em caminho, a lhe estorvar a viagem!
Nunca experimentar esse goso superno
Que aos outros campos dão as caricias do Inverno!
Não conter dentro em mim muita seiva e raiz!
(Como sou, infeliz! Como sou infeliz!...)
E não ter muito fructo e não ter muita flôr!
(Mulher que não sois mãe, comprenhendo a vossa dôr!)
E, jamais vi a Flóra, a primavéra e a Céres,
Não conheço estas três tão faladas mulheres!...

Os oasis que possuo, aqui, são tão mesquinhos,
Que nem suavisam, quase, o agrôr desses caminhos!
E além disso elles são tão raros, tão distantes,
Que alcançal-os é um sonho aos miseros viajantes!...
De muito em muito tempo a ousada caravana
De alguns beduïnos passa em sua marcha insana!
Ai! quantos enganado en tenho com essa imagem
A que o Poeta chamou fugitiva miragem!
Quantos, quantos não vejo extenuados cahirem
E — minados de sêde — aos poucos se extinguirem!
E — desgraçado! — assisto essas scenas horriveis
Com a impassivel mudez das coisas impassiveis!...

O proprio luar, ambem, me é preságo e funereo :
Dá-me a desolação de infindo cemiterio!
Comtudo, é menos mal, de noite, o meu supplicio!

Porem — de dia! — o Sol prosegue em seu officio
Rude, perverso, atroz, de morder-me, morder-me!
E não posso fugir-lhe! e não posso esconder-me!
Quanto mais me escapar ao seu olhar, desejo,
Mais terrivel no Céo, fatidico o entrevejo
Como aereo vulcão que, explodindo na Esphera,
Voltasse para mim a incendida cratéra!...
E por mais que declame e brade enfurecido.
Nem um som repercute o som do meu gemido!...
E eu ardo áo Sol e clamo ao Ceo pedindo orvalho,
Mas, debalde chorar! mas, perdido trabalho!...
— Eu — terra amaldiçoada! — eu — verdadeiro Inferno! —
Hei de, eterno, existir sob esse fogo eterno?!
Hei de a muitos matar! e nunca hei de morrer?!
Hei de sempre me arder! Hei de sempre me arder?!...

— O' velho Sahára nú, o teu clamôr acalma,
Que outro deserto, assim, alguem traz dentro d'alma!...

IRINÊO FILHO.

## Canto real do allucinado [1]

Olhos máos, feições más, alma febrenta,
Na horrenda noite da allucinação,
— No sonho que o flagella e que o dementa
Buscando em roda uma interior Visão, —
Em vão o Allucinado o olhar ascende...
Em vão no vacuo em torno as mãos estende,
Sob a pressão de um desvairado amôr!
Julga entrever um vulto seductor
Que lhe offeréce o desnudado seio...
Mas, se evapóra o duende encantador,
Baldando o ardente e delirante anceio.

As estradas percorre, a noite attenta,
Do céo attenta a plácida amplidão :
E augmenta, á proporção que a noite augmenta.
Sua infinita e trágica illusão!
A fronte exhausta, sobra o peito pende...
A' fadiga, á tortura, emfim, se rende
Como uma féra aos pés de um gladiador!
Mas, recobrando o athlético vigor,

(1) Esta poesia era destinada ao *Concurso literario*, mas chegou depois do prazo marcado (31 dejaneiro). — *N. da R.*

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

Para a frente se arroja sem receio
E estende as mãos ao vulto tentador,
Baldando o ardente e delirante anceio.

Com a dôr do mar, que em vagalhões rebenta,
Saùdando o luar em lugubre canção,
Vae misturar a surda dôr violenta
Que lhe revolve espirito e razão.
Grato lhe é ver o abysmo que se fende
Em cavos escarcéos e ao luar explende,
Num saudoso, monotono fragor...
Aguça o olhar... applica-o em derredor...
E um vulto vê da escuridão em meio...
Mas, se dissipa o sonho enganador,
Baldando o ardente e delirante anceio.

Entra, á noite, os jardins, e ahi se assenta,
Em tudo vendo a vaga apparição,
Que ora vem, ora volta, ora se ausenta
E ora lhe acena com a pequena mão...
Levanta-se, febril : — ao gésto attende...
Ouve-lhe a voz... o seu olhar comprehende...
Enche-lhe o olhar um lúbrico fulgôr...
Mas, ao tocar o sylpho zombador,
Foge a visão... e elle, num vago enleio,
Pára, num gésto de amargura e horror,
Baldando o ardente e delirante anceio.

Invade os templos : a alma desattenta
A' luz, á côr, ás vozes da ovação,
Por entre aquella multidão bulhenta
Perségue a Sombra, que o perségue. Em vão!
Num extasi rebelde a alma suspende!
A pragmatica templaria viola e offende
Indo postar-se em face do altar-mór...
Tenta subir ao throno do Senhor...
Ao som dos orgãos vibra o templo cheio...
E a si retorna o louco sonhador,
Baldando o ardente e delirante anceio.

## OFFERTORIO

Alma cheia de augustia e de rancor!
Presidio negro e funebre da dôr,
Onde um raio de sol nunca mais veio,
— Teu Sonho... é um sonho desesperador,
Baldando o ardente e delirante anceio.

CRUZ FILHO.

# A força da Mulher

(ANACREONTE)

Quando, sábia, a Divindade,
Ceus, Terras e Mar creou,
D'instrumentos de defeza
O Homem e brutos dotou.

Deo ao touro agudas pontas,
Ao corcél patas ligeiras,
Fino dente ao leão sanhudo,
Salto ás lebres corredeiras.

P'ra que as águas recortassem
Coube aos peixes barbatanas,
A's aves, azas possantes,
P'r'as alturas soberanas.

Accendeu, alfim, no homem,
A flamma do entendimento,
Para que lh'erguessem hymnos
As festas do pensamento.

Porém, na geral partilha,
Olvidou-se da Mulher!
Tendo tudo repartido
Nem a contemplou siquer...

Pensou, volveo, revolveo...
E mirando-a em seu desgôsto,
Abrio-lhe o cofre das graças
Nas rosas do liso rôsto.

E eil-a! Eis as suas armas!
No gôzo da sua gloria,
Vence tudo, vence o Homem,
Ufano de tal victoria.

Dr PIRES DE ALMEIDA.

---

Esta, que a margem beija, onda fagueira,
A rosa que ao ar solta aereo enfeite
E a que entre as folhas ri, aura ligeira :
« Amai (nos diz); amor é grão deleite. »
Dobra-se a dita com dobrar a chamma,
Nos peitos que amor une estreitamente.
Tem só uma alma quem amor não sente;
Tem duas quem bem ama.

FILINTO ELYSIO.

---

**CHRONOMÈTRE ROYAL,** VACHERON e CONSTANTIN, de GENÈVE.
RIO. Ouvidor, 93-95, ***Clubs Casa Standard.***

# REVISÃO TYPOGRAPHICA

| | |
|---|---|
| Lettra a mudar | — |
| Lettra e syllaba a metter | - |
| Lettra e palavra a voltar | - |
| Lettra e palav. á transpôr | - |
| Lettra a supprimir | — |
| Linhas a transpôr | { |
| Regularisar espacejação | - |
| Lettra estranha a mudar | - |
| Espaço e entrel a baixar | - |
| Metter em italico | — |
| Lettras a endireitar | — |
| Paragrapho a abrir | — |
| Syllabas ou lettras a unir | ⁀ |
| Espacejar | ——— |
| Repetição a tirar | — |
| Entrelinha a metter | — |
| Entrelinha a tirar | — |
| Alinhar | —— |
| Escala de recursão | { |
| Salto | ——— |
| Paragrapho a fechar | — |
| Lettras corridas | — |
| Emendas iguaes | — |
| Emenda a destruir | — |
| Chamada de nota | — |
| Apostrophe e virgula | — |
| Compôr n'outro corpo | — |

— Se a leitura de uma primeira prove typographia exije grande attenção da parte do revisor ou do auctor, necessario é ~~uoquum~~ descurar não as subsequentes.

— Quando nas primeira prova ha um salto, obrigue a passar palavras ou syllabas de uma repetição, qualquer coisa, emfim, que linha para linha, o periodo onde isso se dê deve á contraprova ser lido até final. E se as provas são de pagina deve tambem lêr-se até ao fim da pagina onde a recursão foi terminar, verificar os titulos correntes, etc.

Os originaes, ao darem entrada na typographia, é bom que soffram uma ultima passagem do auctor, evitando alterações a fazer depois ~~fazer depois~~ sobre as provas.

As alterações são prejudiciaes ao auctor, á *typographia* e ao typographo: ao auctor, pelo augmento de despeza; á typographia porque, não obstante cobrar a sua importancia, ella não é geralmente o sufficiente para indemnisal-a; ao typographo porque esse trabalho o enfada, e não lhe dá a compensação compôr.

Embora comprehendâmos que o trabalho intellectual não deve ser sacrificado a uma pequena despeza, ou a um pequeno sacrificio de trabalho manual, occasiões ha porém em que vemos emendar-se em ~~cinco~~ ou seis provas o que bem poderia ser emendado apenas numa ou em duas.

[1] Voltando-se ás vezes á fórma primitiva.

# A CIDADE DO CRATO

(*Ligeiras notas*)

---

Situada ao Sul do Estado do Ceará, a 7º de lat. S. e a 3º 25' de long. Oriental do meridiano do Rio de Janeiro, a cidade do Crato ergue-se, formosa e opulenta, ao sopé da serra do Araripe, no trecho em que essa cordilheira divide o Estado do Ceará do de Pernambuco. Servida, com abundancia, da mais pura agua potavel, que lhe vem por um manancial dos mais ricos que jorram das faldas da serra do Araripe, — a corrente do Grangeiro, a cidade do Crato gosa de um excellente clima.

O Crato é a capital dessa zona riquissima e privilegiada que demóra ao Sul do Ceará, conhecido por *Cariry*. Chamam-no o *Coração do Ceará*, e, realmente o é, attenta á região excepcional em que se levanta aquella futurosa cidade.

O municipio do Crato, bem como, os demais — Barbalha e Jardim — que constituem o valle do Cariry, formam como que, um oasis, entre os sertões adustos de toda região central do Ceará, como de toda zona fronteira dos Estados de Pernambuco, Parahyba e Piauhy.

Quem, de sobre a chapada da alludida serra do Araripe, lançar a vista para aquelle magnifico valle de cerca de 50 leguas em quadro, abraçará uma zona, esplendidamente fadada de elementos de riquesa agricola. Lobrigará os cannaviaes extensissimos a emplastarem de um verde-claro aquelle sólo fartamente irrigado por nascenças innumeras que brótam do Araripe. Contemplará, satisfeito, o verde-negro dos mangueiraes frondosos, a louçania cantante dos laranjaes viçosos, o verde-creme dos bananaes esplendidos, os largos *lombados* de arrozaes cocheados, os listrões prateados das levadas d'agua, rebrilhando ao sol... Colherá de golpe, a densidade da população rural, pelo casario espalhado profusamente por todos os angulos e reconcavos daquelle uberrimo valle. A cidade do Crato ergue-se ao centro, graciosa e branca, mesclada de arvoredos virentes.

Suas ruas, ligeiramente tortuosas, em lanços extensos de sudeste a noroeste, transitadas diariamente por uma população laboriosa e ordeira, accusam a actividade commercial, forte e intensa de toda aquella zona.

E' ali principalmente, e depois, na visinha cidade de Barbalha, o celleiro, onde se abastece toda população dos altos sertões dos Estados visinhos. Mesmo, de pontos remotos dos sertões cearenses, para ali convergem multidões de almocreves, commandando tropas numerosas de muares, á procura de cereaes que lhes escasseiam nos sertões resequidos. Do Piauhy, quasi semanalmente, entram para ali immensos rebanhos de gado vaccum, que são abatidos para o consumo publico, numa média de vinte rezes por dia.

---

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

***

O commercio de mercadorias e tecidos, nacionaes e extrangeiros, assume ali proporções magnificas, mantendo-se em condições lisongeiras cerca de trinta casas commerciaes, com transacções annuaes superiores a trez mil contos de reis. O commercio de exportação, feito com productos agricolas e da industria pastoril. — a rapadura, a farinha de mandioca, o arroz, o milho, o feijão, o algodão, o fumo, as fructas, os gados, as pelles, etc., eleva suas transacções a cifra superior a dois mil contos.

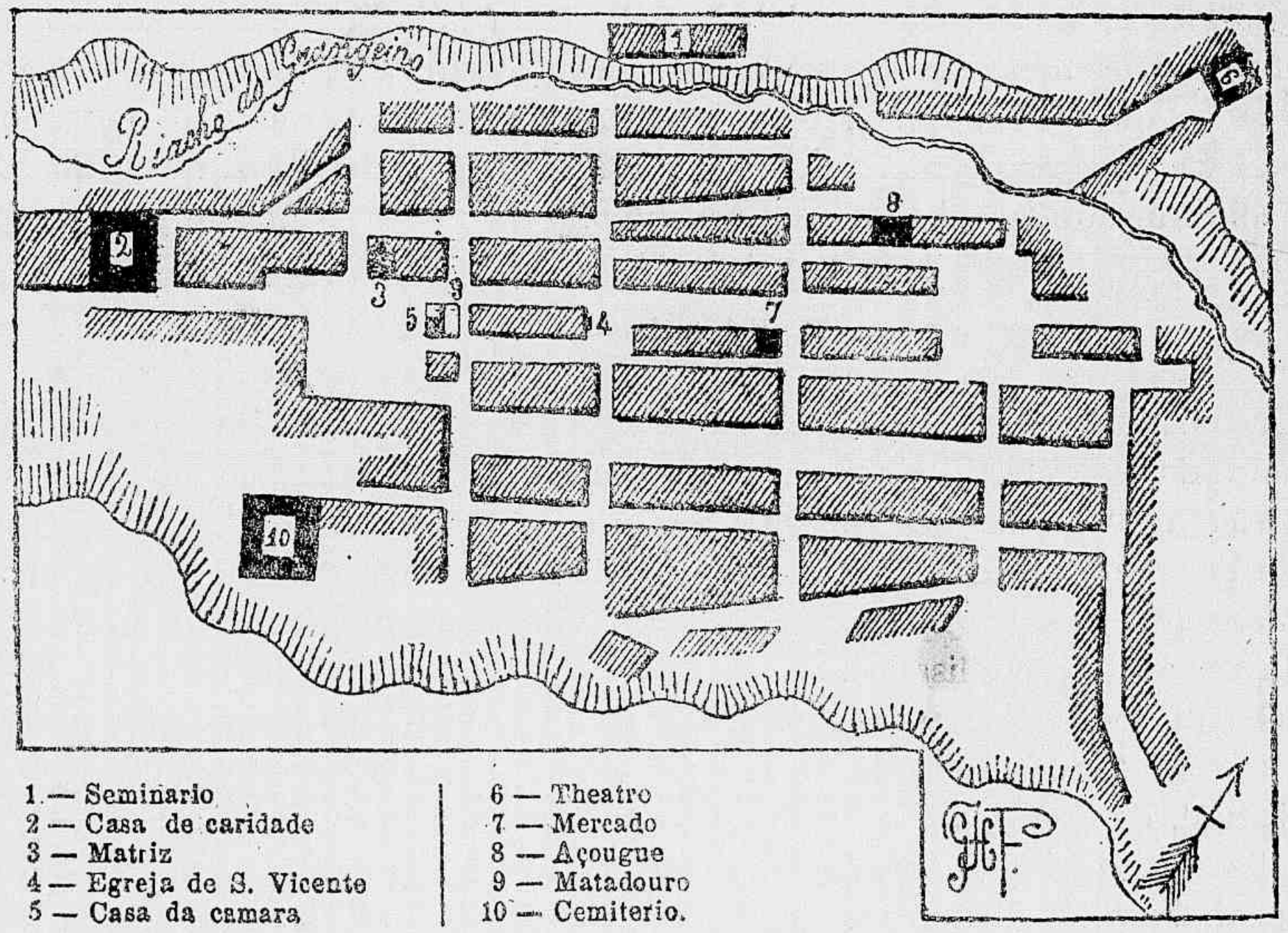
Isto exclusivamente o Crato, cujo municipio conta mais de 60 engenhos de ferro e innumeras fazendas de crear ; accrescendo que se ensaia ali ultimamente a extracção da borracha de maniçóba, industria que promette os mais positivos resultados, si se incrementar o cultivo dessa planta utilissima.

***

Uma população que excede a 60.000 almas mantem todo municipio numa empolgante actividade. Ha na cidade um dia especial-a segunda-feira — chamado o *dia da feira*, consagrado exclusivamente ao commercio. E' um leilão collossal que se realisa ali semanalmente. Nesse dia ha de tudo, exposto á venda no mercado. Logo pela manhã, nesse dia, começam os mascates, os pequenos negociantes de bugigangas, a armar suas barracas, arranjando da melhor maneira, os seus mostruarios, ao longo das ruas que formam o bairro da feira. Apparecem igualmente, muito cedo, os funileiros, os sapateiros, os marceneiros, os fabricantes de tisanas de fructas, ponches, *gigibirras*, etc., a expôr os seus productos, sobre bancas toscas. Os logistas e bodegueiros, assim como os negociantes de cereaes em grosso, naturalmente amanhecem em seus postos. Por volta das oito horas da manhã, começa a affluir por todos os bêccos, em grossos cardumes, um immenso formigueiro humano. — Comboiêros, em *piracemas*, estalando linha, a commandarem um enxame de muares, carregados com toda sorte de mercadorias ; homens, mulheres, e creanças, na promiscuidade desoladora da indigencia, igualmente vêm entrando, de saccos á cabeça, a pé, ao lado do almocreve, escanchado em sua magra cavalgadura. — E' a população soffredora, a gente sem patria, os pobres, como os ha em toda parte... De momento a momento, passa entre aquella multidão rasteira, enforquilhado em fogoso ginete, levantando torvelinhos de pó, o fazendeiro abastado, ou o *senhor de engenho* apatacado, que vem á feira fazer rancho para a semana.

Todos os *feiristas*, á medida que chegam, vão depositando suas mercadorias ao longo das ruas da feira e agazalhando suas cavalgaduras fóra da cidade. Das nove para as dez horas, de tudo se encontra ali. E' uma exposição rustica e collossal. Para um ponto determinado — a *feira da rapadura* — os negociantes de rapaduras installam-se com fartos estendaes desse precioso assucar bruto ; para outro local, esteira-se aos alqueires, o sal para ser vendido a rateio ; para uma encruzilhada de ruas, amontoam-se em crescidos lótes, centenares de saccos de farinha de mandioca, aguardando o seu lanço. Acolá, para um trecho de rua, povoada de lojas e bodegas, ha uma promiscuidade de tudo, — é o amago da feira ; ali ha o arroz, o milho, o feijão, a cebola, o alho, as fructas, o peixe sêcco,

a corda de caroá, a vela de carnahuba, a palha da mesma, o courinho de bode, o mél de abelha, os passaros em gaiola, etc. Para uma praça, expõem-se madeiras de construcção ; para outra, ha uma algaravia inintelligivel entre cavallos, bestas, burros, jumentos, — é a *feira dos animaes*. Para um edificio quadrado, de paredões, com alpendradas para dentro, com dois portões amplos, ladeados de tavernas, movimenta-se um turbilhão humano, numa arenga ensurdecedora, — é *Açouge* ; ali se corta carne diariamente para o consumo da cidade e do municipio. Em outro quarteirão, localisado no centro de maior commercio, ergue-se o *Mercado*, vasto quadrado de alpendradas, cercado de pequenos quartos para bodegas, com um amplo galpão á tacaniça, ao centro, vulgarmente chamado *Arapuca* e trez grandes portões aos lados. Ali diariamente encontram-se




fructas, — laranjas, limas, bananas, mangas, mamãos, côcos, actas, jacas, abacates, piquys, sapotys, umbús, cajús, etc., — hortaliças, peixes, caças, etc. Entre as fructas, merece especial menção, o piquy, saborosissimo e substancioso, e incontestavelmente, o maior refrigerio das classes necessitadas em epochas calamitosas. Essa preciosa fructa é selvatica e originaria da serra do Araripe, onde a ha com abundancia. Della, logo ao apparecer, no começo do inverno (em dezembro) custa o cento, quatro, e até mesmo, cinco mil reis, decahindo em preço, em fevereiro e março, mezes de sua maior abundancia, para dusentos reis o cento !

**CHRONOMÈTRE ROYAL,** ***Vacheron e Constantin,*** ***de GENÈVE.***

O 1º relogio do Mundo.

*** CLUBS, CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO. ***

***

Ao cahir da tarde, vai rareando a população da feira, que nunca attráe menos de dez mil pessôas. Por todas as estradas vão se escoando milhares de muares, a chocalharem, ao estalar forte da linha do comboiêro, carregados de mercadorias e cereas, que vão abastecer os mercados desprovidos dos sertões longinquos... Na cidade, tratam de recolher-se á casa, todos quantos tomaram parte na feira, e que naturalmente terão feito bons negocios. Volvem cançados dos labores daquelle dia eminentemente atarefado, e aguardam esperançosos a feira proxima. Pelas lojas, os caixeiros apressados, procuram reorganisar mostruarios, espanar prateleiras, repondo tudo em seus eixos, para a feira proxima. Os patrões satisfeitos, fazem o caixa *gordo* daquelle dia de labuta. Eis ahi, a traços largos, a vida commercial daquella terra rica. Só lhe falta um caminho de ferro (que felismente já está em construcção) para ser um dos maiores mercados do Ceará, quiçá, o maior, que abastecerá mesmo, o mercado de Fortaleza, de certos generos, como farinha de mandioca e arroz, que este ultimo vai comprar ao Maranhão para o consumo.

***

Demos agora, para terminar, um rapido golpe de vista sobre o estado social e moral daquella fertilissima zona. Conta a cidade do Crato com uma população superior a 30.000 habitantes, que ja vão adoptando ali os costumes bem educados das grandes cidades. Ali, como na visinha cidade de Barbalha e na povoação do Joazeiro, já se gosa de um certo convivio social, moldado nas normas dos melhores centros civilisados.

O cultivo intellectual e moral, ali, como nas citadas localidades visinhas, vai se accentuando, dia dia, num bello avanço no caminho do desbravamento espiritual, de que muito necessitam as populações sertanejas. Ha no Crato um excellente collegio de instrucção secundaria e profissional para moças, provido de professores competentes. Igualmente, mantem-se ali um outro, com muito aproveitamento, para o preparo de rapazes no curso de lettras, servido de provectos professores, que adoptam no mesmo o programma de ensino do Gymnasio Nacional. Alem desses estabelecimentos de educação para os dois sexos, por vezes se hão organisado ali varias agremiações litterarias, como sejam os clubs *José de Alencar* e *Romeiros do Porvir*, e depois, a *Bibliotheca Popular*, installadas sob os melhores auspicios, promettendo longa e proveitosa estabilidade, e que infelismente se tem desapparecido fugacemente, por lamentaveis divergencias entre seus associados.

A imprensa representa-se ali com dois bellos periodicos, — o *Correio do Cariry*, redigido com saber e habilidade, pelo competente Alves de Figueiredo que, apesar de sua laboriosa profissão de pharmaceutico, reserva algumas horas para as lides do espirito, e tambem pelo Sr. Dr. Herminio Botelho, que dispõe de um largo preparo intellectual ; e *A Cruz*, orgão dos innumeros catholicos daquella zona, dirigida com muito proveito, pelos illustrados sacerdotes Quintino de Oliveira, Pedro Esmeraldo e Ferreira de Mello. Em Joazeiro

surgiu ultimamente, o *Rebate*, redigido com proficiencia pelo competente Padre Joaquim de Alencar Peixoto, sacerdote de adiantado cultivo espiritual.

José Pio Rodrigues e outros rapazes estudiosos, em Barbalha, publicam a *União* e o *Cetama*, dois bellos porta-vozes da opinião publica. Ali, alem desses orgãos da imprensa, mantem-se ha mais de vinte annos, uma excellente agremiação litteraria, — *Gabinete de Leitura*, que muitos e bons serviços tem prestado á mocidade estudiosa daquella cidade.

***

Como se vê, aquella zona fertilissima, apesar de afastada quatrocentos e tantos kilometros de Fortaleza, ha avançado galhardamente em todos os departamentos do progresso. Para tornal-a prospera e feliz, a zombar mesmo das tradicionaes e perniciosissimas sêccas do Ceará, necessario mais não é do que dotal-a de meios de transporte que a liguem com os grandes centros do paiz.

Alto-Acre, 1910.

JOSÉ BENEVENUTO.

---


# DENTRO DA NOITE

DE

## JOÃO DO RIO

(da Academia Brasileira)

Ha muito que se não registrava um exito egual ao que obteve o livro de *João do Rio*, o applaudido escriptor das "*Religiões do Rio*" e da "*Alma encantadora das Ruas*". E' o primeiro livro de contos do estylista original e poderoso analysta.

## DENTRO DA NOITE

é uma serie de contos tragicos em que a observação apanha em flagrante casos morbidos e estranhos. Basta a epigraphe do livro, tirada aos psalmos do Rei David : "*Preservai-nos Senhor, das coisas terrificas, que andam á noite*" para que o leitor imagine a impressão que o livro dará de curiosidade, de novidade. A nova edição revista pelo autor acaba de ser posta á venda.

---

LIVRARIA GARNIER, Editora

---

# BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

# A ILHA DA TRINDADE

(SEBASTIÃO SAMPAIO)

[Em Maio de 1910, S. Sampaio, um escriptor de polpa, elegante, raro e exquisito, contava-nos os mysterios da *Iha do Sonho*. Não ha muito tambem, em 1904 E. F. Knight em *The cruise of the Allerte* encantava os leitores de aventuras marinhas com esse mesmo romance dos Thesouros da Trindade, que desde o naufragio da *Jeune Sophie*, e dos *Robinsons* de Ferd. Denis, é o mais romantico dos rochedos solitarios do Atlantico.

A's primorosas paginas que tomamos a S. S. ajuntamos os *mappas e aspectos graphicos* mais antigos que temos d'esta nossa ilha e que datam do seculo XVIII.]

10 de maio, durante o dia.

Na Praia das Tartarugas, onde desembarcámos, nada de curioso que impressionasse, a não ser a quantidade enorme de carangueijos e sirys tomando a praia, tornando a areia cheia de altos e baixos com a construcção das suas residencias provisorias em dadas occasiões da noite e do dia.

Foi com prazer, por isso, que provoquei e consegui para logo a primeira excursão pela ilha, deixando a monotonia praieira.

Eramos tres nesse passeio, o 2º tenente Eurico de Mello, o sub-commissario Pivatelli e o representante da «Gazeta».

Escolhemos como destino que tomaria o dia inteiro a parte S. E. da ilha, incontestavelmente a mais curiosa porção de terra da Trindade e a mais possivel de ser observada de perto.

Deixando a praia, subimos o primeiro morro á nossa esquerda, esse, mais de terra que de rocha, uma das excepções da regra da cordilheira insular — tudo pedra.

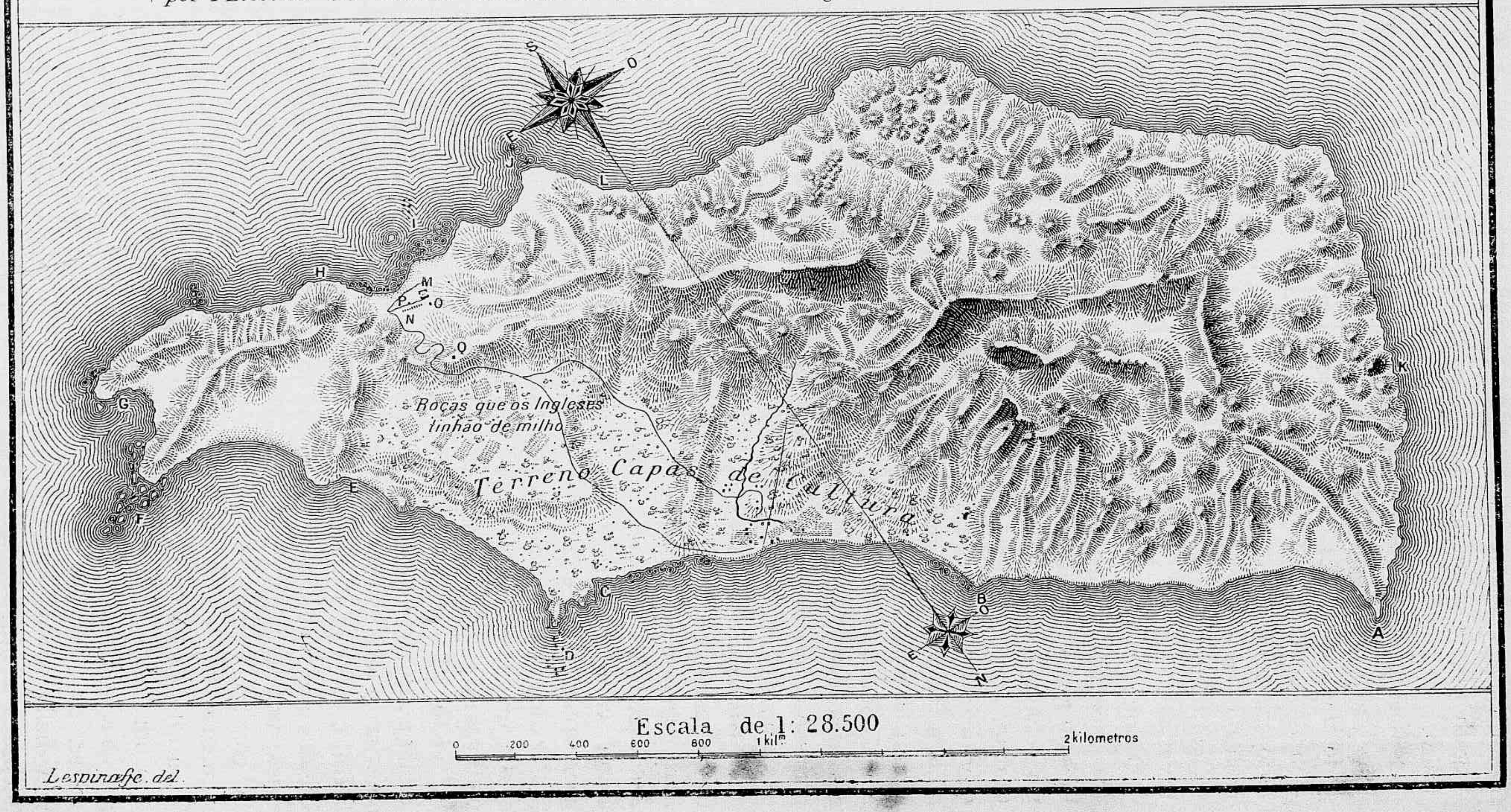
Mas essa terra pedregosa vê-se logo que está por assim dizer em decomposição, Aqui o solo é fixo e pedrento; um palmo adiante é revolvido como se machinas reversivas houvessem trabalhado; outro palmo á frente já se mostra preparado em pequeninos casulos pelos sirys, que sobem até ás maiores alturas, affirmando com os carangueijos, mais que o Brazil, a sua real soberania sobre a ilha. E, a cada passo, um rochedo, uma grande pedra lascada ou talhada com arte pela natureza, indicando a materia prima que fez e sustenta o morro coberto ligeiramente de terra.

No alto desse monte gosámos o primeiro extase da nossa excursão. Apreciavamos de uma altura já respeitavel a topographia vertiginosamente accidentada da ilha: um monte subindo de um impeto, quasi verticalmente, e descendo de um outro impeto immediato, e á frente desse, á esquerda, á direita, para traz, outros montes a se reunirem, muitos, com a violencia dos picos no alto, no meio a queda das verticaes e a suavidade do desfiladeiro, do valle, em baixo. Dir-se-ia nos tempos heroicos que a Trindade era uma descommunal, uma enorme serpente de granito, que enrolada para o descanso, açulada pela furia selvagem do oceano, vivesse sempre em guarda mesmo sem se desenrolar, eternamente eriçada em violentas sinuosas, sem a calma suave de uma unica posição parallela á agua tranquilla...

Assim como os seus mares sempre em sinuosidades e furias de tormenta, essa Trindade de granito posa para

# ILHA DA TRINDADE

*( por* Antonio de Souza Coelho e Antonio Rodriguez Montezinho *em Janeiro de 1783 )*



sempre na attitude de revolta dos vagalhões que se chocam nas tempestades.

Descemos esse morro e logo subiamos outro, da regra geral da ilha — todo de pedra, mas de pedras fraccionadas, como se Vulcano o tivesse feito assim de outro monte de um só rochedo, empregando a maior parte da sua dynamite em explosões memoraveis.

O que encantava singularmente era a collocação dessas pedras — o mesmo gosto ou antes a mesma bizarria selvagem da collocação das montanhas, que registrei atraz. Uma « princeza dos Parecis » não seria mais selvagem, nem mais bizarra, se algum Martim lhe desse para compor em « bouquet » as curvas harmoniosas das camelias, a languidez dos lyrios e a tortura branca, os circulos das lanças em riste dos crysanthemos.

A' frente desse monte, de onde já descemos em regresso, no interior, da ilha ergue-se o magestoso « Pão de Assucar » da Trindade, monte que assim vem chamado já nas cartas geographicas do seculo XVIII.

Por uma chronica maritima de 1860, soube que esse monte, hoje todo de pedra escalvada era arborisado quando foi visto pelo commandante Henry Trollope, que tocou alli numa viagem ao estreito de Bhering em 1853.

Hoje, o « Pão de Assucar » da Trindade é bem uma imitação do nosso, immensa pedra nua, um cone de granito lavrado, subindo verticalmente 1160 pés.

No alto da montanha rasga-se um leito para onde naturalmente convergem as aguas das chuvas e que fazem prever, para os dias de tempestade, uma bella e magestosa cascata de 700 pés de altura.

No meio da desolação da Trindade, a sua cruel natureza quiz entretanto, ser carinhosa com os seus unicos habitantes de sempre — as aves e os caranguejos. Para estes, fizeram-se as grutas dos bancos de coral, as cavidades dos rochedos da costa e a areia com que o mar os foi cobrindo, fazendo as duas praias de S. E. Para as aves, isto é, as gaivotas e os pombos selvagens que lá existem, fez o tempo no « Pão de Assucar », a cada metro que sóbe a pedra, uma reentrancia, uma cavidade na rocha que invariavelmente é um ninho de passaros.

Quando passámos pelo « Pão de Assucar », marinheiros que nos seguiam conseguiram chegar até ás primeiras grutas, os primeiros ninhos que ornamentam a montanha. Mal se approximaram os homens, de todos os lares proximos, as pobres aves fugiram assustadas, em gritos selvagens, adivinhando desgraças para os filhos que ficavam.

Immediatamente, os ninhos mais altos, ouvida a noticia de baixo, tambem se esvasiam. E o ar se enche de dezenas de gaivotas, de pombos selvagens, uns rajados, outros branquinhos inteiramente. Dos brancos um marinheiro consegue e offerece-me um casal que não se apercebeu do perigo, deixando-se prender. Um lindo par de aves mimosas, de pennas de neve avelludadas, delicadissimas. Eu acceitei a offerta, sem pensar na selvageria que faziamos, levando as pobres avesitas para o sol escaldante da praia; é que eu pensei fazer do lindo casal um presente que certo agradaria e impressionaria, deliciosamente... Quando nada, aquelles passaros, mortos, preparados, poderiam ainda alindar qualquer chapéo venturoso...

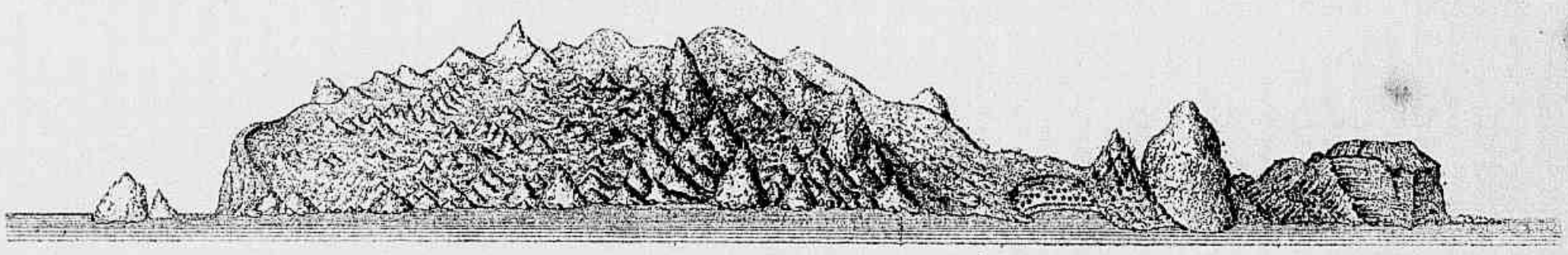
Deixámos o « Pão de Assucar »,

continuando rumo de S. E. extremo da ilha, verdadeiramente o ponto Sul. Alli o maior encanto da natureza na Ilha do Sonho. E'o cabo onde se ergue a « Montanha Furada ».

A simples descripção da « Montanha Furada », mette inveja ao menos curioso que não a visse ainda.

São 800 pés de altura de uma rocha escarpada que enche todo o avanço « plateau » e, em baixo, dividindo a base da montanha, uma grande arcada perfurando o granito, com 40 pés de largura, 50 de altura e 420 pés de comprimento.

Por essa arcada, ininterruptamente o mar entra furioso, rugindo em cachões, na direcção de S.E. para o



VISTA DA PARTE DO SUL

VISTA DA PARTE DE LESTE

*Prospectos da* ILHA DA TRINDADE *tirados por diferentes lados como acima se ve, por* AGOSTINHO JOSÉ MARQUES ROSA *2.º Tenente do Regimento de Artilheria da Côrte em 23 de Janeiro de 1783* JOSE DE MELLO BRAYNER *Commandante da Expedição.*

N. E. com uma esplendida massa de agua de 40 pés de largura por 18 de profundidade.

Um espectaculo magnifico, estupendo. Pela abertura immensa já de paredes de granito trabalhado, envernisado pelas resinas marinhas, a móle oceanica invadindo, avançando e atirando-se contra as paredes de pedra, vai levantando enormes, impenetraveis véos de espumas de neve. E o sol, vaidoso da sua gloria ao meio dia, tentando romper a neve liquida, crystallisa a agua revolta, dá-lhe a polychromia radiante do arco-iris, e a espuma caminha levada pela furia da onda em baixo, desfiando em cima perenemente um rosario de cambiantes, numa irradiação eterna de côres vivas...

Na abertura da arcada, em cima, entre a espuma que morre já como gaze e a aboboda admiravelmente cinzelada pela natureza maravilhosamente talhada em series de arcarias, exactamente em linhas gothicas que encimam as naves das cathedraes, — nesse pequeno espaço livre o sol faz passeiar como um nababo a sua luz opulenta, e, repetidamente, nas chammas vivas do meio dia, quando o vento enlouquece, gaivotas atrevidas varam o estreito de luz enchendo as naves de gritos angustiosos, estridentes...

Fiquei alli, bem ao pé da abertura do lado do N., um tempo immenso sem despregar os olhos da maravilhosa obra da creação.

Obra da creação ? Levanto os olhos e ouço com elles a resposta. « Film » da natureza, deve chamar-se aquillo, da natureza eternamente em evolução, em rapidas e variadissimas transformações. Foi essa a resposta que vi, contemplando a montanha

que de 100 pés, em diante, do lado em que me achava, parecia um barranco de 800 pés de altura, resto da montanha que cahira em parte na minha direcção, formando o solo que pisava. Barranco pedregoso, entretanto, caminhando para o granito que já enche todo o resto e a outra face do monte.

Examinando-se com attenção esse barranco, vêm-se l:stas bem expressivas, manchas e signaes bem evidentes de que um cataclysma quelquer fez alli aquella maravilha bizarra. Duas montanhas que outr'ora se contemplavam alli, separadas por um desfiladeiro varado pelo mar. E um dia, simultaneamente, em qualquer crise geologica, os dous montes penderam, abraçando-se brutalmente, numa effusão fragorosa e medonha. Com certeza que não podiam equilibrar-se inteiramente ; dahi a quéda, o abatimento de grande parte das montanhas, denunciado pelo barranco, pelo resto de terra e de granito que ficou em pé e que, depois de formar a arcaria em baixo, subiu em curva, formando um lindo e perigoso docel que se inclina e cobre inteiramente todo o solo em que estamos, ao pé da abertura N. da arcaria.

Essa observação, as outras montanhas de terra e pedra em decomposição a indicar successivos e recentes desabamentos, a falta de praias, existindo apenas duas feitas da accumulação de areia sobre os rochedos, o desapparecimento das arvores antigas, da arborisação e dos animaes a que se referem os navegantes de 1750, — tudo isso parece estar mostrando que a Trindade, em crise geologica, está a andar para um proximo ou não muito remoto desapparecimento...

Officiaes distinctos da tripulação do « Andrada », entendidos na materia, concordaram uns, outros negaram esse caminho para a destrição, a Trindade engulida, devorada ou destruida pelo mar.

Todos, porém, estão commigo : a ilha está num periodo de transformação geologica, uma crise ou de destrinção lenta, ou de formação lentissima, neste caso obra vulcanica que o sol, a chuva e a ventania vão atravez dos seculos cinzelando e fixando numa fórma solida e resistente.

Os partidarios desta ultima hypothese, nas palestras de bordo, firmam-se apenas numa prova de observação : o signal ainda recente da agua do mar nos rochedos menos altos da costa. Esses vestigios, porém, não são regularmente encontrados em toda a costa da ilha, desapparecem mesmo em longos trechos, como vi dias depois.

Seja o que fôr, essa crise geologica impressiona fundamente, de modo especial na parte S. E. que acabavamos de percorrer.

Regressámos á praia das Tartarugas ainda a pensar em revoluções laplacianas, em grandes cataclysmas, em furias de vulcão saccudindo aquelles rochedos, queimando, solidificando, informando a areia com o sangue vital dos mineraes, o divino fogo creador...

E se eu não tivesse medo de plagiar Euclydes da Cunha terminava aqui chamando a Trindade, como o estuario formidavel do Norte longinquo — uma grande pagina inacabada do Genesis...

## O BRASIL INTERIOR

# Savage Landor e W. Kissenberth

Dois notaveis exploradores do centro e oeste do Brasil procuram desvendar as regiões incognitas ou mal exploradas entre o Araguaya e o Madeira. O dr. WILHELM KISSENBERTH já de volta da sua expedição, penetrou pelo norte, de S. Luiz do Maranhão até o Araguaya e por elle subiu até a região das cabeceiras, tendo vivido annos no meio de varias tribus de indios, cujas linguas e costumes aprendeu e observou. A estas horas no Rio prepara-se para voltar ao sertão e completar os estudos iniciados. E' assistente do Museu Ethnographico de Berlim, e acompanha-o o botanico Dr PHILIPP LUETZELBURG, de Munich.

O outro explorador é nada menos que o famoso SAVAGE LANDOR cujas terriveis aventuras no Thibet lhe deram nome universal e é talvez o mais celebre dos exploradores contemporaneos. Ainda agora inicia as suas explorações do Brasil auxiliado intelligentemente pelo nosso governo que lhe proporcionou recursos materiaes e favores, recommendando que explorasse a região occidental percorrendo o paralello 11º ao sul do Equador, do Araguaya ao Mamoré. Grandes fructos se esperam d'esta expedição notavel, como da primeira ainda não inteiramente divulgados.

Algumas illustrações documentam n'este registro os successos que pretendemos acompanhar mais minuciosamente, a medida que sejam conhecidos.

SAVAGE LANDOR.

O *Araguaya* de praias arenosas e brancas que ao viajante fazem lembrar o litoral oceanico é um dos mais bellos rios do Brazil inteiramente quasi, abandonado, entregue ás tribus dos Carajás e outros indios.

« A sua origem é na serra das Divi-

* FAQUEIROS COMPLETOS *
DE MAPPIU ET WEBB
LONDRES
CLUBS DA CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.

sões, ou systema goyano perto do parallelo 18º. Desde o começo já tem o mesmo nome com que desagua no Tocantius; os nomes Caiapó-Grande, rio Grande que se lhe atribuem até sua juncção com o rio Vermelho já não são mais usados e só apparecem nos trabalhos dos nossos geographos.

Doze léguas abaixo de sua nascente banha a incipiente povoação de S. Rita do Araguaya mostrando assim que o nome que elle tinha no seu curso inferior conseguio generalisar-se e estender-se a todo o rio.

A sua procedencia tem logar no vertíce formado pelas cabeceiras dos rios Taquary, Sucuriú e Cabeceira Alta.

Tem a direcção geral de sul para o norte com algumas inflexões para o oriente.

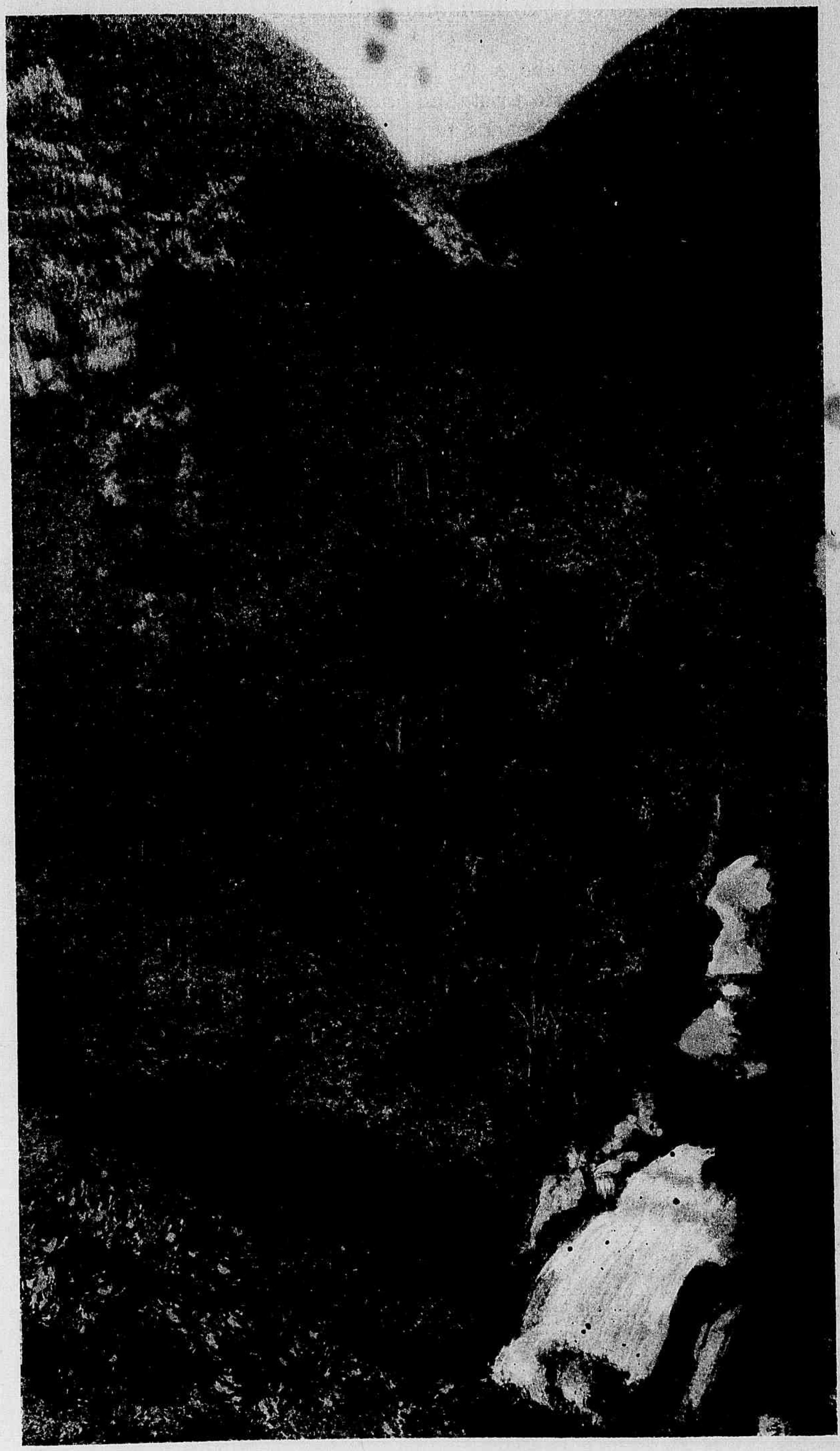
Até Leopoldina recebe, por ambas as margens os rios Peixe, Diamantino Grande, Barreiro, Caiapósinho, Ponte Alta, Rio Claro, Agua-Limpa, Cocal e Vermelho.

Pela margem direita recebe, a 122 k. abaixo de Leopoldina o rio do Peixe e a 88 k. abaixo d'este ultimo entra o Crixáassú que collecta para o Araguaya as aguas que banham o municipio de Pilar.

Desde o Registro do Rio Grande até a extremidade meridional da a ilha do Bananal, nenhum affluente notavel vem do rio Cristalino, oriundo dos chapadões proximos á estrada de Goyaz a Cuyabá.

Distante da foz do Crixá-assú 72 k. o Araguaya scinde-se em dous braços que formam a maior ilha fluvial do mundo. O braço occidental mantem o nome do rio, emquanto que oriental recebe o nome de Furo do Bananal, sendo ambos pontuados de ilhas e rochedos que não embaraçam a navegação.

Maloca de Cayapós do Rio Araguaya.



Mata do Oeste.

O braço esquerdo recebe a 60 k. abaixo da bifurcação o rio Cristalino e a 129 k. abaixo d'este desagua por dous braços o mais consideravel dos seus affluentes, o seu irmão gemeo, o rio das Mortes cujas cabeceiras não ficam longe de Cuyabá.

« Os carajás denominam o Cristalino « Manrieberá, (rio da Matrinchan) o rio Mortes, Juaberó » (rio em forma de pé) o Tapirapé « Manamberó » (rio da Pedra) e o Araguaya « Berocan » (rio Grande).

O braço direito, depois de engrossado pelos rios Pequeno e Javaés, faz sua juncção com o occidental nas proximidades do parallelo 10º, e a 137 k. a jusante da foz do rio Tapirapé.

Da extremidade septentrional da ilha do Bananal até S. Maria, numa extensão de 161 k. nenhum confluente notavel entra no Araguaya pelas duas margens, mas 24 k. abaixo de S. Maria, entra-lhe pela direita o Piranhas.

De S. Maria em diante começa o grande rio a descer o planalto central e por isso apresenta uma serie continua e ininterrupta de cachoeiras e travessões que tornam o rio impedido para a navegação até a sua foz numa extensão de 600 k. »

A *Cachoeira Grande* que tem cerca de 10 kilometros foi descida EM *uma hora* por Ehrenreich que retornando para as subir gastou *alguns dias*.

Nenhum accidente alem de outras cachoeiras S. Bento, Carmo, existe até que o Araguaya se funde com o Tocantins.

Rio Araguaya.

Rio Araguaya. — Burity nascente.

Em particular são muito interessantes as seguintes considerações escriptas ha algum tempo pelo Dr EDUARDO SOCRATES sobre esse nosso grande rio do Brasil central :

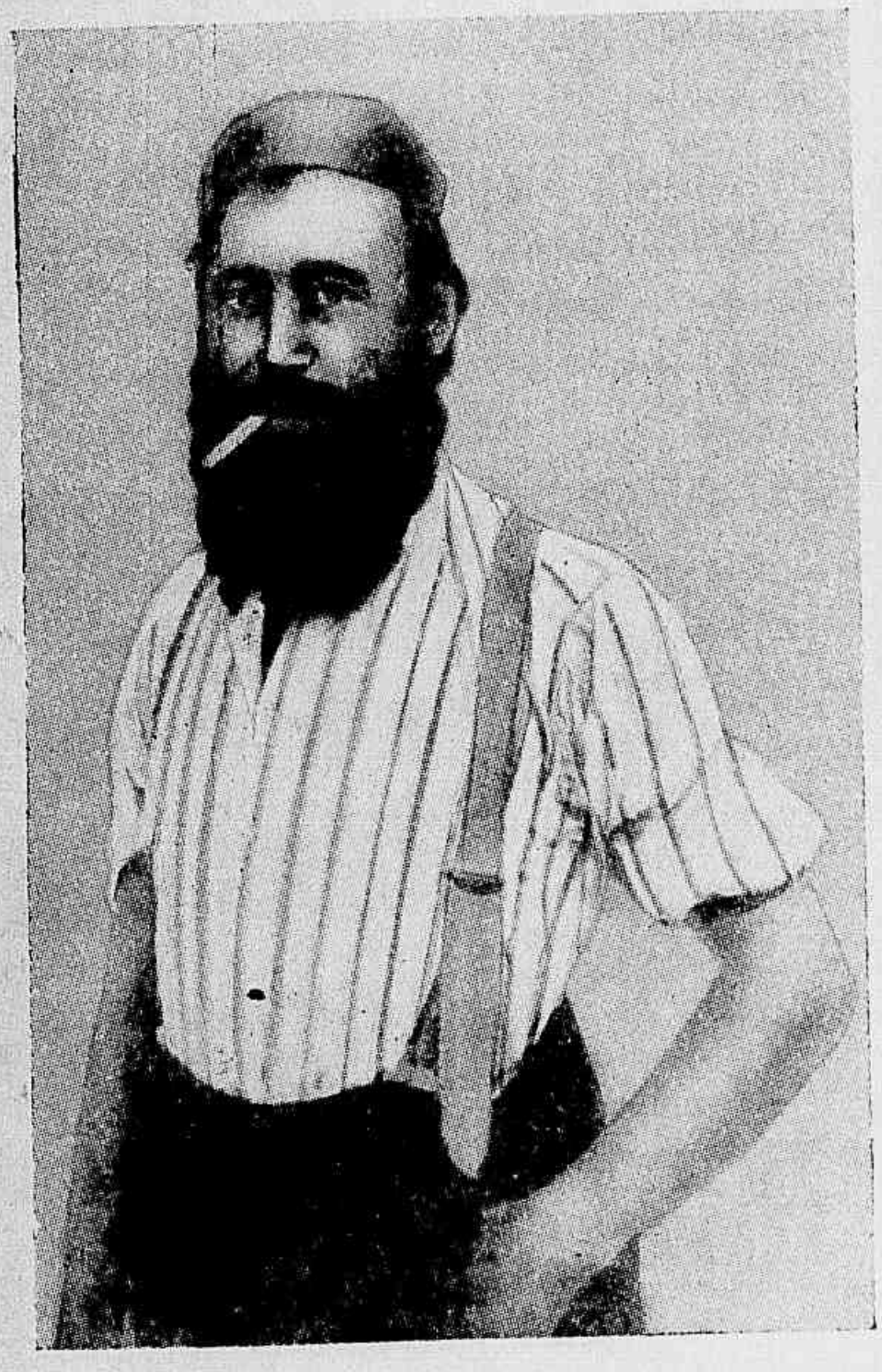
«Em via de regra diz elle os grandes cursos d'agua se mantém dentro de leitos formados por profundas erosões e apertados entre barrancos altos e escarpados.

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

O Araguaya, não obstante o seu enorme volume d'agua, offerece a peculiaridade que já accentuei, de possuir o seu leito aberto em muitos pontos, formando extensas e bellas praias, ninhos de myriades de *tartarugas e tracajós*.

Ha sitios em que se espraia de modo



Dr. W. Kissenberth,
em seus trajes de pionneiro.

tão extraordinario que a sua profundidade deixa de offerecer o necessario calado para a navegação.

A taes espraiados dão a denominação de « seccos ».

Raros são os casos de endemias palustres nas margens desse portentoso rio.

As suas margens ora são cobertas de espessas e frondosas mattas, que occultam terras feracissimas, ora se abrem em campos de incomparavel belleza, semeados de lagoas, orlados de vistosos buritysaes, muitas destas, fontes de fracas vertentes,

Existem em seu leito conchas perliferas, pedras preciosas e metaes de valor.

Em muitos de seus affluentes e mesmo em seu leito, garimpeiros audaciosos teem extrahido custosos diamantes e ouro.

Em Macedina, mallograda colonia fundada acima da confluencia do rio das Garças *(Jacouquoau dos bororós)*, á margem direita esses garimpeiros extrahiram diamantes de valor, justa compensação dos inauditos e inenarraveis sacrificios que fazem em busca da fortuna.

O processo é todo primitivo e consiste no mergulho profundo á cata do cascalho que deve encerrar a presa preciosa, cascalho que é retirado em saccos ou cestas.

Quantas e quantas vezes se tornam infructiferos esses sacrificios, por não encontrarem o objecto de sua cobiça !

Além do Araguaya, são reconhecidamente diamantiferos o Garças, o Claro, o Pilões, o Cayapósinho, o Diamantino grande e pequeno, e outros.

Nas mattas da margem esquerda do Araguaya, territorio litigioso entre Pará e Goyaz, e nas proximidades do Conceição do Araguaya, florescente povoação, está sendo explorado o caucho.

Devido a essa industria lucrativa a que se dedicam as povoações ribeirinhas e as adventicias, o commercio alli se desenvolve de modo apreciavel, attrahindo a concurrencia.

A exportação do caucho se faz por meio de botes, que descem o rio até Cametá ou Belém através os maiores sacrificios e perigos.

A viagem redonda varia de 6 a 12 mezes, dependendo das condições em que se achar o rio, no momento das travessias perigosas.

Conceição fica a jusante de Santa Maria Velha, um trecho de navegação só praticavel nas cheias.

As incomparaveis riquezas que o Araguaya encerra e as que estão distribuidas pela afortunada região, que elle banha' só serão especificadas e exploradas depois que a Companhia Estrada de Ferro Norte do Brasil conseguir levar os seus trilhos ás suas opulentas margens.

Conseguida esta justa aspiração dos Goyanos, o progresso espancará as trevas que o envolvem e a miseria extrema que alli encontram quantos sonham em disputar-lhes as riquezas. »


# COMPANHIA PETROPOLITANA

com

Fabricas de Fiar e Tecer Algodão Nacional

na

ESTAÇÃO DE CASCATINHA

PETROPOLIS

*Os productos de suas fabricas são manufacturados com algadão de primeira qualidade e constam de :*

**Brins brancos e de côres, zephires, atoalhados, guarda-napos, toalhas, crúas e alveja-das, lenços morins, cretonnes para lençóes, algodões crus, lisos e enfestados.**

OS QUAES OBTIVERAM

**GRANDES PREMIOS NAS EXPOSIÇÕES**

**Universal, de Pariz de 1889**

**e Nacional de 1908**

A séde e escriptorio central funccionam no predio n.

**177, Rua da Quitanda, 177**

ESQUINA DA RUA VISCONDE DE INHAUMA

**RIO DE JANEIRO**

BICYCLETTES

**STAR**

de Star Cycle Co.

CLUBS

A machina mais veloz e mais segura

**CASA STANDARD**

# CRISPINIANO E BOCAGE

Crispiniano ou antes Antonio Crispiniano Saunier, seu verdadeiro nome, foi um insignificante poeta que uma satyra de Bocage immortalisou; publicára em 1801 uns versos chochissimos offerecidos á duqueza de Lafões; os inimigos de Bocage pagavam-lhe genebra e cigarros, e o homem, que era um verdadeiro estafermo do Parnaso, que se condecorara com o anagramma de Insauro, que fazia versos por um pataco para os gallegos e para os saloios namorados, não hesitava em fulminar Bocage com os seus ridiculos epigrammas, Isso não incommodava o grande poeta; o que o incommodou deveras foi uma *Epistola ou ternas expressões em verso proferidas pelo pastor Ersaunio e dedicadas ao pastor Elmano* que Saunier imprimiu em 1803. Furioso Bocage fulminou o pobre homem com uma epistola que principia:

Besta e mais besta! o positivo é nada

O desgraçado que apanhava assim sova d'esta ordem por ter tido remorsos do mal que o levavam a praticar e por ter querido ficar bem com a sua consciencia fazendo justiça ao merito, ao menos teve a consolação de ser esfarrapado em bellissimos versos:

Confessas que de Elmano a furia temes
E, debil estorninho, aguias provocas,
Aves de Jove que o corisco empunham!
E's de rabula vil corrupta imagem;
Tu vendes o louvor, como elle as partes:
Mas elle na enxovia infamias paga,
E tu com tostões, que aos calouros pilhas,
Compras gravatas, em que a tromba enorme
Sumas ao dia, que de a ver se embrusca,
Qual em tenra mãosinha esconde a face
Mimoso infante de papões vexado.
.....
De saloios vintens larapio sujo
A gloria de teu odio restitue
A quem no teu louvor desacreditas

Para completarmos a descripção d'este desgraçado Saunier, cuja gravata effectivamente se tornára legendaria, citaremos uns versos improvisados por Bressane Leite, em que relatava um caso comico succedido uma noite a Saunier:

A' meia noite
Saiu de um cano
Pondo a gravata
Crispiniano.
Eis que a ronda,
Tropel insano
Divisa ao longe
Crispiniano.

Capuz o cobre:
« E's franciscano?
Só lhe responde:
Crispiniano!
Chega o alcaide,
Dá-lhe um abano,
Sae da gravata
Crispiniano.

Além das *Rimas* publicadas em 1801 e da *Continuação das obras poeticas* publicada em 1804, da *Epistola a Elmano* que saiu em 1802, ainda publicou Saunier em 1803 um folheto intitulado: *A paz geral.* Vivia ainda em 1817, e, já se vê, cantou os carrascos, bradando n'uma epistola:

Amo a Deus, viva o rei, victoria á patria

que é o proprio titulo da *Epistola.* Em 1821 tambem defendeu o antigo regimen com a sua vózinha de cega rega, imprimindo uns *Embargos ao espantoso grito que resôa contra os frades.* Depois desapparece.

# Th. PINTO BRANDÃO

Poeta picaresco, parasitario, mercantil e cynico é este um dos typos mais curiosos da literatura do seculo XVIII.

Tomaz Pinto Brandão n. no Porto a 12 de março de 1664. Durante muito tempo se limitou a prodigalisar as inspirações da sua musa, ora por casa dos principes e fidalgos, ora mesmo no meio de uma roda de amigos e lisongeiros que applaudiam com frenesi qualquer das suas composições, composições que elle não imprimia. Effectivamente a mais antiga das suas composições impressas é de 1729, e comtudo conhecemos muitas poesias d'elle que se referem a acontecimentos anteriores a 1799 como a decima que lhe foi inspirada pela experiencia feita no Terreiro de Paço da machina de voar que o padre Bartholomeu Lourenço Gusmão inventára. Essa decima á a seguinte :

Esta maroma escondida,
Que abala toda a cidade
Esta mentida verdade,
Ou esta duvida crida,
Esta exhalação nascida
No portuguez firmamento,
Este nunca visto invento
Do padre Bartholomeu,
Assim santo fôra eu,
Como elle é coisa de vento.

Em 1729 realisou-se o casamento do principe do Brazil com D. Marianna Victoria, filha do rei de Hespanha Philippe V; Thomaz Pinto Brandão fartou-se então de botar loas, e, como houvera grandes festas, e Thomaz Brandão cantara-as em versos desenfastiados, essas *silvas*, como se lhes chamava n'esse tempo, publicadas avulso, chamaram um grande numero de leitores, e obtiveram grande popularidade. Essas poesias, as primeiras que de Pinto Brandão nos chegaram impressas, ainda que provavelmente muitas outras se imprimiram anteriormente em folhas volantes e se perderam, são as *Boas vindas dadas e cantadas, ou tocadas*, a *Relação nova do fogo do castello*, a *Vida e morte de um coelho, morto pela serenissima princeza dos Brazis* e ainda outras publicadas por fr. José da Natividade no *Fasto do Hymeneu*. Por elles se vê que Tomaz Pinto gosava já então de grande popularidade. Uma das sylva começa da seguinte forma :

Para a historia contar de um caso **novo**
Quero um novo alegrão dar hoje ao povo,
Que se não satifaz, povo faminto,
Senão com versos só de Thomaz Pinto.

Estes versos não ousa escrevel-os senão quem tem effectivamente uma certa popularidade.

Em 1730 cantava Thomaz Brandão no mesmo tom a inauguração da basilica de Mafra. Os titulos das composições eram : *Descripção de Mafra* e *Funcção real na sagração do convento de Mafra.*

No anno anterior de 1729 ainda elle publicára a poesia *Aos acertados casamentos do ex.mo conde de Vimioso... com a ex.ma sr.a D. Luiza de Sousa*

BEBAM CAXAMBÚ
**A soberana das aguas de meza.**

e a *Pratica de tres cabeças em tres discursos*, sendo as cabeças que fallavam as de tres ladrões, e a *Primeira parte da procissão dos captivos*. Em 1731 saiu o folheto intitulado *A quatro ladrões sevandijas, vexame*, e por esses tempos outros intitulados : *Obra nova, silva a uma representação bellica que se fez no Terreiro do Paço*. Finalmente em 1732 saiu á luz a collecção das duas obras intitulada o *Pinto renascido, empennado e desempennado. Primeiro vôo*. E' dedicada ao conde de Monsanto. Vinte e um annos depois fez-se nova edição, em 1783. Era já posthuma, porque Thomaz Pinto Brandão m. com 79 annos de edade a 31 de outubro de 1743.

Thomaz Pinto Brandão tem ás vezes chiste, rasteiro sim, mas incontestavel, e, como poeta não deixa de ser digno de attenção. José Agostinho de Macedo considerava-o como um dos primeiros sonetistas portuguezes, e chegava a dizer que entre todos os sonetos hespanhoes, italianos e portuguezes só conhecia um perfeito que era aquelle com que Thomaz Pinto Brandão abre o *Pinto Renascido*.

N'esta perda geral, magoa commùa.

Para o rancoroso padre, que principiava por pôr de parte os admiraveis sonetos de Bocage e de Camões podia ser effectivamente que não houvesse soneto superior a essse de Thomaz Pinto Brandão. Mas a posteridade que sabe de cór o « Alma minha gentil que te partiste », e o « Meu ser evaporei na lida insana, esqueceu completamente o « N'esta perda geral, magoa commúa » de Thomaz Pinto Brandão.

## NOTULAS

### Göran Bjorkman

E'este philologo e poeta sueco um dos admiradores das literaturas da lingua portugueza ; foi ha pouco eleito socio correspondente da nossa Academia de Letras.

Eis a sua carta de agradecimento ao ter aquella noticia :

« Stockholmo, 27 de Novembro de 1910. — Illm. e Exm. Senhor :

Por intermedio daquelle tão sympathico compatricio seu, que já está reconhecido como o embaixador da intellectualidade brasileira na Europa (é ao nosso eminente compatriota Sr. Oliveira Lima, que se refere o illustre Sueco), recebi o aviso da minha nomeação para membro extrangeiro do principal centro litterario do Brasil. E' isso para mim uma distincção que considero como o apogeu das minhas aspirações neste sentido.

Na Europa, fóco do passado, tinha já sido acolhido no seio das Academias latinas. Agora, a America do Sul, fóco do futuro, admittio-me tambem no seio da sua principal Academia. Fui reconhecido digno companheiro dos herdeiros de tradições gloriosas, como os arautos de novos horizontes. Qual honra mais fica para alguem, cujo anhelo foi sempre merecer o epitheto de um pan-romanista ?

E'pois, com a mais viva satisfação que peço a V. Ex. acolha por si mesmo e apresente aos seus illustres

collegas, os quaes desde agora posso chamar tambem os meus, e especialmente aos meus padrinhos, a expressão do meu profundo reconhecimento da alta distincção com que honraram quem se lisonjeia de se subscrever de vós todos consocio e admirador infinitamente dedicado e obrigado — *Goran Bjorkman.*

Uma das manifestações da gentileza de G. Bjorkman foi a traducção seguin e que fez de uma poesia de João Ribeiro, um dos signatarios da proposta de sua eleição.

---

## BALLAD

(João Ribeiro.)

« Du far alltså, Dom Gil. Mod, àdle kampe!
Ditt soârmod, dina aningar du dàmpe.

« Kyss Dona Branca àn en gång, en sista!
Din blir hon, om àn hjàrtats pulsar brista. »

Men ve, den långa kyssen òfoerfòrde
Så mycket koal, som i hans sjàl sig ròrde,

Att denna enda kyss till sist fòrtàrde
Deu saf, som Dona Branca lif beskàrde.

Liksom eu plàck hoar dag 'den ut sig bredde,
Lifsom eu braud all fàgring bort den soulde.

Hoar àr Dom Gil? Hoad kan haus dròjsmål vålla,
Hoad kan så làuge honom uppehâlla?

Meu kyssen fortfor skoningslöst att hàrja,
Hoar wågou pierpier den fauw kinden fàrga.

Audtligen kommer så Dom Gil tillbaka.
Haw ropar lâugt ifrâu : « Kell dig, miu maka! »

Meu ingeio fauwd sig òppuar. « Adle kàmpe,
Strid nu diei stòrsta strid! Diu sorg dee dàmpe. . . »

Det var eu kyss blott; meu dess art sig sporde :
Blek som ett lik deu Dona Branca gjorde.

Göram Bjökman.

---

**PRATARIA "PRINCE"** egual á Prata
**DE MAPPIU & WEBB – LONDRES**
Casa Standard

# A CIDADE DO RIO DE JANEIRO EM 1826

(Dr. Souto Maior)

Servem os retratos tirados em varias épocas da vida de um individuo, não só para mais tarde lhe recordar os acontecimentos, mas tambem para apreciar nas diversas phases o progressivo crescimento e alteração physionomica ; para os paizes e cidades' as chronicas e descripções de viajantes' etc., teem identica utilidade.

Tendo lido uma das varias obras escriptas em hollandez, trazidas da Europa pelo Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva. — A viagem nas costas, oriental e occidental da America do Sul, do official da marinha hollandeza. Jacobus van Boe en, julguei de interesse para todos que conhecem o Rio moderno, com todos os seus melhoramentos, verem um pouco o Rio de 1826.

Com esse intuito traduzi um trecho do mesmo livro, isto é, da pagina 72 a 84, 1º tomo, em que se encontra a descripção acima.

Ha alguns erros e pontos duvidosos, que devem ser attribuidos ao pouco conhecimento da lingua portugueza, como por exemplo : quando se refere ao forte da Boa Viagem, chama-o da Boa ; e seria o pavilhão imperial, ao qual se referio, situado na Ponta do Calabouço ou na de S. Bento, ou haveria um em cada um desses sitios? O forte de S. Juan seria em Gragoatá ou noutro ponto?

Appellamos, para a elucidação dessas duvidas, á alta competencia do Dr. Vieira Fazenda.

De toda a fórma é o caso de darmos graças ao Omnipotente por haver-nos livrado de todos os males daquella época.

***

As casas do Rio de Janeiro são na sua maioria de mesquinhas dimensões, e as ruas por terem os esgotos pluviaes no centro, para onde as pedras mal calçadas formam rampas, tornam-se desagradaveis para se andar.

Pelos mesmos está quasi sempre correndo alguma agua, a qual com fortes chuvas póde engrossar e formar regatos.

E' incrivel o numero de igrejas alli existentes, encontrando-se uma em cada rua e em algumas muito mais nada poupam para a magnificencia dos seus templos, principalmente para a da Capella Imperial. O arsenal occupa uma estensa área, com os estabelecimentos annexos dos estaleiros imperiaes, situados na Ponta de S. Bento, no extremo norte da cidade, onde a bahia alcança grande largura, fazendo a costa uma curva, pela qual os botes navegam para S. Christovão.

Numa ponta oriental, Ponta do Calabouço, tem o Imperador um pavilhão de madeira, donde se aprecia uma bella vista de toda a extensão da bahia, especialmente da parte norte e das ilhotas alli situadas.

Esse pavilhão era especialmente destinado á familia imperial, para dalli assistir ao lançamento dos navios de guerra ao mar.

Durante a minha estada no Rio de Janeiro, vi uma bem construida

fragata e uma corveta, cahirem nagua.

A Opera Imperial é esplendidamente construida e preparada e é igual em tamanho ao Stads-Schouwburg de Amsterdam.

O camarote imperial está decorado com muito gosto e tem do mesmo modo que os outros e como as galerias superiores, balaustradas de ferro artisticamente feitas e abertas de cima

Rio. — A rua direita em 1825, segundo Rugendas (1825)

abaixo, de tal fórma que se póde nos espectaculos de gala, admirar as toilettes da cabeça aos pés. As operas e os bailados, para cuja sumptuosidade e belleza nada poupam, são executados por artistas italianos e merecem os maiores elogios.

A Alfandega com os seus competentes armazens forma um importante estabelecimento e está sendo sempre augmentada e melhorada.

Ha alli ao pé uma bella Bolsa ou Praça do Commercio, que o Imperador mandou fazer para a conveniencia dos negociantes.

Não é de admirar que prestem tanta

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

attenção aos negocios daquella repartição publica, pelas grandes rendas que fornece ao Estado.

Acontece não raramente que o Imperador em pessoa vai alli tomar contas aos principaes funccionarios e coitado do que foi negligente ou transgredio o regulamento. Sua Majestade não trepida em reprehendel-o franca e publicamente; mesmo me contaram que uma vez utilizou-se do chicote.

Ainda que os Portuguezes e principalmente os Brasileiros supportem com respeito o Governo severo do seu monarcha e das outras autoridades, não me posso, no emtanto, convencer que lhe dediquem mais affeição do que os extrangeiros; e posto que o povo que se apropriou desse bello paiz para povoal-o e governal-o, na sua maioria não se possa ufanar de grande moralidade no proceder, entretanto, despertou geral descontentamento e reprovação entre elles o manifesto abandono em que o Imperador deixava a esposa, a qual era estimada por todos pela sua intelligencia e doce caracter, não sómente dando preferencia em publico a uma certa marqueza, sua amante favorita, mas chegando mesmo a mandar-lhe edificar do outro lado da estrada um bello palacete, dando frente para o seu palacio de campo.

Quando o Imperador andava de carro, iam na frente e a pequena distancia, alguns batedores para recordarem por meio de chicotadas a todos sem excepção que cahissem na falta de não tirar o chapéo.

Isso não sómente vi mas quasi que eu proprio experimentei. Não raramente emprehendia Sua Majestade um passeio de carro, tirado a dous ou quatro cavallos, guiando-os elle mesmo como cocheiro; e ante essa alta recreação havia-se de fazer duas cousas-sahir do caminho e ficar com a cabeça descoberta. Ora, aconteceu numa occasião que o illustre personagem appareceu sem que eu o apercebesse na esquina da rua do Ouvidor e quasi que o chicote dum seu batedor cahio-me em cima, se não fosse o meu amigo, o Sr. Hendriks haver-me resguardado, tirando-me em tempo o chapéo.

Os principaes talentos de Sua Majestade eram os de picador e cocheiro; tanto os cavallos como os burros para a estrebaria imperial não eram experimentados e escolhidos por nenhuma outra pessoa senão pelo proprio Imperador.

Nas cercanias de S. Christovão vi o Principe experimentando uma parelha de burros num carro; não se distinguia naquelle momento qual era o monarcha, pois o vendedor estava sentado ao seu lado.

Durante a vida da Imperatriz não raras vezes e mesmo quasi diariamente podia-se encontrar o Imperador a cavallo, acompanhado da esposa.

Se um extrangeiro, passeiando de carro ou a cavallo avistasse o casal imperial, bastava-lhe fazer a simples cortezia de descobrir-se; mas os subditos do Imperador e os extrangeiros estabelecidos, além disso, deviam fazer parar os carros ou cavallos e desmontar; de sorte que via-se por todo o caminho gente da alta sociedade parada e agrupada junta aos cavallos e carruagens aguardando a passagem dos imperantes.

Quando eu com meu amigo D. faziamos um passeio a cavallo e encontravamos o trem imperial, naturalmente não me recusava ao uso estabelecido para os extrangeiros quanto a fazer

uma respeitosa saudação devida a Sua Majestade ; mas o meu amigo não ousava ficar montado, sendo, comtudo essa sua vassallagem de apeiar da maior inconveniencia para mim, porque, devido á sua corpulencia, via-me igualmente obrigado a desmontar para ajudar ao bom do Hollandez a cavalgar novamente.

Realmente é proprio dos Portuguezes e Brasileiros o orgulho ou a fraqueza de querer ostentar superioridade sobre os inferiores, exigindo até cahir no ridiculo que lhes satisfaçam a vaidade quanto a cumprimentos reverentes e distincções á sua presença. Quando por exemplo, depois de *atravesser* o portico, penetra-se na galeria da Alfandega, deve-se immediatamente ter o chapéo na mão, se não quizer ouvir as mais injuriosas ameaças daquelles mesmos funccionarios que talvez houvessem tido occasião de temer o chicote castigador do Imperador.

Todavia deve-se reconhecer que os Portuguezes e Brasileiros teem uma gentil polidez no trato, fazendo escrupuloso uso de mutua cortezia ; pelo que não posso occultar aqui o modo extremamente amavel com que fui acolhido por delicado convite do Sr. H. em varias casas ; assim como me recordo ainda com grande satifação dos agradaveis passeios que fizemos por mar para as pequenas ilhas, onde me offereceram o mais gracioso agasalho e tratamento.

Principalmente a ilha de Paquetá forneceu uma das mais agradaveis dessas excursões, tanto pela sua situação como por uma chacara proxima da praia, a qual visitámos e onde apreciámos o pomar, os passeios e especialmente o « labyrintho ».

Tambem passei uns dias na *Praia Grande*, numa quinta, cujo dono vivia da hospedagem em sua casa aos extrangeiros, especialmente capitães de navios ; para resumir direi que alli estava reunido tudo que esse paiz offerece de agradavel e aceitavel aos extrangeiros.

As fortificações, estabelecidas e montadas segundo o systema de construcção dos Portuguezes e Hespenhóes, são muito boas, mas geralmente mal conservadas.

Toda a defesa da bahia consiste de sete fortes principaes, dos quaes tres são situados do lado de léste e quatro no de oéste, de tal modo a concentrar cruzando a maxima força de sua artilharia com toda a possivel vantagem.

A entrada é defendida do lado de léste pelos fortes de *Santa Cruz*, de *S. João*, junto ao *Pão de Assucar* e da *Lage*, na ilha Quadrada ; emquanto que mais para dentro, do lado de oéste, estão os fortes : da *Boa*, num monte, e o de *S. Juan*, ambos em frente ao de *Villegaignon*, na ilha Redonda, e das baterias da cidade.

A fortaleza na ilha das Cobras serve mais para a detenção dos presos de Estado, dos quaes alguns devem alli permanecer durante annos, sem que venham a saber de que crimes são accusados e sem que possam obter audiencia ou inquerito.

Outros teem sorte ainda mais

**Casa Vacheron e Constantin. — GENÈVE**

**Primeiro logar** no Grande Concurso do conservatorio de Kew-Londres ou 94 1/2 pontos sobre 100; **1 1/2** ponto mais que qualquer outro fabricante.

triste, ficam na ilha Quadrada, numa masmorra humida, de cujas paredes mesmo verte agua ; nesse numero achou-se uma vez um velho da classe superior da sociedade, o qual mantinham encarcerado por causa do odio que entretinha e não dissimulava contra o Imperador.

A cidade do Rio é mal abastecida de agua potavel pela falta de poços ou fontes nas montanhas vizinhas.

Procuraram combater este mal tanto quanto possivel, construindo um solido aqueducto que se estende da montanha junto a Botafogo até á cidade, onde é distribuida em varios chafarizes.

Veem-se diariamente centenares de negros com baldes, reunidos junto aos chafarizes, esperando que chegue a sua vez de encher a vasilha ; para fiscalizar e manter a ordem nesse serviço está alli postado um policial.

Já descrevi antes o bello chafariz perto do cáes, ao lado do Palacio Imperial, de onde os navios se abastecem de agua.

Essas fontes teem em baixo uma grande bacia de pedra, na qual a gente baixa póde beber, mas é destinada especialmente a matar a sede dos animaes de carga — cavallos, burros, etc.

O aqueducto, que abastece todas essas fontes, tem cerca de tres milhas de extensão e repousa, através montes e valles, em cima de arcos construidos de pedra e cal, simples ou em duas ordens, sobrepostas, por debaixo dos quaes podem passar até carros.

Da praia póde-se gozar uma bella vista dessa obra prima de architectura.

A relaxação e a indolencia dos Portuguezes manifestam-se por toda parte, especialmente no jardim da cidade, ao ver-se o usual passeio — a alameda — feita realmente com muito gosto e que já está toda em ruinas ; o mesmo se nota em muitos edificios, aliás construidos a principio muito regularmente, mas mal acabados ou deixados incompletos e no emtanto já occupados.

As portas e janellas nas casas terreas teem ainda a velha rotula portugueza, *espiadeira* é como deveria ser denominada, por detrás da qual os criados espiam os transeuntes e não raras vezes veem á rua fazer qualquer traição ; de sorte que ao passar deve-se ter cautela em não se approximar muito dellas, especialmente á tarde.

Não ha segurança para os extrangeiros á tarde e ainda menos á noite posto que rondem frequentemente patrulhas a cavallo e a pé, comtudo não se póde confiar muito nessas.

Calculava-se a população do Rio de Janeiro em 1826 nuns 150.000 habitantes, dos quaes dous terços eram negros escravos ; ora esses, tanto pelo augmento natural como pela entrada de uns 15.000 a 20.000 por anno até prohibição do trafico na Costa da Africa, devem ter em 1830 numero dobrado.

Esses negros fazem todo o serviço dentro e fóra de casa ; e, além disso, muitos Brasileiros obteem rendimentos alugando-os ou mandando-os vender artigos e generos alimenticios em taboleiros ou miudezas em caixas aos pescadores, passageiros e nos barcos de recreio, etc., sendo os mesmos obrigados a trazer á casa dos senhores uma certa quantia e se faltarem a isso são castigados sem piedade, como fui testemunha por mais de uma vez.

Veem-se durante o dia esses infelizes em movimento lutando uns com

os outros pelo ganho, emquanto os chamados (sciu !) vão lhes silvando continuamente aos ouvidos.

No pelourinho, perto do telegrapho, são elles levados diariamente em grande numero e pela descripção que me fizeram das barbaridades alli commettidas contra os escravos, homens ou mulheres, perdi toda a vontade de ir presenciar com os meus proprios olhos.

Foi-me asseverado por varias pessoas que alli durante o castigo chegava a correr sangue das feridas desses desgraçados.

Ainda que aqui lastimemos essas pobres victimas da crueldade humana pelos máos tratos que lhes infligem os senhores, não é menos verdade, no emtanto, que por mais que esse povo original soffra, na sua opinião, conforme declaram, não lhes podem fazer maior mal do que reconduzil-os ao seu paiz, e mesmo principes e princezas dentre elles preferem a escravidão a voltar para a Africa : o que prova que, considerando-se pelo conjunto, a sua sorte de escravidão não é tão triste como muitos talvez julguem.

Uma outra notavel singularidade é que ainda que soffram como companheiros e igualmente a sorte aviltante de escravidão, manteem rigorosamente entre si as distincções de classe e a consideração devida aos superiores ; assim, por exemplo, sempre que os inferiores se approximam e fallam com os principes, princezas e outras pessoas de alto nascimento é com o maior respeito e prestando-lhes todas as attenções.

Entretanto convém desconfiar delles em todos os tempos, pois, obrigados como são pelos senhores a lhes entregar uma certa quantia diaria, procuram arranjal-a por qualquer meio; e ha varios casos de virarem as canoas com que iam á tarde ou á noite levar passageiros a bordo, afogando-os para roubal-os.

Tambem se deixam corromper para matar traiçoeiramente a um inimigo de qualquer pessoa ; depois de darem a palavra para esse fim, cumprem tão fielmente que o proprio mandante não póde mais impedil-o da execução, pois a sua religião lh'o prohibe.

Sei de um negro, a quem idéas supersticiosas impediram de quebrar o compromisso, apezar do mandante haver se arrependido e querer evitar o crime ; só os seus padres podem desligal-os do juramento pelas necessarias ceremonias, fazel-o abjurar o compromisso da empreza sobre uma pedra que esteve num canto de rua.

O grande numero de padres e de ecclesiasticos exerce no Rio de Janeiro até agora um como que poder irresistivel ; e a grande quantidade de dias santos torna o despacho dos negocios e transacções interminavel, especialmente quando se tem de tratar com o Governo.

Ainda que o Rio de Janeiro, á vista da discripção acima pareça offerecer uma das mais agradaveis residencias, torna-se, todavia, pelo insupportavel calor do sol e pela evaporação pestilencial da cidade, um máo lugar para se morar.

A' tarde, após o pôr do sol e até

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

alta noite, vê-se por todas as ruas, negros sahirem das casas, carregando á cabeça barris contendo materias fecaes, que vão despejar na praia.

Um dos primeiros conselhos, que se deve dar aos amigos que chegam ao Rio de Janeiro, é que devem evitar absolutamente o encontro áquella hora com os taes carregadores.

Na casa do meu amigo H., situada perto da praia, e da qual se tinha uma bella vista do porto e da bahia, não podiamos por esse motivo ficar da parte de fóra ; e tão insupportavel era o máo cheiro que até nos viamos obrigados a conservar fechadas as janellas, privando-nos de gozar a agradavel frescura da noite, após um dia de calor.

O valor do commercio do Rio de Janeiro está em proporção ao da sua navegação e se estende a todas as regiões do mundo, especialmente a Europa.

Os artigos mais importantes recebidos de Portugal continuam sendo vinhos, azeites e o sal das ilhas de Cabo Verde.

A navegação entre a China e o Brasil, que no tempo de minha estada era feita exclusivamente por Portuguêzes, continuará provavelmente nas suas mãos, pela vantagem que lhes dá, a posse de Macáo sobre as outras nações ; tambem o commercio do Brasil com Malabar e especialmente com as principaes possessões portuguezas, Goa, Benguela e Moçambique é entretido por navios daquella nacionalidade, entretanto, já vi, perto do Cabo da Boa Esperança, assim como em Valparaizo, navios navegando com a bandeira brasileira e com destino a Moçambique.

Navegação mais constante tem o Brasil na costa occidental da Africa, quasi exclusivamente para o trafico de escravos alli feito.

Os navios empregados para esse fim são escunas muito ligeiras ou outros navios igualmente pequenos, que muitas vezes vi chegarem daquella costa ao Rio de Janeiro, levando como carga uma multidão amontoada de escravos.

Contaram-me que quando esses navios são perseguidos por navios de guerra inglezes, francezes e de outras nações, atiram os negros ao mar para fazerem desaparecer as provas do seu trafico e assim escaparem de perder os navios, pois os barcos negreiros são tomados como presas e os seus tripolantes punidos.

Essa gente deve ser perseguida com rigor e agora mais do que dantes porque não podendo fazer desembaraçadamente o trafico de escravos é provavel que se entreguem á pirataria como se póde julgar pelos exemplos de todas as sortes de pilhagem que commetteram nos ultimos annos na costa de Guiné e nas Antilhas.

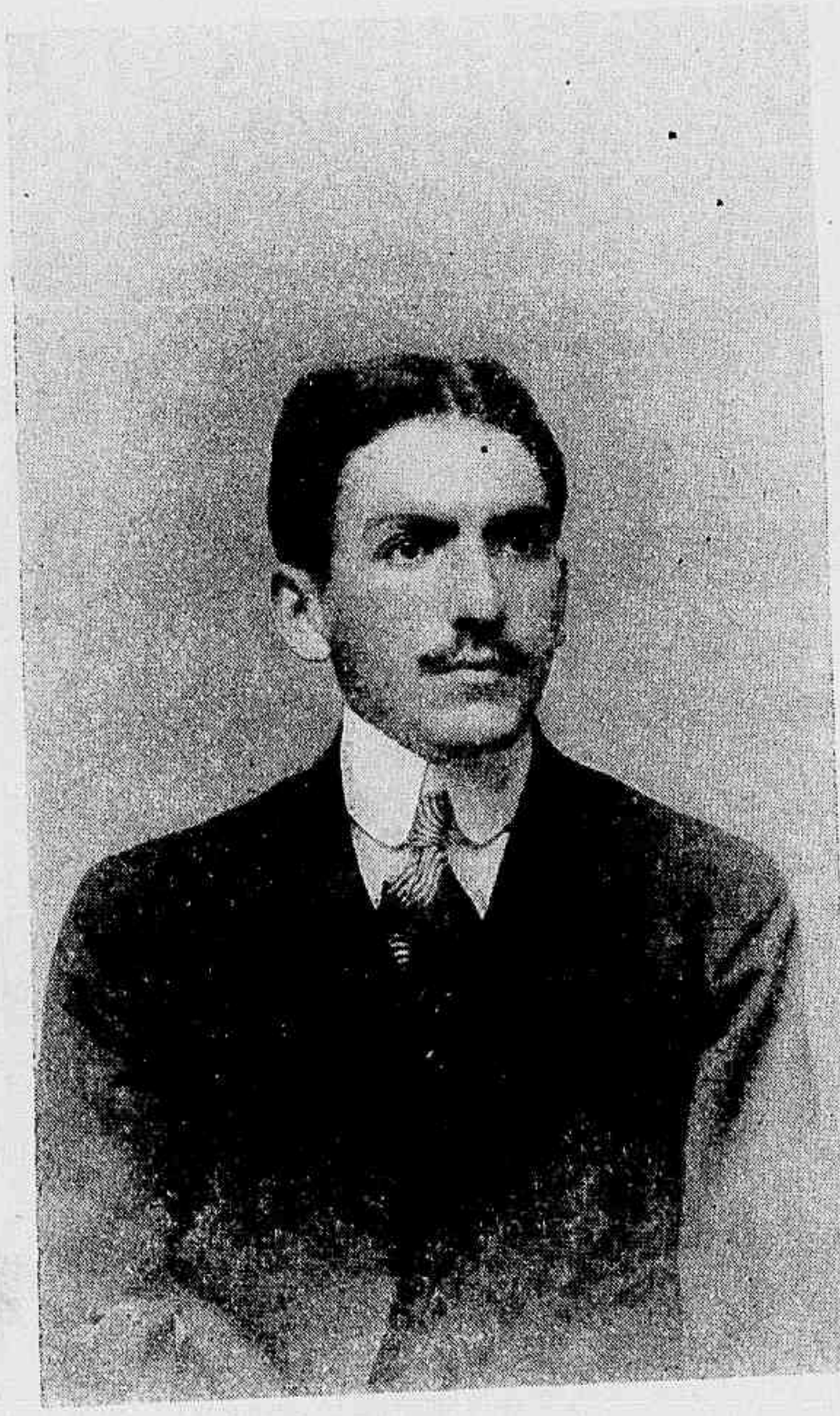
Os lugares na costa da Africa, onde os Brasileiros costumam fazer o trafico de escravos, são o rio *Dande*, á possessão portugueza mais ao norte, á 8º 38' S., *S. Paulo de Loanda*, capital do reino e costa de Angola e uma das mais prosperas cidades e S. Philippe de Benguela.

Basta passar a vista de relance sobre as differentes raças dos Negros no Rio de Janeiro para notar-se que o trafico se fazia ao longo da costa norte das possessões portuguezas, taes como : Ambriz, Zahir ou rio Congo, bahia de Loango, Rio Gabor e Rio de Angra, e tambem nas Costas do Ouro e do Marfim.

(Extr.)

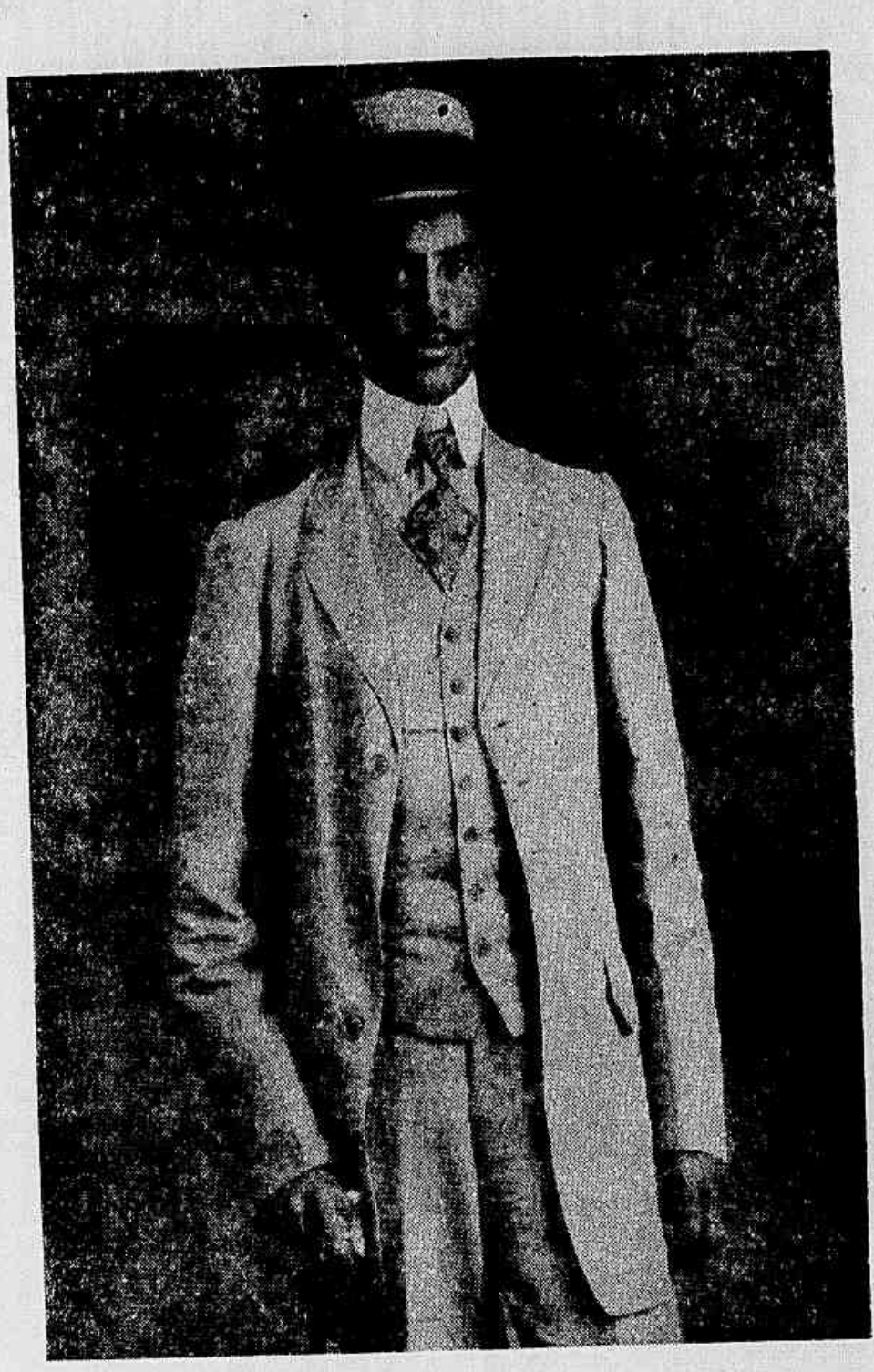
# Auctores premiados nos concursos literarios de 1910-11

Em outra secção do *Almanaque* d'este anno publicamos os trabalhos premiados nos concursos de 1910, julgados em fevereiro de 1911, Aqui, damos os retratos dos auctores premiados : João Caval-

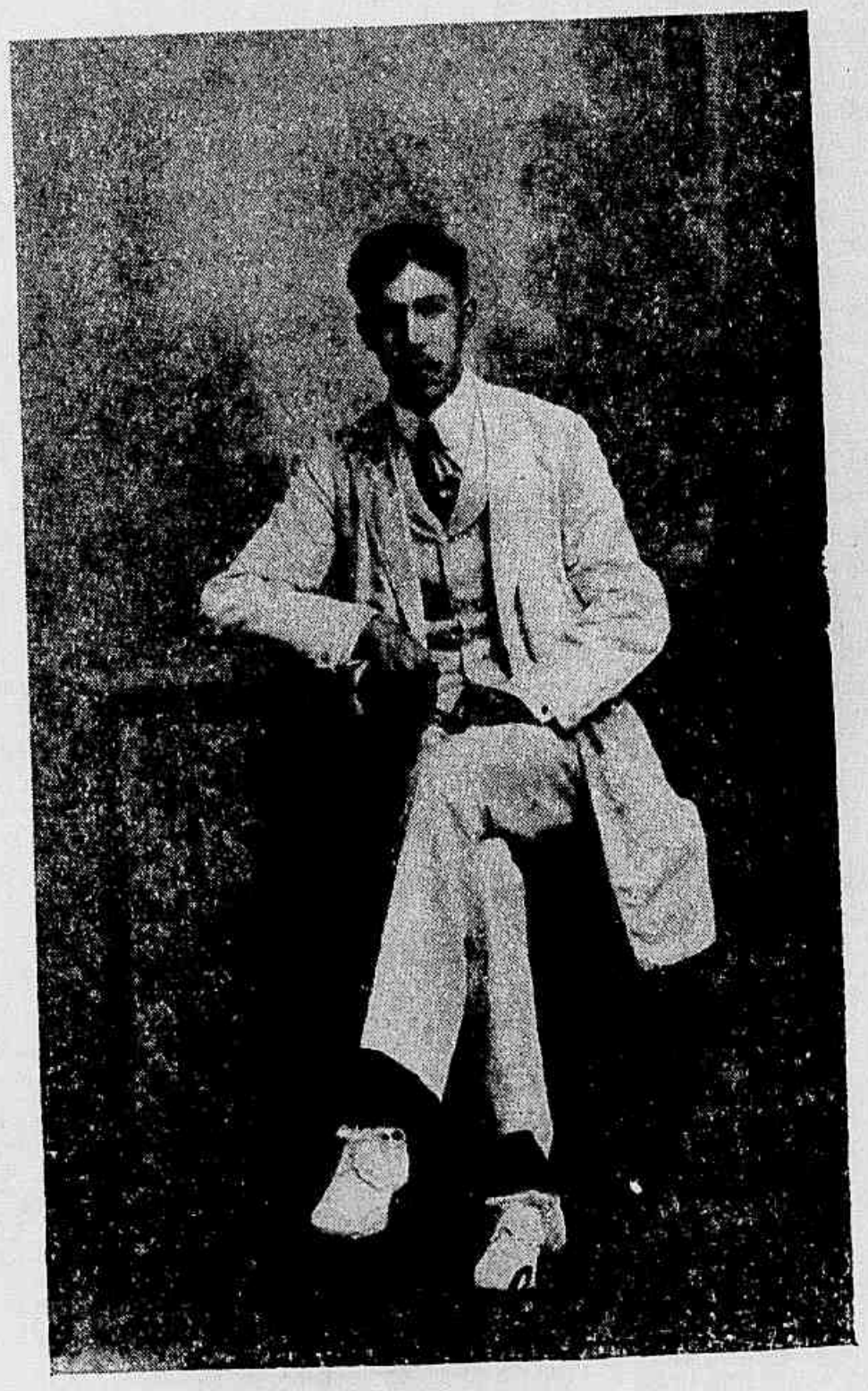


J.-C. Carneiro Monteiro, 1.º premio, prosa.

canti Carneiro Monteiro, Cesar de Castro, Vinicio da Veiga. Os dois primeiros tiveram os premios dos dois concursos de prosa; o ultimo, o premio de poesia. No lugar devido, anteriormente, demos noticia circumstanciada dos concursos, inclusive das composições que não poderam ser contempladas por terem chegado ás nossas mãos quando já instituido o julgamento.



Cesar de Castro, 1.º premio, prosa.



Vinicio da Veiga, 1.º premio, poesia.

# Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

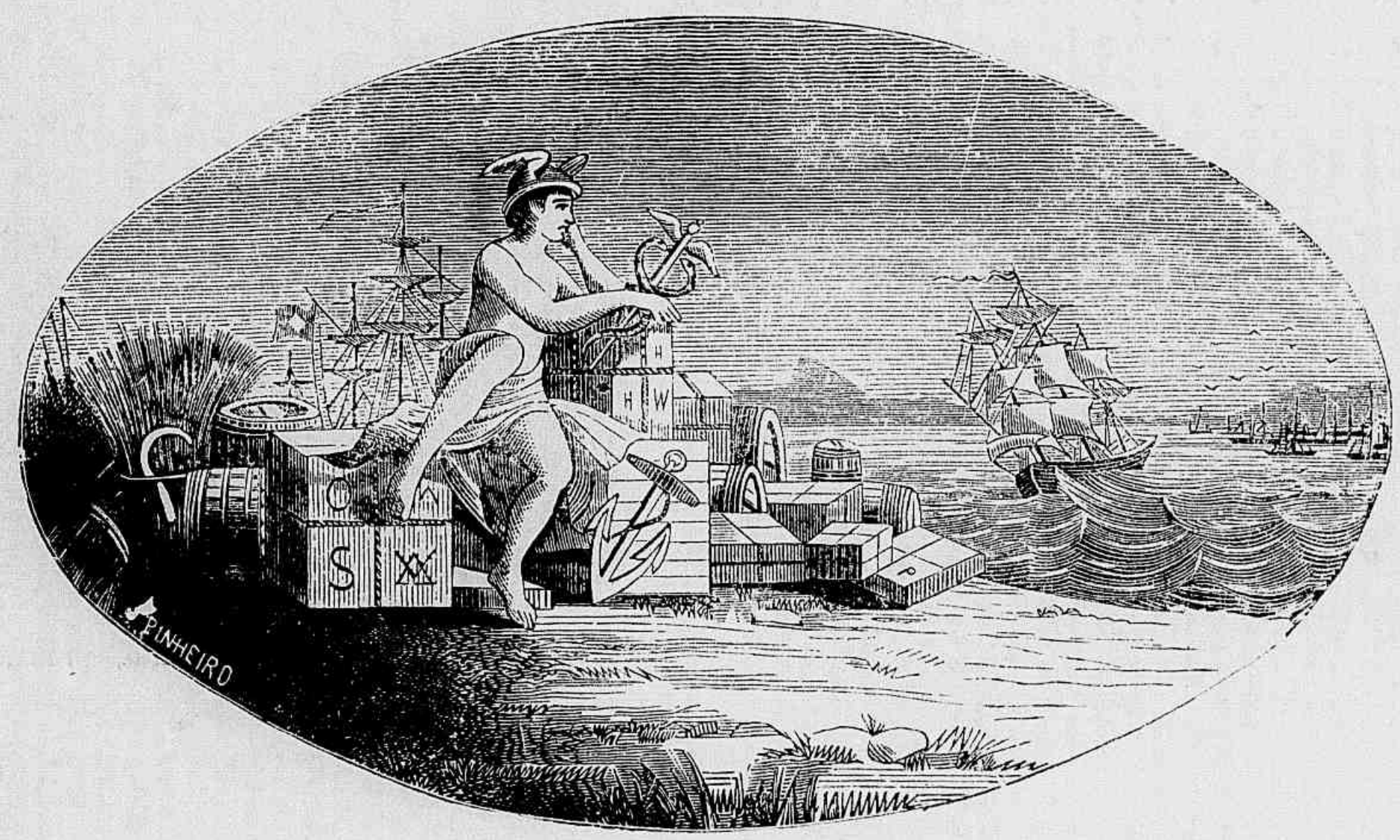
# PREVIDENTE

**Fundada em 1872**

**SÉDE NO RIO DE JANEIRO : Rua 1º de Março, 49, 1º andar**

***EDIFICIO PROPRIO***

**Agencias em S. PAULO e SANTOS**




**Balanço de 31 de Dezembro de 1910 :**

| | |
|---|---|
| Capital integralisado. . . . . | 2.000.000$000 |
| Fundo de reserva, lucros ao semestre seguinte e fundos disponiveis . . . . | 1.347.033$610 |
| Predios e Apolices de sua propriedade. . . . . | 2.600.000$000 |
| Deposito no Thesouro. . . . . | 200.000$000 |

| | |
|---|---|
| Valores segurados desde a fundação . . . . . | 3.650.596.482$423 |
| Indemnisações pagas . . . . . | 7.256.831$050 |
| Dividendos distribuidos. . . . . | 2.669.500$000 |
| Levou a credito do capital social. . . . . | 1.750.000$000 |

## DIRECTORIA :

**Commendador JOÃO ALVES AFFONSO ;**
**Conselheiro CAETANO PINHEIRO DA FONSECA;**
**BERNARDO PIRES VELLOSO SOBRINHO.**

## CONSELHO FISCAL :

**Commendador JOSÉ ANTONIO SOARES PEREIRA.**
**ANTONIO GUIMARÃES.**
**RODRIGO VENANCIO DA ROCHA VIANNA.**

# OVIDEADANAS

OVIDEANAS é o titulo de um volume postumo do Dr. José Candido de LACERDA COUTINHO.

E' um poema de inspiração classica analogo ás *Metamorphoses de Ovidio*.

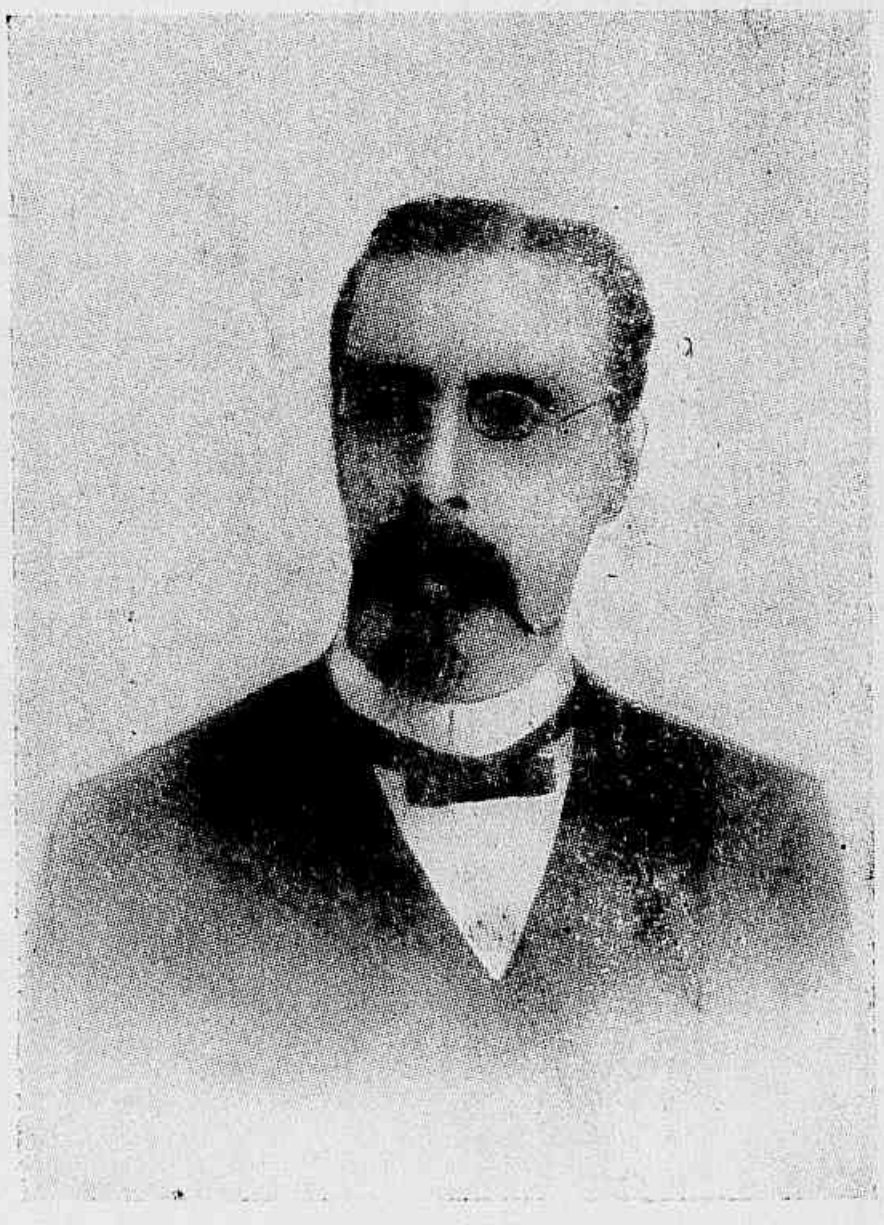
Apparecendo n'este momento ultra-romantico produz uma diversão salutar contra o diluvio de falso mysticismo da actualidade.

São paginas tersas, brilhantes, de impeccavel correcção de forma ao mesmo tempo cheias de ironia e de graça e de chiste que não prejudicam a esthetica severa e classica do poema.

Espirito sempre modestissimo e discreto não é o autor um nome familiar á geração nova ; mas d'elle tem perfeita memoria os que conheceram a sua erudição notavel, a sua graça pessoal que era extrema, os seus ditos e, as paginas que só ás occultas mostrava aos que mais se acercavam na sua difficil intimidade (1).

O Dr. José Candido de Lacerda Coutinho nasceu na antiga provincia de Santa Catharina, na cidade do Desterro (Florianopolis) a 15 de dezembro de 1842.

Foi educado pelos jesuitas onde desde logo bebeu os elementos da instrucção classica e apurou a predilecção pela literatura latina de que veiu a tornar-se um fino conhecedor quando o tempo lhe deu o ensejo de



DR. LACERDA COUTINHO.

formar a vasta e solida erudição da antiguidade.

Vindo para o Rio, em 1862, começou o curso de medicina, e ainda não terminado este foram os seus serviços technicos aproveitados na campanha do Paraguay onde ganhou grandes distincções, postos militares e medalhas em reconhecimento dos seus meritos e dedicação.

De volta, foi funccionario publico, jornalista collaborador assiduo da

(1) Do auctor só existiam publicados o bello poemeto *Greenhalgh* 1866 (2ª ad. 1901, com prefacio de Araripe Junior, ed. postuma) a comedia. *Quem desdenha quer comprar* (duas ed.), as *Ovideanas* e varias obras poeticas e dramaticas até agora inéditas. Varias traducções de romances francezes foram publicadas na imprensa do Rio de Janeiro.

**A casa Vacheron e Constantin de GENÈVE**

no ultimo concurso do Conservatorio de Genève obteve os **3 primeiros premios** de **CHRONOMÈTRES**

imprensa (*Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias, Mosquito*, etc.).

Dotado de fino espirito e leve humorismo, por vezes caustico e mordaz, entretanto era a sua alma boa, generosa e caritativa por excellencia e a tal ponto que da sua extensa clinica de medico nada auferia e nem queria auferir contentando-se com le-

**Cybeles.**

A Bôa-Deosa, repousando as fórmas... em commodo sofá se repotrêa.
(*No Olympo*, P. I., v. 282.)

var o conforto e o lenitivo ou a esperança aos corações dos que soffriam. Fez, assim, grande numero de amigos entre os pobres que soccorria com o seu saber e caridade christã.

Mau grado das suas predilecções literarias e da sua inclinação para a vida intima no lar feliz e vivificado pela alegria dos filhos, o Dr. Lacerda Coutinho teve que entrar nas agitações da vida politica, que afinal terminou honrando altos lugares da administração.

Das suas notas biographicas sabemos que foi :

Deputado Provincial na antiga Provincia de Santa Catharina durante uma legislatura; Deputado Federal de 1890 a 1894, pelo Estado de Santa Catharina, assignando a constituição da Republica, em 1891.

Nomeado 2º official da Secretaria de Instrucção Publica, Correios e Telegraphos, em 9 de Maio de 1890 ; nomeado Director de Secção da mesma Secretaria, em 2 de Maio de 1891 ; designado para substituir o Director Geral da mesma Secretaria em suas faltas e impedimentos por portaria de 11 de Janeiro de 1893, sendo essa portaria novamente confirmada, pela de 12 de Novembro de 1895 ; nomeado pelo Conselheiro Rodrigues Alves em 1895, quando Ministro da Fazenda, Presidente da Commissão Examinadora dos concursos para os empregados d'aquelle Ministerio, sendo elogiados os seus serviços.

Falleceu este grande servidor da patria e grande intellectual, em sua residencia á Praia do Retiro Saudozo nº 17, em 2 de Novembro de 1900, deixando immersos em saudade a familia, os amigos e admiradores.

Em 5 de Novembro de 1900, o deputado federal Francisco Tolentino requeria que fosse lançado em acta um voto de profundo pezar pelo seu passamento, sendo approvado unanimemente depois de longo discurso do mesmo deputado, que salientou os seus serviços como medico dedicado e esmoler, como funccionario exemplar e competente, como politico que honrou o seu Estado durante o tempo em que fez parte do Congresso Nacional e como litterato conceituado e *poeta mavioso*.

Eis ahi em breves traços (1) a biographia d'esse nobre espirito que as OVIDEANAS fazem de novo resurgir a memoria por um dos seus aspectos mais brilhantes e caracteristicos.

N'esse poema inspirado em Ovidio, como diz o titulo, mas inteiramente original pela forma e pela substancia, ha quadros de lavor classico, hoje mais que raro, desconhecido na literatura contemporanea.

Lembra-nos Castilho pela impeccavel correcção da forma, quanto aos modernos. Quantos aos antigos, a simplicidade de Hesiodo, a maneira livre do Venusino, o tom erotico de Catullo ahi se congraçam com a doçura pastoril de Virgílio. Sente-se nos versos de Lacerda Coutinho toda a cultura da poesia latina no ser aureo periodo de Augusto, inteiramente assimilada e incorporada ao seu espirito, sem erudição futil e indigesta.

Era, pois, natural que apresentasse alguns laivos da sensualidade da lascivia romana da epoca em que essas desenvolturas estavam nos mesmos costumes. Assim resuscitadas podem ferir a pudicicia de algumas almas ingenuas e foi de certo, antevendo o rigoroso juizo dos contemporaneos, que Lacerda Coutinho guardou ineditas as paginas do seu poema.

Em verdade, ha ahi quadros eroticos pinturas profundamente voluptuosas, mas de tão fino lavor esthetico que só pode perdoar ao poeta as demasias e as cruezas de tintas com que tão vivamente coloriu a libertinagem pagã do Olympo e dos deuses antigos.

(1) Que solicitamos do seu illustre filho, o engenheiro que continua a tradição do nome paterno.

O mesmo escrupulo que teve o poeta em não deixar que vissem a luz as suas paginas, agora tambem nos obriga a não dar aqui as transcripções mais caracteristicas. E melhor é supprimil-as que lhes dar a substituição de trechos incolores ou menos proprios.

**Ceres.**

... a mãe de Proserpirna, que, nos plasticos dotes, opulentos, de belleza aldeã, transpira o ar puro dos campos . . . . . .
e a saude, a alegria, o viço, a força da vida campesina . . . . . .

(*No Olympo*. P. I. v. 351.)

Nem por isso os leitores de bom gosto terão qualquer damno se quizerem saborear as novas *Metamorphoses* na belleza original do livro cujas paginas, ao demais, foram bellamente illustradas de gravuras e desenhos de Raul Pederneiras.

# Santo Antonio, Soldado do Exercito

Desde o seculo XVII, o santo portuguez achà-se alistado no exercito. D. Affonso VI mandou-lhe assentar praça n'um corpo de infanteria do Algarve (Lagos); e D. Pedro II promoveu-o a capitão com o respectivo soldo que revertia em favor do cofre do mesmo regimento.

Por occasião do alistamento Jeronymo Bahia, poeta cortezão, compoz umas decimas dedicadas ao monarcha, em que, referindo-se ao santo, dizia entre outras cousas o seguinte :

Tíngirá, côrtando vídas
De vermelho o burel pardo,
E com impeto galhardo
Triumphando em todo o rísco,
Posto que é frade *Francisco*
Brígará como um *Bernardo*.

Só dois seculos depois foi o santo promovido a coronel, no Brasil, por D. João VI, em 1814. Eis a sua patente :

« D. João etc. Faço saber aos que esta minha carta patente virem que sendo da minha particular devoção o glorioso SANTO ANTONIO, a quem o povo d'esta côrte incessamente e com a maior fé dedica os seus votos, e tendo o ceu abençoado os esforços dos meus exercitos, com a paz que se dignou conceder á monarchia portugueza, crendo eu piamente que a efficaz intercessão do mesmo santo tem concorrido para tão felizes resultados : Hei por bem se eleve ao posto de tenente coronel de infanteria, e com elle haverá o respectivo soldo, que lhe será pago na forma das minhas reaes ordens, pelo que o marechal de campo *Ricardo Xaxier Cabral da Cunha*, que na qualidade de ajudante general e encarregado interinamente do commando das armas d'esta côrte e capitania, assim o cumpra; e o soldo referido se assentará nos livros a que pertencer, para lhe ser pago em seus devidos tempos.

Em firmeza do que lhe mandei passar carta, por mim assignada e sellada com o sello de minhas armas. Dada n'esta cidade do Rio de Janeiro, aos 31 dias do mez de agosto do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1814. O principe com guarda. *Gaspar José de Mattos Ferreira e Lucena — José Caetano de Lima.* »

Santo honestissimo a desprotegido levou tres seculos para chegar a coronel de infanteria... Se fosse hoje!

Os arabes fizeram a seguinte observação : *o dinheiro emprestado vai rindo, mas volta chorando.*

E' bem observado apenas o choro da volta é muito mais raro que o riso da partida.

# BERSANE

Viveu Bersane Leite muito tempo no Brasil e é provavel que em Minas Geraes ainda se possam deparar inéditos d'este poeta.

Antonio Bersane Leite era conhecido, sobretudo por ter sido amigo e companheiro de Bocage. Nasceu em Lisboa, e foi escrivão superintendente das decimas na freguezia de Bucellas e nas annexas. Deixou ficar apenas algumas poesias dispersas pelo *Almanach das Musas* e pelo *Romancista*, e á parte só imprimiu umas *Quadras glosadas*, e dois elogios dramaticos, *União venturosa* e a *Verdade triumphante*, ambos no Rio de Janeiro para onde partiu em 1807 com a familia real, indo morrer a Minas depois de proclamada a independencia do Brasil.

Bressane Leite ou Bersane Leite, como elle de preferencia se assignava, foi como dissemos, amigo intimo de Bocage e era elle o possuidor do celebre canapé que mereceu as honras de uma quadra de Bocage. No tiroteio de quadras que se trocou por occasião da historia de Bocage, não ficou Bersane Leite vencido apesar de ser terrivel o contendor.

O caso passou-se do seguinte modo. Estava Bersane Leite a fazer a barba quando entrou Bocage, que trazia uns calções novos. Sentou-se n'um canapé velhissimo que havia em casa, e, quando se levantou, prenderam-se-lhe os calções n'um prego do canapé. Cheio de indignação, voltou-se para o impassivel movel deu-lhe uma descompostura solemne :

— Que vergonha ! exclamou Bersane Leite. N'um caso tão solemne uma descompostura em prosa ! E, para dar exemplo, voltou-se para o canapé e exclamou :

Fugia do incendio de Troia,
Lá d'esse incendio voraz
Enéas com o pae ás costas
E o moço com aquillo atraz.

— No cerco de Troya ! tornou Bocage, ora adeus !

Inda antes de haver mundo
E antes de haver Adões,
Já elle tinha o preguinho
Com que rasgava os calções.

— Foi então que Bocage proferio, para pôr termo ao tiroteio, a celebre quadra :

Quando a velha antiguidade
Aqui n'esta casa entrou,
Disse a este canapè
Sua benção, meu avô.

BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

# PERNAMBUCO

A linda cidade do norte tão descurada e estragada pela mão do homem vae agora resurgir na ampla belleza da sua topographia excepcional, entre o oceano, os recifes e os caudalosos rios e lagos dão a physionomia sumptuaria de um parque. Faltam-lhe os jardins, as pontes, as ruas largas e arborizadas, as rampas de beira-rio saneadas e relvadas de gramma. Um programma de transformação da linda Veneza americana que é circumstancia de peso nos paizes americanos, a primeira escola e o primeiro aspecto do Brazil, poderia ser realizado com estudado plano, senão rapidamente como no Rio, ao menos pouco a pouco como foi o caso e ainda o é de S. Paulo que continua a tradição de bèlleza começada com Antonio Prado.

Agora mesmo, o primeiro dia de 1911 marca uma phase decisiva na reconstrucção do Recife. A 1º de Janeiro foi inaugurado o eixo da *Avenida Central* pernambucana.

Essa importante obra, cuja direcção está confiada á competencia technica dos engenheiros civis Manoel Tapajoz e Adhemar de Moraes, representa a sequencia dos remodelamentos do Recife que, a continuar assim, occupará brevemente o logar em destaque entre as outras cidades do Brazil.

A Avenida, em sua maior extensão terá 265 metros, distancia essa que vae do largo proximo á ponte Buarque de Macedo á praça Santos Dumont.

A largura da nova arteria será de 24 metros, incluindo os dois passeios cada um dos quaes terá cinco metros.

Todos os predios situados na Avenida deverão ter pelo menos tres pavimentos e as fachadas destes não poderão ter menos de sete metros.

Ao longo da Avenida serão collocados 19 combustores para luz electrica, tendo cada um cinco focos de cento e dez velas.

Além disso, serão collocados doze bancos duplos que serão entremeados por 56 arvores destinadas a sombreal-os.

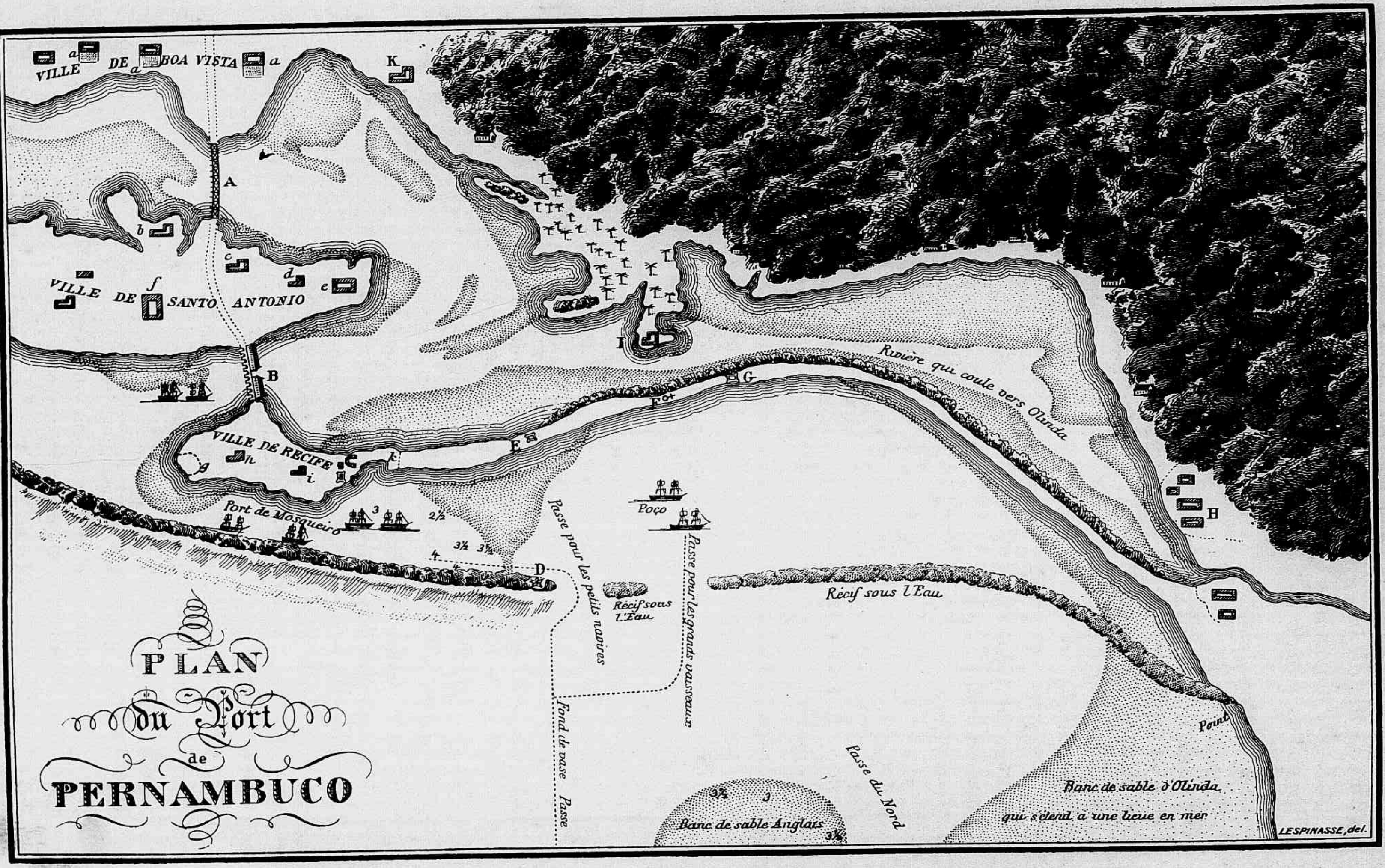
O calçamento será de um typo especial, constituido por pequenos parallélipipedos, semelhantes aos da ponte Buarque de Macedo.

O largo situado á descida da ponte e entrada da nova arteria, será transformado em uma bonita praça que para isso receberá dois focos, 10 arvores e dois bancos duplos, tudo semelhante aos da Avenida.

Comtudo, esse grande melhoramento será apenas parcial e incompleto se não fôr seguido de outros, e, dentre estes, sobresae estheticamente o aformoseamento das margens dos dois grandes rios da cidade que devem ser regularizadas, arborizadas e livres de predios que n'ellas descambam até o pé d'agua com grande escandalo do bom gosto....

Outra coisa. Pernambuco deve, ao menos, dos seus bellos logradouros expellir sem treguas o chamado *mestre de obras*, vergonha da edificação das nossas cidades provincianas, e mesmo da nossa capital.

Ajuntamos a este artigo uma curiosidade expressiva, a da carta do porto de Pernambuco segundo o antigo viajante Koster, do tempo de D. João VI. E' do-




# PLAN du Port de PERNAMBUCO

cumento cartographico de valor historico como os que publicamos no annuario passado do Rio de Janeiro. Não é um plano propriamente de Pernambuco que já era cidade importante e populosa na primeira decada do seculo XIX.

Damos os *renvois* da carta, na edição francesa de 1818 (Paris, Delaunay :

A. Pont de Boa-Vista.
B. Pont de Récife.
C. Fort de Bom-Jésus.
D. Fort Picam.
E. Fort Brum.
F. Croix de Patram
G. Fort Buraco.

H. Village d'Arrombados.
I. Église de Santo-Amaro.
K. Jérusalem.

a. Maisons et jardins.
b. Couvent des Carmélites.
c. Eglise du St-Sacrement (paroisse).
d. Couvent des Franciscains.
e. La trésorerie.
f. Le palais.
g. Le quai au coton. autrement nommé *forte do mato.*
h. Couvent de la Mère de Dieu.
i. Église de *Corpo-Santo* (paroisse).
k. Intendance de la marine et quai du roi (chantier).

As *Viagens* de H. KOSTER na parte septentrional do Brazil foram realizadas no periodo de 1809 a 1815, e constituem um dos livros mais interessantes d'esta época sobre o Brazil.

## A—E—I—O—U

Manhã de primavera. Quem não pensa
Em doce amor e quem amará!
Começa a vida. A luz do céo é immensa.
A adolescencia é toda sonhos. A.

O luar erra nas almas. Continúa
O mesmo sonho de ouro, a mesma fé.
Olhos que vemos sob a luz da lua...
A mocidade é toda lirios. E.

Descamba o sol nas purpuras do occaso
As rosas morrem. Como é triste aqui
O fado incerto, os vendavaes do acaso...
Marulha o pranto pelas faces. I.

A noite tomba. O outomno chega. As flores
Penderam murchas. Tudo, tudo é pó.
Não mais beijos de amor, não mais amores...
Oh! sons de sinos a finados! O.

Abre-se a cova. Lutulenta e lenta,
A morte vem. Consoladora és tu!
Sudarios rôtos na mansão poeirenta...
Craneos e tibias de defuntos. U.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS.

# O primeiro Caminho para as Minas de Cuyabá

(Dr. Gentil de Assis Moura)

A chegada a S. Paulo de Antonio Antunes Maciel, trazendo noticias da riqueza das minas que acabavam de ser descobertas no sertão dos Aripoconés, devia ter enchido de satisfação o espirito aventureiro dos paulistas daquella época.

Bastou-lhe mencionar as tres oitavas de ouro, extrahidas em duas horas com o auxilio do cano de uma espingarda, em falta de alavanca e de um prato de páu — á guisa de bateia — para mostrar a riqueza da região e engendrar os sonhos dourados que sabem ter os ambiciosos.

Pouco importavam ao paulista destemeroso, o numero consideravel e a bravura dos Arocoponés, cuja valentia sobrepujára a da bandeira chefiada por Paschoal Moreira Cabral que elles derrotaram matando cinco pessoas e ferindo outras quatorze, que foram conduzidas em rêdes para o arraial recem-fundado á margem da Fortuna tanto aos que já tinham abastança como aos que nada possuiam.

A febre da partida e o desejo do desconhecido apoderaram-se de todos, dando lugar ao exodo de uma parte da população da Capitania em monções que seguidamente partiam, chefiadas pelos homens abastados e onde seguiam tambem os desprovidos de recursos, mas que em parceria com os escravos dos bandeirantes, iam aventurar sob suas ordens.

Braz Mendes, Antonio de Almeida Lara, Gaspar Moreira e Jacintho Lopes, cidadãos de fortuna, consideração e prestigio na Capitania, embarcavam para ir trabalhar junto a Fernando Dias Falcão, os irmãos Leme, Sebastião e Miguel Sutil Domingos Rodrigues do Prado e Antonio Pires de Campos, que sob a direcção de Paschoal Moreira Cabral tinham sido os pioneiros do descoberto e a quem num excesso de liberalismo contrario ás normas coloniaes tinham eleito seu capitão mór.

Não havia peias que pudessem impedir os intrepidos bandeirantes no seu delirio de descobrimentos, no seu sonho de conquista do ouro — porque o ouro naquelle tempo, não bastava ser ganho, precisava ser conquistado — de seguir para o sertão.

A distancia a vencer, os males a soffrer, a impetuosidade dos rios a transpor e a valentia dos indios a arrostar, não eram bastantes para atalhar a febre da partida.

As monções compostas de grandes canôas com capacidade para quinhentas arrobas, largavam seguidamente de Araritaguaba, cheias de gente e cargas, para depois de um percurso de cerca de quinhentas e trinta

CASA STANDARD
CLUBS
DE FAMA MUNDIAL

leguas chegarem em fim ao termo da jornada.

Só o Tieté com o seu curso tão cheio de embaraços, bastava para desanimar outro que não o bandeirante cujo temperamento lutador estava enrigecido com dois seculos de conquistas!

Eram cento e cincoenta e duas leguas a vencer até a barra do Paraná ou Rio Grande como o chamavam, mas nessa extensão a viagem era a cada passo embargada por cachoeiras que em numero de trinta e seis tinham de transpor e dois saltos a varar. Era « o que se póde dizer sem encarecimento, que todo elle é uma continua cachoeira, pois donde as não tem, suppôem as itaipavas, que são baixios de pedrarias e alguns perigosos. » (1).

Nesses passos, o trabalho além de insano era arriscadissimo.

Nas cachoeiras as canôas desciam presas por cordas que as desviavam dos rochedos para onde a impetuosidade da corrente as impellia, emquanto que as cargas eram carregadas pelas margens nos hombros dos tripolantes. Nos baixios, arrastadas por todo o pessoal que dentro dagua, após inauditos esforços conseguia transpôl-os e onde não raro era ver-se alguem ser arrebatado pela correnteza e perecer afogado ou então emborcar-se a canôa e perder-se toda a carga.

Nos saltos era forçada a varação; as canôas eram arrastadas por terra em Avanhandava e Itapura.

Depois do Tieté, vinha o Paraná, sem outro accidente senão o rebojo de Jupiá, mas onde ás vezes as canôas soffriam o risco de sossobrar nas ondas que o vento sul suspende quando sopra.

(1) Brigadeiro Sá e Faria, Diario de Viagem nos rios Tieté, Paraná e Iguatemy.

No rio Pardo o trabalho redobrava, gastavam-se dois mezes inteiros em subil-o, o que na volta poderiam fazel-o em seis dias.

Ahi já não havia auxilio da correnteza para impulsionar as embarcações; as canôas tinham que subir á custa de zingas fincadas em um leito lamacento e pegajoso que difficultava o trabalho e cansava o vareiro. Depois de vencida a parte mansa do rio tinham de transpôr as sirgas, depois as cachoeiras e os saltos que se succedem e se alternam até a varação do Camapuam.

Neste sitio, fundado em 1720, pelos bandeirantes as canôas tinham de ser arrastadas por terra numa extensão de duas leguas, tal a distancia que medeia entre o porto do rio Pardo e o do Coxim, por onde tinha de descer.

Era o rio mais accidentado da viagem; tem só 40 leguas de extensão, mas no seu leito ha 24 perigosas cachoeiras a transpôr.

Depois de Coxim o Taquary, rio mais facil, porém ainda trabalhoso; passada a cachoeira Béliago, a navegação era franca até o Cuyabá.

Era viagem em summula que durava quatro penosissimos mezes, não contadas as paradas que faziam no caminho, ora para fazer canôas em substituição ás que largavam nos maus passos, (1) ora para plantarem roças, com cujos productos se abasteceriam na volta.

Apezar de acostumados ás custosas e arriscadas excursões ao interior do paiz e de que a de Cuyabá não dava senão uma pallida idéa,

(1) « Deve-se advertir que estes famosos Argonautas navegavam quando lhes fazia conta o navegar e largavam as canôas nos maus passos e as tornavam a fazer de novo quando necessitavam dellas ». Dr. Lacerda e Almeida, Diario de Viagem, pag. 78.

cogitavam os bandeirantes encurtar a viagem por um caminho que se abrisse do ultimo povoado áquellas minas.

Um dos primeiros a pôr em execução esse plano foi o capitão Bartholomeu Paes de Abreu, cuja abastança e tenacidade, alliadas ao conhecimento do paiz por elle palmilhado em varios pontos, deixavam antever o feliz exito da empresa.

De posse de uma provisão do Senado da Camara, tratou logo de metter-se em campo e iniciar o trabalho.

Entrou então « pelas campanhas de matos que ha entre os rios Anhemby e Paranapanema, pelo districto de Sorocaba, com o fim de explorar a parte mais conveniente para fazer caminho para as minas de Cuyabá. Fez a maior parte do caminho passando o serro de Ibiticatú, para diante da passagem do rio Jacory e buscou o rio Grande, entre o rio Aguapeby e Ugurahy, onde fez roças de mantimentos e collocou 248 cabeças de gado, gastando nessa factura cerca de dois mil cruzados » (1).

Achava-se Bartholomeu Paes a cerca de 80 leguas de distancia de Sorocaba, portanto quasi nas proximidades do rio Paraná (1), quando lhe chegou a noticia de que D. Pedro de Almeida, conde de Assumar, governador da capitania, havia concedido a Gabriel Antunes Maciel autorisação para abertura do caminho para as minas de Cuyabá, com o beneficio da exploração da passagem des rios por cinco annos (2).

Como era de suppôr, Bartholomeu Paes tratou de defender o seu trabalho e a sua despesa e resolveu dirigir á Metropole uma petição defendendo seus direitos.

Emquanto seu requerimento seguia para Lisbôa, chegava a S. Paulo o governador e capitão general Rodrigo Cesar de Menezes, em Setembro de 1721, ao mesmo tempo que Gabriel Antunes desistia de sua concessão, preferindo seguir para as novas minas.

Deste incidente aproveitou-se Bartholomeu Paes, para requerer concessão ao novo governador, propondo-se a fazer o serviço á sua custa, dal-o concluido no prazo de um anno e pedindo como unica retribuição o privilegio por nove annos da introducção de gado nas minas.

Seu requerimento foi indeferido sob o fundamento de que já tendo sob o mesmo assumpto requerido á côrte de

(1) No Archivo da Camara Municipal desta cidade existe uma representação dos officiaes da Camara de Santos, datada de 1737 e dirigida ao governador daquella cidade pedindo a abertura de um caminho para Cuyabá. Nella se apresenta como um dos homens mais capazes de executar esse serviço Bartholomeu Paes de Abreu.

Ahi não se trata do caminho que faz objecto deste estudo, mas de outro que fôra explorado pelo mestre de campo Manuel Dias da Silva e que devia partir de um ponto qualquer da estrada de Goyaz, atravessar os rios Verissimo, Corumbá e Meia Ponte e sahir no Camapuam.

Acompanham essa representação tres requerimentos, dos quaes dois são ineditos e onde colhemos a maioria das informações desta exposição.

(1) Nos mais rigorosos mappas de S. Paulo, a distancia em linha recta de Sorocaba ao rio Paraná é de cerca de noventa leguas.

(2) Vol. XXXII pag. 319 das publicações do Archivo do Estado de S. Paulo e Archivo da Camara Municipal desta cidade.

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

Lisboa, devia esperar solução ao seu pedido (1).

Consta da representação que os officiaes da Camara de Santos enviaram ao governador daquella villa em 17 de agosto de 1737, que ella foi indeferida por influencia e intrigas de Sebastião Fernandes do Rego, cujo predominio e connivencia com o capitão general foi depois conhecida, além do interesse immediato que elle tinha na sua rejeição, visto ser tambem concorrente a esse serviço.

Antes, porém, que viesse qualquer solução da Metropole ao requerimento de Bartholomeu Paes e dois mezes depois da chegada do governador Rodrigo Cesar, foi publicado em 23 de novembro de 1721 um bando chamando concorrentes para a abertura de um caminho para as minas de Cuyabá, em direitura pelo sertão (2).

Como era de esperar, este bando chamou uma boa concorrencia, apresentando-se nove propostas das quaes se conhecem tres dos proponentes. Uma era firmada pela sociedade composta de Sebastião Fernandes do Rego, Manuel Gonçalves de Aguiar e Manuel Godinho de Lara; outra de Luiz Pedroso de Barros e a terceira de Bartholomeu Paes.

Para assistirem á abertura das propostas, foram convidados os officiaes da Camara de S. Paulo, os ministros que aqui se achavam, o provedor dos quintos e o procurador da Corôa e Fazenda (3).

Como era de esperar, a proposta dos associados de Sebastião do Rego foi a preferida, encarregando-se Manuel Godinho da execução, promptificando-se a abril-a em seis mezes sob condição de lhe ser dada a passagem dos rios por seis annos (1).

Pelo requerimento que no dia seguinte Bartholomeu Paes dirigiu ao capitão general, pedindo reconsideração desse acto, vê-se que estes proponentes pretendiam atacar a estrada pelo lado do rio Grande, de modo a sahir no trabalho já feito pelo requerente e que necessariamente seria utilizado por elles.

Nessa bem fundamentada exposição, insiste no seu direito sobre ella, pedindo que lhe fosse dada com a mesma regalia com que a deram a Manuel Godinho, compromettendo-se a abril-a em menos de seis mezes e abastecer de gado as minas pelo prazo de nove annos.

Offerecia como garantia da execução desse trabalho a quantia de 50.000 cruzados, dando como fiadores o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, d. Simão de Toledo Piza, Bento de Toledo Piza, Diogo de Toledo Lara, Antonio Pinto Guedes, José Alves Fidalgo e José Monteiro, todos moradores na cidade de S. Paulo (2).

Não se encontra nos documentos em que foram colhidas estas notas noticia se Manuel Godinho começou a abertura da sua estrada pelo rio Grande ou se tratou de abril-a parallela á já iniciada por Bartholomeu Paes.

Esta ultima hypothese parece mais acceitavel, por ser mais facil para a conducção de mantimentos e animaes para o serviço, partir de Sorocaba que daquelle centro de sertão.

Bartholomeu Paes, não se conformando com sua preterição, fez novo

(1) Vol. XXXII pag. 328 do Archivo de S. Paulo.
(2) Vol. XII pag. 14 idem.
(3) Vol. XII pag. 27 idem.

(1) Vol. XII, pag. 27 idem.
(2) E'o requerimento a que alludimos na nota 3 e que não reproduzimos para não sermos extensos; dellas já demos copia no relatorio que sobre a exploração do rio Feio apresentámos á Secretaria da Agricultura, em 1906.

requerimento á Metropole proseguindo com seu trabalho até que viesse a concessão.

Isto se infere não só da segunda carta regia sobre esse assumpto, em data de 18 de abril de 1722, (1), como tambem do bando prohibindo a abertura de outro caminho que não o que estava sendo aberto por Manuel Godinho, sob pena de degredo para Angola e multa de dois mil cruzados (2).

O novo contratante não pôde, porém dar conta do seu encargo. Exgotou o prazo que tinha pedido e allegou como excusas pela demora no proseguimento a fuga e a morte de algumas pessoas que levava e a falta de mantimentos, o que fez com que fosse rescindido o seu contracto (3).

Bartholomeu Paes voltou de novo á sua pretensão, ainda uma vez requereu sendo sua proposta recusada, para se dar preferencia á de Luiz Pedroso de Barros, que pedia como unico premio o perdão de seu crime, que consistia em ter tomado parte numa assuada ao juiz syndicante Antonio da Cunha Souto Maior (4).

Luiz Pedroso atacou logo em seguida o trabalho, voltando no fim de nove mezes a S. Paulo, allegando como motivo de demora a falta de campos que facilitassem a tarefa e servissem de pastagens aos animaes da sua comitiva.

Depois de dois mezes de descanço, voltou de novo ao sertão e ahi seguindo por campos que lhe facilitaram o trabalho, põde, finalmente, chegar ao Rio Grande ou Paraná, confórme se vê de duas cartas dirigidas ao vice-rei pelo capitão general (1).

Como recompensa desse trabalho, teve o perdão do seu crime e recebeu a tença de 50$000 réis por anno, além do habito de Christo com que foi agraciado.

O ponto em que essa estrada chegou ao rio Paraná, foi quasi fronteiro á barra do rio Pardo, confórme se identifica no mappa daquelle rio levantado pelo brigadeiro Sá e Faria, em 1777.

Além da convenção para estradas que elle traçou nesse ponto, traz a seguinte nota : Caminho que se abriu para Sorocaba.

Parece que Luiz Pedroso aproveitou em grande parte a estrada iniciada por Bartholomeu Paes; só assim é que se poderia explicar a relativa rapidez com que ella foi aberta, quando é de presumir que ella com um desenvolvimento minimo de 10 por cento tivesse cerca de cem leguas, o que é muito para ser aberta num prazo relativamente pequeno como o em que elle o fez.

Bartholomeu propunha-se a abril-a em oito mezes ou pouco menos do tempo que Pedroso gastou. Além disso, aquelle que até então tinha sempre protestado pela concessão a Manuel Godinho e Gabriel Antunes, apresentando diversas petições e protestos não só ao capitão general como á pro-

(1) Vol. XVIII pag. 41 do Archivo do Estado de S. Paulo.
(2) Vol. XII pag. 41.
(3) Vol. XXXII pag. 82.
(4) Vol. XXXII pag. 82.

(1) Vol. XX pags. 133 e 161.

R
REX
X

**Com o piano automatico Rex todo o mundo é pianista.**

**CLUBS, CASA STANDARD 93, Ouvidor, 95, RIO.**

pria corôa, cala-se com a concessão a Luiz Pedroso, primo irmão de sua mulher e a quem talvez pelos laços de parentesco e amisade com que estava ligado, não quiz embaraçar.

E verdade que Bartholomeu Paes projectava a sua estrada para o rio Grande, entre o rio Aguapehy e Uruguay (Sucuriú?) e a de Luiz Pedroso foi sahir fronteira á barra do Rio Pardo, na hypothese de ser essa a estrada referida no mappa de Sá e Faria.

Bartholomeu tambem poderia se ter enganado sobre o ponto em que a sua estrada sahiria no Paraná, o que não seria difficil suppôr, visto elle ter chegado á barranca do rio, mas nas proximidades deste. E' de presumir tambem que se os grandes alagadiços que existem entre o Aguapehy e o Peixe, tivessem obrigado Luiz Pedroso a pender á esquerda, e, atravessando este ultimo rio, sair nos campos da Laranja Doce para depois procurar o valle do Santo Anastacio, por onde seguiu até o Pará.

Não se póde tambem presumir que elle se tivesse aproveitado do trabalho de Manuel Godinho, pois, segundo se deprehende da carta do governador ao vice-rei (16), este continuou sómente por capricho a abrir o caminho.

A referencia ao primeiro contractante que nessa carta se faz, deve mais alludir a Godinho que a Bartholomeu; o primeiro não incorria nas penas estabelecidas no bando prohibitivo, por ser a sua concessão anterior a elle o que se não daria com o segundo se continuasse com o trabalho.

Vejamos qual poderia ter sido o traçado dessa estrada, na hypothese de ter sido aproveitado o trabalho do primeiro explorador.

(16) Vol. XXXII pag. 83.

Sahindo de Sorocaba e seguindo pelos campos que começam nessa região, devia ter subido a serra de Botucatú, na fazenda do Atalho, proximo á actual villa de S. Bom Jesus. do Ribeirão Grande. Ahi passa o caminho mais antigo de que ha noticia e servia aos moradores de cima da serra para se communicarem com as provações de Itapetininga e Sorocaba.

A serra foi transposta além da passagem do rio Jacory, que parece ser o rio Jacú, affluente do rio S. Ignacio, que por seu turno afflue para o Paranapanema. Depois, continuando a aproveitar-se dos campos por que então tinha seguido, proseguiu pelos campos de Lençóes, que se estendem até ás cabeceiras do Batalha; dahi atravessando a serra dos Agudos, ganhou o divisor do Feio e Peixe, por onde proseguiu até ás proximidades dos campos da Laranja Doce, para depois ganhar pelo valle do Santo Anastacio até o Paraná.

Não é de presumir que a estrada tivesse seguido pelos campos que se extendem nas zonas hoje occupadas pelos municipios de Itapetininga, Avaré, S. Cruz, Campos Novos e Conceição de Monte Alegre. Seria este o traçado mais facil e mais curto, mas essa região talvez não fosse conhecida naquella época. Demais se Bartholomeu Paes tivesse sabido da existencia desses campos, não teria feito allusão á campanha de matas que existem entre os rios Parapananema e Tieté, como tambem Luiz Pedroso não se queixaria da abundancia de mata que lhe difficultava o trabalho e da falta de campos, o que se não daria se ella fosse traçada por aquella zona, onde, é sabido os campos occupam toda a região, exceptuadas as dezoito leguas occupadas pelo valle do S. Anastacio,

que são vestidas de espessa mata.

Em um mappa que existe neste Instituto, trazido de Lisboa pelo saudoso dr. Eduardo Prado, mappa cujo autor não posso identificar, vê-se uma estrada traçada nas cabeceiras do Aguapehy e dirigindo-se para o sertão em ponto em que esse mappa acaba e com os seguintes dizeres : « camino que hizo el paulista Simão Bueno en 1730.

Parece que ahi ha engano de nome e de data, fazendo referencia a Simão Bueno quando devia alludir a Luiz Pedroso; no pequeno trecho em que ella é esboçada, vem traçada pelos pontos da nossa opção.

Se effectivamente ha engano de nome e data e ella se refere á estrada de que vimos tratando, absurdo seria desvial-a dahi para os campos de Avaré.

Nosso traçado parece estar bem approximado á realidade.

Além desses dois enganos, parece haver no alludido mappa um outro, mas esse é na representação topographica.

As cabeceiras que ahi vêm designadas sob o nome de Aguapehy devem mais se referir ao rio Batalha ou ao Dourados que a elle. As primeiras cabeceiras do Aguapehy estão situadas a cerca de quinze leguas do ponto assignalado no mappa, extensão essa que é occupada pelos valles desses dois rios.

Attingida a margem do Paraná pelo lado de S. Paulo, podia-se dizer que a estrada estava aberta até as minas.

Os extensos campos que começam na barra do rio Pardo e vão até o Campo Grande da Vaccaria e Camapuan já eram caminho aberto para por elle enveredarem os viandantes. Hercules Florence, no Esboço da Viagem do Consul Langsdorff, assim se refere sobre esse ponto : « rio Pardo, celebre entre os Paulitas, de um lado pelos perigos e canceiras que ahi esperam o viajante ao querer vencer a força das suas corredeiras e transpôr numerosas cachoeiras e suas quedas; de outro afamado pela belleza das campinas em que corre e que offerecendo á vista já farta da monotomia de ininterrompidas matas, vastas perspectivas cortadas de outeiros, riachos e capões, facilitam a viagem terrestre emquanto as canôas sobem lenta e custosamente o estreito e tortuoso curso ».

Da Vaccaria ou de Camapuan para diante, quer para o lado do rio Paraguay quer para lado de Cuyabá, esses campos se estendem alternadamente com matas e cerrados de modo que sem difficuldade poderia ser feita a communicação com as minas.

Parece, porém, que essa estrada não foi utilizada senão em muito curto tempo, tendo servido tão sómente para a conducção de gado cuja primeira entrada foi feita pelo mestre de campo Manuel Dias da Silva, sobrinho de Luiz Pedroso, segundo refere o governador Rodrigo Cesar em carta ao vice-rei (1).

No governo de d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, querendo este governador facilitar as communicações por terra com o Iguatemy, encarregou

(1) Vol. XXXII pag. 158, todos estes do citado Archivo de S. Paulo.

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

de reabrir essa estrada a José de Almeida Leme, natural de Sorocaba. Elle a reabriu á sua custa, pelo que recebeu elogios por carta regia e obteve por esse trabalho o titulo de moço fidalgo da casa real.

Ella outra vez fechou-se, continuando as communicações com Cuyabá a serem feitas pela via fluvial Tieté e Pardo.

O motivo do seu abandono, na primeira vez, talvez fosse originado pelas constantes correrias que na região dos rios que affluem para o Paraná, faziam os Cayapós e os Guayacurús (indios cavalleiros) assim como no Paraguay os temiveis Payaguás, que tanto deram que fazer ás bandeiras paulistas.

Apezar das continuas refregas que o governo colonial lhes mandou dar, apezar dos destroços que nelles faziam as bandeiras paulistas o seu numero parece que crescia.

Só em 1742, 16 annos depois da construcção da estrada e quando talvez já ella estivesse fechada, é que começaram os cayapós a se mostraram menos ousados, pelo verdadeiro exterminio que delles fez o coronel Antonio Pires de Campos destruindo suas aldêas.

Não será tambem sem fundamento a hypothese de que tenham concorrido para o seu abandono, os continuos encontros dos paulistas com os hespanhóes que passavam do Paraguay para a Vaccaria e ahi vinham arrebanhar o gado bravio que existia nessa região. Diversas vezes elles collocaram padrões assignalando pertencerem aquellas terras á Corôa de Castella, os quaes por seu turno eram derribados pelos paulistas, que em substituição erigiam outros em que frisava o dominio portuguez, como ainda em 1732 o fez o mestres de campo Manuel Dias da Silva.

Se bem que tanto preoccupasse o governo colonial e o governo independente do Brazil a ligação por terra de S. Paulo com Matto Grosso, e sendo essa communicação a que menor distancia e maior facilidade offerecia, comtudo só em nossos dias e ha tres annos atraz, em 1906, foi que se conseguiu definitivamente trafegar esse caminho.

E' verdade que, ha quinze annos atraz, o governo de S. Paulo mandou abrir a estrada do rio Anastacio, mas esse caminho fechou-se por falta de viandantes. O trecho de Matto Grosso, que se tinha combinado seria feito pelo governo daquelle Estado, não foi iniciado e a estrada ficou sem sahida.

Cabe agora essa gloria á empresa Diederichsen & Tibyriçá, concessionaria da estrada de São Paulo ao Matto Grosso e que cruza o rio Paraná no mesmo ponto em que chegou a de Luiz Pedroso.

Hoje ella é diariamente trafegada pelos boiadeiros e tropeiros que estabeleceram um importante commercio entre os dois Estados e está destinada a facilitar o povoamento da futurosa região sertaneja a que serve.

---

Uma lavadeira perdeu a camiza que era a unica de um poeta seu freguez. Ao sabel-o:

— Coitada! exclama elle com um modo compassivo.

— Coitada! acode a lavadeira com sensibilidade. Coitado do senhor, que foi quem teve a perda!

— Não, não, coitada de você, insta o poéta; porque, olhe, eu perdi a camiza é verdade, mas você perdeu a camiza e perdeu o freguez.

# As principaes representações cartographicas da costa brasileira

## nos primeiros tres lustros depois da descoberta

*(Pe J. B. Hafkemeyer.)*

[Este notavel e erudito ensaio do Pe J. B. Hafkemeyer é uma das boas provas do que sempre o Brasil deveu e deve ás congregações religiosas que desde os primordios d'este paiz se dedicaram ao melhor de todos os serviços : o da educação e da instrucção do nosso povo. *Not a da R.*]

SUMMARIO

I. Notavel deficiencia dos historiadores.

II. As obras cartographicas de Waldseemüller.

III. As fontes de Waldseemüller. — A cartographia coeva. — Os mappas de Cantino e Canerio. — Cartas de Vespucci.

IV. Quadro synoptico.

V. Discussão de alguns apontamentos controversos.

### I

« A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente historia, « escreve Gandavo no prologo da sua Historia da provincia Santa Cruz ». e sair com ella á luz foy por não aver ategora pessoa que a emprendesse, avendo já settenta e tantos annos que esta provincia he descoberta. A qual historia creyo que mais esteve sepultada em tanto silencio, pelo pouco caso que os portuguezes fizeram sempre da mesma provincia, que por faltarem na terra pessoas de ingenho e curiosas, que por melhor estyllo e mais copiosamente que eu a escrevessem. »

« E, se os antigos Portuguezes e ainda os modernos não foram tão pouco affeiçoados á escriptura como são, não se perderam tantas antiguidades entre nós de que agora carecemos, nem houvera tão profundo esquecimento de muitas cousas, em cujo estudo tem muitos homens doctos cansado, e revolvido grande copia de livros sem os poderem descobrir, nem

R
REX
X

R
REX
X

E Sempre o Piano

R
REX
X

R
REX
X

recuperar da maneira que passavam.» (1)

Egual queixa se nos depara em todos os historiadores, desde o seculo 16 até aos nossos dias : de João de Barros até aos auctores modernissimos que se dedicaram á ardua tarefa de reconstituir a historia primitiva desta terra, a partir do dia em que por seu descobridor foi posta sob a protecção do estandarte de Christo.

O lamentavel descuido dos primeiros seculos formou barreira e obstaculo que ainda zomba das mais atiladas pesquizas dos historiadores modernos. As viagens documentadas para os primeiros decennios são poucas, tão poucas que de fórma alguma estão em proporção com a abundancia de denominações geographicas, conhecidas desde os inicios do seculo XVI, das quaes não poucas eram geralmente recebidas, muito antes que os primeiros colonos portuguezes, sob Martim Affonso de Sousa, aportassem ás terras do Cruzeiro.

Para Portugal a Ilha da Vera Cruz descoberta por Pedro Alvares Cabral não passava duma estação de escala no caminho das Indias. As poucas viagens de exploração official não eram devidas ao grande apreço em que tivessem a nova terra, mas sim á rivalidade da Hespanha que, tendo as honras de descobridora do Novo Mundo, porfiava em achar na «zona de interesses» que lhe coubera, um novo caminho para as Indias.

Mas além das frotas reaes que de Sevilha e Lisboa zarpavam para a America, sahiam outras que, dispensando a protecção do pavilhão real, tencionavam dirigir as riquezas das terras recem-descobertas para os cofres de armadores e negociantes (1). Ora destas só temos noticia por ligeiras referencias casuaes de auctores contemporaneos, emquanto aquellas vem escrupulosamente relatadas nos registros officiaes (2).

O monopolio nacional, porém, excluindo os demais povos do trafico com as colonias, provocou em toda a Europa e sobretudo em França uma reacção energica. O governo desta terra não se fartava de «reconhecer em suas notas diplomaticas os direitos dos portuguezes e a partilha ordenada por Alexandre VI ; mas em realidade favorecia as emprezas maritimas contra elles, e mais tarde concedia cartas de marca em grande numero, enchendo os mares de corsarios, e trazendo em constante sobresalto o commercio portuguez». (3).

Ora todos estes navegantes levavam e ampliavam roteiros e tomavam nota de quanto poderia guiar a outros patricios nos mares pouco conhecidos daquellas longinquas regiões.

A que historiador lembrou referir-nos os pormenores daquella lenta investigação geographica?

Quanto já fosse conhecida a costa do Brazil pelos inicios da colonização patenteia-se a quem consultar v. g. o roteiro de Pedro Lopez de Souza. Conhece exactamente as distancias que o separam dos pontos de terra em que quer tocar, indicando v. g. a 18 de janeiro que o cabo S. Agostinho fica a sud-oeste e á quarta d'oeste (4) e, repetindo nos dias seguintes a

(1) Rev. do Inst. Hist. (Rio de Janeiro) 21, p. 375-6.

(1) „Jamais les voyages et les reconnaissances géographiques ne se sont succédé plus vite que dans les premières années du 16ème siècle.“ Second Mémoire, I, 44.

(2) Wieser, Magalhães-Strasse, p. 39.

(3) J. Lucio d'Azevedo, Estudos de Historia Paraense. Pará 1893 ,p. 187-8.

(4) Revista do Instituto Histor. (Rio de Janeiro). V. 24, p. 15.

mesma indicação, accrescenta a que distancia se acha da ilha de « Fernão de Noronha » (1). Mostra-se conhecedor das correntes marinhas e dos ventos reinantes, dando sobre estes pontos pormenores minuciosos (2). Logo ou elle proprio já fizera naquellas regiões iteradas viagens, como parece indicar uma noticia de Gabriel Soares (3), ou poude aproveitar os resultados colhidos por outro investigador daquellas paragens.

*Em todo o caso, para o conhecimento tão exacto da costa, não bastariam as poucas viagens que constam por documentos officiaes.*

Em mui precaria condição se acharia portanto o historiador, se não dispuzesse de outro recurso que vem a ser os mappas coévos das descobertas. Os mais importantes e valiosos foram achados nos primeiros annos do seculo corrente e os esclarecimentos que dimanam de fontes tão insuspeitas, ainda esperam por quem as applique a elucidar um dos pontos mais obscuros da nossa historia : a investigação geographica da nossa costa nos primeiros lustros do seculo XVI. E' o que tentaremos fazer nas linhas seguintes.

## II

Foi no anno de 1901 que o P. J. Fischer S. J., lente formado em geographia, descobriu no archivo do principe Waldburg-Wolfegg 2 mappas que desde já lhe despertaram o mais vivo interesse. Estudando-os, verificou ser o primeiro feito por Martim Waldseemüller para a nova edição de Ptolomeo do anno 1507, e no outro reconheceu um mappa marinho do mesmo auctor publicado no anno 1516. Deu-se pressa o venturoso descobridor de tão preciosos documentos em fazel-os de dominio publico, editando uma reproducção verdadeiramente artistica precedida de copioso texto elucidativo (1). Em seguida reeditou a « Cosmographiae Introductio » com as quatro viagens de Americo Vespucci (2), obra que existia em pouquissimos exemplares.

O subtitulo desta obra dizia : Universalis Cosmographiae descriptio *tam in solido quam plano* eis etiam insertis quae Ptholomeo ignota a nuperis reperta sunt (3). Esta « descriptio in plano » era tida por todos os entendidos por um mappa, julgado perdido, emquanto a « descriptio in solido » era interpretada nas biographias de Waldseemüller por differentes maneiras.

Ora o P. Fischer, apoiando-se em indicações da « Cosmographiae Introductio », prova que o mappa de 1507 recem-achado não era outro senão a « descriptio in plano » de que faz menção o referido subtitulo.

Seus argumentos são os seguintes :

1) « The agreement of the title :

(1) L. c. p. 17.
(2) L. c. p. 20 e 71.
(3) "Pero Lopez de Sousa, fidalgo muito honrado, *sendo mancebo*, andou por esta, á sua custa." Revista do Inst. V. 14, p. 20.

(1) Fischer und Wieser, Die älteste Karte, etc.
(2) Fiseher Wieser, The Cosmographiae introductio, etc.
(3) L. c. p. I.

BEBAM CAXAMBÚ
**A soberana das aguas de meza.**

« Universalis cosmographia » at the bottom of the map and « Tipus orbis generalis » in the legend at the right above with statements quoted from the Cosm. Intr. ;

2) The fact that the map is composed os several large plates (tabulis) ;

3) The agreement in projection and contour of lands with the two reproductions of Glareanus ;

4) The marking of the various realms with coats of arms mentioned in the Cosm. Intr. and of the dangerous parts of the sea by crosses ;

5) The occurrence of the name America on the newly discovered fourth continent ; this name which became so important later on is found on our map written in capitals just north of the tropic of Capricorn ;

6) The literal agreement of several legends on the map with passages in the Cosm. Intr. ; compare e. g. the legend on the plate in the lower left hand corner of the map with the passage immediately preceding the account of the first voyage of Amerigo Vespucci in the Cosm. Intr.: Terrarum insularum que variarum descriptio, quarum vetusti non meminerunt auctores, nuper ab anno incarnati domini 1497 bis geminis nauigationibus in mari discursis inventarum : duabus videlicet in mari occidentali per dominum Fernandum Castilie, reliquis vero duabus in Australi ponto per dominum Manuelem portugallie serenissimos reges Americo Vesputio uno ex naucleris naviumque prefectis precipuo ;

7) The pregnant confrontation of Ptolemy with Amerigo Vespucci as well in the Cosm. Intr. as on the first Wolfegg map » (1).

(1) Fischer und Wieser, Die älteste Karte, p. 9-10.

Após esta verificação, Fischer e Wieser ainda conseguiram esclarecer duvidas a respeito da « *descriptio in solido* », demonstrando que o globo conservado na collecção Hauslab-Liechtenstein era o que cita Waldseemüller no titulo da Introductio de 1507 (1).

« Temos, pois, hoje em mão a publicação inteira de Martin Waldseemüller ou do Gymnasio Vosagense editada no anno 1507 : a *Cosmographiae Introductio, em que se faz pela primeira vez a proposta de dar ao Novo Mundo o nome de America*, e toda a obra cartographica : a « Universalis Cosmographiae descriptio tam in solido quam in plano ». i. é. o mais antigo globo e o mais antigo mappa trazendo o nome de *America* » (2).

O mappa de 1516 é para nós brasileiros duplamente notavel, porque apresenta o Novo Mundo, sem lhe dar o nome de *America* proposto em 1507 pelo proprio Waldseemüller, mas traz *no mesmo* sitio a denominação *Prisilia sive Terra Pagalli* » (3).

Não tendo jamais o auctor destas obras cartographicas posto pé nas novas conquistas, urge indagar as fontes onde foi beber a sciencia que tanto nos surprehende.

## III

Elle mesmo nol-as aponta em cada uma de suas obras. Uma grande legenda do mappa de 1507 diz : « Generalem igitur totius orbis typum quem ante annos paucos absolutum non sine grandi labore ex Ptolomei traditione, auctore profecto prae nimia vetustate vix nostris temporibus cognito, in lucem edideramus et in mille exem-

(1) L. c. p. 14.
(2) L. c. p. 15.
(3) Conf. Vozes de Petropolis. Anno II, p. 911 ss.

plaria exprimi curauimus, multo studio sic elicuimus, ut illos dumtaxat terrarum et regionum situs mortaliumque ritus ac conditiones civitatum, gentium, montium eas contineret ac in se haberet consuetudines et naturas, quas sub Ptolomei temporibus et etate constat floruisse; additis non paucis, quae per marcum civem venetum tempore Clementis IV et Gregorii X. maximorum pontificum et Christoforum Colombum et Americum Vesputium capitaneos Portugallem (ses) lustrata fuere simul et experiencia testificante adinventa.»

A fonte principal era portanto Ptolomeo, mas para o ampliar e corrigir foram consultados os auctores recentes, o que affirma Waldseemüller no fim da Cosmographiae Introductio dizendo: «Consulto enim fecimus quod hic Ptholomeum et ibi cartas marinas sequuti sumus.» *Da edição de Ptolemeo de Strassburgo de 1513 e do titulo da «Carta marina» de 1516 sabemos que os taes mappas eram portuguezes.*

Na cartographia do Novo Mundo seguira Portugal o exemplo da Hespanha.

Isabel la Catholica, para evitar a confusão que as noticias avulsas de descobrimentos forçosamente haviam de produzir, fundara por ordenança de 14 de janeiro de 1503 a *Casa de la Contratación de Sevilla* (1), cuja tarefa principal seria verificar e registrar as descobertas. Esta instituição estabeleceu no anno 1508 um serviço cartographico cujo monopolio possuia (1).

A rivalidade que impellia Portugal a manter zelosamente as possessões ultramarinas contra a expansão colonial da Hespanha, foi a causa de se crear em Lisboa instituição congenere na *Casa da India*. O anno da fundação não nos consta, mas sabemos que el-rei D. Manoel já em 1504 prohibiu a copia de itinerarios feitos por navegantes portuguezes nas aguas d'Africa, além do rio Manicongo, prohibindo juntamente toda a sorte de novos globos terrestres. Os «portulanos» do rio Manicongo deveriam ser depositados nas mãos de Jorge de Vasconcellos, prefeito do deposito real dos mappas marinhos (2).

O mesmo magistrado recebeu ordem de eliminar das obras cartographicas as novas descobertas que cumpria ficassem secretas e concedeu-se-lhe privilegio real exclusivo de fornecer mappas autorizados e feitos conforme o typo approvado (3). Mas estas ordens tiveram necessidade de se inculcarem ainda por varias vezes, signal que não foram executadas. De facto, conhecemos mais de um cartographo daquelle tempo que espalhou, pelo mundo além, os mysterios geographicos que a Casa da India queria fechar entre os seus muros sombrios (4).

(1) Puente y Olea, Los Trabajos geographicos, p. 1.

(1) L. c. p. 64 a instrucção de Fernando para o piloto-mór.

(2) Ramos Coelho, Alguns documentos da Torre do Tombo. Lisboa 1892, p. 139. Conf. Varnhagen, Historia geral do Brasil³, I, p. 157.

(3) Sousa Viterbo, Trabalhos nauticos dos Portuguezes nos seculos 16 e 17. Lisboa 1898, I, p. 78.

(4) J. Denucé, Les Origines de la Cartographie port. p. 3.

**CLUBS DA CASA STANDARD** *93, Ouvidor, 95* **RIO**

***Todo o Mundo Conhece.***

Dos primeiros annos do seculo XVI conservou-se-nos o famoso MAPPA MARINHO DE HAMY.

Mas Waldseemüller não o teria por unica fonte, porque o mappa mundi de 1507 na Africa austral e no Novo Mundo é muito mais aperfeiçoado do que o de Hamy.

Ainda conhecemos dois mappas marinhos em que o Novo Mundo apparece na mesma figura caracteristica na qual nol-o dá Waldseemüller em 1507 :

O DE DE CANTINO DO ANNO DE 1502, existente na Bibliotheca estense e O DE NICOLAU DE CANERIO de Genova (1), desenhado segundo um original portuguez. Este precioso mappa acha-se actualmente no archivo naval de Paris.

Após um largo e substancio arrazoado chega Fischer á seguinte conclusão : « A conformidade entre a Carta marinha de Waldseemüller e o mappa de Canerio á tão completa que podemos dizer affoitamente que equivale a uma reedição servilmente reproduzida, mas emendada em não poucos pontos e, quanto ao interior dos continentes, notavelmente augmentada » (2).

(1) Pouco mais recente mas feito no mesmo anno 1502. J. Denucé, Les Origines, p. 14.

(2) L. c. p. 29. E' o que diz o auctor numa Nota da Cosm. Intr. : Haec pro introductione ad Cosmographiam dicta sufficiant, si te modo admonuerimus prius, nos in depingendis tabulis typi generalis non omnimodo sequutos esse Ptholomeum, praesertim circa novas terras ubi in cartis marinis aliter animadvertimus equatorem constitui quam Ptholomeus fecerit. Et proinde non debent nos statim culpare qui illudipsum netaverint. Consulto enim fecimus quod hic Ptholomeum alibi cartas marinas sequuti sumus. Cum et ipse Ptholomeus quinto capite primi libri non omnes continentis partes ob suae magnitudinis excessum ad ipsius pervenisse noticiam dicat, et aliquas quemadmodum se habeant ob peregrinantium negligentiam sibi minus diligenter traditas alias esse quas aliter atque aliter se habere contingat ob corruptiones et mutationes in quibus pro parte corruisse cognitae sunt. Fuit igitur necesse (quod ipse sibi etiam faciundum ait) ad novas temporis nostri traditiones magis intendere : Ei ita quidem temporavimus rem, ut in plano circa novas terras et alia quepiam Ptholomeum : in solido vero quod plano additur descriptionem Americi subsequentem sectati fuerimus." Fischer und Wieser, The Cosmographiae Introductio, p. XXXVII.

(1) Supan, Die territoriale Entwicklung der europaischen Kolonien, p. 12.

(2) Stevenson, Marine World Chart, p. 16. Da influencia de mappas feitos por um capitão turco cf. J. Denucé, Les Origines, p. 15.

(3) Esta viagem deve ser feita entre a de Cabral e a primeira de Americo Vespucci a serviço de Portugal e seria obra de particulares, pois nem

Lancemos um olhar sobre o modelo, para avaliarmos o merito do instruido e atilado reeditor. O mappa de Canerio (como o de Cantino) foi um dos primeiros que romperam radicalmente com a tradição ptolomaica. O que sabemos do auctor, não passa muito além das noticias escassas que elle proprio nos dá, assignando : Opus Nicolay Canerio januensis. Ufano devia ser de sua terra, pois mais de uma vez poude pôr a cruz de Genova no seu mappa, como na ilha de Lanzarote, denominada segundo o genovez Lancelot Maiorello que 1270 nella construiu um forte (1) e no « Regnum Musameli de Ginoia » na Africa.

Se é *provavel* que fez o seu mappa em Portugal, está, a bem dizer, fóra de duvida que não tomou parte em descobrimento algum e reproduziu o seu modelo, sem entender por vezes o que ia transcrevendo (2). O grande mappa (2,25 m × 1,15 m) segue nos contornos da costa de America a seu predecessor Cantino, cujo desenho volta em todas as obras cartographicas do estrangeiro.

*No mappa de Cantino vemos evidentemente consignados os resultados obtidos numa viagem ao longo da costa do Brazil feita por Portuguezes* (3),

pois não só o indicam as quinas de Portugal que acompanham a nomenclatura nova até ao extremo Sul explorado, mas tambem a lingua em que são transcriptas as denominações geographicas, repetidas em sua maioria na terceira viagem de Vespucci (1).

Sobre os mappas de que nos occupámos até agora, resta-nos ainda fazer uma observação importante :

Todos apresentam as latitudes e longitudes deslocadas.

Tão lamentavel defeito provinha em 1º logar dos navegantes (2) cujos instrumentos nauticos não primavam por grande precisão e 2º da perplexidade dos cosmographos em registrar as novas descobertas no mappa mundi de Ptolomeu.

O erro mais commum foi o desvio do equador para o Sul (3). Cantino o deslocou nesta direcção por 5º, emquanto Canerio, seguindo a auctoridade de Vespucci, pela mesma distancia o avançou para o Norte.

Waldseemüller, querendo harmonizar a « oikumene » de Ptolomeu com os novos mappas marinhos, viu-se obrigado em 1507 a mudar a direcção da costa brasileira comprehendida entre o « gorffo fremoso » e o « Caput S. Crucis de » lessueste em norte-sul, pois sem este recurso, metter-se-ia a « America » pela Africa occidental a dentro.

Se neste primeiro mappa não elevou tanto para o norte o equador, como o fizera Vespucci-Canerio, seguiu-lhes tambem neste ponto a auctoridade, quando mais tarde publicou o globo (1), como elle nol-o diz expressamente no fim da Cosm. Introductio.

Ainda temos que mencionar um TERCEIRO MAPPA FEITO PELOS REINEL no anno 1516 em Lisboa, de que se não aproveitou Waldseemüller. Indica claramente quanto os Portuguezes tinham feito em 10 annos para a exploração da costa brasileira comprehendida entre o cabo S. Agostinho até a foz do Prata. O desenho do littoral não differe muito do hodierno ; a nomenclatura é riquissima, não faltando nenhuma das denominações que, dadas pelos primeiros exploradores, se perpetuaram até os nossos dias. Combinação feliz e confronto consciencioso dos principaes roteiros de que havia noticia na Casa da

sombra della apparece nos documentos officiaes. O — rio do Brazil — que achamos no mappa, parece indigitar o caracter mercantil da empreza. Reproducção em J. Denucé, Les Origines.

(1) Edw. L. Sterenson, The Marine World Chart, escreve ; „The evidence is most convincing that he was the first to follow the coast of Brazil southward of Monte Paschoal. To some one or other, then of the expeditions here referred to, and in all probability to none more than to the vogage of Vespucci we must look for the origin of the majority of the names found on Canerio's Chart. Indeed it seems to me that for a considerable part of the east coast indicated it may be regarded as the reproduction of Vespucci's Chart," p. 48.

(2) Anghiera já notou isto, escrevendo a respeito do Rio Maranhão : „Sob aequinoctiali locant linea plerique nautae fluminis eius fauces : trans lineam alii restituunt. Se ibi polum Arcticum amittere fatentur omnes." Opus epistolarum Petri Martyris. Alcala de Henares 1530. Ep. DXXXII de 18 de Dez, de 1513.

(3) Second Mémoire I, 62 n. *J. C. da Silva, l'Oyapoc et l'Amazone*, II 315 ss.

(1) V. a reproducção em Fischer und Wieser, The Cosmographiae Intreductio. New York, 1907 ad CIX, e J. Fischer e Fr. v. Wieser, Die älteste Karte, p. 14.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

India, produziram um mappa que, tomado desde já por modelo, teria eliminado dos tentames cartographicos posteriores muitos erros, que ainda perduraram por dezenas de annos. O que mais admiramos é a posição exacta das latitudes e do equador ; e nos pontos mais proeminentes da costa, uma correcção geralmente superior á do roteiro de Gabriel Soares.

Quanto a dados biographicos sabemos que os Reinel Jorge e Pedro (pae e filho), trabalhavam, sem encargo official, ora em Lisboa ora em Sevilla, até que, em 1528, Jorge foi definitivamente empregado no « Serviço hydrographico real portuguez » (1).

São estes os mappas que de preferencia nos servirão de guia em nosso estudo cartographico.

Outra fonte que, quando Waldseemüller em 1507 editou a sua 1ª obra, ha muito era de dominio publico, é constituida pelas *Cartas do florentino Americo Vespucci*. Apezar de quanto se escreveu em Portugal e no Brasil no decurso do seculo passado contra a veracidade deste intrepido navegante e illustrado cosmographo, está assente entre as auctoridades historicas modernas que não é licito duvidar que Americo fizesse quatro viagens ao Novo Mundo (2). Faltam-nos, sim, os roteiros que elle annuncia nas cartas ; mas, além de ainda não se darem por perdidas as esperanças de achal-as (3), nenhum falsario poderia conseguir tamanho grau de exactidão topographica. Hypotheses como a de Zeferino Candido, fazendo-o espião hespanhol a frequentar as tascas á beira do Tejo, colhendo informações da relé de gente maritima (1), condemnam-se pela flagrante inverosimilhança e opposição com o copioso e nitido das informações geographicas e a posição posterior de Americo em Sevilla.

As primeiras duas viagens fel-as em navios hespanhoes, acompanhando na primeira a Hojeda e na segunda a Vicente Yanez Pinzon. Como é sabido, avistaram estes viajantes as costas do Brasil antes de Cabral, denominando os seguintes pontos : *Cabo S. Maria de la Consolación* — Hodeja, 1499 — (hodierno S. Agostinho) ou *Rostro formoso* — Diogo de Lepe 1499 ; *Rio Grande de S. Maria* — Hojeda (*mar dulce*, hoje Amazonas). Os resultados destas viagens dos Hespanhoes acham-se consignados.

*No primeiro mappa hespanhol feito no porto de S. Maria em 1500 por Juan de la Cosa, cujos apontamentos são transcriptos por todos os cartographos seguintes.*

E bem merecedor é elle da auctoridade que gosou, pois não sómente deu o equador em sua posição exacta, mas traz ainda bem fixada a foz do Amazonas (2) e a saliencia oriental da costa brasileira. A configuração, porém, de nossa terra para as bandas

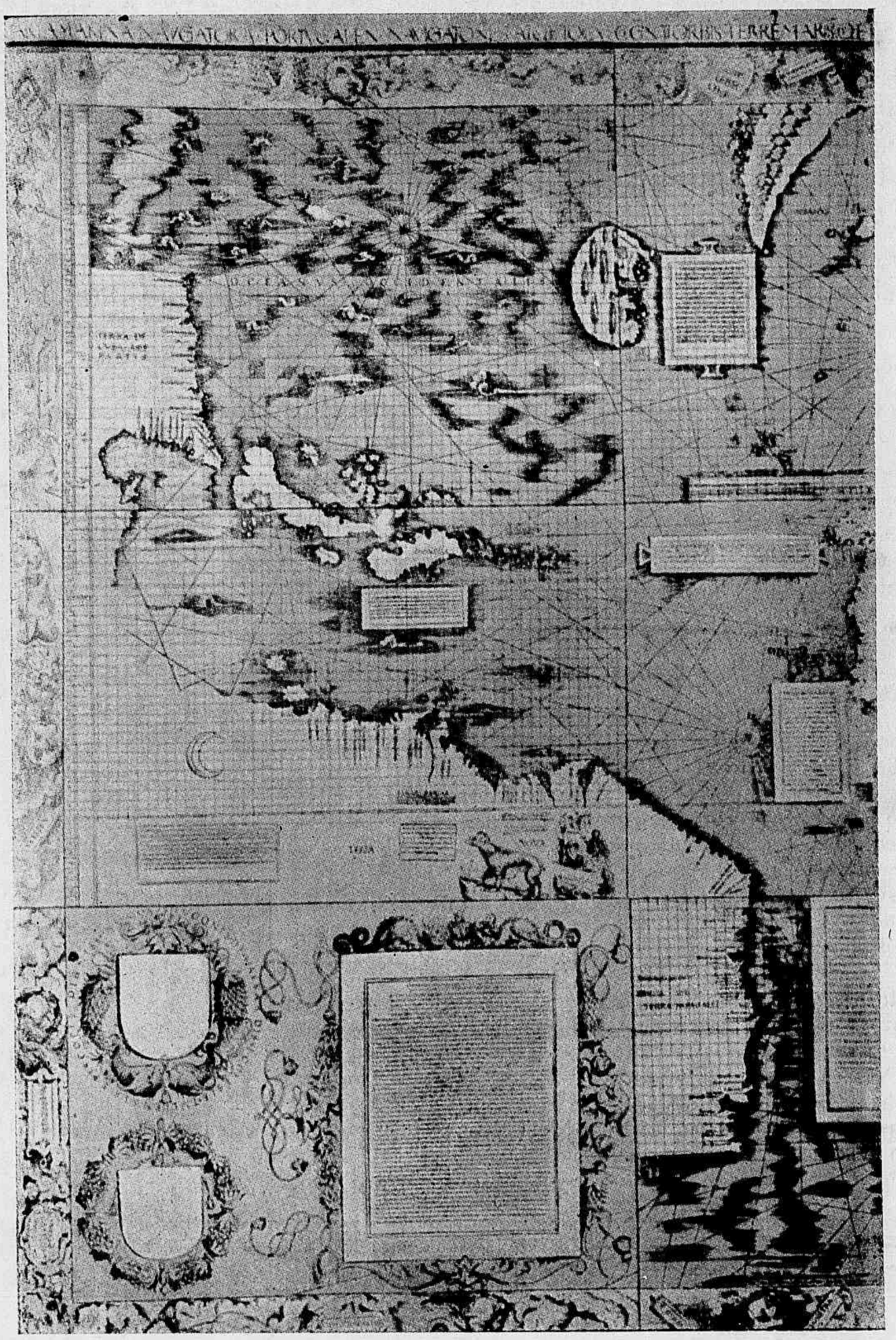
(1) Sousa Viterbo, Trabalhos nauticos II, p. 250.

(2) Veja alem das investigações de Varnhagen Bandini (Uzielli) Vita di Americo Vespucci.

(3) Os roteiros de bordo do Americo, conforme noticiou Bocchi, ficaram retidos pelos reis da Hespanha e Portugal. Escreveu o citado auctor : Res singulas ille uniscuiusque sui itineris conscripsiti sed retinere apud se libros omnes summi vir, principes voluerunt ; quorum enim auspiciis et sumptibus res agebatur ut statuerent suo iure quod visum esset, aequum omnino videbatur. Haec scripta tamen si publice extarent, et quanta fuisset virtus tanti viri magis liquido astenderent, et gloriam magnorum meritorum augerent. Bandini, (Uzielli) p. 85.

(1) Dr. Zeferino Candido, Brazil, p. 289 ss.

(2) O rio traz quasi todas as denominações dadas pelos descobridores hespanhoes : el macareo, G. de S. Maria e mar dulce e, além destes nomes, a legenda : ma salta la mar que la tierra. Mémoire Atlas N. 1.



America no mappa maritimo de M. Waldseemüller de 1516.
Reproducção de J. Fischer e Fr. R. v. Wiesor. Die älteste Karte, etc.


# APPARELHO de SEGURANÇA

É'

***A navalha de barba mais util e mais perfeita***

**STANDARD**

do sul, completamente erma de denominações, parece obra de phantasia.

Este mappa, longamente desconhecido, foi achado em Paris por A. de Humboldt e Walckenaer e conserva-se hoje no museu naval de Madrid.

A terceira viagem fez Vespucci a serviço de Portugal sob André Gonçalves ou quem quer que fosse. Fora instado pelo proprio rei D. Manoel a acompanhar a expedição como piloto e cosmographo. Sahiram de Lisboa a 10 de maio de 1501 e, depois das escalas nas ilhas do Cabo Verde e numa costa da Africa a que dá o nome de Besillica, aportaram á costa do Brasil em 5º Sul a 17 de agosto (1). Daqui costearam a terra até 32º Sul, onde se apetrecharam de agua e lenha para seis mezes. De 13 de fevereiro até 2 de abril continuaram em rumo less-sueste. Nesta data avistaram uma terra que costearam por 20 leguas, sem descobrir nem porto nem habitante. Voltaram então, dirigindo-se para a contra-costa da Africa, donde, após um descanso de 15 dias, se fizeram de volta para os Açores, chegando a Portugal no mez de setembro de 1502.

*O progresso geographico que marca esta viagem, representa-o o mappa de Canerio de* 1502.

Recenseadas as fontes, passemos já a um exame e confronto dos mappas. Deixamos de parte por sufficientemente explicado o trabalho cartographico de Juan de la Cosa. Sobre o de Cantino não nos precisamos alargar, pois, os dados proprios que apresenta não passam dos seguintes: S. Jorge (S. Agostinho), S. Miguel (?), *S. Francisco, Bahia de todos os Santos*, Porto Seguro, Rio do Brasil (?), C. de S. Martha (?).

(1) A di 1 d'Agosto approdó ad una terra tutta abitata, la quale esta in fuori della linea equinoziale verso l'austro 5 gradi, e ne prese il possesso per le Re di Portogallo." Bandini, Vita di Amerigo, p. 33. Uzielli nota para estas viagens: „Questo ponto di storia è tanto intricato, da meritare certo una particulare discussione; ma essa richiederrebbe oggi un volume, tanto è statto scritto sul testo e sulle date, delle relazioni dei Viaggi del Vespucci." L. c. p. 84-85. As muitas edições das cartas de Americo em quasi todas as linguas da Europa e mais ainda as traducções feitas, do proprio manuscripto de Americo explicam bastante a diversidade das datas. Foi por isso que já dous congressos de Americanistas (de Stuttgart e Vienna) acceitaram a proposta do padre J. Fischer, S. J., reconhecendo a necessidade indispensavel de uma edição critica das obras de Americo Vespucci. Encarregou-se desta tarefa um espicialista abalizado, Gustavo Uzielli, mas, conforme sabemos por communicação do padre J. Fischer, o auctor ainda não passou dos trabalhos preparatorios. Varnhagen marca o dia 16 de Agosto (Historia Geral3 I, p. 128); não conhecemos a auctoridade, em que se apoia. Nas edições da Cosmographiae Introductio acha-se o dia 17, mas não 16.

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
Fazendas por Atacado
GUIA FERREIRA & ATHAYDE
187, Rua da Quitanda, 187 (antigo 149)
End. Telegr. "GUIA" RIO DE JANEIRO

IV

| Cantino | Canerio | Waldseemüller 1507 | Waldseemüller 1516 |
|---|---|---|---|
| Rio Grande. | (Hojeda) Rio Grande (Amazonas) | Rio Grande | Rio Grande |
| todo este mar he de agua doce | (Hojeda) Todo este mar-he de agoa dolce | Totum istud mare est de aqua dulce | Totum istud mare est de aqua dulci |
| golfo fremosso | ? Gorffo fremoso (Maranhão) | Gorffo fremoso | Gorffo fremoso |
| Canibales | (Pinzon) Cambales | Cambales | Canibales p. dearena |
| | | | Serra de S. Maria |
| | Toda esta terra he descoberta por mandado del Rey de Castella. | Toda ista provincia inventa est per mandatum Regis Castelle | Terra Cani BALO rum Terra nova |
| Cabo de Sã Jorge | [Sam Rocho | S. Rochi. | S. Rocho |
| cabo de Sam Jorge | [Santa Maria de gracia (?) | S. Maria de gracia | S. Maria de gratia |
| Quresma | [Monte de sam vicenso (?) | mons .S. vincecij | Monte de S. Vincenso |
| | [Sta Maria de rabida (?) | S. mariaderabida | S. Maria de Rabida |
| san miguel | Cabo Sta croxe | Caput Sanctae crucis | Caput S. Crucis |
| | Sam Michel | Sancti Michaelis | S. Michael |
| | | AMERICA | |
| Rio de sã Franco | Rio de sam Francesco | Rio de S. Francisco | Rio de S. Francisco |
| | ..... | | |
| | [vazia baril | vazia baril | vazia baril |
| | [Rio de perera (?) | Rio deperera | Rio de perera |
| | [Serra de Stã maria de gracia (?) | Serra de S. maria de gracia | Serra de S. Maria de gratia |
| | [Rio de caxa | Rio de casa | Rio de casa |
| | ? porto real | porto real | porto real |
| | ? Rio de sam ieronimo (?) | Rio S. iheronimi | Rio de S. iheroimo |
| | ? Rio de oido (?) | Rio de odio | Riodoido |
| | ? Rio de mezo (?) | Riodomezo | Riodemezo |
| | ? Monte fregosso (?) | Monte fregoso | Monte fregoso |
| Abaia de todos Sanctos | ? baie de tuti li sancti | Abbatia omnium Sanctorum | Abbatie omnium Sctor |
| | ..... | | |
| | Viajantes desconhecidos: Rio de sam jacomo | Rio S. iacobi | Rio de S. iacobo |
| | Viajantes desconhecidos: Rio de sto agustino | Rio S. augustini | Rio de S. augustino |
| | Viajantes desconhecidos: Rio de stã lena | Rio de S. lucia | Rio de S. lena |
| | Viajantes desconhecidos: Rio de sexmos | | Rio de sexmos |
| | Viajantes desconhecidos: Rio de vergine | Rio de virgine | Rio de virgine |
| | Viajantes desconhecidos: Rio de sam ioam | Rio de S. ioham | Rio de S. ioam |
| porto seguro | (Cabral) porto seguro | porto seguro | porto seguro |
| | [Bareras vermeias (coroa ve melha) | bareras vermega | bareras vermeias |
| Rio de brasil | ? Rio de brazil (?) | Rio debrazil | Rio de brasil |
| a vera cruz † | ? Barossa (?) | Barossa | Barossà |
| | (Cabral) mont passqual | Mont pasqual | Mont pasqual |
| | ..... | | |
| | [Rio de stã lucia | Rio de S. lucia | Rio de S. Lucia |
| | | | BRASILIA SIVE TERRA PAPAGALI |
| | [Serra de sam tome (?) | Serra S. thome | Serra de S. thoma |
| | ?Alapego de sam paullo (?) | pagus S. paulli | |
| | ? Rio da refens (?) | Rio da refens | Rio da refens |
| Cabo de sta Marta | | | |
| | (baie de reis (?) | baie dereis | baie dereis |
| | [pinachullo detencio (?) | pinachullo detentio | pinachullo detentio |
| | [Rio iordam | Rioiordam | Rioiordam |
| | [Rio de Sto. Antonio (?) | Rio de S. Anthomo | Rio de S. Anthonio |
| | [porto de Sam sebastiam (prov. ilha S. Sebastião) | portus S. Sebastiani | porto de S. sebastiã |
| | [porto de Sam visenso | portus S. vinceti | porto de vincecio |
| | [Rio de cananor | Rio decananorum | Rio decananorum |

Veja Fischer und Wieser, Die älteste Karte, p. 54 e 55.
[indica os nomes que attribuimos á terceira viagem de Americo Vespucci.
..... indica os nomes que perduraram nos mappas modernos.

Conferindo os mappas, salta á vista a posição fundamental de Canerio e sua repetição nas duas obras cartographicas de Waldseemüller.

Um stock de denominações *fixas* já o fornecera Cantino : Rio grande, Canibales, S. Francisco, (Monte pascual), Bahia de todos os Santos, Porto Seguro.

*Denominações geralmente recebidas e primeiramente* **mudadas** *pelos Reinel : Cabo S. Cruxe substiuido por S. Agostinho, Rio Jordão por Rio de Janeiro, Cananor transformada em Cananea.*

Nome eliminado em Canerio, e seguintes é o Cabo de S. Jorge.

Achamos este cabo unicamente no mappa de Cantino, mas não o julgamos denominado na viagem que serve de documento a este auctor. Pois, seguindo os demais nomes a ordem do calendario, só este quebra a regularidade chronologica. Póde ser que fosse dado pelo mensageiro de Cabral, pois seria natural que costeasse a terra até este ponto, em que ella muda de rumo.

## V

### 1. O cabo S. Agostinho.

*S. Maria de la Consolacion*, Vicente Pinzon,

*Rostro hermoso*, Diogo Lepe,

*C. de S. Jorge*, Cantino,

*C. de S. Croce*, Canerio,

*C. S. Agostinho*, Carta de A. Vespucci,

*C. fremoso*, Reinel 1516,

*C. S. Agostinho*, Reinel 1520.

A prova da correspondencia que acabamos de estabelecer, acha-se no Esmeraldo De Situ Orbis por Duarte Pacheco (1) que, enumerando as latitudes dos pontos da costa do Brasil já denominadas, cita (depois da angra de S. Roque e de S. Maria da Rabida) o Cabo de S. Agostinho em 8º15', não fazendo menção do cabo S. Crucis. Ora escrevendo Pacheco em 1505, é evidente que aqui temos o Cabo S. Agostinho *o qual é mencionado por Vespucci* em sua carta já tantas vezes citada.

Mas como explicar a falta deste nome em Canerio que tão de perto seguiu a Vespucci? Canerio, sem duvida tinha á mão *o roteiro* (hoje perdido) do grande cosmographo, que certamente tinha posto, a par (ou nas vizinhanças) do seu Cabo S. Agostinho, os nomes anteriormente dados. Dentre elles escolheria Canerio o de S. Crucis (2).

O auctor da segunda memoria no litigio entre o Brasil e a França julga achar o cabo em questão na ponta do Calcanhar (3), mas tem contra si a declaração formal de Vicente Yanes Pinzon que « el cabo de Consolacion... agora se chama Cabo de S. Agustin » (4).

(1) Duarte Pacheco Pereira, Esmeraldo de Situ Orbis. Lisboa 1892, p. 16.

(2) Póde ser que a denominação S. Crucis fosse dada pelo mensageiro de Cabral que daqui se faria para alto, demandando Lisboa. Mas como Stevenson possa escrever que foi visto e denominado por Cabral a 23 de abril de 1500, não entendemos em que dados historicos se baseie tal opinião. The Marine World Chart p. 53.

(3) Second Mémoire, I, p. 25-26.

(4) Navarrete, III, p. 20-21. Conf. Manuel de la Puente y Olea, Los Trabajos Geograficos de la Casa de Contratación, p. 273 e p. 44 s.

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

## 2. Rio de Janeiro.

Rio Jordão : Canerio, Waldseemûller, Ruysch 1508, edição de Ptolomeo 1513, Maiollo 1515 (1), Turin 1523 (2), Maiollo 1527 (3), (Diego Ribero (4) até escreve rio de la Judia em 1529). Mas já o primeiro mappa dos Reinel dera em 1516 na mesma altura e em lugar de Rio Jordam *Rio de Janeiro* (5).

(1) Mémoire, Atlas I N. 1ª.
(2) L. c. N. 2.
(3) L. c. N. 3.
(4) L. c. N. 4.
(5) Que este mappa não tivesse influxo mais rapido e decisivo, introduzindo o novo nome em toda a cartographia, explica-se em parte pela vida errante dos auctores, e não menos pelas aspirações predominantes do tempo. Em 1527 os Reinel empregaram-se na Casa de Contratación de Sevilla, depois de tantas vezes mudado o lugar da sua actividade. Durante annos tinham concentrado os seus esforços na preparação da viagem de Magalhães que havia de abrir a passagem pelo estreito do seu nome para o paiz da especiaria. Mas o que mais prejudicou a acceitação dos mappas foi a rivalidade entre as duas nações da peninsula iberica, que se avivava com cada novo descobrimento. O das Moluccas fez rebentar em labareda o fogo da mutua desconfiança e foi aqui que os Reinel valeram aos navegantes hespanhoes com os conhecimentos que tinham de mappas e « portulanos » portuguezes, pois Sebastião Alvarez, agente del-rei de Portugal em Sevilla, escreve em julho de 1519 a D. João : la tierra de Maluco vi yo asentada en la poma y Carta que hizo el hijo del Reynel, la cual no estaba acabada cuando vino aqui su padre por él, y su padre lo acabó todo y paso estas tierras de Maluco. (La Puente y Olea, Los trabajos Geograficos, p. 289. J. Denucé, Les Origines, p. 33). Ajunta este mesmo agente que os mappas que viu na casa de Magalhães, não tinham terras assentadas desde o Cabo frio. (La Puente y Olea, l. c.) Mas Magalhães tinha mappas perfeitos da costa brasileira do Cabo Frio para o Sul, que o interessava particularmente, e si não os tinha em casa, estavam depositados na Casa de Contratación. Não os quiz mostrar, como no congresso de Badajoz os geographos portuguezes se recusaram a mostrar um mappa novo. (J. Denucé, Les Origines, p. 40). Todos os mappas, que sahiram da Casa de la Contratación de Sevilla, depois de entrados nella os Reinel, abandonam a algaravia de Canerio, marcando Rio de Janeiro e si conhecessemos algo dos mappas feitos na casa da India de Lisboa, com certeza poderiamos dizer o mesmo dos mappas officiaes portuguezes.

Para o chronista de São Vicente, Fr. Gaspar da Madre de Deus, era artigo de fé que Martim Affonso deu o nome na viagem de Portugal ao Brasil (1). Varnhagen assignou o nome á viagem de Americo (2) e, ainda que os primeiros mappas não marquem Rio de Janeiro, julgamos pelas razões, que adiante exporemos, que nesta viagem foi baptisada a linda Guanabara.

O mappa de Canerio nota na bahia do Rio de Janeiro os seguintes nomes : Rio da refens, *baie de reis*, pinachullo detencio, Rio jordam.

Se de facto o nome *Jordão* foi o inicial e *Rio de Janeiro* uma denominação posterior, não o sabemos com certeza. Varnhagen, como acabamos de referir, sustenta que já Vespucci puzera este ultimo nome. Seria pois uma desintelligencia de Canerio, pondo Jordão em lugar de Janeiro? Impossivel não sèria, pois não sendo o idioma portuguez familiar a este auctor italiano, não poucas vezes atrophiou as denominações.

*Consta porém que já em 1515 se denominava a bahia Rio de Janeiro, como o prova o roteiro de Solis* que passo a transcrever, segundo a citação de Varnhagen.

(Começa o auctor por uma objecção).

(1) Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente. Lisboa 1797, p. 15.
(2) Revista do Instit. Histor. 24, p. 85.

**O vibrador Electrico de Massagem "ARNOLD"**

Aformoseia a pelle e activa a circulação do Sangue.

« A expedição de João Dias de Solis, que, havendo partido desta vez do porto de Lepe, segundo Herrera a 8 de Outubro de 1515 com 3 navios, caminho do Rio da Prata, nada mais natural do que poder chegar no 1º de Janeiro á mencionada bahia, e dar-lhe então um nome chronologico. Todavia nem Gomara, nem Herrera fazem menção desta clausula, dizendo bem pelo contrario, *este ultimo com toda a simplicidade que chegaram ao Rio de Janeiro na costa do Brasil* », o que junto ao lugar citado a respeito da viagem de Magalhães (« que chegaram os de Magalhães á bahia *que chamavam os Portuguezes — de Janeiro* ») faz prova contra, e é ainda maior este argumento, se nos lembramos que Herrera não costuma esquecer e passar em claro estas particularidades, tanto que logo abaixo as menciona acerca das ilhas que chamavam da Prata, e dos Lobos, o que por certo não é de mais importancia, que o nome de uma tão notavel enseada » (1).

Parece-nos pois assente que em 1515 a bahia do Rio de Janeiro trazia esta denominação *já conhecida a estrangeiros* e que em 1522 era tida *pela usual dos Portuguezes*. Estabelecer, para desvirtuar o testemunho de Reinel, uma dependencia deste da viagem de Solis é asserção gratuita contraria a todos os dados biographicos e ao conteúdo das respectivas obras citadas.

### 3. Cananor — Cananea.

Não tem peso a difficuldade de Candido Mendes que chamou a attenção dos historiadores para a falta de coincidencia das coordenadas geographicas (1) de Cananor com o actual Cananéa. Pois fazendo (2) a *correcção devida das latitudes* no mappa de Canerio, obtem-se a localidade moderna que acabamos de apontar. Mas temos ainda uma prova mais directa, apontada já por Candido Mendes. Escreveu Americo : « já tinhamos perdido de todo a ursa menor, e a maior estava tão baixa que apenas apparecia no fim do horizonte » (3). A primeira constellação desapparece á vista em 16º 24' de latitude sul, e a ursa maior roça ainda o horizonte em 25º 35' sul ; portanto é justamente em Cananea que Americo podia escrever o que acabamos de transcrever.

Mas como viria o nome de um indiano surgir na costa do Brasil?

Quando Cabral de volta da India trouxe a noticia que o rei de Cananor offerecera sua amizade e o trafico das especiarias (4), o nome deste reino longinquo começou a ter um som grato aos ouvidos portuguezes. Accresce que, apezar da rota achada por Vasco da Gama, não só os Hespanhoes a que esta era defeza, mas os proprios Portuguezes procuravam com afan um caminho para as Indias (que se lhes afigurava mais proximo) pelas terras da America.

Ainda não estava vencido o erro fundamental do globo de Behaim, approximando o extremo oriente da Asia de tal maneira da região occupada pela America que coincidiam em larga extensão (5).

(1) Revista do Inst. Hist. (Rio de Janeiro) 24, 1861) p. 84.

(1) Revista 40b (1877), p. 197 ss.

(2) Ubi super horizonta illum meridionalis polus 32 sese extollabat gradibus. Cosm. Introd. p. XCIII.

(3) L. c.

(4) Barros, Asia. Dec. 1. l. 5. c. 6.

(5) Os portuguezes, é verdade, conheciam bem, de portulanos italianos e arabes especialmente, que a Asia não se extendia tanto e parece que foi

O globo de Schoener mostrava a desejada passagem na America central (1). Os Portuguezes a quem esta região era vedada, procuravam passar pelas bandas do Sul. Não deve, portanto, causar extranheza que, em demanda do desejado emporio das especiarias, déssem esse nome á mais austral das escalas até então attingidas. De facto tornou-se, senão um ponto intermediario da rota mercantil das Indias, ao menos um centro da exploração e colonização de todo o Sul do Brasil, depois de estabelecida a colonia de degradados em 1501.

A modo de corollario nos seja licito accrescentar tres palavras sobre a

## Ordem chronologica das denominações.

que apontada primeiro por Varnhagen, tem achado num auctor moderno apreço demasiado

Stevenson tira de Canerio a seguinte lista de nomes que attribue á viagem de Americo (1) :

Sam Rocho, 16 de agosto.
Sta. lena, 18 de agosto.
Rio de S. Augustino, 28 de agosto.
Santa Maria, 8 de setembro.
Sam Miguel, 29 de setembro.
Rio de Sam ieronimo, 30 de setembro.
Rio de Sam francesco, 4 de outubro.
Rio de Vergine, 21 de outubro.
baie de tuti li santi, 1º de novembro.
Rio de sta lucia, 13 de dezembro.
serra de sam tomé, 21 de dezembro.
baie de reis, 6 de janeiro.
Rio de Sto. Antonio, 17 de janeiro.
porto de sam Sebastian, 20 de janeiro.
porto de sam vicenso, 22 de janeiro.
Alapego de sam paulo, 25 de janeiro.

Mas a primeira difficuldade que se

(1) The M. W. Chart Canerio, p. 52.

por isso que D. Pedro II se recusou a dar a Colombo o auxilio necessario para a primeira viagem ; mas quando o mundo reboou da nova que Colombo, apezar de tudo, tinha achado, em derrota para o oeste, o celebre Zipango (Japão), os Portuguezes facilmente deram credito a noticias tão desejadas. Conf. J. Denucé, Les Origines, p. 13.

Zeferino Candido escreve : « Para Portugal, Malaca encontra-se naturalmente na sua legitima directriz, na da sua conquista. Nunca houve hesitações, nem duvidas na sua posse e no processo da sua obtenção ». (Brasil p. 279.)

Concedendo, porém, esta aspiração para os Hespanhoes, temos que baste para não rejeital-a nem da parte de Portugal, tanto mais que é provada por outros momentos que o historiador não póde acoimar de bellas fantasias. Tamanha superioridade dos Portuguezes sobre os Hespanhoes que o auctor estabelece, ficou de todo por provar. (Algumas perguntas feitas por Zeferino Candido a respeito da Newe Zeytung acharam, ha tempo resposta, p. e. Fr. v. Wieser, Magalhães Strasse. Puente y Olea, Los Trabajos geograficos, p. 67 e 295.)

(1) Veja reproducção em Wieser, Magalhães Strasse, Beilage N. 2. Conf. o mappa de Leonardo da Vinci l. c. N. 3. Na « Newe Zeytung auss Presilgg Landt » assegura o piloto que « segundo seu calculo, não póde haver mais de 600 leguas de distancia desde o dito cabo do Brasil, que se deve considerar o principio deste paiz, até Malaca. » E dá parabens ao rei de Portugal pelo progresso do commercio da especiaria, pois « el-rei de Portugal ganhará muito em aproveitar-se desta nova derrota para a navegação entre Lisboa e Malaca, terra esta, para a qual a costa do Brasil se ia afeiçoando. »

A quarta navegação de Americo fez-se com este proposito de achar Malaca, como o florentino nos conta na sua carta. « Ex lisbonae portu cum sex convervantiae navibus exivimus cum proposito insulam unam versus horizontem positam invisendi, quae Meliba dicitur et divitiarum multarum famosa necnon navium omnium sive a Gangetico sive ab indico mari venientium receptus sive statio est, quemadmodum Calicia receptus sive hospitale omnium navigantium est qui ab oriente in occidentem et e converso vagantur prout de hoc ipso per Calicutiae viam fama est. » Fischer und Wieser. The Cosmographiae Introductio, p. XCIX.

BEBAM CAXAMBÚ
*A soberana das aguas de meza.*

levanta contra esta combinação, está na violencia que o auctor fez á ordem em que estes nomes vão marcados no mappa. O rio de S. Agostinho (28 de agosto) está ao sul da bahia de Todos os Santos (1º de novembro); Sª Maria de gracia (8 de setembro) ao sul do rio de S. Francisco (4 de outubro) como tambem o rio de S. Jeronymo (30 de setembro).

Mais evidente torna-se o engano de Stevenson, conferindo o mappa anterior de Cantino. Lá já encontramos os nomes: São Miguel, S. Francisco, Bahia de Todos os Santos que, como temos demonstrado, são o resultado de viagem anterior. Estes nomes, portanto, não podem ser attribuidos a Americo pela casual circumstancia de quadrarem em uma ordem que se adopta ao calendario.

Pe. J. B. Hafkemeyer,
Lente de Historia.

---

Não sou pedra que rebole,
nem ladrilho mal assente:
onde ponho o meu sentido,
fico firme para sempre.

---


# A' ESPINGARDA BRAZIL

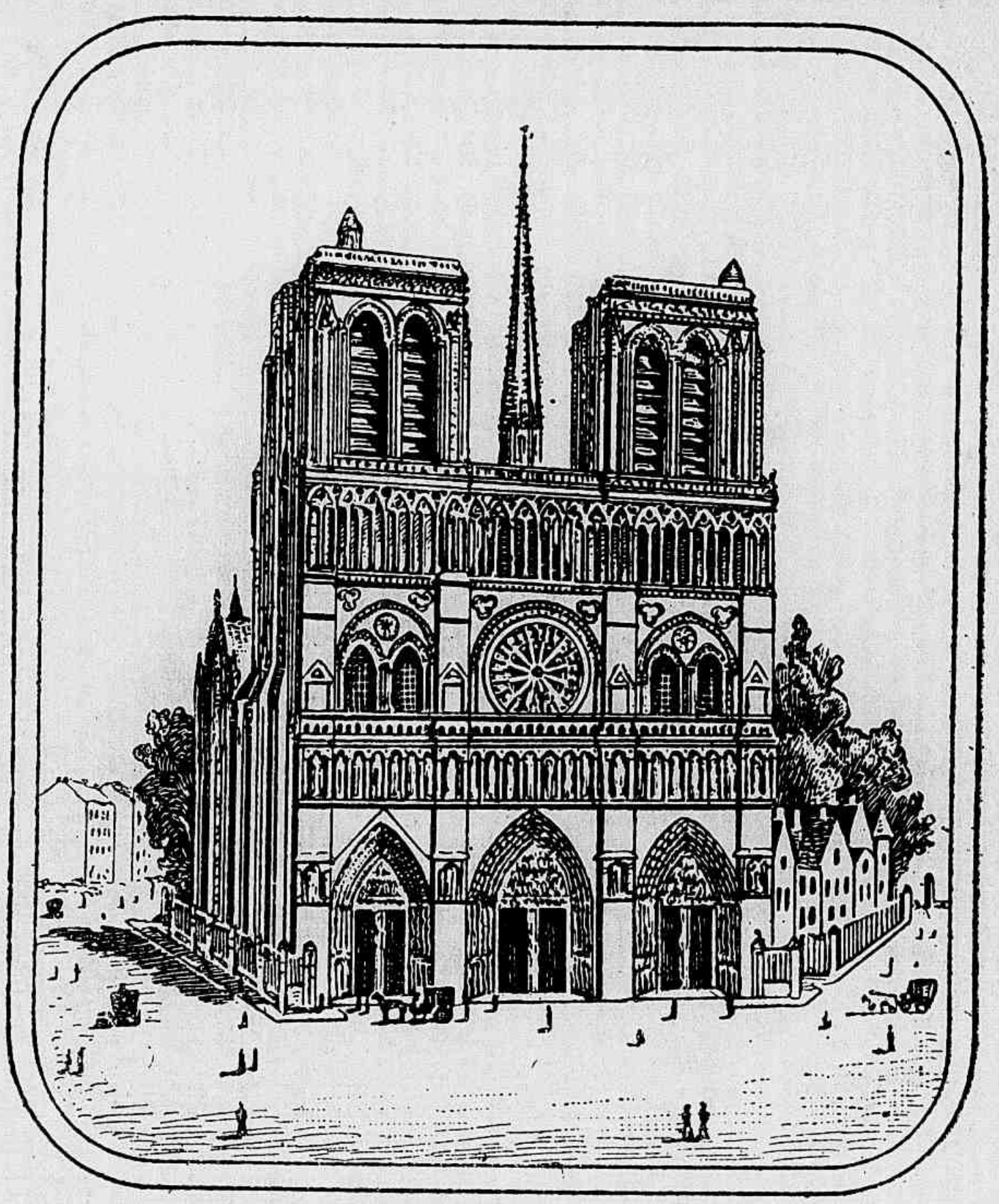
*Importação de*
ARMAS E MUNIÇÕES

*Fabrica de*
CHAPÉOS DE SOL

# A. Pinto, Irmão & C.

7, Rua da Carioca, 7
Rio de Janeiro

# A NOTRE-DAME DE PARIS



PREÇO FIXO

## Os mais vastos Armazens de Fazendas e Modas do Brazil

VENDAS A DINHEIRO

SEDAS, LÃS, TECIDOS DE FANTASIA, CONFECÇÕES.
CHAPÉOS, MEIAS, ESPARTILHOS, CHAPÉOS DE SOL, ENXOVÁES PARA CASAMENTOS E BAPTISADOS,
ROUPA BRANCA PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS.
ATOALHADOS, LENÇÓES, COLCHAS,
RENDAS, FITAS, ARTIGOS DE FANTASIA, ETC., ETC.

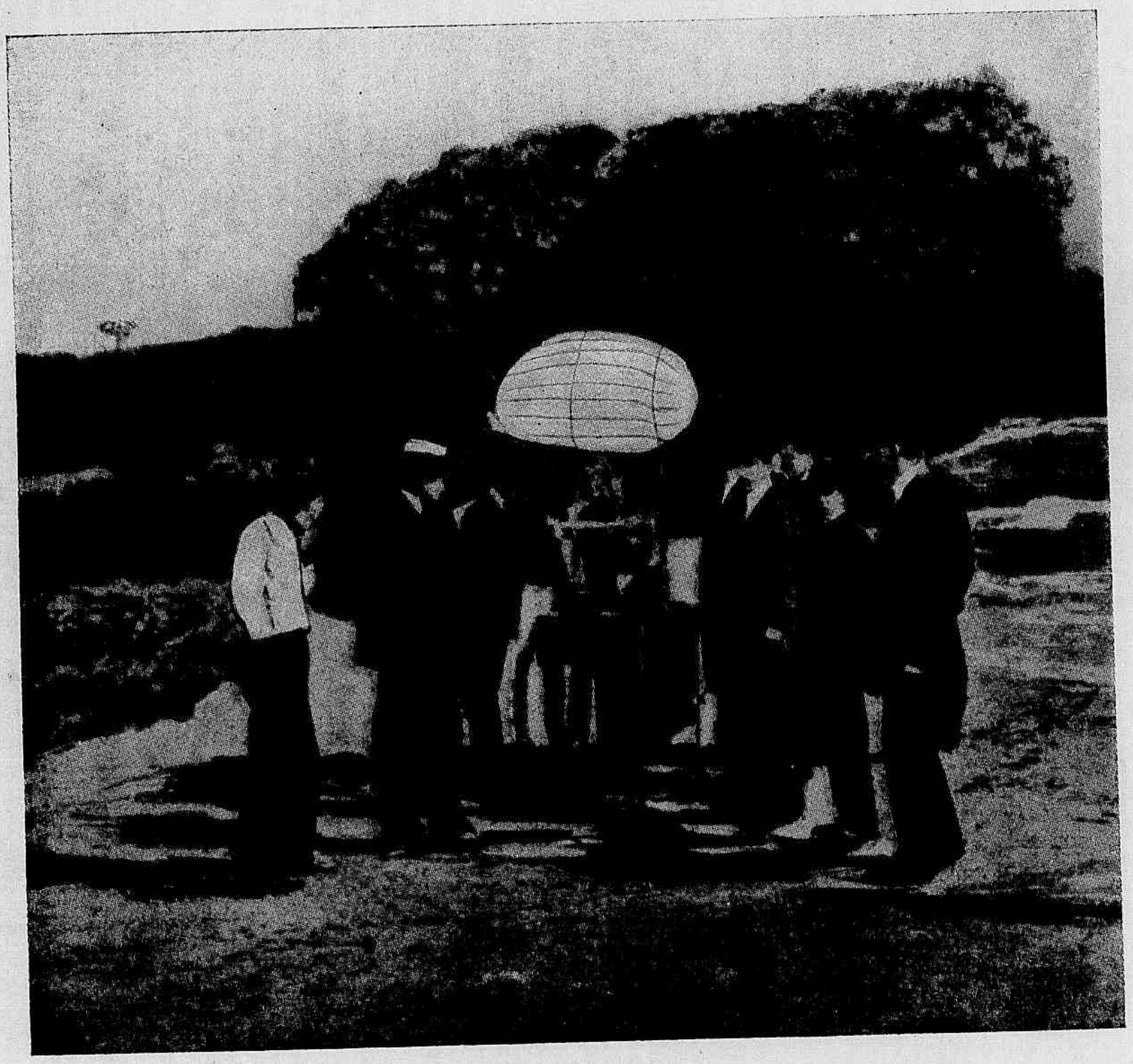
GRANDES OFFICINAS DE ALFAIATE E DE CHAPÉOS PARA SENHORAS.

**Rua do Ouvidor, Largo de S. Francisco de Paula e Travessa do Rozario**

# RIO DE JANEIRO

# VELIVOLOS... BRASILEIROS

*Velivolos*, como lhes chamou d'Annunzio, são todos estes apparelhos de voar, aeroplanos, biplanos, monoplanos, dirigiveis, aerostatos, os mais leves ou os mais pesados que o ar que ameaçam ficar sendo a questão permanente do seculo XX.

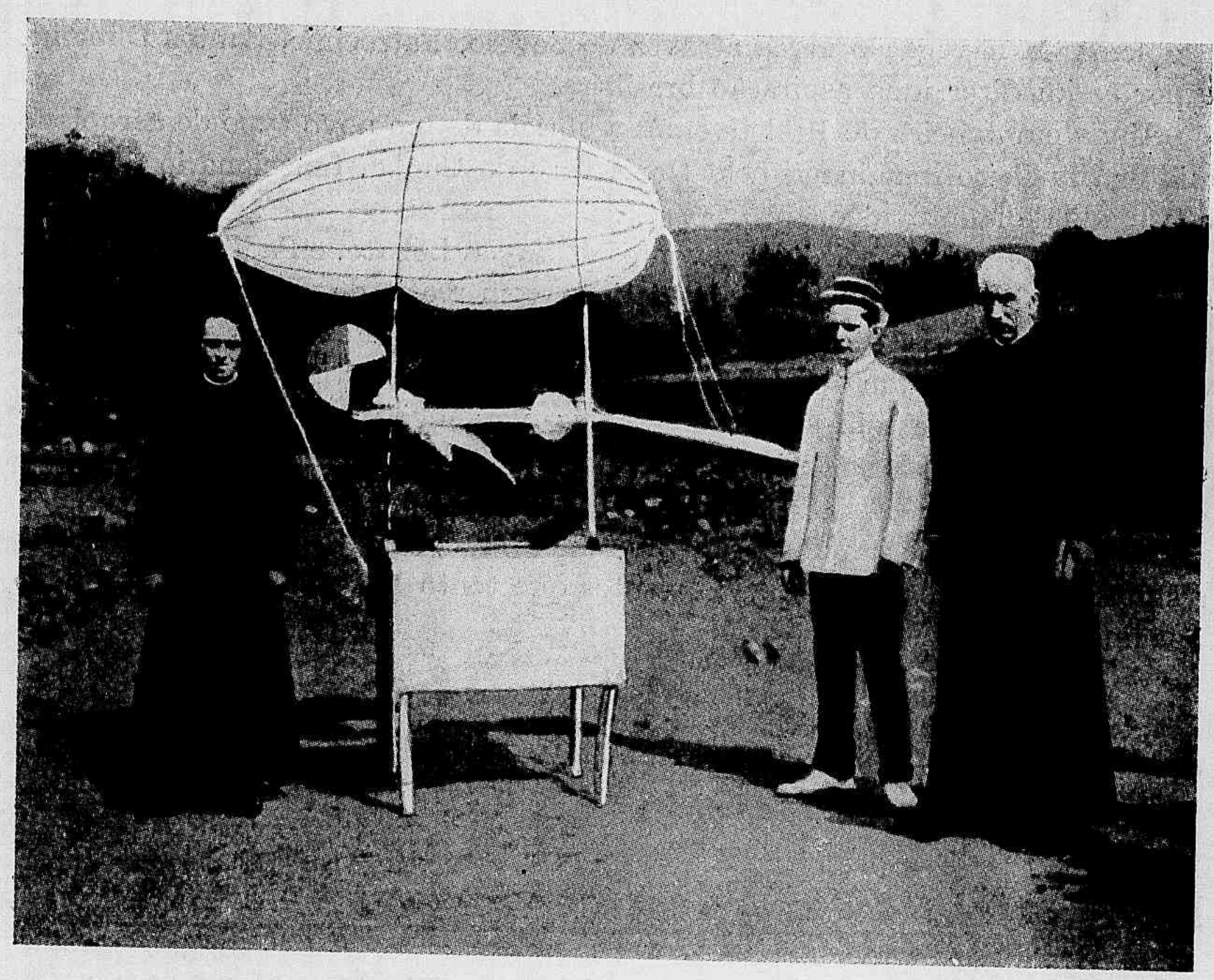


Balão dirigivel do Pe Ribeiro.

O Brasil, desde os mais remotos percursores, tem quinhão enorme n'essas tentativas ainda muito pouco practicas e muito perigosas e caras.

Temos agora a registrar duas contribuições novas e de origem nacional : A machina ao mesmo tempo parafuso sem fim e projectil, ideada pelo tenente do nosso exercito, engenheiro SAYÃO LOBATO, de feitura complicada, cuja theoria foi exposta em um livro recente da lavra do inventor : « Mechanica dos Aerostatos. *Aeronave Projectil* ». D'este reproduzimos as gravuras que vão no texto e que dão idéa do engenho original imaginado pelo illustrado militar.

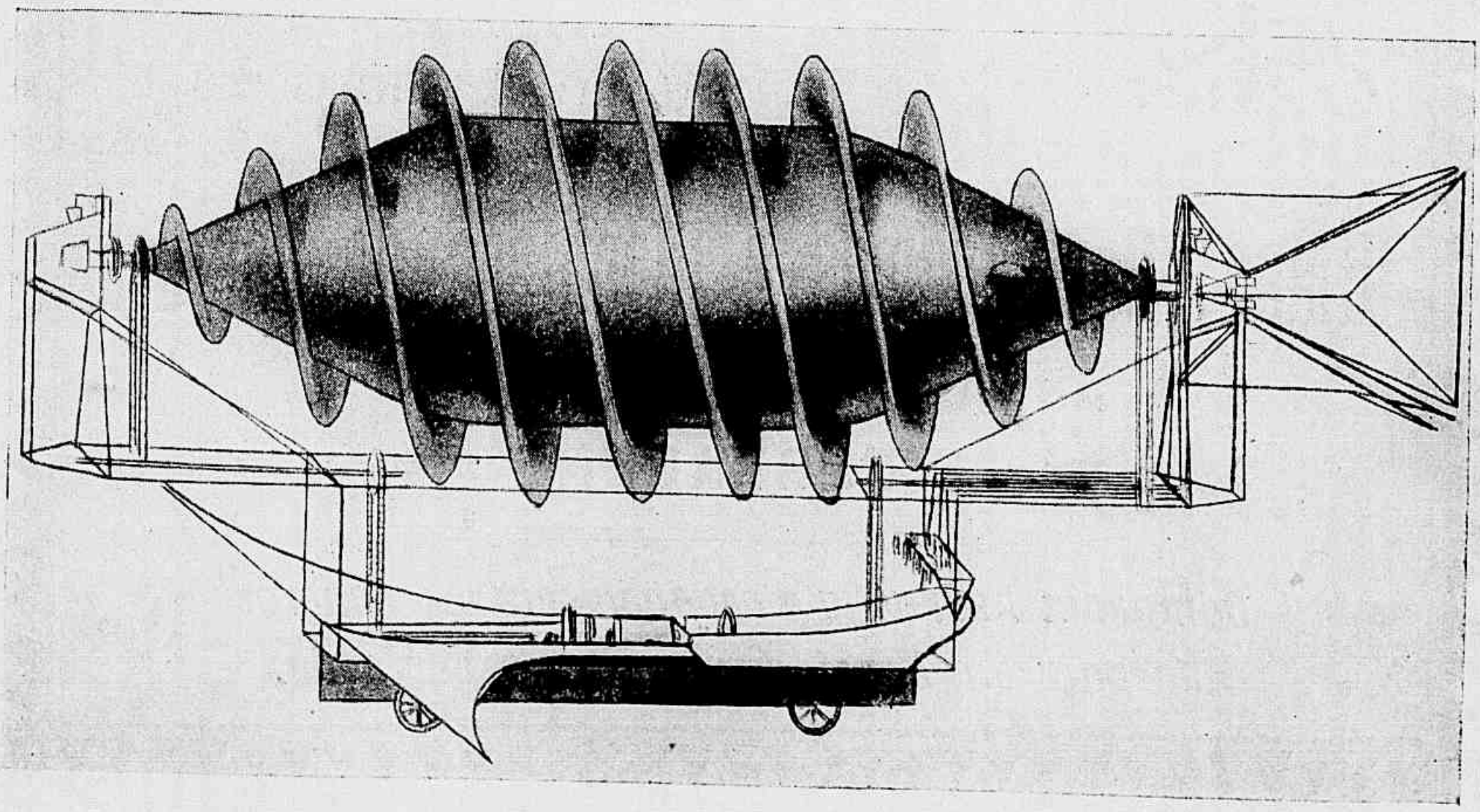
Differente é já o balão dirigivel do modelo ideiado pelo PADRE JOAQUIM IGNACIO RIBEIRO, cuja reducção serviu de experiencias curiosas feitas com



Balão dirigivel do Pe. Joaquim Ignacio Ribeiro.

exito na *Olaria*, nos arredores do Rio de Janeiro, e na presença de jornalistas.

Desde a *Passarola* de Gusmão que precedeu as montgolfieras francezas, o



A aeronave projectil do Dr. Sayão Lobato.

problema da navegação aerea atravez de Severo, Patrocinio, Santos Dumont, é por assim dizer uma aspiração brasileira.

Ainda em Janeiro de 1911 tivemos a noticia de um novo typo de aeroplano militar brasileiro imaginado pelo Dr. Alvaro da Cunha, funccionario do nosso consulado de Montevidéo.

Não podemos a respeito dos inventos de Sayão Lobato, e Padre J. I. Ribeiro, adiantar mais que estas notas illustrativas, com receio de nos perder nos labirintos da mecanica, sempre em theoria invenciveis. Faz-nos isso lembrar o espectro da lei de Ohm que Edison acabou de atirar ás ortigas.

Como quer que seja as demonstrações verdadeiramente boas são as da experiencia, por onde se verificam os erros ou acertos da theoria e dos calculos de gabinete.

Assim, pois, em prudente e sympathica espectativa devemos esperar os resultados practicos d'esses dois inventos que tanto honram o nosso talento e imaginação.

---

MARCA REGISTRADA
ARPECO
MARCA REGISTRADA
MARCA REGISTRADA
MARCA REGISTRADA

ARP & COMPIA

Rua do Ouvidor Nº 102 | Rua do Rosario Nº 113

*Caixa Postal 374 — RIO DE JANEIRO*

Glockengiesserwall, 16, HAMBURGO

Armas, Cartuchames e Machinas de Costura

ARTIGOS DE ARMARINHO

E FERRAGENS

A ARP P *Compram borracha e recebem outros generos do paiz em consignação para exportação.* A ARP P

# CONCURSOS DE 1910-1911

## RESULTADO

Findo o prazo dos concursos literarios, instituidos pelo *Almanaque*, aos 31 de janeiro de 1911, entregamos a duas commissões, que escolhemos, a classificação dos trabalhos em prosa e em verso apresentados por varios concurrentes.

A commissão de POESIA concedeu o premio a *Mauro Serrano* de Minas Geraes.

« Depois de assentarmos n'esta escolha (disse ella) entendemos, não obstante, que os gostos e pareceres muito variam, principalmente n'este materia e n'este momento em que tantas escolas e doutrinas poeticas disputam a primasia; e por isso aconselhamos a publicação de varios sonetos que nos pareceram de merito e são os que assignalamos com a letra B. nos manuscritos. »

Recebido o parecer do commissão verificamos pelo envelope o nome do premiado :

PREMIO DE POESIA
VINICIO VEIGA
autor da poesia
ENVELHECER
(Pseudonymo : *Mauro Serrano*)

Adoptamos o excellente alvitre proposto pelos juizes de publicar os trabalhos que foram considerados bons, o que faremos em lugar proprio n'este numero, sob o titulo *Floreal*, constam de varios sonetos cujas assignaturas conservamos nos seus pseudonymos : *Carlos da Mata, Lopo Cisneros, Carmen Floresta, Lino Candea, Angelus, Lucio Trigo, Jannafé, Caramuru, Rodrigo, Dom Raphael, Bastiolla.*

Foram considerados inferiores os sonetos e poesias, enviados sob os pseudonymos : *Barba Azul, Lucina, Velocipede, Tupinambá, Aristo, João-das-Regras, Dirceu, Cavendish, Simplorio Pimentão, Numero* V e outro cuja denominação, por impossivel, não se publica (1).

A poesia de titulo *Ode real* não foi tambem submettida ao exame da commissão por trazer no verso da 4ª. folha a revelação do pseudonymo o qual *deve sempre vir em enveloppe separado*, conforme rezam as instrucções que a este respeito são muito claras e ainda mais inflexiveis.

Desde que avolume o numero de concurrentes em torneios futuros faremos excluir systematicamente todos os trabalhos que não sejam bastante legiveis, no

(1) Não foi considerada digna de exame, e nem a submettemos á commissão, a satyra *Tsê-Tsè* ou *a Mosca do somno*, ao que nos pareceu, dirigida contra certo folhetinista. O *Almanaque* sempre recusará, como já o tem feito, essas objurgatorias que desapprovamos inteiramente. Não é aqui o lugar para taes desforços que nos tornariam corresponsaveis em desaggravos alheios. A satyra não está excluida, é natural, da poesia, mas é preciso que seja impessoal e siga a regra d'aquella :

Satyras prestam, satyras se estimam
Quando n'ellas calumnia o fél não verte...

**Sem o Apparelho de Segurança Standard**
ninguem poderá barbear-se a vapor.
**Casa Standard, 93, Ouvidor, 95, RIO.**

interesse proprio dos que escrevem. pois que este annuario é impresso em França onde a leitura de manuscriptos póde ser de grande difficuldade para os typographos e revisores.

N'este concurso de 1910-1911, a concurrencia foi relativamente grande, attendendo-se a que a distribuição e circulação do *Almanaque* nos Estados só começaram em dias tardios de Dezembro e o prazo devia terminar a 31 de janeiro. Como estes concurses, porém, são annuaes, podemos receber com a antecedencia que quizerem os trabalhos dos concurrentes por todo o tempo.

* * *

Nos concursos de prosa, genero evidentemente mais difficil, o trabalho da segunda commissão foi por isso mesmo menos arduo e as opiniões e votos menos discrepantes.

« Cabem os dois primeiros premios, na opinião da commissão julgadora, aos dois contos : *Requintado* por Helio Pompeano e a *Victima* de Maximo G.

« O terceiro lugar pode ser disputado por o *Estatuario* de Suctonio e *O primeiro Castigo* por Caius Sylla, mas jugalmos melhor não conceder premio algum a qualquer d'elles.

« Dos demais contos assignados por Rocambole, Armando Lorival, Zorbram, Lauro Gabrielino, Raul Correa, o do sñr A. Lorival mostra qualidades humoristicas apreciaveis; o de R. Corréa é uma bella paysagem mas não é animada de figuras humanas, não é um conto propriamente. »

Em vista do parecer da commissão declaramos, depois de rasgarmos os enveloppes dos pseudonymos, que foram premiados :

Primeiro premio

CESAR DE CASTRO

(R. Grande do Sul)

autor do REQUINTADO (pseud. *Helio Pompeano)* (1)

Segundo premio

J. C. CARNEIRO MONTEIRO

(Parahyba do Norte)

autor de A VICTIMA (pseudon. *Maximo G.)*

Publicamos os dois contos no texto do *Almanaque*.

O conto de *Caius Sylla* em rigôr não podia ser submettido a julgamento porque no exterior do enveloppe indicava o nome do remettente. Embora a direcção do *Almanaque* não séja parte nem juiz nos concursos, comtudo ella deve ignorar os nomes dos remettentes. No mesmo envolucro em que venham os manuscritos deve vir o enveloppe indicando o pseudonymo, e *só interiormente* a revelação d'este.

Por equidade, não havendo concurrente premiado para o *Concurso n. II*, concedemos um segundo *premio* de prosa *(A Victima)*, e a conveniencia de segundo premio foi com antecedencia avisada a commissão.

Não conseguiram o voto da commissão e foram julgados em condições de inferioridade os trabalhos que traziam as assignaturas pseudonymicas seguintes : *Pedro o Crú*, *Stella*, *Almanaquio bahiano*, *Edgard*, *C. Vilela*. *Olim*, *Apseudo*, etc.

Nem a commissão e nós outros ainda menos, temos a vaidosa pretenção de infalliveis. O resultado exprime, apenas, um juizo relativo á competencia,

(1) A commissão leu *Helio* por *Heliolatra*, no original.

cuidado e imparcialidade dos juizes que tudo fizeram por acertar em tão melindroso assumpto.

Ao *Concurso n. III* (photographias, etc.) não houve lamentavelmente quem se apresentasse, talvez pela exiguidade do prazo. Esperamos não ter de lastimar essa ausencia no certamen futuro.

No concurso do *Almanaque de 1912* continuam a vigorar as mesmas instrucções reproduzidas, com pequenas alterações, da edição passada. Recommendamos ainda uma vez a conveniencia de observar á risca as varias clausulas do concurso, mórmente quanto ao segredo dos pseudonymos que não devem ser revelados nem á propria direcção do *Almanaque*.

Outras conveniencias aproveitaveis são-a *letra clara* do manuscripto; *sendo possivel*, o *formato* 0 m 24 × 0 m 17 que é o dos originaes d'este annuario; e a remessa em *registrado* postal.

## PREMIO DE POESIA

## ENVELHECER

(Vinicio da Veiga)

Envolto em cinza e ouro vivo
Além num pìncaro erguido
O Castello,
Ermo, em extase levanta
O seu vulto pensativo.

Num rithmo singelo
Além nas estradas pretas,
A Saudade canta
Os solaus do Olvido.
Deliram as borboletas.

E' lindo de se ver a linda tarde
(Visão suave do Parnaso)
No incenso do Ocaso
Ante o Sol — um rubim que arde,
Ajoelhar cantando...

E' Tristesa — da — Vida,
A alegria do Sol. o Riso
Vão morrendo...
A Odisséa da Dor já vem chorando.

Passa no ar um ruido brando
Daves em fujida,
Tutinegras e gaturamos,
Passam os pombos de neve
Em adejos,
De leve,
Trocando frases e beijos
Como nós trocamos.

II

No mysticismo da Hora que contrista,
Quando o Céo é cor de Amethysta,
Qual uma chaga
Aberta por Sete-Espadas,
As striges malfadadas
Numa voz presága
Gemem Ladainhas pretas.

Ao annoitecer
E' como si o Céo florisse
Em turbilhões de violetas...
Prenuncio triste da Velhice,
Luto dos que estam a envelhecer.

III

Ó como é bello
O Castello
Ao Luar!

Em fulgidos nastros
Começam se desdobrar,
Nos intermundios solitarios,
Cómas de astros.

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

Cheios de pasmo aos nossos olhos
Vislumbrar é dado
Alampadarios,
No Infinito constellado
E os thesouros mais peregrinos
Em tremulantes esfolhos
De nebulosas e de astros divinos.

No Castello encantado
Ver
Já não nos é dado,
No alvorecer
Das rùbidas manhãs,
As Virgens louçãs.

Minas-Geraes, 1911.

Somente lá gemem
Agora
As Saudades mortaes das Virgens
⌈mortas,
Cujas sombras perpassam nas portas
Aos Velhinhos que tremem...

IV

Noite afora
Os astros esplendem mais
Em scintillações puras e sáns
De chrystaes,
Como si o Céo em lirios reflorisse...
E' a brancura das cans...
E' a Velhice! E' a Velhice!

---

A Republica em Portugal (escreveu com espirito o *Trepador* de uma das das nossas folhas humoristicas) veio modificar velhas formulas de feição quasi prehistorica. Antes da Republica dizia-se em Portugal :

Papagaio real
Quem passa?
E' El-rei que vae á caça.

O Governo Provisorio portuguez já revogou esta formula ordenando a seguinte :

Papagaio democrata
Quem passa?
E' o Sr. Joaquim Theophilo Fernandes Braga
Que vae á caça.

**MATTHEIS & C.IA**
IMPORTADORES
**Fabrica de Cravos de Ferrar em Petropolis**
CAIXA DO CORREIO 493
Telegrammas: MATTHEISCO
TELEPHONE 3324.
Rua General Camara, 69-71
RIO DE JANEIRO

# A SORBONNE E O BRASIL

O conselho da Universidade de Paris resolveu abrir, na Sorbonne, um curso de *literatura brasileira*. Da organização desse curso foi encarregado Oliveira Lima, que, inaugurando-o, tratará da *Formação historica da nacionalidade brasileira*. E' inutil encarecer a importancia d'esta obra e a superioridade do interprete a quem foi ella confiada e cujo amor da patria, sob tão nobres revelações, já se tem de sobejo exteriorisado na Europa. As seis primeiras conferencias realizar-se-ão de 15 de Março a 7 de Abril e as seis ultimas de 24 de Abril a 15 de Maio.

E' a primeira vez que um grande Instituto official europeu e justamente o de maior e mais respeitavel tradição, faz crear um curso de assumptos brasileiros. Esse curso, levado a effeito na Sorbonne, tem a vantagem de tomar um caracter *semi-official*, porque, a Sorbonne é a séde da Universidade de Paris, desde o anno 1821.

A Oliveira Lima devem succeder outros que annualmente n'essas conferencias tornem conhecido e estimado o nosso paiz. O nosso governo deveria interessar-se n'esta empreza da patriotica iniciativa da *União franco-paulista*.

E' este o serio e bem lançado programma das conferencias de 1911 por Oliveira Lima.

« Formação Historica da Nacionalidade Brasileira.

1 — O seculo XVI. O descobrimento e os primeiros ensaios de colonisação. O indigena como elemento de população e o indianismo como manifestação literaria. Os jesuitas e a catechese. Uma festa brasileira em Rião em 1550.

2 — As tentativas de occupação franceza durante os seculos XVI et XVII, no sul e no norte. Villegaignon e La Ravardière. O sentimento nacional revela-se por uma literatura nascente.

3 — A união hispano-portugueza e suas consequencias para o Brasil. A occupação hollandeza no seculo XVII. A administração de Mauricio de Nassau. Expulsão dos extrangeiros. Affirmação do sentimento nacional.

4 — O despertar do espirito de rebellião. A conquista do interior durante a época colonial. Os *bandeirantes* paulistas e a sua grande obra. O hespanhol como inimigo. A fixação dos limites.

5 — A Bahia centro de luxo, e Minas Geraes centro de actividade. A prosa dos versos e a poesia do ouro. As minas, fonte de pobreza. O systema colonial portuguez.

6 — O espirito de autonomia contra o espirito de despotismo. A conspiração de 1789, resultado da philosophia franceza e da suggestão republicana dos Estados Unidos. Democracias neolatinas da America. O supplicio de Tiradentes.

7 — A Côrte portugueza estabelecida no Rio de Janeiro em 1808. Um bom rei. A transformação politica e social sob a influencia das novas idéas. O Brasil-reino.

8 — A Independencia effectua-se como uma especie de divorcio. Papel importante de José Bonifacio. O principe regente factor principal da separação.

9 — O Imperio em face das grandes potencias européas. O papel da Austria e o da Inglaterra. Missão de Sir Charles Stuart no Rio de Janeiro. O golpe de Estado de 1823 e a Constitui-

**PIANOS RITTER,** ☞ ***adoptados pela Casa IMPERIAL de ALLEMANHA e pela Côrte de RUMANIA.***

**Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.**

ção de 1824 e a Confederação do Equador.

10 — Impopularidade de Dom Pedro I causada pelas suas tendencias autocraticas e pela perda da provincia Cisplatina. A adoptação do regimen parlamentar. A abdicação e a Regencia.

11 — Dom Pedro II. Sua maioridade antecipada e seu aprendizado de soberano. Caracteristicas do seu reinado. O federalismo e o principio de autoridade. O famoso « poder pessoal » e as liberdades nacionaes.

12 — O papel dos partidos constitucionaes e os grandes problemas politicos economicos e administrativos. Quarenta annos de paz e de prosperidade. Os motivos determinantes da mudança de regimen. »

## *CHEGADA E PARTIDA*

(**Nicolaus Lenau**)

Ao vêl-a apparecer, seu rosto feiticeiro
Da matta era bem como o verdecer primeiro.

Em mim a sua voz tão doce se embebia,
Qual no bosque a vernal primeira melodia.

Mas ao seu mudo adeus, par'cia-me em verdade
Ir-se a ultima illusão de minha mocidade.

B. Taveira.


# A "Sul America"

## COMPANHIA de SEGUROS de VIDA

***Séde Social : Ouvidor, 80-82***

(FUNCCIONA NO PREDIO DE SUA PROPRIEDADE)

**Succursaes em todos os Estados da União e em varias Republicas**

**SUL AMERICANAS**

**Fundos de Garantia : Mais de 30 mil Contos de Réis.**
**Sinistros pagos em 15 annos : Mais de 18 mil Contos de Réis.**

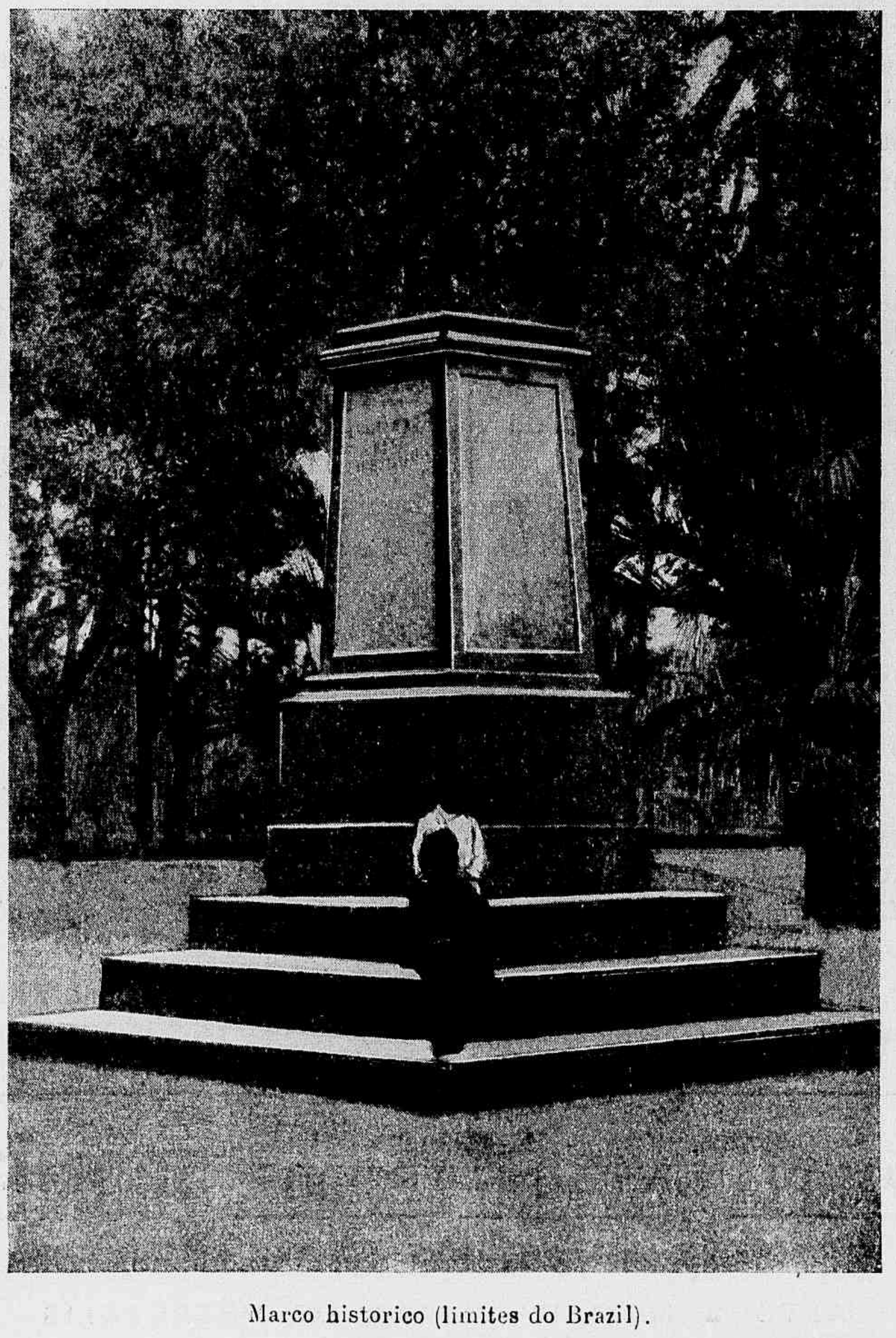
VANTAGENS EM SEGUROS
E
GARANTIAS PARA EXECUTAL-AS ENCONTRAM-SE NA

# SUL AMERICA

**PEÇA PROSPECTOS**

# *Um Marco historico*

Em 13 de Janeiro de 1750, foi assignado em Madrid, o celebre « *Tratado de limites das conquistas entre os mui Altos e Poderosos signores D. João V, Rey de*



Marco historico (limites do Brazil).

*Portugal, e D. Fernando VI, Rey de Espanha pelo qual abolida a demarcação da Linha Meridiana ajustada no Tratado de Tordesillas de 7 de Junho de 1494*

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

*se determina individualmente la raya dos dominios de huma e outra Corôa na America Meridional.* »

No anno seguinte, a 17 de Janeiro, ajustou-se em Madrid a INSTRUCÇÃO para a demarcação dos limites, sendo estabelecida a formação de duas partidas, uma para o Amazonas e outra para o rio da Prata. O capitão general do Rio de Janeiro Gomes Freire de Andrade, foi nomeado 1º commissario de Portugal na 2ª partida, e não demorou em desempenhar o honroso encargo.

Assentou-se o 1º marco da linha divisoria, em uma padra junto ao mar na praia de Castillos (R. O. del Uruguay) ; o 2º no lugar denominado *India Muerta*, e o 3º na serra dos Reis, hoje serra de Maldonado, 5 leguas distante do porto deste nome.

O 1º marco ainda hoje se encontra, derrubado do pedestal e soterrado na praia ; o 2º (V. photographia junta) foi transportado para a praça 25 de Agosto da cidade de Rocha, e o 3º ornamenta uma praça de Maldonado. Pizarro descreve-os, assim :

« Figura piramidal, quadrilatera, e truncada sobre a sua base, arremata uma piramide de quatro faces, do vertice da qual nasce uma Cruz de quatro braços iguaes com altura de 3 1/2 palmos, tendo a sua total elevação 23 palmos. A maior das faces trapezoides abrange 12 palmos de alto, livres da base em que assentam (e he alta 5 1/2 palmos a outra 4) e da cupula que as arma. »

Cada marco continha as inscripções seguintes :

Face norte : *Sub Joanne V Lusitanorum Rege Fidelissimo*, sob as armas portuguezas ;

Na face sul : as armas hespanholas e *Sub Ferdinando VI Hispania Rege Catholico* ; e nas faces leste e oeste, respectivamente :

*Justitia et Pax. — Ex Pactis finium segundorum convenctis Madritz Idibus Januarii M D C C L.*

A convenção do Pardo (12 de Fevereiro de 1761) annullou o *sobredito tratado de 13 de Janeiro de 1750 com todos os actos que em consequencia delle se foram celebrando.*

(Extr. da monographia inedita sobre o *Municipio* de *Santa Victoria do Palmar*-por Tancredo Fernandes de Mello.)

---


# COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS "COMETA"

**Proprietaria das fabricas situadas no**

ALTO E MEIO DA SERRA DE PETROPOLIS

Escriptorio ; 35, Rua 1.º de Março, 35

TELEPHONE 5 — CAIXA DO CORREIO 913

RIO DE JANEIRO

# VERS LA PAIX [1]

(ALBERTO TORRES)

La guerre est virtuellement vaincue. La reconnaissance de sa défaite et l'organisation du régime de la paix sont plutôt affaire d'opportunité que de principe : le tout est de trouver le moyen de substituer la franche réalité de la paix désarmée à la parade de la paix armée. Les investigateurs du problème n'ont exploré jusqu'aujourd'hui que le terrain le moins approprié : celui des solutions juridiques. Le Droit n'est pas, de sa nature, source d'institutions sociales; il n'est, au contraire, qu'une institution secondaire, née des mœurs et des nécessités. La vie des peuples, origine du droit dans les rapports des hommes, est encore son principe logique dans les rapports plus étendus de la politique internationale.

***

Il n'y a pas aujourd'hui de gouvernement assez fort pour conduire un peuple dans une guerre de conquête. L'esprit militariste ne vit que par force de tradition chez des nations aristocratiques et de jeunes peuples aux âmes encore chaudes d'ardeurs chevaleresques et de fougues sauvages, d'une hérédité prochaine; il n'est partout — lambeau d'une caste déchue ou arme d'instincts mal réprimés — que le reflet de mœurs presque éteintes; sous prétexte de défense nationale contre l'ennemi du dehors, on ne le maintient, souvent, que pour la défense des gouvernements contre leurs adversaires intérieurs.

***

Si l'hostilité des races et le sentiment de nationalité ne sont plus des causes de guerre, comment expliquer la politique de la paix armée?

(1) *Vers la Paix*, é o titulo de uma serie de geniaes estudos em favor da paz universal e da organização da ordem internacional. D'elles é que extraimos os nobres e elevados pensamentos aqui transcriptos.

**A casa VACHERON e CONSTANTIN obteve o UNICO primeiro 1º premio no**

**CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS**

D'abord, de ce que l'on tient la guerre pour un moyen normal de solution des crises internationales.

Ce préjugé, enraciné dans l'esprit humain par tant de siècles de tradition, a gagné une force productive et logique, en formant une habitude intellectuelle, dont seulement des esprits et des volontés très libres sauraient s'émanciper.

Il est établi que la guerre est, non pas seulement un fait normal de la vie des peuples, mais encore une loi de l'évolution humaine : les esprits de ceux qui gouvernent s'y sont arrêtés et en déduisent toutes les conséquences pour la direction politique des sociétés. La guerre est le moyen final de solution des litiges entre des nations; acceptons-la, préparons-nous pour la faire, faisons-la, s'il le faut — voilà l'aberration fixée dans l'esprit des gouvernants par la leçon et l'exemple des âges.

L'erreur persiste, pourtant, dans l'intelligence des gouvernements éclairés par la seule force de la tradition : ils sont bien sûrs que la formule ne répond pas à la réalité des choses; que la guerre n'est pas une solution, mais un abîme.


# Loterias da Capital Federal

Extracções publicas sob a fiscalização do Governo Federal

**PREMIOS DE**

15:000$, 20:000$, 25:000$, 30:000$, 40:000$

**AOS SABBADOS**

50:000$, 100:000$, 200:000$

LOTERIA DE S. JOÃO tres sorteios

100:000$, 100:000$, 200:000$

LOTERIA DO NATAL

**PREMIO MAIOR : 1:000:000$000**

*Os pedidos de bilhetes do interior devem ser dirigidos aos agentes geraes*

***NAZARETH e Cia. Rua Nova do Ouvidor, Nº 14***

# Joaquim Nabuco e Antonio Candido

Foi em 1881. Joaquim Nabuco estava por alguns dias em Lisboa e lembrou-se de assistir a uma sessão da Camara dos deputados. Da tribuna dos diplomatas, foi logo reconhecido o glorioso abolicionista.

Antonio Candido então ergueu-se, e com palavra melodiosa (como dizia um dos seus contemporaneos), que tem as vibrações de uma lyra e que é pena que se estrague na questão dos coroneis e na da fornada, emprego que nos faz lembrar a sra. Borghi-Mamo a cantar o hymno da Carta, « propoz á camara que franqueasse as portas do seu recinto ao joven deputado brazileiro, que advogava na sua patria, com vivo e enthusiastico ardor, a causa sympatica da emancipação completa dos escravos.

« Não ha causa mais justa, disse Antonio Candido, não ha pensamento mais elevado, não ha missão mais nobre e mais benemerita, do que a causa, o pensamento, a missão, que exalçam a vida do illustre parlamentar que nos honra com a sua visita. Restituir a milhares de consciencias a soberania do seu pensamento; restituir a milhares de corações a dignidade dos seus affectos; garantir a milhões de braços a prosperidade do seu trabalho; libertar uma raça inteira que tem direito a viver, a progredir, a experimentar a lucta da existencia, como a experimentam homens, e não como a experimentam as especies inferiores; acabar, de uma vez para sempre, com o degradante espectaculo do interesse sobre a justiça, da força sobre o direito, de uma educação perversissima atrophiando cerebros para que não pensem, de uma oppressão brutal esmagando consciencias para que não protestem do azorrague infame retalhando as carnes de desgraçados cuja vida é uma maldição sem termo e um martyrio sem piedade; fazer isto é fazer uma grande obra, é realisar um altissimo destino, é subir pelo caminho da virtude ás eminencias da gloria, é ter reunidos os melhores titulos á mais profunda admiração e ao mais justo respeito humano.

« *Pro Christo sicut Christus*, escreveu-se na sepultura de John Brown, martyr pela emancipação dos negros na America do Norte; os que na America do Sul continuaram o seu pensamento, podem orgulhar-se de pertencer á familia d'aquelle veneravel cidadão que sacrificou á liberdade de uma raça o sangue de dois filhos e o seu proprio.

« A nós, povos de outra cultura, povos de outra civilisação, faz-nos bem levantar de quando em quando os olhos das pequenas questões que tantas vezes nos embaraçam e dividem sem rasão, e em que consumimos uma prodigiosa força de talento e de coragem, que podia e devia ter mais legitimo emprego; faz-nos bem levantar os olhos de tudo isso e fixal-os na heroica revolução que pretendo na presente hora realisar este pensamento, o mais simples da philosophia mas o mais difficil e custoso da historia : a transformação de homens em cidadãos. »

BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

# ASPECTOS DA AMAZONIA

SUMMARIO. — Os exploradores da Amazonia. — Sabios e *touristes*. — De Humboldt a Yacques Huber. — O El-Dorado Raleigh. — Branner e a approximação physiographica das duas Americas. — O *Gulf-Stream* e o seu papel na desintegração territorial do Brazil. — O delta do Amazonas nos littoraes da Georgia. — As cheias periodicas e as estractificações da terra. — Desegualdades entre os factores anthropologico e cosmogenico. — A escravidão branca na Amazonia. — Uma pagina de Euclydes da Cunha.

Sobre nenhuma outra parte do Brazil se tem escripto tanto, como sobre a Amazonia. A sua bibliographia é enórme. Em compensação, nenhuma tão desconhecida e mysteriosa.

A partir das missões apostolicas até ao sem numero de estrangeiros illustres, que, por amor á sciencia ou á curiosidade, a perlustraram, decorre um periodo de mais de dois seculos, com as suas memorias, as suas monographias e as suas narrações de viagens.

Que o digam Humboldt, Castelnau, Koster, Agassiz, Bates, Martins, Spix, Mawe, Wallace, d'Orbigny, Chandless, Coudreau, Jacques Huber, Baena, Costa e Silva, Marajó, Moraes Jardim, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues e tantos outros.

Como tão bem ponderou Euclydes da Cunha, uma pequena faixa da Amazonia deteve o espirito eminente de Bates, no estudo e pesquisa de uma exigua fracção da natureza.

Bates fez de Teffé, á margem do Solimões, o seu quartel-general scientifico.

Daquelle pequeno recanto do mundo elle enviara aos institutos da Europa os resultados das suas descobertas, no dominio da geologia, da paleontologia, da fauna e da flora amazonicas. Porque a historia natural daquella terra não cabe dentro dos acanhados limites de uma synthese. A sua fauna tem ainda vestigios das faunas primitivas.

Os amphibios collossaes que ali se encontram são aspectos manifestos da edade paleozoica. Segundo as concepções de Frederico Hartt e outros scientistas que visitaram a Amazonia, é aquella terra a parte mais moça do nosso planeta.

Tudo ali é incompleto e indeciso.

A natureza é quasi sempre precipitada nas suas eleborações espantosas. Os rios andam perdidos, no deserto, á procura de um leito definitivo. As arvores mesmas não dispõem da indispensavel estabilidade.

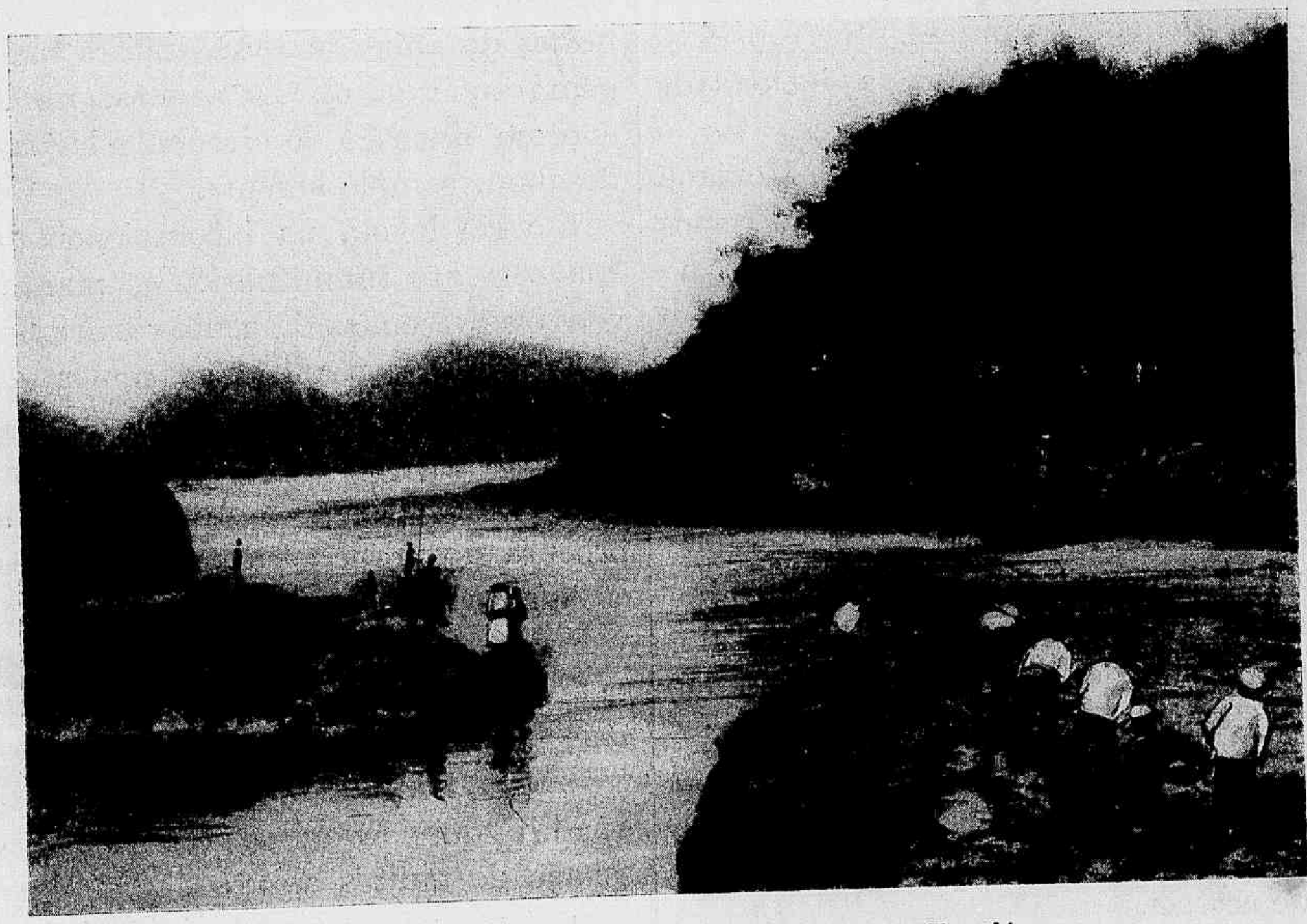
Porque a terra, donde se levantam, é inconsistente e fugidia. As suas planicies quaternarias vão-se formando com os sedimentos mineraes e organicos que os rios lhes enviam, de seis em seis mezes, quando as aguas da montante os faz sair de seus leitos desbarrancados.

Tudo, na Amazonia, é magestosamente monotono. A realidade é esmagadora naquellas paragens, onde o espirito phantasista de Raleigh collocou o celebre El-Dorado, com as suas riquezas fabulosas, e que se tornaram legendarias na alma aventureira dos primeiros conquistadores.

Na terra das *amazonas* de Francisco Orellana só tem ingresso a circumspecção scientifica e a analyse, fria e meditada, de um Humboldt.

A realidade bravia de seus aspectos surprehendentes, a Amazonia nol-a mostra, na frequencia de seus conflictos geogenicos, na transmutação constante de sua physiographia perturbada e no transcurso das suas arterias.

O homem que, attonito, assiste ao desdobrar desses phenomenos com-



AMAZONIA. — Cachoeira do Cuatá grande no alto Tapajós.

plexos, considera-se um transviado, no encarar o scenario primitivo daquellas cousas, que, no seu conjuncto, compõem, á parte, um mundo inteiramente inconfundivel.

O analysta mais austero é conduzido ao espanto de um sonho inesperado, na esphera fria das suas cogitações, como não raro acontecia ao temperamento impassivel de Frederico Hartt.

Branner, na approximação physiographica das duas metades do continente, compara o Mississipe ao Amazonas. O primeiro tem uma funcção dynamica constructora; o segundo representa um papel destruidor, na molduragem da terra. Emquanto o Mississipe augmenta o territorio de seu paiz, aterrando as regiões littoraneas, o Amazonas arrosta, continuamente, as terras do Brazil para o seio do Atlantico, donde são conduzidas pelo *Gulf-Stream* para as costas da Georgia e das Carolinas.

O Amazonas, em 24 horas, lança, no oceano, trez milhões de metros cubicos de sedimentos, que são carreados pela grande corrente pelasgica

Se toda essa massa de terra formasse um delta, na embocadura do rio-mar, haveria uma compensação consoladora.

**SMITH VISIVEL** ***tem o maior invento*** em machinas de escrever : ***Articulações com Espheras.***

O que se vê, porém, é a incontestavel emigração da terra. O delta amazonico está-se formando nos littoraes norte-americanos. E' sabido que Marajó não tem origem alluvial. E' um enórme pedaço do continente, destacado pelas aguas do estuario do Tocantins e pelas do Amazonas que passam pelo estreito de Breves, que ellas mesmas abriram, nas erozões das enchentes annuaes.

Prova-o, de sobejo, a identidade da fauna e da flora insulares.

Da mesura fórma Caviana, Mexiana e muitas outras ilhas, que são restos do continente, e que o Amazonas, no seu trajecto de 6.000 milhas, e com o impeto brutal da sua correnteza, plantou á porta do golphão espantoso.

* * *

Parece que a tendencia do grande rio é a demolição das ilhas que lhe ficam á embocadura, desembaraçando-se desses obstaculos, apezar das ilhotas que se destroem, á montante, para, em seguida, se reconstruirem á jusante, assim na visinhança do oceano, como no curso médio da grande arteria.

São innumeras as ilhas de vida ephemera. Outras vivem trez ou quatro annos, para desapparecerem numa unica enchente, que as arrasta, na sua passagem, como se fôra um simples camalote.

Os barrancos a pique são uma prova do trabalho demolidor da caudal, que rola, indecisa, ao sabor dos declives instaveis. E, na época das grandes cheias, derivam, no fio da corrente, immensos troncos de arvores arrancadas, que, no médio e no alto Amazonas, são o maior terror das embarcações pequeninas.

O excesso das aguas, vingando o tatude vivo dos barrancos, espraia-se pelas varseas adjacentes, e ali deposita o seu nateiro vegetal. E' um extracto.

Na enchente seguinte vem outra camada sedimentaria, e assim se vae formando o sólo quaternario da grande bacia hydrographica. E' a ultima vestidura da terra, moça e florida.

Mas essa terra é incohesa, por sua origem. Conta-se que, em uma das noites do anno de 1866, toda a margem esqüerda do Amazonas, numa enórme extensão de cincoenta leguas, desabou, completamente.

E o rio levou, na inconsciencia da sua corrente tumultuaria, as plantações e as vivendas da gente ribeirinha.

Era uma convulsão geogenica de nova especie. O Amazonas, no seu transito atravéz do deserto, parece, ás vezes, pervagar, duvidoso, á procura do verdadeiro caminho para as suas aguas.

Porque o seu leito frequentemente se desloca, como o de tantos outros de seus formadores. Não raro esse monstro apaga, num dia apenas, o immenso quadro que levou a esboçar, no espaço de muitos annos.

Destroé, para reconstruir. Tal é a ingrata missão daquelle rio, tão estudado e tão ignorado como a propria terra em que as suas aguas derivam, e onde a sociedade parece copiar-lhe o proprio *facies*, tormentoso e inconstante.

Na Amazonia o homem ha de ser, forçosamente, uma resultante da natureza, agressiva e brutal.

E' um inimigo forte e apparelhado, em frente de uma victima desacautelada e timida. O factor anthropologico é insignificante, em presença do factor cosmogenico. E' uma luta desegual e tremenda, a que o equador assiste, ha perto de quatrocentos an-

nos, e que continuará talvez por millenios ainda.

O clima é tão poderoso que, actuando fortemente sobre o homem, começa por activar-lhe, em excesso, as funcções genesicas. Vem, em seguida, a depressão das energias psychicas, e as mais nobres virtudes do caracter vão baixando de nivel, na razão directa da resistencia organica.

Tal o destino dos aggrupamentos forasteiros e fluctuantes que erram nos desertos do mundo amazonico.

***

A sociedade nomade, representada pelos emigrados cearenses, é a que mais soffre. Porque tudo lhe falta, desde os recursos da hygiène e da prophilaxia particulares, até ao regimen alimentar, que é parco, e, ás vezes, nocivo.

O seringueiro é um abandonado da propria fortuna. Come mal, bebe mal, em uma terra, onde o homem é um vencido, antes de entrar na propria terra.

Ainda não attingiu o gráo maximo da sua miseria physiologica, e já é assaltado pelas febres palustres, pela pneumonia, pelas polynevrites, pelo impaludismo e por quantas entidades morbidas que reinam, debaixo do céo da zona torrida.

E esse homem que desbrava a terra, que é um dos maiores collaboradores da fortuna do Brazil e dos patrões gananciosos e avidos, não passa de um misero expatriado, dentro de seu proprio paiz.

Ou peior, é um escravo. A escravidão branca, na Amazonia, é uma realidade. Quem vive a vida, farta e commoda, da capital brazileira, ouvindo os ultimos écos da civilização contemporanea, e recebendo da Europa as novidades mais palpitantes da litteratura e da moda, que os transatlanticos despejam, diariamente, na rua do Ouvidor; quem vive uma vida assim, regalada e feliz, está longe de imaginar que, no extremo norte, dentro das nossas fronteiras, existem milhares de patricios, vergonhosamente escravizados.

Faz-se mistér uma lei que os proteja, dando-lhes uma parte melhor do seu esforço, fecundo e honesto.

O serigueiro é uma victima do patrão opulento, cheio de ambições e vasio de alma. Euclydes da Cunha, que percorreu o Amazonas, e que tão bem observou a natureza e o homem, com a sua profunda visão de pensador e sociologo, escreveu esta pagina que vale por uma photographia.

Lêde-a:

— « No proprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de prôa até ao Pará (35$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150$000). Depois vem a importancia do transporte, em um *gaiola* qualquer, de Belém ao barracão longinquo a que se destina, e que, é na média, de 140$000. Aditem-se cerca de 800$00 para os seguintes utensilios invariaveis: um boião de furo, uma bacia. mil tigellinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas chicaras, duas panellas, uma cafeteira, dois carreteis de linha e um agulheiro. Nada mais. Ahi temos o nosso homem no barracão senhoril, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um *brabo*, ainda não aprendeu o *corte da madeira*, e já deve 1.135$000. Segue para o posto solitario, encalçado de um comboio, levando-lhe a bagagem e viveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para trez mezes : trez paneiros de farinhas d'agua, um sacco de feijão, outro pequeno de sal, vinte kilos de arroz, trinta de xarque, vinte de café, trinta de assucar, seis latas de banha, oito libras de fumo e vinte grammas de quinino.

Tudo isto lhe custa cerca de 955 $.

Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é um brabo canhestro, de quem chasqueia o manso experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090$.000.

Admittamos agora uma serie de condições favoraveis, que jámais concorrem : *a*) que seja solteiro ; *b*) que chegue á barraca em maio, quando começa o córte ; *c*) que não adoeça e seja conduzido ao barracão, subordinado a uma despeza de 10$000 diarios ; *d*) que nada compre, além daquelles viveres, e que seja sobrio, tenaz, incorruptivel, um estoico, firmemente lançado no caminho da fortuna, arrostando uma penitencia dolorosa e longa.

Vamos além — admittamos que, máu grado a sua inexperiencia, consiga tirar logo 350 kilos de borracha fina e 100 de sernamby, por anno, o que é difficil, ao menos no Purúz.

Pois b em, ultimada a safra, este tenaz, este estoico, este individuo raro ali, ainda deve. O patrão é, confórme o contracto mais geral, quem lhe diz o preço da fazenda e lhe escriptura as contas.

Os 350 kilos, remunerados a 5$000, rendem-lhe 1:750$000 ; os 100 de sernamby a 2 $ 500, dão-lhe 250 $ 000.

Total : 2.000 $ 000. E' ainda devedor, e raro deixa de o ser.

No anno seguinte já é manso : conhece os segredos do serviço, e pode tirar de 600 a 700 kilos. Mas considere-se que permaneceu inactivo, durante todo o periodo da enchente, de novembro a maio, — sete mezes em que a simples subsistencia lhe acarreta um excesso superior ao duplo do que trouxe em viveres, ou seja, em numeros redondos, 1:500$000, admittindo-se ainda que não precise renovar uma só peça de ferramenta ou de roupa, e que não teve a mais passageira enfermidade. E' evidente que, mesmo neste caso especialissimo, raro é o seringueiro capaz de emancipar-se pela fortuna. »

* * *

Como se viu, Euclydes da Cunha, no esboçar a vida miseravel do seringueiro, tomou dados muito optimistas.

Admittiu a venda da borracha fina a 5$000 por kilogramma.

No baixo e médio Purúz, em novembro do anno passado, assisti vender-se a melhor gomma elastica a 4$000 por kilogramma. Os patrões não pagavam mais, nem ao seringueiro era permittido vendel-a, por mais elevado preço, aos *regatões*. Os regulamentos lh'o prohibiam. Entretanto, naquella época, a borracha fina era vendida, em Manáos, a 11 e 12$000 ao kilo.

Os patrões só compravam a borracha no *toco*, segundo a expressão local.

E, por conta propria, remettiam-na para as casas commerciaes com que têm transacções, na capital do Estado.

O que ha, presentemente, no Amazonas, é um feudalismo disfarçado e vergonhoso. E' uma nóva gleba a que o homem se sujeita, no trato das heveas e das castillôas.

No fim de alguns annos é uma creatura exgottada pelo clima e pelo trabalho. As suas dividas vão-se avolumando, de um anno para outro.

Escraviza-se, cada vez mais. As' vezes muda de barracão, mediante este contracto : O novo patrão compra-lhe a divida ao antigo senhor. Só assim consegue mudar de praragem, mas a escravidão continúa sempre. Mudou apenas de dono. Isto é, positivamente, meridianamente, uma grande vergonha a que todos assistimos, em pleno despertar do seculo XX, num paiz civilisado, que se diz marchar na vanguarda das democracias da joven America !

Urge uma providencia, por parte do governo e do congresso, em nome da nossa cultura, dos nossos brios, e dos creditos da nossa nacionalidade.

ANNIBAL AMORIM.

---


# LIVRARIA de H. GARNIER

## 109, Rua do Ouvidor, 109

**LIVROS PORTUGUEZES, FRANCEZES,**
**INGLEZES, ALLEMÃES, HESPANHOES,**
**ITALIANOS, LATINOS, ETC**

*Endereço telegraphico*: HERMANOS

**CAIXA DO CORREIO : 618**

***Téléphone 1068***

Globos. — Atlas e Mappas geographicos

LIVROS COLLEGIAES

**Compendios adoptados e de accordo com o programma de exames**

---

R
REX
X

**pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa esta habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.**

R
REX
X

# SOBRE D. PEDRO II

*(Da collecção de cartões-postáes de P. H. Souza-Pinto)*

« Para todo brasileiro, digno desse nome, deve ser empenho sagrado promover o regresso á patria dos despojos d'Aquelle que tanto a amou, serviu e engrandeceu, durante quasi meio seculo.

Aqui devem repousar tambem os da Augusta Esposa, — Mãe de seus subditos.

Petropolis, 14 de Dezembro de 1906.

VISCONDE DE OURO-PRETO. »

« A desgraça, — pedra de toque do caracter, — fez com que mais luzisse e admirasse o mundo a grandeza moral de Pedro de Alcantara ; e com ella no triste exilio ainda serviu e honrou a patria o banido da Republica do Brasil, querido dos republicanos de toda parte.

J. ALFREDO. »

« ...Cincoenta annos de administração honesta, vencidos por cincoenta horas de perfidia ! Retirou-se pobre, deixando o paiz rico ; os que o exilaram estão ricos, deixando o paiz pobre.

Santos. 1-1-1907.

MARTIM FRANCISCO. »

« O ultimo imperador do Brasil realisa o typo do sabio modelo, em que Zeno compendiou todas as virtúdes, que glorificam a natureza humana.

Rio de Janeiro, 22 de Junho de 1906.

BARÃO DE PARANAPIACÁBA. »

« Banindo do sólo patrio o Maior dos Brasileiros, o Levante das Tarimbas expulsou do territorio nacional a Consciencia, a Dignidade e a Liberdade. Estas augustas exiladas voltarão com a Familia Imperial.

Retiro em S. Paulo, 15 de Novembro de 1906.

ESTEVAM LEÃO BOURROUL. »

A collecção de postáes de P. H. Souza-Pinto é composta de autographos de notaveis mentalidades brasileiras e estrangeiras, destacando-se pelo seu valor os de Machado de Assis, Luis Delfino, Manteggaza, Domingos Olympio, Graça Aranha, Bilac, Augusto de Lima, Affonso Celso, Guerra Junqueiro, Theophilo Braga, Antonio Corrêa de Oliveira, João Penha, Francisca Julia da Silva, Candido de Figueiredo, Ramis Galvão, Coelho Netto, etc.

## Trovas de Hontem

Ser feliz custa bem pouco
Esta alma triste me diz.
Mas, fatua ambição de louco
Onde te julgas feliz?!

Procuro o rumo inconstante
D'esse sonho allucinado.
— Ser feliz me foge adiante!
Ai, ser feliz foi passado.

Ser feliz era o recanto
Humilde, pobre, escondido
Onde o rio do meo pranto
Nunca seria nascido.

Era o « Claro » socegado.
Era o valle rindo em flor
Do milharal despontado.
— O Bem... a Fartura... O Amor...

Em torno ficavam ninhos,
A casa ficava ao centro.
Ao vir do sol passarinhos
Voavam de casa a dentro...

As tardes... As tardes longas
Brumosas... cinzentas... frias...
Vinham-nos *Ave-Marias*
Do bico das arapongas.

Pelas ladeiras, desciam
Os carros, aos solavancos,
E os velhos se descobriam
Mostrando os cabellos brancos.

. . . . . .

Amei... Sete annos apenas.
Como o amor me nasceu cêdo!
A mais linda das morenas
Era a dona do segredo.

Iamos sós aos caminhos
No mais innocente amor;
Rasgava os pés nos espinhos
Si ella queria uma flor.

Roubava os ninhos implumes
Para lhe encher os desejos.
Quanto morri de ciumes
Si os ninhos lhe tinham beijos!

Depois... Não sei... Foi no estio
A historia d'esse passado
Ficou nas agoas do rio
Como una espelho encantado.

. . . . . .

E agora que a tarde morre
Recordo o doce recanto
Onde o Rio Claro corre
Como as agoas d'este pranto.

Mas... sou feliz. Toda a gloria
Da grande felicidade
E' ter tambem uma historia.
E' ter do que ter saudade!...

Adelmar Tavares.

---

Receita para ser feliz, segundo Delille:

Pour être heureux, que faut-il ? De la vie
Faire deux parts : une moitié
Est pour l'amour, l'autre pour l'amitié,
Et tous deux je les donne à Sylvie.

---

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

# *Curiosidades de Antanho...*

## I

### Epitaphios.

Antigo poeta espanhol e de grande nome, Martinez de la Rosa, teve a fantasia de escrever uma serie de epitaphios, satyra magnifica dos aleijões do seu e do nosso tempo. Como são engraçados, aqui damos alguns dos que nos parecem carapuças para muitas cabeças de hoje :

Yace aqui un mal matrimonio,
Dos cuñados, suegra y yerno:
No falta sino el demonio
Para estar junto el infierno.

En sepulcro de escribano,
Una estatua de la fé!
No lá pusieron en vano,
Que afirma lo que no vê.

Yace aqui Blas, y se alegra
Por no vivir con su suegra.

Agua destila la piedra,
Agua esta brotando el suelo...
Yace aqui algun aguador?
No señor: un tabernero.

Cuñados en paz y juntos!
No hay duda que estan difuntos.

Aqui yace una soltera,
Rica, hermosa, forastera,
Qui sorda-muda nació...
Si la hubiera hallado yo!

Don Juan de Azapeitiguerrea,
Para el diabo que te lea,

Eche una limosna, hermano,
Y que ño suene el dinero,
No reviva este usurero.

Aqui enterraron de balde
Por no hallarle una peseta...
No sigas; era poeta.

Aqui yacé un cortesanó
Que se quebró la cintura
Un día de besamano.

Aqui yace o mui illustre
Señor João Mozinho Sousa
Carbalho, Silva d'Andrade
Sobra nombre ó falta losa?

Aqui yace un contador
Que jámais erró una cuenta
A no ser a su favor.

Aqui yace un egoista
Que no hizo mal ni bien...
*Requiescat in pace; amen.*

## II

### Gongorismo sagrado.

Na endemia literaria do *gongorismo, marinismo, euphuismo* que contagiou por dois seculos toda a Europa, a mesma severa igreja não escapou á pestilencia.

Foram então publicadas algumas obras theologicas de titulos esquipaticos e ridiculos como as seguintes que tomamos para exemplo da bibliographia portugueza :

« *Fructas novas do Brasil n'uma nova e ascetica monarchia*. Lisbôa, 1702. 4.° — Esta obra que é realmente uma collecção de sermões, vi não ha muito em um catalogo impresso de certa bibliotheca (que por vergonha calo) classificada entre os livros de historia natural!

» *Merenda eucharistica, e sermão que prégou no terceiro dia das quarenta horas no collegio da Bahia... o Pe. Lourenço Craveiro.* Divide-se o sermão em sei partes, au *pratos*, como o author as intitula, a saber: 1º de *gallinha*, para os enfermos: 2.º de *codorniz*, para os convalescentes: 3.º de *cordeiro* e *cabrito*, para os mimosos: 4.º de *vitella* para os sãos: 5.º de *cervo* e *veado*, para os esforçados: 6.º de *aguia*, para os entendidos! É mais que provavel que os ouvintes, se não sahiram da prédica de todo convertidos, aos menos irião com o appetite bem aguçado, e desejosos de chegar quanto antes a casa para socegarem os estomagos, alvoroçados de força com a descripção de tantos, e tão succulentos manjares! ».

III

## A lua alcoviteira.

Entre camponios inglezes é costume pedirem os solteiros... á lua as mulheres que lhes estão destinadas.

O rapaz celibatario põe-se a olhar com olho comprido para a lua e diz, tres vezes, como é de praxe :

« All hail to thee moon, all hail to thee!
Ó prith'ee good moon, revail to me
This night who my wife shal be! »

E conforme o pedido vai a dormir e de noite sonha com a noiva ... por influxo da lua.

IV

## Flauta por flautista.

No tempo em que não havia *greves*, o flautista de uma orchestra de theatro, não tendo recebido o salario recusou os seus serviços. O emprezario extranhou a ausencia e teve a seguinte resposta curiosa :

« Porque não appareço! essa é muito boa! pois se vocemecê não paga á gente, como quer que eu, com a barriga pegada ás costas, me ponha a tocar flauta? D'onde me hade vir o vento, faz favor de me dizer? Eu nem n'uma gaitinha posso tocar, quanto mais n'uma flauta! Dirá vocemecê talvez que, pelo modo por que me paga, só me devo sustentar de vento, e que bastante devo ter á minha disposição para tocar flauta ; e eu respondo-lhe, que o melhor é escripturar para isso um camaleão, que não está, como eu, na dependencia do açougue e do pádeiro. O que eu admiro, é a paciencia dos meus collegas da trompa e do fagote! Ao vel'os encher e despejar as boxexas com tamanha furia, parece que andam em dia ; pois não andam! O que elles trazem em dia, é fome canina. N'uma palavra, eu com esta cara d'açafrão, e com o estomago vasio, nem sequer me posso apresentar em publico : se me paga, muito bem, lá vou,

**ESPINGARDA STANDARD,** é de summa precisão, grande alcance, solidez, segurança, pouco peso e facil manejo .

***Clubs, Casa Standard.* — *93, Ouvidor, 95, RIO.***

se não pode pagar, arranje orchestra de gaitas, pandeiros, e berimbáus, que lhe sahe mais em conta ; quando não, fexe o theatro, e vá pentear macacos. »

V

## A festa do Burro.

Na edade media havia na *Italia* e em outros paizes a *festa do burro*, festa de verdade, feita nas egrejas, com grande pompa. O jumento enfeitado era levado com acompanhamento até á capella-mor, onde em côro cantava o povo o hymno do burro nos seguintes e bellos versos :

Orientis partibus
Adventavit asinus
Pulcher et fortissímus
Sarcinis aptissimus.

Lentus erat pedibus
Nisit foret baculus,
Et eum in clunibus,
Pungeret aculeus.

Ecce magnis auribus
Subjugalis filius,
Asinus egregius
Asinorum dominus!

Aurum de Arabia
Thus et myrrham de Saba.
Tulit ín ecclesiam
Virtus asinaria.

Amen dicas, asine,
Jam satur de gramine:
Amen, amen, itera,
Asperinare vetera.

VI

## O bom estylo é indispensavel...

E' propriamente de antanho porque é de todos os tempos esta bella pagina de Fialho de Almeida, cheia de *humour* e de verdade :

« Na literatura de todos os paizes (é já banal dizer-se) ha duas especies d'escriptores — os que escrevem, sabendo escrever, e os que não sabendo, apezar d'isso, escrevem.

Em Portugal, e na época presente, raros homens de letras sabem escrever. A lingua escripta é, nos chamados escriptores d'estylo, uma palavrosa ordenação de pompas pobres, pacotilha doirada, sem rigor expressivo de termos, medrando, de logares comuns e perifrases sédiças, e que ao cabo de duas paginas de leitura põe o leitor estupido e aborrecido.

Salvo um ou outro, de seguro gosto literario e inconfundivel dom pessoal da imagem e da palavra colorida, póde-se aplicar aos mais aquelle conceito de Buffon « *rien ne dégrade plus un écrivain que la peine qu'il se donne pour exprimer des choses ordinaires ou communes d'une manière singulière ou pompeuse. On le plaint d'avoir passé tant de temps a faire de nouvelles combinaisons de syllabes pour ne dire que ce que tout le monde dit.* »

Os escriptores d'ideias, os vulgarisadores de sciencia e historia, que como Theofilo Braga, Pereira de Sampaio (*Bruno*) e Bazilio Telles, etc., podiam exercer sobre as camadas uma tal ou qual iufluencia educativa, esses escrevem em geral n'um estylo tabelionico e confuso que lhes desvia leitores, e como homens de letras os faz passar a uma categoria subalterna.

Des'que a educação contemporanea apurou o gosto, e a leitura começou a ser tão necessaria como o pão, escrever bem, isto é escrever claro, incisivo, brilhante (tanto monta dizer : escrever com estylo), tornou-se a exigencia inadiavel do publico a todo o precursor ou divulgador que haja vistos communicar co'a multidão.

Já no *Traité des Psaumes*, Santo Hilário de Poitiers, citado por R. de Gourmont, diz que *o máu estylo é pecado* ; e eu opino que a sentença corra, para avisar os atabalhoados das letras de que lhes será fechada a bemaventurança caso em vêz de paginas rutilas, seguirem fabricando *mayonaises*. Ter estylo é falar no meio da linguagem comum um dialecto artista, ráro e proprio, ao mesmo tempo lingua de todos e d'um só, lingua de deuzes que é a voz reveladora do que a cria, e como diz R. de Gourmont, lhe é tão pessoa ! como a côr dos olhos e o som da vóz : lingua de povos, que paralelamente enobrece a multidão que d'ella vibra, e por sua via communga nos mysterios da vida superior. »

VII

Soror Maria do Céo, franciscana, foi uma poetiza illustre do seculo XVII. Os seus versos são allegorias mysticas inspiradas na religião e têm a candura e singeleza da poesia bucolica ou pastoril. D'ella é este *Córo de pastoras*, ao sol posto :

*O pôr do sol*

Já fenece o dia
da nossa alegria ;
já os passarinhos
voam para os ninhos ;
já a fera bruta
corre para a gruta.

Ai que pouco dura
entre todas a flor da ventura !

Já o girasol
chora pelo sol,
a Clici constante
pelo seu amante ;
já a rosa bella
se esconde da estrella.

Ai que pouco dura
entre todas a flor da ventura !

Já Phebo cahindo
vae de nós fugindo ;
já Diana espera
que a chamem da esphera ;
já a luz doirada
está desmaiada.

Ai que pouco dura
entre todas a flor da ventura

Já a doce ida
vae na despedida ;
já a voz sonora
pousa sem demora ;
já os eccos seus
só dizem — adeus !

Ai que pouco dura
entre todas a flor da ventura :

## Cantigas fiadas.

Os mesmos poetas não gostam de cantigas fiadas nem de promessas *ad calendas*. Por elles todos, disse Dom Francisco Manuel a um que tardava em cumprir o promettido :

Lerieis, pois sabeis ler,
Lá no Camões singular,
Que quem acertar quizer,
Hade trazer sempre o dar
Nas ancas do prometter. X...

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

## CONCURSO LITERARIO

# A VICTIMA

**(Conto premiado)**

A sessão do jury despertara a attenção da minha pequena cidade natal.

O recinto do salão estava repleto de espectadores que faziam comentarios a um desses casos vulgares em que a amargurada deusa de olhos vendados é aviltada, opprimida, profanada pela perversidade humana.

O réu, que por quatro annos estivera a apodrecer no carcere victimado por um processo infindavel e infame em que o chefe politico da localidade guiou desde os depoimentos do inquerito até á pronuncia do juiz, entrava finalmente em jury, isto é, ia ser absolvido, porque o prestigio dos seus perseguidôres já estava decadente. Era um mestiço de trinta annos de idade, aproximadamente, palido, esgrouviado apresentando o aspecto de um martyr rude e estoico.

Lá se achava um seu patrão, o Joca Menezes, palestrando aqui a ali, insinuante, orgulhoso.

A familia Menezes, nos sertões do Norte, andava em lutas ininterruptas com os Costas, e o odio de ambas, incansavel e tremendo, recahia sobre miseros famulos, apanhando-as em ciladas que desafiavam, a argucia do mais astuto trampolineiro.

O réu presente éra um desses desgraçados. Pouco tempo estivera na prisão mas era o sufficiente para anniquilar qualquer organismo de athleta. Affirmavam que elle tinha sido *recommendado* ao carcereiro, o que equivalia a uma condemnação á morte disfarçada e falavam em torturas inquisitoriaes, fomes, espancamentos...

Interessando-me pela sorte do miseravel e com a curiosidade aguçada pelos debates, só me retirei quando ouvi a leitura da sentença — absolvendo-o por unanimidade de votos, como era esperado.

Parte do povo já se tinha ido embora e o reu, absolvido então, poz-se a sair morosamente, arrastando-se com o passo incerto de um condemnado que leva grilheta aos pés.

Na rua elle subiu a um carro que estava postado á porta, á sua espera, não sómente porque o percurso lhe seria doloroso, alquebrado como estava, como tambem para fazer picardia aos *Costas*, que « nunca andaram em carro ».

Or jornaes, avidos de escandalo, minuciosamente exploraram o caso, registando debates, e terminando em côro com parabens á « Justiça » escripta com letra maiuscula, e citando o classico « ainda ha juizes... »

Entretanto, aquella reivindicação vinha-tarde, vinha quasi posthuma. O estado do infeliz era lastimavel; estava abatido, magro, tuberculoso! Assim, no dia immediato, em casa do Joca Menezes, para onde foi, submetteu-se a exame medico e o Dr*** declarou que uma tuberculose adiantada em breve lhe ceifaria a vida.

A mulher do Menezes quiz que, ás pressas, retirassem o enfermo para o clima salutar e longinquo dos sertões, embora não houvesse probabilidade de restabelecimento n'aquelle organismo em completa miseria physica. « Era preciso retiral-o logo e logo de sua casa

que não tinha commodos. A molestia era contagiosa e ella morreria de remorsos se algum dos seus filhinhos adoecesse. Ademais, tornava-se preciso mostrar á canalha dos Costas que um protegido da familia Menezes não morria abandonado. Lá na fazenda, em casa do vaqueiro, não lhe faltaria nada, seria tratado com todo desvelo e enquanto apresentava essas razões, deva ordens urgentes para a retirada do enfermo.

Poucos dias depois, numa tarde brumosa que infiltrava melancholia nos mais alegres corações, elle partiu do lar de seus intitulados protetores sem que uã mão amiga apertasse a sua de tuberculoso...

Passaram-se mezes, e eu, viajando pelo centro, tive de descançar e me demorar alguns dias numa fazenda. Com surpreza vi que era ali que se achava o infeliz de que até já me havia esquecido. Conheci-o logo ao me apear. Sentado á porta de um quarto elle tremia, desfigurado.

Dirigindo-lhe a palavra disse-lhe que o conhecia e indaguei de seu estado.

— Estou peior, meu senhor, e cada vez enfraqueço mais, respondeu elle tossindo, *rô! rô! rô!...* e descançando a cada palavra. Depois proseguiu :

— E' uma tosse que me mata. Com o remedio melhorei, mas não continuei a tomar...

— Qual remedio?

— Um xarope receitado pelo Doutor, mas acabou-se... *rô! rô! rô!...*

Continuei, a falar, procurando consolal-o como pudia, e conheci que elle, enganado, não conhecia a sua molestia, vivendo o restos dos dias que tinha em quasi complete abandono.

Pobre enfermo! O interior do quarto era de uma sordidez nauseante. Era uma dessas *puxadas* communs nas mal repartidas casas sertanejas. Sem communicação interna, era um quarto muito espaçoso e claro, servindo para guardar sellas, arreios e couros de bode que desprendiam o *fartum* que lhes é peculiar.

No chão reluziam nojentas sordes cobertas de moscas de azas verdoengas...

Sahi commiserado, indignado contra todos, e contendo a custo os sentimentos de que estava possuido, fiz ao vaqueiro; algumas observações. Elle respondeu tranquillo que ao doente não faltava nada. Fôra naquelle quarto que *Seu Joca* passara o inverno anterior: grande e areiado, não podia haver commodo melhor. Si o rapaz não tivesse tanto fastio já estava bom para outra que Deus lhe mandasse. Mas o patrão bem disse, concluiu, que era trabalho perdido *ateimar* com aquella doença.

Entretanto o supplicio do enfermo não se prolongou muito. Todas as noites, do quarto onde me arrancharam ouvia o *rô!... rô!...* estertoroso, martyrizado. Seus dias eram passados em entediadora monotonia. Uma ou outra pessôa ia ali demorar-se um pouco. Levava-lhe a comida uma creoula moça, de fartas ancas tremulas olhando-o com um desprezo que revoltava.

Nas manhãs de sol elle sahia a passear pelo campo florido... As vezes, levantava-se tão fraco, que, sem animo de dar o passeio matinal, sentava-

**SMITH VISIVEL,** *a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.*

**Clubs Casa Standard.**

se na soleira da porta indifferente a tudo que o rodeava, bestializado pelo soffrimento, sem olhar para o campo que se estendia muito verde e orvalhado, nem ouvir o gado que partia dos curraes urrando merencoreamente demoradamente, até sumir-se na enfesta dos montes.

Quasi sempre, quando sentado ali, isolado, tiritando de frio, dominava-o um pensamento unico-a restauração da saude. E pensava na soffreguidão com que encetaria o trabalho, na familia que tencionava constituir, e, perdido, alheiado, via sua pobre mãi, velha, trabalhadeira, chorando por elle, embora o suppozesse ao abrigo de generosa familia. Depois olhando para os braços descarnados e sem forças, para a ossamenta protuberante coberta de uma pelle escameada, uma augustia grande apoderava-se-lhe da alma, as lagrimas borbulhavam, e uma dôr surda crescia-lhe dentro, revoltando-o, desesperando-o. Vinham-lhe as mais amargas lembranças, recordava os mais dolorosos transes de seu abandono, e com todo o peso sentia o tamanho de sua desgraça alliada a iniquidade dos *Costas* e á ingratidão dos Menezes.

No abandono em que vivia, segregado como um lazaro, rodeados de extranhos e indifferentes, somente tinha um amigo, o Sol, o grande Sol generoso e bemdicto, que todas as manhãs vinha com seus raios quentes, envolvolvendo-o, acariciando-o voluptuosamente.

Mas o inverno chegou fecundando os campos, cascateando pelas quebradas das serras, alegremente recebido e abençoado. Para o enfermo os dias chuvosos succediam-se n'uma tristeza profunda, quando lhe não aggravavam, a molestia. Elle deitava-se, aconchegando-se ás cobertas e tremendo como um maleitoso. De vez em quando tossia dolorosamente, *rô !... rô !...*

Ao passo que os pulmões consumiam-se appareciam-lhe dôres horriveis no thorax atrophiado, e a morte irrevogavelmente demorava-se sobre seu leito de moribundo.

Uma tarde encontramol-o na cama, hirto, tendo a a sugillação nas faces na expressão serena dos justos. No rosto não se notava um musculo alterado, mas as mãos estavam cerradas, retrahidas n'uma forte crispação de nervos, como que para esquivar-se do cirio, que lhe troxeram na hora extrema, cuja luzinha tremulejante symbolisaria tudo que lhe foi negado durante a a sua existencia miseravel.

Lá fóra a chuva cahia a cantaros e o vento lambendo as arvores, ás lufadas, uivava como um cão vadio. As biqueiras jorravam humedecendo as paredes, escarvando o chão.

E quebrando o silencio funebre do quarto, um rumor de prece subiu procurando o céu, sahindo pela porta, alando-se pelo telhado : era a familia do vaqueiro, almas rudes e ingenuas, rezando as orações dos mortos...

***

Tres dias depois, a cidade de *** chegou a noticia futil da morte do tuberculoso. A mulher do Joca Menezes explodiu n'uma descompustina, tremenda nos Costas, autoridades, etc. E no setimo dia, muito concorridas, resavam-se missas, missas caras, missas de hora e dia marcados com antecedencia, mandadas celebrar pela caridosa familia Menezes que edificava a todos, com esse exemplo de dedicação pelo seu humilde e sacrificado protegido.

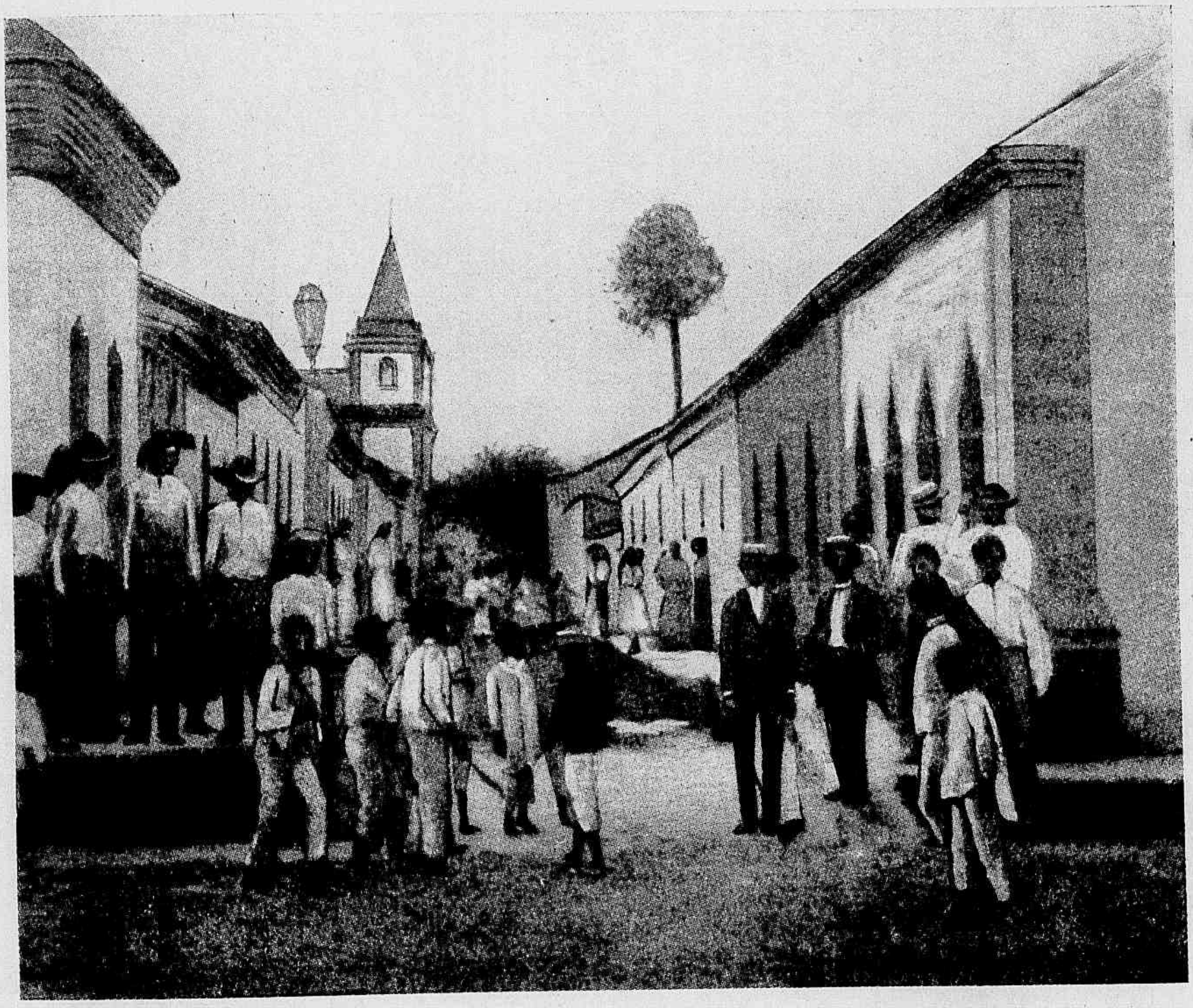
(Parahyba do N.)

J. C. Carneiro Monteiro

# Curiosidades Naturaes Brasileiras

## Piracuruca e as Sete-Cidades

Um dos lugares mais pitorescos do Brasil interior é o chamado *Sete Cidades* que procuramos representar com as vistas do sitio e de



Uma rua de Piracuruca.

Piracuruca que é a cidade proxima donde nos vieram as photographias.

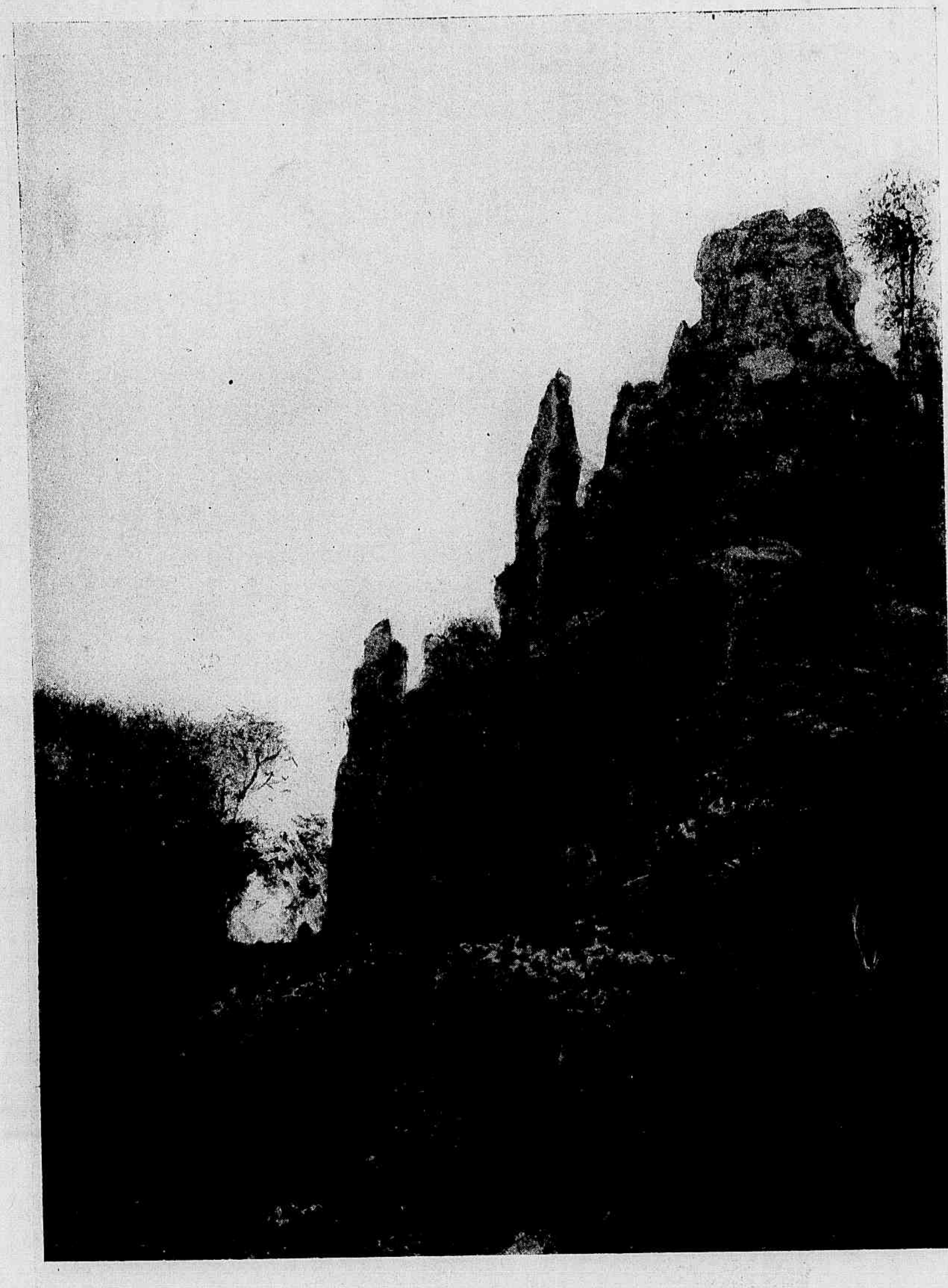
Do lugar fala aqui um dos que o conhecem de *visu*, Luiz Soares Godinho.

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

Torres das Sete-Cidades. Piracuruca.

Em uma planicie de mais de quatro leguas de circumferencia, ha uma agglomeração de rochedos, de todas as dimensões, altura, grossura e côres, collocados em ordem de ruas, becos e praças com appa-



Sete-Cidades de Piracuruca.

rencias de casas, pois até ha imitação de telhado, que assemelha-se perfeitamente a uma vasta cidade (1).

(1) Antes de penetrar na cidade encontram-se pedras de differentes tamanhos, espalhadas, como casas de suburbios, até que ao entrar as pedras representam ruas de casas baixas, para d'ahi em diante formar a grande cidade.

Ha pedras, que se calcula terem mais de 50 metros de altura, imitando templos, palacios, torres, pyramides e outros monumentos.

Uma imita tanto a um templo, que tem duas torres parallelas, com fachada, e nas torres, depressões em forma de janellas o que muito admira.

Ha tambem a imitação de uma fortaleza, que é um lugar completamente murado. A frente, que póde ter 30 metros de extensão, é uma só pedra toda igual, como uma parede rebocada, tendo 10 metros de altura, com igualdade em quasi toda e dois de grossura. A entrada é por uma porta no meio da parede, arqueada e symetrica, e do lado opposto igual porta, unicas entradas e sahidas que tem. Dos lados, as paredes são pedras mui grandes, mas desiguaes, e no interior grupos de pedras menores e arvores frondosas, tendo a um lado uma pedra em fórma de columna, bem aprumada, terminando em ponta quadrada, como panno de uma bandeira, tendo talvez 60 metros de altura.

No cimo de uma pedra muito alta e extensa, declinada, a que se sobe, como por escada, tem uma sala, com 28 metros de extensão sobre 12 d'altura, com entrada por um lado que é toda aberta, sendo a cupula que serve de tecto da sala muito alta. A pedra assemelha-se a uma grande rua, tendo até uma imitação de cimalha em certa altura, d'onde ainda se sobe para chegar á sala.

De norte a leste, a cidade é rodeada de uma especie de muralha mal construida e de pequena altura, como se fossem trincheiras, em cima da qual estão collocadas pedras compridas, de differentes tamanhos, ôccas, entupidas de areia grossa, muito semelhantes a peças de artilheria, pois até ferro imitam. Muitas estão quebradas, e inteiras existem poucas. Ha fragmentos de grandes vasos, que já não se encontram inteiros, sendo tanto dos vasos como das peças a pedra pouco rija. Em um alto rochedo existe uma peça sobre carreta apontando para o nascente. Digo peça porque imita a verdadeira, pois tudo é pedra.

O lugar ou cidade de pedras tem sete praças a que se attribue o nome de Sete-Cidades que tem. De uma das praças nasce uma corrente d'agua, que a alguma distancia desapparece e rebenta em um poço, já fóra da cidade, d'onde prosegue a corrente. O poço é empedra-

**REX**

***pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança póde tocal-a***

CLUBS, CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.

12

do de todos os lados, semlhante a um tanque ou obra d'arte. Tem sido visitada por diversos e em um jornal d'este Estado já foi descripta, tendo o Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro pedido informações que foram dadas pela camara municipal d'esta cidade.

Para percorrel-a toda, é preciso nunca menos de tres dias. O lugar é todo plano, offerecendo ao visitante a mais bella perspectiva. Não acredito, como alguns, que aquelle lugar seja uma cidade petrificada; o que vi porém e admirei, conforme a descripção que faço, muito me impressionou, pelas apparencias e imitações a obras d'arte, quando tudo é pedra primitiva e obra da natureza.

Na face de uma grande pedra, os visitantes deixam seus nomes e datas da visita; lá está o meu.

As photographias devemol-as ao obsequio do sñr L. Bynen que é residente em Piracuruca e nosso distincto collaborador.

---

Eu estou toda admirada
do preço que os homens têm,
ainda agora me alli davam
um cento por um vintem.

---


# COMPANHIA BRAZIL INDUSTRIAL

## Fabrica de Fiação e Tecelagem de Algodão

**BRANQUEAMENTO, ESTAMPARIA E TINTURARIA**

***Estação de Paracamby***

Estado do Rio de Janeiro

*Presidente* : **Dor Hevel**

*Secretario* : **Dor Joaquim Guedes Moraes Sarmento**

*Thezoureiro* : **Francisco Ignacio Bothelho**

**DEPOSITO E ESCRIPTORIO :**

***125, Rua Primeiro de Março, 125***

***Caixa do Correio, N° 121***

Endereço telegraphico: "SPINNING"

**RIO DE JANEIRO**

# CARVÃO DE PEDRA

**ESCRIPTORIO:**

***Rua Primeiro de Março, 91,*** 1º. andar

**TELEPHONE N.º 530**

# FRANCISCO LEAL & Cª:

**Codigos: «IAIB C -[5ªIedição »[Ie « RIBEIBO »**

## IMPORTADORES

de ***Carvão de Pedra*** de todas as qualidades,
***Coke*** e ***ferro-gusa*** para fundições.

**Dispõem de completo material para executar com promptidão qualquer fornecimento no mar e em terra**

Unicos Agentes do CARVÃO especial ***Domestico,***
sem fumaça, o mais hygienico e economico
proprio para casas de familia e hoteis.

**Escriptorio: RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 91**
1.º ANDAR

**DEPOSITO:** ***Avenida do Mangue,*** **principio do Caes das Obras do Porto**

Telephone n.º **1526** — End. Teleg.: **LEAL**

# RIO DE JANEIRO

# Diamantes. O modo de lavral-os no Brazil

(Hugh Pearson)

São muito primitivos e simples os processos de lavra dos diamantes no Brazil.

Nos districtos menos importantes, onde os cascalhos são de baixo valor e as jazidas de si pouco extensas, a exploração assenta em bases muito irregulares. Em muitos desses lugares os poucos homens que se occupam nesses trabalhos fazem-n-o quando bem lhes parece, sem continuidade nem methodo, e ordinariamente na estação secca, quando podem embrenhar-se pelas rochas, no leito, nos corregos, e apanhar casualmente uma pedra aqui e outra acolá.

Na estação chuvosa, elles cultivam a sua pequena nêsga de terra uberto-sa e produzem as poucas necessidades da vida, como sejam milho, feijão, mandioca, aboboras, occasionalmente algum assucar e, de tempos a tempos, algum arroz.

Nos sertões de Minas e Bahia a industria é mais permanente e o trabalho é continuado por todo o anno por uma classe de homens perseverantes, que se tornaram admiravelmente peritos. O seu trabalho abrange uma grande variedade de condições e nada que se pareça com regras fixas e expeditas póde estabelecer-se ahi. Cada novo lugar trabalhado reclama differentes methodos e o que dispõe de recursos é quem melhor exito e recompensas alcança. Começando com os rios e corregos, vê-se que o trabalho se limita á estação secca, que dura uns cinco mezes. Esta classe de trabalho póde dividir-se em varias secções.

A mais simples é quando o homem alcança o cascalho sem ter que ir abaixo da agua. Isso elle consegue por todos os meios que póde imaginar, e com instrumentos accommodados á occasião, mas invariavelmente com pesadas marrêtas de obra de 50 libras, uma alavanca, uma raspadeira para limpar as fendas e uma enxada. Até os pés são ás vezes usados para apanhar o cascalho. Depois recorre-se ao mergulho.

Nisto alguns homens se tornaram muito praticos, podendo permanecer por largo espaço debaixo da agua, levando um sacco comsigo que fica aberto por meio de um annel de arame ou por um cipó arqueado.

Chegados ao fundo, elles lhe mettem dentro o cascalho, e quando enchem o sacco, ou quando não podem ficar mais tempo mergulhados, voltam para a margem. Essa operação é repetida até accumularem cascalho bastante que lhes tome o resto do dia em o limpar.

Este methodo é ás vezes melhorado com a introducção da roupa de mergulhar.

Neste caso ancoram-se duas canôas no rio no ponto escolhido e os mergulhadores continuam a apanhar cascalho e a laval-o como no primeiro methodo. Essa lavagem é uma parte interessante da operação, e consiste em usar um prato de madeira chamado *batea* e que póde descrever-se como um cone de larga base tendo um diametro de 18 a 45 pollegadas, com uma profundidade de um terço a um quarto do diametro

Póde um homem trabalhar só, mas geralmente tres ou quatro se reunem, com um menino para lhes levar o cascalho. Os homens ficam em pé, com a agua pelos joelhos ou pelas côxas, na agua corrente ou morta. O mais antigo ou o mais pratico dos lavadores toma da *batea* mais pequena e é o ultimo da serie. O mais moço pega do prato maior e recebe do carregador o cascalho, que

logo elle reduz alliviando-o das pedras, da areia e do barro, tanto quanto póde, até o homem mais proximo estar prompto. Esse continúa o processo da eliminação, e assim vai de mão em mão até o ultimo, que lhe dá a demão final e descobre todos os diamantes que escaparam á percepção dos precedentes. Os residuos são meticulosamente postos de lado e reexaminados com vagar, e não é caso raro ver-se uma mulher ou uma criança « escrevendo » á porta de uma casa, isto é procurando *mosquitos* (diamantes minusculos) com um pouco de agua numa *batea* pequena. A derivação de « *escrever* » é interessante e vem do methodo da eliminação adoptado. Dá-se á agua uma perfeita moção circular e, toda vez que ella passa a linha dos residuos, corta-lhes uma pequena parte e os espalha mais para baixo, expondo assim qualquer cousa que passa na camada que salta fóra. Isso se repete até tudo ser examinado, quando os residuos na *batea* apresentam varias linhas regularmente dispostas; donde se origina a palavra *escrever*, operação que, por signal, requer bastante pratica e olhos muito vivos.

Ver tres ou quatro homens peritos a trabalharem juntos na lavagem com a *batea* é uma scena interessante. Cada homem tem a sua particularidade, mas os principios geraes são os mesmos.

Ha uma dupla moção, circular e peneirada com a *batea* inclinada para a superficie da agua, a qual apanha um bocado de cascalho e o lava.

Após cada descarga a *batea* é nivelada com um movimento que traz todo o cascalho para o centro e as pedras maiores para a superficie.

Essas são retiradas com a mão, e á proporção que o cascalho vai diminuindo mais cuidado se emprega. Cumpre não esquecer que o processo depende muito da vivacidade dos olhos dos homens, ainda que tambem em parte da differença da gravidade especifica, porque os diamantes, sendo mais pesados que a maioria das materias que lhes estão aggregadas, gradualmente vão ficando no fundo da *batea*, emquanto os residuos mais leves são expellidos. Essa differença em peso é muito insignificante, e prevalecendo apenas para os acidos mais leves, e sendo nulla para muitas das rochas basicas, requer muito cuidado. Ainda assim a despeito de todo o cuidado perdem-se muitas pedras. O systema da *batea* é o processo de eliminação final em voga por toda parte, e é simplesmente uma continuação do usado no Brasil nos trabalhos de ouro anuvianico ao tempo do descobrimento do diamante. Accrescentaria que, para a lavagem de ouro alluvianico, é muito superior aos tachos usados em outras partes do mundo, ainda que para as provas de actual avaliação estes sejam preferiveis.

Como já disse, a *batea* é a estação final na extracção do diamante. Passemos, pois, aos importantes trabalhos nos rios e corentes de onde deriva o mais do cascalho.

Esses trabalhos tomam mais tempo, capital e maior numero de empregados, e revelam muito engenho.

O primeiro e o mais obvio expediente que acudio ao homem, foi desviar o rio do seu leito. Isso fez-se em muitos casos com bons resultados, mas só era possivel onde as ribanceiras eram baixas ou nas curvas, de sorte que a sua applicação era limitada por estas condições.

Adoptou-se, pois, o systema de barragens de flanco, valendo-se de todas as feições naturaes que pudessem vir em auxilio, taes como ilhas ou grandes

**CLUBS DA CASA STANDARD,** ***Ouvidor, 93-95, RIO.***

***Vendas a Prestações sem Augmento de Preço.***

baixios. A barragem de flanco corria da margem para uma ilha ou, na ausencia desta, até ao meio do rio, tomando então a direcção da correnteza, dividindo o rio em dous. O levantamento dessa repreza e da parede central exigia pericia e dahi logo nasceu um estylo barato e muito efficaz. Por meio de arvores intercaladas de grama, barro e pedra, chegou-se com poucas despezas a realizar uma obra que durava toda a estação secca. Quando a área cercada seccava, e o cascalho superficial era removido, achou-se muitas vezes que a rocha do leito estava cheia de gretas e fendas, contendo diamantes, e então introduziam-se explosivos, e o trabalho proseguia muito abaixo do primitivo leito do rio. Raramente se lança mão de explosivos e só nos casos em que a alavanca e a marreta de 50 libras são inefficazes. De vez em quando acontece um desastre, mas o trabalho segue por diante se se encontram diamantes em quantidade remuneradora.

Onde é mais limitado o numero de homens faz-se uma modificação nos dous systemas de barragem de flanco e duplo canal, que é construir-se um pequeno dique, que se secca por meio de baldes, extrahindo-se depois o cascalho. Não raro se verifica que o cascalho continúa pela ribanceira, e neste caso, reforça-se e prolonga-se o dique até que ao cabo as obras já parecem mais de mineração de terra que de rio.

Tambem se averiguou que onde o rio passa numa garganta em que os homens podem ter accesso, existem veios de cascalhos nas fendas e entre os leitos da rocha. Aqui os trabalhos se tornam um tanto perigosos porque os homens têm que se metter pelas locas geralmente com entradas apertadas, que lhes comprimem o corpo, arriscando-os a contusões em caso de qualquer movimento.

Ha alguns tempos formou-se uma companhia para explorar uma importante área em rio de consideravel volume com a força da corrente immediatamente abaixo da lagôa. O rio era sujeito a grandes enchentes e demasiado profundo e a lagôa muito extensa para serem trabalhados em uma estação. Por consequencia adoptou-se o plano de ir-se ao fundo e destruir-se o canal, drenando assim a lagôa á sua capacidade actual de enchente para chegar-se ao seu conteúdo. Trabalho é esse de muito dispendio de dinheiro e de tempo, e é de esperar que a empreza seja amplamente compensada.

Os trabalhos de terra são ainda mais diversos que os dos rios e corregos. Fallando de modo generico, cura-se mais dos de terra na estação chuvosa, quando todos se afastam dos rios, e a agua é de utilidade. Casos ha, todavia, onde o abastecimento d'agua é sufficiente para continuar-se a lavrar em secco por todo o anno. Onde isso se dá os trabalhos continuam até a exhaustão. Por todos os campos observam-se trabalhos desta natureza, e indicam pericia e tenacidade de alta ordem, especialmente no levar-se a agua de lugar a lugar.

Varios são os methodos seguidos.

Começaremos com o das ribanceiras, que é conduzido de varios modos. Se o cascalho está encoberto e ha meios de levar-se agua até onde se acha, esta então é utilizada para alliviar-lhe as materias que o encobrem até pol-o á mostra, limpo e nú.

Quando isto não póde fazer-se, ha que estacionar e excavar. Uma vez que se dá com o cascalho, este é extrahido e geralmente numa comporta de terra, chamada « canôa » e com uma enxada é conservado em estado de agitação, mas sempre para cima, isto é, contra a corrente.

Quando se limpa de todo o cascalho e os seixos são removidos, addiciona-se mais cascalho até o estado reduzido do cascalho na « canôa » não poder mais ser trabalhado com efficiencia.

Limpa-se então, a « canôa » e repete-se a operação. A lavagem de batea

é geralmente o ultimo estadio. Onde a agua é escassa os homens algumas vezes penetram o cascalho e retiram-lhe as pedras maiores, reduzindo-o assim ao tratamento directo da batea.

E', todavia, evidente que onde se acha argiloso e humido isto não póde ter lugar, e assim o mais tem que ser feito com a agua que existe. E' costume nesses casos fazer algumas reprezas em qualquer pequeno corrego, e quando ha bastante « cabeça » para lavar a « canôa » arromba-se a represa e utiliza-se a agua.

Algumas vezes se encontra o cascalho a grande profundidade e sob um lencol de areias movediças E' este um problema difficil para homens sem instrumentos apropriados, bombas e outras applicações.

Desenvolveu-se um intelligente systema de trabalho, de que daremos este exemplo : a superficie do solo é, digamos de 3 pés de profundidade, seguida por 11 de areias correntes, isto é 15 pés para o cascalho.

Cumpre lembrar que não ha madeira convenientemente adequada para estacas, sendo muito irregulares. O que se faz é abrir uma « cata » (uma excavação em fórma de poço) do tamanho necessario.

No caso vertente seria de 24 por 24 pés, pelo menos, ou mais segundo a coragem, a pericia e o numero de homens empregados na empreza.

Quando se attinge a areia, esta é retirada para o centro até não ser mais possivel sem attingir as bordas. Introduzem-se estacas até assentarem sobre o cascalho. Essas estacas são collocadas tão proximas, uma das outras, quanto o permitte a sua quantidade, e mais afastadas, quando escassas. Para collocal-as em posição horizontal, como em cercado de minas ordinarias, collocam-se justamente sobre a areia. Essas estacas se seguram todas em volta com garranchos de arvores, a pequenos intervallos. Para fixal-os, são, quando cortadas, collocadas com seus galhos em vallados estreitos, feitos em angulo recto com os lados da « cata ».

No extremo, longe da « cata », um buraco circular é feito para admittir os galhos da arvore, que são aterrados e tapados com barro. Vê-se que assim os galhos não podem ser arrancados através dos vallados, e o cercado offerece toda a segurança para o fim perseguido.

Isso feito o trabalho de excavação começa de novo como dantes, emquanto um homem se occupa todo o tempo em empilhar gramas e folhagem por trás das estacas. Por ahi se filtra a agua e retem-se a areia, e prosegue assim o trabalho até se attingir ao cascalho.

E' bem de ver que esses trabalhos só se emprehendem em lũgares conhecidamente ricos.

Uma vez o homem que teve bom resultado com a « cata », como já descrevemos, disse que se achava amplamente recompensado do seu trabalho, embora houvesse perdido certo numero de escravos, devido á natureza pestilencial do lugar, em que se fez a « cata ».

Outro systema extensamente adoptado em explorar os morros vermelhos dos campos bahianos, merece menção. Neste caso cortou-se uma face vertical de uma extensão de vinte a cincoenta jardas da superficie para a base da rocha, e variando com a profundidade do sólo e do subsolo, de tres a quinze pés. Levou-se agua ao longo da base parallela com a face até o ponto das operações, onde de cortou uma lasca

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

que se mergulhou em uma « canôa » formada no leito argiloso da rocha. Essa canôa estava em angulos rectos com a face e variava em comprimento segundo as circumstancias, mas a media era em geral de vinte jardas. Essa canôa foi usada até a lasca que avançava passar além della, e então construio-se outra parallela a ella. As successivas lascas usaram as mesma canôas successivamente, de sorte que á medida que o terreno era trabalhado, ellas se tornavam cada vez mais longas até que o contorno da terra as obrigou a tomar direcção diversa. O aspecto do terreno era o de uma plantação de batatas feita de fresco. No caso vertente a quantidade de cascalho foi insignificante, e o problema era desfazer-se da terra depressa e barato, e aproveitar todo o cascalho existente limpo e facilmente examinado.

Devo confessar que esses antiquados trabalhos, extendendo-se por muitas geiras de terra, como se extendem, mereceram a minha desautorizada approvação, a pericia e energia empregada, especialmente no trazer agua de grandes distancias, denotam uma determinação e emprehendimento dignos de serem imitados.

Ha ainda outro systema : é a exploração das rochas, que é feita por varios processos. O que gravei na mente consistia em uma concavidade a uns trinta pés acima do leito do rio, que a contornava com a orla de uma lua nova com as partes inferiores, uns trinta ou quarenta pés abaixo da parte superior. Trabalhando da direcção deixada em aberto, os mineiros continuam as operações por entre as fendas das rochas e ao tempo da minha visita o lugar tinha uma apparencia de um quadrado de duzentos pés de diametro, com o fundo coberto de grandes blocos, semelhantes a casas, de torrões de barro superpostos de todas as maneiras e formando aberturas cavernosas. Os torrões eram brandos de sorte que, usando alavanca, martello e cunha, os mineiros podiam converter as fendas e gretas em passagens regulares. Até camadas horizontaes de cascalho se encontraram e foram retiradas do mesmo modo, sendo as rochas conservadas de pé por meio de escóras.

Logo mais, como as obras adiantaram em profundidade, occorreu a alguem desviar uma parte do rio que encontraria caminho para a parte da corrente mais abaixo, e que de passagem lavaria o cascalho e carregaria os residuos que não podiam ser transportados, dest'arte aliviando os mineiros de carregarem tudo para a superficie.

O todo representava um quadro fantastico e apavorante. Nada parecia seguro; a immensa massa de rocha estava ameaçadoramente suspensa sobre os mineiros, com esteios tão frageis, que o mais leve movimento podia lhe tirar o equilibrio e produzir um esmagamento geral.

Que esse não seria caso virgem, demonstra-o claramente o nivel da excavação — nada sendo removido a não ser os filões de cascalho e certos fragmentos das rochas indipensaveis para dar com o cascalho, ou para abrir passagem atravéz das alvas; e ainda assim a superficie primitiva tinha abatido para mais de vinte pés.

Podeis imaginar a scena, mas deveis accrescentar-lhe o marulho das aguas, ao dispartirem-se em varios riachos, em que os mineros trabalhavam quasi ás escúras, e os extranhos bramidos que soltam ao precipitar-se em alguma hiante grota e ao passar por baixo do solo para logo unir-se de novo ao rio em algum lugar de nivel mais baixo.

# O IGAPÓ

[Em memoravel e recente contribuição scientifica sobre a região florestal da Amazonia procura o Dr. J. Huber definir o que seja o *Igapó*. As paginas deste sabio recordam e completam as de H. Smith, Spruce e outros precursores, mas têm sempre muito de novo e de importante.]

— O termo de *Igapó*, que na lingua indigena significa : matta cheia d'agua, tem sido, par Martius e muitos outros autores depois, applicada para designar os terrenos de alluvião mais recentes, de forma que entrariam n'esta cathegoria em primeiro logar as praias, onde, como expliquei, a alluvião tem o seu principio. Ora ninguem chamará igapó uma praia, principalmente no tempo de verão, quando esta formação está longe de ser uma matta cheia d'agua. Com o nome de igapó, o indigena designa antes uma matta onde a agua fica estagnada ou retida durante muito tempo, isto é, os trechos da matta com drenagem insufficiente. Por isso, os trechos pantanosos da terra firme são tambem chamados igapós. Com outras palavras, os igapós podem caracterisar-se, nas varzeas amazonicas, como os trechos cujo nivellamento ficou retardado, no processo da alluvião, por uma sedimentação insufficiente.

Theoricamente, os sedimentos dos rios de agua branca, espalhando-se durante a enchente sobre toda a planicie de alluvião, deveriam provocar, com o tempo, o nivellamento perfeito das varzeas. Isto porém, posto mesmo que não existisse nenhuma vegetação nas beiras do rio, nunca seria o caso, porque os sedimentos mais pesados e mais volumosos seriam mesmo assim sempre depositados perto do canal, ficando para as partes mais affastadas só os sedimentos mais finos e menos volumosos. Assim quando um trecho da varzea baixa, por um motivo qualquer, fica bastante afastado do rio, elle custa de ser nivellado com o resto da planicie de alluvião e fica durante um tempo mais ou menos dilatado em estado de igapó. Temos visto, por occasião da exposição da origem dos meandros, que estes crescem, ficando a sua curva cada vez maior, desenvolvendo-se em laço. Nos rios onde a erosão lateral é muito activa, dois laços visinhos approximam-se facilmente até se romper o isthmo estreito que ha entre elles. Produz-se um « saccado », simplificando-se o curso do rio e ficando a volta antiga separada, ao menos na sua entrada superior, por um dique rapidamente amontoado pelo rio. O lago em forma de ferradura, que assim se forma (e quasi todos os lagos do alto Amazonas têm esta origem), a começar pelas duas extremidades, enche-se pouco a pouco de sedimentos, mas quanto mais longe elle fica do rio, tanto mais demorada se torna a sedimentação. A vegetação das suas beiras, que primitivamente era identica a de qualquer volta do rio, com a praia coberta de imbaubal na beira convexa e a matta alta na beira concava, muda pouco a pouco de aspecto, a matta alta substituindo-se á vege-

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

tação da praia, até uma zona onde a agua demora durante uma grande parte do anno. Naturalmente opera-se n'este caso uma certa selecção das essencias que occupam esta zona, o povoamento d'este trecho sendo só possivel aos elementos mais adaptados á vida semiaquatica. E' a associação do igapó que achamos n'estes logares em sua pureza.

Evidentemente as praias e principalmente a sua parte situada rio abaixo podem mostrar trechos de sedimentação imperfeita, que mais tarde subsistem durante algum tempo como igapós, geralmente de pequena extensão. Igapós maiores podem formar-se tambem na emboccadura de affluentes de agua preta, pobres em sedimentos.

# OS SALTOS DO IGUASSÚ

O scenario é a floresta. Compacta, umbrosa, em variegada grama da cor verde, entre nuanças de coloridos diversos, como enorme palheta primaveril coroada de flores e de fructos. A floresta rumorejando, perturbando a calma verde da solidão com o rithmado farfalhar das arvores, ao inquieto sopro do vento.

*Selva selvaggia*, onde a sonhar *vagueia.*

O jaguar, de caminho para a sésta;
E o sabiá n'uma canção gorgeia
A nostalgia toda da floresta...

De espaço a espaço, do recondito murmuro da selva cheirosa, tembla o canto da araponga, como o écho estridente de uma martellada. Pelas clareiras em que se abre a floresta para respirar o sól voejam, lindas flores aladas, borboletas de colorações admiraveis, seda e velludo matizando o ar; e a passarada aos bandos, n'uma alegria de crianças em folga, floreiam de azas e de chilros as arvores copadas e ridentes.

E'a floresta, onde o collosso da embuia, dos cedros, do carvalho, ergue-se em columnas possantes, de uma architectura não sonhada, sob o espaço arqueado, como supportes de algum *pagode* selvagem.

O vento barulha pela ramaria afóra, e balouçam lianas indolentes na graciosa volupia de curvas suspensas.

Caminhamos.

E'ra já bem longe a aura matinal que nos saudara na partida.

Caminhamos e, horas adiantadas, palmilhamos larga e segura deveza ladeada por bastos renques de vegetação.

Agora não é o canto da araponga, nem o cicio do vento varando as frinchas do matagal : um sussurro continuo e barbaro acorda o silencio da matta, vara a floresta, cheio e grave, apavorando-nos o ouvido, avolumando o som no fantastico diapasão de soturno baixo profundo ; echoa pelos sombrios meandros da selva em tenebroso crescendo á medida que avançamos.

E, mao grado a minha atilada prevenção de espirito, não comprenhendo de prompto e indago e me respondem :

E'o rumor dos saltos.

E quasi tres kilometros nos separavam das cachoeiras.

A curiosidade açulada e a imaginação ardente como uma photosphera, parece-me então dilatar-se a floresta ao impetuoso impulso d'aquelle rumor que a tudo avassala, n'um delirio wagneriano de ondas sonoras.

Chegamos.

A espectativa é ultra-passada n'um

impeto, como a fortaleza que se rende á carga cerrada, ao collimarmos os primeiros borbotões das aguas despenhando-se d'alto a baixo, n'um fragor, medonho, prolongado, indefinido, qual se de montanhas que desmoronassem.

Ha um assomo de loucura no turbilhão das aguas.

epopeia de aguas revoltas, rolando n'uma atoarda perturbadora de cataclysmo.

O Iguassú collea em todo o seu curso n'uma linha demasiado irregular, e ao approximar-se das cachoeiras a sua tortuosidade resolve-se em um « angulo quasi recto, diz D. Nascimento, apertado por grande numero de ilho-

Salto do Iguassú.

O meu espirito evoca a mascula exclamação do poeta do *Só* : Que é dos pintores do meu extranho; onde estão elles que não veem pintar?

A campina e a floresta suggerem a visão pictural dos nossos grandes evocadores da paysagem; mas a cachoeira, não.

Não ha suggestão genial de fórmas ou de tintas, nem atravez a poderosa imaginativa de Vinci ou Rembrandt, capaz de dar-nos a impressão nitida e suprema d'aquella assombrosa

tas, rochedos e cachopos espalhados para o lado da margem esquerda obrigando o canal a derivar para o poente »; e, alçado o leito á altura de 60 metros sobre o golpho em que se despega bramindo a massa liquida, distribue-se por 276 saltos, entre grandes e pequenos, na respeitavel extensão de 5 kil. 630 metros, dobrado n'uma forte curva, com a margem direita para o Brasil e a esquerda para a Republica Argentina.

O Sr. Barão Homem de Mello, que

**A casa VACHERON e CONSTANTIN, de GENÈVE, tem 123 annos.**

**Unico representante no Brasil: Casa STANDARD.**

confirma a extensão, calcula a energia eletrica dos saltos em 14.000.000 de cavallos.

Collocados na fronteira com a Republica Argentina, os saltos repartem-se pelos dois paizes. Os artigos declaratorios da demarcação de limites, estabelecendo a linha divisoria pela grande cachoeira, foram assignados na Chancellaria do Brasil no dia 4 deste mez de Outubro (1910); e refletem uma das gloriosas victorias do grande Chanceller brasileiro a quem o Paraná tenciona render a consagração de uma estatua no seu territorio de *Clevelandia*.

Na demarcação ficaram com o Brasil os saltos de maior importancia e as ilhotas e recifes que precedem as cataractas, proximos da margem direita, que é a brasileira.

Adoravel regalia cabe ainda ao nosso paiz : é que os saltos dão a frente para a margem brasileira, sendo vistos de perfil da costa argentina.

E'integral e sumptuoso o panorama para o nosso lado, até aonde alcance o poder visual do espectador e o permittam as condições da athmosphera.

Ante a poderosa cachoeira comprehende-se altamente o enthusiasmo, alcandorado de sciencia e de esthesia, de

Rio Iguassú.

um Eliseu Reclus a contemplar a massa bruta das cordilheiras; de Humbolt, o sabio do Kósuros, ante a assombrosa vegetação das selvas amazonícas.

Em expesso e enorme volume, acossada n'uma carreira violenta, arroja-se a agua pelas bordas do rochedo, fremente de insania, em- caixões, espadanando pelas saliencias e taboleiros da rocha talhada em paredões collossaes; bifurcando-se por escaninhos e desvãos, ou convulsionando em largo lençol brunido que turbilhona, algo-

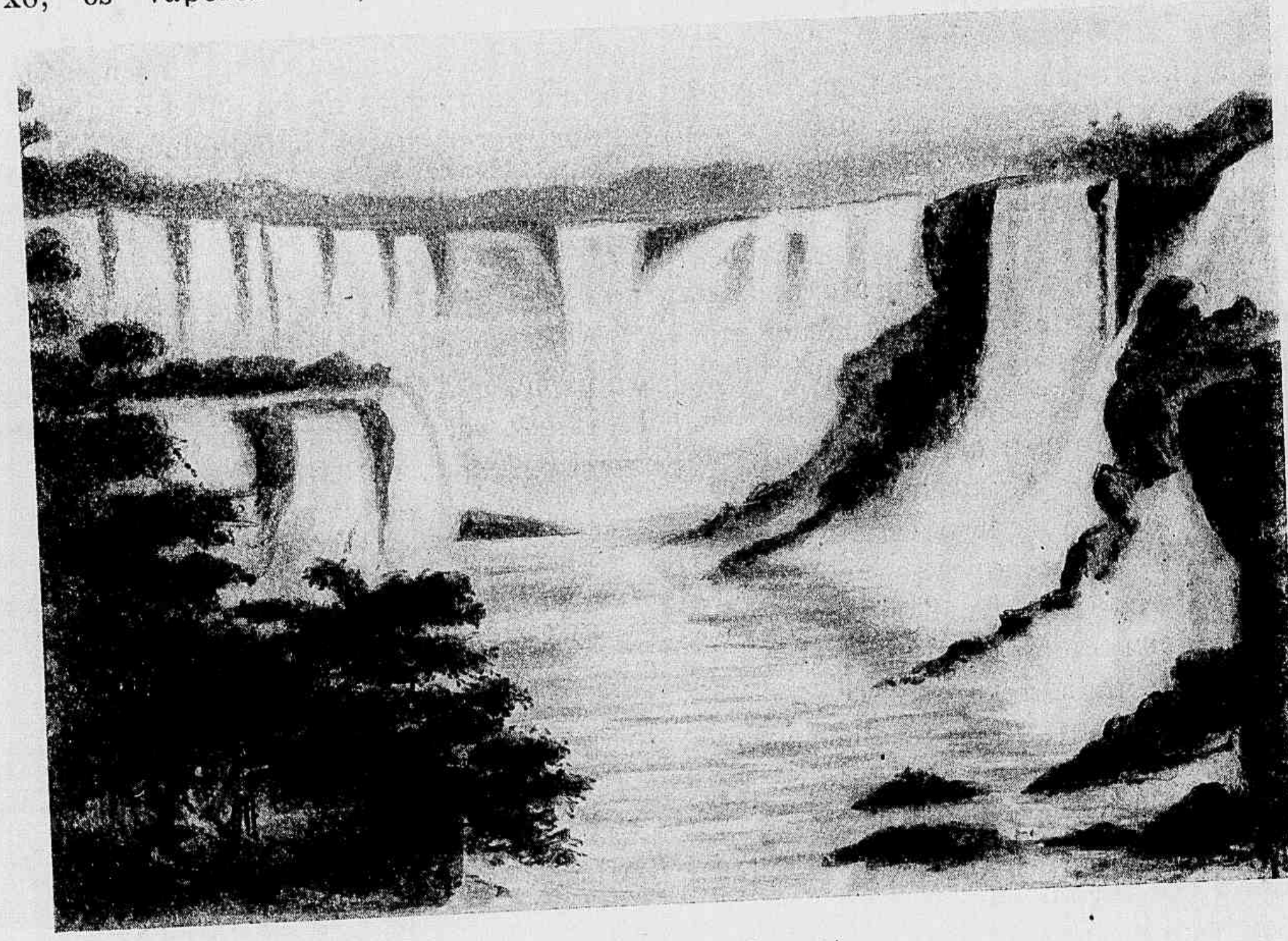
doado de espuma, até ás profundezas do abysmo.

E faz-nos calafrios e estimula-nos para a vida; impondo-nos, ao mesmo tempo, impetos de seguir o indomavel jorro que se despenha.

E do extranho marulhar lá em baixo, os vapores d'agua espalham-se até alto, condensados, em bruma espessa e branca, velando blocos da rocha, ou tufos de verdura a medrarem pelas cavidades e reentrancéas da pedra, na humidade perenne, desdobrando-se em formosas ilhotas pela ribanceira das quedas.

O espaço em torno é impregnado de fina e copiosa chuva que lava, em constante irrigação, a rampa fronteira, e mais ao *tourist* ousado que da sua riba vá contemplar a maravilha das aguas.

Longos trechos ha em que a rocha se divide em taboleiros, ou extensos degraos, occasionando, pittorescas e regulares, duas ordens de quédas, uma prolongamento da outra, e onde os recortes da pedra subdividem a massa d'agua em numerosas fitas ou toalhas liquidas, accentuadas pelas



Grandes Saltos do Iguassú.

arestas e resaltos, a nú ou coroados de turgida vegetação que alli se enrama e desenvolve. Nos grandes saltos os vapores aquosos que se alteiam do turbilhão final das quédas são irisados por deslumbrantes arco-iris sobrepostos; e pela orla do rochedo, em animada colgadura, ou aflorando as aguas, passaros de vivida plumagem alegram a esthetica do quadro.

Em aguas baixas o alto da rocha permitte nos seus lagedos a indiscripção do passo humano e novos encanta-

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

mentos da inesgotavel belleza opulentam o olhar prescrutador, quer pela irradiação de ouro fluido nos manhãs de sól quente, quer ao reflexo fulgural dos poentes rubros. Desde a margem do rio a floresta inicia, do arbusto ao arvoredo possante, a guarda selvatica d'aquelle explendor cathedralesco de pedras e vagalhões.

Flora acolyta a solemne celebração das aguas encachoeiradas no longo suppedano da rocha, com uma variada expansão de força : é o humus fecundo e eterno rebentando na Odysséa do fructo.

E'a peróba e o carvalho, a canella e tantas outras, de grossos troncos, sob cópas frondosas, de galhos recurvados ao pezo de umbroso folhame; onde se acoitam o jaguar e o lobo e zumbe o insecto e gorgeia a passarada.

E por adorno vem o esguio cipoal pendente; lianas que se enroscam flexuosas na ramada florida, como cordas adormecidas de alguma thiorba lendaria; e, mais a rubra floração dos cactos, paramentando as velhas arvores; a parasita esbelta e enfolhada; begonias olorosas; palmeiras em fila, aristocraticas e lindas.

A floresta é como um templo mysterioso de culto antigo, para o qual os rochedos de *Santa Maria* (1) se houvessem erigido em gigantesco orgam de velhas lendas celebrando na ressonancia barbara das catadupas a grandeza da Terra.

As duas cachoeiras do Alto-Paraná (*Guayra*, ou *Sete-Quedas*, na fronteira com o Paraguay; *Santa Maria*, ou Iguassú, na fronteira com a R. Argentina) batem o record mundial da maravilha, no genero, as *Sete-Quedas* pelo collossal da massa d'agua, os *Saltos do Iguassú*, a par da enorme extensão, pela incomparavel belleza de estructura e de aspectos.

A cachoeira de *Paulo Affonso*, no rio S. Francisco, a 310 kilom. acima da fóz, a que o Brasil melhor conhece, immortalisada pelo genio de Castro Alves, mede 81 met. de altura e 15 a 18 de largura, e d'ella diz o venerando scientista Barão Homem de Melho que « rivalisando com a do Niagara em altura e volume, apresenta aspectos differentes d'aquella e maior magestade se olhada de perto. » « O volume das aguas do Niagara é talvez maior, porem na variedade do aspecto, na singularidade dos constrastes, nenhuma cachoeira, diz elle, pode comparar-se á de *Paulo-Affonso*.

O Victoria, na região africana do Zambèze, mede 101 metrs. de altura, conforme o *Atlas* de H. de Mello; ou 120 met., segundo Mr. Théo Kassner, por 1.647 met. de extensão.

O *Niagara*, na America do Norte, segundo Jules Huret (1), tem a sua queda principal com 48 met. de altura, por 915 met. de extensão, e outras mais estreitas; e, « a agua que tomba das cataractas mede um volume de 425.000 metros cubicos por minuto. »

Das cataractas do Nilo proximas á ilha *Philae*, e cujo estrondo, lendas o dizem, fez muito egvncio perder o ouvido, Jorge Clers, o culto e moderno historiador da terra dos Pharaós, narra : « Deante e atraz de mim, á direita e á esquerda, em cima e em baixo, não distinguia outra cousa mais que penhascos, gorros de agua e o azul do firmamento; emquanto que os meus ouvidos permanenciam como que subjugados pelo rumor da marulhada; este augmentou de tal modo no momento em que a chalupa chegou á quéda propriamente dita, que não parecia senão o ruido espantoso do mar embravecido, batendo contra o alcantilado de uma costa, em impetos, de furacão. » (2).

O rumor indomito, propagando-se de quebrada em quebrada, ressoando como fabulosos vagalhões que estou-

(1) Nome que têm no Brasil os saltos do Iguassú; os mesmos a que os argentinos denominam *Victoria*.

(1) *De San Francisco ao Canadá*, pag. 331.
(2) Ebers. — *O Egypto*.

ram; o infrene gorgolhar dos borbotões jubas encapeladas, de roldão escarpas abaixo abalando o éther, são caracteristicos peculiares ás grandes quedas d'agua.

Nos *Saltos do Iguassú*, porem, ha um conjunto desses traços primaciaes.

O autor do *San Francisco ao Canadá* conta que ante o Niagara admirou sem esforço, vencido, emocionado, de uma emoção vigorosa e grave, aquella formidavel potencia da natureza.

No *Santa-Maria* sentimo-nos absorvidos pela contemplação, na intensa vibração de espirito e de alma que nos dão as cousas que assombram e' que exaltam os nossos sentidos; e se considerarmos a extensão da cachoeira, a maior extensão até hoje conhecida, sabendo que n'ella se repetem os grandes saltos, vem os que a exaltação póde reproduzir-se em novo espectaculo muitas vezes.

Temos alli a feição primordial elevada ao grandioso e completamente virgem das profanações utilitarias. E'a cachoeira, a selva e o céo, magestosamente encerrados n'um panorama unico.

Ruskin dizia das nuvens, que ellas conservam integralmente a sua belleza, porque não as pode profanar a mão dos homens. E' talvez mais ampla e mais impressionante a magnitude dos *Saltos de Santa Maria*, pelo bucolico e selvagem abandono em que escachoam.

Abandono, digamos, pelo noso paiz que não lhes sabe a força, nem o explendor, que a Republica Argentina ha muito aparelhou meios de levar, pelo seu lado, á contemplação da cachoeira soberana, viajeiros illustres nacionaes e estrangeiros, attrahidos pela nomeada que aos *Saltos* tem dado a divulgação da imprensa portenã.

O rio aberto no granito; o leito sobrelevado a 60 metros em um paredão inabarcavel a um golpe de olhar; torcendo-se entre recortes e arestas salientes em violenta curva de cachoeiras que espadanam dia e noite;

Brancindo, a estravasar, nos cascalhos do leito;
— Abantesma do mar em turbilhões desfeito.

suggere-nos aquella arte assombrosa dos tempos de Salomão; architectura monstro; naves e recintos violando o recesso impedernido da montanha, na inquebrantavel aspiração do eterno.

E eram de factura humana; denunciando, embora, o genio e a energia de uma raça capaz de enaltecer a historia do mundo.

A monumental cachoeira, a maravilha do Iguassú, fala mais de perto ao nosso culto do bello immaculo e imperecivel, de que a Natureza é o symbolo immenso.

Quer pelo dia rompendo nas sanguineas da alvorada, ou flammando ao sól canicular nas soalheiras de verão; quer pela noite que se ergue qual uma montanha de treva coroada pela branca eurithmia dos astros; a cachoeira é como um versiculo ardente do *Cantico dos Canticos* dessa Natureza, que é implacavel para com as fórmas transitorias, impassivel como um marmore grego ante o paúl da mizeria humana, desde o fogo-fatuo do Poder até a ignominia material da Moeda; isenta de tudo o que não seja a verdade absoluta; symbolo da suprema belleza, immutavel e pura como a arcada azul do Espaço que só é ultrapassada pelo Infinito e pelo pensamento humano.

SILVEIRA NETTO.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

# Oswaldo Cruz, o saneador do Rio de Janeiro

**Dr. Prof. Ernesto BERTARELLI**
Director do Instituto de Hygiene da R. Universidade de Parma

[D'entre as muitas e merecidas manifestações feitas a Oswaldo Cruz em agosto de 1910 em seu regresso do Extremo-Norte, conta-se este pequeno artigo do hygienista italiano escripto para a bella revista *Chacaras e Quintaes*. O serviço que O. C. prestou ao Rio de Janeiro vae felizmente generalizando-se a todo o Brazil, nos seus portos e nos invios sertões.]

No dia em que os povos civis vierem a conhecer atravez dos beneficios sociaes, que a sciencia não é uma mera formula academica, nem um exercicio de analyses tendente a separar da vida os estudiosos, mas a convergir para a vida o fructo dos mais nobres trabalhos cerebraes, todos os povos constituirão um templo daquelles que formarem as mais puras glorias das diversas nacionalidades. Nesse dia os homens que viveram no estudo e que do estudo applicado á vida fizeram uma missão, surgirão na sua luz real de gloria e de belleza e tanto maior parecerá a injustiça daquelles que, em vida, tiverem desconhecido os mais nobres intellectos da humanidade.

Do Brasil felizmente se pode dizer que não esperou o arrastar dos seculos, nem mesmo dos annos, para cumprir o seu dever de gratidão com aquelles que verdadeiramente, e fóra do circulo restricto das academias, das camarilhas e das intrigas, têm collaborado na grandeza da patria; e as honras prestadas a Oswaldo Cruz, ainda recentes e a recepção triumphal que a capital da grande Republica lhe fez ao voltar dos paizes da Amazonia, estão ahi para attestal-o. E antes das ovações e dos applausos passageiros do publico, attesta-o o nome de Oswaldo Cruz, gravado no frontespicio do Instituto de Manguinhos, que dirá aos vindouros como a Republica brasileira, na sua radiosa juventude, sentiu a grandeza da sciencia e o reconhecido affecto para com um dos seus mais beneméritos filhos.

Não é possivel dizer de memoria e sem recorrer a notas, sobre toda a sua vida e toda a sua obra; mas ha pontos tão fixos na mente de todo o hygienista e no coração de todo brasileiro; pontos ligados nitidamente á obra de Oswaldo Cruz, que não é difficil dar ao menos a estes o seu justo relevo.

Para se comprehender a sua obra, é preciso pensar no que era o Brasil ha vinte cinco annos atraz, quando Antonio Prado, antevendo a nova Republica, indicava os grandes problemas hygienicos nacionaes de cuja solução dependiam o renascimento e o desenvolvimento do paiz. A febre amarella, com oscillações muito variaveis, batia ha cincoenta annos as cidades da costa e algumas zonas do interior; e só o Rio de Janeiro pagava á molestia em poucos annos, o tributo de 4.000 victimas.

A variola tinha devastado Pernambuco e pouco a pouco invadia sanguinosamente vastas zonas; a malaria apparecera em quasi todos os Estados do Imperio, e mesmo na Capital fizera victimas; a estes flagellos se unia a peste, a alarmar o espirito pu-

blico, a tornar difficil e penosa a immigração, collocando o Estado em uma inferioridade contra a qual a lucta parecia impossivel.

Neste estado de cousas Owaldo Cruz organisava o primeiro schematico edificio da defesa brasileira.

A sua obra de investigador não é falta de importancia. Basta recordar os seus estudos de serotherapia, as investigações epidemiologicas sobre a febre amarella, os trabalhos de entomologia, especialmente em relação a certas especies novas de mosquitos brasileiros, mas parece pequena diante da sua obra verdadeiramente admiravel de organisação sanitaria.

Homem de acção, quiz que o laboratorio não se separasse da vida, mas vivesse na vida e pela vida ; e mais dado á acção do que á meditação, forneceu de sua parte o exemplo da actividade productiva, dirigindo os trabalhos de transformação sanitaria.

Se o Rio de Janeiro é hoje não sómente uma magnifica cidade, mas uma cidade san, onde o forasteiro se detém deslumbrado deante da formosa bahia, onde não mais se escondem a insidia e a morte, isto se deve em grande parte a Oswaldo Cruz que primeiro promoveu e suscitou todas as grandes obras de transformação hygienica da bella Capital.

E' sobretudo merito seu, se a malaria desappareceu da capital e dos seus arredores ; porque elle não sómente preparou os planos para a prophilaxia, mas de todas as questões malaricas, comprehendeu algumas essencialmente de laboratorio ; foi estudioso diligente e sabio illustrador. A obra que socialmente lhe merece o reconhecimento de toda a gente de cerebro e de coração é o debellamento da febre amarella. Antes ainda das bellas descobertas que deviam conduzir á extincção do mal, elle havia tentado a prophylaxia que usualmente se faz contra a febre amarella ; isolamento e desinfecção. Mas os resultados foram desastrosos ; e os malignos observavam que quanto mais augmentava o numero das desinfecções, tanto mais crescia o numero dos doentes.

Em 1900, finalmente os nossos conhecimentos sobre a febre amarella tomavam outro caminho ; concluia-se que o virus da febre amarella pertencia aos virus chamados filtraveis (capazes de passar atravez das velas de porcellana não envernisadas) e, o que mais importa, demonstrava-se que um mosquito, a *Stegomia fasciata*, era o unico agente de transmissão da molestia. E immediatamente na Havana, os americanos do Norte, que occupavam a ilha *manu militari*, davam começo á prohylaxia baseada nos novos conhecimentos.

Em 1902 eram publicados os primeiros resultados que aos estudiosos pareceram estupefacientes. Criticas, objecções, ataques não faltaram á nova doutrina.

Oswaldo Cruz comprehendeu as immensas vantagens que o Rio e os outros estados assolados pela molestia, aufeririam da applicação dos novos meios de prophylaxia e não tar-

**PIANOS RITTER** Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes.
CLUBS CASA STANDARD,
93, Ouvidor, 95, RIO.

dou em pol-os em execução. Bem cedo se organisava no Rio aquelle admiravel serviço de defesa contra a febre amarella que conseguiu combater para sempre o morbus da capital.

A caça aos mosquitos, emquanto estão no estado larval, o impedimento aos mosquitos adultos de penetrar nos ambientes onde estão doentes suspeitos (servindo-se para isso das telas de arame nas janellas que lhes vedam a entrada) a separação dos doentes de febre amarella por methodos muito simples e racionaes, impedindo que se avisinhem os mosquitos que assim contribuiriam para a diffusão da molestia, formaram as bases da lucta.

O resultado é conhecido : em pouco tempo a infecção desarraizou-se da cidade, e hoje o Rio não tem mais a temer a tristissima fama de uma cidade que reserva aos extrangeiros que a visitam, as tristes surpresas de morte.

Qualquer cousa de semelhante poderia eu repetir quanto á peste : se Oswaldo Cruz não tomou parte directa nas descobertas relativas ás causas primarias da molestia, e ao seu modo de diffusão, elle não sómente foi o mais activo divulgador dos conhecimentos sobre a molestia na America, mas ainda o organisador de uma racional e sabia defesa contra este triste flagello.

* * *

São estes os pontos salientes da obra de Oswaldo Cruz. Organisador sapientissimo de todas as obras de hygiene do Rio, não imitador servil de tudo o que se havia feito na Europa, elle cooperou grandemente para a transformação da sua patria, e por isso o seu nome é caro a todos aquelles que amam os apostolos das obras civis.

Certamente calcular a importancia das obras de defesa preventiva é difficil aos profanos ; e a quantos organisam as grandes defesas sociaes. acontece mais ou menos o que succede aos homens de Estado, que formam as grandes unidades nacionaes e evitam as guerras mais sanguinolentas.

Difficilmente o publico reconhece o seu merito e os seus beneficios, e, no emtanto, está prompto para applaudir e para conferir os louros da gloria ao general que, á custa de milhares de vidas, consegue uma victoria.

O Brasil foi justo e o Rio de Janeiro demonstrou comprehender quantos meritos civis pertencem a este homem que tem sido um propulsor do progresso sanitario do Rio e de todo o Brasil.

E a duplo titulo o applaude, porque Oswaldo Cruz, executada a parte mais importante da sua obra de hygienista com o saneamento da Capital da Federação, e com o estimulo do seu exemplo magnifico — (delle se podem dizer as palavras que Frederico Anielo queria que repetisse todo o homem que crê pertencer á porção dirigente do povo : que as tuas obra e não as tuas palavras sejam um ensinamento) — aos outros estados brasileiros para sanar e debellar as formas morbicas, e transformar lá onde é preciso transformar, comprehender que o problema da grandeza hygienica da patria exigiria que se estudassem nas relações da biologia as plagas inexploradas e as pouco conhecidas no paiz, e se promovesse o

conhecimento systematico de tudo quanto de longe interessa a integridade da vida humana.

E eil-o organisador e director daquelle magnifico Instituto de Manguinhos que já resolveu, com as descobertas da tripanosomiase de Minas, um grande problema nacional, eil-o explorador e estudioso em Manáos, na Amazonia e no Pará, eil-o forte e enthusiasta, dando o exemplo do amor pela investigação e pelo trabalho de organisação.

Por isso, de coração estiveram presentes, no Rio de Janeiro, na hora do seu regresso triumphal do norte do Paiz, todos os estudiosos que lhe admiram a obra, conhecem-lhe a nobreza do espirito e avaliam a sua cooperação na grandeza da sua patria.


# ARGOS FLUMINENSE

**Companhia de Seguros contra Fogo e Risco Maritimo**

**Fundada em 5 de Dezembro de 1845**

Escriptorio: Rua da Alfandega, N° 7, Edificio proprio

BALANÇO EM 31 DEZEMBRE DE 1910

| | |
|---|---|
| Capital (3.000 acções de 1.000$000) | 3.000.000$000 |
| Capital realisado | 1.500.000$000 |
| Fundo de Reserva | 222.000$000 |
| Lucros e perdas | 705.600$520 |
| Possue 2.209 apolices de 1.000.000 juros de 5 e 6 °/° | |
| Deposito no Thesouro | 200.000$000 |
| Renda annual cerca de | 850.000$000 |

*DIRECTORES:*

Luciano-Augusto LOPES.
C.-J. dos SANTOS COIMBRA.
Henrique-José GONÇALVES.

*CONSELHO FISCAL:*

Barão de OLIVEIRA CASTRO.
Frederico-Pinto COSTA.
Tenente Coronel Paulo VIEIRA de SOUZA.

**CHRONOMÈTRE ROYAL,** RIO. Ouvidor, 93-95, **Clubs Casa Standard.**

# CANHENHO LITTERARIO

## I

### Motes e glosas.

Entre os epigonos da escola classica ou arcadica no Brasil tem um lugar de merito o repentista bahiano Muniz Barreto. Algumas das suas composições são inspiradas e harmoniosas.

Dos seus improvisos o melhor foi talvez o seguinte, em momento de mau humor contra as mulheres, quando desilludido de alguma promessa não cumprida ou talvez inspirado pela defeza do sexo feio tão mal visto n'estas coisas sentimentaes :

Deu-lhe uma senhora o seguinte *mote* em uma festa familiar :

*Os votos que os homens fazem*
*São mais ligeiros que o vento*

O poeta glosou de modo inesperado e com grande felicidade :

Como elles na campa jazem,
Respirando inda verdade,
Duram té na Eternidade
*Os votos que os homens fazem.*

Mas as mulheres que os trazem
Só no leve pensamento,
Os esquecem n'um momento;
E seus protestos d'amar
São mais incertos que o mar,
*São mais ligeiros que o vento.*

A companhia não gostou d'esta franqueza rude e as senhoras presentes julgaram-se maguadas.

Era natural que mais tarde se armasse a desforra que se traduzia n'est'outra glosa do mesmo *mote* :

*Os votos que os homens fazem*
*São mais ligeiros que o vento.*

**Glosa.**

As mulheres só se aprazem
Em ser constantes, ser puras ;
Contrastam com suas juras
*Os votos que os homens fazem.*
Pois estes impios só trazem
De traições o negro intento;
N'elles tudo é fingimento ;
E seus protestos falsarios
São mais que o jôgo precarios,
*São mais ligeiros que o vento.*

Mais forte que esta objurgatoria foi a que n'uma comedia *Les Femmes* (Demoustier) se escreveu dos homens nos seguintes versos de eloquente inspirado odio, recitados por uma mulher trahida :

« ..... Excepté
Leur fourberie insigne, et leur duplicité,
Et leur inconséqnence, et l'orgueil qui les presse
De s'avancer toujours pour reculer sans cesse ;
Excepté leur cœur froid, excepté leur esprit
Si grand en apparence, en effet si petit,
Qu'il ne peut maîtriser la beauté qu'il enchaîne,
Tandis qu'avec un fil son esclave le mène ;
Excepté leur noirceur, leur infidélité,
Leur déraisonnement, leur bassesse ; excepté
L'art de nous abuser toutes tant que nous sommes...
Excepté tout enfin... j'estime assez les hommes. »

Cremos que é impossivel dizer mais.

## II

### Canção do exilio

A « Minha terra tem palmeiras » de Gonçalves Dias, por sua admiravel singeleza e simplicidade teve tão extraordinario echo que foi logo seguida de innumeras imitações. Todos queriam cantar as bellezas da patria a quer n'ella vivessem ou estivessem em distante exilio. Quando muito mais tarde o fez, Casimiro de Abreu, teve necessidade de confessar a banalidade já muito generalizada do assunto :

*Todos* cantam sua Terra,
*Tambem vou* cantar a minha...

Assim começou elle o seu canto. Um dos primeiros imitadores de

Gonçalves Dias foi um poeta goense Hyppolito Pereira Garcez que quasi pelas mesmas palavras do nosso poeta, cantou ha mais de setenta annos a sua Gôa :

Minha terra tem palmeiras,
Tem mais densos arvoredos,
Onde avesinhas canóras
Trinam d'amor os segredos.

E' mais claro o nosso céu.
Nossos jardins tem mais flores,
Ha frutas mais saborosas,
Mais constancia nos amores.

A minha terra é mais fertil,
Tem mais fontes cristallinas,
Lindos rios, varzeas, prados,
Mil verdejantes campinas.

Não permitta Deus que eu morra
Sem ver a terra natal;
Sem que disfructe os prazeres,
Que não goso em Portugal;
Sem que me sinta extasiado
A' sombra do arecal (1).

E'mais propriamente uma parodia que mera imitação, e prova o extenso influxo que exerceu nas literaturas da lingua portugueza aquella mimosa canção da saudade.

## III

## Inéditos de Castro Alves.

Acreditamos que ainda não figura em nenhuma das edições do poeta, a seguinte poesia escripta no albúm da Exmª Snrª. D. Maria Joaquina da Silva Freire, com a data de 19 de Novembro de 1870 (Bahia). Intitula-se *Menina e Moça* :

Menina e Moça! Ha no volver das horas.
Esta idade ideal e feiticeira;
E' quando a estrella expira e rompe a aurora
Um preludio nos leques da palmeira.

Menina e Moça! Ha no viver das flores
Este instante feliz... E' quando a rosa
Ao relento das noites perfumadas,
Abre o calice risonha e curiosa.

Menina e Moça! Ha no passar dos annos.
Esta estação de amor... quando nas veigas
Fazem-se em flor as folhas sussurrantes,
Beijam-se as pombas arrulhando meigas.

Menina e Moça! Ha no sonhar da musica
Som que esta idade festival exprime...
Quando a voz do piano espalha aos ermos
Os lamentos saudosos de Bellini.

Menina e Moça! Se a poesia esquece
Agora o typo da creança bella
Quem não te adora a limpida innocencia,
Oh! filha do Sorrento! Oh! Graziella.

Menina e Moça! Castidade e pejo!
Crença, frescura, divinal anceio.
« Por quem tu scismas! » Se pergunta á fronte,
« Por quem palpitas! » Se pergunta ao seio.

Menina e Moça! E' tão celeste o riso!
Chamma dourada sobre os olhos brilha!
Como estalam os beijos nas *amigas*...
A donzella tem azas... de escomilha!

Menina e Moça! Como é doudo o baile!
Como são varias da existencia as scenas!
Ama-se o canto. Se ellas são os passaros...
Ama-se a valsa. Se ellas são phalenas.

Menina e Moça! Adormecida garça
Que o mar na riba do ideal balouça,
O Bardo canta na tormenta ao longe
Sonha o teu sonho de — Menina e Moça.

Estes versos foram enviados ao *Almanaque de Lembranças* em 1886 pelo sñr *J. F. F.* (Bahia) iniciaes que não conseguimos descobrir. Foram publicados no avulso que sob o titulo de *Supplemento* (1887) aquelle *Almanaque* distribuiu no mesmo anno.

E'uma poesia de occasião ; o gosto, o estylo são caracteristicamente os do poeta ; comtudo os dous ultimos versos da setima quadra não parecem da mesma penna.

(1) *Arecal*, lugar plantado de *arecas*, especie de palmeiras da India.

BEBAM CAXAMBÚ
A soberana das aguas de meza.

IV

A sociologia é ainda hoje uma sciencia de phrazes, mas é por vezes a opportunidade de bellas paginas de philosophia e de arte ou de *verdade e poesia*, como é esta de Alberto Torres, acerca da psychologia dos povos americanos e com particular do nosso :

. . . . . .

A fundação da America representa, na Historia, o phenomeno da emancipação das ambições humanas. Foi dos encontros desordenados, dos interesses e das paixões desses aventureiros, typos mais fortes das nossas primitivas populações, que surgiram as gerações agitadas, vivazes, lutadoras, cupidas, que formaram a sociedade das republicas americanas, até a sua independencia politica.

Os povos descobridores têm a alma objectiva, pratica, realista, terra a terra; dentre elles, os elementos que emigram são aquelles que se desprenderam dos laços moraes e affectivos, crescendo-lhes os estimulos da audacia e da ambição. A Phenicia, material em todos os seus moveis, sem poder de idealisação, sem nobreza ethica, em seu culto e seus costumes, produziu Carthago, o imperio emprehendedor e voraz, onde um nucleo de banqueiros explorava multidões de escravos, exhaurindo brutalmente as terras e dominando, impassivel, o estrangeiro.

Portugal, enviando para suas colonias os elementos irrequietos do povo, sem cultura e sem piedade, assentou as raizes da nossa historia economica sobre a cubiça da riqueza facil, na mineração e na devastação das mattas, com a submissão do indigena e a escravisação do africano.

Quando a independencia se fez, as classes intellectuaes do paiz, balançadas entre tradições da ordem politica da metropole e o scepticismo frivolo, que foi a interpretação dada pela alta sociedade do tempo á revolução mental do seculo XVIII, estavam longe de possuir o capital solido e consciente de ideaes, de aspirações e de intuitos, necessario para exercer sobre essa sociedade de bandeirantes, de grandes proprietarios, de colonos ávidos, a acção rectificadora de uma disciplina moral de altos sentimentos e severos designios.

X...

## PEAN (fragmento)

prol honor das irreductiveis Convicções.

Almaforte Jocundo, heis o meu nome.

Salteador, assassino, poeta e desdenhoso. Eu não pertenço a grey cobarde dos humanos. Durante sete meses remorei, feto, na madre das Energias impavidas. Nasci sob a égide de um astro côr de sangue. Hervas damninhas me nutriram. E detesto a todos vós que, similes meus no feitio externo dos orgams, não emanastes dos Forças fecundadas sem peccado. Deixae-me só. Ide na vossa rota : e ante o meu hermitagio não vos atravesseis, que nem me enternecem os vossos hosannas nem me bastardeiam os vossos doestos rancorosos. Eu sou o tribunal de mim-mesmo, o verdugo de mim-mesmo, o réo do supino crime da alegria ou do desgosto de mim-mesmo!

CESAR DE CASTRO.

RAUL SENRA

*Successor de*

RAUL SENRA E GAFFRÉE

REPRESENTAÇÕES E CONTA PROPRIA

*Rua Visconde de Inhauma, 66*

Telephone 3489
*End. teleg.: LUAR*
CAIXA POSTAL 892

RIO DE JANEIRO

São Paulo: Largo do Shegomo, 5. Caixa 822

# SOARES BULCÃO

Teimam quasi todos os nossos poetas em cultivar o difficil soneto. Mas se em cada literatura não ha mais que uma duzia sequer de bons sonetos, para que tamanho insistir n'essa difficuldade, hoje banalisada pela multidão innumeravel de tentativas frustras e monotonas de poetas que se repetem, ou se paraphrazeiam uns a outros? Bem faz este novo poeta Soares Bulcão que nos trouxe com as suas *Paremias*, livro original, inspirado em ideaes philosophicos, uma diversão ás escolas cansadas de parnasianos e decadistas. As *Paremias* são de genero leve, epigrammatico, inspirado na philosophia popular dos proverbios: prende-se assim a tradição nacional e d'ella se ergue pelo acabado e pela perfeição da forma, sempre pura e trabalhada, sem perda da singeleza de suas fontes.

Soares Bulcão.

Das *Paremias* disse excellentemente Affonso Celso que « foram escriptas com apurado conhecimento da lingua e verdadeiro lavor de poeta, pela graça natural e espontaneidade harmonica dos versos ».

Soares Bulcão tem o temperamento bem definido de pensador e philosopho, dispondo ao mesmo tempo da technica apurada do verso que maneja sem a menor difficuldade por entre meandros que a outros desorientariam.

O verso é castiço, perfeito; a idéa sempre erguida e nobre. D'esse conjuncto resulta, como não podia deixar de ser, um livro de verdadeiro primor que será lido com intenso prazer.

Dos versos disse Joe :

« Algumas dessas quadras têm a frescura das quadras populares numa terra em que esse genero é natural e delicioso : Portugal. Mas que deliciosas tolicesinhas !

« A ultima quadra por exemplo. De Pilatos para Herodes... E' encantadora de espontaneidade. Mas Soares Bulcão ao escrevel-a devia sorrir. Elle deve saber que as palavras quasi sempre atrapalham mais a vida de uma pessoa — pela

**CHRONOMÈTRE ROYAL,** ***Vacheron e Constantin,*** ***de GENÈVE.***
O 1º relogio do Mundo.
* **CLUBS, CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.** *

simples razão de que, quando se escreve, ha meio de ver o que prejudica, e quando se falla não se tem esse cuidado. De resto, um rifão popular, que não foi aliás feito para illustrar esse pensamento, já diz : a palavra é de prata, mas o silencio é de ouro isto é, a palavra é um metal pesado que fica, não vôa e tem menos valor do que o silencio com o seu peso reconhecidamente notavel.

« Mas, louvando Soares Bulcão, é bom não mexer muito com os rifões.

— Quem com muitas pedras bole.

Uma lhe dá na cabeça... »

Em seguida, publicamos alguns trechos esparsos das *Paremias* para gaudio do leitor que já antevemos curioso e interessado pelo livro :

Nunca motejes do pobre,
Nem dos defeitos que vês;
Por igual o céo nos cobre :
— Cada qual como Deus fez.

Nem morre o nú como está,
Nem este a quem falta a sôpa;
Deixál-os... porquê — Deus dá
O frio conforme a roupa.

Não te amedronte o calháu,
Sio teu braço o barco aguenta;
— Quanto maior é a nau,
Tambem maior a tormenta.

Procura a foz do riacho,
Para onde as aguas se mudam
Segue as aguas : — Para baixo
Todos os santos ajudam.

Tristezas que vão e vem,
Afogam-se na garganta;
Canta a tristeza, pois — quem
Canta seus males espanta.

Nem sempre a sorte se tem,
E o riso se acába em pranto...
Não abuses, porque — nem
Todo o dia é dia santo.

Ó cavalheiro que andaste
Desperdiçando illusão,
Tantos amores mudastes
Sem sabel-o coração!

Tens agora a alma tão ouca
Desse amor! Onde buscalo?
Coração vario! A cavallo
Que é dado não se abre a boca.

Coração impervio, a tantos
O amor espalhaste, á flux!
Trinos de aves, flores, cantos...
Um mundo de sonho e luz!

Mas em ti, nem um solau,
Nem mesmo um fremito de aza,
Coração esteril! Em casa
De ferreiro, arma de páu.

Foram-se os annos, e alem
Só vês os mesmos parceis;
— Quem nasceu para dez reis
Não chega nunca a vintem.

Do vintem, a custo escapo,
Podes chegar a milhão;
Guarda-o, pois : De grão em grão
E' que gallinha enche o papo.

E são assim, ao acaso, todas as paginas das *Paremias* com o mesmo sabor da philosophia popular e com a mesma simplicidade de expressão technica.

# RODAS LITERARIAS E A « GRANDE RODA »

(Mario Pinto de Souza)

Em geral, são as *rodas* agrupamentos de fracos de seleccionados por natureza, fazendo ou tentando fazer da fraqueza e selecção communs escudo contra as justas arremettidas alheias. Ha, certamente, em uma ou outra quem possa sobresair merecendo apoio; estes, porém em numero limitadissimo ficam jungidos ás regras da camarilha. São verdadeiros automatos, que a *roda* maneia á vontade, puxando os obedientes cordões. Quando, por uma naturalissima revolta de brios, estabelecem conflicto com a opinão dos confrades, cedem machinalmente á pressão descabida: no dia seguinte ao da esperança de libertação, o anonymato da piada alinhava a carapuça talhada em sessão secreta; e nos logres habituaes um canto de rua ou porta de café o grupo desfibra, zombeteando, a alma pedaço da propria, que vae palmilhando o passeio fronteiro, em fuga á loquela mordaz.

Assim apertado pelo circulo dos remoques que vão crescendo numa ascendencia preconcebida circumfundindo pavor, o desligado sente fraquear-lhe o poder defensivo. Quer lutar, rebatendo argumentos; não os encontra. As *rodas* primam pela ausencia das argumentações, evitam o combate leal, frente á frente, dentro da esphera do thema em foco; contentam-se com ridicularizar, por processos felinos de astucia traiçoeira, quem ouse arrefecer-lhes o enthusiasmo disputativo.

A loquacidade balofa é a arma por excellencia desses senhores; a Arte um feudo com tributos e dizimos, que lhes devem ser pagos. Obcecados por um rude egoismo de classe fundamentalmente ridiculo só explicavel por auto-suggestão de superioridade doentia entendem tornal-a propriedade pessoal; dictam regras como quem fuma cigarros; e no trato com os que não pertencem á *magna pars* resumbra, flagrante o imperio do mando da dominação absoluta da necessidade inadiavel de serem reconhecidas perfeitas sacramentaes de uma arte sua, novissima e privativa, não permittida aos surtos estranhos.

E que se não cuide em lisongeal-os com sorrisos e gestos! A reproche será immediata. A intransigencia das convicções, é tal, tão marcial e disciplinado o garbo de apresto que, logo em seguida á repulsa se nota o franzir das testas preclaras; e pelo inflar das bochechas golfando sopros *irreqrietos*, vae-se o desdem pelas inconquistaveis, que se riem na sombra, da fanfarronice arregimentada. E a guerra começa, a guerra tenaz aos infieis, áquelles que se não curvam servilmente aos dictames da grei.

O que os reune não é a arte, não é a observancia de uma esthetica melhor; é o egoismo restrictivo. E o egoismo, em arte, pessoal ou de agrupamento, só produz resultados contraproducentes, attrae o ridiculo, com o terçar dos chasqueios, induz o afastamento da communhão e embota a personalidade do artista, roubanho-lhe o possivel valor.

Ora tudo isso importa num deslocamento de nivel, não condizente com a literatura sã; o meio é o grande factor das manifestações artisti as por elle se infere o poder de assimilação; delle promana o influxo creador dos typos

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

representativos da vida; nelle evoluem as idéas geratrizes de themas e fóra delle não fica nem a pessoa do artista, porque se o não concebe reduzido á simples condição de autophago.

Si, por conseguinte, desse mal indesmentivel de exclusivismo resulta outro maior que é, por assim dizer, a autophagia, a destruição voluntaria da propria *clan* productora, não ha fugir á fatalidade do desmantello desses agrupamentos, sem base funccional e tino organizador. Sobre elles se levante a bandeira do *individualismo* : para que não vinguem, entretanto, as correntes do egoismo pessoal; submetta-se o artista ao tempero do meio, mescle-se com elle, aprenda-se com elle, evolua com elle e aguarde que o tempo, o segundo grande factor da arte, se encarregue de demonstrar com aquella experiencia, que raro falha, o merecimento real de sua capacidade de producção.

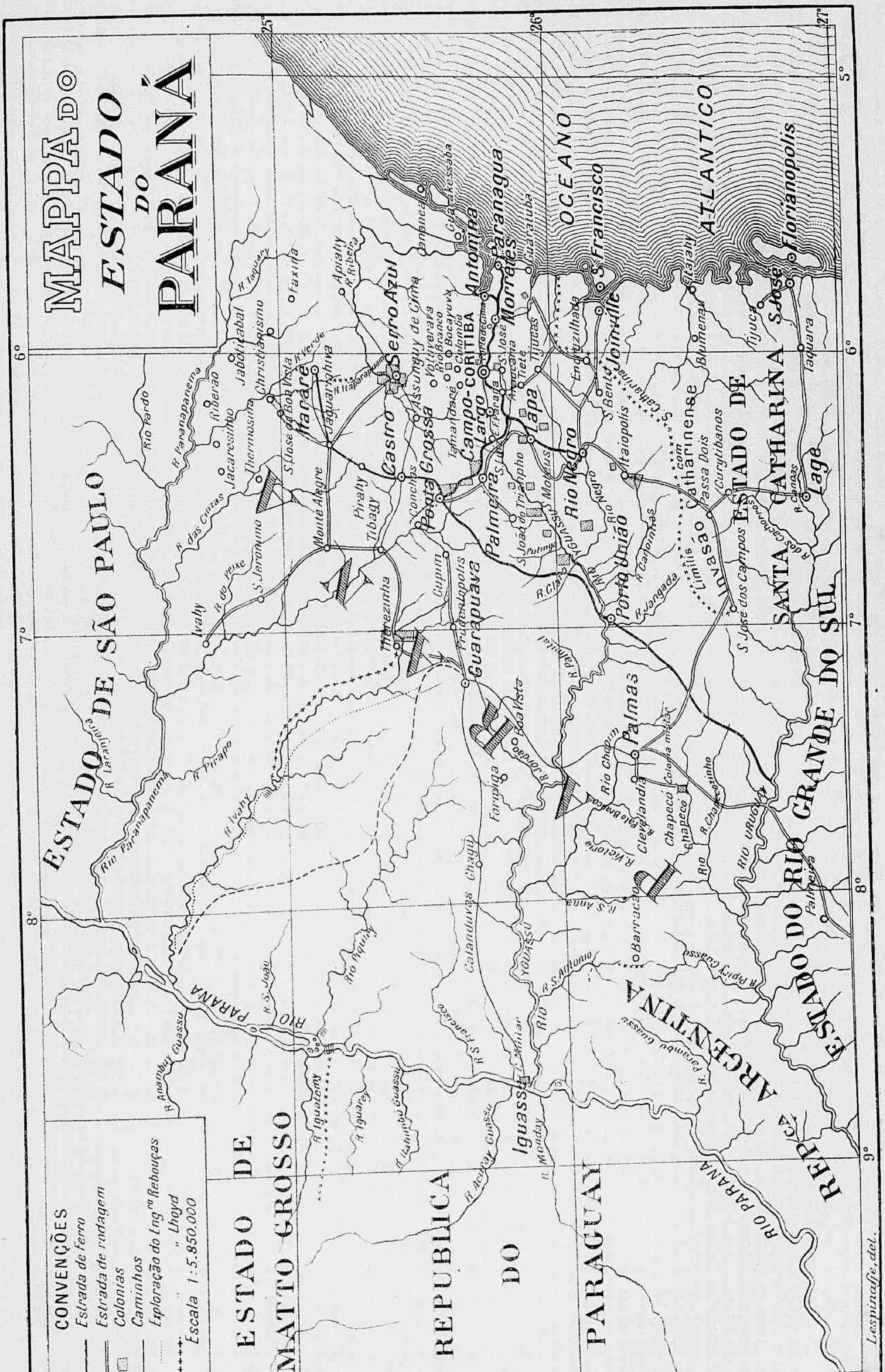
Assim se terá comprehendido, com carinho e segura divisa, o quanto nos tem enfraquecido a illusão das grandezas nucleadas; ella tem sido, póde affirmar-se sem tibieza, e mesmo sem offensa sos nobres intuitos da Academia de Letras, que é de todas a maxima, a *Roda Grande*, o nosso maior mal no dominio literario; mal presente, que nos legou o passado com o conventual systema de gremios e centros que pulularam por todo o Brasil e ainda agoniam nos arredores da literatura, e mal futuro que motivará o desbarato da vida artistica nacional.

# O PARANÁ

O Estados do Paraná é o futuro e segundo São Paulo, no movimento progressivo do Brasil. E' já um dos mais ricos, e aquelle em que a população activa e o trabalho intenso da colonisação se tem mais rapidamente accelerado. *Curitiba* é hoje uma cidade moderna e o planalto em que assenta é um foco de vida rural, povoado de slavos, allemães e italianos, estabelecidos n'essa grandiosa paysagem de araucarias sob um céo limpido, ameno.

Do livro dos *Estados*, publicação do Dr. Sebastião Paraná, reproduzimos este mappa executado com grande exactidão, e incluido n'aquelle excellente livro. Fazemos, porem, absoluta reserva quanto aos limites meridionaes na zona que sempre foi attribuida a Santa Cathrina e que o Paraná continua a contestar com argumentos que não estamos no caso de apreciar com a competencia devida.

Considera-se pertencente a Santa Catharina todo o territorio ao sul do Iguaçu desde a embocadura no Paraná e por aquelle acima até o Rio Negro, e pelo Rio Negro até ás suas cabeceiras ; a parte visinha ao litoral limita-se pelo rio Sahy. Esta parte reconhecida por sentença a Santa Catharina é de uma area avaliada em mais de 50.000 kilometros quadrados. Assim o mappa do *Estado do Paraná* vae com a responsabilidade do seu illustre autor. Reproduzindo-o a nossa intenção é corrigir, com este, os defeitos da carta imperfeita aqui publicada nos primeiros annos do *Almanaque* (1903 e seguintes) e offerecer assim aos possuidores da collecção dos numeros d'este annuario as vantagens de que já demos exemplos varios substituindo por outras melhores as cartas do Maranhão e do Sergipe.


MAPPA DO
ESTADO
DO
PARANÁ
CONVENÇÕES
Estrada de ferro
Estrada de rodagem
Colonias
Caminhos
Exploração do Engro Rebouças
" Lloyd
Escala 1:5.850.000
ESTADO DE SÃO PAULO
ESTADO DE MATTO GROSSO
REPUBLICA DO PARAGUAY
ARGENTINA
REP.CA
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ESTADO DE SANTA CATHARINA
OCEANO ATLANTICO
PARANÁ
CORITIBA
Paranagua
Antonina
Morretes
Campo-Largo
Ponta Grossa
Castro
Serro Azul
Palmeira
Lapa
Rio Negro
Porto União
Guarapuava
Palmas
Iguassú
Joinville
S. Francisco
Florianopolis
Lage
RIO PARANÁ
Rio Paranapanema
Lespinasse, del.

# EUCLYDES CUNHA

**(Trecho de um discurso)**

Surde agora ante a nossa consternação o vulto sanguejante de Euclydes Cunha, atrozmente expellido da vida, e della se despedindo com allucinado gesto de indignação horror.

Houve quem symbolisasse na catastrophe a que succumbiu Euclydes a actualidade social. Trez personnagens; a sociedade, alma feminina, caprichosa, complexa, arrebatada de perniciosas tendencias; o vigor physico, elegante e adextrado, formosamente animal; o idealismo torturado, contemplativo, produzindo primorosos fructos, de raros saboreados, demonstrando a realidade do conceito : — Toda superioridade é um exilio.

Para conquistar, para possuir a sociedade travam luta o musculo e o espirito, este confiante e leal, aquelle perfido e sem escrupulo.

Ella pertence de direito ao primeiro, mas sem uma lei moral que a refreie, entrega-se secreta e criminosamente ao outro.

Luta material : o espirito quer brandir as armas do adversario; cahe vencido murmurando : — Odeio-te, mas perdôo-te!...

Não se trata, pois, de uma tragedia intima, porém de um caso geral, expoente de uma quadra, patenteação de um estado morbido, para o qual a moralistas e legisladores cumpre indicar medecina.

Não comportam a occasião e o lugar, pondera o orador, se insista na procedencia dessa generalização.

Convencidos se acham todos que a morte de Euclydes Cunha foi uma especie de parricidio.

Ainda hoje em França, os parricidas são conduzidos ao patibulo cobertos de um véo : — sirvamo-nos de igual véo.

Por meio de eloquentes manifestações, affirmou o Brazil inteiro que em Euclydes da Cunha tombou um de seus mais bizarros heróes litterarios, cuja penna consummou proezas, destinadas a fama imperecivel.

Possuia Euclydes a qualidade maxima do escriptor, o dom da expressão, a arte da palavra insubstituivel e deslumbrante, da phrase ousada e avassalladora, que illumina, embevece, impelle para o alto a intelligencia dos leitores.

E punha em inteiro relevo, gravava incisivo, fortes pensamentos: aquelles de cujo pincaro, como do cimo das montanhas, se descortinam perspectivas interminas.

Não deixou copiosa obra, pois em vez das certezas triumphantes dos mediocres, alimentava a duvida, a indecisão dos probos, que vivem a lutar com a dôce inimiga — a perfeição.

Cada um de seus infelizmente, poucos livros representa porém uma victoria uma conquista, idonea a immortalizar um general.

Apparecer um momento, ponderou Ernesto Renan, disferir um clarão doce e profundo, morrer joven, muito jóven, em circunstancias excepcionaes — eis da sorte de um deus.

Lutar, disputar, vencer — é a vida do homem.

A primeira foi a de Jesus; a segunda a de seus apostolos. Em Euclydes houve algo de divino. Buscou em sonhos do ideal o repouso de sua alma insatisfeita, incomprehendida, melindrosissima.

Poeta, eximo artista, desafiará o tempo e as revoluções.

Aos régios protagonistas da tragedia antiga, espezinhados mais duramente,

em razão da sua primazia, pela fatalidade ciosa, só os pôde pintra o estro eschyliano, tão alto como as peripecias e as personalidades a que se afoitou.

Limita-se o orador a, por si e pelo Instituto, depôr sobre a campa de Euclydes uma corôa de flôres a um tempo singelas e peregrinas como o genio delle: os lyrios brancos do enternecimento, as semprevivas da saudade e as rosas rubras de enthusiastica admiração.

Affonso Celso.

---

## A Fiandeira

Dobando na sua roca
Um claro vello de lã,
Está postada uma dona
Em face ao sol da manhã,
Accende-lhe o sol scintillas
Na rosea cutis louçã,
Emquanto ella vae dobando
O fino vello de lã.
Quem transita pela estrada
Rasa, plana, liza e chi
Inquire logo o motivo
De tão ardoroso afan.

E vae a dama responde
Com vivo ardor maternal:
« De meu filho nascituro,
Bordo as faixas do enxoval.
Filho das minhas entranhas,
Fruto do amor conjugal!
Ai! Quem me déra vestil-o
Como a um principe ducal,
E acalental-o num berço
Todo de oiro e de crystal! »

Nasceu-lhe o filho, fadado
A padecer e penar.
E logo outra dama acode
A tomar conta do tear.
Que essa era a sua madrinha,
(Ai, que sinistro desar!)
Magoa, Dor, Malancholia
Eis seu nome singular.
E logo a dama começa
Dos olhos a rorejar
Um longo fio de pranto,
Que não parece findar,
E das lagrimas que chora,
Vae bordando, sem parar,
Para o mofino afilhado
Longa roupagem talar,
Urdida de desenganos
E de chimeras sem par.

Mas eis que chega o momento
De ter allivio o donzel,
Que no decurso da vida
Fôra um simples menestrel.
Pois que uma terceira dona,
Menos nociva e crudel,
(Que Dona Morte se chama
Em seu fadario revél)
Accorre a lhe urdir na roca
Um negro e basto burél,
Um longo e torvo sudario
De velludo e brocatél,
— Que lhe fosse o paramento
Fino, lusido, novel,
Nos proximos esposorios,
Com sua Eleita Fiél.

E quando foi finda a trama
Para o proximo hymineu,
A roca, num grande arranco,
Toda se multifendeu,
E o misero noivo triste,
Fechando os olhos, morreu...

Carlos Góes.

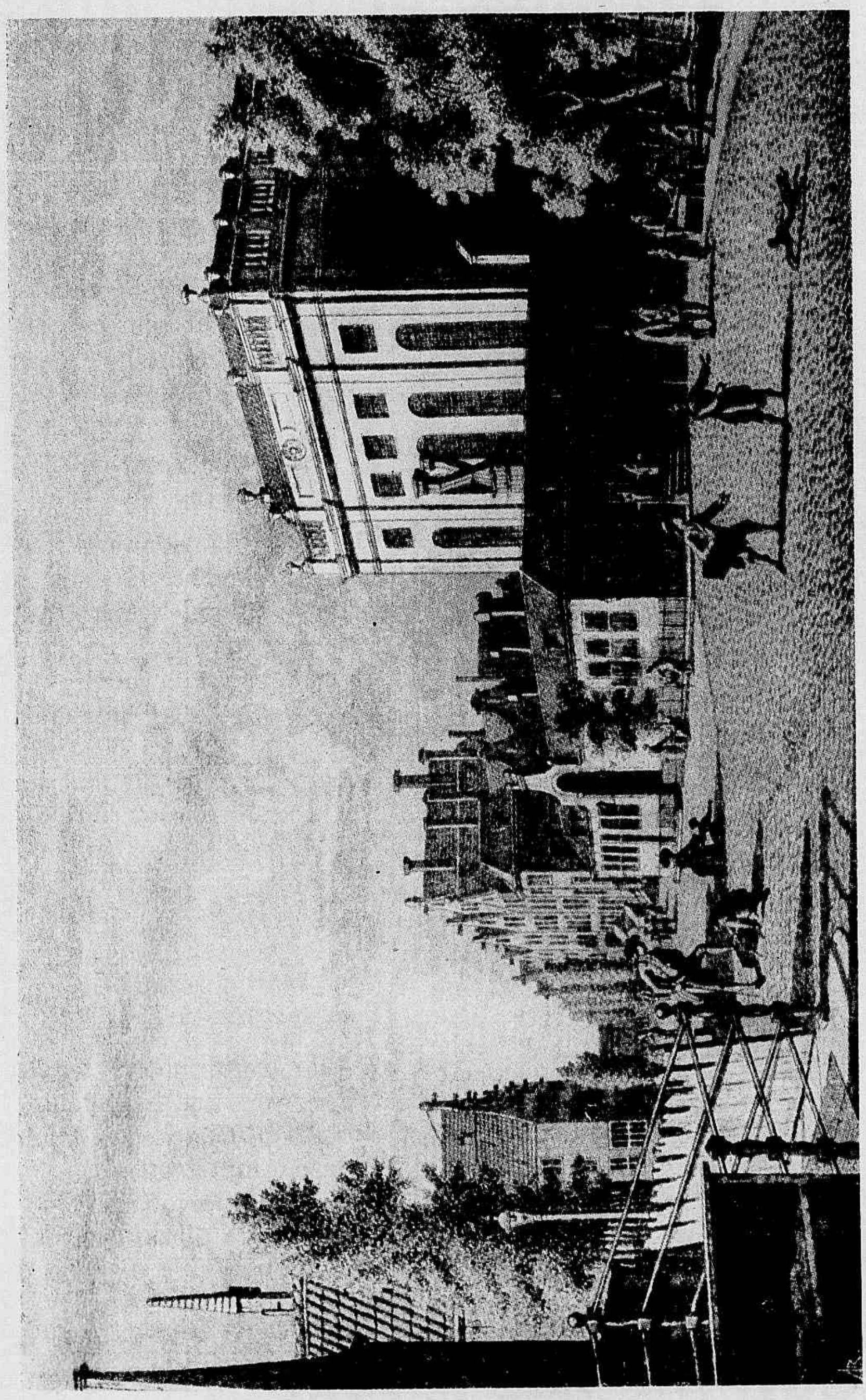
1908, Minas.

---

FAQUEIROS COMPLETOS DE MAPPIU ET WEBB
LONDRES
CLUBS DA CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.

# MENDES DOS REMEDIOS

O Dr. J. Mendes dos Remedios, professor e bibliothecario da Universidade de Coimbra é um dos eruditos mais notaveis entre os portuguezes contemporaneos.



Synagoga dos Judeus portuguezes em Amsterdam (no seculo XVIII).

Consciencioso e infatigavel no trabalho, tem prestado ás letras serviços inestimaveis.

São de grande e unico valor para a historia da civilisação em Portugal,

os seus estudos sobre os Judeus portuguezes. *Os Judeus em Portugal* e ultimamente os *Judeus portuguezes em Amsterdam.*

D'esta ultima é que extraimos a gravura que representa a Synagoga de Amsterdam no seculo XVIII. O livro de Mendes dos Remedios reduz a proporções reaes a lenda generalisada de uma larga e intensa tradição portugueza ainda sobrevivente na Hollanda.

Outros dos beneficios prestados por este erudito têm consistido em revelar ao publico actual muitas das antigas obras literarias portuguezas hoje esquecidas ou ignoradas, e assim o têm feito com verdadeiro carinho e raro saber, reeditando o *Fidalgo Aprendiz* annotado ; a *Consolação ás tribulações de Israel* do classico Samuel Usque (sec. XVI) e ainda agora a *Chronica do Infante Santo D. Fernando*, de Fr. João Alvares, edição critica segundo manuscripto do seculo XV.

E não citamos aqui senão uma pequena parte dos seus escripto numerosos mas todos significativos.

## Pezames a uma mãe

Senhora, não choreis o vosso filho morto.
Elle se foi rizonho ás altivas regiões,
Unir aos cherubins, para pedir conforto
A' vossa grande dôr, em célicas canções!

Não mais tenhaes, Senhora, o vosso olhar absorto.
Como quem não mais crê nas vossas orações!
Jezus quando rezou tristemente no horto,
Pediu ao Pae, com fé, bondade aos corações!

Sei que elle vos deixou uma saudade immensa.
E que de soffrer tanto, adquiristes a doença
Que a mania vos deu de o mundo desprezar!

Senhora, a vosso filho offendeis, com certeza.
Porquant o elle ao bom Deus, pede allivio á tristeza
Do vosso coração, cançado de chorar!

ADHERBAL DE CARVALHO.

BEBAM CAXAMBÚ
*A soberana das aguas de meza.*

## Vidula

Quam mihi placebas, rusticum instrumentum!
Dulce lenimen temperans dolores
Rusticanae puellae, ejusque angores.
Adhuc me premit tuum modulamentum!...

Placidi affectus almum incitamentum,
Menti praebebas lucidos fulgores,
— Quasi sol dies gerens clariores.
— Vento credebas languidum lamentum!...

Montanarum sodalis puellarum,
Earum consors desideriorum,
Pugnaeque amoris muti in voce aurarum.

Quomodo oblectas, heu! ludos agrorum,
Quando per « primam » comparant chordarum
Blandae fusculae sonum osculorum!...

MENDES DE AGUIAR

---

## A Viola

Quanto eu te amava, oh! rustico instrumento!
Tu que as maguas, as dôres allivias
Da sertaneja, em mansas melodias,
Inda hoje me vens ao pensamento!...

Puro e bom despertava o sentimento,
A alma dourando, como doura os dias
O sol — nosso conviva — e tu vertias
Teus gemidos subtis todos ao vento!...

Companheira querida das matutas,
Confidente fiel de seus desejos,
De seus sonhos de amor, serenas luctas.

Como és boa da roça nos festejos,
Quando as morenas languidas, astutas,
Afinam pela « prima » o som dos beijos!...

SYLVIO ROMÉRO.

---

## Os Dois Cortejos

*Soulary*

A dois cortejos se abre a igreja. Um, em sombria
Tristeza vem : — conduz de um anjo o esquife estreito
Segue-o afflicta mulher, e quasi desvaria
Os prantos a afogar no excandecido peito.

E'o outro um baptisado : — em mantilha macia
Se agita um pequenito; a mãe com mimo e geito
Dá-lhe o ineffavel seio, afaga, e acaricia
E abraça-o a rir, radioso o gesto, em trimpho o aspeito

Do templo baptisado e enterro vão-se embora,
Subito as duas mães se encontram — nesse instante
Uma furtivo olhar no olhar da outra demóra

E — dolorosa scena, ó lance edificante
A jovem mãe, que ria, ao ver o esquife, chora!
A que chorava, ri, ao contemplar o infante!

Ceará

LUCIO VARZEA.

COMPANHIA FABRIL S. JOAQUIM

FABRICA DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO

Rua de Santa Clara, 17 - Nictheroy
Deposito : *RUA DE S. PEDRO, 37* (Antigo 15)
RIO DE JANEIRO

Os homens comparo eu
com a poeira da rua :
quanto mais mentem, mais juram
por alma que não é sua.

BICYCLETTES
STAR
de Star Cycle Co.
CLUBS
A machina mais veloz e mais segura
CASA STANDARD
13

# TERMINOLOGIA MEDICA

Summario. — Micron, Orelha, Reliquat, Vermine.

Micron, s. m. [do gr. *mikrós, á, ón*, pequeno] — vocabulo grego adoptado para designar, em biologia e microscopia a millesima parte do millimetro, que é a unidade de medida dos seres e objectos microscopicos; em quasi todas as linguas emprega-se o proprio vocabulo grego *micron* e assim se tem feito em portuguez e podemos continuar a fazer acertadamente; quanto ao plural de *micron* alguns escriptores, cinjindo-se ao plural grego da declinação a que pertence *micron*, ou ao plural latino, dos nomes gregos declinados em latim adoptam o plural *micra:* este exemplo não é seguido por todos, adoptando estes outros o plural regular *microns* tomando a palavra como pertencente ao idioma que falam, uso que nos parece muito mais elegante e de muito melhor gosto, devendo ser considerado como pedantismo o emprego dos plurais gregos e latinos nas linguas actuais; no francez, respeito ao plural aos nomes estrangeiros, é regra que elle se forme pelo accrescentamento de *s* á fórma do singular, desde que elles foram pelo uso nacionalisados, e assim se diz : *spécimens, porfolios. infolios, quidams, factotums, quiproquos, placets, accessits, deficits, albums, alibis, quolibets*, etc. (Brachet et Dussouchet, *Grammaire Française*. Larive et Fleury. *La troisième année de grammaire)*; o inglez segue a mesma regra e escreve : « This organism, Rnown as the comma bacillus, is about 2 *microns* long... » *(Ralph W. Webster*, Diagnostic *Methode*, 1909, Philadelphia, p. 120); esta regra deve ser tambem a nossa. por ser a mais racional, e assim deveremos dizer *microns, in-folios, quiproquos, albums, alinéas, alibis. factotums, quidams, memorandums, déficits*, etc.; ou isso, ou então aportuguezar inteiramente a palavra estranjeira e dar-lhe plural regular como para *micron* aconselha judiciosamente Ramiz Galvão que se diga *micro* cujo plural é micros.

Orelha, s. f. (do lat. *auricula)* — apparelho anatomico dos animais, que serve á percepção dos sons, orgão do sentido do ouvido; este apparelho do ouvido divide-se no homem em tres partes : 1) *orelha externa* 2) *orelha média*, ou *caixa do tympano*, 3) *orelha interna* ou *labyrintho;* a *orelha externa* comprehende duas partes : a) o *pavilhão*. b) o *conducto auditivo externo*. Assim se deverá dizer em portuguez, traduzindo o francez *oreille externe, oreille moyenne, oreille interne;* e assim o dizem os bons autores portuguezes : « As *orelhas* são os orgãos do sentido auditorio... A externa se chama propriamente auricula... A *interna*, que é o verdadeiro orgão do sentido auditorio, está fundada no osso petroso... » (Bras Luis de Abreu, *Portugal Medico*, p. 78), « As *orelhas* tem seu sitio em o logar alto, para melhor receberem o som... são duas, uma a cada lado, em direito de cada olho... estas tais uma é *externa* e outra interna... » (Antonio Ferreyra, Luz *Verdadeyra*, p. 41), « O apparelho da audição consta de uma serie de cavidades e outros objectos. Este apparelho offerece tres partes bem distinctas : a 1ª. é chamada *orelha externa*, composta pelo pavilhão e conducto auditivo externo; a 2ª. ou *midia* consiste na cavidade do tympano e suas numerosas dependencias; a 3ª. e mais essencial é chamada labyrintho ou *orelha interna* » (Joaquim José Marques, Compendio de Anat. Humana, II p. 29). Chamar orelha sómente ao pavilhão e o dizer-se *ouvido externo, ouvido interno, ouvido médio* é incorrecção de linguagem não permittida ao escriptor scientifico cioso da propriedade da sua phrase; *ouvido* é aquelle dos cinco sentidos pelo qual percebem se os sons e tem por orgão a *orelha*, e é injustificavel

a sua synonymia com orelha na linguagem technica, embora não possamos corrigil-a na linguagem popular e litteraria *dôr no ouvido, inflammação do ouvido, pancada no ouvido*, etc.); o vulgo commette o mesmo erro em relação á *vista* e aos *olhos* sendo frequente dizer elle-*inflammação* da *vista*, etc. em vez de *inflammação dos olhos*, erro que a bôa linguagem não póde sanccionar.

A este proposito, lê-se no *Almanaque Brazileiro*, de 1911, publicado sob a direcção de Sr. João Ribeiro, p. 276 : « Ha hoje uma estupida affectação em se não querer empregar a palavra *olho*, que julgam deshonesta. No outro tempo escrupulizavam com a palavra *orelha*. Francisco Manoel do Nascimento, o celebre Filinto Elysio, refere a seguinte anedocta : Um padre muito douto da censoria riscou no manuscripto do *Telemaco*, traduzido por Manoel de Souza, a palavra *orelhas*, como baixa e deshonrada, mas o capitão, que sabia mais portuguez que todo o tribunal, lhe perguntou : Que é o que S. Pedro cortou a Malcho em certa noite de agarração? E o meu censorio ficou como um patinho. A-*orelha*, lhe retrucou Souza, é membro e soffre corte, e *ouvido* é sentido que não ha ahi facalhão de frade que o decepe. »

***

Reliquat (fr.), s. m. : o que resta de uma molestia incompletamente curada (Littré); Habjfeld e Darmesteter derivam a palavra do latim *reliquus*, o que resta, e consideram o *t* como devido á influencia de *reliquátum*, do *reliquáre*, o que ficou devido, parecer que se nos afigura mais acertado; no Brazil, na fórma dos nossos habitos de indolencia, os medicos dizem usualmente *reliquat*, fazendo a palavra esdruxula, e como se se tratasse da terceira pessoa do indicativo do verbo latino *reliquáre*, tomada como substantivo; a verdade, porém, é que o francez *reliquat* (pronuncia-se *relicá*), embora derivante do latim, não é forma vocabular latina pura, e o dizer-se *reliquat*, como se latim fosse, é erro; a melhor traducção literal portugueza de *reliquat é reliquáto*, s. m. derivado do participio passado de *reliquáre*, *reliquatum* termo que existe já no italiano, com a mesma origem (O. Pianigiani, *Vocabolario latim della Lingua Italiana*), ou *reliquia*, s. f., como diziam e muito bem os classicos medicos portuguezes : « E posto que havia annos que se curára do contagio, comtudo podiam ficar *reliquias* delle que fossem causa dos achaques que de novo tinha... » (*Madeyra Illustrado*, p. 18), « Tres, porém, são os casos em que nos é forçado soccorrer os doentes por outro modo fóra da via régia, a saber, quando o doente não tem forças para que o soffra, quando depois della feita ficam algumas *reliquias* que se não poderam gostar... » (Ilid., p. 154).

Este uso de reliquia, sobre elegante, é o mais correcto possivel; de facto, a significação primeira de *reliquia*, em latim, é a de *sobejos*, *residuos*, *restos*, *remanescentes*, *sobras*, de qualquer coisa, em geral; a applicação da palavra *reliquia* aos corpos ou despojos dos *santos* é secundaria e extensiva do seu significado principal.

Ao francez *reliquat*, portanto, devem corresponder, em portuguez, *reliquáto*, s. m., ou *reliquia*, s. f.

**PRATARIA "PRINCE"** egual á Prata
**DE MAPPIU & WEBB – LONDRES**
Casa Standard

***

*Vermine* (fr.), s. f. (deriv. do lat. *vermis*) : nome generico dos pequenos animais nocivos, asquerosos ou molestos, como os ratos, vermes, moscas, pulgas, percevejos, etc.; o exacto correspondente portuguez de *vermine*, é *sevandija*, s. f. (do espanhol *sabandija*, f.) que o *Dicc.* da Scad. Espanhola define — « cualquer reptil pequêno o insecto, especialmente de los asquerosos e molestos... », e o *Dicc. Prático* de Jayme de Seguier — « nome commum a todos os insectos parasitas e vermes immundos»; esta accepção de *sevandija*, que é a originaria e exacta deve ser adoptada na linguagem corrente portugueza, porque para traduzir *vermine* não existe nenhum outro termo que se lhe equipare em propriedade e representação da idéa, sendo do mais puro vernaculo. A accepção de *sevandija*, de vil, *desprezivel*, *parasitico*, *referindo*-se ao homem, é extensão metaphorica do sentido primitivo e principal da palavra. Com o radical *verme* não tem o portuguez palavra que corresponda a *vermine*; *vérmina*, que se poderia tomar ao latim, não significaria senão *enterospasmo* e *colica*, que é a significação unica do vocabulo latino; se não tivessemos *sevandija* poderiamos crear o neologismo *vermiaria*, ou nacionalisar o gallicismo *vermina*; estes expedientes, porém não são aconselhaveis, por haver o termo proprio, a que só falta a consagração do uso actual, porque a dos classicos não lhe falta : « De um filho do rei de Cambaya, escrevem Scaligero e Nieremberg que fôra criado com peçonha, de sorte que, não lhe fazendo a elle mal algum, a sua saliva era mortifera aos que tocava, e seu halito e vestidos ás moscas e mais *sevandijas* que se lhe chevagam... » (Padre Manuel Bernardes. *Nova Floresta*, edição Chardron, II vol., p. 38); « sempre com os olhos como avestruz ou ema de choco nas *sevandijas* de que pretende alimentar-se... » (D. Francisco Manoel de Mello, *Visita das Fontes*, Apologo Dialogal, p. 48).

Não ha pois que hesitar, *vermine* traduz-se portuguezmente por sevandija.

Rio, janeiro de 1911.

Dr Placido Barbosa.

FAZENDAS E ROUPAS POR ATACADO

ENDEREÇO TELEGRAPHICO Andorinha

SEABRA & Cia

CAIXA DO CORREIO Nº 567

Rua Visconde d'Inhauma, 78 e 80

RIO DE JANEIRO

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

# A CIDADE

Continua em caminho de prosperidades a nossa capital cada vez mais melhorada desde o impulso inicial de Rodrigues Alves Lauro Müller, Frontin, do Prefeito Passos que a remodelou completamente, de Oswaldo Cruz que a tornou habitavel e a rehabilitou no conceito do mundo. Os progressos e melhoramentos materiaes foram continuados por SERZEDELLO CORREA cuja actividade se fez sentir em todos os recantos da *urbs*, generalisando a varios arrabaldes os beneficios de que apenas haviam aproveitado alguns bairros do sul. Villa Isabel teve os seus jardins e o seu *boulevard* completamente embellezado e transformado e assim as ruas de S. Christovão, Tijuca e S. Tereza, sem falar em innumeros melhoramentos parciaes por toda a vasta area da cidade. Foi um dos melhores prefeitos que temos tido, sem embargo das accusações de ordem politica a que não poderia escapar em periodo tormentoso como o que precedeu a presidencia do marechal Hermes. A mais bella recordação da sua prefeitura será a *Quinta da Boa-Vista*, hoje um dos mais formosos parques do mundo, oasis deslumbrante de verdura, ligado ao systema de avenidas da cidade pela avenida nova de *Pedro Ivo* que será dentro de poucos annos um dos logradouros mais importantes da cidade.

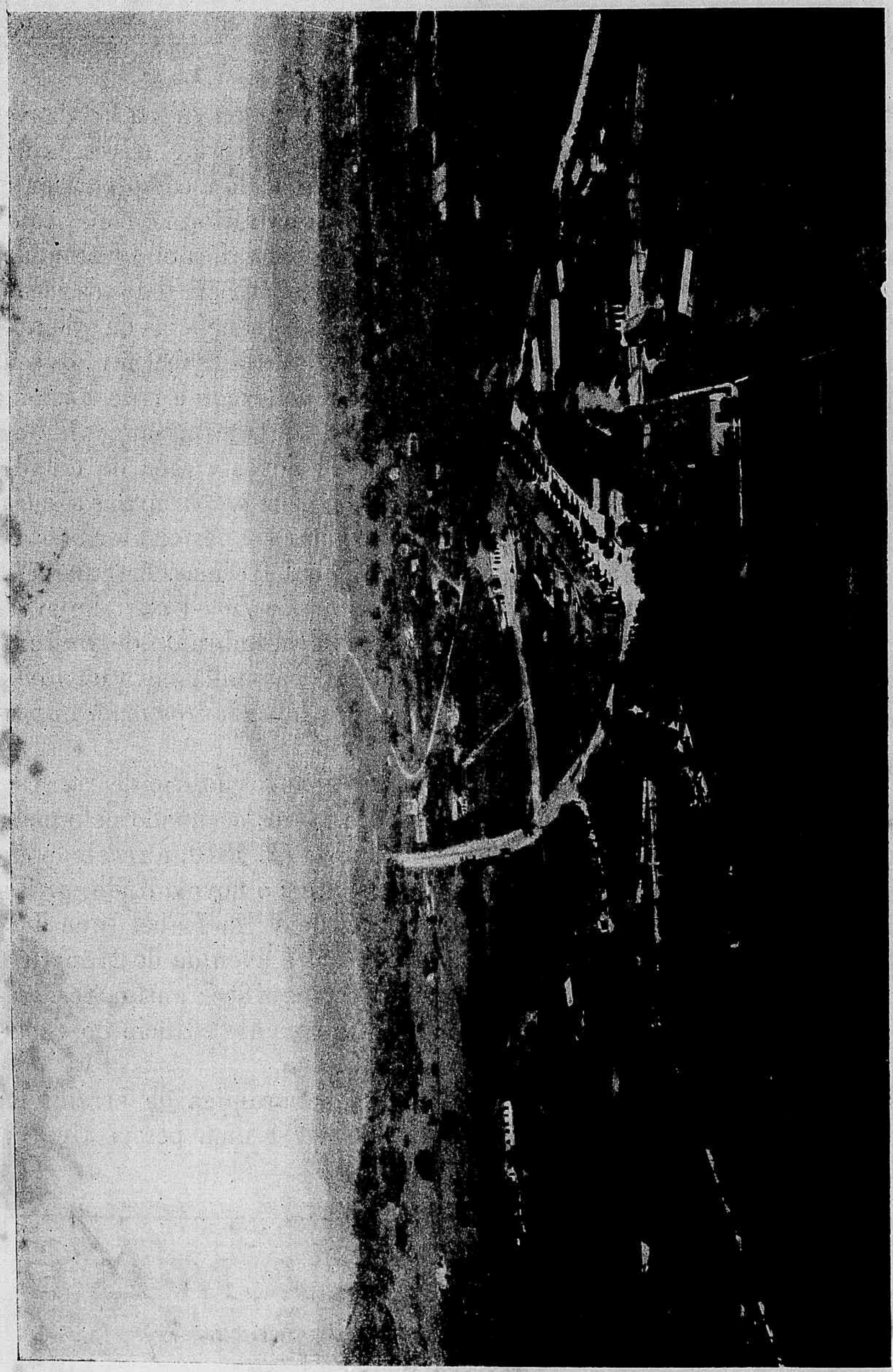
As nossas gravuras representam aspectos novos do Rio de Janeiro: *o palacio de Guanabara* que foi pela primeira vez occupado pelo nosso grande amigo o Dr Saenz Pena, nosso hospede em 1910, e recebido entre flores e applausos espontaneos da população; o novo e lindo *jardinzito de Maracanã*, no começo do *boulevard* de Villa Isabel (que deve ser mais tarde trazido ao centro da cidade até a avenida do Mangue); e a *Quinta da Boa-Vista*, parque e passeio magnifico; antiga residencia dos imperadores do Brasil; o novo e imponente edificio do *Quartel General do Exercito* na Praça da Republica.

Completam estes aspectos uma vista panoramica do arraial da Penha, suburbio extremo, hoje assaz populoso e uma perspectiva da Avenida Central.

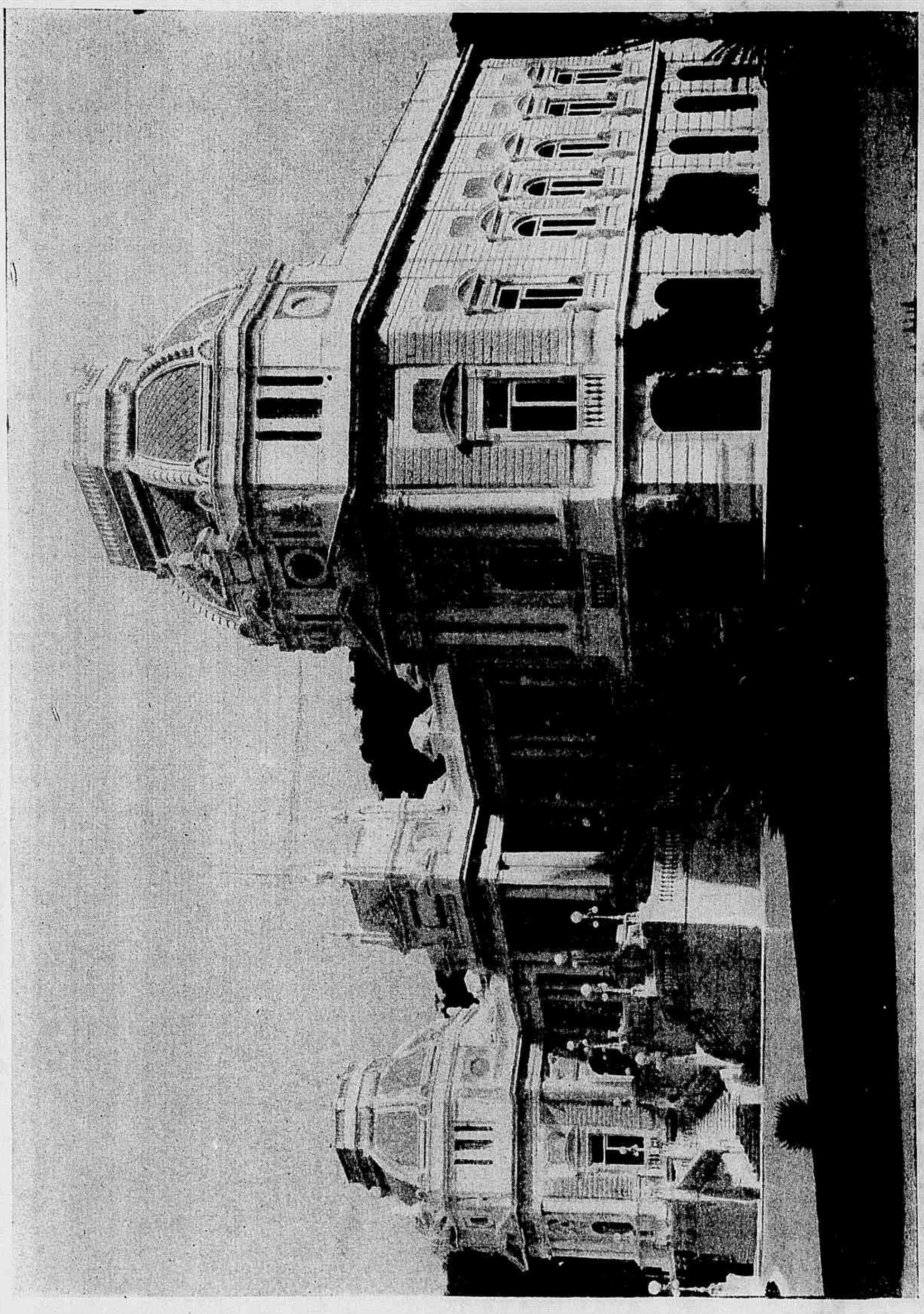
BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

O bairro da Copacabana recebeu novos e importantes melhoramentos. Novos edificios foram concluidos no extremo da Avenida o



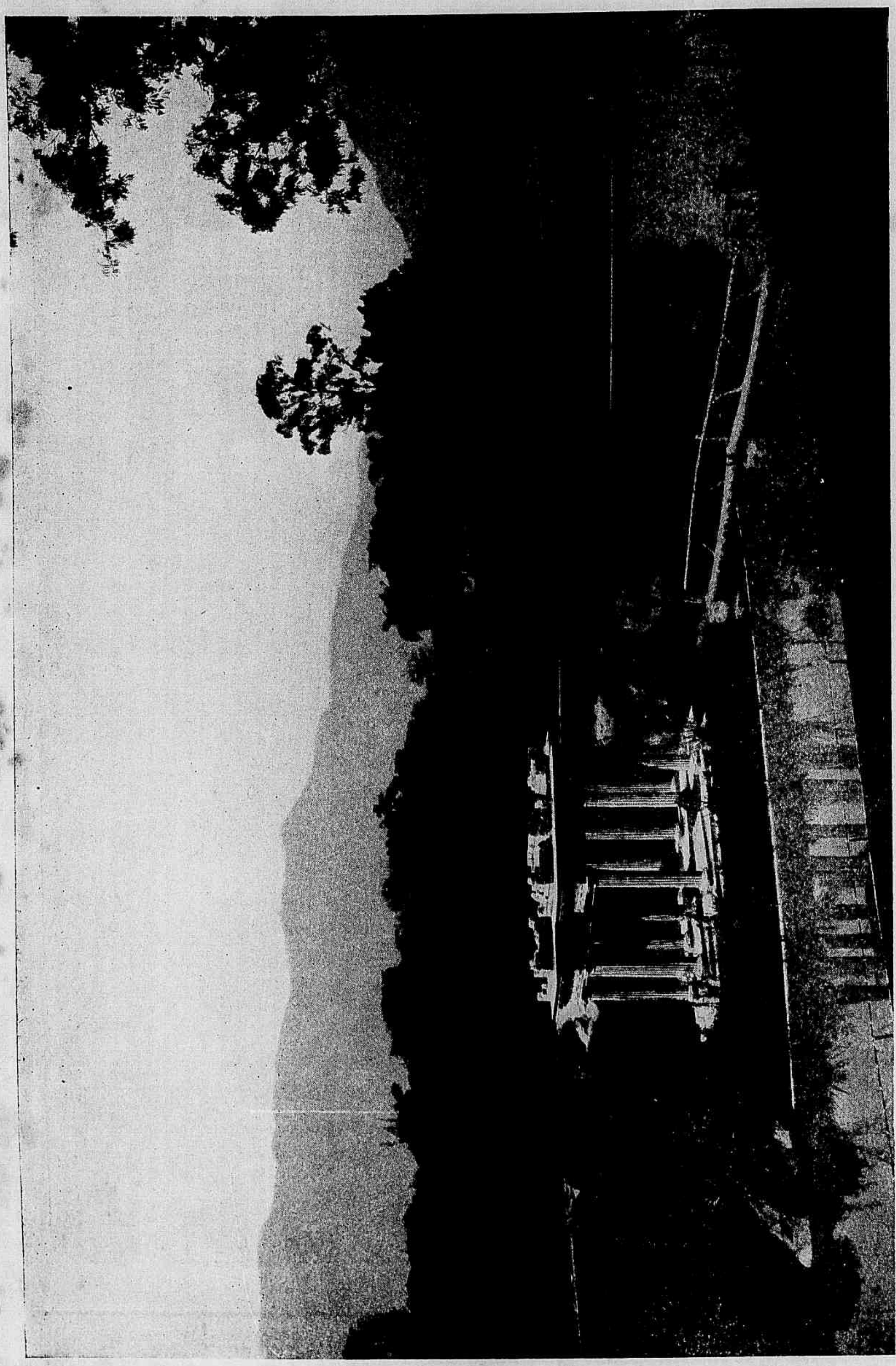
O arraial da Penha.



Rio. — Palacio Guanabara.

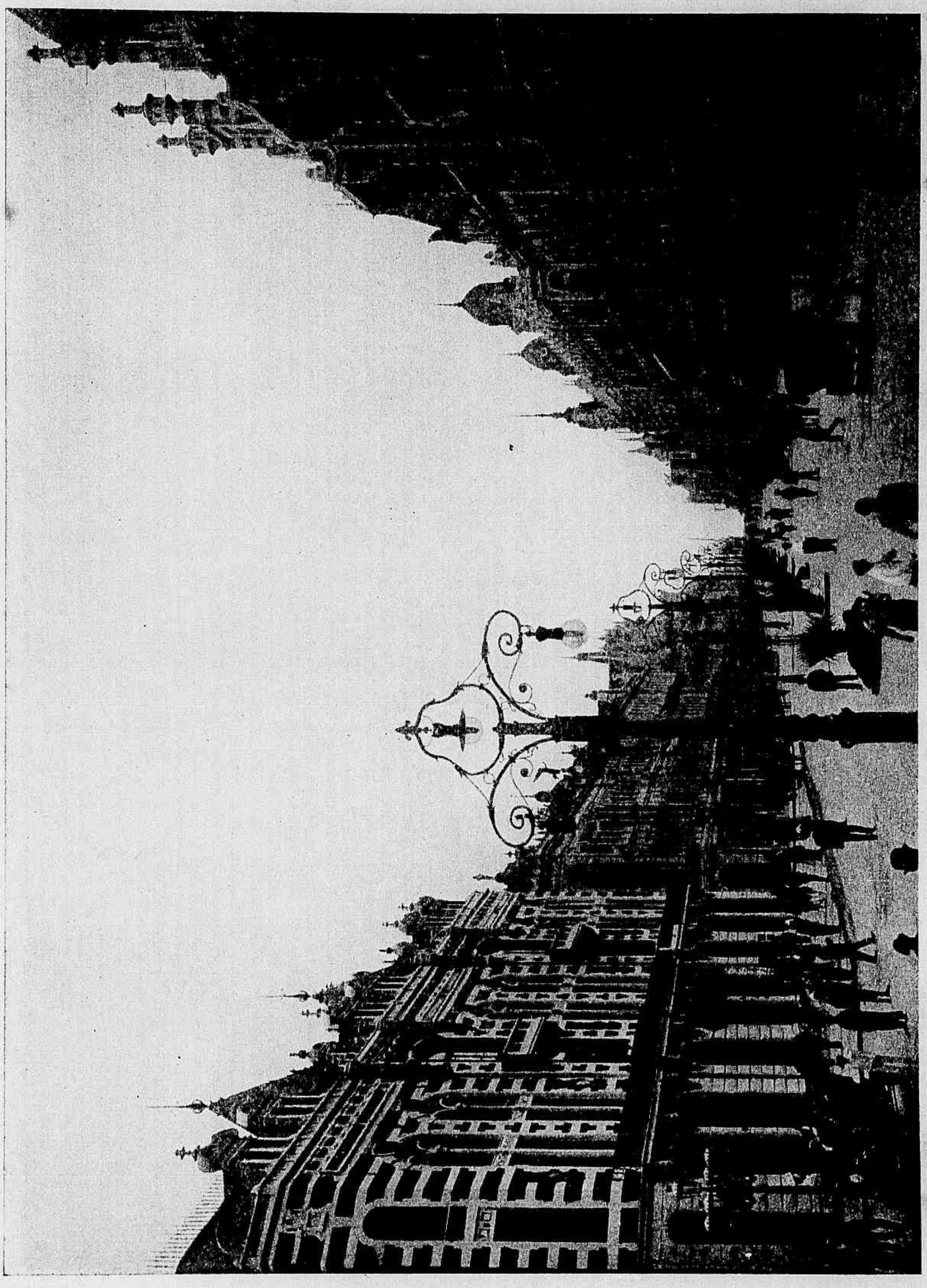
**Casa Vacheron e Constantin. — GENÈVE**

***Primeiro logar*** no Grande Concurso do conservatorio de Kew-Londres ou 94 1/2 pontos sobre 100; 1 1/2 ponto mais que qualquer outro fabricante.



Rio. — Quinta da Bôa-vista.

*Club naval* e o *Club militar*. Continuam preguiçosamente adiados o Grande Hotel e o palacio do Congresso. O prefeito novo General Bento



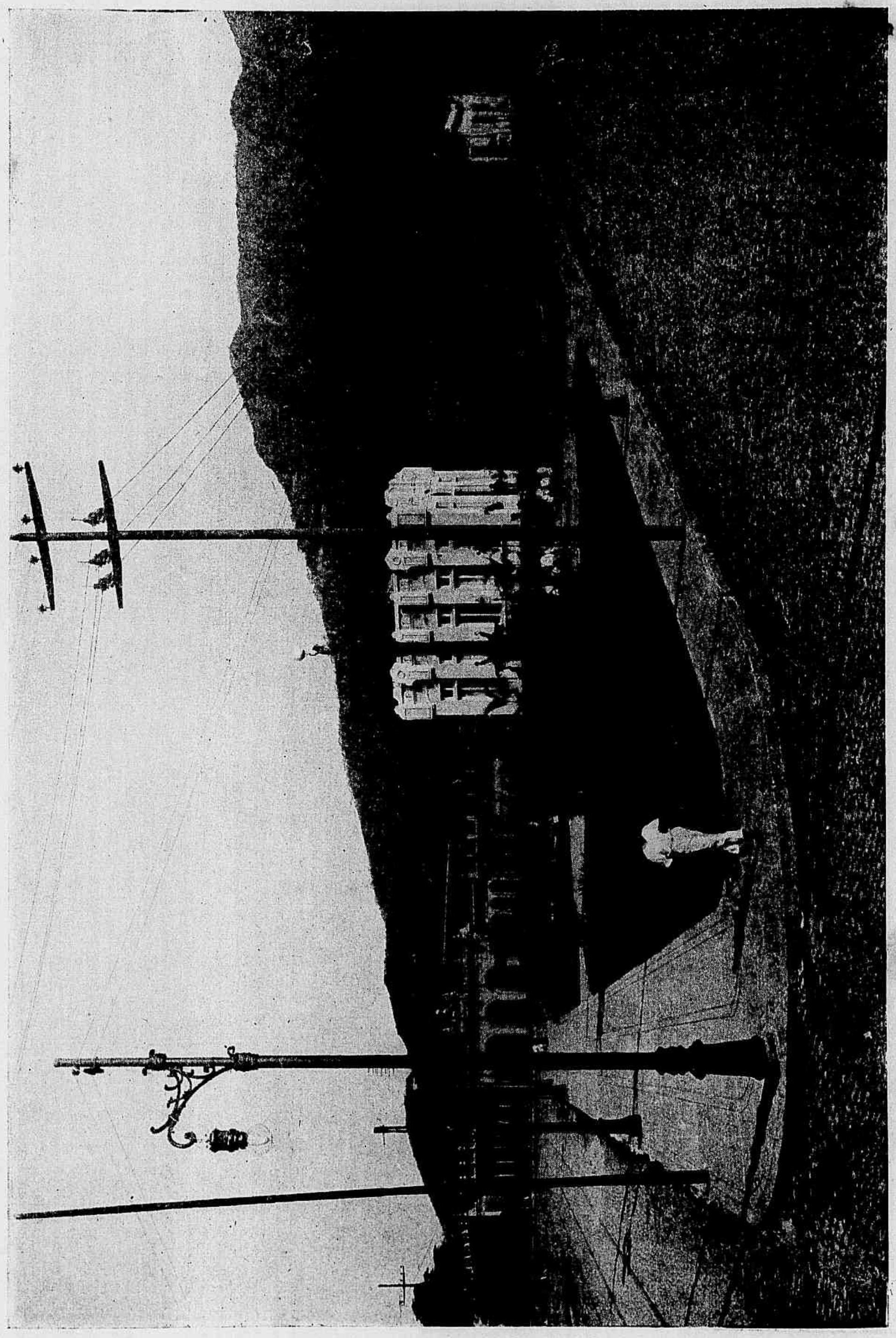
Rio. — Um aspecto da Avenida Central.

Ribeiro pensa em dotar a cidade com um edificio digno d'ella, fazendo construir uma nova *Escola Normal*, pois a que existe sem condi-

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

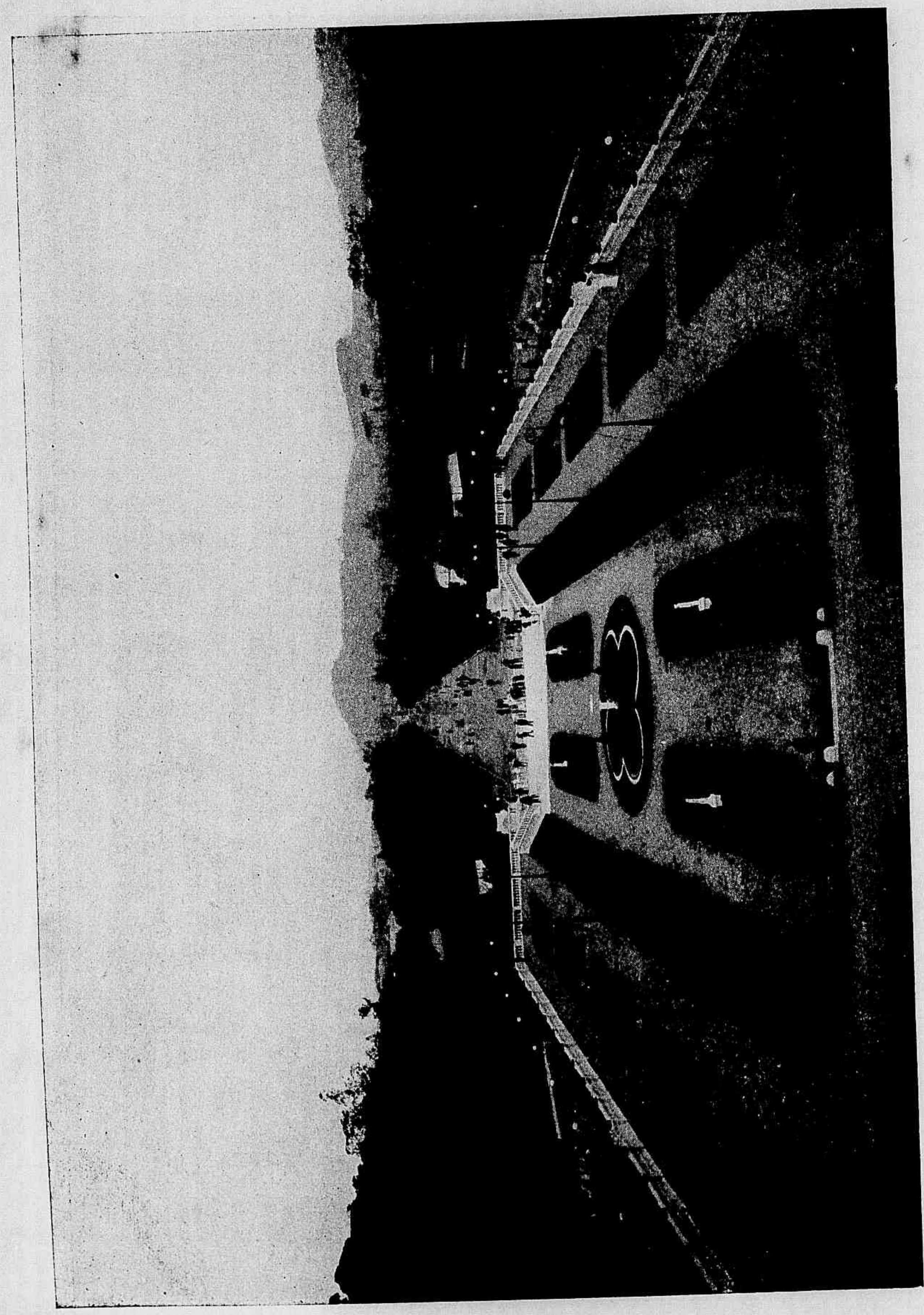
Rio. — Quartel general do Exercito.



Rio. — Jardim de Maracanã.

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*



Rio. — Quinta da Bôa-Vista.

ções hygienicas, sem espaço, deve dentro de pouco ser abandonada. E a este proposito convem lembrar que da parte do Governo federal deve ser construido um edificio apropriado ao nosso *Instituto de Musica* que conta mais de 800 alumnos e tem funccionado em predios im-

proprios, adaptados sempre e mal, com despezas grandes. O *Instituto de Musica* deve merecer o mesmo carinho da *Escola das Bellas Artes*, hoje magnificamente installada.

Em Janeiro de 1910 terminou o prazo dado aos habitantes do morro de Santo Antonio e já muitas vezes adiado, de evacuarem os miseros casebres abusivamente alli construidos, no coração da cidade. Cremos, porem, duvidosa ainda, a solução que se impõe do arrasamento ou hygienização d'aquelle outeiro, e de que tam assiduamente temos tratado nos numeros anteriores d'este annuario. Por outra parte a imprensa pouco se occupa do morro do Castello que se não deve ser demolido, deve ser novamente arruado com a ractificação das suas ruas, arborizado, facilitando-se-lhe o accesso por meio de linhas de *bonds*, empreza hoje com a tracção electrica, facil e commoda. O architecto Burard, aqui de passagem, admirando a belleza d'essa collina não podia comprehender que se tentasse demoli-a; mas, conservando-a, não nos cumpre desamparal-a.

N'ella é que todos os annos se commemora a festa da fundação da cidade a 20 de Janeiro (na de 1911 não houve o esplendor da antecedente que iniciou essa consagração), data escolhida da tradição e da historia.

Um dos actos do novo governo foi a inauguração da *Avenida Rio-Petropolis*, magnifica estrada de automoveis entre a capital e a encantadora cidade de verão, obra sumptuaria, talvez adiavel, mas a que se pode dar, sem prejuizo de sua belleza, um caracter utilitario colonizando as suas margens com hortos e pomares de abastecimento facil ás duas cidades.

Ao Rio faltam ainda grandes obras de caracter popular que não excluem a magnificencia, e entre ellas, principalmente, as escolas. A escola de *Medicina* continua ainda no mesmo pardieiro, como quasi todas as escolas do primeiro ao ultimo grau, as pretorias, os tribunaes, etc. Os casebres de S. Antonio, o barracão do Lyceu; o beco do Cotovello, e mil coisas que ainda lembram os ominosos tempos, affrontam e desafiam alguma iniciativa.

CASA STANDARD
CLUBS
DE FAMA MUNDIAL

# FOLK LORE

A contribuição do nosso annuario encerra varios numeros interessantes e aproveitaveis : Noticia de folk loristas nossos e chilenos (I e II), o romance novellesco colligido recentemente por Sylvio Roméro (III) ; a contribuição de O. Duque-Estrada sobre as trovas populares (IV) ; adivinhas, por J. C. Carneiro Monteiro (V) ; os *Judas* do saudoso A. Leitão(VI) ; medicina popular, do Barão de Studart (VII) ; variações folk loricas, de José Carvalho (VIII) ; estudos varios de linguagem popular da Bahia (P. de Moura) do Ceará (Raymundo Magalhães), de Minas Geraes (P. H. Souza Pinto), de Melgaço (Americo Brazil) ; *Frazes feitas* de O. Pratt (IX a XIII) ; *folk lore infantil* de Aleixima Magalhães (XIV) e o *Promombó* de E. Krug (XV).

I

## Folk loristas brasileiros.

Illustra hoje as nossas paginas o retrato de um das nossos *folk loristas*, o Barão de Studart, nome de grande reputação pelos seus estudos da historia nacional a que tem consagrado intenso e benefico labor desde muitos annos esclarecendo e resolvendo muitas das difficuldades da fundação e historia do Ceará.

Na *Revista da Academia Cearense* sob a sua direcção e de Thomaz Pompeu e Pedro de Queiroz iniciou o Barão de Studart a monographia *Usos e superstições Cearenses* que é uma bella contribuição para o conhecimento ethnographico das regiões do norte e do antigo Brasil.

O *Almanaque brasileiro Garnier* continua como sempre, a sua secção de *folk lore* pois está no seu programma não alheiar-se de nenhum dos assumptos que interessem ao conhecimento do nosso povo.

O *folk lore* está disseminado de modo geral por muitas das nossas paginas, e mais propriamente n'esta secção que creamos para os nossos collaboradores. Pelo nosso registro bibliographico ver-se-á que varios numeros se referem a obras aproveitaveis n'este ramo.

Da contribuição do Barão de Studart, daremos algumas amostras curiosissimas.

Um ethnographo e novo *folk lorista* do qual, aliás, temos ainda insufficiente informação, é o snr Edmundo Krug (de S. Paulo) que prepara uma obra especial sobre superstições brasileiras. O snr E. Krug apresentou ao Congresso de geographia reunido em S. Paulo (1910) uma memoria sobre este assumpto e tem publicado avulsamente em revistas algumas contribuições notaveis. De uma d'ellas, em pequenino trecho, têm conhecimento os leitores do nosso annuario.

II

## Folk loristas chilenos.

Desde algum tempo ha na republica de Chile, uma das mais adiantadas da America do Sul, um movimento bem sensivel de estudo das suas tradições nacionaes.

Esse movimento afinal concentrou-se em uma associação de ethnologos dedicados a essa especie de estudo a *Sociedad de Folk lore Chileno*, fundada em 1909 e que promette grandes fructos aos seus iniciadores.

D' ella é presidente o folk lorista e linguista Rodolfo Lenz, que escreveu o *Programma* da sociedade, apontando os fins e o objecto assaz complexo e variado de todos os estudos folk loricos.

Dos trabalhos já produzidos e publicados pela *Sociedad de F. Chileno*, recebemos os seguintes cuja importancia não necessitamos encarecer :

— *Programa de la Soc. de Folk-lore Chileno* por Rodolfo Lenz.

— *Del Latin en el folk-lore Chileno*, por Ramon A. Laval, 1910.

— *Oraciones, ensalmos i conjuros del pueblo Chileno comparados con los que se dicen en España*, pelo mesmo autor.

— *Mitos y supersticiones recogidos de la tradicion oral*, por Julio Vicuña Cifuentes, 1910.

— Coa. *Jerga de los delincuentes chilenos* (pelo mesmo autor) 1910.

— *Costumbres i creencias araucanas*, por Eulogio Robles Rodrigues, 1910.

— *La fiesta de Andacollo i sus dan-zas*, por Ricardo E Latcham. 1910.

O nosso director por proposta de Ramon Laval foi eleito membro correspondente da sociedade de folk loristas. No Brasil, ainda se não fez nenhum esforço no sentido de congregar os estudos ethnologicos do povo, o que é lamentavel havendo entre nós muitos estudiosos e amadores que trabalham com inteira dispersão de energia. O que desejamos é que o exemplo do Chile deixe entrever o momento em que se possa tratar de uma convergencia de vistas n'este tão vasto Brasil.

III

## O caso de João Alves Flôr

(colhido por Sylvio Romero).

« Pudemos apanhar, recitado por um preto da fazenda da Sant'Anna do Parahybuna, do Estado do Rio de Janeiro, uma especie de romance conhecido por *O cazo de João Alves Flor*, que é digno de atenção. Ahi não ha mistura de linguas ; nota-se o falar corrente entre as gentes do interior, no qual a linguajem tem o sabor das criações imediatas do povo rude. O tom, o gosto, o estilo, se de estilo se póde falar em cazos tais, é puramente brazileiro — tabaréu ou matuto ».

Sylvio Romero.

« Numa manha de domingo
O valentão Alves Flor
Se vestiu e se aprontou
Para furtar Leonor.
— Meu filho, dou-te o conselho,
Se acazo queres tomar:
Tira a sela do cavalo,
Acho bom que nao vá lá.

**A casa Vacheron e Constantin de GENÈVE**

no ultimo concurso do Conservatorio de Genève obteve os **3 primeiros premios** de **CHRONOMÈTRES**

— O cavalo está selado.
Que o menino já selou ;
Embora qu'eu morra hoje,
Inche na ponte da faca,
Eu vou furtar Leonor.
Levou o cigarro feito
Para pedir fogo a ella.
No passar pelo sobrado,
Avistou-a na janela.
— Não vim aqui passear,
E nem vim lhe vizitar,
Vim saber da sua boca
Se comigo quer cazar.
— Meu anjo, peça a meu pai,
Sem menaje de ninguem,
E se meu pai consentir,
Meu negro, quero tambem.
Nisto apareceu o velho
Co'uma cara de leão :
— Deus lhe guarde, meu senhor.
— Boas tardes, meu patrão.
— Se quizer dezapeiar,
Ou se quizer descançar,
Isso aí é uma janela,
A porta da frente é cá.
— Nao quero dezapeiar,
E nem quero descançar ;
Vim lhe pedir Leonor.
Para com ella cazar.
— Eu não dou a minha filha
P'ra homem de correntão,
De guarda-peito e gibao ;
Quazi todos são velhacos,
E a maior parte é ladrao.
— Meu senhor, não diga isso,
Tenho a ella muito amor,
Nessa minha pouquidade
Me acho com qualidade
P'ra cazar com Leonor.
— Vem cá, Pedro, vem cá, Paulo,
Vem cá, Chico Wencesláo,
Bota o cabra no quadrado,
Quero ver gemer no páo.
João Alves, quando ouviu isto,
Deu de redea na carreira,
Até que errando o caminho,
Saiu numa capoeira,
Onde se achava uma velha.
Minha velha, venha cá,
Tenha de mim compaixão,
Se *vancé* quizer ganhar
Vinte e cinco patacão,
E' ir correndo depressa
Neste caminho a seguir,
Perguntar a Leonor
Em que noite quer fujir.
A velha saiu correndo,
A modo que ia voando,
Conversou com Leonor
E veiu logo voltando.
— Leonor manda dizer :
Na noite de quarta-feira
*Vancê* vá atraz do muro,
Pizando muito seguro
Por detraz da bananeira.
Mas mesmo nem de encomenda,
Na noite de quarta-feira
O velho desconfiou,
Pois durante toda a noite
O velho não se deitou.
Esteve a noite inteirinha
D'um lado e d'outro acordado,
Com o ouvido bem atento
E seu bacamarte armado.
De sorte que nesta noite
A Leonor não fujiu,
E o pobre do Alves Flor
De frio quazi que *enjiu*.
No dia do quinta-feira,
O velho pôz-se de pé :
— Minha mulher, venha cá.
Venha cá, minha mulher ;
Preste a maior tenção,
Não se deixe engambelar,
Sentido com Leonor,
Não deixe ella se arrumar.
O velho foi p'r'o roçado,
A velha foi se deitar.
Leonor se aproveitou
E foi logo se aprontar.
Quando a velha levantou,
Achou a trouxa arrumada.
— O', Leonor, minha filha,
Eu pilhei tua massada.
Leonor, ó minha filha;
P'ra que é este vestido ?
— E' *p'a mode* mudar este,
Veja como está rompido.
Eu me sinto adoentada,
Estou com pouca saude ;
A senhora dá licença
Qu'eu vá ao banho no açude ?

— Minha filha Leonor,
Você quer é me enganar,
O tempo está de calor,
Banho frio lhe faz mal.
— Deixa disso, minha mãi,
Que disso nenhum mal vem,
Tomar banho no calor
Nunca fez mal a ninguem.
— Chiquinha e mais a Maria,
Acompanhem Leonor.
— Minha mãi, com este bando,
Leve o diabo, eu não vou.
— Minha filha Leonor,
O que é que disse seu pai?
Escute cá, minha filha,
Me diga por que não vai.
— Ellas não vão fazer nada,
Vão p'ra lá só conversando,
Apenas p'ra me espiar
E depois estar mangando.
Minha filha Leonòr,
Eu lhe quero muito bem,
Você póde ir sózinha....
Vai depressa e logo vem.
— Minha mãi, minha mãizinha,
E' sempre boa p'ra mim;
Então, adeus, até logo,
Sua bençam, mamãi, sim?
Ao cabo de meia hora
A velha desconfiou,
O que é que faz minha filha,
Que é que faz Leonor?
O açude está enchendo,
Quem sabe não se afogou?
Chiquinha, que já sabia
Da grande velhacaria,
No ar assim dirijiu:
— Minha mãi ainda é boba,
A Leonor já fujiu...
— Chiquinha, minha Chiquinha.
Que estás dizendo? Ai! ai!
Nós hoje temos serviço
Com as zangas do teu pai.
A velha saiu correndo
Na direção do roçado.
Aí achou o marido
Que descansava amuado.
Dirijiu-se para elle
Numa falinha dengoza:
— A nossa filha fujiu,
Venho lhe trazer a nova.
O velho se levantou,
Levantou todo tremendo,
Arrumou co'as mãos na velha,
— Danada, que está dizendo? —
A velha caiu no chão
Entre gemidos e ais,
Pedindo: — Por Deus do céu,
Meu velho, não me dê mais.
A velha saiu dali
Suspirando e soluçando,
E o velho, como malvado,
De vez em quando açoitando.
Deu tal tranco na coitada
Ao passar uma cancela,
Que a pobre caiu no chão,
Rebentou uma canela.
— Chiquinha e mais a Maria,
Vão lá para a camarinha.
— Meu pai, para que nos quer?
— Inda tu falas, mulher?
Vão lá para a camarinha
Provar do relho do boi,
*P'ra mode* vocês não ir
Como a outra já se foi.
A Chiquinha quando viu
Que a surra era demais,
— Maria, se tens corajem,
Hoje damos no papai.
Uma segurou nos pés,
Outra deu um empurrão,
Foi acima, foi abaixo,
Deram com o velho no chão.
A velha foi-se arrastando,
— Deixem tirar meu quinhão.
Puxou a cara barbada,
Deu quatrocentas dentadas,
Oitocentos beliscão.
Ao cabo de quinze dias,
Chiquinha viu Leonor.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

— No dia em que eu fuji,
Mana, como se arrumou?
— No dia que *vancê* fujiu
Até meu pai apanhou,
E toda a caza esparramou. »

## IV

## TROVAS (1)

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO FOLK-LORE DO BRASIL)

Quando realizei, nesta cidade, a primeira conferencia sobre o assumpto a cujo estudo me entreguei depois com maior devotamento e carinho, não possuia ainda outros cabedaes de informação além dos livros de alguns estudiosos, principalmente de Sylvio Roméro e Mello Moraes Filho.

A excursão que emprehendi, ha pouco pelos Estados do norte, depois de minha visita á cidade de Campos, onde tambem é fecunda a veia de inspiração popular, forneceu-me ensejo de sorprehender nas suas fontes originaes as trovas caracteristicas de cada região, ouvidas muitas vezes na bocca dos proprios auctores e nos momentos em que o ardor da inspiração as ditava.

Publicando-as agora, em parte, e poupando a futuros esplanadores da materia a tarefa de classifical-as, julgo prestar um auxilio aos que se occupam de taes assumptos, a meu vêr, do maior interesse patriotico e mais que qualquer outro dignos de attenção e de pesquiza por parte dos nossos escriptores.

Não me foi dado visitar o Piauhy. De um filho dessa terra, egualmente curioso das producções populares e habituado a ouvir os trovadores anonymos, tive communicação das seguintes quadras :

Sou fogo, raio, corisco,
Onde não ha S. *Jerôme;*
Sou mesmo cabra damnado :
Onde pico, urubú come!

Assubi do pio arriba,
Engangorrei na forquia :
Peguei na perna da veia
Pensando que era da fia!

Subi ás portas das nuveas
Cavalgando num trovão;
Desci nas cordas da chuva
Com dez coriscos na mão!

Do Ceará, talvez o berço mais fecundo de trovadores do povo e onde a poesia anonyma assume as fórmas de maior originalidade, em consequencia das suas condições ethnicas especialissima, tive opportunidade de registrar as seguintes :

Si eu fosse podre de rico,
Não morava lá no matto :
Morava, mais a Lórinda,
Alli na rua do Crato...

Quando o mundo se acabá,
Que não tivé mais ninguem,
Vae na minha sepertura
Que ainda te quero bem!

Me atrepei na bananeira,
Me enrolei com o mangará :
Comi banana madura
Até a gata miá!

Quando eu vim da minha terra,
Minha mãe recommendou :
— Meu fio, tu nunca apanhes,
Que teu pae nunca apanhou!

Eu vi a morte pescando
Nas aguas do Jiquiá :
Quando a morte pesca peixe,
Vejam que fome não ha!

Do Rio Grande do Norte estão ja annotadas por Sylvio as duas seguintes :

(1) Este artigo publicado na imprensa diaria em 1908 contem muitos dados interessantes e por isso, *data venia*, o reproduzimos (*N. da R.*)

Fui soldado, sentei praça
No regimento do amor :
Como sentei por meu gosto,
Não quero ser desertor.

Quem quizer tomar amores,
Ha de ser co'a cozinheira,
Que ella tem os beiços grossos
De lamber a frigideira.

São quadras cantadas nos sambas e *côcos* pernambucanos as seguintes :

Vi o teu rastro na areia,
Me puz a considerar
Que teu corpo tem tal mimo
Que teu rastro faz chorar!

Quando a mulher quer negar
Que offendeu o seu amor,
Ajunta dedo com dedo,
Jura por Nosso Senhor!

Cravo branco, quando se abre.
Parece a crôa de um rei :
Eu comparo cravo branco
Co'uma pessoa que eu sei!

A Bahia fornece tambem larga contribuição de trovas. Entre muitas outras são dignas de referencia :

Você, quando tem presunto,
Não convida p'ra jantá ;
Mas quando tem seu defuncto,
Me chama p'ra carregá!

Quando o rato engeita côco
E a menina casamento,
Ou o côco tem pimenta
Ou o moço impedimento.

Todo homem, quando embarca.
Deve rezar uma vez;
Quando vae á guerra, duas.
E quando se casa, tres!

Atirei um limão doce
Na janella de S. Bento :
O frade que tivé moça
Saia fóra do convento!

Quem quizer ter vida longa,
Fuja, sempre que pudér,
De medico, boticario,
Melão, pepino e mulher!

Não foi sómente no norte que tive occasião de annotar as trovas do povo. No Estado do Rio em Minas, em São Paulo e no Paraná, ou por ouvil-as directamente, ou por communicação de outrem, recolhi algumas que em seguida transcrevo. São de Campos as seguintes :

Bella morena orgulhosa,
Dá-me agua para beber,
Mas olha que não é sêde :
E' vontade de te vêr!

Eu sou como a flor da murta,
Daquella que cae no chão :
Quanto mais carinhos faço,
Mais desenganos me dão

Sexta-feira fez um anno
Que meu peito se fechou :
Quem morava dentro delle
Tirou a chave e levou.

Muito padece quem ama,
Muito soffre um coração :
De dia, apanha poeira;
De noite constipação!

A mulher, quando se mette
A fallar da vida alheia,
Começa na lua nova
E acaba na lua cheia!

De Minas são algumas quadras caracteristicas, como estas :

O' que facias tão fermosas!
O' que lindas parecencias!
Quero fallá cá senhora,
A senhora dá licencias?

As licencias já tá dada
P'ra dizê o que quizé :
Quando Deus criou os home
Foi p'ra fallá cás muié!

R
REX
X
**Com o piano automatico Rex todo o mundo é pianista.**
CLUBS, CASA STANDARD 93, Ouvidor, 95, RIO.

E' bastante rico o manancial de São Paulo. Destaco algumas :

Menina da saia curta,
Cinturinha de retrois :
Bota a chaleira no fogo,
Vae quentá café p'ra nóis...

Sinhô padre, me confesse,
Que eu sou fio do peccado ;
Eu sou como a chame-xuga :
Quando pego, tô pegado !

Vancê me chamou de feio,
Eu não sou tão feio assim :
Foi despois que vancê veiu
Que pegou feio ni mim !

O Paraná é berço tambem de inspirados trovadores, e as suas quadras avultam pelo arrojo da imaginação ou pela veia satyrica :

Quando meu bem foi se embora,
Nem poude se despedir :
As pedras choraram sangue,
O sol não poude sahir!

Quem tem seu bem no sobrado,
Fica morto de desejo :
Tá soffrendo da garganta,
Tá fazendo gargarejo!

Duas de inestimavel belleza, fructos da musa melancolica do nosso povo, são geralmente conhecidas em S. Paulo, onde as ouvi cantadas por dous barqueiros, no rio Tieté. Não as encontrei, porém, nos repositorios de trovas que por ahi correm.

Reproduzo-as aqui, para que possam figurar em futuras collectaneas do genero :

Até nas flores se encontra
A differença da sorte :
Umas enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte.

Perdi a credulidade
Que tão captivo me fez,
Porque no amor é bastante
Ser-se enganado uma vez.

Poucos poetas eruditos terão produzido tão admiraveis conceitos em versos tão espontaneos e de tanta belleza!

(*Extr.*) OSORIO DUQUE-ESTRADA

## V

## ADIVINHAÇÕES (1)

*Ao primeiro folk-lorista parahibano, Dr. Rodrigues de Carvalho.*

Nas collectaneas dos folk-loristas brasileiros é insignificante o numero das advinhações colhidas e entretanto são ellas producções populares muito communs e correntes por toda população inculta do Brazil.

As creanças apreciam-n-as muito e nos serões caseiros, quando descançam na sala ou no alpendre famulos e meninos, pessoas intimas, camaradas de occasião ás veses, depois das historias, das parlendas, não raro surgem as advinhações, e então cada qual por sua vez vai disendo o seu palavriado que consta quasi sempre de um versiculo espirituoso, original, pitoresco, procedido das palavras costumeiras *o que é, o que é...*

Silvio Romero, o decano dos nossos folk-loristas, registou as seguintes nos *Cantos Populares* :

« Caixinha de bem querer todos os *carapinas* não sabem fazer.

Casa caiada lagôa dagua.

Campo grande, sementinhas pretas.

Branco e não é papel, verde e não é mar, vermelho e não é sangue, preto e não é carvão.

Branquinho, branquinho, reviradinho.

(1) D'este artigo excluimos a adivinha que citaremos em obra sobre o *folklore* com a nota respectiva.

Garças brancas em campos verdes, com o bico n'agua morrendo á sêde ».

No recente *Folk-lore Pernambucano*, Peireira da Costa deu-nos apenas esta referente ao céu, sol, lua e estrellas, muito expressiva :

Moça formosa,
Velho carrancudo,
Campo bonito,
Gado meudo.

Desde creança temos ouvido innumeras, aqui deixamos algumas como modesto subsidio para o folk-lore brasileiro.

Meu nascimento foi verde
E de luto me cubri ;
Para dar gostos ao mundo
Em fumaça me sumi.

Em altos estou, em altos moro,
Todo mundo beija, ninguem adora.

Do tamanho de uma *bolóta*,
Enche a casa atè á porta (1).

Eu ia por um caminho
Resando meus padre nossos,
Encontrei um homem morto
Com a carne por dentro dos ossos.

Homem magro lazarino (2),
De chapeo *aguaribado* (3)
Não ha festa, nem banquete,
Em que não seja convidado.

Entra no carrasco (4)
Sae encarrascada,
Quando ella sai
E' que as tripas arrasta.

(1) E' tambem corrente esta versão , Enche uma casa e não enche uma mão.
(2) Esguio.
(3) Al Garibaldi.
(4) Matto entrançado ? Terreno ruim, pedregoso ?

Quatro na lama,
Quatro na cama,
Dois *currimboques* (1)
E um que abana.

Anda sem ter pé,
Cava sem ter mão,
Urra como boi,
Mata sem ter razão.

A dicifração é FUMO, COCO, LUZ, CARANGUEIJO, COENTRO, AGULHA, VACCA, CHEIA (enchente).

Omittimos as adivinhações mais picarescas em que apparecem sem rodeios as expressões cruas da linguagem popular.

Ha tambem as dicifrações por letras ou syllabas, e as que têm a dicifração occulta desfarçadamente, das quaes damos estas como exemplo :

*V i vi*, que está doente,
*A* está para morrer ;
Me diga Senhóra Dona
*D o dó* que quer dizer ?

*Mè* sem ser de engenho,
*Lã* sem ser de carneiro
E *cia* sem ser de cavallo ?

Eu indo por um caminho
*Capim de vara* (2) encontrei,
Foi coisa que nunca vi,
Admirado fiquei.

Ha tambem perguntas como estas : « Um couro bem espichado de quantas varas precisa? » « O que é que quanto mais se tira mais augmenta? » « O que é uma bestinha russa com dois cabrestos? »

E outras tantas que ora têm resposta imediata, ora deixam o interrogado quebrando a cabeça sem se

(1) Corninboques.
(2) Capivara, animal do Brasil.

BEBAM CAXAMBÚ
**A soberana das aguas de meza.**

lembrar que são desnecessarias mais varas para um couro *bem espichado*, e que a bestinha russa é a rede amiga onde elle tem feito tantas viagens deleitaveis ao el-dorado da phantasia...

E já quando se esgota o repertorio volta um, de industria desafiando a argucia de seu companheiro, que, attencioso ouve uma destas :

O que é uma cousa branca redonda, que gallinha põi?

Ou então

O que é, o que é :
Salta p'ra cima :
Faz: *bé !...*

E a resposta é recebida *inconnenti* por um dos pequenos presentes com uma rima toante que deixa a dona da casa escalistrada com o repente de seu pimpolho desbocado.

J. C. Carneiro Monteiro.

Pilar, 1910.

VI

## FOLK LORE. OS JUDAS (1)

Releve Coelho Netto, o douto autor da « Antiga Cidade », que não conheceu, pois felizmente para elle não é do tempo em que « vintem era dinheiro », esta incursão fugidia na safra das cousas passadas do passado carioca.

O espoucar dos foguetes e os repiques das igrejas sabbado ultimo despertaram em um contemporaneo daquelle vintem, restos do malsinado « xenxem » da era anterior, uma das degenerações do costume innocente que seus paes seguiam sem fazer mal ao mundo e á sociedade — os Judas. A apprehensão que a policia fez de algumas dessas toscas imagens do Iskariote, prova que a lembrança do que eram e do que foram os Judas do Sabbado da Alleluia não está perdida na memoria fluminense. Ainda ha poucos annos a defesa de um desses espantalhos de panno e de palhões foi causa de sangrento conflicto na velha Praça do Mercado ; o ultimo protesto popular pelo « direito dos Judas ».

Para os cariocas da primeira metade do seculo passado e os da « Antiga Cidade », o Sabbado da Alleluia era o dia mais propicio ás expansões das suas criticas e da justiça figurada. Os Judas foram os instrumentos dellas e as forcas em que balouçavam os lampeões de azeite de peixe fetidos e repugnantes, ficavam mesmo á mão de pendurar as figuras do Traidor.

Nessa época atrazada, semi-barbara, ainda a Traição não era motivo de monumentos glorificadores, mas de patibulos justiceiros. Povo atrazado, praticas grosseiras.

Esses Judas faziam a critica dos homens grandes do tempo e por elles o povo vingava-se ou castigava divertindo-se. A lenda do homem tredo, sempre viva e animada entre os christãos, prestava-se ás « idéas de mal fallar » como hoje os carros allegoricos dos bandos carnavalescos.

A policia sempre activa contra os incontentaveis de todos os tempos, acudia a « despendurar » e a dar sumiço á imagem irreverente que opposicionistas temerarios expunham á irrisão publica, sem impedir, entretanto, que o mal produzisse o seu effeito deletereo na opinião. Por isso e não obstante a fortaleza da crença e da tolerancia risonha do clero, os poderes publicos acabaram com a exposição dos Judas.

Se não os bonecos, ao menos as

(1) Foi esta uma das ultimas producções do saudoso jornalista. (Vide necrologio).

suas representações sabbaticas foram desapparecendo da circulação.

A molecagem, como se dizia então, a garotada, como se diz hoje, teve de recolher as varas e os cacetes para outras arruaças. Os Judas deixaram de esvasiar as suas panças de bombas e traques no meio da rua. Agora não esvasiam, enchem as panças e não lhes falta quem queime em sua honra foguetes e bombas.

O mundo caminha, ou melhor, as sociedades deslisam. Mentira além dos Pyrineus, verdade aquem, escreveu Pascal; torpeza no anno tantos, gloria nos annos que correm, diz-se hoje.

Aos Judas de palha succederam os Judas de papel e esses se chegassem até nós seriam legião, tão lucrativos eram e tão adiantados foram elles para a sua época. Morreram por não acharem no meio em que um Precursor fel-os surgir elementos de vida.

Era o Judas impresso em quatro paginas e mais, era o Judas jornal exporadico que, com escandalo publico e farto proveito dos seus editores e redactores, apparecia no sabbado de Alleluia a diffamar meio mundo e a outra metade tambem.

E' sabido que a pornographia foi de todos os tempos e até obrigação religiosa entre pagãos. A imprensa, porém, deu-lhe novas feições e especialmente tornou-a opulenta mina de dinheiros que, por não cheirarem bem, nem por isso eram menos aproveitaveis no luxo e na vida elegante dos pornographos.

Pasquino «un sartore assai valente di sue mestiere»; não criticou dos Papas e dos Cardeaes, potencias ainda temidas no XIV seculo?

Os Pasquinos que vestiam os Judas em typographias capengas nem sequer mereciam a nota de valentes pela temeridade do passo que davam.

Ninguem ignora que o Imperador Pedro II de honrada e venerada memoria se nem sempre obrigou os politicos a não mutilarem a Constituição, sempre respeitou a liberdade da imprensa. Nelle esse respeito pelo direito de pensar, de escrever e de imprimir, parece que ia até á superstição. Ao envez dos seus collegas em realeza que viam na imprensa um zangão importuno, uma vespa venenosa, attraindo e infeccionando o povo, D. Pedro II queria ouvir tudo quanto se dissesse, ler tudo quanto se imprimisse.

Havia até na Secretaria de Justiça um official, que por muitos annos foi o saudoso amigo e collega em jornalismo, Augusto Emilio Zaluar, especialmente encarregado de extrahir dos jornaes da Côrte e do interior os artigos de censura e de queixas que o Imperador queria ler. Contam as chronicas do Imperio que muitos desses retalhos figuraram na mesa dos despachos com pedido de informações.

D. Pedro II não admittia limites á liberdade de imprensa, acreditando

R
REX
X

R
REX
X

E Sempre o Piano

R
REX
X

R
REX
X

que tal o chuço de Achilles, as feridas que ella fizesse seriam curadas por ella propria. Assim foi e o jornalismo militante degladiava-se certo de que os seus botes seriam só moralmente mortaes.

Escudados nessa liberdade, os *Judas*, pasquins que nem sempre calumniavam, mas que sempre injuriavam e diffamavam, sahiam aos sabbados da Alleluia a alegrar os lorpas e a estimular os maldizentes a repetir o que naquelles papeis liam. Os editores dos *Judas* sahiam das tavolagens de infima classe, das espeluncas das ruas de S. Jorge e do Senhor dos Passos. Eram na maioria « testas de ferro », compositores vadios e ebrios e capangas eleitoraes.

A vida de diffamador profissiona pela lettra redonda não dava então lucros que permittissem tratamento folgado e muito menos a consideração social. Todos esses editores de *Judas* eram despreziveis e desprezados.

Passava por ser o mais atrevido, o mais desbragado, e portanto o mais procurado « O Judas fere fogo espalha brazas ». O titulo valia um programma e justo é dizer que esse programma era cumprido á risca.

O Progresso criando necessidades cada vez mais tyrannicas, imperiosa tornou rude, dura, implacavel a luta pela vida. Para haver dinheiro todos os meios são bons e a diffamação e a pornographia foram sempre meio rendoso de levar boa vida com pouco trabalho. Não nesses tempos atrazados.

Os « Judas » rendiam pouco e esse pouco fundia-se logo nas mesas do vispora e do pacáo.

A venda avulsa era insignificante em relação aos estimulantes offererecidos aos paladares embotados : o melhor da verba de receita estava na *chantage*, felizmente não temos em portuguez o termo privativo desse trafico infame. O editor do Judas levava os artigos aos individuos nelles injuriados ou aggredidos e propunhalhes o negocio — dinheiro ou publicação.

Muitas das victimas pagavam mas havia tambem muitas que nada davam a não ser algumas taponas no patife.

Houve até um caso de reinvindicta engraçado em sua originalidade.

Uma victima não paciente, insultada em certo « Judas », procurou o editor que vivia de ser « Testa de Ferro » e applicou-lhe onze bengaladas, tantas quantas eram as linhas do artigo insultante. Elle as contara no texto e as contou nas costas do autor.

Com o fastio, com a intervenção da policia, intervenção discreta porque o Imperador não permittia castigos de abusos de imprensa fóra dos tribunaes, sumiram-se os Judas para as trevas dos máos tempos.

Veio o *Corsario* de que o Apulchro de Castro não foi o unico redactor. O infeliz expiou cruamente a sua culpa sob os punhaes dos assassinos.

E' provavel, deve ser certo, dadas as grandezas destes dias de avenidas, de Pavilhão Monroe, de Aguas da Mantiqueira, de exposição da Praia Vermelha e do Theatro Municipal, que já não existam Judas e succedaneos do *Corsario*. A cavação da gente « smart » bem amparada por socios poderosos, dá merito mais do que davam os *Judas* e os *Corsarios*, sendo a moral a mesma.

Se ainda ha lama em façanhas de ter muito dinheiro com pouco trabalho, essa lama já não nodôa ninguem, an-

tes doura e illustra a quem os apanha com as pellegas.

ANTONIO LEITÃO.

## VII

## MEDICINA POPULAR

Usos e ensalmos colligidos pelo Barão de Studart)

Para curar de *verruga* deve dizer-se :

Lá vão dois em cima de um
Passe a verruga para o pé de um.

Outro remedio é passar o dedo na parede de uma igreja onde se penetra pela primeira vez.

***

Para curar entorses, dores, etc., toma o curandeiro ou curandeira (que é mais commum) de um novello de linha e finge estar a coser a parte doente ao mesmo tempo que diz :

Carne trilhada,
Nervo rendido,
Osso torto,

Assim mesmo eu coso
Nas horas de Deus
E de São Fructuoso.

A agulha ficará enfiada no novello até o doente sarar.

***

Para curar ou levantar a espinhela cahida, suspende-se o doente á banderola de uma porta e o rezador apalpando-lhe o corpo diz 3 vezes :

Quando Deus andou no mundo
Tres cousas deixou,
Arcas e ventos
E espinhela levantou.

A espinhela é o appendice xiphoide.

Para curar uma pessoa engasgada fazem-lhe cruzes sobre o pescoço dizendo 3 vezes :

Homem bom, mulher má ;
Esteira velha : não ha que ceiar.

BARÃO DE STUDART.

Outro remedio é tirar um tição e mettel-o de novo no fogo pela ponta opposta.

***

Para curar frieiras lava-se o pé em agua em que se tenha lavado tambem os pés de tres gallinhas ou vai-se á casa de uma pessoa de quem se não gosta e grita-se « Oh da casa » ; respondem naturalmente « Quem é ?.. e diz-se então 3 vezes : « Minha frieira vá para teu pé ».

BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

***

Para curar ingua não ha como o doente deitar-se ao chão, e com a perna apontar os caibros da casa, dizendo 3 vezes :

Um, dois, tres, quatro, cinco
Ingua nenhuma ;

ou então olhar para a mesma estrella tres dias seguidos e dizer :

Estrella luzente
A ingua diz que reina mais do que tu,
Reine tu e seque-se ella.

Um terceiro meio é cortar a ingua com um tição de fogo fazendo cruzes debaixo do pé ao mesmo tempo que se diz tres vezes :

Que é que eu corto?
Ingua.
Ingua corto.

Para fazer crescer a fortuna toma-se de uma sedula ou de uma moeda e mostrando-a á lua diz-se tres vezes :

Deus te salve, Lua nova
Clara e resplandecente
Quando vieres de outra vez,
Traze-me desta semente.

***

Quem soffre de unheiro ou panaricio introduz o dedo num buraco feito na parede e diz tres vezes :

Nunca vi unheiro verde
Em buraco de parede.

E fica curado.

***

Para curar sezões toma-se a medida do comprimento do pé do doente e por ella corta-se uma casca de cajueiro á imitação de palmilha de sapato e pendura-se na parede da cosinha (fumeiro) ; quando a casca sécca a doença desaparece. A casca deve ficar ali até consumir-se.

## VIII

## NO DOMINIO DO FOLK LORE O CEARÁ

Na tradição oral, anedotica, do povo, já vimos como os tres typos formadores da raça ficavam perpetuados, cada qual com a sua *quota* negativa ou affirmativa de intelligencia ou de espirito. O portuguez e o africano sairam perdendo nesse CONCURSO de registo, em que só ao caboclo coube a parte victoriosa. Seja o phenomeno strictamente verdadeiro, seja causa de uma natural sympathia inspirada pelos SENHORES do solo que, por isso mesmo, se sentiam mais a geito, mais bem dispostos ou á vontade no novo *meio*, o certo é que o caso, em sua simplicidade vae aqui, apenas, annotado.

Não temos, e não queremos ter, sobre o assumpto, assás complexo, preferencia pessoal, nem teoria preconcebida. Já fisemos notar como entre os selvagens appareceram verdadeiros poetas. Não queremos affirmar, aqui, que a nuvem de poetas que se levanta de todos os angulos do paiz venha ou não dessa fonte ; mas quem o poderá, ao menos em parte, contestar? E agora temos a apresentar um documento para o qual chamamos a attenção criteriosa do leitor.

Não temos tempo, infelizmente, para bordar mais commentarios sobre o assumpto, e, por isso, com a ligeira explicação que segue, damos a poesia abaixo, notando com o leitor, quanto é ella realmente bem feita,

causando-nos verdadeira admiração. Nas primeiras eleições que se procederam no interior do Ceará, estavam empenhados os dois grupos politicos conhecidos na região sob a denominação de CARRAPATOS E SOCÓS. Liberaes e Conservadores eram, naquelles tempos, designados por estes e quejandos qualificativos. Um caboclo-o João — ouviu falar em eleições ; viu os aprestos e preparativos da luta eleitoral e suppondo (quasi com rasão) que eleição queria diser GUERRA! ganhou o matto, e muitos dias, escondido e transido de medo, passou nas brenhas. A fome e a sêde fiseram-n'o finalmente sair e aconteceu que ao chegar á casa do amo, já o *perigo* havia passado e estavam todos festejando a victoria com banquetes onde havia comida numa fartura verdadeiramente sertaneja.

O caboclo, ainda medroso e desconfiado se aproximou de uma mesa e recitou estes versos. (1)

Nem Socó, nem Carrapato
Nada disso quero ser,
Tambem não quero comer
Deste prato!

Andando no sobresalto
Não acceito mais Partido,
Nem posso andar escondido,
Minha gente!

Porem vendo o caso quente
O meu descanso é a Serra;
Ir, de mim, metter-me em guerra
Eu não vou!

En não sou nenhum *Dotó*
Nem Capitão, nem *Majó*
Portanto quem deu seu nó
Que desate!

Commigo ninguem se mate
No embrulho não caio dentro
Nesse barulho eu não entro
Nem com o dente!

Nem vejo presentemente
Quem me obrigasse a marchar
Nunca me hão de enxergar
Em tropa!

Tirarei bicho da tóca
Roerei raiz de pau
Porem neste berimbau
João não dansa!

Ao depois desta lembrança
Estando tudo acabado
Sairei como veado
De chumbo!

Ahi logo grito ao mundo : —
— « O premio é de quem venceu! »
Até ahi chego eu
Sem medo!

Mas si souber do segredo
Que alguem me quer agarrar
Tornarei logo a voltar
Donde vim!

Onde estão os do Jardim (1)
Homens ricos, tão fallados
Já hoje estão desgraçados
Sem bem! (2)

Assim faz quem nada tem,
Quem nada tem que faser,
Não me faz conta morrer
Por gosto!

(1) Os versos são de origem literaria, de disposição estrofica muito vulgarizada na primeira metade do seculo XVIII. *N. da Red.*

(1) Jardim, hoje cidade, num dos mais bellos e florescentes vales da região do Cariry, no interior do Ceará.

(2) *Sem bem*, isto é, sem bens de fortuna.

CLUBS DA CASA STANDARD 93, Ouvidor, 95 RIO

**Todo o Mundo Conhece.**

Sirva embora de desgosto :
Não acompanho ninguem,
Sei muito que João só tem
Uma alma!

E esta não lhe faz calma,
E nem quer mudar de sorte,
Quanto Deus temeu a morte
Que fará... que fará...!!

Em peço aos meus CARRAPATO
E tambem aos meus Socó
E por Deus, que tenham dó
De João!

A todos peço perdão
Desta obra que tirei
Como o que digo não sei
Perdoem!

Não sabemos si o leitor pensará comnosco ; mas achamos tão admiravel e extraordinario que um selvagem tenha perpetrado taes versos, cousa que quasi se não pode acreditar, que a nossa imaginação e o nosso enthusiasmo não se cansam de reflectir na grandeza passada e na grandeza futura dessa raça que está a nos prometter as maiores e mais deslumbrantes surprezas. (1)

JOSÉ CARVALHO.

## IX

## FRAZES FEITAS E EXPRESSÕES
(usadas na Bahia).

[Esta contribuição, recebemol-a de autor anonymo, ou de pessoa que não quiz assignar o artigo. Já não nos recorda (2).

E' como verá o leitor, muito curiosa e mereceria um commentario sobre quasi todas as frazes, o que adiaremos para outra occasião e opportunidade.

Muitas d'estas expressões derivam de especies do *folk-lore*, outras são historicas].

1. Sabido como um coelho.

2. Macaco velho não mette a mão em cumbuca.

3. Macacos me lambam (ordinariamente quando si julga que outra pessoa não acertará a fazer uma determinada cousa, a quem se diz : « M. me lambam se V. fizer isto »).

4. Mentir pelos cotovelos
5. Mente que não se sente
6. Contador de *possóca*

} =mentiroso.

7. Pomadista : individuo que affecta conhecimentos que não tem.

8. Pedro *malasarte*.

9. *Um pé de cantiga* : (Motivo para provocancia).

10. *Um pé de roda* : Agrados a uma moça, começo de namoros.

11. Quando as gallinhas criarem dentes-nunca : Negativa.

12. Aleite de pato : mau trato.

13. Não vê 2 dedos adeante do nariz : ignorante.

14. Amarrar o bóde : desconfiar.

15. Ficar de cara a banda ou sem graça (quando a pessoa soffre uma decepção).

16. Lingua de prata : individuo falador, calumniador..

17. Ponta de lingua : individuo que fala da honra alheia.

18. Estar de ponta com : estar prevenido, em estado de brigar pela mais insignificante cousa.

19. Em trocos miudos : explicações.

20. Não se dar por achado : fingir ignorar ou não perceber o que se houver feito em sua presença : dissimular

21. Bebedo como uma cabra.

22. Isto é uma casa velha (ou Sabe como uma casa velha) (Diz-se das creanças muito sagazes.)

23. A' velas de libra : muito bem tratado quer em palavras, quer na hospedagem.

24. Passou o bispo. (Quando a comida se queima.)

25. Agua pela barba : dar muito trabalho.

26. Cabello nas ventas : que não se deixa enganar, homem temivel.

(1) E' inutil repetir mos aqui o que já dissemos acima. Os versos não podiam ser da lavra do caboclo. *N. da R.*

(2) Supponho ser autor, o sñr Pedro Moura, da Bahia, pela concordancia da letra com a de outro manuscripto que está em meu poder. *J. R.*

27. Preso por ter cão, preso por o não ter.

28. Ficar *jejuando* diz-se quando não se ouviu o que se lhe disse, ao' que tambem se diz : « Guardei segredo ».

29. Burro como uma porta : que não aprende nada.

30. Um *banano* : atoleimado.

31. Fazer-se de Mané de Souza : tolo, atoleimado.

32. Morcego : soldado de policia.

33. *Mi quiciones bandurra* : me pertence.

34. Tomar, dar ou levar um *xa-bú*.

35. Filho da pureza (insulto).

36. Bofetada sem mão (dito affrontoso).

37. Meia tijela (gente vil).

38. Com a bocca na botija : em flagrante.

39. Metter a *pavana* : falar muito de outrem.

40. Cortar a pelle : o antecedente.

41. Aproveita emquanto Braz é thesoureiro (aprov. a occasião feliz).

42. Nem sempre sinhá Lili toca flauta.

43. Quando gato não está em casa rato passeia : na ausencia do dono da casa os que ficam fazem o que querem.

44. Gato que não come azeite quando come se lambuza: diz-se para exprimir que alguem que vestiu uma cousa nova não quer que ninguem se encoste nella.

45. A toque de caixa : fazer a cousa immediatamente.

46. Quem mais dera mais tomara (empregada pelos leiloeiros).

47. A faca e o queijo na mão : ter gde poder.

48. *Qui mi lá qui mi ló, qui mi portô lô* : não me importa.

49. Mingorote : café com farinha (sertão).

50. Advinhar passarinho verde : quando alguem está alegre.

51. Não tem no c. o que periquito rôa : ser muito pobre.

52. E' um francez : falso, fingido.

53. E' um grego : que não aprende cousa alguma.

54. Deixar de comer doces para chupar *roletes* (1).

55. Quem come doce c... azedo.

56. Cáspité Dóminé : saudação.

57. Como diz o outro (sem referencia sabida).

58. Não atalhando sua proposta honrosa (*preposta* é como dizem) que adeante vae. (Expressão empregada quando querem interromper alguem que fala.)

59. Taboca : Tomar taboca.

60. Risada amarella — a de quem não está satisfeito ou não gostou de alguma cousa.

61. Rir-se dos dentes para fora.

62. Ficar de cara á banda : ser desmentido.

63. Chorar pitanga : chorar muito. Diz-se ás creanças : Pode chorar pitangas.

64. Prometter largo e cortar estreito.

65. Canta bem mais não entôa.

66. Pôr sebo nas canelas : fugir.

67. Ter rabo de palha : ter de que se fale.

68. Quem tem telhado de vidro não atira pedra no alheio. (Diz-se a quem tenha mazellas e queira descobrir as do adversario.)

69. Ter culpa no cartorio.

70. Tomar o pulso : sondar.

71. Tomar sopa. Não tome sôpa : não pilherie.

72. Testa de ferro : teimoso.

(1) *Rolète*, gomo de cana descascada.

BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

73. Cahiu do Céo por descuido.
74. Dellas e dellas (passar) : muitos dissabores.
75. Adoçar a bocca.
76. Maldicto dia em que nasci. (Exclamação de alguem que se vê em apuros.)
77. Deu n'agua de barrela : deu em nada.
78. F. é uma casa cheia : muito faffavel.
79. Nem uma nem duas : não responder.
80. Deu no 20 : fugir.
81. Quem bôa cama fizer, nella se deitará.
82. Estar com a pulga na orelha : desconfiado.
83. Uma bochecha dagua : cousa facilima.
84. Ouro sobre azul.
85. Oh! homem! (tanto se diz a um homem ou a uma mulher).
86. Perdi o meu latim.
87. Palavra de rei não volta atraz.
88. Andar a meu talante.
89. Dar um cuchilo : errar.
90. Espichar-se (idem).
91. Puchar a brasa a sua sardinha.
92. Lêr pela cartilha.
93. As tres Marias behús (salvo a orthographia).
94. Do tempo dos Affonsinhos e tambem dos Ariris.
95. Tuemos (sertão) : andar.
96. Breganha (id.) : troca.
97. Bernardo está em casa : não haver farinha.
98. Gandavo : mentiroso.
99. Mula sem cabeça (hoje ainda ha quem acredite que as concubinas de padre, de noite, viram uma mula sem cabeça e que saem alta noite para percorrerem 7 freguezias por maldição de Deus, e, que o padre quando vae celebrar, deita sob a palmilha um bilhetinho com o nome da manceba para excommungal-a).
100. Querer estar de ou ter estadão : fazer cousa alguma e ter quem lhe sirva.
101. Sogra nem de barro á porta (prov.).
102. Não se fiar em sapatos de defunto : não acreditar em promessas.
103. Em dous tempos.
104. Horror e *Como quê*. Ambas as formas applicam-se em quasi todas as expressões, assim dizemos : Falou *como quê;* Tem gente *como quê;* Está bom como quê, ou, Falou que foi um horror, ou exclamativamente : Que horror! Para tudo : impôr silencio, mostrar-se enfadado, ou compungido, etc.
105. Mouros na costa.
106. Com o Degas : commigo.
107. Foi o Degas.
108. Sangrar-se na veia da saude : desculpar-se.
109. Dar corda : fazer falar.
110. Tirar o pé da lama (a que ás vezes accrescentam — e metteu no atoleirō) quando muda de fatiota.
111. Salvou-se uma alma do inferno (ou do purgatorio) quando se recebe um presente de uma pessoa que não presenteia a ninguem. Tambem se diz : *Está para chover. O que estará para acontecer?*
112. *Tirar o pé fóra* e tambem — *Roer a corda* para significar que não se foi bem succedido numa empreza junto a alguem.
113. Um regabofe : grande pandega, folia.
114. *Não me toques* : individuo effeminado e tambem : o meu Jesus.

## X

## LOCUÇÕES POPULARES BRAZILEIRAS

(Ceará)

1. Pegar na orelha da Sota (jogar).
2. Macaco só olha para o rabo da cotia.
3. Quem tem rabo de palha não chega perto do fogo.
4. Pelos olhos se conhece quem tem lombrigas.

5. Chover no molhado.

6. Barriga inchada não é fartura. Andar com chôve-não-molha.

7. Quem canta, não assobia.

8. Jangada é pau què aboia.

9. Vadiar com areia (brincar com fogo).

10. Olhar com o rabo do olho (de travez).

11. Vender o peixe (Contar a historia).

12. Apodrecer o veado (Demora-se muito, sem necessidade).

13. Falar é folego.

14. Quem foi caza, sempre é tapéra.

15. Cobra que não anda, não engole sapo.

16. Colado como côco.

17. Meter a viola no saco.

18. *Seguro morreu de velho, desconfiado inda vive.*

19. Quando V ia, eu já vinha.

20. Eu não sou menino de cego. (Não sou tôlo.)

21. Côco velho é que dá azeite.

22. Passar mel pelos beiços de alguem.

23. Não foi V. que arrancou o rabo d'anta.

24. Quem não dá p'ra sela, dá p'ra cangalha.

25. Ficar no « *ora veja* ».

26. Nem reza de cigano velho.

27. Nem reza de padre de bôa vida.

28. Eu não quero saber se Maria pariu preto, ou bargado.

29. Quem pariu Matéus, que o balance.

30. Matéus, primeiro ôs teus.

31. Botar agua a pinto.

32. Quem quer pegar galinha não diz *chô!*

33. Onde se mata o boi, é que se esfola.

34. Depois que a cobra morde é que V. chama por S. Bento.

35. P'rá onde irá o cachorro que não leve as pulgas?

36. Praga de *urubú* não mata cavalo velho.

37. Depois que o diabo come é que chegam as colheres.

38. Andar de rabo entre as pernas (medrozamente).

39. Caîr na esparrela.

40. Desse cavalo eu não caio.

41. Carreira de velho é chouto.

42. Pau de dois bicos (Pessôa que serve a dois fîns opostos).

43. Quem nunca comeu mel, quando come se lambuza.

44. Quem não pode com o pote, não pega na rodilha.

45. Quem canta, não assobia.

46. Estar com chuva na coivara.

48. Estar com bicho na capação. *Quem não quer buia (1) não ajunta cuia.*

49. Soletrar Ambrozio.

50. Tocar leques com bandurra. durra.

51. Pela casca é que se conhece o pau.

52. Até Mané chegar.

53. Até a gata miar (muito).

54. Meter na maca (enganar).

55. Passar no quarto (idem).

56. Andar com as *peias* no pescoço (livremente).

57. Desde que lhe tirei as peias, nunca mais o vi.

58. De burro só se espera o coice.

59. Para esse tempo bote mais uma terça.

60. Não vale o que a gata enterra.

61. Dar com os burros n'agua.

62. Quando pensa que se benze, quebra as ventas.

(1) Bulha.

APPARELHO de SEGURANÇA

É'

**A navalha de barba mais util e mais perfeita**

STANDARD

63. Fazer das tripas coração.
64. Agua não teme cabelo.
65. Passar o pé adiante da mão.
66. Dá-se-lhe o pé, e ele quer a mão.
67. Mijar fóra do caco. (Dezobedecer ás ordens dos seus superiores.)
68. Meter a fé na mizericordia (1).
69. Fazer uma letra. (Fazer uma bela acção, que não é esperada.
70. Fazer uma Africa (idem).
71. Dar uma nota (idem).

(*Excerto do* SUPLEMENTO AO VOCABULARIO POPULAR INEDITO,

Raymundo MAGALHÃES.

## XI

## NACIONALISMO

### I

### *Vocabulario Popular Mineiro*

Minas-Geraes — a gloriósa e legendaria terra da Inconfidencia, — tão conhecida e amada pelo carinho e familiaridade com que recebe os seus hospedes, é, creio eu, de todos os Estados brasileiros, o que possúe a linguagem popular mais eloquente, interessante e original.

Os vocabulos e locuções que registo linhas abaixo, usados pelos *capiaus* e *tapiocanos*, da zona norte mineira são um attestado flagrante da minha affirmativa.

*Acochar fôgo.* — Abreviar, dar urgencia.

*Alambazado.* — Individuo desasseiado.

*Ancê.* — Você, vocemecê.

*Apitar na curva.* — Olhar para traz.

*Azuretado.* — Idióta, malúco, nescio.

(1) Curioso erro popular derivado da leitura de algum impresso antigo em que os *ff* se confundem com *ss*. O primitivo era *sé* e não *fé*. — *Nota da R.*

*Bago.* — Ebrio.

*Bambear as curvas.* — Tremêr.

*Banzar.* — Andar a esmo, sem destino.

*Banzé de cuia.* — Tumulto, briga.

*Barrão.* — Mulher quarentona que se não casou.

*Batêr com o rabo na cêrca.* — Morrêr.

*Batêr com o nariz na pórta.* — Ser infeliz num negocio.

*Bicúdo.* — Ebrio, beberrão.

*Búta.* — Grande.

*Caçambeiro.* — Individuo aduladôr.

*Capuába.* — Valente, destemido.

*Capiau.* — Matúto, caipira, sertanêjo.

*Capinar sentado.* — Sahir o contrario do que se desêja.

*Canastra.* — Pé grande.

*Cécio.* — Elegante, bem vestido (sécio.)

*Chêta.* — Dinheiro.

*Chasquento.* — Pelintra.

*Chodó.* — Dengôso.

*Chupadôr.* — Ebrio.

*Chorar as maguas.* — Cantar.

*Chifre furado.* — Individuo ladino, esperto.

*Coçar a canella.* — Enciumar-se.

*Corrubiana.* — Garôa, neblina.

*Corrumaça.* — Grande quantidade, muitas cousas ou objectos.

*Comêr terra.* — Cahir de um animal.

*Comêr da banda pôdre.* — Estar em maus lençóes, em perigo.

*Comêr fôgo.* — Zangar-se.

*Córte.* — Namôro.

*Crêspo.* — Difficil.

*Curruscúba.* — Audaz, valente, bravo.

*Dar linha.* — Corrêr com mêdo.

*Dar o desespêro.* — Zangar-se.

*Dar terra para feijão.* — Corrêr, fugir.

*Dar os dôces.* — Contrahir matrimonio.

*Dansar na marrêta.* — Levar pancadas.

*Destampatorio.* — Tróca de palavras, discussão forte.

*Dúro na queda.* — Individuo mau pagadôr.

*Desunhar.* — Fugir com mêdo.

*Encasquetar.* — Insistir.

*Estar com a avó atráz do tôco.* — Ficar abhorrecido, etc.

*Encanar a perna.* — Fazer bom negocio.

*Espeloteado.* — Malúco, doido.

*Esparrame.* — Tumulto, briga.

*Enfiar os tócos.* — Corrêr, fugir.

*Esfaquear.* — Tomar dinheiro por emprestimo.

*Empregado do desvio.* — Individuo sem officio ou profissão.

*Entrar na fita.* — Levar pancadas.

*Entrar na dansa.* — Mettêr-se em conflicto.

*Entrar de queixo.* — Ir a uma festa sem convite.

*Falar á braza.* — Atirar.

*Ficar descochado.* — Zangar-se.

*Flagello.* — Faca de cintúra.

*Fogacho.* — Coceira.

*Furar a chapa.* — Tomar a namorada de outrem.

*Gangolino.* — Individuo mau pagadôr.

*Goderar.* — Roubar, furtar.

*Goderio.* — Pedinte, parasita, filante.

*Gemêr no pau da goiaba.* — Estar em máos lençóes.

*Homem da pá virada.* — Individuo valentão.

*Já começa.* — Coceira.

*Jogar a pipóca.* — Atirar.

*Lava cachôrro.* — Aduladôr.

*Lavrado.* — Joia.

*Levar a taboa.* — Pedir moça em casamento e não ser satisfeito.

*Levar a lata.* — Fazêr fiasco, ser vaiado.

*Limpa-pasto.* — Individuo cazado com mulher feia.

*Levar emplastro de terra.* — Morrêr.

*Malunga.* — Aguardente.

*Manguapa.* — Animal de bôa andadúra.

*Mandraca.* — Feitiço.

*Mobilia de róca.* — Verdúras.

*Mel.* — Namôro.

*Mettêr o galho.* — Fugir com mêdo.

*Medidôr de rua.* — Individuo sem officio ou profissão.

*Muxurundar.* — Espancar, batêr em alguem.

*Mandraqueiro.* — Feiticeiro.

*Mettêr o arco.* — Desertar, fugir, corrêr.

*Montar n'um gavião.* — Ficar desapontado, sahir-se mal.

*Nêgro sujo.* — Individuo valentão.

*Não dar para um caldo ralo.* — Ser fraco n'uma briga, etc.

*Ocê.* — Você.

*Ourúdo.* — Rico, endinheirado.

*Olhar na janellinha branca.* — Tomar aguardente.

*Olhar p'ra dentro.* — Dormir.

*Panáca.* — Individuo bôbo.

*Passar a manta.* — Illudir, enganar.

*Patacoáda.* — Mentira.

*Poéta.* — Individuo muito conversadôr, muito falante.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

14

*Prodigo na segurança.* — Economico em excesso.

*Pióca.* — Sertanêjo, matuto, caipira.

*Petréco.* — Individuo sem officio e sem profissão que traja bem.

*Perrengue.* — Doente, fraco.

*Peróba.* — Abhorrecido, enfadonho.

*Paturéba.* — Pessôa forte.

*Passar estreito.* — Estar em máos lençóes.

*Pau de fôgo.* — Espingarda.

*Pegar tatú.* — Cahir, dar uma quéda.

*Prancha.* — Pé muito grande.

*Plantar figueira.* — Tombar, cahir.

*Quebrar a fouce.* — Não ser bem succedido em qualquer cousa.

*Quebrar o pito.* — Zangar-se.

*Quipan.* — Coceira.

*Quitanda.* — Dôces e biscoutos.

*Roçar mundo.* — Fugir, corrêr.

*Rompante.* — Enthusiasmo, orgulho, presumpção.

*Subir á serra.* — Zangar-se, ficar abhorrecido.

*Sapéca.* — Pessôa leviana.

*Surunganga.* — Valente, audaz.

*Sarádo.* — Gulôso, comilão.

*Soreiro.* — Cavallo de sella muito bom.

*Sambango.* — Individuo mofino, fraco.

*Surúba.* — Cousa muito bôa.

*Sêbo.* — Namôro.

*Tapiocano.* — Matúto, sertanêjo.

*Ter cêra nas unhas.* — Ser ladino, esperto.

*Tocar o rasgado.* — Fugir.

*Topetúdo.* — Individuo audaz, destemido, bravo.

*Torrar pipócas.* — Dizêr liberdades a alguem.

*Trepar nos tamancos.* — Zangar-se.

*Treteiro.* — Velháco.

*Trapincóla.* — Mau pagadôr.

*Turumbamba.* — Tumulto, briga.

*Tomar carada.* — Levar lôgro, soffrêr uma decepção, etc.

*Táco.* — Bravo, corajôso.

*Trubufú.* — Pessôa mal vestida.

*Untar sêbo nas molas.* — Desertar, fugir com mêdo, corrêr.

*Virar bicho.* — Desapparecêr na hora do perigo.

*Zurêta.* — Idióta, malúco.

*Zuráco.* — Usurario.

Há ahi, como observaram os leitôres, muitos têrmos usados intelligentemente, taes são : *dar os dôces, empregado do desvio, levar emplastro de terra, mel, olhar p'ra dentro, prodigo na segurança...*

E' bem possivel que algums delles tenham passado a outros Estados, principalmente aos do Rio-de-Janeiro, Espirito-Santo, Bahia, S. Paulo, Goyaz e Matto-Grôsso, limitrophes ao vasto torrão mineiro ; confésso porém que os ouvi pela primeira vêz na gléba de Tiradentes e de Theophilo Ottoni.

Com tão variado *lexicon* um curioso que disponha de tempo póde escrevêr uma carta *sui generis*, ao alcance de tôdos.

P. H. Souza-Pinto.

## XII

## BRAZILEIRISMOS

(de uso em Melgaço).

Africa — Tragedia (proesa sanguinolenta).

Apolentado — Muito rico.

Bandaia — Estraga.

Bigíta — Visita.

Biricêra — Cousa pequena.

Coivara — Pau sobre agua.

Dou lasca — Ancia-me (arder por...).

Fasuado — Genioso.

Folgador — Cantador de trovas.

Impiá — Estivar (empilhar).

Lobinhano — Esquivando-se.

Maiá — Dar pancadas (malhar).
Mimmita — Parece-me (me imita?)
Náfico — Louco.
Opponhá — Oppôr.
Postá — Ora veja (-a apostar?).
Pramode — Por causa (por modo).
Ponteiar — Afinar viola.
Quadrá — Convir (quadrar).
Soffragancia — Em seguida.
Zafimeiro — Esperto.

Melgaço *Americo Brazil.*

XIII

## OSCAR DE PRATT E AS "FRAZES FEITAS"

O publico não ignora que o nosso director João Ribeiro, escreveu o livro *Frazes Feitas* (do qual sairam duas series em dois volumes) bem recebido do publico no Brasil e em Portugal.

Um illustre e erudito escriptor portuguez Oscar de Pratt cujo retrato reproduzimos honrou aquella publicação escrevendo uma *plaquette* sob o mesmo titulo de *Frazes feitas* onde contesta ou approva e contribue com outras novas suggestões as conjecturas de João Ribeiro a respeito de quem assim se exprime no preambulo do seu interessante opusculo.

« João Ribeiro, ilustre académico brasilense, publicou ha pouco a segunda série de um « estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios da lingua portuguêsa que intitulou *Frazes Feitas.*

« Não digo que o livro *vem preencher uma lacuna* porque as lacunas estão todas preenchidas pelas inutilidades que irrompem no seio da literatura nacional como escalracho bravio por fendas do solo, mas cabe-me o direito, que não a competência, de dizer que o estudo do snr. João Ribeiro se me afigura um trabalho útil, de muita investigação, firmado em sólidas bases e de cuja metódica e bem conduzida dedução em geral se

Oscar de Pratt.

colhem proveitosos ensinamentos e elementos valiosos de observação que são outros tantos pontos de partida para novos estudos e investigações. »

A verdade é que Oscar de Pratt revela n'este seu livrinho muitos e serios conhecimentos da litteratura portugueza.

São raras, cá e lá, as criticas de boa fé e as contestações fundadas mais no amor do estudo que nos impul-

**O vibrador Electrico de Massagem "ARNOLD"**

Aformoseia a pelle e activa a circulação do Sangue.

sos da vaidade, e é por isso que transcrevemos uma das suas bem deduzidas analyses de um lugar das *Frazes feitas*, a proposito da enigmatica ou difficil locução *Fazer um pé de alféres*.

Fala Oscar de Pratt judiciosamente:

«Affirma João Ribeiro que a frase se refere aos namorados que « são firmes e não abalam das vizinhanças das suas amadas ». Para documentar a asserção cita um passo dos *Anfitriões* :

— Senhor, fizeste-lhe *pé* ?
— Senhor, si e todo um ano.

Não me parece adequada a citação. O *pé* é aqui a *volta* do motete ou trova. *Pés* ou *voltas* eram os versos que se repetiam depois de cada estrofe e nesse sentido se encontra na *Eufrosina*, pag. 245 : « Noutro dia diz que cantavão hüas moças com sua irmãa, e elle fez-lhe huns *pees*, que me ella mandou... »

Nos *Anfitriões* o sentido é o mesmo. Declamado o mote, diz Callisto :

Senhor, só vós o fizestes?

FELISEO

Si, que ninguem me ajudou.

CALLISTO

Se vós só o compuzestes,
Crede, que extremos dissestes.
Nunca Orlando tal falou.
Senhor, fizeste lhe *pé*?

FELISEO

Senhor, si ; e todo hum anno...
Vós zombais se não m'engano?
.....
Ora olhe vossa mercê :

E segue a *volta*, *glosa* ou *pé*.

Dizia-se « *volta* ou *pé de cantiga* », como vem no *Anatomico Jocoso* : « ... um *pé* de cravo, outro de *cantiga*... » Hoje *pé-de-cantiga* subsiste com o valor figurativo de « pretexto »

Assim, creio, sem prejuizo da opinião de João Ribeiro, que na frase : *procurar um pé* — que pode deixar de ser « a iniciação de rixas e contendas » para ser o começo de uma acção boa ou inofensiva — o *pé* é o pretexto, o *pé-de-cantiga* que daria origem á locução.

Cultivada largamente nos séculos atrasados a poesia servia os interesses de todos, como medianeira dos pretendentes, dos aduladores, dos oprimidos, dos intemeratos e dos amantes que a ela se amparavam para formularem os seus requerimentos, os seus elogios, as suas queixas, os seus desafios, ou os seus sonhos de amor.

D'aí o *procurar-se o pé* para a satisfação de um desejo numa época em que os trovadores subiam das tabernas sombrias aos salões doirados da nobrêza, enchendo com os seus cantos de amôr ou com as suas verrinas cáusticas as noites sensuaes dos conventos ou os serões aristocráticos da côrte.

---

*Fazer pé* era o mesmo que « firmar-se » ou « restabelecer-se bem », como define Moraes ; em oposição a *fazer cabeça*.

Como o alferes é o porta-estandarte de um exército, *fazer-pé de alferes* o mesmo será que firmar-se no seu posto de namorado em defêsa da sua dama, como um porta-bandeira em defêsa do símbolo da sua pátria.

## XIV

## FOLK LORE INFANTIL

*Advinha que tem uma historia*
(*Minas*)

Advinhem que é :

« Minha mãe me deu a massa,
da massa matou a Pita ;
da Pita matou os sete ;
dos sete escolhi a melhor ;

atirei no que vi ;
matei o que não vi ;
com palavras santas, assei e comi ;
bebi agua sem ser do céo nem da terra,
vi um morto carregar os vivos. »

***

Que é? Ninguem sabe? Ninguem?

***

Leiam só esta historia que lhes vou contar e ficarão sabendo tão bem que de uma só vez serão capazes de repetir essa advinha *todinha*, de principio a fim.

***

Era uma vez um menino impossivel, muito malcreado. Um dia elle disse : « Minha mãe, eu vou-me embora correr mundo. »

A mãe respondeu : « Ha mais tempo ! »

— Pois então aprompta a matalotagem.

« Está bom. Eu vou apromptar. » E fez uns bolinhos para matalolagem com veneno dentro ; pôz os bolinhos num embornal; deu o embornal ao filho.

O filho tinha uma cachorrinha.

Tomou o embornal e o pôz no pescoço, á tiracólo ; sahiu. A cachorrinha sahiu atraz, acompanhou-o.

O minino foi andando, foi andando...

Quando chegou lá longe, viu a cachorrinha com a lingua de fóra, arfando, e disse assim : « Coitada, de minha cachorrinha ! Tão cançada !..

Quem sabe si ella está com fome... » E deu um bolinho d'aquelles do embornal para a cachorrinha comer.

Apenas a cachorrinha foi acabando de comer, começou a tremer toda, e morreu alli mesmo.

O menino disse : « Minha mãe ma deu a massa ; da massa matou a Pita. » (Pita, era o nome da cachorrinha.)... « O que minha mãe queria era me envenenar ; pois, agora, eu não como os outros bolinhos. »

Foi andando, foi andando... chegou numa mata virgem ; viu sete ladrões numa arvore.

Logo que os ladrões deram com os olhos no menino desceram da arvore e o agarraram, tomaram a massa e comeram ; todos sete morreram.

O menino tirou as espingardas dos sete ladrões ; como não precisava das sete escolheu uma, a melhor, pol-a ao hombro ; deixou as outras lá ; foi levando aquella e foi dizendo : « Das sete escolhi a melhor... Minha mãe me deu a massa ; da massa matou a Pita ; da Pita matou os sete ; dos sete escolhi a melhor.

Depois o menino viu lá adiante um passarinho numa arvore. Estava com fome. Fez pontaria e deu um tiro, — tim !...

Aquelle voou ; o tiro foi matar outro passarinho que o menino não tinha visto.

Elle disse : « Atirei no que vi, matei o que não vi. » E começou a procurar lenha, para assar o passarinho.

Durante a noite chevera muito. Lenha sêcca, por alli não havia.

Foi andando, foi andando... Chegou numa Egreja; tirou da lenha da Egreja; accendeu o fogo ; rezou ; assou o passarinho e comeu.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

Quando acabou, disse : « Com palavras santas assei e comi. »

Depois teve sêde. Agua bôa de beber alli não havia. Viu chegando um cavallo d'uma carreira muito grande todo suado, pingando mesmo !... Raspou o suor do cavallo, bebeu e disse : « Bebi agua sem ser do céo nem da terra ».

Sentou-se para descançar e começou a repetir tudo o que lhe tinha succedido, desde que resolvera correr mundo : « Minha mãe me deu a massa ; da massa matou a Pita ; da Pita matou os sete ; dos sete escolhi ; atirei no que vi ; matei o que não vi ; como palavras santas, assei e comi ; bebi agua sem ser do céo nem da terra... Minha mãe me deu a massa... »

. . . . . .

Ia assim rememorando as suas aventuras quando avistou, boiando pela enchente abaixo, um boi morto, com uns urubús em cima ; mirando-os disse : « Ora pois, já eu vi um morto carregar os vivos. » E continuou a caminhar... a correr mundo.

Passados muitos annos, o menino, já homem feito, chegou numa casa linda e grande.

Indagando, *já agora com bôas maneiras*, soube morar naquelle palacio uma princeza, cuja mania era que os viandantes dissessem cousas difficeis para ella advinhar. Pediu para ser apresentado ; propôz á princeza, aquella advinha. (Qual é ella ? Quem a sabe toda? Vamos ver).

A princeza não advinhou, e casou com elle. Casou porque tinha dito que se casaria com a pessôa que lhe dissesse uma cousa verdadeira que ella não pudesse advinhar.

E acabou-se a historia
da dona Victoria ;
quem ouviu esta
que conte outra

— « ¡Uma mãe querer envenenar o filho !... — Como pode ser isso ? » — Perguntou alguem á mineirinha de onze para doze annos que narrava essa historia.

« A dindinha me disse que era porque a mãe antes queria ver o filho morto do que perdido no mundo como aquelles ladrões ; mas que depois o menino ficou bom ; pois conseguiu ser apresentado no palacio do rei e casar com a princeza.

(Inedito) ALEX. MAGALHÃES

## XV

## O PROMOMBÓ

[O sñr Edmundo Krug é um ethnologo que tem estudado os costumes, tradições e superstições indigenas, em São Paulo. De um seu estudo sobre as varias formas de pescarias indigenas registramos este, muito curioso, do *promombó* que, cremos, é pouco conhecido.]

Incontestavelmente o systema de pesca mais interessante é o « Promombó » ; porém, além do interesse que elle faz despertar ao curioso, deve ser considerado o mais cruel e antipatriotico possivel, quasi tão cruel como a pesca com dynamite !

Devo primeiro explicar a origem da palavra « promombó » : ella tambem é proveniente do guarany e compõe-se de « Pró » ou tambem « Mboró », que significa « espontaneo », « ligeiro », e de « mombó », que quer dizer « pulo », « salto » ; a traducção, pois da palavra « Promombó » será « salto espontaneo ».

Esta pesca é executada da seguinte fórma : uma canôa, na qual tomam logar duas ou tres pessoas, sae bem devagar e sem barulho algum do porto ; uma das pessoas rema e a outra, núa, ou pelo menos sem calças, toma assento sobre uma taboa, atravessada de um bordo a outro da canôa ;

esta corre sempre parallela á margem do rio, na distancia maxima de 4 metros. Repentinamente o que está assentado sobre a taboa bate repetidas vezes com o assento sobre esta, Como por encanto saltam os peixes fóra da agua indo cahir, muitos delles, dentro da embarcação. Para se evitar a perda de muitos especimens que saltam outra vez fóra da canôa, ou por cima desta, extende-se, opposto á margem, de proa á popa, uma rede de pescador ou uma esteira de taquára ; assim os peixes saltando contra esta vêm cahir dentro da embarcação. Feita esta manipulação barulhenta e repetindo-se a ella de cada 50 a 100 metros, escolhe-se o conteúdo da canôa, jogando-se fóra o peixe miudo e imprestavel. separando-se o bom e grande. Eu vi ser executado o « Promombó » sómente á noite e ignoro si pode ser pescado desta fórma tambem durante o dia.

EDMUNDO KRUG

## Tortura de um verme

Nesta insatisfação da alma que tudo anceia,
neste sonho, que é mais um supplicio superno,
vivo ; prende-me, (e é em vão meu clamor sempiterno)
á contingencia humana invisivel cadeia...

A alma, tenho-a em revolta, em desespero eterno,
da calma exúl, ao riso extranha, ao gozo alheia ;
vendo-a desvendareis, na ancia atroz que a farpeia,
todo o quadro espectral das torturas do inferno.

Rude e austera, a Razão brada, e a Vontade nuta
e vacilla e esmorece... e eu me entrego vencido
á torpeza fatal dos instinctos em luta.

E' que — poéta, se almejo alcançar as ethereas
purezas — homem sou e me lanço perdido
ao torvo tremedal de todas as miserias...

*Recife.* RAUL MONTEIRO.

**Sem o Apparelho de Segurança Standard**
ninguem poderá barbear-se a **vapor.**
**Casa Standard, 93, Ouvidor, 95, RIO.**

# BRAZIL

## Novas estradas de ferro

*(Idêa geral dos varios traçados)*

OCEANO ATLANTICO

Cayenna
C.º Orange
CEZA
Amapa
I. Maracá
C.º Raso do Norte
Foz do Amazonas
I. Caviana
Macapa
0°
Cintra
Bragança
Turyassú
Ilha Marajo
Belem
Gurupa
Cametá
Alcantara
Niana
B.ª S. Marcos
Tutoya
Parnahyba
Camocim
S. Luiz
Itapicurú
Sobral
Fortaleza
I. Fernando de Noronha
PARÁ
Alcobaça
Imperatriz
MARANHÃO
Caxias
Batarité
Aracaty
Touros
C.S. Roque
Natal
Therezina
CEARÁ
Mossoró
Icó
RIO G. DO NORTE
Carolina
R. Parnahyba
Amarante
Crato
PARAHYBA
Jeromenha
PIAUHI
PERNAMBUCO
Recife
Cabrobo
Pedro Affonso
S. Francisco
Joaseiro
ALAGOAS
Maceió
10°
Porto Nacional
Barra
Jacobina
R. Itapicurú
Penedo
SERGIPE
Aracaju
R. Araguaya
I. Bananal
R. Tocantins
Palma
BAHIA
Feira
Alagoinhas
S. Felix
B.ª de Todos os S.tos
Bahia
Urubú
Minas
Camamú
Caetité
R. Contas
Ilhéos
Calvacante
45°

L'ESPINASSE, del.

# BRUNO

Director da Bibliotheca Municipal do Porto o erudito escriptor José Pereira de Sampaio (*Bruno*) seu pseudonymo) tem tirado do pó dos archivos para a publicidade, obras importantes, que contribuem valiosamente para o estudo da cultur-historia e da lingua portugueza. Assim, continua elle a obra já encetada por Alexandre Herculano e outros.

D'estes manuscriptos inéditos estão até agora publicados :

I. — O Livro da Côrte Imperial, in-4º de 273 pag.

Era este um dos livros de uso d'el-rei Dom Duarte, o autor do *Leal Conselheiro*. Consta de uma serie de dialogos « em que he desputada a ffe cristaã com os jentyos e iudeos e mouros » na linguagem antiga do tempo. E' precedido de excellente prologo de Bruno.

II. — O Livro da Virtuosa Bemfeitoria do Infante D. Pedro ; in-4º de 310 pag.

Ha muito se desejava a impressão d'este importante manuscripto, tratado moral lido apenas em alguns raros codices europeus. Bruno cotejou a copia do Porto com as de Lisboa e de Madrid e assim preparou esta edição, proporcionando aos estudiosos inestimavel serviço.

A estes accresce Bruno uma bella promessa, que esperamos : a edição da *Fastiginia* de Thomé Pinheiro da Veiga, um dos vultos mais caracteristicos da sociedade portugueza do seculo XVII.

IMPORTAÇÃO DE FAZENDAS E MANUFACTURA DE ROUPAS

**Affonso Vizeu e C.**

Successores de BARROS DOS SANTOS e C.

*Rua 1º de Março, 116 e 123 e Visconde de Itaborahy, 73*

Caixa do Correio, 466
Endereço Telegraphico " ARCOS "
Telephone N. 3602

RIO DE JANEIRO

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

# " La Patria lontana "

*O novo romance de Corradini*

(Joaquim Eulalio)

Não ha muito tempo ainda, tive ensejo de referir-me, ao romance que Enrico Corradini concebeu sob o imperio de belleza do Rio de Janeiro, e a que deu o titulo de *La Patria Lontana*

O livro acaba de apparecer, e a imprensa italiana mais autorizada o saúda, em artigos de duas e tres columnas, como um dos maiores e mais bellos acontecimentos litterarios da vida italiana nestes ultimos annos. Aqui no Rio concebido e aqui se desenrolando em sua maior parte, o romance de Corradini merece a nossa particular attenção.

Quantos o conhecem, particularmente através dos seus livros de idéas que são a *Vita Nazionale* e *L'Ombra della Vitta*, e quantos conhecem o grande movimento esthetico politico, que é o nacionalismo italiano por elle chefiado terão ensejo de ver em o novo livro de Enrico Corradini uma synthese admiravel da sua dupla feição de pensador e estheta.

A principio, até mais de meio do volume, *La Patria Lontana* é obra quasi exclusivamente de idéa, um livro de polemica.

Mas já ahi começa a delinear-se a figura do heróe, Piero Buondelmonti, alma grande e cerebro altissimo, em contraste com a figura, admiravel de construcção litteraria, do professor Jacopo Axerico, typo das idéas medianas, dos lugares-communs solemnes, «lingua da boca commum», na expressão de Shakespeare.

Mas dentro em pouco, a simples ideologia das discussões começa a tornar-se alma, a alma de Piero Buondelmonti (que é o proprio coração e o cerebro de Enrico Corradini) — e então estamos em plena obra d'arte magnifica, que vai terminar em verdadeira epopéa nacional.

Uma guerra se declara entre a Italia e o Imperio visinho e sob a fascinação da palavra e da suggestão de Piero Buondelmonti, uma nave parte conduzindo quatrocentos homens da colonia italiana do Rio de Janeiro que vão combater pela patria distante. Nesse momento o romance de Corradini é alguma cousa de novo na producção litteraria contemporanea; o romance transformado em epopéa de uma nacionalidade futura, a visão de uma patria nova formada com a consciencia de um povo engrandecido pela guerra «destruidora de existencias ephemeras» mas «creadora de eterno humano idéal».

O elogio da guerra, cuja moral é bem mais alta do que a da paz, a guerra que é como a dôr da maternidade, sem a qual as nações, como as femeas, não podem ser mãis de civilizações — é das cousas mais bellas e mais justas que eu tenha lido, para desanojo dessa chlorotica e insipida litteratura da borracheira pacifista. E a alma do povo, que palpita e freme naquellas quatrocentas almas de homens, temperadas ao contacto da alma de Buondelmonti, que já então deixa de ser o heróe de um

pequeno episodio de amor para ser apenas o heróe na acepção heroica da palavra, um conductor de almas — tudo isso tem um sopro de grandeza épica que não se está acostumado a vêr na grande producção litteraria da psychologia amorosa.

As dimensões destas chronicas não me permittem acompanhar aqui a acção do romance, mesmo nas suas etapas mais largas. Mas, a verdade é que a sua acção propriamente tal, um episodio de amor de Piero Buondelmonti com a esposa do professor Axerio, deixa de valer como nucleo propriamente da obra, para ser apenas a preparação animica do heróe, a sua «desindividualização», para nos deixar sentir depois a grandeza do gesto que arrasta a alma do povo emigrado para a patria distante.

Se a acção, porém, desapparece diante da grandeza do quadro final, não assim as figuras, que são de uma construcção litteraria por tal fórma sobria e segura que ellas têm vida desde o começo ao fim. A alma do heróe, de Piero Buondelmonti, é naturalmente, por ser a mais complexa, a de formação mais custosa. Como já disse linhas acima, ella só se nos apresenta em plena luz depois de meio do romance. Até ahi, ella se agita como no trabalho da crysalida ; mas o seu creador, á maneira de um esculptor que trabalhe ao ar livre — como convém á grande Arte — prefere pôr os seus leitores em contacto dessa obra de formação animica, mostrando as incertazas e dubiedades na sua constituição, ao contrario dos que só mostram a obra aos olhos do publico depois della realizada, na sua fórma definitiva.

As outras figuras, porém, se adivinham no esboço desde as primeiras paginas.

A de Lorenzo Berenga, sobretudo, o constructor de casas e palacios, é modelar de energia e religiosidade. Um dos criticos de Corradini já disse que ella faz lembrar uma esculptura de Rodin. Eu preferiria vêr nella a linha architectonica, mas de uma architectura que tem alma, alguma cousa que seria como o espirito de religiosidade da cathedral de Colonia dentro da grandiosidade da Basilica de S. Pedro.

Outra figura dum grande relevo é a do socialista Giacomo Rummo, mas ella se resente, do ponto de vista esthetico, dum excessivo intellectualismo : a bem dizer, é menos uma figura de vida do que uma synthese de idéas contra as quaes luta Piero Buondelmonti.

Duas figuras particularmente delicadas, de um desenho muito suave, são as de Bruna, cuja delicadeza ainda mais se accentua ao lado da figura forte de Lorenzo Berenga, e a do jornalista brasileiro Quirino Honorio do Amaral, tratada por Corradini com particular sympathia affectuosa.

* * *

Tratando-se dum romance que se desenrola no Rio de Janeiro, não é possivel deixar de referir-me ao que elle encerra de peculiar á cidade. Diga-se duma vez que, tendo em mira uma

COMBRETINA
* PARIS *
CONTRA A ENTERO-COLITA
EXTRACTO FLUIDO
GRANULADOS, PILDORAS
**Pharmacia Limousin**

verdadeira obra épica, de heroico nacional, Enrico Corradini não se propunha fazer um romance de ambiente, e isto constitue uma dupla vantagem : fugir ao quadro burguez do ambiente, que raramente escapa á banalidade, e evitar o falseamento de impressões a que está sujeito sempre o observador de passagem. O pouco mesmo que o romance contém de ambiente brasileiro, o contacto com alguns homens de lettras do Brasil e uma recepção carioca, são das cousas de menos valor do livro

Collocando a acção de sua obra no Rio de Janeiro, o autor tinha em vista fazer uma transfiguração esthetica da cidade. Poder-se-ha dizer que a alma da cidade não está tão presente ao desenvolvimento da acção como era de esperar da forte impressão de belleza aqui recebida pelo escriptor italiano. No emtanto duas ou tres impressões descriptas — uma da torre do *Jornal do Commercio*, outra do alto de Santa Thereza e uma da subida da Tijuca — são duma grande belleza litteraria. Os conhecedores da colonia italiana no Rio de Janeiro reconhecerão desde logo, embora um tanto alterados, episodicamente, os modelos que serviram para a maior parte das figuras do romance : o constructor Lorenzo Berenga, o ardente patriota Giorgo Tanno, os irmãos Murola, Bruna, etc. Figura brasileira de destaque, só apparece o joven litterato Quirino do Amaral, um ardente enthusiasta de cousas italianas, filho espiritual, da Italia, tambem não muito difficil de reconhecimento.

Ao ler, porém, o romance de Corradini, é precizo não ter em vista o que elle contém de episodico e descriptivo, que tudo passa a segundo plano desde que o romance deixa de o ser para se altear á grandeza epica da epopéa final.

A imprensa italiana, tratando do romance, discutio longamente a idéa do nacionalismo, de que *La Patria Lontana*, é uma glorifição esthetica.

Entre nós o patriotismo mal comprehendido poderia repellir, como idéa, um livro onde se faz o voto para que seja Italia toda terra onde vivam Italianos, como hoje é Inglaterra por toda parte onde existem Inglezes, Eu prefiro ver nisso uma these geral, que comprehende tambem a formula : «Seja Brasil toda terra onde fallem Brasileiros». E já então o augurio de Corradini deixa de ser uma ameaça de italianização, para ser apenas um incitamento heroico á vida nacional de todas as nações, uma intensificação da luta das nações pela civilização : como da «luta pela vida» entre os animaes se faz a «selecção natural» para o aperfeiçoamento da especie, só da luta pela civilização entre as nações se fará a selecção dos povos para aperfeiçoamento da humanidade.

---

Coração que a dois adora
que firmeza póde ter?
Só se fôr coração de homem,
de mulher não póde ser.

# BRANCA DE NEVE

*Branca de Neve* é uma opereta fundada na tradição popular, em um gracioso conto europeu (já aqui entre nós muito conhecido pelas imitações ou traducções das historietas de Grimm). D'esse lindo entrecho fez o maestro FREI PEDRO SINZIG (Petropolis) uma opereta em seis actos, sendo o texto de Thiago Ca cem Lobo Pessanha. (1)

D'ella damos aos leitores um lindo trecho, a *Oração de Branca de Neve*, de meiga inspiração religiosa, ao mesmo tempo de delicadeza infantil.

O' Deus de bondade,
Suprema ternura,
Lançae vossa vista
A minha amargura

Que triste destino
Me aguarda, Senhor!
Amparae-me sempre
Mitigae-me a dor.

Do caçador fero
Das mãos me livrastes
Das bestas ferozes
Tambem me guardates

Eu rendo-vos graças,
O' Deus de bondade
Por vossa clemencia
E mór piedade.

(1 O texto completo acha-se no *Ramalhete de Flores* de Frei Pedro Sinzig.


**COMPAHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES**

**Fundada em 1872**

**INTEGRIDADE**

Rua General Camara, N: 20, sobrado

SEGURA PREDIOS armazens, moveis e mercadorias, contra o risco de incendio e mercadorias em vapores classificados, contra os riscos do mar.

| | |
|---|---|
| CAPITAL NOMINAL .. .. .. .. .. | 2.000:000$000 |
| CAPITAL REALIZADO .. .. .. .. | 500:000$000 |
| DEPOSITO NO THESOURO .. .. .. | 200:000$000 |
| SINISTROS PAGOS EM 40 ANNOS.. | 4.884:757$003 |

**PIANOS RITTER,** *adoptados pela Casa IMPERIAL de ALLEMANHA e pela Côrte de RUMANIA.*

**Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.**

# UMA DOENÇA NOVA

(**Descoberta** do Dr Carlos Chagas e de seus collegas do *Instituto Oswaldo Cruz*).

Esta notavel descoberta é um enorme serviço ao saneamento e conseguintemente á civilisação do Brasil interior; ao mesmo tempo assignala um dos muitos fructos d'esse modelar *Instituto Oswaldo Cruz*. Damos aqui uma exposição popular que é a que mais convem á generalidade dos nossos leitores (1).

Não ha muito tempo andaram por Minas na zona de Pirapora na região do S. Francisco os eminentes scientistas Drs. Oswaldo Cruz e Chagas que foram alli acompanhados pelos notaveis professores Miguel Pereira e Antonio Austregésilo afim de procederem ao estudo clinico de desconhecida entidade morbida.

Nova entidade morbida não é uma expressão rigorosamente exacta, porquanto essa molestia já existe ha muito tempo, de certo.

Vale a pena dizer algumas palavras sobre o modo como foi descoberta, ha pouco, essa molestia, porque elle vem pôr em grande relevo, mais uma vez, os luminosos serviços prestados ao Brasil pelo Instituto Oswaldo Cruz e o incontestavel merito que têm os estudos de laboratorios em geral, e em geral tão combatidos entre nós.

Em 1907 o prolongamento da estrada de ferro Central, pelo lado de Pirapora encontrava sérias difficuldades em progredir, devido a diversas molestias que lhe dizimavam os operarios. O Dr. Oswaldo Cruz destacou do Instituto que mereceu seu nome dous auxiliares : os Drs. Belisario Penna e Chagas — com o objectivo de estudar essas molestias, combatel-as e facilitar, assim, os trabalhos de prolongamento.

O Dr. Carlos Chagas teve noticias entre os naturaes da terra, da existencia de um insecto hematophago, denominado " barbeiro ", que costuma á noite, após o apagar das luzes nas habitações, picar no rosto os respectivos habitantes.

Curioso, de uma curiosidade scientifica, propria daquella gente de Manguinhos, o Dr. Carlos Chagas não se contentou em ver diversos exemplares do tal insecto — mas, quiz verificar elle proprio, como apparecia nas habitações. E foi além. Cortou, esquartejou, autopsiou diversos " barbeiros " — olhando-os com uma lente de augmento.

E sua curiosidade não estava satisfeita. Dir-se-ia que o Dr. Chagas presentia ter-lhe cahido nas mãos uma cousa de valor sem saber qual era essa cousa.

Continuou a esquartejar e a examinar orgãos e visceras daquelles insectos.

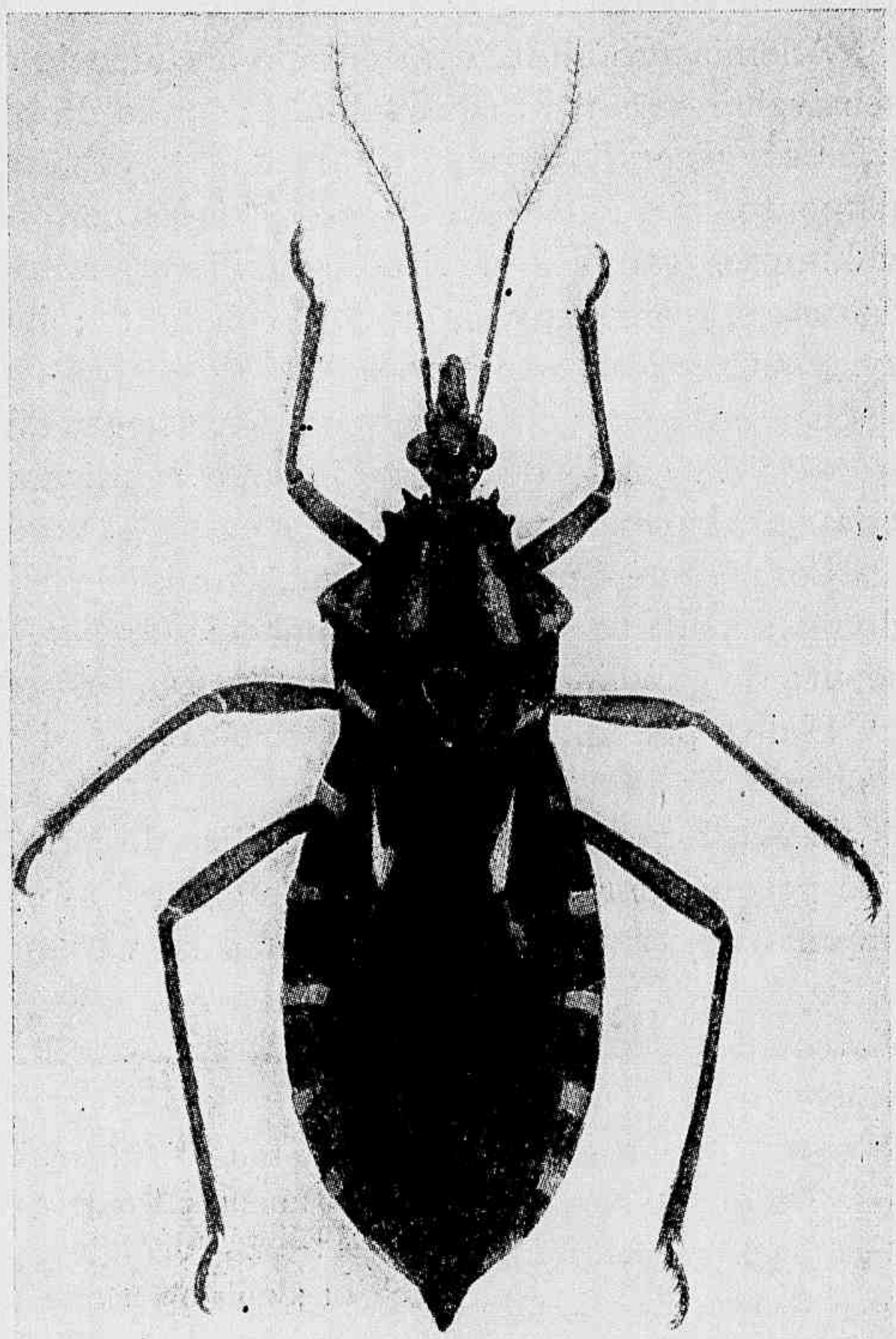
Arrancou-lhes o intestino posterior.

— Que haverá de mysterioso aqui dentro ? pensou o nosso joven scientista.

(1) O assumpto foi tratado com maior exacção ou desenvolvimento na conferencia do Dr. Chagas publicada no *Jornal do Commercio* de 30 de outubro de 1910; nas *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz*, I fasc. 1 (1909); n'uma entrevista dada pelo Dr. Austregesilo ao *Jorn. do Comm.*; em breve noticia sobre aquella conferencia publ. no *Paiz* de 31 de outubro pelo Dr. Ismael da Rocha.

Para um exame perfeito eram necessarios instrumentos de que elle não dispunha e, por isso, mandou aquella viscera para o Instituto Oswaldo Cruz, juntamente com um " barbeiro ".

Ahi o Dr. Arthur Neiva classificava scientificamente o " barbeiro " como sendo um hemiptero heteroptero, da familia dos " Reduviidae " — genero " Conorrhinos " — e, provavelmente da especie " Megistus " (Burm).



O Barbeiro.

No intestino desse animal o Dr. Oswaldo Cruz, em pessoa, descobriu numerosos flagellados.

Que seriam ?

Era preciso um estudo serio.

Infectou com esses flagellados diversos macacos da especia " callithrix penicillata ". Passados 20 ou 30 dias, após a picada, foram encontrados numerosos " trypanosomas " no sangue peripherico dos macacos infeccionados.

Esses " trypanosomas " eram inteiramente diversos das especies até então conhecidas.

Foram infeccionados ainda diversos animaes do laboratorio, verificando-se sempre o mesmo individuo pathogenico, a que foi dado o nome de " Schizotrypanum Cruzi ".

Ninguem melhor do que o proprio auctor da descoberta, que recebeu ao vivo a impressão dos doentes, poderia contar aos nossos leitores os symptomas dessa nova molestia.

Para isso e, pedimos venia ao Dr. Chagas, para reproduzir este trecho da sua communicação das " Memorias do Instituto Oswal do Cruz ".

---

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

" No homem o que primeiro impressionou nossa attenção foi a existencia, de um conjuncto de symptomas frequentes e uniformes, mais salientes nas creanças, symptomas que desde logo se impunham ao nosso racionicio clinico, como expressivos de entidade morbida autonoma.

Eram delles os mais apreciaveis os seguintes :

Anemia profunda, com grande decadencia organisa e, em muitas creanças, sensivel retardamento da evolução ; nos adultos infantilismo, bem caracterisado ; edemas, generalisados em alguns doentes, limitados em zona, em outros ; enfardamento ganglionar em todas as pleiades peripherica — podendo ser apreciados volumosos ganglios cervicaes, auxiliares, cruraes e inguinaes ; esplenomegalia ás vezes, consideravel, muito constante ; hepatomegalia ; perturbações do systema nervoso e do coração".

E a nota mais dolorosa que o Dr. Chagas dá dessa terrivel molestia é esta :

— " ... sendo de impressionar a condição intellectual precaria de muitas crianças, havendo mesmo muitos casos de verdadeira imbecilidade ".

Como se vê é um mal terrivel, simulando ora o impaludismo, pelo augmento do figado e do baço ; ora uma molestia do coração ; ora a syphilis, pelo enfartamento do ganglionar e pelas simultaneas perturbações nervosas.

Hoje, podem medidas hygienicas das habitações extirpar a cáusa da molestia.

E não fôra a curiosidade scientifica do Dr. Chagas, mais do que isso, o espirito pesquisador desse homem de laboratorio, continuaria o flagello mineiro impune e sorrateiramente a fazer suas victimas. (*Extr.*)

---

Por tanto tanto te olhar,
p'los teus meus olhos troquei ;
Como a troca se arranjou,
sabes tu : pois eu não sei...

---

**MENDES CAMPOS & C.**

IMPORTAÇÃO
e grandes armazens de fazendas por atacado

**RUA DA QUITANDA, 181 e 183**
**e VISCONDE DE INHAUMA, 74**

**RIO DE JANEIRO**

**Caixa do Correio, 114** **End. Telegr. ; MAVILIS**

# CONGRESSO DE GEOGRAPHIA

## reunido em S. Paulo (1910)

E' interessante registrar o numero e importancia das *Memorias* apresentadas n'esse Congresso.

PRIMEIRA SECÇÃO. — *(Geographia, Mathematica e Cartographia).*

"Trabalhos e mappas" da Sociedade Nacional de Agricultura. —

"A Estereo-photogrammetria", por Guilherme Wendel.

"Divisão decimal do dia", por E. Loschi.

"A costa septentrional do Brasil nos primeiros lustros do seculo XVI", por J. B. Hafkemeyer.

"Planta da cidade do Rio de Janeiro", por Francisco J. Gomes de Mattos.

"Mappa do Sul do Brasil", por Gentil Moura.

SEGUNDA E DECIMA SECÇÃO. — *(Geographia physica e explorações geographicas).*

"Speleologia Brasileira", pelo Dr. Antonio Olyntho.

"As margens do Paranapanema", pelo Dr. Edmundo Krug.

" Noticia historico-corographica sobre Santa Catharina", por Carlos M. Leite.

"Uma viagem ao littoral norte de São Paulo", por Carlos Goursand.

"Plano de acção e processos basimetros brasileiros", pelo Dr. Saturnino de Brito.

"Relation des voyages de decouverts dans la mer Oceanique et autres" por Etienne Brasil.

TERCEIRA, QUARTA E QUINTA SECÇÕES. — *(Vulcanographia e Sismologia: Hydrographia; Potamographia e Limnographia e Cosmographia).*

"O rio Sahy", de Romario Martins.

"Municipio de Iguape, suas riquezas naturaes e sua potamographia", por M. Pio Corrêa.

"Monographia sobre o terremoto", por Francisco Russo da Silveira.

SEXTA E SETIMA SECÇÃO. — *Metereologia e Climatologia, Magnetismo terrestre. Geographia biologica. Geographia botanica e Zoogeographia).*

"Catalogo do Estado do Paraná".

"Memoria sobre os gafanhotos", por A. G. de Azevedo Sampaio.

"A temperatura do ar em S. Paulo", por José Nunes Belfort de Mattos, e "A radiação solar em S. Paulo", por José Nunes Belfort de Mattos.

"Contibuição para a Hygrometria Paulista", por José Nunes Belfort de Mattos.

"As seccas da região nordeste do Brasil", por J. da Costa Sampaio.

"O regimen dos ventos em S. Paulo", do Sr. Santos Saraiva.

OITAVA SECÇÃO. — *(Anthropologia e Ethnographia).*

"Os Indios do Rio Paranapanema", por Edmundo Krug.

"Os Portuguezes no Brasil", por

**A casa VACHERON e CONSTANTIN obteve o UNICO primeiro 1º premio no**

**CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS**

Vasconcellos Veiga, e "O Idolo Anthropomorpho de Iguape", por Ricardo Krone.

"Ligeiras notas sobre a Ethmologia paranaense", pelo Dr. Jayme Dormund dos Reis.

"Les Indiens Capikrans", por Etienne Ignace Brasil.

"Mappa da distribuição das tribus indigenas no Estado do Paraná", por Vicente Giorgi.

"Les Boruns", por Etienne Ignace Brasil.

"Os Guayanaz de Piratininga", por Affonso A. de Freitas.

"Subsidios para o estudo dos kain-gangues do Paraná", por Ermelino A. de Leão.

"As superstições brasileiras", por Edmund Krug.

"O problema da catechese", por Norberto Jorge.

NONA SECÇÃO. — *(Geographia economica e social).*

"Memoria historica e descriptiva do municipio de Lençóes", por Gonçalo de Atahyde Pereira.

"Memoria sobre o serviço postal no interior da Republica", por Militino Pinto de Carvalho.

"Os rios do Estado de S. Paulo e a electricidade applicada á navegação fluvial", por E. Loschi.

"A colonização no Brasil", por Alcibiades Furtado.

"O córte das matas e sua legislação", por José Rangel Belfort de Mattos.

"Qual a principal cabeceira do rio Paraná?", por Henrique Silva.

"A zona da Ribeira", por Diogo Rodrigues de Moraes.

"Monographia sobre os Portuguezes no Brasil e o accórdo luso-brasileiro", por J. Gil Pinheiro.

UNDECIMA SECÇÃO. — *(Ensino de Geographia: Regras e Nomenclaturas).*

"Geographia secundaria", pelo Dr. Carlos Novaes.

"Geographia do Estado de S. Paulo", por Affonso A. de Freitas, e "Geographia especial do Pará", pelo Tenente-Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha e ,,Chorographia do Brasil, sob o ponto de vista dicdatico", por J. da Costa Sampaio.

DECIMA SEGUNDA SECÇÃO. — *(Geographia historica.)*

"Limites inter-estadoaes entre Paraná e Santa Catharina", de Romario Martins.

"S. Paulo Bandeirante", por Arthur Orlando; "S. Paulo versus Alexandre VI", por Arthur Orlando, e "A Mocóca, de sua fundação a 1900", por Humberto de Queiroz.

"A Parahyba", por João da Lyra Tavares.

"Brasil, Atlantide e Antiguidades Americanas", pelo Dr. Domingos Jaguaribe.

"Curityba", de Romario Martins.

"Memoria historica", e descriptiva do municipio de S. João do Paraguassu", por Gonçalo de Athayde Pereira.

"Um ponto de historia", por Hermelino A. de Leão.

"Limites Norte e Oeste de Lages em 1820", por Miguel de Quadros.

"Tremenbé", por Coelho de Carvalho.

"O caminho do Paraguay a S. André la Borda do Campo", pelo Dr. Gentil de Assis Moura.

13e SECÇÃO. — *(Geographia historica).*

"Paranaguá", de Romario Martins.

"Lages", de Romario Martins.

"Factos da historia de Minas", por Pedro Bernardo Guimarães.

"Paraná e Santa Catharina", por Ermelino de Leão.

"Plan-Historia da cidade de S. Paulo", por Affonso A. de Freitas.

"Monographia de Lorena", pelo Major Paulo Pinto Auto Rangel

"Monographia de Caçapava Nova", pelo Major Paulo Pinto Auto Rangel.

"Apontamentos para a historia territorial da Parahyba", por João de Lyra Tavares.

"Datas e notas para Historia da Parahyba", por Irineu Ferreira Pinto.

"Os limites da Capitania de S. Thomé dos Campos dos Goytacazes", os primeiros povoadores da Capitania, Paulistas, sesmeiros e fundadores da Villa da Praia", por Alcebiades Furtado.

"O descobrimento do Brasil", por J. B. Hafkemeyer, S. J.

"Memoria historica do municipio de Santo Antonio da Boa Vista", por Manoel Marcellino de S. Franco.

"Memoria sobre o nome do Maranhão", pelo Commendador Leoncio Gurgel.

"Monographia sobre a historia da Mocóea", de Humberto de Queiroz.

N'este Congresso tomou parte uma illustre delegação portugueza, composta dos snrs Ernesto de Vasconcellos, Abel Botelho e Lobo d'Avila, representantes da sociedade de Geographia de Lisboa.


# ÆSCULAPE

**Revue mensuelle illustrée**

**de 48 pages**

**Médecine** | **Sciences**
**Chirurgie** | **Lettres**
**Pharmacie** | **Arts**

*dans leurs rapports avec la Médecine*

Abonnements : France 20 fr. — Etranger 25 fr.

41, Rue des Ecoles, Paris ✻ ✻ ✻ A. ROUZAUD, Editeur

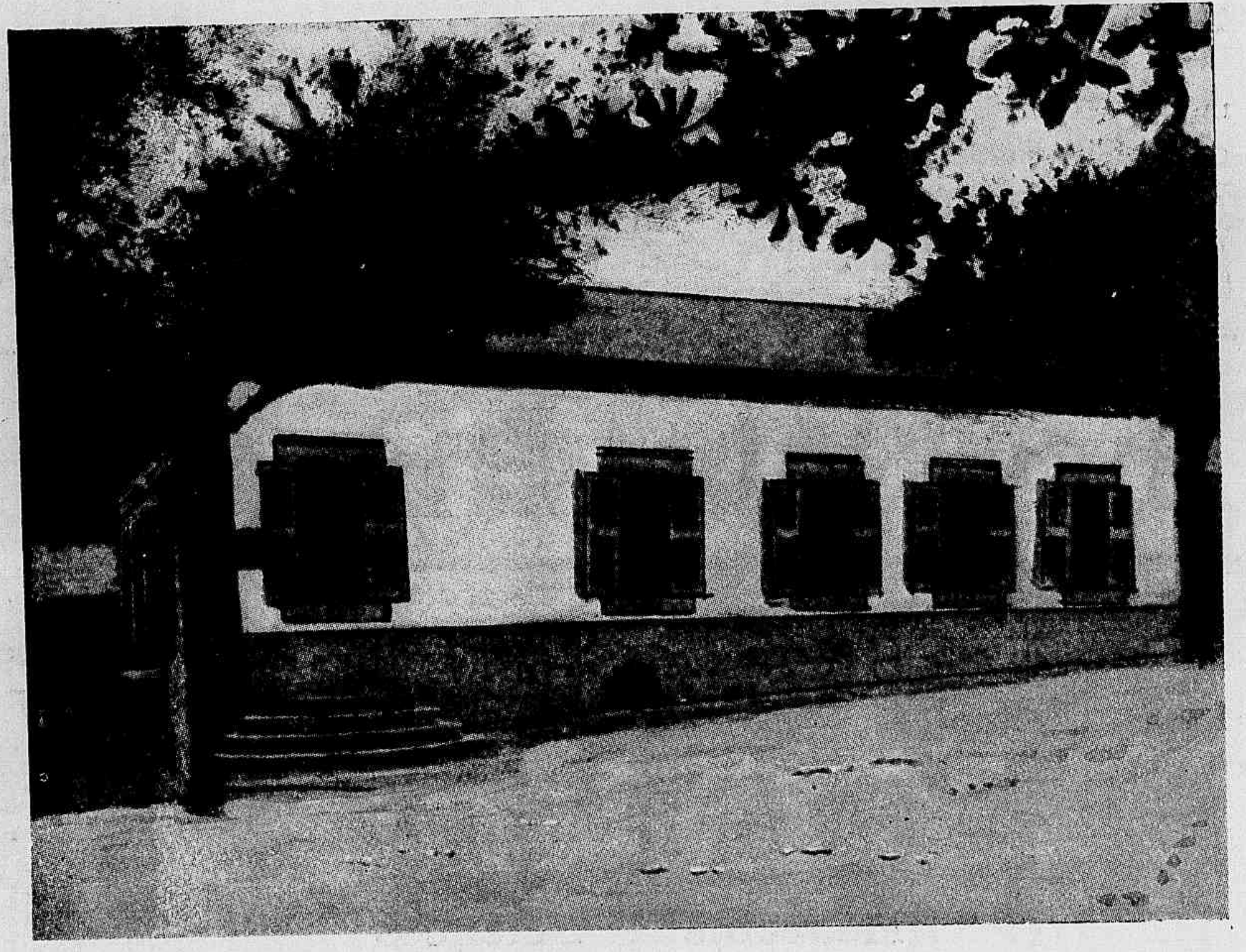
# BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

# COLLEGIO SALESIANO EM NICTEROY

Nas paginas em que buscamos documentar com algumas illustrações certos aspectos do Collegio Salesiano *Santa Rosa* em Nictheroy, não fazemos mais que interpretar o sentimento de todo um povo, como é o brasileiro, agradecido aos enormes beneficios que nos ultimos tempos vem prestando á nossa civilização a missão educadora dos salesianos.

Por todos os recantos do Brazil, no extremo-oeste, em Mato Grosso, em

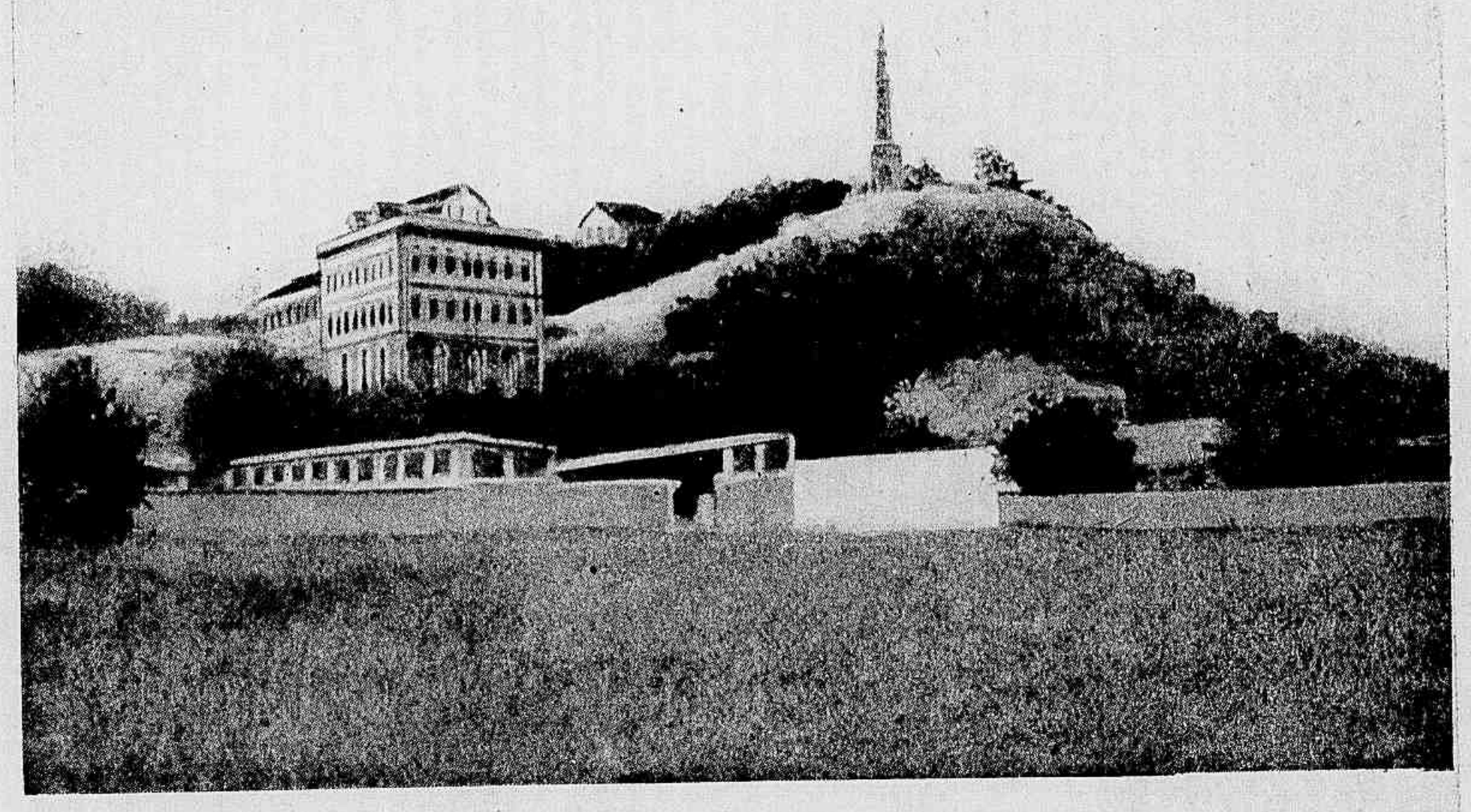


O Collegio Salesiano em 1883.

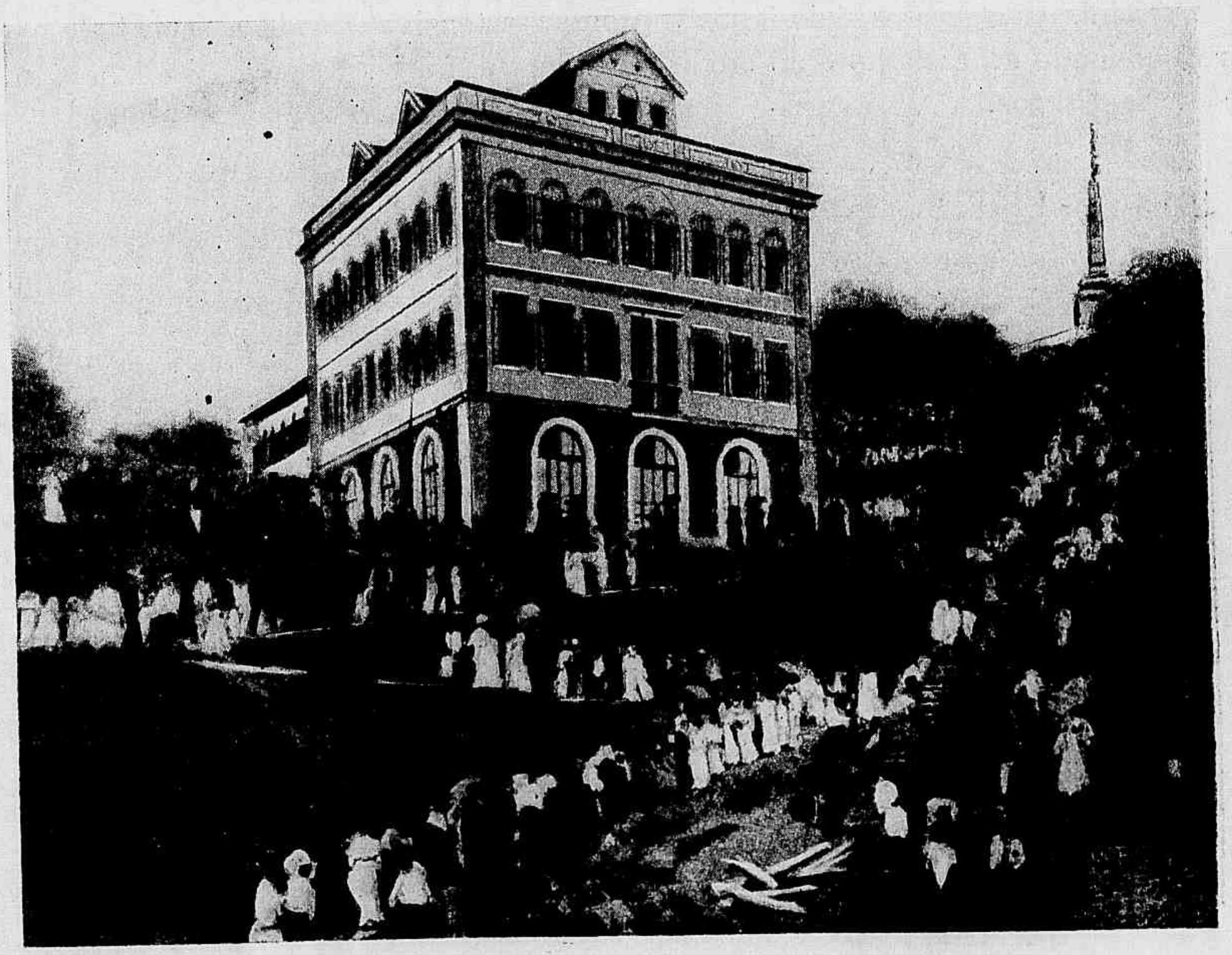
S. Paulo, em Pernambuco, no Rio de Janeiro, por toda a parte, emfim, florescem prosperos os institutos de caridade, de educação technica, profissional, moral e scientifica, com que os Salesianos tem preparado grande parte da geração nova, amparando-a quando desvalida ou abandonada, arrancando-a aos perigos da barbaria, abrindo-lhe a alegria reconfortante das officinas, dando-lhe o exemplo abençoado do trabalho a educando-a nos deveres da religião e da sociedade.

Grande obra, de certo !

A essa missão fundamental que era o pensamento de Dom Bosco, a da educação e amparo das creanças pobres, tambem os *Salesianos* ajuntaram a da educação de todas as creanças que procuram nos seus institutos, alem do exemplo moral, a instruccão literaria e scientifica equivalente e equiparada á dos estabelecimentos officiaes.



O Collegio Salesiano em 1900.

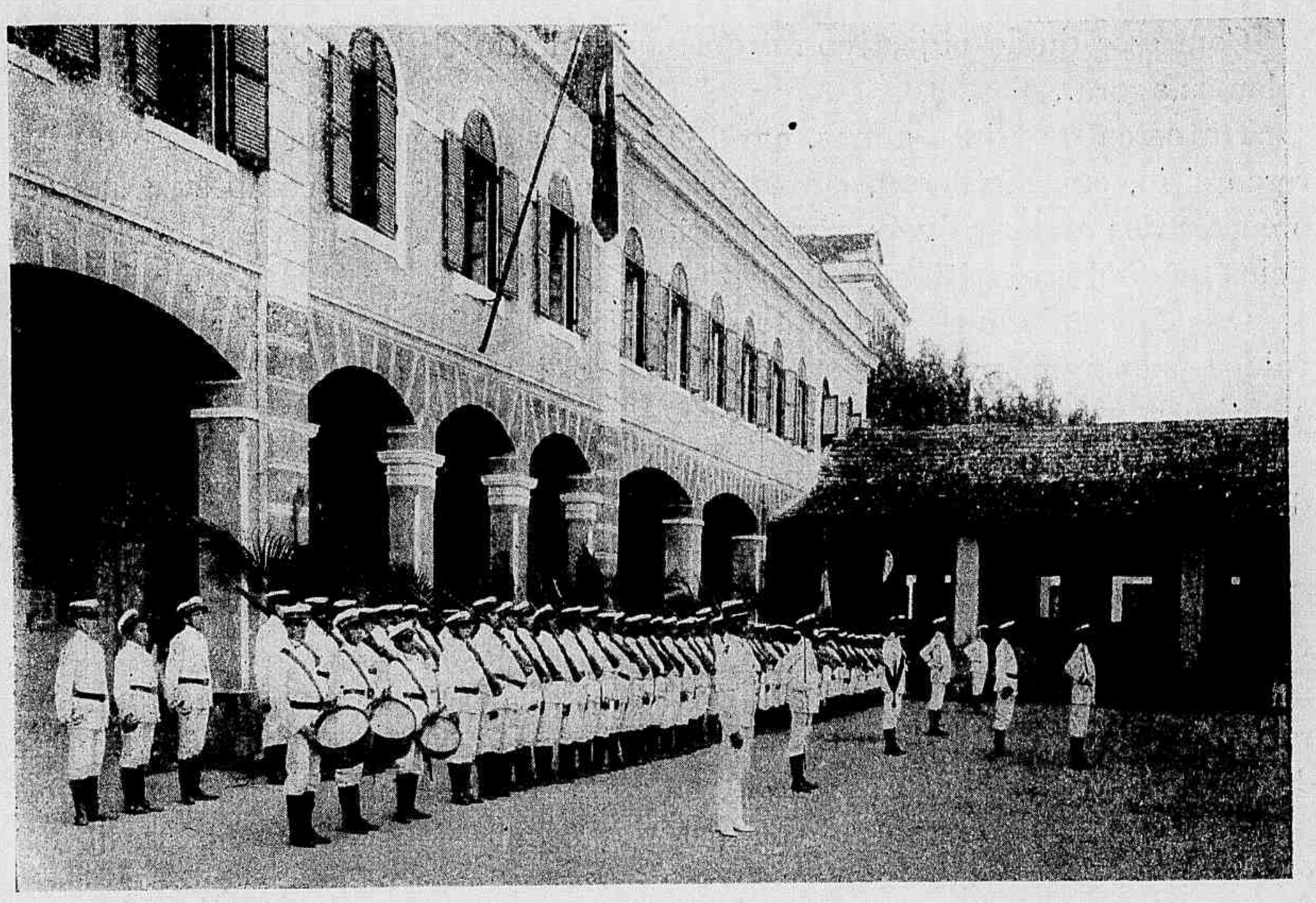


Collegio dos Salesianos. — Uma romaria.

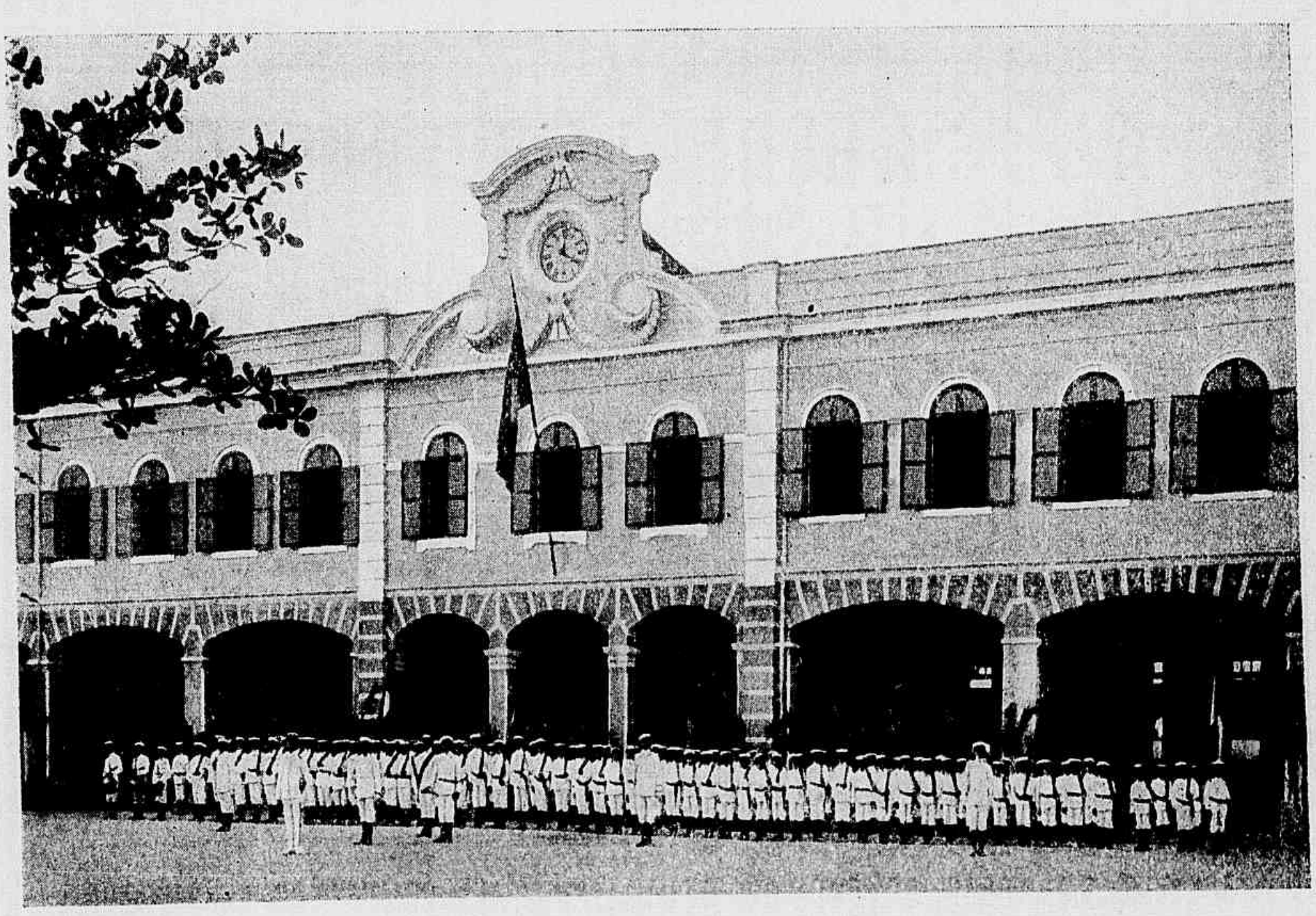
Collegio Salesiano. — Officina typographica.

Assim, a acção dos Salesianos tornou-se extensiva a toda a sociedade correspondendo ao reclamo e ao credito que logo infundiram pela excellencia dos seus institutos.

Collegio Salesiano. — Em continencia á bandeira.



Collegio Salesiano. — Em continencia ao Ministro da Guerra general Dantas Barreto.



Collegio Salesiano. — Revista militar.

BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

Com esse duplo objectivo foi que se fundou o Collegio *Santa Rosa*, de que falamos agora.

Ha cerca de trinta annos, em 1883, havia começado em modesto e pittoresco sitio, em Nictheroy, em singela e risonha habitação campestre que com o correr dos annos se veiu a transformar e multiplicar na serie de bellos edificios que hoje constituem o Collegio Santa Rosa.

Os poucos alumnos que então alli iniciaram a educação hoje se vêem substituidos pelo numero enorme de quatrocentos internos; e ainda maior fôra esse algarismo, se não existissem limites á admissão.

Nada poderia melhor testemunhar os beneficios recebidos e o credito d'esse instituto.

As nossas photographias representam varios aspectos caracteristicos do Collegio de Nictheroy: formaturas militares de parte dos alumnos, os primeiros exercitados, em 1910; continencia á bandeira; continencia ao Ministro e General Dantas Barreto; grande amigo da instituição; o monumento commemorativo Mariano no alto de aprazivel collina bellamente ajardinada, aspectos da officina typographica, romeiros vencendo a encosta do outeiro Mariano etc.

Seria o caso de fazer aqui um historico da missão salesiana no Brasil, mas não temos elementos de informação n'este momento, e não desejamos mais que exprimir n'estas paginas a homenagem impessoal e anonyma que todo o povo tributa a esses obreiros da civilisação.


# AGENCIA GERAL DE DESPACHOS

Fundada en 1901

# PESTANA E C^IA

**65, Rua do Carmo, 65**

Telephone Nº 343

End. telegr: MENTANA

RIO DE JANEIRO

*Despachos para todas as estradas de ferro e Companhias de Navegação.*

*Tomada e entrega a domicilio no Rio de Janeiro, S. Paulo, Campos, Nictheroy, Petropolis e Friburgo.*

*Segura contra riscos, inclusive roubos, as mercadorias embarcadas por estradas de ferro ou por mar.*

AGENTES EM TODOS OS ESTADOS E NAS PRINCIPAES CIDADES DO ESTRANGEIRO

**AGENCIAS FILIAES!**

Sec.: S. PAULO, 35, Rua José-Bonifacio, 35;
NICTHEROY, 26, Rua S. José, 26;
CAMPOS, 10, Barão de Anigmos, 10.

# OS VERSOS SAPHICOS

εννέα τὰς Μούσας φασίν τινες' ὡς ὁ λιγώρως.
ἠνίδι χαὶ Σ απφὼ Λεσβόδεν ἡ δεχάτη.

Entre os metros gregos que através da lyrica horaciana são apreciados por quantos se abeberam nos mananciaes da cultura latina, distinguem-se os de rythmo ternario (γένος διπλάδιον, *genus duplex)*, em que a θέσις vale, em duração, o dobro da ἄρσις, e que, embora, posam ser descendentes ou ascendentes, são todos modalidades do rythmo trochaico, pois a este o proprio jambico se reduz por anacruse.

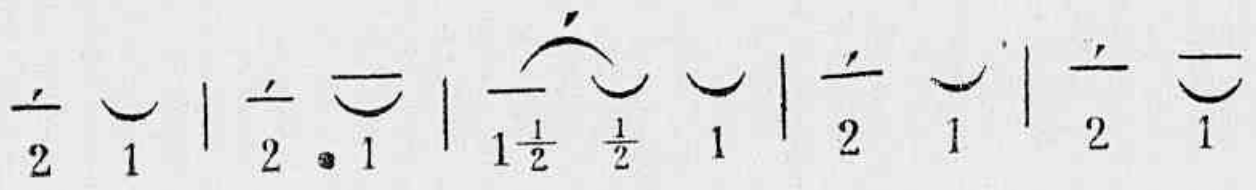
Em certos casos, como que adquirindo a malleabilidade da prosa (λόγος), sem perder comtudo a sua animação caracteristica, alterando-se-lhe apenas, nalgum dos pés, a proporção entre os respectivos elementos, o verso trochaico assume novas formas, torna-se logaoedico.

E' o que se dá na estrophe, em todos os tempos tão querida, que ha vinte e tantos seculos mereceu e ainda conserva o nome da decima musa.

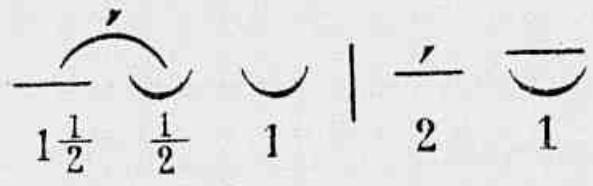
Nos saphicos « como que se vê um suave, apaixonado espirito erguer-se da intensa melancolia de saudade infinda, para immediatamente recahir no doce habito de profundo soffrimento : são vagas de amor, sobre as quaes nos movemos, suspensos e medrosos, em tantalico supplicio. » (1).

Constituem essa estrophe, como é sabido, tres hendecasyllabos saphicos seguidos de um verso adonico.

Aquelles têm cinco pés, todos originalmente trocheus, sendo, porém, o terceiro um dachylo cyclico, ou irracional, e o segundo, ás vezes, espondeu irracional :




O adonico é da mesma natureza :



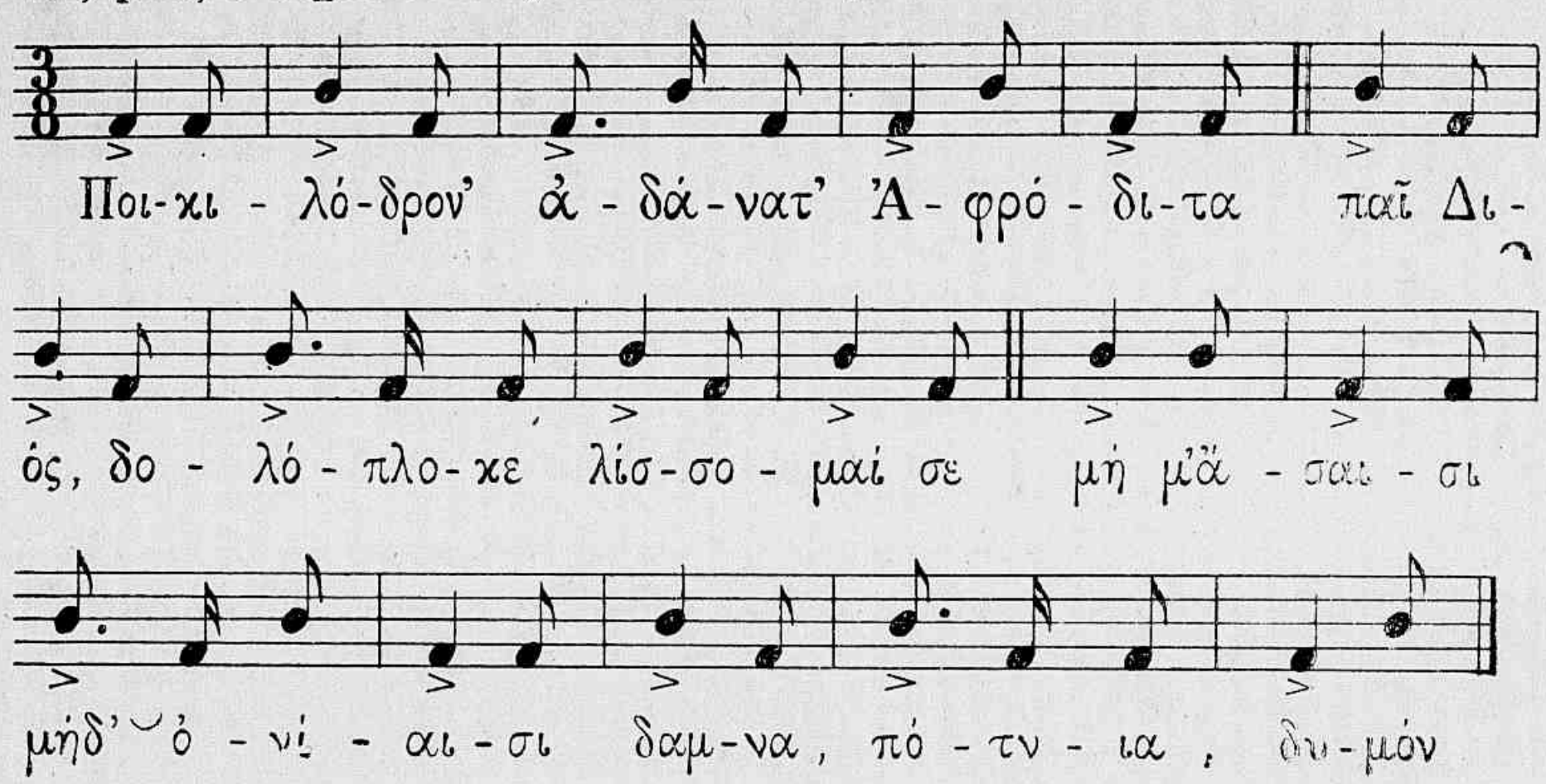

(1) Diese wunderbare, seelenvolle strophe hat niemand besser charakterisiert als Koechly, wenn er sagt :

« Man glaubt gleichsam ein weiches, liebekrankes Gemüt aus der brütenden Schwermut unendlichen Sehnens sich aufraffen za tehen, um sofort wieder in die süsse Gewohnheit des tiefgehegten Schmerzes zurückzufallen. Es sind — möchte ich sagen — der *Liebe Wellen*, auf denen wir « bawgend und bangend in schwebender Pein » auf — und niederschwanken. »

(Dr. P. Brandt — « Sappho ».)

R
REX
X
**pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.**
R
REX
X

E', pois, o seguinte o rythmo da estrophe :

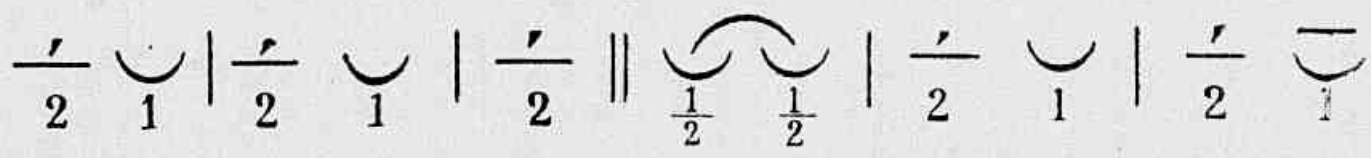



(Sapho, Hymno a Venus, Fr. I, Estr. I.)

Catullo introduziu esse metro no litteratura romana sem nenhuma alteração, embora o fizesse numa época em que a poesia já se tinha separado da musica, em que já se sobrepuzera ao canto a recitação, se reduzira a metrica a simples formulas litteraes o se conservava o claude antigo na bagagem do poeta apenas como ornamento, como flor de rhetorica.

Horacio, porém, fixou o emprego do espondeu irracional no segundo pé, e, no terceiro, o de uma cesura, como a do hexametro, quasi sempre masculina.

Esta, por mais exaggerada que seja, não altera a natureza trochaica do verso; põe-n'a ao contrario em evidencia, deixando á setima syllaba apenas o valor de meio tempo, egual ao da sexta :



O espondeu irracional apenas caracterizava a subordinação do segundo *ictes* ao primeiro, a combinação dos respectivos pés em dipodia, dotada de um accento intensivo principal: _/⏑|_/_|... Usava-se já entre os Eolios livremente

**PAPELARIA "SOL"** TYPOGRAPHIA LYTHOGRAPHIA

PAUTAÇÃO E ENCADERNAÇÃO

*COSTA NUNES & C.*

livros em branco objectos para escriptorio e dezenho

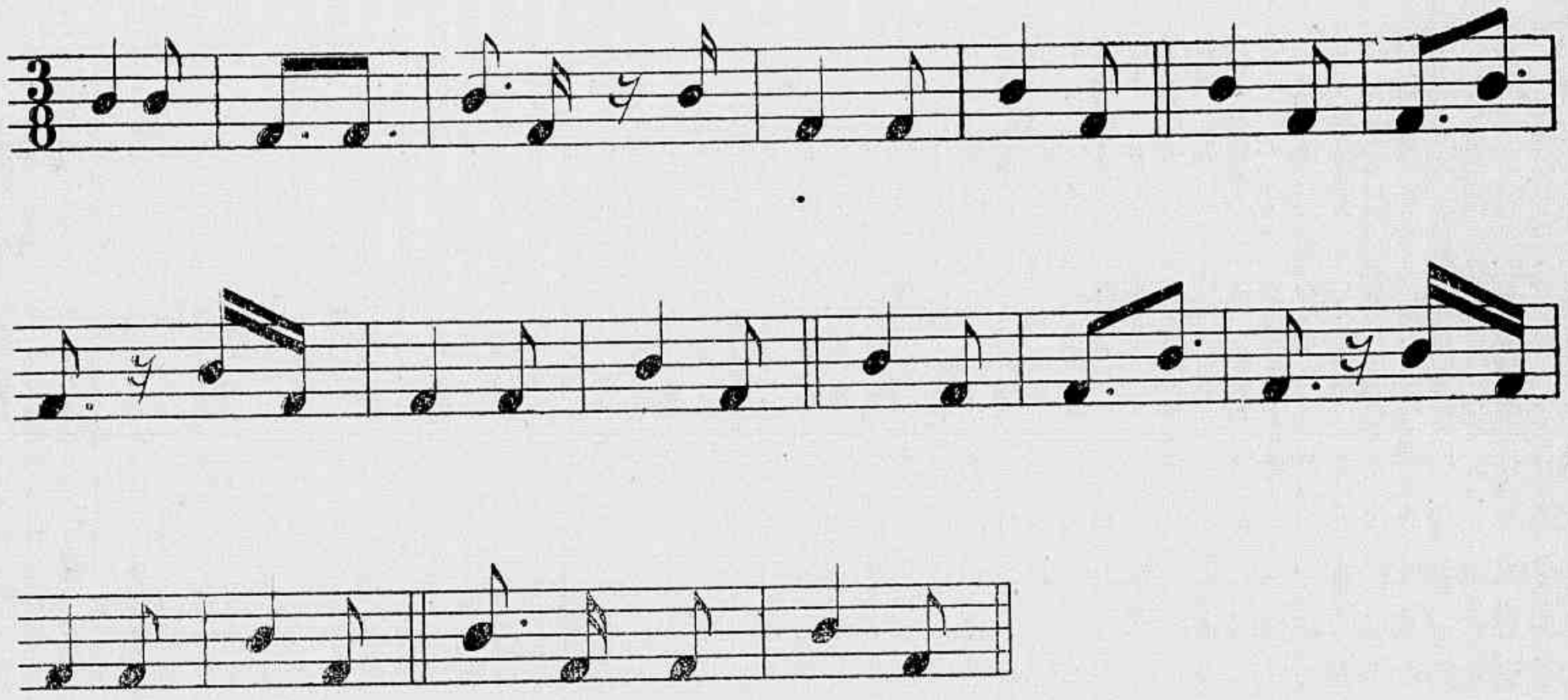
Telephone n. 1.190

RIO DE JANEIRO

*Rua General Camara, 38*

e era medido como trocheu, ou, ao menos, com alguma differença entre a duração da these e a da arse. Dado, porém, o caracter absoluto da regra horaciana, talvez se nivelasse a duração destas, o que parecem comprovar exemplos em que Seneca o substituiu par dactylo, substituindo tambem inversamente por espondeu o dactylo do terceiro pé.

Admittindo essa egualdade hypothetica, attribuindo valor consideravel á cesura e, como em grego, tonicidade aos accentos grammaticaes, notar-se-ão assim os versos de Horacio :



(Carm. I, 30. Estr. I.)

Não tendo valor rythmico o accento tonico, as innovações que ahi se notam não quebram os accento principaes e secundarios das primeiras tres syllabas impares e das duas ultimas pares de cada hendecasyllabo.

Ler-se-á assim essa estrophe :

O" Venús, regïna — Cnidï Paphique,
Spërne dílectïm — Cypron ët vocántis
Türe té multö — Glvceräe decóram
Tränsfer in âedem.

Mas, como se vê, são mais elevadas, no primeiro verso, a 2ª. a 5ª, a 7ª e a 10ª, e nos dois seguintes, a 1ª. a 4ª, a 6ª e a 10ª.

E' provavel que a accentuação grammatical do latim não fosse entre os Romanos tão intensiva como a fazemos na pronuncia moderna, e, mais ainda, que a do grego já não fosse tão tonica no começo da nossa era como no tempo de Alceu e Sapho.

Mas é certo que os grammaticos antigos se enganaram referindo ao accento latino terminologia adequada ao hellenico. Este, de facto, consistia em maior ou menor elevação, aquelle em maior ou menor intensidade da voz.

Dahi surgiu em latim, entre o accento metrico e o grammatical, um conflicto que podia anarchizar tanto o rythmo como o sentido do verso, e que foi ás vezes evitado, principalmente na segunda metade do hexametro :

**SMITH VISIVEL** ***tem o maior invento*** em machinas de escrever : ***Articulações com Espheras.***

*Tityre*, tú patuláe — recubáns *sub tégmine fági.*
Sílvestrén tenuí — Musám *meditáris avéna :*
Nós patriáe finés — *et dúlcia línquimus árva;*
Nós patriám fugimús : — *Tu, Tityre, léntus in úmbra.*

Fórmosum *resonáre* — docés *Amaryllida silvas.*

No adonico elle é rarissimo : só apparece havendo monosyllabo inicial ou final e sendo o primeiro seguido de dissyllabo mais accentuado.

Quasi nas mesmas condições estão os pés extremos do saphico, que mais frequentemente começa por monosyllabo. Mas a coincidencia é excepcional nos outros pés, em virtude principalmente do espondeu irracional e da cesura : no 3º, quando a cesura é feminina ou cae em monosyllabo; no 2º, quando elle está inteiramente contido no penultimo vocabulo do hemistichio e não ha conflicto no 3º, ou quando começa por monosyllabo forte; no 4º, quando está inteiramente contido no penultimo vocabulo do verso, ou a oitava sillaba numa palavra.

Essas condições muito difficilmente se reunem nas odes de Horacio, onde são rarissimos versos como estes : — *Priscus ét neglécta redíre Vírtus* — *Aúdet adparétque beáta plene* — *Aúgur et folgente decórus arcu.* Na maioria dos saphicos horacianos caem em syllabas atonas os accentos rythmicos mediaes, caracteristicos do metro, e são accentudas principalmente a 4ª e a 10ª, e menos frequentemente a 1ª e a 6ª.

Generalizando-se o habito, ainda vigente nos paizes neo-latinos, de ler sem medida a poesia classica assim como a prosa, comprehende-se a obliteração do *ictus* original pelo do accento tonico, e até a confusão entre o saphico e outros hendecasyllabos, taes como o alcaico — *Quid dédicátum póscit Apóliném* — o trimetro jambico catalectico — *Vulcánus árdensúrit ófficínas* — o tetrametro dactylico catalectico *in dissyllabum* — *Aút Ephesón, bimarísve Corínthi.*

Como a Catullo, não negou a lyra eolica assistencia ao vate venusino, *vite vocanti*, nem a outros poetas, até da baixa latinidade, que escreveram saphicos mais ou menos bellos e correctos. Mas não será ousadia suppor que até conhecedores de metrico fizessem inconscientemente a inversão do rythmo original, accentuando a arse em vez da these, pois nos grammaticos romanos escapou, como é sabido, a natureza desses elementos do verso : sempre elles entenderam por *arsis*, ao contrario dos gregos, não o tempo fraco, de elevação do pé ou da mão, porem o de elevação da voz.

DROGARIA E PHARMACIA HOMŒOPATHICA

Coelho Barbosa & Cia

Fundada em 1858

MANIPULAÇÃO ESCRUPULOSA E GARANTIDA

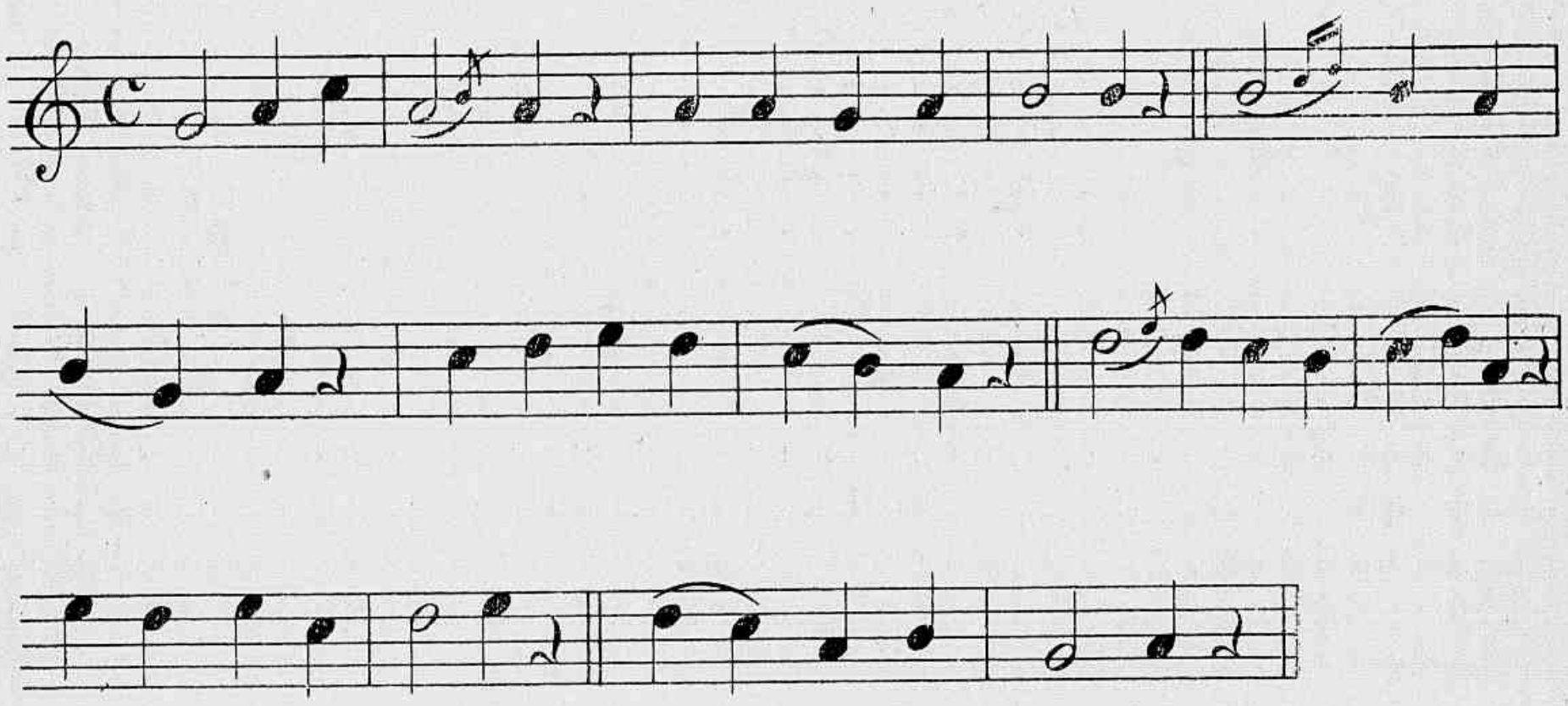
Quitanda, 106 e Ourives, 38

RIO DE JANEIRO

O facto é que a estrophe saphica é dos metros horacianos o que mais se popularizou, sobrevivendo á poesia classica nos contos ecclesiasticos e profanos, especialmente da Italia e da Hespanha, mas com o rythmo inteiramente alterado desde que ao criterio da *longitudo* se substituiu o da *altitudo*, ou antes o do accento grammatical, mais intensivo do que tonico.

Encontram-se assim nos hymnos da Egréja muitas composições apparentemente correctas, muitos saphicos bem medidos, mas todos são syntonicos, no canto como na leitura têm rythmo subordinado ao accento.

Veja-se por exemplo a estrophe de que ao seculo XII se tiraram os nomes das notas :



*Ut queant laxis resonare fibris. Mira gestorum famuli tuorum, solve polluti labii reatum, sancte Joannes.*

Varias são as melodias attribuidas a esse hymno, porém em todas, assim como nos demais saphicos liturgicos, convertido o hendecasyllabo em tetrametro dactylico, o genero do rythmo em vez de ser o διπλάσιν original é o γένος ἴδον, *genus par*, reduzindo-se a binario.

Os poetas que assim procuram attender á formula quantitativa do saphico fizeram versos de rythmo barbaro, que frequentemente se pode mudar pelo classico, obra de duas faces, quasi como essas poesias que tanto se lêem em vulgar como em latim.

E onde mais resumbra o caracter popular, maiores são os barbarismos, como na seguinte estrophe de um hymno alphabetico antigo :

Xríste, te sémper récta fídę lábiès
Conféssus, córde crédidi òrthodóxo
Haecrèticórum dógma néfas réspuì
Péctore púro.

Em quasi todas as poesias da especie conserva o adonico o seu rythmo primitivo, e sempre com elle se identifica o primeiro hemistichio do hendecasyllabo.

Mas tambem o adonico soffreu profundas modificações, a julgar pelo que

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

nos diz Lebrija na mais antiga grammatica romanica : « *Los versos adonicos se llamaron : porque adonis poeta uso mucho dellos : o fue el primer inventor. Estos son compuestos de un dactilo y de un spondeo. Tienen regular mente cinco silabas y dos assientos : uno enel dactilo : y otro en el espôdeo* (na 1ª e na 4ª syllaba). *Tiene muchas vezes seis silabas quando entramos cõ medio pie perdido* (anacrustico, accentuado na segunda e na 5ª )... *Puede eso mesmo tener este verso quatro silabas* (catalectico, accentuado na 1ª e na 4ª)... *Puede tambien tener cinco siendo la penultima* (leia-se *ultima) aguda : y entrando cõ medio pie perdido* (accentuado na 2ª e na 5ª). *E neste genero de verso esta compuesto aquel rondel antiquo :*

*Despide plazer.*
*Y pone tristura.*
*Crece en querer*
*Nestra hermosura.*
. . . . . .

(Gramm. Cast., l. II, cap. IX.)

E, continúa, o « verso adonico doblado » ou « pie de arte maior » tem ...de 8 a 12 sillabas...

Não nos é necessario, nem seria possivel em pequeno espaço, estudar a influencia que através dos hymnos liturgicos tiveram os metros antigos na formação dos modernos, as relações por ventura existentes entre o decasyllabo dos velhos poemas francezes, os versos peninsulares de arte maior, o jambico e o trochaico limosim, o heroico da medida nova de um lado, e, de outro, os hendecasyllabos saphico, dactylico, etc.

Basta-nos ter observado quanto se deturpou na tradição classica a feitura do verso de que tractamos, a ponto de se lhe confundir o rythmo com outros originalmente distinctos.

Quando, pujantes e viçosas, surgiram as litteraturas neo-latinas, moldando-se na antiguidade greco-romana, que se lhes descortinou esplendorosa ao alvorecer da renascença, foi o saphico, barbarizado, o metro horaciano que encontrou mais carinhoso acolhimento.

Desde L. Dati e A. di Costanzo até Carducci, o hendecasyllabo e' o italiano heroico :

Tante bellezze ilciel ha in te consparte,
Che non è al mondo mente sì maligna,
Che non conosca che tu dei chiamarte
Nova Ciprigna.

(A. DI COSTANZO.)

Ao som confuso de celeuma, os nautas,
As duras barras arrimando aos peitos.
O cabrestante, que emperrado geme,
Rigidos volvem.

(BOCAGE.)

etc.

Até o adonico ás vezes ultrapassa o maximo da elasticidade que lhe attribuíu Lebrija :

Tu, che servo di corte ingannatrice
I giorni traggi dolorosi e foschi,
Vieni amico mortal, fra questi boschi,
Vieni e saras felice.

(V. MONTI.)

Heureux celui qui près de toi soupire;
Qui sur lui seul attire ces beaux yeux,
Ce doux accent et ce tendre sourire!
Il est égal aux dieux.

etc.

(J. DELILLE.)

Não tentaram ainda os nossos poetas reproduzir o verdadeiro rythmo.

Na poesia neo-latino, segundo Cavallotti, a fiel representação dos rythmos antigos não é impossivel, mas não pode ser bem succedida, por termos perdido os elementos harmonicos classicos.

Note-se entretanto, que dentre os variadissimos metros legados pela antiguidade, muitos poderão enriquecer a nosso poesia, abrindo-he horisontes que são novos, embora consagrados ha mais de dois mil annos, assim como têm enriquecido a poesia rythmica dos povos germanicos.

Entre outros, Voss na Allemanha, Nybom na Succia, Swinburne na Inglaterra mostram eloquentemente, em traducções de poesias gregas e latinas e em composições originaes, que não e' vã tentativa a reproducção do saphico em seu rythmo verdadeiro.

Veja-se nas seguintes traducções quão perfeitamente se conserva a cadencia original « in unserer härteren Sprache », como diz P. Brandt, ao citar a primeira :

Die du thronst auf Blumen, o schaumgeborne
Fochter Zeus', listsinnende, hör' mich rufen
Nicht in Schmach und bitterer Qual, o Göttin,

etc.

Lass mich erliegen!
Kön gin Venus, dir ja nur gilt die Bitte,
Dir des Templeins Schmuck und die Weihrauchspende
Glyceras : wie lieb dir dein Thron, wende
Zu ihr die Schritte!

etc. (1).

Campinas

AMÉRICO DE MOURA.

(1) Para exemplo em portuguez do verdadeiro saphico syntonico, compoz o auctor uma tradueção rythmica do « carmen sacculare » de Horacio, que publicaremos no anno proximo. — (*N. da Red.*)

---

Na sepultura da mulher que falava pelos cotovellos poz seu marido, um espanhol, o seguinte epitaphio :

Aqui yace sepultada
La mas que noble señora,
Que en su vida, punto ni hora
Tuvo la boca cerrada :
Y es tanto lo que habló,
Que aunque mas no ha de hablar,
Nunca llegará el callar,
Adonde el hablar llegó.

---

**ESPINGARDA STANDARD,** é de summa precisão, grande alcance, solidez, segurança, pouco peso e facil manejo .

***Clubs, Casa Standard.* — *93, Ouvidor, 95, RIO.***

# UMA QUESTÃO DE NOMENCLATURA MUSICAL (1)

Na Revista Lusitana, vol.IV, pag. 288, demos noticia de um facto interessante em que em virtude de um processo chamado *falsa analogia* ou *etymologia popular* (2) uma palavra se desdobrou em quatro, sendo este talvez o caso mais rico nos seus resultados que se deve á influencia d'esse processo. D'aquella Revista, excellente repositorio de estudos philologicos e ethnologicos, reproduzimos aqui o que então escrevemos sob o titulo de Exemplo curioso da influencia exercida pela etymologia popular na formação do vocabulario.

"Com a palavra *sesqui* (3) (resultante de *semis-qui*) formaram-se em latim varios compostos, um dos quaes é o adjectivo numeral *sesquialter (altera, — alterum)*, que designa que uma coisa equivale a outra e mais metade d'ella, contém a outra vez e meia, isto é, está para ella na relação de 3 para 2 ou de 6 para 4, etc. A palavra *sesquialtera* foi introduzida na lingua portuguesa, como substantivo, e designa, na musica, certos grupos de figuras, que valem 3/2 de outros grupos, quer dizer, tanto como estes grupos e mais metade d'elles, mas que devem executar-se no mesmo tempo que estes: — são series, que constando de tres ou seis figuras, correspondem, quanto ao tempo, respectivamente a duas ou quatro figuras eguaes.

A etymologia popular ou falsa analogia fez ver na primeira syllaba da palavra *sesquialteras*, quando designava grupos de *seis* figuras, o numeral *seis*, em virtude da semelhança de som entre aquella syllaba e a palavra *seis*, e pela circumstancia de serem seis as figuras d'aquelles grupos, passando muita gente a pronunciar, e escrevendo-se até em tratados de musica, *seisquialteras*. Depois, como ás series de seis figuras chamavam *seis-quialteras*, passaram a dar aos grupos de tres o nome de *tresquialteras*.

Mas não param ainda aqui as consequencias de se haver considerado o vocabulo *sesquialteras* como um composto da palavra *seis*.

Vendo-se em *sesquialteras* ou *seisquialteras* e *tresquialteras* palavras compostas, em que os primeiros elementos eram os numeraes *seis* e *tres*, o espirito era naturalmente levado a considerar a parte restante d'aquellas palavras como o segundo elemento da composição, e assim é que se chegou ao emprego do termo *quialteras*, como designação generica tanto para as figuras que constituem os grupos chamados *sesquialteras*, como para aquelles que formam os denominados *tresquialteras*.

O vocabulo *quialtera* não occorre

(1) Este artigo do notavel philologo portuguez foi refundido especialmente para o *Almanaque Garnier*.

(2) Sobre *falsa analogia* ou *etymologia popular* cf. Adolpho Coelho, Questões da lingua portuguesa, pag. 109 e segg.; *Revista Lusitana*, vol. I, pag. 56, 133, 222, 267, um artigo nosso e outros dos snrs. dr. Adolpho Coelho e Gonçalves Vianna. V. tambem os trabalhos especiaes Lateinische Volksetymologie und Verwandtes por Otto Keller e Ueber Deutsche Volketymologie por K. G. Andresen.

(3) A mesma palavra *sesqui* é tambem usada como prefixo de alguns termos scientificos portugueses, v. g. *sesquioxydo*.

nos diccionarios ; é, porém, de uso frequente, e apparece até em compendios de musica. Vê-se, pois, que a etymologia popular não só fez alterar na pronúncia e na escrita a palavra *sesquialteras*, que passou a pronunciar-se, e a escrever-se tambem, *seisquialteras*, mas deu ainda logar á formação de duas palavras novas *tresquialteras* e *quialteras*.

O caso que acabamos de estudar pôe bem em evidencia quanto a etymologia popular influe no desenvolvimento da linguagem».

A esta nota, que um jornal de S. Paulo (Brasil) transcreveu, referiu-se no 2º numero da REVISTA ARTISTICA (julho de 1899), da mesma cidade, o distincto professor snr. Antonio Candido, propondo uma nomenclatura nova para o que os musicos chamam *grupos alterados*. A classificação que fez d'esses grupos, comquanto seja realmente engenhosa, é assaz complicada, parecendo-nos por esse motivo pouco acceitavel na pratica.

No nosso pequeno artigo não encarámos a questão sob o ponto de vista do ensino, pois o nosso intento foi apenas dar uma explicação philologica do facto.

Aqui, porem, expenderemos o nosso modo de ver relativamente á parte pedagogica da questão, tomando como ponto de partida o principio de que uma das tendencias da pedagogia moderna deve ser a simplificação, visto como o homem que tiver de considerar-se culto, carece de longos estudos para possuir além da sua especialidade uma instrucção geral ; e isso absorve-lhe todo o tempo, sem que possa dispôr d'elle para coisas mais ou menos superfluas ou dispensaveis. A este preceito cumpre que satisfaça hoje toda a obra didactica, e em virtude d'elle entendemos que a tradicional denominação *sesquialteras*, que sempre serviu para a designação de todos os grupos, antes de surgirem as formas *tresquialteras* e *quialteras*, deveria continuar a ser a unica adoptada, pois designaria de um modo rigoroso, a razão 3:2 nos grupos de seis notas por quatro e de tres por duas, que são os mais frequentes, e applicarse-hia, por extensão, embora com menos rigor, aos restantes grupos. Importa ainda ponderar que não foi realmente uma instante necessidade de termos mais precisos que fez apparecer aquelles vocabulos novos, mas tão sómente o suppôr-se que havia na palavra *sesquialteras* a expressão *seis quialteras*, como acima ficou exposto.

***

Revertendo agora á consideração glottologica do caso, temos factos de alguma importancia para acrescentar á nossa primitiva nota.

Alguns musicos pronunciam *seisquialtéras*, *tresquialtéras* e *quialtéras* accentuando a penultima syllaba, e considerando portanto estas palavras coma paroxytonas ou graves. Um d'elles, que foi alumno do Conservatorio de Lisboa, referiu-nos que o seu professor assim mandava accentuar com o fundamento de que havia o verbo *alterar* na ultima parte d'aquel-

BEBAM CAXAMBÚ
**A soberana das aguas de meza.**
15

las palavras, por isso que "representam figuras *alteradas* ou *que alteram*". Vê-se, pois, que o desejo de tudo explicar, associado a meras apparencias, isto é, a falsa analogia ou etymologia popular, não só deu logar ao desdobramento de *sesquialteras* em *seisquialteras*, *tresquialteras* e *quialteras*, mas ainda leva a proferir estes vocabulos de maneira que se convertam em verdadeiras phrases, orações relativas, precedidas, em dois casos, dos seus antecedentes !

*Tresquialtera* deve considerar-se um producto teratologico da linguagem, uma verdadeira monstruosidade, um aleijão. Na Revista Lusitana, estudámos outros exemplos de formação analoga. Aqui indicaremos mais alguns.

A palavra *velocipede* deu logar ao apparecimento de *velódromo* e *velo-club*. Não se attentou rigorosamente no modo como se formou *velocipede*, que é um composto cujos elementos são as palavras latinas *velox* e *pes*, e em vez de se decompor aquelle termo em *velociepede*, para se produzirem outros compostos analogos, fez-se a decomposição como se os dois elementos fossem *velo* e *cipede*. Cortou-se a palavra não pela soldadura das partes que a constituem, mas em outro ponto, mutilando-se uma d'essas partes e deixando-se uma excrescencia sobre a outra. A forma *velo* assim truncada, estropeada, foi depois aproveitada na composição dos termos *velódromo* e *velo-club*.

A' mesma causa é devido o nome proprio *Thiago*, que provém de uma divisão inexacta de *Sant(o) Iago*, passando o *t* da primeira palavra para a segunda.

As locuções usuaes *a par e passo*, *de par e passo*, resultam, pelo mesmo processo, da expresão latina *pari passu*, cujo sentido é *com passo egual* (1).

E' bastante frequente na vida dos linguas este modo de encarar e explicar as palavras compostas, attribuindo-lhes elementos que nellas não entraram realmente. Em latim o apparecimento da forma *ubi* resultou provavelmente de se suppor *necubi* composto de *nec* e *ubi* em logar de *ne* e *cubi* (=**quobi*). O mesmo succedeu com *uter*, tirado de *ne-cuter** = (*ne*) *quoteros* (cf. o grego *pó-teros*) ; foi tambem assim que se formou *unde* (2).

Poderiamos aqui mencionar maior numero de exemplos, mas limitar-nos-hemos a apresentar apenas mais um. Esse porém é certamente aquelle com que menos se poderia contar, pois que representa uma coincidencia extraordinaria. E' nada mais nem menos do que uma palavra francesa que traduz precisamente o nosso vocabulo *quialteras* e que se formou de modo identico.

Em França designam-se os grupos de notas de que fallamos acima, pelas palavras *triolet*, *quintolet*, *sextolet*, etc., com suffixo deminutivo. Pois os musicos franceses tiraram d'aquellas palavras o substantivo *olet* como de *sesquialteras* nós tirámos *quialtera*, e cuidam fazer exactamente o contrario, isto é, de *olet* formarem *triolet*,

(1) Cf. tambem *Revue Hispanique*, vol. V, pag. 426, artigo do snr. dr. Leite de Vasconcellos.

(2) São menos satisfactorias outras hypotheses, que pretendem explicar *ubi*, *uter* e *unde* ou por queda da guttural inicial ou por meio de radicaes differentes, Cf. Kozlovski na *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, de Kuhn, vol. XXX, pag. 563; J. Schmidt, *ibid.* vol. XXXII, pag. 404; Bersu, *Die Gutturale*, pag. 138; Brugmann, *Grundiss der vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen*, vol. I, pag. 323. V. tambem Stolz, *Historische Grammatik der Lateinischen sprache*, pag. 259, e Victor Henry, *Précis de Grammaise comparée du grec et du latin*, 5.ª ed., pag. 231, nota 2.ª.

*sextolet*, etc., como entre nós se suppõe que de *quialtera* se originou *seisquialteras* e *tresquialteras*. No TRAITE DE L'EXPRESSION MUSICALE de Mathis Lussy, 5ª. ed. (de 1885), pag. 16, lê-se o seguinte : "S'il se présente dans ces mesures un temps avec 3, 5, 6, 7 notes, il forme une exception appelée *olet*. De là : *triolet*, *quintolet*, *sextolet*, *septolet*, etc.''. E a pag. 19 : ''S'il se présente dans ces mesures un temps composé de 2, 4, 5, 8 notes d'égale valeur, il forme une exception appelée *olet*. De là, *duolet*, *quartolet*, *quintolet*, *septolet*, *octolet*, etc''..

*Olet* não entrou ainda nos diccionarios franceses, como *quialteras* não occorria ainda ha pouco nos nossos (1).

(1) Hoje encontra-se no Novo Diccionario do snr. dr. Candido de Figueiredo, que na verdade consigna um grande numero de vocabulos que os outros lexicographos ainda não haviam recolhido. O nosso pequeno artigo publicado na Rev. Lus. é todavia anterior ao apparecimento d'aquelle diccionario.

***

Podem considerar-se como pertencendo a esta categoria de factos os vocabulos que, em virtude de uma confusão devida a uma tal ou qual semelhança com outros, usurparam o logar d'estes. Foi assim que nas phrases como *elle pune pelos seus*, *nós punimos pelos nossos*, que significam *elle defende os seus*, *nós defendemos os nossos*, o verbo *punir*, em razão de uma certa analogia, se apropriou das funcções do antigo verbo *punar (de pugnare)* e o expulsou da lingua, como mostrámos na Rev. Lus., vol. VII. Do mesmo modo o verbo francês *voler* (voar) tomou a accepção de *roubar*, que pertencia a *embler* (do latim *involare)*, e fez desapparecer este desde o fim do seculo XVI.

JULIO MOREIRA.


COMPANHIA AMERICA FABRIL

FABRICAS

CRUZEIRO, BOMFIM, MAVILIS E PAU-GRANDE

Fiação e tecelagem de algodão,
estamparia e tinturaria de pannos lisos e trançados

ESCRIPTORIO CENTRAL E DEPOSITO

193, RUA DA QUITANDA, 193

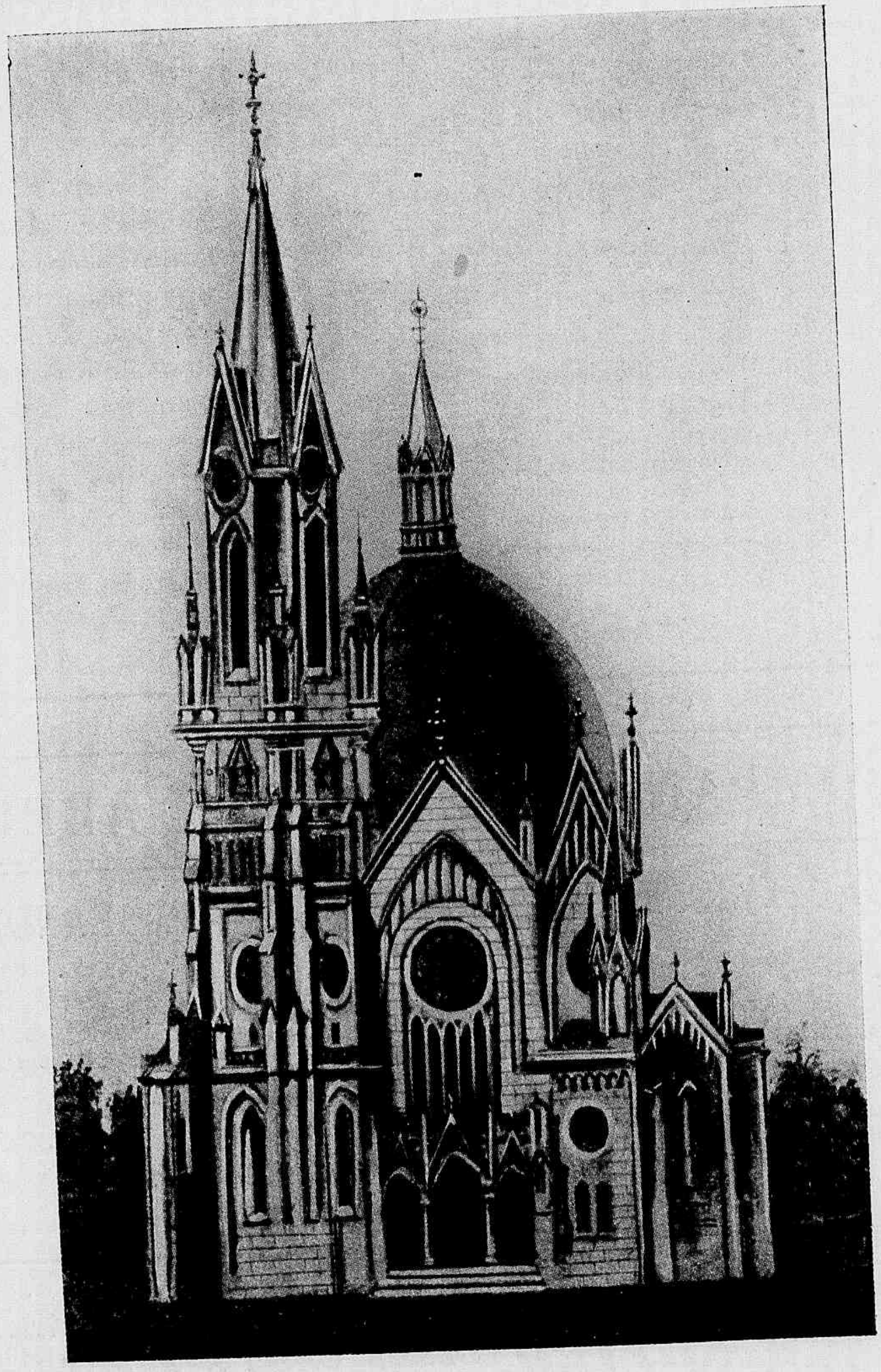
PIANOS RITTER

Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes.

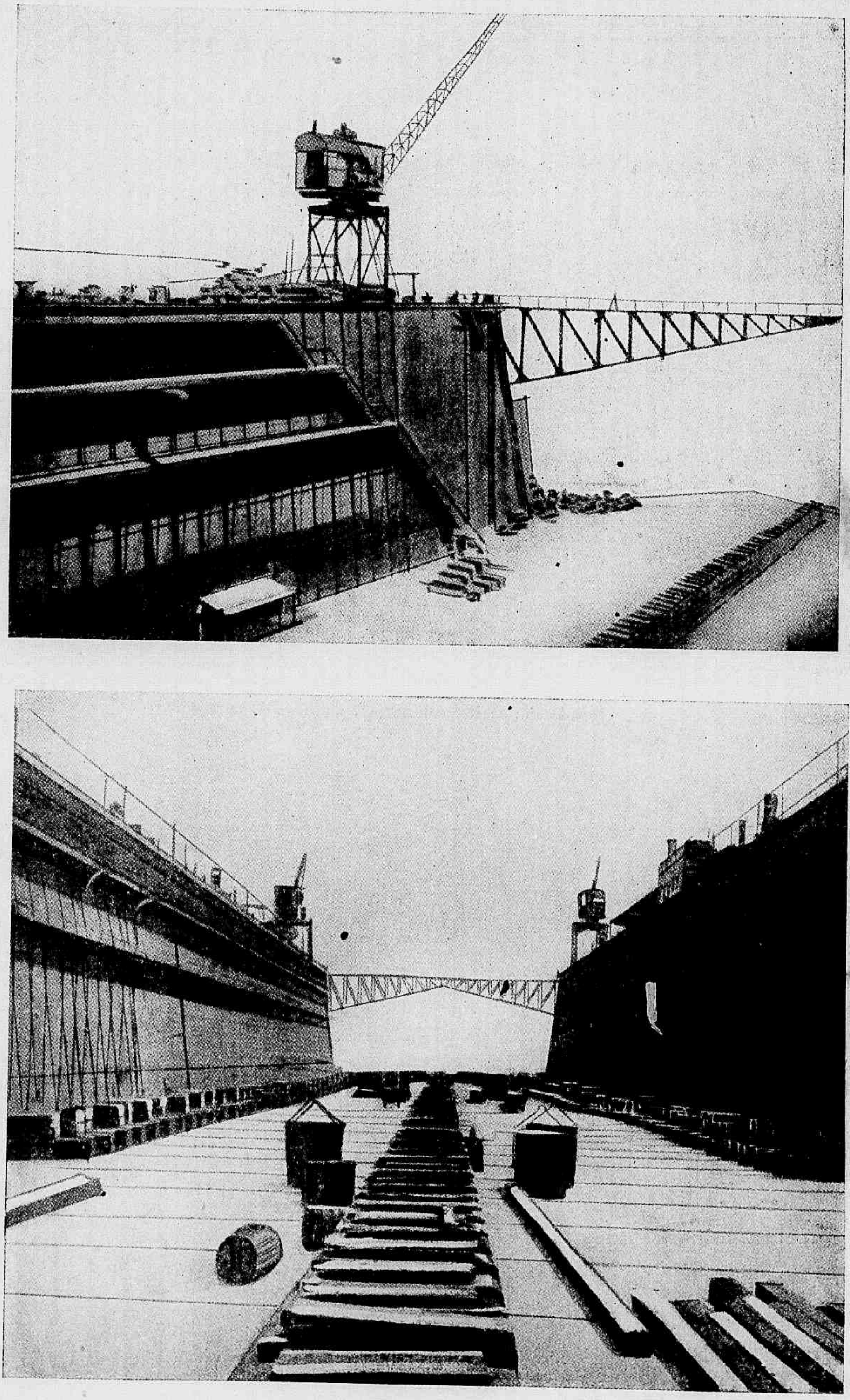
CLUBS CASA STANDARD,
93, Ouvidor, 95, RIO.

# ILLUSTRAÇÕES DOCUMENTAES

N'estas illustrações de actualidades damos alguns aspectos interessantes : o Pavilhão do Brasil na ultima *Exposição de Bruxellas*, o plano de fachada para outro nosso pavilhão na *Exposição de Turim*

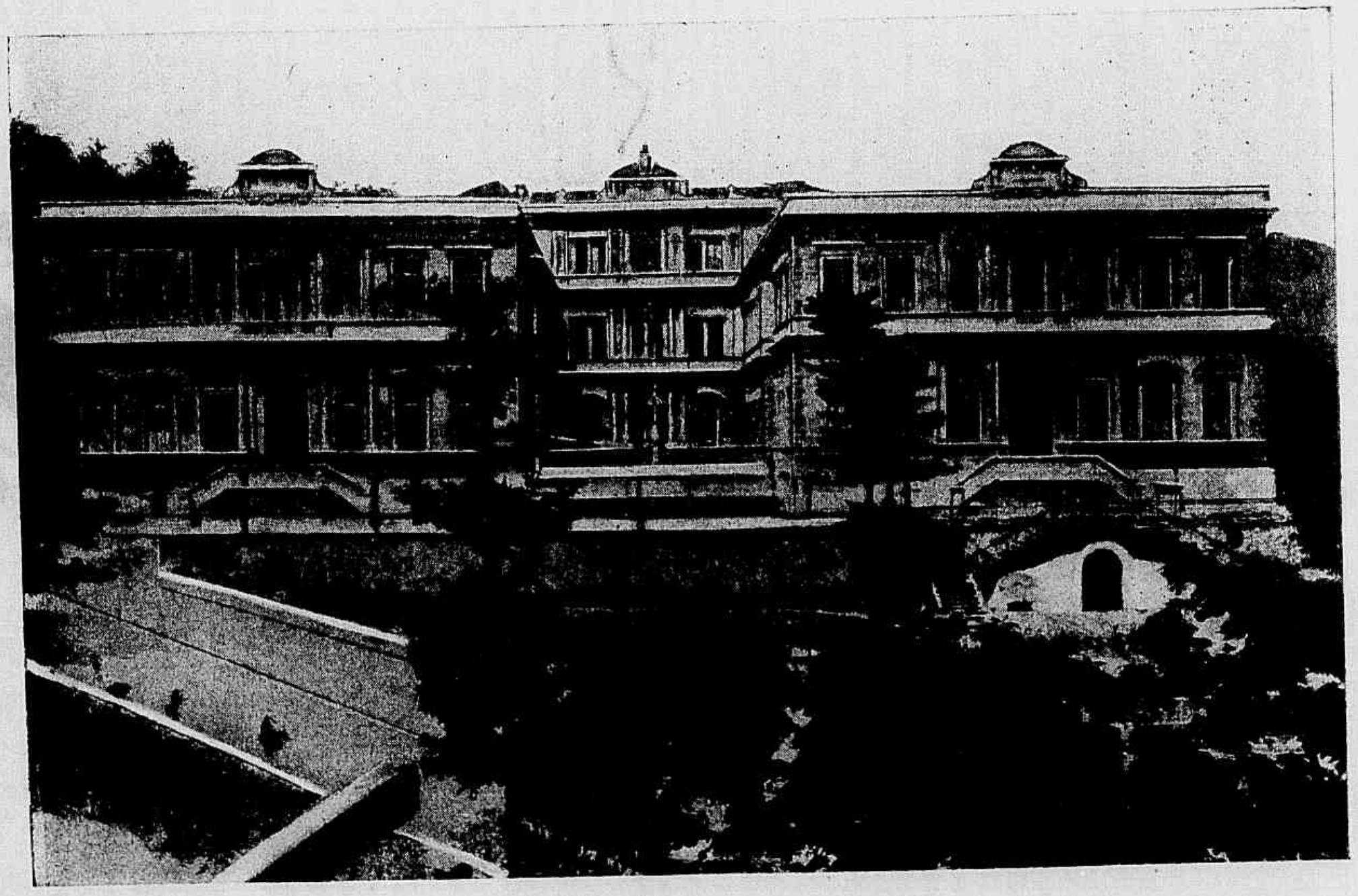


A nova Matriz de Santos.

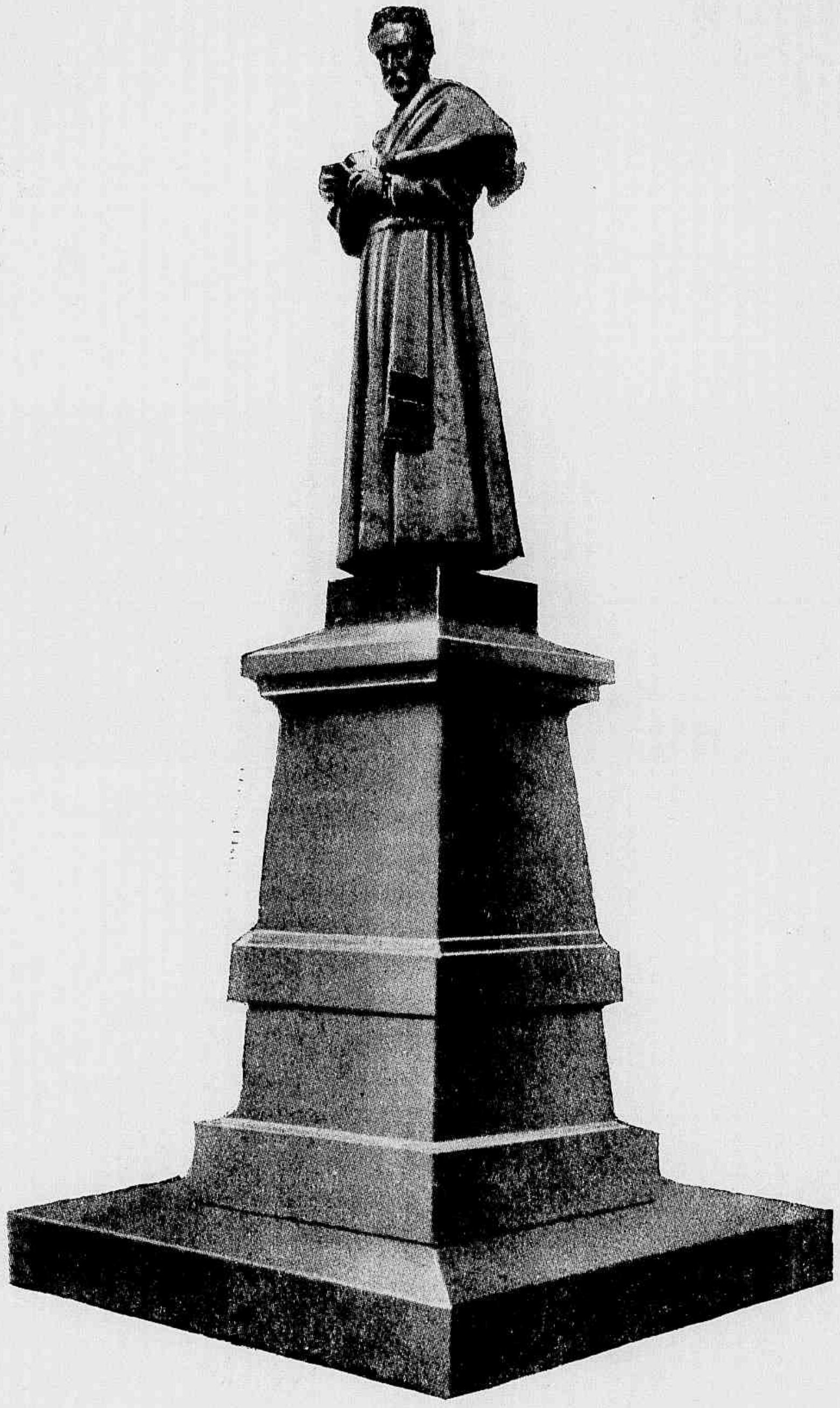


O Dique fluctuante dos *dreadnoughts* brasileiros.

Residencia de um colono (sul do Brazil).



Rio. — Casa dos Expostos.

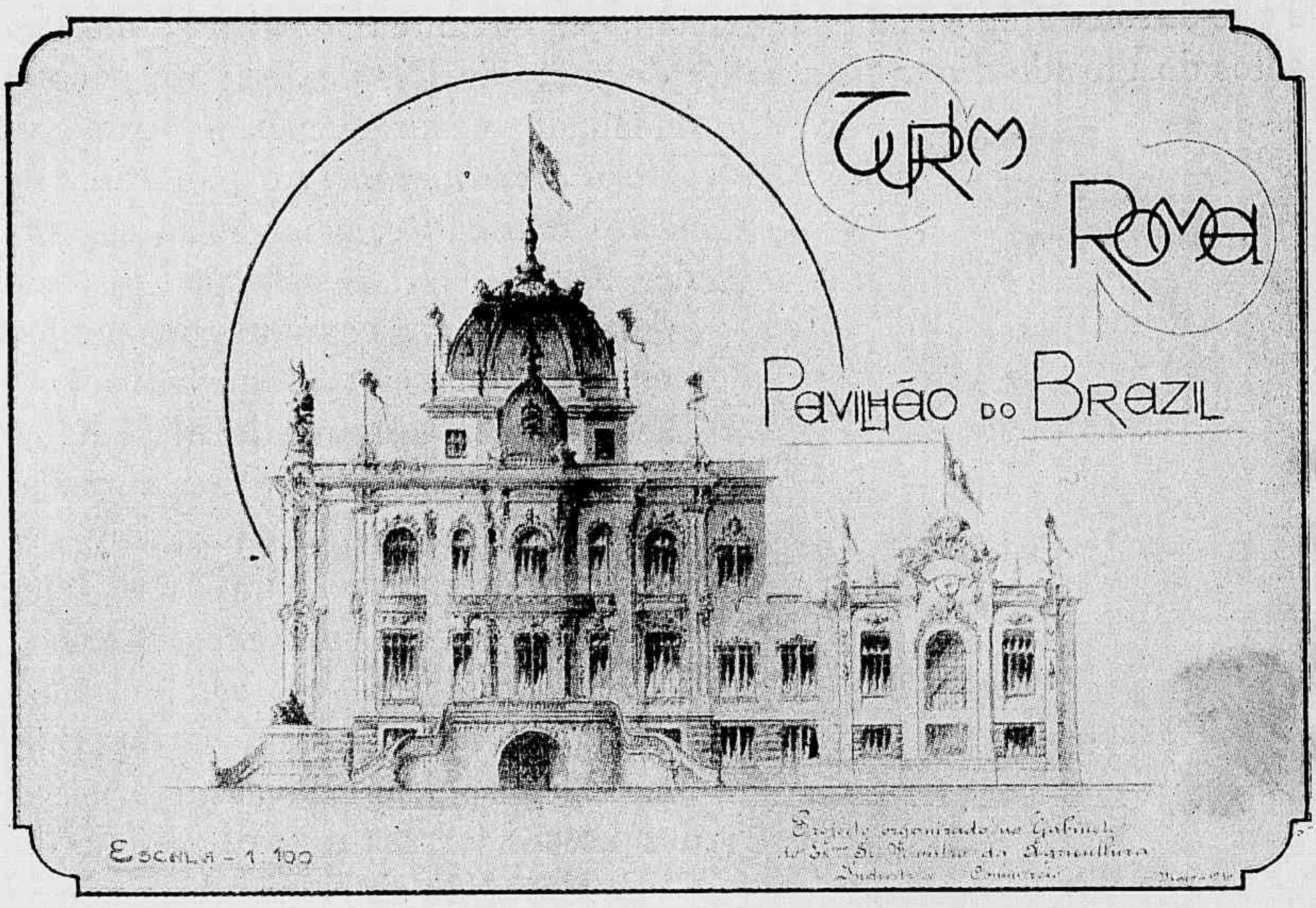


A estatua de Francisco de Castro.

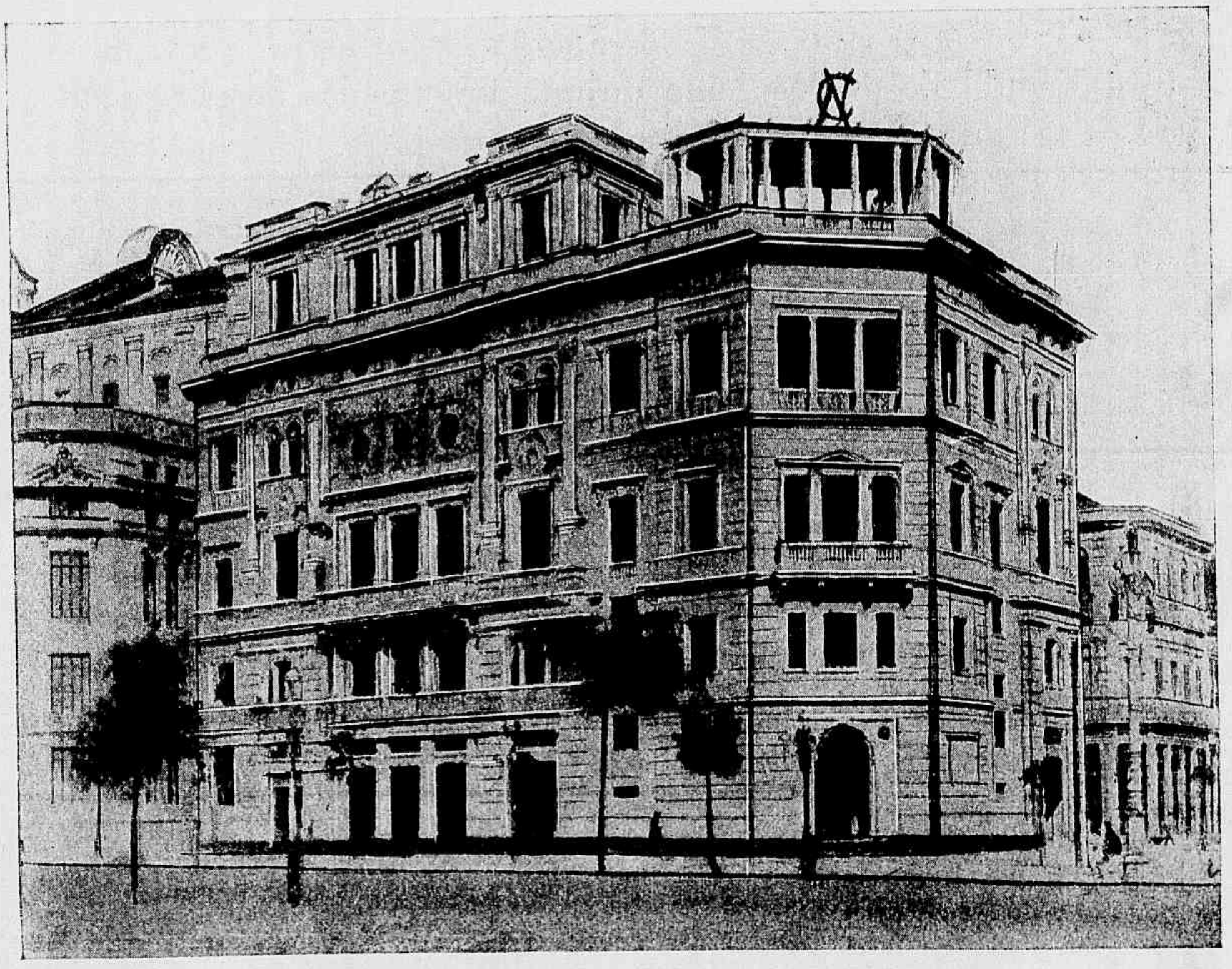

# BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

Exposição de Bruxellas. — Pavilhão do Brazil.




**Exposição de Turim. — Pavilhão do Brazil.**



Rio. — **Club Naval.**

de que daremos mais ampla documentação no annuario futuro; dois aspectos do grande *dique fluctuante* do porto do Rio de Janeiro, encommendado especialmente para os nossos *dreadnoughts;* o panorama de *Bello Horizonte*, a moderna capital de Minas Geraes da qual se fala n'este momento como um dos pontos possiveis ou não improvaveis no caso de escolha de um local já habitado, para onde se realise a transferencia da capital do paiz; projecto e aspiração que de tempos a tempos apparece e reapparece, sem exito; a *residencia de um colono abastado* das nossos colonias do Sul, magnifica paizagem caracteristica dos nossas terras; o novo edificio do *Club Naval* de singelas e bellissimas linhas architectonicas; a nova Matriz da cidade de Santos, templo elegante e moderno; a estatua de Francisco de Castro, erigida em frente á Faculdade de Medicina de que foi um dos luzeiros, homenagem de seus discipulos e admiradores.

Irmã Guilhempey, superiora.

Têm teus olhos tanto brilho,
tanta luz, tanta alegria
que vendo-os de noite penso,
dealvar, romper o dia...

Fiquei ceguinho, sem vista,
sómente de olhar para ti;
vê que fizeram teus olhos,
de tanto que nelles li!...


# AGUA INGLEZA DE GRANADO

Approvada pela Directoria Geral de Saúde Publica

**GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908**

TONICA, ANTI-FEBRIL E APERITIVA

*Receitada pela maioria dos Snrs Medicos*

**GRANADO & Cia**

Rua 1° de Março n°s 16-18

RIO DE JANEIRO

# HOSPEDES ILLUSTRES

Tivemos numerosos hospedes n'este anno de 1910 que foi tambem o do glorioso centennario da independencia argentina.

Assim passaram pelo Brasil e aqui se detiveram um pouco o Embaixador Martini, o professor Pozzi de Paris, o criminalista Enrico Ferri, o celebre inventor da telegraphia sem fios Marconi, o grande parlamentar o politico G. Clemenceau, o eloquentissimo orador sagrado Gaffre, os professores Bertarelli e Pietro Castellino, o jornalista J. Huret.

Alguns capitalistas americanos A. Dyer, S. Story e dezenas de outros visitaram-nos com o prospecto de grandes negocios (V^e^ *notas estatisticas*, etc).

E ainda assim esquecemos o maior numero talvez, tantos foram os que nos visitaram.

São dignos de especial registro dois hospedes que ainda gozam de mais demorada hospitalidade : o explorador famoso do Thibet SAVAGE LANDOR que tanto encantou a sociedade carioca e que vae explorar a região do Araguaya e pecorrer no paralello 11^e^ o territorio que vae d'este rio ao Mamoré, inteiramente invio e não explorado, com o auxilio do nosso governo que se interessa pelos resultados d'essa exploração scientifica.

DR. SAENZ PEÑA.

Outro explorador da região do Araguaya o sñr KISSENBERTH ainda se acha (1911, fevereiro) entre nós, tendo já realizado o estudo de grande parte da bacia superior do Araguaya. Os resultados d'estes dois ousados exploradores deixarão, sem duvida, bem conhecidos os recur-

**CLUBS DA CASA STANDARD,** ***Ouvidor, 93-95, RIO.***

***Vendas a Prestações sem Augmento de Preço.***

sos e as probabilidados de utilização economica d'aquellas immensas terras ainda virgens da civilisação e apenas percorridas por tribus de selvagens. Alguma coisa se encontra no texto d'este annuario, sobre este assumpto.

A visita e o hospede mais importante do anno de 1910 foi a do Presidente da Republica Argentina o Dr Roque Saenz Peña, nobre especimen de homem, politico, parlamentar, advogado, soldado e patriota, diplomata por excellencia que n'um momento de difficuldades veiu ao Brasil para testemunhar-nos a estima da nação visinha e desfazer intrigas jornalisticas pelas quaes já se ia corrompendo a cordialidade dos povos visinhos e tornando impossivel, sequer, a boa cortezia entre elles. Escriptor brilhante e eloquente orador, o Dr Saenz Peña deixou-nos uma phraze que foi muito repetida e devia symbolizar á infinita possibilidade da união dos dois povos : *Todo nos une y nada nos separa.*

O Barão do Rio Branco, nosso ministro do Exterior, recebeu o nosso hospede com grande magnificencia e preparou-lhe grandes festas nas quaes soube com o seu fino tacto interessar todo o povo. O Dr Saenz Peña e a sua illustre familia occuparam o Palacete de Guanabara que havia sido reconstruido para receber o rei D. Carlos de Portugal; e deixaram as saudades e a estima de toda a sociedade brasileira, que n'elle considera o indestructivel amigo do Brasil.

---

Os olhos dos namorados;
são como cartas fechadas,
que só lêem sem abrir
os olhos das namoradas

---


# CUNHA, CALDEIRA E C.

*Tecidos Nacionaes*

IMPORTAÇÃO DE FAZENDAS

CAIXA POSTAL 736
Endereço telegraphico CUCAL
**Telephone 575**

*Rua Theophilo Ottoni, 43-45*
RIO DE JANEIRO

# FLOREAL

No certamen poetico de 1911, a commissão de juizes discretamente e com bom gosto declarou que, alem da poesia premiada, seria conveniente publicar os sonetos que ella julgou valiosos e dignos da apreciação mais geral e mais vasta do publico.

Aqui obedecemos ao excellente e liberal conselho, editando *sob os pseudonymos* os sonetos indicados, ao acaso e sem ordem ou precedencia que não houve.

Poder-se-á assim fazer util confronto.

## A QUEIMADA

(*Carlos da Mata*

O incendio aqui passou. Aqui, a erva rasteira
Lambeu ; alli, crescendo, arremessou-se ao arbusto,
Calcinou-o, torceu-o, e já sem força, a custo,
Vasquejando, a subir, num anceio, á maneira

Da serpe, só mordeu o páu d'arco robusto...
E este, amigo, a derrear a cupula altaneira,
Parece ouvir, em baixo o queixume da poeira,
E a magua do arvoredo, inda a tremer de susto.

No chão, uma ave... Perto, embora o esforço dobre,
Espoja-se um reptil. A brasa reverbera...
De um sudario de cinza a mata erma se cobre.

E nem um' asa no ar, nem um rumor de festa !
E o rio a rolar cavo, entre giestas e a hera,
Parece o enorme pranto amargo da floresta...

BEBAM CAXAMBÚ
*A soberana das aguas de meza.*

## PREMIO DE AMOR

(*Angelus*)

« — Se tû alma a minh'alma, anciosa, almeja,
« Vai : as entranhas do mar desce, e quero
« Perolas. Dellas e rubis, a esmero,
« Desejo, ufana, que enfeitada seja. — »

E o sonhador foi. Na galera andeja,
Explora terras, corre o mar severo...
Annos passam... E a dama, qual outra Hero,
Na praia, um dia, vê que a vela alveja.

E ella o esperava, arfando, com receio...
Mas subito ouvindo : « — Estas joias sagre-m'as ! — »
Correu-lhe ao encontro, e recuou exangue :

Que elle, arquejando, lhe atirava ao seio
Todo um collar de perolas de lagrimas,
E um rubro jorro de rubis de sangue !

***

## PROFISSÃO DE ARTISTA

(*Lino Candea*)

No cárcere maldito onde se apprehende a rima
Para se erguêl-a pura ao marmore do verso !
Invoque-se da lucta a dor que mais opprima
E a mais robusta fé na qual se viva immerso.

Firme role o cinzel, voraz amolgue a lima
A curva esculptural do desenho submerso ;
Brilhe e surja do blóco impollúto a obra prima
Rubro poema de luz na Noite do Universo.

Palpe, alize, retoque : e, agora, mais tranquillo
O denodado obreiro — artifice do Sonho !
Descance a contemplar seu deslumbrante estylo.

E sonhe a perfeição, e a perfeição lhe côrra !
Então, louco de Dôr, sarcastico, medonho,
Bravêje e ruja e trema, empallideça e môrra.

## O ROCHEDO

(*Bastiolla*)

Titão perdido na amplidão dos mares
Das vagas empoladas combatido,
Erguia-se o rochedo carcomido
— Erecto e firme — devassando os ares.

Pareceu-me um proscripto de seus lares
Pela injustiça a mais cruel banido !
E então pensei : « Quem sabe si-ferido —
O rochedo infeliz não tem pezares ? ! »

E contemplando-o, mudo e pensativo,
Como que vi, nas faces do rochedo,
Rolar o pranto como o sangue vivo !

O homem n'este mundo é qual penedo :
Vive algemado !... E — Prometheu captivo —
A's vezes, a gemer, chora em segredo !

***

## ASPIRAÇÃO

(*L. Cisneros*)

Nésta lucta brutal, vencida palmo a palmo,
Com venustez e ardor eu, homem, sou inerme !
Muito mais fraco e vil que um asqueroso verme
No lôdo a estremecer por milagroso ensalmo.

Tenho dentro da Carne e na aridez da derme
O virus que me fez morbidamente calmo ;
Assim, á minha vida é liturgico psalmo,
E eu jamais passarei de improductivo germe.

Quero passar a vida em debochada incuria
No fundo mais hostil do mais nojento charco
Onde cante bem alto o bardo da penuria !

Assim, quero viver, qual serpe foragida
De rojo pelo chão, — mui cauteloso e parco,
Como vêsgo reptil na saturnal da Vida.

REX
REX
REX
***pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança póde tocal-a***
CLUBS, CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.

## SEI LÁ

(*Lucio Trigueiro*)

Podesse eu ver, de longe, o rosto, o teu semblante,
A purpurina flôr d'essa pequena bocca !
E eu nunca que julgára esta alegria pouca,
Nem triste este viver atroz e lancinante.

A Incerteza, porém, é vento que destouca
A grinalda infantil de nosso amor constante !
Empecilho fatal, ferrenho, exuberante,
Que faz perder a Fé e faz a mente louca.

Nem eu sei te dizer o quanto tem soffrido
Sorrindo, o coração que teu olhar supplanta,
E, que por ti, tão só, palpita enternecido !

Nem eu sei te dizer da força d'este Amôr :
Que chóra, se exaspera e me tortura, Santa !
Lucta, geme, supplica e me endoudece, Flôr.

***

## NOITE NO AMAZONAS

(*Lucio Frigneiro*)

Noite calma. O luar esplende pelo Espaço :
Na matta virgem nem uma folha se agita !
O Rio é uma serpe, uma monstruosa fita.
Com fagulhas de luz e scintillações de aço.

Sôb o brumoso ceo, na abobada infinita,
A Lua Nova estende o luminoso traço ;
Repousa a Natureza abrindo o amplo regaço
Que freme, que reluz, que estala, que palpita.

Em tudo, a Solidão — no lago e na floresta :
No rio, hirto a sonhar, vê-se um velho tapuia
Ultimo que, ainda, ali, da heroica tribu resta !

Brame o trovão na Noite. Ergue-se a agua fremente
A Floresta esbravêja e, ao longe, « *de bubúia* »
Desce, um barco ao luar, silenciosamente...

## BÔCCA DO AMAZONAS

(*Lopo Cisneros*)

Esplendido e faiscante o rubro sol dardeja
Em meio a vastidão da selva modorrenta ;
O Amazonas rebrame, o velho mar braveja,
Qual açaimado leão de fauce escumarenta.

No Ceo, no claro azul, qual aza de narceja,
Negra, surde a procella ameaçadora e lenta !
A Floresta estremece, o vendaval arqueja »
No lago, a sucury « esturra » somnolenta.

Qual rouca vibração de indomito azorrague,
O velho cedro rúe abrindo enorme gruta,
Garra descommunal que o proprio Mundo esmague !

Depois, entre o marulho, entre o vozear insano,
Eis : rispido e brutal na gigantesca lucta
O Rio apunhalando o coração do Oceano.

***

## JEZUS

(*Lino Candea*)

Quem diz que não soffreu ? Tambem quem não foi Christo ?
Quem não conhece a Cruz sangrenta do Calvario ?
No Commercio do Mundo ignobil, torpe e vario
Quem não conhece o Mal da Mágua e do Imprevisto ?

Soffre na terra o pobre, e mais soffre o argentario ;
Todos têm n'esta Vida um lugubre registo...
Ha lagrimas e fel no afervorado mixto
Da Súpplica, da Fé, do iniquo Passionario.

Uns soffrem por mulher ingrata, dissoluta ;
Outros por tal desejo ; outros por gôzo immundo ;
Outros por douda Inveja ou por vaidade bruta !

Jezus ! vêde Jezus, do Homem, a náo perdida !...
Por toda parte olhai, por este velho Mundo,
Todos sobem, Senhor, o Gólgotha da Vida.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

## AZAS

(*Carmen Floresta*)

Para fugir ao pantano medonho
Desta vida de lama e de miseria,
Ascendo, ás vezes, á região sideria,
Ruflando as asas pálpitas do sonho.

Subo, exúl, como um passaro risonho,
Livre, emfim, do casúlo da materia !
E alma, se alando, vaporosa e aerea
Vae-se do mundo insipido e tristonho...

No alto, as asas vibrando attinjo o espaço
E com os astros confundida, pelas
Espheras de oiro, o mesmo cyclo traço,

E poiso, longe das brutaes paixões,
No seio carinhoso das estrellas,
Ao claro brilho das constellações !

***

## PEREGRINO

(*Jannaté*

Peregrino do Bem — eia, alça e prende o manto,
Dos cothurnos sacode o pó, e pára : a estrada
E' longa. Cedo vieste, e a lua já, no emtanto,
Semeia do luar triste a poeira doirada.

Descança. Longe é o pouso. O teu idéal é santo...
Vê : montanhas de luz as nuvens são ; alada
Tua alma talvez entre ellas a sombra amada
E' que acharás do valle, a que ambicionas tanto.

Mas vê : é noite. Aqui, neste Castello Antigo,
Coberto de hera, escuro, ermo entre alamos, fiques.
Entra-o. A adaga depõe e o amplo sombrero amigo...

Não te entristeça o aspecto agonico, oscillante :
Pois póde succeder que em sonho o reedifiques,
E o vejas, como outr'ora, em festas, deslumbrante...

## IGNOTA DEA

(*Lidio Caramurú*)

Do Mar na profundez, no esconso antro da vaga
Com nymphas e tritões, entre syrtes e escólhos,
Mora n'um búzio azul que a maresia alaga
Sua Alteza imperial — a Deusa de meus olhos.

Noite cheia de luz. Semelha enorme chaga
Sangrando, a Lua ; deslisa a onda entre mólhos
De asterias e coraes, emquanto a espuma affaga,
D'aquella Deusa equórea, os roçagantes fólhos...

Surge uma vela ao luar ; um trillo de sirene
Canta dentro da Noite o canto chão solemne
Da Morte, do Naufragio e dos baixeis e brumas !

Vaga que gema e passe e se encrespe e palpite.
Retorna. Ruge o austral e, á flôr d'agua, Aphrodite,
Surde das ondas, nua, entre golphins e espumas.

***

## NA FLORESTA

(*Rodrigo*)

Vê e scisma : é a floresta um sabbat. Gnomos, dentre
O arvoredo, uivam. Bufa, atro, o vento e assobia...
Corre, múrmura, a fonte, e, ampla, a vida irradia
Desde o remigio da asa ao rastejar do ventre.

Quem remorsos tiver a floresta não entre :
Cada sombra é um olhar que allucinado espia,
E ha um dedo, apontando, e uma alma erradia,
Que conturba o semblante a quem nella se adentre.

Vê : a arvore é o valor ; mas é a vil parasita
Cauta inveja osculante, a enramar-se-lhe a pino,
Num esforço supremo, e com astucia infinita,

Que, subindo, a garrir, aponta a flor aos ares...
E é sómente para ella o orvalho diamantino,
Para ella unicamente, o clarão dos luares...

**SMITH VISIVEL,** *a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.*

**Clubs Casa Standard.**

## PALCO DE FEIRA

(*Dom Raphael*)

Severo, entre erma ruina, a solevar-se, duro
O aspecto ante o esplendor do sol e a luz dos luares,
Levanta-se musgoso a pique, um velho muro,
Cavado aqui e alli de sulcos singulares.

E atrás dessa parede austera, a meio escuro,
Sordido, todo um povo esgana-se em alvares
Gargalhadas, o gesto ebrio applaudindo, impuro,
De um hydropico histrião, a refinar esgares...

Tu, que pela existencia, assim, do rosto o aspeito
Conservas num desdém a todos os momentos,
E's como aquelle muro, a arrogar-te ao respeito :

Que na consciencia, atrás dessa mascara fria,
Entre o amplo gargalhar dos teus maus pensamentos,
Pula o palhaço alvar da torva hypocrisia.

---

## EPIGRAMMA.

Becker, author allemão, foi um homem feissimo, e ousou negar a existencia de Satanaz no seu *Mundo Encantado*.

Outro escriptor aproveitou-se d'esta circumstancia, e fez-lhe o seguinte epigramma :

Oui par toi de Satan la puissance est brisée;
Mais tu n'as cependant pas encore assez fait!
Pour nous ôter du diable entièrement l'idée,
Becker, supprime ton portrait.

---

SANTOS MOREIRA E C^IA

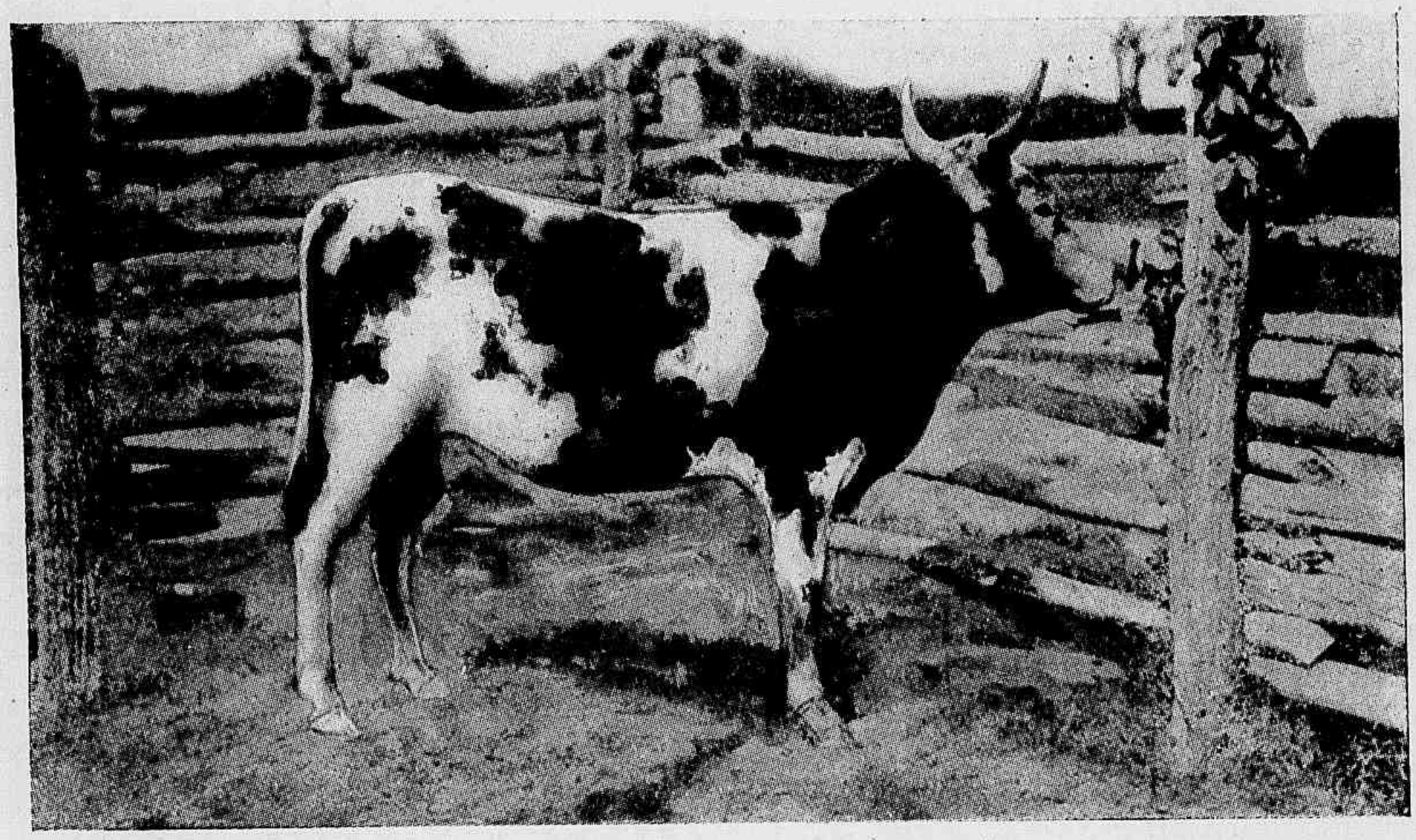
FAZENDAS E ROUPAS FEITAS POR ATACADO

COMMISSARIOS DE CAFÉ E MAIS GENEROS DO PAIZ

*Rua Visconde Inhauma, 38* Caixa 823, Endereço-Santorio

RIO DE JANEIRO

# INDUSTRIA PASTORIL EM MATO GROSSO



Touro de Pantanal. Cruzamento de china com pantaneiro.

Touro pantaneiro seleccionado (Carucú).

# NOTAS

## Oliveira Lima.

« O Sr. Oliveira Lima (diz uma folha européa), o illustre diplomata e academico brasileiro que aceitou a incumbencia de fazer no decorrer do mez proximo um curso na Sorbonne sobre a « formação historica da nacionalidade brasileira », virá a Pariz no dia 4 assistir á assembléa dos professores da Universidade. O Sr. L. Liard, Vice-Reitor da Universidade de Pariz, escreveu-lhe a esse proposito : « Já que a Universidade de Pariz terá este anno a dita de contar-vos entre os seus professores... » Equivalem estas palavras a dizer que a cadeira de estudos brasileiros faz d'ora avante parte integrante dos cursos da Universidade de Pariz.

Estará o Sr. Oliveira Lima destinado a tornar-se um dia professor ? Tem-se direito a acredital-o á vista da pergunta que acaba de formular-lhe o Vice-Presidente da grande Universidade de Leland Stranford, de São Francisco da California.

O Vice-Presidente dessa Universidade sondou com effeito o Sr. Oliveira Lima acerca da sua eventual aceitação do cargo de professor de historia da America Latina no referido estabelecimento.

Tal convite faz a maior honra ao Sr. Oliveira Lima e prova que os Americanos do Norte não nutrem prevenção alguma contra o eminente escriptor brasileiro por haver occasionalmente defendido, com tanto ardor quanta eloquencia, a causa da America Latina nas suas relações com a America do Norte. »

***

## Consiglieri Pedroso.

A 4 de setembro de 1910 falleceu em Lisboa o notavel escriptor, presidente da sociedade de Geographia, CONSIGLIERI PEDROSO, grande amigo do Brasil ; foi elle um dos promotores do accordo *luso-brasileiro* e entre nós a noticia da sua morte foi sinceramente recebida com grandes manifestações de pesar.

Este illustre publicista e professor foi uma das glorias do magisterio portuguez. Nascido em Lisboa a 10 de março de 1852, ali fez toda a sua carreira que é das mais brilhantes. Foi deputado, duas vezes, por Lisboa em 1887 e 1890. A lista das suas obras é numerosa : Compendio de Historia Universal, Manual de Historia Universal, A Constituição da familia primitiva, Estudos de mythologia portugueza, Mythologia popular portugueza, Ensaios criticos, Portuguese Folk Tales (inglez), Contos populares portuguezes, De quelques formes du mariage populaire en Portugal, Contribuições para um cancioneiro popular portuguez, Propaganda democratica, (quatro volumes), Compendio da historia dos povos orientaes, Evolução historica do commercio universal, D. Quixote, de Cervantes e as « Almas mortas », de Gogol, Influencia dos descobridores portuguezes na historia da civilização, O accordo luso-brasileiro, Alexandre Herculano como historiador, Discursos parlamentares, etc., etc.

***

## Boscaiuola.

Boscaiuola é o nome de uma nova opera brasileira do componista João Gomes Junior.

Foi representada na sua *première* no Polytheama de S. Paulo em julho de 1910, com exito. O assumpto prende-se a tradições populares nossas das festas do São João.

O joven maestro já havia escripto a *Foscarina* que era uma risonha promessa e a *Boscaiuola* representa já grandes progressos.

***

## Concursos litterarios.

O contracto do Theatro Municipal com o emprezario G. da Rosa foi rescindido, sendo por isso prejudicada a effectividade dos premios literarios a que nos referimos em outras paginas do *Almanaque*.

Ao mesmo tempo foi instituido por Eugenio de Lemos um premio annual de 500$000 reis ao melhor romance publicado durante o anno, a partir de 1911, ao que nos parece. A' redacção da *Noticia* cabe o encargo de escolher os juizes. Não temos senão palavras de louvor para essa iniciativa.

***

## Malazarte.

Assim se denomina a tragedia symbolica de Graça Aranha, fundada cremos na lenda de Pedro Malazarte, do *folk lore* brasileiro e europeu.

Representada em Paris, d'ahi nos chegam noticias criticas cujo valor não podemos avaliar por desconhecermos a obra do nosso festejado academico.

***

## Ramalho Ortigão.

Recomeçou, com o anno de 1911, a collaborar na *Gazeta de Noticias*, o famoso auctor das *Farpas*. N'esta sua nova phase ninguem melhor o definiu que o nosso inimitavel pensador Gama Rosa que o recebeu com esta nota volante na imprensa diaria.

Consta de jornaes portuguezes que por occasião da proclamação da Republica, Ramalho Ortigão immediatamente demittiu-se do cargo de director de uma bibliotheca publica, manifestando-se intransigente, em attender as justificadas e reiteradas instancias de Theophilo Braga e mais membros do governo provisorio.

Em paiz, como nosso Brasil, profuso em adhesões sofregas, o facto encerra saliente nobresa, maxime sabendo-se não ser abastado o glorioso autor da « A Hollanda », como, aliás, succede invariavelmente a todos os escriptores d'aquem e d'além mar.

Entretanto, ao facto absolutamente glorificante, falta o merecimento de ser logico...

Ninguem mais do que Ramalho Ortigão cooperou para o advento da Republica...

« As Farpas » constituem o mais tremendo e perduravel libello e a mais implacavel devassa, contra a sociedade portugueza e o governo, durante a monarchia.

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

As revoluções não se operam sómente por esforços impulsivos de executores immediatos, mas, especialmente, pela acção persistente de influencias dissolventes accumuladas.

A Revolução Franceza foi eclosão longamente preparada pelos «Encyclopedistas», renovando universalmente as idéas em França e na Europa e demolindo, inexoravelmente, tudo, quanto, na época, existia de respeitavel e respeitado.

Nesse sentido, os «Encyclopedistas», em Portugal, foram a pleiade de brilhantes escriptores que assumiram a gigantesca tarefa de crear o «Portugal Moderno», entre os quaes occupa logar conspicuo Ramalho Ortigão, a par de Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Anthero do Quental, Guilherme de Azevedo, Fialho de Almeida, Domingos Tarrozo e demais renovadores da mentalidade lusitana, — cada um segundo peculiares meios de acção.

E' muito commum, nos proceres das revoluções não reconhecerem a propria obra, e até mesmo, vehementemente repudial-a.

A' critica historica cumpre, porém, distribuir, com imparcialidade, as respectivas responsabilidades.

A Republica no Brasil não teve «Encyclopedistas», mesmo porque foi tenue e intermittente a propaganda resolvendo-se tudo por um golpe militar, em monarchia acephala ante situação totalmente abandonada, não encontrando solução, sinão na transformação das instituições.

Salientemente, entretanto, os adversarios mais intransigentes da Republica, foram os que mais accentuadamente concorreram para a quéda da monarchia, representados, principalmente, por Andrade Figueira e Ferreira Vianna, ambos acompanhando, em vida publica de meio seculo, a politica nacional, demolindo-a, dia a dia, com criticas acerbas, — o primeiro, mediante analyses rigoristas de Catão juridico, — e o segundo, com eloquencia sarcastica de frade idealista, a Antonio Vieira, — échoando taes dissenções persistentes, em todos os pontos do paiz.

Os revolucionarios são tão sómente «executores» de obra tenazmente realizada através dos tempos, construindo sobre ruinas de instituições mortas, alguma cousa que venha substituir o que já não existe.»

(Gama Rosa.)

— X —

MAISON

**Charles Schmitt**

CABELLEIREIRO ESPECIAL PARA SENHORAS

Premiado nas Exposições do Brazil em 1878 e 1880

DEPOSITO DE PERFUMARIAS

*49, Rua de Gonçalves Dias.* — RIO DE JANEIRO

# NOTAS ESTATISTICAS E ECONOMICAS

## Navegação do Amazonas.

São já muito numerosas as flotilhas, de barcos e vapores que sulcam o Amazonas e a sua rede fluvial ; mas faltam-lhes regularidade e regulamentação economica e pratica, mormente nas linhas dependentes do governo.

Para os rios de maior desenvolvimento commercial, o Purús e o Madeira, existe uma linha de navegação subvencionada, pelo Governo Federal, mas os vapores da *The Amazon Steam Navigation Compagny, Limited*, têm como ponto inicial de partida a cidade de Belém do Pará e já chegam a esta Capital sem praça para o recebimento de cargas para o interior. Muitos vapores particulares sobem tambem esses rios, mas taes vapores movem-se consoante os interesses dos seus proprietarios.

Dahi, a irregularidade da navegação e os prejuizos que advêm da falta de dias certos, para a sahida e chegda dos navios. Accresce que, na linha do Purús, conforme o respectivo contrato, as tabellas de fretes e passagens, apenas vigoram até Iutanaham ; dahi para cima, são os fretes cobrados *ad libitum* da Companhia do Amazonas acontecendo muitas vezes serem elles superiores ao valor da mercadoria!

Tambem o Solimões tem uma linha subvencionada, cujo ponto terminal é Iquitos, no Peru', mas, como as outras, parte do Pará e participa, consequentemente, dos mesmos prejuizos.

A unica, que, subvencionada pelo Governo Federal, tem sua séde em Manáos, é a do rio Negro.

Faz, porém, uma só viagem regular, por mez, o que não basta para que esse rio, que foi o mais commercial do Amazonas, readquira a sua antiga importancia.

E não é só para os rios indicados que convem ter viagens certas. Tambem, os demais e, em particular o Juruá, que já possue um grande commercio.

O governo trata intelligentemente de remediar todos estes inconvenientes do momento.

* * *

## Brasil e Argentina.

Em bella e util conferencia do Dr. Cotrim, tivemos o ensejo de ouvir o testemunho imparcial de um brasileiro que verificou de *visu* os assombrosos progressos da Argentina que deve ser para nós um exemplo e modelo de imitação. O Dr. Cotrim fez um relato circumstanciado dos systemas empregados na Argentina para o desenvolvimento das povoações e augmento da população, citando a opinião que sobre o assumpto exprimiu Mr. Robert P. Porter, membro da redacção do « Times », de Londres, em entrevista concedida ao jornal « La Nacion », em setembro ultimo. Mr. Porter chega a affirmar poder ser a Argentina, em um futuro relativamente proximo, o fornecedor

**A casa VACHERON e CONSTANTIN,** de GENEVE, tem 123 annos.

**Unico representante no Brasil: Casa STANDARD.**

alimenticio da Europa e até mesmo dos Estados Unidos.

Tomando como base a opinião de Mr. Porter, o illustre conferencista mostra como de facto na Argentina são perfeitamente distinctas as actividades urbanas e ruraes. Ao grande movimento commercial de Buenos Aires não correspondem os movimentos de trabalhos ruraes, que só se intensificam na occasião das colheitas.

Entre nós, felizmente, se observam as condições que Mr. Porter julga indispensaveis á vida das Republicas. Os Estados com os seus centros de população não têm a nostalgia da cidade do Rio de Janeiro. S. Paulo resolve todos os seus negocios na sua capital e no seu porto maritimo. Bahia, Pernambuco e Pará não fazem depender os seus da praça da Capital Federal e seguramente essa situação estabelece uma como que independencia economica que é, além de tudo, forte estimulante do progresso.

E' verdade que nem mesmo a nossa Capital Federal póde emparelhar com Buenos Aires, em relação á actividade commercial, á intensidade dos negocios e ao credito pessoal que parece constituir um caracteristico daquella praça.

Nesta altura, o Dr. Cotrim fez um elogio rasgado á cidade de Buenos Aires e affirma pretendermos, nós brazileiros, viver de illusões, querendo-nos convencer ás vezes de que somos grandes, porque a nossa natureza é grandiosa. Isso é um erro que vai nos deixando no extase de inercia, emquanto os nossos vizinhos vão se adiantando cada dia mais na senda do progresso.

Não póde comprehender a expansão economica de um paiz como o nosso, « essencialmente agricola », sem o augmento correspondente da producção agricola e extractiva. As nossas estatisticas, « para inglez ver », estão-nos a revelar de anno para anno essa melhoria de condições economicas e financeiras, quando a producção do paiz não corresponde ou não justifica esse expansão. A riqueza publica não se extrae do papel, com o auxilio da penna e tinta, mas sim da terra, á custa do capital e do trabalho.

E' inutil querermo-nos illudir a nós mesmos. Sem a generalização de trabalho, sem o auxilio de capitaes de modo a revolver a terra fazendo-a produzir muito e barato, não conseguiremos tomar parte no concurso industrio-commercial das nações civilizadas. »

Pode-se objectar ao Dr. Cotrim que os nossos movimentos são por fatalidade geographica, climatica e ethnica muito mais lentos; mas em compensação uma illimitada preponderancia no futuro é coisa tambem fatal quando o que é S. Paulo forem mais um tres ou quatro Estados, e não será preciso mais, da nossa federação.

Apesar d'isto, entendemos que a Argentina deve ser sempre para nós um exemplo do que não nos devemos envergonhar na imitação, não de tudo quanto ella possue, mas d'aquillo que nos convem imitar.

***

## Capital inglez na America latina

Esta estatistica publicada pelo *South American Journal* é bem expressiva :

| | TOTAES | GOVERNO | E. DE FERRO | DIVERSAS |
|---|---|---|---|---|
| | £ | £ | £ | £ |
| Argentina. . . . . | 280.732.026 | 79.880.511 | 167.014.055 | 33.837.460 |
| Mexico . . . . . | 151.336.236 | 38.721.120 | 92.007.176 | 20.607.940 |
| Brasil . . . . . | 140.246.278 | 96.146.762 | 21.298.573 | 22.800.943 |
| Chili . . . . . | 47.694.815 | 23.171.792 | 15.692.690 | 8.830.333 |
| Uruguay. . . . . | 44.691.257 | 27.151.328 | 13.044.452 | 4.495.477 |
| Cuba. . . . . | 29.027.738 | 7.360.077 | 19.738.561 | 1.929.100 |
| Perú . . . . . | 23.014.000 | — | 500.000 | 22.514.000 |
| Venezuela . . . . . | 7.148.109 | 4.652.820 | 1.520.000 | 975.289 |
| Colombia . . . . . | 5.826.976 | 2.687.800 | 2.999.176 | 140.000 |
| Costa Rica . . . . . | 5.389.600 | 2.000.000 | 3.389.600 | — |
| Honduras. . . . . | 3.143.200 | 3.143.200 | — | — |
| Equador. . . . . | 2.973.800 | 215.000 | 2.758.800 | — |
| Paraguay . . . . . | 2.814.780 | 831.850 | 1.982.930 | — |
| Salvador. . . . . | 2.321.500 | 948.800 | 1.372.700 | — |
| Guatemala . . . . . | 1.440.920 | 1.440.920 | — | — |
| Nicaragua . . . . . | 674.340 | 674.340 | — | — |
| Bancos, etc. . . . . | 18.171.457 | — | — | — |
| | 766.647.032 | 289.026.320 | 343.318.713 | 116.130.542 |

Como era de esperar, a maior parte destes 766 1/2 milhões de libras compete á Argentina, ou por outra : um terço desse grande total está empregado nesse paiz. Segue-se o Mexico, com um total de £ 151.336.236, vindo o Brasil em terceiro lugar com libras 140.246.278. O Brasil occupa, um sexto do total, approximadamente. Os outros paizes são, comparativamente, pequenos, pois que na quarta ordem vem o Chile com pouco menos de £ 48.000.000. A Bolivia é a unica Republica sul-americana que não tem capital inglez.

* * *

## Commercio externo.

Eis segundo recentes dados officiaes a proporção, verificada pelas alfandegas, que cabe aos Estados quanto ao commercio externo :

| | Export. 0/0 | Import. 0/0 |
|---|---|---|
| Amazonas . . . . . | 15,108 | 5,2 |
| Pará . . . . . | 13,153 | 8,3 |
| Maranhão . . . . . | 0,658 | 1,2 |
| Ceará. . . . . | 1,288 | 1,3 |
| Rio Grande do Norte. | 0,137 | 0,3 |
| Parahyba. . . . . | 0,534 | 0,5 |
| Pernambuco . . . . . | 1,853 | 7,1 |
| Alagôas. . . . . | 0,494 | 1,1 |
| Sergipe . . . . . | 0,049 | 0,3 |
| Bahia. . . . . | 6,439 | 4,9 |
| Espirito Santo . . . . . | 0,893 | 0,3 |
| Rio de Janeiro (Capital Federal) . . . . . | 11,227 | 37,6 |
| S. Paulo . . . . . | 42'487 | 19,2 |
| Paraná . . . . . | 1,912 | 1,3 |
| Santa Catharina. . . . . | 0,408 | 1,0 |
| Rio Grande do Sul. . . | 2,269 | 8,5 |
| Mato-Grosso . . . . . | 1,101 | 1,7 |

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

***

## Navegação fluvial em S. Paulo.

Além das suas numerosas estradas de ferro que constituem o principal da sua viação, tambem S. Paulo se utiliza dos seus rios, pouco aptos, é verdade em grande escala.

Em 31 de dezembro de 1909, estavam em trafego regular 818 kilometros de navegação fluvial a vapor, sendo 194 kilometros nos rios Tieté e Piracicaba e 624 kilometros na bacia da Ribeira de Iguape, assim discrimnados : 58 kilometros no rio Tieté, entre Porto Martins e Porto Ribeiro : 136 kilometros nos rios Tieté e Piracicaba entre Porto Martins e João Alfredo ; 144 kilometros entre Iguape e Xiririca ; 137 kilometros entre Iguape e Santo Antonio do Juquiá ; 20 kilometros entre Iguape e Sabauna ; 92 kilometros entre Iguape e Jacupiranga ; 177 kilometros entre Iguape e Prainha, e 54 kilometros entre Iguape e Itimirim (rio Una), todos estes a partir de Iguape na bacia da Ribeira.

***

## Estações radiographicas na Amazonia.

Partiu para Manaus, o Major Felix Fleury, que vai por parte do Ministerio do Interior fiscalizar o serviço da montagem das estações radio-telegraphicas nas capitaes das tres Prefeituras do Acre e commissionado igualmente pelo Ministerio da Guerra de trabalhos que interessam ao Grande Estado-Maior.

Suppõe-se até outubro de 1911 ou começos de 1912 estar concluido esse grande serviço.

A existencia actual de duas possantes estações radio-telegraphicas uma em manaus e outra em Santo Antonio do Madeira, distantes cerca de 800 kilometros, facilitando consideravelmente o problema da ligação das quatro capitaes (Manaus, Cruzeiro do Sul, Senna Madureira e Rio Branco), levou o Sr. Ministro do Interior a enfrentar seriamente a solução do mesmo problema, de capital importancia para o desenvolvimento daquella zona e que se resume na ligação das estações acreanas á de Porto Velho (Santo Antonio do Madeira), distando esta de Senna Madureira de menos de 500 kilometros e sensivelmente á mesma distancia de Cruzeiro do Sul, sendo esta igualmente afastada de Iquitos, primeira estação peruana no valle do Amazonas.

Quanto á Rio Branco, está situada a menos de 160 kilometros a S. E. E. de Senna Madureira e cerca de 400 kilometros de Porto Velho.

Em vista destas distancias e de se acharem as tres capitaes sensivelmente em uma recta, estando Senna Madureira entre as duas outras, será nesta montada uma estação intermedia entre Porto Velho e Cruzeiro do Sul, convindo notar que esta ultima poderá, sem difficuldade, communicar-se com Iquitos e, portanto, com a Capital do Perú.

A estação de Rio Branco será de pequeno alcance, para, por meio de Senna Madureira, communicar com as outras, que serão poderosas e de alcance seguro de 500 kilometros.

As estações a ser montadas são do systema Telefunken e com scentelhas sonoras, tendo 6 kilowats de energia primaria, sufficiente para correspondencia entre as Prefeituras

do Acre e Porto Velho, onde uma potente estação Marconiana funcciona perfeitamente com Manaus.

***

## Viação ferrea na Bahia.

O governo pensa em modificar e expandir a rede da viação bahiana estabelecendo as linhas seguintes: Prolongamento da Estrada Central, de Machado Portella por Ituassú, Bom Jesus dos Meiras, Caetité e Monte Alto a Carinhanha, com um ramal para Condeuba; do Bomfim, Estrada de S. Francisco — por Jacobina, Mundo Novo, Orobó et Itaberaba — até Sitio Novo, da Estrada de Ferro Central com os subramaes que forem precisos para servirem Campo Formoso e Morro do Chapéo; Prolongamento de Bandeira de Mello — por Andarahy, Lençóes e Brotas de Macahubas — até a cidade da Barra, e mais a linha de S. Marcello, no Rio Sapão, a Porto Franco, no Rio do Somno, atravessando o territorio do Jalapão; de Itapicurú, na linha do Timbó — por Sipó, Tucano, Pombal, Bom Conselho e Geremoabo, cortando o Rio S. Francisco, por sobre a Cachoeira de Paulo Affonso — a terminar na estação de Sinimbû, da mesma estrada; ligação da Estrada Central com a de Nazareth — por Conceição do Almeida e S. Felippe, entre as estações do Pombal e Rio Fundo; ligação de Jacú a Alagoinhas; ligação do ramal da Feira de Santa Anna a Centro-Oeste, na Estrada de Santo Amaro; prolongamento de Nazareth, de Jequié — por Boa Nova, Poções e Conquista — a encontrar a linha mineira em Rio Pardo, ou outro ponto conveniente. Colonização das terras marginaes e proximas á estrada de ferro. A companhia ficará obrigada a encampar as linhas estadoaes Centro-Oeste e Nazareth, desapparecendo as ligações e prolongamento dessas linhas estadoaes, se não houver as encampações a que ella se obriga. Ficam fóra do contrato a linha de Theophilo Ottoni a Tremedal e a ligação da Feira a Alagoinhas.

***

## Estrada de ferro de Goyaz.

Sobre o progresso da Estrada de Ferro de Goyaz na secção de Formiga temos as seguintes notas (fev. de 1911):

Os trilhos estão assentados até o kilometro 138 a partir de Formiga e breve será aberta ao trafego a estação de Perdição no kilometro 130, e que se acha em construcção.

O leito e obras de arte estão promptos até o kilometro 143.

Ahi penetra o traçado no apertado vale do Rio Perdição, afim de effectuar a subida da Serra do Urubú, que foi o objecto de detalhado estudo pelas grandes difficuldades do terreno, tendo-se feito quatro estudos completos dessa serra. Felizmente o ultimo estudo feito por ordem da Repartição Federal de Fiscalização das Estradas de Ferro conseguiu notavel reducção do serviço e economia importante.

**CHRONOMÈTRE** VACHERON e CONSTANTIN, de GENÈVE.
**ROYAL,** RIO. Ouvidor, 93-95, ***Clubs Casa Standard.***

Estes estudos ainda dependem de approvação do Governo e serão então atacados os trabalhos da serra com toda a energia, esperando-se ficarem concluidos até fim do anno corrente.

Seguindo depois a linha pelo valle do rio Misericordia até S. Pedro de Alcantara em que começa o ramal de Araxá e Uberaba a 240 kilometros de Formiga.

Acham-se terminados os estudos de toda a via-ferrea de Formiga a Goyaz, do ramal de Araguary a Catalão, e do ramal de Uberaba a Araxá e S. Pedro, numa extensão total de cerca de 1.400 kilometros, inclusive a linha-tronco e ramaes.

Entre as secções de Formiga e de Araguary acham-se empregados cerca de 1.500 trabalhadores, sendo 500 na primeira e 1.000 na segunda.

***

## Rio Grande do Sul.

D'este grande Estado foram publicadas em 1910 as notas seguintes referentes ao anno anterior :

Entraram durante o anno de 1909, 6.046 immigrantes. As colonias do Estado produzem abundantemente ; o incessante labor da população agricola apenas reclama viação mais extensa e mais completa. Julgo urgente a necessidade de medidas contra a devastação das matas, algumas das quaes já foram tomadas em relação aos Hervaes. Não termino a minha exposição desta parte do serviço, sem deixar consignado o louvor á patriotica iniciativa do Governo Federal creando o serviço de protecção aos selvicolas. Podemos assegurar que é altamente auspiciosa a nossa situação economica. Alcançou a setenta e sete mil cento e vinte e cinco contos, novecentos e vinte e um mil, setecentos e vinte e um réis o valor official da nossa exportação no anno de 1909, para a qual os productos da industria pastoril concorreram com cerca de dous terços ; houve. sobre o anno de 1908, o augmento de 2.037 : 766$461. O Rio Grande não podia cruzar os braços ante o que se passava, principalmente no Uruguay, por iniciativa dos municipios e associações ruraes, que se têm realizado exposições e feiras, cujos resultados fazem sentir por toda a parte.

Julgando o Governo que cabia tambem promover exposições, resolvi levar a effeito, em Maio do anno passado, a primeira exposição official, cujos resultados animaram a fazel-as repetidamente nesta Capital.

De creação recente, o posto zootechnico do Estado tem prestado serviços de valia. A despeza votada no orçamento ordinario para o exercicio de 1909, foi de 11.933 : 603$736 ; a realizada, de 10.856 : 948$987 ; differença para menos : 1.076 : 654$749.

Alcançou a 2.279 : 586$764 a despeza autorizada no orçamento extraordinario, applicada a estradas, pontes, terras, colonização, edificios, melhoramentos e navegação interior.

Sommadas estas duas percellas, tem-se o total das despezas feitas de 13.136 : 535$751, um saldo de 1.609 : 771 703, sobre a arrecadação geral de 14.746 : 307$454. Excedeu ás escrupulosas previsões orçamentarias a receita arrecadada. Orçada em 11.937 : 200$000, elevou-se á somma de 14.746 : 307$458, havendo differença para mais de 2.809 : 107$454.

Verifica-se um excesso real de 2.045 : 205$558 mais que em 1908, celebrado o contrato com o Banco da Provincia para o resgate da nossa divida em ouro, vos annuncio estar ella liquidada a contento do Governo, que liquidou tambem conta corrente no mesmo Banco, sendo então de 7.509 : 815$220 a nossa divida, papel, findada. A divida fluctuante elevava-se em 30 de Abril ultimo, a 7.701 : 952$890.

Para melhor exprimir a verdade sobre os debitos reaes do Estado, devemos accrescentar 698 : 308$378, proveniente do cofre de orphãos, cauções e exactores da fazenda, comparando o estado da divida em 30 de Abril de 1909, papel, 7.509 : 815$220, ouro, 135.500 libras, cambio a 15, 2.168 : 000$, total 9.677 : 815$220. Em 30 de Abril de corrente anno, papel, 8.563 : 761$268. Verificamos ter diminuido, na importancia de 1.114 : 053$952, que bem demonstra a invejavel situação financeira do Estado.

***

## O Estado de Minas-Geraes.

O Estado de Minas Geraes, digamos a verdade, é pouco adiantado sob o aspecto economico.

Eis os traços geraes (diz uma nota official do anno de 1910), da situação economica, tal como se apresentou no anno de 1909 : o valor da exportação que em 1908 desceu a 136.200:000$ elevou-se a 156.000:000$. Pelo quadro que se segue se verifica de onde procede a differença favoravel ao anno passado :

| Productos de : | 1908 | 1909 |
|---|---|---|
| Agricultura .... | 63.490:195$492 | 79.182:719$809 |
| Manufacturados. | 8.814:102$060 | 7.758:326$010 |
| Industr. pastoril | 51.060:810$550 | 58.532:077$979 |
| — extractiva | 12.869:068$150 | 11.164:855$680 |
| Total.... | 136.231:176$252 | 156.637:829$469 |

Nota-se, desde logo, do confonto acima, que se os productos manufacturados e os da industria extractiva soffreram um pequeno decrescimo— no valor da exportação, os das duas outras especies alcançaram sensivel augmento. O café occupa ainda lugar predominante nos quadros da exportação.

Esta, que, em relação a este producto, foi, em 1880, de 80 milhões de kilogrammas, desceu em 1890 a 58 milhões e em 1909 a 167 milhões de kilos.

A exportação maxima verificou-se nos annos de 1901 e 1907, exactamente os dois annos de maior producção de café no Brazil.

A producção do fumo em corda não soffreu alteração sensivel, de 30 annos a esta parte : tem oscilado sempre entre tres milhões e quatro milhões e poucos mil de kilogrammas, o que demonstra claramente que a procura desse genero não se desenvolve, ao contrario, parece retrahir-se. O mesmo, entretanto, não se observa em relação ao fumo em folha, que, além de ser consumido nos mercados do paiz, encontra sahida para os mercados extrangeiros e vai alcançando preço remunerador.

A' vista disto, tem o meu governo

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

se empenhado para que no Estado se introduzam os processos de preparação do fumo em folha, acreditando poder resolver, assim, a crise por que passa a lavoura do fumo.

Continúa em franco progresso a industria pastoril. A exportação do gado vaccum, que em 1908 foi de 260.269 cabeças, subiu, em 1909, a 269.116. A dos suinos attingiu a 73.561, tendo sido de 53.975 no anno anterior; a do toucinho foi de 4.564.484 kilogrammas, quantidade esta superior á dos quatro ultimos annos; a das aves subiu a 2.969.227 kilogrammas, maximo de exportação conhecida até hoje; a do leite, que em 1908 foi de 5.633.881 kilogrammas, maior exportação até então havida, alcançou, em 1909, 7.155.315 kilogrammas; a do queijo, que em 1908 foi de 471.397 kilogrammas, attingiu, em 1909, a 5.069.800, maximo verificado até hoje; a de couros, que em 1908 foi de 198.569, subiu a 255.443 em 1909.

A manteiga, cuja exportação chegou, em 1908, a 1.481.549 kilogrammas, numero até então inattingido, foi, em 1909, de 2.370.422 kilogrammas, relevando observar que este producto apparece nas estatisticas de producção com o maximo exportado de 85.003 kilogrammas, em 1899.

Em 1901 sua exportação elevou-se a 285.251 kilogrammas; em 1903, a 542.712; em 1904, a 1.026.414; em 1905 e 1906 não soffreu modificação apreciavel, subindo, em 1907 e 1908, respectivamente, a 1.461.565 e 1.481.549, para attingir, em 1909, a 2.370.422.

---

## S. Paulo em 1910.

A receita foi orçada em 52.150 999$984, sendo 43.024;000$ — ordinaria, e 9.126:999$984—extraordinaria. A despeza foi fixada em 49.622:867$925, sendo assim distribuida: Interior — réis 13.939:167$568; Justiça, 12.591:691$999; Agricultura, 6.712:778$923; Fazenda réis 16.379:229$435.

O saldo de 2.528:132$059, será applicado a obras publicas, auxilios e subvenções.

As principaes *fontes da renda ordinaria* estão assim divididas: direitos de exportação de café, 25.000 contos; de transmissão inter-vivos 4.500; de transmissão de propriedade *causa mòrtis*, 1.200; de transito, 1.700; predial, 1.100; de esgotos, da Capital e de Santos, 1.500; de consumo de agua, 2.000; cobrança da divida activa 830; imposto sobre o capital commercial, 800; taxa addicional, 850; imposto sobre o capital das sociedades anonymas, 700; sobre o capital particular empregado em emprestimos, 600; imposto de consumo de aguardente, 450 e outras cifras menores.

As fontes da renda extraordinaria são indemnizações, 7.000 contos; eventuaes, 800; imposto sobre as loterias, réi 726.999$984; rendas dos estabelecimentos do Estado, 600.

O serviço de *valorização* custará 50 milhões de francos.

***

## A agricultura em S. Paulo.

Para mostrar o progresso da agricultura n'este Estado, basta dizer que em 1887 a superficie cultivada não passava de 539.379 hectares. Agora excede de 1.350.000 hectares,

dos quaes 875.000 plantados com cafeeiros.

***

## Immigração.

A immigração do anno de 1910 é calculada em 90.000.

No primeiro semestre do anno entraram pelos portos do Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá. S. Francisco, Itajahy, Florianopolis, Rio Grande, Victoria, Bahia, Recife e Pará 41.292 immigrantes e 7.365 passageiros, sendo 19.682 agricultores e 21.610 de outras profissões.

As nacionalidades são em primeira linha portugueza, italiana, espanhola e allemã.

O retorno de immigrantes foi excessivo.

***

## Cidade de S. Paulo.

Notas sobre a propriedade predial :

Valor dos predios banos (31.000) existentes na capital. 328.571.420$000

Assim discriminados :

7462 pertencentes a italianos. ..... 56.097 : 857$000

1515 pertencentes a allemães. ..... 23.881 : 260$000

387 pertencentes a francezes. ..... 6.117 : 960$000

21636 pertencentes a diversos (inclusive nacionaes.. 242.474 : 343$00

Este resultado foi obtido de accordo com o lançamento do imposto predial do anno de 1909, na base de 7 por cento e mais um decimo addicional, sendo tomado para valor de cada predio dez vezes a importancia do valor locativo.

***

## A cultura do arroz em S. Paulo.

A cultura do arroz existe ha longos annos no valle do rio Iguape, donde sai um producto conhecido em todo o Brasil. Ultimamente, porém, adquiriu extraordinario desenvolvimento nos valles dos rios Parahyba, Mogyguassú, Tieté, em virtude das medidas protecccionistas adoptadas pelo governo. Ainda ha cinco annos, importava-se da India a maior parte do arroz destinado ao consummo da sua população. Mas agora elle produz a quantidade necessaria, não só para attender a esse consummo, como ainda para exportar de 14.000 a 11.000 toneladas por anno. A área cultivada com arroz é superior a 68.500 hectares. A producção, que em 1904-05 foi de 101.424.818 litros, elevou-se a 130.887.748 litros de arroz em casca em 1907-08. Para animar essa cultura, o governo estabeleceu no valle de Parahyba, na estação de Moreira Cesar, um campo de demonstração, sob a direcção de um profissional contractado nos Estados Unidos. Desde então muitos cultivadores adoptaram em suas plantações methodos modernos, como a irrigação e machinas aperfeiçoadas.

Por esse processo, que evita os prejuizos das seccas e barateia o custo da producção, o rendimento de um hectare é de 55 e meio hectolitros de arroz em casca. As despesas com a

**CHRONOMÈTRE ROYAL,** ***Vacheron e Constantin,*** ***de GENÈVE.***

O 1º relogio do Mundo.

**CLUBS, CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.**

16

producção de um hectolitro costuma ser em média de 2$548 réis, papel brasileiro. O preço de venda desse arroz em casca varia entre 8 a 12$000 por hectolitro, o que deixa um bonito lucro para o agricultor.

A cultura do arroz tem um bello futuro, principalmente quando se desenvolver a exportação, para os paizes europeus. Então, o Estado de S. Paulo se tornará um grande productor competindo com os da Asia.

***

## São Paulo. Notas acerca da população.

Em 1910 houve na Capital de São Paulo 12.887 nascimentos, sendo 6.167 masculinos e 6.120 femininos ; illegitimos, 782 ; filhos de pais brasileiros, 3.366 e de extrangeiros, 8.921. Nasceram mortos, 797.

Falleceram 6.246 pessoas, sendo as molestias que fizeram o maior numero de victimas : apparelho digestivo, 1.839 ; respiratorio, 996 ; circulatorio, 711 ; systema nervoso, 485 ; tuberculose, 474 ; molestias da infancia, 392; da velhice, 55 ; mortes violentas e suicidios, 168 ; sarampo, 99; alcoolismo 35.

As idades foram assim discriminadas : até dous annos, 2.893 ; de dous a cinco, 409 ; de cinco a dez, 142 ; de dez a vinte, 285 ; de vinte a cincoenta, 1.470 ; maiores de cincoenta, 1.058 ; idade ignorada, 9.

Eram nacionaes, 4.705 e extrangeiros, 1.535 e de naturalidade ignorada, 61 ; solteiros, 4.457 ; casados, 1.304 ; viuvos, 461 ; estado ignorado, 24 ; masculinos, 3.459 ; femininos, 2.787. Realizaram-se 2.353 casamentos.

***

## Brasil. Divida externa.

Os seguintes algarismos de origem official referem-se ao estado da divida externa até setembro de 1910.

Em 31 de dezembro de 1909, a divida externa da União importava em £ 75.051.257-9-9, e em francos 140.000.000, sendo desta ultima quantia 100.000.000 para a Estrada de Ferro de Itapura a Corumbá, e 40.000.000 para as obras do porto do Recife.

Houve, pois, reducção, em moeda esterlina, de £ 892.700, total dos resgates effectuados em 1909, e augmento da divida em francos de 50.000.000 para a Estrada de Ferro Itapura a Corumbá, e de 40.000.000 para o porto do Recife.

Em setembro de 1910, a totalidade da divida externa era de..... £ 77.686.317-9-9, e em francos..... 240.000.000, sendo :

| Emprestimos | Libras |
|---|---|
| De 1883, de 4½%. | 3.213.500 |
| De 1888, de 4½%. | 4.690.600 |
| De 1889, de 4%. . . | 18.210.600 |
| De 1895, de 5%. . . | 7.250.600 |
| De 1898, de 5%. . . | 8.613.717–9–9 |
| De 1901, de 4%. . . | 14.054.900–0–0 |
| De 1903, de 5%. . . | 8.303.400 |
| De 1908, de 5%. . . | 3.349.000 |
| De 1910, de 4%. . . | 10.000.000 |
| | 77.686.317–9–9 |

| | |
|---|---|
| Para a construção da Estrada de Ferro de Itapura a Corumbá .... | 100.000.000 |
| Para a construcção das obras do porto do Recife. ..... | 40.000.000 |
| Para a construcção da Estrada de Ferro de Goyaz ..... | 100.000.000 |
| | 240.000.000 |

***

## A borracha.

Em dezembro de 1910 produziu na Camara dos Deputados o dr. CINCINATO BRAGA um memoravel discurso onde foram estudadas com vasta documentação as nossos condições economicas e financeiras.

Do discurso é que tomamos este trecho sobre a *borracha*.

A situação dos preços da borracha tem sido esta :

| Annos | Kilo |
|---|---|
| 1899. ..... | 10$650 |
| 1900. ..... | 8$600 |
| 1901. ..... | 6$000 |
| 1902. ..... | 5$000 |
| 1903. ..... | 6$000 |
| 1904. ..... | 6$500 |
| 1905. ..... | 6$400 |
| 1906. ..... | 5$800 |
| 1907. ..... | 4$900 |
| 1908. ..... | 5$200 |
| 1909. ..... | 7$200 |
| 1910. ..... | $ |

No corrente anno, a borracha teve uma alta repentina e consideravel. Chegou a vender-se até a 16$. — Effeito de condições naturaes da producção e do consumo ? — Não. Effeito de ousado golpe de bolsa, de uma formidavel especulação de praça tão transitoria que já os preços cahira'm desapontadoramente abaixo do nivel anterior a essa especulação baixista. O preço actual é de cerca de 6$ por kilo. Póde-se, pois, confiar em consistencia economica solida na producção da borracha? Não.

O peior, porém, não está só nisso. Está na extrema gravidade do perigo imminente, que ameaça neste momento, esse importantissimo ramo da nossa exportação, o segundo em valor ouro depois do café. A borracha é uma das columnas mais importantes do edificio do nosso cambio, e essa columna está ameaçando esboroar-se ! Estamos a braços com o perigo de vermos arrebatado ao Brasil o sceptro privilegiado da producção da borracha.

Este assumpto é de maxima gravidade. A que taxas não baixaria nosso cambio, quando cessar o amparo importantissimo que actualmente lhe presta esse precioso producto, que fornece á praça cerca de vinte milhões de libras? Ninguem ha que possa responder a esta pergunta, temendo que a resposta seja uma nova moratoria... A verdade, entretanto, deve ser dita, precisa ser sabida e divulgada. O Brasil tem tido quasi o privilegio exclusivo do fornecimento da borracha ao mundo. Essa posição, porém, começa agora a ser perdida para nós, devido ao augmento portentoso da cultura e da exportação desse producto no Oriente, maximé em Ceylão e na peninsula da Malasia. Basta reflectir sobre os seguintes algarismos, com os quaes essas procedencias se apresentaram no mercado mundial, ultimamente. Note-se que em 1893, Ceylão, pela primeira vez, appareceu no mercado, trazendo apenas 19 toneladas de borracha, e a Malasia nenhuma ! E agora veja-se isto :

Exportações de Ceylão e da Ma-

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

lasia, no periodo de 1º de janeiro a 19 de setembro :

| Annos | Pounds |
|---|---|
| 1907. ..... | 334.765 |
| 1908. ..... | 2.702.785 |
| 1909. ..... | 4.158.962 |
| 1910. ..... | 10.613.078 |

Pois bem. Essa progressão já é atemorisadora para o Brasil. Os capitaes affluem para o enriquecimento dessa lavoura no Oriente. E' sabido que tem havido na praça de Londres um grande encilhamento em torno da fundação de companhias para cultura da seringueira. E os encilhamentos em Londres contam-se por milhões e milhões esterlinos. Deveriamos ter aproveitado essa corrente sympathica da bolsa de Londres para encaminharmos ao nosso paiz ao vale do Amazonas, alguns desses milhões. A incuria, porém, ainda uma vez triumphou ; e nada se fez no sentido de utilisar o capital inglez para transformação dos processos de obtenção desta riqueza exportavel. Entretanto, os dividendos que as companhias, então formadas, já começam a distribuir aos seus accionistas, são estupendos e promettem ser muito maiores, quando as vastas plantações feitas attingirem á idade de sua producção maxima. Para começarem, tenho nota dos dividendos seguintes :

| Companhias | Dividendos |
|---|---|
| Blackwater Klang ..... | 25 % |
| Kual a Lumpur ..... | 45 % |
| F. M. S ..... | 55 % |
| Anglo-Malay. ..... | 25 % |
| Selangor ..... | 75 % |
| Luiggi ..... | 50 % |
| Bujit Rajah ..... | 25 % |
| Sungei-Kapar. ..... | 25 % |
| Consolidated States. ..... | 25 % |

Ainda agora, por occasião de inaugurar-se a exposição de Singapure de 1910, Sir John Anderson, governador da colonia ingleza da Malasia, pronunciou um discurso que nos deve impressionar muito seriamente.

« Daqui a seis annos, disse elle, a Malasia produzirá, ella só, mais ou menos, 70.000 toneladas de borracha annualmente, «igual á producção total do mundo inteiro no anno de 1909 ».

Dado o baixo custo da producção no Oriente, a borracha brasileira vae ser desbancada de sua privilegiada posição nos mercados estrangeiros.


# SUL BRASIL

**COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES**

**Séde em PORTO ALEGRE**

**Capital. . . . . 1 000:000$000**
**Deposito no Thesouro. . 200:000$000**

Incorporador e Banqueiro o Banco da Provincia do Rio Grande do Sul — Acceita todos os riscos a premios razoaveis.

**Agentes : J. RAINHO & COMP.**

***53, Rua do Hospicio, 53*** — **Telep. 170** — **End. Teleg. RAINHO**

***

## Gado de abastecimento.

No anno de 1910, na feira de tres Corações, Estado de Minas o movimento de operações realizadas attingiu á importancia de 12.509 : 107$500 Foram vendidas durante aquelle anno 116.030 rezes vaccuns, alcançando o preço médio de 107$809 por cabeça, e 7$187 por arroba. A Feira de Tres Corações está situada á margem da Estrada Minas e Rio no sul de Minas e só vende gado gordo para abastecer o mercado do Rio de Janeiro.

***

## O clima do Amazonas.

As observações feitas pelas estações thermo-pluviometricas do Estado são as seguintes para 1909 :

| MUNICIPIOS | EVAPORAÇÃO Á SOMBRA | NUVENS | | CHUVA CAHIDA | VENTO | | ATMOSPHERA | TEMPERATURA DO AR | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Espécies | Quantidade | | Direcção | Força | | Maxima | Média | Minima |
| Canutama..... | 543.7 | K | 6 | 1.010.00 | S | 2 | cl | 39º6 | 27º8 | 17º4 |
| S. Gabriel. .... | 610.0 | KN | 7 | 2.710.60 | SE | 2 | i | 37º5 | 23º6 | 12º4 |
| Benjamin Constant. ..... | 315.3 | KN | 6 | 853.90 | N | 2 | i | 36º0 | 27º1 | 15º0 |
| Bôa — Vista do Rio Branco. . | 648.2 | K | 7 | 676.80 | E | 2 | cl | 35º9 | 26º7 | 16º4 |
| S. Joaquim do Rio Negro... | 659.6 | K | 8 | 714.10 | E | 4 | a | 30º7 | 19º0 | 10º1 |
| Floriano Peixoto..... | 197.4 | KN | 6 | 755.40 | S | 2 | i | 37º5 | 27º7 | 11º5 |
| Parintins ..... | 751.4 | K | 7 | 2.178.20 | NE | 3 | b | 36º0 | 28º2 | 18º8 |
| Manicoré..... | 671.1 | KN | 7 | 1.325.80 | SW | 3 | i | 38º8 | 28º8 | 19º9 |
| Fonte-Bôa .... | 1.354.7 | K | 8 | 345.80 | E | 2 | i | 36º0 | 26º2 | 10º6 |
| Coary ..... | 653.7 | KN | 6 | 2.292.90 | N | 2 | i | 35º5 | 26º3 | 10º0 |
| S. Felippe. .... | 750.9 | K | 6 | 2.979.70 | E | 3 | cl | 36º4 | 26º9 | 13º2 |
| | 7.156.0 | K | 7 | 15.843.20 | E | 2 | i | 39º6 | 26º2 | 10º0 |

***

## Notas sobre o Estado de S. Catharina (1).

Os mappas mandados desenhar pelo governo do Estado estão todos errados na serra do Mar. Elles apresentam um grande planalto que se prolonga, no desenho, desde a referida serra até o sopé da cadeia geral. E' um engano ou erro muitissimo prejudicial.

A estrada geral, excellente, começa a subir na Palhoça, nas proximidades do mar, e vai, por planos successivos, até Boa Vista, que é o ponto culminante. De Boa Vista o terreno desce

(1) Estas notas foram publicadas a proposito dos serviços da *Carta itineraria* do Estado de que era chefe o 1.º tenente José Vieira da Rosa.

A commissão foi dissolvida por falta de recursos orçamentarios.

**SMITH VISIVEL,** *a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.*

**Clubs Casa Standard.**

para formar o valle longitudinal do rio Itajahy do Sul, que, no ponto atravessado pela estrada, tem o nome de rio Adaga. Esse valle é uma profunda depressão de 480 metros e onde existem terras fertilissimas, verdadeiramente admiraveis.

No Caité, logarejo que recebeu este nome do rio que o banha, o terreno entra de novo a subir e vai, pela encosta de um dos contrafortes da Geral, até galgar essa serra. No ponto culminante a estrada está a 1.005 metros, descendo 200 para attingir a região dos campos nos denominados do Bom Retiro.

Em qualquer tratado de geographia, nacional ou estrangeiro, sempre que se trata de orographia, ou antes, de geognosia, vemos o seguinte : *a cadeia granitica que atravessa o Estado, etc.*

Não é assim, pelo menos nos pontos das duas serras cortadas pela estrada geral. O que ahi viram foi grés, de diversas especies, ou arenitos e uma ou outra grande fenda primitiva, cheia actualmente pela rocha eruptiva, como basalto, etc.

E' possivel que em outros pontos sejam encontrados os gneis, porém, não foram observados, pelo que nos conste, pelo pessoal da commissão.

No levantamento das estradas vicinaes foram encontrados diversos mineraes, taes como os referidos grezes e ardosias, hematite rubra, lithlite, etc.

A commissão fez um trabalho regular de estatistica. Do relatorio apresentado consta o numero de cavallos, bovinos, suinos, caprinos, aves, fabricas, etc.

Ha tambem um estudo um pouco detalhado da fauna, assim como uma relação de todas as madeiras, frutas, leguminosas, comestiveis, hervas, etc.

Consta tambem do relatorio o recenseamento do municipio de Blumenau, trabalho notavel, mandado proceder pelo superintendente municipal, Sr. Alvaro Schrader.

Por esse relatorio se sabe que o prospero e notabilissimo municipio dispõe de 8.128 cavallos empregados na tracção de 2.500 carros de quatro rodas, que trilham os tres mil kilometros de excellentes estradas de rodagem.

Ha mais em Blumenau o facto curioso e talvez unico de ser o numero de homens superior em mais de mil e trezentos ao de mulheres.

O relatorio demonstra clara e cabalmente ser possivel a remonta de muitos regimentos de cavallaria com os cavallos de Blumenau, pois se póde, dos 8.128 cavallos ali existentes, obter 5.000 em excellentes condições.

Quanto ao municipio de Lages, que em parte é constituido de mattas, talvez um terço do todo, o relatorio faz referencias aos seus 240.000 bovinos. O numero de cavallos, muares e lanigeros é muito grande. Refere-se tambem á fruticultura do grande municipio e mostra o numero de hectares cultivados.

Não será de mais dar a conhecer esses dados ao publico, eil-os :

Cultura do milho, 50.000.000 de metros quadrados ; do feijão, 20.000.000 ; do trigo, 3.000.000, e frutas, 12.000.000.

E' preciso notar que o municipio de Lages, por não possuir ainda uma estrada de ferro, não póde desenvolver a sua cultura, especialmente a do trigo.

O chefe da commissão, encarregado de estudar os terrenos apropriados á agricultura, mediu, segundo elle proprio nos informou, no Matto dos Indios no municipio de Lages, uma espessura de um metro e quarenta centimetros

de terra vegetal. E' um terreno riquissimo e vasto, onde o trigo, a ceveda, o centeio, o lupulo e tudo mais que a Europa fôr capaz de produzir dá-se de uma maneira admiravel.

De outras muitas coisas trata o relatorio.

Sabemos tambem que, se não tivessem sido suspensos os trabalhos, a commissão, este anno, pretendia começar um serviço em favor dos pobres selvicolas, dizimados todos os annos pelo facão e chumbo dos caçadores de gente.

O tenente Rosa, de accôrdo com o nobilissimo e ardoroso capitão de engenheiros Pedro Maria Trompowsky Taulois, tinha resolvido proteger os indigenas contra os seus perseguidores. Não seria possivel, nos primeiros tempos, trazer ao nosso gremio o botocudo victima da nossa civilização, mas, evitando as montarias feitas aos pobres brazileiros, chamando-os por meio de presentes e especialmente pela musica, fazel-os acreditar que nem todos os rostos polidos são seus incarniçados inimigos.

O plano do chefe da commissão era, desde que sentisse a presença dos bugres, fazer funccionar um gramophone com musicas escolhidas, que, de certo, não deixariam de influir naquellas rudes almas.

A proposito dessa applicação contou-nos aquelle official o seguinte : o Sr. Polydoro Paulino dos Santos, viajando de uma feita pela celeberrima serra do Imaruhy, acampou no logar chamado Brusque, na raiz da serra.

Brusque é um logar tristemente celebre pela vingança exercida pelo selvicola. Nesse ponto a *vendetta* chegou a tal ponto, que bastava ser branco para ser hostilizado.

Era natural que, ao acampar em logar tão perigoso, fossem tomadas mil precauções, afim de evitar um ataque do botocudo.

Durante a noite, porque chegassem ahi outros viajantes, o Sr. Polydoro, eximio tocador de gaita, fez musica, mas não se occupou com ella a ponto de deixar de ouvir o que por fóra do acampamento se passava.

Os bugres rondaram toda a noite o acampamento, mas sem signal de hostilidades, e no dia seguinte, ao passar pelo desfiladeiro de Imaruhy, o Sr. Polydoro viu um grupo de botocudos, que, surprehendidos, deixaram-se ficar immoveis e a descoberto, coisa nunca succedida até então. O viajante cumprimentou-os, chamando-os de compadres, sendo correspondido pelos bugres, que, abanando com galhos de arvores e pequenos palmiteiros, davam a seu modo uma demonstração de paz.

Foi, sem duvida, a musica a causa da tregua, e por isso o tenente Rosa pretendia empregal-a.

***

## O arroz no triangulo mineiro.

E' quasi dupla de 1909 a exportação do arroz em 1910, produzido na região do triangulo mineiro como o provam os seguintes dados que folgamos de registrar :

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

1909 — Sacramento, 246.173 kilos; Conquista, 486.600; Palmeiras, 754.934; Burity, 8.508; Uberabinha, 272.395; Araguary. 1.396.738; Engenheiro Lisboa, 101.932; Uberaba, 786.731; Irará, 5.538; Mangabeira, 5.810; Jaguara, 142.786;, Somma, 4.208.145.

1910 — Sacramento, 366.735 kilos; Conquista, 635.436; Palmeiras, 902.690; Burity, 60; Uberabinha, 846,486; Araguary, 2.793.229; Engenheiro Lisboa, 182.297; Uberaba, 1.708.211; Irara, 349; Mangabeira, 116; Jaguara, 75.171; Sobradinho, 47.143; Palestina, 5.388. Somma, 7.563.311.

E' uma lavoura em plena prosperidade. Analysados os algarismos, verifica-se que a producção augmentou em quasi todas as localidades.

***

## Museu fluminense.

E' muito recente o *Museu* creado pelo Estado do Rio, onde devem ser colleccionados os especimens de riquezas naturaes, ou de valor scientifico.

Póde-se dizer que o Museu é, já um instituto interessante sob o ponto de vista mineralogico : nelle se destacam pedras preciosas em estado nativo ou já lapidadas ; em estado bruto ou já preparadas, collecções de mineraes utilizaveis nas industrias ; outras de calcareos, calcites, dolomias e serpentinas; de argillas de côres variadas, plasticas, refractarias, etc., além dos innumeros elementos constantes de minha ultima mensagem e que figuraram com relevo na Exposição Nacional de 1908.

O Museu possue actualmente uma collecção completa de madeiras florestaes do Estado, sendo grande parte dos seus mostruarios construidos com materia prima fluminense.

Assim tambem a collecção das fibras textis,extrahidas de plantas originarias do nosso solo ou nelle acclimadas, está muito augmentada, tendo sido feitos ensaios diversos sobre as mesmas para o .preparo e fabricação do papel e outros productos industriaes.

***

## Colonisação.

Nos ultimos annos teve certo incremento a collocação util de immigrantes em centros agricolas. Mas os sacrificios feitos, enormissimos não compensam os parcos resultados.

Os nucleos coloniaes em fundação, por conta da União, em 1909, foram os seguintes : *Affonso Penna*, situado no valle do Rio Guandú, affluente da margem direita do Rio Doce, no Estado do Espirito Santo ; *João Pinheiro*, a 17 kilometros da estação Silva Xavier, da Estrada de Ferro Central do Brasil, no Estado de Minas; *Visconde de Mauá* no valle do Rio Preto, na divisão do Estado do Rio e de Minas ; *Itatiaya*, no Estado do Rio de Janeiro ; *Bandeirante*, na zona que se estende das margens da Estrada de Ferro Rezende e Bocaina até o alto da serra da Bocaina, no Estado de S. Paulo ; *Ivahy*, *Tayó*, *Jesuino Marcondes*, *Senador Correia*, *Itapará*, *Iraty e Vera Guarany*, no Paraná, e *Annapolis*, no Estado de Santa Catharina.

O Governo estadoal de Minas installou os nucleos de Itajubá, Leopoldina, Nova Baden e Francisco Salles e está fundando outros na zona da Leolpoldina, nos municipios de Cataguazes e Mar de Hespanha.

O Rio Grande tem attrahido colo-

nos para o Erelhim, no municipio de Passo Fundo. E em S. Paulo localizaram-se immigrantes, por conta do Estado, nos nucleos coloniaes Campos Salles, Pariquera-Assu', Nova Europa, Gavião Peixoto, Nova Odessa e Jorge Tibiriçá.

***

## Colonisação federal.

A intervenção mais directa e mais methodica do Governo federal na organisação de nucleos coloniaes parece-nos que deu alguns resultados no seu inicio.

A população dos treze nucleos federaes — em 31 de Dezembro de 1909:

5.674 austriacos, 1.197 familias.
1.846 allemães, 350 familias.
873 hollandezes, 155 familias.
576 russos, 114 familias.
170 suissos, 29 familias.
141 portuguezes, 24 familias.
128 francezes, 30 familias.
9 italianos, 3 familias.
6 belgas, 2 familias.
2.550 nacionaes, 423 familias.

E' precizo notar que a Repartição de Povoamento do Sólo hoje extincta, havia dirigido milhares de immigrantes para nucleos estaduaes. *A producção dos nucleos* — Os productos das colonias têm sido os seguintes : milho, centeio, trigo, aveia, cevada, linho, arroz, feijão, ervilhas, lentilhas, favas, batatas, sarracenos, amendoim, videiras, araruta, mandioca, fumo, canna de assucar, algodão, bananeira, abacaxis, cebolas, alhos, melões, forragens diversas, hortaliças.

A producção total do anno findo foi avaliada em 1.165 : 739$200, sendo réis 854 : 009$900 de productos agricolas e réis 311 : 729$200 de diversos productos de origem vegetal, animal e industrial. Nos nucleos ha alguma criação de aves domesticas e gado vaccum, cavallar, caprino, suino e lanigero. Nota-se tambem a existencia da sericultura. O valor do gado era avaliado em réis 244 : 631$700.

COMPANHIA DE TECIDOS DE LINHO
DE SAPOPEMBA
Escriptorio : Rua Visconde Inhauma, 36
RIO DE JANEIRO

BICYCLETTES
STAR
de Star Cycle Co.
CLUBS
A machina mais veloz e mais segura
CASA STANDARD

# ✻ CASA COLOMBO ✻

**SOCIEDADE ANONYMA** (Capital realisado Rs. 3.000:000$000)

***Avenida Central, 111, 113, 115 e Rua do Ouvidor, 110, 112, 114.***

Divisa adoptada pela Casa Colombo, desde a sua fundação :

**" VENDER BOM E BARATO, PARA VENDER MUITO "**

**Nos Armazens da CASA COLOMBO, encontra-se de tudo o que diz respeito a :**

***ARTIGOS para HOMENS, SENHORAS, MENINOS e MENINAS***

desde o mais barato ao mais fino.

**Tudo o que a CASA COLOMBO vende, representa o seu valor e será recebido e restituida a sua importancia, quando não agrade.**

***A CASA COLOMBO envia gratis, a todos os que lhe fizerem a fineza de mandar seus endereços, os seus Catalogos annuaes.***

# REGISTRO BIBLIOGRAPHICO (1)

ALMANAQUE GARNIER, para 1911. *Rio* (Pariz), *Garnier, editor* 1 gr. vol. in-8° de 600 pgs. mappas, planos e numerosas gravuras.

Com o numero de 1911 o *Almanaque Garnier* appareceu completamente melhorado, impresso com maior nitidez e mais cuidado artistico.

O primoroso litterato, jornalista, FRANCO VAZ assim o recebeu e de modo que tanto nos lisongeou em artigo de que extrahimos o trecho final.

Ha, em materia de almanachs, como, aliás, em quasi tudo nesta vida, algumas excepções. A França tem o seu esplendido *Almanach Hachette*, que toda a gente lê, porque contém informações interessantes sobre um grande numero de coisas e de factos da actualidade. Nós temos o *Almanach Garnier*, que é, igualmente, uma publicação de utilidade incontestavel, talvez mesmo para nós muito maior, porque contém assumptos que nos interessam mais de perto e mais de perto se referem ao que é nosso.

Releva ainda notar que, sendo a nossa producção bibliographica de tal maneira escassa, sobretudo no que diz respeito a informações da nossa propria vida, maximé economica, e o *Almanach Garnier*, tratando, como trata, dos aspectos mais varios da situação actual da nossa terra e inserindo um numero avultado de curiosidades puramente brazileiras, sobe, por isso mesmo, de importancia.

A sua ultima edição, para o anno proximo, acaba de ser publicada. Ella contém extensa cópia de trabalhos economicos, historicos, literarios, etc., além de varios mappas e illustrações diversas.

(1) Consideravelmente melhorado, o nosso registro bibliographico das publicações brazileiras ainda não corresponde infelizmente pela precisão e abundancia á totalidade dos livros editados em todo o Brazil. Muitas das indicações são tomadas da imprensa; outras, e as mais perfeitas, dos exemplares que recebemos por obsequio dos autores e editores. Dos livros que não recebemos apenas citamos os titulos e caracteres que de informação conhecemos. Não é, pois, de extranhar que algumas obras de importancia não nos mereçam mais que uma simples menção do titulo e do nome do autor.

Para poder, de resto, avaliar da utilidade desse livro, basta saber que o seu preparo está sujeito á direcção de João Ribeiro, que não é sómente esse polygrapho erudito e infatigavel, esse investigador severo e probo, esse profundo sabedor da nossa historia, dos costumes nossos e da nossa evolução, mas um philologo eminente, forrado de um sereno e calmo pensador e de um estheta delicado.

Essas virtudes espirituaes, postas á frente de um trabalho de tal ordem, e os recursos materiaes de que dispõe a empreza prospera que o explora, fazem com que o *Almanach Garnier* possa constituir uma excellente encyclopedia brazileira da actualidade. *F. V.*

REVISTA ESCOLAR. Sob a direcção de Joaquim da Costa Nogueira. — Fortaleza, typ. Escolar, 1910.

MACHADO DE ASSIS. — *Quelques contes.* Traduits du portugais par Adrien Delpech. Paris, Garnier, 1910.

Fez muito bem a casa Garnier em entregar á competencia e bom gosto literario de Adrien Delpech, que conhece perfeitamente a nossa lingua, a difficil traducção de algumas obras de Machado de Assis.

N'esta, ha uma escolha de contos e um excellente prefacio do traductor.

CYR. DE AZEVEDO. — *Chemin faisant.* Paris-Rio. H. Garnier, 1910.

VOZES DE PETROPOLIS. *Revista mensal*, dirijída pelos P. P. Franciscanos. Petropolis, 1910.

Completou já o seu IV anno de existencia esta excellente revista, nitidamente impressa e onde não são raros os bons artigos literarios ou scientificos. No seu n° 8-do anno IV sairam varios trechos, texto e musica, da opereta *Branca de Neve* de que falamos em outro lugar.

VICTOR ORBAN. *Anthologie d'écrivains brésiliens.* (Préface de Oliveira Lima). Paris, 1910.

"O Sr. Victor Orban, já conhecido por outros trabalhos, teve uma inspiração feliz publicando em francez uma anthologia summaria

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

dos melhores escriptores brasileiros desde o XVI seculo até os nossos dias. O livro é enriquecido com um prefacio do Sr. Oliveira Lima, da Academia Brasileira, Ministro do Brasil em Bruxellas. Nesse trabalho, como observa o Sr. Olivera Lima, cabe a maior parte aos contemporaneos, mais interessantes e mais perfeitos, sem que por isso sejam sacrificados os seus predecessores, os quaes, explicam os modernos, tornaram-nos possiveis e cuja successão constitue a tradição litteraria nacional. O volume é ainda mais interessante pelos retratos da maior parte dos escriptores, assim como pelas noticias biographicas que precedem os excerptos. A selecção é bem feita.

Todas as opiniões se acham representadas e julgadas com imparcialidade. Familiarizamo-nos assim com verdadeiros thesouros litterarios e com os seus autores, que até então conheciamos vagamente. Mencionamos, de modo especial, Machado de Assis, poeta, autor de contos e romances dos mais illustres de que se podem orgulhar as lettras brasileiras. O Sr. Oliveira Lima provocou em Pariz uma glorificação de Machado de Assis,. em sessão solemne da Sorbonne, realizada em 3 de Abril de 1909.

(Da *Revue générale* de Bruxelles).

JOAQUIM NABUCO. — *Option*, drame en 5 actes. Paris, 1910.

D'esta obra postuma havia falado o embaixador francez em Washington JUSSERAND quando communicou ao seu governo o fallecimento de Nabuco :

« O Sr. Nabuco deixa tambem uma tragedia, manuscripto, em verso francez, e ácerca da qual não ha exagero em affirmar-se que algumas passagens têm o cunho caracteristico de Corneille.

Sensibilizado, tanto como qualquer de nós, pela catastrophe da França, em 1870, o Sr. Nabuco arvorou-se em porta-estandarte, junto dos nossos amigos da America do Sul, da causa da civilização universal, expondo, nesse livro, as angustias que experimentou na sua mocidade, chocado pelos desastres da França. A tragedia, muitas vezes revista, não lhe sahia do pensamento, e o Sr. Nabuco tencionava publical-a, quando a morte o sorprendeu. Um retrato de alsaciana, recordando o anno terrivel, ornava as paredes do quarto onde morreu; assim, até fallecer, nunca o quadro lhe sahio do alcance da vista. »

EUSTOGIO WANDERLEY. — *Claro Escuro*. Versos. Recife. Rio, 1910.

LINDOLPHO ROCHA.— *Maria Dusá* (Garimpeiros). Bahia (Porto, Chardron) 1910.

E' um romance de costumes sertanejos e *chapadistas* como diz o A.

E' um livro essencialmente brazileiro em que se descreve magistralmente a vida a vida fatigante e ao mesmo tempo dissipada dos mineiros do diamante. O typo sympathico de Maria Duzá domina toda a acção que se passa n'aquelle meio barbaro.

E' certamente um dos melhores documentos da vida brazileira do interior e de cujos costumes, linguagem e tradições dá uma pintura surprehendente de verdade e de poesia.

RODOLPHO THEOPHILO. — *O condurú*. Ceará, Fortaleza, typ. Minerva. 1910-1911.

Rodolfo Theophilo é um dos mais accentuados temperamentos literarios do norte. Todos os seus romances. *A Fome*, os *Brilhantes*, o *Paravara*, *Maria Rita* são inspirados na vida popular e tambem o são os demais livros que em outros generos tem produzido. O *Condurú* é uma serie de contos e paysagens primorosas quanto interessantes do nordeste brazileiro ; a primeira historiata que é a de um evadido de Fernando de Noronha empresta o titulo a todo o livro.

SERPA PIMENTEL (F.). — *Atravez da Europa*. Paris. Rio. Edit., Garnier, 1910, in-8º illustrado.

Como os *Esboços mundanos* de que falamos em outro lugar, é este tambem um livro do viagens, escripto com a simplicidade elegante de um chronista mundano. O seu livro, como elle, diz com graça e modestia, concorre com o antigo *puxa-vistas* ou o novo *cinema* barbaro e ubiquo. A verdade é que este *puxa-vistas* moderno leva as lampas aos seus avós espirituaes que só lograram o applauso das feiras, e da gente simples. O *Atravez da Europa* é um livro intellectual e composto com rara felicidade.

DAMASCENO VIEIRA (Arnaldo). : *Balladas e poemas*. Bahia, typ. bahiana, 1910, in-8º.

Colleção de bellissimos versos de um joven poeta oriundo de familia de poetas. As suas poesias são elegantes, faceis, harmoniosas. E com que modestia se apresentam ! *Prece*, poesia que transcrevemos em outro lugar, é uma das mais bellas que achamos entre tantas dos numerosos livros d'este anno.

MARTINHO GARCEZ. — *Nullidades dos Actos juridicos*. 2ª éd. (1 v.) Rio. J. R. Santos ,ed (Porto, typ. da Empresa literaria.)

Obra já consagrada pela opinião unanime dos mais competentes, premiada polo Instituto dos Advogados no seu 50º anniversario, de exito confirmado rapidamente desde a primeira edição, as *Nullidades dos Actos juridicos* sem precedente, alem do trabalho hoje minguado e falho do Marquez de S. Vicente, vem de certo representar um dos numeros mais importantes da

nossa bibliographia juridica. Não sabemos o que mais admirar n'este bello trabalho, se o profundo senso, a erudição ou a clareza methodo e lucidez com que são tratadas todas as questões. Em juizo critico nas folhas preliminares Silvio Romero conclue com estas palavras: « A monographia do erudito jurista sergipano está a reclamar para o seu autor aquelles encomios e attenções a que fazem *jus* os cultores das boas letras, os homens de talento e saber provados. »

Dr Lacerda Coutinho. — *Ovidianas*. Rio. typ. Besnard, 1910.

Veja o texto do *Almanaque*, onde falamos extensamante do A.

Vibrações do pensamento (Publ. do Circulo esoterico de S. Paulo) 1910.

Revista Social. — *Orgão da Mocidade*. Rio, typ. do Universo, 1910.

Antonio C. Leão. — *Conferencia* (realizada perante o Congresso de Estudantes de S. Paulo.) Recife, Impr. industrial.

Cosmo Velho. — *Dialogo das novas Grandezas do Brazil*. 1e serie.) Rio, typ. do J. do Commercio, 1910.

Ernesto Luiz de Oliveira. — *Um capitulo de zootechnica*. Rio, typ. Victoria, 1910.

E' muito valiosa e interessante essa monographia em que se estudam os principios scientificos que regem a formação e o aperfeiçoamento das raças dos animaes. O Brazil só deixará de ser a *massa fallida* que são alguns do seus Estados, quando abandonadas as questões de politicagem e outros problemas ideologicos, possam os nossos homens occupar-se da valorização das nossas riquezas naturaes ou acclimaveis. Entre todas, é precipua a industria pastoril entregue a perfeito desleixo o a criminosa rotina. N'estas formosas paginas que deviam ser lidas por toda a população dos nossos campos, fala um espirito elevado e ao mesmo tempo practico, e talvez demasiado optimista.

Dr Liberato Bittencourt. Capitão de artilheria. — *Triplo ensaio psycholo-gico*. Rio (typ. da Editora, Lisboa), 1910, in-8o ill. com 3 retratos.

E' uma *plaquette* de cerca de 100 paginas onde se delinéam os retratos do Cons. A. Mariano de Azevedo, Floriano Peixoto e Hermes da Fonseca. Espirito illustrado, caracter são, talento litterario primoroso, o Dr L. Bittencourt realiza perfeitamente o lemma que adoptou: *I write simply the thruth of history*.

M. Dionloufet. — *Dom Quixote philosopho*. Versão do francez. Rio, (Paris), 1910, illustr.

Richert. — *O dentista domestico*. Rio, Paris, Garnier. 1910, illustr.

A. José de Araujo. — *Cartas do Acre*. Rio, typ. do J. do Comm., 1910 com ill. e cartas geogr.

Moreira da Fonseca (J.). — *Um caso de paralysia alterna*. Rio, typ Ao Luzeiro, 1910.

G. Galvão. — *O Credito agricola e as Caixas economicas*. Rio, typ. J. do Comm., 1910.

Monteiro da Silva (J. R.). — *Flore médicale brésilienne*. S. Paulo, typ. Mess. de S. Paulo, 1910.

Duarte de Barros (A.). — *Eternos problemas*. Rio typ. da Rev. dos Tribunaes, 1910.

Trajano (Ant. B.). — *Luz messiannica*. S. Paulo, typ. M. de Araújo et Cia, 1910.

Menezes (Dr Ign.). — *Physiologia dos dentes e da boca, I*. Bahia, off. dos « Dois mundos », 1910.

Mappa *das Estradas de ferro de Sta-Catharina e do Espirito Santo*; Rio, Pietroluengo, 1910.

Saturnino Barbosa. — *Poema transcendente*. São Paulo, typ. Cunha, 1909.

Deixou de ser registrado no numero anterior; por discreta inadvertencia. O livro do A. tem sido muito discutido, combatido e até ludibriado.

**PIANOS RITTER,** **adoptados pela Casa IMPERIAL de ALLEMANHA e pela Côrte de RUMANIA.**

**Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.**

Não sabemos bem a razão d'essa animosidade. A poesia, quando não é uma vocação, é um tempo-perdido, muit. preferivel á maledicencia.

O poeta S. Barbosa é scientista ou scientificista, positivista e alem de tudo pessimista. Vejam o que elle diz dos *brazileiros*, seus compatriotas e consanguineos :

Raça má que saiu dos presidios da Hespanha
E o sangue ruim crusou com o povo aventureiro
De portugal e mais o caboclo traiçoeiro,
Famoso guarani de atletica façanha.

Politico a valer o homem brasileiro,
Que do alvar africano a pacatez apanha
E a mostra na mornez de calculada manha,
Estoico no viver e no vestir faceiro.

Da raça traços tem da terra do kiosque;
E como disse Ferri, este paiz ingente
E' uma bella senhora a ressonar no bosque...

Terras e terras ha para uma Geographia
Colosso e quanto ao mais, é uma exquisita gente,
Tão anarchica como a sua orthographia!

Saturnino Barbosa com os seus versos duros, philosophicos e sabios préga algumas verdades amargas. Estas, por exemplo, a respeito de meninas chloroticas, languidas e doentes :

Olhos pardos, azues ou verdes, pouco importa
A côr ; — que o rosto tenha as côres da saude
E o animal seja são ! Eis a grande virtude
Que em materia de amor nos anima e conforta.

Essa que anda a soffrer, que a Humanidade illude :
Chlorotica mulher que a natureza exorta,
Com artificios mil ! tetrica, semi-morta,
A custo condusindo o seu proprio ataude !

Não nasceu para amar : não sacrifica á prole
A terra do seu corpo morbido, infecundo !
Antes deve pedir á sciencia que a console...

Casar sem filhos ter, o coração nos parte :
E' o maior attentado á sociedade e ao mundo :
Si é que não julgaes ser o amor somente uma arte !

O *Poema transcendente* tem varios cantos e apotheose final. E' curioso lêr os titulos d'essas differentes divisões :

PRIMEIRO. — *A Genese e as Eras. O diluvio.*
SEGUNDO. — *Transformismo — Linguagem — Raça branca. — Nascimento da Arte — O homem prehistorico. O fetichismo.*
TERCEIRO. — *Sciencia, — sua rasão de ser A Astronomia — Kepler, Galileu, Newton.*
QUARTO. — PANTHEON : *Geographia — Historia Natural — Physica — Chimica — Biologia.*
QUINTO. — PANTHEON : — *Medicina — Japão — America do Norte — Brasil.*
SEXTO. — *Intelligencia — Paz-Civilização.*
SETIMO. — *Sociologia — Principio e fim do homem.*
OITAVO. — PANTHEON : *Christianismo — Occultismo — Positivismo — Evolucionismo — Socialismo.*
APOTHEOSE FINAL : — *A Educação.*

O poeta segue a chamada *poesia scientifica*, que é, em verdade, uma das peiores prosas que se conhecem.

E é n'estes termos que justifica as suas predilecções :

« Alhures, não se manifesta a linguagem algebrica? a linguagem mimica? a linguagem das cores? Porque não possuirmos tambem a linguagem scientifico-poetica ?

« Não queremos dizer que se vá fazer um tratado de calculo infinitesimal-integral em verso — o que seria o cumulo! Todavia, pode-se obter muito, usando da dita linguagem, nas coisas da sciencia. Ella, com o gravar os factos mais facilmente no espirito, é até mais deleitavel.

« Quem não apreciaria ler um livro onde muitos e necessarissimos conhecimentos scientificos, fossem magistralmente ditos em verso ? Certo, isso com o ser sublime, constituiria a realisação do famoso ideal — *Utile e dolce*, — desse tão apreciado ramo de arte, evitando que a posia se torne tão sediça e corriqueira, á guisa de moribunda, como se tem verificado ultimamente, com a apparição de tantos poetastros eróticos!...

« Vá que os humanos sejam todos poetas, mas que não decantem tolices, porque não serão lidos.

« Estas ideias me foram suggeridas pela seguinte cantiga, ao som de viola :

» Stão chorando e reclamando
Desta lei republicana ;
Da vara fizeram metro,
Dos pesos, o Kilo e a Gramma.
Fizeram medida nova,
E até balança romana !... »

« Martins Junior plantou a semente da poesia scientifica no Brasil e morreu ..

« Agora, porém, não é a corrente erudita, mas a gestação popular que a reanima. »

Sua alma, sua palma.

JOÃO DO RIO (pseud. de Paulo Barreto, da Acad. Brazileira). — *Fados e Canções de Portugal*. Rio, Garnier, 1910 (com numerosas musicas).

Um dos livros mais interessantes d'este anno. Em deliciosas paginas (cerca de cincoenta) que precedem as canções, diz-nos João do Rio em seu estylo de ouro as impressões que lhe deram Portugal, a sua gente e as suas paisagens tranquillas. E de caminho explica a *Razão do livro*, nascido d'esse ambiente poetico e melancolico das terras portuguezas.

« Faça um livro bem popular, disse-lhe o editor, que recorde á gente de Portugal no Brazil a sua doce terra e bem lhes diga como os ama V. »

E João do Rio bem o fez, trazendo de longe esse imponderavel perfume de violetas, sonoras e tristes.

ASSIS MOURA (Dr Gentil de), do Inst. Hist. de S. Paulo. — O *Primeiro caminho para as minas de Cuyabá*. S. Paulo, typ. do Diario official, 1910.

Vide o texto do *Almanaque*.

Diogo de Moraes. — *A Zona da Ribeira*. São Paulo, typ. Mare, Monte X. C. 1910.

E' uma contribuição de valor economico e geographico para o estudo da chamada *Ribeira de Iguape*.

Fabio Luz. — *Virgem-Mãe. Sergio. Chloé* (Contos, Rio, Garnier, 1910, in-8º.

Escola (A.). — *Revista do Gremio dos professores publicos do Paraná*. Director, Dario Velloso. V. 1910. Curitiba.

Publicação interessante e util com excellente collaboração de profissionaes.

Jornaes e periodicos. — Registramos os periodicos que por gentileza seus redactores costumam enviar-nos : A *Razão*, a *Gazeta de Pesqueira*, *Quo Vadis*, *Lidador*, *A Lua*, o *Brasil Medico*, o *Echo do Sul*, *A Jangada*, etc.

Padre Luis Mariano. — *Estudos de Sociologia religiosa*. Porto-Alegre,- Livraria americana, 1909-1910.

São bem meditados ensaios sobre o influxo da civilisação christã no Brazil, desde os tempos coloniaes até hoje. O caracter da conquista latina não é o dominio, mas a *humanidade*. E assim o P. Marirno deseja que as gentes novas da terra americana « contemplem em seus dilatados horizontes o desdobrar de progresso intermino á luz do catholicismo e do genio latino. »

William Jennings Bryan. — *A. Fé*. Conferencia realisada na Asociação Christã de Mocos (15 de março de 1910. Rio, typ. methodista, 1910.

Wells (G. H.). — *Doze historias e um sonho*.

Coelho Netto. — *Scenas e perfis*. Rio Garnier, 1910.

Coelho Netto. — *Apologos*. Rio (Porto, Chardron), 1910. (Vide o texto do *Almanaque.)*

João Ribeiro. — *Fabordão*. Cronica de vario assunto. Rio, Garnier, 1910.

V. Varzea. — *Ondas* (varios escriptos) Rio Garnier, ed. 1910.

José Verissimo. — *Homens e cousas estrangeiras* (III serie) Rio, Garnier, ed. 1910.

Wells (G.H.). — *Os Piratas do mar e outras novellas*. Rio, Garnier, 1910.

Vasconcellos Galvão (Sebastião), do Inst. Historico. — Diccionario Chorographico, historico, estatistico de Pernambuco. Rio impr. nacional, 1910 um gr. vol. com ill. e est. coloridas.

Este vol. que recebemos in 4º grande a 2 columnas e só relativo a letra P representa enorme trabalho e vasta pesquiza que darão ao diccionario quando completo proporções collosaes. E' um livro muito interessante e valiosissimo, indispensavel a toda bibliotheca de valor.

Drº Paranhos Montenegro. — *Constituição e Leis judiciarias da Bahia*, livraria Magalhães, 1910.

J. B. L. — *O bom sofrimento*. Trad. de Fr. Coppée. (Separata da rev. Sta-Cruz), 1910.

Lyra (A) do Capadocio. — S. Paulo, livraria Magalhães, 1910.

Drº Alcides Cruz. — Noções de direito *administrativo*. Porto-Alegre, Gundlach et Cia, 1910.

Drº Nazareth Menezes. — *Os Religiosos estranjeiros*. Rio, 1910.

Sayão Lobato (Tenente do Exercito). — *Mechanica dos aerostatos. Navegação aerea*. Porto-Alegre, typ. do « Centro », 1910, com retr. e est.

Carmen Dolores. — *Ao esvoaçar da ideá*. Porto, livraria Chardron, 1910.

Garcia Redondo (da Academia brazileira). — *Conferencias*. Porto, livraria Chardron, 1910.

Souza Bandeira (da Academia brazileira). — *Peregrinações*. Porto, livraria Chardron, 1910.

BEBAM CAXAMBÚ

**A soberana das aguas de meza.**

COMMERCIO NORTE-BRAZILEIRO. — Publicação mensal. Belem, 1910.

Publicação interessante e apropriada á propaganda dos interesses economicos da Amazonia. Recebemos apenas o n. 5.

RUY BARBOSA. — *Contra o Militarismo* (Eleição presidencial. Discursos, etc.). I. Serie : Rio de Janeiro, II S. Paulo, Santos, Campinas, III Minas Geraes, Bahia. Rio, Jac. R. dos Santos, 1910, 3 vols.

MITTERMEYER. — *Tratado da Prova.* Trad. de Alb. Ant. Soares. Rio, Jac. Santos, 1910.

BRUXA (A.). — *de Evora.* Rio, J. Santos, 1910.

BRITO MENDES. — *Cancioneiro brazileiro*, acompanhado de musicas. Rio, J. Santos, 1910.

MORAES CARVALHO (Alb. A.). — *Praxe forense ou directorio practico do processo civil brazileiro.* Accomodado á legislação actual pelo Dr Levindo F. Lopés. (3º ed.). Rio, J. Santos, 1910.

PIMENTA BUENO. — *Sobre as formalidades do Processo Civil.* (Ed. annot. pelo Dr Sá e Albuquerque.) Rio, J. Santos, 1910.

REVISTA DE DIREITO. — IV e V anno. Rio, Jac. Santos, 1910-1911.

REVISTA DA ACADEMIA BRAZILEIRA DE LETRAS. — Rio, Jac. R. dos Santos, 1910.

GONÇALVES PEREIRA. — *Guia de conversação franceza.* Rio, J. Santos, 1910.

PACIFICO DA FONSECA (J.) — *Lições de latim.* Rio, J. Santes, 1910.

MACIEL (Dr Godofredo). — *Successão de estranjeiros.* (Ed. em separata.) Rio, J. Santos, 1910.

Dr SÁ E ALBUQUERQUE. — *Letras de cambio e notas promissorias.* Hist. e comment. Rio, J. Santos, 1910.

Dr SÁ E ALBUQUERQUE. — *Novissima lei de fallencia.* (2e éd.) Rio, J. Santos, 1910.

MEZ (O.). — *Timbaúba.* Pernambuco, typ. de Ramiro e Filhos, 1910.

E' uma nova revista literaria, sob a direcção de Jader de Andrade. Contem versos e prosas interessantes.

ALOYSIO DE CASTRO (Professor). — *Allocuções academicas.* Rio, 1910.

DELGADO DE CARVALHO (C. M.). — *Le Brésil méridional* (Etude économique), Paris, E. Desfossés, impr., 1910.

Um utilissimo livro de propaganda em que se estudam as tres zonas economicas, caracteristicas do sul do paiz : a zona do *café*, a do *mate* e a de *criação*. Um grande numero de dados estatisticos exactos, noticia cabal das linhas ferreas, a historia da colonisação e immigração e principalmente o conhecimento pessoal que tem o autor dos lugares que cuidadosamente visitou e observou, fazem ser este livro um dos mais interessantes e o mais completo n'esta materia.

REVISTA AMERICANA. Rio, imprensa nacional, 1910.

ELYSIO DE CARVALHO. A policia carioca e a criminalidade contemporanea. Rio, imprensa nacional, 1910.

AFFONSO E. TAUNAY. — *Chronica dos Philippes.* S. Paulo (Tours, imprimerie E. Arrault et Cie), 1910.

Com o romance historico genero difficil quando bem estudado estreou na literatura brasileira, AFFONSO E. TAUNAY, de illustre familia de artistas e literatos, escrevendo esta *Chronica dos Philippes*. A impressão que temos d'esse formoso e auspicioso livro é excellente. E' certo que a narrativa é por vezes prolixa ou antes se resente de certa lentidão no desenvolvimento dos episodios. Mas essa leve falta que será corrigida quando o joven prosador ganhar maior facilidade de estylo, é resgatada por innumeras bellezas no conjuncto e nos pormenores da acção sempre interessante. O ambiente e a perspectiva dos quadros têm perfeito caracter o que só poderia ter sido adquirido pelo estudo da historia e da civilisação d'aquella epoca, com a minucia e exactidão que se revelam a cada pagina da *Chronica dos Philippes*; e é preciso saber que essa virtude e qualidade nem sempre brilha nos nossos autores de novellas historicas em geral cheias de anachronismos.

CORNELIO PIRES. — *Musa Caipira.* São Paulo, Lior-Magalhes, 1910, in-8º pequ.

E' uma collecção de versos humoristicos, no tom das nossas cantigas populares e inspirados e

escriptos sob a impressão da vida sertaneja. A *Academia Brazileira* no seu vocabulario que começou a organizar muito aproveitou da *Musa Caipira* que é uma pequena fonte de riquezas vocabulares do Brazil.

E' um documento interessante da vida do interior do Brazil já avassalado pela civilisações novas. Dentro em pouco serão talvez outros os costumes, e rara será a *Casa rustica* como nol-a descreve o poeta :

Eis a casa de um homem das florestas :
as paredes apenas barreadas.
solo cheio de covas; pelas frestas
entram restos de sol enfumaçadas.

As paredes da sala, para as festas,
são de annuncios e santos enfeitadas;
mobilias toscas, frageis e modestas,
tripeças pelo uzo envernizadas.

Varas-de-anzol, uma espingarda e a viola
com que o caboclo — quando em desafogo —
em alegres descantes se consola.

— Eis a casa do Bino ou do Mendonça,
onde, todas as noites, junto ao fogo,
se narram lendas e caçadas de onça

Conclue o livro um pequeno e bem arranjado glossario de palavras dialectaes.

REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO DO CEARÁ. — Fortaleza.

Magnifica publicação no seu genero e dirigida pelo erudito Barão de Studart.

REVISTA da Academia Cearense. Sob a direcção de Thomaz Pompeu, Barão de Studart e Pedro de Queiroz. *Fortaleza*, 1910.

ANNUARIO historico, geographico e descriptivo do Estado de Goyaz. I anno 1910 (Uberaba) um varias ul. e carta geogr.

Dr PIRES DE ALMEIDA. — Brazil-Album. Rio, typ. Leuzinger.

São « ressurreições litterarias e artisticas » como diz o A. Nésta publicação interessante são reproduzidos e postos ao alcance de todos antigos e notaveis desenhos e gravuras de obras raras que trataram do Brazil, dos seus habitantes, suas paisagens, vida e costumes. O autor ajuntou um texto explicativo.

Dr RODRIGO OCTAVIO. — *Le Mariage au Brésil. La nouvelle loi brésilienne sur la lettre de change. L'Union juridique des nations.* Bruxelles,

COUTO DE MAGALHÃES (General). — *Viagem ao Araguaia*. Nov. ed. S. Paulo, 1910.

LEITE DE CASTRO (Marechal). — *Patria, honra, dever* (Autobiographia) Rio, Garnier, 1910.

SOUZA AGUIAR (General F. M. de). — *Industria siderurgica*. Rio, impr. nac., 1910.

VON IHERING (Herman). — *Aquestão dos indios no Brazil*. S. Paulo, 1910.

DUNSHEE DE ABRANCHES. — *Limites com o Perú*. Rio, impr. nacional, 1910.

GUIÃO (J. R.). — *Organização das Camaras municipaes*. S. Paulo, Weiss-log, 1910.

THOMAZ POMPEU DE SOUZA BRAZIL. — *O Ceará no começo do seculo XX*. Fortaleza (1909).

SEABRA (Alberto). — *O problema do alem e do destino*.

IMITAÇÃO DE CHRISTO. Ed. nitida e artistica com o texto latino. Rio, Pariz, Garnier, 1910.

WELLS (H. G.). — *Os Piratas do mar e outras novellas*. Rio, H. Garnier, 1910.

ABILIO BARRETO. — *Matizes*, versos. Bello-Horizonte, 1910.

CORREA (A.) e CORDEIRO (L.). — *Consultor do Empregado de fazenda*. Rio, 1910.

CAMPELLO (Eneas). — *A Educação physica*. Rio, 1910, com ill.

ROCHA POMBO. — *O Brazil nas escolas. Leituras progressivas. Obra premiada* pelo jury da Exp. Nac. Rio, 1910.

COSTA NOGUEIRA (J.) — *Ceará intellectual*. Fortaleza, 1910.

A casa VACHERON e CONSTANTIN obteve o UNICO primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS

FIGUEIREDO PIMENTEL. — *Os meus brinquedos*. Nova ed. Rio, 1910.

F. Pimentel que escreve prosa e versos de primor artistico excelle tambem n'esse genero difficil da literatura infantil.

Para todos nós, que viemos da infancia agora mais ou menos longinqua, é este um livro de saudades.

« Livro tão simples (como disse Sebastião Sampaio) tão ingenuo e tão violentamente commovedor! Emquanto a creança sonha embalada ao encanto da sua simplicidade, alguem, que é grande, que cresceu, que já atravessou todas as dôres da vida — alguem, como tantos! como todos os homens, como serão todos os meninos! fica silencioso, com os olhos cheios d'agua a recordar, a viver de saudade! »

JACQUES OURIQUE. — *O Marechal Hermes da Fonseca. Sua eleição á Presidencia*. Rio, typ. do Jornal do Comm., 1910.

SOARES BULCÃO. — *Paremias*. Philosophia popular em versos. Rio. (Lisboa, typ. Editora), 1910.

« *Paremias*, diz Affonso Celso que prefacia o livro, é fora do commum. Pode-se dizer que encerra na simplicidade voluntaria e artistica de suas estrophes a quintessencia da philosophia e da experiencia populares ».

No texto do *Almanaque* deparam-se excerptos d'esta obra.

CHACARAS E QUINTAES. Periodico illustr. São Paulo, typ. Hennies irmãos, 1910.

Utilissima revista dirigida com grande competencia, com excellente collaboração technica e enriquecida de lindas gravuras. Flores, jardins, hortas, viveiros, pomares, pecuaria, avicultura, etc. tem sido os assumptos da preciosa revista.

OLIVEIRA DE MENEZES (F. X.). — *Elementos de Chimica organica*. Rio, F. Alves, 1910, ill.

A obra do sabio e provecto mestre, composta com admiravel methodo e clareza, veiu de facto preencher a necessidade que tinhamos de um compendio d'essa complexa materia. D'aqui por diante será um livro classico nos nossos gymnasios e academias, como já o é sua pequenina *Physica elementar* nas escolas elementares. Sciencia, boa doutrina, inexcedivel methodo e limpida clareza são as qualidades principaes do sabio mestre.

PACIFICO PEREIRA (Dr A.). — *A peste bubonica e a febre amarella* (conferencia). Bahia, 1910.

Dr ROCHA LEÃO. — *O occultismo desvendado*. Rio, 1910.

Dr VENETTE. — *Quadros do Amor Conjugal*. Rio, (Pariz) ed. Garnier, 1910.

Esta obra de modos ligeiros e faceis bem mostra que é do seculo XVIII, um pouco mais livre e licencioso que o nosso tão malsinado dos contemporaneos. O livro é curiosissimo pelas anecdotas, pelo estylo leve e amena do A.

WELLS (G.) — *Uma historia dos tempos futuros*. Rio, ed. Garnier.

Wells desbancou completamente o Julio Verne, e as suas obras não necessitam recommendação maior que a do annuncio.

MELLO MORAES FILHO. — *Altar encerrado*. (Poesias escriptas por occasião do passamento da extremecida esposa do poeta.) Rio, 1910.

PINTO (Dr Argemiro). — *Duas palavras*. Belem, 1910.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ em Manguinhos. — *Noticia descriptiva*. Rio, off. de Kosmos, 1909-1910.

IN MEMORIAM. (A memoria de Villalva Junior, homenagem de seus amigos.) S. Paulo (in-fol.) ill.

C. A. de Freitas Villalva Junior (1887-1909) de talento precoce, jornalista, orador brilhou um momento entre os da sua geração literaria, desapparecendo aos 22 annos de edade. Muita cousa deixou esparsa pelas revistas e jornaes e ultimamente trabalhava n'um *Diccionario de pseudonymos brazileiros*.

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DO RIO GRANDE DO SUL. — Porto-Alegre; livraria americana, 1910, in-8º.

Publica os estatutos, o regimento interno e artigos de Achilles Porto Alegre, Pinto da Rocha, Zeferino Brazil.

A Academia compõe-se de 30 membros; 20 effectivos e 10 titulares (estes, sem residencia no Estado).

REIS CARVALHO. — *A questão do Ensino*. Rio de Janeiro, typ. do J. do Commercio, 1910.

JOÃO MENDES JUNIOR. — *Direito judiciario brazileiro*. S. Paulo, Henies, irmãos, 1910.

Leal de Souza. — *Sua Eminencia*. Caricatura de comedia. Rio, 1910, com ill.

Graça Aranha. — *Chanaan*. (Trad. franceza.) Paris, 1910.

Machado de Assis et son œuvre littéraire. Avant-propos d'Anatole France. Paris, 1910.

Luiz Murat. — *Ondas*. III vol. — 1910.

H. de Balzac. — *Illusões perdidas*. Rio, Garnier, 1910.

Souza e Silva (Capitão-tenente) *Assumptos Navaes. Marinha do Brazil e marinhas estrangeiras*. Rio, Garnier, 1910.

Dr Garnier (P.). — *As anomalias sexuaes*. Rio Garnier, ed., 1910.

Vida (A.) do Menino Jesus (trad. de Mlle Nettement). — *Com lindas* grav. em aço. Rio, ed. Garnier, 1910.

Cicero. — *Das Obrigações civis*. (De officis). Trad. classica. Rio, Garnier, 1910.

Thomas Lopes. — *Caras e Corações*. Rio, Garnier, ed. 1910.

Museu Goeldi. — *Boletim do Museu Gœldi* (Museu paraense. Pará, 1910 (vol. VI).

Sob a direcção do Dr J. Huber continua esta notavel publicação scientifica, onde com verdadeiro saber technico são estudados todos os assumptos de historia natural e todas as riquezas economicas d'elles decorrentes, na immensa região amazonica. Nenhum serviço tanto á sciencia como á vida pratica se pode egualar a este de que o Brazil tanto se deve envaidecer. No ultimo volume publicado (VI) sobresae uma preciosa monographia sobre as *Mattas e Madeiras amazonicas* (pag. 91 a 225). Um dos encantos d'este *Boletim* é a sua bem *feita* bibliographia de obras de sciencias naturaes que dizem respeito ao Brazil.

Leonette Oliveira. — *Flocos*. Poesias. Maranhão, typogravura Teixeira, 1910, in-16.

Quasi todo o livro é composto de sonetos, especie já assaz fatigada no ultimos tempos; mas,

Leonette Oliveira.

apesar d'isto, apresentam os *Flocos* paginas de sincera inspiração. Uma das melhores composições do livro é a que se intitula *Gotas de pranto*:

Gôtas de pranto, gôtas cristalinas.
que tristemente dos meus olhos decem,
perolas brancas, tremulas, divinas,
flores de inverno que jamais fenecem;

ide nas duas azas pequeninas,
dos meus sonhos azuis que empalidecem,
ide por sobre as ondas diamantinas,
ide! e dizei que as minhas dores crecem.

Voai! correi nessa galéra branca,
que esta saudade do meu peito arranca,
cheia de sonhos e iluzões fugaces.

... Depois de terdes doidejado, aflitas,
voltai de novo, ó! lagrimas benditas,
voltai de novo para as minhas faces!

BEBAM CAXAMBÚ
**A soberana das aguas de meza.**

Arthur Orlando, da Academia Brazileira. (*Memorias do 2º. Congresso Brazileiro de Geographia.* — S. Paulo). — Os bandeirantes. Rio, 1910. — S. Paulo versus Alexandre VI.

São duas contribuições em que se revelam as qualidades literarias sobejamente conhecidas do reputado academico, autor de trabalhos de critica, philosophia e literatura.

Arthur Orlando no estudo dos *bandeirantes* considera-os como um grupo sociologico analogo ao dos *bandidos* entre os antigos gregos e os italianos e assim se explicam as suas odysséas e as lendas homericas das suas expedições.

Candido Lago. — *Collocação de pronomes. Ultima palavra.* Rio, typ. Barros, Parreiras e Beltrão, 1910.

Almachio Diniz. — *Um artista da moda.* Lisboa, 1910.

C. Melo. — *O desfructavel, poemeto* em CIV estrofes. Rio (Porto), 1910, in-32.

Le Brésil, *ses richesses naturelles, ses industries* (Centre ind. du Brésil). Paris, Aillaud (1909-1910), 2 vols ill.

Ruy Barbosa. — *Direito do Amazonas ao Acre septentrional.* Rio (J. Santos, ed., 1910.

Coelho Netto. — *Alma feminina.* Livro para creanças. Rio, Jac-Santos, ed., 1910.

Sylvio Romero. — *Quadro synthetico da Evolução dos generos na litteratura brazileira.* Porto, livraria Chardron, 1910.

Dr Benjamin Baptista. — *Anatomia descriptiva da cabeça.* Rio, typ. do J. de Comm., 1910.

Paula Faria. — *Poesias. Flosculos, brumas, etc. Rio,* Papelaria Moderna, 1910.

São versos duros, sem inspiração, matrificados com difficuldade, embora em geral e exteriormente correctos. Não nos parece digna de applausos essa tentativa imperfeita.

Elysio de Carvalho. *Five o'clock.* Rio, ed. Garnier, 1910.

Benj. Rabier. — *Miserias que passam os animaes* (Livro humoristico, illustr. para a infancia). Rio, ed. Garnier, 1910.

Historia de Dom Quixote (Livro para a infancia, illustr. de chromolithographias). Rio, Garnier, 1910.

Dr Tavares Bastos (J.). — *O jury na Republica.* Rio, Garnier, ed.

Bouchardet (Joanny). — *O problema da morte; sua solução.* Com um mappa da região o Brazil sujeita ás seccas periodicas. Rio, Garnier, 1910.

A. Azevedo. — *Contos em verso.* Reedição. Rio, Garnier, 1910.

Leopoldo de Freitas. — *Noções de Direito.* Rio, Garnier, 1910.

W. Scott. — *Woodstock,* romance historico. Rio, Garnier, 2 vols.

Jackson de Figueiredo. — *Zingaros.* Versos. Bahia, typ. Bahiana, 1910.

O autor tem 19 annos; e só merece encomios este volumezinho de versos onde se entrevê um

Jackson Figueiredo.

poeta que promette em futuro não remoto outros fructos mais sumarentos.

Estou só e pensando nesta vida
De Tedio, de Pezar. de Iniquidade...
Nesta constante e desastrosa lida,
Nos crepusc'los do Amor e da Saudade!

Na Eterna Inquietação; na desabrida
E trovejante e negra tempestade
De Duvidas; na valla sem sahida,
Onde uiva a hyena da Insaciedade...

A Vida! Os que trabalham noite e dia...
E sabios de olhar fito eternamente,
Nos olhos turvos de uma esphinge fria...

O impossivel da Paz e esta canceira...
Ai! que inveja me faz o Inconsciente...
Uma pedra, um pedaço de madeira...

O livro é prefaciado pelo impagavel crítico Almachio Diniz que só tem uma razão para apadrinhal-o... e é ser homem de *jornal* e de espantar meninos com as suas pachuchadas folhetinescas de *critica scientifica, orientação nova* e outras babozeiras, já de cabellos brancos, á estas horas talvez mesmo carecas de todo.

MONTEIRO DE SOUZA. — *Instrucção Publica. Segunda edição.* (Manáos), 1910.

JOAQUIM NOGUEIRA PARANAGUA. — *Carta aberta ao exmº. Presidente da Republica.* Rio, 1910-1911).

Trata da conveniencia de transferir para o planalto a capital federal, assumpto cuja discussão foi despertada por este trabalho em janeiro de 1911.

AGNELLO BARBOSA RIBEIRO. — *Discurso na collação de gráo.* (Gymnasio diocesano S. José em Pouso-Alegre; Minas). S. Paulo, Cruzeiro, 1910.

ANNAES DO I CONGRESSO BRAZILEIRO de Geographia. Vols I e II. Rio, litotypo, Reis e C, 1910.

DOM FRANCISCO de Paula e Silva, bispo do Maranhão. — *Paginas de Combate.* Petropoliss, off. do, Cruzeiro, 1910.

CARMO GAMA (da Acad. mineira). — *Xavier da Veiga;* escorço biographico. Minas, typ. do Rio Novo, 1910.

FREI PEDRO SINZIG. — *Modinhas brazileiras.* 40 canticos. Petropolis, typ. da Escola S. José, 1910.

O maestro Fr. Pedro Sinzig é o autor inspirado de muitas composições bellas e estimadas geralmente. D'elle é a linda opereta *Branca de Neve,* fundada na gracio-a historieta do *folk-lore,* da qual em outro lugar damos uma transcripção.

PAULO TAVARES. — *Palestras scientificas.* Rio, H. Garnier, edit., 1910.

ALMACHIO DINIZ. — *O Diamante verde.* Novella. Bahia (Lisboa) 1910.

E' mais um livro do escriptor Almachio Diniz que as-im nos dá um exemplo de infatigavel e fecundo. Em verdade, a essa abundancia não correspondem o merito e qualidade que são sempre somenos e mediocres em quasi todos os seus trabalhos de qualquer especie. Escriptor nefelibatico, incorrecto, superficial pedanteante e presumido, levará ainda muito tempo a corrigir-se déstes defeitos que (quanto aos ultimos que são de temperamento) parecem insanaveis. Infelizmente.

Não fôra a sua vaidade, que é as vezes assombrosa e toca ao ridiculo, seria aqui o lugar de dizer-lhe algumas palavras amaveis a proposito *deste Diamante Verde* que é um dos mais aceitaveis dos seus livros.

Depois de não ter conseguido um lugar na *Academia brazileira* a que com os seus pacotes, (como diz o Silvio) aliás legitimamente se propuzera, o Snr A. D. tomou a derrota como um desdouro e esquecendo as mesuras e louvaminhas impensadas, com que encaminhara a sua infeliz candidatura, passou a dizer *cobras e lagartos* do academicismo e dos academicos que a seu respeito têm mais ou menos a opinião deste *registro.* Eis ahi o homem.

Não diremos mais para não parecer que o *Registro* é tambem, candidato derrotado da *Academia... Almachiana* que o homem ultimamente fundou (!) e della se fez presidente, por um *pronunciamiento literario.* Achou, assim, o seu *diamante verde.* Damos a S. Exª, Presidente, os nossos parabens pela boa fortuna.

GENERAL DANTAS BARRETO, *da Academia brazileira.* — *Impressões militares.* Rio, typ. Leuzinger, 1910.

« O General Dantas Barreto (diz um dos seus criticos) é um dos nossos escriptores militares mais cultos e mais competentes. Nesse livro agora publicado estampa dous trabalhos historicos de grande valor. No primeiro (*Abandono de Corumbá*), o Sr. General Dantas Barreto descreve a retirada desastrosa do Coronel Carlos de Oliveira, quando o ditador Solano Lopez invadio o Mato Grosso. Baseado em documentos ineditos prova que o abandono de Corumbá foi devido á falta absoluta de recursos. No segundo, narra a invasão federalista no Paraná em 1894, a final victoria do Governo Central, para a qual o autor contribuio como commandante de uma das expedições »

E' um bello livro e um documento valioso para a nossa historia.

**SMITH VISIVEL** ***tem o maior invento*** em machinas de escrever : ***Articulaçoes com Espheras.***

ABILIO BARRETO. — *Matizes* (Versos). Minas, 1910.

Para dar idea do valor d'este livrinho que só conhecemos de informação transcrevemos esta singela poesia de innegavel e pura belleza :

Bate, bate, noite e dia,
Bate, bate, sem cessar,
Na grota funda e sombria,
O *monjollo* a triturar.

Sua alma é a monotonia.
O seu destino é britar.
E assim batendo annuncia
Que ha fartura pelo lar.

*Tam, tam, tam*, de longe escuta
Quem vai ou vem, na labuta,
A' luz do sol ou do luar.

Ouvil-o ao camponio é doce,
Como se o *monjollo* fosse
Uma araponga a cantar.

ROMARIO MARTINS (do Instituto Historico). — *Lages*. Historico da sua fundação até 1821. Documentos e argumentos. Curitiba, typ. Livr. Econom. 1910.

Pequeno estudo historico feito com criterio e documentação rigorosa. Em sua substancia aproveita como contribuição, ao estudo dos limites meridionaes do Paraná.

ULYSSES DE ALBUQUERQUE. — *Pedunculos*. Versos. Alagoa de Baixo (Pernambuco) 1910, in-16.

Um pequenino livro de versos, talvez estimaveis pela intenção, más que não passam de promessa por emquanto. Versos errados ou incorrectos, não poucos :

Que alvejam *no copal dos alvoredos*
(pag. 25).

Que enfeitaram-*lhe* o azuleo caixãozinho
(pag. 26).

E só meu peito *baralhado* em luta
(pag. 15).

Que mau gosto, não revela essa quadrinha tão desageitada :

Sei que foi grande o meu peccado ;
Porem, Jezus me perdoaria,
Se em sua vida elle algum dia
Tivesse sido *namorado*...

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA. — *Nomenclatura geographica peculiar ao* Brazil. Bahia, litho-typ. Reis e C., 1910.

E' pena não ser mais desenvolvido este opusculo, interessante e muito bem ordenado. A *Acad. Brazileira* no seu vocabulario deverá aproveitar essa contribuição valiosa, onde aliás, deviam ser indicadas com maior precisão as fontes informativas (Rohan, e outros) para facilitar a pesquiza ou dissipar qualquer duvida do leitor.

Foi lido no Congresso Brasileiro de Geographia (Rio, 1909), na sua primeira reunião.

AFRANIO PEIXOTO. — *Elementos de Medicina Legal*. Rio. F. Aloes, 1910, in-8°, com est.

A. Peixto, da Academia Brazileira, e professor da Fac. de Medicina, junta ao cabedal scientifico bellas e primorosas qualidades de escriptor. No seu livro, é elle proprio que o diz, não ha reminiscencias archaicas, erudição frivola, discussões inuteis que eternizam, sem solução, todos os problemas.

Os *Elementos de Medicina Legal* foram recebidos com grande exito pela opinião dos competentes.

FRANCISCO DA CRUZ (Dr J.). — *Ensaios de methodologia didactica*. Rio, 1910.

ESTEVES DA SILVEIRA (Edmundo). — *Dialogo entre o Brazil e a republica*. Rio, 1910.

AFFONSO COSTA. — *A Caixa de Conversão e a taxa cambial*. Rio, impr. nacional, 1910.

O dr. Affonso Costa um dos nossos mais distinctos parlamentares, é ainda a mais um philologo e escriptor e autoridade em varias e difficeis materias. N'esta, de finanças teve elle grande e brilhante parte combatendo o pomposo apparelho que sob o nome de Caixa de Conversão lhe parecia « formidavel tropeço » aos interesses economicos do paiz.

Effectivamente embora sejamos de todo leigos na materia nunca nos pareceu racional a doutrina do « cambio fixado por decreto », e foi pois com grande prazer que perlustramos essas paginas escriptas com a arte do escriptor e a technica do professional, onde se demostram os perigos « d'essa politica de experiencias e tentativas, innovações arriscadas e artificios vistosos. »

DIONISIO CERQUEIRA (General). — *Reminiscencias da Campanha do Paraguay* (1865-1870). Rio, 1910.

A respeito d'este importante livro que não vimos e apenas conheciamos por algumas paginas editadas nos *Annaes*, de Domingo Olympio, diz um critico contemporaneo :

« As *Reminiscencias* só contam os feitos e os incidentes a que seu autor assistio, o estylo é pessoal, artistico e litterario. Por isso, interessa tanto aos estudiosos do passado do Brasil, aos militares profissionaes quanto ao grande publico.

Todo o horror tragico-comico das guerras onde como nos dramas de Shakespeare os episodios bregeiros, graciosos e alegres se confundem com o fado que tudo attrahe e arrasta, se estampa nessa obra magnifica, que prende e empolga o leitor. Por isso, as *Reminiscencias da Campanha do Paraguay* são um grande livro. »

OLIVEIRA GOES. — *A pedra da montanha*. Poemeto. Recife, typ. S. A. Begerra, 1910.

Versos inspirados que tecem um thema um pouco banal, é verdade, mas tratado com emoção artistica.

Citamos alguns versos finaes do poemêto:

Assim, mãe Natureza, ó grande mãe piedosa,
Quando, um dia, o meu corpo exanime tombar
Sobre o teu seio casto onde viceja a rosa,
E onde vae a miseria em lirios desbrochar
Ou resurgir, vibrando, em mil cousas contida,
Com outros modos de ser, com outras fórmas de vida:
. . . . . .
Abre-me, ó Natureza, o teu ventre fecundo,
Dá-me, para que eu durma o meu somno profundo,
Todo o amor maternal que em teu collo se encerra,
E em recompensa, Mãe, deste meu grande culto.
Faze, faze com que no atro seio da terra,
Repouse, para sempre, o meu corpo sepulto!...

BARÃO DE PARANAPIACABA. — *Poesias e prosas selectas*. Rio, 1910.

A obra deverá ter 3 volumes, quando completa.

Dr DAVID OTTONI. — *A lepra no Estado de Minas Geraes, 1910.*

GUSTAVO GALVÃO. — *O credito agricola e as Caixas economicas*. Rio, typ. do Jornal do Comm., 1910.

BRASILIO MACHADO (da Acad. de letras de S. Paulo). — *O codigo commercial do Brazil em sua formação historica*. S. Paulo, 1910.

XAVIER MARQUES. — *O Sargento Pedro* (Tradições da Independencia). Bahia, typ. bahiana, 1910, in-8°.

E' mais um bello romance do primoroso autor de *Joanna* e *Joel*, *Pindorama* e de varias outras novellas recebidas sempre com applausos. A acção é entretecida de factos historicos da guerra da Independencia na Bahia que foi o mais forte nucleo da reacção portugueza e colonial, e varios episodios d'aquelle momento memoravel foram descriptos como só o podera fazer um verdadeiro artista da palavra.

CATULLO CEARENSE. — *Trovas e Canções* (Cantigas). Rio 1910.

Dr MEIRELLES (Ed.). — *O poder bactericida do Gonol*... Estudos. Rio, 1910.

ALMANAQUES E ANNUARIOS de 1910-1911. Continuaram as publicações d'este genero que mais aceitação gozam entre nós: o *Annuario do Observatorio astronomico* que é a publicação technica de maior importancia; o *Annuario do R. G. do Sul*, o *Almanach popular literario* (Pelotas) o *Almanach pernambucano*, o *Uberabense* nitidamente impresso, os almanachs cariocas da *Gazeta de Noticias*, da *Revista da Semana*, do *Malho*. *Alm. Nartico do Lloyd*, etc.

RUI BARBOSA. — *O direito do Amazonas ao Acre septentrional* (Razões do advogado...) Rio, typ. do J. do Commercio, 2 vols.

Dr HOMERO BAPTISTA. — *A Marinha Nacional*. Rio, 1910.

SABINO ROMARIZ. — *Mea culpa*, 1910.

Dr J. HUBER. — *Mattas e Madeiras amazonicas*. Belem, 1910.

E' a importante monographia em *separata* do que já falamos a proposito do *Boletim do Museu Goeldi*.

PIO CORREA (naturalista do Jardim Botanico). — *Plantas fibrosas da Restinga do Estado do Rio de Janeiro*. Rio, 1910.

BARROS (Abelardo de). — *Carta repto*. Rio, 1910.

MARTINS (Samuel) da Acad. pernambucana. — *Assistencia maritima*. Recife, impr. industrial, 1910.

CASTRO GIOVANNI (G.). — *Notizie storiche delle missione capuccina de Rio de Janeiro* (1650-1910). Rio, 1910.

SEBASTIÃO PARANA (do Instituto Historico). — *Os Estados da Republica*. Coritiba, ed. Buzetti-Mori e filhos; typ. intern., 1911.

E' uma nova e excellente Corographia do Brazil escripta especialmente para o ensino dos gymnasios e escolas-normaes, e com o proposito de

BEBAM CAXAMBÚ
**A soberana das aguas de meza.**

corrigir os muitos erros de que abundam os muitos livros d'este genero, entre nós.

O dr. Sebastião Paraná, já sobejamente conhecido por outros trabalhos da geographia e da historia patria, terá ainda n'este os applausos dos professores nacionaes.

GONZAGA DUQUE. — *Graves e frivolos*, Rio. (Lisboa, A. M. Teixeira), 1910, in-8º.

« Assumptos de arte » como não podiam deixar de ser, vindos do fino, subtil e delicado estheta que sempre foi Gonzaga Duque.

Aqui vemos a lubricidade e symbolismo de *Rops*, as monochromias melancolicas do *Castagnetto*, o erro elegante dos *imagistas nephelibatas*, tudo vivificado pela magia do estylo raro e capitoso do escriptor.

SYLVIO ROMERO. — *Da critica e sua exacta definição* (2ª ed. melhorada). Rio, impr. nacional, 1910.

SCHWENHAGEN (Ludwig). — *Meios de melhorar a situação economica e moral da população do interior do Amazonas*. Manaós, 1910.

LOPES DA CRUZ (Paulino). — *Estudo dos terrenos*. Recife, 1910.

MARIO MELLO. — *A Maçonaria no Brazil*. Recife, typ. J. A. Bezerra, 1910.

CESAR DE CASTRO. — *Pean. Ampollas de escuma*. Porto *Alegre*. Livraria americana, 1910.

ADELMAR TAVARES. — *Trovas e trovadores*. Rio, typ. do J. do Comm., 1910.

HENRIQUE SILVA. — *Folk-lore goyano. Sumé e o destino da nação* Goyá. Rio, typ. do J. do Comm., 1910.

OTHONIEL MOTTA. — *A Continencia*. Sob o ponto de vista moral, intellectual e effectivo. Conferencia na « Associação Christã de moços ». S. Paulo, casa Vanorden, 1910.

P. C. TESCHAUER. — *Habitantes primitivos do Rio Grande do Sul*. Rio Grande, Livraria americana, 1910.

E' uma contribuição muito valiosa para o estudo da nossa ethnographia e especialmente para o do Rio Grande e das suas tribus primitivas, guaranis, tapes, charruas, minuanos, guenoas, carijós, guananás etc. Traz um mappa ethnologico da região com o estudo particularisado de caracteres e costumes dos varios indios do sul; trabalho de erudição e sciencia muito estimavel.

EIRAS (Dr Francisco). — *A Hygiene da Garganta*. Rio, 1910.

STRICKER. — *Physiologia do direito*. Traducção de Adherbal de Carvalho. 2e ed. Rio, ed. F. Alves, 1910, in-8º.

Este livro lindamente impresso está na 2.ª edição, e n'esta depara-se um primoroso prefacio de Clovis Bevilaqua. O dr. S. Stricker, professor de pathologia da Universidade de Vienna, achou em Adherbal de Carvalho um interprete feliz que ao conhecimento da materia reune qualidades artisticas que tornam a *Physiologia do direito* uma leitura agradavel e attrahente.

REVISTA *brazileira de Sociologia*; directores Soriano de Albuquerque e Rocha Pombo. Rio, e Ceará, 1910.

Esta louvavel empreza cremos que não logrou passar do primeiro numero, o que tem succedido a varios tentamens semelhantes quando não protegidos pelos poderes publicos.

OLIVEIRA LIMA (da Academia). — *La Conquête du Brésil*. Conférence Bruxelles 1910.

Esta bella conferencia foi realisada na sessão solemne de 4 de Abril de 1910 da Sociedade de Geographia de Belgica.

Sabemos que ao nosso compatriota que tanto nos honra no estrangeiro coube a medalha de prata conferida pela sociedade. A medalha de ouro foi conferida ao explorador Charcot.

ALFREDO DE CARVALHO (da Acad. pernambucana). — *Prehistoria Sul Americana*. Com 20 grav. e 1 mappa ethnographico. Recife, typ. do J. do Rec., 1910, um vol. in-8º.

Em seguida a uma polemica scientifica a respeito de *inscripções lapidares sul americanas*, o nosso sabio investigador de cousas brazileiras conseguiu reunir n'este livro o que de melhor e mais seguro se conhece n'esta difficil materia, discutindo amplamente todas as questões com a competencia que lhe é propria. Para A. de Carvalho como para R. Andree, G. Mallery, Koch-Gruenberg nenhuma escriptura ideographica representam as inscripções conhecidas no Brazil.

A conclusão parece-nos excessiva, mas o livro do A. será sempre uma das melhores contribuições para o esclarecimento e solução d'este problema ethnographico.

Castro Perdigão (Domingos de). — *O Maranhão na Exposição nacional.* S. Luiz, impr. official, 1910.

Sabino de Magalhães. — *Poema da Saudade. Porto Alegre*, offic. americana, 1 vol. in-8º.

Lindamente impresso em côr violeta este bello livro de versos traz um original *antelogio* de Cesar de Castro que diz do poeta: « Elle é nosso de uma pequena familia de almas que ama a Arte porque a entende ».

Teixeira Duarte (A.). — *Discurso na collação de grau*, na Fac. de direito. Bello Horizonte, typ. Beltrão, 1910.

Teixeira Duarte (A.). — *Opiniões e controversias.* Ideas e criticas. Bello Horizonte, typ. Beltrão, 1910.

Contem varios artigos interessantes de actualidade: *Allemanismo no Sul*, *Engrossamento*, *Psychologia do improviso*, *A ultima philosophia*, *O friagem*, e outros muitos, sempre suggestivos, escriptos com *humour* a com arte. No texto do *Almanaque* publicamos (*data venia*) um d'estes bellos ensaios.

Roque Callage. — *Escombros.* Alma gaúcha, sombras. R. G. Sul, 1910.

Uma serie de novellas de costumes e paisagens do sul, que não sabemos se correspondem á realidade, mas dão a impressão de coisas vividas e verdadeiras.

Eug. Egas e Rob Moreira. — *Os cedros do Bussaco.* Discursos. São Paulo, Pocai e Weiss, 1910, in-16.

« Quando visitei Coimbra, (diz E. Egas) em maio e agosto do corrente anno, tive ensejo de conhecer alguns estudantes da celebre Universidade. O movimento de uma forte approximação entre Portugal e Brasil (o chamado accordo luso-brasileiro, iniciativa de Consiglieri Pedroso) empolgara todos os espiritos.

Alfredo Rodrigues dos Santos e Joaquim Augusto Tavares da Silva, á frente de seus amigos e collegas, combinaram commigo dar aos estudantes de S. Paulo significativa demonstração de apreço. Accordou-se que eu seria o portador de duas mudas de cedro do Bussaco (*cupressus lusitanica*) para, em nome dos meus amigos estudantes portuguezes, que entendiam bem representar o sentir de todos, offerecel-as á mocidade academica paulistana. O professor de Botanica, sr. dr. Julio Henriques, escolheu os exemplares mais apropriados aos nossos intuitos, e as pequenas mudas tiradas do Jardim Botanico da Universidade de Coimbra, e agora plantadas no Jardim da Luz de S. Paulo, vieram desde lá até aqui rodeadas de cuidado e muito carinho.

Foram por mim entregues aos estudantes de S. Paulo, no dia 15 de setembro ».

Amaral Ornellas. — *Illuminuras. Paineis.* Poema da altura. Rio, impr. ingleza, 1910, in-8º pequ.

Placido de Souza. — *Esboços mundanos.* Pariz e Rio. Edição Garnier, in-8º.

São cartas de Pariz e da Allemanha, deliciosas narrations de viagens, cheias de *humour*, de graça e de discreta experiencia da vida europea. Os *armazens de modas*, a estação, os theatros, os lazeres da vida de touriste, a libertinagem, os aspectos urbanos das grandes cidades, tudo passa em variegado kaleidoscopio diante dos olhos do leitor que vae empolgado até á ultima pagina. Bellas gravuras augmentam o interesse do livro.

Magalhães de Azeredo (Carlos). Da Acad. brazileira. — *All' Italia nel lutto della Calabria e della Sicilia* (Ode). Roma, typ. Centenaria, 1910. (Trad. de C. Parlagreco).

Guilherme Ivens Ferraz (Official da Armada e antigo profesor do curso de pilotagem. — *Manual do Navegante.* Signaes maritimos, pharóes, boias et balisas. Telegraphia sem fios. Reboques. Incendios. Encalhes, etc. Rio. Livraria Alves, 1910, 1 vol. illustr.

Francem da Silveira. — *Industrias de Fermentação.* Vinificação; alcool, cerveja, etc. Rio, Livraria F. Alves, 1 vol. in-8º illustrado.

Eugenio E. de Barros e A. Ferreira de Freitas. — *Construcção naval.* 5º vol. — Accessorios dos navios de ferro. Rio, Livraria F. Alves, 1910, um vol. illustr.

**pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.**

**REX**

Olavo Bilac e Coelho Netto. — *Patria Brasileira* (narrativas sobre a historia do Brasil). Rio, F. Alves, ed., um vol. illustr.

P. L. Mariano da Rocha. — *Centro catholico*. Exposição de um programma. Porto-Alegre, Livraria Americana.

Emmanuel de Broglie. — *São Vicente de Paulo* (1576-1660), traduzido da 11e edição por um padre da Congregação da Missão. Rio, F. Alves, 1910, in-8o.

Revista Forense de Santa Catharina. Director Dr Joaquim Tiago da Fonseca. Florianopolis, typ. Brazil, 1910.

Dr Alfredo Gomes. — *Grammatica Portugueza* (13e edição). Rio, F. Alves, editor, 1910, in-8o.

Buffalo-Bill. — *Romance de aventuras. Os exploradores negros*. (Empreza de edições modernas). Varios fascic. 1910.

Julia Lopes de Almeida. — *Elles e Ellas*; dialogos e monologos. Rio, F. Alves, ed., 1910, in-8o.

Dr Moreira Guimarães (Major). — *Estudos e reflexões*. Rio, 1910. D'este excellente livro, damos um trecho no corpo d'este *Almanaque*.

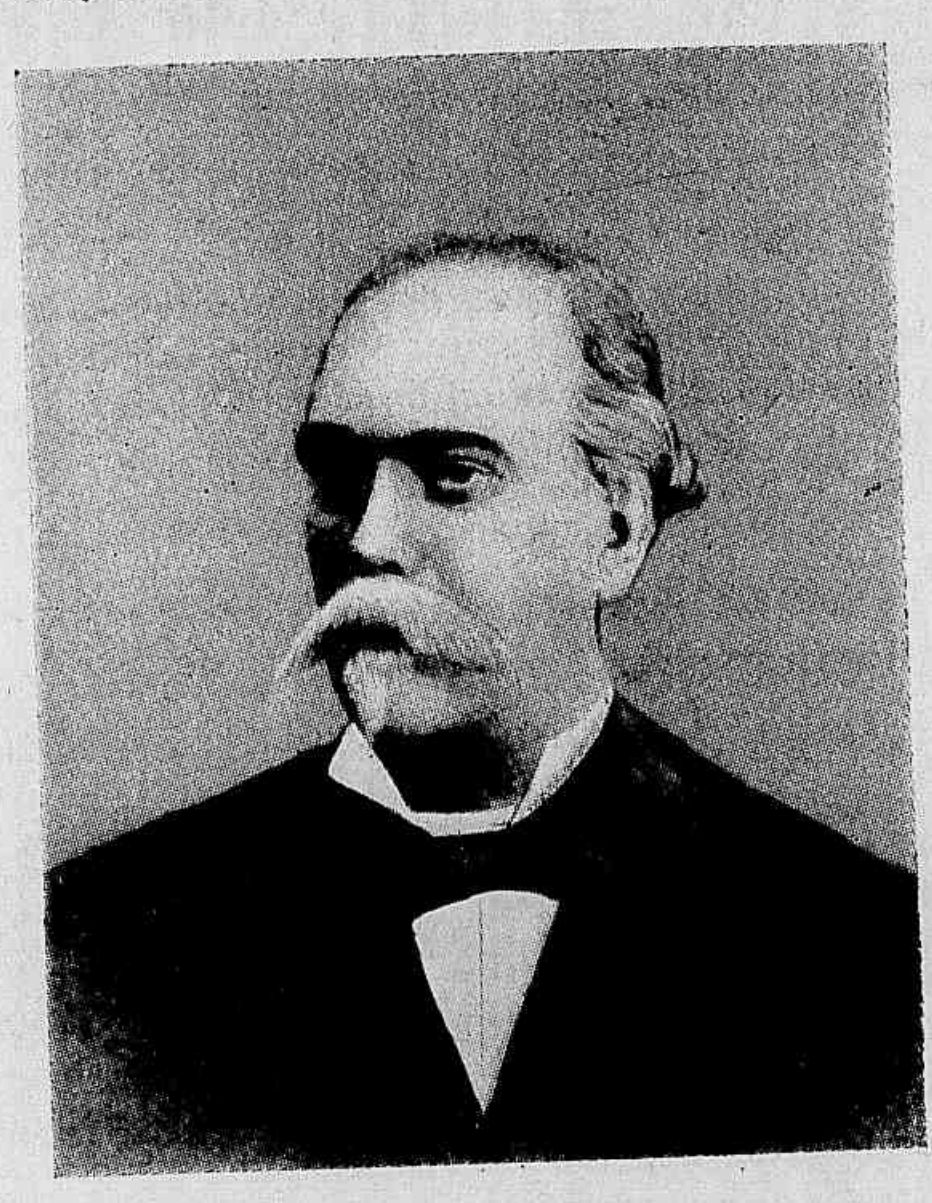
Adelia Ennes Bandeira. — *Grammatica Portuqueza Pratica*. 5e ed. Rio. F. Alves, 1910.

Assis Moura (do Inst. hist. de S. Paulo). — *Questão de limites. Paraná* e Sta-Catharina. S. Paulo, typ. Maré, 1910.

Dr Maximo Maciel. — *Grammatica descriptiva*, baseada nas doutrinas modernas. 4e ed.). Rio, F. Alves, edit., 1910.

Atirador (O.) Revista mensal, illustr. Orgão do Tiro pernambucano. (Directores, Mario Malo e Bento Gonçalves). Recife, 1909-1910.

Dr Castro Lopes. — *Neologismos indispensaveis e barbarismos dispen-*



Dr Castro Lopes.

*saveis-com* um vocabulario nesologico portuguez, 2e edição. Rio. F. Alves, editor, 1910.

Jackson de Figueiredo. — *Zingaros*. Versos. Bahia, 1910.

Carvalho de Lima. — *Patria*. Versos. Espirito Santo, 1910.

João Ribeiro (da Academia Brazileira). — *Historia do Brazil* (3e edição). Rio, F. Alves, editor, 1910. — (O mesmo). — *H. do Brazil*. Curso primario. Ibidem.

Masson de Azevedo (E.) e Deolinda Ferreira. — *Historia do Brazil*. Rio, 1910.

Horas Marianas. — *Manuel de piedade*. Rio, 1910.

B. Lamartine. — Bustos e autographos de commerciantes e industriaes do Rio de Janeiro. Rio, 1910.

Ignacio Raposo. — *Canticos* (Versos). Rio, 1910.

Proezas de Raffles. (Empr. de Ed. modernas), 1910.

Carmo Gama (J.J.). — Escorço biographico do Comm. J. P. Xavier da Veiga (Minas), 1910.

CARLOS MALHEIRO DIAS. — *Paixão de Maria do Céo*, romance. Rio. F. Alves, 1 vol.

BOLETIM mensal da estatistica demographo-sanitaria. Pará (Belem), 1910.

REVISTA maritima brazileira (Bibl. da Marinha). Rio, 1910.

H. DE BALZAC. — *A Musa do departamento*. Trad. brasileira de K. de Avellar. Rio, Garnier, ed. 1910.

LUIZ SILVA. — *Artinha e theoria musical*. Compendio theorico e pratico. Rio, 1910.

FELISBERTO DE CARVALHO. — *Terceiro livro de leitura* (curso medio das escolas primarias) refundido por Epaminondas de Carvalho, conforme as correcções feitas pelos Drs Martins Teixeira e Oscar de Souza, 1 vol. com illustrações, sendo muitas coloridas.

IDEM. — *Quarto livro de leitura* (c. superior das escolas). Quinto livro de leitura (ultima da serie). Rio. Francisco Alves, 1910. (Cada vol. rico de illustrações, muitas coloridas.)

MISS BOSTON. — *Novellas policiaes*. Rio ,1910.

ARSENIO LUPIN. Rio, 1910.

BARBOSA LIMA (Virgilio). — *Dissertação sobre o verbo portuguez*. Manáos, 1910.

GUILHERME IVENS FERRAZ. — *Manual de Pilotagem*. Navegação costeira, etc. Rio, F. Alves, editor, 1910, illustr.

MENEZES DRUMMOND (J.H.). — *Diccionario de Nomes proprios* (2e ed.). Rio. F. Alves, 1910.

JUSTINO DE MONTALVÃO. — *A Italia coroada de rosas*. Rio. Garnier, ed. 1910. — *A Guerra infernal* (Empr. da ed. Mod.) 1910.

LINDOLPHO GOMES. — *Primeiros exercicios de arithmetica* compendio para o inicio do ensino. Rio, F. Alves, 1910 (2e ed.).

OLAVO FREIRE. — *Arithmetica Intuitiva* em 4 volumes graduados : Curso elementar, curso medio, elementar e medio, curso complementar. Rio, F. Alves, editor, 1910.

ALMACHIO DINIZ. — *Questões actuaes de philosophia e Direito*. Rio, Garnier, ed. 1910.

F. MEIRA. — *Tratado do sapateiro*. Rio, 1910, com grav.

Dr ALBERTO BIOLCHINE. — Direito commercial - prelecções professadas pelo Dr Inglez de Souza na Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro a.edição muito melhorada). Rio, F. Alves, editor, 1910.

CARLOS PEDRO DA SILVA. — *Serralheiro mecanico*. Rio, F. Alves, editor, 1910, com 239 grav.

OS NOSSOS BRINQUEDOS. — Collecção Icks. Bibliotheca infantil. Rio (Lisboa), 1909-1910.

E' uma das mais interessantes contribuições para o estudo do nosso *folk lore* infantil. *Icks* é o pseudonymo da nossa illustre collaboradora, Dona Alexina de Magalhães.

DECIO CARNEIRO. — *Manual da sapateiro*. Rio, Livraria F. Alves, 1910, com grav.

BEBAM CAXAMBÚ

*A soberana das aguas de meza.*

# REGISTRO BIBLIOGRAPHICO

(SUPPLEMENTO)

Estava já fechado o nosso *Registro bibliographico* quando recebemos nos começos de 1911 as seguintes obras de que espéramos falar com maior individuação no registro vindouro, e principalmente das de maior importancia scientifica e litteraria.

PUBLICAÇÕES. da Inspectoria de obra contra as seccas : obras de excepcional valor scientifico sob a direcção do sabio compatriota Dr. ARROJADO LISBÔA. As publicações são as seguintes :

— O problema das seccas sob seus variados aspectos, por Miguel Arrojado Lisbôa, Alberto Lofgren, Roderic Crandall, Horace Williams e O. Weber.

— Notas botanicas (Ceará), por Alberto Lofgren.

— Mappa dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, com partes dos Estados limitrophes, pelo Serviço Geologico e Inspectoria de Obras Contra as Seccas, na escala de 1 : 1.000.000.

— Geographia, geologia, supprimento d'agua, transporte e açudagem nos Estados da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, por Roderic Crandall do Serviço Geologico.

— Mappa botanico do Estado do Ceará, por Alberto Lofgren, botanico da Inspectoria de Obras contra as Seccas. Escala 1 : 3.000.000.

— Mappa do Estado do Ceará, ampliado da publicação n. 3, na escala de 1 : 650.000, com a collaboração do sr. Antonio Bezerra de Menezes.

— Mappa geologico dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba por Horace Williams e Roderic Crandall, do Serviço Geologico. Escala 1 : 3.000.000.

— Memorias e projectos de açudes estudados e elaborados pelas commissões do « Açude de Quixadá » e de « Açudes e Irrigação », chefiadas pelos engenheiros B. Piquet Carneiro e José Ayres de Souza.

— Memorias e projectos de barragem elaborados, em parte ou totalmente, pela Inspectoria de Obras contra as Seccas.

— Chuvas e climatologia da região das seccas. — Pluviometria do norte do Brasil e suas relações com a vasão das correntes e com a açudagem, por Horace Williams e Roderic Crandall, do Serviço Geologico.

— Carta pluviometrica da região semi-arida do Brasil, por Horace Williams e Roderic Crandall, do Serviço Geologico.

— Estudos e trabalhos relativos aos Estados da Parahyba e Rio Grande do Norte, pelo engenheiro Raymundo Pereira da Silva, chefe da 2.ª Secção da Inspectoria.

— JOÃO DO RIO. Dentro da Noite (contos). *Rio*, Garnier.

— SOUZA BANDEIRA. Peregrinações (*Porto*, Chardron), 1911.

— J. M. GOULART DE ANDRADE. Segunda serie. Os Inconfidentes. *Rio, Garnier*, 1910 (publicado effectivamente em 1911).

— COELHO NETTO. Alma. *Rio, J.-R. Santos*, 1911.

— REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO e Geographico Parahybano. Parahyba, 1910 (1911).

— Dr. Eduardo Cotrim. Conferencias. Industria pecuaria. *Rio. Impr. Nacional*, 1911.

— Lindolfo Gomes. Estudos de portuguez. *Juiz de Fóra, typ. Brazil*, 1911.

— A.B. Barbosa de Godois. O mestre e a Escola. Maranhão. Impr. official, 1911.

— Lydio Regis Costa. Sonetos de Dôr. *Pelotas*, 1910.

— Revista Escolar, sob a direcção de J. da Costa Nogueira. Ceará, 1911 (VIII).

— Xavier Marques. Vida de Castro Alves *Bahia, typ. bahiana*, 1911.

— Henr. Geenen. Questões de grammatica historica. *S. Paulo* 1911.

— Mendes Martins. Vencido. Poema *Recife*, 1911.

— Evolução. Revista literaria, scitifica. Redactores Roberto Trompowsky Junior e Ithamar Tavares. *Rio*, 1911.

— José Oiticica. Sonetos (1905-1911). *Rio, typ. Carvalhaes*, 1911.

— Mensagem ao Conselho Munic. de Cachoeira pelo intendente Coronel Isidoro Neves da Fontoura. *Porto-Alegre*, 1910.

—Cornelio Pires. O. Monturo, poemeto. *S. Paulo, edit. Pocai-Weiss*, 1911. (com illustr.).

— Dr. Raul Leitão da Cunha. Lições de microbiologia geral, *Rio*, 1910. (N.R.)

— Carteira de Paris. Periodico mensal. Propriedade da Agencia Luso-brasileira. Director, *Monteiro de Carvalho, Paris*, 1911.

— Henrique Coelho. A organização politica do estado de S. Paulo e suas leis constitucionaes. *S. Paulo, typ. do Diario Official*, 1910 (N. R.).

— Jader de Andrade. Discurso. Timbanba, *Recife*, 1910.

— Dramas *secretos dos Conventos. Rio*, 1910-1911. (Livro detestavel e estupido).

De Portugal recebemos igualmente alguns livros, acerca de alguns dos quaes promettemos dizer alguma coisa e são estes :

— O doutor Storck e a litteratura portugueza ; pelo dr. J. Leite de Vasconcellos. *Lisboa*, 1910.

— Affonso Lopes Vieira. Canções do Vento e do Sol. *Lisboa*, 1911.

— A.-R. Gonçalves Viana. Palestras filolojicas. *Lisboa, Livraria Classica*, de *A.-M. Teixeira C°*, 1910.

— Dr Ign. Bapt. de Moura. De Belem a S. João do Araguaya. (Com illustr.) *Paris, Rio* ; *Garnier*, 1910 (Recebido em 1911).

— Dr Jansen Ferreira. Discurso na entrega de diplomas a normalistas. *Maranhão*, 1910 (receb. em 1911).

---

Viuvo da minha noiva.
casei-me com a saudade ;
so Deus sabe como é triste,
o casar contra vontade !

---

**ESPINGARDA STANDARD,** é de summa precisão, grande alcance, solidez, segurança, pouco peso e facil manejo .

***Clubs, Casa Standard. — 93, Ouvidor, 95, RIO.***

# SOCIÉTÉ
# Financière & Commerciale
## FRANCO-BRÉSILIENNE
## (ÉX NATHAN & Cie)

**ESPECIALIDADES:**

*Materiaes para Estradas de Ferro,*
*Lavoura e Machinismo Industrial.*

*Ferragens em geral, Canos e*
*apparelhos para gaz e agua.*

*Ferro, Aço, Cobre, Latas, Chumbo e Outros*
*Metaes, Cimento, Tintas, Carbureto de cal.*

Unicos representantes no Estado de São Paulo
DO
**THE STANDARD OIL Cº**
DE NOVA YORK
(Departamento Thompson & Bedford)

*ENVIAM-SE CATALOGOS*

**SÃO PAULO**
43, Rua de São Bento.
***Caixa do Correio K.***
***Endereço telegraphico :***
"LUPTON"

**SANTOS**
5, Onze de Junho.
***Caixa do Correio, 147.***
***Endereço telegraphico :***
"WYSARD"

# NECROLOGIO DE 1910

## LUIZ DELPHINO

A de 31 de Janeiro de 1910 fallecia no Rio de Janeiro um dos maiores poetas brazileiros, o mais productivo e, a certos aspectos, o mais original de todos os de seu tempo.

« Luiz Delphino tinha setenta e cinco annos, tendo nascido no Desterro, capital de Santa Catharina, a 25 de agosto de 1834. Vindo menino para o Rio, formou-se em medicina, e, poeta, poeta excepcional, poeta que em muitas producções póde ser considerado genio, foi uma anomalia no meio romantico da época. Emquanto para ser artista, era preciso compor nos botequins, com a cabelleira em desalinho, o fato descuidado, como na « Noite na Taverna », nessa curiosa época em que o poeta era um typo á parte na sociedade, Luiz Delphino foi sempre grave, elegante e importante. Emquanto á roda social de politicos, de gente da alta que era o seu meio, seria incapaz de confessar saber escrever; emquanto os conselheiros se julgariam diminuidos se os soubessem capazes de compor uma quadra, Luiz Delphino sempre grave, sempre respeitado, publica os seus sonetos onde a volupia ardente se arqueia em espamos. Na vida social, na vida mundana era positivamente a excepção, alliando varios typos de homem — sendo o medico, o « homme du monde », o conselheiro, o proprietario discretamente rico, e sendo o estranho poeta perdido de amor em que as rimas eram hormonias da mesma symphonia de paixão.

Quem o visse na rua, sempre de sobrecasaca abotoada, chapéo alto, luvas de pellica negra, impeccavel, sem uma poeira e sem uma ruga, não o diria o vate vibrando de paixão, o lyrico que compunha estrophes em fogo, o poeta cujo poder vocabular era tão intenso que ao lel-o, como numa allucinação viamos dos bosques de antanho surgir um fauno antigo para sobre o eterno feminino cahir, rugir, prendendo, devorando de beijos o motivo de todas as delicias e de todos os tormentos humanos.

Mas do mundo litterario, do « meio » Luiz Delphino sempre man-

BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

teve um discreto afastamento. Começando pobre a clinicar, e fazendo com o seu talento de medico dentro em pouco fortuna, manzendo com o seu talento de medico dentro em pouco fortuna, mantinha a linha de fazer poesias por desfastio e rolava no seu couppé para as visitas enluvado e notavel com uma brochura scientifica diante dos olhos e em toda a face aquella importancia palaciana que sempre o impoz ao respeito. Foi de resto a sua maior prova de « self-contrôle », porque extremamente susceptivel á linsonja, procurando o elogio como os deuses procuram o cheiro das offerendas, devia ser sacrificio grande recusar todas as honras que lhe queriam dar. Contentava-se com o perfume a bebia a ambrosia das palavras. Nada mais curioso do que vel-o receber na sua casa poetas que o consideravam o Maioral. Nada mais delicado que ver um homem que poderia reunir o volume de poesias mais bello do seculo, ter a « coquetenir o volume de poesias mais bello do seculo, ter a « coquetterie » de nunca permittir que se fizesse esse volume.

E Emquanto a Academia se faz museu de mumias do partido dos Duques por authenticar, nada mais picante do que vêr o nosso primeiro poeta não ser lembrado e despresar toda aquella engrenagem de milicia litteraria com o discreto sorriso de um homen que não quiz nunca nem cargos do governo nem officialato das Musas distribuidos abaixo do Parnaso.

A nota de um jornal sobre um fallecimento não se póde estender ás proporções de um artigo de critica, nem é nosso desejo fazelo. Luiz Delphino póde ser louvado como facultativo que foi dos mais eminentes; como um raro homem de sociedade de preciosa e encantadora conversa. Elle aparentava contentar-se com essas qualidades pois que na politica só de passagem esteve como senador no inicio da Republica. Mas tinha o orgulho e a certeza de que era um dos nossos primeiros poetas. E quantos sentem a suggestão da arte o mesmo pensavam.

Certo a sua obra enorme, vasta, densa — (Luiz Delphino fazia pelo menos um soneto por dia) — nem sempre é impeccavel, como a de Heredia que levava varios mezes a limar o mesmo soneto. Mas se é ás vezes vulgar e solta, eleva-se quasi sempre ascende, sóbe aos céus, faz-se constellação e de lá goteja paixão, amor, luxuria, o esplendor dos sentimentos hyperesthesiados, Sehopenhauer dizia que não ha genio sem uma dose excessiva de sensualidade. Luiz Delphino era dos poetas mais sensuaes e muita vez perfeito e genial. »

— Falleceu a 27 de dezembro o Dr Julio Jacobs, professor da Ecola de Minas.

— Em São Remo (Europa) Falleceu Julio Constancio, CONDE DE VILLENEUVE, que foi o tr'ora um dos proprietarios de *Jornal do Commercio*.

O Conde de Villeneuve nasceu nesta Capital, no morro de Santa Thereza, a 3 de Janeiro de 1834 e bacharelou-se em lettras no Collegio de D. Pedro II, formando-se em direito pela Universidade de Pariz.

Pouco depois de formado dedicou-se á carreira diplomatica, servindo como addido nas Legações do Brasil nos Estados Unidos da America, França e Inglaterra.

Promovido a secretario, servio na Legação da Russia, e depois como Encarregado de Negocios na Suissa, Allemanha e Ministro residente em Hasse Darmstad, de 1870 à 1873.

Servio ainda como Ministro Plenipotenciario em Bruxellas, sem nunca receber vencimentos.

Foi secretario da Exposição Brasileira em Pariz, em 1867, e delegado do Brasil na de Antuerpia.

O Conde de Villeneuve nunca precizou preoccupar-se com a administração do *Jornal do Commercio*, porquanto era este dirigido e administrado pelo. Dr. Luiz de Castro e Conselheiro Leonardo de Araujo e por seu sobrinho, o Sr. Henrique de Villeneuve.

Tampouco se dedicou ao jornalismo, e muito raramente visitava o Rio de Janeiro e a empreza de que era proprietario.

Quatro ou cinco annos antes da proclamação do novo regimen, aqui esteve algum tempo, regressando á Europa, onde assumio de novo o cargo de Ministro Plenipotenciario em Bruxellas.

Com o advento da Republica pedio demissão do Corpo Diplomatico e retirou-se para San Remo, indo habitar confortavel palacete na localidade denominada Villa Siris.

Era Commendador das Ordens da Conceição, de Portugal; da Corôa do Merito de S. Miguel, da romana de S. Gregorio Magno, da belga de Leopoldo, Cavalheiro da Legião de Honra e da Ordem turca de Medjidie.

Escreveu varios trabalhos sobre exposições internacionaes e um drama lyrico, denominado *Paraguassú*.

O assumpto deste poema foi tomado do poema *Caramurû* de Frei Santa Rita Durão, sendo a musica de J. O. Kelly.

---

**PIANOS** Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes.
********* **RITTER** **CLUBS CASA STANDARD,**
**93, Ouvidor, 95, RIO.**
17

O poema dramatico foi representado em Pariz uma unica vez em 2 de Agosto de 1855.

Dr Joaquim Nabuco. — Um dos maiores vultos do Brazil na sua historia politica e na literatura. Dedicado a todas as causas liberaes, o seu nome tornou-se grande desde cedo na campanha abolicionista em que elle foi o heroe mais brilhante e o campeão mais eloquente na tribuna popular e no parlamento. Orador enthusiasta, escriptor e philosopho, historiador e diplomata, em tudo foi elle dos primeiros e em algumas cousas foi sem contestação o unico e sem rival. Falava e escrevia o inglez e o francez com a mesma finura com que falava e escrevia a lingua vernacula. Foi secretario perpetuo da Academia brazileira, Embaixador do Brazil em Washington, onde falleceu a 17 de Janeiro de 1910. Advogado do Brazil no litigio de limites com a Guyana Ingleza, resolvido pela sentença arbitral do Rei de Italia, Presidente do Congresso Pan-Americano reunido no Rio de Janeiro, doutor por varias Universidades Americanas, por toda a parte brilhou o seu nome com o intenso e excepcional fulgor de individualidade, muito acima do commum; foi o homem mais completo que produziu a nossa raça no conjuncto physico e moral das suas qualidades.

J. Baptista das Neves,
Commandante do *Minas Geraes*.

General Dionisio Cerqueira, um dos vultos proeminentes do exercito, de notavel illustração. Foi deputado, ministro das relações exteriores e chefe de varias commissões. Combateu na guerra do Paraguay, de que escreveu as *Reminiscencias*. F. em Pariz, 16 de fevereiro de 1910.

Almirante J. Baptista das Neves. — Cruelmente trucidado por marinheiros na estupida revolta dos inferiores do encouraçado *Minas Geraes*, em novembro de 1910, faleceu o commandante d'aquelle

*dreadnought* victima do dever e da dedicação em que era inexcedivel.

Foi illimitada a sympathia publica por aquelle nobre official, um dos mais notaveis da nossa marinha.

Dr Barata Ribeiro, professor, nascido na Bahia (1843) fallec. no Rio a 10 de fevereiro de 1910.

Candido Barata Ribeiro, filho de José Maria Candido Ribeiro, e D. Veridiana Barata Ribeiro, nasceu na capital da Bahia em 11 de março de 1843.

Era, pelo lado materno, neto do ardoroso patriota da Revolução de 24, Cypriano José Barata de Almeida.

Nestas linhas, que valem por um ligeiro perfil sobre a individualidade do grande cidadão, cuja vida foi por assim dizer o apostolado do trabalho consciente em todos departamentos do saber e da administração superior do paiz, rendemos, sobretudo, homenagem ao dispersivo talento de Barata Ribeiro.

Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, imprimiu em pouco tempo á vida municipal o traço mais brilhante de sua actividade. Soube querer e soube fazer. Para attender ás complicadas questões de fóros da vasta metropole, elle se entregou a um trabalho arido, extenuante, no rebuscamento de papeis velhos, e agitou questões de vália sobre a propriedade territorial do municipio. Extendeu suas vistas aos serviços do Matadouro, recúo de predios, e foi quem levou a primeira pedra para o edificio social, que é o ensino publico na terra carioca.

No cargo de Prefeito deixou luminosa trilha de trabalho fecundo, inteligente e duma probidade que — digamos com franqueza — não é muito do nosso tempo.

Foi muitas vezes severo, poucas, talvez, prudente e mesmo precipitado, mas sempre justo. Excedia-se no cuidado com que em tudo em todas as cousas, estava em jugo sua auctoridade. Isto o fazia mais por seu temperamento ou pela exigencia dos factos, ante o monopolio ou a fraude rasteira dos profissionaes da politicagem.

Nunca os apodos o alcançaram na honorabilidade do caracter e elevação das intenções.

Diante de pretenções desarrazoadas, não recuava, para fugir sem

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

a coragem dos timoratos. Os ataques, as injurias, que o não attingiam, serviam antes para multiplicar sua assombrosa actividade do que para intibiar-lhe o sentimento, a vontade de resistencia.

Era por educação um combativo, — desses luctadores de feição antiga, para os quaes o dever é o unico guia a nortear-lhes a vida.

Sahiu da Prefeitura em lucta aberta com os magnates da politica e sahiu pauperrimo, sem que uma vóz se levantasse a deprimil-o.

Nosso prezado confrade Sr. Mello Moraes Filho, — que foi um intimo de Barata Ribeiro, conhecendo-lhe os thesouros de sua imaginação e a bondade sem par do medico caritativo que sempre teve um sorriso para as infelizes criancinhas recolhidas á *Santa Casa*, está reunindo farto cabedal, enfeixando-o dentre em breve numa monographia sobre a individualidade de Barata — como scientista, administrador, parlamentar e propagandista da Abolição e da Republica.

Muita gente ignóra um dos feitios intellectivos do illustre cidadadão nos primeiros passos de sua vida.

Na phase academica elle andou enleiado pelas correntes da escola romantica, na literatura, quer na palavra escripta, quer no discurso.

Foi como todos os intellectuaes do glorioso periodo do romantismo, um condoreiro, infiltrando-se-lhe, n'alma e na formação de seu espirito as mais doces saudades de dias passados.

Imaginoso, com os excessos e arroubos da época, o estudante de 1866, está stereotypado no discurso inédito e pronunciado no « Atheneu Medico », no qual faz o necrologio do Dr. João Joaquim de Gouveia, lente da cadeira de physiologia, no 2º anno da Falculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Eis o discurso que explica a razão de ser deste perfil.

Março de 1910.

Noronha Santos.

---


# COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS CORCOVADO

***Fabrica :***

**RUA DO JARDIM BOTANICO, 418**

*Escriptorio :* Rua da Candelaria, 71

**RIO DE JANEIRO**

**Riscados, Morins, Flanellas, Brins e Algodões alvejados**

**Premiada com o grande premio na Exposição Nacional de 1910**

Carmen Dolores. — Escriptora de grandes meritos literarios, romancista, folhetinista, foi uma das figuras de maior destaque, entre as do seu sexo, nas letras brazileiras. *C. Dolores* (pseudonymo de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello), nasceu no Rio de Janeiro a 11 de março de 1852, de illustre familia. Nos ultimos tempos foi exemplo de assombrosa actividade, tendo que viver exclusivamente da sua penna. O excesso de trabalho abreviou-lhe a existencia atormentada e pouco feliz. Falleceu em agosto de 1910.

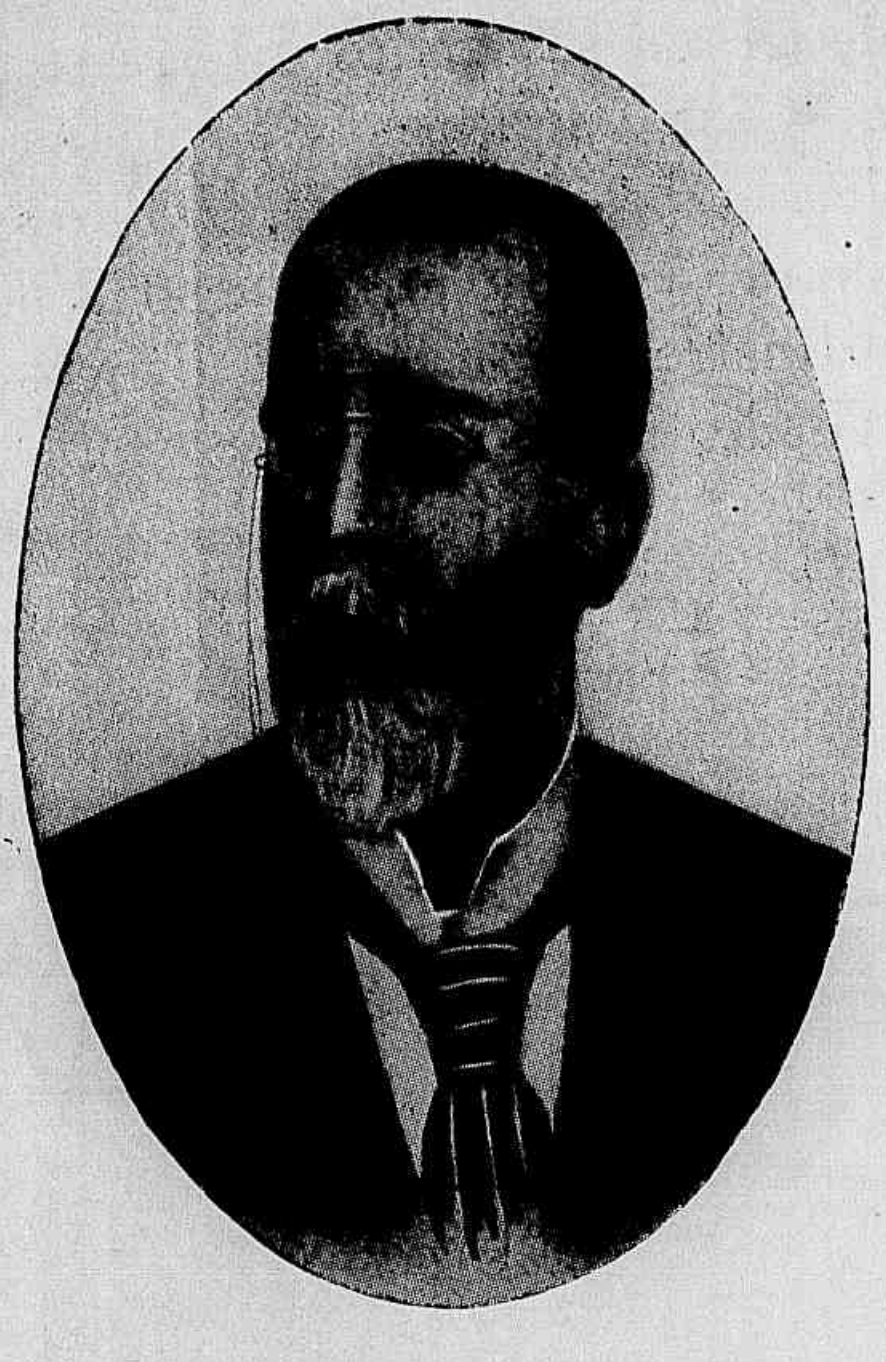
Carmen Dolores.

Angelo Agostini. — Artista italiano. Emigrou para o Brazil, logo cedo, em 1859 e aqui viveu da sua arte que era principalmente o desenho e a caricatura; com o periodico o *Cabrion* e mais tarde o semanario politico e humoristico *O Diabo Coxo*, a *Vida Fluminense* onde se bateu pelo abolicionismo tenazmente, e mais tarde *O Mosquito* e o *D. Quixote*, cuja publicação foi suspensa em 1900, quando Angelo Agostini foi atacado de uma congestão cerebral, ganhou grande popularidade.

Restabelecido começou a trabalhar em diversos jornaes, entregando-se por outro lado á pintura. Falleceu a 22 de Janeiro de 1910.

Antonio Leitão. — Activo e intelligente jornalista, um dos redactores do *Jornal do Commercio*. Desde 1867 que, então muito joven, come-

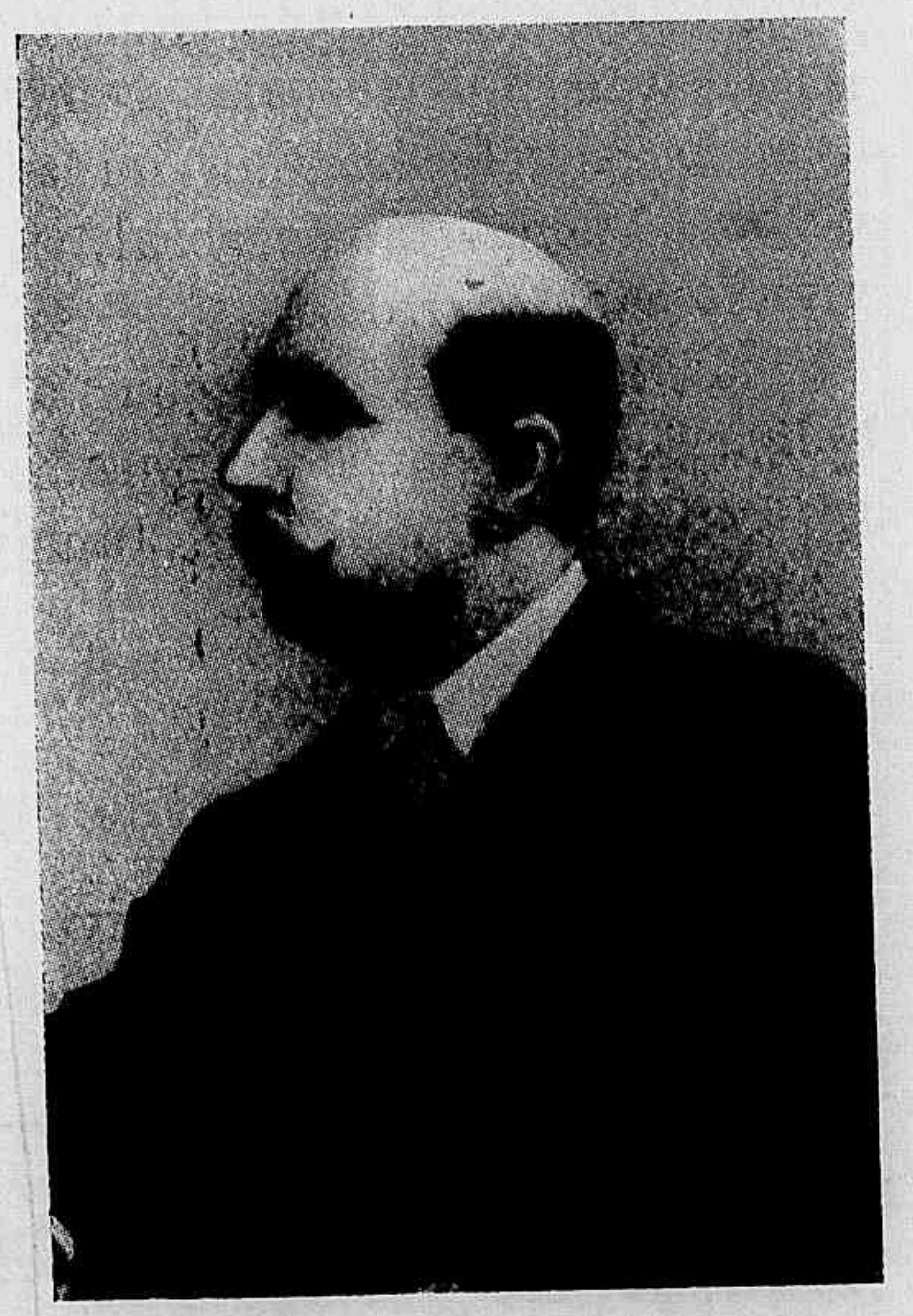
**CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 93-95, RIO.**
***Vendas a Prestações sem Augmento de Preço.***



Antonio Leitão.

çou a sua carreira no *Diario do Rio de Janeiro*. Proseguiu-a depois brilhantemente em varias folhas ao lado de Quintino Bocayuva, Almeida Torres, Ferreira Viana, Joaquim Serra, J. Carlos Rodrigues. Pobre, honestissimo, dedicado a sua profisão e ao professorado deixou a memoria de um dos caracteres mais estimaveis da nossa imprensa. A. L. nasceu no Rio a 30 de nov. de 1845 faleceu em junho de 1910.

Henrique Chaves. — O anno de 1910 foi realmente fatal para os jornalistas. Nascido a 13 de janeiro de 1849 em Lisboa Henrique Samuel de Nogueira Rodrigues Chaves, veiu cedo para o Brazil onde se dedicou á imprensa trabalhando com Ferreira de Araujo, Elysio Mendes, Bordallo, Patrocinio e outros. A sua folha predilecta foi a *Gazeta de Noticias* a que dedicou a mais intensa actividade. Henrique Chaves falleceu a 24 de Maio de 1910 deixando profundas saudades a seus companheiros e a quantos o conheceram e estimaram pelo seu trato lhano e a sua grande bondade.



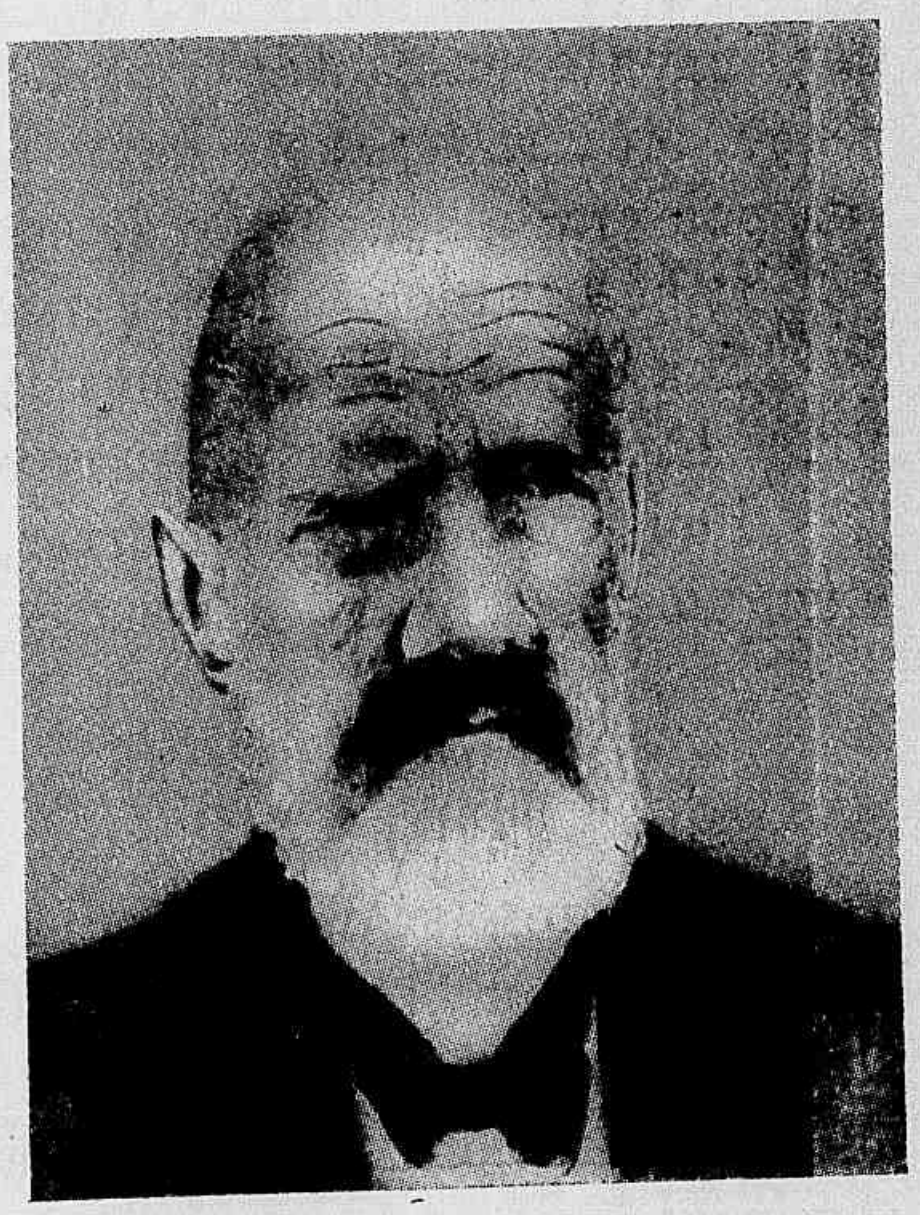
Henrique Chaves.

Cons. Andrade Figueira. — A de 14 agosto extinguia-se na cidade do Rio de Janeiro, um dos mais bellos talentos, o mais rigido caracter da geração que passou, notavel parlamentar, conservador de tempera, inquebrantavel, polemista e politico, typo de virtudes civicas e exemplo de inegualvel energia. Andrade Figueira nasceu a

6 de Outubro de 1835, na villa de Itaguahy, Estado do Rio, descendia do Sr. José Luiz Figueira, como elle, agricultor naquelle municipio e de D. Josepha Andrade Figueira.

Muito moço, entrou para o collegio do Rev. Padre Januario e do Sr. Victorio da Costa, onde fez o curso de humanidades com grande brilhantismo matriculando-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1852 onde defendeu these em 1857.

Foi, pouco depois da sua formatura, nomeado para o logar de Secretario do Governo da então Provincia de Minas Geraes, cargo que desempenhou por algum tempo, até que estabelceu o seu escriptorio na villa de Barra Mansa, onde residiu até o anno de 1864.



Conselheiro ANDRADE FIGUEIRA.

Ahi contrahiu casamento com a Sra. D. Theodora Marcondes dos Reis encarnação de virtudes e companheira sua dedicada até os ultimos momentos no Rio onde passou a residir ha cerca de 40 annos.

Occupou os cargos mais importantes na Monarchia. Foi temivel parlamentar, respeitado de todos os governos. Com o advento da Republica, regimen que nunca acceitou e sempre combateu vehementemente não se entregou á inactividade politica e antes foi assiduo soldado nos comicios e na imprensa. No ultimo anno foi um dos mais acerrimos campeões da candidatura civilista.

A proposito d'este ultimo episodio escreveu brilhantemente odr. N. Menezes :

« A acção de Andrade Figueira na reacção civilista é de um grande ensinamento. Velho, divorciado das agitações politicas seu patriotismo, mesmo assim, não se pôde conter ante os reclamos da patria ameaçada e sua penna, seu esforço, sua actividade foram collocar-se ao lado do grande mestre que é Ruy Barbosa e todos vimos o labor, a dedicação, a tenacidade admiraveis com que elle se bateu gloriosamente pela causa.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

Seu trabalho no seio da Commissão verificadora foi um trabalho de Hercules, cujo attestado está frisante e luminoso no seu parecer sobre a fraude escandalosa de março.

Assim prestou Andrade Figueira o derradeiro serviço ao paiz esforçando-se pela mais bella e justa das suas aspirações politicas...

Ao traçar estas linhas de saudade passa pelo nosso espirito, numa evocação dolorosa a figura sympathica do inquebrantavel velhinho, vestido sempre de preto, na cabeça a cartola luzidia, rosto emmoldurado pela neve da sua barba crescida, olhos cemi-cerrados, espiando através dos vidros fortes dos oculos, quando nos vinha trazer o concontingente extraordinario de sua collaboração e, com a sua presença, muitas vezes em horas agitadas e apprehensivas, o incentivo de sua palavra, a suavidade de sua *verve* de conservador emerito que foi.

O batalhador fallece agora como um justo.

Seu nome brilha na nossa historia politica como a encarnação da firmeza, da lealdade, da honradez e da rectidão.

Poucos podem, ao morrer, depois de uma vida tão longa, legar exemplos tão dignificadores. »

Dr. Thomas Wallace da Gama Cokrane. — Fallecido no Rio de Janeiro em 17 de Outubro de 1910. Possuidor de elevados dotes o Dr. Thomaz Cokrane bem cedo grangeou a estima geral no vasto circulo das relações sociaes, occupando com o maior criterio varios e importantes cargos publicos. Foi Director Geral da Secretaria da Industria, do Ministerio de Viação e Obras Publicas, representante do Ministerio Publico perante o Tribunal de Contas, assumindo o logar de Director desse Tribunal em 1900. Conquistou um vasto circulo de consideração e amizade, pelo modo distincto por que exerceu o cargo de Secretario da Presidencia no Governo do Dr. Campos Salles.

---

A folha da hera verde,
é verde da côr do mar.
O verde é côr da esperança,
da esperança do teu olhar...

---

Dizes que bem me queres
que meu é teu coração;
malmequeres que desfolho,
dizem-me todos que não...

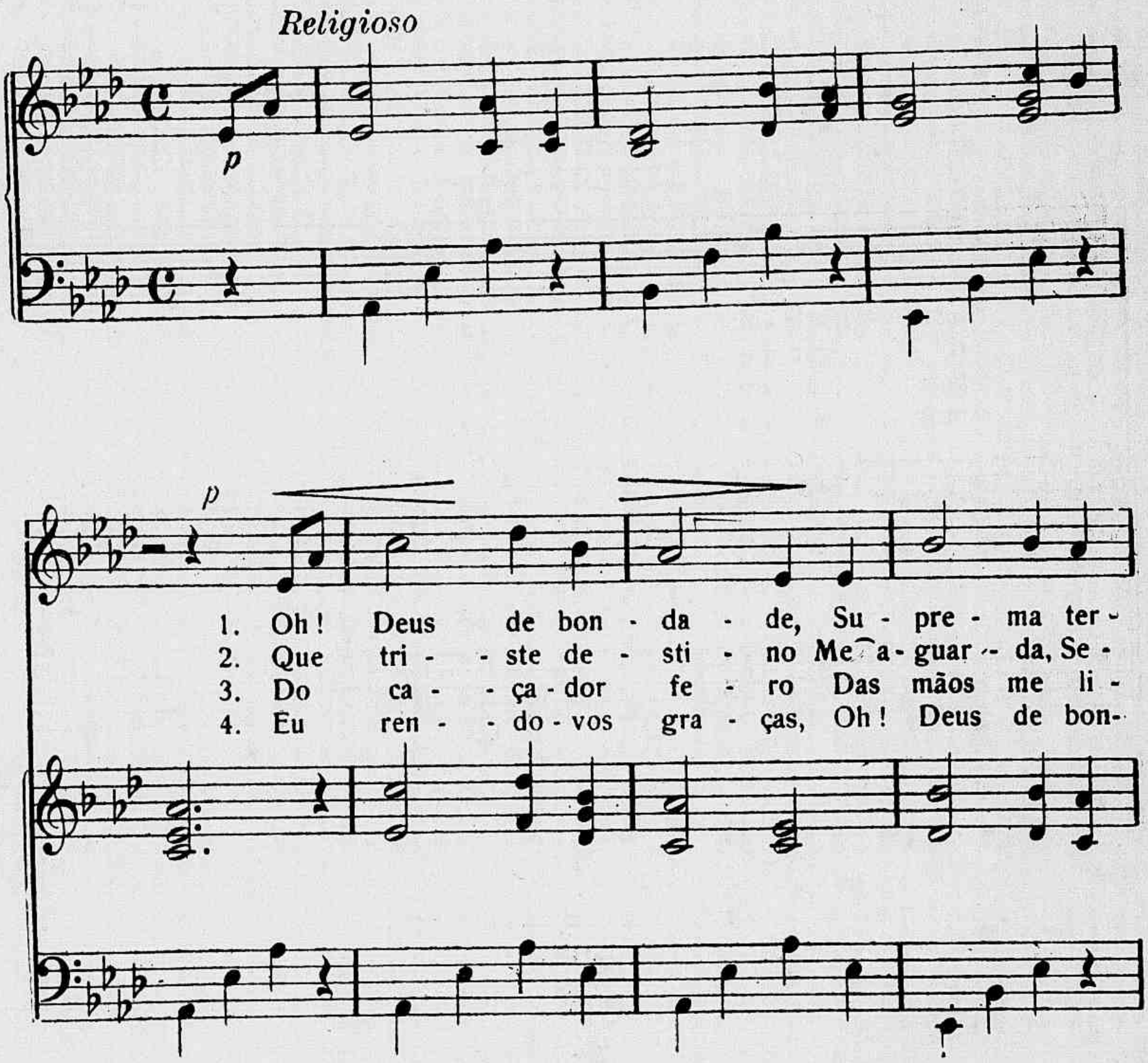
# BRANCA DE NEVE

## Opereta de Fr. Pedro Sinzig

**Op. 23**

I

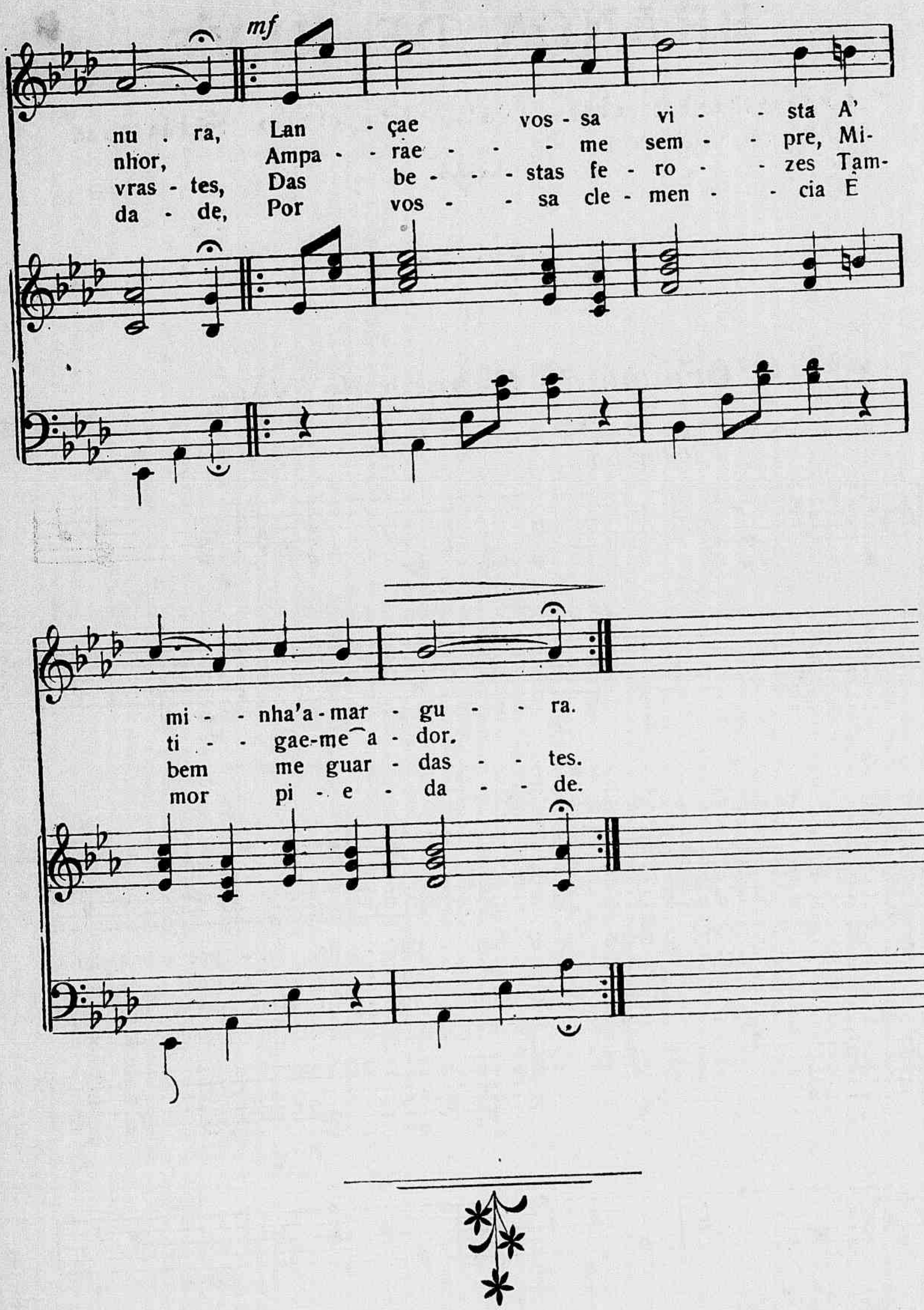
### *Oração de Branca de Neve*




R
REX
X

***pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança póde tocal-a***

CLUBS, CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.


mf
nu . ra, Lan - çae vos - sa vi - - sta A'
nhor, Ampa - - rae - - - me sem - - pre, Mi-
vras - tes, Das be - - - stas fe - ro - - zes Tam-
da - de, Por vos - - sa cle - men - - cia E
mi - - nha'a - mar - gu - - ra.
ti - - gae-me a - dor.
bem me guar - das - - tes.
mor pi - e - da - - de.

# RIQUEZAS DO BRASIL

## I

## A CHACARA DO FERNANDES

A estação de Sylvestre Ferraz está situada a 900 metros de altitude ; a chacara, porém, a 1.013. Pleno dia do meio dia europeu, corrigida pela altura do planalto a latitude. Ao alto do reconcavo, dominando as duas faces de terreno, ambas soalheiras em virtude de sua propria posição topographica, acha-se installada a confortavel moradia, de onde o abalizado pomicultor póde sem esforço administrar os trabalhos ruraes da propriedade. Uma das faces do terreno constitue o parreiral ; na outra parte estão agora a se fazer plantações. 27.000 videiras cobrem a superficie já cultivada, videiras das seguintes qualidades : Franckental, Gold Queen, Almeria, Hycalés, Moscatel de Alexandria, Moscatel de Hamburgo, Chasselas doré, Chasselas rose, Niagara, Delawaré, Robin noir, etc., todas enxertadas e em franca producção.

Cumpre advertir, entretanto, que este grande vinhedo não é tratado á moda da rotina, de onde resulta que nem sempre as nossas uvas e os nossos vinhos têm o mesmo sabor das uvas e dos vinhos europeus. Além da excellencia e apropriação daquelles tão bem situados terrenos para semelhante cultura, accresce ponderar que Jeronymo Fernandes cuida das suas parreiras com o carinho e a competencia de um velho e afamado vinhateiro, desde o amanho da terra, preparo e estrumação das covas, até o tratamento dellas, durante todos os estadios do desenvolvimento das plantas.

Está bem visto que uma cultura assim tratada exige dois elementos principaes : capital, que vai sendo posto a juros accumulados, e preparo technico.

Qual é, porém, o genero de cultura que não depende dos mesmos elementos, para se transformar depois em fonte de renda?

Não o exige igualmente a pecuaria?

Não fôra o geral atrazo de nossos agricultores, inda hoje, em grande numero influenciados pela rotina dos latifundios sustentados outr'ora pelas lagrimas da escravidão, e outras seriam nossas actuaes condições agricolas. Veja-se o exemplo da Argentina, que sómente cuida de cereaes e de pecuaria. Fundada sua riqueza economica nestas duas especies de productos, tem ella, não obstante, uma exportação maior do que todas as exportações brazileiras reunidas, muito embora o seu territorio não lhe offereça a fertilidade vária de nossas terras e a sua população pouco superior seja á do Estado de Minas tão sómente.

Ahi está a demonstração pratica de quanto vale a competencia technica dos agricultores e estancieiros. Por isso mesmo o que Jeronymo Fernandes está construindo em Sylvestre Ferraz é obra de patriotismo, é digno de imitação

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

e estimulo por parte dos poderes publicos. Elle tem despendido capitaes e tempo mas a sua obra está para attestar quanto vale o esforço bem orientado. A sua chacara é bem uma fazenda-modelo, com capacidade para as tres especies : pomicultura, cereaes e pecuaria. Não vejo sitio melhor do que o delle para um instituto agricola official.

Já se fabricam ali os seguintes vinhos : Clarete, Bordeaux, Champagne, Malvasia, e Concord. O Clarete e o Champagne, unicos de que tive prova, são simplesmente superiores. Não ha vinho europeu que lhes leve vantagem. E note-se que estes vinhos são fabricados com as uvas que se não prestam á exportação, porque as frutas da chacara são destinadas ao mercado do Rio de Janeiro, principalmente.

Como, entretanto, Jeronymo Fernandes é um espirito emprehendedor por excellenciä, vai elle montar na chacara uma distillação para aguardente de uvas, e os necessarios machinismos para enlatação de frutas e compotas.

Actualmente conta o pomar da chacara as seguintes plantas, muitas das quaes já produzindo em larga escala : 900 ameixeiras do Japão, 850 kakis e 120 marmelleiros da mesma procedencia, 100 pereiras, 450 macieiras européas, 1.340 laranjeiras de especies diversas, 100 cerejeiras da Europa e 50 do Rio Grande, 50 mangueiras, 200 figueiras, 800 pecegueiros e 100 ameixeiras Rainha Claudia, fruta apreciadissima. Excepção feita dos kakis, tudo o mais tem enxerto. Além das enumeradas acima, encontram-se ainda : fruteiras do Conde e da Condessa, carambolas, sapotis, cajámanga, fruta de pão, lixia da India, ata do Pará, castanha da mesma procedencia e da Europa, oliveiras, cambuçás, camphoreira, caneleira do Ceylão, cravo da India, abacateiros, romãs, tamarindeiros, etc., etc. Em summa, tudo quanto é fruta brazileira, ao lado das européas e japonezas. Mais de 900 pés de nogueiras, avelleiros, amendoeiras, vicejam lado a lado das plantas proprias das regiões intertropicaes.

Arvores de sombra : ficus Benjamin, magnolias, platano, carvalho da Europa, dolenia, acacias, eucalyptus e palmeiras de todas as especies.

E, como já deixei dito, as arvores frutiferas são todas tratadas pelo enxerto, de qualidade fina, e produzem de modo admiravel.

O kaki e as ameixas do Japão frutificam de modo assombroso, dando frutos saborosissimos.

Aqui tem o leitor um palido resumo do que é a chacara de Jeronymo Fernandes, em Sylvestre Ferraz, e de como é ella cultivada. Ao lado da pomicultura a pecuaria ; ao lado desta a cultura de cereaes.

Nas proximidades de Juiz de Fóra, mas em terrenos e altitude iguaes, seria uma fortuna ; nas proximidades do Rio, uma "California".

Jeronymo Fernandes exerce em Sylvestre Ferraz a mesma iniciativa frutuosa de que foi, parece-nos, Rodolpho Abreu o primeiro de exercitar proveitosamente em Minas, na sua chacara de Barbacena.

Essa iniciativa não restringe, recommenda, ao nosso vêr, o educador, como um homem que sadiamente, compensando o dispendio de energias intellectuaes na escola, sabe praticar as actividades que a terra offerece, como conforto para si e a utilidade para a communhão.

ESTEVÃO DE OLIVEIRA.

II

## CASTANHAS

E' uma das industrias do extremo-norte a das *castanhas* do Pará e Amazonas que já se traduzem por uma exportação de 10.000 toneladas.

No anno de 1908 foram exportadas 8.200 toneladas no valor approximativo de 280.000 libras esterlinas.

Inferior economicamente á borracha, é todavia um supplemento util, que se torna importante nas occasiões de crise da industria principal.

O commercio das castanhas é curioso ainda pelo seu caracter popular dos leilões, como iremos contar.

Na bacia do Amazonas existem extensas terras cobertas com estas arvores, com tanta abundancia que tornam-se um perigo para todos aquelles que, em um castanhal, ouvem as pesadas cascas cahirem através dos troncos e ramos de encontro ao solo, produzindo um estouro provocado pelo desprendimento da tampa.

As castanhas são recolhidas em cestos ou qualquer vasilhame manual, até a infallivel lata de kerozene é empregada para esse fim.

Em canôas, grandes ou pequenas, batelões, lanchas e outros meios de transporte fluvial, ellas chegam a Belém ou Manáos, reunindo-se os pequenos lotes, que são consignados a um agente.

Ahi são vendidas em *leilão*. O leiloeiro distribue entre os compradores do producto uma especie de boletim annunciando, por exemplo, que "ás 3 horas da tarde serão vendidas 900 toneladas de castanhas grandes do rio das Trombetas, pertencentes a diversos e chegadas pelo vapor fulano".

No local do *leilão* reunem-se á hora marcada os representantes de diversos exportadores : alguns, muito interessados, para examinar o producto, tiram de um sacco 50 ou 100 castanhas, cortam-n-as ao meio com um facão, repellindo bruscamente aos que desprendem um cheiro de super-amadurecimento ; outros, que lá vão com o intuito de evitar que os seus rivaes comprem um lote barato, aborrecem-se por se verem na necessidade de deixar durante esse tempo os seus legitimos negocios de compradores de borracha.

O leiloeiro repete o seu annuncio, accrescentando que, de uma amostra que recebera, entre 100 castanhas sómente 4 estavam estragadas.

Os lances começam por 10 $ e vão até 21 $ e o arrematante, depois de supportar as congratulações ironicas de todos os presentes, arranja o embarque immediato, pois que a embarcação que trouxera a consignação deve partir para outra viagem dentro de dous dias, mais ou menos.

Em baixo, no porto, os trabalhadores semi-núsentregam-se ao pesado serviço de baldeação, entoando o seu cantico "*Lá vai um para S. José* !", etc.

* FAQUEIROS COMPLETOS * LONDRES
DE MAPPIU ET WEBB
CLUBS DA CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.

III

## PAU DE ROSA

Industria talvez pouco conhecida no resto do Brasil é a que se explora na margem e territorio norte do rio Amazonas, ou propriamente Guyanna brazileira, a da extracção do *Pau-rosa* que n'essa região ainda inculta faz lembrar a industria primeva do *pau-brazil* nos começos da nossa historia no seculo XVI.

O governo do Pará cede a particulares exploradores, á razão de 500 a 1$ réis, o hectare de terras n'esta região até o limite de 25.000 hectares, desde que sejam demarcados e effectivamente utilizados.

O *pau de rosa (Aniba parviflora*, Mez*)* é uma especie de lauracea de boa madeira de facil trabalho e cujo pó de serragem é cheiroso e agradavel. Da mesma familia é a *Macaca poranga* de perfume procurado pelas mulheres.

Pode ser que d'estas varias especies de louros da Amazonia provenham ainda industrias lucrativas.

IV

## A CULTURA DO EUCALYPTUS EM S. PAULO

« Em viagem para Bahurú, o illustrado professor Orville Derby chamou a minha attenção para o Horto Florestal de Jundiahy que a Companhia Paulista tinha fundado sob a direcção do Engenheiro Edmundo Navarro de Andrade e por indicação do eminente Presidente daquella Companhia, Conselheiro Antonio da Silva Prado.

Não era a primeira vez que ouvia fallar nos trabalhos inciados pela Companhia Paulista para resolver o grande problema do regimen florestal do paiz, tendo muito em vista o consumo da lenha como combustivel nas vias de transporte e do emprego de dormentes de madeira nas estradas de ferro.

No Congresso das Vias de Transporte no Brasil, o illustrado Engenheiro Adolpho A. Pinto, digno representante dessa Companhia, tinha apresentado uma interessante memoria a este respeito, que me trouxe importante subsidio para a organização do projecto de um codigo florestal para o Brasil, trabalho que estava encarregado de fazer como membro da commissão especial da Camara dos Deputados, nomeada para esse fim nos ultimos dias da sessão de 1910.

O Horto Florestal de Jundiahy fundado em 1904 pela Companhia Paulista é uma lição proveitosa que deve ser recebida com enthusiasmo em todo o paiz.

Em 1908, achava-se o Horto de Jundiahy completamente arborizado com essencias de reconhecido valor, em numero de 40.000 exemplares, dos quaes 32.000 de eucalyptus e 8.000 de outros generos, especialmente escolhidos para a producção de lenha e dormentes.

Diante da barbara devastação das nossas matas, diz o illustrado Engenheiro Navarro de Andrade, em seu livro de 1909, é precizo cultivar todas as nossas essencias de valor, algumas das quaes já se vão tornando raras, organizando para esse fim um serviço florestal apropriado, criterioso e efficaz. Ao Governo

compete fazel-o e não a uma companhia de estrada de ferro, que já muito faz creando campos experimentaes e de demonstração.

O consumo de lenha no Estado de São Paulo é espantoso. Só as estradas de ferro no quinquenio de 1903-1907, consumiram mais de 3 milhões de metros cubicos.

Do inquerito feito pelo Engenheiro Navarro de Andrade para conhecer approximadamente o consumo total de lenha incluindo os gastos da população e das industrias fabris, chegou-se á quantidade fabulosa de 6.600.000 metros cubicos de lenha para o consumo annual do Estado de São Paulo, o que corresponde a uma devastação por anno, de 9.428 alqueires, ou sejam 228 kilometros quadrados de matas!

Diante deste descalabro, a unica cousa a fazer é o reflorestamento do nosso Estado, mas conscienciosamente, praticamente, e não em circulares ministeriaes, como muito bem diz o Engenheiro Navarro de Andrade em seu precioso livro dado á publicidade depois da sua viagem de estudos pelos Estados-Unidos e das provas praticas completas que tem obtido no Horto Florestal de Jundiahy. »

JOSÉ CARLOS DE CARVALHO.

## V

## A BICUIBA

Dentre tantas preciosidades que ornam as florestas do Brasil, não se póde esquecer as biscuibeiras, tão abundantes e prestimosas pelo lenho resistente, duravel e pelas sementes de grande valor industrial, dando uma percentagem extraordinaria de oleo na proporção de sessenta por cento e mais. Não conheço sementes tão oleaginosas, com a particularidade ainda de sua combustibilidade em alto gráo, a tal ponto que basta uma semente para preparar-se a agua sufficiente para duas chicaras de café.

Não é para olvidar-se vegetal de tanta importancia industrial.

Tambem as suas qualidades medicas e bromatologicas ainda não são bem conhecidas.

A debilidade gastrica a fraqueza geral, encontram um bom estimulante nas sementes, em infusão ou cosimento, a asthma é combatida com energia e os accessos jugulares com 2 a 3 assadas como castanhas e comidas durante o dia, na occasião ao ataque asthmatico. As cotias as pacas, os macucos, os lagartos devoram-n'as. Este ultimo, então, tem a habilidade de encher os esconderijos das alimenticias sementes para garantir a sua subsistencia no inverno, época em que vive occulto nos buracos.

De uma previdencia aguçada, elle não se descuida, como se fôra o homem prevenido, de surtir o celleiro para o tempo frio que não pode sahir do esconderijo á procura do alimento.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

Justamente agora, de fins de dezembro a meiados de janeiro, as bicuibeiras estão cobertas de fructos que na deiscencia deixam cahir ás sementes em tal abundancia que uma só arvore pode produzir de 200 a 300 kilos !

A' proporção que vai cahindo, os bichos e passaros vão comendo ; mesmo assim ainda se nota debaixo das arvores grossas camadas de sementes.

Na collecta de plantas que estou fazendo para a Exposição de Turim, consegui milhares de kilogrammos e aconselhei aos homens do campo fazer uma cerca de folhas de pindoba ao redor da arvore, de modo a evitar a entrada de qualquer animal ou passaro.

Essa avidez pelas bicuibas vem em prova de seu alto poder alimenticio que a chimica comprova pela sua riqueza em materia graxa, da mesma sorte que o oleo de capivára. Como industrial está a sua energia combustivel, desafiando a hulha em seu alto poder calorifico, que não é para desprezar neste tempo de culminancia industrial, em que a mecanica impulsiona tudo e reforma até a agricultura.

O oleo serve para conservar o metal e evitar a ferrugem. O caçador não anda sem a sua bicuiba para limpar a espingarda quando termina a caçada, e o ferro que recebe o oleo em sua superficie não se enferruja, faz o papel de uma camada de verniz que evitasse o contacto de humidade.

Já com essas qualidades apanhadas ligeiramente, que se recommendam bem um producto qualquer, o que não será quando a bicuiba fôr estudada convenientemente, apurando o seu alto poder industrial e medicinal.

A cultura dessa planta é uma necessidade e o seu desenvolvimento não será tão moroso assim, bastando um decennio para fructificar.

Se nas florestas uma arvore póde produzir até 300 kilogrammos de sementes, no estado de cultura esta potencia productiva será muito superior.

Por emquanto o seu preço regula de 200 a 300 reis cada kilo, que poderá abaixar logo que houver procura nos mercados para grandes porções.

Mandei socar 8 kilos de sementes novas até reduzir a pasta que parecia ter derramado bastante oleo sobre pequena quantidade de substancia inerte. Retirei 2 litros de oleo por meio de decocção e a pasta continuou em seu estado graxo. Em apparelhos apropriados que porção não sahiria?

A parte graxa é tambem abundante de stearina.

As mattas do Espirito Santo são abundantes de bicuibeira, principalmente a vermelha, que é a "Myristica becuhyba-Schott", que produz melhores sementes, grandes e alongadas. A sua madeira é muito apreciada para moveis e engradamento de casas. Conheço predios no interior, cujos caibros são desta especie, de mais de sessenta annos e muito perfeitos.

Um agente de madeireiro já mandou 180 tóros de bicuibeira para o Rio de Janeiro, e espera tornal-a bem conhecida dos constructores.

O seu prestimo nas construcções prejudica a industria das sementes, pela devastação das arvores.

Por isso a sua cultura se impõe como um vegetal utilissimo.

De seu tronco exhuda um liquido vermelho, côr de sangue, muito adstringente, que se emprega nas hemorrhagias, diarrhéas e golpes, actuando como hemostatico poderoso.

J. R. Monteiro da Silva.

# Concursos Literarios e Artisticos do Almanaque Garnier
## iniciados desde 1911

E' incalculavel a somma de manuscriptos que recebemos de todos os pontos do paiz, e como é natural, na maior parte tentativas imperfeitas, sempre louvaveis, é certo, mas que não poderiam ser admittidas nas paginas do *Almanaque*.

Achamos, pois, que o melhor meio de restringil-as seria instituir alguns concursos de *litteratura* e de *arte*, nas modestas proporções que nos cabem, e com os intuitos que serão adiante explicados.

E' possivel, assim, senão de todo desenvolver o gosto literario, ao menos animal-o e pesquizal-o em todo esse vasto mundo ainda ignoto do Brazil.

Não é raro que n'esses concursos appareçam por vezes revelações surprehendentes ou se criem nobres estimulos.

*Nenhum concorrente poderá ser do Rio de Janeiro*. Queremos assim ao mesmo tempo evitar a insinuação possivel de fraqueza ou condescendencia dos juizes tão frequente n'estas lides literarias e do mesmo passo instituir aquella *pesquiza* a que nos referimos ha pouco, ácerca das nossas vocações menos conhecidas na capital do paiz.

N'este anno, instituimos *tres concursos* de differente indole. Os concorrentes devem ler com attenção todo este artigo em que tratamos do assumpto com todas as minucias e particularidades, que neste caso se requerem.

### I. — CONCURSO LITERARIO

Este é o *primeiro* dos concursos literarios e versa sobre trabalhos de ficção ou phantasia : conto, novella, poesia.

Distribuem-se *dois premios*, um para a melhor composição em *prosa* e outro para a melhor composição em *versos*, ou composição mixta em prosa e verso.

Os manuscriptos devem ter o verso da folha em branco, como é costume nos que se destinam á imprensa.

Os concorrentes devem enviar-nos um conto ou pagina de prosa ou de poesia, com um *pseudonymo* e em envelope separado a revelação d'aquelle. E' a praxe seguida afim de que os juizes procedam com inteira e segura imparcialidade.

**A casa VACHERON e CONSTANTIN, de GENÈVE, tem 123 annos.**

**Unico representante no Brasil: Casa STANDARD.**

N'este como em todos os concursos do *Almanaque Garnier* não ha outros premios senão um exemplar das escolhidas publicações da casa em francez ou em portuguez.

Haverá n'este concurso dois premios que consistirão em uma de qualquer das obras seguintes, remettida com endereço exacto e registrada pelo correio e segundo a escolha dos premiados :

*Diccionario encyclopedico illustrado* da Lingua portugueza por Simões da Fonseca. Com 1.500 gravuras no texto — 1 grosso vol.

Qualquer dos volumes da Bibliotheca classica grega ou latina, traduzida em francez, onde se encontram os autores principaes Aristophanes, Aristoteles, Sophocles, Eschylo, Homero, Plutarco, Cicero, Virgilio, Lucrecio, Marcial, Ovidio, *Poetæ minores*, Juvenal, Horacio, etc.

Qualquer das seguintes obras em edição aprimorada de grande formato : — *Fables de La Fontaine* (240 gravuras), 1 grande vol. ; Jules Janin, *Les Metamorphoses du jour*, com est. coloridas ; *Musiques des Chansons de Béranger*, arias antigas e modernas — 1 vol. in-8° ou as *Chansons de Béranger* (sem as musicas).

Qualquer das edições classicas portuguezas em excerptos de F. Mendes Pinto, G. Rezende, Lucena, etc. ; *Arte de furtar ;* D. Paiva, *Casamento perfeito ; Sermões* de Vieira ; *Satyras* de Horacio (trad. Seabra).

## II. — SEGUNDO CONCURSO LITERARIO

Qualquer contribuição ou estudo sobre a geographia especial de qualquer região, rios do Brazil, cidades, fenomenos naturaes, animaes, plantas, etnographia, indios, *folk lore*, costumes. Haverá *dois premios* para os melhores concorrentes, á escolha entre os seguintes :

*Atlas Universal* de Domicio da Gama com 37 mappas, 1 vol.
*A Terra illustrada*, trad. de Raja Gabaglia, 1 grande vol.
Uma collecção de quatro pequenos *Vocabularios completos* do francez, inglez, italiano, hespanhol, 4 vols.
*O Brazil*, de Ferdinand Denis, com gravuras, 1 gr. vol.
Qualquer das obras classicas, citadas no concurso anterior.

## III. — CONCURSO DE PHOTOGRAPHIAS

Os assumptos principaes serão os seguintes :

*a)* Typos das raças brasileiras. Typos de belleza feminil. Typos caracteristicos profissionaes : o *vaqueiro*, o *gaucho*, os tpyos de rua das cidades, etc.

*b)* Paisagens, rios, florestas e lugares pittorescos ou celebres ; ruinas.

*c)* Funcções, procissões e festas tradicionaes.

Haverá *quatro premios* aos quatro concorrentes melhor classificados e a escolher :

Qualquer das obras citadas nas listas anteriores do primeiro ou do segundo concurso literario. E mais, á escolha :

Levaillant, *Voyages dans l'intérieur de l'Afrique* (illustr.) ;

*Dictionnaire encyclopédique des Lettres et des Arts*, por L. Gregoire (illustr.), 1 vol. grande.

Dois volumes encadernados das obras de G. Dias, Alencar, Macedo, Medeiros e Albuquerque, Aluizio Azevedo, José Verissimo, Bernardo Guimarães, Mello Moraes Filho, Coelho Netto, Mario de Alencar, Magalhães Azeredo, Machado de Assis, Castro Alves, Franklin Tavora, Penna, Taunay (Silvio Dinarte), Fabio Luz, Alexandre Herculano, Rocha Pombo, V. Varzea, O. Lopes, Escragnolle Doria, Adherbal de Carvalho, Zalvar, Cardoso de Oliveira, Cyro de Azevedo, Thomas Lopes, Elysio de Carvalho, Graça Aranha, João Luzo, Arthur Azevedo, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Alberto de Oliveira, Gonzaga, Claudio Manoel, Antonio Salles, Laurindo Rebello, Silva Alvarenga, Luiz Guimarães, etc.

## Observações.

1. — Os concorrentes devem observar rigorosamente a indicação apontada de não revelar os seus nomes nas obras que têm de ser submettidas a differentes jurys de pessoas capazes, conforme indicação feita pela direcção do *Almanaque*.

2. — Os premiados terão o direito a um *retrato* no Almanaque *em folha separavel*, segundo uma photographia bem executada que nos chegue em prazo razoavel para a reproducção em photogravura.

3. — O *Almanaque* poderá fazer o uso que quizer das contribuições enviadas e que não tiverem merecido premio. Em qualquer caso não será obrigado a restituil-as. As photographias que não forem premiadas poderão ser reproduzidas no *Almanaque*, o que equivale a uma *menção honrosa*, se effectivamente offerecerem jus a esta distincção.

4. — Os concorrentes devem limitar-se aos assumptos indicados, com as seguintes restricções. As composições literarias não devem exceder a composição de *dez paginas* do Almanaque, e podem ser apenas de uma pagina, se tratar de *poesia*, e de *duas* até *dez* se fôr um trecho de prosa.

5. — Da mesma sorte, as photographias podem ser de qualquer formato acima de 5 centimetros de qualquer lado. Podem ser as photographias substituidas por lithographias, desenhos ou aguadas no concurso artistico.

6. — Serão publicados no anno seguinte os *pseudonymos* ou *legendas* dos concorrentes, e apenas os *nomes dos premiados*.

7. — Se, como esperamos, tiverem exito completo estes concursos, não hesitaremos em multiplical-os aceitando as observações que a este proposito nos sejam feitas e nos pareçam acertadas. Um dos futuros *concursos* versará provavelmente sobre pequenas peças de theatro, *scenas* ou *monologos*; outros concursos que se impõem são os de cartões, cartazes-reclamos, e um ainda de *caricatura*. A caricatura, aliás, pode entrar no nosso *terceiro concurso*, conforme a observação 5 acima.

8. — O *prazo* de remessa será o seguinte : em qualquer tempo, até *15 de janeiro;* e no maximo, a *30 do mesmo mez* devem as remessas chegar ao Rio : *Livraria Garnier*, *109*, *rua do Ouvidor*, com o endereço ao *Almanaque Garnier*. O julgamento estará terminado no *ultimo dia de fevereiro* e no primeiro correio de *março* seguirão os premios aos seus destinatarios, conforme *as indicações* que devem *ser precizas e exactas* por parte dos concorrentes, desde a remessa dos seus trabalhos.

# REFORMA ORTHOGRAPHICA

## (PORTUGAL)

No anno de 1911 o governo portuguez nomeou uma commissão que devia estudar as bases da reforma orthographica da lingua portugueza no sentido já se vê da *simplificação*, como todos desejam tanto em Portugal como no Brazil.

A commissão encarregada da reforma orthographica da lingua portugueza foi composta da Sra. D. Carolina Michaelis e dos Srs Adolpho Coelho, Joaquim Nunes Gonçalves Vianna, Leite Vasconcellos, Borges Grainha, Candido de Figueiredo, Gonçalves Guimarães, Julio Moreira e Garcia de Vasconcellos.

A competencia dos nomeados é notoria e acatada nos dois paizes que falam e escrevem a lingua.

Era de esperar que fosse o Brazil convidado a mandar um representante para acompanhar a discusão da materia. Cremos porem que não o foi até agora (junho de 1911).

Os pontos que, parece, ficaram *quasi* resolvidos até aquella data são os seguintes :

Marcamos com as letras (*Acad.*) as regras que foram já adoptadas no Brazil pela Academia brazileira.

1º — Todos os vocabulos que se differençam na falla têm de ser differençados na escripta, em rigor.

2º — Ficam abolidos os symbolos latinos de etymologia grega : *ph* é substituido por *f*, *y* por *i*, *ch*, com o valor de *k*, por *qu*, antes de *e*, *i*, e por *c* em qualquer outra situação; e eliminado o *h* dos grupos *rh*, *th* (*Acad.*).

3º E banido o *h* medial nullo, mas conservado provisoriamente o inicial : ex. ; *proibir*, *atrair*, *desumano*, *inumano*, *inábil*, a par de *humano*, *habil*, *haver homem* (*Acad.*).

4º São banidas do alphabeto portuguez as letras *k*, *w*, *y*, que sómente serão usadas em palavras estrangeiras não aportuguezadas, sendo, respectivamente, substituidas por *c*, *qu*, *u*, *v*, *i* (*Acad.*).

5º — E' abolida a geminação de consoantes, com excepção de *ss*, *rr*, *mm*, *nn*, mediaes, quando tenham valor differente de *r*, *s*, *m*, *n*, em tal situação : ex. : *caro* e *carro*, *casa* e *cassa*, *emmalar* (*emalar*) e *imenso*, *innovelar* (*enovelar*) e *inocente* (*Acad.* excepto quanto a *m* e *n*.).

6º — Estabelece-se distincção rigorosa entre *s medial* e *z*, entre *ss*, e *c*, entre *s* e *ç* ou *ce*, *ci* mediaes como a origem dos vocabulos o determina; substitue-se porém, por *s*, *ç*, *c* a inicial de alguns poucos vocabulos em que a filiação historica exigiria *ç*, que, todavia, pode ser empregado na reproducção de documentos antigos e em trabalhos philologicos; assim teremos *sarça*, *sapato*, em vez de *carça*, *çapato*. Substituição igual se fará quando um *z* com valor de *ç* figurava antes de consoante, *mesquinho* e não *mezquinho* (*Acad.* excepta quanto ao *s* = *z*).

7º — Conservação de *sc* inicial, para se condescender com uso já muito radicado, mormente se o *s* é proferido em derivados como *sciencia* e *consciencia*;

mas igualmente em *scena*, *enscenação*, *scetro* (sceptro), *sceptico* e alguns poucos mais vocabulos.

8º — Distincção rigorosa entre *ch* e *x*, conforme a origem e pronunciação dialectal o exigem; ex. : *bucho estomago*, e *buxo planta*, *feiche*, *mólho* e *feche cerre*, *chá planta*, e *xá rei*, *cheque*, nota, bilhete e *xeque regedor* (*Acad.*).

9º — Conservação de *g* etymologico, antes de *e* e *i*, quer inicial quer medial.

10º — As subjuntivas atonas dos diphtongos decrescentes oraes serão sempre escriptas com *i*, *u*; ex. : *pai*, *pais*, *tais*, *louvais*, *rei*, *reis*, *boi*, *sois*, *azuis*, *mau*, *judeu*, *fugiu*; mas os diphtongos em que o *e* ou *o* sejam abertos serão accentuados com acento agudo (') e portanto, teremos *rêis*, *batéis*, differentes de *reis*, *batéis*, *sóis*, plural de *sol*, differente de *sois*, verbo, *réu* a par de *seu* (sêu) *léu* a par de *leu*, verbo, *céu* e não *ceu*, *chapéu* e não *chapéo* (*Acad.*).

11º — A escripta das vogaes nasaes no fim dos vocabulos será sempre *ã*, *im*, *om*, *um*, *ãs*, *ins*, *ons*, *uns*; no principio ou no meio dos vocabulos a sua representação graphica será como até hoje, *an*, *en*, *in*, *on*, *un*, e antes de *b*, *p*, *m*, *am*, *em*, *im*, *om*, *um*. Os diphthongos nasaes escrever-se-ão *ãe*; em, *õe*, *ão*, usando-se porém, *am* por *ão*, nas fórmas atonas dos verbos; ex. : *louvaram*, a par de *louvarão*, futuro, mas *órgão*, *órfão*, etc. O diphthongo *em* quando fôr tonico accentuarse-á, e o *m* mudar-se-á em *n* antes de *s*, como é uso; ex. : *contém*, *armazém*, armazens, a par de *contém*, *armazém*, armazens, a par de *contem* (*contém*) *margem*, *margens*, *porém* a par de *porem* (*porém*). Nos monossyllabos dispensa-se o accento; *bem*, *bens*, *tem*, *tens* (*Acad.*).

12º — Eliminação de consoantes nullas que não influam na vogal que as proceda como em *acção*, *dirrecção*, *adoptar* (*Acad.*.) Em taes casos a consoante nulla conservar-se-á quando taes vogaes sejam *tonicas* para se não obliterar a analogia dos vocabulos e sua filiação : ex. : *acto*, *directo*, *adopto*. Quando a vogal que precede a consoante nulla é *i* ou *u* ou um *diphthongo*, em que essa consoante nenhuma influencia exerce, em tal vogal ou diphthongo deixará de escrever-se aquella consoante; ex. : *tradução*, *tradutor*, *aflição*, *aflito*, *autor* *aumento*, *sinal*, *Inacio*, etc., e mesmo *Egito*, não obstante o derivado *egipcio*, em que o *p* se profere. Assim tambem *Madalena*, *salmo*, etc.

13º — A accentuação marcada em *vêem*, de *ver*, para o differençar de *veem*, de *vir*. e, por analogia, em *têem*, *crêem*, *dêem*, e seus derivados. (*Acad.*)

14º — Conservação de *e* inicial' ou átono antes de vogal, com valor de *i*, como em *evitar*, *edificio passear*, *real*, (de *reis*), e a de *o* com valor de *n* átono, quando a etymologia ou a analogia o peçam: assim, *moral*, a par de mural (muro), *soar* a par de *suar*. Por serem já muito usuaes escreveremos com *i*, *igual*, *idade*, *diante*, *miolo*, *miúdo* ; mas orthographar-se-á *rial* (de *real*, de *rei*) *lial* (de *leial*, de *lei*). E' claro que *desfear*, de *feio*, se escreverá com *e*, e *desfiar de fio*, com *i*· (*Acad.*)

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

15º — Conservar-se-ão as fórmas já incontrastaveis, dos seguintes verbos: *odeio*, *negoceio*, *obsequeio*, *presenceio*, *sentenceio*, resultantes da confusão dos verbos em *iar*, com os verbos em *ear*, como *cear*, *ceio*. *passear passeio*, cujo *i*, porém, sómente se escreverá quando a syllaba tonica seja a penultima, abolindo-se o *i* quando o accento estiver na terminação. (*Acad.*)

16º — Seguir-se-á o uso commum, já estabelecido, de marcar o accento nos vocabulos oxitonos terminados em *a*. *e*, *o*, seguidos ou não de *s*; ex. : *alvará* (*s*), (*maré*) (*s*), *mercê* (*s*), *avó* (*s*), *avô*. A mesma accentuação marcada terão os monossyllabos tonicos *pá*, *pé*, *sé*, *só*, como já é costume. (*Acad.*)

17º — Escrever-se-á *há-de*, com o hifen a separar do verbo a preposição, para se não favorecerem os plebeismos *hades*, *handem*.

18º — Serão facultativas as fórmas *tijolo*, mais usual, e *tejolo*, mais certa; cf. o castelhano *tejuelo*, e *lentejoula*, castelhano *lentejuela*; mas ficou fixada, como a unica fórma correcta a escripta *semelhante* e não *similhante*; cf. o castelhano *semejanto*, e a conjugação do verbo *assemelhar*, que nas fórmas rizotónicas é *assemelho*, *assemelha*, *esscmelhe*,e não *assemilho*, etc.

Estes pontos ainda não tiveram solução authentica, que o saibamos, mas foram vulgarizados pela imprensa.

Quando comparados com a reforma grafica da *Academia brazileira* esses primeiros resultados obtidos pela commissão portugueza poucas divergencias apresentam. Assim, os plebeismos a que se refere o § 17 não occorrem no Brazil; as formas vocabulares que se admittem no § 18 são já entre nós usualmente seguidas.

As unicas divergencias essenciaes são as do § 6 no que respeita ao *s* etymologico com o valor de *z* no Brazil, e aliás pouquissimo distincto do *z* em Portugal, como bem o prova a historia do sua orthographia‘ tambem são divergencias a geminação po *m* e *n* (§ 5).

O § 12 da reforma portugueza aborda um ponto difficil, mas é inhabil e contradictorio. Será sempre uma extravagancia escrever : *adotar* e *adopto*; *acto* e *atuar* ou *ação*, O principio fundamental e superior a todos é naturalmente *supprimir as lettras mudas*, e aqui falha a regra desastradamente na reforma portugueza.

Os de mais pontos são todos, em geral, conformes aos principios já estabelecidos pela reforma da Academia brazileira, e serão aqui bem recebidos.

Como quer que seja, entendemos que essa iniciativa do Governo portuguez, terá extraordinario alcance e, é bem possivel que consiga estabelecer ao cabo de algum tempo a unidade de escripta. ao menos nas suas linhas geraes, tanto em Portugal como no Brazil onde já se acha muito vulgarizada a orthographia da nossa Academia de Lettras.

Em resumo, os paragraphos 12º e 6º são os unicos que d’este lado do Atlantico podem encontrar alguma difficuldade. Esperamos no futuro numero d’este annuario dar mais amplas e mais authenticas e positivas noticias da reforma.

## Academia Brazileira.

O premio Medeiros Albuquerque não foi concedido.

Devem ser sempre lembrados estes espirituosos versos de JOÃO PENHA:

ANTES

É disse o poeta á noiva: — « É pois bem certo
Que vaes ser hoje de um rival jocundo!
Seja, para elle, a vida um céo aberto!
E sombra, para mim, a luz do mundo!
« Se eu hoje não morrer de ciume e zelos
E resistir aos vendavaes contrarios,
Tu verás ámanhã *estes cabellos*
*Brancos*, da côr dos funebres sudarios! »

(*Alguns annos depois*)

E disse ao bardo triste a esposa rindo:
« Que vejo! escuros ainda? E em meus anceios
Por elles eu chorei um pranto infindo! «
Volve-lhe o trovador: — « Mulher, pintei-os! »


# Livraria H. GARNIER

## VERSOS DE UM DILETTANTE

Por ADHERBAL DE CARVALHO

Preciosa collecção de poesias lyrioas. Un volume artisticamente confeccionnado.

EM TODAS AS PRINCIPAES LIVRARIAS DA UNIÃO

**BICYCLETTES STAR** de Star Cycle Co. | CLUBS | A machina mais veloz e mais segura

* **CASA STANDARD** *

# BISCOUTOS DUCHEN

## SÃO PAULO

A grande marca brazileira

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

*A mais alta recompensa*

MEDALHA DE OURO

BRUXELLAS 1910

Unico premio obtido pelo Brazil

para biscoutos

# Tabellas == Notas == Informações

## GOVERNO DA REPUBLICA

(Até 15 de Novembro de 1914)

*Presidente.* — Marechal Hermes da Fonseca.

*Casa civil do presidente da Republica.* — Drs. Mauricio Lacerda, Alvaro Teffé, secretario da presidencia, e Dr. Gastão Teixeira.

*Casa militar.* — General Percilio da Fonseca, chefe da casa militar; Capitão de corveta Dr. João Jorge da Fonseca, sub-chefe da casa militar; Capitão Antonio Rodrigues de Oliveira Junior, Capitão-Tenente Reginaldo Teixeira; 1º Tenente Mario Hermes da Fonseca; Capitão Tenente José Félix da Cunha e Tenente-Coronel James Andrew, official da Guarda Nacional.

*Ministros de Estado :*

Do Interior e Justiça, Dr. Rivadaira Corrêa.
Da Fazenda, Dr. Francisco Salles.
Da Industria e Viação, Dr. J.-J. Seabra.
Do Exterior, barão do Rio Branco.
Da Guerra, general Dantas Barreto.
Da Marinha, Almirante Marques de Leão.
Da Agricultura, Dr. Pedro de Toledo.

## GOVERNADORES DOS ESTADOS

AMAZONAS
Coronel Bittencourt.

PARÁ (1905-1911)
Dr. João Coelho.

MARANHÃO
Dr. Luiz Domingues.

PIAUHY
Dr. Antonino Freire.

CEARÁ
Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly

RIO-GRANDE DO NORTE
Dr. Alberto de Albuquerque Maranhão.

PARAHIBA
Affonso Alves Machado.

PERNAMBUCO
Dr. Herculano Bandeira.

ALAGÔAS
Dr. Euclides Malta.

SERGIPE
Dr. Rodrigues Doria.

BAHIA
Dr. Araujo Pinho.

ESPIRITO-SANTO
Dr. Jeronymo Monteiro.

RIO DE JANEIRO (1910-1913)
Dr. Oliveira Botelho.

S. PAULO
Dr. Albuquerque Lins.

PARANÁ

Dr. Xavier da Silva.

SANTA CATHARINA

Dr. Ricardo Richard.

RIO-GRANDE DO SUL

Dr. Carlos Barbosa.

MINAS-GERAES

Dr. Bueno Brandão.

GOYAZ

Coronel Urbano de Gouvêa.

MATTO-GROSSO

Dr. Costa Marques.

## SENADO FEDERAL

### SENADORES

*Alagôas.* — Manoel de Araujo Góes, Barão de Traypú e Joaquim Vieira Malta.

*Amazonas.* — Jonathas de Freitas Pedrosa, Jorge de Moraes e Silverio José Nery.

*Bahia.* — Ruy Barbosa, José Marcellino e Severino Vieira.

*Ceará.* — Pedro Augusto Borges e Thomaz Accioli.

*Capital Federal.* — Augusto de Vasconcellos, Lauro Sodré e Milciades Mario de Sá Freire.

*Espirito Santo.* — José de Mello Carvalho Muniz Freire, João Luiz Alves e Bernardino Monteiro.

*Goyaz.* — Braz Abrantes, Leopoldo Bulhões.

*Maranhão.* — Urbano Santos da Costa Araujo, José Eusebio Carvalho de Oliveira, Fernando Mendes de Almeida.

*Matto Grosso.* — Antonio Francisco de Azevedo, José Maria Metello e Joaquim Murtinho.

*Minas-Geraes.* — Feliciano Augusto de Oliveira Penna, Francisco Salles, Bueno de Païva.

*Pará.* — Arthur Indio do Brazil, José Paes de Carvalho e Arthur Lemos.

*Parahyba.* — Alvaro Lopes Machado, Walfrido Leal e Castro Pinto.

*Paraná.* — Candido Ferreira de Abreu, Manoel de Alencar Guimarães e Generoso Marques dos Santos.

*Pernambuco.* — Antonio Gonçalves Ferreira, Francisco de Assis Roza e Silva e Sigismundo Gonçalves.

*Piauhy.* — Firmino Pires Ferreira, Gervasio de Brito Passos e Joaquim Ribeiro Gonçalves.

*Rio-Grande-do-Norte.* — Joaquim Ferreira Chaves, Francisco de Salles Meira e Sá e Antonio de Souza.

*Rio-Grande-do-Sul.* — José Gomes Pinheiro Machado, Victorino Monteiro, Cassiano Nascimento.

*Rio-de-Janeiro.* — Lourenço Maria de Almeida Baptista, Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo e Quintino Bocayuva.

*Santa Catharina.* — Hercilio Pedro da Luz, Lauro Müller e Felippe Schmidt.

*São Paulo.* — Francisco Glycerio, Joaquim Lopes Chaves e Alfredo Ellis.

*Sergipe.* — José Luiz Coelho e Campos, Manoel P. Oliveira Valladão Guilherme Campos.

## REPARTIÇÕES PUBLICAS

*Palacio do Governo* — Rua do Cattete n. 135.

## SECRETARIA DO ESTADO

*Interior e Justiça* — Praça Tiradentes n. 65.
*Fazenda* — Avenida Passos n.17.
*Industria e Viação* — Praça 15 de Novembro.
*Exterior* — Rua Marechal Floriano Peixoto n. 152.
*Guerra* — Praça da Republica.
*Marinha* — Rua Primeiro de Março (Arsenal de Marinha).

## CONGRESSO FEDERAL

*Senado* — Rua do Areal n. 2.
*Camara dos Deputados* — Rua da Misericordia n. 1.

## REPARTIÇÕES DE JUSTIÇA E INTERIOR

*Directoria de Justiça* — Praça Tiradentes n. 65.
*Directoria do Interior* — Praça Tiradentes n. 65.
*Directoria Geral de Saude Publica* — Rua João Clapp n. 17.
*Juizo dos Feitos da Saude Publica* — Praça da Republica n. 17.
*Archivo Publico* — Praça da Republica n. 12.
*Hospicio Nacional de Alienados* — Praia da Saudade n. 18.
*Corpo de Bombeiros* — Praça da Republica n. 97.
*Deposito Publico* — Rua da Relação n. 6.
*Directoria Geral de Hygiene* — Rua Clapp n. 15.
*Necroterio* — Entre a Santa Casa e a Faculdade de Medicina, na Praia de Santa Luzia.
*Directoria das Obras do Ministerio da Justiça* — Rua dos Invalidos n. 67.
*Hospital Paula Candido* — Jurujaba (Nictheroy).
*Junta do Commercio* — Rua Primeiro de Março, no edificio da Associação Commercial.
*Laboratorio de Bacteriologia* — Rua do Riachuelo n. 109.
*Lazareto da Ilha Grande* — Ilha Grande.
*Bibliotheca Nacional* — Avenida Central.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

*Escola de Bellas Artes* — Avenida Central.
*Lyceu de Artes e Officios* — Rua Treze de Maio n. 12.
*Escola Polytechnica* — Largo de São Franscico de Paula n. 26.
*Faculdade de Medicina* — Largo da Misericordia.
*Gymnasio D. Pedro II* (externato) — Rua Marechal Floriano, Peixoto esquina da Camerino.
*Gymnasio Nacional* (internato) — Campo de S. Christovam n. 25.
*Instituto Benjamin Constant* — Praia da Saudade n. 22.
*Instituto Nacional de Musica* — Rua Luiz de Camões n. 52.
*Instituto dos Surdos Mudos* — Rua das Laranjeiras n. 82.
*Museu Nacional* — Quinta da Boa Vista, rua Pedro Ivo.
*Instituto Pasteur* — Rua das Laranjeiras n. 84.
*Hospital de S. Sebastião* — Retiro Saudoso n. 27, Cajú.
*Colonia Correccional* — Ilha Grande.

## REPARTIÇÕES DE POLICIA

*Repartição Central* — Rua da Relação, esquina da rua dos Invalidos.
*Archivo Policial* — Rua da Relação, esquina da rua dos Invalidos.
*Asylo dos Menores Abandonados* (Secção Masculina) — Praça Visconde do Rio Branco n. 67.
*Asylo dos Menores Abandonados* (Secção Feminina) — Rua Coronel Cabrita n. 57.
*Casa de Correcção* — Rua Frei Caneca n. 463.
*Casa de Detenção* — Rua Fei Caneca n. 457.
*Colonia Correccional dos Dous Rios* — Ilha Grande (Lazareto).
*Escola Correccional* 15 *de Novembro* — Estação Frontin (Fazenda da Bica) E. F. Central.
*Gabinete de Identificação* — Rua Frei Caneca n. 463.
*Inspectoria de Vehiculos* — Rua do Lavradio n. 106.
*Inspectoria do Corpo de Investigações e Segurança Publica* — Rua do Lavradio n. 93 (sobrado).
*Força Policial* — Rua Evaristo da Veiga n. 78.
*Guarda Civil* — Rua do Lavradio n. 107 (sobrado).
*Regimento de Cavallaria da Força Policial* — Rua Frei Caneca n. 94.
*Serviço Medico Legal da Policia* — Avenida Mem de Sá n. 72.

## DISTRICTOS POLICIAES

1º Districto — *Candelaria* — Rua do Carmo n. 61.
2º Districto — *Santa Rita* — Rua do Acre n. 112.
3º Districto — *Sacramento* — Rua do Hospicio n. 171.
4º Districto — *Tiradentes* — Rua do Senhor dos Passos n. 124.
5º Districto — *S. José* — Rua Senador Dantas n. 20.
6º Districto — *Gloria* — Rua do Cattete n. 38.
7º Districto — *Lagôa* — Rua de São Clemente n. 345.
8º Districto — *Gambôa* — Rua da Gambõa n. 95.

9º Districto — *Espirito Santo* — Rua de Catumby n. 71.
10º Districto — *S. Christovam* — Rua de S. Christovam n. 394.
11º Districto — *Saude* — Rua da Saude n. 333.
12º Districto — *Santo Antonio* — Rua dos Invalidos n. 90.
13º Districto — *Santa Thereza* — Rua Lapa n. 96.
14º Districto — *Sant'Anna* — Rua Visconde de Itaúna n. 81.
15º Districto — *Engenho Velho* — Rua Haddock Lobo n. 137.
16º Districto — *Andarahy* — Rua Barão de Mesquita n. 625.
17º Districto — *Tijuca* — Rua Conde de Bomfim n. 388.
18º Districto — *Engenho Novo* — Rua 14 de Maio n. 189.
19º Districto — *Meyer* — Rua Lucidio Lago n. 5.
20º Districto — *Piedade* — Rua Pernambuco n. 37.
21º Districto — *Gavea* — Rua do Jardim Botanico n. A 37.
22º Districto — *Inhaúma* — Rua do Engenho da Pedra n. 20.
23º Districto — *Irajá* — Rua João Vicente n. E 51 (Madureira).
24º Districto — *Jacarépaguá* — Estrada da Freguezia n. 1.
25º Districto — *Campo Grande* — Rua da Estação n. 17 (Estação de Campo Grande) .
26º Districto — *Guaratiba* — Logar denominado Monteiro.
27º Districto — *Santa Cruz* — Rua Felipe Cardoso n. 27 (Estrada de Santa Cruz).
28º Districto — *Ilha do Governador* — Rua Formosa do Zumby n. 6.
29º Districto — *Ilha de Paquetá* — Rua dos Collegios n. 9.

## REPARTIÇÕES DO MINISTERIO DA MARINHA

*Arsenal de Marinha* — Fim da rua Primeiro de Março.
*Batalhão Naval* — Ilha das Cobras.
*Corpo de Marinheiros* — Fortaleza de Villegaignon.
*Commando das Torpedeiras* — Ilha do Mocanguê.
*Diques Guanabara* e *S. Cruz* — Ilha das Cobras.
*Deposito Naval* — Ilha das Cobras.
*Enfermaria de Beribericos* — Copacabana.
*Hospital de Marinha* — Ilha das Cobras.
*Linha de Tiro* — Ilha do Governador.
*Ministerio da Marinha* — Caes dos Mineiros.
*Museu da Marinha* — Rua D. Manuel n. 5.
*Superintendencia da Marinha* — Rua Dom Manuel n. 3.
*Archivo da Marinha* — Rua Conselheiro Saraiva.

## REPARTIÇÕES DO MINISTERIO DA FAZENDA

*Alfandega* — Rua Visconde de Itaborahy n. 78.
*Caixa de Amortisação* — Avenida Central.

**CHRONOMÈTRE ROYAL,** VACHERON e CONSTANTIN, de GENÈVE.
RIO. Ouvidor, 93-95, **Clubs Casa Standard.**

*Caixa Economica* — Rua D. Manuel.
*Caixa de Conversão* — Rua Primeiro de Março.
*Casa da Moeda* — Praça da Republica n. 173.
*Diario Official — Imprensa Nacional* — Rua Treze de Maio.
*Estatistica Commercial* — Rua Primeiro de Março.
*Inspectoria de Seguros* — Rua Primeiro de Março n. 38.
*Imprensa Nacional* — Rua Treze de Maio n. 2.
*Laboratorio de Analyses* — No edificio da Alfandega.
*Mesa de Rendas de Minas* — Rua General Camara n. 37.
*Mesa de Rendas do Estado do Rio* — Rua dos Ourives.
*Thesouro Federal* — Rua do Sacramento n. 43.

## REPARTIÇÕES DE OBRAS PUBLICAS E VIAÇAO

*Commissão de Obras do Porto* — Rua de S. Bento n. 28.
*Commissão Central de Estradas de Ferro* — Rua Visconde de Inhaúma n. 3.
*Directoria de Estatistica* — Rua da Misericordia n. A 2.
*Directoria de Orçamento* — Avenida Central n. 23.
*Fiscalisação das Estradas de Ferro* — Avenida Central n. 138.
*Hospedaria de Immigrantes* — Ilha das Flôres.
*Observatorio Astronomico* — Morro do Castello.
*Inspectoria de illuminação* — Rua 13 de Maio n. 12.
*Inspectoria de Obras Publicas* — Rua do Riachuelo n. 151.
*Ministerio e Secções* — Praça 15 de Novembro.
*Repartição dos Correiros* — Rua Primeiro de Março n. 40.
*Repartição dos Telegraphos* — Praça 15 de Novembro.
*Repartição da E. de F. Central do Brasil* — Praça da Republica.
*Repartição Fiscal da City Improvement* — Rua da Carioca n. 10 .

## REPARTIÇÕES DO MINISTERIO DA GUERRA

*Arsenal de Guerra* — Ponta do Cajú.
*Collegio Militar* — Rua S. Francisco Xavier n. 15.
*Direcção de Artilheria* — Rua Canabarro n. 46.
*Direcção de Saude* — Praça da Republica n. 125.
*Fabrica de Cartuchos* — No Realengo.
*Fabrica de Polvora* — Raiz da Serra de Petropolis.
*Hospital Central* — Rua Jockey-Club.
*Intendencia da Guerra* — Praça Deodoro.
*Laboratorio Ch. e Pharmaceutico* — Rua dos Barbonos n. 57,
*Laboratorio de Bactereologia* — No Hospital Central.
*Ministerio* — Na Praça da Republica.
*Quarto Districto* — No Quartel-General.

## REPARTIÇÕES DO MINISTERIO DA INDUSTRIA, COMMERCIO E AGRICULTURA

PRAIA VERMELHA

*Directoria Geral de Estatistica.*
*Directoria Geral do Povoamento do Sólo.*
*Serviço de Publicações e Bibliotheca.*
*Serviço Geologico e Mineralogico.*
*Serviço da Defesa Agricola.*

## PRETORIAS CIVIS

(REGISTROS CIVIS)

1ª — Freguezia : Candelaria e Paquetá — rua do Rosario n. 98. Audiencias ás quartas-feiras e sabbados ao meio-dia.

2ª — Freguezia : Santa Rita e Ilha do Governador. — Rua da Prainha n. 20, 1º andar. Audiencias ás quartas-feiras e sabbados, ao meio-dia.

3ª — Freguezia : Sacramento — Praça Tiradentes n. 75. Audiencias ás terças e sextas-feiras.

4ª — Freguezia : S. José — Rua de Santa Luzia n. 35. Audiencias ás quartas-feiras e sabbados ao meio-dia.

5ª — Freguezia : Santo Antonio — Rua dos Invalidos n. 154. Audiencias ás segundas e quintas-feiras ao meio-dia.

6ª — Freguezia : Gloria — Largo do Machado n. 11. Audiencias ás terças e sextas-feiras.

7ª — Freguezia : Lagôa e Gavea — Rua Farani n. 4. Audiencias ás segundas e quintas-feiras, ao meio-dia.

8ª — Freguezia : Sant'Anna — Praça da Republica n. 24. Audiencias ás segundas e quintas-feiras.

9ª — Freguezia : Espirito Santo — Rua Haddock Lobo n. 10. Audiencias ás terças e quintas-feiras, ao meio-dia.

10ª — Freguezia : S. Christovam — Rua de S. Christovam n. 168. Audiencias ás terças e sextas-feiras.

11ª — Rua de S. Christovam n. 168. Audiencias ás terças e sextas-feiras, ao meio-dia.

12ª — Freguezia : Engenho Novo — Rua Dr. Dias da Cruz n. 23. Estação do Meyer.

13ª — Freguezia : Inháuma — Rua Dr. Manuel Victorino n. 71. Engenho de Dentro. Audiencias ás quartas-feiras e sabbados.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

14ª — Freguezia : Irajá e Jacarépaguá — Rua Campinho (Coronel Rangel) n. 74, sobrado, Cascadura. Audiencias ás terças e sextas-feiras, ao meio-dia.

15ª — Freguezia : Santa Cruz, Guaratiba e Campo Grande — Estação de Campo Grande. Audiencias ás terças-feiras e sabbados.

## CONSULADOS

*Allemanha* — Avenida Central n. 146.
*Argentina* — Rua da Alfandega. n. 5 .
*Austria Hungria* — Avenida Central n. 137.
*Belgica* — Avenida Central n. 50.
*Bolivia* — Rua da Assembléa n. 71.
*Chile* — Rua do Hospicio n. 31.
*Columbia* — Rua da Alfandega n. 111.
*Costa Rica* — Rua Primeiro de Março n.66. (Sala n. 1).
*Dinamarca* — Rua de S. Pedro n. 80.
*Estados Unidos* — Avenida Central n. 117.
*Equador* — Rua Primeiro de Março n. 55.
*França* — Largo da Carioca n. 15.
*Grecia* — Rua do Ouvidor n. 88.
*Guatemala* — Avenida Central, n. 117.
*Hespanha* — Rua Primeiro de Março n. 55.
*Honduras* — Praia do Flamengo n. 76.
*Inglaterra* — Rua General Camara n. 2.
*Italia* — Rua Primeiro de Março n. 12.
*Mexico* — Rua do Ouvidor n. 88.
*Nicaragua* — Praia do Flamengo n. 76.
*Noruega* — Rua Visconde de Inhaúma n. 84.
*Paizes Baixos* — Rua Primeiro de Março n. 131.
*Perú* — Rua do Ouvidor n. 88.
*Portugal* — Rua General Camara n. 1.
*Russia* — Rua da Candelaria n. 106.
*Suecia* — Rua da Quitanda n. 62.
*Suissa* — Rua da Assembléa n. 58, sobr.
*Turquia* — Rua do Ouvidor n. 88.
*Uruguay* — Rua do Ouvidor n. 68.
*Venezuela* — Avenida Central n. 117.

## ESTATUAS

*D. Pedro I* (equestre) — Praça Tiradentes.
*Pedro Alvares Cabral* — Largo da Gloria.
*General Ozorio* — Praça 15 de Novembro.
*José Bonifacio* — Largo de S. Francisco de Paula.
*Duque de Caxias* — Praça Duque de Caxias.
*Visconde do Rio Branco* — Largo da Gloria.
*José de Alencar* — Praça José de Alencar (Cattete).

*Gonçalves Dias* (Herma) — Passeio Publico.
*Christiano Ottoni* — Praça da Republica.
*Visconde de Mauá* — Praça 28 de Setembro.
*Dr. Teixeira de Freitas* — Avenida Beira Mar.
*João Caetano* — Jardim da Praça da Republica.
*Buarque de Macedo* — Pateo do Ministerio da Viação.
*Almirante Barroso* — Praia do Russel.
*Marechal Floriano Peixoto* — Avenida Central.

## PRINCIPAES THEATROS

*Theatro Municipal* — Avenida Central ns. 186 a 198. Entrada pela Praça Ferreira Vianna.

*Theatro Lyrico* — Rua 13 de Maio.

*Theatro S. Pedro de Alcantara* — Praça Tiradentes, esquina da Avenida Passos.

*Theatro Carlos Gomes* — Rua do Espirito Santo.
*Theatro Recreio Dramatico* — Rua do Espirito Santo.
*Theatro Apollo* — Rua do Lavradio n. 59.
*Palace Theatre* — Rua do Passeio n. 44.
*Moulin Rouge* — Praça Tiradentes ns. 15, 17 e 19.

## BANCOS E AGENCIAS BANCARIAS

*Banco do Brazil* — Rua da Alfandega n. 17.
*Banco do Commercio* — Rua General Camara n. 8.
*Banco Commercial do Rio de Janeiro* — Rua Primeiro de Março n. 81.
*Banco da Lavoura e do Commercio* — Rua Primeiro de Março n. 85.
*Banco Mercantil* — Rua Primeiro de Março.
*Banco Nacional Brasileiro* — Rua da Alfandega n. 28.
*Banco Hypothecario do Brasil* — Rua Primeiro de Março n. 51.
*Banco de Credito Rural e Internacional* — Rua da Alfandega n. 7.
*Banco da Provincia do Rio Grande do Sul* — Rua General Camara n. 33.
*Banco dos Funccionarios Publicos* — Rua da Constituição n. 61.
*Caixa Economica* — Rua D. Manuel n. 25.
*Crédit Foncier du Brésil* — Rua do Hospicio n. 29.
*London and Brasilian Bank, Ld.* — Rua da Alfandega n. 10.
*London and River Plate Bank Ld.* — Rua da Alfandega n. 29.
*The British of South America, Ld.* — Rua Primeiro de Março n. 47.
*Brasilianische Bank fur Deutschland* — Rua da Quitanda n. 131.
*Banco Commerciale Italo Brasiliano* — Rua da Quitanda, esquina da rua da Alfandega.

**CHRONOMÈTRE ROYAL,** ***Vacheron e Constantin,*** ***de GENÈVE.***
O 1º relogio do Mundo.
*** CLUBS, CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO. ***

*Banco Alliança do Porto* — Rua do Rosario n. 146.

*Agencia Financial de Portugal* — Rua General Camara n. 1.

*Agencia do Banco do Minho* — Rua da Quitanda n. 151.

*Agencia do Banco Commercial do Porto* — Rua Visconde de Inhauma n. 38.

*Agencia do Banco di Napoli* — Rua Primeiro de Março n. 35.

*Agencia do Banco de Credito Real de Minas Geraes* — Rua Primeiro de Março n. 127.

## LOGRADOUROS PUBLICOS

*Jardim Botanico* — Aberto todos os dias das 6 1/2 da manhã ás 6 da tarde. Bond da Gavea. — Passagem 400 réis.

*Passeio Publico* — Aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

*Praça Tiradentes* — Jardim aberto. No centro a estatua de D. Pedro I.

*Jardim Zoologico* — Aberto todos os dias das 6 da manhã ás 6 da tarde. — Entradas : adultos 1$000, crianças 500 réis. — Bondes *Villa Isabel* e *Villa Isabel-Engenho Novo.* — Passagem 300 réis.

*Jardim da Gloria* — Jardim aberto. Estatua do Visconde do Rio Branco. — Bondes — Passagem 200 réis.

*Jardim da Praça Quinze de Novembro* — (Caes Pharoux). Estatua do General Ozorio.

*Jardim da Praça da Republica* — Collecções de aves raras, veados, lagos e rios artificiaes, etc. Aberto todos os dias. Entrada franca.

*Museu Nacional* — No Parque da Boa Vista, antigo Palacio do Imperador D. Pedro II, S. Christovam. Aberto ás quintas-feiras e domingos. Ricas collecções de tudo. Entrada franca. Bonds electricos no Largo do Paço com taboletas: S. Januario, Alegria, S. Christovão, Cajú e Jockey-Club.

*Museu da Marinha* — Rua Conselheiro Saraiva n. 12. Modelos dos novos couraçados e collecções interessantes de cousas de marinha.

*Bibliotheca Nacional* — Em um magnifico edificio na Avenida Central, junto ao novo edificio das Bellas-Artes. Aberta todos os dias, excepto aos domingos. Franqueada ao publico para consultas de livros e leitura de jornaes.

## PASSEIOS

*Avenida Beira-Mar* — Começa no Palacio Monroe no fim daAveni da Central e termina na Praia Vermelha.

*Parque da Boa Vista* — S. Christovam — Bonds no Caes Pharoux : São Januario, Alegria, Cajú e Jockey-Club. Passagem 200 réis.

*Tijuca — Alto da Boa Vista* — Sitios principaes da floresta : 600 ms. de altura — Os logares mais bonitos do bosque são os seguintes : — Caixa d'Agua, Cascatinha, Furnas de Agassis, Cascata Grande, Floresta Nacional, Excelsior, Viveiro Florestal, Gruta de Paulo e Virginia, Labyrintho, Mesa do Imperador, Lago das Fadas, Vista Chineza, etc. Bondes do Caes Pharoux, passagem 700 réis, uma via.

*Ipanema, Copacabana e Leme* — Praias do mar. Bonds com taboletas dos mesmos nomes. Passagens 400 réis.

*Corcovado* — Altitude 710 métros. Bellissimo panorama da cidade e bahia. Bonds : Laranjeiras ou Aguas Ferreas. Trem até ao Corcovado, na rua Cosme Velho n. 51.

*Sylvestre* — Bonds da Comp. Ferro Carril Carioca (Largo da Carioca). Passagem 1$000.

## VEHICULOS DE PASSAGEIROS

### AUTOMOVEL DE PRAÇA (SEM TAXIMETRO)

*Corridas*

SECÇÃO CENTRAL. —Das 6 horas da manhã á 1 hora da noite :

Ruas e praças comprehendidas entre o largo da Lapa, praça da Republica, rua Primeiro de Março, ruas Acre e S. Joaquim, Praia de Santa Luzia, Barcas de Petropolis, ruas Invalidos, Riachuelo e Maranguape :

Uma ou duas pessoas ..... 2$000
Cada pessoa a mais ..... $500

1ª SECÇÃO. — *(Botafogo e Laranjeiras)* — Do largo da Lapa e Pavilhão Monroe até o largo do Machado e ruas comprehendidas entre o mar e os morros :

Uma ou duas pessoas ..... 1$000
Cada pessoa a mais ..... $500

2ª SECÇÃO. — Do largo do Machado até a estação do Corcovado, fim da Praia de Botafogo, rua Bambina e ruas comprehendidas.

3ª SECÇÃO. — Do ponto terminal da praia de Botafogo e rua Bambina ao Largo dos Leões e entrada dos Tuneis do Leme e Real Grandeza e ruas comprehendidas.

1ª SECÇÃO. — *(S. Christovam e Villa Isabel)* — Da praça da Republica pelas ruas Barão de S. Felix, Senador Pompeu, Avenida do Porto, S. Diogo, Praia Formosa, Miguel de Frias, Largo do Estacio e Matadouro, inclusive extremos do Riachuelo, Senado e Frei Caneca e ruas comprehendidas.

Uma ou duas pessoas ..... 10$00
Cada pessoa a mais ..... $500

2ª SECÇÃO. — Do Matadouro e largo do Estacio ao Campo de S. Christovam, largo do Rio Comprido, largo da Fabrica das Chitas, Ponte de Maracanã e ruas comprehendidas.

3ª SECÇÃO. — Do largo da Fabrica das Chitas á Muda da Tijuca e da Ponte do Maracanã ao fim do Boulevard Vinte e Oito de Setembro e ruas comprehendidas.

Os preços das *primeiras secções* são os mesmos para cada uma das subsequentes.

Fóra das secções vigorará o que fôr previamente ajustado.

**BEBAM CAXAMBÚ**

***A soberana das aguas de meza.***

Será cobrada a quantia de 1$000, a titulo de indemnização de volta, para o automovel tomado na secção central e deixado na ultima.

De 1 hora da noite ás 6 horas da manhã será paga mais a quantia de 2$000 sobre o total da corrida.

TABELLA HORARIA

*Das 6 horas da manhã á 1 da noite*

| | |
|---|---|
| Primeira hora (uma ou duas pessoas) | 8$000 |
| Cada horas subsequente | 4$000 |
| Por pessoa accrescida | 1$000 |

*De 1 hora da noite ás 6 da manhã*

| | |
|---|---|
| Primeira hora(uma ou duas pessoas) | 9$000 |
| Cada hora subsequente | 5$000 |
| Por pessoa accrescida | 2$000 |

A primeira hora será contada por inteiro ; as demais por fracções de 1/4 de hora.

A taxa será devida desde o momento em que o vehiculo fôr posto a disposição de quem o alugar.

O passageiro deve declarar se a viagem é por hora ou corrida.

TABELLA PARA VEHICULOS DE PRAÇA (com taximetro)

*Das 6 horas da manhã á 1 hora da noite*

Uma ou duas pessoas :

| | |
|---|---|
| Por 1.600 metros | 2$000 |
| Por fracção de 400 metros | $200 |

Tres ou quatro pessoas :

| | |
|---|---|
| Por 1.600 metros | 1$400 |
| Por fracção de 300 metros | $200 |

TABELLA SUPPLEMENTAR

*De 1 hora da noite ás 6 horas da manhã*

Mais 2$000 sobre o total da corrida.

Tempo de espera :

| | |
|---|---|
| Antes da corrida até 16 minutos | 1$400 |
| Cada 4 minutos a seguir | $200 |

A taxa será devida desde o momento em que o vehiculo fôr posto á disposição de quem o alugar.

CARRO DE PRAÇA (sem taximetro) CORRIDAS

SECÇÃO CENTRAL. — Das 6 horas da manhã á 1 hora da noite.

Ruas e praças comprehendidas entre o largo da Lapa, praça da Republica, Barca de Petropolis, rua Primeiro de Março, praia de Santa Luzia, ruas Acre e S. Joaquim, Invalidos, Riachuelo e Maranguape.

| | |
|---|---|
| Uma ou duas pessoas | 2$000 |
| Cada pessoa a mais | $500 |

1ª SECÇÃO. — *(Botafogo e Laranjeiras)* — Do largo da Lapa e Pavilhão Monroe até o largo do Machado e ruas comprehendidas entre o mar e os morros.

Uma ou duas pessoas..... 1$000
Cada pessoa a mais..... $500

2ª SECÇÃO. — Do largo do Machado até á estação do Corcovado, fim da praia de Botafogo, rua Bambina e ruas comprehendidas.

3ª SECÇÃO. — Do ponto terminal da praia de Botafogo, rua Bambina, ao largo dos Leões e entrada dos Tuneis do Leme e Real Grandezt e ruas comprehendidas.

1ª SECÇÃO. — *(S. Christovam e Villa Isabel)* — Da praça da Republica pelas ruas Barão de S. Felix, S. Diogo, Senador Pompeu, Praia Formosa, Avenida do Porto, Miguel de Frias, largo do Estacio e Matadouro, inclusive extremos de Riachuelo, Senado e Frei Caneca e ruas comprehendidas.

Uma ou duas pessoas..... 1$000
Cada pessoa a mais..... $500

2ª SECÇÃO. — Do Matadouro e largo do Estacio ao Campo de S. Christovam, largo do Rio Comprido, largo da Fabrica das Chitas, Ponte de Maracanã e ruas comprehendidas.

3ª SECÇÃO. — Do largo da Fabrica das Chitas á Muda Tijuca e da Ponte de Maracanã ao fim do Boulevard 28 de Setembro e ruas comprehendidas.

Os preços das *primeiras secções* serão os mesmos para cada uma das secções subsequentes.

Fóra das secções vigorará o que fôr préviamente ajustado.

Será cobrada a quantia de 1$000, a titulo de indemnisação de volta, para o vehiculo que fôr tomado na Secção Central e deixado na ultima.

De 1 hora da noite até ás 6 horas da manhã será paga mais a quantia de 2$ sobre o preço total da corrida.

TABELLA HORARIA

*Das 6 horas da manhã á 1 da noite*

Primeira hora (uma ou duas pessoas)..... 6$000
Cada hora subsequente..... 3$000
Por pessoa accrescida..... 1$000

*De 1 hora da noite ás 6 da manhã*

Primeira hora (uma ou duas pessoas)..... 7$000
Cada hora subsequente..... 4$000
Por pessoa accrescida..... 2$000

* FAQUEIROS COMPLETOS * LONDRES
DE MAPPIU ET WEBB
CLUBS DA CASA STANDARD, 93, Ouvidor, 95, RIO.

A primeira hora será contada por inteiro ; as demais por fracção de 1/4 de hora.

A taxa será devida desde o momento em que o vehiculo fôr posto a disposição de quem o alugar.

O passageiro deve declarar se a viagem é por hora ou corrida.

TABELLA PARA OS VEHICULOS DE PRAÇA (com taximetro)

*Das 6 horas da manhã á 1 hora da tarde*

Uma ou duas pessoas :

| | |
|---|---|
| Por 1.600 metros | 1$400 |
| Por fracção de 400 metros | $200 |

Tres ou quatro pessoas :

| | |
|---|---|
| Por 1.200 metros | 1$400 |
| Por fracção de 300 metros | $200 |

TABELLA SUPPLEMENTAR

*De 1 hora da noite ás 6 da manhã*

Mais 2$000 sobre o total da corrida.

Tempo de espera :

| | |
|---|---|
| Antes da corrida até 16 minutos | 1$400 |
| Cada quatro minutos a seguir | $200 |

A taxa será devida desde o momento em que o vehiculo fôr posto á disposição de quem o alugar.

TILBURY DE PRAÇA, sem taximetro

*Corridas*

SECÇÃO CENTRAL. — Das 6 horas da manhã á 1 hora da noite.

Ruas e praças comprehendidas entre o largo da Lapa, praça da Republica, Barca de Petropolis, rua Primeiro de Março, praia de Santa Luzia, ruas Acre e S. Joaquim, Invalidos, Riachuelo e Maranguape..... 1$000

1ª SECÇÃO. — *(Botafogo e Laranjeiras)* — Do largo da Lapa e Pavilhão Monroe até o largo do Machado e ruas comprehendidas entre o mar e os morros ..... 1$000

2ª SECÇÃO. — Do largo do Machado até a estação do Corcovado, fim da praia de Botafogo, rua Bambina e ruas comprehendidas ..... 1$000

3ª SECÇÃO. — Do ponto terminal da praia de Botafogo, rua Bambina, ao largo dos Leões e entrada dos Tuneis do Leme e Real Grandeza e ruas comprehendidas ..... 1$000

1ª SECÇÃO. — *(S. Christovam e Villa Isabel)* — Da praça da Republica pelas ruas Barão de S. Felix, S. Diogo, Senador Pompeu, Praia Formosa, Avenida do Porto, Miguel de Frias, largo do Estacio e Matadouro, inclusive extremos de Riachuelo, Senado e Frei Caneca, e ruas comprehendidas..... 1$000

2ª SECÇÃO. — Do Matadouro e largo do Estacio ao Campo, de S. Christovam, largo do Rio Comprido, largo da Fabrica das Chitas, Ponte de Macaranã e ruas comprehendidas ..... 1$000

3ª SECÇÃO. — Do largo da Fabrica das Chitas á Muda da Tijuca e da Ponte de Maracanã ao fim do Boulevard 28 de Setembro e ruas comprehendidas 1$000

Fóra das secções vigorará o que fôr préviamente ajustado.

Será cobrada a quantia de 1$000, a titulo de indemnisação de volta, para o vehiculo que fôr tomado na Secção Central e deixado na ultima.

De 1 hora da noite até ás 6 horas da manhã será paga mais a quantia de 2$ sobre o preço total da corrida.

TABELLA HORARIA

*Das 6 horas da manhã á 1 da noite*

| | |
|---|---|
| Primeira hora ..... | 4$000 |
| Cada hora subsequente ..... | 2$000 |

*De 1 hora da noite ás 6 da manhã*

| | |
|---|---|
| Primeira hora ..... | 5$000 |
| Cada hora subsequente ..... | 3$000 |

A primeira hora será contada por inteiro ; as demais por fracção de 1/4 de hora.

A taxa será devida desde o momento em que o vehiculo fôr posto a disposição de quem o alugar.

O passageiro deve declarar se a viagem é por hora ou corrida.

TABELLA PARA OS VEHICULOS DE PRAÇA (com taximetro)

*Das 6 horas da manhã á 1 hora da tarde*

Uma ou duas pessoas :

| | |
|---|---|
| Por 1.600 metros ..... | 1$400 |
| Por fracção de 400 metros ..... | $200 |

Tres ou quatro pessoas :

| | |
|---|---|
| Por 1.200 metros ..... | 1$400 |
| Por fracção de 300 metros ..... | $200 |

BEBAM CAXAMBÚ

***A soberana das aguas de meza.***

TABELLA SUPPLEMENTAR

*De* 1 *hora da noite ás* 6 *da manhã*

Mais 2$000 sobre o total da corrida.

Tempo de espera :

Antes da corrida até 16 minutos ..... 1$400
Cada quatro minutos a seguir ..... $200

A taxa será devida desde o momento em que o vehiculo fôr posto á disposição de quem o alugar.

## ASSISTENCIA PUBLICA

*Estações*

1. — *Candelaria.* — Rua Sete de Setembro, n. 16 A ; Teleph. 226.
2. — *Santa Rita.* — Rua Camerino, n. 33 ; Teleph. 229.
3. — *Sacramento.* — Rua Carioca, n. 26 I ; Teleph. 235.
4. — *S. José.* — Rua S. José, n. 45 ; Teleph. 236.
5. — *Santo Antonio.* — Rua Gomes Freire. — Teleph. 235.
6. — *Santa Thereza.* — Rua Aqueducto, n. 30 ; Teleph. 205.
7. — *Gloria.* — Rua do Cattete, n. 152 ; Teleph. 237.
8. — *Lagôa.* — Rua Voluntarios da Patria, n. 4 ; Teleph. 240 sul.
9. — *Gavêa.* — Rua Marquez de S. Vicente, n. 2 E ; Teleph. 249. sul
10. — *Sant'Anna.* — Praça 11 de Junho ; Teleph. 239.
11. — *Gambôa.* — Rua Senador Pompeu, n. 173 ; Teleph. 246.
12. — *Espirito Santo.* — Rua de S. Christovam, n. 2 ; Teleph. 242.
13. — *S. Christovam.* — Praça Marechal Deodoro, n. 40 ; Teleph. 223.
14. — *Engenho Velho.* — Rua do Mattoso, n. 32 ; Teleph. 212.
15. — *Andarahy.* — Rua Gonzaga Bastos, n. 1 B ; Teleph. 251.
16. — *Tijuca.* — Rua E. Velha da Tijuca, n. 33 ; Teleph. 270.
17. — *Engenho Novo.* — Rua 24 de Maio, n. 49 ; Teleph. 252.
18. — *Meyer.* — Rua Dr. Dias da Cruz, n. 49 C ; Teleph. 254.

---

## ESTUDO ANATOMICO

(Fontoura Xavier).

Entrei no amphitheatro da sciencia.
Attrahido por mera phantasia,
E aprouve-me estudar Anatomia,
Por dar um novo pasto á intelligencia.

Discorria com toda a sapiencia
O lente, n'uma meza, aonde jazia
Uma immovel materia, humida e fria,
A que outr'ora animara a humana essencia.

Fôra uma meretriz : o rosto bello
Pude, timido, olhal-o com respeito
Por entre as negras ondas de cabello.

A convite do lente, contrafeito,
Rasguei-a com a ponta do escalpello,
E... não vi coração dentro do peito !

# O FABORDÃO

*Cronica de vario assunto de João Ribeiro.*

(Dr. NAZARETH MENEZES)

João Ribeiro, dos intellectuaes brasileiros, é um dos mais sympathicos e queridos.

Escriptor, poeta, grammatico, historiador, *folklorista*, seu talento se multiplica prodigiosamente, abordando uma infinidade de assumptos, mostrando-se sempre um erudito, um conhecedor, um meticuloso.

Sua penna tem o prodigioso dom de tracejar brilhantemente a chronica chistosa, aquarellar, no verso cantante e puro, a *silhuette* de uma imagem graciosa ; aprofundar no passado das éras mortas e lá bosquejar a historia de uma epocha : elucidar um ponto difficil de syntaxe ; discutir uma questão intrincada de grammatica, mantendo, em todas as linhas a doçura e pureza de seu estylo, a encantadora suavidade e correcção de sua linguagem attrahente e o sabor delicioso de seu chiste raro, de sua *verve* preciosa.

No nosso meio litterario o espirito de João Ribeiro, calmo, estudioso, ponderado, brilha intensamente com um fulgor forte de astro claro, deixando na sua trajectoria serena a claridade brandamente suave que illumina sem offuscar ; aclara sem offender á retina, sem causar cegueira.

Tudo que sáe de sua penna é encantador e superiormente trabalhado. Attesta-o agora o seu novo livro intitulado *O Fabordão*, que é, no dizer modesto da autor « uma serie de pequeninos estudos de bibliographia *folklore*, filologia, critica documental e outras contribuições menores de varios assuntos. »

Ha nessas paginas variados capitulos de critica como *Frederico Nietzshe*, *Gustavo Freytag e Dialogo das Grandezas* e outros ; de informações litterarias e pesquizas linguisticas como *Bagatelas litterarias*, *Sobre a intelligencia de algumas phrases classicas*, *Mettros barbaros*, *Carta de Vaz Caminha*, *Se o céo fosse papel* e ainda mais alguns ; de polemica cujo attestado galhardissimo se encontra nas *Grammatiquices* ; de estudos do *Folk Lore*, de assumptos varios, emfim destacando-se dois capitulos superiores : — *Discurso de recepção na Academia Brasileira*, e *Ortographia da Academia*, este uma verdadeira memoria sobre o assumpto, clara, vibrante, perfeita, logica, aquelle um encanto de fórma e uma seducção pela elegancia e pela graça, trabalho de um espirito gracioso e profundo, cheio de docura e cheio de modestia.

O *Fabordão* é uma obra de leitura agradavel e attrahente, graciosa, que sabe prender a attenção do leitor pela correcção impeccavel da liguagem, pela fortaleza do estylo todo proprio de João Ribeiro, terso, brilhante, e pela copia enorme de bons ensinamentos, de proveitosas lições, de informações interessantes.

Descubro na nova obra do nosso querido e glorioso escriptor uma certa semelhança intellectual com a *Bohemia do Espirito* do adoravel e extraordinario Camillo Castello Branco. Não sei porque estas paginas bellissimas do nosso escriptor evocaram em meu espirito os capitulos da obra do grande romancista e vernaculista portuguez. Não ha entre ellas analogia absolutamente nenhuma.

Diversos são os assumptos de que se occupam, differentes as questões que agitam, mas, sobre as dos dois livros pairam o mesmo encanto, se agazalham *verve* quasi identica na graça e no chiste e até a destreza da defesa e a serenidade da investida, nas polemicas, têm alguma coisa de parentesco espiritual...

Ahi está, pois, o que é O *Fabordão* : um trabalho digno do nome e do talento do nosso grande escriptor, do nosso acatado grammatico e brilhante poeta.

João Ribeiro promette publicar « por intervalos incertos e longos, embora trazendo titulo geral diferente » mais alguns volumes como este.

Que cumpra portanto a promessa para legar á nossa litteratura livros fortes e brilhantes, augmentando assim a sua gloria e honrando as nossas lettras...

## *FRAZES FEITAS*

João Ribeiro. — *Frazes feitas.* Estudo e explicação conjectural de locuções, ditados, proverbios, etc. *Rio,* em 2 series e 2 vols.

Por amavel offerta do autor, o illustre escriptor João Ribeiro, recebemos ha dias 20º tomo das *Frazes Feitas.*

O livro, como o seu titulo indica, trata detidamente de muitas dessas locuções vulgares que por ahi correm sem que ninguem lhes saiba assignar a formação ou a etymologia, locuções que tanto n'este como no Iº volume das *Frazes feitas* João Ribeiro superiormente estuda, com aquella profundidade e abundancia de conhecimentos que são o melhor attestado do seu grande talento e da sua grande cultura.

Na verdade, quem começa a ler as *Frazes feitas,* acha-lhes um encanto especial, tem uma irresistivel tentação de devorar todas aquellas paginas, o que é muito para admirar em obras d'esta natureza quando o leitor não tem predilecções philologicas. No emtanto com as *Frazes feitas,* dá-se isso. Porque? Porque o autor, com a sua enorme erudição sobre coisas de linguistica, tem o segredo de saber interessar na leitura dos seus trabalhos os mesmos que n'elles não possam encontrar interesse, e fal-o, já pela correcção e elegancia da linguagem, já pelas novidades que sempre dá a lume a respeito d'esta ou d'aquella palavra, novidades com as quaes o proprio leigo em semelhantes assumptos se compraz por vêr que se casam perfeitamente, coadunando-se com umas tantas supposições que reservadamente guardava, sem o saber.

Não se póde, n'uma ligeira noticia como esta, dar ideia do valor da obra. Para isso torna-se mister compulsal-a. Mas é tão justamente respeitado o nome do illustre professor, tão notorios os seus conhecimentos de linguistica, que assignalar a autoria da obra é assignalar-lhe completo successo, já verificado na primeira edição e agora n'esta.

As *Frazes feitas* constituem, por isso, um livro indispensavel a todos os bons cultores da lingua.

Br. Mendes.

---

**LIVROS JURIDICOS** de T. de Freitas. Clovis Bevilaqua, Macedo Soares, Adherbal de Carvalho, Tavares Bastos, Viveiros de Castro, Lucio de Mendonça, Vincente Bueno, Paula Baptista, etc. etc.

### Registro Geral de Hypothecas

1.º Districto. — Dr. João Kopke, rua Marechal Floriano Peixoto, nº 142.

2.º Districto. — Major Quintino Bocayuva Junior, rua da Uruguayana, nº 74, sobrado.

3.º Districto. — Dr. Lopes Trovão, rua do Hospicio, nº 65, sobrado.

## TABELLIAES

1.º Cartorio. — Dario Teixeira da Cunha, rua do Rosario, 111.
2.º Cartorio. — Carlos Guimarães, rua do Rosario, 94.
3.º Cartorio. — Evaristo Valle de Barros, rua do Rosario, 56.
4.º Cartorio. — Antonio Joaquim de Catanheda Junior, rua do Rosario, 70.
5.º Cartorio. — Dr. Ibrahim Carneiro da Cruz Machado, rua do Rosario, 23.
6.º Cartorio. — Gabriel Ferreira da Cruz, rua do Rosario, 69.
7.º Cartorio. — Belmiro Corrêa de Moraes, rua do Rosario, 36.
8.º Cartorio. — José Affonso de Paula e Costa, Hospicio, 134.
9.º Cartorio. — Dr. Fonseca Hermes, rua do Rosario, 105.
10.º Cartorio. — Dr. João Roquette Carneiro de Mendonça, rua do Rosario, 42.

### Delegacias de Policia

1.º Districto. — Candelaria — Rua da Assembléa, 35.
2.º Districto. — Santa Rita — Rua da Prainha, 49.
3.º Districto. — Sacramento — Rua do Hospicio, 157.
4.º Districto. — Tiradentes — Rua Senhor dos Passos, 120.
5.º Districto. — S. José — Rua Senador Dantas, 29.
6.º Districto. — Gloria — Rua do Cattete, 14.
7.º Districto. — Lagôa — Rua 19 de Feveiro, 53 C.
8.º Districto. — Gambôa — Rua Commandante Maurity, 12.
9.º Districto. — Espirito Santo — Rua Catumby, 47
10.º Districto. — S. Christovão — Rua Coronel Figueira de Mello, 28.
11.º Districto. — Saude — Rua da Harmonia, 279.
12.º Districto. — Santo Antonio — Rua do Lavradio, 164.
13.º Districto. — Santa Thereza — Rua Taylor, 10.
14.º Districto. — Sant'Anna — Rua Nova do Alcantara, 27.
15.º Districto. — Engenho Velho — Rua Haddock Lobo, 137.
16.º Districto. — Andarahy — Rua Barão de Mesquita, 9.
17.º Districto. — Tijuca — Rua Conde de Bomfim, 124.
18.º Districto. — Engenho Novo — Estação do Rochá, 178.

19.° Districto. — Meyer — Rua Lucidio Lago, 7.
20.° Districto. — Piedade — Estação do Engenho de Dentro.
21.° Districto. — Gavea — Rua Marquez de S. Vicente, 24.
22.° Districto. — Inhauma — Estação de Bom Successo.
23.° Districto. — Irajá — Na Estação de Madureira.
24.° Districto. — Jacarepaguá — Rua Candido Benicio, 60.
25.° Districto. — Campo Grande — Largo da Matriz.
26.° Districto. — Guaratiba — Estrada da Matriz.
27.° Districto. — Santa Cruz — Rua Felippe Cardoso, 10.
28.° Districto. — Ilhas — Rua Formosa do Zumbi (Illa do Governador).

## PAGAMENTO DE IMPOSTOS

*Janeiro.* — Fóros vencidos, federaes e municipaes. Na Prefeitura Municipal os alvarás de renovação de licença até Fevereiro, sem multa; e na Recebedoria Federal tiram-se neste mez e no seguinte os registros para a venda de mercadorias sujeitas ao imposto de consumo; na falta, a multa de 300$000.

*Fevereiro.* — Na Prefeitura Municipal os alvarás de renovação de licença, sem multa, até o fim de mez — Na Recebedoria Federal tiram-se os registros para a venda de mercadorias sujeitas ao imposto de consumo e paga-se a 2ª prestação do imposto do consumo de agua, do exercicio anterior, por hydrometro, e a 1ª do imposto de industrias e profissões, sendo essa cobrança feita de uma só vez, se o imposto computado annualmente não exceder de 200$ e se exceder será metade cobrado nesta época e a outra em Agosto.

*Março.* — Na Prefeitura Municipal a 1ª prestação do imposto e da taxa sanitaria.

*Abril.* — Na Recebedoria Federal paga-se o imposto sobre vehiculos (bondes); e na Prefeitura faz-se a entrega das collectas sobre predios, de accordo com o disposto no Dec. 432; pena : multa correspondente a um anno do imposto.

*Maio.* — Na Recebedoria Federal, a 1ª prestação do imposto sobre o vencimento e subsidio dos serventuarios de officios de justiça. Na Prefeitura Municipal o imposto sobre animaes de sella, particulares e de aluguel; e faz-se a entrega das collectas sobre predios, de accordo com o disposto no Decr. 432; pena : multa correspondente a um anno de imposto.

*Junho.* — Na Recebedoria Federal o imposto sobre pennas de agua.

*Julho.* — Neste mez e durante todo o anno pagam-se, na Recebedoria Federal, os impostos de *consumo*, *transmissão de propriedade*, *fóros de terrenos e de dividendo*, etc.; e do mesmo modo, na Prefeitura Municipal, os alvarás de primeiras licenças, laudemios e outras contribuições municipaes. As licenças tiradas depois de Fevereiro, pagam multa.

*Agosto.* — Na Recebedoria Federal, 1ª prestação do imposto de consumo de agua, por hydrometro e a 2ª prestação do imposto de industrias dos estabelecimentos que pagam mais de 200$ por anno.

*Setembro.* — Na Prefeitura Municipal, a 2ª prestação do imposto predial e a da taxa sanitaria.

*Outubro.* — Na Prefeitura Municipal o imposto territorial.

*Novembro.* — Na Recebedoria Federal, a 2ª prestação do imposto sobre o vencimento e subsidio dos serventuarios de officios de justiça.

Os estabelecimentos industriaes, que mudarem de firma e local, devem requerer, communicando esta occurencia no prazo de 8 dias, sob pena de multa de 50$ a 200$000.

Na falta do pagamento á bocca do cofre dos impostos federaes supra, é o contribuinte obrigado á multa de 10 % sobre o valor devido nas precisas épocas e a 15 % o que realizar o dicto pagamento depois do dia 20 de Março do trimestre addicional de cada exercicio, e não realizando o pagamento dos impostos municipaes tambem á bocca do cofre incorre o contribuinte na multa de 25 % dentro de seis mezes e d'ahi por diante na de 50 % além da pena que lhe possa caber.

Os impostos sobre industrias e profissões e de transmissão de propriedade não se pagam mais na Recebedoria Federal, porém na Prefeitura Municipal ; mas continuam ainda a servir para indemnizar, por intermedio do Thesouro Federal, as despezas feitas pela União com o Corpo de Bombeiros, Gaz e Esgotos da Capital Federal.

## OBSERVAÇÃO

Pagam-se durante todo o anno, na Recebedoria Federal, os impostos não especificados acima, como os de *consumo*, *transmissão de propriedade*, *fóros de terrenos e de dividendo*, etc., e do mesmo modo, na Prefeitura Municipal, os alvarás de primeiras licenças, laudemios e outras contribuições municipaes. As renovações de licenças, tiradas depois de Fevereiro, pagam multa, como está determinado.

As companhias (sociedades anonymas) são obrigadas ao imposto de 2 1/2 % sobre o total dos dividendos a distribuir semestralmente, o que deve ser effectuado na Recebedoria Federal, *dentro de 3 dias, depois da primeira publicação pela imprensa do annuncio para pagamento*, e na falta a multa de 20 a 50 %.

Não confundir este imposto com o do sello, que pagam as acções e obrigações *(debentures)*, na razão da taxa fixada na tabella A § 7 (300 réis), imposto que deve ser pago dentro de 30 dias contados da primeira publicação de annuncio.

E' ainda muito conveniente ter em vista :

Que os adquerentes de predios estão obrigados a transferir para si as pennas de agua que os mesmos tiverem, no prazo de 30 dias, a contar da data da escriptura, sob pena de multa de 20$ a 50$000.

# IMPOSTO DO SELLO

## Resumo do regulamento approvado em 22 de Janeiro de 1900

---

### TABELLA A

Papeis sujeitos ao sello proporcional

§ 1° DIVERSOS

*Sello de estampilhas*

Letras de terra; e as de cambio, mesma quando estas fôrem sacadas em paiz estrangeiro, desde que sejam aceitas, protestadas ou exequiveis no paiz; bilhetes á ordem, pagaveis em mercadorias (Decretos n° 165 A, de 17 de Janeiro e n° 370 de 2 de Maio de 1890); cartas de ordens e escriptos á ordem; facturas ou contas assignadas (art. 219 do Codigo Commercial); contas correntes de commerciante a commerciante e de commissario a committente, assignadas ou reconhecidas pelo devedor do saldo, quando tenham de ser demandadas; creditos ou titulos de emprestimo de dinheiro; escriptura de hypotecas; contractos de sociedade, não comprehendida a anonyma, e os actos de sua dissolução ou liquidação; contractos de aforamento ou emphyteuse, arrendamento ou locação, sub-emphyteuse ou sub-locação e outros não designados especialmente, em que se transmittam o uso e goso de bens immoveis, moveis e semoventes, titulos de emphyteuse e sub-emphyteuse de terrenos nacionaes; transferencia de titulos da divida publica interna da União, excepto por transmissão *causa mortis* ou doação *inter vivos* (Reg. art. 12 n° 1); transferencias de acções de sociedades anonymas e em commandita, nacionaes e estrangeiras; actos translativos de embarcações, excepto por doação *inter-vivos*, por compra e venda, doação *in solutum* e actos equivalentes; (Reg. art. 12 n. 1), actos translativos embarcações estrangeiras, quando adquiridas por nacionaes (Lei n° 428 de 10 de Dezembro de 1896, art. 35); contractos de fiança por escriptura publica ou particular: contractos de fiança e outros quaesquer por termos lavrados do juizo federal ou estadoal ou nas repartições publicas federaes; cartas de credito e abono; bilhetes definitivos de deposito de metaes preciosos, emittidos pela Casa da Moeda (Reg. n° 5.536 de 31 de Janeiro de 1874, art. 45, § 2°); titulos de garantia de mercadoria *(warant)* emittidos pelas Alfandegas, por companhias de docas, pelos armazens geraes, armazens ou trapiches alfandegados e pelos armazens das estradas de ferro (Decr. n° 2.502, de 24 de Abril de 1897, art. 16 e Lei n° 559 de 31 de Dezembro de 1898, art. 3°, IX, § 6°); recibos de generos recolhidos a armazens de deposito, com valor declarado; (Cod. Comm., art. 88 III); endosso dos titulos sem prazo, o dos que o tiverem, quando elle se verificar depois do vencimento, o dos que fôrem sacados á vista, desde o momento de sua apresentação ao pagamento (Reg. art. 13); titulos de deposito extra judicial; recibos que declarem valor recebido por conta de pessoa differente da que ordena o pagamento, excepto os que fôrem *duplicata* dos passados no documento,

em que o pagamento é ordenado : termos de responsabilidade, assignados nas Alfandegas, para despachos de reexportação (Lei nº 428 de 10 de Dezembro de 1896, art. 30, paragrapho unico) ; contas de venda de leiloeiro (Lei nº 559 de 31 Dezembro de 1808, art. 8º) ; papeis em que houver promessa ou obrigação de pagamento ou traspasso, ainda que tenham a fórma de recibo, carta ou qualquer outra ; os que contiverem distracto, exoneração, subrogação ou garantia e liquidação de sommas ou valores :

| | |
|---|---|
| Até ao valor de 200$000..... | $300 |
| De mais de 200$000 até 400$..... | $440 |
| » » » 400$000 » 600$ ..... | $660 |
| » » » 600$000 » 800$ ..... | $880 |
| » » » 800$000 » 1.000$ ..... | 1$000 |

E assim por diante, cobrando-se sempre mais 1$100 por conta ou fracção desta quantia.

**Dias em que não se vencem letras e obrigações Commerciaes**

| JAN. | FEV. | MARÇO | ABRIL | MAIO | JUN. | JULHO | AGOS. | SET. | OUT. | NOV. | DEZ. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 7 | 7 | 4 | 2 | 6 | 4 | 1 | 5 | 3 | 2 | 5 |
| 3 | 14 | 14 | 11 | 3 | 13 | 11 | 8 | 7 | 10 | 7 | 12 |
| 10 | 21 | 21 | 18 | 9 | 20 | 14 | 15 | 12 | 12 | 14 | 19 |
| 17 | 24 | 28 | 21 | 13 | 27 | 18 | 22 | 19 | 17 | 15 | 26 |
| 20 | 28 | | 25 | 16 | | 25 | 29 | 26 | 24 | 21 | |
| 24 | | | | 23 | | | | | 31 | 28 | |
| 31 | | | | 30 | | | | | | | |

Quando o vencimento cahir em algum destes dias a obrigação vence no dia util antecedente.


# LIVRARIA GARNIER

**Jean Ribeiro — O Fabordão**

Notre académicien a réuni dans un livre merveilleusement présenté par la maison Garnier, une portion d'articles, tous plus documentés les uns que les autres, empreints tous de l'art si délicat de Jean Ribeiro, incontestablement l'auteur le plus lu au Brésil actuellement. *O Fabordão* a sa place marquée dans toutes les bibliothèques brésiliennes et portugaises.

(*Messager de S. Paulo.*)

# TAXAS DO CORREIO

*Cartas ordinarias.* — 100 rs. para a capital e para o interior e 300 rs. para o exterior por 15 grammas ou fracção de 15 grammas.

*Cartas-bilhete.* — 200 rs. por cada uma com circulação geral dentro do paiz. Para o extrangeiro 300 rs.

*Bilhetes-postaes.* — 50 rs. os bilhetes simples, 80 rs. os bilhetes duplos (circulação em todo o paiz). Para o extrangeiro 100 rs. os simples, e 200 rs. os com resposta paga.

*Manuscriptos, autos, cópias, desenhos, partituras de musicas, guias*, etc. — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Não podem exceder ao peso de 2 kilogr. cada maço, nem apresentar dimensões maiores de 45 centimetros; em rôlo, porém, pódem ter o comprimento de 75 centimetros sobre 10 de diametro. Os autos judiciaes são recebidos sem limitação alguma. Para o extrangeiro pagam 100 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso (porte minimo 250 rs.).

*Impressos, preços correntes, livros, brochuras, felicitações, participações de casameto, photographias, gravuras*, etc. — 20 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro pagam 50 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso.

*Jornaes e revistas* (publicações diarias ou periodicas, não excedendo o periodo de um trimestre) 10 rs. por 100 grammas ou fracção d'este peso Para o extrangeiro 50 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso.

*Amostras de mercadorias.* — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro 100 rs. por 50 grammas ou fracção de 50 grammas (porte minimo para o extrangeiro 150 rs.). Não devem exceder as dimensões de $0,^{m}30 \times 0,^{m}20 \times 0,^{m}10$, nem passar do peso de 250 grammas.

*Encommendas* (com registo obrigatorio). — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Não podem exceder o peso de 3 kilogr. nem ter dimensões superiores a $0,^{m}40 \times 0,^{m}22 \times 0,^{m}16$. Para o extrangeiro não são expedidas encommendas.

*Encommendas com valor declarado* (além da taxa relativa ao peso). — Até 10$000 rs. pagam 500 rs. De 10$ a 15$000 pagam 750 rs. De 15$ a 20$000 pagam 1$000 rs., e assim por diante na razão de mais 250 rs. por cada 5$000 rs. ou fracção d'esta quantia.

*Avisos de entrega.* — Nacional 100 rs., extrangeiro 200 rs.

*Registo de correspondencia.* — A taxa do registo é de 200 rs. além do porte respectivo. Para o extrangeiro 400 rs.

*Registo com valor declarado.* — Pela remessa de um valor declarado dentro de uma carta paga-se, além da taxa do porte da carta, o premio de 2 % sobre o valor do seguinte modo : até 10$ — 300 rs. ; de 10$ a 15$ —

450 rs. ; de 15$ a 20$ — 600 rs. e assim por deante até o maximo de 300$000 rs., crescendo sempre 150 rs. por 5$000 rs. ou fracção de 5$000 rs. As cartas com valor devem ser registadas e pagar taxa de registo.

*Vales postaes.* — Estes vales pódem ser nominaes ou ao portador á vontade dos tomadores. Pagam o premio de : 400 rs. até 25$ rs., 700 rs. até 50$ rs. ; 1$200 até 100$ rs., 1$750 rs. até 150$ rs. e assim por diante mais 500 rs. por 50$000 rs. ou fracção de 50$000 rs. até o maximo de 1:000$000 rs.

Os vales postaes ao portador não pódem exceder a 200$ rs. quando tiverem de ser pagos no Rio de Janeiro ou nas administrações de 1.ª classe ; de 100$000 rs. nas outras administrações, e de 50$000 rs. nas agencias de 1.ª, 2.ª, e 3.ª classes.

Os vales nominaes poderão ir até 1:000$000 rs., quando tiverem de ser pagos no Rio de Janeiro ou nas administrações ; até 200$000 rs. para as agencias de 2.ª e 3.ª classes para isso autorizadas.

Os vales postaes devem ser remettidos em cartas registadas.

Expedem-se vales postaes para Portugal até o maximo de 180$000 rs. não se aceitando fracções de 1$000 rs. Taxa de 2 %.

*Correspondencia official.* — Expedida por auctoridades e repartições estaduaes e municipaes, officios até 25 grammas ou fracção, 100 rs. ; maços e manuscriptos até 50 grammas ou fracção de 50 grammas, 50 rs. ; impressos até 100 grammas ou fracção de 100 grammas, 20 rs.

*Exempções.* — São exemptas de taxa as correspondencias dirigidas ás auctoridades federaes, serviço eleitoral, judicial, saúde publica, hygiene, estatistica e impressos relativos á Instrucção Publica.

Sómente as correspondencias trocadas entre as autoridades e repartições federaes ou dirigidas por estas ás autoridades e repartições estadoaes ou municipaes e vice-versa ficam isentas da franquia postal.

A correspondencia relativa ao serviço postal é a unica isenta de taxa para o exterior da Republica.

Toda e qualquer outra correspondencia, embora emanada de autoridades ou repartições federaes e representantes seus, fica sujeita ás taxas communs.

*Saques e encommendas para Portugal.* — O Correio se incumbe de enviar encommendas até 5 kilos e de remetter qualquer quantia, desde 1$000 até 180$000.

*Vales postaes nacionaes.* — Os tomadores de vales postaes nacionaes pagarão, além da taxa e registro : até 25$, 400 rs. ; até 50$, 700 rs., ; até 100$, 1$200 ; até 150$, 1$750 ; até 200$, 2$250 ; e 500 rs. por 100$ ou fracção excedente de 200$.

E' obrigatorio o registro de cartas remettendo vales.

*Assignatura de caixas.* — Preços por semestres adiantos : na Capital Federal : 25$ ; nas administrações e agencias de 1ª classe, 20$ ; nas outras administrações e nas sub-administrações, 16$ ; nas demais agencias, 10$000.

*Encommendas postaes com Portugal.* — O Correio executa o serviço de permutação de encommendas postaes, sem valor declarado, com Portugal. As encommendas são recebidas nos dias uteis das 8 horas da manhã ás 5 da tarde, e pagam :

| | | |
|---|---|---|
| Portugal (continente)..... | 4.25 | francos |
| Ilha da Madeira ..... | 4.75 | » |
| Ilha dos Açores..... | 5.25 | » |

por volume até 3 kilos.

O pagamento é feito em moeda brazileira, sendo a respectiva reducção feita pela cotação official da vespera do registro, affixada na Camara Syndical dos Corretores.

A entrega das encommendas vindas de Portugal effectua-se nos dias uteis, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

Nesta capital a entrega é feita em um dos armazens da Alfandega, em frente ao Correio.

*Permutação de fundos com Portugal.* — O Correio desta Capital, Campos e Petropolis e de outros estados do Brazil incumbe-se de remetter prequalquer quantia para Portugal, desde 1$000 até 180$000, cobrando o premio de 2 %. Esse serviço é executado todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, na Thesouraria dos Correios.

*Vales postaes internacionaes.* — Executa ainda o Correio o serviço de permutação de fundos por meio de vales postaes que firmaram o accôrdo de Washington relativo a esse serviço.

O valor maximo de cada vale é de 500 francos ou seu equivalente.

As importancias entregues para conversão em vale postal internacional serão sempre em moeda brazileira, e essa conversão será effectuada ao cambio official do ultimo dia util anterior á operação.

Esses vales pagam os premios de 25 centimos por 25 francos ou fracção até 100 francos e para o que exceder de 100 francos 25 centimos por 50 francos ou fracção até 100 francos.

A emissão de vales é effectuada nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

O telegramma urgente paga o triplo da taxa variavel.

O telegramma cotejado paga mais 25 % sobre a taxa variavel.

O telegramma de imprensa, em linguagem clara, paga 50 % da taxa variavel.

O telegramma urbano paga a taxa de 500 réis até 20 palavras e mais 200 réis por cada 10 ou fracção de 10 palavras.

*Contagem das palavras.* — Tudo quanto escreve o expeditor na minuta do telegramma entra no calculo da taxa, inclusivè qualquer caracter isolado, letra, algarismos, aspas, parentheses ou alineas.

Exceptuam-se os signaes de ponctuação, traços de união e apostrophos.

O logar do destino conta-se sempre por uma palavra, embora se com-

## TARIFA PARA O SERVIÇO TELEGRAPHICO "INTERIOR" DA UNIÃO

## TAXA POR PALAVRA

| ESTADOS DE PROCEDENCIA | ESTADO DE DESTINOS | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Pará | Maranhão | Piauhy | Ceará | Rio Grande do Norte | Parahyba | Pernambuco | Alagôas | Sergipe | Bahia | Espirito-Santo | Rio de Janeiro | S. Paulo | Paraná | Santa-Catharina | Rio Grande do Sul | Minas-Geraes | Goyaz | Matto Grosso |
| Pará | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 |
| Maranhão | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 |
| Piauhy | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 |
| Ceará | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 |
| Rio Grande do Norte | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 |
| Parahyba | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 |
| Pernambuco | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 |
| Alagôas | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 |
| Sergipe | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 |
| Bahia | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 |
| Espirito-Santo | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | 200 | 300 | 300 |
| Rio de Janeiro | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 300 | 200 | 200 | 300 |
| S. Paulo | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 200 | 200 | 200 |
| Paraná | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 200 | 300 | 200 | 300 |
| Santa-Catharina | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 200 | 300 | 300 | 300 |
| Rio Grande do Sul | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | **100** | 300 | 300 | 300 |
| Minas-Geraes | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | **100** | 300 | 300 |
| Goyaz | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 200 | 200 | 300 | 300 | 300 | **100** | 200 |
| Matto Grosso | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | 300 | 300 | 300 | 300 | 200 | **100** |

Na taxação dos telegrammas de e para Goyaz e Matto Grosso não se considera como um Estado a travessia do Triangulo Mineiro. (Aviso n. 187, de 10 de Dezembro de 1907, do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas.)

ponha de duas ou mais palavras, por exemplo : *Rosario-Norte, Rosario-Sul.*

O maximo limite de uma palavra é fixado em quinze caracteres ; os excedentes de quinze caracteres são contados como mais uma palavra.

Nos numeros escriptos em algarismos conta-se cada grupo de 5 por uma palavra, os excedentes até cinco são contados como mais uma palavra.

O maximo da extensão de um telegramma é de 200 palavras.

Os telegrammas com resposta paga estão sujeitos a duas taxas fixas.

Os de mais de 100 palavras pagam igualmente duas taxas fixas.

Os despachos escriptos em cifra são contados em grupo de cinco letras por uma palavra, do mesmo modo que os escriptos em algarismos.

Os vales de respota prescrevem dentro de seis semanas da data de sua expedição, não cabendo nenhum direito ao reembolso.

Os telegrammas devem ser escriptos de modo bastante claro, para evitar duvidas na transmissão, correndo por conta do expedidor os erros originados por calligraphia illegivel.

## TARIFA PARA O TRAFEGO COM A "WESTERN"

**Preço por palavra do Rio de Janeiro para :**

| BRASIL (1) | |
|---|---|
| Pará. . . . . | 1$000 |
| Maranhão. . . . . | 1$000 |
| Ceará e Piauhy R. G. Norte. . . . . | $850 |
| Parahyba. . . . . | $600 |
| Recife e Algôas . . . . . | $600 |
| Bahia, Sergipe, E. Santo. . . . . | $400 |
| Santos, S. Paulo. . . . . | $200 |
| Desterro . . . . . | $500 |
| R. Grande . . . . . | $600 |
| Paraná. . . . . | $400 |
| Goyaz . . . . . | $500 |
| M. Grosso. . . . . | $600 |

(1) Mais a taxa fixa de 600 rs. por telegramma.

## ASYLOS

*Asylo do Bom Pastor*, rua do Bom Pastor, na Fabrica das Chitas.
*Asylo dos Invalidos da Patria*, na Ilha do Bom Jesus.
*Asylo Isabel*, rua Mariz e Barros, 32.
*Asylo de Mendicidade*, rua Visconde de Itaúna, 299.

*Asylo das Orphãs da Sociedade Amante da Instrucção*, rua Ipiranga, 20.

*Asylo das Orphãs de S. Francisco de Paula, collegio dos Santos Anjos*, á rua Barão de Mesquita.

*Asylo de S. Luiz*, ponta do Cajú.

*Asylo de S. Cornelio*, rua do Cattete, 2.

*Asylo da Santa Casa da Misericordia*, rua de S. Clemente, 166.

*Asylo da Santa Maria*, rua da Passagem, 107.

*Asylo Gonçalves de Araujo*, campo do S. Christovão, 102.

*Escola Correccional Quinze de Novembro*, rua de S. Christovão, 168.

*Asylo de Nossa Senhora Auxiliadora*, rua Humaitá, 56.

*Casa dos Expostos*, rua Evaristo da Veiga, 60 e 62.

*Recolhimento de Santa Theresa*, rua General Severiano.

*Asylo Santa Leopoldina*, Icarahy (Nitheroy).

*Casa de S. José*, rua General Canabarro, 50.

*Instituto Profissional do Sexo Masculino*, boulevard 28 de Setembro, em Villa Izabel.

*Instituto Profissional Feminino*, rua S. Francisco Xavier, 15.

*Recolhimento das Velhas da Immaculada Conceição*, rua General Camara, 182.

*Recolhimento das Orphãs da Santa Casa de Misericordia.*

## HOSPITAES PARTICULARES

*Hospital da Santa Casa da Misericordia*, praia de Santa Luzia.

*Hospicio de S. Baptista*, rua da Passagem, esquina da de Copacabana.

*Hospicio de N. S. do Soccorro*, praia de S. Christovão, 165.

*Hospicio de N. S da Saúde*, rua da Gamboa, 215.

*Hospicio de N. S. das Dôres*, Cascadura.

*Hospital da Beneficencia Portugueza*, rua de Santo Amaro, 24.

*Hospital da O. S. Francisco de Paula*, rua Duque de Saxe, 33.

*Hospital dos Lazaros*, praia dos Lazaros, em S. Christovão.

*Hospital da Ordem 3º do Carmo*, rua do Riachuelo.

*Hospital da Ordem 3º da Penitencia*, Largo da Carioca.

*Casa de Saúde S. Sebastião*, dr. Simões Corrêa, rua Bento Lisboa, 104.

*Casa de Saúde* do dr. Eiras, fim da rua Marquez de Olinda, Botafogo.

*Casa de Saúde* do dr. Catta Preta, rua Fresca, 3.

*Hospital Evangelico*, rua do Bom Pastor.

# JARDINS E PASSEIOS

*Jardim Botanico*, na estrada da Gavea, aberto das 7 horas da manhã ás 6 da tarde.

*Passeio Publico*, rua do Passeio em frente á das Marrecas; está aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

*Praça da Republica* (antigo Campo de Sant'Anna), aberto das 7 horas da manhã ás 9 da noite.

*Praça Tiradentes* (antigo largo do Rocio), sempre aberto.

*Praça Quinze de Novembro* (antigo largo do Paço).

*Praça Duque de Caxias* (antigo largo do Machado), aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

*Parque da Bôa Vista*, na Quinta da Bôa Vista, em São Christovão, onde se acha o Museu Nacional.

*Pedregulho*, no alto do Pedregulho, onde existe a Caixa d'Agua.

*Praça Onze de Junho* (antigo Rocio Pequeno).

*Praça da Penha*, na freguezia de Irajá.

*Jardim Zoologico*, em Villa-Isabel, para onde ha bondes a todas as horas do dia.



*Floresta da Tijuca*, servida pelos carros da Estrada de Ferro Electrica.

*Morro do Corcovado*. Tem um bom restaurante, nas Paineiras.

*Sumaré pelo morro de Santa Thereza.*

*Sumaré por* de Santa Thereza.

*Praça Sete de Março*, no fim do Boulevard Villa-Isabel.

*Jardim da Gloria.* Avenida Beira Mar.

*Jardim da Praia de Botafogo*, Avenida Beira Mar.

*Jardim Haddock Lobo*, na rua Haddock Lobo.

*Jardim da Fabrica*, na rua Conde do Bomfin.

*Jardim do Boulevard*, no começo do Boul. de Villa Isabel.

*Jardim da Praia de Flammengo.* Avenida Beira Mar.

*Jardim do Vallongo*, na rua Camerino.

Avenida Central.

Avenida do Mangue.

Jardim do Campo de S. Christovão.

Leme e Ipanema, na Praia de Capacabana.

# PARTIDA E CHEGADA DOS TRENS RAPIDOS E NOCTURNOS

*Da Central para Minas.*

O Diurno parte ás 5 da m. e chega a Burnier ás 8.35 da n.
O Rapido parte ás 6.15 da m. e chega a General Carneiro ás 8.13 da n.
O Nocturno parte ás 7 da n. e chega a General Carneiro ás 10.07 da m.

*De Minas para a Central*

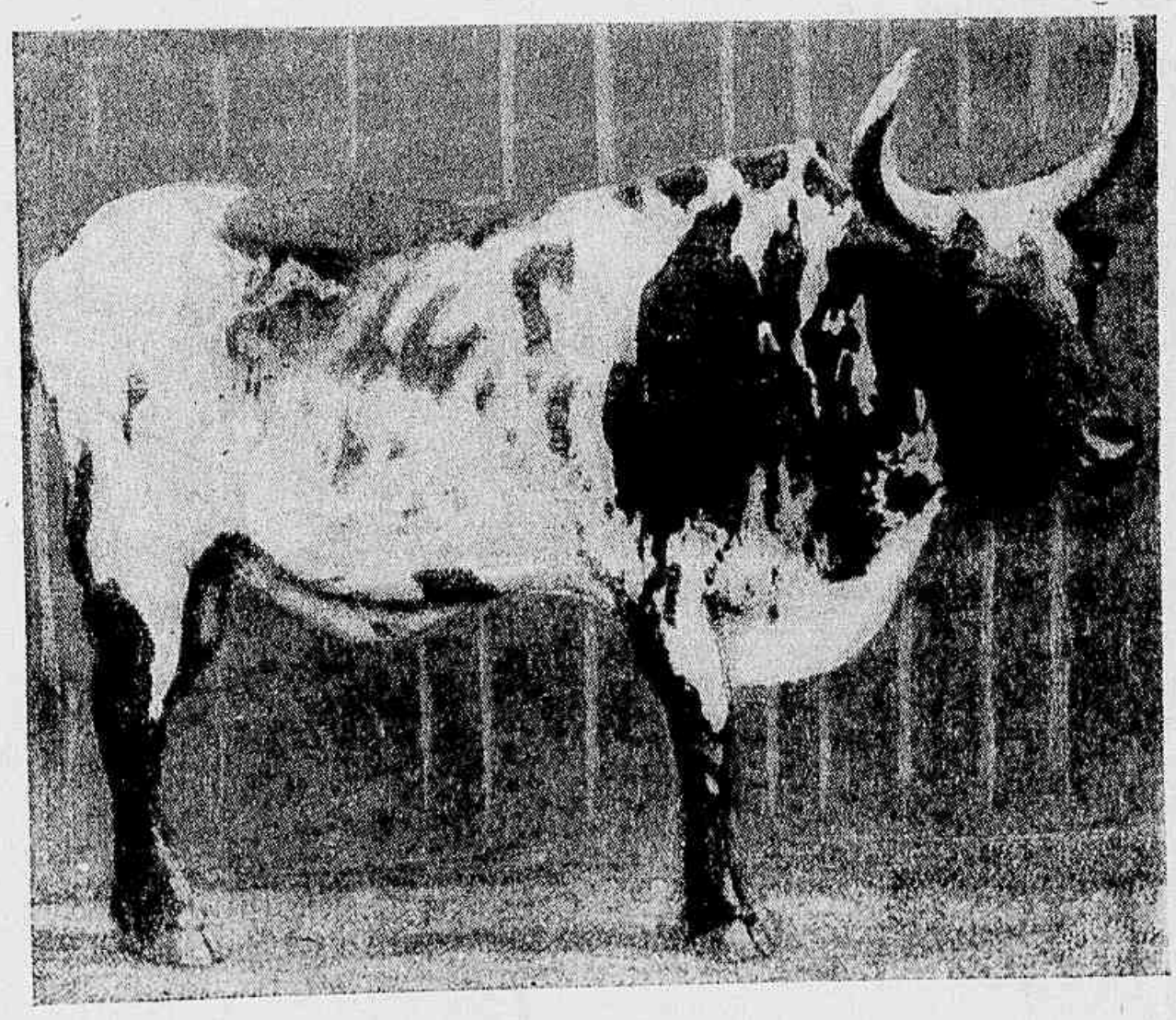
O Diurno parte de Burnier ás 6.45 da m. e chega ás 9.45 da n.
O Rapido parte de G. Carneiro ás 6.28 da m. e chega ás 8.40 da n.
O Nocturno parte de G. Carneiro ás 3.32 da t. e chega ás 7.00 da m.

*Da Central para S. Paulo.*

O Diurno parte ás 5.00 da m. e chega ás 8.25 da n.
O Rapido parte ás 7.10 da m. e chega ás 6 h. da t.
O Nocturno parte ás 8 h. da n. e chega ás 7.50 da m.

*De S. Paulo para a Central.*

O Diurno parte ás 5.15 da m. e chega ás 9.45 da n.
O Rapido parte ás 7.10 da m. e chega ás 6 da t.
O Nocturno parte ás 8.00 da n. e chega ás 8 h. da m.

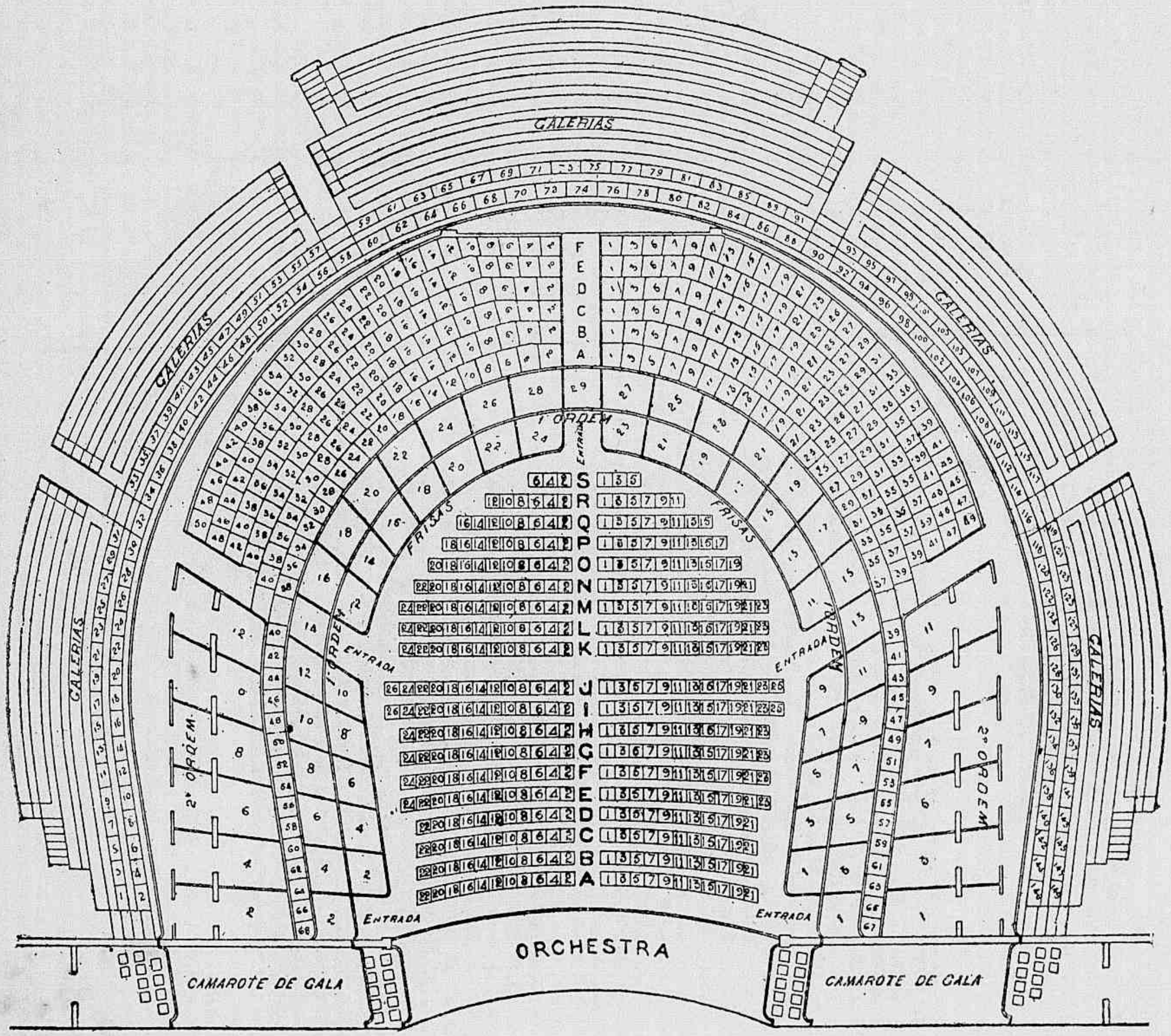


Touro china dos campos do rio Aquidanana.

# THEATROS

*Theatro Municipal* (Avenida Central) ; *Eden Theatro* e *Theatro Apollo*, rua do Lavradio ; *S. Pedro de Alcantara* e *S. José*, Praça Tiradentes ; *Lyrico*, na rua 13 de Maio ; *Carlos Gomes*, *Lucinda*, *Recreio dramatico*, *Moulin Rouge* e *Maison Moderne*, na rua do Espirito Santo ; *Parque Fluminense*, na Praça Duque de Caxias ; *Palace Theatre*, na rua Joaquim Nabuco (ex do Passeio).

## THEATRO MUNICIPAL

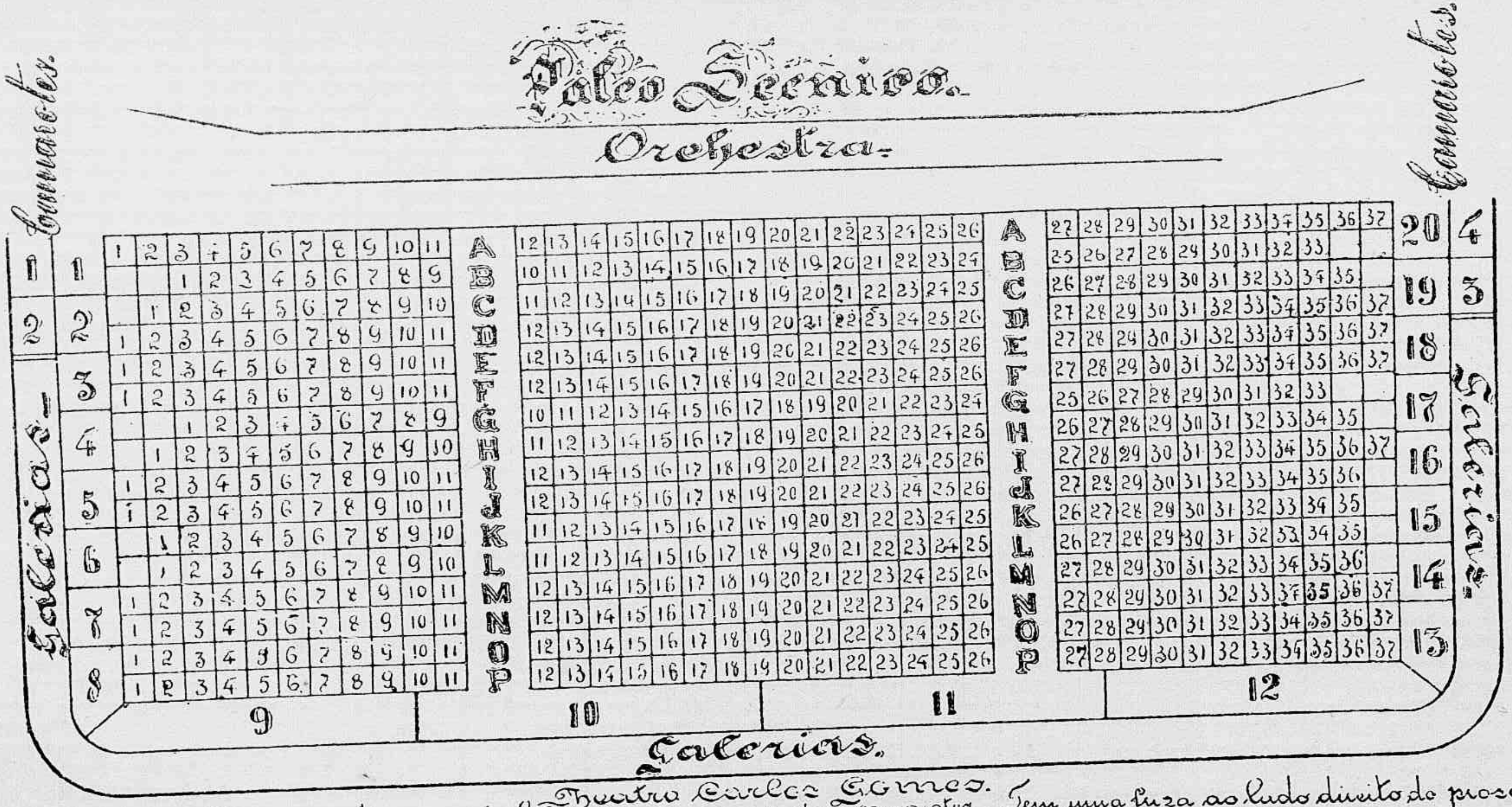



**PLATEA**

*Construcção do Dr. Francisco de Oliveira Passos*

# THEATRO CARLOS GOMES

Rua do Espirito Santo




OBS. A galeria que tem 2 camarotes por cada lado corre por cima dos camarotes. - Tem uma luza ao lado direito do proscenio que não figura nesta planta.

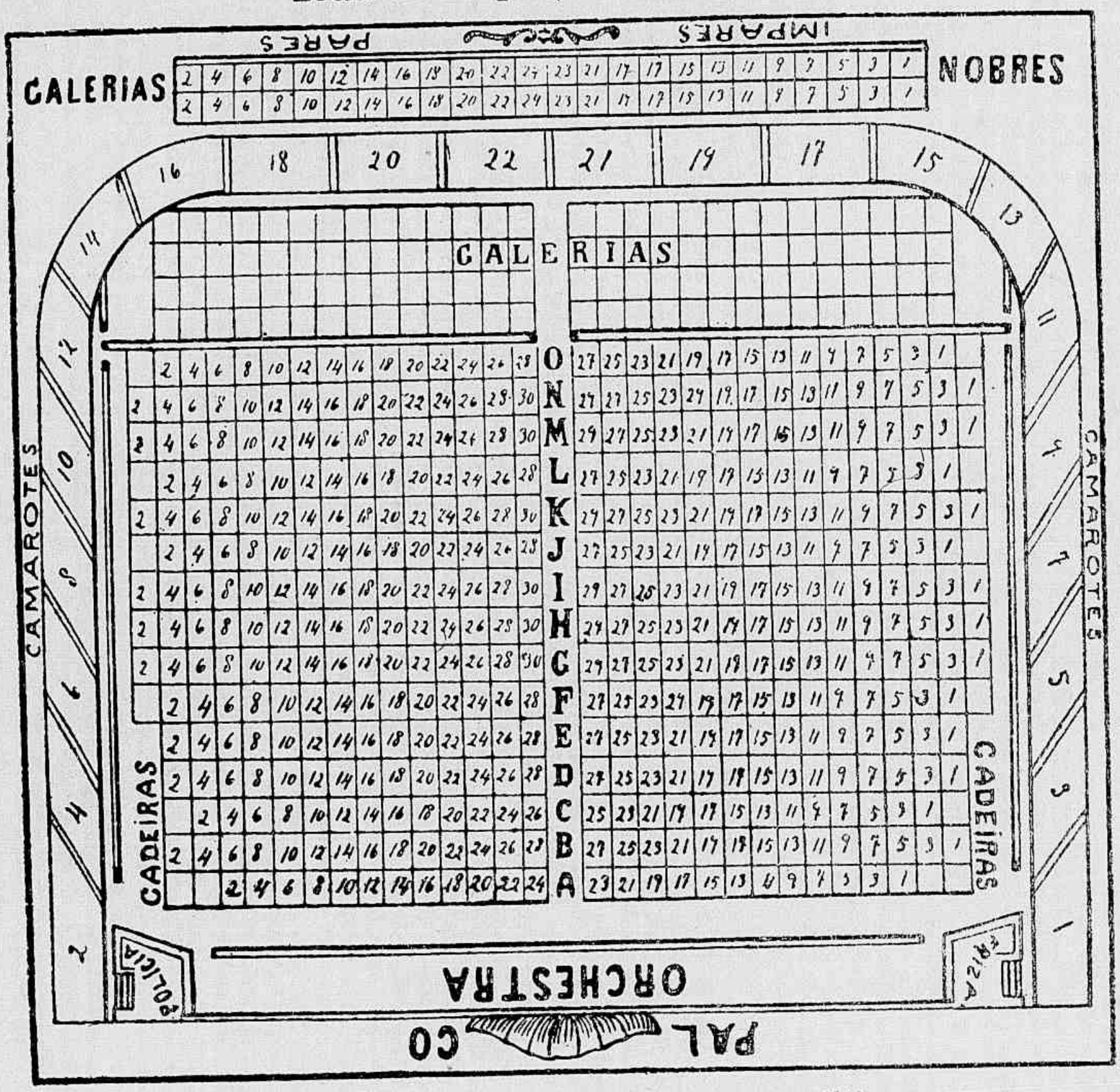
Theatro Carlos Gomes.

Dimensões: Comprimento da Platéa - 14,90 = Largura - 17,00 = Altura do teto - 9,20 - Largura da bocca de scena - 10,50 = Altura - 8,00 - Comprimento do Sulco. scenico - 10,30 = Largura - 22,00.

Lotação: Luzes - 1. Camarotes de 1ª 20 de 2ª - 4. Cadeiras - 537 = Galerias - 250 = Entradas Geraes - 500. -

# THEATRO LUCINDA

Rua do Espirito-Santo, 45




PLANTA DAS LOCALIDADES

---

## Homeopathia conjugal.

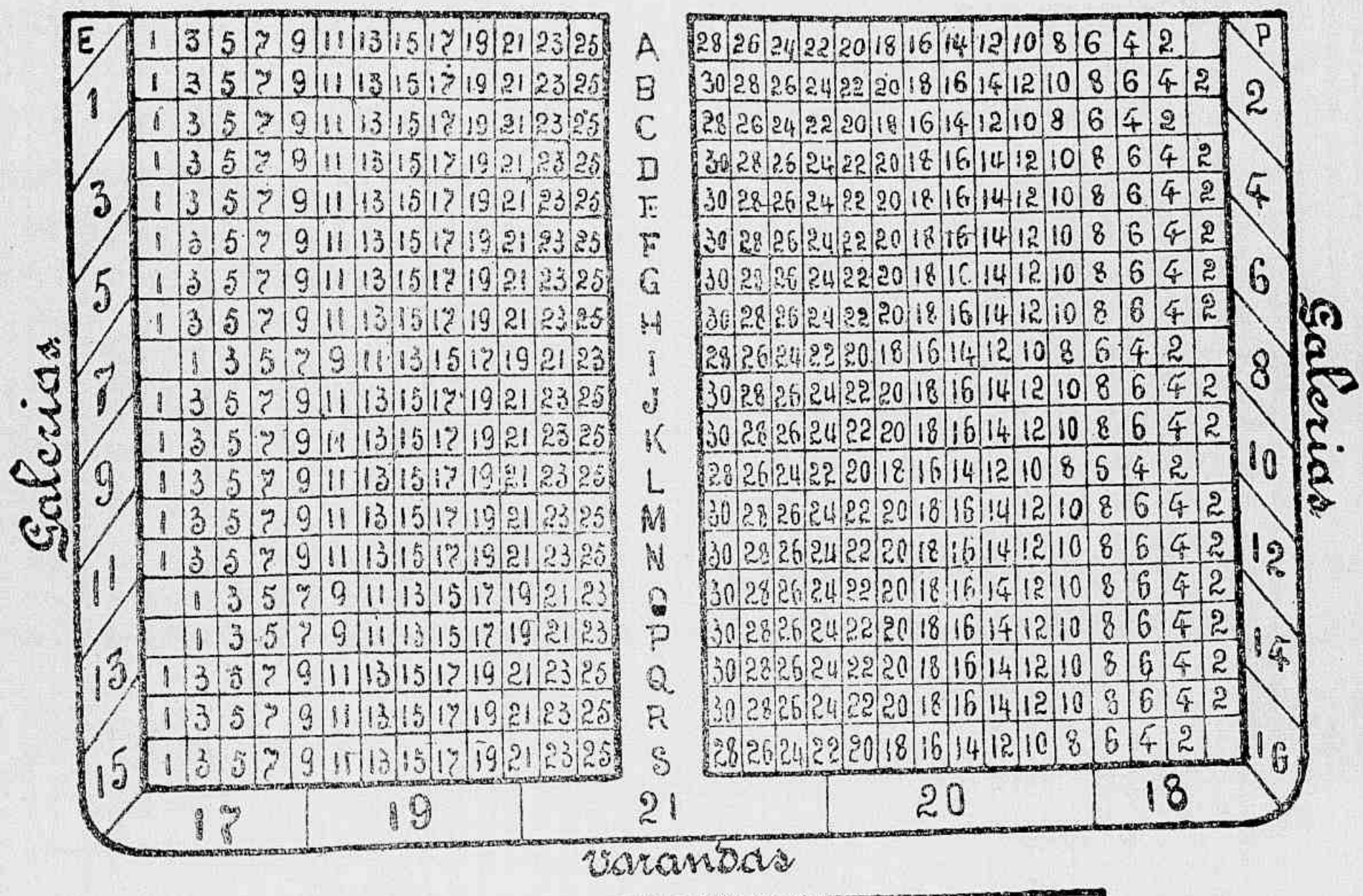
Um elegante arruinado reappareceu no seu grande mundo. A todos ia esclarecendo a sua boa fortuna :

*Explico-vos. Recorri a homœpathia : reparei as ruinas da minha fortuna com as ruinas de uma mulher.* »

---

Casei-me com a saudade
ha tanto, que nem eu sei!
E toda a minha tristeza,
vem da noiva que arranjei!...

# THEATRO S. JOSÉ




| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1ª Fila. | 23 | 22 | 21 | 20 | 19 | 18 | 17 | 16 | 15 | 14 | 13 | 12 | 11 | 10 | 9 | 8 | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | |
| 2ª Fila. | 21 | 20 | 19 | 18 | 17 | 16 | 15 | 14 | 13 | 12 | 11 | 10 | 9 | 8 | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | | | |
| 3ª Fila. | 23 | 22 | 21 | 20 | 19 | 18 | 17 | 16 | 15 | 14 | 13 | 12 | 11 | 10 | 9 | 8 | 7 | 6 | 5 | 4 | 3 | 2 | 1 | |

Dimensões do Theatro S. José = Comprimento da Platéa 19,10. Largura 14,30. Altura do tecto 9,50
Largura da bocca de scena 7,90. Altura = 7,10 = Comprimento do Palco
Scenico 14,90 = Largura = 13,00.
Lotação: Frizas 2 - Camarotes 21 - Cadeiras = 324 - Varandas 67 - Galerias 250 E. Geraes 500

**A Casa GARNIER tem o maior sortimento de livros nacionaes e estrangeiros.**

**109, rua do Ouvidor**
**RIO DE JANEIRO**

# ENTERROS

O serviço de enterros é feito por intermedio da Empresa Funeraria (commettida á Santa Casa da Misericordia) e estabelecida em um dos salões do edificio da mesma Santa Casa, na praia de Santa Luzia.

O expediente principia ás 9 horas da manhã e termina ás 5 horas da tarde de todos os dias.

A pessoa que tiver da tratar de um enterro deve munir-se do attestado de obito passado pelo medico e dirigir-se á pretoria respectiva, onde obterá a certidão necessaria para ir então ao escriptorio da Empresa. Ahi, mediante prévio pagamento (ou fiança de pessoa conhecida), se encarregam do fornecimento de tudo pelos preços estabelecidos nas tabellas seguintes.

Si a pessoa fallecida pertencer a alguma das corporações religiosas que têm cemiterio privativo, deverá o encarregado do entêrro dirigir-se (munido do diploma ou outro documento comprobatorio) á secretaria da respectiva ordem, onde lhe darão a guia para o cemiterio.

## A

TABELLA DOS PREÇOS PARA OS FUNERAES DE ADULTOS

| Classes | Caixão | Vehiculo | Sepultura | Certidão | TOTAL | Carneiro |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1ª | 380$000 | 180$000 | 30$000 | 1$000 | 591$000 | 250$000 |
| 2ª | 214$000 | 94$000 | 30$000 | 1$500 | 339$000 | 250$000 |
| 3ª | 128$000 | 82$000 | 30$000 | 1$000 | 241$000 | 250$000 |
| 4ª | 76$000 | 58$000 | 16$000 | 1$000 | 251$000 | 250$000 |
| 5ª | 42$000 | 47$000 | 16$000 | 1$000 | 106$000 | 250$000 |
| 6ª | 18$000 | 16$000 | 7$000 | ..... | 41$000 | 250$000 |
| 7ª | 9$000 | 8$200 | 7$000 | ..... | 24$200 | 250$000 |
| 8ª | 5$000 | 8$200 | 7$000 | ..... | 20$200 | 250$000 |

## B

TABELLA DOS PREÇOS PARA OS FUNERAES DE MENORES DE 7 ANNOS

| Classes | Caixão | Vehiculo | Sepultura | Certidão | TOTAL | Carneiro |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1ª | 176$000 | 100$000 | 22$000 | 1$000 | 299$000 | 130$000 |
| 2ª | 119$000 | 71$000 | 22$000 | 1$000 | 213$000 | 130$000 |
| 3ª | 69$000 | 58$000 | 22$000 | 1$000 | 150$000 | 130$000 |
| 4ª | 41$000 | 42$000 | 12$000 | 1$000 | 96$000 | 130$000 |
| 5ª | 29$000 | 24$000 | 12$000 | 1$000 | 66$000 | 130$000 |
| 6ª | 12$000 | 14$000 | 5$000 | ..... | 31$000 | 130$000 |
| 7ª | 7$000 | 8$200 | 5$000 | ..... | 20$200 | 130$000 |
| 8ª | 3$000 | 8$200 | 5$000 | ..... | 16$200 | 130$000 |

## Observações

1.ª Os preços não soffrerão alteração, quando fôr preferida a côr rôxa para os funeraes de donzellas.

2.ª Os serviços de funeraes extra-tabellas, serão feitos mediante convenção com a Santa Casa.

3.ª Continuam em vigor todas as disposições não alteradas do Regulamento de 3 de Agosto de 1861.

## Combinações

ADULTOS

| | |
|---|---|
| 1.ª Caixão n. 3. — Carro n. 2. — Carneiro. — Certidão. . . . | 473$000 |
| 2.ª Caixão n. 4. — Carro n. 3. — Sepultura raza. — Certidão . | 189$000 |
| 3.ª Caixão n. 6. — Carro n. 5. — Sepultura raza. — Certidão . | 82$000 |
| 4.ª Caixão n. 7. — Carro n. 6. — Sepultura raza . . . . . | 32$000 |

ANJOS

| | |
|---|---|
| 1.ª Caixão n. 3. — Carro n. 2. — Carneiro. — Certidão. . . . | 271$000 |
| 2.ª Caixão n. 3. — Carro n. 5. — Sepultura raza. — Certidão . | 106$000 |
| 3.ª Caixão n. 6. — Carro n. 5. — Sepultura raza. — Certidão . | 49$001 |
| 4ª. Caixão n. 7. — Carro n. 6. — Sepultura raza . . . . . | 26$000 |

Livraria GARNIER

Albuns e Livros

para premios

# CAIXA DA CONVERSÃO

## Quadro demonstrativo dos equivalentes das notas conversiveis em moedas extrangeiras e as fracções destas pagaveis em prata

*Libra—16$000*
Menor moeda ouro—10 shillings

| Nota conversivel | Shillings | Fracção menor de 10 shillings. | Equivalente em réis ao cambio de 15 d. |
|---|---|---|---|
| 10$000.. | 12,6 | 2,6 | 2$000 |
| 20$000.. | 25,0 | 5,0 | 4$000 |
| 50$000.. | 62,6 | 2,6 | 2$000 |
| 100$000.. | 125,0 | 5,0 | 4$000 |
| 200$000.. | 250,0 | — | — |
| 500$000.. | 625,0 | 5,0 | 4$000 |

*Réis fortes—3$560,90814*
Menor moeda ouro — 5:000$

| Nota conversivel | Réis fortes | Fracção menor de 5$000 | Equivalente em réis ao cambio de 15 d. |
|---|---|---|---|
| 10$000.. | 2$308,273 | 2$808,273 | 10$000 |
| 20$000.. | 5$616,546 | $616,546 | 2$195 |
| 50$000.. | 14$041,355 | 4$041,355 | 14$391 |
| 100$000.. | 28$082,710 | 3$082,710 | 10$977 |
| 200$000.. | 56$165,420 | 1$165,420 | 4$150 |
| 500.000.. | 140$413,550 | $413,550 | 1$473 |

*Marco—$785,11850*
Menor moeda ouro — 10 marcos

| Nota conversivel | Marcos | Fracção menor de 10 marcos | Equivalente em réis ao cambio de 15 d. |
|---|---|---|---|
| 10$000.. | 12,73706 | 2,73706 | 2$149 |
| 20$000.. | 25,47412 | 5,47412 | 4$298 |
| 50$000.. | 63,68530 | 3,68530 | 2$893 |
| 100$000.. | 127,37060 | 7,37060 | 5$787 |
| 200$000.. | 214,74120 | 4,74120 | 3$722 |
| 500$000.. | 636,85300 | 6,85300 | 5$380 |

*Francos—635,94270$*
Menor moeda ouro 10 francos (*)

| Nota conversivel | Francos | Fracção menor de 10 francos | Equivalente em réis ao cambio de 15 d. |
|---|---|---|---|
| 10$000.. | 15,72469 | 5,72469 | 3$641 |
| 20$000.. | 31,44938 | 1,44938 | $922 |
| 50$000.. | 78,62345 | 8,62345 | 5$484 |
| 100$000.. | 157,24690 | 7,24690 | 4$609 |
| 200$000.. | 314,49380 | 4,49380 | 2$858 |
| 500$000.. | 786,23450 | 6,23450 | 3$965 |

*Peso argentino — 3$179,71332*
Menor moeda ouro—5 pesos

| Nota conversivel | Pesos argentinos | Fracção menor de 5 pesos | Equivalente em réis ao cambio de 15 d. |
|---|---|---|---|
| 10$000.. | 3,144938 | 3,144938 | 10$000 |
| 20$000.. | 6,289876 | 1,289876 | 4$101 |
| 50$000.. | 15,724690 | 0,724690 | 2$304 |
| 100$000.. | 31,449380 | 1,449380 | 4$609 |
| 200$000.. | 62,898760 | 2,898760 | 9$217 |
| 500$000.. | 157,246900 | 2,246900 | 7$144 |

*Corôa austriaca—$666,66666*
Menor moeda ouro — 10 corôas

| Nota conversivel | Corôas | Fracção menor de 10 corôas | Equivalente em réis ao cambio de 15 d. |
|---|---|---|---|
| 10$000.. | 15,00 | 5,00 | 3$333 |
| 20$000.. | 30,00 | — | — |
| 50$000.. | 75,00 | 5,00 | 3$333 |
| 100$000.. | 150,00 | — | — |
| 200$000.. | 300,00 | — | — |
| 500$000.. | 1,500,00 | — | — |

*Dollars — 3$295,80306*
Menor moeda ouro — 5 dollars

| Nota conversivel | Dollars | Fracção menor de 5 dollars | Equivalente em réis ao cambio de 15 d. |
|---|---|---|---|
| 10$000.. | 3,034162 | 3,034162 | 10$000 |
| 20$000.. | 6,068324 | 1,068324 | 3$521 |
| 50$000.. | 15,170810 | 0,170810 | $563 |
| 100$000.. | 30,341620 | 0,341620 | 1$126 |
| 200$000.. | 60,683240 | 0,683240 | 2$252 |
| 500$000.. | 15,1708100 | 1,708100 | 5$629 |

*Mil réis ouro (ao cambio de 27 d.)—1$800,000*
Menor moeda ouro — 5:000$

| Nota conversivel | Mil réis ouro | Fracção menor de 5:000$ | Equivalente em réis ao cambio de 15 d. |
|---|---|---|---|
| 10$000.. | 5$555,555 | $555,555 | 1$000 |
| 20$000.. | 11$111,111 | 1$111,111 | 2$000 |
| 50$000.. | 25,777,777 | 2$777,777 | 5$000 |
| 100$000.. | 55$555,555 | $555,555 | 1$000 |
| 200$000.. | 111$111,111 | 1$111,111 | 2$000 |
| 500$000.. | 277$777,777 | 2$777,777 | 5$000 |

*) O franco belga, suisso, a lira italiana e a peseta hespanhola são iguaes ao franco francez.

# PESOS E MEDIDAS

## Synopse do Systema metrico decimal

### UNIDADES LINEARES

ITINERARIAS

| | | | |
|---|---|---|---|
| Myriametro . . . . . | Mm | 10000$^{m}$ | = 10$^{km}$ |
| Kilometro . . . . . | km | 1000 | = 1 |
| Hectometro. . . . . | hm | 100 | = 0.1 |
| Decametro . . . . . | Dm | 10 | = 0.01 |

GEOMETRICAS

| | | | |
|---|---|---|---|
| Metro (') . . . . . | m | 1$^{m}$ | = 0$^{km}$001 |
| Decimetro . . . . . | dm | 0.1 | |
| Centimetro. . . . . | cm | 0.01 | |
| Milimetro . . . . . | mm | 0.001 | |

### UNIDADES DE SUPERFICIE

AGRARIAS

| | | | |
|---|---|---|---|
| Myriametro quadrado. . . . | Mm$^2$ | 100000000 M$^2$ | = 100$^{km2}$ |
| Kilometro » . . . . | km$^2$ | 1000000 | = 1 |
| Hectare (hectom. quad.) . . | ha (hm$^2$) | 10000 | = 0.01 |
| Are (décam. » ) . . | a (Dm$^2$) | 100 | |
| Centiare (metro. » ) . . | ca (m) | 1 | |

GEOMETRICAS

| | | |
|---|---|---|
| Metro quadrado. . . . . | m$^2$ | 1$^{m2}$ |
| Decimetro quadrado. . . . | dm$^2$ | 0.01 |
| Centimetro » . . . . | cm$^2$ | 0.0001 |
| Millimetro » . . . . | mm$^2$ | 0.000001 |

### UNIDADES DE VOLUME OU CAPACIDADE

| | | |
|---|---|---|
| Metro cubico . . . . . | m$^3$ | 1$^{m3}$ |
| Decimetro cubico . . . . . | dm$^3$ | 0.001 |
| Centimetro » . . . . . | cm$^3$ | 0.000001 |
| Millimetro » . . . . . | mm$^3$ | 0.000000001 |

PARA LIQUIDOS E SECCOS

| | | |
|---|---|---|
| Hectolitro . . . . . | hl | 100 l |
| Decalitro . . . . . | Dl | 10 |
| Litro . . . . . | l | 1 |
| Decilitro . . . . . | dl | 0.1 |
| Centilitro . . . . . | cl | 0.01 |

PARA LENHA

| | | |
|---|---|---|
| Decastere . . . . . | Ds | 10s |
| Stere . . . . . | s | $1^{m3}$ |
| Decistere . . . . . | ds | 0.1 |

## UNIDADES DE PESO

MÉDIO OU GRANDE

| | | | |
|---|---|---|---|
| Tonelada . . . . . | t | $1000^{kg}$ | |
| Quintal. . . . . | q | 100 | |
| Myriagramma . . . . . | Mg | 10 | = $10000^{g}$ |
| Kilogramma . . . . . | Kg | 1 | = 1000 |
| Hectogramma . . . . . | Hg | 0.1 | = 100 |
| Decagramma. . . . . | Dg | 0.01 | = 10 |

PEQUENO

| | | | |
|---|---|---|---|
| Gramma (2) . . . . . | g | $0^{kg}001$ | = $1^{g}$ |
| Decigramma . . . . . | dg | | = 0.1 |
| Centigramma. . . . . | cg | | = 0.01 |
| Milligramma . . . . . | mg | | = 0.001 |

## Medidas itinerarias e topographicas independentes do systema metrico

### MILHA NAUTICA

O comprimento da milha nautica sendo definido como sexagesima parte de um grau, tomado em um circulo maximo da esphera póde assumir diversos valores, confórme o círculo maximo fôr um meridiano ou o equador. A repartição hidrographica americana *Coast and Geodetic Survey*, com o fim de impedir inevitaveis confusões, adoptou officialmente para a *milha nautica* o valor de *uma sexagesima parte do comprimento de 1º do circulo maximo de uma esphera, cuja superficie fosse igual á da terra.*

Este valor calculado com os elementos de Clarke para o espheroide terrestre dá para *uma milha : 1853 m. 248.*

Eis como comparação, differentes valores da milha deduzidos de outras definições :

| | |
|---|---|
| Comprimento de 1′ de longit. no Equador. . . | $1855^{m}34$ |
| Comprimento de 1′ de latitude no Equador . . | 1842. 79 |
| Comprimento de 1′ de latitude a 45º . . . . . | 1852. 18 |
| Comprimento de 1′ de latitude no pólo . . . . | 1861. 65 |

(1) Theoricamente deveria ser o *metro* $\frac{1}{1.000,000}$ da quarta parte do meridiano terrestre, praticamente adoptou-se como valor fundamental do metro o comprimento da regua denominada *mètre des archives*, medido na temperatura de 0ºC.

(2) Peso *normal* (isto é, no vacuo e na temperatura de 4 graus centigrados) de 1 $cm^{3}$ d'agua distillada.

## Medidas itinerarias independentes do systema metrico

| | |
|---|---|
| Milha geographica de 15 ao grau equatorial | 7422m |
| Legua de 18 ao grau meridiano médio | 6174 |
| Legua de 25 ao grau meridiano médio | 4145 |
| Milha maritima de 60 ao grau (M. | 1852 |
| Legua maritima de 20 ao grau meridiano m. (3M) | 5557 |
| Milha maritima quadrada ($M^2$) | 3km2.4366 |
| Legua maritima quadrada ($9M^2$) | 30km2.8776 |

## MEDIDAS BRASILEIRAS ANTIGAS

Por lei de 26 de Junho 1862, o systema metrico foi tornado obrigatorio a contar de 1 de Janeiro de 1874; entretanto, tem-se conservado no interior o uso de muitas das medidas antigas, que por essa razão é ainda util conhecer.

| | | |
|---|---|---|
| Tonelada (54 a) | 13 1/2 (1) | 793kg.2384 |
| Quintal | 4 | 58 . 7584 |
| Arroba a. | 32 | 14 . 6896 |
| Arroba metrica em uso no commercio. | | 15 kg. |
| Libra (lb) | 2 | 458 g. 050 |
| Marco. | 8 | 229 g. 825 |
| Onça (on) | 8 | 23 g. 691 |
| Oitava | 3 | 3 g. 586 |
| Escropulo. | 24 | 1 g. 195 |
| Grão | | 0 g. 04981 |

## MEDIDAS

### DE COMPRIMENTO

| | | |
|---|---|---|
| Braça (b) | | 2m. 20 |
| Vara (5 pm) | | 1m. 10 |
| Pé (12 pl) | 1 1/2 | 0m. 33 |
| Palmo (pm) | 8 | 0m. 22 |
| Pollegada (pl). | 12 | 0m. 0275 |
| Linha (ln) | 12 | 0m. 00228 |
| Ponto. | | 0m. 000191 |
| Covado | | 0m. 68 |
| Passo geometrico | | 1m. 65 |

### ITINERARIAS

| | | |
|---|---|---|
| Legua. | 3 | 6km.600 |
| Milha. | | 2km.200 |
| Legua geometrica | | 6 km |
| Milha geometrica | | 2 km |

(1) Relação entre cada unidade e a seguinte, a não ser esta irregular.

DE SUPERFICIE AGRARIA

| | | |
|---|---|---|
| Legua quadrada | 9 | $43^{km2}.56$ |
| Milha quadrada | | $4^{km2},84$ |
| Alqueire de Minas Geraes e do Rio de Janeiro (10.000 $b^2$) | | $4^{ha}.84$ |
| Alqueire de S. Paulo (5.000 $b^2$) | 25 | $2^{ha}.42$ |
| Geira (400 $b^2$) | | $19^{a}.36$ |
| Tarefa (na Bahia, 900 $b^2$) | | $43^{a}.56$ |

DE SUPERFICIE

| | | |
|---|---|---|
| Braça quadrada (100 $pm^2$) | | $4^{m2}.84$ |
| Pé quadrado (1.44 $pm^2$) | | $0^{m2}.1089$ |
| Palmo quadrado | | $0^{m2}.0484$ |
| Pollegada quadrada | 65 | $7^{cm2}.5625$ |
| Linha quadrada | 144 | $5\ ^{2}.2533$ |
| Ponto quadrado | 144 | $0\ \ ^{2}.0365$ |

DE VOLUME

| | | |
|---|---|---|
| Braça cubica (100 $pm^3$) | | $10^{m3}.648$ |
| Pé cubico (1 $pm^3$. 728) | | $35^{dm3}.957$ |
| Palmo cubico | | $10^{dm3}.648$ |
| Pollegada cubica | 512 | $20^{cm3}.796875$ |
| Linha cubica | 1728 | $12^{mm3}.040481$ |
| Ponto cubico | 1727 | $0^{mm3}.006968$ |

DE CAPACIDADE PARA SECCOS

| | | |
|---|---|---|
| Moio | 15 | $21^{hl}.762$ |
| Fanga | 4 | $1451.08$ |
| Alqueire | 8 | $36^{l}.27$ |
| Quarta | 8 | $9^{l}.0675$ |
| Selamim | | $1^{l}.1334$ |

DE CAPACIDADE PARA LIQUIDOS

| | | |
|---|---|---|
| Tonel | 2 | $840.^{l}$ |
| Pipa | | $420.^{l}$ |
| Almude | 12 | $31^{l}.944$ |
| Canada | 4 | $2^{l}.662$ |
| Quartilho | | $0^{l}.6655$ |

**Quilate para peso dos diamantes : $0^{dg}1922$.**

# MEDIDAS INGLEZAS E SUA CONVERSÃO

TABELLAS PARA A CONVERSÃO DAS MEDIDAS INGLEZAS EM MEDIDAS METRICAS, VICE-VERSA (COAST Y GEODETIC SURVEY, 1893 REPORT)

## Medidas lineares

| INCHS | MILLIMETROS | FEET | METROS | YARDS | METROS | MILES (*) | KILOMETROS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 25.4051 | 1 | 0.304 801 | 1 | 0.914 402 | 1 | 1.609 35 |
| 2 | 50.8001 | 2 | 0.609 601 | 2 | 1.828 804 | 2 | 3.218 69 |
| 3 | 76.2002 | 3 | 0.914 402 | 3 | 2.743 205 | 3 | 4.828 04 |
| 4 | 101.6002 | 4 | 1.219.202 | 4 | 3.657 607 | 4 | 6.437 39 |
| 5 | 127.0003 | 5 | 1.524 003 | 5 | 4 572 009 | 5 | 8.046 74 |
| 6 | 152.4003 | 6 | 1.828 804 | 6 | 5.486 411 | 6 | 9.656 08 |
| 7 | 177.8004 | 7 | 2.133 604 | 7 | 6.400 813 | 7 | 11.265 43 |
| 8 | 203.2004 | 8 | 2.438 405 | 8 | 7.315 215 | 8 | 12.874 78 |
| 9 | 228.6005 | 9 | 2.743 205 | 9 | 8.229 616 | 9 | 14.884 12 |

## Medidas de superficie

| SQ. INCHS | CENT. QUADR. | SQ. FEET | DEC. QUADR. | SQ. YARDS | MET. QUADR. | ACRES | HECTARES |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 6.452 | 1 | 9.290 | 1 | 0.836 | 1 | 0.4047 |
| 2 | 12.903 | 2 | 18.581 | 2 | 1.672 | 2 | 0.8094 |
| 3 | 19.355 | 3 | 27.871 | 3 | 2.508 | 3 | 1.2141 |
| 4 | 25.807 | 4 | 37.161 | 4 | 3.344 | 4 | 1.6187 |
| 5 | 32.258 | 5 | 46.452 | 5 | 4.181 | 5 | 2.0234 |
| 6 | 38.710 | 6 | 55.742 | 6 | 5.017 | 6 | 2.4281 |
| 7 | 45.161 | 7 | 65.032 | 7 | 5.853 | 7 | 2.8328 |
| 8 | 51.613 | 8 | 74.323 | 8 | 6.689 | 8 | 3.2375 |
| 9 | 58.065 | 9 | 83.613 | 9 | 7.725 | 9 | 3.6322 |

(*) Para transformar rapidamente qualquer numero de milhas inglezas *Statute miles* em seu valor equivalente em kilometros e subdivisões, lança-se mão da *seguinte regra prática* muito approximada :

*Addiciona-se ao numero dado de milhas, sua metade, mais a decima parte e mais a centesima parte ; a somma é em kilometros o equivalente do numero de milhas :*

**Exemplo : sejam 9 milhas a transformar em kilometros.**

**1/2 de 9 = 4.50 ; 1/10 = 0.9 : 1/100 = 0.09.**

**Somma 9.0 + 4.5 + 0.9 + 0.09 = 14 k. 490 em logar de 14 k. 484, valor rigorosamente exacto.**

## Medidas de volume

| CUBIC. INCHS. | CENT CUBCS. | CUBIC. FEET. | METS. CUBCS. | CUBIC. YARDS. | METS. CUBCS. | BUSH | HECTOLITROS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 15.387 | 1 | 0.02832 | 1 | 0.765 | 1 | 0.35239 |
| 2 | 32.774 | 2 | 0.05663 | 2 | 1.529 | 2 | 0.70479 |
| 3 | 49.161 | 3 | 0.08495 | 3 | 2.294 | 3 | 1.05718 |
| 4 | 65.549 | 4 | 0.11327 | 4 | 3.058 | 4 | 1.40957 |
| 5 | 81.936 | 5 | 8.14158 | 5 | 3.823 | 5 | 1.76196 |
| 6 | 98.323 | 6 | 0.16990 | 6 | 4.587 | 6 | 2.11436 |
| 7 | 114.710 | 7 | 0.19822 | 7 | 5.352 | 7 | 2.46675 |
| 8 | 131.097 | 8 | 0.22654 | 8 | 6.116 | 8 | 2.81914 |
| 9 | 147.484 | 9 | 0.25485 | 9 | 6.881 | 9 | 3.17154 |

## Medidas de capacidade para liquidos

| FLUID. DRACHMS | CENTS. CUBCS. | FLUID. OUNC. | CENTS. CUBCS. | QUARTS. | LITROS | GALLONS AMER. | LITROS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 3.70 | 1 | 29.57 | 1 | 0.94636 | 1 | 3.78543 |
| 2 | 7.39 | 2 | 59.15 | 2 | 1.89272 | 2 | 7.57087 |
| 3 | 11.09 | 3 | 88.72 | 3 | 2.83908 | 3 | 11.35630 |
| 4 | 14.79 | 4 | 118.29 | 4 | 3.38543 | 4 | 15.14174 |
| 5 | 18.48 | 5 | 147.87 | 5 | 4.73179 | 5 | 18.92717 |
| 6 | 22.18 | 6 | 177.44 | 6 | 5.67815 | 6 | 22.71261 |
| 7 | 25.88 | 7 | 207.02 | 7 | 6.62451 | 7 | 26.49804 |
| 8 | 29.57 | 8 | 286.59 | 8 | 7.57087 | 8 | 30.28348 |
| 9 | 33.27 | 9 | 266.16 | 9 | 9.51723 | 9 | 34.06891 |

## Medidas de peso

| GRAINS | MILLIGRAMMAS | AVOIR DU POIDS OUNCES | GRAMMAS | AVOIR DU POIDS POUNDS | KILOGRAMMAS | TROY OUNCES | GRAMMAS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 64.7989 | 1 | 28.3499 | 1 | 0.45359 | 1 | 31.10348 |
| 2 | 129.5978 | 2 | 56.6991 | 2 | 0.90719 | 2 | 62.20696 |
| 3 | 194.3998 | 3 | 85.0486 | 3 | 1.36078 | 3 | 93.31044 |
| 4 | 259.1957 | 4 | 113.3981 | 4 | 1.81437 | 4 | 124.41392 |
| 5 | 323.9946 | 5 | 141.7476 | 5 | 2.26796 | 5 | 155.51740 |
| 6 | 388.7635 | 6 | 170.0972 | 6 | 2.72156 | 6 | 186.62088 |
| 7 | 453.5924 | 7 | 198.4467 | 7 | 3.17515 | 7 | 217.72437 |
| 8 | 518.3914 | 8 | 226.7962 | 8 | 3.62874 | 8 | 248.82785 |
| 9 | 583.1903 | 9 | 255.1457 | 9 | 4.08233 | 9 | 279.93133 |

## Medidas lineares

| METROS | INCHS | METROS | FEET | METROS | YARDS | KILOM. | MILES |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 39.37 | 1 | 3.28083 | 1 | 1.093611 | 1 | 0.62137 |
| 2 | 78.74 | 2 | 6.56167 | 2 | 2.187222 | 2 | 1.24274 |
| 3 | 118.11 | 3 | 9.84250 | 3 | 3.280833 | 3 | 1.86411 |
| 4 | 157.48 | 4 | 13.12333 | 4 | 4.374444 | 4 | 2.48548 |
| 5 | 197.85 | 5 | 16.40417 | 5 | 5.468056 | 5 | 3.10685 |
| 6 | 236.22 | 6 | 18.68500 | 6 | 6.561667 | 6 | 3.72822 |
| 7 | 275.59 | 7 | 22.96583 | 7 | 7.655278 | 7 | 4.34959 |
| 8 | 314.96 | 8 | 26.24667 | 8 | 8.748889 | 8 | 4.97096 |
| 9 | 354.32 | 9 | 29.52750 | 9 | 9.842500 | 9 | 5.59233 |

## Medidas de superficie

| CENT. QUADR. | SQ. INCHS | MET. QUADR. | SQUARE FEET | MET. QUADR. | SQUARE FEET | HECT. | ACRES |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 0.1550 | 1 | 10.764 | 1 | 1.196 | 1 | 2.471 |
| 2 | 0.3100 | 2 | 21.528 | 2 | 2.392 | 2 | 4.942 |
| 3 | 0.4650 | 3 | 32.292 | 3 | 3.588 | 3 | 7.413 |
| 4 | 0.6200 | 4 | 43.055 | 4 | 4.784 | 4 | 9.884 |
| 5 | 0.7750 | 5 | 53 819 | 5 | 5.980 | 5 | 12.355 |
| 6 | 0.9300 | 6 | 64.583 | 6 | 7.176 | 6 | 14.826 |
| 7 | 1.0850 | 7 | 75.347 | 7 | 8.372 | 7 | 17.297 |
| 8 | 1.2400 | 8 | 86.111 | 8 | 9.568 | 8 | 19.768 |
| 9 | 1.3950 | 9 | 96.875 | 9 | 10.764 | 9 | 22.239 |

## Medidas de volume

| CENT. CUB. | CUB. INCHS | LITROS | CUB. INCHS | METROS CUB. | CUB. FEET | METROS CUB. | CUB. YARDS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 0.0610 | 1 | 61.023 | 1 | 35.314 | 1 | 1.308 |
| 2 | 0.1220 | 2 | 122.047 | 2 | 70.629 | 2 | 2.616 |
| 3 | 0.1831 | 3 | 183.070 | 3 | 105.943 | 3 | 3.924 |
| 4 | 0.2441 | 4 | 244.094 | 4 | 141.258 | 4 | 5.232 |
| 5 | 0.3051 | 5 | 305.117 | 5 | 176.572 | 5 | 6.540 |
| 6 | 0.3661 | 6 | 366.140 | 6 | 211.887 | 6 | 7.848 |
| 7 | 0.4272 | 7 | 427.164 | 7 | 247.201 | 7 | 9.156 |
| 8 | 0.4882 | 8 | 488.187 | 8 | 282.516 | 8 | 10.464 |
| 9 | 0.5492 | 9 | 549.210 | 9 | 317.830 | 9 | 11.771 |

## Medidas de capacidade

| CENT. CUBICOS | FLUID DRACHMS | CENTILITROS | FLUID OUNCES | LITROS | QUARTS | DECALITROS | GALLONS (AMERIC) | HECTOLITROS | BUSHELLS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 0.27 | 1 | 0.338 | 1 | 1.0567 | 1 | 2.6417 | 1 | 2.8377 |
| 2 | 0.54 | 2 | 0.676 | 2 | 2.1134 | 2 | 5.2834 | 2 | 5.6755 |
| 3 | 0.81 | 3 | 1.014 | 3 | 3.1700 | 3 | 7.9251 | 3 | 8.5132 |
| 4 | 1.08 | 4 | 1.353 | 4 | 4.2267 | 4 | 10.5668 | 4 | 11.3510 |
| 5 | 1.35 | 5 | 1.691 | 5 | 5.2834 | 5 | 13.2085 | 5 | 14.1887 |
| 6 | 1.62 | 6 | 2.029 | 6 | 6.3401 | 6 | 15.8502 | 6 | 17.0265 |
| 7 | 1.89 | 7 | 2.367 | 7 | 7.3968 | 7 | 18.4919 | 7 | 19.8642 |
| 8 | 2.16 | 8 | 2.705 | 8 | 8.4535 | 8 | 21.1336 | 8 | 22.7019 |
| 9 | 2.43 | 9 | 3.043 | 9 | 9.5101 | 9 | 24.7753 | 9 | 25.5397 |

## Medidas de peso

| MILLIGRAMMAS | GRAINS | KILOGRAMMAS | GRAINS | KILOGRAMMAS | OUNCES AVOIR DU POIDS | KILOGRAMMAS | POUNDS AVOIR DU POIDS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 0.01543 | 1 | 15432.36 | 1 | 0.35274 | 1 | 2.20462 |
| 2 | 0.03086 | 2 | 30864.71 | 2 | 0.70548 | 2 | 4.40924 |
| 3 | 0.04630 | 3 | 46297.07 | 3 | 1.05822 | 3 | 6.61387 |
| 4 | 0.06173 | 4 | 61729.43 | 4 | 1.41096 | 4 | 8.81849 |
| 5 | 0.07716 | 5 | 77161.78 | 5 | 1.76370 | 5 | 11.02311 |
| 6 | 0.09259 | 6 | 92594.14 | 6 | 2.11644 | 6 | 13.22773 |
| 7 | 0.10803 | 7 | 108026.49 | 7 | 2.46918 | 7 | 15.43236 |
| 8 | 0.12346 | 8 | 123458.85 | 8 | 2.82192 | 8 | 17.63698 |
| 9 | 0.13889 | 9 | 138891.21 | 9 | 3.17466 | 9 | 19.84160 |

**1 kilogramma** = 32.1507 Ounces troy.
**1 tonelada metrica** = 2204.6 Pounds avoir du poids
**1 tonelada ingleza** (20 cwts) = 1016.0 kilogrammas.
**1 quintal** (cwt), 112 lbs. = 50.8024 kilogrammas.
**1 braça ingleza** (fathom) = 1.829 metros.
**1 milha nautica** 1853.25 metros.
**1 imperial gallon** (inglez) = 4.5435 litros.
**1 imperial bushell** (inglez) = 36.3477 litros

# Tabella de coefficientes para passar das unidades metricas para as diversas unidades inglezas ou americanas e vice-versa

POR

C. W. HUNT, M. Am. Soc. M. E., e completada por H. M.

**PARA PASSAR DAS UNIDADES METRICAS PARA AS INGLEZAS**

Millimetros × 0.039937 = polleg. inglez
Centimetros × 0.3737 = idem idem
Metros × 35.37 = idem idem
Metros × 3.281 = pés inglezes
Metros × 1.094 = jardas
Kilometros × 0.621 = milhas terrestr.
Kilometros × 3280,7 = pés.
Millim. quad. × 0.0155 = polleg. quad.
Centimet. quad. × 0.155 = polleg. quad.
Metros quadr. × 10.764 = pés quad.
Kilometros quadrados × 247.1 = acres
Hectaros × 247.1 = acres
Centimet. cub. × 0.0610 = polleg. cubic.
Centimet. cub. × 0.271 = fluid drachms U.S.P.
Centimet. cub. × 0.0338 = fluid ounces U.S.P.
Metros cubicos × 35.315 = pés cubicos
Metros cubicos × 1.308 = jardas cub.
Metros cub. × 264.2 = gallões (de 231 inchs³)
Litros × 61.022 = pollegadas cubicas
Litros × 34.84 = fluid ounces
Litros × 0.2642 = gallões (de 231 inchs³)
Grammas × 15.432 = grãos
Gramma × 981 = dynes (C. G. S.)
Joule × 07.373 = pés-libra
Kilos × 2.2046 = libras
Kilos × 35.3 = ounces avoir du poids
Kilogrammetros × 7.223 = pés libra
Kilos por cent. quad. × 14.223 = libras por poll. quadrada
Kilos por metro × quadrado × 0.672 = libras por pé quadrado.
Kilowatts × 1.34 cavallos vapor ing.
Cavallos vapor francezes × 0.986 = cavallos vapor inglezes

**PARA PASSAR DAS UNIDADES INGLEZAS PARA AS METRICAS**

Pollegadas inglezas × 25.4 millimetr.
Pollegadas × 0.0254 = metros
Pés × 0.30479 = metros
Jardas × 0.91438 = metros
Milhas × 1.609 = kilometros
Pés × 0.000305 = kilometros
Pollegadas quadradas × 645.1 = millimetros quadrados
Pollegadas quadradas × 6.451 = centimetros quadrados
Pés quadr. × 0.0927 = metros quadr.
Acres × 0.004047 = kilemetros quadr.
Acres × 0.40479 = Hectares
Pollegadas cubicas × 16.387 = centim. cubic.
Fluid drachms × 3.69 = cent. cubicos.
Fluid drachms × 3.69 = cent. cubicos.
Fluid ounces × 29.57 = idem idem
Pés cubicos × 0.02832 = metros cubicos
Pés cubicos × 28.316 = litros
Galões americanos × 3.785 = litros
Bushells (americanos) (210.4 inchs³,) × 0.3521 = Hectolitros
Bushells inglezes × 0.3635 = Hectolitr.
Ounces (avoir du poids) × 28.35 = gr.
Libras × 0.4536 = kilos
Toneladas × 1016.05 = kilos
Quintaes × 50.80 = kilos
Pés-Libra × 0.13826 = kilogrametros
Libras por pollegada quadr. × 0.0703 = kilos por centimetro quadrado
Libras por pé quadrado × 1.488 = kilos por metro quadrado
Cavallos vapor inglezes × 1.01386 = cavallos vapor francezes
Kilowatts × 1.3596 = caval. vapor fr.

# TABELLAS DE JUROS

## I

## Juros simples

| NUMEROS | 3 °/. | 3 ½ °/. | 4 °/. | 4 ½ °/. | 5 °/. | 5 ½ °/. | 6 °/. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 0.008 | 0.009 | 0.011 | 0.012 | 0.014 | 0.015 | 0.016 |
| 2 | 0.016 | 0.019 | 0.022 | 0.025 | 0.027 | 0.030 | 0.033 |
| 3 | 0.025 | 0.029 | 0.033 | 0.037 | 0.041 | 0.045 | 0.049 |
| 4 | 0.033 | 0.038 | 0.044 | 0.049 | 0.055 | 0.060 | 0.066 |
| 5 | 0.041 | 0.048 | 0.055 | 0.062 | 0.068 | 0.075 | 0.082 |
| 6 | 0.049 | 0.057 | 0.066 | 0.074 | 0.082 | 0.090 | 0.099 |
| 7 | 0.057 | 0.067 | 0.077 | 0.086 | 0.096 | 0.106 | 0.115 |
| 8 | 0.066 | 0.077 | 0.088 | 0.099 | 0.110 | 0.121 | 0.132 |
| 9 | 0.074 | 0.086 | 0 098 | 0.111 | 0.123 | 0.136 | 0.148 |
| 10 | 0.082 | 0.096 | 1.110 | 0.123 | 0.137 | 0.151 | 0.164 |
| 20 | 0.164 | 0.192 | 0.219 | 0.247 | 0.274 | 0.301 | 0.329 |
| 30 | 0.247 | 0.288 | 0.329 | 0.370 | 0.411 | 0.452 | 0.493 |
| 40 | 0.329 | 0.384 | 0.438 | 0.493 | 0.548 | 0.603 | 0.658 |
| 50 | 0.411 | 0.479 | 0.548 | 0.616 | 0.685 | 0.753 | 0.822 |
| 60 | 0.493 | 0.575 | 0.658 | 0.740 | 0.822 | 0.904 | 0.986 |
| 70 | 0.575 | 0.671 | 0.767 | 0.863 | 0.959 | 1.055 | 1.151 |
| 80 | 0.657 | 0.767 | 0.877 | 0.986 | 1.096 | 1.206 | 1.315 |
| 90 | 0.740 | 0.863 | 0.986 | 1.110 | 1.233 | 1.356 | 1.480 |
| 100 | 0.822 | 0.959 | 1.096 | 1.233 | 1.370 | 1.507 | 1.644 |
| 200 | 1.644 | 1.918 | 2.192 | 2.466 | 2.740 | 3.014 | 3.288 |
| 300 | 2.466 | 2.877 | 3.288 | 3.699 | 4.110 | 4.521 | 4.932 |
| 400 | 3.288 | 3.835 | 4.383 | 4.931 | 5.479 | 6.027 | 6.575 |
| 500 | 4.110 | 4.794 | 5.479 | 6.164 | 6.849 | 7.534 | 8.219 |
| 600 | 4.931 | 5.753 | 6.575 | 7.397 | 8.219 | 9.041 | 9.863 |
| 700 | 5.753 | 6.712 | 7.671 | 8.630 | 9.589 | 10.548 | 11.507 |
| 800 | 6.575 | 7.671 | 8.767 | 9.863 | 10.959 | 12.055 | 13.151 |
| 900 | 7.397 | 8.630 | 9.863 | 11.096 | 12.329 | 13.562 | 14.795 |
| 1.000 | 8.219 | 9.589 | 10.959 | 12.329 | 13.699 | 15.068 | 16.438 |
| 2.000 | 16.438 | 19.178 | 21.918 | 24.657 | 27.397 | 30.137 | 32.877 |
| 3.000 | 24.657 | 28.767 | 32.877 | 36.986 | 41.096 | 45.205 | 49.315 |
| 4.000 | 32.877 | 38.356 | 43.835 | 49.315 | 54.794 | 60.274 | 65.753 |
| 5.000 | 41 096 | 47.945 | 54.794 | 61 644 | 68.493 | 75.342 | 82.192 |
| 6.000 | 49.315 | 57.534 | 65.753 | 73.973 | 82.192 | 90.411 | 98.630 |
| 7.000 | 57.534 | 67.123 | 76.712 | 86.301 | 95.890 | 105.120 | 115.068 |
| 8.000 | 65.753 | 76.712 | 86.671 | 98.630 | 109.589 | 120.548 | 131.507 |
| 9.000 | 73.973 | 86.301 | 98.630 | 110.959 | 123.288 | 135.616 | 147.945 |
| 10.000 | 82.192 | 95.890 | 109.589 | 123.288 | 136.986 | 150.685 | 163.383 |

**Modo de usar.** — Multiplica-se o capital pelo numero de dias durante os quaes venceu juros. Tira-se ao producto a fracção (si elle a tem) e mais dous algarismos. O numero que resta divide-se em milhares, centenas, dezenas e unidades. Procuram-se na tabella os juros d'estas partes (conforme a columna da taxa) e sommando-se estes juros parciaes, tem-se o juro total procurado. Exemplo: Qual o juro de 6:252$000 rs. em 125 dias a 5 ½ °/.? O producto do capital pelo n.º de dias é 781.500. Tirando-se dous algarismos, resta 7.815. Procurando-se na tabella o juro de 7.000, de 800, de 10 e de 5, acha-se 115.068; 13.151; 0.164 e 0.082. Sommando estas parcellas, tem-se 128$465, o juro desejado.

Para os multiplos de 10.000, para 70 ou 80 mil (por exemplo) toma-se o juro de 7.000 ou 8.000 e multiplica-se por 10. Para várias quantias durante numeros de dias differentes com a mesma taxa de juro, obtem-se primeiro os *numeros* (producto das quantias pelos numeros de dias). Sommam-se os varios numeros e com a sua totalidade vai-se á tabella em busca dos juros.

## Juros compostos

II

*Mostra o valor do capital 1$000 réis collocado a juro composto capitalizado annualmente, a diversas taxas, no fim de annos.*

| ANNO | a 1 °/o | a 1 1/2 °/o | a 2 °/o | a 2 1/2 °/o | a 3 °/o | a 3 1/2 °/o |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 10 | 1,105 | 1,161 | 1,219 | 1,280 | 1,343 | 1,411 |
| 20 | 1,220 | 1,347 | 1,486 | 1,638 | 1,806 | 1,990 |
| 30 | 1,348 | 1,563 | 1,811 | 2,098 | 2,427 | 2,807 |
| 40 | 1,489 | 1,814 | 2,208 | 2,564 | 3,262 | 3,960 |
| 50 | 1,644 | 2,105 | 2,692 | 3,437 | 4,384 | 5,586 |
| 60 | 1,817 | 2,443 | 3,281 | 4,400 | 5,891 | 7,879 |
| 70 | 2,007 | 2,835 | 4,010 | 5,632 | 7,918 | 11,122 |
| 80 | 2,217 | 3,291 | 4,875 | 7,210 | 10,640 | 15,677 |
| 90 | 2,449 | 3,819 | 5,943 | 9,229 | 14,300 | 22,112 |
| 100 | 2,705 | 4,432 | 7,245 | 11,814 | 19,220 | 31,190 |
| 110 | 2,990 | 5,144 | 8,831 | 15,122 | 25,829 | 44,016 |
| 120 | 3,305 | 5,971 | 10,765 | 19,356 | 34,714 | 62,106 |

| ANNO | a 4 °/o | a 4 1/2 °/o | a 5 °/o | a 5 1/2 °/o | a 6 °/o | a 6 1/2 °/o |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 10 | 1,480 | 1,553 | 1,629 | 1,708 | 1,790 | 1,877 |
| 20 | 2,191 | 2,412 | 2,653 | 2,918 | 3,207 | 3,524 |
| 30 | 3,243 | 3,745 | 4,322 | 4,984 | 5,743 | 6,614 |
| 40 | 4,801 | 5,716 | 7,040 | 8,513 | 10,286 | 12,416 |
| 50 | 7,107 | 9,033 | 11,467 | 14,542 | 18,420 | 23,307 |
| 60 | 10,520 | 14,027 | 18,679 | 24,840 | 32,988 | 43,750 |
| 70 | 15,571 | 21,784 | 30,426 | 42,430 | 59,077 | 82,124 |
| 80 | 23,050 | 33,830 | 49,561 | 72,476 | 105,780 | 154,159 |
| 90 | 34,120 | 52,537 | 80,730 | 123,800 | 189,470 | 289,377 |
| 100 | 50,505 | 81,589 | 131,499 | 211,469 | 339,312 | 543,200 |
| 110 | 74,760 | 126,709 | 214,202 | 361,218 | 607,638 | 1:019,662 |
| 120 | 110,662 | 196,780 | 348,912 | 617,007 | 1:088,188 | 1:914,048 |

| ANNO | a 7 °/o | a 8 °/o | a 9 °/o | a 10 °/o | a 11 °/o | a 12 °/o |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 10 | 1,967 | 2,159 | 2,367 | 2,593 | 2,839 | 3,105 |
| 20 | 3,870 | 4,661 | 5,604 | 6,728 | 8,062 | 9,646 |
| 30 | 7,612 | 10,063 | 13,267 | 17,450 | 22,892 | 29,960 |
| 40 | 14,974 | 21,724 | 31,410 | 45,260 | 65,001 | 93,050 |
| 50 | 29,357 | 46,902 | 74,360 | 117,391 | 184,565 | 289,002 |
| 60 | 57,946 | 101,257 | 176,030 | 304,482 | 524,058 | 897,596 |
| 70 | 113,989 | 218,606 | 416,730 | 789,744 | 1:488,017 | 2:787,795 |
| 80 | 224,234 | 471,954 | 986,552 | 2:048,401 | 4:225,108 | 8:658,430 |
| 90 | 441,103 | 1:018,914 | 2:335,526 | 5:313,024 | 11:996,879 | 26:891,925 |
| 100 | 866,716 | 2:199,757 | 5:529,038 | 13:780,603 | 34:064,173 | 83:522,308 |
| 110 | 1:706,925 | 4:749,120 | 13:089,247 | 35:743,306 | 96:722,590 | 259:407,485 |
| 120 | 3:357,784 | 10:522,980 | 30:987,730 | 92:708,936 | 274:635,720 | 805:680,963 |

## DIVISORES FIXOS

*Para calcular juros a diversas taxas*

| TAXAS ANNUAES | TAXAS MENSAES | DIVISORES FIXOS | TAXAS ANNUAES | TAXAS MENSAES | DIVISORES FIXOS |
|---|---|---|---|---|---|
| 1 | — | 36000 | 9½ | — | 3789 |
| 1⅛ | — | 32000 | 9¾ | — | 3692 |
| 1¼ | — | 28800 | 10 | 5/6 | 3600 |
| 1½ | ⅛ | 24000 | 10¼ | — | 3512 |
| 1¾ | — | 20571 | 10½ | 7/8 | 3428 |
| 2 | 1/6 | 18000 | 10¾ | — | 3349 |
| 2¼ | — | 16000 | 11 | — | 3273 |
| 2½ | — | 14400 | 11¼ | — | 3200 |
| 2¾ | — | 13091 | 11½ | — | 3130 |
| 3 | ¼ | 12000 | 11¾ | — | 3064 |
| 3¼ | — | 11077 | 12 | 1 | 3000 |
| 3½ | — | 10285 | 12½ | — | 2880 |
| 3¾ | — | 9600 | 13 | — | 2769 |
| 4 | 1/3 | 9000 | 13½ | 1⅛ | 2667 |
| 4¼ | — | 8471 | 14 | 1⅙ | 2571 |
| 4½ | 3/8 | 8000 | 14½ | — | 2483 |
| 4¾ | — | 7579 | 15 | 1¼ | 2400 |
| 5 | — | 7200 | 15½ | — | 2323 |
| 5¼ | — | 6857 | 16 | 1⅓ | 2250 |
| 5½ | — | 6545 | 16½ | 1⅜ | 2182 |
| 5¾ | — | 6261 | 17 | — | 2118 |
| 6 | ½ | 6000 | 17½ | — | 2057 |
| 6¼ | — | 5760 | 18 | 1½ | 2000 |
| 6½ | — | 5538 | 18½ | — | 1946 |
| 6¾ | — | 5333 | 19 | — | 1895 |
| 7 | — | 5143 | 19½ | 1⅝ | 1846 |
| 7¼ | — | 4965 | 20 | 1⅔ | 1800 |
| 7½ | 5/8 | 4800 | 20½ | — | 1756 |
| 7¾ | — | 4645 | 21 | 1¾ | 1714 |
| 8 | 4/6 | 4500 | 21½ | — | 1674 |
| 8¼ | — | 4364 | 22 | 1⅚ | 1636 |
| 8½ | — | 4235 | 22½ | 1⅞ | 1600 |
| 8¾ | — | 4114 | 23 | — | 1565 |
| 9 | ¾ | 4000 | 23½ | — | 1532 |
| 9¼ | — | 3892 | 24 | 2 | 1500 |

*Explicação.* — Torna-se facil por meio d'esta tabella calcular os juros de uma quantia durante qualquer numero de dias. Basta muliplicar o capital ou a quantia pelo numero de dias e dividir o producto pelo divisor fixo correspondente á taxa. O quociente da divisão é juro procurado. Convém não confundir as taxas annuaes com as taxas mensaes, que são dadas em columnas separadas

# MOEDAS

## I

### *Moedas brasileiras : especies, valores, pesos, titulos e modulos*

| ESPECIE | VALOR em reis | PESOS em grammas | TITULO em millesimos | METAL puro em grammas | MODULO em millim.ros | DECRETOS |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Ouro.. | 20$000 | 17,930 | 917 | 16,441 | 30 | Decreto n.º 6143 de 10 de Março 1876. |
| | 10$000 | 8,965 | 917 | 8,220 | 22,5 | |
| | 5$000 | 4,482 | 917 | 4,110 | — | Está desmonetizada. |
| Prata. | 2$000 | 25,500 | 917 | 23,383 | 37 | Decreto n.º 4822 de 18 de Novembro 1871. |
| | 1$000 | 12,750 | 917 | 11,691 | 30 | |
| | 500 | 6,375 | 917 | 5,845 | 25 | |
| Nickel | 400 | 12,000 | 25 °/o de nickel e 5 °/o de cobre com a tolerancia de 1 °/o para mais ou para menos. | | — | Estão desmonetizadas as antigas moedas de nickel. |
| | 200 | 8,000 | | | — | |
| | 100 | 5,000 | | | — | |
| Cobre. | 40 | 12,000 | 95 partes de cobre | | 30 | Decreto n.º 5469 de 19 de Novembro 1873. |
| | 20 | 7,000 | 5 partes de estanho | | 25 | Decreto n.º 4019 de 20 de Novembro 1867. |
| | 10 | 3,500 | 1 parte de zinco | | 20 | |

NOTA. A *tolerancia* no peso das *moedas de ouro* é : de 5 centig. para mais ou para menos nas de 20$; e de 25 *millig.* nas de 10$; — no peso *das moedas de prata* é : de 10 centig. para mais ou para menos nas de 2$; de 5 centig. nas de 1$ e de 25 millig. nas de 500 reis; — no peso *das moedas de nickel* é de 2 °/o para mais ou para menos. — A *tolerancia no titulo* tanto das moedas de ouro como das de prata é de dous millesimos. — As moedas de prata são acceitas em pagamento nas estações públicas sem limitação alguma; os particulares não são obrigados a receber em pagamento mais de 20$. As moedas de nickel são dadas e recebidas em pagamento até 1$; as de cobre até a a quantia de 200 reis. A relação legal entre o ouro e a prata é de 1 : 14,22. — As moedas de prata cunhadas no periodo de 30 de Sept. 1867 a 3 de Sept. 1870 têm o peso : de 25 gram. as de 2$; de 12.5 gr. as de 1$; de 6,25 gr. as de 500 reis e de 2,5 gr. as de 200 reis; as duas primeiras, do titulo de 900, as duas últimas, do título de 835; as do titulo de 900 têm menos 4 °/o de valor entrinseco, e as do titulo de 835 menos 10,5 °/o do que as actuaes. — A lei de 3 Sept. 1870 mandou desmonetizar todas as moedas de prata do titulo de 900 e as de valor de 200 reis do mesmo metal.

## II

### *Principaes moedas extrangeiras*

#### ALLEMANHA

Leis monetarias de 4 de Dezembro de 1871 e 9 de Julho de 1873.
Relação de ouro á prata 1:13.95.
Unidade : Reichsmark de ouro — 1 fr. 23457.

| | | Peso em gram. | VALORES AO PAR Francos | Reis |
|---|---|---|---|---|
| Ouro a 900. | 20 marcos ou dupla corôa | 7.965 | 24.69 | 8,719 |
| | 10 marcos ou corôa | 3.982 | 12.35 | 4,359 |
| | 5 marcos | 1.991 | 6.17 | 2,179 |
| Prata a 900. | 5 marcos | 27.777 | 5.555 | 1,972 |
| | 2 marcos | 11.111 | 2.222 | 786 |
| | Marco, dividido em 100 pfennig. | 5.555 | 1.111 | 393 |
| | 1/2 marco, ou 29 pfennig. | 2.777 | 0.555 | 197 |
| | 1/5 demarco, ou 29 fennig | 1.111 | 0.222 | 78 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| Nickel . . . | 10 pfennig . . . . . | 0.111 | 93 |
| | 5 pfennig . . . . . | 0.055 | 19 |
| Cobre . . . | 2 pfennig . . . . . | 0.022 | 7 |
| | 1 pfennig . . . . . | 0.011 | 4 |

Por decisão de Junho de 1888, a circulação das moedas extrangeiras, no Imperio Allemão, ficou prohibida a contar de 1 de Junho do mesmo anno.

A circulação, fiduciaria da Allemanha é regulada pela lei de 30 de Janeiro de 1875.

## ARGENTINA (REP.)

Lei de 5 de Novembro de 1881.

Unidade : Peso de prata=5 fr.

| | | Peso em gram. | VALORES AO PAR francos | reis |
|---|---|---|---|---|
| Ouro 900 | Argentino . . . . . | 8.064 | 25.00 | 8.829 |
| | Médio Argentino . . . . . | 4.032 | 12.50 | 4.414 |
| Prata a 900 | Peso dividido em 100 centavos. . | 25.000 | 5.00 | 1.765 |
| | 50 centavos. . . . . | 12.000 | 2.50 | 882 |
| | 20 centavos. . . . . | 5.000 | 1.00 | 353 |
| | 10 centavos. . . . . | 2.500 | 0.50 | 176 |
| | 5 centavos. . . . . | 1.250 | 0.25 | 88 |
| Cobre | 2 centavos. . . . . | | 0.10 | 35 |
| | 1 centavo . . . . . | | 0.05 | 17 |

Quasi toda a circulação metalica compõe-se de soberanos inglezes, de moedas de 20 francos de França, de Hespanha e dos Estados hispano-americanos.

Na provincia de Buenos-Aires conta-se em *peso-papel*. Este peso, na época da sua creação, representava uma piastra forte : hoje não vale sinão 72 reis (ouro) do Brasil, valor determinado por um decreto do governo da provincia em 1866. Divide-se o papel em 8 reaes.

Nas outras provincias conta-se por piastras fortes, de 1.910 reis (ouro) do Brasil.

Em Buenos-Aires, as mercadorias e os titulos são pagos em peso-papel. No commercio por atacado não é raro servirem-se de barras de ouro ou de prata para os pagamentos.

## FRANÇA

Lei monetaria de 7 de Abril e 15 de Agosto de 1795, 28 de Março de 1803, 25 de Maio de 1864, 27 de Junho de 1866, 2 de Agosto de 1872, 31 de Julho e 31 de Outubro de 1879.

Unidade : Franco 1=fr.

| | | Peso em gram. | VALORES AO PAR francos | reis |
|---|---|---|---|---|
| Ouro a 900 | 100 francos. . . . . | 32,258 | 100.00 | 35.316 |
| | 50 francos. . . . . | 16,129 | 50.00 | 17.658 |
| | 20 francos. . . . . | 6,452 | 20.00 | 7.063 |
| | 10 francos. . . . . | 3,226 | 10.00 | 3.352 |
| | 5 francos. . . . . | 1,613 | 5.00 | 1.766 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Pràta a 900 | 5 francos. . . . . | 25,000 | 5.00 | 1.766 |
| Prata a 835 | 2 francos. . . . . | 10,000 | 1.86 | 657 |
| | Franco, dividido em 100 centesimos. | 5,000 | 0.93 | 328 |
| | 50 centesimos . . . . . | 2,500 | 0.46 | 164 |
| | 20 centesimos . . . . . | 1,000 | 0.19 | 67 |
| Bronze | 10 centesimos . . . . . | 10,000 | | 37 |
| | 5 centesimos . . . . . | 5,000 | | 13 |
| | 2 centesimos . . . . . | 2,500 | | 5 |
| | 1 centesimo . . . . . | 1,000 | | 3 |

### ESTADOS-UNIDOS

Leis monetarias de 12 de Fevereiro de 1873 e 28 de Fevereiro de 1878.
Relação de ouro a prata, 1:15.98.
Unidade : Dollar de ouro=5 fr. 1825.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Ouro a 900 | Fifty Dol (Califórnia) . . . . . | 80,718 | 259.130 | 91.510 |
| | Aguia dupla, 20 dollars. . . . . | 33,436 | 103.655 | 36.607 |
| | Aguia, 10 dollars. . . . . | 16,718 | 51.827 | 18.303 |
| | Meia aguia, 5 dollars. . . . . | 8,359 | 25.913 | 9.151 |
| | 3 dollars. . . . . | 5,015 | 15.548 | 5.491 |
| | Quarto d'agua 2 1/2 dollars. . . . | 4,179 | 12.956 | 4.575 |
| | Dollar (Lei de 12 de Abril de 1873). . | 1,672 | 5.182 | 1.830 |
| Prata a 900 | Dollar de 100 cent. (Lei de 28 de Fevereiro 1878) . . . . . | 26,729 | 5.345 | 1.888 |
| | 1/2 dollar, 50 cents. . . . . | 12,500 | 2.50 | 883 |
| | 3/4 de dollar, 25 cents . . . . . | 6,250 | 1.25 | 441 |
| | 2/5 de dollar, 20 cents . . . . . | 5,000 | 1.00 | 453 |
| | Dime. 10 cents. . . . . | 2,500 | 0.50 | 176 |

### INGLATERRA

Leis monetarias de 1816, 4 de Abril de 1870 e 17 de Maio de 1887.

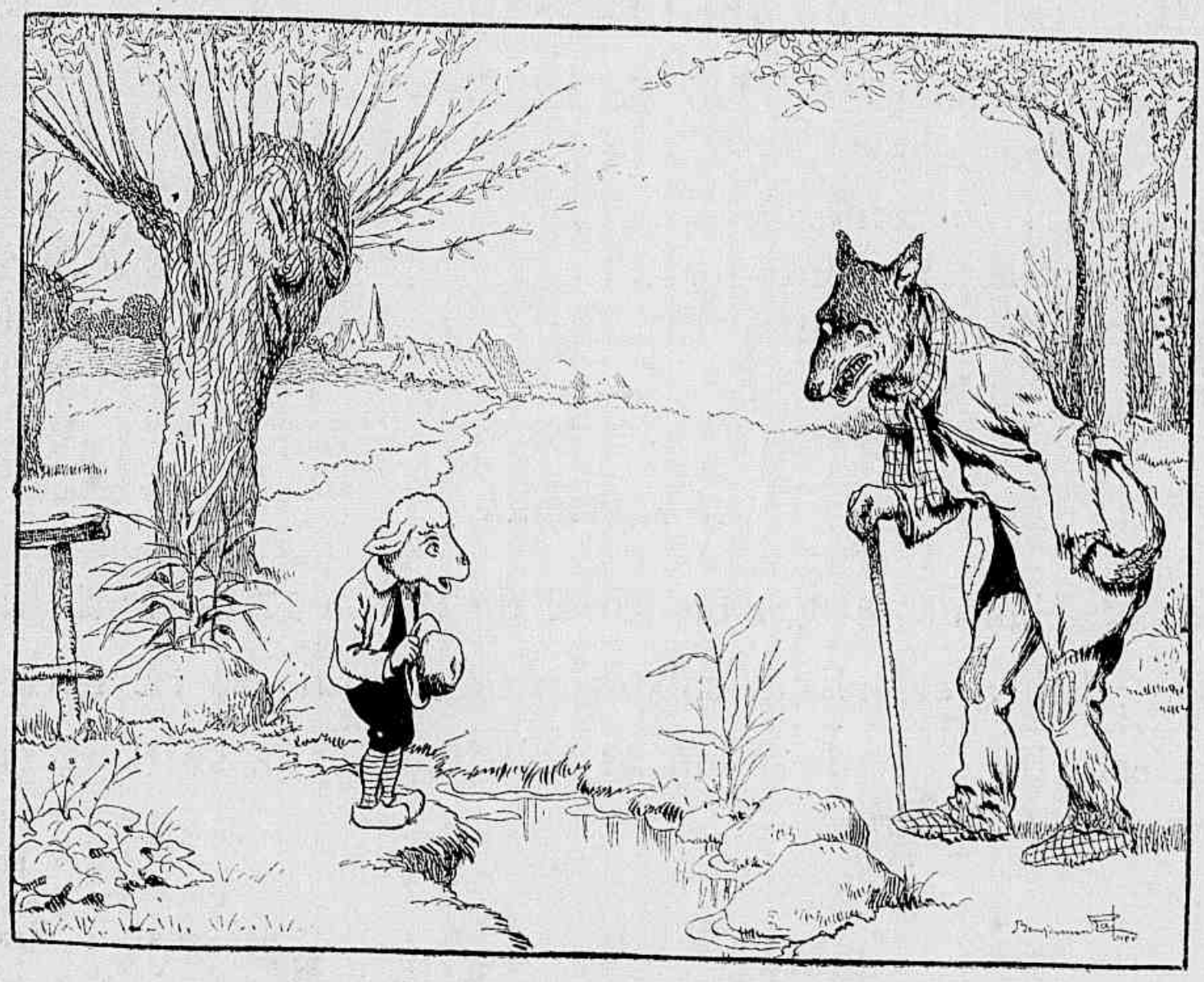
Unidade : Libra esterlina, soberano ou pound=25 fr. 22128.

A libra esterlina divide-se em 20 shillings, cada shilling em 12 pence e cada penny em 4 farthings.

| | | Peso em gram. | VALORES AO PAR Francos | Reis |
|---|---|---|---|---|
| Ouro a 916.66 | 5 soberanos. . . . . | 39,940 | 126.107 | 44.536 |
| | 2 soberanos. . . . . | 15,976 | 50.442 | 17.813 |
| | Soberano (sovereign) . . . . . | 7,988 | 25.221 | 8.906 |
| | Meio soberano. . . . . | 3,994 | 12.610 | 4.453 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Prata a 926 | Corôa, 5 shillings | 28,276 | 5.811 | 2.052 |
| | Meia corôa. | 14,138 | 2.905 | 1.006 |
| | Duplo florim, 4 shillings. | 22,620 | 4.648 | 1.640 |
| | Florim, 2 shillings. | 11,300 | 2.325 | 820 |
| | Shilling | 5,655 | 1.161 | 410 |
| | 6 pence | 2,828 | 0.580 | 205 |
| | 4 pence (groat) (*). | 1,885 | 0.387 | 137 |
| | 3 pence | 1,414 | 0.291 | 101 |
| | 2 pence | 0,942 | 0.195 | 21 |
| | Penny | 0,471 | 0.097 | 25 |
| Prata a 893 | Escudo de banco ou dollar de Jorge III. | 28,717 | 5.22 | 1.860 |
| | 5 shillings | 13,030 | 3.19 | 1.127 |
| | 1 shilling | 8,015 | 1.59 | 562 |

(*) Essas moedas são cunhadas exclusivamente para a distribuição da *caridade real*, no dia da quinta-feira santa de cada anno. O lord grão esmoler e aldeão de Windsor, seguidos de numeroso pessoal da aristocracia e do alto clero, distribuem, em nome do soberano, vestuarios e dinheiro a tantos pobres de ambos sexos quantos são os annos do monarcha; o numero de peças de moeda em cada bolsa, é tambem igual ao dos dictos annos. Cunham-se cada anno 198 libras d'essas moedinhas; as sobras, depois da distribuição, são remettidas á rainha, Este uso remonta a Carlos II, 1666.



**O lobo e o cordeiro**

— Deixe-me voltar para casa de meu seuhor....
— Imbécil! Se eu te não comer será elle quem te comerá!...

# CAMBIO

*Valor dos metaes e das moedas dos principaes paizes que têm relações commerciaes com o Brasil segundo o estado do cambio entre o Brasil e a Inglaterra.*

| Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs. | Inglaterra | | França 1) | Portugal | Allemanha | Estados Unidos | Uruguai | Repub. Argent. | Premio do ouro | Desc. do papel |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Valor da £ | Valor do shilling | Valor do franco | Valor de 1$000 réis fortes | Valor do reichsmark | Valor do dollar | Valor do peso | Valor do peso | % | % |
| 6— | 40$000 | 2$000 | 1$589 | 8$899 | 1$962 | 8$235 | 8$510 | 7$945 | 350,00 | 77,78 |
| 1/16 | 39$587 | 1$979 | 1$572 | 8$807 | 1$941 | 8$151 | 8$422 | 7$863 | 345,36 | 77,55 |
| 1/8 | 39$183 | 1$959 | 1$556 | 8$717 | 1$921 | 8$067 | 8$335 | 7$770 | 340,82 | 77,31 |
| 3/16 | 38$787 | 1$939 | 1$541 | 8$629 | 1$902 | 7$986 | 8$252 | 7$704 | 336,36 | 77,08 |
| 1/4 | 38$400 | 1$920 | 1$525 | 8$543 | 1$883 | 7$906 | 8$170 | 7$627 | 332,00 | 76,85 |
| 5/16 | 38$019 | 1$900 | 1$510 | 8$458 | 1$864 | 7$828 | 8$089 | 7$552 | 327,72 | 76,62 |
| 3/8 | 37$647 | 1$882 | 1$495 | 8$375 | 1$846 | 7$751 | 8$010 | 7$478 | 323,53 | 76,39 |
| 7/16 | 37$281 | 1$864 | 1$481 | 8$294 | 1$828 | 7$676 | 7$932 | 7$405 | 319,42 | 76,16 |
| 1/2 | 36$923 | 1$846 | 1$466 | 8$214 | 1$811 | 7$602 | 7$855 | 7$334 | 315,38 | 75,93 |
| 9/16 | 36$571 | 1$828 | 1$452 | 8$136 | 1$793 | 7$530 | 7$781 | 7$264 | 311,43 | 75,69 |
| 5/8 | 36$226 | 1$811 | 1$439 | 8$059 | 1$776 | 7$458 | 7$707 | 7$195 | 307,55 | 75,46 |
| 11/16 | 35$887 | 1$794 | 1$425 | 7$984 | 1$760 | 7$389 | 7$635 | 7$128 | 303,74 | 75,23 |
| 3/4 | 35$555 | 1$777 | 1$412 | 7$910 | 1$744 | 7$320 | 7$565 | 7$062 | 300,00 | 75,00 |
| 13/16 | 35$229 | 1$761 | 1$399 | 7$837 | 1$728 | 7$253 | 7$495 | 6$997 | 296,33 | 74,77 |
| 7/8 | 34$909 | 1$745 | 1$386 | 7$766 | 1$712 | 7$187 | 7$423 | 6$934 | 292,73 | 74,54 |
| 15/16 | 34$594 | 1$729 | 1$374 | 7$696 | 1$696 | 7$122 | 7$360 | 6$871 | 289,19 | 74,31 |
| 7— | 34$285 | 1$714 | 1$362 | 7$627 | 1$681 | 7$059 | 7$292 | 6$810 | 285,71 | 74,07 |
| 1/16 | 33$982 | 1$699 | 1$350 | 7$560 | 1$666 | 6$996 | 7$230 | 6$750 | 282,30 | 73,84 |
| 1/8 | 33$684 | 1$684 | 1$338 | 7$493 | 1$652 | 6$935 | 7$166 | 6$690 | 278,95 | 73,61 |
| 3/16 | 33$391 | 1$669 | 1$326 | 7$428 | 1$637 | 6$875 | 7$104 | 6$632 | 275,65 | 73,38 |
| 1/4 | 33$103 | 1$655 | 1$315 | 7$364 | 1$623 | 6$815 | 7$043 | 6$575 | 272,41 | 73,15 |
| 5/16 | 32$820 | 1$641 | 1$303 | 7$301 | 1$609 | 6$757 | 6$983 | 6$519 | 269,23 | 72,92 |
| 3/8 | 32$542 | 1$627 | 1$292 | 7$239 | 1$596 | 6$700 | 6$923 | 6$464 | 266,10 | 72,68 |
| 7/16 | 32$268 | 1$613 | 1$282 | 7$179 | 1$582 | 6$644 | 6$865 | 6$409 | 263,02 | 72,45 |
| 1/2 | 32$000 | 1$600 | 1$271 | 7$119 | 1$569 | 6$588 | 6$808 | 6$356 | 260,00 | 72,22 |
| 9/16 | 31$735 | 1$586 | 1$260 | 7$060 | 1$556 | 6$534 | 6$752 | 6$303 | 257,02 | 71,99 |
| 5/8 | 31$475 | 1$573 | 1$250 | 7$002 | 1$543 | 6$480 | 6$696 | 6$252 | 254,10 | 71,76 |
| 11/16 | 31$219 | 1$560 | 1$240 | 6$945 | 1$531 | 6$428 | 6$642 | 6$201 | 251,22 | 71,53 |
| 3/4 | 30$967 | 1$548 | 1$230 | 6$889 | 1$518 | 6$376 | 6$588 | 6$151 | 248,39 | 71,30 |
| 13/16 | 30$720 | 1$536 | 1$220 | 6$834 | 1$506 | 6$325 | 6$536 | 6$102 | 245,60 | 71,06 |
| 7/8 | 30$476 | 1$523 | 1$210 | 6$780 | 1$494 | 6$275 | 6$484 | 6$053 | 242,86 | 70,83 |
| 15/16 | 30$236 | 1$511 | 1$201 | 6$726 | 1$483 | 6$225 | 6$433 | 6$006 | 240,16 | 70,60 |
| 8— | 30$000 | 1$500 | 1$191 | 6$674 | 1$471 | 6$176 | 6$382 | 5$959 | 237,50 | 70,37 |
| 1/16 | 29$767 | 1$488 | 1$182 | 6$622 | 1$460 | 6$129 | 6$333 | 5$912 | 234,88 | 70,14 |
| 1/8 | 29$538 | 1$476 | 1$173 | 6$571 | 1$448 | 6$081 | 6$284 | 5$867 | 232,31 | 69,91 |
| 3/16 | 29$312 | 1$465 | 1$164 | 6$521 | 1$437 | 6$035 | 6$236 | 5$822 | 229,77 | 69,68 |
| 1/4 | 29$090 | 1$454 | 1$155 | 6$472 | 1$426 | 5$989 | 6$189 | 5$778 | 227,27 | 69,45 |
| 5/16 | 28$872 | 1$443 | 1$147 | 6$423 | 1$416 | 5$944 | 6$143 | 5$734 | 224,81 | 69,22 |
| 3/8 | 28$656 | 1$432 | 1$138 | 6$375 | 1$405 | 5$900 | 6$097 | 5$692 | 222,39 | 68,98 |
| 7/16 | 28$444 | 1$422 | 1$130 | 6$328 | 1$395 | 5$856 | 6$052 | 5$650 | 220,00 | 68,75 |
| 1/2 | 28$235 | 1$411 | 1$121 | 6$281 | 1$384 | 5$813 | 6$007 | 5$608 | 217,65 | 68,52 |
| 9/16 | 28$029 | 1$401 | 1$113 | 6$235 | 1$374 | 5$771 | 5$963 | 5$567 | 215,33 | 68,29 |

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

| Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs. | Inglaterra | | França 1) | Portugal | Allemanha | Estados Unidos | Uruguai | Republ. Argent. | Premio do ouro | Desc. do papel |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Valor da £ | Valor do schilling | Valor do franco | Valor de 1$000 réis fortes | Valor do reisch-mark | Valor do dollar | Valor do peso | Valor do peso | % | % |
| 8 5/8 | 27$826 | 1$391 | 1$105 | 6$190 | 1$364 | 5$729 | 5$920 | 5$527 | 213,04 | 68,06 |
| 11/16 | 27$625 | 1$381 | 1$097 | 6$146 | 1$355 | 5$688 | 5$877 | 5$487 | 210,79 | 67,83 |
| 3/4 | 27$428 | 1$371 | 1$089 | 6$102 | 1$345 | 5$647 | 5$835 | 5$448 | 208,57 | 67,59 |
| 13/16 | 27$234 | 1$361 | 1$082 | 6$058 | 1$335 | 5$607 | 5$794 | 5$409 | 206,38 | 67,36 |
| 7/8 | 27$042 | 1$352 | 1$074 | 6$016 | 1$326 | 5$567 | 5$753 | 5$371 | 204,22 | 67,13 |
| 15/16 | 26$853 | 1$342 | 1$066 | 5$974 | 1$317 | 5$529 | 5$713 | 5$334 | 202,10 | 66,90 |
| 9— | 26$666 | 1$333 | 1$059 | 5$932 | 1$308 | 5$490 | 5$673 | 5$296 | 200,00 | 66,67 |
| 1/16 | 26$482 | 1$324 | 1$052 | 5$891 | 1$298 | 5$452 | 5$634 | 5$260 | 197,93 | 66,44 |
| 1/8 | 26$301 | 1$315 | 1$044 | 5$851 | 1$290 | 5$415 | 5$596 | 5$224 | 195,89 | 66,21 |
| 3/16 | 26$122 | 1$306 | 1$037 | 5$811 | 1$281 | 5$378 | 5$557 | 5$188 | 193,88 | 65,97 |
| 1/4 | 25$945 | 1$297 | 1$030 | 5$772 | 1$272 | 5$342 | 5$520 | 5$153 | 191,89 | 65,74 |
| 5/16 | 25$771 | 1$288 | 1$023 | 5$733 | 1$264 | 5$306 | 5$483 | 5$119 | 189,93 | 65,51 |
| 3/8 | 25$600 | 1$280 | 1$017 | 5$695 | 1$255 | 5$271 | 5$446 | 5$085 | 188,00 | 65,28 |
| 7/16 | 25$430 | 1$271 | 1$010 | 5$657 | 1$247 | 5$236 | 5$410 | 5$051 | 186,09 | 65,05 |
| 1/2 | 25$263 | 1$263 | 1$003 | 5$620 | 1$239 | 5$201 | 5$375 | 5$018 | 184,21 | 64,82 |
| 9/16 | 25$098 | 1$254 | $997 | 5$583 | 1$231 | 5$167 | 5$340 | 4$985 | 182,35 | 64,59 |
| 5/8 | 24$935 | 1$246 | $990 | 5$547 | 1$223 | 5$134 | 5$305 | 4$952 | 180,52 | 64,35 |
| 11/16 | 24$774 | 1$238 | $984 | 5$511 | 1$215 | 5$100 | 5$271 | 4$921 | 178,71 | 64,12 |
| 3/4 | 24$615 | 1$230 | $977 | 5$476 | 1$207 | 5$068 | 5$237 | 4$889 | 176,92 | 63,89 |
| 13/16 | 24$458 | 1$222 | $971 | 5$441 | 1$199 | 5$036 | 5$203 | 4$858 | 175,16 | 63,66 |
| 7/8 | 24$303 | 1$215 | $965 | 5$407 | 1$192 | 5$004 | 5$171 | 4$827 | 173,42 | 63,43 |
| 15/16 | 24$150 | 1$207 | $959 | 5$373 | 1$184 | 4$972 | 5$138 | 4$797 | 171,70 | 63,20 |
| 10— | 24$000 | 1$200 | $953 | 5$339 | 1$177 | 4$941 | 5$104 | 4$767 | 170,00 | 62,96 |
| 1/16 | 23$850 | 1$192 | $947 | 5$306 | 1$169 | 4$910 | 5$074 | 4$737 | 168,32 | 62,73 |
| 1/8 | 23$703 | 1$185 | $941 | 5$273 | 1$162 | 4$880 | 5$043 | 4$708 | 166,67 | 62,50 |
| 3/16 | 23$558 | 1$177 | $935 | 5$241 | 1$155 | 4$850 | 5$012 | 4$679 | 165,03 | 62,27 |
| 1/4 | 23$414 | 1$170 | $930 | 5$209 | 1$148 | 4$821 | 4$981 | 4$650 | 163,41 | 62,04 |
| 5/16 | 23$272 | 1$163 | $924 | 5$177 | 1$141 | 4$791 | 4$951 | 4$622 | 161,82 | 61,81 |
| 3/8 | 23$132 | 1$156 | $919 | 5$146 | 1$134 | 4$762 | 4$921 | 4$594 | 160,24 | 61,58 |
| 7/16 | 22$994 | 1$149 | $913 | 5$115 | 1$127 | 4$734 | 4$892 | 4$567 | 158,68 | 61,34 |
| 1/2 | 22$857 | 1$142 | $908 | 5$085 | 1$121 | 4$706 | 4$863 | 4$540 | 157,14 | 61,11 |
| 9/16 | 22$721 | 1$136 | $902 | 5$055 | 1$114 | 4$678 | 4$834 | 4$513 | 155,62 | 60,88 |
| 5/8 | 22$588 | 1$129 | $897 | 5$025 | 1$107 | 4$650 | 4$806 | 4$486 | 154,12 | 60,65 |
| 11/16 | 22$456 | 1$122 | $892 | 4$995 | 1$101 | 4$623 | 4$777 | 4$460 | 152,63 | 60,42 |
| 3/4 | 22$325 | 1$116 | $886 | 4$966 | 1$095 | 4$596 | 4$750 | 4$434 | 151,16 | 60,19 |
| 13/16 | 22$196 | 1$109 | $881 | 4$938 | 1$088 | 4$570 | 4$722 | 4$408 | 149,71 | 59,95 |
| 7/8 | 22$068 | 1$103 | $876 | 4$909 | 1$082 | 4$543 | 4$695 | 4$383 | 148,27 | 59,72 |
| 15/16 | 21$942 | 1$097 | $871 | 4$881 | 1$076 | 4$518 | 4$668 | 4$358 | 146,86 | 59,49 |
| 11— | 21$818 | 1$090 | $866 | 4$854 | 1$070 | 4$492 | 4$642 | 4$333 | 145,45 | 59,26 |
| 1/16 | 21$694 | 1$084 | $861 | 4$826 | 1$064 | 4$466 | 4$615 | 4$309 | 144,07 | 59,03 |
| 1/8 | 21$573 | 1$078 | $857 | 4$799 | 1$058 | 4$441 | 4$590 | 4$285 | 142,70 | 58,90 |
| 3/16 | 21$452 | 1$072 | $852 | 4$772 | 1$052 | 4$417 | 4$564 | 4$261 | 141,34 | 58,57 |
| 1/4 | 21$333 | 1$066 | $847 | 4$746 | 1$046 | 4$392 | 4$539 | 4$237 | 140,00 | 58,33 |
| 5/16 | 21$215 | 1$060 | $842 | 4$719 | 1$040 | 4$368 | 4$513 | 4$214 | 138,67 | 58,10 |
| 3/8 | 21$098 | 1$054 | $838 | 4$693 | 1$034 | 4$344 | 4$489 | 4$190 | 137,36 | 57,87 |
| 7/16 | 20$983 | 1$049 | $833 | 4$668 | 1$029 | 4$320 | 4$464 | 4$168 | 136,07 | 57,64 |

1) A columna relativa ao valor do franco França, serve tambem para os *francos belgas suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

| Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs | Inglaterra | | França 1) | Portugal | Allemanha | Estados Unidos | Uruguai | Republ. Argent. | Premio do ouro | Desc. do papel |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Valor da £ | Valor do shilling | Valor do franco | Valor de 1$000 réis fortes | Valor do reichsmark | Valor do dollar | Valor do peso | Valor do peso | % | % |
| 11½ | 20$869 | 1$043 | $829 | 4$642 | 1$023 | 4$297 | 4$440 | 4$145 | 134,78 | 57,41 |
| 9/16 | 20$756 | 1$037 | $824 | 4$617 | 1$018 | 4$273 | 4$416 | 4$122 | 133,51 | 57,18 |
| 5/8 | 20$645 | 1$032 | $820 | 4$593 | 1$012 | 4$250 | 4$392 | 4$100 | 132,26 | 56,95 |
| 11/16 | 20$534 | 1$026 | $815 | 4$568 | 1$007 | 4$228 | 4$369 | 4$078 | 131,02 | 56,71 |
| 3/4 | 20$425 | 1$021 | $811 | 4$544 | 1$001 | 4$205 | 4$345 | 4$057 | 129,79 | 56,48 |
| 13/16 | 20$317 | 1$015 | $807 | 4$520 | $996 | 4$183 | 4$322 | 4$035 | 128,57 | 56,25 |
| 7/8 | 20$210 | 1$010 | $802 | 4$496 | $991 | 4$161 | 4$300 | 4$014 | 127,37 | 56,02 |
| 15/16 | 20$104 | 1$005 | $798 | 4$472 | $986 | 4$139 | 4$277 | 3$993 | 126,18 | 55,79 |
| 12— | 20$000 | 1$000 | $794 | 4$449 | $981 | 4$117 | 4$248 | 3$972 | 125,00 | 55,56 |
| 1/16 | 19$896 | $994 | $790 | 4$426 | $975 | 4$096 | 4$233 | 3$952 | 123,83 | 55,33 |
| 1/8 | 19$793 | $989 | $786 | 4$403 | $970 | 4$075 | 4$211 | 3$931 | 122,68 | 55,10 |
| 3/16 | 19$692 | $984 | $782 | 4$381 | $965 | 4$054 | 4$189 | 3$911 | 121,54 | 54,86 |
| 1/4 | 19$591 | $979 | $778 | 4$358 | $960 | 4$033 | 4$168 | 3$891 | 120,41 | 54,63 |
| 5/16 | 19$492 | $974 | $774 | 4$336 | $956 | 4$013 | 4$147 | 3$871 | 119,29 | 54,40 |
| 3/8 | 19$393 | $969 | $770 | 4$314 | $951 | 3$993 | 4$126 | 3$852 | 118,18 | 54,17 |
| 7/16 | 19$296 | $964 | $766 | 5$293 | $946 | 3$973 | 4$105 | 3$833 | 117,09 | 53,94 |
| 1/2 | 19$200 | $960 | $762 | 4$271 | $941 | 3$953 | 4$085 | 3$813 | 116,00 | 53,71 |
| 9/16 | 19$104 | $955 | $759 | 4$250 | $937 | 3$933 | 4$064 | 3$794 | 114,93 | 53,47 |
| 5/8 | 19$009 | $950 | $755 | 4$229 | $932 | 3$914 | 4$044 | 3$776 | 113,86 | 53,24 |
| 11/16 | 18$916 | $945 | $751 | 4$208 | $927 | 3$894 | 4$024 | 3$757 | 112,80 | 53,01 |
| 3/4 | 18$823 | $941 | $747 | 4$187 | $923 | 3$875 | 4$005 | 3$739 | 111,76 | 52,78 |
| 13/16 | 18$731 | $936 | $744 | 4$167 | $918 | 3$856 | 3$985 | 3$721 | 110,73 | 52,55 |
| 7/8 | 18$640 | $932 | $740 | 4$147 | $914 | 3$838 | 3$966 | 3$702 | 109,70 | 52,32 |
| 15/16 | 18$550 | $927 | $737 | 4$127 | $909 | 3$819 | 3$946 | 3$685 | 108,69 | 52,09 |
| 13— | 18$461 | $923 | $733 | 4$107 | $905 | 3$801 | 3$927 | 3$667 | 107,69 | 51,85 |
| 1/16 | 18$373 | $918 | $729 | 4$087 | $901 | 3$783 | 3$909 | 3$649 | 106,69 | 51,62 |
| 1/8 | 18$285 | $914 | $726 | 4$068 | $896 | 3$765 | 3$890 | 3$632 | 105,70 | 51,38 |
| 3/16 | 18$199 | $909 | $723 | 4$048 | $892 | 3$747 | 3$872 | 3$615 | 104,73 | 51,15 |
| 1/4 | 18$113 | $905 | $719 | 4$029 | $888 | 3$729 | 3$853 | 3$598 | 103,77 | 50,92 |
| 5/16 | 18$028 | $901 | $716 | 4$010 | $884 | 3$711 | 3$835 | 3$581 | 102,81 | 50,69 |
| 3/8 | 17$943 | $897 | $712 | 3$992 | $880 | 3$694 | 3$817 | 3$564 | 101,86 | 50,46 |
| 7/16 | 17$860 | $893 | $709 | 3$973 | $876 | 3$677 | 3$800 | 3$547 | 100,93 | 50,23 |
| 1/2 | 17$777 | $888 | $706 | 3$955 | $872 | 3$660 | 3$782 | 3$531 | 100,00 | 50,00 |
| 9/16 | 17$695 | $884 | $703 | 3$936 | $867 | 3$643 | 3$765 | 3$515 | 99,07 | 49,76 |
| 5/8 | 17$614 | $880 | $699 | 3$918 | $864 | 3$626 | 3$747 | 3$499 | 98,16 | 49,54 |
| 11/16 | 17$534 | $876 | $696 | 3$900 | $860 | 3$610 | 3$730 | 3$483 | 97,26 | 49,30 |
| 3/4 | 17$454 | $872 | $693 | 3$883 | $856 | 3$593 | 3$713 | 3$467 | 96,36 | 49,07 |
| 13/16 | 17$375 | $868 | $690 | 3$865 | $852 | 3$577 | 3$696 | 3$451 | 95,47 | 48,84 |
| 7/8 | 17$297 | $864 | $687 | 3$848 | $848 | 3$561 | 3$680 | 3$436 | 94,59 | 48,61 |
| 15/16 | 17$219 | $860 | $684 | 3$830 | $844 | 3$545 | 3$663 | 3$420 | 93,71 | 48,38 |
| 14— | 17$142 | $857 | $681 | 3$813 | $840 | 3$529 | 3$647 | 3$405 | 92,85 | 48,14 |
| 1/16 | 17$066 | $853 | $678 | 3$796 | $837 | 3$514 | 3$631 | 3$390 | 91,99 | 47,91 |
| 1/8 | 16$991 | $849 | $675 | 3$780 | $833 | 3$498 | 3$615 | 3$375 | 91,15 | 47,68 |
| 3/16 | 16$916 | $845 | $672 | 3$763 | $829 | 3$483 | 3$599 | 3$360 | 90,30 | 47,45 |
| 1/4 | 16$842 | $842 | $669 | 3$746 | $826 | 3$467 | 3$583 | 3$345 | 89,47 | 47,22 |
| 5/16 | 16$768 | $838 | $666 | 3$730 | $822 | 3$452 | 3$565 | 3$331 | 88,64 | 46,99 |

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

| Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs. | Inglaterra | | França 1) | Portugal | Allemanha | Estados Unidos | Uruguay | Republ. Argent. | Premio do ouro | Desc. do papel |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Valor da £ | Valor do schilling | Valor do franco | Valor de 1$000 réis fortes | Valor do reichsmark | Valor do dollar | Valor do peso | Valor do peso | % | % |
| 14 3/8 | 16$695 | $834 | $663 | 3$714 | $818 | 3$437 | 3$552 | 3$316 | 87,82 | 46,75 |
| 7/16 | 16$623 | $831 | $660 | 3$698 | $815 | 3$422 | 3$536 | 3$302 | 87,01 | 46,52 |
| 1/2 | 16$551 | $827 | $657 | 3$682 | $811 | 3$407 | 3$521 | 3$287 | 86,20 | 46,29 |
| 9/16 | 16$480 | $824 | $654 | 3$666 | $808 | 3$393 | 3$506 | 3$273 | 85,40 | 46,06 |
| 5/8 | 16$410 | $820 | $651 | 3$650 | $804 | 3$378 | 3$491 | 3$259 | 84,61 | 45,83 |
| 11/16 | 16$340 | $817 | $649 | 3$635 | $801 | 3$364 | 3$476 | 3$246 | 83,82 | 45,60 |
| 3/4 | 16$271 | $813 | $646 | 3$619 | $798 | 3$350 | 3$461 | 3$232 | 83,05 | 45,37 |
| 13/16 | 16$202 | $810 | $643 | 3$604 | $794 | 3$336 | 3$447 | 3$218 | 82,27 | 45,13 |
| 7/8 | 16$134 | $806 | $641 | 3$589 | $791 | 3$322 | 3$432 | 3$205 | 81,51 | 44,90 |
| 15/16 | 16$066 | $803 | $638 | 3$574 | $788 | 3$308 | 3$418 | 3$191 | 80,75 | 44,67 |
| 15— | 16$000 | $800 | $635 | 3$559 | $784 | 3$294 | 3$404 | 3$178 | 80,00 | 44,44 |
| 1/16 | 15$933 | $796 | $633 | 3$544 | $781 | 3$280 | 3$390 | 3$165 | 79,25 | 44,21 |
| 1/8 | 15$867 | $793 | $630 | 3$530 | $778 | 3$267 | 3$376 | 3$152 | 78,51 | 43,98 |
| 3/16 | 15$802 | $790 | $627 | 3$515 | $775 | 3$253 | 3$362 | 3$139 | 77,77 | 43,75 |
| 1/4 | 15$737 | $786 | $625 | 3$501 | $771 | 3$240 | 3$348 | 3$126 | 77,04 | 43,51 |
| 5/16 | 15$673 | $783 | $622 | 3$486 | $768 | 3$227 | 3$334 | 3$113 | 76,32 | 43,28 |
| 3/8 | 15$609 | $780 | $620 | 3$472 | $765 | 3$214 | 3$321 | 3$100 | 75,60 | 43,03 |
| 7/16 | 15$546 | $777 | $617 | 3$458 | $762 | 3$201 | 3$307 | 3$088 | 74,89 | 42,82 |
| 1/2 | 15$483 | $774 | $615 | 3$444 | $759 | 3$188 | 3$294 | 3$075 | 74,18 | 42,59 |
| 9/16 | 15$421 | $771 | $612 | 3$430 | $756 | 3$175 | 3$281 | 3$063 | 73,49 | 42,36 |
| 5/8 | 15$360 | $768 | $610 | 3$417 | $753 | 3$162 | 3$268 | 3$051 | 72,80 | 42,13 |
| 11/16 | 15$298 | $764 | $607 | 3$403 | $750 | 3$150 | 3$255 | 3$039 | 72,11 | 41,89 |
| 3/4 | 15$238 | $761 | $605 | 3$390 | $747 | 3$137 | 3$242 | 3$027 | 71,42 | 41,66 |
| 13/16 | 15$177 | $758 | $603 | 3$376 | $744 | 3$125 | 3$229 | 3$015 | 70,75 | 41,43 |
| 7/8 | 15$118 | $755 | $600 | 3$363 | $741 | 3$112 | 3$216 | 3$003 | 70,07 | 41,20 |
| 15/16 | 15$058 | $752 | $598 | 3$350 | $738 | 3$100 | 3$204 | 2$991 | 69,41 | 40,97 |
| 16— | 15$000 | $750 | $595 | 3$337 | $735 | 3$088 | 3$191 | 2$979 | 68,75 | 40,74 |
| 1/16 | 14$941 | $747 | $593 | 3$324 | $732 | 3$076 | 3$179 | 2$968 | 68,09 | 40,50 |
| 1/8 | 14$883 | $744 | $591 | 3$311 | $730 | 3$064 | 3$166 | 2$956 | 67,44 | 40,27 |
| 3/16 | 14$826 | $741 | $589 | 3$298 | $727 | 3$052 | 3$154 | 2$945 | 66,79 | 40,04 |
| 1/4 | 14$769 | $738 | $586 | 3$285 | $724 | 3$040 | 3$142 | 2$933 | 66,15 | 39,81 |
| 5/16 | 14$712 | $735 | $584 | 3$273 | $721 | 3$029 | 3$130 | 2$922 | 65,51 | 39,58 |
| 3/8 | 14$656 | $732 | $582 | 3$260 | $718 | 3$017 | 3$118 | 2$911 | 64,88 | 39,35 |
| 7/16 | 14$600 | $730 | $580 | 3$248 | $716 | 3$006 | 3$106 | 2$900 | 64,25 | 39,12 |
| 1/2 | 14$545 | $727 | $577 | 3$236 | $713 | 2$994 | 3$094 | 2$889 | 63,63 | 38,88 |
| 9/16 | 14$490 | $724 | $575 | 3$223 | $710 | 2$983 | 3$083 | 2$878 | 63,01 | 38,65 |
| 5/8 | 14$436 | $721 | $573 | 3$211 | $708 | 2$972 | 3$071 | 2$867 | 62,40 | 38,42 |
| 11/16 | 14$382 | $719 | $571 | 3$199 | $705 | 2$961 | 3$060 | 2$856 | 61,79 | 38,19 |
| 3/4 | 14$328 | $716 | $569 | 3$187 | $702 | 2$950 | 3$048 | 2$846 | 61,19 | 37,96 |
| 13/16 | 14$275 | $713 | $567 | 3$175 | $700 | 2$939 | 3$037 | 2$835 | 60,59 | 37,73 |
| 7/8 | 14$222 | $711 | $565 | 3$164 | $697 | 2$928 | 3$026 | 2$825 | 60,00 | 37,50 |
| 15/16 | 14$169 | $708 | $562 | 3$152 | $695 | 2$917 | 3$014 | 2$814 | 59,40 | 37,26 |
| 17— | 14$117 | $705 | $560 | 3$140 | $692 | 2$906 | 3$003 | 2$804 | 58,82 | 37,03 |

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

| Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*) | Inglaterra | | França | Alle-manha | Estados Unidos | Brasil | Portugal | Rio da Prata | Agio do OURO | Depreciação do PAPEL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Shilling | Libra Esterlina | FRANCO | Reichsmark | Dollar | Moeda de ouro de 20$000 | Valor de 100$000 fortes OURO | PESO OURO | 0/0 | 0/0 |
| **17** | 705,882 | 14$117,647 | 561,125 | 692,744 | 2$908,061 | 31$764,705 | 314$197,923 | 2$805,629 | 58,82 | 37,03 |
| 1/32 | 704,587 | 14$091,743 | 560,096 | 691,473 | 2$902,725 | 31$706,422 | 313$621,413 | 2$800,481 | 58,53 | 36,92 |
| 1/16 | 703,296 | 14$065,934 | 559,070 | 690,207 | 2$897,409 | 31$648,351 | 313$047,015 | 2$795,352 | 58,24 | 36,80 |
| 3/32 | 702,010 | 14$040,219 | 558,048 | 688,945 | 2$892,112 | 31$590,493 | 312$474,721 | 2$790,242 | 57,95 | 36,68 |
| 1/8 | 700,729 | 14$014,598 | 557,030 | 687,688 | 2$886,834 | 31$532,846 | 311$904,508 | 2$785,150 | 57,67 | 36,57 |
| 5/32 | 699,453 | 13$989,071 | 556,015 | 686,435 | 2$881,576 | 31$475,409 | 311$336,375 | 2$780,077 | 57,38 | 36,45 |
| 3/16 | 698,181 | 13$963,636 | 555,004 | 685,187 | 2$876,337 | 31$418,181 | 310$770,309 | 2$775,022 | 57,09 | 36,34 |
| 7/32 | 696,914 | 13$938,294 | 553,996 | 683,943 | 2$870,935 | 31$361,141 | 310$206,100 | 2$769,984 | 56,80 | 36,22 |
| 1/4 | 695,652 | 13$913,043 | 552,993 | 682,704 | 2$865,917 | 31$304,347 | 309$644,330 | 2$764,968 | 56,52 | 36,11 |
| 9/32 | 694,394 | 13$887,884 | 551,993 | 681,470 | 2$860,733 | 31$247,739 | 309$084,394 | 2$759,968 | 56,23 | 35,99 |
| 5/16 | 693,140 | 13$862,815 | 550,997 | 680,240 | 2$855,569 | 31$191,335 | 308$526,480 | 2$754,986 | 55,95 | 35,87 |
| 11/32 | 691,891 | 13$837,837 | 550,004 | 679,014 | 2$850,424 | 31$135,135 | 307$970,577 | 2$750,022 | 55,67 | 35,76 |
| 3/8 | 690,647 | 13$812,949 | 549,015 | 677,793 | 2$845,297 | 31$079,136 | 307$416,673 | 2$745,076 | 55,39 | 35,64 |
| 13/32 | 689,407 | 13$788,150 | 548,029 | 676,576 | 2$840,189 | 31$023,339 | 306$864,758 | 2$740,148 | 55,12 | 35,53 |
| 7/16 | 688,172 | 13$763,440 | 547,047 | 675,364 | 2$835,099 | 30$967,741 | 306$314,821 | 2$735,237 | 54,84 | 35,41 |
| 15/32 | 686,940 | 13$738,819 | 546,068 | 674,155 | 2$830,027 | 30$912,343 | 305$766,852 | 2$730,344 | 54,56 | 35,30 |
| 1/2 | 685,714 | 13$714,285 | 545,093 | 672,952 | 2$824,974 | 30$857,142 | 305$220,840 | 2$725,468 | 54,29 | 35,18 |
| 17/32 | 684,491 | 13$689,839 | 544,122 | 671,752 | 2$819,938 | 30$802,133 | 304$676,774 | 2$720,610 | 54,01 | 35,06 |
| 9/16 | 683,274 | 13$665,480 | 543,153 | 670,557 | 2$814,920 | 30$747,330 | 304$134,644 | 2$715,769 | 53,73 | 34,95 |
| 19/32 | 682,060 | 13$641,207 | 542,189 | 669,366 | 2$809,920 | 30$692,717 | 303$594,441 | 2$710,945 | 53,46 | 34,83 |
| 5/8 | 680,851 | 13$617,021 | 541,227 | 668,179 | 2$804,938 | 30$638,297 | 303$056,153 | 2$706,139 | 53,19 | 34,72 |
| 21/32 | 679,646 | 13$592,920 | 540,269 | 666,996 | 2$799,974 | 30$584,070 | 302$519,770 | 2$701,349 | 52,92 | 34,60 |
| 11/16 | 678,445 | 13$568,904 | 539,315 | 665,818 | 2$795,027 | 30$530,035 | 301$985,283 | 2$696,576 | 52,65 | 34,49 |
| 23/32 | 677,248 | 13$544,973 | 538,364 | 664,643 | 2$790,097 | 30$476,190 | 301$452,681 | 2$691,820 | 52,39 | 34,37 |
| 3/4 | 676,056 | 13$521,126 | 537,416 | 663,473 | 2$785,185 | 30$422,535 | 300$921,955 | 2$687,081 | 52,11 | 34,25 |
| 25/32 | 674,868 | 13$497,363 | 536,471 | 662,307 | 2$780,290 | 30$369,068 | 300$393,093 | 2$682,359 | 51,84 | 34,14 |
| 13/16 | 673,684 | 13$473,684 | 535,530 | 661,145 | 2$775,413 | 30$315,789 | 299$866,088 | 2$677,653 | 51,57 | 34,02 |
| 27/32 | 672,504 | 13$450,087 | 534,592 | 659,987 | 2$770,552 | 30$262,697 | 299$340,928 | 2$672,964 | 51,31 | 33,91 |
| 7/8 | 671,328 | 13$426,573 | 533,658 | 658,834 | 2$765,708 | 30$209,790 | 298$817,605 | 2$668,291 | 51,04 | 33,79 |
| 29/32 | 670,157 | 13$403,141 | 532,726 | 657,684 | 2$760,882 | 30$157,068 | 298$296,109 | 2$663,634 | 50,78 | 33,68 |
| 15/16 | 668,989 | 13$379,790 | 531,798 | 656,538 | 2$756,072 | 30$104,529 | 297$776,429 | 2$658,993 | 50,52 | 33,56 |
| 31/32 | 667,826 | 13$356,521 | 530,873 | 655,396 | 2$751,279 | 30$052,173 | 297$258,557 | 2$654,369 | 50,26 | 33,44 |
| **18** | 666,666 | 13$333,333 | 529,952 | 654,258 | 2$746,502 | 30$000,000 | 296$742,483 | 2$649,761 | 50,00 | 33,33 |
| 1/32 | 665,511 | 13$310,225 | 529,033 | 653,124 | 2$741,742 | 29$948,006 | 296$228,197 | 2$645,168 | 49,74 | 33,21 |
| 1/16 | 664,359 | 13$287,197 | 528,118 | 651,995 | 2$736,999 | 29$896,193 | 295$715,692 | 2$640,592 | 39,48 | 33,10 |
| 3/32 | 663,212 | 13$264,248 | 527,206 | 650,868 | 2$732,271 | 29$844,559 | 295$204,957 | 2$636,031 | 49,22 | 32,98 |
| 1/8 | 662,068 | 13$241,379 | 526,297 | 649,746 | 2$727,561 | 29$793,103 | 294$695,933 | 2$631,487 | 48,96 | 32,87 |
| 5/32 | 660,929 | 13$218,588 | 525,391 | 648,628 | 2$722,866 | 29$741,824 | 294$188,761 | 2$626,957 | 48,70 | 32,75 |
| 3/16 | 659,793 | 13$195,876 | 524,488 | 647,513 | 2$718,188 | 29$690,721 | 293$683,292 | 2$622,444 | 48,45 | 32,63 |
| 7/32 | 658,662 | 13$173,241 | 523,589 | 646,403 | 2$713,525 | 29$639,794 | 293$179,537 | 2$617,945 | 48,19 | 32,52 |
| 1/4 | 657,534 | 13$150,684 | 522,699 | 645,296 | 2$708,879 | 29$589,041 | 292$677,516 | 2$613,463 | 47,94 | 32,40 |
| 9/32 | 656,410 | 13$128,205 | 521,799 | 644,115 | 2$704,249 | 29$538,461 | 292$177,214 | 2$608,995 | 47,69 | 32,29 |
| 5/16 | 655,290 | 13$105,802 | 520,908 | 643,094 | 2$699,633 | 29$488,054 | 291$678,616 | 2$604,543 | 47,44 | 32,17 |
| 11/32 | 654,173 | 13$083,475 | 520,021 | 641,998 | 2$695,034 | 29$437,819 | 291$181,721 | 2$600,106 | 47,18 | 32,06 |
| 3/8 | 653,061 | 13$061,224 | 519,136 | 640,906 | 2$690,451 | 29$387,755 | 290$686,514 | 2$595,684 | 46,93 | 31,94 |
| 13/32 | 651,952 | 13$039,049 | 518,255 | 639,818 | 2$685,883 | 29$337,860 | 290$192,988 | 2$591,277 | 46,68 | 31,83 |
| 7/16 | 650,847 | 13$016,949 | 517,377 | 638,734 | 2$681.331 | 29$288,135 | 299$701,136 | 2$586,885 | 46,44 | 31,71 |
| 15/32 | 649,746 | 12$994,923 | 516,501 | 637,653 | 2$676,794 | 29$238,578 | 289$210,948 | 2$582,508 | 46,19 | 31,59 |
| 1/2 | 648,648 | 12$972,972 | 515,629 | 636,576 | 2$672,272 | 29$189,189 | 288$722,416 | 2$573,146 | 45,94 | 31,48 |
| 17/32 | 647,554 | 12$951,096 | 514,759 | 635,502 | 2$667,766 | 29$139,966 | 288$235,531 | 2$573,709 | 45,70 | 31,36 |
| 9/16 | 646,464 | 12$929,292 | 513,893 | 634,432 | 2$663,275 | 29$090,909 | 287$750,287 | 2$569,465 | 45,45 | 31,25 |
| 19/32 | 645,378 | 12$907,563 | 513,029 | 633,366 | 2$658,799 | 29$042,017 | 287$266,682 | 2$565,147 | 45,21 | 31,13 |
| 5/8 | 644,295 | 12$885,906 | 512,168 | 632,303 | 2$654,338 | 27$993,288 | 286$784,682 | 2$560,843 | 44,96 | 31,01 |
| 21/32 | 643,216 | 12$864,321 | 511,310 | 031,244 | 2$649,891 | 28$944,723 | 286$304,305 | 2$556,551 | 44,72 | 30,90 |
| 11/16 | 642,140 | 12$842,809 | 510,455 | 630,189 | 2$645,460 | 28$896,321 | 285$825,535 | 2$552,278 | 44,48 | 30,78 |

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

| Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos (*) | Inglaterra | | França | Alle-manha | Estados Unidos | Brasil | Portugal | Rio da Prata | Agio do OURO | Depreciação do PAPEL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Shilling | Libra Esterlina | FRANCO | Reichsmark | Dollar | Moeda de ouro de 20$000 | Valor de 100$000 fortes OURO | PESO OURO | 0/0 | 0/0 |
| 18 23/32 | 641,068 | 12$821,368 | 509,603 | 629,137 | 2$641,044 | 28$848,080 | 285$348,364 | 2$548,017 | 44,24 | 30,67 |
| 3/4 | 640,000 | 12$800,000 | 508,754 | 628,088 | 2$636,642 | 28$800,000 | 284$872,784 | 2$543,770 | 44,00 | 30,55 |
| 25/32 | 638,935 | 12$778,702 | 507,907 | 627,043 | 2$632,255 | 28$752,079 | 284$398,786 | 2$539,538 | 43,76 | 30,43 |
| 13/16 | 637,873 | 12$757,475 | 507,063 | 626,001 | 2$627,882 | 28$704,318 | 283$926,362 | 2$535,319 | 43,52 | 30,32 |
| 27/32 | 636,815 | 12$736,318 | 506,223 | 624,963 | 2$623,524 | 28$656,716 | 283$455,506 | 2$531,115 | 43,28 | 30,20 |
| 7/8 | 635,761 | 12$715,231 | 505,384 | 623,929 | 2$619,181 | 28$609,271 | 282$986,229 | 2$526,924 | 43,04 | 30,09 |
| 29/32 | 634,710 | 12$694,214 | 504,549 | 622,897 | 2$614,852 | 28$561,983 | 282$518,463 | 2$522,747 | 42,80 | 29,97 |
| 15/16 | 633,663 | 12$673,267 | 503,716 | 621,869 | 2$610,537 | 28$514,851 | 282$052,261 | 2$518,584 | 42,56 | 29,86 |
| 31/32 | 632,619 | 12$652,388 | 502,887 | 620,845 | 2$606,235 | 28$467,874 | 281$587,595 | 2$514,435 | 42,33 | 29,74 |
| 19 | 631,578 | 12$631,578 | 502,060 | 619,824 | 2$601,949 | 28$421,052 | 281$124,458 | 2$510,300 | 42,10 | 29,62 |
| 1/32 | 630,541 | 12$610,837 | 501,235 | 618,806 | 2$597,677 | 28$374,384 | 280$662,841 | 2$506,178 | 41,87 | 29,51 |
| 1/16 | 629,508 | 12$590,163 | 500,414 | 617,792 | 2$593,420 | 28$327,868 | 280$202,738 | 2$502,071 | 41,63 | 29,39 |
| 3/32 | 628,477 | 12$569,558 | 499,594 | 616,780 | 2$589,174 | 28$281,505 | 279$744,141 | 2$497,974 | 41,40 | 29,28 |
| 1/8 | 627,450 | 12$549,019 | 498,778 | 615,773 | 2$584,943 | 28$235,294 | 279$287,043 | 2$493,892 | 41,17 | 29,16 |
| 5/32 | 626,427 | 12$528,548 | 497,984 | 614,768 | 2$580,726 | 28$189,233 | 278$831,436 | 2$489,824 | 40,94 | 29,05 |
| 3/16 | 625,407 | 12$508,143 | 497,153 | 613,767 | 2$576,523 | 28$143,322 | 278$377,313 | 2$485,769 | 40,71 | 28,93 |
| 7/32 | 624,390 | 12$487,804 | 496,345 | 612,769 | 2$572,334 | 28$097,589 | 277$924,667 | 2$481,727 | 40,48 | 28,81 |
| 1/4 | 623,376 | 12$467,532 | 495,539 | 611,774 | 2$568,158 | 28$051,948 | 277$473,491 | 2$477,698 | 40,25 | 28,70 |
| 9/32 | 622,366 | 12$447,325 | 494,736 | 610,783 | 2$563,995 | 28$006,482 | 277$023,776 | 2$473,683 | 40,02 | 28,58 |
| 5/16 | 621,359 | 12$427,184 | 493,936 | 609,794 | 2$559,847 | 27$961,165 | 276$575,518 | 2$469,680 | 39,79 | 28,47 |
| 11/32 | 620,355 | 12$407,108 | 493,138 | 608,809 | 2$555,711 | 27$915,993 | 276$128,708 | 2$465,690 | 39,57 | 28,35 |
| 3/8 | 619,354 | 12$387,096 | 492,342 | 607,827 | 2$551,589 | 27$870,967 | 275$683,394 | 2$461,713 | 39,35 | 28,24 |
| 13/32 | 618,357 | 12$367,149 | 491,549 | 606,848 | 2$547,480 | 27$826,086 | 275$239,404 | 2$457,749 | 39,13 | 28,12 |
| 7/16 | 617,363 | 12$347,266 | 490,759 | 605,873 | 2$543,381 | 27$781,350 | 274$796,897 | 2$453,798 | 38,90 | 28,00 |
| 15/32 | 616,372 | 12$327,447 | 489,971 | 604,900 | 2$539,302 | 27$736,757 | 274$355,821 | 2$449,851 | 30,68 | 27,88 |
| 1/2 | 615,384 | 12$307,692 | 489,186 | 603,931 | 2$535,233 | 27$692,307 | 273$916,138 | 2$445,933 | 38,47 | 27,77 |
| 17/32 | 614,400 | 12$288,000 | 488,403 | 602,965 | 2$531,176 | 27$648,000 | 273$477,872 | 2$442,019 | 38,24 | 27,66 |
| 9/16 | 613,418 | 12$268,370 | 487,623 | 602,001 | 2$527,133 | 27$603,833 | 273$041,007 | 2$438,118 | 38,01 | 27,54 |
| 19/32 | 612,440 | 12$248,803 | 486,846 | 601,041 | 2$523,102 | 27$559,808 | 272$605,534 | 2$434,230 | 37,80 | 27,43 |
| 5/8 | 611,464 | 12$229,299 | 486,070 | 600,084 | 2$519,085 | 27$515,923 | 272$171,449 | 2$430,354 | 37,58 | 27,31 |
| 21/32 | 610,492 | 12$209,856 | 485,298 | 599,130 | 2$515,080 | 27$472,178 | 271$738,744 | 2$426,490 | 37,35 | 27,19 |
| 11/16 | 609,523 | 12$190,476 | 484,527 | 598,179 | 2$511,088 | 27$428,571 | 271$307,413 | 2$422,638 | 37,14 | 27,08 |
| 23/32 | 608,557 | 12$171,156 | 483,759 | 597,231 | 2$507,111 | 27$385,103 | 270$877,427 | 2$418,799 | 36,92 | 26,96 |
| 3/4 | 607,594 | 12$151,898 | 482,994 | 596,286 | 2$503,141 | 27$341,772 | 270$447,345 | 2$414,972 | 36,70 | 26,85 |
| 25/32 | 606,635 | 12$132,701 | 482,231 | 595,344 | 2$499,187 | 27$298,578 | 270$021,596 | 2$411,157 | 36,49 | 26,73 |
| 13/16 | 605,678 | 12$113,564 | 481,470 | 594,405 | 2$495,245 | 27$255,520 | 269$592,572 | 2$407,354 | 36,27 | 26,62 |
| 27/32 | 604,724 | 12$094,488 | 480,712 | 593,469 | 2$491,315 | 27$212,598 | 269$171,134 | 2$403,562 | 36,06 | 26,50 |
| 7/8 | 603,773 | 12$075,471 | 479,956 | 592,536 | 2$487,398 | 27$169,811 | 268$742,909 | 2$399,783 | 35,84 | 26,38 |
| 29/32 | 602,825 | 12$056,514 | 479,203 | 591,606 | 2$483,493 | 27$127,158 | 268$359,013 | 2$396,016 | 35,63 | 26,27 |
| 15/16 | 601,880 | 12$037,617 | 478,452 | 590,678 | 2$479,601 | 27$084,639 | 267$955,439 | 2$392,260 | 35,42 | 26,15 |
| 31/32 | 600,938 | 12$018,779 | 477,703 | 589,754 | 2$475,720 | 27$042,253 | 267$486,181 | 2$388,517 | 35,21 | 26,04 |
| 20 | 600,000 | 12$000,000 | 476,957 | 588,833 | 2$471,852 | 27$000,000 | 267$068,235 | 2$384,785 | 35,00 | 25,92 |
| 1/32 | 599,063 | 11$981,279 | 476,212 | 587,914 | 2$467,996 | 26$957,878 | 266$651,592 | 2$381,064 | 34,78 | 25,81 |
| 1/16 | 598,130 | 11$962,616 | 475,471 | 586,998 | 2$464,151 | 26$915,887 | 266$236,246 | 2$377,355 | 34,57 | 25,69 |
| 3/32 | 597,200 | 11$944,012 | 474,731 | 586,085 | 2$460,319 | 26$874,027 | 265$823,043 | 2$373,658 | 34,37 | 25,57 |
| 1/8 | 596,273 | 11$925,465 | 473,994 | 585,175 | 2$456,499 | 26$832,298 | 265$409,426 | 2$369,972 | 34,16 | 25,46 |
| 5/32 | 595,348 | 11$906,976 | 473,259 | 584,268 | 2$452,690 | 26$790,697 | 264$997,938 | 2$366,298 | 33,95 | 25,34 |
| 3/16 | 594,427 | 11$888,544 | 472,527 | 583,363 | 2$448,893 | 26$749,226 | 264$587,725 | 2$362,635 | 33,74 | 25,23 |
| 7/32 | 593,508 | 11$870,170 | 471,796 | 582,462 | 2$445,108 | 26$707,882 | 264$178,779 | 2$358,983 | 33,54 | 25,11 |
| 1/4 | 592,592 | 11$851,851 | 471,068 | 581,563 | 2$841,335 | 26$666,666 | 263$771,096 | 2$355,343 | 33,33 | 25,00 |
| 9/32 | 591,679 | 11$833,590 | 470,342 | 580,667 | 2$437,573 | 26$625,577 | 263$364,669 | 2$351,714 | 33,12 | 24,88 |
| 5/16 | 590,769 | 11$815,384 | 469,619 | 579,794 | 2$435.640 | 26$584,615 | 262$959,492 | 2$348,096 | 32,92 | 24,76 |
| 11/32 | 589,861 | 11$797,235 | 468,897 | 578,883 | 2$430,085 | 26$543,778 | 262$555,561 | 2$344,489 | 32,71 | 24,65 |
| 3/8 | 588,957 | 11$779,141 | 468,178 | 577,995 | 2$426,358 | 26$503,067 | 262$152.868 | 2$340,893 | 32,51 | 24,53 |
| 13/32 | 588,055 | 11$761,102 | 467,461 | 577,110 | 2$422,642 | 26$462,480 | 261$750,409 | 2$337,308 | 32,31 | 24,42 |

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

| Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*) | Inglaterra | | França | Alle-manha | Estados Unidos | Brasil | Portugal | Rio da Prata | Agio do OURO | Depreciação do PAPEL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Shilling | Libra Esterlina | FRANCO | Reichsmark | Dollar | Moeda de ouro de 20$000 | Valor de 100$000 fortes OURO | PESO OURO | 0/0 | 0/0 |
| 20 7/16 | 587,155 | 11$743,119 | 466,746 | 576,228 | 2$418,938 | 26$422,018 | 261$351,177 | 2$333,734 | 32,10 | 24,30 |
| 15/32 | 586,259 | 11$725,190 | 466,034 | 575,348 | 2$415,244 | 26$381,679 | 260$952,168 | 2$330,171 | 31,90 | 24,18 |
| 1/2 | 585,365 | 11$707,317 | 465,323 | 574,471 | 2$411,563 | 26$341,463 | 260$554,385 | 2$326,619 | 31,70 | 24,07 |
| 17/32 | 584,474 | 11$689,497 | 464,615 | 573,596 | 2$407,892 | 26$301,369 | 260$157,793 | 2$323,078 | 31,50 | 23,95 |
| 9/16 | 583,586 | 11$671,732 | 463,909 | 572,725 | 2$404,233 | 26$261,398 | 259$762,417 | 2$319,547 | 31,30 | 23,84 |
| 19/32 | 582,701 | 11$654,021 | 463,205 | 571,856 | 2$400,584 | 26$221,547 | 259$368,240 | 2$316,028 | 31,10 | 23,72 |
| 5/8 | 581,818 | 11$636,363 | 462,503 | 570,989 | 2$996,947 | 26$181,818 | 258$975,258 | 2$312,518 | 30,90 | 23,61 |
| 21/32 | 580,937 | 11$618,758 | 461,804 | 570,125 | 2$393,321 | 26$142,208 | 258$583,428 | 2$309,020 | 30,71 | 23,49 |
| 11/16 | 580,060 | 11$601,208 | 461,106 | 569,264 | 2$389,706 | 26$102,719 | 258$192,855 | 2$305,532 | 30,41 | 23,37 |
| 23/32 | 579,185 | 11$583,710 | 460,411 | 568,405 | 2$385,918 | 26$063,348 | 257$803,424 | 2$302,055 | 30,32 | 23,26 |
| 3/4 | 578,313 | 11$566,265 | 459,717 | 567,549 | 2$382,508 | 26$024,096 | 257$415,166 | 2$298,588 | 30,12 | 23,14 |
| 25/32 | 577,443 | 11$548,872 | 459,026 | 566,696 | 2$378,925 | 25$984,962 | 257$028,077 | 2$295,131 | 29,92 | 23,03 |
| 13/16 | 576,576 | 11$531,531 | 458,337 | 565,845 | 2$375,353 | 25$945,945 | 256$642,147 | 2$291,685 | 29,73 | 22,91 |
| 27/32 | 575,712 | 11$514,242 | 457,649 | 564,997 | 2$371,792 | 25$907,046 | 256$257,376 | 2$288,246 | 29,53 | 22,80 |
| 7/8 | 574,850 | 11$497,005 | 456,964 | 564,151 | 2$368,241 | 25$868,263 | 255$873,758 | 2$284,834 | 29,34 | 22,68 |
| 29/32 | 573,991 | 11$479,820 | 456,281 | 563,308 | 2$364,711 | 25$829,596 | 255$491,246 | 2$281,408 | 29,14 | 22,56 |
| 15/16 | 573,134 | 11$462,686 | 455,600 | 562,467 | 2$361,172 | 25$791,044 | 255$109,955 | 2$278,003 | 28,95 | 22,45 |
| 31/32 | 572,280 | 11$445,603 | 454,921 | 561,629 | 2$357,634 | 25$752,608 | 254$729,762 | 2$274,608 | 28,76 | 22,33 |
| 21 | 571,428 | 11$428,571 | 454,244 | 560,793 | 2$354,145 | 25$714,285 | 254$332,023 | 2$271,223 | 28,57 | 22,22 |
| 1/32 | 570,579 | 11$411,589 | 453,569 | 559,960 | 2$350,647 | 25$676,077 | 253$972,764 | 2$267,849 | 28,38 | 22,10 |
| 1/16 | 569,732 | 11$394,658 | 452,896 | 559,129 | 2$347,159 | 25$637,982 | 253$596,106 | 2$264,484 | 28,19 | 21,99 |
| 3/32 | 568,888 | 11$377,777 | 452,225 | 558,300 | 2$343,682 | 25$600,000 | 253$220,252 | 2$ 61,129 | 28,00 | 21,87 |
| 1/8 | 568,047 | 11$360,946 | 451,556 | 557,475 | 2$340,215 | 25$562,130 | 252$845,666 | 2$257,784 | 27,81 | 21,75 |
| 5/32 | 567,208 | 11$344,165 | 450,889 | 556,651 | 2$336,758 | 25$524,372 | 252$472,186 | 2$254,449 | 27,62 | 21,64 |
| 3/16 | 566,371 | 11$327,433 | 450,224 | 555,830 | 2$333,311 | 25$486,725 | 252$099,808 | 2$251,124 | 27,43 | 21,52 |
| 7/32 | 565,537 | 11$310,751 | 449,561 | 555,011 | 2$329,875 | 25$449,189 | 251$728,527 | 2$247,809 | 27,24 | 21,40 |
| 1/4 | 564,705 | 11$294,117 | 448,900 | 554,195 | 2$326,449 | 25$411,764 | 251$358,338 | 2$244,503 | 27,05 | 21,29 |
| 9/32 | 563,876 | 11$277,533 | 448,241 | 553,381 | 2$323,032 | 25$374,449 | 250$989,236 | 2$241,207 | 26,87 | 21,18 |
| 5/16 | 563,049 | 11$260,997 | 447,584 | 552,570 | 2$319,626 | 25$337,243 | 250$621,217 | 2$237,921 | 26,68 | 21,06 |
| 11/32 | 562,225 | 11$244,509 | 446,928 | 551,761 | 2$316,230 | 25$300,146 | 250$254,275 | 2$234,644 | 26,50 | 20,94 |
| 3/8 | 561,403 | 11$228,070 | 446,275 | 550,954 | 2$312,844 | 25$263,157 | 249$888,407 | 2$231,377 | 26,31 | 20,83 |
| 13/32 | 560,583 | 11$211,678 | 445,624 | 550,150 | 2$309,467 | 25$226,277 | 249$523,606 | 2$228,120 | 26,13 | 20,71 |
| 7/16 | 559,766 | 11$195,335 | 444,974 | 549,348 | 2$306,101 | 25$189,504 | 249$159,869 | 2$224,872 | 25,94 | 20,60 |
| 15/32 | 558,951 | 11$179,039 | 444,326 | 548,548 | 2$302,744 | 25$152,838 | 248$797,191 | 2$221,633 | 25,76 | 20,48 |
| 1/2 | 558,139 | 11$162,790 | 443,680 | 547,751 | 2$299,397 | 25$116,279 | 248$435,567 | 2$218,404 | 25,58 | 20,37 |
| 17/32 | 557,329 | 11$146,589 | 443,037 | 546,956 | 2$296,060 | 25$079,825 | 248$074,993 | 2$215,185 | 25,39 | 20,25 |
| 9/16 | 556,521 | 11$130,434 | 442,394 | 546,163 | 2$292,732 | 25$043,478 | 247$715,464 | 2$211,974 | 25,21 | 20,13 |
| 19/32 | 555,716 | 11$114,327 | 441,754 | 545,373 | 2$289,414 | 25$007,235 | 247$356,976 | 2$208,773 | 25,03 | 20,02 |
| 5/8 | 554,913 | 11$098,265 | 441,116 | 544,585 | 2$286,106 | 24$971,098 | 246$999,523 | 2$205,581 | 24,85 | 19,90 |
| 21/32 | 554,112 | 11$082,251 | 440,479 | 543,799 | 2$282,807 | 24$935,064 | 246$643,103 | 2$202,398 | 24,67 | 19,79 |
| 11/16 | 553,314 | 11$066,282 | 439,845 | 543,016 | 2$279,517 | 24$899,135 | 246$287,709 | 2$199,225 | 24,49 | 19,67 |
| 23/32 | 552,517 | 11$050,359 | 439,212 | 542,234 | 2$276,238 | 24$863,309 | 245$933,338 | 2$196,061 | 24,31 | 19,56 |
| 3/4 | 551,724 | 11$034,482 | 438,581 | 541,455 | 2$272,967 | 24$827,586 | 245$579,986 | 2$192,905 | 24,13 | 19,44 |
| 25/32 | 550,932 | 11$018,651 | 437,951 | 540,678 | 2$269,706 | 24$791,965 | 245$227,647 | 2$189,764 | 23,96 | 19,32 |
| 13/16 | 550,143 | 11$002,865 | 437,325 | 539,904 | 2$266,454 | 24$756,446 | 244$876,316 | 2$186,622 | 23,78 | 19,21 |
| 27/32 | 549,356 | 10$987,124 | 436,698 | 539,131 | 2$263,212 | 24$721,030 | 244$525,994 | 2$183,494 | 23,60 | 19,09 |
| 7/8 | 548,571 | 10$971,428 | 436,074 | 538,361 | 2$259,979 | 24$685,714 | 244$176,672 | 2$180,374 | 23,43 | 18,98 |
| 29/32 | 547,788 | 10$955,777 | 435,452 | 537,593 | 2$256,755 | 24$650,499 | 243$828,345 | 2$177,264 | 23,25 | 18,86 |
| 15/16 | 557,008 | 10$940,170 | 434,832 | 536,827 | 2$253,540 | 24$615,384 | 243$481,012 | 2$174,163 | 23,08 | 18,74 |
| 31/32 | 546,230 | 10$924,608 | 434,214 | 536,061 | 2$250,334 | 24$580,369 | 243$134,666 | 2$171,070 | 22,90 | 18,63 |
| 22 | 545,454 | 10$909,090 | 433,597 | 535,302 | 2$247,138 | 24$545,454 | 242$789,304 | 2$167,986 | 22,72 | 18,51 |
| 1/32 | 544,680 | 10$893,617 | 432,982 | 534,543 | 2$243,951 | 24$510,638 | 242$444,922 | 2$164,911 | 22,54 | 18,40 |
| 1/16 | 543,909 | 10$878,186 | 432,368 | 533,786 | 2$240,772 | 24$475,920 | 242$101,516 | 2$161,844 | 22,37 | 18,28 |
| 3/32 | 543,140 | 10$862,800 | 431,757 | 533,031 | 2$237,603 | 24$441,301 | 241$759,081 | 2$158,787 | 22,20 | 18,17 |
| 1/8 | 542,372 | 10$847,457 | 431,147 | 532,278 | 2$234,442 | 24$406,779 | 241$417,504 | 2$155,737 | 22,03 | 18,05 |

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Millesimos de Reis papel.

| Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*) | Inglaterra | | França | Allemanha | Estados Unidos | Brasil | Portugal | Rio da Prata | Agio do OURO | Depreciação do PAPEL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Shilling | Libra Esterlina | FRANCO | Reichsmark | Dollar | Moeda de ouro de 20$000 | Valor de 100$000 fortes OURO | PESO OURO | 0/0 | 0/0 |
| 22 5/32 | 541,607 | 10$832,157 | 430,539 | 531,527 | 2$231,293 | 24$372,355 | 241$077,109 | 2$152,697 | 21,86 | 17,93 |
| 3/16 | 540,845 | 10$816,901 | 429,933 | 530,779 | 2$228,149 | 24$338,028 | 240$737,662 | 2$149,666 | 21,69 | 17,82 |
| 7/32 | 540,084 | 10$801,687 | 429,328 | 530,032 | 2$225,014 | 24$303,797 | 240$398,973 | 2$146,642 | 21,51 | 17,70 |
| 1/4 | 539,325 | 10$786,516 | 428,725 | 529,288 | 2$221,889 | 24$269,662 | 240$061,334 | 2$143,627 | 21,34 | 17,59 |
| 9/32 | 538,569 | 10$771,388 | 428,124 | 528,545 | 2$218,773 | 24$235,624 | 239$724,642 | 2$140,620 | 21,17 | 17,47 |
| 5/16 | 537,815 | 10$756,302 | 427,524 | 527,805 | 2$215,665 | 24$201,680 | 239$388,894 | 2$137,622 | 21,00 | 17,36 |
| 11/32 | 537,062 | 10$741,258 | 426,926 | 527,067 | 2$212,567 | 24$167,832 | 239$054,084 | 2$134,632 | 20,83 | 17,24 |
| 3/8 | 536,312 | 10$726,256 | 426,330 | 526,331 | 2$209,476 | 24$134,078 | 238$720,210 | 2$131,651 | 20,67 | 17,12 |
| 13/32 | 535,564 | 10$711,297 | 425,735 | 525,597 | 2$206,395 | 24$100,418 | 238$387,267 | 2$128,678 | 20,50 | 17,01 |
| 7/16 | 534,818 | 10$696,378 | 425,142 | 524,865 | 2$203,322 | 24$066,852 | 238$055,251 | 2$125,713 | 20,33 | 16,89 |
| 15/32 | 534,075 | 10$691,502 | 424,551 | 524,135 | 2$200,245 | 24$033,380 | 237$723,851 | 2$122,757 | 20,17 | 16,78 |
| 1/2 | 533,333 | 10$666,666 | 423,961 | 523,407 | 2$197,202 | 24$000,000 | 237$393,986 | 2$119,809 | 20,00 | 16,66 |
| 17/32 | 532,593 | 10$651,872 | 423,373 | 522,681 | 2$194,154 | 23$966,712 | 237$064,730 | 2$116,868 | 19,83 | 16,55 |
| 9/16 | 531,855 | 10$637,119 | 422,787 | 521,957 | 2$191,115 | 23$933,518 | 236$736,385 | 2$113,936 | 19,66 | 16,43 |
| 19/32 | 531,120 | 10$622,406 | 422,202 | 521,235 | 2$188,085 | 23$900,414 | 236$408,949 | 2$111,013 | 19,50 | 16,31 |
| 5/8 | 530,386 | 10$607,734 | 421,619 | 520,515 | 2$185,062 | 23$867,403 | 236$082,417 | 2$108,097 | 19,33 | 16,20 |
| 21/32 | 529,655 | 10$593,103 | 421,037 | 519,797 | 2$182,048 | 23$834,482 | 235$756,786 | 2$105,189 | 19,17 | 16,08 |
| 11/16 | 528,925 | 10$578,512 | 420,457 | 519,081 | 2$179,043 | 23$801,652 | 235$432,052 | 2$102,289 | 19,00 | 15,97 |
| 23/32 | 528,198 | 10$563,961 | 419,879 | 518,367 | 2$176,046 | 23$768,913 | 235$108,212 | 2$099,398 | 18,84 | 15,85 |
| 3/4 | 527,472 | 10$549,450 | 419,302 | 517,655 | 2$173,056 | 23$736,263 | 234$785,261 | 2$096,514 | 18,68 | 15,74 |
| 25/32 | 526,748 | 10$534,979 | 418,727 | 516,945 | 2$170,076 | 23$703,703 | 234$463,525 | 2$093,638 | 18,51 | 15,62 |
| 13/16 | 526,027 | 10$520,547 | 418,154 | 516,237 | 2$167,103 | 23$671,232 | 233$142,014 | 2$090,770 | 18,35 | 15,50 |
| 27/32 | 525,307 | 10$506,155 | 417,582 | 515,530 | 2$164,138 | 23$638,850 | 233$821,789 | 2$087,910 | 18,19 | 15,39 |
| 7/8 | 524,590 | 10$491,803 | 417,011 | 514,826 | 2$161,182 | 23$606,557 | 233$502,281 | 2$085,058 | 18,03 | 15,27 |
| 29/32 | 523,874 | 10$447,489 | 416,442 | 514,124 | 2$158,233 | 23$574,351 | 233$183,924 | 2$082,213 | 17,87 | 15,16 |
| 15/16 | 523,160 | 10$463,215 | 415,875 | 513,423 | 2$155,293 | 23$542,234 | 232$866,035 | 2$079,376 | 17,71 | 15,04 |
| 31/32 | 522,448 | 10$448,979 | 415,309 | 512,725 | 2$152,361 | 23$510,204 | 232$549,211 | 2$076,547 | 17,55 | 14,93 |
| 23 | 521,739 | 10$434,782 | 414,745 | 512,028 | 2$149,436 | 23$478,260 | 232$233,247 | 2$073,726 | 17,39 | 14,81 |
| 1/32 | 521,031 | 10$420,624 | 414,181 | 511,333 | 2$146,520 | 23$446,404 | 231$918,141 | 2$070,912 | 17,23 | 14,69 |
| 1/16 | 520,325 | 10$406,504 | 413,621 | 510,641 | 2$143,611 | 23$414,634 | 231$603,889 | 2$068,106 | 17,07 | 14,58 |
| 3/32 | 519,621 | 10$392,422 | 413,061 | 509,950 | 2$140,711 | 23$382,949 | 231$290,497 | 2$065,407 | 16,91 | 14,46 |
| 1/8 | 518,918 | 10$378,378 | 412,503 | 509,260 | 2$137,818 | 23$351,351 | 230$977,932 | 2$062,516 | 16,75 | 14,35 |
| 5/32 | 518,218 | 10$364,372 | 411,946 | 508,573 | 2$134,933 | 23$319,838 | 230$656,221 | 2$059,733 | 16,59 | 14,23 |
| 3/16 | 517,520 | 10$350,404 | 411,391 | 507,888 | 2$132,055 | 23$288,409 | 230$355,355 | 2$056,957 | 16,44 | 14,12 |
| 7/32 | 516,823 | 10$336,473 | 410,837 | 507,204 | 2$129,186 | 23$257,065 | 230$045,316 | 2$054,189 | 16,28 | 14,00 |
| 1/4 | 516,129 | 10$322,580 | 410,285 | 506,523 | 2$126,324 | 23$225,806 | 229$736,116 | 2$051,428 | 16,12 | 13,88 |
| 9/32 | 515,436 | 10$308,724 | 409,734 | 505,843 | 2$123,470 | 23$194,630 | 229$427,745 | 2$048,674 | 15,96 | 13,77 |
| 5/16 | 514,745 | 10$294,906 | 409,185 | 505,165 | 2$120,623 | 23$163,538 | 229$120,201 | 2$045,928 | 15,80 | 13,65 |
| 11/32 | 514,056 | 10$281,124 | 408,637 | 504,488 | 2$117,785 | 23$132,530 | 228$813,481 | 2$043,189 | 15,65 | 13,54 |
| 3/8 | 513,368 | 10$267,379 | 408,091 | 503,814 | 2$114,953 | 23$101,604 | 228$507,580 | 2$040,457 | 15,50 | 13,42 |
| 13/32 | 512,683 | 10$253,671 | 407,546 | 503,141 | 2$112,130 | 23$070,761 | 228$202,586 | 2$037,733 | 15,35 | 13,31 |
| 7/16 | 512,000 | 10$240,000 | 407,003 | 502,470 | 2$109,313 | 23$040,000 | 227$898,227 | 2$035,016 | 15,20 | 13,19 |
| 15/32 | 511,318 | 10$226,364 | 406,461 | 501,801 | 2$106,505 | 23$009,320 | 227$594,767 | 2$032,306 | 15,05 | 13,07 |
| 1/2 | 510,638 | 10$212,765 | 405,920 | 501,134 | 2$103,704 | 22$978,723 | 227$292,114 | 2$029,604 | 14,89 | 12,96 |
| 17/32 | 509,960 | 10$199,203 | 405,381 | 500,468 | 2$100,910 | 22$948,207 | 226$990,262 | 2$026,909 | 14,74 | 12,84 |
| 9/16 | 509,283 | 10$185,676 | 404,844 | 499,805 | 2$098,123 | 22$917,771 | 226$689,217 | 2$024,220 | 14,59 | 12,73 |
| 19/32 | 508,609 | 10$172,185 | 404,307 | 499,143 | 2$095,344 | 22$887,417 | 226$388,967 | 2$021,539 | 14,44 | 12,61 |
| 5/8 | 507,936 | 10$158,730 | 403,773 | 498,482 | 2$092,573 | 22$857,142 | 226$089,511 | 2$018,865 | 14,28 | 12,50 |
| 21/32 | 507,265 | 10$145,310 | 403,239 | 497,824 | 2$089,809 | 22$826,948 | 225$790,845 | 2$016,198 | 14,13 | 12,38 |
| 11/16 | 506,596 | 10$131,926 | 402,707 | 497,167 | 2$087,052 | 22$796,833 | 225$492,968 | 2$013,538 | 13,98 | 12,26 |
| 23/32 | 505,928 | 10$118,577 | 402,177 | 496,512 | 2$084,302 | 22$766,798 | 225$195,870 | 2$010,886 | 13,83 | 12,15 |
| 3/4 | 505,263 | 10$105,263 | 401,648 | 495,859 | 2$081,559 | 22$736,842 | 224$899,566 | 2$008,240 | 13,68 | 12,03 |
| 25/32 | 504,599 | 10$091,984 | 401,120 | 495,207 | 2$078,824 | 22$706,964 | 224$604,034 | 2$005,601 | 13,53 | 11,92 |
| 13/16 | 503,937 | 10$078,740 | 400,593 | 494,557 | 2$076,096 | 22$677,165 | 224$309,278 | 2$002,969 | 13,38 | 11,80 |
| 27/32 | 503,276 | 10$065,530 | 400,068 | 493,909 | 2$073,375 | 22$647,444 | 224$015,295 | 2$000,344 | 13,23 | 11,68 |

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Millesimos de Reis papel.

## Peso especifico de algumas substancias

*(O peso da agua distillada na temperatura de+4° C. é tomado como unidade)*

| | | | |
|---|---|---|---|
| Acido carbonico. . . . . | 0,00152 | Ferro fundido . . . . . | 7,207 |
| Aço . . . . . | 7.820 | Ferro forjado . . . . . | 7,788 |
| Agua distillada . . . . | 1,000 | Flint glass. . . . . | 3.329 |
| Agua do mar. . . . . | 1,026 | Gallio . . . . . | 5.950 |
| Aguardente 18° . . . . . | 0,947 | Gêlo . . . . . | 0,930 |
| Aguardente 22° . . . . . | 0,923 | Graxa de vacca. . . . . | 0,923 |
| Aguardente 36° . . . . . | 0,848 | Hydrogenio (gaz) . . . . | 0,00089 |
| Alcool absoluto . . . . . | 0,715 | Iridio . . . . . | 22,400 |
| Aluminio . . . . . | 2,560 | Latão . . . . . | 8.395 |
| Ammoniaco . . . . . | 0,897 | Leite de vacca . . . . . | 1,032 |
| Antimonio. . . . . | 6,712 | Leite de cabra . . . . . | 1,034 |
| Ar atmospherico. . . . . | 0,00129 | Manteiga . . . . . | 0,942 |
| Arêa de rio . . . . . | 1,880 | Magnesio . . . . . | 1,740 |
| Argilla . . . . . | 1,930 | Marfim . . . . . | 1,917 |
| Arsenico . . . . . | 5,670 | Marmore de Carrara. . . | 2,716 |
| Assucar . . . . . | 1,606 | Mercurio . . . . . | 13,598 |
| Azeite de oliveira . . . . | 0,915 | Mel . . . . . | 1,450 |
| Azoto (gaz) . . . . . | 0,00125 | Nickel . . . . . | 8,279 |
| Batata . . . . . | 0,940 | Oxygenio (gaz) . . . . . | 0,00143 |
| Banha de porco. . . . . | 0,936 | Ouro puro. . . . . | 19,258 |
| Bismutho . . . . . | 9,822 | Oleo de amendoas. . . . | 0,917 |
| Borracha . . . . . | 0,973 | Oleo de linhaça. . . . . | 0,940 |
| Calcio . . . . . | 1,570 | Osmio . . . . . | 22,470 |
| Cal viva. . . . . | 0,840 | Palladio . . . . . | 12,050 |
| Canfora . . . . . | 0,996 | Pedra pomes . . . . . | 0,914 |
| Carvão vegetal . . . . . | 0,250 | Phosphoro . . . . . | 1,770 |
| Carvão de pedra . . . . | 1,329 | Platina laminada . . . . | 21,450 |
| Cêra branca . . . . . | 0,968 | Platina batida. . . . . | 23,000 |
| Cêra amarella . . . . . | 0,974 | Porcellana . . . . . | 2,150 |
| Centeio . . . . . | 0,740 | Prata pura . . . . . | 10,475 |
| Cerveja. . . . . | 1,024 | Rhodio . . . . . | 12,410 |
| Cevada . . . . . | 0,633 | Sebo . . . . . | 0,942 |
| Chloreto de sodio. . . . | 2,260 | Selenio . . . . . | 4,320 |
| Chumbo. . . . . | 11,352 | Tellurio. . . . . | 6,115 |
| Coke . . . . . | 0,340 | Terra argillosa . . . . . | 1,240 |
| Clara d'ovo . . . . . | 1.041 | Tungstenio . . . . . | 17,600 |
| Cobre fundido . . . . | 8,788 | Uranio . . . . . | 18,350 |
| Diamantes leves. . . . . | 3.501 | Vapor d'agua. . . . . | 0,00080 |
| Diamantes pesados. . . . | 3,531 | Vidro de garrafa . . . . | 2,732 |
| Espirito de vinho 33°. . . | 0,863 | Vidro de vidraça . . . . | 2,527 |
| Espirito de vinho 36°. . . | 0,848 | Vinagre. . . . . | 1,019 |
| Estanho . . . . . | 7.292 | Vinho de Bordeus . . . . | 0,993 |
| Enxofre. . . . . | 2,033 | Vinho de Malaga . . . . | 1,030 |
| Ether sulfurico . . . . . | 0,712 | Vinho do Porto . . . . | 0,997 |
| Farinha de trigo . . . . | 1,035 | Zinco. . . . . | 7,100 |

## Conversão em millimetros das alturas dos barometros graduados em pollegadas (e fracções de pollegada) inglezas

| POLLEG. DECIMOS | MILLI-METROS | POLLEG. DECIMOS | MILLI-METROS | POLLEG. DECIMOS | MILLI-METROS |
|---|---|---|---|---|---|
| 26,0 | 660,39 | 27,7 | 703,57 | 29,4 | 746,75 |
| 1 | 662,93 | 8 | 706,11 | 5 | 749,29 |
| 2 | 665,47 | 9 | 708,65 | 6 | 751,83 |
| 3 | 668,01 | 28,0 | 711,19 | 7 | 754,37 |
| 4 | 670,55 | 1 | 713,73 | 8 | 756,91 |
| 5 | 673,09 | 2 | 716,27 | 9 | 759,45 |
| 6 | 675,63 | 3 | 718,81 | 30,0 | 761,99 |
| 7 | 678,17 | 4 | 721,35 | 1 | 764,53 |
| 8 | 680,71 | 5 | 723,89 | 2 | 767,07 |
| 9 | 683,25 | 6 | 726,43 | 3 | 769,61 |
| 27,0 | 685,79 | 7 | 728,97 | 4 | 772,15 |
| 1 | 688,33 | 8 | 731,51 | 5 | 774,69 |
| 2 | 690,87 | 9 | 734,05 | 6 | 777,23 |
| 3 | 693,41 | 29,0 | 736,59 | 7 | 779,77 |
| 4 | 695,95 | 1 | 738,13 | 8 | 782,31 |
| 5 | 698,49 | 2 | 741,67 | 9 | 784,85 |
| 6 | 701,03 | 3 | 744,21 | 31,0 | 787,39 |

CONVERSÃO DE CENTESIMOS DE POLLEG. INGL. EM MILLIMETROS

| CENTES.os DE POLLEGADA | MILLIMETROS |
|---|---|
| 1 | 0,254 |
| 2 | 0,508 |
| 3 | 0,762 |
| 4 | 1,016 |
| 5 | 1,270 |
| 6 | 1,524 |
| 7 | 1,778 |
| 8 | 2,032 |
| 9 | 2,286 |
| 10 | 2,540 |

## Relação entre as unidades de pressão

| ATMOSPHERAS | KILOG. POR CENTIM.$^2$ | LIBRAS INGL. POR POLLEG.$^2$ | LIBRAS INGL. POR POLLEG.$^2$ | KILOG. POR CENTIM.$^2$ | ATMOSPHERAS |
|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 1,033 | 14,697 | 1 | 0,070 | 0,068 |
| 2 | 2,066 | 29,394 | 2 | 0,141 | 0,136 |
| 3 | 3,100 | 44,091 | 3 | 0,211 | 0,204 |
| 4 | 4,133 | 58,788 | 4 | 0,281 | 0,272 |
| 5 | 5,166 | 73,485 | 5 | 0,352 | 0,340 |
| 6 | 6,200 | 88,182 | 6 | 0,422 | 0,409 |
| 7 | 7,233 | 102,879 | 7 | 0,493 | 0,477 |
| 8 | 8,267 | 117,576 | 8 | 0 563 | 0,545 |
| 9 | 9,300 | 132,283 | 9 | 0,633 | 0,613 |
| 10 | 10,333 | 146,970 | 10 | 0,704 | 0,681 |
| 20 | 20,667 | 293.940 | 20 | 1,408 | 1,363 |
| 30 | 31,000 | 449.910 | 30 | 2,112 | 2,044 |
| 40 | 41,333 | 587,880 | 40 | 2,816 | 2,726 |
| 50 | 51,667 | 734,850 | 50 | 3,520 | 3,408 |
| 60 | 62,000 | 881.820 | 60 | 4,224 | 4,089 |
| 70 | 72,333 | 1.028,790 | 70 | 4,928 | 4,769 |
| 80 | 82,667 | 1.175,760 | 80 | 5,632 | 5,452 |
| 90 | 93,000 | 1.322,830 | 90 | 6,336 | 6,133 |
| 100 | 103,333 | 1.469,700 | 100 | 7,039 | 6,815 |

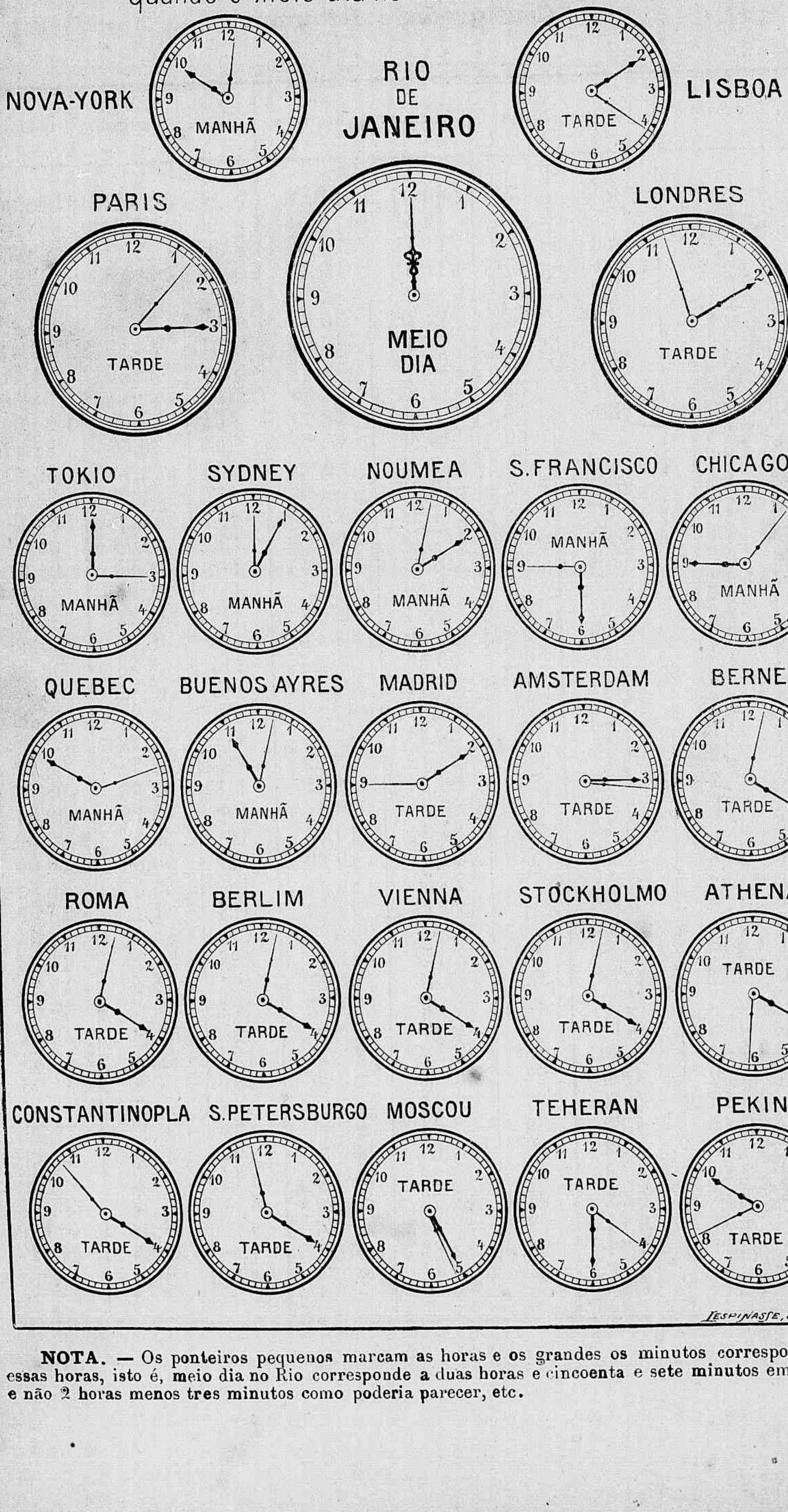
## Comparação das escalas dos thermometros Fahrenheit, Centigrado e Réaumur

| FAHR. | CENTIGR. | RÉAUMUR | FAHR. | CENTIGR. | RÉAUMUR | FAHR. | CENTIGR. | RÉAUMUR |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 5 | —15,00 | —12,00 | 50 | +10,00 | +8,00 | 95 | +35,00 | +28,00 |
| 6 | 14,44 | 11,56 | 51 | 10,56 | 8,44 | 96 | 35,66 | 28,24 |
| 7 | 13,89 | 11,11 | 52 | 11,11 | 8,89 | 97 | 36,11 | 28,89 |
| 8 | 13,33 | 10,67 | 53 | 11,67 | 9,33 | 98 | 36,67 | 29,33 |
| 9 | 12,78 | 10,22 | 54 | 12,22 | 9,78 | 99 | 37,22 | 29,78 |
| 10 | 22,22 | 9,78 | 55 | 12,78 | 10,22 | 100 | 37,78 | 30,22 |
| 11 | 11,67 | 9,33 | 56 | 13,33 | 10,67 | 101 | 38,33 | 30,67 |
| 12 | 11,11 | 8,89 | 57 | 13,89 | 11,11 | 102 | 38,89 | 31,11 |
| 13 | 10,56 | 8,44 | 58 | 14,44 | 11,56 | 103 | 39,44 | 31,56 |
| 14 | 10,00 | 8,00 | 59 | 15,00 | 12,00 | 104 | 40,00 | 32,00 |
| 15 | 9,44 | 7,56 | 60 | 15,56 | 12,44 | 105 | 40,56 | 32,44 |
| 16 | 8,89 | 7,11 | 61 | 16,11 | 12,89 | 106 | 41,11 | 32,89 |
| 17 | 8,33 | 6,67 | 62 | 16,67 | 13,33 | 107 | 41,67 | 33,33 |
| 18 | 7,78 | 6,22 | 63 | 17,22 | 13,78 | 108 | 42,22 | 33,78 |
| 19 | 7,22 | 5,78 | 64 | 17,78 | 14,22 | 109 | 42,78 | 34,22 |
| 20 | 6,67 | 5,33 | 65 | 18,33 | 14,67 | 110 | 43,33 | 34,67 |
| 21 | 6,11 | 4,89 | 66 | 18,89 | 15,11 | 111 | 43,89 | 35,11 |
| 22 | 5,56 | 4,44 | 67 | 19,44 | 15,56 | 112 | 44,44 | 35,56 |
| 23 | 5,00 | 4,00 | 68 | 20,00 | 16,00 | 113 | 45,00 | 36,00 |
| 24 | 4,44 | 3,56 | 69 | 20,56 | 16,44 | 114 | 45,56 | 36,44 |
| 25 | 3,89 | 3,11 | 70 | 21,11 | 16,89 | 115 | 46,11 | 36,89 |
| 26 | 3,33 | 2,67 | 71 | 21,67 | 17,33 | 116 | 46,67 | 37,33 |
| 27 | 2,78 | 2,22 | 72 | 22,22 | 17,78 | 117 | 47,22 | 37,78 |
| 28 | 2,22 | 1,78 | 73 | 22,78 | 18,22 | 118 | 47,78 | 38,22 |
| 29 | 1,67 | 1,33 | 74 | 23,33 | 18,67 | 119 | 48,33 | 38,67 |
| 30 | 1,11 | 0,89 | 75 | 23,89 | 19,11 | 120 | 48,89 | 39,11 |
| 31 | —0,56 | —0,44 | 76 | 24,44 | 19,56 | 121 | 49,44 | 39,56 |
| 32 | 0,00 | 0,00 | 77 | 25,00 | 20,00 | 122 | 50,00 | 40,00 |
| 33 | +0,56 | +0,44 | 78 | 25,56 | 20,44 | 123 | 50,56 | 40,44 |
| 34 | 1,11 | 0,89 | 79 | 26,11 | 20,89 | 124 | 51,11 | 40,89 |
| 35 | 1,67 | 1,33 | 80 | 26,67 | 21,33 | 125 | 51,67 | 41,33 |
| 36 | 2,22 | 1,78 | 81 | 27,22 | 21,78 | 126 | 52,22 | 41,78 |
| 37 | 2,78 | 2,22 | 82 | 27,78 | 22,22 | 127 | 52,78 | 42,22 |
| 38 | 3,33 | 2,67 | 83 | 28,33 | 22,67 | 128 | 53,33 | 42,67 |
| 39 | 3,89 | 3,11 | 84 | 28,89 | 23,11 | 129 | 53,89 | 43,11 |
| 40 | 4,44 | 3,56 | 85 | 29,44 | 23,56 | 130 | 54,44 | 43,56 |
| 41 | 5,00 | 4,00 | 86 | 30,00 | 24,00 | 131 | 55,00 | 44,00 |
| 42 | 5,56 | 4,44 | 87 | 30,56 | 24,44 | 132 | 55,56 | 44,44 |
| 43 | 6,11 | 4,89 | 88 | 31,11 | 24,89 | 133 | 56,11 | 44,89 |
| 44 | 6,67 | 5,33 | 89 | 31,67 | 25,33 | 134 | 56,67 | 45,33 |
| 45 | 7,22 | 5,78 | 90 | 32,22 | 25,78 | 135 | 57,22 | 45,78 |
| 46 | 7,78 | 6,22 | 91 | 32,78 | 26,22 | 136 | 57,78 | 46,22 |
| 47 | 8,33 | 6,67 | 92 | 33,33 | 26,57 | 137 | 58,33 | 46,67 |
| 48 | 8,89 | 7,11 | 93 | 33,89 | 27,11 | 138 | 58,89 | 47,11 |
| 49 | 9,44 | 7,56 | 94 | 34,44 | 27,56 | 139 | 59,44 | 47,56 |

# A HORA

## n'algumas das principaes Cidades do Mundo,

quando é meio dia no **Rio do Janeiro**




**NOTA.** — Os ponteiros pequenos marcam as horas e os grandes os minutos correspondentes a essas horas, isto é, meio dia no Rio corresponde a duas horas e cincoenta e sete minutos em Londres e não 2 horas menos tres minutos como poderia parecer, etc.

# INDICADOR DAS RUAS DO RIO DE JANEIRO
## E SEUS ARREDORES

### A

Adriano (rua) princ. na rua Dr. Archias Cordeiro, e fin. na rua Magalhães Couto, na Bocca do Matto.

Adro de S. Francisco (ladeira do) na rua da Saude.

Affonso (travessa) princ. na rua Conde de Bomfim e vai ter ao morro, atravessando o rio.

Affonso Ferreira (rua) no Engenho de Dentro.

Agostinho (rua) princ. na rua Conde de Bomfim, e fin. na da Serra.

Agua (ilhota) de fronte da ilha do Governador.

Aguas Brancas (lugarejo) Campo Grande.

Aguas Ferreas. Existe com este nome uma fonte, no Cosme Velho (Freg. da Gloria) outra em Andarahy-Pequeno, outra na estrada da Tijuca e outra na Rua do Riachuelo.

Aguiar (travessa do) é a que vai da travessa do Bom Jardim no morro do Pinto.

Aguiar (rua) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. no morro da Chacara do Vintem.

Aida (rua) princ. na rua Alice e fin. na rua Flack, Estação do Riachuelo.

Ajuda (largo da) no fim da rua do mesmo nome, hoje rua Chile.

Alagôas (rua de) antiga Izabel, princ. na rua dos Coqueiros, subindo o morro á esquerda.

Alberto (avenida) aberta na rua Assumpção, em Botafogo.

Alberto Campos, em S. Christovão.

Alberto Campos (rua) princ. na rua Quatro de Dezembro e fin. na rua Montenegro, na Villa Ipanema.

Aldeia Campista (bairro).

Alegre (rua) no Andarahy Grande, princ. na fralda do morro do Instituto Profissional, e fin. na rua Major Avilla.

Alegria (rua da) princ. na praia do Retiro Saudoso, no Cajú e fin. no trecho da rua S. Luiz Gonzaga.

Alegria (travessa) princ. na praia do Retiro Saudoso e fin. na rua da Alegria.

Alfandega (rua da) princ. na rua Primeiro de Março e fin. na Praça da Acclamação.

Alfredo Reis (rua) princ. na rua Assis Carneiro.

Alice (ladeira) no 7.º districto.

Alice (rua) corta a rua Nazareth, na chacara Tolentino, Engenho Novo.

Alice (travessa) na cancella de S. Christovão, rua Chaves Faria.

Alice Figueiredo (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. no morro do Macaco, Estação do Riachuelo.

Alliança (rua) princ. na rua das Larangeiras.

Alliança (villa), nas Larangeiras.

Almeida Bastos (rua) Inhauma.

Almeida Carvalho (rua) Meyer.

Almerinda (rua) 15.º districto.

Almirante Delamare (rua) outr'ora das Larangeiras, princ. no Largo do Machado e fin. no Cosme Velho.

Almirante Gonçalves (rua) princ. na praia de Copacabana e fin. na rua deste nome.

Almirante Mariath (rua do) outr'ora S. Luiz Durão, princ. na praia de S. Christovão e fin. na praia do mesmo nome.

Almirante Tamandaré (rua) antiga rua Santo Ignacio, princ. na praia do Flamengo e fin. na rua do Cattete.

Almirante Wandelkok (rua) outr'ora Real Grandeza, princ. na rua S. Clemente e fin. na subida do morro.

Alto (rua do) princ. na rua Dr. Manoel Victorino, antiga Goyaz, Cancella da Padilha e fin. na rua Zepherina.

Alto da Fé (largo do) no morro do Retiro da America. Sóbe-se pelas ruas Esperança e Curuzú.

Alto do Sá (no morro) no fim da rua Carvalho de Sá, entrada por um grande portão de ferro.

Alvarez de Azevedo (rua) antiga rua da Mangueira, no logar denominado Jacaré.

Alvaro (rua) princ. na rua Barão de Bom-Retiro, e fin. na rua Bella Vista.

Alves (avenida) na rua Presidente Barroso.

Alves de Brito (rua) princ. na rua Conde do Bomfim e fin. na rua Dezoito de Outubro.

Alves do Monte (rua) princ. na rua

Caruzú e fin. na rua Esperança, no Retiro da America.

Alves da Silva (rua) no Meyer.

Alzira Brandão (rua) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na de Pereira de Siqueira.

Alzira Valdetara (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. no morro do Macaco, Estação do Sampaio.

Amalia (rua) na estação do Dr. Frontin, princ. na estrada de Santa Cruz.

Armando (rua) princ. na estrada Nova da Pavuna e fin. na rua Ferreira Leite.

Ambrosina (rua) estação de Cascadura.

Amaral (rua do) princ. na rua Barão de Mesquita e fin. na rua Maxwel e Villa-Isabel.

Amazonas (rua) princ. na rua Abilio e fin. na Caixa d'Agua, em S. Christovão.

Amazonas (rua do) no morro da Nova-Cintra (Gloria).

Amelia (rua) princ. na rua Esperança e fin. no alto do morro no Retiro da America.

Amelia (rua) princ. na rua Leopoldo, no Andarahy Grande e fin. na rua Dr. Ferreira Fontes.

America (rua) princ. na rua do Santo Christo dos Milagres e fin. na rua General Pedra.

Americana (rua) estação de Todos os Santos.

Amor (rua do) no morro de Santa Thereza.

Amorim (rua) princ. na rua Muriquipary e fin. na de Fagundes Varella.

Amparo (rua) princ. na estrada de Santa Cruz e fin. no campo dos Cardosos.

Andarahy (serra do) no bairro do Andarahy Grande.

Andarahy Grande (bairro).

Andrada (rua) princ. na rua Durão e fin. na rua Oscar, estação Dr. Frontin.

Andradas (rua dos) princ. no largo de S. Francisco de Paula e fin. na pedreira da Conceição.

Andrada (Morro do) Santa Cruz.

Andrada (ladeira do) no arrabalde das Laranjeiras.

Andrade (travessa do) em Catumby, princ. na rua do Itapirú e vai ao Papa-Couve.

Andrade (travessa) princ. na rua do Padre Lapa, fin. na rua Vital, Estação Dr. Frontin.

Andrade de Araujo (rua) princ. na rua João Vicente, no rio das Pedras, e fin. no Matto.

Angelica (rua) em Inhauma.

Angelica (rua) 4.º districto.

Angelina (rua) estação do Encantado.

Angelina da Silva (rua) princ. na rua dos Prazeres e fin. na do Aqueducto.

Angostura (travessa da) princ. na rua do Mattoso e fin. na rua do Cabido.

Anna Barbosa (rua) princ. na rua Dr. Dias da Cruz e fin. na rua Medina.

Anna Leonidia (rua) Engenho de Dentro.

Anna Quintão (rua) princ. no Campo da Botija e fin. no becco do Espinheiro

Anna Rosa (rua) princ. na estação de Meyer.

Annapolis (avenida) situada na Fabrica Cruzeiro, no fim da rua Barão de S. Francisco Filho, em Villa Izabel.

Anna Telles (rua) 15.º districto.

Antonia (rua) princ. na rua Conselheiro Antonio Ferraz.

Antonio Abreu (rua) no 16.º districto.

Antonio Badajós (rua) em Madureira.

Antonio Badaró (rua) no 15.º districto.

Antonio Carlos (rua) princ. na rua Vasconcellos e fin. no morro da Babylonia.

Antonio de Padua (rua) Estação do Riachuelo.

Antonio dos Santos (rua) princ. na rua Conde do Bomfim e fin. na de Dr. José Hygino.

Antonio Vargas (rua) princ. na rua da Serra e fin. na de Arthur Vargas, estação de Cascadura.

Antunes Garcia (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio, em frente á cancella do Sampaio, e fin. no morro do Macaco.

Apicú (estrada do) no Meyer.

Apicú (praia no) 12.º districto.

Apparecida (praça da) no Meyer.

Aprazivel (rua) princ. na rua do Aqueducto em Santa Thereza e fin. na mesma rua.

Aqueducto da Carioca (rua do) princ. no fim da rua Instituto Kneipp, e fin. na Lagoinha.

Aquidaban (travessa) princ. na rua Dr. Lins Vasconcellos e fin. na rua do Aquidaban.

Aquidaban (rua do) estação do Meyer.

Araujo (rua) princ. na rua da Estação em Cascadura e fin. na rua do Marechal Rangel.

Araujo Leitão (rua) no Engenho Novo, princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na rua do Cabuçú.

Araujo Leite (rua) em Villa-Izabel, proximo ao Jardim Zoologico.

Araujo Lima (rua) princ. na rua Barão de Mesquita e fin. na Aldea Campista.

Araujo Vianna (rua) no 5.º districto.

Araujo (rua dos) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na de D. Bibiana.

Araujos (travessa dos) princ. na rua dos Araujos e termina no morro.

Arda (rua) princ. na rua Julieta e fin. na de Teixeira Carvalho, estação de Cascadura.

Areal (rua do) princ. na praça da Republica e fin. na rua Frei-Caneca.

Argentina (rua) princ. na rua Senador Alencar e fin. na rua S. Januario.

Argentina Reis (rua) princ. na rua José dos Reis, em Inhauma, e fin. na de Furtado de Mendoça estação Dr. Frontin.

Arpoador (praia do) ao lado da de Copacabana.

Arraial dos Biblias (rua) princ. na rua Elias Silva e fin. na rua Dr. Prudente Moraes, estação Dr. Frontin.

Arraial de S. Salvador de Mattosinhos, no Andarahy-Grande.

Arsenal (rua do) fica em frente ao novo Arsenal de Guerra no Realengo.

Arthur Sawer (villa) situada atraz do Jardim Botanico, na rua Dona Castorina.

Arthur Vargas (rua) princ. na rua do Cattete e fin. na rua Engenho do Matto, em Cascadura.

Artistas (rua dos) princ. na rua Alegre e fin. na Villa Senador Soares, na Aldeia Campista.

Ascuna (ladeira do) no morro do Inglez, princ. na rua Senador Octaviano, nas Larangeiras e fin. no Sylvestre, no morro de Santa Thereza.

Assembléa (largo da) pequeno largo ao lado da praça Quinze de Novembro até á rua da Misericordia.

Assembléa (rua da) princ. na rua da Misericordia em frente ao Paço da Camara dos Deputados Federaes, e fin. no largo da Carioca.

Assis (rua do) aberta nos terrenos da chacara Jorge Rudge em Villa Izabel.

Assis Bueno (rua) princ. na rua General Polydoro e finda na de Dona Marciana.

Assis Carneiro (rua) na estação da Piedade, princ. na rua D. Pedro e fin. no morro do leiloeiro Assis Carneiro.

Assis Carneiro (avenida) do boulevard Vinte e Oito de Setembro, Villa Izabel.

Assumpção (rua da) princ. na rua Marquez de Olinda e fin. na pedreira.

Assumpção Cabral (avenida) na rua Phelippe Camarão, n. 15.

Asylo (praça do). Veja **praça D. Constança.**

Ataliba (becco do) em Inhauma.

Ataliba (rua) na cidade Nova, princ. na rua Orestes e fin. na rua Sara.

Ataliba (travessa) princ. na rua Vidal Negreiros e fin. na de Orestes.

Augusta (rua) em frente á rua Monte Alegre, Santa Thereza.

Augusta (rua) princ. rua dos Felizes e fin. na rua Aurea, morro de Santa Thereza.

Augusta (rua) princ. na rua Isolina e fin. na rua Dr. Joaquim, no Meyer.

Augusta (rua) princ. na rua 13 de Maio e fin. da rua D. Maria (Inhauma).

Augusto Nunes (rua) princ. na rua Archias Cordeiro e fin. na rua Honorio em Todos os Santos.

Augusto Severo (rua) na praia atraz da Igreja da Gloria.

Aurea (rua) princ. na rua Petropolis e fin. na do Aqueducto, Santa Thereza.

Aurelia (rua) princ. na rua Eulina e fin. na rua Lachamby (Meyer).

Avenida Alves é a situada na rua Presidente Barroso, Cidade Nova.

Avenida Beira Mar, começa na rua Chile e termina na Praia de Botafogo.

Avenida Central, princ. á Beira Mar á rua Lins de Vasconcellos e segue em linha recta com a largura de 33 metros e arborisada até ao Caes da Prainha.

Avenida 12 de Dezembro, Engenho Novo.

Avenida Liberdade (15.º districto) Avenida Men de Sá, começa no Largo da Lapa, indo terminar na rua Frei Caneca.

Avenida Passos (outr'ora rua do Sacramento) princ. na praça Tiradentes e vai terminar na rua Marechal Floriano.

Avenida de Salvador de Sá, fica entre as ruas Frei Caneca e a Estação de Sá.

Avenida de S. Salvador de Mattosinhos (rua) no Andarahy Grande.

Avila (rua) princ. no Pedregulho e fin. na rua da Alegria em São Christovão.

Avintes (avenida) na rua das Larangeiras n. 52, hoje Almirante Delamare.

Ayres Pinto (travessa) na rua Bella Boa Vista.

Ayres Pinto (travessa) na rua Bella de S. João em S. Christovão, não tem sahida.

Azamar (rua) princ. na rua do Dr. Lins de Vasconcellos e fin. na de Lopez da Cruz.

Azevedo (rua) princ. na Caixa

d'Agua Quinta e fin. na rua Emerenciana.

Azevedo (travessa) no Engenho Novo.

Azinhaga (rua da) princ. na rua D. Castorina e fin. na rua do Cabeça.

## B

Babylonia (morro da) na ladeira do Leme, junto ao arco do Leme, e fin. na praia de Copacabana.

Bahia (rua) no morro da Quinta da Boa Vista.

Bairro da Graça. Veja Doutor Moura Brazil (rua).

Balaio (becco do) na Pedra do Sal, Santo Christo dos Milagres.

Balbina (rua) S. Christovão. Veja Mello e Souza rua.

Baldracco (rua) princ. na rua Ferreira de Andrade e fin. na rua Oito de Setembro, Meyer.

Bambina (rua) princ. na rua Marquez de Olinda. Veja Commandante Tamborim, rua.

Bambina (travessa) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na de Santo Henrique.

Bambús (rua dos) princ. na rua de Dona Romana e fin. na rua do General Bellegarde.

Bandeira (travessa da) princ. na ladeira do Castro e fin. na rua Monte Alegre, Santa Thereza.

Bandeira Junior (rua) princ. na rua Haddock Lobo e fin. na rua Barão de Itapagipe.

Barão (rua do) no 15.º districto.

Barão do Amazonas (rua do) princ. na rua Conde do Bomfim e fin. na de S. Francisco Xavier.

Barão de Angra (rua do) princ. na rua Saldanha Marinho e fin. nas Officinas de S. Diogo.

Barão do Bom Retiro (rua do) do Engenho Novo ao Jardim Zoologico.

Barão de Capanema (rua do) na Cidade Nova. Veja S. Leopoldo rua.

Barão de (Caravelas rua) princ. na rua Conde de Irajá, largo dos Leões, em Botafogo.

Barão de Cotegipe (rua) princ. na praça Sete de Março e fin. no caminho que vai ter ao Jardim Zoologico.

Barão do Flamengo (rua do) antiga travessa, vai da praça do Cattete á praia do Engenho.

Barão da Gamboa (rua do) princ. na rua da Gamboa e fin. no morro do Livramento.

Barão de Guaratiba (rua do) princ. na rua do Cattete e fin. no morro da Gloria.

Barão do Guaratiba (travessa do) princ. e fin. na do mesmo nome.

Barão de Icarahy (rua) princ. na rua Senador Vergueiro e fin. na de Maria Emilia.

Barão de Iguatemy (rua do) princ. na rua S. Christovão, atravessa a do Mattoso e não tem sahida.

Barão de Ipanema (rua) na Copacabana, princ. na praia e fin. no morro dos Cabritos.

Barão de Itamby (rua do) princ. na rua de Nossa Senhora da Piedade e fin. na rua Farani.

Barão de Itapagipe (rua do) antiga rua da Bella Vista, princ. na rua Aristides Lobo e fin. na travessa S. Salvador.

Barão de Itapemerim (rua) na rua da Passagem, em Botafogo.

Barão do Ladario (rua) princ. na rua do Passeio em frente ao portão do Passeio Publico e fin. na rua Evaristo da Veiga.

Barão de Lages (rua do). Veja Barão de Santo Angelo, rua do.

Barão de Loreto (rua) em Santa Thereza.

Barão de Mesquita (rua do) antiga da Babylonia, princ. na rua S. Francisco Xavier e fin. na rua do Barão do Bom Retiro.

Barão Nogueira da Gama (rua do) princ. na rua Matto Grosso e fin. na antiga do Principe do Grão Pará.

Barão de Paranapiacaba (rua do) Veja Areal, rua do.

Barão de Petropolis (rua do) princ. na rua do Estrella e fin. na do Aqueducto, Santa Thereza.

Barão do Pilar (rua do) aberta nos terrenos da Fabrica da Chita.

Barão de Pirassununga (rua do) princ. na rua do Dezembargador Izidro e fin. na rua do Bom Pastor.

Barão do Rio Bonito (rua do) princ. na praia da Saudade e fin. na rua da Passagem.

Barão de S. Felix (rua do) princ. na rua do Camerino e fin. na do General Caldwel antiga Formosa.

Barão de S. Felix (rua do). Veja Pernambuco rua, Engenho de Dentro.

Barão de S. Francisco Filho (rua do) em Villa Izabel.

Barão de Santa Leocadia (praça) fica entre as de nossa Senhora de Copacabana, Guimarães Caipora, Barão de Ipanema e Doutor Domingos Ferreira, Copacabana.

Barão de Santo Angelo (rua do) Engenho Velho.

Barão de Sertorio (rua) princ. na rua Barão de Itapagipe e fin. na do Conselheiro Sampaio Vianna.

Barão da Taquara (rua do) princ. no Tanque e fin. na Porta d'Agua.

Barão de Ubá (rua do) princ. na rua de S. Christovão e fin. na de Haddock Lobo.

Barata (becco ou travessa da) em S. Christovão. Veja Santa Catharina, travessa da.

Barata Ribeiro (rua) na Copacabana, princ. na rua do Barroso e fin. na praia Suzano Leme.

Barqeiros (becco dos) princ. na rua Primeiro de Março e fin. na de Julio Cezar.

Barbonos (rua dos). Veja Evaristo da Veiga, rua do.

Barbosa (travessa do) princ. na rua Visconde Sapucahy e fin. na do Senhor do Mattosinho.

Barbaza (rua) princ. na rua Itaquaty e fin. na rua Florentino em Cascadura.

Barboza (travessa) princ. na travessa Onze de Maio e fin. na rua Presidente Barroso.

Barboza Alvarenga (rua) antiga Leopoldina, princ. na praça Tiradentes, em frente á Escola Nacional de Bellas Artes.

Barbosa Braga (avenida) é situada na rua General Severiano.

Barcellona (rua) princ. na rua Ferreira de Andrade e fin. na de Miguel Angelo.

Barcellos (rua do) princ. na rua Lopes de Souza e fin. nas cocheiras da companhia Villa Izabel.

Barcellos (rua do) princ. na praia de Copacabana e fin. na rua Doutor Bulhões de Carvalho.

Baroneza do Engenho Novo (rua da) princ. na rua Dois de Maio e fin. na Ortigão.

Baroneza da Taquara (rua da) Jacarépaguá, princ. no Tanque e fin. no largo do Rio Grande.

Baroneza de Uruguayana (rua da) princ. na rua do General Bellegarde e fin. na rua Zizi, no Engenho Novo.

Barra da Lagôa (caminho da) princ. da Lagôa.
na praia do Pinto e finalisa na barra

Barra da Tijuca (caminho da) princ. em Jacarépaguá e fin. na Barra Tijuca.

Barreira (travessa da) Freg. do Sacramento. Veja Silva Jardim, rua.

Barro Vermelho (travessa do). Veja Fonseca Telles, rua.

Barros Leite (travessa), princ. na rua Srudente de Moraes e fin. na rua Elias de Filva.

Barróso (ladeira do) princ. na ladeira do Faria e fin. no morro do Livramento.

Barroso (ladeira do) princ. no fim da rua Almirante Wandenkolk e fin. na Copacabana.

Bastos (travessa do) princ. na rua Miguel de Frias e fin. no boulevard de S. Christovão.

Barroso (rua do) princ. na rua Toneleros e fin. na praia do Copacabana.

Bastos (travessa do) princ. na rua Miguel de Frias e fin. no boulevard de S. Christovão.

Bastos (travessa do) no morro da Nova Cintra.

Batalha (becco da) princ. no portão do antigo Arsenal de Guerra e fin. no largo da Misericordia.

Batalha (largo da) entre a rua da Misericordia e largo do Moura.

Bazilio (rua) na estação do Meyer, princ. na rua do Engenho de Dentro e fin. em frente á casa do Dr. Guilherme Guimarães.

Bazilio de Brito (rua) princ. na rua Cachamby e fin. na de Miguel Angelo.

Belfort Roxo (rua) princ. na rua Suzano e fin. na praia de Copacabana.

Bella (rua) princ. na rua Curupaity e fin. na de Nossa Senhora das Dôres.

Bella da Princeza (rua). Veja Nunes Machado.

Bella do Principe (rua). Veja Commandante Silveira, rua.

Bella de S. João (rua) princ. no Campo de Christovão e fin. na rua Alegria.

Bella de S. Luiz (rua) no Andarahy Grande, princ. na rua Barão de Mesquita e fin. na rua Gonzaga Bastos.

Bella Vista (rua da) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Alvaro.

Bella Vista (rua da) no Engenho Velho. Veja Barão de Itapagipe.

Bellas-Artes (travessa das) princ. na Avenida Passos e fin. na rua de São Jorge.

Belmira (rua) princ. na rua Silvania e fin. na estrada de Santa Cruz, na Piedade.

Bemfica (praça do) no fim da rua de S. Luiz Gonzaga.

Bemfica (rua de) vai do largo do Pedreguelho até ao largo de Bemfica, sómente.

Bemfica (rua) princ. no largo de Bemfica e fin. na praia pequena.

Bemfica (travessa de). Veja Jockey Club rua do.

Benedictinos (rua dos). Veja Eduardo de Lemos, rua.

Benedicto Hypolito (rua) na Cidade Nova, princ. na rua das Flores e fin. na rua D. Laura de Araujo, nos fundos do Asylo de Mendicidade.

Benjamin Constant (praça) situada

nos terrenos da antiga fazenda imperial no Curato de Santa Cruz.

Benjamin Constant (rua) antiga Santa Izabel, princ. na rua da Gloria e fin. na de Santa Christinia.

Bento do Amaral (rua) princ. na praia de Christovão Colombo e fin. na fortaleza do Vigia em Copacabana.

Bento Barbosa (Becco de) princ. na rua de D. Feliciana.

Bernardes (rua) no antigo Campo do Padilha, no Engenho de Dentro.

Bernardo (rua) no Encantado.

Bernardo (travessa) princ. na rua Sá e fin. na rua Bernardo no Encantado.

Bernardo de Vasconcellos (rua do) princ. na rua do Barroso e fin. na rua Anchieta em Copacabana.

Bercó (rua) princ. na rua Dr. Archias Cordeiro e fin. na Estrada de Santa Cruz na Piedade.

Bethencourt Silva (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Antonio de Padua.

Bexiga (lugarejo). Freguezia de Jacarépaguá.

Bezerra de Menezes (rua), no Morro de Pinto. V. Mont'Alverne rua do.

Bezerra de Menezes (travessa) princ. na travessa Marquez de S. Vicente e fin. na rua Thedoro da Silva.

Bicca (praia da) na ilha do Governador.

Bica da Rainha, no fim da rua das Laranjeiras.

Bispo (largo do) no fim da Rua Malvino Reis, hoje Rio Comprido.

Bispo (rua do) princ. na praça do Rio Comprido e fin. na rua Haddock Lobo.

Bittencourt (rua) princ. na rua Amelia e fin. na de Maria Vargas, estação de Cascadura.

Blandina (rua) é situada na rua Presidente Barroso, na Cidade Nova.

Boaventura (avenida) é situada na rua Presidente Barroso, Cidade Nova.

Bôa-Morte (becco da) na rua da Misericordia. Veja D. Manoel travessa de.

Bôa-Vista (avenida) é situada na rua Nogueira, estação do Copertino.

Bôa-Vista (morro da) entre as Laranjeiras e Botafogo.

Bôa-Vista (rua da) hoje Marquez de S. Vicente princ. no largo de Nossa Senhora de Conceição e fin. na subida Serra da Gavea.

Bôa-Vista (rua da) em Todos os Santos. Veja Elias de Albuquerque.

Bôa-Vista (rua da) ou Ladeira da Saude. Veja Conselheiro Zacharias, rua.

Bôa-Vista (rua da), no alto da Tijuca.

Bôa-Vista (rua da) princ. na rua Conselheiro Magalhães e termina na rua D. Alice, estação do Riachuelo.

Bôa-Vista (travessa da) na Gamboa.

Bôa-Vista (travessa da) no morro de Pinto, princ. na rua Deolindo e fin. na de Bezerra de Merezes.

Bomfim (rua do) princ. na praia de S. Christovão e vai findar na rua Bella de S. João.

Bom-Jardim (rua do). Veja Visconde de Sapucahy, rua.

Bom-Jardim (travessa) na Freg. de Sant'Anna.

Bom-Jesus (travessa do) a que da rua General Camara vai sahir na rua de S. Pedro.

Bom-Pastor (rua) princ. na rua Dona Bibiana e fin. na rua Dezembargador Izidro.

Boqueirão (praia do) na ilha do Governador.

Boqueirão do Passeio. Veja Luiz de Vasconcellos, rua.

Borges (travessa) princ. na rua Medina e não tem fim, estação de Todos os Santos.

Borges (rua) princ. na rua Honorio e fin. na Estrada de Santa Cruz, em Todos os Santos.

Borges Monteiro (rua) princ. na rua Dr. Manoel Victorino e fin. na rua Vinte e Cinco de Março.

Botafogo (rua) princ. na rua Muriquipary e fin. na rua da Capella da Piedade.

Botafogo (praia de) tem principio no morro da Viuva.

Botafogo (paça de) princ. no caminho dos pilares, rua D. Laura e rua Padre Januario.

Botelho (morro do) na Piedade, nelle termina a rua Botelho.

Boticario (largo do) no fim da rua Cosme Velho, hoje rua Senador Octaviano, á direita.

Boulevard Dr. Celso Reis (avenida) é situada entre a rua Marquez de S. Vicente e a praia do Arpoador.

Boulevard Ferreira Nobre (rua) princ. na rua Marques de Leão e fin. na de Goyaz, Engenho Novo.

Boulevard de S. Christovão antigo Boulevard do Imperador princ. no fim da Rua Senador Euzebio e fin. na de S. Christovão.

Boulevard Villa-Izabel em Villa-Izabel. Veja Boulevard Vinte e Oito de Setembro.

Boulevard 28 de Setembro, princ. na rua de S. Francisco Xavier na ponte Maracaña e fin. na praça 7 de Março em Villa-Izabel.

Braço de Ouro (rua de) no Andarahy-Grande.

Braga (avenida) é situada na rua Goyaz, Estação da Piedade.

Bragança (becco de) princ. na rua Primeiro de Março e fin. na rua da Quitanda.

Bragança (rua de). Veja Conselheiro Saraiva, rua do.

Brandão (avenida) é situada no Campo S. Christovão, praça D. Pedro I, hoje praça do Marechal Deodoro.

Braulio Cardeiro (rua) princ. na rua Viuva Claudio antiga do Engenho de Dentro e fin. na do Dr. Lino Teixeira.

Braz de Pina (estrada de) em Irajá.

Brazilina (rua) princ. na rua Barboza e fin. na rua Cardoso, estação de Cascadura.

Brito Teixeira (travessa do) princ. na rua Attila e fin. na rua Carlos Gomes no morro do Pinto.

Brown (rua) princ. na rua Bazilio e fin. na de Anna Barboza, em Todos os Santos.

Buarque (rua) na Copacabana princ. na rua Rodolpho Dantas e fin. na de Salvador Correa, Leme.

Buarque de Macedo (rua) princ. na praia do Flamengo e fin. na rua do Cattete.

Bulhões de Carvalho (rua) princ. na Igrejinha em Copacabana e fin. na esquina da rua Barcellos.

## C

Cabido (rua do) princ. na rua do Mattoso e fin. na travessa de S. Valentim.

Caboclas (rio) nas Laranjeiras.

Caboclo (morro do) no Campo Grande.

Cabras (ilha das) pertence á Freg. da Inhauma.

Cabritos (morro dos) na Copacabana.

Cabuçu (rua do) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. no Meyer.

Cabuçu (travessa). Veja General Bellegarde rua, Freg. do Engenho Novo.

Cachamby (rua do) princ. na rua Eulina, antiga da Gloria no Meyer, e fin. na estrada real de Santa Cruz.

Cachoeira (rua da) no Engenho Novo.

Cachoeira Grande ou Cochoeira da Tijuca (caminho da) é além do Alto da Boa Vista e fin. no Quebra-Cangalhas.

Cachorro (becco dos). Veja travessa de Santa Rita.

Cadeia Nova (largo da) era assim conhecido o pequeno largo na rua Sant'-Anna em frente á matriz de Sant'-Anna.

Caes Novo da Gloria (rua do). Veja Lapa, rua da.

Caixa d'Agua (rua da) na cancella de S. Christovão, princ. na rua de Fonseca Telles e fin. no morro.

Cajú (caes do) na praia de S. Christovão.

Cajú (praia do). Veja Ponta de Cajú.

Cajueiros, da praça da Acclamação até a rua Barão de S. Felix.

Cajueiros (rua dos) princ. na rua General Caldwel, antiga Formosa e tem sahida para a do Barão de S. Felix.

Calçada (rua da) na rua Vinte e Quatro de Maio. Veja Gregorio Neves, rua.

Calçado (rua do) no Engenho Novo.

Camarista Meyer (rua do) princ. na rua Dr. Dias da Cruz na Bocca do Matto e fin. na da Serra.

Camerino (rua) outr'ora rua da Imperatriz, princ. na praça Municipal e fin. no largo de S. Domingos.

Caminha (travessa) na rua Leopoldo no Andarahy Grande.

Caminho do Jardim, princ. na descida do Alto da Boa Vista da Tijuca e fin. na Mesa do Imperador.

Campinho (largo do) em Cascadura.

Campinho (rua do) princ. na rua Nova de D. Pedro II, junto á ponte de Cascadura e fin. no largo do Campinho.

Campo Alegre (rua do) princ. na rua Mariz e Barros e fin. na do General Canabarro.

Campo dos Frades (becco do) princ. no largo da Lapa e fin. na praia, entre o Passeio Publico e o Convento do Carmo.

Campo do Padilha, veja villa Thereza.

Campo de S. Christovão, hoje praça Marechal Deodoro, acha-se entre a praia de S. Christovão e o principio da Cancella.

Campo de Marte é o terreno de mangue comprehendido entre a Caixa d'Agua do Estacio Sá e a rua Visconde de Itauna.

Cancella (largo da) está comprehendido entre as ruas Paraná e Chaves Faria.

Cancella (rua da) no principio da rua Capitão Salomão, Pedregulho desde o Campo de S. Christovão até ao portão da Quinta.

Cancellas (becco das) princ. na rua do Ouvidor e fin. na de Hospicio.

Candelaria (rua da) princ. na rua do Hospicio e fin. na do Conselheiro Saraiva.

Candida Bastos (rua) princ. na rua Itaquaty e fin. na do Commendador Telles, Cascadura.

Candido Benicio (rua) Freg. de Jacarepaguá.

Caniços (praia dos) princ. na barra da Lagôa de Rodrigo de Freitas e fin. na praia Funda.

Canôa (rua da) no Jardim Botanico, princ. no caminho da Gavea e fin. no matto do Morro.

Canôas (becco), Veja Cleto becco do.

Canos de Carioca (morro dos) é a continuação da ladeira de Santa Thereza ou rua do Aqueducto.

Canos da Carioca (rua dos) aberta em terreno do Navarro, em Catumby.

Cantagallo (morro do) princ. no fim da rua Conselheiro Bento Lisboa e fin. nos Canos da Carioca.

Cantagallo (pedreira do) Freg. da Gloria.

Capão do Bispo (travessa do) na Estrada de Santa Cruz.

Capella (rua da) em frente á estação da Piedade e fin. na rua Muriquipary.

Capim (Largo do). Veja General Osorio, praça do.

Capim Mellado (serra do) Freg. de Guaratiba.

Capitão Amador Barbosa (rua) é situada no Rio Comprido, entre as ruas Dr. Costa Ferraz hoje Dr. Campos da Paz e Leste.

Capitão Barrão (travessa) na Villa Guarany, communica a rua Mello e Souza com a do Consultorio.

Capitão Felix (rua do) princ. na rua Tenente Coronel Silva Veiga e fin. na rua da Alegria.

Capitão Rezende (rua) antiga da Gloria em Todos os Santos.

Capitão Salomão (rua) princ. no Campo de S. Christovão e fin. no largo do Pedregullo.

Capitão Senna (rua do) princ. no morro do Barro Vermelho e fin. na Quinta.

Capitão Senna (rua do) no morro de S. Diego.

Capitão Senna (travessa do) princ. na rua do mesmo nome, no morro de S. Diego.

Capitão Tiberio (praça) em Jacarépaguá.

Capitolino (rua do) princ. na rua Doutor Garnier e fin. na de D. Anna Guimarães.

Capitolino (rua) princ. na rua Itamaraty e fin. na de Iguassú.

Caramurú (rua do) nos fundos do novo Arsenal de Guerra no Realengo.

Cardoso (rua) princ. na rua Felicia e fin. na do Amparo.

Cardoso (rua) princ. na rua Dr. Archias Cordeiro e fin. na de Cachamby.

Cardoso Junior (rua) antiga União princ. na rua das Laranjeiras e no alto do morro do Mundo Novo.

Cardoso de Mesquita (rua) princ. na rua Vinte e Cinco de Março e fin. na de Fontoura Chaves.

Cardoso Quintão (rua) em Inhauma.

Caridade (rua da) em S. Christovão, no Retiro da America.

Carioca (becco da) princ. na travessa Silva Jardim e não tem sahida.

Carioca (largo da) é o que existe lado direito da ladeira de Santo Antonio.

Carioca (rua da) princ. no largo da Carioca e fin. na praça Tiradentes.

Carlos Gomes (rua de) princ. na rua Sara e tem sahida para o caminho velho de Santa Thereza.

Carlo Gomes (rua de) na estação de Sampaio. Veja S. Paulo, rua.

Carlos de Sá (travessa) princ. na rua Henrique de Sá e fin. na do Commandante Silveira.

Carmelitas (becco dos) princ. na praia da Lapa e fin. na travessa do Desterro.

Carmo (becco do) princ. na rua do Carmo, hoje Julio Cesar, e fin. na rua Quitanda.

Carneirinho (praça) em Paula Mattos.

Carneiro (travessa do) fica no fim da rua D. Maria Lacerda, no morro Santos Rodrigues.

Carneiro (travessa) princ. na rua D. Elisa e fin. na villa Senador Soares.

Carneiro de Campos (rua) na rua S. Januario.

Carneiro Leão (travessa do) princ. na rua Saldanha Marinho no morro do Pinto e fin. na de Marianna Procopio.

Carolina (rua) princ. na rua José dos Reis e fin. na rua Guimarães.

Carolina Machado (rua) princ. na entrada do Rio das Pedras.

Carolina Meyer (rua) princ. na rua Archias Cordeiro e fin. na rua Lucidio Lago, no Meyer.

Carolina Reydner (rua de Dona) princ. na rua Frei Caneca e fin. na de D. Emilia Guimarães.

Carolina dos Santos (rua) princ. na rua Engenho de Dentro e fin. na rua Dr. Lins Vasconcellos.

Carvalhaes (rua) no Engenho Novo.

Carvalho Alvim (travessa) princ. na rua Uruguay e term. na pedreira, no fim desta travessa

Carvalho de Sá (rua de) princ. na praça Duque de Caixas e fin. na rua das Larangeiras.

Carvalho de Sá (travessa do) princ. praça Duque de Caixas e fin. nas Larangeiras.

Cascadura (Lago de) entre a estação de Cascadura e a rua da Estação.

Cascadura (rua) princ. na rua Elias da Silva e fin. em Muriquipary.

Cascala Grande. Veja Cachoeira da Tijuca.

Casimiro (rua do) no Meyer.

Cassiano (rua do) na Gloria. Veja Chefe de Divisão Salgado, rua do.

Cassiano (travessa do) princ. na rua do mesmo nome, hoje Chefe de Divisão Salgado, á esquerda, Freg. da Gloria.

Castello (ladeira do) é a que pela rua do Carmo, hoje Julio Cesar, dá subida para aquelle morro. Além desta ha mais duas principiando uma no largo da Misericordia e a outra no largo da Ajuda, outr'ora Mãi do Bispo, hoje praça Ferreira Vianna, que vai desapparecer, pois fica comprehendida na Avenida Central, Freg. de S. José.

Castello (morro do) entre o largo da Sé Velha e o morro do Castello.

Castello (praça do) entre o largo da Sé Velha e rua do Castello.

Castro (ladeira do) princ. na rua do Riachuelo e fin. no largo dos Guimarães em Santa Thereza.

Castro (travessa do) em Monte-Alegre, no morro de Santa Thereza.

Castro Alves (rua) antiga rua Leopoldina em Todos os Santos.

Castro Velho (ladeira do) no morro de Santa Thereza. Veja Castro. Ladeira.

Cattete (praça do) outr'ora Ferreira Vianna, no fim da rua do Cattete.

Cattete (rua do) princ. no largo da Gloria e fin. na praça José de Alencar.

Cattete (caminho do) em Inhauma.

Cattete (rua) na Piedade.

Cattete (avenida) é situada na rua Ferreira Vianna.

Catumby (largo de) na rua de Catumby, em frente ao cemiterio da Ordem Terceira de São Francisco de Paula.

Catumby (rua de) ou Catumby-Grande, princ. na rua Frei Caneca e fin. na rua Itapirú.

Cavado (morro do) em Guarativa.

Cavalcanti (rua) princ. na rua da Capella e fin. na do Assis Carneiro na Piedade.

Cavalcanti (rua) em S. Francisco Xavier. Veja Costa Lobo, rua.

Cayrú (becco) princ. na rua do Chile e fin. no de Manoel de Carvalho.

Ceará (rua) princ. na esquina da rua do S. Felippe e fin. na travessa Souza Dantas, em S. Francisco Xavier.

Cecilia (rua) princ. na rua do morro do Vintem e fin. na rua Angelica.

Cecilia Nunes (rua) princ. na rua Doutor Lins de Vasconcellos e fin. na rua Abuidabam.

Cemiterio (rua do) na Saude. Veja Harmonia, rua da.

Cerqueira Lima (travessa) Estação do Riachuelo.

Cerqueira Lima (rua) princ. na cancella da estação do Riachuelo e fin. na Serra do Macaco.

Cesaria (rua) no Meyer.

Cesaria (rua) princ. na rua 13 de Maio e fin. na rua Silvana.

Cesaria Pires (rua) em Todos os Santos.

Cesario Machado (rua) princ. na rua Elias da Silva e fin. na rua Moura Piedade.

Chá (morro do) Freg. de Santa Cruz.

Chacara da Floresta (avenida) na rua da Ajuda.

Chacara das Palmeiras (avenida) na rua Thobias Barreto, 48.

Chacarinha (avenida) na rua do Cattete n. 70.

Chaves Faria (rua de) fica na rua de S. Luiz Gonzaga.

Chefe de Divisão Salgado (rua e travessa), antiga do Senador Gassiano, princ. na rua D. Luiza e fin. em Santa Thereza.

Chichorra (caes da) na Saude.

Chichorra (praia da) no fim da praia da Gamboa.

Chichorro (rua do) princ. na rua de Catumby e fin. no Cemiterio de S. Francisco de Paula.

Chico Diabo (rua) princ. na rua Marietta e fin. na do Progresso.

Chile (rua) outr'ora rua da Ajuda, princ. na rua de José, em frente á Igreja do Parto e fin. na Avenida Central.

Chiquita (travessa) na Villa Ruy Barbosa, á rua dos Invalidos, 24.

Christina (travessa) princ. na rua Baldracco.

Christovão Colombo (rua) princ. na rua Miguel Fernandes e fin. na rua Miguel Angelo.

Christovão Colombo (rua) outr'ora Dous de Dezembro, princ. na praia do Flamengo e fin. na rua Conselheiro Bento Lisboa.

Christovão Monteiro (rua) perpendicular a Copacabana.

Christovão Penha (rua) princ. na rua Muriquipary e fin. na rua Alfredo Reis na Piedade.

Cidade Velha, ou Districto da praça da Acclamação para o mar.

Clapp (rua) princ. na praça 15 do Novembro e finaliza no largo do Moura.

Clarisse (rua) no Engenho Novo.

Claudina (rua) princ. na rua Dias da Silva. no Meyer.

Claudio Manoel (rua de) nos fundos do novo Arsenal de Guerra no Realengo.

Cleto (becco do) na rua da Saude.

Club Athletico (rua) princ. na rua Conde de Bomfim, 6a casa e fin. no morro.

Club-Gymnastico (rua do) na Freg. do Sacramento.

Coelho (travessa do) em Santa Thereza.

Coelho do Castro (rua de) na Saude entre a praça Municipal e a rua da Pedra do Sal.

Coimbra (rua do) princ. na rua do Visconde de Itauna e fin. na Caixa d'Agua.

Collegio (campo do) Freguezia de Guaratiba

Collegio (ladeira do), Veja Misericordia, ladeira da.

Collina (rua) princ. na rua São Luiz e fin. na do Doutor Aristides Lobo.

Commandante Maurity (rua do) antiga do Porto, princ. na travessa do princ. na rua Marquez de Olinda e Bom Jardim e fin. na rua de S. Leopoldo.

Commandante Silveira (rua do) princ. na praia do Flamengo e fin. na rua do Cattete.

Commandante Tamborim (rua do) princ. na rua Marquez de Olinda e fin. na de S. Clemente.

Commendador Correa de Oliveira (rua) princ. na rua Conselheiro Auran e fin. na rua Barão do Bom Retiro.

Commendador Evora (rua) fica na travessa Commendador Leonardo, na Gamboa.

Commendador Ferreira Sampaio (rua) princ. na Estrada de Santa Cruz e fin. na de Ernesto Nunes.

Commendador Frederico Durval (praça) Freg. de Inhauma.

Commendador João Alfredo (rua do) em Villa-Izabel.

Commendador João Ventura (rua do) princ. na rua de Catumby e fin. na de D. Carolina.

Commendador Leonardo (rua do) na Gamboa, princ. na rua da União e fin. no morro.

Commendador Lisboa (rua) em Irajá.

Commendador Oliveira (travessa) princ. na rua Sergipe e fin. na mesma rua no morro.

Commendador Texeira de Azevedo (rua) princ. na rua Trezes de Maio e fin. na rua Vista Alegre, Encantado.

Commendador Telles (rua) em Cascadura. Veja Dr. Silva Gomes, rua.

Commercio (avenida) na rua Christovão Colombo.

Commercio (travessa) princ. na praça 15 de Novembro e fin. na rua de Ouvidor.

Conceição (fortaleza da) no morro do mesmo nome.

Conceição (ladeira da) princ. no fim da rua dos Ourives.

Conceição (morro do) no fim.

Conceição (travessa). Veja Coronel Julião, travessa.

Conciliação (rua da) em Santa Thereza.

Concordia (rua da) princ. na rua Padre Miguelino e fin. na do Oriente.

Concordia (rua da) detraz do quartel dos Bombeiros no Cattete.

Conde (rua do). Veja Visconde do rio Branco, rua do.

Conde de Baependy (rua do) no Cattete.

Conde de Bomfim (rua do) princ. no fim da rua Haddock Lobo e vai terminar na Estrada Velha da Tijuca.

Conde d'Eu (rua do) na Cidade Nova. Veja Frei Caneca, rua.

Conde de Herzberg (rua do). Veja Major Suckow, rua.

Conde de Irajá (rua do )princ. na rua dos Voluntarios da Patria e fin. na de Pinheiro Guimarães.

Conde de Lages (rua do) princ. na rua da Gloria e fin. na de Dr. Joaquim Silva, Santa Thereza.

Conde de Leopoldina (rua) em S. Christovão. Veja Pau Ferro rua.

Conde de Leopoldina (avenida) é situada na rua da Alegria.

Conde de Porto Alegre (rua do) princ. na rua Dr. Garnier e fin. na de Tavares Ferreira, estação do Rocha.

Condessa de Belmonte (rua) princ. na rua General Bellegarde e fin. na rua D. Romana.

Conselheiro Affonso Celso (rua do) no Engenho Velho. Veja Luiz Barbosa rua.

Conselheiro Agostinho (rua do) princ. na rua José Bonifacio em Todos os Santos e fin. na rua Goyaz no Engenho de Dentro.

Conselheiro Andrade Pertence (rua) fica além da rua Conselheiro Bento Lisboa, no Cattete.

Conselheiro Autran (rua do) em Villa Izabel.

Conselheiro Barros (rua) no Rio Comprido, princ. na rua Barão de Sertorio e fin. na do Bispo.

Conselheiro Bento Lisboa (rua do) princ. na rua Pedro Americo e fin. na praça Duque de Caxias.

Conselheiro Buarque de Macedo (rua) princ. na praia do Flamengo e fin. na rua do Cattete.

Conselheiro Corrêa de Oliveira (rua do) princ. em Villa Izabel e fin. na rua Barão de Bom Retiro.

Conselheiro Costa Pereira (rua do) princ. na rua Pereira Nunes e fin. na rua Major Avila.

Conselheiro Ferraz (rua do) princ. na rua do General Bellegarde, no Cabucú, e fin. na rua D. Antonia.

Conselheiro Freire Allemão (largo do) em frente ao novo Arsenal de Guerra no Realengo.

Conselheiro João Cardoso (rua do) princ. na praia Formosa e fin. na rua Sara.

Conselheiro Jobim (rua do) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na rua de Bella Vista.

Conselheiro Junqueira (rua do) parallela á face do Arsenal de Guerra no Realengo.

Conselheiro Leonardo (rua) princ. na rua D. Joaquina e fin. na rua Saldanha Marinho, no morro do Pinto.

Conselheiro Magalhães Castro (rua do) princ. na estação do Riachuelo e fin. na rua Dr. Lino Teixeira.

Conselheiro Mayrink (rua) princ. na rua de Dona Alice e fin. na praia pequena.

Conselheiro Moraes e Valle (rua) princ. na rua da Lapa e fin. na de Dr. Joaquim Silva.

Conselheiro Paranaguá (rua do) em Villa Izavel, princ. na rua Souza Franco e fin. na rua Sete de Março.

Conselheiro Pereira Franco (rua) princ. na rua Visconde Itauna e fin. na de Estacio de Sá.

Conselheiro Pereira da Silva (rua) na rua do Rio Comprido.

Conselheiro Saldanha Marinho (rua do) no morro do Pinto.

Conselheiro Sampaio Vianna (rua) princ. na rua do Bispo e não tem sahida.

Conselheiro Saraiva (rua do) princ. na rua Primeiro de Março e fin. na Quitanda.

Conselheiro Souza Bastos (rua do) princ. a direita da rua Barão de Mesquita e fin. em Villa Izabel.

Conselheiro Thomaz Coelho (rua do) princ. na rua Barão de Mesquita.

Conselheiro Torres Homem (rua do) em Villa Izabel.

Conselheiro Vieira da Silva (rua). Veja Acre rua.

Conselheiro Werna Magalhães (rua) princ. na rua do Bom Retiro e fin. na do General Bellegarde.

Conselheiro Zacharias (rua do) no Engenho de Dentro. Veja Rio de Janeiro rua.

Conselheiro Zacharias (rua do) princ. na rua da Saude e fin. na rua da Gamboa.

Conselheiro Zenha (rua do) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na antiga chacara do Aragão.

Constança (rua) princ. na rua Goyaz e fin. na rua Bazilio, Todos os Santos.

Constança Barbosa (rua) princ. na rua Lia Barbosa e fin. na rua Manoela Barbosa, Meyer.

Constituição (praça). Veja Tiradentes praça.

Constituição (rua da) princ. na praça Tiradentes e fin. na praça da Acclamação.

Consultorio (rua do) princ. na rua Pedro Ivo e fin. no rio Joanna.

Copacabana (praia da) tem princ. á Beira Mar, e fin. na egreja do mesmo nome.

Copacabana (rua da). Veja Passagem rua.

Coqueiros (rua dos) parallela á rua de Catumby, em frente ao Cemiterio de S. Francisco de Paula.

Corcovado (caminho do) no fim do Cosme Velho.

Corcovado (morro do) princ. no Cosme Velho.

Cordeiro (travessa do) princ. na rua Treze de Maio no Engenho de Dentro.

Cornelio (rua) em Cascadura, princ. na rua do Cattete e fin. no Engenho do Matto.

Cornelio (rua) aberta nos terrenos de João Martins Cornelio dos Santos, na rua Bomfim.

Coronel Alfredo de Almeida (rua) princ. na rua Engenheiro Nazareth e fin. na de Thereza Calvalcanti.

Coronel Borjas Reis (rua) no Engenho de Dentro, princ. na rua Dr. Dias da Cruz.

Coronel Cabrita (rua do) princ. na praça do Visconde do Rio Branco e fin. na da Esperança.

Coronel Carneiro de Campos (rua do) princ. na praça do General Pinto Peixoto e fin. na rua S. Januarro.

Coronel Carvalho (rua). Veja Matriz, rua.

Coronel Figueira de Mello (rua do) princ. no boulevard de Villa Izabel e fin. no Campo de S. Christovão.

Coronel João Francisco (rua) princ. na rua Barão de Iguatemy e fin. na travessa do Dr. Araujo Faria.

Coronel Julião (travessa do) outr'ora da Conceição, princ. na rua do Senador Pompeu e vai terminar no morro da Conceição.

Coronel Magalhães (rua) em Cascadura.

Coronel Moreira Cesar (rua) antiga do Ouvidor, princ. na praça das Marinhas e fin. na praça do Coronel Tamarindo.

Coronel Oliva Maia (rua) Freg. da Irajá.

Coronel Olympio (rua) Freg. de Santa Cruz.

Coronel Pedro Alves (rua) outr'ora praia Formosa, princ. na ponte do Boticario, Sacco do Alferes.

Coronel Rangel (rua) antiga estrada do Campinho.

Coronel Soares (rua) na estação de Sampaio, princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Luiz Soares.

Coronel Souza Valente (travessa do) princ. na rua Escobar e fin. na do Coronel Figueira de Mello.

Coronel Tamarindo (praça) antigo largo de S. Francisco de Paula, no fim da rua Coronel Moreira Cesar, antiga do Ouvidor.

Corrêa Dutra (rua) princ. na praia do Flamengo e fin. na rua Pedro Americo.

Corrêa de Oliveira (rua do) em Villa Izabel.

Corrêa de Sá (rua) no morro de Santa Thereza, princ. na rua do Aqueducto e não tem sahida.

Corretor Figueira (rua) na rua Ypiranga nas Larangeiras.

Cortume (rua do) princ. na rua Mello e Souza e fin. na rua Coronel Figueira de Mello.

Coruja (rua do) no Retiro da America.

Cosme (rua do) no morro de S. Diego.

Cosme-Velho (rua do). Veja no Senador Octaviano rua.

Costa (rua do) Freg. do Campo.

Costa (rua do) hoje General Gomes Carneiro, princ. na rua Marechal Floriano Peixoto e finalisa adiante da rua Senador Euzebio. Veja General Gomes Carneiro.

Costa Barros (rua do) no morro da Madre de Deus, princ. no fim da rua do Monte e fin. na rua do Costa.

Costa-Bastos (rua do) na rua do Riachuelo. Veja Mario rua.

Costa Guimarães (rua do) no Retiro da America.

Costa Guimarães (travessa do) princ. na rua Caruzú e fin. na rua das Tres Bocas.

Costa Junior (rua) princ. na rua Botafogo e fin. na rua Muriquipary.

Costa Lima (rua do) princ. na rua do Rio Comprido e tem uma sahida particular para o da Estrella.

Costa Lima (travessa do) a que da rua do Rio Comprido vai ao terreno dos Soares.

Costa Lobo (rua) princ. na rua de Dona Anna Nery e fin. na do Jockey-Club.

Costa-Lobo (rua) no Engenho Novo, princ. na rua Miguel Fernandes e fin. na de Miguel Angelo.

Costa Pereira (rua do) princ. na rua Haddock Lobo, antes da rua S. Francisco Xavier.

Costa Pereira (rua do) em Villa Izabel, princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na Serra do Andarahy.

Costa Pereira (rua do). Veja Hospicio rua do.

Costa Sá (rua) fica entre as ruas Conselheiro Andrade Pertence e Commandante Silveira, no Cattete.

Costa Velho (becco do) na rua da Misericordia. Veja Dr. Costa Velho travessa.

Cotegipe (travessa) começa junto á casa em que falleceu o Barão de Cotegipe e fin. na praia de Botafogo.

Cotovelo (rua do) outr'ora becco, princ. no caes del Vecchio e fin. na ladeira.

Cova da Onça (rua da) no Rio Comprido.

Cruz (rua do) no Andarahy-Grande. Veja Souza Cruz rua.

Cruz (rua) princ. na rua dos Araujos e fin. na rua Barão de Iguatemy.

Cruz Lima (travessa do) entre a rua Senador Vergueiro e a praia do Flamengo.

Cruz e Souza (rua) no Encantado.

Cruzeiro (rua do) no Andarahy Grande, antes da rua Pereira Nunes.

Cruzeiro (rua do) junto á Igreja de Nossa Senhora de Copacabana.

Cruzeiro (avenida) é situada junto a rua Pereira Siqueira, junto á fabrica de cerveja Babylonia.

Cruzeiro (praça do) entre as ruas de Mar de Hespanha, Guttemberg e Miguel Angelo.

Caruzú (rua do) princ. na praça do Visconde do Rio Branco e fin. na rua da Caridade.

Cruzeiro do Sul (rua do) no morro da Nova Cintra.

Cunha (rua do) no Andarahy-Grande.

Cunha (rua do) princ. em Catumby e vai terminar na ladeira do Vianna.

Cunha Barbosa (rua do) princ. na rua Monte e fin. na de João Alvares.

Cunha Mattos (travessa do) princ. na rua do Livramento e fin. na do Cunha Barbosa.

Curral Falso (lugarejo). Freg. de Santa Cruz.

Curapaity (rua) princ. na rua Dr. Archias Cordeiro e fin. na rua Zepherino em Todos os Santos.

Curvelo (rua do) ao lado da rua do Aqueducto, no morro de Santa Thereza.

## D

Daniel Carneiro (rua do) princ. na rua Borges Monteiro e fin. na rua Luiz Carneiro, no Encantado.

Dario (rua) em Todos os Santos.

Dario da Silva (rua) Freg. da Lagoa.

Dehoul (becco) na rua do Barão de Pirassinunga, Fabrica das Chitas.

Delgado de Carvalho (rua). Veja General Delgado de Carvalho rua.

Delphim (rua) no Engenho Velho princ. na rua Conde de Bomfim e não tem sahida.

Delphim (rua) princ. na rua do General Polydoro e fin. na rua dos Voluntarios da Patria.

Delphina (rua) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na rua Desembargador Carvalho.

Del Vecchio (cáes) antiga praia de Dom Manoel entre a praça 15 de Novembro e o largo de Moura.

Demetrio (rua) princ. na rua Elias da Silva e fin. na rua Prudente de Moraes, estação de Cupertino.

Deolinda (rua) princ. na rua Carlos Gomes, no morro do Pinto.

Deolinda (travessa) na Gambôa. Veja Boa-Vista, travessa da.

Deposito (largo do) entre as ruas da Conceição, Camerino, Senador Pompeu e Barão de São Felix.

Desembargador Borges Monteiro (rua do) no Campo do Padilha, Engenho de Dentro.

Desembargador Castello Branco (rua do) no Rocha, princ. na rua Bella-Vista e fin. na rua do Conselheiro Agostinho.

Desembargador Izidro (rua do) princ. na do Conde de Bomfim e fin. na Serra da Fabrica das Chitas.

Desembargador Jaguaribe (rua do) em S. Francisco Xavier, princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Figueira.

Desembargador Viriato (travessa do) princ. no mar e fin. na rua da Santa Luzia.

Desterro (travessa do). Veja Conselheiro Moraes e Valle rua do.

Dezenove de Fevereiro (rua) outr'ora rua de S. Luiz, princ. na rua de S. Clemente e fin. na rua dos Voluntarios da Patria.

Dezeseis de Maio (travessa) princ. na rua D. Amalia hoje dos Proletarios e fin. na Avenida Ferreira em Cascadura.

Dezoito de Outubro (rua) princ. na rua Alves de Brito e fin. no rio do Trapicheiro.

Diamantina (travessa) princ. na rua 24 de Maio e fin. no morro do Macaco.

Dias da Costa (becco do) outr'ora becco dos Afflictos princ. na rua da Alfandega e fin. na rua General Camara.

Dias da Silva (rua do) no Campo do Padilha, Engenho de Dentro, princ. na rua do Matheus e fin. na rua Claudina no Meyer.

Dias da Silva (rua do) princ. na rua D. Anna Nery e fin. na do Ouro no morro do Figueiredo.

Didimo (rua) no interior da Villa Ruy-Barbosa.

Dina (rua) hoje Visconde de Duprat.

Dionysio Fernandes (rua) princ. na rua Vinte e Cinco de Março e fin. na Serra de S. Ignacio Dias, Engenho de Dentro.

Direita (rua) na Freg. de Candelaria. Veja Primeiro de Março rua.

Dom Affonso (rua de) no Andarahy-Grande.

Dom Carlos (rua) princ. na rua de S. Januario e fin. na rua Abilio.

Dom José (rua) no Engenho Novo. Veja Maranhão rua.

Dom Manoel (praia de) á esquerda da rua do mesmo nome entre a praça Quinze de Novembro e o Largo do Moura.

Dom Manoel (rua de) entre a praça 15 de Novembro e o Largo do Moura.

Dom Manoel (travessa de) outr'ora becco da Boa Morte, princ. na praia de de D. Manoel e fin. na rua da Misericordia.

D. Pedro (praça de). Veja Marechal Deodoro praça.

D. Pedro II (praça de). Veja Quinze de Novembro praça.

D. Pedro II (rua) no Engenho Novo e Inhauma.

Domingues Vidal (rua) antiga de Sant'Anna.

Dona Adelaide (rua de) na bocca do Matto, no Meyer.

Dona Adelaide (rua) em Cascadura, princ. no estrada dá Santa Cruz e fin. na Serra dos Urubús.

Dona Adelaide (rua) no Engenho de Dentro, princ. na rua Cornelio e fin. na rua Henrique Scheid.

Dona Adriana (rua) princ. no Meyer e fin. na bocca do Matto.

Dona Albina (rua de). Veja Pinto de Azevedo rua.

Dona Alice (rua) em Cascadura princ. na rua Souza Cerqueira e fin. na rua da Serra.

Dona Alice (rua) princ. na rua D. Anna de Nery e fin. na Conselheiro Mayrink.

Dona Alzira Brandão (rua) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na rua Pereira de Siqueira.

Dona Alzira Valdetaro (rua de)

princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. no morro.

Dona Ambrosina (rua) na estação de Cascadura, princ. na rua Brazilina e fin. na de Florentino.

Dona Amalia (rua) na rua do Mottoso, adiante do Collegio São Vicente de Paula.

Dona Amalia (rua) em Doutor Frontin, princ. na estrada de Santa Cruz e fin. na rua do Cattete, em Cascadura.

Dona Amelia (rua) princ. na Estação do Meyer e fin. na rua José Bonifacio.

Dona Angelina (rua) princ. na rua da Serra de Ignacio Dias e fin. na rua Antonio Vargas, Cascadura.

Dona Anna (rua de) princ. na rua Nossa Senhora da Piedade e fin. na rua Farani.

Dona Anna (rua de) em São Christovão.

Dona Anna (travessa de). Fabrica das Chitas.

Dona Anna Guimarães (rua) princ. na rua D. Anna Nery e fin. na rua Cotia, estação do Rocha.

Dona Anna Leonida (rua de) no Campo do Padilha no Engenho de Dentro.

Dona Anna Marinho (rua de) no morro da Madre de Deus.

Dona Anna de Mascarenhas na ladeira da Madre de Deus.

Dona Anna Nery (rua de) do largo do Pedregulho pela estação do Riachuelo até á do Sampaio.

Dona Anna Nery (rua de) no Castello.

Dona Anna Rosa (rua) princ. na rua Joaquim Meyer.

Dona Antonia (praça de) no princ. da rua Paula Mattos.

Dona Augusta (rua) princ. na rua José dos Reis e fin. na rua Guineza.

Dona Antonia (rua de) princ. no fim. rua Conselheiro Ferraz.

Dona Balbina (rua de) em S. Christovão. Veja Mello Souza rua.

Dona Bibiana (rua de) princ. na rua dos Araujos e fin. na rua do Dezembargador Izidoro.

Dona Brasiliana (rua) em Cascadura princ. na rua Barbosa e fin. na rua Cardoso.

Dona Candida (rua). Veja Lopes Ferraz rua.

Dona Carlota (rua de) princ. na praia de Botafogo e fin. na rua da Assumpção.

Dona Carolina (rua de). Veja General Bento Gonçalves.

Dona Carolina (rua) em Botafogo, princ. na rua D. Polycena e fin. na rua Marciana.

Dona Carolina (rua de) na Tijuca, ponto dos bondes.

Dona Carolina (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Figueira.

Dona Castorina (estrada) princ. na rua do Jardim Botanico e fin. na Tijuca.

Dona Castorina Pires (travessa). Veja Dr. Ezequiel rua.

Dona Catharina (travessa de) na rua do Mattoso.

Dona Cecilia (rua de) princ. na rua da Paz e fin. na da Estrella.

Dona Cecilia Guimarães (rua) entre a rua Aurora e ladeira de Santa Thereza.

Dona Clara (rua de) princ. na rua do Livramento e fin. na rua Honorio em Todos os Santos.

Dona Clara (rua) começa no fim da rua S. Luiz Gonzaga e fin. na rua Lopes da Silva.

Dona Clara de Barros (rua de) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na travessa Vinte e Seis de Maio.

Dona Constança (praça) na praia de Santa Luzia.

Dona Constança (rua) princ. na rua Goyaz e fin. na rua Bazilio, em Todos os Santos.

Dona Constança (travessa) antiga Sorocaba, na rua General Polydoro.

Dona Delphina (rua de) aberta na rua General Pedra.

Dona Elisa (rua de) em Catumby. Veja Laura rua.

Dona Elisa (rua). Veja Doutor Augusto Pinto rua.

Dona Elisa (travessa de) na rua de Senador Euzebio.

Dona Elisa Guimarães (rua de) no fim da rua do Chichorro, em Catumby.

Dona Elvira (rua) princ. na rua Eugenia e fin. na rua Adelia, Engenho de Dentro.

Dona Elvira Machado (rua) princ. rua Dona Thereza Guimarães e fin. na do Delphim.

Dona Emerenciana (rua de) princ. na rua Fonseca Telles em São Christovão.

Dona Emilia (rua) princ. na rua Souza Cerqueira e fin. na rua Julieta, Cascadura.

Dona Emilia Guimarães (rua de) no fim da rua Dr. Franklin do lado do cemiterio da Ordem de S. Francisco de Paula.

Dona Ermelinda (rua de) em Catumby, no fim da rua Gonçalves.

Dona Etelvina (rua) princ. na rua Honorio e fin. na estrada de Santa Cruz, Todos os Santos.

Dona Eugenia (rua) princ. na rua

Carolina e fin. na rua Dr. Luiz Silva, Engenho de Dentro.

Dona Eugenia (rua de) na rua do Estrella.

Dona Felicia (rua) princ. ao lado da igreja de Nossa Senhora do Amparo e fin. na estrada de Santa Cruz.

Dona Feliciana (rua de) princ. na travessa do Bom Jardim e fin. na rua Frei Caneca.

Dona Feliciana (rua de) na Fabrica das Chitas.

Dona Felicidade (travessa de) no fim da rua Senador Pompeu.

Dona Felicidade (travessa de). Veja Aguiar travessa.

Dona Firmina (travessa) aberta em S. Christovão, no morro, em frente ao do Barro Vermelho.

Dona Florinda (rua de) em Villa Izabel.

Dona Francisca (rua de) princ. na rua Visconde de S. Salvador de Mattosinhos.

Dona Francisca (rua de) no Engenho Novo.

Dona Francisca Meyer (rua) no Engenho de Dentro.

Dona Gloria (rua) no Meyer.

Dona Guilhermina (rua de) princ. na rua do Ouro e fin. na de Dona Honoria, na rua Dona Anna Nery.

Dona Guilhermina (rua de) no morro da Nova Cintra.

Dona Henriqueta (rua de) em Villa Izabel.

Dona Honoria (rua de) na rua de Dona Guilhermina.

Dona Ida (rua de) no Engenho Novo.

Dona Idalina (rua de) em Catumby.

Dona Ignez (rua) princ. na rua Dr. Lino Teixeira e fin. na rua Silva Rego.

Dona Izabel (rua de) em Catumby. Veja Algôas rua.

Dona Izabel a Redemptora (praça de). Veja Lapa do Desterro largo da.

Dona Isolina (rua) no Meyer.

Dona Januaria (rua de). Veja General Canabarro rua.

Dona Jeronima (praça de) princ. na rua do Engenho de Dentro e fin. no morro.

Dona Joanna (rua) no Rio Comprido.

Dona Joaquina (rua de) princ. na praia Formosa e fin. na rua General Pedra.

Dona Joaquina (rua) no Meyer.

Dona Josephina (rua de) parallela á de João Caetano e fin. nas Officinas de S. Diego.

Dona Julia (rua de) princ. na rua S. Martinho e fin. na do Senhor Mattosinhos.

Dona Julieta (rua) princ. na estrada de Santa Cruz e fin. na serra dos Urubús, Cascadura.

Dona Laura (rua) no Jardim Botanico.

Dona Laura (rua) princ. na rua Maxwel e fin. na rua do Senador Soares.

Dona Laura (rua) princ. na rua Cornelio e fin. na rua Adelia, Engenho de Dentro.

Dona Laura de Araujo (rua de) ao lado do Asylo de S. Francisco de Assis.

Dona Leopoldina (rua de) em Villa Izabel. Veja Dr. Augusto Pinto rua.

Dona Lucia (rua) na ladeira do Faria.

Dona Luiza (rua de) princ. na rua da Gloria e vai findar no largo dos Guimarães.

Dona Luiza (rua de) no Engenho Novo.

Dona Luiza (rua de) em Villa Izabel.

Dona Luiza (rua de) no Meyer.

Dona Manoela (rua) no fim da rua de S. Januario.

Dona Manoela Barbosa (rua) em Todos os Santos.

Dona Marciana (rua de) princ. na rua de Passagem e fin. na de Assis Bueno.

Dona Margarida (rua) princ. na rua Dona Julieta e fin. na rua Teixeira de Carvalho.

Dona Maria (rua) no Andarahy Grande.

Dona Maria (rua de) na Aldêa Campista.

Dona Maria Adelaide (rua de) em Catumby.

Dona Maria de Amaral (travessa de). Veja Dr. Rodrigues dos Santos rua do.

Dona Maria Antonia (rua) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na rua General Bellegarde.

Dona Maria Flora (rua) princ. na rua do Engenho de Dentro e fin. rua Dous de Fevereiro.

Dona Maria Justina (rua) na Estação de Sampaio.

Dona Maria Lopes (rua) em Cascadura.

Dona Maria Magdalena (rua) em Todos os Santos.

Dona Maria Paula (rua) no Engenho de Dentro.

Dona Marianna (rua de) princ. na rua de S. Clemente e fin. na do General Polydoro.

Dona Minervina (rua de) princ. na rua Machado Coelho e fin. na rua Conlheiro Pereira Franco.

Dona Polyxena (rua de) em Botafogo.

Dona Rita (rua de) entre Villa Izabel e Andarahy Grande.

Dona Romana (rua de) no Engenho Novo.

Dona Rosa (travessa de) princ. na rua Visconde de Sapucahy e fin. na rua Presidente Barroso.

Dona Rosa da Conceição (rua) na Estação do Meyer.

Dona Rosa Sayão (rua) princ. na rua Dona Anna Mascarenhas e fin. na rua do Monte.

Dona Silvana (rua) princ. na Piedade.

Dona Sophia (rua) no Rocha.

Dona Thereza (rua) em Todos os Santos.

Dona Thereza Guimarães (rua) princ. na rua General Polydoro e fin. na de Todos os Santos.

Dona Umbelina (rua) princ. na rua Chaves Faria e fin. na rua de Paula e Silva.

Dona Zepherina (rua de) em Todos os Santos.

Dona Zulmira (rua) princ. na rua S. Francisco Xavier e fin. na rua Felippe Camarão.

Dores (rua) princ. na estação de Todos os Santos e fin. no Meyer.

Dois de Dezembro (rua) no Cattete. Veja Christovão Colombo.

Dois de Fevereiro (rua) no Engenho de Dentro.

Dois de Maio (rua) princ. na rua Souza Barros e fin. na rua de Engenho Novo.

Doutor Affonso Cavalcanti (rua) princ. na rua Machado Coelho e fin. na rua Miguel de Frias.

Doutor Agra (rua) em Catumby.

Doutor Amaral (travessa do) princ. na rua da Redempção.

Doutor Araujo (travessa do) princ. na rua Mattoso, e não tem sahida.

Doutor Araujo Gondim (rua) na Copacabana.

Doutor Archias Cordeiro (rua) antiga Goyaz até a rua Padilha, no Engenho de Dentro.

Doutor Aristides Lobo (rua) antigo Rio Comprido, princ. na rua Haddock Lobo e fin. na praça do Rio Comprido.

Doutor Augusto Pinto (rua) antiga Bispo de Crysopolis, princ. na rua Visconde de Abaeté e fin. na rua Souza Franco em Villa Izabel.

Doutor Bandeira de Gouvea no Riachuelo.

Doutor Barbosa da Silva (rua do) na rua Dona Anna Nery.

Doutor Bulhões (rua do) aberta nas officinas do Engenho de Dentro.

Doutor Bulhões de Carvalho (rua) na Copacabana.

Doutor Campos da Paz (rua) no Rio Comprido.

Doutor Candido Benicio (rua) em Cascadura.

Doutor Carmo Netto (rua) outr'ora Dona Feliciana, Cidade Nova.

Doutor Constante Jardim (rua) em Santa Thereza.

Doutor Costa Ferraz (rua do) no Rio Combrido. Veja Doutor Campos da Paz.

Doutor Costa Lobo (rua do) princ. na rua Miguel Angelo e fin. na de Santa Rita no Engenho Novo.

Doutor Costa Velho (travessa do) princ. na praia de D. Manoel hoje caes del Vecchio e fin. na rua da Misericodia.

Doutor Demetrio (rua) princ. na rua Elias da Silva e fin. na de Prudente de Moraes.

Doutor Dias da Cruz (rua do) princ. na estação do Meyer e fin. na rua do Engenho de Dentro.

Doutor Dias Ferreira (rua) na Gavêa.

Doutor Domingos Freire (rua) princ. na Barão de S. Felix no Engenho de Dentro, e fin. no Encantado.

Doutor Duque Estrada Meyer (rua) no Meyer.

Doutor Ezequiel (rua) princ. na rua General Pedra e fin. na rua do Senador Euzebio.

Doutor Fabio da Luz (rua) princ. na rua Dr. Dias da Cruz e fin. na rua Aquidabam.

Doutor Farme de Amoedo em Copacabana.

Doutor Ferreira Pontes (rua) no Andarahy-Grande.

Doutor Felippe Cardoso em Santa-Cruz.

Doutor Garnier (rua do) princ. na rua Dona Anna Nery Rocha e fin. na rua Conselheiro Mayrink.

Doutor Gomes Braga (rua) no Andarahy.

Doutor Gusmão (rua) em São Christovão.

Doutor Jesuino Ferreira (rua do) princ. na rua do Ouro, e fin. no morro dos Telegraphos.

Doutor João Ricardo (rua) outr'ora rua de Sant'Anna, princ. na rua Barão de S. Felix.

Doutor Joaquim Meyer (rua) princ. na rua Dr. Dias da Cruz e fin. na rua Lopes da Cruz.

Doutor Joaquim Silva (rua do) princ. nos cáes da Gloria e fin. na rua de Evaristo da Veiga.

Doutor José Felix (rua) princ. no Riachuelo.

Doutor José Hygino (rua) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na do Barão de Mesquita.

Doutor Laurindo Rabello (rua do) no alto do morro de Santo Rodrigues.

Doutor Leal (rua) princ. na rua D. Pedro e fin. na rua Vinte e Cinco de Março.

Doutor Leitão (rua do) no Engenho Novo.

Doutor Lino Teixeira em Riachuelo.

Doutor Lins Vasconcellos (rua) no Engenho Novo.

Doutor Luiz da Silva (rua) no Engenho de Dentro.

Doutor Maciel (rua) princ. na rua do Consultorio e fin. na rua de S. Christovão.

Doutor Maia Lacerda (rua) no Estacio de Sá.

Doutor Manoel Terra (travessa) princ. na Dous de Maio e fin. na rua Ortigão.

Doutor Manoel Victorino (rua) no Engenho de Dentro fin. na Piedade.

Doutor Mattos Rodrigues (rua) princ. na rua Malvino Reis e fin. no morro.

Doutor Mesquita Junior (rua) princ. na rua Senador Euzebio e fin. na pedreira de S. Diego.

Doutor Monteiro da Luz (rua do) princ. na rua Vinte e Cinco de Março e fin. no Encantado.

Doutor Moura Brazil (rua) princ. na rua Guanabara e fin. no Retiro de Guanabara.

Doutor Muniz Barreto (travessa) em Botafogo.

Doutor Nabuco de Freitas (rua) princ. á direita da rua Visconde Sapucahy e fin. na rua Farnése no morro do Pinto.

Doutor Niemeyer (rua) no Engenho de Dentro.

Doutor Padilha (rua do) no Engenho de Dentro.

Doutor Peçanha da Silva (travessa) princ. na rua Dr. Peçanha da Silva.

Doutor Peçanha da Silva (rua do) é parte da antiga rua do Engenho de Dentro.

Doutor Pedreira (rua) princ. na rua Conselheiro Magalhães Castro e fin. no Campo da Raposa.

Doutor Pedro Americo (rua do) princ. na rua do Cattete e fin. no morro de Cantagallo.

Doutor Pedro Domingues (rua) na Piedade.

Doutor Pedro Rodrigues (rua) princ. na pedreira de S. Diego e fin. na rua do Senador Euzebio.

Doutor Pereira Lopes (rua do) na rua S. Luiz Gonzaga, em São Christovão.

Doutor Pereira Passos (rua) princ. na rua Constante Ramos e fin. na rua Guimarães Caipora.

Doutor Pessoa de Barros (rua) princ. na rua Machado Coelho.

Dr. Pinheiro Guimarães (rua do) princ. no Sergipe.

Doutor Piragipe (rua do) no alto do morro do Pinto.

Doutor Regos Barros (rua) antiga da Providencia, princ. na rua da America e fin. no largo da Providencia.

Doutor Rodrigues dos Santos (rua do) princ. na rua Machado Coelho e fin. na rua Conselheiro Pereira Franco.

Doutor Rufino de Almeida (rua do) em Villa Izabel.

Doutor Saldanha da Gama (rua do), Veja Coronel João Francisco rua.

Doutor Silva Gomes (rua) em Cascadura.

Doutor Silva Rabello (rua do) no Engenho de Dentro.

Doutor Silva Valle (rua) que vai da Tabôa do Engenho do Matto.

Doutor Souza Neves (rua do) princ. na rua Machado Coelho e fin. na do Conselho Pereira Franco.

Doutor Tavano (ladeira) na ladeira do Faria.

Doutor Veira Souto (rua) em S. Francisco Xavier.

Drumond (rua) no Andarahy Grande.

Duque de Caxias (praça do) outr'ora largo do Machado.

Duque de Caxias (rua do) em Villa Izabel.

Duque Estrada (rua) princ. na rua Marquez de S. Vicente e fin. no Sanatorio da Gavea.

Duque Estrada Meyer (rua do) antiga Bocca do Matto no Meyer.

Duque de Saxe (rua do). Veja General Canabarro.

Duqueza de Bragança (rua) no Andarahy Grande.

Durão (ladeira do) no fim da rua de D. Luiza á direita Gloria.

Durão (rua) no Cupertino.

Duvivier (rua) na Copacabana.

## E

Eduardo de Lemos (rua) antiga Benedictinos, princ. na rua Visconde de Inhaúma e fin. na rua da Prainha.

Eduardo de Sá (rua) princ. na rua Barão de Mesquita e fin. no alto do morro.

Eleone de Almeida (rua) princ. na rua de Catumby e fin. na rua do Cunha.

Elias (rua do). Veja Barão de Nogueira da Gama rua.

Elias de Albuquerque (rua) em Todos os Santos.

Elias da Silva (rua) princ. na rua Amazonas e fin. na estação de Cupertino.

Elisa (rua) em Catumby.

Elvira (rua) no Engenho de Dentro.
Elvira Machado (rua) em Todos os Santos.
Emancipação (rua da) princ. na rua S. Luiz Gonzaga e fin. na praça do Visconde do Rio Branco.
Emerenciana (rua) princ. na rua Fonseca Telles no morro da Caixa d'Agua e fin. na Quinta.
Emilia Guimarães (rua) princ. na rua do Chichorro em Catumby.
Emma (rua) na estrada de Dona Castorina, Jardim Botanico.
Engenheiro Araujo Vianna (rua do) no morro do Pinto.
Engenho de Dentro (rua do) princ. em frente ás Officinas e fin. na rua Vinte e Cinco de Março, hoje Coronel Borja Reis.
Engenho de Dentro (travessa do) no Jacaré.
Engenho Novo (arrabalde) Começa da estação do Sampaio até á Freguezia de Inhaúma no Engenho de Dentro.
Engenho Novo (praça do) no Engenho Novo.
Engenho Novo (rua do) princ. na Cancella do Sampaio e fin. na de Souza Barros.
Engenho Novo (travessa do) no Rocha.
Engenho Velho desde a rua de S. Christovão até ao Andarahy.
Engenho Velho (rua do). Veja Haddock Lobo.
Ermelinda (rua) em Santa Thereza.
Ermelinda (rua) princ. na rua Laura em Catumby.
Ernestina (rua) na Serra do Engenho Novo.
Ernesto Nunes (rua) na estação do Encantado.
Ernesto de Souza (rua) antiga Justino.
Escadinhas (becco das) princ. no mar e fin. na rua da Saude.
Escadinhas da Conceição (becco das) princ. na rua Matto Grosso e fin. na do Jogo da Bola.
Escadinhas da Conceição (travessa das) princ. na rua do Escorrega e fin. no morro da Conceição.
Escadinha do Livramento (rua das) princ. na rua de Saude e fin. na ladeira do Livramento.
Escadinhas do Livramento (becco das) princ. no morro do mesmo nome e fin. no mar.
Escadinhas do Livramento (ladeira das) na ladeira do Livramento.
Escadinhas do Livramento (travessa das) ao lado direito do começo da rua do Monte.
Escadinha de Oliveira na rua Doutor Nabuco de Freitas.
Escobar (rua do) princ. na rua S. Christovão e fin. no Campo do mesmo nome.
Escola Central (travessa da) entre o theatro S. Pedro e Escola Polytechnica.
Escorrega (ladeira do) na Saude.
Escorrega (rua do) princ. na rua da Saude e fin. na de Matto Grosso.
Escrivão (rua do) em Todos os Santos.
Esperança (rua) no Meyer.
Esperança (rua da) princ. na rua Coronel Cabrita e fin. na rua Tuyuti.
Espinheiro (travessa do) na estrada de Santa Cruz.
Espirito Santo (rua do) princ. na praça Tiradentes e fin. na rua do Senado. Veja Luiz Gama rua.
Estação (rua) em Cascadura.
Estacio de Sá (largo do) em frente á Igreja matriz do Espirito Santo.
Estacio de Sá (rua de) princ. no fim da rua do Frei caneca e fin. na Igreja matriz do Espirito Santo.
Estacio de Sá (travessa de) na Freg. do Espirito Santo.
Estella (rua) no Jardim Botanico.
Estrada de Dona Castorina, princ. na rua do Jardim Botanico e fin. na Caixa d'Agua.
Estrada Novo de Tijuca, princ. no fim da rua Conde Bomfim.
Estrada de Santa Cruz princ. na estação da praia pequena e fin. no Matadouro de Santa Cruz.
Estrada Velha do Jardim, no Jardim Botanico.
Estrada Velha da Tijuca, princ. no fim da rua Conde de Bomfim e fin. no alto da Serra da Tijuca.
Estrella (rua da) princ. na rua Barão de Petropolis e fin. na esquina da praça de Rio Comprido.
Etelvina (rua) princ. na estrada de Santa Cruz e fin. na rua Honorio.
Eugenia (rua). Veja rua João de Moraes.
Eulina (rua) em Todos os Santos.
Evaristo da Veiga (rua de) outr'ora rua dos Barbonos, princ. na Avenida Central e fin. na ladeira de Santa Thereza.
Evora (travessa) princ. na rua de Santo Christo dos Milagres e fin. na travessa Leonardo.

## F

Fabrica das Chitas (becco da) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na rua Desembargador Izidro.
Fabrica das Chitas (rua da) no Andarahy Pequeno.
Fagundes Varella (rua) no Encantada.
Faleiro (rua) princ. na Estrada de Santa Cruz.
Farani (rua) princ. na praia de Botafogo e fin. no morro, além da rua Dona Anna.

Faria (ladeira do) no morro do Barroso.
Faria (rua) em Cascadura.
Faria (rua) princ. na rua Visconde de Itauna e fin. na rua Frei Caneca.
Faria Braga (rua) no morro da Caixa d'Agua em S. Christovão.
Farnése (rua) no morro do Pinto.
Faro (rua) princ. na rua do Jardim Botanico.
Felicio (rua) em Cascadura.
Felippe (travessa) princ. na travessa Senador Dantas e fin. na Pedreira.
Felippe Camarão (rua) princ. no Boulevard 28 de Setembro e fin. na rua Barão de Mesquita.
Felippe Camarão (rua de) em Copacabana.
Felippe Nery (ladeira do) começa na esquina da rua da Prainha e fin. na Saude.
Felizes (rua dos) no morro de Santa Thereza.
Fernandes (rua). Veja Desembargador Castello Branco rua do.
Fernandes (travessa do) princ. na rua Visconde de Caravellas e fin. na do Visconde de Silva.
Fernandes Guimarães (rua) em Botafogo.
Fernandes Vieira (rua) em Villa Izabel.
Fernandinha (travessa) na Gloria.
Ferraz (rua) em Cascadura.
Ferreira (rua) outr'ora travessa de S. João Baptista, princ. na ladeira de S. Diego e fin. na rua Senador Euzebio.
Ferreira de Almeida (rua de). Veja Concordia rua da.
Ferreira de Andrade (rua) princ. na rua da Redempção e fin. na rua S. João.
Ferreira de Araujo (rua) Muda da Tijuca.
Ferreira França (rua de) em Todos os Santos.
Ferreira Leite (rua) na Freg. de Inhauma.
Ferreira Nobre (boulevard). Veja morro do Vintem rua do.
Ferreira Vianna (praça) outr'ora largo da Mãi do Bispo e do.
Ferreira Vianna (rua) princ. na rua do Cattete e fin. na praia do Flamengo.
Ferreiros (becco dos) princ. na rua do Cotovelo e fin. na de Dom Manoel.
Ferreiros (travessa dos) princ. na rua General Pedra e fin. na do Senador Euzebio.
Fialho (rua) princ. na rua Santo Amaro e fin. na de Dona Luiza.
Fialho (rua) no Copacabana.
Fidalga (becco da) princ. na rua Dom Manoel e fin. na rua da Misericordia.
Figueira (avenida) no Ypiranga.
Figueira (travessa) em S. Francisco Xavier.
Figueira (rua do) entre Rocha e Riachuelo.
Figueira (travessa) nas Larangeiras.
Figueiredo (rua) princ. na rua Soares e fin. na praça da Gloria.
Figueiredo (travessa) Botafogo.
Figueiredo de Magalhães (rua) na Copacabana.
Figueira (travessa do) princ. na rua Emerenciana.
Firmo de Moura (rua) em São Christovão.
Fisco (becco do) princ. na rua do Rosario e fin. na rua do Hospicio.
Floch (rua) na estação do Riachuelo.
Flamengo (cáes do) na rua do Flamengo.
Flamengo (praia do) entre o morro da Gloria e o da Viuva.
Flamengo (travessa do) vai da rua Senador Vergueiro á praia do Flamengo.
Flavia Branco (rua de) no Jardim Botanico.
Flôres (rua das) na Cidade Nova.
Flôres (travessa das) princ. na rua Pau Ferro e fin. na rua José Clemente.
Floresta (avenida) na rua do Chile, hoje Avenida Central.
Floresta (rua da) em Catumby.
Floresta (rua) no Jardim Botanico.
Floresta Imperial, na Tijuca.
Floriano Peixoto (rua) em Copacabana.
Fluminense (rua) princ. na rua de Paula Mattos e fin. no largo das Neves.
Fluminense (travessa do) no morro de Paula Mattos.
Fogueteiro (rua do) nas Larangeiras.
Fonseca (rua) em S. Christovão.
Fonseca Guimarães (rua do) princ. em Santa Thereza.
Fonseca Lima (rua do) princ. no Boulevard de S. Christovão.
Fonseca Telles (rua do) princ. na rua S. Christovão e fin. na de S. Luiz Gonzaga.
Fonte da Saudade (Praia e rua da) no Jardim Botanico.
Fontes Perreira de Mello (rua) na rua Machado Coelho.
Fontoura Chaves (rua) na Piedade.
Fóra (praia de) na Lagoa do Rodrigo de Freitas.
Formiga (becco da). Veja Leandro, becco da.
Formiga (morro da) em Copacabana.
Formiga (morro da) sobe-se na rua Doutor Rego Barros e pela rua da America.
Formosa (praia). Veja Coronel Pedro Alves rua.
Formosa (rua) na Cidade Nova.
Fortaleza de Joinville (rua) em Copacabana.
Fortunato de Brito (rua) princ. na

rua Doutor Diaz da Cruz e fin. no Aquidaban.

Fraga (rua) em frente ao Barro Vermelho em S. Christovão.

França (largo do) em Santa Thereza.

Francisco Andrade (rua) em Santa Thereza.

Francisco Belisario (rua) antiga dos Arcos, princ. na rua Evaristo da Veiga e fin. na rua Lavradio.

Francisco Eugenio (rua e praça) em frente ao chafariz da Joanna, S. Christovão.

Francisco Fragoso (rua) no Encantado.

Francisco Manoel (rua de) Freg. do Engenho Novo.

Francisco Muratori (rua de) no morro de Santa Thereza.

Franco (rua). Veja Duque Estrada rua.

Franklin (rua) Catumby.

Frei Caneca (rua) princ. na praça da Acclamação e fin. na Caixa d'Agua.

Freitas (becco do) entre a rua da Saude e o mar.

Freitas Castro (rua) princ. perto da Caixa d'Agua de Estacio de Sá e fin. no Campo Marte.

Fresca (rua). Veja Clapp rua.

Frolick (rua). Veja José Frolick rua.

Funda (rua) princ. na rua da Saude e vai ter ao morro da Conceição.

Furquim Wernerck (rua) na Copacabana.

Furtado de Mendonça (rua) no Copertino.

## G

Galileu (rua) no Meyer.

Galvão ou do Trem (becco do) na rua do Trem.

Gambôa (praça da). Veja Santo Christo dos Milagres praça de.

Gambôa (cáes da) na praia da Gambôa.

Gambôa (rua da) princ. na do Lazareto e vai finalizar na praia da Chichorra.

Gambôa (travessa da) princ. na praia da Gambôa e fin. na do Sacco do Alieres.

Garibaldi (rua). Veja Ferreira de Araujo rua.

Gavea (caminho da) princ. no fim da rua Barão da Boa Vista e fin. na barra da Tijuca.

Gavea (rua da) princ. na ponta grossa e fin. na barra da Tijuca.

General Argolo (rua do) Campo de S. Christovão e fin. na rua de S. Januario.

General Arthur Oscar (rua) princ. na rua Muriquipary e fin. na de Pernambuco.

General Bellegarde (rua do) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na de Dona Romana.

General Bento Gonçalves (rua) no Encantado

General Bruce (rua do) princ. na rua de S. Christovão e fin. na de S. Januario.

General Caldwel (rua do) princ. na Pedreira do Paim e S. Diego e fin. na rua do Senado.

General Camara (rua) princ. no portão da Alfandega e fin. na praça da Republica.

General Canabarro (rua) princ. na rua de S. Christovão e fin. na de S. Francisco Xavier.

General Carvalho (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. no morro do Macaco.

General Delgado de Carvalho (rua) no Engenho Velho.

General Gomes Carneiro (rua) princ. na rua Marechal Floriano Peixoto e fin. na rua Senador Pompeu.

General Gurjão (rua do) princ. na praia do Cajú e fin. na do General Sampaio.

General Nenna Barreto (rua) princ. na rua D. Marianna e fin. na rua Rea Grandeza.

General Osorio (praça do) entre ruas da Uruguayana e Andradas.

General Pedra (rua do) outr'ora rua de S. Diego, princ. na praça da Republica e fin. na travessa do Ferreira.

General Pinto Peixoto (praça do) no Retiro da America.

General Polydoro (rua do) princ. na rua da Passagem e fin. na rua Sergipe.

General Raposo (rua do) no Realengo.

General Sampaio (rua do) princ. na praia de S. Christovão e fin. no Retiro Saudoso.

General Severiano (rua do) princ. na praia da Saudade e fin. na da Passagem.

General Silva Telles (rua) no Andarahy-Grande.

General Silva Telles (rua) em Copacabana.

General Tiburcio (rua) princ. na rua Ayres e fin. na rua Quarta, na Quinta de Boa-Vista.

Georgina (travessa) princ. na Avenida Galdino na rua do General Polydoro e fin. na mesma rua.

Getullo (rua) em Todos os Santos.

Gloria (cáes da). Veja Augusto Severo rua.

Gloria (largo da). Veja Rio Branco.

Gloria (ladeira da) princ. no largo do mesmo nome e fin. na praia do Flamengo.

Gloria (praça). Veja Pedro Alvares Cabral.

Gloria (rua da) princ. na rua da Lapa e fin. no largo da Gloria.
Gloria (rua da) em Todos os Santos.
Gloria (praça) no Meyer.
Gloria (travessa) no Meyer.
Gomes Braga (rua) princ. no fim da rua Barão de Mesquita.
Gomes Serpa (rua) na Piedade.
Gonçalves (rua) princ. em Catumby.
Gonçalves (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Figueira.
Gonçalves Dias (rua de) princ. no largo da Carioca e fin. na rua do Rosario.
Gonzaga Bastos (rua de) no Andarahy.
Goulart (rua) na Copacabana.
Goulart (travessa) em Catumby.
Gouvêa (travessa) em Santa Thereza.
Goyaz (rua) princ. na praça do Engenho Novo e fin. em Cascadura.
Graça (morro) na rua Guanabara.
Grande (praia) no principio da estrada de Santa Cruz.
Grande da Restinga (praia) na lagôa de Rodrigo de Freitas.
Grão Bem (rua) princ. na rua Silva Rabello e fin. na rua Manoel Barbosa.
Grão Pará (rua) no Engenho Novo.
Gratidão (rua) na Tijuca.
Gregorio das Neves (rua de) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e termina na rua Visconde de Santa Cruz.
Grunewald (rua) no Rocha.
Gruta de Camões (rua da) em Santa Thereza.
Guanabara (rua) princ. na rua das Larangeiras e fin. na pedreira.
Guapymirim (rua do) na praia da Saudade.
Guarany (rua) no Cupertino.
Guararapes (ladeira dos) princ. na rua do Cosme Velho, Larangeiras.
Guarda Velha (rua da). Veja Treze de Maio rua.
Guedes (travessa do) em Botafogo.
Guedes (travessa do) na rua Machado Coelho.
Guerra (rua) no Doutor Frontin.
Guilhermina (rua) aberta nas Officinas do Engenho de Dentro e fin. no Encantado.
Guimarães (largo dos) no morro de Santa Thereza.
Guimarães (rua do) princ. na rua Conde de Porto Alegre e fin. na de Dr. Lino Teixeira.
Guimarães (travessa do) em S. Francisco Xavier.
Guimarães Caipora (rua) na Copacabana.
Guindaste (travessa do) na rua da Misericordia.
Guineza (rua) no Engenho de Dentro.
Gustavo Sampaio (rua) na Copacabana.
Gustavo Sampaio (rua) em Botafogo.
Guttemberg (rua de) no Engenho Novo.

## H

Haddock Lobo (Espirito Santo).
Haritoff (rua) na praia de Copacabana.
Harmonia (praça da) no fim da rua da Saude.
Harmonia (rua) princ. na rua da Saude e fin. na praia da Gambôa.
Henrique (rua) no Jardim Botanico.
Henrique Dias (rua do) Cattete.
Henrique Dias (rua do) no Rocha.
Henrique Dias (rua do) na praia de Copacabana.
Henrique Guimarães (rua) começa na rua do General Polydoro e termina na rua de Todos os Santos.
Henrique de Sá (rua do) no Cattete.
Henrique (rua) no Engenho de Dentro.
Herculano (rua) em Catumby.
Hermengarda (rua) princ. na rua Dr. Duque Estrada Meyer e fin. na do Dr. Dias da Cruz.
Herminia (rua) no Meyer.
Hespanha (rua) no Engenho Novo.
Hilario Gouvêa (rua) princ. na rua Toneleros, na praia de Copacabana.
Honorio (rua do) em Todos os Santos.
Honorio de Barros (rua) princ. na rua do Senador Vergueiro e fin. na rua Maria Emilia.
Honorina (rua) em Botafogo.
Hospicio (rua do) princ. na rua Primeiro de Março e fin. na praça da Acclamação, hoje praça da Republica.
Humaytá (rua) princ. no largo dos Leões e fin. no princ. da rua do Jardim Botanico.

## I

Ida (rua) no Rocha.
Idalina (rua) em Catumby.
Idalina Senra (rua) na Villa Guarany.
Ignacio Goulart (rua) na estação do Sampaio.
Ignez (travessa) no Riachuelo.
Igrejinha (rua) na Copacabana.
Igrejinha (caes da) na praça de S. Christovão.
Igrejinha (praça) na Copacabana.
Igrejinha (rua da) princ. na praça de S. Christovão e fin. na praça Marechal Deodoro.
Iguassú (rua) na Freguezia de Inhauma.

Immaculada Conceição (praça da) no Engenho Novo.

Immaculada Conceição (rua da). Veja Minas rua.

Imperador (rua do) em S. Christovão. Veja Pedro Ivo rua.

Imperatriz (cáes da) na praça Municipal.

Imperatriz (largo da) na Saude.

Imperatriz (rua da), Veja Camerino rua.

Imperatriz Leopoldina (rua da) perto da capella de Nossa Senhora de Copacabana.

Imperial (rua) no Meyer.

Imperial (travessa) no Meyer.

Imperial do Principe (rua) em S. Christovão.

Imperial Quinta (rua da) em S. Christovão.

Imperio (becco do). Veja Theotonio Regadas rua.

Imperio (travessa do). Veja Alegria becco da.

Indiana (rua) princ. na rua Senador Octaviano e fin. no morro.

Industria (rua da) princ. na rua Abilio e fin. na do Progresso. Veja Amazonas rua.

Industrial (rua). Veja Géneral Delgado de Carvalho rua.

Inglez (caminho do) nas Larangeiras.

Inglez (morro do) sobe-se pela rua no Cosme Velho.

Inhanga (rua) na Copacabana.

Instituto Kneipp (rua) no morro de Santa Thereza.

Invalidos (rua dos) na Freg. de Santo Antonio. Veja Dr. Menezes Vieira rua.

Ipanema (rua) na Copacabana.

Iracema (rua) em Catumby Grande.

Irineu (travessa) no morro de Santa Thereza.

Irineu Silva (rua) na Villa Ipanema, em Copacabana.

Isolina (rua) no Meyer.

Itacurussá (rua) proxima do Conde de Bomfim.

Itamby (rua de) princ. na rua da Piedade e fin. na rua Farani em Botafogo.

Itanhanga (rua) em Paquetá.

Itapemerim (rua de) princ. na praia da Saudade em Botafogo e fin. na rua da Passagem.

Itapirú (rua) princ. na rua de Catumby e fin. na da Estrella.

Itapuaty (rua) em Cascadura.

Itororó (rua do) no fim da rua do Mattoso.

Itororó (rua do) em Copacabana.

Isabel (rua) em Catumby. Veja Alagôas rua.

## J

Jacaré (rua do). Veja Conselheiro Magalhães Castro.

Jacques (rua) princ. na rua Goyaz e fin. na do Torres Sobrinho.

Jansen Muller (rua) no Sampaio.

Januaria (travessa) princ. na rua do Barão de Icarahy e fin. na rua Umbellina.

Jannuzzi (rua) princ. na praia de S. Christovão e fin. na rua Mourão do Valle.

Jardim Botanico (rua do) princ. no fim da rua Humaytá e fin. no largo Tres Vendas.

Jequitinhonha (morro) no Rio Comprido.

Jequitinhonha (rua) princ. na rua da Estrella e fin. na Doutor Costa Ferraz.

Joanna (travessa da) na rua do General Canabarro, fin. na de S. Francisco Xavier.

Joanna Corrêa (rua do) no Engenho Novo.

João Affonso (travessa) na rua de Humaytá.

João Alvares (rua de) princ. na rua da Harmonia e fin. na do Cunha Barbosa.

João Baptista (ruā de) no Engenho Novo.

João Baptista (largo de) existente na rua de Thophilo Ottoni.

João de Barros (rua) no Engenho Novo.

João Caetano (rua de) princ. na rua do Visconde de Sapucahy e fin. na rua do Senador Euzebio.

João Cardoso (rua de) na praia Formosa.

João de Gatinhas (ladeira do) segue até ao morro do Valongo.

João Homem (ladeira de) princ. no largo da Prainha e vai ter ao morro da Conceição.

João Ignacio (becco de) princ. na rua de S. Francisco da Prainha, fin. na travessa de Matto Grosso.

João José (becco de) princ. no Adro de S. Francisco da Prainha e fin. no becco de João Ignacio.

João de Mattos (travessa) em Cascadura.

João Moraes (rua de) Engenho de Dentro.

João Pereira (rua de). Veja Dr. Pessoa de Barros rua do.

João Pereira Nunes (rua de) no Andarahy Grande.

João Rodrigues (rua) em São Francisco Xavier.

João Ventura (rua de) princ. na rua de Catumby e fin. na de D. Carolina Reydner.

Joaquim Freire (rua) em Todos os Santos.
Joaquim Meyer (rua) no Meyer.
Joaquim Soares (rua) na Piedade.
Jockey-Club (rua) princ. no largo de Bemfica e fin. na estação de San Francisco Xavier.
Jogo de Bola (rua do) no morro da Conceição.
Jorge Rudge (rua de) em Villa Isabel.
José de Alencar (rua de) no morro de Paula Mattos.
José de Alencar (praça) no fim da rua do Cattete.
José Anchieta (rua da) na Copacabana.
José Bernardino (rua de) em Catumby.
José Bonifacio (rua) na Copacabana.
José Bonifacio (rua) em Todos os Santos.
José Bonifacio (travessa) em Todos os Santos.
José Clemente (rua de) princ. na praia de S. Christovão e fin. na rua Bella de S. João.
José Domingues (rua) no Encantado.
José Eugenio (rua) em S. Christovão.
José Frolick (rua) na rua Coronel Figueira de Mello em S. Christovão.
José de Magalhães (rua de) em Villa Isabel.
José de Oliveira (rua) em Cascadura.
José do Patrocinio (rua). Veja Livramento rua do.
José dos Reis (rua de) princ. no Engenho de Dentro e fin. na estrada de Santa Cruz.
José Vicente de Faria (rua) princ. na Barão de Mesquita e fin. na rua Theodoro da Silva.
Julio Cesar (rua) antiga rua do Carmo, princ. na rua de S. José e fin. na do Ouvidor.
Junqueira (rua do) Campo Grande.
Junquilhos (rua dos) em Santa Thereza.
Justino (rua) na Freg. do Engenho Novo.

## L

Lagôa (estrada da). Veja Jardim Botanico, rua do.
Lagôa (travessa da) começa na rua Carlota, em Botafogo.
Lagôa Rodrigo de Freitas, existente no fim da rua de Humaytá.
Lagoinha (caminho da) princ. no fim da rua do Aqueducto.
Lapa (becco da) princ. na rua do Ouvidor e fin. na rua do Rosario.
Lapa (Praia da) tambem chamada rua do Cáes Novo da Gloria.
Larangeiras (rua das) princ. na praça Duque de Caixas e fin. no Cosme Velho.
Larga de S. Joaquim (rua). Veja Marechal Floriano Peixoto rua.
Laura (rua) no fim da rua dos Coqueiros em Catumby.
Laura de Araujo (rua) na Cidade Nova.
Laurinho Rabello (rua de) princ. na rua do Visconde do Rio Branco e fin. na do Riachuelo.
Lazaros (praça dos) no fim. da rua de S. Christovão.
Lazaros (praia dos) em S. Christovão.
Leal (travessa) em Todos os Santos.
Leandro (becco do) em Botafogo, na rua Real Grandeza.
Leandro (travessa do) princ. na rua a União e fin. na praia do Sacco do Alferes.
Leandro Pinto (rua do) Engenho de Dentro.
Leão (rua do) princ. na rua das Larangeiras e fin. na de Leite Leal.
Leblon (caminho) princ. no largo da Memoria e fin. no campo do mesmo nome.
Leite (rua) princ. na rua Doutor Aristides Lobo e fin. no morro.
Leite Leal (rua) princ. na rua das Larangeiras e fin. no morro.
Leme (ladeira do) no fim da rua da Passagem.
Lemgruber (rua) na Tijuca.
Leões (largo dos) fin. no princ. da rua Humaytá.
Leonina (rua). Veja Barão de Sertorio, rua.
Leopoldina (rua) na praça Tiradentes.
Leopoldina (rua) em Todos os Santos.
Leopoldina (rua) na Piedade.
Leopoldina (rua) na rua Barão de Mesquita, no Andarahy Grande.
Liberal (becco do) em S. Christovão.
Liberdade (becco da). Freg. de S. Christovão.
Lima Barros (rua do) princ. na rua do Bomfim e fin. na rua Bella de S. João.
Lina (rua) princ. na Pedreira do Vintem.
Lino Teixeira (rua) na estação de Riachuelo.
Lins de Vasconcellos (rua) princ. na rua Vinte Quatro de Maio e fin. na subida da Serra.
Livramento (ladeira do) princ. na praca Municipal e vai ter ao morro do Livramento.
Livramento (morro do) á esquerda da rua da Saude.

Livramento (rua do) princ. na rua da Saude.

Livramento (rua do) princ. na rua Etelvina e fin. na do José Bonifacio.

Lomas Valentinas (rua) na Copacabana.

Lopes (travessa do) na rua do Visconde Sapucahy.

Lopes da Cruz (rua) no Engenho de Dentro.

Lopes Ferraz (rua) no morro da Caixa d'Agua em frente ao Barro Vermelho.

Lopes Quintas (rua do), antiga do Antonio Monteiro, no Jardim Botanico.

Lopes Silva (rua) princ. na rua Alegria e fin. na rua de Dona Clara.

Lopes de Souza (rua) princ. na rua de S. Christovão e fin. na rua Francisco Eugenio.

Lourenço Tavares (rua) Cascadura.

Lucidio Lago (rua do) princ. na rua Doutor Archias Cordeiro e fin. na praça da Gloria, Freg. do Engenho Novo.

Luiz (avenida), no Copertino Freg. de Inhauma.

Luiz Barbosa (rua) em Villa Izabel.

Luiz de Camões (rua de) princ. no largo de S. Francisco Paula e fin. na rua Tobias Barreto.

Luiz Carneiro (rua de) no Campo do Padilha Engenho de Dentro.

Luiz Gama (rua) princ. na praça Tiradentes e fin. na do Senado.

Luiz Soares (rua) no Sampaio.

Luiz Vargas (rua) em Cascadura.

Luiz de Vasconcellos (rua de) princ. na rua do Passeio e fin. na praia.

Luz (rua e travessa) princ. na rua do barão de Itapagipe, no Rio Comprido.

## M

Macaco (caminho do) no Jardim Botanico.

Macaco (rua do) princ. na rua de S. Francisco Xavier e fin. em Villa Isabel.

Macena (ilha do) pertence á Freg. de S. Christovão.

Machadinho (avenida) é situada no fin. da rua Guanabara.

Machado (largo do) no Cattete.

Machado Coelho (rua) princ. na rua Visconde de Itauna e fin. na de Estacio de Sá.

Machado Corrêa (avenida) é situada na rua Felipe Camarão.

Maciel (rua do) princ. no Engenho Novo.

Madre de Deus (ladeira da) no sopé do morro de Livramento.

Madre de Deus (rua da) na estação do Engenho Novo.

Magalhães (avenida), é situada na rua Haddock Lobo Freg. do Engenho Velho.

Magalhães Castro (rua) na estação do Riachuelo.

Magalhães Couto (rua) Freg. do Engenho Novo.

Magdalena (rua) princ. na rua José Bonifacio e fin. na rua das Saudades, Freg. do Engenho Novo.

Mai do Bispo (largo da), está comprehendido na Avenida Central.

Maia (travessa do) no fim da rua da Ajuda.

Maia (travessa) no Meyer.

Maia Lacerda (rua) no Copacabana.

Major Avila (rua do) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na rua Visconde de Itamaraty.

Major Fonseca (rua do) princ. na praça Visconde do Rio Branco e fin. na rua das Tres Bicas.

Major Freitas (rua) no moro de Santos Rodrigues.

Major Mascarenhas (rua do) princ. na rua José Bonifacio e fin. na das Saudades.

Major Pinto Sayão (rua do) no morro Livramento.

Major Susckw (rua do) na rua Jockey-Club e fin. na rua do Dr. Garnier.

Malvina (rua) em S. Francisco Xavier.

Malvino Reis (praça) na Copacabana.

Malvino Reis (rua) princ. na rua Haddock Lobo e fin. na praça do Rio Comprido.

Mangueira (rua da) no Retiro das Paraguyas, no Jacaré.

Mangueira (travessa da) princ. na rua Nova do Livramento e fin. atravessando a rua da Harmonia, na ladeira da Saude.

Mangueiras (avenida) é situada na rua Itapirú n. 111.

Mangueiras (becco das) em São Christovão.

Mangueiras (rua das) na rua dos Arcos.

Manoel Alves (rua) princ. na rua da Gloria e fin. na rua Oito de Setembro.

Manoel de Carvalho (becco de) princ. na rua da Ajuda e fin. na rua da Guarda-Velha.

Manoel Matheus (rua) no Meyer princ. na rua Dona Cecilia Nunes e fin. na rua Lopes da Cruz.

Manoel de Paiva (rua do) no Botafogo.

Manoel Victorino (rua) em Inhaúma.

Manuela Barbosa (rua) princ. na rua Doutor Dias da Cruz e fin. na rua Medina.

Manuelita (avenida) nos terrenos da Fabrica de Tecidos Cruzeiro.

Maranhão (rua) princ. na Aquidaban e fin. na rua Doutor Dias da Cruz.

Marcilio Dias (rua do) princ. na rua Visconde da Gavea e fin. na rua Doutor João Ricardo.

Marechal Carlos Bittencourt (rua) princ. na praça Quinze de Novembro.

Marechal Deodoro (rua) em Copacabana.

Marechal Deodoro da Fonseca, acha-se entre a praia de S. Christovão e o principio da rua de S. Luiz Gonzaga.

Marechal Floriano (praia), em Paquetá.

Marechal Floriano (praça) em Copacabana.

Marechal Floriano Peixoto (rua) outr'ora denominava-se rua Estrella de S. Joaquim desde a rua Uruguayana até a esquina da de Camerino.

Marechal Machado Bittencourt (rua) princ. na Cancella da estação do Riachuelo.

Marechal Niemeyer (rua) princ. na rua General Polydoro em frente ao cemiterio de S. João Baptista da Lagoa.

Marechal Rangel (estrada) princ. em Cascadura e fin. no Campinho.

Maria Adelaide (rua de) em Catumby.

Maria Amalia (rua) princ. na rua Uruguay e fin. no morro da Cruz.

Maria do Amaral (rua de) princ. na rua Machado Coelho e fin. na rua Nova do Alcantara.

Maria Angelica (rua) princ. na rua do Jardim Botanico e fin. no aterro da lagôa Rodrigo de Freitas.

Maria Antonia (rua). Veja Dona Maria Antonia rua.

Maria Augusta (travessa) no interior da Villa Ruy Barbosa, á rua dos Invalidos.

Maria Emilia (rua) em Botafogo.

Maria Eugenia (rua) proximo á rua Humaytá.

Maria Flora (rua) em Inhaúma.

Maria José (rua de) segunda rua que princ. na Estacio de Sá e fin. na rua Haddock Lobo.

Maria Vargas (rua) em Cascadura.

Mariano (rua) no fim da rua da Passagem.

Mariano Procopio (rua do) no morro do Pinto

Marieta (rua) princ. na rua Firmo de Moura e fin. na rua Dona Anna.

Marieta (rua) princ. na rua do Riachuelo.

Marieta (travessa) em Catumby.

Marillia de Dirceu (travessa) em Cachamby.

Marinhas (cáes de) na praça das Marinhas.

Marinhas (praça das) entre a praça Quinze de Novembro e Alfandega.

Marinho (rua) na Copacabana.

Marinho (rua) no Meyer.

Mario (rua) princ. na rua do Riachuelo e fin. na do Progresso em Paula Mattos.

Mariz e Barros (rua de) princ. no mangue do antigo Matadouro e fin. na rua S. Francisco Xavier.

Marques (rua) princ. no largo dos Leões e fin. na rua dos Voluntarios da Patria.

Marques (rua do) princ. na rua da Assumpção e fin. na rua Bambina.

Marques de Carvalho (travessa) na rua de Santa Luzia.

Marques de Castro (rua do) em Santa Thereza.

Marques de Leão (rua do) proxima á estação do Engenho Novo.

Marquez de Abrantes (rua) princ. na praça de José de Alencar.

Marquez do Herval (praça do) em Todos os Santos.

Marquez de Olinda (rua do) princ. na praia do Botafogo.

Marquez do Paraná (travessa ou villa) vai da rua Marquez de Abrantes a rua Senador Vergueiro.

Marquez do Pombal (rua do) princ. na rua General Pedra e fin. na de S. Leopoldo.

Marquez de S. Vicente (travessa) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. em Villa Izabel.

Marqueza de Lages (rua da) á direita da rua Haddock Lobo.

Marqueza de Santos (rua) na rua Carvalho de Sá, no Cattete.

Marrecas (rua) em frente ao portão do Passeio Publico.

Marte (campo de) entre a rua Visconde Itauna e a Caixa d'Agua do Estacio de Sá.

Marte (praça) no antigo campo do Realengo.

Martha (rua) nas Larangeiras.

Martim Affonso (largo de) na Copacabana.

Martim Affonso (rua) na Copacabana.

Martinho (rua) no Mundo Novo, nas Larangeiras.

Martins Ferreira (rua do) em Botafogo.

Martins Lage (rua do) princ. na praça do Engenho Novo.

Martins Pinheiro (becco de) no Cattete.

Martins Ribeiro (rua) começa no Cattete.

Martins dos Santos (rua do) aberta no largo denominado Jacaré.

Martins Vianna (avenida) é situada na rua Jorge Rudge junto ao predio n. 15.

Maruhy (rua do) em S. Christovão.

Matacavallos (rua de) na Freg. de Santo Antonio.

Mataporcos (rua de) na Freg. do Espirito Santo.

Mataporcos (largo de) na Freg. do Espirito Santo.

Mataporcos (travessa de) na Freg. do Espirito Santo.

Matheus (rua) no Meyer.

Matriz (rua) princ. no largo da Matriz e fin. na estrada de Ferro.

Matriz (largo) pequena praça em frente á Igreja de N. Sra. da Conceição do Engenho Novo.

Matriz da Lagôa (rua da) princ. na rua de S. Clemente e fin. na dos Voluntarios da Patria.

Matta Machado (villa) é situada no começo da estrada Nova e Velha da Tijuca.

Matto (becco do) Freg. do Engenho Novo.

Matto Grosso (rua do) princ. no fim da rua do Escorrega e fin. na do Jogo da Bola.

Matto Grosso (travessa do) princ. na rua de Matto Grosso, no morro da Conceição.

Matto Grosso (rua) no morro da Quinta da Boa Vista.

Mattosinhos (rua do) na Freg. do Espirito Santo.

Mattoso (travessa do) na rua do mesmo nome.

Mattoso (rua do) princ. na rua Barão de Itapagipe e fin. na de Mariz e Barros.

Mauá (travessa do) princ. na rua de Monte Alegre, em Santa Thereza.

Mauá (rua) no Meyer.

Maxwel (rua) na Aldêa Campista em Villa Izabel.

Maxwell (villa) Freg. de N. Sra de Lourdes.

Mayrink (rua) no Rocha.

Medina (rua) em Todos os Santos.

Medina (villa) é situada na rua de S. Christovão n. 241.

Meira (rua) na Piedade.

Meirelles (ladeira do) princ. na rua do Aqueducto, no morro de Santa Thereza.

Mello e Souza (rua) á praia, nos fundos do quartel do Cortume entre Lazaros e o Rio Joanna.

Melões (ilha dos) em frente á praia Formosa.

Memoria (largo da) no fim da rua do Sapé.

Mendes (rua) no Cupertino.

Mendonça (ladeira do) princ. na praia do Sacco do Alferes.

Mercado (rua do) princ. na praça Quinze de Novembro.

Mercado (praça do) entre a praça das Marinhas e rua do Mercado.

Mercado da Gloria (praça do) entre as praças existentes no bairro da Gloria onde se acham as estatuas de Pedro Alvares Cabral e o Visconde do Rio Branco.

Mesquita (avenida) na rua Ipiranga entre o n. 3 4.

Miguel Angelo (rua do) na estrada geral de Santa Cruz.

Miguel Cervantes (rua) princ. na rua Ferreira de Andrade e fin. na rua Guttemberg.

Miguel Dantas (avenida) é situada na rua Visconde de Itauna n. 94.

Miguel Fernandes (rua) princ. na praça da Gloria.

Miguel de Frias (becco ou travessa) princ. na rua Miguel de Frias entre os numeros 26 e 28.

Miguel de Frias (rua do) princ. no fim da rua Visconde de Itauna.

Miguel de Paiva (rua) em São Christovão.

Miguel de Paiva (rua do) princ. na rua dos Coqueiros.

Miguel Rangel (rua) Cascadura.

Minas (rua) princ. no largo da Matriz do Engenho Novo.

Mineira (rua) princ. na rua do Parque e fin. na Caixa d'Agua de S. Christovão.

Mineiros (caes dos) na praia dos Mineiros.

Mineiros (praia dos) entre a Guarda-Moria da Alfandega e o Arsenal de Marinha.

Miranda Evora (travessa) princ. na rua Santo Christo dos Milagres.

Mirante (morro do) á esquerda da rua Haddock Lobo.

Misericordia (ladeira da) a que pelo largo deste nome vai ter ao Castello.

Misericordia (largo da) no fim da rua do mesmo nome.

Misericordia (rua da) princ. na praça 15 de Novembro e fin. no largo da Misericordia.

Moças (ilha das) em frente á praia do Sacco do Alferes.

Moema (rua) nos fundos da Escola Preparatoria e Tactica no Realengo.

Moncorvo (rua do) no morro do Pinto.

Monte (rua do) princ. na ladeira do Livramento e fin. na travessa do Moreira.

Monte Alegre (rua do) princ. na rua do Riachuelo.

Mont'Alverne (rua do) no morro do Pinto.

Monte Caseros (rua do) princ. na forte do Leme em Copacabana na Freg. da Lagôa.

Montenegro (rua) Copacabana.

Monte Serrat (morro) é a continuação do morro do Nheco.

Moraes (avenida) princ. na rua Dr. Dias da Cruz e fin. na rua Medina.

Moreira (rua) princ. na Estrada de Santa Cruz e fin. na Serra.

Moreira (travessa do) princ. na rua Nova do Livramento 1. A ladeira.

Moreira (rua) princ. na rua General Bellegarde.

Morro (caminho do) princ. na rua Dr. Aristides Lobo e fin. no morro de Santa Thereza.

Morro Barro Vermelho, assim chamado o terreno onde se acha a Caixa d'Agua em S. Christovão.

Morro da Graça (caminho particular) tem entrada pela rua Guanabará no n. 12.

Morro do Rio Comprido (rua do) ao pé do largo da Estrella, no largo do Rio Comprido.

Morro de S. Diego (rua do) no principio da rua Visconde de Sapucahy.

Morro do Vintem (rua do) princ. na rua Marques Leão e finalisa na rua Goyaz.

Morundó (rua do) em S. Christovão.

Mosqueira (travessa do) antigo becco, princ. na rua Visconde de Maranguape e fin. na do Dr. Joaquim Silva.

Motta (becco do) á esquerda da rua Mattoso.

Moura (becco do) princ. no largo da Batalha.

Moura (largo do) no fim da praia, hoje Cáes del Vecchio.

Mouro (rua do) em Todos os Santos.

Moura (rua) na Piedade.

Moura Brazil nas Larangeiras.

Moura Brito (rua) princ. na rua Conde de Bomfim.

Mourão Valle (rua) em S. Christovão.

Moutinho (rua do) nas Larangeiras.

Mundo Novo (morro do) á esquerda da rua das Larangeiras.

Mundo Novo (rua) princ. na rua Marquez de Olinda e fin. no morro.

Municipal (praça) na rua da Saude.

Municipal (rua) princ. na rua de S. Bento e fin. no largo de Santa Rita.

Muriquipary (rua) na Piedade.

Musica (becco da) princ. no largo do Moura.

## N

Narciso (travessa) em Santa Thereza no França.

Nascimento Silva (rua) na villa Ipanema.

Natalina (rua) no Andarahy-Pequeno.

Natividade (travessa da) princ. na rua D. Manoel e fin. na rua da Misericordia.

Navarro (rua do) nos terrenos dos Navarros, em Catumby.

Navarro (travessa do) em Catumby.

Nazareth (rua) princ. na rua Dr. Lins Vasconcellos.

Nazario (rua) princ. na rua de S. Felippe em S. Francisco Xavier.

Nery Ferreira (rua) princ. na rua Ypiranga.

Nery Pinheiro (rua) no Estacio de Sá.

Nery Teixeira (rua) no Andarahy-Grande.

Neves (morro das) junto ao de Paula Mattos e deste a Catumby.

Neves (rua das) no morro das Neves.

Neves (largo das) no alto do morro das Neves.

Neves (travessa das) em Paula Mattos.

Nhéco (morro do) Freg. de Santo Christo dos Milagres.

Nicoláo Moreira (rua) antiga de Santos Rodrigues.

Niemeyer (rua) nas Officinas do Engenho de Dentro.

Nobrega (rua do) lugar denominado Bocca do Matto no Engenho Novo.

Noemia (rua) no morro do Barroso.

Nogueira (rua) na estação Dr. Frontin.

Nogueira da Gama (rua) Freg. do Engenho Novo.

Nogueira (avenida) é situada junto á rua Guarany em Inhauma.

Nora (rua) princ. na rua de S. Luiz Gonzaga e fin. no morro do Retiro da America.

Nossa Senhora da Conceição (largo de) no fim da estrada do Jardim Botanico.

Nossa Senhora da Copacabana (rua) princ. na rua da Igrejinha de Copacabana e fin. na rua Padre Antonio Veira, no Leme.

Nossa Senhora das Dôres (rua de) no Andarahy Grande.

Nossa Senhora das Dôres (rua de) princ. em frente á estação de Todos os Santos.

Nossa Senhora das Neves (avenida) na rua do Cunha em Catumby.

Nossa Senhora da Piedade (rua de) princ. na rua Marquez de Abrantes.

Nova (rua) antiga rua do Barão Ibituruna.

Nova (rua) princ. na rua Honorio e fin. na Estrada de Santa Cruz.

Nova (rua) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na de José Vicente, na Andarahy Grande.

Nova (rua) na Piedade.

Nova do Alcantara (rua) princ. na rua Machado Coelho e fin. na de Miguel de Frias.

Nova da Alfandega (rua) na praça da Acclamação, ao lado da Casa da Moeda.

Nova no Andarahy Grande (rua) em Villa Izabel.

Nova de Cachamby (rua) no Meyer.

Nova Cintra (morro da) antigo morro da Pedreira da Candalaria.
Nova do Conde (rua) na Cidade Nova.
Nova das Flôres (travessa) em S. Christovão.
Nova da Guanabara (rua) princ. na rua Guanabara e fin. no morro do Fogueteiro.
Nova Herculano (rua) em Santa Thereza.
Nova do Imperador (rua) no Engenho Velho.
Nova das Larangeiras (rua) no Cattete.
Nova do Livramento (rua) na Saude.
Nova do Lopes (rua) em Todos os Santos.
Nova de Maruhy (rua) princ. na praia de S. Christovão.
Nova do Ouvidor (rua ou travessa).
Nova do Principe (rua) na Freg. de Sant'Anna.
Nova do Rio Comprido (rua) princ. no largo onde existem dous grandes chalets.
Nova do Sabão (rua) na Cidade Nova.
Nova de Santa Thereza (rua) princ. no fim da rua do Pinto no morro do Nhéco, e não tem sahida.
Nova de Santos Rodrigues (rua) na Freg. do Espirito Santo.
Nova de S. Bento (rua) na Freg. de Santa Rita.
Nova de S. Francisco da Prainha (rua).
Nova de S. João (rua) em frente ao Hospital dos Lazaros.
Nova de S. Joaquim (rua) na Freg. da Lagoa.
Nova de S. Leopoldo (rua) princ. na rua de Machado Coelho e fin. na travessa do Guedes.
Nova de S. Pedro (rua) na Cidade Nova.
Nova de Sorocaba (rua) prolongamento da rua Sorocabana Freg. da Lagoa.
Nove de Fevereiro (rua) princ. na rua Toneleiros e fin. na praia de Copacabana.
Nove de Março (praça) na estação dos Bonds de Villa Izabel.
Novo de Botafogo (caminho) em Botafogo.
Nuncio (rua do) Freg. do Sacramento.
Nunes Machado (rua) Freg. da Gloria.

## O

Occidental (rua) princ. na travessa do Navarro, em Catumby.
Octavio Silva (rua) na Villa Ipanema.
Odorico Mendes (rua) na Fabrica de Chitas, Freg. do Engenho Velho.
Oito de Setembro (rua) princ. na rua Christovão Colombo e fin. na rua Manoel Alves.
Oito de Dezembro (rua) princ. na estação da Mangueira e fin. além da rua Jorge Rudge.
Oitava (rua) na Quinta da Boa Vista.
Olaria (travessa) princ. na rua das Mangueiras e fin. na travessa do Pinheiro.
Olaria (travessa) na estação do Meyer.
Olinda (rua) no Engenho Novo.
Olinda (rua) em Botafogo.
Oliveira (rua) no Jardim Botanico.
Oliveira (travessa da) em frente á da rua dos Andradas e fin. na da Conceição.
Oliveira (travessa da) em frente á travessa do Bom Jardim.
Oliveira (rua) do Cupertino.
Oliveira (travessa) em Botafogo.
Oliveira Andrade (rua) em Cascadura.
Oliveira Fausto (rua) na Villa Guarany.
Oliveira Fausto (rua do) em Izabelopis, em Botafogo.
Oliveira Rosario (rua) em Santa Thereza.
Oliveira Silva (rua) no Andarahy Pequeno.
Olympio Imperial em S. Christovão.
Onze de Maio (travessa) na rua Visconde de Sapucahy.
Onze de Junho (praça) Freg. de Sant'Anna.
Orestes (rua) princ. na rua Sara e fin. na rua Attilia.
Oriente (rua do), na praia do Sacco do Alferes.
Oriente (rua do) em Paula Mattos.
Ortigão (rua) Freg. de Engenho Novo.
Oscar (rua) na estação Doutor Frontin.
Otto Simon (rua) princ. na rua Toneleros, na Copacabana.
Ourives (rua dos) princ. na rua S. José e fin. na ladeira da Conceição.
Ouro (rua do) em S. Francisco Xavier.
Outeiro (rua do), no Andarahy Grande.
Ouvidor (rua do). Veja Coronel Moreira Cesar rua.
Ouvidor (travessa do).

## P

Paço (caes do). Veja Pharoux caes.
Paço (largo do). Veja 15 de Novembro praça.
Paço (travessa do) princ. no largo

da Assemblea e fin. na rua do Cotovello.

Padilha (rua). Veja Doutor Padilha rua.

Padre (travessa do) Freg. do Engenho Velho.

Padre Antonio Vieira (rua) princ. na rua N. Sra de Copacabana e fin. na praia da Copacabana.

Padre Januario (rua) princ. na estrada de Santa Cruz e fin. nos Pilares.

Padre José Mauricio (rua) princ. na rua Visconde do Rio Branco e fin. na rua Marechal Floriano Peixoto.

Padre Lapa (rua) no Copertino.

Padre Miguelino (rua) antiga da Floresta, ultima rua á esquerda de Catumby.

Pacheco (villa) é situada na rua Paysandú entre os nos. 51 e 51 B.

Paim Pamplona (rua do) princ. na rua do Engenho Novo, no Sampaio.

Paineiras (caminho das) no morro de Santa Thereza.

Paineiras, na subida do Corcovado.

Paiva (rua) no Copertino.

Palmas (travessa das) princ. na rua de S. Christovão, antes do antigo Matadouro.

Palmeiras (praia das) ao lado da praia de S. Christovão desde a rua Pedro Ivo até á Igreja Matriz.

Palmeiras (rua das) princ. na rua de S. Clemente, em Botafogo.

Papa-Couvé (rua do) em Cascadura.

Pará (rua do) em Botafogo.

Paraguasú (rua) nos fundos do Arsenal de Guerra.

Parahyba (travessa) princ. na rua Mariz e Barros e fin. na rua Piauhy.

Paraiso (rua) no morro de Paula Mattos.

Paraná (rua de) no Encantado.

Paraná (travessa) na Piedade.

Paraná (rua) princ. no portão da Quinta da Boa Vista e vai fin. dentro della.

Paranaguá (rua do) na Freg. da Gloria.

Parque (rua do) no Barro Vermelho.

Parque Imperial (rua do) no Engenho Velho.

Partilhas (travessa das) princ. na rua Senador Pompeu e fin. no morro do Barroso.

Pasmado (largo do) o pequeno largo que existe na rua da Passagem em frente ao morro do Pasmado.

Passagem (rua da) princ. na praia de Botafogo e fin. na esquina da do Barão do Rio Bonito.

Passeio (rua do) princ. no largo da Ajuda.

Passeio Publico na rua do mesmo nome, desde o largo da Ajuda hoje praça Ferreira Vianna na Avenida Central até ao da Lapa.

Passos (avenida). Veja Avenida Passos.

Passo Manoel (rua do) na rua das Larangeiras.

Patriota (becco do) princ. na rua Matto Grosso.

Patrocinio (rua do) no Andarahy Grande.

Patrocinio (travessa do) no Andarahy Grande.

Pau (rua do) princ. na rua Leblon e fin. na praia do Pinto.

Pau Ferro (rua do) princ. na praia de S. Christovão.

Paula Brito (rua de) princ. na rua Barão de Mesquita e fin. na Serra do Andarahy.

Paula Candido (ladeira do) no caes novo da Gloria.

Paula Freitas (rua) princ. na rua dos Toneleros e fin. na praia de Copacabana.

Paula Mattos (morro do) o que existe ao lado esquerdo e no fim da rua do Riachuelo.

Paula Mattos (rua de) no morro do mesmo nome.

Paula Ramos (rua de) princ. na rua Santa Alexandrina.

Paula e Silva (rua de) em S. Christovão.

Paulina (rua) na Praia Formosa.

Paulino Fernandes (rua) princ. na dos Voluntarios da Patria e fin. na do General Polydoro.

Paulino Marques (rua) na Freg. da Lagôa.

Paulo Bulhões (rua) no fim da rua do Mattoso.

Paysandú (rua do) Freg. da Gloria.

Paz (rua da) no Rio Comprido.

Paz (travessa) princ. na rua da Estrella e fin. na rua da Paz.

Peçanha (rua) no Engenho de Dentro.

Pedra da Babylonia (morro da) em Villa Izabel.

Pedra do Bahiano (rua da) princ. na praia do Pinto.

Pedra do Sal (rua da) princ. na rua da Saude e fin. na rua do Jogo da Bola, no morro da Conceição.

Pedregaes (travessa do) princ. na rua do Visconde de Sapucahy e fin. na rua do Presidente Barroso.

Pedregulho (largo do), hoje Capitão Salomão, Freg. de S. Christovão.

Pedregulho (morro do) princ. na rua de S. Januario, Freg. de S. Christovão.

Pedregulho (rua do). Veja Capitão Salomão rua.

Pedreira (rua da), no Copertino Freg. do Engenho Novo.

Pedreira (travessa do) na Freg. de Santa Rita.

Pedreira de Botafogo (rua da) princ. no fim da praia de Botafogo.

Pedreira da Candelaria (morro da) no Cattete.
Pedreira da Candelaria (rua) no Cattete.
Pedreira da Gloria (rua da) no Cattete.
Pedreira Imperial (rua da) na Quinta da Boa Vista.
Pedreira do Machadinho (rua da) fica na rua Guanabara nas Larangeiras.
Pedro Alvares Cabral (praça) trecho da praça da Gloria, em cujo meio acha-se a estatua do glorioso navegador portuguez.
Pedro Alvares Cabral (rua de) no Engenho Novo.
Pedro Antonio (travessa do) fin. na rua do Jogo da Bola.
Pedro Ivo (rua), princ. na praia das Palmeiras e fin. no portão da Quinta.
Pedro Segundo (rua) no Engenho Novo.
Pedro Silva (rua) na villa Ipanema.
Peixe (Praia do) na Freg. da Candelaria.
Pelotas (rua) princ. na rua Araujo Leitão e fin. na de Dona Romana, no Cabuçú, Freg. do Engenho Novo.
Penha (praça da) lugar ameno e aprazivel na freguezia de Irajá, planicie que circumda a pittoresca collina da Penha.
Pepe (travessa) em Botafogo.
Pequena (praia) principia na 2.a ponte da Estrada de Santa Cruz e fin. na Estrada da Penha, Estação da E. de F. do Rio de Ouro.
Pereira de Aguiar (travessa do) no morro do Pinto.
Pereira de Almeida (rua do) princ. na rua do Cabido e fin. na do Barão de Ubá.
Pereira Franco (rua) na Freg. do Espirito Santo.
Pereira Lopes (rua) em S. Christovão.
Pereira Nunes (rua do) Andarahy Grande.
Pereira de Siqueira (rua) princ. no morro da Babylonia.
Pereira Terra (rua) princ. na rua Dous de Maio.
Pernambuco (rua) no Engenho de Dentro.
Perseverança (rua) em Riachuelo.
Pescador (travessa do) em Paquetá.
Petrocochino (rua) em Villa Izabel.
Petropolis (rua) princ. no fim da rua de Monte Alegre e fin. na do Aqueducto, no morro de Santa Thereza.
Pharoux (caes do) entre a praça das Marinhas e a ponte das Barcas Ferry.
Piauhy (rua) em S. Christovão.
Piauhy (rua) Freg. do Engenho Novo.
Piedade (rua) na rua Marquez de Abrantes, na Freg. da Gloria.
Piedade (rua) no Encantado.
Pilar (rua do) princ. na rua Dona Feliciana no Andarahy Pequeno.
Pilares (rua dos) entre Todos os Santos e Cascadura.
Pindahis (ilha do) pertence á Freg. de Inhauma.
Pinheiro (ilha do) pertence á Freg. de Inhauma.
Pinheiro (becco do) princ. na rua de Christovão Colombo e fin. na do Pinheiro.
Pinheiro (ladeira do) em Catumby.
Pinheiro (rua do) principia na praia do Flamengo e fin. na rua do Cattete.
Pinheiro (rua do) em Riachuelo.
Pinheiro (rua do) princ. na rua das Mangueiras e fin. na rua Martins Santos.
Pinheiro (travessa do) no morro do Pinto.
Pinheiro Guimarães (rua de) em Botafogo.
Pinto (morro do) é a continuação do morro do Nhéco.
Pinto (praia do) Freg. da Gavea.
Pinto (rua do) princ. na rua da America.
Pinto (travessa) na Estação do Encantado.
Pinto de Azevedo (rua) principia na rua Visconde de Itauna.
Pinto de Figueiredo (rua) fin. no antigo Hospital Militar.
Pinto Guedes (rua) no Andarahy Pequeno.
Pinto Sayao (ladeira) na rua do Major Pinto Sayao.
Pirahy (travessa) na rua Santo Christo dos Milagres.
Pirassinunga (rua do) na Fabrica das Chitas.
Pombas (ilha das) antigo deposito de polvora.
Pombeba (ilha da) pertence á Freguezia de S. Christovão.
Pompilio de Albuquerque (rua) nas Officinas do Engenho de Dentro.
Ponta do Cajú (praia da) em continuação á de S. Christovão.
Porciana (rua) em Isabelopolis, em Botafogo.
Porta d'Agua (estrada) em Jacarépaguá.
Portão do Trem (rua do) fin. no portão do Arsenal de Guerra.
Portão Vermelho (rua do). Veja Conde de Bomfim, rua do.
Porto (rua do) na Cidade Nova.
Porto (travessa do) á direita da rua do Senador Eusebio.
Porto Alegre (avenida de) e passando o Prado Fluminense, terceira rua á esquerda.

Possolo (rua) no Andarahy Grande e passando o antigo Hospital Militar.

Praça da Republica. Veja Acclamação (praça da).

Praia da Copacabana (rua) princ. na praça da Igrejinha e fin. na praça da Vigia no Leme.

Praia Formosa na Freguezia de Sant'Anna.

Praia Grande (rua) é a continuação da rua de Bemfica.

Praia Vermelha (fortaleza da). Pertence á Freguezia da Lagôa.

Prainha (caes da) na Freguezia de Santa Rita. Veja Saude (caes da).

Prainha (largo da) na Saude. Veja Vinte e Oito de Setembro (praça).

Prainha (rua da) princ. na rua Acre, fin. na rua Camerino.

Prazeres (rua dos) no Rio Comprido.

Prazeres (ladeira dos) no Rio Comprido.

Presidente Barroso (rua do) princ. na rua de S. Leopoldo e fin. na rua Senhor Mattosinhos.

Primeira (rua) em S. Christovão.

Primeiro de Março (rua) outr'ora rua Direita, princ. na praça 15 de Novembro e fin. na ladeira de São Bento.

Primo Teixeira (rua) na freguezia de Inhauma.

Princeza dos Cajueiros (rua da) na Freguezia de Sant'Anna.

Princeza do Cattete (rua da). Veja Correa Dutra (rua).

Princeza Imperial (rua da). Veja Tavares Bastos (rua).

Principe dos Cajueiros (rua do) na Freg. de Sant'Anna. Veja Senador Pompeu (rua do).

Principe do Cattete (rua). Veja Commandante Silveira (rua).

Principe do Grão Pará (rua do) no Engenho Velho.

Progresso (rua do) princ. no largo das Neves.

Progresso (rua do) no alto do morro da chacara do Vianna, em São Christovão.

Proletarios (rua dos) na estação do Dr. Frontin.

Propicia (rua) princ. na rua do Souza Barros e fin. no morro do Vintem.

Proposito (becco do) entre as ruas Chile e Treze de Maio.

Proposito (rua do) princ. na rua da Saude e fin. na Gamboa.

Providencia (morro da) o que fica á esquerda da rua deste nome e rua da America.

Providencia (rua da) freguezia do Santo Christo dos Milagres.

Prudente de Moraes (rua) em Dr. Frontin.

Prudente de Moraes (rua) em Copacabana.

## Q

Quarteis (rua) em S. Christovão.

Quarteis (travessa dos). Veja Escobar (rua do).

Quarta (rua) na Quinta da Boa Vista.

Quatro de Dezembro (rua) em Copacabana.

Quatro de Setembro (rua) em Copacabana.

Quebra Bunda (becco do) no morro da Saude.

Quebra Cangalhas (caminho do) princ. na descida da Cachoeira Grande da Tijuca e fin. na Vargem.

Quinta (rua) no interior da Quinta da Boa Vista.

Quinta da Bôa Vista em São Christovão, antiga residencia da ex-familia imperial e onde se acha o Museu Nacional.

Quinta Imperial (rua da) em São Christovão.

Quintão (rua) em Cascadura.

Quintino Bocayuva (largo) é situado em frente á estação do Dr. Frontin.

Quinze de Novembro (praça de) antiga de D. Pedro II, e primitivamente largo do Paço.

Quintanda (rua da) princ. na rua S. José e fin. na de S. Bento.

## R

Rademaker (rua) no Andarahy Pequeno, princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na rua Pinto Guedes.

Raphael Urbini (rua de) no Engenho Novo.

Rato Molhado (rua do) é a que parte do Aqueducto em Santa Thereza e fin. na do Aprazivel.

Real Grandeza (rua da) na freguezia da Lagôa.

Rebouças (rua) na Saude.

Redempção (praça da) fica na rua Camerino.

Redempção (praça da) fica na Freg. de Sant'Anna.

Redempção (rua da) princ. na rua Dr. Archias Cordeiro, freguezia do Engenho-Novo.

Regente (rua do) entre as ruas do Visconde do Rio Branco e Marechal Floriano Peixoto.

Regos Barros (rua). Veja Doutor Rego Barros (rua).

Relação (rua da) princ. na rua do Lavradio e fin. na dos Invalidos.

Republica (rua) na estação do Dr. Frontin.

Restinga (praia da) na barra da Tijuca.

Retiro da America (bairro) á rua S. Luiz Gonzaga e S. Januario.

Retiro da America (rua) princ. ao lado direito da rua S. Luiz Gonzaga.

Retiro da Gratidão entre o Pedregulho e a Quinta da Boa Vista.

Retiro do Guanabara (rua do) princ. na rua do Guanabara e fin. no morro do Mundo Novo.

Retiro Saudoso (rua do) princ. na Ponta Cajú.

Rezende (rua do) princ. na rua do Lavradio.

Riachuelo (rua do) princ. na rua Evaristo da Veiga e fin. na rua Frei Caneca.

Ribeiro (avenida) na rua Frei Caneca.

Ribeiro (avenida) é situada na rua S. Christovão n. 167.

Ribeiro (rua do) nas Larangeiras.

Ribeiro Guimarães (rua do) Andarahy-Grande, Aldêa Campista.

Ricardo Machado (rua) princ. na rua Bella de S. João.

Rio (becco do) princ. na praça da Gloria e fin. na rua Barão de Guaratiba.

Rio Branco (praça) outr'ora largo da Gloria no principio da ladeira do morro da Gloria.

Rio Comprido (morro do) em continuação do de Paula Mattos.

Rio Comprido (praça do) em frente ao Seminario de S. José.

Rio Comprido (rua do) antiga Malvino Reis.

Rio Comprido (travessa do) princ. na rua Haddock Lobo.

Rio Grande (largo) em Jacarépaguá.

Rio Grande do Norte (travessa do) princ. na rua da Redempção, Freguezia do Engenho Novo.

Rio Grande do Sul (rua) junto á Capella de Nossa Senhora de Copacabana.

Rio de Janeiro (rua) no Engenho de Dentro.

Rocha (rua) princ. na rua Dona Anna Nery.

Rocio (largo do). Veja Tiradentes, praça.

Rocio-Pequeno (largo do). Veja Onze de Junho. praça.

Rodolpho Dantas (rua) na Copacabana.

Rodrigo Silva (rua) na Freguezia do Sacramento.

Romana (rua Dona) princ. na rua Barão Bom Retiro.

Rosario (becco do) princ. no largo de S. Francisco de Paula.

Rosario (largo do) ao lado esquerdo da igreja do mesmo nome.

Rosario (rua do) princ. na rua do mercado e fin. na rua da Uruguayana.

Rosario (travessa do) princ. na rua da Uruguayana e fin. no becco do Rosario.

Roso (rua do) no morro do Mundo Novo.

Rufino (avenida) no Copertino.

Rufino de Almeida (rua) na Aldêa Campista.

Russel (praia) entre o caes da Gloria e a rua Russel.

Russel (ladeira) princ. na praia do mesmo nome.

Russel (rua do) princ. na rua do Silva e fin. na praia do Flamengo.

Ruy Barbosa (villa) sita na esquina da rua dos Invalidos.

Ruy Filho (travessa) no interior da Villa Ruy Barbosa.

## S

Sá (rua do) nas Officinas do Engenho de Dentro.

Sá (rua do) no morro da Nova Cintra.

Sá Ferreira (rua) na Copacabana.

Sabão (rua do). Veja General Camara, rua.

Sabão da Cidade Nova (rua do). Veja Visconde de Itauna, rua.

Sabão do Mangue (rua do). Veja Visconde de Itauna, rua do.

Sacopemapam (praça) na Copacabana.

Sacco do Alferes (praia do). Veja Santo Christo dos Milagres, rua.

Sacco do Alferes (rua do). Veja America, rua da.

Sacco da Raposa (praia do) por detrás da ponta do Cajú.

Sachet (rua) antiga travessa do Ouvidor.

Sacramento (rua do). Veja Avenida Passos.

Saldanha da Gama (rua) em S. Christovão.

Saldanha Marinho (rua) no morro do Pinto.

Salgado Zenha (rua) na Fabrica das Chitas.

Salgueiro (becco do) na rua da Floresta em Catumby.

Salvador Corrêa (rua do) na Copacabana.

Salvador Pires (rua) princ. na rua Cardoso e fin. na do Getulio.

Sampaio (villa) na rua Vinte Quatro de Maio.

Sampaio Vianna (rua) na Freg. do Engenho Velho.

Sanches (avenida) é situada na rua Dezembargador Izidro.

Saneada (praia) na Copacabana.

Santa Alexandrina (rua de) princ. na praça do Rio Comprido e fin. na

caixa d'Agua da Lagoinha no morro de Santa Thereza.

Santa Amelia (rua de) princ. na rua do Barão de Ubá.

Sant'Anna (morro de) no princ. da rua do General Caldwel.

Sant'Anna (rua) no Engenho Velho.

Sant'Anna (rua de) na Freg. de Sant'Anna.

Sant'Anna (rua de) princ. na rua do General Pedra e fin. na do Frei Caneca.

Sant'Anna (avenida) na rua São Leopoldo.

Sant'Anna (rua) na Quinta da Boa Vista.

Sant'Anna (travessa) princ. na rua Dr. Lins de Vasconcellos.

Sant'Anna (rua de) na estrada de Santa Cruz.

Sant'Anna (rua de) no Meyer.

Santa Barbara (ilha de) na Freguezia de Santa Rita.

Santa Carolina (largo de) na rua da Harmonia.

Santa Carolina (rua de) no fim da rua do Conde de Bomfim.

Santa Catharina (rua). Veja José Hygino rua.

Santa Catharina (travessa de) princ. no campo de S. Christovão.

Santa Catharina (travessa de) na rua Haddock Lobo.

Santa Cecilia (travessa de) em Todos os Santos.

Santa Christina (rua de) Freg. da Gloria.

Santa Christina (travessa de) princ. na rua do mesmo nome.

Santa Christina (travessa) no Engenho Novo.

Santa Cruz (fortaleza de). Na entrada da barra de Rio de Janeiro.

Santa Cruz (rua de) em Bemfica.

Santa Izabel (rua de) na Gloria.

Santa Izabel (avenida de) em Villa Izabel.

Santa Izabel (rua de) em Catumby.

Santa Justina (rua de) no Andarahy Grande.

Santa Luzia (rua) princ. na rua de S. Francisco Xavier.

Santa Luzia (rua ou praia de) princ. na travessa de Santa Luzia a fin. na praça Ferreira Vianna.

Santa Luzia (travessa de) princ. no Largo da Misericordia.

Santa Maria (rua de) no Retiro da America.

Santa Maria (largo de) fica no fim da rua de S. Leopoldo.

Santa Maria (rua) em Paquetá.

Santa Philomena (rua) Freg. do Engenho Velho.

Santa Philomena (rua) na Piedade.

Santa Rita (largo de) princ. na rua Visconde de Inhauma.

Santa Rita (becco de). Veja Municipal, rua.

Santa Rita (travessa de) princ. na rua Visconde de Inhauma.

Santa Rosa (ilha de). Pertence á Freg. de Inhauma.

Santa Rosa (rua de) na Cidade Nova.

Santa Rosa (travessa de) Campo do Marte.

Santa Thereza (ladeira de) na rua Evaristo da Veiga.

Santa Thereza (morro de).

Santa Thereza (rua de). Veja Dr. Joaquim Silva, rua do.

Santa Thereza da Gloria (rua de). Veja Paysandú, rua.

Santa Thereza do Nhéco (rua de) princ. na rua da America.

Santo Alexandre (rua de) no Rio Comprido.

Santo Alfredo (rua de) em Catumby.

Santo Amaro (rua de) na Gloria.

Santo Amaro (travessa de) é a que segue da rua Babylonia ao Andarahy Grande.

Santo Antonio (ladeira de) é a que do largo da Carioca vai ter ao convento de Santo Antonio.

Santo Antonio (morro de).

Santo Antonio (rua de) princ. na rua Chile e fin. no largo da Carioca.

Santo Antonio (rua de) em São Christovão.

Santo Antonio (rua de) no Copertino.

Santo Antonio dos Pobres (rua) no Encantado.

Santo Antonio (rua de) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na do Figueira.

Santo Christo (largo de). Veja Santo Christo dos Milagres praça.

Santo Christo dos Milagres (rua de) princ. na ponta da Chichorra e fin. na ponta do Boticario.

Santo Christo (praça do) na praia do Sacco do Alferes.

Santo Henrique (rua de) princ. na rua dos Araujos e fin. na rua Dezembargador Izidro.

Santo Henrique (travessa de) na Fabrica das Chitas.

Santos (rua dos) em Todos os Santos.

Santa Lima (rua de) princ. no largo da Igrejinha e fin. na praça Marechal Deodoro.

Santos Mello (rua) em S. Francisco Xavier.

Santos Rodrigues (morro de) á esquerda da rua do Frei Caneca.

Santos Rodrigues (travessa) na rua do mesmo nome.

Santos Rodrigues (rua de) na rua do Estacio de Sá.

Santa Titara (rua) em Todos os Santos.

São Bento (ladeira de) no fim da rua Primeiro de Março.

São Bento (morro de) onde existe o mosteiro desta Ordem.

São Bento (rua de) princ. no fim da rua da Quitanda.

São Braz (rua) em Todos os Santos.

São Carlos (rua de) princ. no Estacio de Sá.

São Carlos (travessa de) princ. na rua do mesmo nome e fin. na de Laurindo Rabello.

São Christovão (rua de) princ. no largo do Estacio de Sá.

São Christovão (praça de) na praia do mesmo nome

São Christovão (praça de) princ. na praça do mesmo nome.

São Christovão (travessa de). Veja Igrejinha, rua da.

São Claudio (travessa) princ. na rua S. Claudio e fin. na rua Leste.

São Claudio (rua) princ. na rua Colina e fin. na rua Leste.

São Clemente (rua de) princ. na praia de Botafogo e fin. no princ. da rua Humaytá.

São Diniz (rua de) princ. no morro de Santo Rodrigues e fin. na rua Laurindo Rabello.

São Diego (morro de) princ. partindo com o do Nheco na rua doVisconde Sapucahy.

São Diego (praça de) faz parte da rua de João Caetano.

São Diego (rua de). Veja General Pedra e João Sampaio.

São Diego (travessa de) princ. no fim da travessa Bom Jardim.

São Domingos (largo de) na rua do General Camara.

São Domingos (avenida) é situada a rua Conde Baependy.

São Domingos (travessa de) em Botafogo.

São Domingos (travessa de) princ. na rua da Alfandega.

São Fellipe (rua de) em São Francisco Xavier.

São Francisco (rua de fica á esquerda da rua da Saude.

São Francisco de Assis (rua de). Veja Carioca (rua da).

São Francisco de Paula (largo de) Freg. do Sacramento.

São Francisco de Paula (travessa de) princ. na rua da Carioca.

São Francisco da Prainha (adro) no morro da Conceição.

São Francisco da Prainha (rua de) Veja S. Francisco, rua.

São Francisco Xavier (rua de) princ. na Haddock Lobo.

São Francisco Xavier (travessa de). Veja Jockey Club rua.

São Frederico (rua e travessa de) princ. no morro de Santo Rodrigues.

São Gabriel (rua de) na rua do Cachamby.

São Geraldo (rua de) em Todos os Santos.

São Januario (rua de) Freg. de S. Christovão.

São Januario (ladeira) á direita da rua do mesmo nome.

São Januario (travessa de) em S. Christovão.

São João (fortaleza de). Pertence á Freg. da Gloria.

São João (morro de) no Andarahy Grande.

São João (rua de) no Aterrado da Cidade Nova.

São João (rua de) princ. na rua Cachamby.

São João (rua de) na estação do Rocha.

São João (travessa de). Veja Dr. Carmo Netto.

São João (avenida) é situada na rua de Sant'Anna n. 56.

São João Baptista (rua de) princ. na rua General Polydoro e fin. na rua dos Voluntarios da Patria.

São João Marcos (rua de) nos terrenos do Navarro.

São Joaquim (rua larga e estreita de). Veja Marechal Floriano Peixoto, rua.

São Joaquim (rua de) em Todos os Santos.

São Joaquim (rua de) Freg. de Engenho Novo.

São Jorge (rua de) princ. na praça Tiradentes.

São José (avenida) é situada na rua de S. Christovão n. 161.

São José (rua de) princ. na praça 15 de Novembro e fin. na da Carioca.

São José (rua de) em Riachuelo. Veja Henrique Dias, rua.

São Justino (rua de) no Andarahy Grande.

São Lazaro (villa) é situada na praia de S. Christovão.

São Leopoldo (rua de) princ. na rua de Sant'Anna e fin. na de D. Laura de Araujo.

São Lourenço (morro do) é a parte do morro do Livramento voltada para a praça da Acclamação.

São Lourenço (rua de). Veja Visconde de Gavea, rua.

São Luiz (rua de) em Botafogo.

São Luiz (rua de) no Andarahy.

São Luiz (rua) princ. na rua Haddock Lobo e fin. na rua Santo Rodrigues.

São Luiz (travessa de) em São Christovão.

São Luiz Durão (rua de). Veja Almirante Mariath, rua.

São Luiz Gonzaga (rua de) fin. no largo de Pedregulho esquina da rua D. Anna Nery.

São Luiz Gonzaga (travessa de) princ. na rua do mesmo nome e fin. na de Matto Grosso.

S. Manoel (rua de) em Isabelopolis, Botafogo.

S. Martinho (rua de) princ. na rua D. Feliciana e fin. na do Presidente Barroso.

S. Martinho (travessa de) na rua Senador Euzebio.

S. Miguel (rua) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na rua de S. Raphael.

S. Miguel (villa) é situada na rua do General Pedra.

S. Martinho (rua de) na rua Presidente Barroso.

S. Nicolau (rua de) no Estacio do Sá.

S. Paulo (becco de) na rua General Bruce em S. Christovão.

S. Paulo (rua de) princ. na rua Dr. Dias da Cruz e fin. na rua do Aquidaban.

S. Paulo (rua) princ. na rua 24 de Maio e fin. na rua Valentim da Fonseca.

S. Pedro (rua) princ. na rua Visconde Itaborahy e fin. na praça da Acclamação.

S. Pedro de Avintes (rua) na rua de D. Anna Nery.

S. Pedro da Cidade Nova (rua de). Veja Senador Euzebio, rua.

S. Raphael (rua de) no fim da rua Conde do Bomfim.

S. Roberto (rua de) no morro de Santo Rodrigues.

S. Roque (campo de) em Paquetá.

S. Salvador, na Freg. da Gloria.

S. Salvador (travessa) na Freg. do Engenho de Dentro.

S. Salvador de Mattosinhos (avenida de) no Andarahy Grande.

S. Sebastião (rua de) nos terrenos do Navarro.

S. Sebastião (rua de) em Paula Mattos.

S. Sebastião (travessa de) no morro do Castello.

S. Sebastião do Castello (praça) no fim da ladeira do Seminario.

S. Valentim (rua de) Freg. do Engenho Velho.

S. Vicente (rua de) no Andarahy Grande.

S. Vicente de Paula (travessa de) princ. na rua Haddock Lobo e fin. na da Santa Amelia.

Sapé (rua do) princ. no largo de Nossa Senhora da Conceição da Gavea.

Sapucaya (ilha de). Pertence á Freg. de Inhauma.

Sara (rua) princ. na praia Formosa, fin. na rua Mont'Alverne.

Saravathá (ilha do). Pertence á Freg. de Irajá.

Saudade (praia da) que vai da foz do rio Berquó até ao portão da Escola Militar do Brasil, em continuação da praia de Botafogo.

Saudade (rua da) em Todos os Santos.

Saudades (travessa das) princ. na rua do Senador Euzebio.

Saude (caes da) praia da Saude.

Saude (ladeira da). Veja Boa-Vista, ladeira da.

Saude (morro da) no Andarahy Grande.

Saude (morro da) sobe-se pela rua da Boa Vista.

Saude (rua da) princ. na praça Vinte Oito de Setembro e fin. na do Conselheiro Zacharias.

Saude (rua da) no fim da rua da Braça de Ouro, no Andarahy Grande.

Sé Velha (largo da) no Castello, ao lado direito da ladeira do Seminario.

Sebastião de Pinho (avenida) é situada na rua Marqueza de Santos, freg. da Gloria.

Segunda (rua) em São Christovão. Veja General Tiburcio.

Segunda (rua) pequena rua no Morro da Saude.

Segunda-Feira (largo) na rua Conde de Bomfim.

Seminario (ladeira do) a que do largo da Ajuda, antiga da Mãi do Bispo, vai ter ao Castello.

Sem Sahida (becco) na praça da Harmonia, pelo lado da Saude.

Senado (becco do) principia na rua do Senado, em frente á travessa do mesmo nome, e não tem sahida.

Senado (rua do) princ. na rua do Espirito Santo e fin. na rua do Riachuelo.

Senado (ladeira do) princ. na rua do Riachuelo.

Senado (morro do) o que fica á esquerda da rua do mesmo nome.

Senado (travessa do) princ. na praça da Acclamação e fin. na rua do Senado.

Senador Alencar (rua do) princ. na praça Marechal Deodoro e fin. na rua de Bomfim.

Senador Bernardo de Vasconcellos (rua). Veja Senado.

Senador Cassiano (rua do). Veja Chefe de Divisão Salgado.

Senador Cassiano (travessa) princ.

na rua do Chefe de Divisão Salgado e fin. na rua Curvello.

Senador Candido Mendes (rua) no Cattete .

Senador Corrêa de Oliveira (rua do) em Villa Izabel.

Senador Dantas (rua de) princ. na rua do Passeio e termina na da Guarda Velha.

Senador Dantas (ladeira) junto ao theatro Lyrico, na rua do mesmo nome

Senador Euzebio (rua do) princ. na praça da Acclamação e fin. na rua Miguel Frias.

Senador Furtado (rua) fin. nos fundos da Estação de S. Christovão.

Senador Jaguaribe (rua) antiga Malvina na Estação de S. Francisco Xavier.

Senador Jobim (rua do) princ. na rua Barão do Bom Retiro.

Senador José Bonifacio (rua do) princ. na rua Goyaz e fin. na rua Zepherino.

Senador Nabuco (rua do) fica na muda dos bondes da Villa Izabel.

Senador Octaviano (rua) nas Larangeiras.

Senador Octaviano (rua do) em Villa Izabel.

Senador Pompeu (rua do) princ. na rua da Conceição e vai terminar na rua da America.

Senador Soares (villa).

Senador Soares (rua) na villa Senador Soares, Aldêa Campista.

Senador Vergueiro (rua do) princ. na praça do Cattete.

Senhor Bom Jesus do Monte (praça) em Paquetá.

Senhor do Bomfim (rua do) em S. Christovão.

Senhor de Mattosinhos (rua do) princ. na rua Visconde Sapucahy.

Senhor de Mattosinhos (becco) fica na rua Senhor de Mattosinhos.

Senhor de Mattosinhos (travessa) na Cidade Nova.

Senhor dos Passos (rua do) princ. na rua dos Andradas e fin. na praça da Acclamação.

Seraphim (rua) hoje D. Joanna, princ. na rua do Estrella.

Sereno (travessa do) princ. no becco do João José e fin. na indicada rua Pedra do Sal.

Sergipe (rua). Veja Almirante Wandelkok rua.

Sergipe (rua) princ. na travessa Piauhy e fin. na rua de S. Christovão.

Serpa (rua) em Cascadura princ. na rua dos Proletarios.

Serpa Pinto (rua do) fin. no morro do Livramento.

Serra (rua da) no Engenho Novo.

Serra (rua da) em Cascadura.

Serra dos Pretos Forros (rua) Freg. do Engenho Novo.

Serra Corá (ladeira) princ. na rua do Cosme Velho.

Serzedello Corrêa (rua) Copacabana.

Sete de Março (praça) na antiga estação da Companhia Villa-Izabel.

Sete de Setembro (rua) princ. na praça Quinze de Novembro e fin. na de Tiradentes.

Sete de Setembro (rua) em Paquetá, princ. na rua Dr. Pinheiro Freire.

Setembrina (rua). Veja Coronel Cabrita rua.

Setima (rua) na Quinta da Boa Vista.

Sexta (rua) na Quinta da Boa Vista.

Silva (rua do) em Todos os Santos.

Silva (rua do) princ. no começo da ladeira da Gloria.

Silva (travessa do) no fim da rua Senador Vergueiro.

Silva (rua) no Meyer.

Silva (rua) no Encantado.

Silva Bayão (rua do) no morro do Pinto.

Silva Bayão (travessa do) no morro do Pinto.

Silva Gomes (rua) em Cascadura.

Silva Guimarães (travessa do) na Freg. do Engenho Novo.

Silva Guimarães (rua) na Freg. do Engenho Velho.

Silva Jardim (rua) na Freg. do Sacramento.

Silva Manoel (ladeira do) em frente á rua do Aqueducto em Santa Thereza.

Silva Manoel (rua do) princ. na do Rezende e fin. no morro de Santa Thereza.

Silva Mourão (rua do) em Todos os Santos.

Silva Salles (rua) na Copacabana.

Silva Pinto (rua do) em Villa Izabel.

Silva Rabello (rua do) outr'ora parte da rua do Engenho de Dentro.

Silva Rego (rua) no Riachuelo.

Silva Velho (rua) antiga do Cattete, na Piedade.

Silvana (rua) nas Officinas do Engenho de Dentro.

Silveira Martins (rua). Veja Commandante Silveira rua.

Sitio da Mangueira (becco) no morro de Paula Mattos.

Soares (rua) no morro do Vintem.

Soares (travessa do) no rio Comprido.

Soares (avenida) é situada no n. 13 da rua do Dezembargador Izidro.

Soares Cabral (travessa) Freg. da Gloria.

Soares da Costa (rua) Freg. do Engenho Velho.

Soares da Costa (travessa do) na Fabrica de Chitas.

Soledade (travessa) princ. na travessa do Doutor Araujo e fin. na rua Barão de Iguatemy.

Sophia (rua) princ. na rua Grunewald e fin. na rua Alice.

Sorocaba (rua) na Freg. da Lagôa.

Sorocaba (travessa) na Freg. da Lagôa.

Souto (rua) na estação de Cascadura.

Souto (rua do) princ. na rua Mariz e Barros e fin. na do General Canabarro.

Souto Carvalho (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na do Visconde de Santa Cruz.

Souza Barros (rua do) princ. na rua Dous de Maio e fin. na praça do Engenho Novo.

Souza Bastos (travessa do) na rua do Dezembargador Izidro.

Souza Cerqueira (rua) na estação de Cascadura.

Souza Costa (travessa) princ. no caes novo da Gloria e fin. na travessa do Desterro.

Souza Cruz (rua e morro) no Andarahy Grande.

Souza Dantas (travessa) princ. na rua de S. Francisco Xavier e fin. na do Ceará.

Souza Franco (rua) em Villa Izabel.

Souza Pinto (travessa) no morro do Pinto.

Souza Siqueira (rua) princ. na estrada de Santa Cruz e fin. na rua Dona Cecilia.

Souza Valente (travessa do) fica entre as ruas Coronel Figueira de Mello e S. João em S. Christovão.

Stella (rua) na Gavea.

Suspiro (becco do) na Saude.

Suzano (praça do) na Copacabana.

Suzano (rua) na Copacabana.

## T

Tamoyos (travessa dos) princ. na rua Marquez de Abrantes e fin. na do Senador Vergueiro.

Taquaty (rua) em Cascadura.

Tavares (rua) nas Officinas do Engenho de Dentro.

Tavares Bastos (rua) princ. na rua Conselheiro Bento Lisboa e fin. no alto do morro da Nova Cintra.

Tavares Ferreira (rua) na estação do Rocha.

Tavares Guerra (rua) princ. na praia do Cajú.

Tavares Guerra (rua) no Cupertino.

Taylor (rua) princ. na rua da Lapa.

Tebyricá (rua) na Copacabana.

Teixeira (rua) princ. na rua Marques Leão e fin. na rua Soares.

Teixeira de Azevedo (rua) no Encantado.

Teixeira de Carvalho (rua) em Cascadura.

Teixeira Junior (rua) princ. na rua do Sen. Alencar e fin. na do Abilio.

Teixeira Junior em Villa Izabel.

Teixeira Leite (rua) na rua Conde de Bomfim.

Teixeira Leite (rua) em Cascadura.

Teixeira Pinto (rua) no Encantado.

Telegrapho (rua do) junto á Capella de N. Sra de Copacabana.

Tenente Coronel Madureira (rua) antiga rua Terceira.

Tenente Coronel Silva Veiga (rua do) do largo do Pedrogulho ao de Bemfica.

Tenente Costa (rua) princ. na rua da Redempção, Freg. do Engenho Novo.

Tenente Faria (rua do) em Todos os Santos.

Tenente França (rua do) princ. na rua Honorio e fin. na rua Zeferino.

Tenente Valim (rua do) em S. Christovão.

Tenente Zepherino (rua do) princ. na rua Tenente Faria e fin. na de José Bonifacio.

Theatro (becco do) o que vai da praia de D. Manoel á rua Marechal Carlos Bittencourt.

Theatro (rua do) princ. no largo de S. Francisco de Paula e fin. no Theatro S. Pedro Alcantara.

Theatro (travessa do) a que fica entre o Theatro S. Pedro de Alcantara e os fundos da Escola Polytechnica.

Theodoro da Silva (rua de) em Villa Izabel.

Theophilo Ottoni (rua de) princ. na praia dos Mineiros e fin. na rua da Conceição.

Theotonio Regadas (rua) princ. no largo da Lapa e fin. na rua Dr. Joaquim Silva.

Thereza Cavalcanti (rua) na estação da Piedade.

Thereza (rua) em Todos os Santos.

Thereza Guimarães (rua) em Botafogo, princ. na rua General Polydoro.

Therezina (rua) em Santa Thereza.

Thomaz Antonio (rua) nos fundos do Arsenal de Guerra, no Realengo.

Thomaz Coelho (rua de) no Andarahy Grande.

Thomaz Coelho (rua do). Veja Menezes Vieira rua.

Thomaz Rabello (rua). Veja Onze de Maio travessa.

Thomé de Souza (rua) na Copacabana.

Thuanga (rua) na Copacabana.

Tijolo (rua do) na Piedade.

Tijuca (serra) está ao poente do rio á 15 kilometros de distancia.

Tinoco (travessa do) princ. na rua do Mercado e fin. na rua Visconde Itaborahy.

Tiradentes (praça de) onde foi supplicado Joaquim José da Silva Xavier.

Tobias Barreto (rua) princ. na rua Visconde do Rio Branco e fin. na do Marechal Floriano Peixoto.

Tocantins (travessa) princ. na rua Primeiro de Março e fin. na de Visconde do Itaborahy.

Todos os Santos (rua de) na Lagôa.

Todos os Santos (rua de) no Engenho Novo.

Toneleros (rua) na Copacabana.

Torquato Couto (rua) no Andarahy Grande.

Torres (travessa do) princ. na rua Rezende e fin. na do Riachuelo.

Torres Homen (rua) em Villa Izabel.

Torres Homem (rua) no Meyer.

Torres Sobrinho (travessa) princ. na rua do mesmo nome no Meyer.

Trapiche da Ordem (becco do) na rua da Saude.

Trem (becco do). Veja Galvão, becco do.

Trem (rua do). Veja Portão do Trem, rua do.

Tres Bocas (rua das) princ. no fim da rua Major Fonseca e fin. no Retiro da America.

Tres de Maio (becco) princ. no Largo de Santa Rita e fin. na rua Theophilo Ottoni.

Tres Vendas, no Engenho de Dentro.

Treze de Maio (rua) princ. no largo da Carioca e fin. na praça Ferreira Vianna.

Triumpho (rua do) princ. na casa da machina do Plano Inclinado em Santa Thereza.

Tuyuty (rua de) princ. na rua Esperança e fin. no alto do morro no Retiro da America.

## U

Umbelina (rua) em S. Christovão.

Umbelina (travessa) em Botafogo.

União (rua da) na Freg. de Espirito Santo.

União (rua da) princ. na rua da Gambôa e fin. na do Sacco do Alferes.

União (rua da) á esquerda das Larangeiras.

União (rua) no Engenho Novo.

Universidade (travessa da) princ. na rua Barão de Mesquita e fin. na rua Visconde de Itamaraty.

Uruguay (rua do) princ. na rua Barão de Mesquita e fin. no morro.

Uruguayánua (rua da) princ. no largo da Carioca e fin. na rua da Prainha.

## V

Valdetaro (largo do) entre as ruas Commandante Silveira e Corrêa Dutra.

Valença (rua de) em Catumby.

Valentim da Fonseca (rua do) princ. na rua Victor Meirelles e fin. na de Carlos Gomes.

Valerio (rua) em Cascadura.

Valongo (ladeira do) na Saude.

Valongo (morro do) no fim da rua Camerino.

Valongo (praia do) na Saude.

Valladares (praça do) na Copacabana.

Valladares (rua) na Copacabana.

Vapor (becco do) na Gambôa.

Vasco da Gama (rua) antiga do Nuncio.

Vasco (rua) princ. na rua da Lampadosa e fin. na rua do Principe.

Vasconcellos (travessa) no Andarahy Grande.

Vaz Toledo (rua) antiga rua do Pinto.

Velha de S. Diego (rua) depois rua de S. Diego.

Velha de S. Francisco da Prainha rua. Veja S. Francisco.

Velhacos (becco dos) em Cascadura.

Velho de Botafogo (caminho).

Velho de Nheco (caminho).

Venancio Ribeiro (rua) princ. na rua Vinte e Cinco de Março e fin. no Encantado.

Venda Grande na estrada de Santa Cruz.

Vermella (praia) onde existe a fortaleza deste nome e a Escola Militar do Brasil.

Vianna (ladeira do) princ. na rua do Cunha e vai finalisar no morro das Neves.

Vianna (rua e largo) princ. na rua do Senador Alencar e fin. na de S. Januario.

Vianna (rua do) no morro de Paula Mattos.

Vianna Drummond (rua do) em Villa Izabel.

Vicente (ladeira do) em Paquetá.

Victor Meirelles (rua do) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio.

Victoria (rua da) na praia do Flamengo.

Victoria (rua da) no morro de Santa Thereza.

Vidal Negreiros (rua) no morro do Pinto.

Vidigal (rua do) na praia do Flamengo.

Vieira (avenida) é situada na rua Felippe Camarão.

Vieira (morro) no fim da rua Pedro Americo.

Vieira (rua) no Cupertino.

Vieira Bueno (rua) princ. na rua Abilio e fin. na do Progresso.

Vieira da Silva (rua) na Saude.

Vieira da Silva (rua) princ. na rua do Engenho Novo.

Vieira Souto (rua), na Copacabana.
Vieiras (avenida) é situada na rua Sergipe antiga Real Grandeza.
Vigia (praça da) na Copacabana.
Villa Arthur Sawer, no Jardim Botanico.
Villa Formosa. São assim chamados os terrenos situados no morro do Pinto.
Villa Izabel, com este nome são conhecidos os terrenos que outr'ora constituian a face da denominada do Macaco.
Villa Izabel (rua de) em São Francisco Xavier.
Villa Rica. Assim são chamados os terrenos que ficam á esquerda da Copacabana.
Villa Rica (largo da) Andarahy Grande.
Villa Ruy Barbosa, rua dos Invalidos.
Villeta (rua) nas Officinas do Engenho de Dentro.
Villeta (rua de) princ. no Retiro da America.
Vinte e Cinco de Março (rua) no Campo praia de S. Christovão e fin. na praça Marechal Deodoro.
Vinte e Cinco de Março (rua) princ. na do Padilha.
Vinte de Março (rua) princ. na rua Doutor Lins de Vasconcellos, fin. na do Conselheiro Ferraz.
Vinte de Novembro (rua) na Copacabana.
Vinte e Oito de Setembro (praça) no princ. da rua da Prainha.
Vinte e Oito de Setembro (rua) princ. na muda da Tijuca.
Vinte e Oito de Setembro (boulevard) princ. na rua de S. Francisco Xavier.
Vinte e Oito de Agosto, em Villa Ipanema.
Vinte e Quatro de Maio (rua) princ. na esquina du rua de S. Francisco Xavier.
Vinte e Seis de Janeiro (praça) na Copacabana.
Vinte e Seis de Maio (rua) termina no morro do Paim.
Vinte e Tres de Agosto (rua) na Copacabana.
Vinte e Tres de Novembro (rua) na estação Meyer.
Violas (rua das). Veja Theophilo Ottoni.
Virginia (avenida) na rua Gonzaga Bastos.
Visconde de Abaeté (rua) em Villa Izabel.
Visconde de Abaeté (rua do) Freg. da Lagôa.
Visconde de Amoroso Lima (rua) na Freg. do Espirito Santo.
Visconde de Caravellas (rua do) em Botafogo.
Visconde de Duprat (rua) no Campo de Marte.
Visconde Ferreira de Almeida (rua) na Tijuca.
Visconde de Figueiredo (rua) princ. na rua Conde de Bomfim.
Visconde de Gavea (rua) princ. na praça da Acclamação.
Visconde de Inhaúma (rua do) princ. na praia dos Mineiros.
Visconde de Itaborahy (rua do) princ. na rua do Rosario e fin. no Arsenal de Marinha.
Visconde de Itamaraty (rua do) princ. na rua S. Francisco Xavier.
Visconde de Itaúna (rua do) princ. na praça da Acclamação.
Visconde de Maranguape (rua do) princ. no largo da Lapa.
Visconde de Mauá (rua do) no Engenho Novo.
Visconde de Ouro Preto (rua) na estação de Mangueira.
Visconde de Paranaguá (rua) Freg. da Gloria.
Visconde de Pirapetinga (rua) em uma avenida no Cattete.
Visconde de Rio Branco (praça do) Freg. de S. Christovão.
Visconde do Rio Branco (praça do) princ. na praça Tiradentes.
Visconde de Santa Cruz (rua do) princ. na praça Tiradentes.
Visconde de Santa Cruz (rua do) Freg. de Engenho Novo.
Visconde de Santa Izabel (rua do) em Villa Izabel.
Visconde de S. Vicente (rua do) em Villa Izabel.
Visconde de Sapucahy (rua do) princ. na rua da America e fin. na rua Frei Caneca.
Visconde de Sapucahy (travessa do) na rua do Visconde de Sapucahy.
Visconde de Silva (rua do) princ. na rua Sergipe, e atravessa a do Conde de Irajá.
Visconde de Tocantins (rua do) em Todos os Santos.
Viscondessa de Pirassinunga (rua) na Cidade Nova.
Vista Alegre (rua da) princ. na rua da Floresta e fin. na da Concordia.
Vista Alegre (travessa da) princ. na rua da Floresta.
Vista Alegre (travessa da) no Andarahy Grande.
Vista Alegre (rua) princ. na rua Treze de Maio e fin. na rua Guilhermina.
Vital (rua) no Cupertino.
Vital de Oliveira (rua) Freg. de S. Christovão.
Viuva (morro da) entre as praias do Flamengo e de Botafogo.
Viuva (travessa da) na fralda do morro do mesmo nome.

**Viuva Claudio** (rua da) princ. na esquina da Praia Pequena.

**Voluntarios da Patria** (rua dos) princ. na praia do Botafogo e fin. na rua Humaytá.

## W

**Wenceslau** (rua) no Meyer.

**Werna Magalhães** (rua). Veja Conselheiro Werna Magalhães (rua).

## Y

**Ypiranga** (rua) Freg. da Gloria.

## Z

**Z** (rua) princ. na rua Catumby.

**Zepherina** (rua) em Todos os Santos.

**Zepherina** (travessa) princ. na rua Souza Barros.

**Zepherino** (rua) em Todos os Santos.

**Zig-Zag** (ladeira do) no morro de Paula Mattos.

**Zig-Zag** do Teixeira. Veja Teixeira Zig-Zag do.

**Zizi** (rua) princ. na rua da Baroneza de Uruguayana e não tem sahida.

**Zizinha** (avenida) na rua Pinheiro Guimarães, em Botafogo.

**Zulmira** (rua) princ. na rua de São Francisco Xavier.

---

**A** (morro do) na freguezia do Campo Grande.

**Abilio** (rua) principia na rua da Esperança e finalisa na esquina da de Maria do Amaral.

**Abreu** (avenida) é situada na rua de Sant'Anna.

**Acclamação** (praça da) outr'ora Campo de Sant'Anna.

**Acre** (rua) outr'ora da Prainha, princ. na praça Vinte Oito de Setembro e fin. na rua larga de S. Joaquim.

**Adalgiza** (rua) princ. na rua da Piedade e fin. na rua D. Maria, E. da Piedade.

**Adelaide** (rua) princ. na rua Redempção e fin. na rua Cardoso, em Todos os Santos.

**Adelaide** (rua) na estação do Engenho de Dentro.

**Adelia** (travessa) é situada na Villa Ruy Barboza, rua dos Invalidos.

**Adelia** (rua) em Todos os Santos.

**Açude** (rua) princ. no Alto da Boa Vista e fin. na Floresta da Tijuca.

# INDICE


| | Paginas |
|---|---|
| O anno de 1912 | 7 |
| Eclipses de 1912 | 8 |
| Festas nacionaes brasileiras | 8 |
| Festas estaduaes | 8 |
| Festas dos principaes paizes estrangeiros | 10 |
| Festas observadas nas legações e consulados estrangeiros | 12 |
| Calendario perpetuo | 16 |
| Mezes do anno 1911. Ephemerides | 17 |
| Brasil. Geographia, Estatistica | 65 |
| Administração-Presidentes; Governadores, Prefeitos | 71 |
| Forças militares | 72 |
| Navegação | 73 |
| Climas do Brasil | 75 |
| Limites do Brasil | 76 |
| Demarcação de fronteiras Brasil-Argentina | 79 |
| Via ferrea do Rio do Extremo Sul | 90 |
| Viação ferrea brasileira | 92 |
| População do Brasil | 99 |
| — do Minas Geraes | 100 |
| Festa das Arvores | 102 |
| Riquezas do Brasil | 103 |
| Como o sertanejo prevê as Chuvas | 107 |
| Riquezas do Brasil | 108 |
| Terras aridas do Brasil | 110 |
| Orchideas | 112 |
| O arroz em S. Paulo | 114 |
| A cultura do ananaz | 116 |
| O Guaraná | 120 |
| Mineraes das Minas Geraes | 121 |
| Abelhas do Brasil | 123 |
| Nictheroy | 128 |
| Eu e o mar | 131 |
| Ballada do olhar | 132 |
| Aves de arribação | 133 |
| Il passa | 133 |
| O Brasil do futuro | 134 |
| A bandeira portugueza | 139 |
| A casa de Colombo | 145 |
| Concursos litterarios da Academia | 146 |
| Bocage e Lereno | 147 |
| Poetas cearences | 149 |

| | Paginas |
|---|---|
| Biblias em portuguez | 154 |
| Brasil antigo | 156 |
| O primeiro dos nossos musicos | 158 |
| Versos de Quintino Bocayuva | 160 |
| Notulas | 161 |
| O selvagem perante o direito | 166 |
| Nidificação | 177 |
| Uma Carta de Anthero do Quental | 178 |
| Alpheu e Arethusa | 179 |
| Manuscripto perdido | 181 |
| Poeta portuguez excentrico | 182 |
| Carta geologica do Brasil | 184 |
| Joaquim Nabuco | 186 |
| Academia Brasileira | 188 |
| Floriano e Deodoro | 189 |
| Um grande diamante | 191 |
| C. Castello Branco e Theophilo Braga | 196 |
| Alma varia | 197 |
| Notulas litterarias | 198 |
| Coisas e loisas | 199 |
| A gotta d'agua e as nuvens | 200 |
| Requintado | 203 |
| A grandeza do Brasil | 214 |
| Mirandinha | 219 |
| Carta geologica do Brasil | 220 |
| A Republica em Portugal | 221 |
| A Portugueza | 229 |
| Tempos idos | 231 |
| Camoneana | 232 |
| C. Michaelis de Vasconcellos | 235 |
| Canhenho litterario | 242 |
| Poeta brasileiro esquecido | 242 |
| Lusiadas | 244 |
| Um poeta brasileiro do seculo XVIII | 245 |
| A guerra do Paraguay e as charadas | 246 |
| O Brasil antigo | 247 |
| Janella em ruinas | 250 |
| Cançoneta | 250 |
| O Sahara | 251 |
| Canto real do Allucinado | 253 |
| A força da mulher | 255 |
| Novas estradas de ferro-carta | 256 |
| A cidade do Crato | 257 |
| Outeiros poeticos no seculo XVIII | 261 |
| A Ilha da Trindade | 262 |

| | Paginas |
|---|---|
| O Brasil interior | 267 |
| Crispiniano e Bocage | 274 |
| Th. Pinto Brandão | 275 |
| Notulas | 276 |
| Ballad | 277 |
| Rio de Janeiro em 1826 | 278 |
| Premiados do concurso de 1911 | 285 |
| Ovideanas | 287 |
| S. Antonio, soldado | 290 |
| Bersane | 291 |
| Pernambuco | 292 |
| Primeiro Caminho para Minas de Cuyaba | 295 |
| Representações cartographicas costa brasileira | 303 |
| Velivolos brasileiros | 320 |
| Concursos 1910-1911 | 323 |
| A Sorbone e o Brasil | 327 |
| Um marco historico | 329 |
| Vers la Paix | 331 |
| Joaquim Nabuco e Antonio Candido | 333 |
| Aspectos da Amazonia | 334 |
| Sobre D. Pedo II | 340 |
| Trovas de hontem | 341 |
| Curiosidades de Antanho | 342 |
| A victima | 346 |
| Curiosidades naturaes brasileiras | 349 |
| Diamantes | 356 |
| O Igapó | 361 |
| Os saltos do Iguassú | 362 |
| Oswaldo Cruz | 368 |
| Canhenho litterario | 372 |
| Soares Bulcão | 375 |
| Rodas litterarias | 377 |
| O Paraná | 378 |
| Euclides Cunha | 380 |
| A fiandeira | 381 |
| Mendes dos Remedios | 382 |
| Sonetos | 383 |
| Terminologia medica | 386 |
| A cidade | 389 |
| Folklore | 398 |
| Tortura d'um verme | 423 |
| Brazil (Novas estradas de ferro) | 424 |
| Bruno | 425 |
| La Patria lontana | 426 |
| Branca de neve | 429 |
| Uma doença nova | 430 |
| Congresso de geographia | 433 |
| Collegio Salesiano | 436 |
| Os versos saphicos | 441 |
| Nomenclatura musical | 448 |
| Illustrações documentaes | 452 |
| Hospedes illustres | 459 |
| Floreal | 461 |
| Notas | 470 |
| Notas estatisticas e economicas | 473 |
| Registro bibliographico | 491 |
| Necrologio de 1910 | 511 |
| Branca de neve, musica | 521 |
| Riquezas do Brasil | 523 |
| Concursos litterarios 1911 | 529 |
| Reforma orthographica | 532 |
| Tabellas, notas, informações | 537 |

ALIMENTO DAS CRIANÇAS

PARIS. — TYPOGR. H. GARNIER.